U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

ESTUDOS LITERÁRIOS, CULTURAIS E INTERARTÍSTICOS

“Uma viva lembrança contínua, um desvelo sem intervalos”: Mística e Memória de Deus na produção escrita de Maria Micaela de São Bernardo (XVIII)

Maria Pinho

D

2023/2024

Maria Pinho

“Uma viva lembrança contínua, um desvelo sem intervalos”: Mística e Memória de Deus na produção escrita de Maria Micaela de São Bernardo (XVIII)

Tese realizada no âmbito do Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartístico, orientada pela Professora Doutora Isabel Morujão e pelo Professor Doutor José Meirinhos.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

A Maria Micaela de São Bernardo

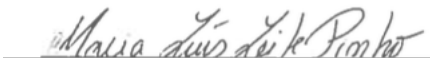
Sumário

Declaração de honra 6
Agradecimentos 7
Resumo 8
Abstract 9
Índice de Figuras 10
Introdução 11
1.Parte I. 20
2.Maria Micaela de São Bernardo, religiosa de Odivelas 20
2.1. Contextualização histórica 20
2.2. O Mosteiro de São Dinis e São Bernardo de Odivelas 29
2.2.1. Aproximação às leituras em espaço conventual feminino 39
2.2.2. Aproximação à livraria do Mosteiro de São Dinis e São Bernardo de Odivelas 46
2.2.2.1. Influências e possíveis livros de uso de Maria Micaela de São Bernardo 56
3.Para um quadro geral da espiritualidade feminina portuguesa do século XVIII 69
3.1. Uma espiritualidade melíflua e amorosa: A Ordem de Cister e Bernardo de Claraval 79
Parte II 97
1.“Vida Interior da Madre Maria Michaela de S. Bernardo, Religiosa no Real Mosteiro de S. Dionisio de Odivelas da Ordem de S. Bernardo, dando conta ao seu confessor”: do manuscrito ao texto 97
1.1. Descrição codicológica 97
1.2. O género textual: entre o epistolar, a diarística e a autobiografia espiritual 105
1.3. A profusão do *eu* e a sua alienação na autobiografia espiritual de Maria Micaela de São Bernardo 119
Parte III 131
1.Chaves místicas em Vida Interior de Madre Maria Micaela de São Bernardo 131
1.1. Anotações concetuais 137
1.1.1. Entre a secura e o êxtase, o Amor 137
1.1.2. O despojamento/aniquilamento do ser – Morte Mística 149
1.1.3. Do Ainda Não ao Corpo sofredor 159
1.1.4. Da presença à ausência, as Esposas de Cristo 172
1.1.5. Estar a sós com Deus – a União Mística 183

1.2. Do terreno ao espiritual 197
1.2.1. Sentidos exteriores – sentidos interiores 197
1.2.2. Partes e posições do corpo 216
1.2.3. Lágrimas 232
1.2.4. Fogo 241
1.2.5. Eucaristia 246
1.2.6. Oração 256
1.2.7. Visões e sonhos visionários 270
2.Memória e memórias: entre o humano e o divino 277
3.A Escrita: da renitência à revelação 294
3.1. Enquanto espelho, via e encontro de Deus 320
Considerações Finais 333
Referências Bibliográficas 342
Índice onomástico 369
Anexos 377
Critérios de Transcrição 377
Transcrição 383
Outros Anexos 740
Anexo 1 741
Anexo 2 742
Anexo 3 744
Anexo 4 745
Anexo 5 750

Declaração de honra

Declaro que a presente tese é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.



[Porto, 22/01/2024]

[Maria Luís Leite Pinho]

Agradecimentos

À Professora Isabel Morujão, pela orientação da presente tese e pelos argutos e férteis conselhos.

Ao Professor José Meirinhos, por deixar sempre a porta aberta, por esse seu acolhimento e pelas suas genenoridade e sabedoria.

À Doutora Joana Serrado, quem pela primeira vez me mostrou o fascinante mundo da mística feminina e nele me guiou.

Aos colegas do Instituto de Filosofia e do Gabinete de Filosofia Medieval, que iluminaram, cada um a seu modo, este caminho.

À Professora Maria de Lurdes Correia Fernandes, à Professora Antónia Fialho Conde, ao Professor Nuno Resende, ao Professor Luís Miguel Rêpas e ao Professor José Oliveira Barata, pelas informações que gentilmente me cederam no decorrer da minha investigação.

À Joana Varge e ao João Fresco, investigadores do Grupo de Trabalho para o Centro Interpretativo do Mosteiro de Odivelas, pela visita guiada ao Mosteiro de São Dinis e São Bernardo de Odivelas, e, a este último, pelas disponibilidade e bondade na partilha dos seus conhecimentos sobre esta casa monástica.

À Doutora Teresa Ponces, que me auxiliou no decorrer da minha investigação no Arquivo Histórico da Biblioteca do Patriarcado de Lisboa, e ao Padre Jorge Dias, pela permissão da reprodução na presente tese dos documentos relativos a Maria Micaela de São Bernardo.

Ao Tiago Rocha, irmão encontrado não por via do sangue, mas por via do amor, pela revisão e pelas sagazes sugestões.

À Maria Reis, amiga e companheira de viagem, pela revisão da tese e, sobretudo, pela sua coruscante amizade.

Ao Tomás, meu amor terreno de coordenadas divinas, por tantas e tantas coisas, que só *minne* pode enunciar.

Aos meus irmãos, João e Francisca, pela força, por vezes silente, por vezes sonora, embora sempre presente, do seu amor.

Aos meus pais, José e Alice, deuses disfarçados sempre guiando o caminho, síntese perfeita da deidade que existe no mundo, por tudo.

Resumo

A presente tese tem por objetivo fundamental o estudo e edição de *Vida Interior da Madre Micaela de São Bernardo*, texto escrito por Maria Micaela de São Bernardo (1691 – 1742), religiosa do Mosteiro de São Dinis e de São Bernardo de Odivelas. Para o efeito, transcreveu-se e editou-se a totalidade do manuscrito setecentista conservado inédito na Biblioteca Nacional de Portugal. Além da edição propriamente dita, procede-se ao estudo da autora e do seu texto, enquadrando-os histórica, cultural e espiritualmente. No abrangente universo da espiritualidade, analisam-se especificamente as propriedades místicas vinculadas nesta produção textual, refletindo sobre o papel da escrita e da linguagem, bem como da memória, na construção discursiva deste *eu* místico. A sua identidade, resultando frequentemente de uma relação especular com Deus, dá origem a uma produção escrita que, consubstanciada pela memória, é na realidade, charneira entre humano e divino.

Palavras-chave: Maria Micaela de São Bernardo (XVIII), Autobiografia espiritual, Mística, Memória, Mosteiro de São Dinis e São Bernardo de Odivelas

Abstract

The present thesis has as its main goal the study and the edition of *Vida Interior da Madre Micaela de São Bernardo, a text written by Maria Micaela de São Bernardo* (1691-1742), a religious woman from the São Dinis and São Bernardo de Odivelas Monastery. For this purpose, the eighteenth-century manuscript, which had hitherto been kept unpublished in Biblioteca Nacional de Portugal, was transcribed and edited. In addition to the edition *per se*, the author and her text were studied, framing them historically, culturally and spiritually. Within the broad universe of spirituality, the mystical properties entailed in this textual production are specifically analyzed, reflecting on the role of writing and language, as well as memory, in the discursive construction of the mystical diegetic self. Its identity, frequently resulting from a specular relationship with God, originates a written production which, embodied by memory, functions as a bridge between the human and the Divine.

Key-words: Maria Micaela de São Bernardo, XVIII Century, Spiritual Autobiography, Mysticism, Memory.

Índice de Figuras

Figura 1: Plano anterior do códice.....103

Figura 2: Lombada do códice.....103

Figura 3: Marca de água.....104

Figura 4: Folha de Rosto.....106

Figura 5: Fl. 146v.....107

Figura 6: Fl. 147.....108

Figura 7: Fl. 74.....109

Figura 8: Fl. 6.....110

Figura 9: Pintura I.....217

Figura 10: Pintura II.....218

Figura 11: Pintura III.....219

Figura 12: Pintura IV..... 220

Figura 13: Pintura V.....221

Figura 14: Tondi..... 222

Figura 15: Tondi (detalhe).....223

Introdução

Adrienne Rich, no seu poema de abertura de *The Will of Change*, obra de 1971, refere que "O que acontece entre nós/ acontece há séculos/ sabemo-lo da literatura"[1]. Se procedermos a uma pequena e inócua transgressão hermenêutica e a este "nós" infundirmos a significância universalizante de "seres humanos", facilmente se torna evidente a importância que reside – e resiste – no exercício de recuperação dos legados literários de cada país. Convictos de que a literatura não salva ninguém, essa premissa incontornável no mundo posterior à Segunda Guerra Mundial, há também qualquer coisa que permanece intocada no que diz respeito à utilidade da literatura como, afinal, o mais profícuo dos espelhos, isto é, como portal de acesso ao conhecimento próprio e do mundo em redor. Recuperar, assim, as produções escritas de autoria feminina assume a dupla pertinência de, como bem frisou María Isabel Barbeito Carneiro, tornar possível "reconstruir "su" historia desde "su" verdad"[2], concomitantemente permitindo deslindar os reflexos dessas "suas verdades" espelhados nas "histórias" que se sucederam. Tal trabalho de reconstituição da "história das mulheres", de largos frutos, por exemplo, em França, na esteira da investigação coordenada por Georges Duby e por Michelle Perrot[3], encontra-se, em Portugal, ainda em fase um tanto incipiente[4], pelo que importa não somente dar continuidade aos estudos mais sistemáticos das autoras da contemporaneidade, mas também valorizar os estudas das mais recuadas e que, por

[1] Adrienne Rich – Uma Paciência Selvagem. Lisboa: Edições Cotovia, 2008, p. 87.
[2] María Isabel Barbeito Carneiro – "¿Por qué escribieron las mujeres en el Siglo de Oro?" in *Cuadernos de Historia Moderna*, n. 19, 1997, p. 183.
[3] Refiro-me à obra em cinco volumes *História das Mulheres no Ocidente* coordenada por Georges Duby e Michelle Perrot.
[4] Urge ressalvar, todavia, os esforços científicos e sistemáticos de recuperar e estudar os legados femininos empreendidos pela revista, *Faces da Eva. Estudos sobre a Mulher*, ativa há vinte e um anos, dirigida por Zília Osório de Castro, Isabel Henriques de Jesus e Helena Pereira de Melo, bem como do grupo de investigação homónimo do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Bem como os de toda a investigação académica nas áreas da Literatura, da História, das Ciências, etc., que, embora não inseridos num projeto institucional concreto, muito têm contribuído para que, um dia, esse modelo dubysiano de História das Mulheres se possa replicar em Portugal.

infelicidade das contingências, foram fadadas aos silêncios dos arquivos[5]. Tornar menos submerso, em suma, esse arquipélago de que nos fala Elizabeta Grazioci[6].

Apesar do muito que ainda há a fazer no âmbito da ponderação do contributo da escrita de religiosas para a história e da literatura portuguesas, vários têm sido, nas últimas duas décadas, os esforços de identificar, contextualizar e recuperar o legado feminino que a memória portuguesa parece ter desgarrado de si. Neste sentido, tem-se assistido a um progressivo, apesar de lento, trabalho de edição e de estudo de fontes inéditas de autoria feminina conventual portuguesa. A este respeito, são pioneiras as edições de João Palma-Ferreira (1983), de Ana Hatherly (1990) e de Filomena Belo (1993), passando-se aos mais recentes trabalhos de Maria do Céu de Sousa Ferreira (2012), Pedro Sena-Lino (2013), Isabel Morujão (2013 [2005]), Moreno Laborda Pacheco (2013), Joana Serrado (2014), Isabel Morujão, Antónia Fialho Conde e Maria do Rosário Morujão (2014), José Félix Duque (2016) e Helena Queirós (2021), não deixando de referir a obra de autoria vária *Uma Antologia improvável: A Escrita das Mulheres (Séculos XVI a XVIII)*. Importa ainda mencionar o inventário de fontes impressas organizado por Isabel Morujão (1995) e o catálogo de Zulmira C. Santos, de Paula Mendes e de Maria Inês Nemésio (2013)[7]. A despeito de este último reunir fontes de autoria não exclusivamente feminina, ambos os elencos auxiliam a melhor perspetivar a produção escrita de religiosas em Portugal.

Outrossim, a base de dados *Escritoras: Portuguese Women Writers before 1900*[8] oferece igualmente uma visão geral da produção literária feminina portuguesa, não só inventariando, como disponibilizando informações biográficas e bibliográficas sobre as

---

[5] Vanda Anastácio chama justamente a atenção para o facto de nos manuais de História da Literatura Portuguesa a percentagem de menções a autoras anteriores ao século XX ser diminuta; razão pela qual não é inusitado que os estudos sobre autoras femininas portuguesas se concentrem, sobretudo, em autoras da contemporaneidade. Vanda Anastácio (coord.) – *Uma Antologia Improvável. A Escrita das Mulheres (Séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio d'Água, 2013, sobretudo página 19. Curiosamente, este apagamento da autoria feminina mais recuada é já alvo de questionamento no romance *A Room of One's Own* de Virginia Woolf, relatando-se o seguinte: "But what I find deplorable, I continued, looking about the bookshelves again, is that nothing is known about women before the eighteenth century" Virginia Woolf – *A Room of One's Own*. UK: Alma Books, 2019, p. 38.

[6] Elizabeta Graziosi – "Arcipelago sommerso. Le rime delle monache tra obbedienza e transgressione" in Giana Pomata – Gabriella Zarri (ed.) – *Monasteri femminili come centri di cultura fra Rinascimento e Barocco.* Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2005, pp. 145 – 173.

[7] Neste catálogo consta o texto de Maria Micaela de São Bernardo.

[8] Esta plataforma encontra-se acessível desde 2014 no endereço http://www.escritoras-em-portugues.eu

mesmas, as diversas escritoras ativas em Portugal entre os séculos XVI e XIX. Trata-se, evidentemente, de um projeto altamente profícuo no que concerne à disseminação destas autoras portuguesas, muitas das quais ainda anónimas para a larga maioria da população. Várias são as religiosas mencionadas, desde Joana de Jesus (XVII) a Maria do Céu (XVII/XVIII), embora também aqui, não conste, Maria Micaela de São Bernardo.

No âmbito hispânico é possível consultar uma base de dados análoga, BIESES: Bibliografia de Escritoras Españolas[9]. Esta, além de documentar escritoras espanholas a produzir até 1800, integra ainda escritoras portuguesas ativas entre 1580 e 1640 (período de monarquia dual), bem como bibliografia para o estudo da escrita feminina.

Estes catálogos e bases de dados apresentam a grande vantagem de possibilitarem contrariar a ideia comummente difundida de que a escrita feminina é algo um tanto recente, nessa suposição de que as mulheres das centúrias anteriores a 1900 permaneceram alheadas da cultura escrita e da literatura. Uma consulta rápida pelos diferentes elencos permite, desde logo, compreender que existem, de facto, diversos textos literários originados de pena feminina, importando, por um lado, investigá-los com maior sistematicidade e, por outro, integrá-los nos programas das universidades e nos manuais escolares.

A nível europeu, este intento de recuperar e tornar visíveis os contributos intelectuais e literários femininos está patente ainda no recente projeto "Women's Invisible Ink: Trans-Genre Writing and the Gendering of Intellectual Value in Early Modernity" (2018), coordenado por Carme Front, que procura recuperar fontes de autoria feminina em diversos territórios europeus, procedendo a uma análise assente numa metodologia que, não se cingindo a géneros literários específicos, pretende lançar luz pelos negligenciados contributos literários e culturais das mulheres do início da Época Moderna.

Em todo o caso, no que concerne particularmente à literatura monástica feminina, persiste, de facto, um vasto espaço por completar, afigurando-se imperiosa essa reivindicação da memória proposta por Pierre Nora na década de 80 século XX.

No âmbito desta mancha extensa da produção de autoria feminina monástica que requer ainda tratamento de transcrição e de edição (pois muitas obras se conservam

[9] Disponível em linha: http://62.204.211.38:8080/bieses/.

ainda nos seus registos manuscritos), há um conjunto considerável de textos de caráter místico-visionário que requer um estudo consistente e sistemático que elucide e contextualize essa componente que os anima. No que diz respeito ao contexto português, sendo estas fontes sobretudo estudadas sob a lente da História[10], a mística e o visionarismo femininos, enquanto áreas de conhecimento específicas, encontram ainda parcas teorização e sistematização, contrariamente ao que sucede noutros territórios europeus (Rebeca Sanmartín Bastida 2012), norte americanos (Caroline Walker Bynum 1982; 1987; 1991) (Amy Hollywood 1995; 2002) ou sul americanos (Labô da PUC de São Paulo[11]). Seria importante recuperar os textos místicos portugueses, ponderando-os no âmbito da sua efetiva força mística. Assim, no que diz respeito a uma possível fenomenologia do fenómeno místico e da sua linguagem, os estudos sob este escopo permanecem, em Portugal, um tanto circunstanciais e dispersos[12], em face dos contributos incontornáveis de Michel de Certeau, em *La Fable Mystique* (1982) e, mais recentemente, de Juan Martín Velasco, em Espanha, com *El Fenómeno Místico* (1999). É pioneira, todavia, neste intento de investigar – embora tendendo ao âmbito da psicologia – mais profundamente o fenómeno místico, catalogando suas características,

[10] Existem, efetivamente, em produtivo funcionamento centros de investigação focalizados na história da espiritualidade. O primeiro deles, em Portugal, foi o CIUHE (Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade), criado há trinta anos e hoje correspondente ao Grupo de Investigação "Sociabilidades e Práticas Religiosas" do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço & Memória). Depois o *Centro de Estudos de História Religiosa* da Universidade Católica Portuguesa, que tem, nos últimos anos, votado a sua atenção para, por exemplo, questões de género no âmbito das textualidades femininas. Também a revista *Lusitânia Sacra*, gerida por esta mesma instituição, tem constituído uma importante fonte para o estudo histórico da espiritualidade. Do mesmo modo, a revista *Via Spiritus,* da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é uma ferramenta deveras frutífera e única nesta área da espiritualidade na Europa, na esfera académica. Em todo o caso, a despeito da amplitude de conteúdos destas revistas e centros, e não desmerecendo de todos os seus assinaláveis esforços, seria importante criar uma plataforma especializada e focalizada apenas na mística enquanto área e disciplina particular.

[11] Este centro de investigação possui um grupo de pesquisa denominado "Experiência Mística e o Conhecimento: Amor, desejo, Sofrimento e Êxtase", coordenado por Maria José Caldeira do Amaral e Maruzânia Soares Dias, e que versa, precisamente, sobre o estudo do fenómeno místico. Também em Ávila, Espanha, existe o Centro Internacional Teresiano Sanjuanista: Universidad de la Mística.

[12] É disto sintoma, igualmente, a ausência de dicionários sobre mística traduzidos para o português europeu ou elaborados em Portugal. O *Dicionário Global da Espiritualidade e da Mística*, que está em vias de edição pelo Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização, juntamente com a Conferência Episcopal Portuguesa, e no qual tenho o gosto de participar é, nesse aspecto, aguardado com expectativa. De resto, a minha contribuição, versando o tópico das/os Esposas/os de Cristos, encontra-se neste trabalho parcialmente apresentada (ver secção 1.1.4.).

a obra de 1935 de Sílvio Lima, *O Amor Místico: Noção e Valor da Experiência Religiosa*[13]. Por infortúnio das condicionantes políticas, este estudo ficou-se pelo seu primeiro e único volume. Porventura importe ainda referir o contributo de José Adriano de Freitas Carvalho presente em *A New Companion to Hispanic Mysticism* (2010), editado por Hilaire Kallendorf, já que o autor, observando a mística enquanto um campo específico que resulta de uma simbiose entre uma experiência íntima espiritual e um modo de conhecimento teológico, procura refletir sobre o fenómeno místico português entre os séculos XV e XVII[14].

A presente tese propõe-se contribuir para colmatar ambas as lacunas assinaladas ao levar a cabo, por um lado, a edição de *Vida Interior da Madre Maria Michaela de S. Bernardo, Religiosa no Real Mosteyro de S. Dionisio de Odivellas da Ordem De S. Bernardo, dando conta ao seu confessor. Principiou a VI. de Agosto M.DCC.XXXI.* (na secção Anexos), manuscrito setecentista até agora conservado inédito na Biblioteca Nacional de Portugal, que integra a produção escrita coligida por uma religiosa, e ao elaborar, por outro, um estudo centrado em propriedades afetas ao âmbito da espiritualidade e da mística, mais propriamente. Com efeito, esta tese procura, congregando as suas características fundamentais, refletir sobre a dimensão mística da obra de Micaela de São Bernardo, a partir de conceitos e metodologias já testadas.

Este intento editorial radica, primeiramente, no facto de o manuscrito em questão permanecer inédito e, por conseguinte, desconhecido no panorama cultural e literário português. A presente edição que aqui disponibiliza em Português atualizado, escorada em critérios linguísticos ponderados e seguros, pretende torná-lo passível de ser consultado por um público não necessariamente especializado (razão pela qual se optou por se proceder à atualização do texto), recuperando, assim, a sua visibilidade.

Em segundo lugar, a decisão de o editar prende-se com o facto de se tratar de um relato de vida interior. Não sendo propriamente um texto muito original a nível de

---

[13] No seu *corpus* textual, de entre diversos autores, Sílvio Lima serve-se igualmente de textos de várias místicas portuguesas (que recuperou de diversos arquivos portugueses), como Joana de Jesus ou Maria do Céu. Curiosamente, o de Maria Micaela não é mencionado, o que corrobora a falta de atenção (ou o simples desconhecimento) concedida a esta religiosa.

[14] José Adriano de Freitas Carvalho – "Traditions, Life Experiences and Orientations in Portuguese Mysticism" in Hilaire Kallendorf (ed.) – *A New Companion to Hispanic Mysticism*. Leiden/Boston: Brill, 2010, pp. 39 – 70.

conteúdos ou de linguagem (quando enquadrado na generalidade daquela que é a escrita conventual e confessional feminina da Época Moderna), ele constitui uma obra isolada na esfera específica da produção escrita de Setecentos, no Mosteiro de Odivelas. Com efeito, não há aí notícia de outros textos de teor análogo[15] em outras religiosas autoras coetâneas de Madre Micaela, constituindo, por isso, este manuscrito um exemplar único que importa resgatar e estudar no âmbito do património literário e místico de Odivelas. Com efeito, nesta produção escrita assoma um verdadeiro programa de mística feminina, marcado particularmente pela espiritualidade cisterciense e de São Bernardo, em que o recorte afetivo e amoroso se afigura central. Se, por um lado, é um texto importante para o estudo das tradições espirituais que o subsidiam e dos traços que lhe servem de base estrutural – já que este se escora em textos e formas da tradição espiritual da Época Moderna, mas também da Idade Média – é, por outro, deveras relevante no que concerne à investigação sobre o fenómeno místico, o que conduziu à análise das suas especificidades próprias e do *eu* nele patente, características não de somenos interesse atendendo, também, à sua peculiaridade. É, pois, um documento imprescindível para uma compreensão mais aprofundada do fenómeno místico-visionário feminino no Portugal Moderno.

O terceiro aspeto que motivou o meu interesse por este relato interior concerne ao facto de este ser um texto criado por mão feminina em contexto autobiográfico. De facto, encontram-se no espólio cultural e literário português múltiplas fontes – de igual modo ainda inéditas - que relatam os êxtases e as vivências místicas de religiosas de diversas Ordens. Preteri tais documentos em detrimento deste, por se tratar de fontes indiretas, na medida em que foram redigidas pelos confessores ou diretores espirituais das visadas. Embora sejam evidentemente profícuas no que diz respeito ao estudo das experiências espirituais das religiosas, nada revelam realmente sobre as particularidades da voz feminina, permanecendo assim no âmbito das representações da mulher e não da mulher que se relata a si mesma. Com efeito, numa época que parece insistir na falácia que interpreta o silêncio como inexistência torna-se

[15] Tal dado não significa, evidentemente, que não existam ou não tenham existido. Como se aduzirá adiante, tais manuscritos poderão ter sido simplesmente perdidos ou destruídos, analogamente ao sucedido com grande parte do espólio móvel do Mosteiro de Odivelas.

sobremaneira premente, como refere Amy Hollywood, recuperar as vozes emudecidas da autoria feminina, contrariando o esquecimento que as produções intelectuais das mulheres ainda representam na cultura portuguesa contemporânea.

Atendendo ao objeto de investigação em causa, a abordagem que se desenvolveu foi forçosa e necessariamente interdisciplinar. Procurei conciliar as distintas áreas de conhecimento pertinentes (como a história, a literatura, a filosofia e a teologia) para uma mais completa e abrangente análise. Igualmente, não me coibi de fazer dialogar entre si autores de distintas centúrias e geografias sempre que desse diálogo resultou uma melhor iluminação do texto em estudo ou da sua intrincada rede de influências, diretas ou indiretas.

Por conseguinte, a presente tese encontra-se dividida em três partes fundamentais. A primeira concerne à contextualização biográfica e histórica da autora. Para tal, tendo em conta o desconhecimento em torno da figura de Maria Micaela de São Bernardo, religiosa não estudada até então, levei a cabo investigação em diversos arquivos de modo a poder reconstituir os contornos da sua biografia. Além disso, debrucei-me sobre o Mosteiro de Odivelas, a Ordem de Cister e a espiritualidade de São Bernardo, procurando também enquadrar a autora nas correntes espirituais da Época Moderna e na sua devida moldura sócio-religiosa.

A segunda parte desta tese versa sobre o manuscrito em apreço, apresentando-se a devida descrição codicológica, bem como uma reflexão sobre o género textual que o enforma, na medida em que, como já apontado por Mafalda Férin Cunha (1992) e Maria Luísa Jacquinet (2017), certas produções escritas femininas, monásticas e autobiográficas, apresentam uma confluência genológica que urge destacar e distinguir. Neste sentido, analisaram-se seguidamente as particularidades do *eu* patente no texto, já que, devido à sua agência concomitantemente humana e divina, essa alteridade assinalada por Anabela Galhardo Couto (2015), se verificou necessário compreendê-lo no seu dinamismo, posicionando-o no quadro daquela que é a experiência mística e espiritual de que participa e na qual é concomitantemente participado.

A terceira e última parte diz respeito à análise do âmbito da mística. Recorrendo-se metodologicamente ao *close reading*, operação da crítica textual sustentada na interpretação minuciosa de segmentos textuais breves (razão pela qual se apresentam sempre os trechos pertinentes retirados do texto em exame), elaborou-se uma

digressão pelas características e pelos *topoi* fundamentais que subsidiam o fenómeno místico patente na produção escrita em apreço. Outrossim, procurei integrá-los e relacioná-los com correntes espirituais e autores precedentes ou coetâneos, de modo a sistematizar as chaves hermenêuticas próprias deste fenómeno e a aproximar-me a uma possível fenomenologia ou tipologia da experiência mística. Para tal, verificou-se necessário executar sucessivos *zoom in* e *zoom out* no processo de análise, ora focalizando aspetos da produção escrita em estudo, ora enquadrando-os na moldura místico-espiritual pertinente, por forma a estabelecer o devido plano teórico. Seguidamente, debrucei-me sobre dois tópicos em concreto que são particularmente importantes na arquitetura mística e textual do texto de Maria Micaela: a escrita e a memória.

A escrita proveniente da pluma de religiosas encontra-se, historicamente, nos seus contextos e motivações, bem enquadrada, sendo dado estabelecido o facto de a maioria destes textos resultarem da tradição normativa da Época Moderna da autobiografia por mandado, de que Teresa de Jesus é uma referência imprescindível. Tais construções textuais tecidas sob o preceito de obediência aos confessores e diretores espirituais (neste aspecto já plenamente examinadas, de resto, por Sonja Herpoel (1999)), configurando um modo de vigilância do feminino e o seu rastreamento sócio-religioso, não se esgotam, na realidade, nesta função. A minha problematização deste tópico passou, assim, essencialmente por um âmbito bastante menos considerado e que diz respeito à articulação desta escrita enquanto exercício ele próprio místico. Poderia o ato de escrever participar do processo espiritual destas religiosas, à semelhança das orações, da confissão, da penitência ou do silêncio? Poderia o texto exceder a sua dimensão humana e abrir-se à transcendência, tornando-se um dispositivo anagógico? Escrever poderia ser, afinal, não somente o cumprimento de uma obrigação ou de um ditame eclesiástico, mas permitir a título íntimo o diálogo com Deus? Na esteira da interrogação de Blanca Garí, na sua introdução ao *Espelho das*

Almas Simples de Marguerite Porete[16], procurei precisamente refletir, no fundo, sobre esta função da escrita enquanto portal e/ou ferramenta de união mística.

Questões análogas surgiram acerca da memória. Tratando-se esta do mecanismo cognitivo de que depende este género textual na sua natureza autobiográfica, poderia a memória neste contexto, tal como noutros matizes espirituais, constituir um aparelho mais "espiritualmente nutritivo"? Poderia figurar enquanto a plataforma de encontro entre humanidade e deidade, isto é, de união mística? Ao indagar sobre estas questões, servi-me teoricamente, entre outros, do estudo de Patrick McNamara (2009) e de Patricia Dailey (2012), mais particularmente, quanto a esta última, do seu conceito de "prememory". Pela multiplicidade da memória, de que resulta, neste texto místico, uma variedade de processos mnemónicos que urge identificar, verificou-se ainda pertinente organizar uma tipologia da memória, distinguindo os seus diversos níveis e manifestações, procurando demonstrar a proeminência desta faculdade no âmbito da produção escrita em apreço.

Uma súmula das respostas a estas questões (que constituem, de resto, a par do trabalho de edição, o resultado da investigação levada a cabo na presente tese) é tecida nas considerações finais. Nesta secção se reflete, igualmente, sobre os tópicos que seria pertinente retomar e aprofundar numa investigação futura.

No que diz respeito aos anexos desta tese, apresentam-se os critérios de transcrição e a transcrição integral do manuscrito *Vida Interior*... na secção correspondente a "Anexos", ao passo que em "Outros anexos" se reproduzem os documentos e fontes que sustentam a contextualização histórica aqui elaborada, quer no concernente à biografia de Maria Micaela, quer no tocante à documentação relativa ao Mosteiro de Odivelas. Optou-se por esta reprodução, atendendo ao facto de muitos dos documentos se encontrarem ainda na sua forma manuscrita e indisponíveis on-line, dependendo a sua consulta da pesquisa presencial nos respetivos arquivos.

[16] A autora problematiza, pertinentemente, o seguinte: "¿Está diciendo Margarita que la escritura del Espejo constituyó para ella el modo mismo que le conduce a la unión mística que caracteriza al Alma anonadada, vacía de sí en la pura nada?" Margarita Porete – *El Espejo de las Almas Simples*, Blanca Garí (ed.). Madrid: Siruela, 2005, p. 21.

1. Parte I.

2. Maria Micaela de São Bernardo, religiosa de Odivelas

2.1. Contextualização histórica

Maria Micaela de São Bernardo foi uma religiosa setecentista professa no Mosteiro de São Dinis e de São Bernardo de Odivelas. No início desta investigação, os dados biográficos sobre a religiosa disponíveis eram relativamente escassos[17], se não mesmo inexistentes. Contrariamente a freiras escritoras suas contemporâneas, Maria Micaela de São Bernardo não integra grandes reportórios bibliográficos como a *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado ou *Theatro Heroino* de Damião de Froes Perim, pseudónimo de Frei João de S. Pedro[18]. Neste sentido, a existência da autora em análise não ia muito além da voz narrativa patente na sua produção escrita, permanecendo uma grande lacuna relativamente à sua vida extratextual. Importa referir que, no decorrer do seu texto, Maria Micaela nunca refere os nomes próprios das pessoas com quem se relaciona, ficando apenas pela vaga referência ao seu estatuto ("irmã" de religião, "serva", "mãe", "irmãos"), apresentando na sua narrativa uma espécie de cortina de vultos a necessitar de ser deslindada. A título exemplificativo: "Estavam os tesouros abertos, logo lhe pedi por Vossa Reverendíssima, e pelo confessor, e por meus irmãos, e isto que conheço dentro da alma é em fogo de amor que aclara a mesma alma"[19].

Efetivamente, do ponto de vista dos factos da sua vida, o relato desta religiosa de Odivelas é deveras lacunar e impreciso, o que não deixa de ser interessante tendo

[17] Parte das informações biográficas que recolhemos encontram-se também na seguinte fonte: Borges de Figueiredo – *O Mosteiro de Odivelas: Casos de Reis e Memórias de Freiras.* Lisboa: Livraria Ferreira, 1889. O autor não cita, todavia, a fonte de onde retirou os dados biográficos que apresenta sobre a religiosa. Pela minha parte, os que aqui apresento resultam da consulta que fiz à certidão de batismo, ao pedido da certidão de batismo para a profissão e à resposta às Perguntas para a profissão religiosa. Encontrei estes últimos documentos (anexos 2 e 3 da secção Outros Anexos) no Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, muito agradecendo a sua reprodução ao Padre Jorge Dias e à Drª Teresa Ponces.

[18] Ambas as obras catalogam e biografam personalidades de mulheres heroicas e virtuosas, tendo sido muito destinadas à leitura feminina de exemplo. Igualmente emblemática a este propósito é a obra *Portugal illustrado pelo sexo feminino: notícia histórica de muitas heroínas portuguesas que floresceram em virtudes, letras e armas*, redigida por Diogo Manuel Aires de Azevedo, e publicada em 1734. Tendo em conta a data de publicação não é, todavia, pertinente para a perceção da presença historiográfica de Maria Micaela de São Bernardo.

[19] Fl. 9v.

em conta que indicia o privilégio dado à narrativa dos eventos relacionados com Deus ou com a sua própria caminhada místico-espiritual.

Após a investigação levada a cabo em arquivos e em fundos monásticos, consegui descobrir e sistematizar, a partir de um *corpus* documental diverso e um tanto disperso, várias informações que nos permitem reconstituir parte do seu percurso de vida. Maria Micaela é filha de Baltasar Pinto da Fonseca, capitão-mor, e de Maria Pinta de Vasconcelos. Nasceu em Cinfães, na freguesia de Tendais, lugar de Valverde, em 1691[20]. Os seus padrinhos foram Manuel Vaz e Isabel Pinta (o assento de batismo diz respeito ao anexo 1 da secção "Outros Anexos"). Descendente de uma das mais notáveis e nobres famílias dessa região[21], é a quarta de sete filhos[22]. Dois dos seus irmãos foram monges em São João de Tarouca. Frei Amaro do Pilar professa em 1708 e Mauro em 1709[23], o que poderá ter determinado a sua clausura num mosteiro cisterciense[24]. Em todo o caso, não existem informações concludentes sobre a sua decisão em professar especificamente no Mosteiro de Odivelas[25].

Apresenta-se de seguida a árvore de costados relativa a Frei Amaro do Pilar e que é a mesma, naturalmente, que a de Maria Micaela[26]:

---

[20] Cfr. ADL, paroquiais, Tendais, batismos, cx. 1 n.º 2, (1667-1691), Fl. 72. Em linha: https://cloud.archeevo.pt/details?id=17784. Mas também o documento presente no Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, caixa expediente, ano 1724, o qual é um pedido de certidão para confirmar a idade de professar, acompanhado da cópia do respetivo assento de batismo (de 4 de novembro de 1723).

[21] Esta família foi estudada por Nuno Resende Mendes. Cfr. Nuno Resende – "Vasconcelos: a história social de um prato: Mosteiro de São João de Tarouca. Século XVIII" in Luís Sebastian – Nuno Resende – *Cister no Douro*. Lamego: Museu de Lamego, 2015, pp. 126 – 133.

[22] Os seus irmãos eram Vicência, Francisco, Amaro ou Agostinho, Feliciana, Violante e Mauro.

[23] Informações gentilmente cedidas por Nuno Resende Mendes.

[24] Maria Micaela refere o seguinte: "No domingo quis falar a meu irmão antes de comungar, mas o Senhor não me deixava, e por duas vezes, estando na cama para me levantar a ir-lhe falar, senti como por sonho que me diziam que não fosse. Mas como não fio de mim nada, fui-lhe falar" (Fl.25. – 25v.). Não é possível dizer com exatidão que este "irmão" seja efetivamente algum dos irmãos de sangue da autora, mas é uma hipótese plausível e, portanto, a não descartar.

[25] Uma das capelas do mosteiro (a de D. Filipa de Lencastre) possui uma lápide com referência a Nicolau Soares e a sua mulher, D. Violante, filha de Brites Rodrigues Rebelo, natural de Lamego, o que poderá indicar uma ligação entre esta região e a casa religiosa.

[26] A árvore de costados foi-me, também, gentilmente cedida por Nuno Resende Mendes, a quem muito agradeço.

Árvore de Costados

Chart no. 1

1 **Frei Amaro do Pilar**
R: 20-01-1690
P: Santa Cristina de Tendais
M:
P:
D:
P:

(Conjuge of no. 1)

2 **Capitão-mor B Pinto da Fonseca**
N:
P: Valverde
M: -- 1442
P:
D: 24-04-1701
P: Valverde

3 **Maria de Resende**
R: 8-01-1657
P: São Pedro de Ferreiros de T
D:
P:

4 **Manuel da Cunha Pinto**
N:
P:
M: -- 433
P:
D:
P:

5 **Maria Colaço**
N:
P:
D:
P:

6 **Manuel Vaz de Resende [I]**
N:
P: Granja
M: 23-02-1648 - 673
P: São Pedro de Ferreiros de T
D:
P:

7 **Filipa Mendes**
N: 1617
P: Aziveiro de Covelas
D: 30-05-1693
P: Covelas

8 **Baltasar Pinto da Fonseca [I]**
N:
P:
M: -- 431
P:
D:
P:

9 **Ângela da Cunha**
N:
P:
D:
P:

10 **Diogo Pires Botelho**
N:
P:
M: -- 3091
P:
D:
P:

11 **Francisca Dias**
N:
P:
D:
P:

12 **Domingos Vaz**
R:
P: Santa Cristina de Tendais
M: 1-06-1620 - 663
P: Santa Cristina de Tendais
D: 20-07-1641
P: Granja

13 **Maria de Resende**
R:
P: Santa Cristina de Tendais
D: 17-03-1646
P: Granja

14 **Simão Álvares Juzarte Pinto**
N:
P: Covelas
M: 26-06-1605 - 674
P: Capela de São Sebastião de
D:
P:

15 **Filipa Mendes de Vasconcelos**
N:
P: Covelas
D: 18-04-1640
P: São Pedro de Ferreiros de T

16 **Jorge Pinto**
N: 1520
M: -- 40
D:

17 **Violante Dias**
N:
D:

18
N:
M:
D:

19
N:
D:

20
N:
M:
D:

21
N:
D:

22
N:
M:
D:

23
N:
D:

24 **Jerónimo Vaz**
N:
M: -- 664
D: 12-02-1623

25 **Maria Gonçalves**
N:
D:

26 **António Dias**
N:
M: - 652
D: 24-07-1633

27 **Beatriz de Resende**
R: 3-03-1592
D: 21-03-1620

28 **N**
R:
M: - 1369
D:

29 **Catarina Juzarte [I]**
N:
D: 10-07-1606

30 **António Mendes de Vasconcelos**
N:
M: -- 2513
D:

31 **Maria Álvares Maia**
N:
D:

Prepared by
Nuno Resende
Rua de Monsanto
4250-291
Porto Portugal

Telephone number 00351912696595

Date prepared 08 Dec 2022

A religiosa de Odivelas tomou o seu véu branco de noviça em 1723 e os votos perpétuos no ano seguinte, com trinta e três anos. Trata-se de uma idade já tardia de entrada para a vida religiosa, porquanto, após Trento, a idade regulamentar de ingresso eram os dezasseis anos. Permanecem por apurar as motivações exatas por detrás desta profissão tardia, mas seguramente não se afastam do padrão já delimitado por João Palma-Ferreira, para quem as religiosas

> (...) Ou eram reclusas à força de imposições reais, por suspeitas de escândalos ou por conveniências políticas, ou eram as filhas solteiras que as famílias levavam ao convento para que os patrimónios não fossem afetados por casamentos cujos contratos nupciais incluíam dotes que poucas podiam cumprir sem penhores e empenhos.[27]

Através da sua narrativa depreende-se que foi por vocação manifesta que a autora decidiu enveredar pela vida religiosa:

> Tomava três horas de oração de manhã e tudo era pouco, porque a alma não vivia já em desejos de mais e mais se dar a Deus, senão em uniões já possuídas, com tão grande satisfação como quem tinha chegado a porto seguro e desejado de sua meninice, pois toda a minha vida me desejei dar toda a meu divino Esposo, que sempre assim o chamava.[28] ;

> E sempre lhe dou mil graças por todas as mercês que me tem feito, e está fazendo e tem para fazer. Isto disse sempre desde que tive uso de razão, que o mesmo Senhor me inspirou pelo grande amor que sem[pre] desejei ter, que é como uma seta que me feriu deste amor divino, que sempre ficou ferida, parece-me aberta, isto de pequenina, porque se me infundiu e entranhou tanto na alma a viva lembrança deste amor que nunca pude ter outros cuidados mais que buscar mil modos como me daria mais e mais a este Senhor. Ardia tanto nesta chama de amor em minha alma que por ver que se tratava, digo, que se tardava tanto esta liberdade de vir para a religião, que foi sempre o meu sentido, o que muitos acham ser prisão, mas eu lhe chamo desafogo e fartura de um coração faminto por seu Deus. Que já me não dava que viesse, não só ser recolhida, mas inda me sentia com ânimo de ser moça de religiosas. Isto só por dar fim a este ardente desejo que sentia na alma por se ver na clausura.[29]

De facto, a sua família parece ter-se oposto a tal decisão, o que poderá justificar a sua tardia entrada para o mosteiro. Ademais, o texto perspetiva-a como uma personalidade reta e exemplar, procurando reiteradamente a abnegação do mundano

---

[27] Antónia Margarida de Castelo Branco – *Autobiografia (1652-1717),* João Palma-Ferreira (ed.). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983, p. 38.
[28] Fl. 267v.
[29] Fl. 64v.

e o caminho de santidade que a conduziria a Deus. Maria Micaela viria a morrer a 14 de outubro de 1742, com cinquenta e um anos[30].

A sua produção escrita, de natureza autobiográfica, é uma espécie de epistolário (de que só se conhecem os textos produzidos pela remetente), trocado exclusivamente com o seu diretor espiritual, entre 1731 e 1736[31]. O manuscrito em apreço reúne estes textos, tratando-se de uma cópia coligida sequencialmente e não se encontrando assinado. É provável que este seja um apógrafo posterior à correspondência trocada entre 1731 e 1736, eventualmente destinado a um uso alargado, como sugere a grafia cuidada que se referirá no capítulo dedicado à descrição codicológica do manuscrito. É plausível, também, que esta cópia corrida, elaborada a várias mãos, tenha sido realizada após o falecimento de Maria Micaela, porquanto era comum que, após a morte das religiosas, as suas cartas fossem devolvidas ao mosteiro. Tais factos não descartam a possibilidade de a própria Maria Micaela ter desde logo dado às suas contas de consciência uma estrutura própria de livro, tal como se deduz pela organização do texto em capítulos, vocábulo que a autora vai, aliás, reiterando: "Dou fim a este capítulo, inda que muitas coisas me ficam por dizer, e a maior delas é a admiração que me faz ver a caridade de Vossa Reverendíssima com esta pobre alma, sendo eu tão ruim"[32]; "Irei aqui referindo como meu Senhor me mostrou o que disse no capítulo acima, da matéria dos alentos e queixa amorosa que a alma fez ao Senhor pelos muitos favores que estava recebendo e não saber-se dar a entender"[33] e "Disse-me meu Senhor: "não temas, que toda és minha. Não te lembras que já te dei a mão?". E logo me lembro do que já disse a Vossa Reverendíssima no capítulo do mês de janeiro"[34].

Em alguns momentos desta correspondência, parece até que a autora estaria a proceder à construção do livro sob a revisão do seu diretor espiritual, embora não

---

[30] Como já referido em nota anterior, desconhece-se em que documentos se baseou Borges de Figueiredo para a indicação destas datas. No *Livro de Registo de Óbitos* referente a Odivelas não consta, para a data mencionada por Borges de Figueiredo, a morte de Maria Micaela. Disponível em linha: < https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4810637>.

[31] O ano de início encontra-se mencionado no título do manuscrito. Já o ano que aqui se aponta para o fim da correspondência está assinalado no fólio 238, correspondendo à última menção temporal existente no texto. A despeito de esta menção aparecer no capítulo LII e de o texto apenas terminar no capítulo LIX, assumirei o ano de 1736 como o de término da escrita.

[32] Fl. 12.

[33] Fl. 27v.

[34] Fl. 40.

existam outros indícios que possam sustentar esta hipótese editorial. A ausência deste título no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, obra de referência que reúne títulos de livros publicados até finais do século XIX em Portugal e no Brasil[35], parece confirmar a sua não edição. Todavia, não existe propriamente um paradigma editorial de obras de autoria feminina e, no que diz respeito às autobiografias espirituais, não existe em Portugal nenhuma que tenha visto a luz do prelo, embora tenham sido várias as manuscritas a circular. Para o contexto espanhol, Sonja Herpoel afirma que

> A primera vista, la selección ejecutada por las autoridades parece um tanto arbitraria. As veces sólo el celo del destinatário contribuye a que se publique el texto. Tampoco es impensable que el conocimiento que el Pueblo tuvo de estas monjas contribuyera en larga medida a la edición de su discurso. Sea cual sea la razón, los confesores tienen plena confianza en el impacto que las Vidas tendrán en sus contemporáneos.[36]

Atendendo ao teor místico do manuscrito de Maria Micaela, não é de estranhar que o seu processo de publicação fosse difícil, o que não implica forçosamente que não tenha circulado e sido lido. Desconhece-se também qualquer outra obra, manuscrita ou impressa, redigida pela autora, o que explica o silêncio relativo à sua existência.

Não obstante, urge referir que António Borges de Figueiredo, em 1888, confere, na sua emblemática e importante obra sobre o Mosteiro de Odivelas[37], um capítulo próprio ao manuscrito de Maria Micaela. Embora apenas para criticar o "misticismo", não deixa de ser relevante que esta religiosa e o seu texto sejam mencionados, já que no mesmo índice apenas se encontra a menção a Luísa de Moura (XVII/XVIII), a Feliciana de Milão (XVII/XVIII), a Madre Paula (XVIII) e a Ventura Isabel Dique (XVII/XVIII), todas elas freiras de Odivelas afamadas. Porventura quererá isto dizer que Maria Micaela e o seu texto seriam, à época, conhecidos? Pergunta lícita e a não desconsiderar, mas cuja resposta, pela ausência de evidências e de dados que a tornem algo mais do que uma conjetura, não importa, na realidade, adiantar.

Em todo o caso, é de assinalar que António Borges de Figueiredo defendia que a quebra do voto de castidade (veremos adiante como as freiras de Odivelas ficariam

---

[35] Inocêncio Francisco da Silva – *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo 6. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1862.
[36] Sonja Herpoel – *A la Zaga de Santa Teresa: Autobiografias por mandato*. Amsterdam - Atlanta, GA: Rodopi, 1999, p. 69.
[37] Borges de Figueiredo – op. cit., 1888, p. 287.

famigeradas pelo seu periclitante sentido religioso) estava intimamente ligada à prática mística, já que "aí se encontram provas claras, evidentíssimas de que as voluptuosidades do amor divino degeneravam ou, melhor, se confundiam com as voluptuosidades do amor carnal"[38], afirmando-se como um grande cético relativamente a estas manifestações. Sobre o texto de Maria Micaela, escreve o autor o seguinte segmento, muito conduzido pela sua própria interpretação do fenómeno:

> O livro contém os êxtases e visões que teve Maria Micaela desde a data mencionada no título até ao ano de 1736 pelo menos, pois que o Capitulo III principia "No mês de Janrº do ano de 1736" e não encontrei nele outra data anual posterior a esta. (...) Começando de aí a referir seus arroubos, êxtases e visões, sem interrupção se seguem noticias do que lhe sucedia quotidianamente com o seu "doce esposo", quer de noite quer de dia, já no coro já no refeitório, no leito ou fora dele. Não era o diabo de todo alheio aos casos que lhe aconteciam, como do livro se vê, embora lhe houvesse dado o confessor um ótimo remedio para dele se livrar, conforme a própria freira diz (...) Em cada pagina, em cada linha do livro da Madre Maria Micaela, se manifesta o misticismo, em que o amor, o himeneu divino chegava a confundir-se com o amor, com o himeneu real. Noutras passagens as sensações que a agitam são tais, que ela se exprime deste modo, evidentemente bem realista, apesar das alusões á divindade (...)[39]

Estas palavras de um autor do século XIX indiciam o modo reservado e descrente com que estes textos espirituais das religiosas portuguesas eram e foram olhados. O trecho transcrito permite percecionar o modo como o texto de Maria Micaela foi lido nos séculos posteriores à sua redação (se não também pelos seus contemporâneos). Em virtude da desconfiança entretanto instalada sobre os fenómenos místicos, o verdadeiro legado espiritual e literário da autora não terá sido valorizado, tendo sido mantido no silêncio dos arquivos. De resto, já Isabel Morujão explanou, para o contexto desta escrita realizada sob preceito da obediência e de vigilância espiritual, que

> A matéria destas inquietações espirituais devia ser considerada tão delicada e perigosa naquela época de controlo, suspeitas e vigílias face a eventuais misticismos menos ortodoxos (sobretudo depois dos primeiros condenados por molinosismo, em 1687), que provavelmente foram parar

[38] Borges de Figueiredo – op. cit., 1888, pp. 297-298.
[39] Idem, ibidem pp. 301-302. Grafia atualizada por mim.

> ao fogo as inúmeras cartas que as religiosas portuguesas escreveram aos seus diretores espirituais, mesmo por iniciativa própria e sem os constrangimentos da obediência.[40]

Mais recentemente, João Palma-Ferreira, no estudo introdutório à *Autobiografia* de Antónia Margarida de Castelo Branco[41], elenca algumas biografias/autobiografias portuguesas seiscentistas e setecentistas de enfoque feminino, constando nessa lista o manuscrito de Maria Micaela, embora a menção diga respeito apenas ao título e à cota do códice. Este parece, de facto, não ter sido alvo de grande atenção por parte dos seus contemporâneos, nem tampouco da investigação mais recente.

No respeitante à figura do diretor espiritual a quem se destinam estas contas, a identidade do mesmo, pela lacuna documental, permanece, infelizmente, por apurar. Há, todavia, um dado que o texto possibilita inferir e que importa esclarecer: a despeito do que enuncia o título do manuscrito, não se tratou este, pelo menos não na totalidade do período de cinco anos correspondente à redação desta produção escrita[42], do confessor de Maria Micaela[43], na medida em que a autora executa amiúde a distinção entre ambos. Vejam-se os seguintes trechos: "Estavam os tesouros abertos, logo lhe pedi por Vossa Reverendíssima, e pelo confessor, e por meus irmãos, e isto que conheço dentro da alma é em fogo de amor que aclara a mesma alma";" Perguntei ao confessor se faria eu mal nestas ânsias, ele me respondeu que o Senhor não tinha necessidade de mim, e que esses favores eram para quem fazia grandes coisas por seu amor"[44]; "Mas

---

[40] Isabel Morujão – art. cit., 2011, p. 40.

[41] Cfr. Antónia Margarida Castelo Branco – op. cit., 1983.

[42] Eventualmente, mais para o fim do texto, Maria Micaela, dirigindo-se a Vossa Reverendíssima, redige: "Ó, meu padre confessor, que bem tem que fazer uma alma que vive neste desterro livre e desembaraçada na vontade de tudo visível, posta e patente com todos os seus sentidos só em Deus?"[42]. Também o seguinte trecho revela que este orientador espiritual se tornou, de facto, a dado momento, o seu confessor: "Mas também nesta manhã me deu o Senhor a entender muitas coisas a respeito de algumas que me disse aquele servo de Deus dos padres a quem eu tinha falado antes de vir para a obediência de Vossa Reverendíssima, porque nenhum lhe agradou tanto como foi o confessor que me fez padecer tanto, que eu lhe contei como via estar a minha alma metida entre cadeiras de ferro, livre de perigos, mas não podia voar a Deus, que estava despedaçando-se com os olhos no céu" (Fl. 242v.).

[43] No que concerne à vida monástica ocidental, a despeito de as figuras do diretor espiritual e do confessor se encontrarem frequentemente concentradas numa mesma pessoa, "la labor pastoral com las mujeres, em las Órdenes Mendicantes, suscitó um nuevo tipo de director espiritual, que unía em sí el poder pastoral con la formación teológica. San Ignacio de Loyola, en los *Ejercicios Espirituales*, estabelece una separación entre el ministerio sacramental (la confésion) y el acompañante espiritual que da los ejercicios, y exige con ello que este último posea empatía psicológica". Peter Dinzelbacher et all (ed.) – *Diccionario de la Mística*. España: Editorial Monte Carmelo, 2000, p. 302.

[44] Fl. 13v.

me disse o Senhor que eu fizera padecer muito o meu confessor para amor do mesmo Senhor, no mesmo que me não deixava fazer. Mas o padre nunca tal me disse"[45]. E ainda:

> Porque depois que ele me disse o que eu já disse a Vossa Reverendíssima, que estando com grande tentação de deixar o confessor, não por ele me muito desejar que eu fosse santa, e ele o é na minha estimação, mas por minhas grandes misérias me parecia que já que não podia com [as] obras que o Senhor me dava por meu bem, assim fui à Senhora e lhe disse: "Senhora, eu deixo o padre, que eu não posso." A isto me disse, de repente, como quem tomava por sua conta: "esperemos mais um par de dias". E com isto fiquei em paz, e serenidade e descansada[46];
>
> Em todo o dia me não ficava um bocadinho livre para fazer as obrigações e, depois disso tudo o que ia ajuntando, eram sempre os dias piquenos para mim, inda que de noite tinha muita parte de oração, sempre me faltava tempo em fé, que o meu confessor me foi à mão a isso, que mas tirou todas, que foi para mim um martírio, desejando eu muito não fazer senão o que a obediência me mandava[47];
>
> Este Advento tenho padecido muito e muito mais recebido favores do céu, porque se não fora mandar-me Vossa Reverendíssima comungar todos os dias, que com esse regalo se alenta minha alma e se desfazem os temores. Estando com grandes desejos de fazer deixação de tudo o terreno, me fui confessar e disse-o ao meu confessor, e fui para a oração[48];
>
> Falei ao padre missionário como Vossa Reverendíssima me mandou, e ele me examinou com miudeza e vagar, e eu de tudo lhe dei conta, inda que me custava muito dizer os favores que recebia, por me parecer que dizia bem de mim. Mas ele me levou com tal modo que me deixou consoladíssima, principalmente nas dúvidas e tentações que me atormentavam a respeito daquelas meninas por as ter visto tão santas, que não havia dúvida que se vira nelas que desejavam muito dar-se todas a Deus. Preguntou-me muitas coisas, todas do trato da alma com Deus, e assim me fazia lembrada do que eu estava esquecida, que tudo me parecia com Vossa Reverendíssima. Mas representou-se-me que estava falando com S. Domingos. Pediu-me muito que o encomendasse a Deus e a Nossa Senhora, que ele me permitia de se não esquecer de mim, e que soubesse que Deus me dera a Vossa Reverendíssima pelo muito que eu tinha padecido com o outro confessor, e que devia por obrigação encomendá-lo muito a Deus, pelo grande bem que me fizera em me fazer padecer tanto.[49]

---

[45] Fl. 104.
[46] Fl. 73.
[47] Fl. 127v.
[48] Fl. 26v.
[49] Fs. 241v. – 242.

De resto, tratando-se este manuscrito de um compêndio das cartas dirigidas e remetidas ao seu diretor espiritual, o códice excede, na realidade, a sua vertente a um tempo epistolar e protocolarizada[50]. De facto, nele veicula-se aquela que é a experiência mística de Maria Micaela na sua caminhada para Deus, tornando-se um documento deveras relevante no que concerne à formulação de uma espiritualidade feminina e cisterciense. A este respeito é importante referir que, contrariamente a outras religiosas conhecidas pela sua produção literária impressa[51], o texto de Maria Micaela, não resultando de uma maturidade estilística de escrita, convoca particularidades próprias no que à mística nele patente diz respeito, bem como no concernente ao seu género literário. Regressar-se-á adiante com maior detalhe no capítulo 1.2. da parte II.

Para uma melhor compreensão da paisagem espiritual em que emerge o texto de Maria Micaela, observe-se de seguida, e ainda em jeito contextual histórico, a formação do Mosteiro de Odivelas, o seu desenvolvimento e a ambiência aí vivida no século XVIII.

2.2. O Mosteiro de São Dinis e São Bernardo de Odivelas

Em nota propedêutica, importa ressalvar que o Mosteiro de São Dinis e São Bernardo de Odivelas tem sido, nas últimas décadas, alvo de investigação em diversas áreas, embora os estudos existentes se cinjam, na sua grande maioria, ao período medieval. Com efeito, no que diz respeito à Época Moderna, a sua história permanece um tanto por aclarar, algo que os esforços do recente Grupo de Trabalho para o Centro Interpretativo do Mosteiro de Odivelas (GTCIMO), coordenado por Sofia Boto, irão certamente colmatar, na medida possível da parca documentação existente[52].

[50] Importa referir brevemente que na Idade Moderna é prática corrente a exigência às freiras por parte dos seus diretores espirituais de relatos escritos das suas vivências, por forma a rastrear os seus comportamentos. Adiante retomar-se-á este tópico. Cfr. Asunción Lavrin – Rosalva Loreto – *Monjas e Beatas: La Escritura Femenina en la Espiritualidad Barroca Novohispana: Siglos XVII y XVIII.* México: Universidad de las Américas – Puebla/Archivo General de la Nación, 2012, p. 76.

[51] Tome-se, por exemplo, o caso de Maria do Céu, de Violante do Céu ou de Maria de Mesquita Pimentel.

[52] De facto, a minha experiência em arquivos e em bibliotecas fez-me deparar com a escassez de menções e de documentação relativas ao Mosteiro de Odivelas para o período moderno, o que se traduziu numa das maiores dificuldades enfrentadas no decorrer desta tese. Por exemplo, seria importante, dada a sua proeminência, apurar a identidade e a ordem monástica do diretor espiritual de Maria Micaela, de modo a melhor elucidar os matizes da sua direção espiritual, bem como a sua influência doutrinal na espiritualidade da autora.

Fundado em finais do século XIII por D. Dinis[53] (monarca que foi um "verdadeiro mecenas para com a Ordem [de Cister]"[54]), o mosteiro foi construído na sua Quinta de Vale de Flores, em Odivelas, entre 1294 e 1305[55]. Torna-se, justamente em 1294, após a aprovação do Capítulo Geral, uma nova casa do ramo feminino cisterciense, como relata Frei Francisco Brandão na sua crónica[56]. Não deixa de ser interessante notar que este mesmo cronista vem a registar o ano de 1295 como o ano de fundação do mosteiro, data largamente difundida por vários autores[57], que provavelmente se explica pelo facto de ter sido nesse ano que D. João de Soalhões, Bispo de Lisboa, redigiu a carta de aceitação do mosteiro.

Em todo o caso, a fundação do Mosteiro de Odivelas está desde o princípio investida de uma robusta carga simbólica, não só por ter resultado de um episódio de teor milagroso vivido por D. Dinis[58], mas também por ser a primeira casa religiosa em Portugal a ser expressamente erigida com a finalidade de se tornar uma espécie de panteão régio, isto é, "um espaço simbólico de unificação do Reino"[59]. Ademais, a própria D. Isabel de Aragão terá tido um papel fulcral na decisão da fundação desta casa cisterciense[60].

---

[53] Consultar Bernardo de Brito – *Elogios dos Reis de Portugal com os mais verdadeiros retratos que se puderaõ achar*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1603, pp. 33-38. Disponível em linha: https://purl.pt/14071. Acesso em: 9/03/2023. Ver também: Saúl Gomes (coord.) – *Mosteiro de Odivelas: Documentos Fundacionais*. Odivelas: Câmara Municipal de Odivelas, 2021.

[54] Saúl Gomes – "O Mosteiro de Alcobaça em tempos de crise e de contestação" in Maria Alegria Fernandes Marques – Helena Osswald (coord.) – *Cister: por entre História e Imaginário. Livro Do IX Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões.* São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2014, p. 50.

[55] Para bibliografia geral sobre o mosteiro: António C. Borges de Figueiredo - *O Mosteiro de Odivelas: Casos de Reis e Memórias de Freiras.* Lisboa: Livraria Ferreira, 1889.

[56] Cfr. Francisco Brandão – *Monarquia Lusitana*, Parte V. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1976, p. 218.

[57] Hermínia Vilar Vasconcelos e Maria João Branco apontam o ano 1925 enquanto o ano fundacional: Hermínia Vilar Vasconcelos – Maria João Branco – "O Mosteiro de S. Dinis de Odivelas" in *Actas. Congreso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal*, vol. I, Ourense: Xunta de Galicia, 1992, pp. 589-601. Também Luís Miguel Rêpas defende o mesmo: Luís Miguel Rêpas – "As várias faces das monjas cistercienses em Portugal (1211-1385)" in *Medievalista*, 33, 2023, em linha: http://journals.openedition.org/medievalista/6332.

[58] É justamente Frei Francisco Brandão quem difunde a narrativa segundo a qual D. Dinis terá decidido fundar o mosteiro como forma de agradecimento por ter sido salvo das garras de um urso em Belmonte. O próprio cronista, no entanto, possui certas reservas quanto ao milagre descrito.

[59] Saúl Gomes – "Os Panteões Régios Monásticos Portugueses nos séculos XII e XIII" in *2° Congresso Histórico de Guimarães. Actas do Congresso*, 4. Guimarães: C.M.G. e Universidade do Minho, 1997, p. 283.

[60] Sobre a relação de D. Isabel com Cister ver Giulia Rossi Vairo – "Isabel de Aragão e a Ordem de Cister em Portugal" in José Eduardo Franco – Luís Machado Abreu (coord.) – *Para a História das Ordens e Congregações Religiosas em Portugal, na Europa e no Mundo*. Lisboa: Paulinas, 2014, pp. 287-300.

Apesar das ambiciosas pretensões régias de tornar o Mosteiro de Odivelas um símbolo incontestável da monarquia, que levam D. Dinis a deixar em testamento a sua vontade de aí ser sepultado, a verdade é que esta casa monástica, devido a tensões políticas, apenas brevemente concretizou o seu auspicioso destino entre 1318 e 1322[61].

D. Dinis, aliás, impôs estatutos próprios às religiosas, que anteciparam mesmo decretos papais relativos à clausura religiosa[62]. De facto, eles

> revelam a preocupação do monarca com o cumprimento da Regra de São Bento e da normativa cisterciense, sobretudo no que se refere à clausura, que deveria ser rigorosamente respeitada. Tal preocupação antecipa, aliás, a decretal *Periculoso*, promulgada em 1298, pelo papa Bonifácio VIII, a qual obrigava todas as religiosas (independentemente da Ordem a que pertenciam) a uma vida de estrita clausura, interditando-as de contactar com o mundo, e proibia a entrada no mosteiro de pessoas estranhas à comunidade (com amplas restrições mesmo para os clérigos). Para esse efeito, o monarca estabeleceu princípios rigorosos que as monjas de Odivelas deviam cumprir, de forma a evitar escândalos e situações reprováveis dentro dos espaços.[63]

Não obstante a austeridade e o rigor religiosos pretendidos para o mosteiro, sabe-se hoje como ele viria a ser, sobretudo na Época Moderna, palco das mais variadas disrupções e desvios à norma da ordem religiosa.

De facto, o Mosteiro de Odivelas permanecerá sem dúvida um lugar de visita de monarcas, embora não pelas motivações embrionariamente idealizadas. O mais fulgurante e afAmado caso é o romance entre D. João V[64] e Paula Teresa da Silva, mais conhecida por Madre Paula, não obstante vários serem os cronistas e historiadores[65]

---

[61] Sobre esta problemática consultar Giulia Rossi Vairo – "O Mosteiro de S. Dinis de Odivelas, panteão régio (1318-1322)" in Carlota Santos (coord.) – *Família, Espaço e Património*. Braga: CITCEM, 2012, pp. 433 – 488.

[62] Sobre este assunto ver Luís Miguel Rêpas– "Practise and the *Periculoso* in the Convent of Odivelas (Lisbon): Royal Statutes and Female Enclaustration in Medieval Portugal (c. 1295-1319)" in FONTES, João Luís Inglês Fontes – Luís Filipe Oliveira (coord.) – *Os Territórios da Lisboa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2022, pp. 277-309.

[63] Rêpas – art. cit., 2023, p. 2.

[64] De notar que durante o longo reinado de quarenta e três anos de João V (de 1707 a 1750), o Mosteiro de Odivelas chegou a albergar cerca de trezentas freiras.

[65] A obra já citada de António Cardoso Borges de Figueiredo é um exemplo. Também em Gustavo de Matos Sequeira – *Relação de Varios Casos Notáveis e Curiosos Sucedidos em Tempo na Cidade de Lisboa e em Outras Terras de Portugal, Agora Reunidos, Comentados e dados à Luz.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925, se encontra a menção a Odivelas enquanto um "harém" régio, redigindo o autor um capítulo inteiro intitulado "O Cupido em Odivelas" que relata o estado pecaminoso em que viviam as freiras no mosteiro. Em *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*, Joaquim de Araújo deixa igualmente patente a liberdade de costumes que foi pano de fundo da realidade religiosa do século XVIII. Fonte disponível em linha: https://purl.pt/29051/1/index.html#/1/html Acesso em: 23/10/2023.

que mencionam a existência de diversas relações amorosas entre as religiosas de Odivelas e monarcas, nobres e até mesmo religiosos e confessores. Recorde-se que a própria Feliciana de Milão foi amante de D. Afonso VI.

A título ilustrativo, atente-se no relato de Jean François Bourgoing:

> O convento de Odivelas continha, no reinado d'El Rei D. João V, trezentas religiosas, todas jovens e belas. Tinha cada uma delas um amante conhecido, raras vezes trajavam o vestuário da Ordem. Entregavam-se ao requinte do galanteio, e passavam por ser as mulheres mais sedutoras do país.[66]

A este propósito, Borges de Figueiredo elucida o seguinte:

> As freiras quebravam seus votos, as freiras manchavam os seus véus. Mas de quem era a culpa? Não d'elas.
> Podeis dizer que, se uma mulher proferiu os votos perpétuos por vocação, se torna criminosa quebrando-os, sendo em tal caso ela a única culpada da sua falta. (...) Se a mulher não professou pela chamada vocação, se a coagiram a separar-se do mundo, a culpa então não é já da natureza, mas dos maus que lhe impuseram a sua vontade.[67]

O trecho acima transcrito revela que o ingresso na vida religiosa poder-se-ia realizar amiúde sob coação, e não propriamente por vocação[68], circunstância que a realização das Perguntas obrigatórias e necessárias, levadas a cabo pelo bispado a cada religiosa antes de professar, procurava mitigar e contornar. É caso para dizer que, no respeitante ao Mosteiro de Odivelas, sem grande sucesso.[69]

---

[66] Jean François Bourgoing – *Voyage du Duc du Chatelet en Portugal,* Volume I. Paris, 1801, p. 56.
[67] Borges de Figueiredo – op. cit., 1888, p. 295. Atualizei para o português atual o trecho transcrito.
[68] Uma obra de referência para este debate é a seguinte Anne Jacobson Schutte – *By Force and Fear: Taking and Breaking Monastic Vows in Early Modem Europe.* Ithaca: Cornell University Press, 2011.
[69] Motivada pela literatura monástica de autoria feminina e a questão da agência feminina em espaço conventual, Zulmira C. Santos elabora a pertinente problematização: "Todas estas coordenadas, que envolvem e condicionam os "espaços" de escrita por mulheres, abrem caminho para um conjunto de interrogações formuladas pela mais recente bibliografia e que podem configurar linhas de investigação a prosseguir, ou mesmo a iniciar, e aqui apenas indiciadas: valeria a pena continuar a indagar sobre o eventual caráter "espontâneo" da entrada em religião de muitas mulheres; apesar dos avanços do conhecimento nessa área, sobretudo em termos institucionais, continuar a questionar o entendimento da clausura monástica como eventual espaço de liberdade; prosseguir o estudo dos mecanismos de circulação manuscrita e impressa dos textos de autoria de freiras e monjas, investigar publicações de ocasião difundidas, provavelmente, em número escasso de cópias, em círculos restritos, tentar uma espécie de "taxonomia" das modalidades da escrita por "mandado", dos mecanismos de censura interna e externa , examinar as formas e atributos do exercício do poder dentro e fora de conventos e mosteiros,

Este movimento de progressiva conduta libertina das religiosas é secundado por uma cada vez maior ostentação do mosteiro, adornando-se "o coro da igreja com capelas opulentas de estilo barroco e que vestiu a nudez do gótico com pinturas, espelhos, panejamentos, pratas, ouro e pedras preciosas"[70]. Jorge Cardoso, no seu Agiológio Lusitano, descreve a igreja,

> A qual se compõe de três naves e é tão comprida, que da metade dela se fez o coro com três ordens de cadeiras, capaz de duzentas religiosas. Nele há seis capelas adornadas de riquíssimas peças e notáveis relíquias. Para ornato do divino culto está enriquecido este convento, com grande variedade de peças de prata: (...) e até grades do altar maior, do coro, frontais, panos de púlpito tudo revestido de lâminas de prata, e ultimamente rica Custódia de ouro, a melhor e mais custosa peça de Portugal.[71]

Em 1755, Charles-François Dumouriez afirma no seu relato sobre Portugal que

> Todos os conventos de Portugal tomam por modelo o d'Odivelas, onde trezentas freiras belas e namoradeiras formavam o serralho de D. João V, d'onde saíram todos os bastardos deste rei, e as quais tinham, cada uma, um ou vários amantes, com os quais se distraíam. Estas religiosas enfeitadas, nunca usando dos seus hábitos de religião, cobertas de vermelhão, de moscas e de diamantes, animavam o galanteio o mais refinado, e passavam por serem as amantes mais atraentes dos portugueses nobres.[72]

Parece ser, portanto, evidente, no decorrer da Idade Moderna, a identificação do Mosteiro de Odivelas com um estilo de vida parco em espiritualidade e, pelo contrário, altamente mundano.

---

no sentido da ligação a estruturas exteriores, equacionar as possibilidades de aprendizagem e estratégias educativas relativas ao universo feminino" Zulmira C. Santos – "Escrita conventual feminina: um "arquipélago submerso". Apenas algumas notas" in João Luís Fontes – Maria Filomena Andrade – Tiago Pires Marques (coord.) – *Vozes da Vida Religiosa Feminina: Experiências, Textualidades e silêncios (Séculos XV-XXV).* Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2015, pp. 23 – 29.

[70] Ana Margarida Cabral Mendes de Matos – *Análise histórico-artística do Mosteiro de São Dinis de Odivelas e Contributos para a Recuperação da Flora dos Jardins dos seus Claustros.* Lisboa: Universidade de Lisboa, 2018, p. 36. Dissertação de mestrado.

[71] Jorge Cardoso – *Agiológio lusitano dos sanctos e varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas: consagrado aos gloriosos S. Vicente e S. Antonio, insigns patronos desta inclyta cidade Lisboa e a seu ilustre Cabido Sede Vacante.* Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652-1744, apud Ana Margarida Cabral Mendes de Matos, op. cit., p. 36.

[72] Charles-François Dumouriez – *État présent du Royaume de Portugal en l'Année MDCCLXVI*. A Lausanne: Chez François Grasset, 1755, p. 189, apud Ana Margarida Cabral Mendes de Matos – op. cit., 2018, p. 38.

Com efeito, parece ter sido comum, no século XVIII, o freiratismo. A este respeito demonstra Sóror Maria do Céu grande preocupação na obra de teor pedagógico, alegórico e moralizante, *Metáforas das Flores*, ocupando-se de tal tópico mais especificamente no capítulo "Metáfora XXIV – Do casamento do Sol com a Rosa". Refere a autora que "Todo aquele que se atreve a pôr os olhos nas Esposas de Deus, merece que lhos tirem"[73], num gesto de clara condenação às relações amorosas levadas a cabo por religiosas.

Ana Margarida Cabral Mendes de Matos, na sua dissertação na área da arquitetura paisagista sobre o Mosteiro de Odivelas, a propósito dos séculos XVII e XVIII, defende justamente o seguinte:

> O rei D. João V ordenou remodelações, aumentando os dormitórios e melhorando o refeitório, cozinha e outras dependências, que desvirtuam a anterior simplicidade monástica. Foram também feitas obras na igreja, mas mais no sentido de a embelezar e engrandecer do que por necessidades reais de reparação. A ausência de decoração tão defendida pelos cistercienses é abandonada e substituída pelo excesso de elementos decorativos ao estilo barroco, que são reveladores da ostentação que aqui se vivia.
>
> No decorrer desta época, o mosteiro patrocina festas sumptuosas, com outeiros e concertos musicais e o desapego aos princípios da Regra que se vivia era não só revelado pelo clima de riqueza e ostentação, como também pelas relações amorosas entre freiras e fidalgos, que trouxeram o escândalo e a má fama ao mosteiro.[74]

A despeito de atualmente poucos objetos valiosos se conservarem, parece ser claro, pois, que no decorrer de Setecentos o ambiente luxuoso pautava de facto a vida no mosteiro.

Retomando a figura de Madre Paula, é importante salientar que esta realizou o seu noviciado no decorrer do ano 1717 e os seus votos perpétuos, como era habitual, no ano seguinte. Vem a morrer apenas em 1768. Ora, como se indicou em capítulo precedente, Maria Micaela entra para o mosteiro em 1723, o que significa que foram contemporâneas em Odivelas ao longo de mais de vinte anos. Tal dado importa na medida em que Madre Paula, pela posição de amante régia que viria a ocupar, foi objeto

---

[73] Sóror Maria do Céu – *Histórias Breves e Admiravéis,* Anabela Galhardo Couto (org.). Perugia: Edizioni dell'Úrogallo, 2012, p. 67.

[74] Ana Margarida Cabral Mendes de Matos – op. cit., 2018, p. 37.

de bastante atenção por parte da historiografia (e não só[75]), pelo que, mesmo que apenas indiretamente, o que sobre ela se coligiu poderá iluminar certos aspetos relativos a Maria Micaela[76].

De facto, dada a lacuna documental referente à autora em apreço, é mormente por via de auscultações indiretas que se torna possível reconstituir alguns traços que a esclarecem. É o caso de *Summario de Varia História: Narrativas, Lendas, Biographias*, obra de José Ribeiro Guimarães, onde se encontra uma secção que descreve os aposentos de Madre Paula[77], realizando, por conseguinte, uma aproximação ao ambiente do Mosteiro de Odivelas pertinente para o período em que Maria Micaela lá viveu.

Mesmo desconfiando de possíveis hipérboles narrativas, é lícito considerar o relato acima mencionado porquanto confirma o luxo destes aposentos, cujos tetos eram de talha dourada e onde não faltavam sedas, ouros e pratas, e que, a despeito de serem particulares, são sintoma, na realidade, da riqueza generalizada que se fomentava no mosteiro. Esta ambiência luxuosa, libertina, pomposa e excêntrica (e, nessa medida, desajustada ao despojamento cisterciense) justificará a severidade das críticas que Maria Micaela tece ao longo do seu texto:

> Outro dia, estando para me confessar, uma noviça, digo, para professar uma noviça, quando eu considerei no que nosso Esposo fizera por nós, vi-me como presa dos sentidos no gozo que sentia minha alma, mas logo me deram a entender que chorasse e sentisse as ofensas que lhe faziam as suas esposas[78];
>
> Mas o Senhor não se mostrava alegre, e eu sempre lhe peço muito por todos, mas [sobretudo] pelas suas esposas, que me lastimo muito cuidar que lhe são ingratas[79];

---

[75] Madre Paula é a protagonista do romance de Camilo Castelo Branco, *A Caveira da Mártir*, e o romance histórico de Patrícia Muller, *Madre Paula*.

[76] Para demonstrar que existiam diversos membros de uma mesma família nesta casa religiosa, Borges de Figueiredo elenca algumas profissões decorridas no período em que Maria Micaela estava no mosteiro, indicando os nomes das religiosas e dos seus pais. Tal dado pode ser interessante sob este ponto de vista do confronto. Cfr. Borges de Figueiredo – op. cit., 1888, p. 296.

[77] Cfr. José Ribeiro Guimarães – *Summario de Varia História: Narrativas, Lendas, Biographias, Descripções de Templos e Monumentos*. Estatísticas, *Costumes Civis,Políticos e Religiosas de Outras Eras*, vol. 2, Lisboa: Rolland&Semiond, 1872, pp. 64-71.

[78] Fl. 12v.

[79] Fl. 20v.

> Hoje não é dia de comunhão. Pus o relógio para ter conta com os meus exercícios, que no dia de comunhão estou mais segura porque todo o tempo é de meu amor sacramentado, porque as esposas de Deus, nesta vida, não devem desejar nem buscar outros regalos, nem sustento, nem advertimentos, nem mais riquezas, nem outros cuidados mais que o amor sacramentado, que ele remediará todas as nossas necessidades[80];
>
> Nisto, sinto que o Senhor fala com minha alma, que era o que ia dizendo a Vossa Reverendíssima que se pode pôr dúvida, que é sentir que o Senhor anda conversando com minha alma e como queixando-se de muitas suas esposas, que me parte o coração de dor porque me mostra as limitadas coisas da terra que nos escurecem a luz do céu, onde conheço tudo o que mais lhe agrada e coisas tão leves que nos apartam desta tão ditosa conversação e trato de Deus;[81]
>
> E a passei toda falando o Senhor com minha alma, não por fala que ouvissem os ouvidos do corpo, mas foi tudo uma suspensão de todos os sentidos, e umas queixas que me fazia o Senhor das suas esposas a respeito do que eu já em cima deixo dito das almas que desejam dar-se a Deus e dos seus ministros, que aqui me mostrou de quem era a culpa de não voarmos a Deus desembaraçadamente, que tudo é na[s]cido da pouca caridade que temos connosco mesmas em coisas tão miúdas que nos não custam nada, e nelas está toda as nossa paz[82].

A despeito destas críticas, e de outras que a autora vai apontando ao longo da sua produção escrita, a sua posição manifesta um irremediável desejo de alheamento do que a rodeia: "Disse-me uma serva de Deus, que era boa amiga, que, estando tão atrabalhada, a faziam mestra de noviças, e lhe não falava. E eu estava tão ocupada interiormente, que não tenho uma hora livre para saber o que se passa pelo mosteiro"[83].

Por conseguinte, estabelece-se, naturalmente, uma espécie de tensão entre a vida nesta casa religiosa e a vivência espiritual que Madre Micaela revela no seu texto. Supor de que modo tal terá afetado a sua produção literária e a sua vida espiritual, motivando-a ou reprimindo-a, é matéria nebulosa e que excede os propósitos deste trabalho, que se circunscreve apenas ao que o texto da autora permite deduzir.

A vida desregrada deste mosteiro esteve certamente na base da visita de reforma empreendida por Frei Bernardo de Castelo Branco entre 1724 e 1727[84], data

---

[80] Fl. 120v.
[81] Fl. 147v.
[82] Fl. 245.
[83] Fl. 195v.
[84] Cfr. "Livro de Visita de Reforma que fez no Real Mosteiro das Religiosas de São Dinis de Odivelas o Padre Doutor Frei Bernardo de Castelo Branco" (Ordem de Cister, Mosteiro de São Dinis de Odivelas, liv. 39). Pode ser consultado na base de dados DIGITARQ: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=7582927.

que coincide justamente com a profissão de Maria Micaela nesta casa religiosa. A regularidade normativa dos comportamentos e formas de vestir em Odivelas foi uma das preocupações desta ação de Frei Bernardo de Castelo Branco. De facto, neste documento, o autor reforçará os deveres e obrigações das religiosas, reiterando, por exemplo, o voto de obediência, o voto de pobreza e o voto de castidade, e procurando reparar e sedimentar a austeridade e o rigor de outrora.

Ademais, é de referir que, além dos habituais doces conventuais (marmelada, penhascos, tabefes[85]), produzia-se tabaco no mosteiro, vendendo-o posteriormente ao exterior, facto a que não ficam indiferentes as Visitações de 1747 e de 1780[86].

Como bem assinala Luís Miguel Rêpas[87], não obstante os inúmeros trabalhos académicos levados a cabo a partir de 1990 sobre mosteiros femininos cistercienses, várias lacunas a respeito dos mesmos persistiam. No caso específico de Odivelas[88], para o período medieval, as listas das abadessas e a identificação das restantes religiosas permaneciam imprecisas, facto que a recente investigação de Rêpas veio a colmatar[89]. Mas se é verdade que atualmente os mosteiros femininos da Ordem de Cister se encontram de um modo geral bem estudados no que se refere à Idade Média portuguesa, a dita imprecisão persiste no respeitante ao Portugal moderno. Por exemplo, não estão ainda publicadas as listas das abadessas de mosteiros cistercienses posteriores à primeira metade do século XV, o que apenas confirma, por um lado, a lacuna documental sobre a época em apreço nesta tese e, por outro, a necessidade de um maior e mais aprofundado estudo que verse sobre a vida monástica do período referente à Época Moderna.

Através do documento ainda inédito *Livro dos títulos da eleição das abadessas dos mosteiros das religiosas de ordem de Cister*[90], consegui, todavia, identificar as

---

[85] Borges de Figueiredo – op., cit., 1888, p. 45.
[86] Idem, ibidem, p. 37.
[87] Luís Miguel Rêpas – art. cit., 2023, p.7.
[88] Margarida Isabel da Silva Pinto – *O Mosteiro de Odivelas no século XIV. Património e Gestão*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2000. Dissertação de Mestrado;
[89] O autor trata na sua recente tese de doutoramento documentação do século XIII ao XV relativa aos mosteiros cistercienses femininos. Luís Miguel Rêpas – *Esposas de Cristo: as Comunidades Cistercienses Femininas na Idade Média.* Coimbra: Universidade de Coimbra, 2021. Tese de Doutoramento.
[90] "Livro dos títulos da eleição das abadessas dos mosteiros das religiosas da Ordem de Cister" (Ordem de Cister, Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, liv. 220). Documento disponível na plataforma DIGITARQ:

religiosas que foram abadessas em função no decorrer da permanência de Maria Micaela em Odivelas. Assim, quando a religiosa professou, a abadessa do mosteiro era D. Francisca Maria Corte Real. Como se sabe, o abadessado funcionava por eleição trienal, de modo que, ao longo dos quase vinte anos de vida no mosteiro, Maria Micaela viu o cargo ser ocupado por oito abadessas, cujo elenco é o seguinte:

De 1724 a 1727 – D. Mariana Mascarenhas;
De 1727 a 1730 – D. Eufrásia Antónia de Mendonça;
De 1730 a 1731 (devido à morte da anterior) – D. Maria Madalena da Silva;
De 1731 a 1734 – D. Ana Maria de Sousa;
De 1734 a 1737 – D. Luísa Maria de Moura;
De 1737 a 1740 – D. Maria de Almada;
De 1740 a 1743 – D. Francisca Bernarda Mascarenhas;
De 1743 a 1746 – D. Luísa Maria de Moura[91].

Não deixa de ser curioso o facto de, apesar do seu legado literário, espiritual e doutrinal, Maria Micaela nunca ter ocupado este cargo na hierarquia do mosteiro. Desconheço, no entanto, se alguma vez terá sido mestre de noviças ou escrivã. Através de múltiplas referências à assistência a doentes, é uma hipótese a não descartar que Maria Micaela tenha trabalhado na enfermaria. A título exemplificativo, veja-se o seguinte trecho:

> Há dias que tenho padecido bastantes queixas, enfermidades e opressões de criaturas assistindo a doentes e, dentro na alma, vendo como o Senhor que anda com ela esperando que o corpo acabe o serviço para que a alma descanse nos seus divinos braços.[92]

No que diz ainda respeito à edificação do mosteiro, importa referir que esta foi afetada e em parte destruída pelo terramoto de Lisboa de 1755, sendo a sua arquitetura atual uma miscelânea de diversas épocas. A este respeito o "bosquejo" presente na obra de Borges de Figueiredo[93], pelo autor elaborado, é deveras pertinente porquanto é o

---

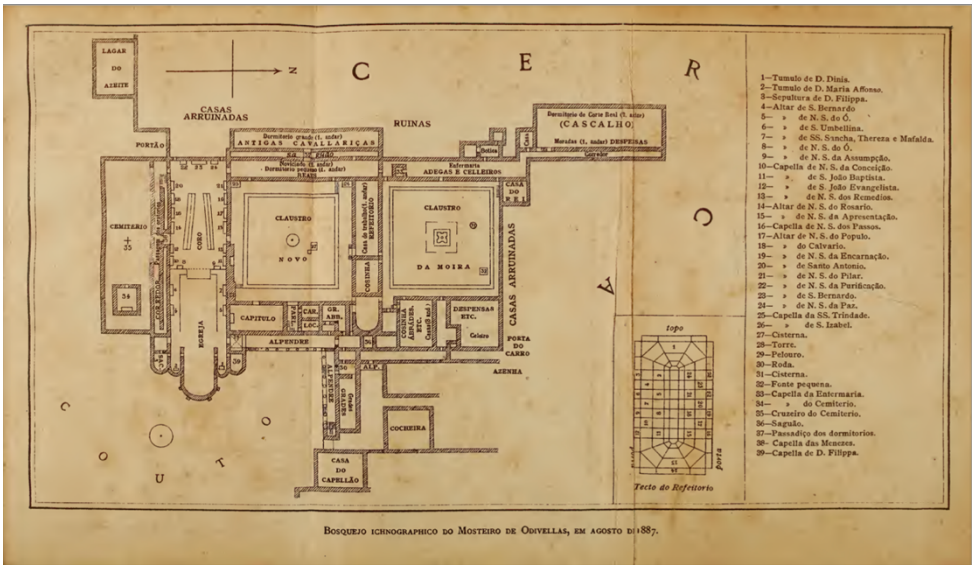
https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4616149. Neste manuscrito documenta-se a eleição das abadessas desde 1604 até 1758.

[91] No anexo 4 da secção Outros Anexos apresenta-se a reprodução dos fólios respetivos à nomeação das abadessas elencadas.

[92] Fl. 128.

[93] Borges de Figueiredo – op. cit., 1888, p. 36.

registo da configuração desta casa monástica mais próximo da época de Maria Micaela de que tenho notícia:



Bosquejo ichnographico do Mosteiro de Odivellas, em agosto de 1887.

Curiosamente, Maria Micaela refere idas ao "vale de flores" ("(...)tomava por desafogo ir-me [a]o vale de flores gritar por meus amores, mas não fui e nesse tempo me apareceu a Vossa Reverendíssima na igreja"[94]), espaço que, apesar de não estar assinalado na planta de Borges Figueiredo, existia, e que dirá respeito, provavelmente, ao terreno contíguo à casa do rei.

Urge ainda mencionar que, posteriormente ao terramoto, houve um incêndio[95] que atingiu, entre outras zonas, o cartório, e que terá destruído muitos documentos, contribuindo para a lacuna documental que atualmente persevera.

2.2.1. Aproximação às leituras em espaço conventual feminino

Nas autorizadas palavras de Marguerite Yourcenar[96], a melhor forma de reconstituir o pensamento de uma pessoa é acedendo à sua biblioteca. Com efeito, as leituras levadas a cabo por freiras no espaço conventual têm sido alvo de cada vez maior atenção por parte da comunidade académica[97], que tem vindo a inserir este campo

---

[94] Fl. 110.

[95] Borges de Figueiredo refere que este incêndio foi posto por duas irmãs que se encontravam recolhidas no mosteiro de Odivelas por mandado do seu pai. Segundo consta, aproveitaram o incêndio para fugir do mosteiro. Ver Borges de Figueiredo – op. cit., 1888, p. 65.

[96] Cfr. Marguerite Yourcenar – *Memórias de Adriano*. Lisboa: Ulisseia, 2012.

[97] Para alguma bibliografia sobre esta matéria: Pedro M. Cátedra – "Lectura feminina en el claustro (España, siglos XIV-XVI)" in Dominique de Courcelles – Carmen Val Julian (ed.) – *Des femmes et des livres, France et Espagnes, XIVe-XVVe siècle: actes de la journée d'étude organisée par l'École normale supérieure*

específico na generalidade da História do Livro, da sua circulação e da sua produção[98]. Neste sentido, são pioneiros os trabalhos de José Adriano de Freitas Carvalho[99], que se ocupa do contexto das clarissas e das franciscanas em Portugal, o de José Mattoso[100], focalizado em acervos masculinos no contexto de Cister português, e o de Isabel Morujão, centrado nos livros existentes nas bibliotecas monásticas femininas portuguesas[101].

Afigura-se, de facto, fundamental para este trabalho a compreensão do universo de leituras monásticas femininas, oral ou *de visu*. Importa ressalvar que o itinerário das leituras femininas *intra murus monasterii* permanece ainda nebuloso apesar dos elencos recolhidos e trabalhados pela investigação mais recente. De facto, são relativamente escassos os inventários de bibliotecas realizados no interior dos mosteiros ou para cumprimento do edital de 1769, face ao altíssimo número de casas religiosas existentes em Portugal entre os séculos XVI e XVIII. Por outro lado, a livro registado não correspondia necessariamente a realidade de livro lido, pelo que a consistência de

---

de Fontenay/Saint Cloud (Paris 30 avril 1998). Paris: École des Chartes, 1999, pp. 7-53; Fernando Bouza Alvarez – "Cultura escrita e história do Livro: a circulação manuscrita nos séculos XVI e XVII" in *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*, n. 9-10 2001/2002, pp. 63-95; Isabel Morujão – "Livros e leituras na clausura feminina de Setecentos" in *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, 2ª série, vol. 19, 2002, pp. 11-170; Paulo J. S. Barata – *Os livros e o Liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003; Paulo J. S. Barata – "As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção" in *Lusitânia Sacra*, vol. 24, 2011, pp. 125-152; Fernanda Maria Guedes de Campos – *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (Séc. XVIII)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015; Fernanda Maria Guedes de Campos – ""Ó livro se te perderes": práticas de circulação, posse e uso dos livros em bibliotecas religiosas" in Ilda Mendes dos Santos – Isabel Almeida (org.) – *República das Letras: Bibliotecas viajantes. Paris: Sorbonne Nouvelle-CREPAL Centre de Recherches sur les Pays Lusophones.* Lisboa: Faculdade de Letras- Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2020, pp. 269-286; Rosa Maria Sanchéz Sanchéz – *Literatura de espiritualidade em contexto feminino. A livraria do convento das carmelitas descalças de S.to Alberto (séculos XVII-XVIII)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2021. Tese de Doutoramento; Fernanda Maria Guedes de Campos – "Feliciana Maria de Milão (1629-1705): na marca de posse o lema de vida" in *Ponto de Acesso*, vol. 16, n.3, 2022, pp.75-101.

[98] Sobre o papel das mulheres na produção de livros ver o capítulo "Presencia e influencia de las mujeres en la producción de libros en la modernidad" de Manuel José Pedraza Gracia presente em Jesús M. Usunáriz – Javier Ruiz Astiz (ed.) – *La Mujer y los Universos Femeninos en las Fuentes Documentales de la Edad Moderna*. Madrid: Dykinson, 2023.

[99] Cfr. José Adriano de Freitas Carvalho – "Do recomendado ao lido. Direção espiritual e prática de leitura entre franciscanas e clarissas em Portugal no séc. XVII" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, vol. 4, 1997, pp. 7-56. Em linha: URL:https://hdl.handle.net/10216/10749.

[100] Cfr. José Mattoso – "Leituras cistercienses do século XV" in *Do Tempo e da História*, 5, 1972, pp. 101-141. Em linha: URL:http://hdl.handle.net/10451/38216.

[101] Isabel Morujão – art. cit., 2002, pp. 11-170.

leituras de cada religiosa se pode na maior parte das vezes aferir apenas pelos ecos de outros autores e obras disseminados nos seus textos. não somente pela arduidade de restituição das bibliotecas conventuais a que adiante aludirei, mas desde logo por aquelas nem sempre serem realizadas diretamente ou por todas as religiosas. Diga-se, ainda, que, numa mesma casa religiosa, se verificavam consideráveis disparidades de competências de leitura e de escrita entre as religiosas[102], que só a prática de leitura comunitária, em voz alta, no refeitório, permitia nivelar. A prática da leitura indireta era amiúde comum, tomando os pregadores, confessores e diretores espirituais o papel de leitores em voz alta[103]. Ademais, as Constituições de vários mosteiros previam o cargo de *lectora*, que seria ocupado por uma freira evidentemente alfabetizada e que seria responsável pela leitura em voz alta de diversas obras às religiosas, nos espaços comuns[104]. No caso do Mosteiro de Odivelas, importa esclarecer que existe de facto um púlpito localizado na parede norte do Refeitório onde esta religiosa estaria a ler em voz alta os textos sagrados no decorrer das refeições.

Rosa Maria Sanchéz Sanchéz, no seu estudo sobre a livraria do convento carmelita de Santo Alberto, em Lisboa, afirma que "Uma biblioteca não é um corpo inerte, tem caráter evolutivo e, como tal, reclama certos cuidados (...) Por sua vez, em último termo, a livraria tem uma utilidade concreta e prática, o que implica a presença mais ou menos assídua dos usuários."[105]

---

[102] Consultar Leila Mezan Algranti – *Livros de Devoção, Atos de Censura: Ensaios de História do Livro e da Leitura na América Portuguesa (1750 – 1821)*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2004.

[103] Maria de Lurdes Correia Fernandes apresenta o caso de Isabel Miranda, tecedeira analfabeta dos Açores, considerada "santa viva" pelas suas virtudes devotas, visionárias e milagrosas, que conheceu várias doutrinas espirituais ao escutar a leitura de obras lidas pelo seu confessor, Brás Soares. Aliás, chegou mesmo a guardar na memória muitas destas leituras. Consultar Maria de Lurdes Correia Fernandes – "A construção da santidade nos finais do século XVI. O caso de Isabel Miranda, tecedeira, viúva e "santa" (c. 1539-1610) in *Actas do Colóquio Internacional piedade Popular: Sociabilidades, Representações, Espiritualidades*. Lisboa: Terramar, 1999, pp. 243-272. Em linha: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/79439. Acesso em 17/10/2023; Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *História Religiosa em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 23.

[104] Cfr. Antonio Castillo Gómez – "Leer en comunidad. Libro y espiritualidad en la España del Barroco" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso,* vol. 7, 2000, pp. 99-122. Em linha: https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3569.pdf. Acesso em 30/04/2022

[105] Rosa Maria Sanchéz Sanchéz – *Literatura de espiritualidade em contexto feminino. A livraria do convento das carmelitas descalças de S.to Alberto (séculos XVII-XVIII).* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2021, p. 26. Tese de Doutoramento.

Ademais, no que diz respeito à descrição do que seriam as bibliotecas monásticas femininas da Idade Moderna e seu respetivo espólio, Paulo Barata refere

> não se tratar de verdadeiras bibliotecas conventuais, mas antes de pequenas bibliotecas de apoio, de conjuntos mais ou menos vastos de livros de suporte às funções e tarefas conventuais. Lá aparecem os livros litúrgicos, os livros de teologia, os livros de Moral, as hagiografias, as biografias de religiosos, os sermonários, os exercícios espirituais, os livros de cantochão, os martirológios, as vidas de Jesus, as Regras, as histórias e as crónicas das ordens religiosas e dos conventos, e diversas outras obras sobre temas religiosos.[106]

Além disso, "parece, ainda, da análise dos inventários, poder constatar-se da exiguidade das bibliotecas conventuais femininas, comparativamente com as dos conventos masculinos"[107].

A despeito de serem relativamente credíveis os elencos do que seriam os espólios conventuais, Margarida Sá Nogueira Lalanda aponta o facto de se detetarem omissões de certas obras nos inventários e catálogos monásticos conhecidos, tornando-se questionável o detalhe e a atenção que estas listas mereceram a quem as elaborou. A mesma autora refere ainda um outro dado fundamental que problematiza e complexifica a questão das leituras em espaço conventual, que é a constatação da existência de empréstimos de livros entre casas monásticas. Por conseguinte, parece ser inevitável concluir que as leituras ocorridas em determinada comunidade e momento nem sempre estão associadas à posse física de determinado livro.

Apesar do "substrato modelador básico" identificado por Isabel Morujão constituído por sessenta e nove obras de espiritualidade comuns a dezasseis mosteiros[108], reconstituir com precisão a abrangência das livrarias monásticas é, ainda, um trabalho em progresso. O decreto da extinção das Ordens religiosas em Portugal em 1834[109] previa a manutenção da vida mosteiro até à morte da última religiosa professa,

---

[106] Paulo J. S. Barata – "As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer" in *Lusitania Sacra*, 24, 2011, pp. 125-152, p. 138.
[107] Paulo J. S. Barata – art. cit., p. 141.
[108] Isabel Morujão – art. cit., 2002, pp. 117-121.
[109] No que concerne às casas conventuais femininas, estas foram extintas de acordo com o disposto nos art.o 1.o e 2.o do decreto de 9 de Agosto de 1833, em conjugação com o disposto nos decretos de 25 de Abril de 1835 e 9 de Janeiro de 1837. Neste sentido, a sua extinção não foi imediata como sucedeu com os seus congéneres masculinos. De facto, proibiu-se a admissão de novas noviças, decorrendo a extinção de cada convento da morte da última religiosa aí professa, o que em alguns casos aconteceu apenas no

o que, em certos casos, se traduziu numa dilação de dezenas de anos, durante os quais muitos documentos foram destruídos, extraviados, alienados, vendidos ou roubados.

A despeito da complexidade acima referida, continuar a investigar nesta área afigura-se um esforço imprescindível para melhor compreender a vivência intelectual e espiritual dos mosteiros femininos, tornando-se tal estudo ainda mais urgente nas casas em que se sabe ter existido uma dinâmica cultura escrita. Verifica-se, de facto, uma estreita ligação entre os processos de leitura e os de escrita, algo reforçado pelas determinações do Concílio de Trento que intentaram proceder a um controlo de ambos. A este respeito, afirma Isabel Morujão que

> Na passagem do século XVI para o século XVII, os esforços tridentinos no sentido de restaurar a clausura feminina estreitaram o leque de leituras permitidas nos conventos, procurando erradicar livros profanos e diminuir ou pelo menos vigiar atentamente a prática do carteio e a posse de instrumentos para a prática da escrita.[110]

Não obstante, como já se disse, a posse de um livro não implica necessariamente a sua leitura[111], é "no âmbito da interação entre ambiente de leitura e realidade social que deve ser perspetivada a questão da leitura nos conventos femininos"[112].

Como declara Margarida Lalanda citando José Adriano de Carvalho:

> Em cada mosteiro houve obras preferidas, que foram as escolhidas pelas melhores - em virtude, evidentemente, que nem sempre em Letras - das religiosas moradoras nessas casas. Evidentemente também, essas obras são, em muitos casos, apenas algumas das que elas leram... As que tiveram por bem de nos informar nos seus escritos ou as que selecionaram os seus biógrafos... Os cronistas, por sua vez, encarregaram-se ainda de esquecer algumas dessas... [Assim vamos vislumbrando] como se ia fazendo a seleção das leituras, escolha em que a orientação de diretores espirituais e de confessores foi, não poucas vezes, acompanhada

---

século XX. Sobre este tópico *consultar a* entrada "Conventos" de Maria José Mexia Bigotte Chorão in Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *Dicionário de história religiosa de Portugal*, vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 25 e Fortunato de Almeida – *História da Igreja em Portugal, vol. 3.* Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1970, pp. 145-147.

[110] Isabel Morujão – "Entre a voz e o silêncio: literatura e espiritualidade nos mosteiros femininos" in *Rever: Revista de Estudos da Religião*, n. 1, 2011, pp. 37 – 38.

[111] Cfr. Guillaume-Alonso Araceli – "Des bibliotheques feminines en Espagne (xvi^{e}-xvii^{e} siècles)" in op. cit., 1999, p. 62.

[112] Isabel Morujão – art. cit., 2002, p. 112.

> _quando não equilibrada_ pela influência de certas personalidades gozando da fama de grandes virtudes e santidade.[113]

Nas autorizadas palavras de Santa Teresa de Jesus, encontra-se justamente a seguinte recomendação às prioresas: "Tenga cuenta la priora com que haya buenos libros (...) porque es en parte tan necessario este mantenimiento para el alma, como el comer com el cuerpo"[114]. Também Frei António das Chagas, nas suas emblemáticas *Cartas Espirituais*, aconselha a leitura de obras devotas às religiosas[115], por forma a colmatar a pontual e eventual ausência da sua direção espiritual. A própria Maria Micaela reconhece: "A lição espiritual, ler cada dia um pouco da doutrina cristã, que é muito necessário para todos"[116]. A leitura era observada sob a égide do aperfeiçoamento espiritual, assomando enquanto exercício sadio destinado ao processo de promoção e de afinamento da santidade que se visava alcançar.

Com efeito, José Adriano de Freitas Carvalho aduz que no século XVI se recomendava pelo menos uma hora de leitura diária em ambiente conventual feminino[117], a qual era executada normalmente em comunidade. É bem possível, pois, que, além da biblioteca (ou do que por tal se entendesse em contexto monástico feminino), existissem livros em espaços comuns dos mosteiros, como o coro, o refeitório, o claustro[118] ou as arcas, os armários e os cartórios[119]. Segundo Antónia Fialho Conde e Margarida Sá Nogueira Lalanda,

> Nos mosteiros femininos estava prescrito trabalho obrigatório corporal e de humildade (nomeadamente limpezas), e intelectual, podendo ou devendo (consoante as *Regras*) este último desenvolver-se num espaço comum e ser referido como "o antigo, e louvável costume de se juntarem na casa do lavor nas ocupações do seu honesto trabalho, entretendo neste praticas espirituais, e lição de livros devotos#. Tanto aqui como no refeitório havia sempre, enquanto a

---

[113] Apud Margarida Lalanda – "Leitura e mediação de freiras de clausura" in *Ponto de Acesso*, vol. 8, n. 2, 2014, p. 72. Em linha: www.pontodeacesso.ici.ufba.br. Acesso em: 12/04/2022.
[114] Apud María Dolores Pérez Baltasar – "Saber y creación literaria: los claustros femininos em la Edad Moderna" in *Cuadernos de História Moderna*, n. 20, 1998, p. 136. Em linha: http://revistas.ucm.es/index.php/CHMO/article/viewFile/CHM O9898120129A/23326. Acesso em: 12/04/2022.
[115] Cfr. António das Chagas – *Cartas Espirituais,* Isabel Morujão (ed.). Porto: Campo das Letras, 2000.
[116] Fl. 53v.
[117] Cfr. José Adriano de Freitas Carvalho – art. cit., 1997, p.23
[118] Ver o já citado artigo de Pedro M. Cátedra, 1999, pp. 7-53.
[119] Isabel Morujão – art. cit., 2002, pp. 11-170.

> comunidade aí estava, uma religiosa, substituída semanalmente, encarregada de ler em voz alta para todas um texto edificante (como a biografia de alguém com fama de santidade) ou normativo (a *Regra* ou as *Constituições* da Congregação ou Ordem, as Atas dos Visitadores).[120]

José Adriano de Freitas de Carvalho refere ainda que

> dadas as condições de vida retirada que levavam (...) as leituras das religiosas dependiam de fatores que vão desde as existências bibliográficas na casa até à possibilidade –que pode ser oportunidade –de aquisição dos textos, passando pelo conselho do diretor ou pela obediência à mestra de noviça.[121]

Dependendo as leituras de supervisão[122], e sendo competência das abadessas "zelar e preservar de olhares não preparados certos livros só reservados para estados de vida espiritual mais adiantada"[123], elas podiam assumir uma modalidade individual, verificando-se ainda a hipótese de cada freira possuir livros pessoais.

De resto, importa não perder de vista o facto de que a leitura monástica podia significar efetivamente "ler" ou "ouvir ler". A reconstituição dos modos de leitura monástica não pode, pois, alhear-se de todas estas possibilidades que integram os processos de leitura da época, que podiam concretizar-se no silêncio ou vocalmente, em isolamento ou em comunidade, *de visu* ou por interposta pessoa. Defende Margarida Lalanda que

> o objetivo dos textos piedosos e normativos conventuais é exatamente o mesmo das leituras em voz alta no refeitório ou na casa de trabalho, tal como o das leituras individuais silenciosas, o dos sermões e textos sagrados ouvidos na igreja, e bem assim o das imagens pictóricas ou esculpidas, o das orações cantadas, o das representações teatrais e o das sessões de confissão ou de direção espiritual: ensinar e dar exemplo, mostrar o caminho a seguir para uma maior proximidade de Deus e para a salvação face aos perigos do mundo e às fraquezas individuais.

---

[120] Antónia Fialho Conde – Margarida Sá Nogueira Lalanda – "Vida monástica feminina e expressões de criatividade e cultura em Évora no período pós-tridentino" in *O Claustro e o Século: Espaços, Fronteiras e Identidades.* Évora: Publicações do Cidehus, 2020, pp. 6 – 7. Em linha: http://books.openedition.org/cidehus/10347 Acesso em: 27/06/2022.

[121] Cfr. José Adriano de Freitas Carvalho – art. cit., 1997, pp. 16-17.

[122] Para uma compreensão das leituras femininas em sentido lato e as suas restrições ver Maria de Lurdes Correia Fernandes – *Espelhos, Cartas e Guias: Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica (1450-1700).* Porto: Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995, pp. 125 – 127.

[123] Cfr. Isabel Morujão – art. cit., 2002, p. 135.

> Sendo a finalidade sempre a mesma, o instrumento a que se recorre – voz, escrita, imagem – depende do público específico que se pretende atingir em cada ocasião.[124]

Além disso, ler podia querer dizer "recitar de memória"[125], instituindo-se a capacidade mnemónica como uma ferramenta não somenos importante. Na sua obra sobre os modos de leitura entre os séculos XVI e XVII, Margit Frenck declara que "no existía una gran diferencia entre la lectura de un texto registrado en el papel y la de uno guardado en la memoria"[126]. Poder-se-ia dizer que o retorno ao coração, isto é, o apelo à recordação capaz de (re)conduzir as religiosas a Deus principiava, de certo modo, no ato de ler, produzindo então uma espécie de reverberação no caminho espiritual de cada uma.

2.2.2. Aproximação à livraria do Mosteiro de São Dinis e São Bernardo de Odivelas

No que concerne ao acervo do Mosteiro de Odivelas[127], a sua arrecadação ocorreu em maio de 1887, tendo os seus espécimes sido transferidos no ano seguinte para a Biblioteca Nacional. De entre estes, cerca de trinta e dois livros litúrgicos e de cantochão foram levados abusivamente para o Convento de S. Vicente de Fora[128].

O "Inventário dos livros encontrados no suprimido Convento de São Dyonisio de Odivellas"[129] lista as obras encontradas no mosteiro após a sua supressão. De entre estas, selecionei os títulos cuja data de publicação é anterior à morte de Maria Micaela e que, portanto, possuem maior grau de probabilidade de terem integrado a livraria do

---

[124] Cfr. Margarida Lalanda – art. cit., 2014, p. 66.
[125] Refira-se o caso apontado por Margarida Lalanda, o de Teresa da Anunciada, clarissa no Convento de Nossa Senhora da Esperança, nos Açores, que decorou um livrinho da Santa Brígida, só o lendo apenas mais tarde.
[126] Margit Frenk – *Entre la Voz y el Silencio: La Lectura en Tiempos de Cervantes*. Madrid/Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 1997, pp. 48 – 49.
[127] A este propósito consultar o já citado artigo de Fernanda Maria Guedes de Campos – art. cit., 2022, pp.75-101.
[128] Paulo J. S. Barata – op. cit., 2011, pp. 128-129.
[129] Inventario dos livros encontrados no supprimido Convento de São Dyonisio de Odivellas, in *Relações de livros e manuscritos recolhidos na Inspecção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos*, BN/INC/DLEC/33/Cx09-01.

mosteiro no período em que a religiosa nele viveu e, por conseguinte, de terem sido lidos por ela[130]. Segue abaixo a listagem pela ordem do catálogo[131]:

- *Catholico no Templo*, [Lisboa], por frei Manuel de Deus, 1742;
- *Delícias do Coração Catholico, o Suavissímo Menino Jesus*, por padre Manuel da Consciência, 1732;
- Reformação Christãa do Pecador e do Virtuoso, por padre Francisco Castro da Companhia de Jesus, 1716;
- Pecador Convertido no Caminho da Verdade, por frei Manuel de Deus, 1728;
- Sanctuário Mental com as Meditações para todo o ano, por padre António Carneiro, 1714;
- Combate Espiritual, obra em espanhol incompleta, por padre D. Roman, 1737;
- Combate Espiritual, por padre D. Lourenço Scupoli, 1707;
- Escada Mystica de Jacob, por padre Paulo Cardoso, 1720;
- Espelho da Perfeita Religiosa, por frei José de Jesus Maria, 1718;
- Vida de Santa Thereza de Jesus, obra em espanhol, por António Álvares, 1616;
- Caminho da Perfeição, por Santa Madre Thereza de Jesus, 1562;
- Cartas de Santa Madre Thereza de Jesus, obra compilada por ordem de Frei Diogo de Assumpção, 1661;
- Desengano dos Pecadores, por Alexandre Perrier, 1735;
- Cartas Directivas e Doutrinaes, impressas em portuguez, por frei Manuel Velho, 1720;
- Ditames para a Vida Religiosa, traduzido em portuguez, por frei João Barbarica, 1721;
- Theatro Crítico Universal, por frei Benito Jerónimo Feijoo, 1726 - 1740;
- Espelho da Disciplina para criação dos noviços, por Dr. S. Boaventura, 1740;
- Virtuosa Vida e Santa Morte da Princeza D. Joanna, por Fernando Correia de Lacerda,1674;

[130] Para o acesso à totalidade dos títulos do catálogo, ver anexo 5 da secção Outros Anexos.
[131] Já que muitas destas obras são citadas e catalogadas com a grafia da época, optou-se por a conservar, fazendo-se alterações apenas quando os títulos, os autores ou as datas de publicação estavam errados ou incompletos.

- Desenganos Mysticos, por frei João Pacheco, 1735;
- Diferença entre o Temporal e o Eterno, por Padre João Eusébio Nieremberg, 1701;
- Primazia Seráfica na Regiam da América, por frei Apolinário da Conceição, 1733;
- Espelho de Religiosos [em o qual vendose e compondo-se as pessoas religiosas, poderão com o favor divino, chegar com facilidade à perfeição], por frei Afonso da Cruz, [Lisboa: Oficina de Pedro Craesbeeck], 1622;
- Retiro Espiritual, por José Altamirano, 1741;
- Regra de S. Bento, 1728;
- Imitação de Christo, por Thomaz Kempi, 1729;
- A Conversão Miraculosa da Felice Egypcia Penitente Sancta Maria, sua vida e Morte, Composta em Redondilhas, por Leonel da Costa, [Lisboa: Geraldo da Vinha], 1627;
- Vida Religiosa para as Eclesiásticas e Seculares, por frei José da Silva Boaventura, 1741;
- O Mundano Constrangido, por frei José António, [Lisboa], 1735;
- Martyrologium Romanum, 1701;
- Mística Cidade de Deus, por Maria de Jesus de Ágreda, 1720;
- Moradas de Santa Theresa, 1679;
- Compêndio de Orações, por Thomaz de Jesus, 1615;
- Palestra da Penitência, por Jyrónimo de Belém, 1736;
- O Santo Exercício da Presença de Deus, 1734;
- Livro Ordinário do Offício Divino e Cerimónias da Ordem de Cister, por frei Arsénio da Paixão;
- Meditações da Santíssima Paixão de Christo, por padre Bertho Lamy, 1679 n. 96
- Offícios da Ordem de Cister, por frei António da Castanheira, 1691;
- Casos Raros de Confissão, por padre Christovão da Veiga, 1671;
- Processionais e Cerimonial das Principaes Festas do Culto, 1732; n100
- Offício do Santíssimo Sacramento, 1741;
- Matinas para acompanhar, 1721;
- Prática do Serviço de Santo Ignácio, por Sebastião Izquierdo, 1698;

- Introducção à Vida Devota, por S. Francisco de Salles, 1726;
- Manual de Exercícios Espirituais, por padre Thomaz [de Villacastín], 1712;
- Offícios de S. Bernardo, 1727;
- Offícios de S. Bernardo e Benedito, 1714;
- Desejos Piedosos de uma Alma Saudosa, por frei José Pereira Veloso, 1688;
- Livro Ordinário do Offício Divino, 1639;
- Thesouro Carmelitano, por frei José de Jesus, 1730 e 1705;
- Novena de Maria Santíssima, por padre Manoel Consciência, 1713;
- Grito das Almas no Purgatório, por padre José Boneta, 1703;
- Carta de Marear, por frei António do Rosário, 1717;
- Offícios da Semana Santa, 1705 e 1721;
- Declaração dos Sete Psalmos Penitenciaes, por padre Pedro de Vega, 1606;
- Symbolo da Fé, por Dr. Avellard, 1582;
- Obras do padre Mestre S. Jyronimo da Madre de Deus, 1716;
- Livro de Adorações e Meditações Mysteriosas da Nossa Fé, por padre frei Luíz de Granada, 1615;
- Prado Espiritual, por frei João Bazílio, 1674;
- Desenganos Mysticos, por frei António Arbiol, 1724;
- Prática do Amor de Deus, por D. Francisco Carvalho, 1736;
- Caminho da Oração, por padre Francisco António Thomaz, 1705;
- Favor do Rei do Céu, por frei Pedro Navarro, 1622;
- Itinerário da Terra Santa, por frei Pantaleão d'Aveiro, 1721;
- Rosa de Nazareth, por Alexandre de Gusmão, 1715;
- Livro de Fundação de Irmãs Descalças, por Santa Madre Thereza de Jesus, 1649;
- Sermões de Jeronymo Ribeiro no Monte Sinay, 1684;
- Cartas Espirituaes, por Frei António das Chagas, 1684;
- Escudo da Alma contra o pecador, por padre frei Álvaro Carneiro, 1679;
- Exercícios Espirituaes e Meditações da Via Purgativa, por padre Manoel Bernardes, 1686;
- A Águia do Império, por Francisco de Santa Maria, 1687;
- Fé Estabelecida Sobre a Cruz de Christo, por frei Roque de Santa Thereza, 1698;

- Guia Espiritual da Oração e Meditação, por padre Luíz da Ponte, 1614;
- Obras do Venerável Padre frei Juan de La Cruz, 1672;
- Rosas do Japão, por frei Agostinho de Santa Maria, 1724;
- Offícios da Ordem da Santíssima Trindade, 1685;
- Instrucção das noviças de Cister, 1625;
- Costumes Cistercienses, 1555;
- Desengano de Religiosas e Almas que Tratam da Virtude, por Sóror Maria de la Antigua, 1678;
- Vida de Cristo, 1596;
- Mystica Cidade de Deus, Maria de Jesus Ágreda, 1722;
- Alcobaça Illustrada, por Frei Manuel dos Santos, 1710;
- Missal Cisterciense para Uso as Sagrada Congregação de São Bernardo, 1741 e 1641;
- Psalterio Davidis, 1644 e 1723.

É de notar especialmente o título listado no número cinquenta e três, que se reporta a "manuscritos sobre vidas de santas, cópias feitas pelas religiosas". Trata-se de um apartado curioso que, todavia, não está preenchido, ficando-se sem saber concretamente quais as vidas de santas existentes no mosteiro e se se trataria, nalgum caso, da vida de religiosas do mosteiro falecidas em odor de santidade. Por outro lado, chama-nos a atenção a atividade de cópia realizada no interior desta casa monástica, assegurada pelas suas religiosas.

No seu artigo referente a Feliciana de Milão[132], Fernanda Maria Guedes de Campos coloca em apêndice algumas obras pertencentes à livraria do extinto mosteiro identificadas pela autora nos fundos da Biblioteca Nacional de Portugal, e que, por motivos de confronto com a listagem acima apresentada, de seguida exponho[133]:

Manuscritos:

[132] Ver o já citado artigo de Fernanda Maria Guedes de Campos – 2022, pp.75-101.
[133] Pelos motivos já expostos, apresentamos apenas os títulos cuja data é anterior à morte de Maria Micaela.

- Antifonário do comum dos santos [Música manuscrita]. No f. [110]: “Este livro mandou fazer a muyto Magnifica Senhora a Senhora Dona Violante Cabral Abadessa deste Moesteiro d'Odivellas. Acabousse a xij de ffebreiro de M e bc. xxxvbj Annos / Medina”, 1536.
- Antifonário santoral [Música manuscrita]. Produzido entre 1501 e 1525.
- Antifonário temporal [Música manuscrita] [hinário temporal]. No Explicit (f.165 v).: «Este liuro mandou fazer a muito virtuosa Senhora dona Violante Cabral Abadessa deste mosteiro de Odivellas ho qual se acabou no mes de Octubro Era de mil quinhentos e xxv. Anno nono meses nove (sic), dias xv», 1525.
- Antifonário temporal [Música manuscrita]. Produzido entre 1526 e 1550.

Impressos:

- Bíblia AT. Salmos - Psalterium Davidis, cum canticis sacris & selectis aliquot orationibus... Antuerpiae: ex Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1683. Tem o carimbo Odivellas e marca manuscrita na contracapa: “Ignez Margarida do Nascimento”.
- Gritos das almas no purgatorio, e meyos para os aplacar [por]Joseph Boneta, porcionario da Metropolitana Igreja de Çaragoça; [trad.] padre Manoel de Coimbra, clerigo sacerdote do Habito de S. Pedro, por José Boneta y Laplana, Lisboa: na Officina de Antonio Pedrozo Galrão, 1703.
- Virtuosa vida, e sancta morte da Princesa Dona Joanna: reflexões moraes, e politicas sobre sua vida, e morte. Lisboa : na Impressaõ de Antonio Craesbeeck de Mello Impressor da Casa Real, por Fernando Correia de Lacerda, 1674.
- Livro ordinario do officio divino, e ceremonias da Ordem de Cister, da Congregaçaõ, & observância de S. Maria de Alcobaça. Novamente reformado, emendado, & acrecentado pelo Reverendissimo Padre Fr. Arsenio da Paixaõ, religioso da mesma Ordem...[Liturgia e ritual próprios da Ordem de Cister]. Em Lisboa: por Manoel da Sylva impressor, [1]639.
- Officia Ordinis Cisterciensis, antes ordenado pelo Reverendo Padre Frey Antonio da Castanheira... a devotas petiçoens da muito religiosa Senhora Catherina Teixeira. E agora de novo impresso por mandado da senhora D. Feliciana Maria

de Millaõ Prioresa do dito Mosteiro... Lisboa: na Officina de Domingos Carneyro, 1691.

- Ordo ad inungendum infirmum & ad communicãdum atque ad mortuum sepeliendum secu[n]dum Cisterciensis Ordinis consuetudinem[Liturgia e ritual próprios da Ordem de Cister]. Conimcricae [sic]: excudebat Ioãnes Aluarus, 1555.
- Itinerario da Terra Santa,e suas particularidades...Lisboa Occidental : na Officina de Antonio Pedrozo Galram, por Pantaleão de Aveiro, 1721.
- Desejos piedosos de huma alma saudosa do seu divino esposo Jesu Christo: divididos em varios emblemas para antes da confissaõ, & antes, & depois da sagrada cõmunhão : com hu[m]as advertencias para o mesmo intento; em cada emblema leva hum cantico, composto pelo Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, por José Pereira Veloso, Lisboa : na Officina de Miguel Deslandes, impressor de S. Mag. 1688.

Pela minha parte, localizei ainda, na mesma Biblioteca Nacional, as seguintes obras provenientes da livraria do Mosteiro de Odivelas, ampliando o elenco anterior:

- Locucion de Dios al Coraçon de el Religioso en el Retiro Sagrado de los Exercicios Espirituales, Compuestas em Latin por el R. Padre Daniel Pawlowski de la Compañia de Jesus, Traducida em Catellano por um Religioso de la misma Compañia, por Daniel Pawlowski, Lisboa: impressão de António Pedroso Galrão, 1736[134]. Possui carimbos de diferentes conventos e marcas de uso de diversos religiosos[135], entre eles uma religiosa de Odivelas, Sóror Maria Jozefa do Menino Jesus.
- Instruccion de Noviciados Cistercienses de la Congregacion de San Bernardo y Observancia de Castilla; y Meditaciones de los Principales Mysterios de Nuestra Santa Fè, para el Exercicio de la Oracion por el Venerable P. Fr. Froylan de Urosa,

[134] Ver: https://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1I95M52631A18.148081&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!1273806~!4&ri=1&aspect=basic_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Ordem+de+Cister.+Mosteiro+de+S?+Dinis+e+S?+Bernardo+(Odivelas)&index=AUTHOR&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=1

[135] De facto, os livros circulavam entre conventos.

por Froilán de Urosa, Valladolid: Impresso por Antonio Figueroa, 1679. Apresenta carimbo de Odivelas.

- Liber Hymnorum [música manuscrita], produzido entre 1526 e 1575.

Destas obras localizadas por Fernanda Maria Guedes de Campos e por mim, destaco a curiosidade dos livros de hinos e dos antifonários, na medida em que a vida mística de Madre Maria Micaela se manifestou amiúde em contexto de celebração da missa ou do ofício divino, durante os quais se cantava e tocavam instrumentos, como no capítulo 1.2.6 da parte III se referirá.

A Biblioteca Nacional possui ainda um "Inventário de extinção do convento de São Dionísio de Odivelas de Lisboa"[136], o qual, como o título autoexplicativo elucida, inventaria os bens movéis existentes no mosteiro aquando da sua dissolução, sendo possível através dele recuperar também alguns títulos (bem como confirmar outros) que integravam a livraria. Entre estes encontra-se um manuscrito dos Evangelhos elaborado e desenhado por D. Filipa de Lencastre, que foi legado ao mosteiro após a sua morte[137], juntamente com outros livros e outros haveres. Neste inventário constam ainda breviários da Ordem de Cister, livros de usos e cerimónias cistercienses da congregação de Santa Maria de Alcobaça, biografias, hagiologias, regras monásticas, textos místicos e orações. Segue-se abaixo a lista dessas obras[138]:

- Trabalhos que Jesus passou desde a hora em que foi concebido até à sua prisão, de Frei Tomé de Jesus;
- Cartas de Santa Madre Teresa de Jesus (impresso em espanhol);
- Diferença entre o temporal e o eterno, de João Eusébio Nieremberg;
- Carta de Marear, de António do Rosário;
- Imitação de Cristo, de Tomás de Kempis;
- Grito das almas no purgatório, de José Bonet;
- Itinerário da Terra Santa, de Frei Pantaleão de Aveiro;

[136] "Inventário de extinção do convento de São Dionísio de Odivelas" (PT/TT/MF-DGFP/E/002/00082). Documento disponível em linha: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4224427.
[137] Aquando da extinção do mosteiro, este manuscrito, como tantos outros, foi levado para o paço de São Vicente de Fora. Cfr. Borges de Figueiredo – op. cit., 1888, p. 220.
[138] Na lista não colocamos a distinção (comum à época) entre "manuscritos" e "impressos/livros" já que a mesma não surge especificada no documento consultado.

- Notícia dos custosos meios por onde veio a Portugal a Ordem de São Salvador, de Sóror Mariana Josefa;
- Compromisso da Irmandade do Santíssimo do Real Mosteiro de São Diniz de Odivelas, da Irmandade de Passos.

As considerações que se oferecem a propósito destes inventários sustentam a fiabilidade do inventário primeiramente mencionado das obras pertencentes ao mosteiro de São Dinis de Odivelas no exato momento da sua extinção. Mas o confronto destas diferentes fontes entre si, embora confirme a maioria dos títulos inicialmente elencados, revela, também, alguma discrepância que urge interpretar. Os exemplares não registados aquando da exclaustração significarão algum desleixo e pressa na elaboração do catálogo? Ou tratar-se-á da perceção do movimento de alienação de bens que teve lugar entre 1834 e 1887, data em que se procedeu ao inventário dos livros existentes no edifício? Esta última hipótese é deveras provável, sendo, portanto, possível que os exemplares concretos existentes na Biblioteca Nacional de Portugal sejam provenientes de particulares ou de entidades que os tenham adquirido ao mosteiro, pois, como se sabe, espólio móvel vário foi vendido de modo a garantir a subsistência das casas religiosas femininas que, após 1834, tiveram de se sustentar sem recurso a qualquer tença, doação ou contributo[139]. Uma nota ainda para o facto de o terramoto de Lisboa de 1755, bem como um incêndio posterior, terem afetado o Mosteiro de Odivelas, resultando na destruição de espólio vário.

No que diz respeito aos temas, conteúdos e autores destes inventários dos livros, eles alinham-se, de um modo geral, ao paradigma das livrarias monásticas da época[140]. Verifica-se a usual presença de obras litúrgicas, neste caso para uso cisterciense, "dando

[139] Maria de Lurdes Correia Fernandes, na sua recente obra dedicada à livraria do Mosteiro de Santa Maria de Arouca, reconhece precisamente este facto, ressalvando que o caso do Mosteiro de Arouca é um tanto único a este respeito já que nele se conservaram *in loco*, após a exclautração, a grande maioria das obras aí existentes. Ver Maria de Lurdes Correia Fernandes – *Cultura Escrita, Património Documental e Espiritualidade monásticas feminina (Séculos XV – XIX): A "Livraria" do Mosteiro de Santa Maria de Arouca, O. Cister*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2023.

[140] Ver a obra supracitada de Maria de Lurdes Correia Fernandes e também Aurelia Ionel – *A Livraria do Convento de Nossa Senhora da Serra da Arrábida 1545 – 1835*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2019. Dissertação de Mestrado; André Pequeno dos Santos – *Entre Livros e Estantes: a Livraria do Mosteiro de São Bento da Vitória à Luz do Inventário de 1769*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade Lisboa, 2019. Dissertação de Mestrado e, ainda, a já mencionada tese de Doutoramento de Rosa Maria Sánchez Sánchez, 2021.

resposta a ritos, cerimónias e práticas devocionais coletivas, de acordo com o calendário litúrgico e as suas horas canónicas"[141], bem como de obras referentes a literatura de espiritualidade. Neste plano, sobressai a previsível e comum pegada carmelita, em geral, e teresiana, em particular, o que sustenta a viabilidade destas influências carmelitanas sobre a obra de Maria Micaela de São Bernardo, mas também a – à época abundantemente editada – obra de María de Jesús de Ágreda. Ainda neste sentido, verifica-se a presença de outros autores que usufruíram de grande difusão nos séculos XVII e XVII em contexto monástico feminino, como Tomás de Villacastín e António Arbiol. Nestes inventários, prevalece, também, uma pegada franciscana, jesuíta e agostiniana.

De resto, importa assinalar a obra catalogada como "Favor do Rei do Céu" de Frei Pedro Navarro (O. P.), cujo título completo é, na realidade, "Favores de el Rey de el Cielo, hechos a sua esposa la Santa Juana de la Cruz, Religiosa de la Orden tercera de Penitencia de N. P. S. Francisco. Con anotaciones theologicas y morales a la historia de su vida"[142], já que a mesma foi alvo de um processo inquisitorial. Com efeito, Pedro Pinto, no seu estudo que reúne, de vinte e três bibliotecas e arquivos, o inventário documental pertencente ao arquivo do Tribunal do Santo Ofício, identificou precisamente este título num processo aberto pela Inquisição: "Memorial e queixa das Inquisições de Portugal contra o Padre Frei Pedro Navarro, da Ordem de São Francisco, castelhano, e contra o livro que compôs de Sóror Joana da Cruz [S.l., s.d.]" (Códice 1533)"[143]. Esta obra, redigida sobretudo no contexto do esforço de beatificação de Joana da Cruz, relata as suas visões, êxtases e milagres, apelando à autenticidade dos mesmos e enfatizando a sua morte em odor de santidade. Causas políticas e do âmbito da generalizada desconfiança sobre o fenómeno místico estiveram certamente na base da queixa submetida à Inquisição[144]. A prevalência da obra no acervo do Mosteiro de

[141] Maria de Lurdes Correia Fernandes – op. cit., 2023, p. 61

[142] Impressa em Madrid por Thomas Iunti, em 1622. Ver Pedro Tavares – op. cit., 2002, nota 74 da página 293.

[143] Ver Pedro Pinto – *Um Contributo para o Conhecimento do Tribunal do Santo Ofício em Arquivos e Bibliotecas Portuguesas*. Lisboa: Centro de Estudos de história Religiosa/ Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020, p. 164.

[144] No prólogo, Pedro Navarro relata: "De aquí queda condenada la imprudencia de un autor portugués destos tiempos, ni del todo teólogo ni del todo canonista, que procuró eclipsar el crédito desta sierva de

Odivelas pode confirmar o que Isabelle Poutrin[145], na esteira de José Sánchez Lora[146], afirmou sobre a época barroca: que o fenómeno místico foi, na realidade, um fenómeno social recorrente no seu decurso, ou então revelar uma certa orientação ou abertura à mística vivida no Mosteiro de Odivelas (hipótese que, a ser verdadeira, melhor elucidaria os contornos da produção escrita de Maria Micaela).

2.2.2.1. Influências e possíveis livros de uso de Maria Micaela de São Bernardo

Não é possível afirmar com certeza, pela lacuna de dados que o comprovem e sustentem, quais os livros de uso de Maria Micaela. É exequível, todavia, através de referências mais ou menos explícitas presentes na sua autobiografia, traçar a trajetória provável das suas leituras e influências espirituais[147].

Antes de mais, importa realçar o facto de a leitura assomar enquanto uma prática importante para a autora e por ela levada a cabo, na realidade, desde a puerícia. Conta Maria Micaela o seguinte:

> A outra coisa que atrás disse que eram duas, que o Senhor me fez muita força, a segunda era ardentes desejos de falar sempre de Deus, que me fazia insofrível saudade do Amado. Aventava meninas da mesma idade, pobres, e com elas falava muito, muito do Senhor, e tomava tudo que podia para lhe dar, que era pelo Esposo. Ensinava-[a]s a tudo que podia, a alguma vestia se tinha

---

Dios en un libro que ha sacado a luz contra los ensalmos, donde con estilo intricado y confuso se divierte a muchas cosas que no son de su propósito, tomando por asumpto morderlo todo y censurarlo todo (…) Este doctor, sin fundamento y sin necesidad, y sin pedirlo el hilo de su disputa, proponiendo el edicto de la Santa Inquisición de Portugal, pretende dar a entender que cuanto se ha dicho hasta ahora de la famosa monja Soror Juana de la Cruz y de la virtud de sus cuentas, es apócrifo y de ninguna fe". Apud Miguel Zugasti – "Santidad bajo sospecha: la vida de Sor Juana de la Cruz (1481 – 1534) en florilégios de santos, crónicas u escenarios del Siglo de Oro in Luis González Fernández – Teresa Rodríguez (dir.) – *La transmission de savoirs licites et illicites dans le monde hispanique péninsulaire (XII^e au XVII^e siècles): Hommage à André Gallego.* Toulouse: Presses Universitaires du Midi, 2011. Disponível em linha: http://books.openedition.org/pumi/32311. Acesso em: 02/08/2023.

[145] Ver Isabelle Poutrin – "¿Para qué Servían los Libros de Revelaciones de Mujeres? Deleites Místicos, Movimentación Católica y Entretenimiento Devoto en la España Barroca" in Nieves Baranda Leturio – María Carmen Marín Pina (ed.) – *Letras en la Celda. Cultura Escrita en los Conventos Femeninos en la España Moderna*. Madrid: Ibero-Americana/Vervuert, pp. 147-158.

[146] Ver José L. Sánchez Lora – *Mujeres, Conventos e Formas de Religiosidad Barroca*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1988.

[147] Não constituindo este o objetivo da presente tese, o que aqui se apresenta, dada a limitação de tempo da mesma e a vastidão deste tópico, é, de facto, uma trajetória das leituras e das influências espirituais mais prováveis, e não um estudo exaustivo sobre as mesmas, que requereria um aprofundamento do exame dos títulos dos catálogos anteriormente elencados, bem como uma análise sob o ponto de vista comparatista, que no futuro seria, de resto, profícuo retomar e realizar.

> modo sem ser sentida. Era um desejo tão grande de remediar os pobres e de lhe[s] assistir nas suas necessidades, que eles eram toda a minha consolação porque ouvia dizer que eles eram do reino do céu. Ia-me a esta ermida perto de casa com um livro, sem saber inda ler muito, e aventava as meninas para lhe[s] ler vidas de santos. E ali lhe[s] pregava, dizendo-lhe[s] do que tinha lido. Elas, melhores que eu, andavam sempre detrás de mim, que às vezes era repreendida porque saía ou as levava comigo. Nunca me pude satisfazer de falar em meu Senhor e Pai de minha alma.[148]

Trecho deveras curioso porquanto nele se revela a relação da autora com a leitura e, por sua vez, a presença precoce desta na sua vida espiritual. Se por um lado, no decorrer da sua infância, o sujeito enunciativo prestava auxílio aos indigentes, marcando a sua predestinação à santa caridade e à vida religiosa, por outro, fazia questão de lhes falar de Deus, incitando-os a ler "vidas de santos" (que ela própria, ainda infante, lia, encontrando no exercício da leitura uma forma de amar a Deus e de a este, assim, se aproximar)[149]. Esta ligação da leitura à vida espiritual pode ser encontrada também, por exemplo, em Sóror Isabel do Menino Jesus, afamada clarissa que, em 1698, inicia a sua conversão após ler um livro religioso oferecido pelo seu cunhado. Também as espanholas Ana de Jesús e Luisa de Carvajal y Mendoza revelam, respetivamente, a importância da leitura nos seguintes termos: "Siendo de doce años, fueme a acostar la siesta, las cuales las gastaba em oracíon y en ler"[150]; "Hallábame (muchas veces) com gran devoción por medio de um libro antíguo de la pasión, afectuosísimo, em que yo leía muy de ordinário"[151]. A leitura, sobretudo dos textos sagrados, atestava-se, de facto, enquanto um veículo que promovia a *imitatio Christi* e, por conseguinte, a afinação espiritual. O mesmo está já patente em Ângela de Foligno, mística que, curiosamente, conquanto fosse analfabeta, deixa bem claro o papel que o binómio leitura-escrita possuía na sua espiritualidade. Conta o seu biógrafo:

---

[148] Fl. 149.

[149] Isabelle Poutrin – "*Souvenirs d'enfance. L'apprentissage de la sainteté dans l'Espagne moderne" in Mélanges de la Casa de Velásquez,* vol. 23, 1987, pp. 332-354; Paula Almeida Mendes – "Entre a aprendizagem da santidade e a predestinação divina. Algumas notas sobre a infância e a adolescência em "Vidas" de religiosas portuguesas (séculos XVII-XVIII)" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, vol. 19, 2012, pp. 123 – 143. Em linha: https://ojs.letras.up.pt/index.php/vsp/article/view/3845/3598. Acesso em: 10/10/2023.

[150] Apud Sonja Herpoel – *A la Zaga de Santa Teresa: Autobiografias por Mandato*. Amsterdam - Atlanta, GA: Rodopi, 1999, pp. 122 – 123.

[151] Idem, ibidem, p. 123.

> Y de entre muchos sueños y visiones me narró uno, diciendo: "Una vez, cuando me encontraba en la cárcel donde me había recluido para la cuaresma mayor, meditaba llena de amor sobre una palabra del Evangelio, una palabra de grandísima turbación y excesivo deleite, mientras tenía al lado un libro, un misal, y tenía sed por verla al menos en su forma escrita (et sitirem videre illud verbum saltem tantummodo scriptum); apenas conseguía dormirme y reprimirme, conteniéndome por temor de soberbia a abrir aquel libro con mis manos por la gran sed de amor que sentía. Entonces me quedé un poco traspuesta y me adormecí con este deseo. Y repentinamente, fui llevada a una visión. Y se me dijo que la verdadera comprensión de las Epístolas es tan deleitosa que en el momento en que alguien llegase a entenderlas bien se olvidaría de todo lo mundano.[152]

Porventura a este propósito importe recuperar o conceito forjado por Brian Stock, "textual communities", dizendo este respeito ao papel modelador e social das produções escritas e das textualidades[153]. Com efeito, o autor defende que entre os séculos XI e XII se operou uma grande alteração na oralidade e na escrita, tornando-se estes veículos de comunicação interdependentes, e assumindo este último particular relevância socio-cultural. Uma comunidade textual é, para Stock, uma comunidade que possui por organização elementar a partilha de uma mesma compreensão sobre um texto (ainda que nem todos os seus elementos o saibam ler e apenas o escutem), nele socialmente se identificando e modelando. É precisamente isto que sucede no âmbito das leituras em espaço conventual feminino, que, em comunidade, por via de uma exegese comum, servem propósitos edificantes e miméticos, consubstanciando a própria realidade de cada freira[154].

Mark Amsler, na obra *Affective Literacies: Writing and Multilinguism in the Late Middle Ages*, cunhou a noção de "affective literacies", e que aqui emerge também pertinente. Esta "literacia afetiva" é pelo autor descrita como

---

[152] Citado tal como é traduzido por Victoria Cirlot em Esther Corral Díaz (ed.) – *Voces de Mujeres em la Edade Media: Entre Realidad y Ficción*. De Gruyter, 2018, p. 255. Disponível em linha: https://www.jstor.org/stable/j.ctvbkjv2x. Acesso em: 03/05/2023.

[153] Ver Brian Stock – *The Implications of Literacy: Written Language and Models of Interpretation in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Princeton: Princeton University Press, 1983.

[154] Sobre este aspecto, para o contexto português conventual feminino, é bastante pertinente a tese de Doutoramento de Gilberto Coralejo Moiteiro. Ver Gilberto Coralejo Moiteiro – *As Dominicanas de Aveiro (c.1450 – 1525): Memória e identidade de uma Comunidade Textual.* Lisboa: Faculdade de Ciências Socais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2013. Tese de Doutoramento.

> how we develop physical, somatic, and/or activity-based relationships with texts as part of our reading experiences. We touch, sense, or perceive the text or vocalize it with our eyes, hands, and mouths. Affective literacy also involves the emotive, noncognitive, paralinguistic things we do with texts or to texts during the act of reading for example, when a pious reader touches or kisses a prayer book in a particular way (...) Here, I am using the term *affective literacy* to denote a range of emotional, spiritual, physiological, somatic responses readers have when reading or perceiving a text, such as crying, laughing, imagining, or becoming aroused.[155]

Com efeito, neste contexto monástico, a forma escrita de uma palavra é detentora de relevância espiritual, tal como o livro enquanto objeto físico é munido de conotação emotiva e de significação mística, figurando um símbolo afetivo, mas também de conhecimento. No Mosteiro de Odivelas encontrava-se, precisamente,

> na parte do teto correspondente ao coro e a partir do fundo está primeiro um livro em que se lê, dividido por duas páginas, o título LIBER|GENE|RATIO|NIS-JESU|CHRIS-TI. Em seguida, o triângulo misterioso com o tetragrammaton. Após este, as tábuas da lei e, finalmente, um anjo com um livro nas mãos em que se lê (nas duas páginas): AUS|CULTA|OFILI-UERBA|MAGIS|TRI.[156]

Regressando ao caso de Maria Micaela, não parece ser rebuscada, pois, a presunção de que a autora permaneceu usufruindo da leitura enquanto adulta e, mais propriamente, no decorrer da sua vida religiosa. Aliás, o segmento que se segue aclara isto mesmo:

> Este viver com Deus não dá lugar a falar mais que no Amado. Uns destes dias, achei em um livro que uma serva de Deus logo de menina se empenhara em se dar toda a Deus. Foi tão grande o jubilo e alegria de minha alma, e me inflamei de sorte em amor ardentíssimo e gozo que me encheu toda a alma e corpo.[157]

Tal hipótese é ainda corroborada pelas referências a autores que, ainda que esporadicamente e nem sempre de forma explícita, assomam na sua produção escrita.

A primeira e mais flagrante diz respeito a Teresa de Jesus:

---

[155] Mark Amsler – *Affective Literacies: Writing and Multilinguism in the Late Middle Ages.* Belgium: Brepols, 2011, pp. 102 – 103.
[156] Borges de Figueiredo – op. cit., 1888, p. 168.
[157] Fl. 127.

> É verdade que Santa Teresa diz que no verão mal se pode ser cristão, mas em tudo eu sou o avesso das servas de Deus, porque nunca reparo em tempos, senão naqueles em que me não vejo unida e transformada em meu Deus e Senhor.[158]

E também: "A alma, sentida, disse: "Senhor, que já torna a sombra", ao mesmo tempo me disseram o que dizia Santa Teresa, que ou morrer ou padecer, isso me consola muito, que nesta vida só padecer"[159].

A religiosa carmelita chega mesmo a ser incorporada no texto, juntamente com Nossa Senhora ou com Maria Madalena, enquanto personagem que visita Maria Micaela no decurso das suas visões:

> Dia em que se festejam as sacratíssimas chagas de meu Senhor Jesus Cristo, me atraiu meu doce amor a si toda [a] minha alma. Com o grande gozo que sentia, não fazia mais que dizer que Santa Teresa o vira todo chagado, e com isto se me abrasava todo o interior em fogo de amor, e todos os sentidos da alma e corpo desocupados, e desde então para cá não que sente minha alma porque o seu cuidar e pensar é só das coisas do céu[160];
>
> Os dias passados me lembrou Santa Teresa, que diz tinha uma irmã secular, que as penas de sua irmã lhe davam pena até que a deixou e tratou do Senhor só por só. Eu senti-me inquieta e fui-me à minha Mãe da Piedade, mas disse a Santa Teresa o que ela tinha dito, e que me pedisse ao Senhor e lhe oferecesse aquela irmã que eu tinha. Senti de repente na alma que a santa me dizia que lhe pedisse eu, e eu não ouço estas vozes, mas são conhecimentos claros, e a alma derretida no amor de meu doce Jesus[161];
>
> Andando nesta pena, senti dentro da alma que o Senhor me dizia que fizera bem, e a alma toda derretida em lágrimas e amor estava conhecendo que ele se assentava e trazia consigo Santa Teresa e Santa Maria Madalena. E disse a minha alma: "aqui tens estas amigas com quem hás de tratar e falar".[162]

As suas presença e influência confirmam-se ainda através do léxico teresiano que a religiosa de Odivelas aplica recorrentemente no seu discurso:

---

[158] Fs. 218. – 218v.
[159] Fl. 32v.
[160] Fl. 179.
[161] Fs. 4v. – 5.
[162] Fs. 16. – 16v.

> Nisto me deu meu Senhor ou mostrou o que queria de mim, que era que a alma estivesse sempre recolhida. Era como quem estava dentro de um castelo bem seguro por dentro e por fora, rodeado de inimigos que se não sai à porta.[163]

O motivo do castelo encontra-se deveras patente em *Moradas*, obra que, como se observou, existia justamente na livraria do mosteiro. Nela prevalece ainda a simbologia da porta como acesso ao castelo interior e, por conseguinte, a essa morada mais íntima onde mora o Rei. Exara Maria Micaela: "No outro dia, indo a comungar, de repente senti dentro da alma que me diziam: "agora tens o Senhor que entra pelas portas de tua alma, e não pelas do convento"."[164]

Ademais, assomam igualmente diversas alusões a uma "seta" que fere:

> E sempre lhe dou mil graças por todas as mercês que me tem feito, e está fazendo e tem para fazer. Isto disse sempre desde que tive uso de razão, que o mesmo Senhor me inspirou pelo grande amor que sem[pre] desejei ter, que é como uma seta que me feriu deste amor divino, que sempre ficou ferida[165];

> Aqui, passa grandes delícias e regalos com Deus, e fica a alma tão absorta, e espiritualizada e cheia de inspirações divinas que, fora da oração e contemplação, o seu cuidar é acender chamas de amor com setas de muitos afetos e amores, com que faz a união com seu divino Esposo mais apertadíssima, porque a alma não dorme porque o Senhor a esperta com as suas divinas inspirações e afetíssimos clamores em que o Senhor a tem ocupada de noite e de dia.[166]

O vinho e as bodegas correspondem a outros símbolos recorrentes na obra teresiana, igualmente patentes na autobiografia espiritual em apreço:

> Daqui me passou a pôr-me à sua divina mesa, e dar-me dos seus divinos vinhos, e conversando com minha alma e ela com ele, que vem a ser trata Deus de minha alma e ela do Amado, falando ambos[167];

> Por isso, não pode falar nem dizer, sem saber dizer senão querer falar sempre no amor, e se queixa porque não sabe falar do Amado. Assim, vive atribulada com o amor divino, sempre metida nas bodegas dos seus divinos vinhos.[168]

---

[163] Fl. 36.
[164] Fl. 170.
[165] Fl. 64v.
[166] Fl. 189.
[167] Fl. 103v.
[168] Fl. 133.

Manifesta-se, também, o simbolismo da luz e da claridade associada à presença Divina. Santa Teresa declara:

> (...) porque comienza Su Majestad a comunicarse a esta alma, y quiere que sienta ella cómo se le comunica. Comiénzase luego, en llegando aquí, a perder la codicia de lo de acá, y pocas gracias; porque ve claro que un memento de aquel gusto no se puede haber acá, ni hay riquezas, ni señoríos, ni honras, ni deleites que basten a dar un cierra ojo y abre de este contentamiento, porque es verdadero, y contento que se ve que nos contenta.[169]

Já Maria Micaela aduz: "E tão claro me mostrava isto que não era só pelos regalos com que trata muito a alma, mas também me dava a entender que me dera quem me intendesse tão claramente para governar minha alma"[170].

A isto se associa, frequentemente, o entendimento que Deus torna iluminado: "E logo me deixou no conhecimento das finezas que o Senhor fizera pelos Homens, em se unir a divindade com a humanidade, e com uma luz tão clara no entendimento, que foi milagre não acabar a vida à força do amor"[171], colige a freira de Odivelas, expondo a carmelita o seguinte:

> Esto es bueno para los letrados que me lo' mandan escribir, porque, por la bondad de Dios, todos llegan aquí, y podrá ser se les vaya el tiempo en aplicar Escrituras ; y aunque no les dejarán de aprovechar mucho las letras antes y después, aquí en estos ratos de oración, poca necesidad hay de ellas, a mi parecer, si no es para intibiar la voluntad ; porque el entendimiento está entonces, de verse cerca de la luz, con grandísima claridad, que aun yo, con ser la que soy, parezco otra.[172]

A devoção às chagas de Cristo é outro elemento comum a ambas as autoras, e que Maria Micaela explicitamente relaciona com Teresa de Jesus:

> Dia em que se festejam as sacratíssimas chagas de meu Senhor Jesus Cristo, me atraiu meu doce amor a si toda [a] minha alma. Com o grande gozo que sentia, não fazia mais que dizer que Santa Teresa o vira todo chagado, e com isto se me abrasava todo o interior em fogo de amor, e todos os sentidos da alma e corpo desocupados, e desde então para cá não que sente minha alma porque o seu cuidar e pensar é só das coisas do céu.[173]

---

[169] Teresa de Jesús – *Libro de la Vida,* Capítulo XIV, 5.
[170] Fl. 71.
[171] Fl. 27v.
[172] Teresa de Jesús – *Libro de la Vida*, Capítulo XV, 7.
[173] Fl. 179.

Em Moradas Sexta, a carmelita descalça enuncia:

> Parecerá imposible, porque si las potencias están tan absortas –que podemos decir que están muertas, y los sentidos lo mesmo–, ¿cómo se puede entender que entiende ese secreto? Yo no lo sé, ni quizá ninguna criatura, sino el mesmo Criador, y otras cosas muchas que pasan en este estado, digo en estas dos moradas.[174]

Já a religiosa de Odivelas descreve:

> Já vai por três dias que me acho neste estado, por vezes porque a alma de[s]ce e assobe, mas nestes dois dias tem sido tão frequente que me sinto muito absorta e suspensa e todas as potências adormecidas, a oração quietíssima e serena, sem discursos nem preparação. Logo de repente se sentem as potências e toda a alma em Deus[175].

Ou ainda: "Também se me aumentou grandemente uma suspensão dos sentidos e potências, e a alma recebendo um mar de doçuras ou regalos, que eu os não sei explicar de outra sorte"[176]. São *topoi* relevantes na espiritualidade teresiana as potências e o estado absorto ou de suspensão dos sentidos, motivos que estão presentes de igual modo na produção escrita de Maria Micaela.

Também o recurso regular da autora ao mote "meu Amado é para mim, e eu sou para meu Amado", possuindo irrevogáveis matizes do Cântico dos Cânticos, apresenta ecos de Teresa de Jesus, já que também esta religiosa muito se serve dele, bastando lembrar o poema "Sobre aquelas palabras 'Dilectus Meus Mihi'"[177].

José Adriano de Freitas Carvalho, na sua obra consagrada a Gertrudes de Helfta e Espanha, demonstra a influência da monja na espiritualidade de Teresa de Jesus, influência essa que importa também considerar no quadro da mística de Maria Micaela[178]. De facto, Gertrudes de Helfta encerra na sua espiritualidade (sumamente

---

[174] Excerto retirado do seguinte site: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/las-moradas--0/html/ff0e7ddc-82b1-11df-acc7-002185ce6064_2.html.
[175] Fs. 91v. – 92.
[176] Fl. 203.
[177] Teresa de Jesús – *Seta de Fogo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.
[178] A despeito de frequentemente se identificar Helfta como uma casa beneditina, a realidade é que o convento foi fundado para ser cisterciense, o que o impedimento à fundação ou incorporação de novas casas monásticas femininas na ordem impossibilitou. Tendo-se, por conseguinte, tecnicamente mantido sob a observância beneditina, a realidade é que as monjas usavam o hábito de Cister e seguiam os seus preceitos. Gertrudes de Helfta e Maria Micaela aproximam-se, assim, também no âmbito da Regra de São Bento e da espiritualidade cisterciense das suas casas monásticas. Cfr. o capítulo "Cistercians: The Women

centralizada no amor a Deus) motivos muito próximos aos da freira de Odivelas, como a devoção à humanidade de Cristo, aos seus mistérios e ao seu coração, à sua Paixão e, ainda, ao Santíssimo Sacramento[179].

Maria Micaela menciona explicitamente a obra de João da Cruz (que constava no acervo de Odivelas), revelando com esta identificar-se ao aludir às semelhanças que nela encontra a propósito do que sucede na sua alma:

> Sabe Vossa Reverendíssima onde cá acho e conheço bem o que passa em minha alma, é no Libro de Frei Juan de la Cruz, que minha irmã secular está lendo. Para o fim dele, onde explica os versos, ouço ali o que se passa na minha alma. Certissimamente é a primeira parte.[180]

Outra referência explícita e importante é a María de la Antigua, clarissa espanhola do fim de quinhentos e do dealbar de seiscentos, cuja obra integrava, também, o espólio do mosteiro. Exara Maria Micaela: "Mas como sou tão ruim, não fio de mim estas coisas, nem digo aqui toda a miudeza. Não há coisa mais clara para o meu interior do que é ler o Livro da Madre Maria de La Antígua"[181]. Um pouco adiante, Maria Micaela coligirá um dado que importa assinalar, porquanto revela a mediação do orientador espiritual no processo de leitura: "Se Vossa Reverendíssima estivera em parte que estivesse lendo onde eu ouvisse, eu lhe dera conta do que sinto na alma[182]".

A religiosa de Odivelas refere ainda Agostinho de Hipona. Não sendo perfeitamente claro, todavia, se a menção é executada e motivada pela leitura direta da obra agostiniana, se conhecida pela doutrina do seu diretor espiritual (como o segundo trecho parece indicar):

---

of Helfta" da supracitada obra de Bernard McGinn, *The Flowering of Mysticism: Men and Women in the New Mysticism (1200-1300).*

[179] "A "teologia" de Gertrudes (...) é uma "teologia" que procura no mais íntimo do coração (...) o meio de união à pessoa de Cristo. Aí, ela vela sempre por esta "união que é amor, este amor que é união" (...) Desta união resulta a afetividade e a interiorização da sua vida de oração. Assim a humanidade de Cristo e os seus mistérios representam a orientação mais marcada da vida interior de Gertrudes. O cristocentrismo de Gertrudes é o centro da sua teologia (...) "a espiritualidade gertrudiana é paulina: o acesso à vida divina não é possível senão pela incorporação ao Cristo, realidade misteriosa" (...) A Eucaristia, o sacramento da união, é uma das grandes devoções de Gertrudes e muitas confidências recebe-as ela na missa, sacrifício de Cristo, no momento de comungar (antes ou durante a comunhão)" in José Adriano de Freitas Carvalho – *Gertrudes de Helfta e Espanha*. Porto: INIC/Centro de Literatura da Universidade do Porto, 1981, pp. 20 – 21. O mesmo pode ser dito sobre a espiritualidade de Maria Micaela.

[180] Fs. 78v. – 79.

[181] Fl. 24.

[182] Fl. 24.

> Isto me deu meu Senhor a conhecer estando depois na missa do dia, e muitas mais coisas que agora não digo, mas só por não faltar à obediência de Vossa Reverendíssima, lhe dou por autor e desculpa minha a Santo Agostinho, doutor das gentes, em querer escrever o mistério da Santíssima Trindade.[183];

> Não posso gastar tempo a falar nisso porque dentro da alma sinto a meu Senhor com muito agrado que se comunica comigo, por amor e graça. As potências da alma, nestes termos, não se pode explicar bem uma alma, mas eu já disse a Vossa Reverendíssima, e torno a dizer, que me consolo com Santo Agostinho no mistério da Santíssima Trindade. Meterei aqui o que Vossa Reverendíssima me diz dos textos.[184]

Mesmo que apenas indiretamente e por via do diretor espiritual (o que a inexistência de obras do autor no acervo monástico poderá corroborar), a espiritualidade agostiniana ecoa no texto de Maria Micaela[185]. Esta influência manifesta-se através do símbolo da Santíssima Trindade largamente por ela tratado ("Se não fora grande atrevimento meu, dissera que minha alma estava na presença de toda a Santíssima Trindade, pelo que sentia"[186]), bem como através da conceção do corpo como "cárcere" e "prisão" da alma, também muito patente no texto: "Estando nela, senti a alma livre da prisão da carne, tratando só com o Senhor."[187] E ainda:

> E esquecida de meus pecados e misérias, lhe pedia com grandes ânsias: "tirai, Amado meu, esta alma deste desterro". O Senhor me botou os seus divinos braços e me disse: "foge a tudo terreno, tem grande pureza à alma". E lhe disse: "dai-me a vós ou me tirai deste cárcere".[188]

As referências bíblicas vão sendo recorrentes em toda a autobiografia, ora implícita ora explicitamente ("Direi um atrevimento, perdoe-me Vossa Reverendíssima, mas sinto-me como se diz nos Cantares: amiga ascende mais alto em virtude"[189]),

---

[183] Fl. 46.
[184] Fl. 53.
[185] José Adriano de Freitas Carvalho, a propósito de Gertrudes de Helfta, assinala a bem marcada influência de Agostinho de Hipona na sua espiritualidade, o que corrobora a pertinência de se a evocar também no âmbito da espiritualidade da freira de Odivelas, revelando-se, ainda, a intrincada rede de influências no cerzir destes modelos espirituais.
[186] Fs. 53v. – 54.
[187] Fl. 26v.
[188] Fl. 17.
[189] Fl. 60.

seguindo porventura o modelo teresiano[190], mas espelhando também o discurso referencial modelar da época e revelando o acesso aos textos Sagrados:

> E, fazendo alguns atos de contrição e exame de com[s]ciência, torno a repetir ao Padre Eterno tudo [o] que a Senhora padeceu com seu amantíssimo filho desde que na[s]ceu em palhinhas[191], a circuncisão[192], a fugida dos três dias[193], a notícia da prisão com a cruz às costas[194], a lançada no peito[195], o Senhor morto nos braços[196], a soledade da Senhora...[197];
>
> Estando nesta pena, senti que me diziam: "assim faziam os hiraclitas[198] no monte do Senhor, que estando gozando do maná do céu, suspiravam pelas cebolas do Egito". Inda eu com este conhecimento tive mais que sentir porque eu sou inda muito pior que eles, não faço no exterior porque tudo isto é só no interior, trato da alma, que ela corpo não faço caso[199];
>
> Toda uma semana levei sem saber que gosto tinham os comeres, e dentro da alma me mostrou o Senhor duas tábuas por onde eu fosse[200]. Uma não tinha fim e muito estreita, a outra era cobrada por muitas partes. O Senhor me deu a entender que fosse pela estreita, eu assim o fiz, mas não tinha fim por mais que andasse. Como não chegava ao cabo, pôs-se minha alma chorando. O Senhor me animou e me disse que aquele caminho era o do seu amor, que não tinha fim, e o amor que eu sentia com este conhecimento me derretia toda em lágrimas.[201]

Maria Micaela assevera também: "Me pus a meditar no que tinha lido da Paixão do Senhor, que é a lição que tenho nesta Quaresma, mas inda não tinha bem entrado aos seus divinos pés quando me achei toda abrasada e cheia de Deus"[202]. Estará a autora a referir-se à leitura da primeira meditação para a Quaresma de Luís de la Puente, afAmado jesuíta e cuja obra estava incluída, de facto, no espólio do mosteiro? É possível,

---

[190] Ver Pilar Huerta Román – El *Telar de la Palabra: Ecos Bíblicos en la Autobiografia Teresiana*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2013.
[191] Lucas 2: 1 – 11.
[192] Lucas 2: 21 – 24.
[193] Lucas 2:41 – 52.
[194] João 18:1 – 11; Lucas 22:47 – 53; Marcos 14: 33 – 49 e Mateus 26: 47 – 56.
[195] João 19:34.
[196] Este facto não consta na bíblia (mais precisamente em João 19: 25), embora faça parte do imaginário cristão, assumindo uma representação particularmente simbólica.
[197] Fl. 168.
[198] Refere-se aos "israelitas" do episódio relatado no *Livro dos Números* 11.
[199] Fl. 70v.
[200] Em Mateus 7:13-14 encontra-se a menção a uma porta estreita e a uma porta larga, sendo a primeira a que conduz à vida verdadeira.
[201] Fl. 17.
[202] Fl. 195.

sobretudo se confrontarmos o conteúdo presente nas produções escritas de ambos os autores.

A religiosa de Odivelas revela ainda ler os textos específicos da Ordem de Cister: "E para mais me declarar a Vossa Reverendíssima e me entender, lhe faço menção do capítulo da nossa regra, o da humildade. No fim dele, que diz pela graça do Esposo Senhor terá por bem de obrar"[203], aduz a autora. A despeito de a *Crónica de Cister* de Bernardo de Brito não constar nos documentos anteriormente referidos, é bastante provável que a obra existisse no acervo do mosteiro já que, como melhor se exporá adiante, Maria Micaela imita na sua espiritualidade os modelos de santidade feminina aí expostos.

Francisco de Assis é outro autor que ressoa nesta autobiografia espiritual. Maria Micaela colige frequentemente "Quem sóis vós, e quem sou eu?", verso de uma oração de São Francisco:

> Senhor, quem sois vós e quem sou eu?
> Vós o Altíssimo Senhor do céu e da terra
> e eu um miserável vermezinho, vosso ínfimo servo.
> Grande e magnífico Deus, meu Senhor Jesus Cristo,
> iluminai o meu espírito e dissipai as trevas de minha alma;
> dai-me uma fé íntegra, uma esperança firme e uma caridade perfeita.
> Concedei, meu Deus, que eu vos conheça muito,
> para poder agir sempre segundo os vossos ensinamentos
> e de acordo com a vossa santíssima vontade.
> Absorvei, Senhor, eu vos suplico, o meu espírito,
> e pela suave e ardente força do vosso amor,
> desafeiçoai-me de todas as coisas que debaixo do céu existem,
> a fim de que eu possa morrer por vosso amor, ó Deus,
> que por meu amor vos dignastes morrer. Amém.

Ademais, verifica-se ainda a referência à nudez franciscana através do trecho: "Louvado sejais, Senhor, dono de minha alma, que tão despida me tendes das coisas terrenas, que se fosse vontade vossa o corpo trouxera sem vestido"[204].

---

[203] Fl. 41v.
[204] Fl. 9.

Tomás de Kempis, místico alemão dos séculos XIV e XV, ecoa igualmente na produção escrita da religiosa de Odivelas. De facto, Maria Micaela insiste no desprezo pelo mundo e no conhecimento do seu nada, tornando-se estes *topoi* centrais da sua espiritualidade, algo bem patente em *A Imitação de Cristo* desde logo: "A suprema sabedoria é esta: pelo desprezo do mundo tender ao reino dos céus"[205]; "Se queres saber e aprender coisa útil, deseja ser desconhecido e tido por nada"[206]. Igualmente, a autora serve-se amiúde da metáfora da mãe e do filho, a mesma que se encontra no princípio do texto de Kempis:

> Enfim, as crianças, de tanto ouvir suas mães falar e balbuciar com elas, aprendem a falar sua linguagem, e nós, permanecendo perto do Salvador pela meditação, e observando suas palavras, suas ações e seus afetos, aprendemos, por meio de sua graça, a falar, fazer e querer como ele...[207]

A terminologia do "maná" está presente, também, em ambos os textos.

Menos precisa, embora igualmente plausível, é a influência de Inácio de Loiola, autor, de resto, também ele presente no espólio do mosteiro. De facto, afloram no texto de Maria Micaela diversos vocábulos de natureza inaciana, como sendo "colóquio" e "vontade". A própria presença da memória e, mais do que isso, do "trazer à memória", poderá igualmente indicar a influência espiritual exercida pela obra de Santo Inácio.

Em todo o caso, à guisa de ilação final, importa sobretudo assinalar a intrincada rede de influências que, mais ou menos evidente, se espraia nesta produção escrita: "submersa", talvez, mas dialogante, sem dúvida.

[205] Tomás de Kempis – A Imitação de Cristo. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, Cap. I, Livro 1.
[206] Idem, ibidem, Cap. II, Livro 1.
[207] Idem, Ibidem, Cap. I, Livro 1.

3. Para um quadro geral da espiritualidade feminina portuguesa do século XVIII

O presente capítulo visa contextualizar o ambiente espiritual português de Setecentos, no sentido de enquadrar os escritos devoto-místicos de Maria Micaela de São Bernardo. Será, necessariamente, um quadro sintético, pois não é o objetivo desta investigação sistematizar o pensamento religioso em Portugal no século XVIII, matéria necessariamente complexa e abrangente, incompatível com as dimensões e os limites temporais em que se desenvolveu esta tese. De ressalvar o trabalho de Maria de Lourdes Belchior Pontes[208] e a obra de José Sebastião da Silva Dias que ficou, infelizmente, incompleta no alcance temporal que pretendia, embora urja dar continuidade a essa tarefa hercúlea, como, de resto, o menciona Carlos Moreira Azevedo no emblemático *Dicionário da História Religiosa de Portugal*[209]. Não procurando, então, realizar um estudo exaustivo pelas razões anteriormente ressalvadas, o que aqui apresento é uma digressão propedêutica pelos matizes mais preponderantes de Setecentos, privilegiando, sobretudo, o âmbito da espiritualidade feminina.

Como bem aduz Maria de Lurdes Correia Fernandes, o quadro da espiritualidade do Portugal moderno não pode ser perspetivado ignorando o papel fulcral das reformas que foram sendo levadas a cabo desde o século XV, culminando numa Época Moderna "profundamente marcada pelo antes e pelo depois de Trento"[210]. De facto,

> neste longo espaço de séculos, o Concílio de Trento foi a resposta e concretização da Reforma católica, a partir do qual as mudanças apontadas e exigidas para a vida cristã serão levadas a cabo em conformidade com dogmas solenemente reafirmados e normas pautadas pelo rigor disciplinar, num debate sem tréguas e em ambiente de luta extremada. A preocupação da ortodoxia obrigava à contínua vigilância pastoral, obsessiva na aplicação das deliberações e

[208] Maria de Lourdes Belchior Ponte – *Frei António das Chagas: Um Homem e um Estilo do Séc. XVII*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1953. Tese de Doutoramento.
[209] Ver Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *Dicionário da História Religiosa em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, em particular, o verbete de Maria de Lurdes Correia Fernandes, referente à Espiritualidade da Época Moderna, páginas 187 a 193 do vol. C-I.
[210] Maria de Lurdes Correia Fernandes – "Da reforma da Igreja à reforma dos cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade" in Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *História Religiosa de Portugal*, vol. C-I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 15.

> disposições conciliares, a conduzir os fiéis a inflexões radicais nos hábitos, práticas e obrigações quotidianas. Nada ficou imune: rituais, imaginário e linguagem.[211]

É neste enquadramento que surge o *Agiológio Lusitano*, emblemática obra de natureza enciclopédica que versa sobre a hagiologia em terreno nacional. Coligida por Jorge Cardoso sobretudo entre os anos 30 e 60 do século XVII, tinha por desideratos fundamentais a reafirmação do culto dos santos na Europa católica ao conceder à sua narrativa uma roupagem menos excessiva do que a de *Legenda Aurea,* do dominicano Jacopo da Varazze, e a valorização da história religiosa portuguesa, demonstrando que Portugal era uma "Pátria de santos"[212]. No entanto, já antes de Jorge Cardoso houvera várias incursões nesta temática da hagiografia lusitana, embora numa perspetiva mais restrita aos santos oficiais, como o *Flos Sanctorum* em português (1513), que contém também santos hispânicos. Já após o Concílio de Trento, o *Martirológio dos Santos de Portugal*, de 1591, de Padre Álvaro Lobo e o *Jardim de Portugal*[213], de 1626, de Fr. Luís dos Anjos, a despeito da sua menor envergadura, apresentam teor e pretensão semelhantes[214]. Todavia, a conceção alargada de santidade que aglutina as várias Vidas aí representadas não se cinge estritamente a santos oficialmente reconhecidos pela Igreja, integrando, também, personalidades virtuosas e com fama de santidade, nesse aspeto ainda afastadas da bula *Sanctissimus Dominus Noster*, de 1625, pelo qual Urbano VIII procurava pôr termo à excessiva tendência de venerar localmente figuras não canonizadas ou beatificadas.

A Época Moderna em Portugal é, efetivamente, marcada por uma profusão de narrativas devotas, a que não foi alheia a fertilidade de produção e de circulação de obras espirituais de género diverso, desde autobiografias, a biografias e hagiografias[215],

---

[211] João Francisco Marques – "Introdução" in Carlos Moreira Azevedo – op. cit., 2000, p. 10.

[212] Sobre este tópico, consultar o estudo de Maria de Lurdes Correia Fernandes presente em: Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa – *Agiológio Lusitano*, Maria de Lurdes Correia Fernandes (organização, estudos e índices). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

[213] Esta coletânea ocupa-se de vidas de "algumas santas e de outras mulheres ilustres em virtude, as quais nasceram, ou viveram, ou estão sepultadas neste Reino e suas conquistas" apud Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa – *Agiológio Lusitano*, Maria de Lurdes Correia Fernandes (organização, estudos e índices). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p. 12.

[214] Existe a edição recente desta obra, de Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto, Campos das Letras.

[215] Pedro Vilas Boas Tavares assinala, entre os séculos XVI e XVII, um crescente interesse por esta literatura visionária e devota, que motivou um "amplo movimento de leitura, escrita e edição de biografias místicas

forjadas com o intuito de estabelecer modelos de santidade e de perfeição expurgados dos elementos fantásticos e mitológicos[216], aplicáveis não somente dentro dos limites dos espaços monásticos, mas passíveis de serem mimetizados pela sociedade em geral[217].

As determinações conciliares tridentinas reforçavam, para as casas monásticas femininas, a necessidade de disciplina e do respeito pelos votos de obediência, pobreza e castidade, reafirmando a clausura estrita e perpétua tornada universalmente obrigatória[218], ditame que, como atrás se observou, não foi, de resto, propriamente cumprido no Mosteiro de Odivelas, o que revela algumas fraturas entre legislação e *praxis.*

---

e devotas" Pedro Vilas Boas Tavares – "Caminhos e invenções de santidade feminina em Portugal nos séculos XVII e XVIII (Alguns dados, problemas e sugestões)" in *Via Spiritus*: *Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso,* n. 3, 1996, p. 186. Para um inventário de literatura hagiográfica produzida em Portugal entre os séculos XVI-XVII consultar o já mencionado: Zulmira C. Santos – Paula Almeida Mendes – Maria Inês Nemésio – Fontes *para o Estudo da Santidade em Portugal na Época Moderna*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2013. Disponível em linha: https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11750...pdf.

[216] Refere Isabel Morujão que "(...) as determinações tridentinas tiveram especial aplicação entre os dominicanos, pois Frei Bartolomeu dos Mártires logo se apressou, de regresso a Portugal, a encarregar Frei Diogo do Rosário, igualmente dominicano, da redação de um *Flos Sanctorum* que reescrevesse as vidas dos santos à luz de princípios de rigor e autenticidade de fontes, expurgando-as de elementos mitológicos e integrando nessa recolha os santos portugueses e hispânicos, bem como os mais recentemente canonizados" Isabel Morujão – "Álbum de Família: representações da santidade na poesia de Violante do Céu" in Cristina Costa Gomes – Isabel Murta Pina – José Manuel Fernandes – Maria João Pereira Coutinho (coord.) – *Rastos Dominicanos de Portugal para o Mundo: 600 anos da Província Portuguesa*. Porto: UCP Editora, 2022, pp. 120-121.

[217] Note-se que "A celebração e exaltação dos santos que se promove na Igreja Católica saída de Trento reveste-se, pois, de um carácter pedagógico, formativo e exemplar, pois era pelo modelo desses gigantes de virtude e santidade que os devotos iam interiorizando, por sua vez, modelos de comportamento santo" Isabel Morujão – op. cit., 2022, p. 133. Sobre esta matéria, ver também Zulmira C. Santos – "Oração e devoção em modelos de comportamento femininos do séc. XVIII em Portugal: das memórias da condessa de Atouguia ao elogio de D. Ana Xavier" in *Ricerche di Storia Sociale e Religiosa*, n. 74, 2008, pp. 31-33.

[218] Sobre este tema, ver Antónia Fialho Conde – Margarida Sá Nogueira Lalanda – "A ação disciplinadora de Trento no quotidiano monástico feminino do Mosteiro de S. Bento de Cástris" in João Luís Fontes – Maria Filomena Andrade – Tiago Pires Marques (coord.) – *Género e Interioridade na Vida Religiosa: Conceitos, Contextos e Práticas*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa/Universidade Católica Portuguesa, 2017, pp. 121-138. E ainda: Antónia Fialho Conde –Margarida Sá Nogueira Lalanda – "Vida monástica feminina e expressões de criatividade e cultura em Évora no período pós-tridentino", in Antónia Fialho Conde – Olga Magalhães –António Camões Gouveia (ed.) – *O Claustro e o Século: Espaços, Fronteiras e Identidades*. Évora: CIDEHUS, 2020.

A espiritualidade setecentista[219] é sem dúvida devedora da ordenação pós-tridentina do esforço uniformizador e centralista do papado, que procurava tornar única e una a fé católica por via da erradicação da protestante e da judaica[220], desconfiando de tendências espirituais jansenistas, alumbradistas, molinistas[221] e quietistas. O regalismo[222] é um traço acentuado de Setecentos, com os crescentes absolutismos de D. João V e de D. José I. De ressalvar, também, enquanto traço específico, o surgimento do movimento espiritual reformador que ficou conhecido por jacobeia[223], em que se distinguiu Frei Gaspar da Encarnação (1685-1752), cónego regrante de Santo Agostinho. Frei Gaspar foi conselheiro do rei D. João V e teve particular importância nas políticas régias relativas à Igreja e ao episcopado, visando a revitalização da vida de piedade a par de uma estrita observância das regras.

Neste mosaico de pluralidades espirituais, as devoções e práticas religiosas irão ser fortemente escrutinadas e acompanhadas por diretores espirituais e confessores[224], de que resultará uma abundante prática de escrita religiosa, mediante a qual os orientadores procuravam controlar e orientar a espiritualidade das suas monjas. De um modo geral, a espiritualidade de Setecentos dá continuidade ao cristocentrismo dos séculos anteriores, concedendo-lhe particular ênfase, tal como à oração interior em

---

[219] Para um apanhado, ver Zulmira C. Santos - "Luzes e espiritualidades. Itinerários do século XVIII" in Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *História Religiosa de Portugal*, vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, pp. 38- 44.

[220] Veja-se o caso de Ventura Isabel Dique, religiosa do Mosteiro de Odivelas, que foi objeto de condenação pela inquisição por motivos relacionados com práticas judaicas. O processo (disponível em: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2304793) termina com a sua condenação ao cárcere e hábito perpétuos, tendo de regressar ao Mosteiro de Odivelas. Esta determinação foi absolutamente rejeitada pelas demais religiosas, tendo chegado mesmo a rebelar-se, e não a recebendo de volta nesta casa monástica. Alegadamente, Isabel Dique foi posteriormente, afinal, para o Convento de S. Bento, em Évora.

[221] Cfr. Pedro Tavares – "Portugal e a condenação de Miguel de Molinos: impacto e primeiras reações" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, vol. 1, 1994, pp. 157 – 183. Em linha: https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3449.pdf. Acesso em: 3/09/2023.

[222] Ver Zília Osório de Castro – "O regalismo em Portugal. António Pereira de Figueiredo" in *Revista Cultura, História e Filosofia*, vol. VI, 1987, pp. 357 – 411. Para um apanhado, ver o verbete "Regalismo" presente no Dicionário da História Religiosa em Portugal, vol. P-V, páginas 96 a 99.

[223] Consultar Elisa Maria Lopes da Costa – "A jacobeia: achegas para a história de um movimento de reforma espiritual no Portugal setecentista" in *Arquipélago História*, 2ªsérie, 2010/2011, pp. 31-48.

[224] Sobre o tópico da direção espiritual, ver os artigos do número 22, saído em 2015, da revista *Via Spiritus*: *Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso.* Disponível em linha: https://ojs.letras.up.pt/index.php/vsp/issue/view/272. Acesso em: 4/09/2023. E também "Direction spiritualle" in Marcel Viller – Ferdinand Cavallera – Joseph de Guibert (ed.) – *Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et Mystique: Doctrine et Histoire*, vol. 3. Paris: Beauchesne, 1932/1995, pp. 1002 – 1214.

detrimento da vocal[225], ao silêncio e ao recolhimento. O recurso à confissão sacramental intensifica-se, sendo que

> A abundância de missões populares, estáveis e itinerantes (pedâneas), sobretudo a partir do Concílio de Trento, impulsionadas por jesuítas, franciscanos, lazaristas, oratorianos, de norte a sul do país, através do interior rural e encravado na montanha, fez sentir a necessidade da prática sacramental da confissão e comunhão, como alicerce de uma espiritualidade assente na conversão, na perseverança e no aperfeiçoamento moral. A pregação teatralizada e a catequese mecanizada, a leitura edificante e a formação da consciência na privacidade do confessionário eram os meios mais usados na evangelização.[226]

Em toda esta moldura ressaltam os Pia Desideria[227] e uma piedade feita programa, profundamente afetiva, marcada pela resipiscência e pela continuação da forte devoção mariana, fruto de uma atualização e de uma reinterpretação de modelos espirituais anteriores, em especial o de São Bernardo[228], a que se acrescenta, após as visões de Margarida Maria Alacoque, mística francesa seiscentista, a então recente devoção instituída ao Sagrado Coração de Jesus.

De igual modo, a devoção ao Menino Jesus, bem como às chagas de Cristo, torna-se prática reafirmada (muito acarinhada, de facto, pela veneração feminina), enfatizando a meditação na Paixão, como assinala José Félix Duque a propósito do contexto místico-espiritual de Sóror Isabel do Menino Jesus, as evocações dos sofrimentos de Cristo e da sua Paixão são constantes na espiritualidade pós-trindentina[229]. Elabora-se uma espiritualidade que, apesar de austera e persecutória porque desconfiada do sensorial e do místico (de que são sintoma a confissão regular, a obrigatoriedade do preceito dominical e os atos de penitência), faz previver a compaixão

---

[225] Cfr. João Francisco Marques – "A privatização da oração: vocal e mental" in Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *História Religiosa de Portugal*, vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, pp. 603 – 605.

[226] João Francisco Marques – "Confissão" in Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *Dicionário de História Religiosa em Portugal*, vol. A-C, p. 456.

[227] José Adriano de Freitas Carvalho – "As lágrimas e as setas. Os Pia Desideria de Herman Hugo, S. J. em Portugal" in *Via Spiritus*: *Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 2, 1995, pp. 169 – 201.

[228] Adelaide Cardoso nota, por exemplo, que a devoção à Virgem Maria, tendo sido um culto difundido pelos cistercienses no século XII, veio a possuir imenso relevo e expressividade na devoção popular do século XVI. Ver Adelaide Cardoso – *As Religiosas e a Inquisição no Século XVII: Quadros de Vida e Espiritualidade*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, particularmente a página 24. Dissertação de Mestrado.

[229] José Félix Duque Fernandes – *Soror Isabel do Menino Jesus: Vida e Obra de uma Escritora Mística (1673-1752).* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016. Tese de Doutoramento.

pelos sofrimentos crísticos e a afetividade piedosa como itinerário da busca de Deus no interior da alma.

O momento da Eucaristia assume particular relevância, a que não é alheia a prática, posterior ao século XVI, de se erguerem sacrários (não raro preciosos e destacados) sobre os altares. Verifica-se a crescente devoção ao Santíssimo Sacramento, sendo cada vez mais comum, a partir dos meados de Quinhentos, a procura da comunhão frequente[230]. Neste contexto, acentuou-se o desejo dos fiéis de acederem à leitura[231] e compreensão dos textos sagrados, embora os países católicos não tenham permitido as traduções da Bíblia para língua vernácula[232]. Ademais, há que mencionar o peso dos contactos ibérico e italiano, tratando-se

> a circulação das obras em latim e a acessibilidade do castelhano (no original ou em tradução) [de] um dado fundamental para que se percebam muitas das orientações – e também dos debates, das cautelas e das omissões – da literatura de espiritualidade que formou e orientou muitas práticas oração e até diversas devoções na Época Moderna.[233]

No caso das casas monásticas femininas, a circulação das obras de Santa Teresa de Jesus foi imensa, tendo, de facto, orientado e fomentado as práticas de oração aí levadas a cabo.

Manifestou-se, ainda, uma forte devoção a pessoas falecidas em odor de santidade, sobre as quais se redigiram Vidas, com o objetivo de dar início ao processo

---

[230] Sobre este assunto ver Avelino de Jesus da Costa – "A Santíssima Eucaristia nas constituições diocesanas portuguesas desde 1240 a 1954" in *Lusitania Sacra*, 2ªsérie, n. 1, 1989, pp. 197-243. Disponível em linha: https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4860/1/LS_S2_01_AvelinoJCosta.pdf. Acesso em: 13/04/20023. O autor relata que a confissão e comunhão frequentes tornam-se usuais após o Concílio de Trento (sendo que, anteriormente a este, apenas era possível comungar três vezes por ano). Sobre a comunhão diária, Avelino Costa refere que as Constituições da Baía de 1719 permitiam a mesma para pessoas devotas, o que estava já contemplado no Decreto *Cum ad aures*, publicado a 12 de fevereiro de 1679, após a aprovação de Inocêncio XI.

[231] Por ação de Bento XIV, a Igreja Católica concedeu uma abertura à leitura privada da Bíblia em língua vulgar.

[232] Apenas nos finais de seiscentos se projeta a edição de uma Bíblia completa em português, mas circunscrita ao circuito protestante. O autor, João Ferreira de Almeida, missionário português na ilha de Java, que aderiu à Igreja Reformada Holandesa, traduz o Novo Testamento e publica-o em Amesterdão, a 1681, deixando por concluir a tradução total do Antigo Testamento, que viria a ser terminada por outros missionários. No fim de setecentos, António Pereira de Figueiredo traduziu a Bíblia a partir do latim da Vulgata e, com autorização régia, publicou-a, em Lisboa, em 23 volumes. Ver o capítulo "A Bíblia em Portugal" presente na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 4, páginas 642 a 644; o verbete "Bíblia: Traduções em português" o *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, páginas 88-92 e o verbete "Bíblia (edições)", de José Augusto Ramos, presente no *Dicionário de História Religiosa em Portugal*, vol. A-C, páginas 211 a 214.

[233] Carlos Moreira Azevedo – op. cit., vol. C-I, 2000, p. 188.

de canonização daquelas a que Gabriella Zarri se referiu como "santas vivas"[234]. Não obstante, no panorama geral ocidental católico, é de acautelar que as mulheres foram um tanto tardiamente inseridas nas considerações sobre a santidade, apenas entre os séculos XIII e XIV por ação do Papa João XXII[235].

Em todo o caso, no que à santidade[236] diz respeito, os seus traços configuradores distanciam-se cada vez mais do conceito de santo mártir, encaminhando-se para uma santidade associada à heroicidade e à virtude moral, sendo relevantes os milagres, os poderes taumatúrgicos, o dom profético, os êxtases, as levitações, as visões[237].

É de notar que "a figura do santo da Contrarreforma foi sendo alvo de uma certa "despersonalização" e perspetivada numa esfera mais "universalista", de forma a que as suas virtudes pudessem ser reconhecidas e imitadas pelos fiéis em todo o orbe católico"[238]. Outrossim, na concatenação dos decretos conciliares,

> os santos deviam passar a mensagem forte de que a Igreja precisava de conversão e de missionação e de que os grandes do mundo (reis e príncipes), no exercício do seu poder, necessitavam igualmente de conversão, para se tornarem modelos de crédito, de confiança e de imitação.[239]

Não deixa de ser interessante notar que, no decorrer de Setecentos, o número de religiosos e de religiosas no reino era bastante elevado, verificando-se um "crescimento praticamente contínuo até ao terceiro quartel do século XVIII e ainda um recuo do seu número a partir de então"[240]. Poder-se-á afirmar, portanto, que Maria Micaela de São Bernardo viveu num tempo de apogeu da vida religiosa em Portugal.

---

[234] Gabriella Zarri – *Le Sante Vive. Profezie di Corte*. Torino: Rosenberg&Sellier, 1990.
[235] Sobre este assunto consultar: Isabel Morujão – art. cit., 2022.
[236] Para um catálogo das fontes referentes ao tópico da santidade em Portugal consultar o mencionado elenco de Zulmira Santos, Paula Mendes e Maria Inês Nemésio.
[237] Sobre este assunto consultar: Isabel Morujão – "Poesia e santidade: alguns contributos para uma perceção do conceito de santidade a partir de duas biografias devotas de religiosas do século XVIII português" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 3, 1996, pp. 136 – 137. E também Laura Guinot Ferri – *Mujeres y Santidad: Sanadoras por Mediacións Divina. Um Estudio desde la Microhistoria (siglos XVII y XVIII).* Granada: Editorial Comares, 2021. Para um período anterior ao aqui em apreço, ver Gabriella Zarri – "Female sanctity, 1500-1660" in Ronnie Po-Chia Hsia (ed.) – *The Cambridge History of Christianity: Reform and Expansion 1500-1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, pp- 180 – 200.
[238] Paula Almeida Mendes – art. cit., 2012, p. 142.
[239] Isabel Morujão – art. cit, 2022, p. 121.
[240] José Pedro Paiva – "Os mentores" in Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *História Religiosa de Portugal*, vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 201. O autor avança ainda com dados numéricos, referindo um

Com efeito, tem sido crescente a evidência de o ambiente claustral, a despeito das constrições e dos condicionamentos previstos a ele associados, figurar como condição particular para o desenvolvimento da leitura e da escrita femininas[241]. Já Isabel Morujão bem apontou justamente para a atmosfera cultural estimulada e experienciada dentro dos limites intraclaustrais[242], promovendo-se e incitando-se a prática das diversas artes liberais[243]. As mestres das noviças[244] eram, sob este ponto de vista, imprescindíveis, na medida em que eram educadoras, ocupando um

> cargo de vital importancia dentro de la comunidade, pues dichas religiosas no sólo eran las encargadas de enseñar a las novicias las reglas, las normas o el funcionamiento interno del convento, sino también se ocupaban de su formación espiritual y cultural. La doncella que ingresaba en un convento era considerada como uma tabla rasa y como blanda cera, que la maestra debía moldear[245]

O papel formador que as casas religiosas vieram a representar para as mulheres deve ser entendido na moldura do que estava previsto para a educação feminina na Idade Moderna. Embora alguns autores tenham considerado a literacia feminil no âmbito da esfera familiar, com as devidas autorizações de marido, pai ou irmão, ela era perspetivada por muitos autores, intelectuais e moralistas como potencialmente

---

estudo levado a cabo por João Baptista de Castro e o qual aponta para um total de 531 (403 masculinas e 128 femininas) casas religiosas existentes no Portugal setecentista.

[241] Cfr. Antonio Castillo Gómez – "La pluma de Dios. María de Ágreda y la escritura autorizada" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 6, 1999, pp. 103-119. Este autor descreve os conventos enquanto "uno de los principales refugios de la escritura femenina".

[242] Isabel Morujão – *Por Trás da Grade: Poesia Conventual Feminina em Portugal (Séculos XVI-XVIII).* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013.

[243] De notar: "en muchas ocasiones influyó más sus estado civil, pues la educación o instrucción recibida por una jóven, cuyo único destino era el de ser esposa y madre de familia, no era la misma que la recibida por una novicia en el convento, donde junto al aprendizaje de la costura, el hilado, la cocina, etc, se le enseñaba a leer y escribir, incluso en latín, se le proporcionaba conoci- mientos de música, y hasta de aritmética, para poder llevar, en orden, las cuentas del convento. Esto nos demuestra que las monjas pudieron desarrollar con facilidad y hasta con mayor grado de libertad que las laicas, (siempre condicionadas por los imperativos sociales,) sus aptitudes intelectuales" in María Dolores Pérez Baltasar – art. cit., 1998, p. 135.

[244] De notar que: "Em qualquer Ordem religiosa, as noviças dispunham de espaços próprios, só estavam com as professas no Coro e no refeitório (e, na fase final do noviciado, no capítulo semanal, onde expunham as suas culpas antes da restante comunidade, saindo imediatamente a seguir); eram sempre rigorosamente vigiadas pela sua Mestra, que durante o ano de noviciado fazia o seu acompanhamento diário permanente, assegurando o ensino dos rudimentos de doutrina cristã e as regras básicas do viver conventual e do quotidiano religioso." in Antónia Fialho Conde – Margarida Sá Nogueira Lalanda – art. cit., 2020, p. 5.

[245] Maria Dolores Pérez Baltasar – art. cit., 1998, p. 132.

perigosa[246]. Aliás, mesmo nos mosteiros, a prática de escrita e de leitura foi objeto de particular vigilância das abadessas, como o propõe o padre Manuel Guilherme (pseudónimo Manuel Velho) nas suas *Cartas Diretivas e Doutrinais*, e como o sugere o conjunto de estratagemas pensados por Sóror Clara do Santíssimo Sacramento para contornar a leitura da sua correspondência com o seu primo, D. João de Sousa[247]. As primeiras instituições de ensino para senhoras só chegaram, aliás, a Portugal, após a segunda metade do século XVIII, justamente por via conventual, através das visitandinas e das ursulinas[248]. Por conseguinte, seria, sobretudo, em contexto conventual[249] que se processaria a aprendizagem consistente e continuada da escrita e da leitura, tornando-se estes espaços determinantes "para a emergência e visibilidade da escrita feminina"[250]. Ademais, o exercício da escrita é também encarado nas casas religiosas enquanto trabalho, não só no âmbito do *Ora et Labora* cisterciense, mas também correspondendo

> maioritariamente ao cumprimento de uma obrigação ou de uma missão específica, não tanto a uma expressão de liberdade ou de voluntarismo de quem escreve. Trata-se de uma consequência do cargo que uma religiosa ocupa temporariamente (escrivã, abadessa, vigária, provisora,

---

[246] A literatura cavaleiresca, por exemplo, era altamente desaconselhada para as mulheres, cujo frágil espírito se afigurava demasiado permeável aos dramas e amores nela contidos. Ainda que um tanto pioneiro pela sua vertente progressista nesta matéria, tal premissa está já patente no tratado *Instruccíon de la Mujer Cristiana* de João Luís Vives, que nesta obra apresenta um quadro de leituras adequado à mentalidade feminina e no qual sobressai a preferência pelas leituras de teor religioso.

[247] Sobre este assunto, veja-se Alice Lázaro – *A Escada de Jacob. Cartas Íntimas de Soror Clara do Santíssimo Sacramento (Antónia Margarida de Castelo Branco) para D. João de Sousa e Outras Afins (1677 – 1714)*. Lisboa: Chiado Editora, 2014 e também Helena Sousa – *Nas Dobras da Carta: Textos e Contextos femininos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2020. Dissertação de Mestrado.

[248] Estas ordens religiosas estavam vocacionadas especificamente para a educação feminil, ainda que circunscrita a estratos sociais elevados, apresentando matizes de instrução que reproduziam os programas humanistas. Cfr. Zulmira C. Santos – "Para a história da educação feminina em Portugal no século XVIII: a fundação e os programas pedagógicos das visitandinas" in Francisco Ribeiro da Silva – Maria Antonieta Cruz – Jorge Martins Ribeiro – Helena Osswald (org.) – E*studos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos,* vol. 3. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp. 985-1001; Zulmira C. Santos – Helena Queirós – "Letras e gestos: programas de educação feminina em Portugal nos séxulos XVIII-XIX" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 19, 2012, pp. 59-122.

[249] Sobre a instrução feminina ver também: Moreno Laborda Pacheco – "*A magoa de ver hir esquecendo...": Escrita conventual feminina no Portugal do século XVII*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013, pp. 45 – 59. Tese de Doutoramento; Nieves Baranda – "L'éducation des femmes dans l'Espagne post-tridentine" in Silvia Mostaccio (ed.) – *Genre et identités aux Pays-Bas méridionaux: L'éducation Religieuse des Femmes aprés le Concile de Trente*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant, 2010, pp.29-63.

[250] Isabel Morujão – art. cit., 2011, p. 39.

refeitoreira, depositária, vigária do coro, sacristã) ou duma tarefa ordenada por um seu superior.[251]

À paisagem espiritual dos mosteiros femininos portugueses não eram alheias as orientações dos diretores espirituais e dos confessores de cada monja. Consoante fossem cistercienses, franciscanos, dominicanos, carmelitas, jesuítas, agostinhos ou oratorianos, as suas recomendações de leitura e as suas diretrizes espirituais variavam consideravelmente, tendo muitas vezes expressão nas livrarias de cada casa conventual[252].

Importa referir ainda a pegada de outras instituições religiosas ou pararreligiosas como confrarias[253], irmandades e misericórdias. De resto, proliferaram, de facto, fenómenos místicos e devotos também entre os leigos, emergindo várias beatas e beatos "ilustres em virtude", cujos anseios espirituais, de viés popular, promoviam uma forte componente mimética entre os demais fiéis. A despeito desta qualidade modelar e exemplar, foram sendo progressivamente equacionados no quadro da sua necessária institucionalização. A Inquisição vigiou com particular atenção estes estados místicos[254] transversais a seculares e a religiosos, já que, mediante os diversos fingimentos[255] que foram surgindo no decorrer da Época Moderna[256], urgia, por um lado, averiguar a sua

[251] Margarida Lalanda – op. cit., 2014, p. 69.
[252] Sobre este assunto, veja-se José Adriano de Freitas Carvalho – art. cit., 1997.
[253] "Na perspetiva canónica, confrarias são associações de fiéis constituídas organicamente com o fim de exercerem obras de piedade ou caridade e de promoverem o culto público, aspeto que as permite diferenciar das pias uniões, que não contemplam esta última vertente." Carlos Moreira Azevedo (dir.) – op. cit., vol. A-C, p. 459. Para uma visão geral ver o verbete "Confrarias" presente na mesma obra, páginas 459 a 470.
[254] José da Silva Dias – *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII),* Tomo I. Coimbra: Faculdade de Letras/ Instituto de Estudos Filosóficos, 1960, pp.377-397.
[255] O caso de Maria da Visitação, também conhecida por monja da Anunciada, é fulgurante, uma vez que conseguiu enganar com falsos êxtases, estigmas e visões, a sua comunidade, bem como o seu confessor, Frei Luís de Granada, e outras figuras eclesiásticas. O seu fingimento é confessado nos finais de 1588, o que vem a afervorar em muito a desconfiança sobre os fenómenos místicos e a aumentar o seu controlo.
[256] Sobre o tópico da santidade e da santidade fingida, ver Gabriella Zarri – *Finzione e Santità tra Medioevo ed età Moderna.* Torino: Rosenberg&Sellier, 1991. E também Leonardo Coutinho de Carvalho Rangel – *Esposas de Cristo: Santidade e Fingimento no Portugal Seiscentista*. Salvador: Universidade Federal da Baía, 2018. Tese de Doutoramento, particularmente o capítulo "Santidade Falsa e Fingida", páginas 156 a 163, e o seu recente artigo "Mulheres e santidade fingida no Portugal moderno: as Mazedas do beatério do padre Couceiro" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 29, 2022, pp.49 – 85. Disponível em linha: https://ojs.letras.up.pt/index.php/vsp/article/view/12903/11770. Acesso em: 10/11/2022.

autenticidade e, por outro, examinar, autenticar e assegurar a sua natureza ortodoxa. Deste controlo resulta, por exemplo, a prática frequente da confissão.

Em todo o caso, para Setecentos, importa considerar o que Maria Luísa Jacquinet bem sintetizou:

> Na verdade, a espiritualidade do século XVIII português prolongou a dos dois séculos precedentes, dando continuidade às correntes de oração e de direção espiritual e à influência inaciana, e assistindo ao incremento de traduções de obras e à difusão de manuais de oração e biografias espirituais. Além disso, é do século XVIII a assim chamada Jacobeia, movimento de reação contra a relaxação e frivolidade da existência religiosa, que preconizava a austeridade dos costumes, o despojamento, a prática da oração mental, da penitência e da direção espiritual e, enfim, o regresso à mística clássica e ao ideário de desprezo do mundo.[257]

3.1. Uma espiritualidade melíflua e amorosa: A Ordem de Cister e Bernardo de Claraval

Tratando-se Maria Micaela de uma religiosa professa num mosteiro da Ordem de Cister, compreender as orientações da espiritualidade e da vida monástica cisterciense assume particular, e evidente, relevância. Este interesse é acrescido pelo facto de o nome religioso adotado pela freira de Odivelas remeter ao pai da Ordem, São Bernardo de Claraval, cuja doutrina espiritual, tendo indubitavelmente influenciado a Ordem de Cister, assume também especiais devoção e reverberação na mística de Maria Micaela.

A Ordem de Cister[258] surge no século XI motivada por uma cisão com a Ordem beneditina, mais especificamente a que decorreu da reforma de Cluny levada a cabo no século anterior. Esta reforma fez obnubilar os vetores essenciais da espiritualidade de São Bento, dando lugar a um ideário ostensivo e opulento e de natureza feudal. Procurando recuperar os valores da pobreza, da austeridade e do trabalho manual, três monges – Roberto de Molesme, Alberico e Estêvão Harding – partem de Molesme com a missão de pregar a Regra beneditina, procurando revalorizar o despojamento

[257] Maria Luísa Jacquinet – "Entre escrita epistolar, biografia e hagiografia: o caso de Soror Maria Joana (1712-1754), religiosa do Mosteiro do Louriçal" in *Cecil,* n. 3, 2017, p. 2.
[258] Para bibliografia geral sobre a Ordem de Cister consultar: Rémy de Bourbon Parme – *Les Cisterciens (1098 – 1998)*. Bayeux: Heimdal, 1998.

material e a vida ascética[259], e vindo posteriormente a fundar um mosteiro em Cister[260]. Em 1112, Bernardo[261], um jovem proveniente de uma nobre família da Borgonha, vem a juntar-se a estes cenobitas, acompanhado por mais de trinta monges.

Em 1114, é levada a cabo uma reformulação da Regra de São Bento que originou a C*arta Caritatis*[262]*,* texto atribuído a Estêvão Harding de teor legislativo baseado na Regra beneditina e altamente consubstanciado no programa "*ora et labora*", que procurou recuperar o antigo rigor, enfatizando a oração, a solidão, o recolhimento, o despojamento e o trabalho. A própria implantação das novas casas monásticas traduzia, de resto, estes preceitos, já que a Ordem de Cister previu, desde logo, que as terras recebidas para os novos mosteiros deviam situar-se em lugares afastados dos povoados, e ao mesmo tempo conter vinhas, florestas e prados, bem como cursos de água para a edificação de moinhos.

Bernardo funda, em 1115, o Mosteiro de Claraval, sede do retorno a um monaquismo de ideal ascético rigoroso, metaforizado na adoção de hábitos negros, num gesto de claro afastamento dos hábitos brancos utilizados pela Ordem cluniacense: "Despojados pois do homem velho, exultavam por se terem revestido do homem novo"[263]. Ao longo da sua vida Bernardo de Claraval fundou cerca de cento e sessenta e três mosteiros, tornando-se uma figura de referência, não somente enquanto reformador e pai espiritual de uma nova observância, mas também no seu papel de fértil fundador de casas monásticas cistercienses. Com efeito, como bem destaca José Meirinhos,

> a personalidade carismática de Bernardo coloca-o no centro da atividade eclesiástica e política, marcando o rumo da cristandade no seu tempo. O seu caráter, a um tempo contemplativo e místico,

---

[259] Geraldo José Amadeu Coelho Dias - *Quando os Monges eram uma Civilização... Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo.* Porto: CITEM/Edições Afrontamento, 2011. Em linha: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/67887. Acesso em: 12/02/2022.

[260] Para um apanhado sobre a Ordem, consultar Mette Birkedal Bruun (ed.) – *The Cambridge Companion to the Cistercian Order.* Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

[261] De entre a numerosa bibliografia, sobre Bernardo de Claraval, ver Jean Leclercq – *Bernard de Clairvaux*. Paris: Desclée, 1989; Ailbe J. Luddy – *Bernardo de Claraval*: Life and teaching of St. Bernard. Lisboa: Aster, 1959 e Christian Trottmann – *Bernard de Clairvaux et la Philosophie des Cisterciens du XIIe siècle*, Turnhout: Brepols, 2020.

[262] Aires A. Nascimento (introd. e trad.) – *Cister: os Documentos Primitivos. No 9o Centenário da Fundação de Cister.* Lisboa: Edições Colibri, 1999.

[263] Aires A. Nascimento (introd. e trad.) – op. cit., 1999, p. 41.

> mas também combativo e tenaz, permite-lhe exercer uma extraordinária influência na vida monástica, eclesiástica, política e militar do seu tempo.[264]

No que concerne ao ramo feminino[265], apesar de o seu aparecimento estar envolto em incerteza[266], a primeira casa de monjas cistercienses é fundada em 1125 em Tart. A partir desta, viriam a ser fundadas outras casas na Borgonha, chegando a Ordem posteriormente à Península Ibérica, instituindo-se quer por nova filiação de mosteiros já existentes, quer por criação *ex novo.*

No que diz respeito à implantação da Ordem de Cister em Portugal[267], Maria Alegria Marques, a propósito da identificação exata dos seus responsáveis, afirma ser esta "difícil, mesmo impossível, se lhe[s] quisermos atribuir um rosto, uma responsabilidade individual"[268], embora a influência de Bernardo de Claraval seja assinalada[269]. A opacidade e a dispersão das fontes documentais contribuem para que não seja possível precisar certos factos, que permanecem necessitados de maiores exame e crítica filológicos. Um destes dados diz respeito à data exata da chegada a Portugal da espiritualidade cisterciense[270]. A despeito desta dificuldade, Maria Alegria

---

[264] José Meirinhos – "Manuscritos e leituras de S. Bernardo em Portugal na Idade Média" in Maria Alegria Fernandes Marques – Helena Osswald (coord.) – *Cister: por entre História e Imaginário. Livro Do IX Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões.* São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2014, p. 101.

[265] Não há menção a freiras no documento mais antigo dos monges brancos, o *Exordium Parvum*, compilado por volta de 1150, nem nos primeiros estatutos de Cister de 1202. O primeiro estatuto a referir a incorporação de freiras formalmente aceites na Ordem é de 1213. Consultar Elizabeth Freeman – "Nuns" in Mette Birkedal Bruun – op. cit., 2012, pp. 100 – 111.

[266] Sobre este tópico é pertinente o recente estudo de David H. Williams – *The Early Cistercian Nuns (1098-1350)*. UK: Gracewing, 2023.

[267] Para um epítome histórico ver o verbete "Cistercienses", de Pedro Gomes Barbosa, presente no *Dicionário de História Religiosa em Portugal*, vol. A-C, páginas 346 a 351. Para mais desenvolvidas informações sobre a Ordem de Cister em Portugal, consultar Maur Cocheril – *Routier des abbayes cisterciennes du Portugal.* Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1978.

[268] Maria Alegria Fernandes Marques – *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008, p. 54.

[269] "Esbatida a natureza da falsificação, é recuperada de novo a tese da relação direta de S. Bernardo com Portugal, desde logo pelo envio de monges para a fundação de mosteiros, mas sobretudo também como defensor das pretensões de Afonso Henriques ao título de rei, assim como os seus esforços de guerra de cruzada para ampliação do pequeno território de que era senhor e que lhe permitiria aspirar ao reconhecimento como rei. S. Bernardo pode, pois, ser apresentado como figura tutelar da formação do reino de Portugal" José Meirinhos – art. cit., 2014, p. 99.

[270] Esta discussão encontra-se bem sintetizada no capítulo "A introdução da Ordem de Cister em Portugal" presente na obra *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal,* de Maria Alegria Fernandes Marques. Ademais, a autora refere ainda um entrave fundamental: o facto de a maior parte das fontes historiográficas que foram circulando referentes à presença de Cister em Portugal ter sido produzida por

Marques refere a presença de monges de Claraval em Lafões nos finais da década de 1130, posição partilhada, de resto, por Artur Nobre de Gusmão[271]. José Mattoso propõe uma data anterior, à volta de 1085, mais precisamente 1086, com a introdução da Regra beneditina no mosteiro de Vilela na diocese do Porto[272]. Em todo o caso, é durante o reinado de Afonso Henriques e sob a sua tutela que ocorreu "a chegada e mais rápida e extensa implantação territorial da Ordem, quer por conversão de eremitérios, sobretudo no vale do Douro, aos costumes da Ordem, quer por fundação de novos mosteiros"[273].

A incorporação das monjas cistercienses[274] foi feita ao longo do século XIII, tendo alguns mosteiros masculinos sido transformados em casas femininas, como o de Tarouquela, o de Tuías, o de Semide e o de Vairão. O mosteiro de Santa Maria do Lorvão[275] é uma das casas de relevante interesse porquanto passou a ser uma casa cisterciense feminina por ação de uma figura régia, D. Teresa, abrindo caminho para um progressivo aumento do prestígio associado à vertente feminina cisterciense. Importa ainda mencionar o Mosteiro de Celas[276], que prosperou igualmente pelo

autores cistercienses que, mais do que executar um relato objetivo e imparcial, intentavam dignificar e glorificar a Ordem, revelando a documentação um pendor por vezes mais lendário do que propriamente verídico.

[271] Artur Nobre de Gusmão – *A Real Abadia de Alcobaça. Estudo Histórico-Arqueológico*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1948.

[272] Ver o capítulo "O monaquismo ibérico de Cluny" em José Mattoso – *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1982, pp. 55 – 72.

[273] José Meirinhos – op. Cit.,2014, p. 100.

[274] Versando sobre as comunidades cistercienses femininas no Portugal medieval, a investigação de Luís Miguel Rêpas é profícua, tendo contribuído para o estudo do ramo feminino português da Ordem de Cister, na Idade Média. Ver Luís Miguel Rêpas – *As Esposas de Cristo. As comunidades cistercienses femininas na Idade Média, 2* vol. Coimbra: Universidade de Letras de Coimbra, 2021. Tese de Doutoramento. E também Luís Miguel Rêpas – "As várias faces das monjas cistercienses em Portugal (1211-1385) in *Medievalista Online*, n. 33, 2023, pp. 1-14. Disponível em linha: https://journals.openedition.org/medievalista/6332. Consultado em: 9/01/2023.

[275] Para o Mosteiro de Lorvão (na sua vertente feminina) ver Lino de Assumpção – *As Freiras de Lorvão: Ensaio de Monographia Monástica*. Lisboa: Livraria Castro e Silva, 1899; Maria Alegria Fernandes Marques – "As primeiras freiras de Lorvão" – op. cit., 2008, pp. 127 – 180; Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos – *O Domínio de Santa Maria do Lorvão no Século XIV. Gestão Feminina de um Património Fundiário*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001 e Nelson Correia Borges – *Arte monástica em Lorvão. Sombras e Realidade,* vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2002.

[276] Para o Mosteiro de Celas, ver José Maria de Andrade – *Memórias do Mosteiro de Celas*. Coimbra: Imprensa Académica, 1892. Disponível em linha: https://archive.org/details/memorias-do-mosteiro-de-cellas Acesso em: 24/04/2022 e Maria do Rosário Morujão – *Um mosteiro cisterciense feminino: Santa Maria de Celas (séculos XIII-XV)*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 2001.

patrono e tutela de outra filha de D. Sancho I, D. Sancha, e o Mosteiro de Arouca[277], a que se liga D. Mafalda, cuja

> presença (...) vai ser um elemento vivificador (...) O seu prestígio atraía legados; com o seu dinamismo efetuam-se compras; a sua carismática estirpe real, dobrada da sua grandeza de santa, encaminham até Arouca as mulheres dos mais altos estratos da nobreza[278].

Com efeito, a Ordem de Cister em Portugal usufruiu, desde os seus primeiros tempos, de proteção régia[279]. É visível, ainda, na população das suas casas monásticas, femininas ou masculinas, uma forte pegada nobiliárquica[280].

Bernardo de Brito, na *Crónica de Cister*, obra que veio a ser editada em Lisboa em 1602 por Pedro Craesbeeck, menciona algumas religiosas do Mosteiro de Lorvão e do Mosteiro de Celas a quem se atribuíram particulares exemplaridade e rigor espirituais. Tal testemunho acaba por traçar um itinerário das características da santidade feminina que a espiritualidade cisterciense privilegiava, sendo, por conseguinte, pertinente o seu destaque.

---

[277] Para um maior conhecimento sobre a fundação, instalação e progressão do cenóbio de Arouca nos seus tempos iniciais, ver Maria Helena da Cruz Coelho – *O Mosteiro de Arouca do Século X ao Século XIII*. Arouca: Camara Municipal de Arouca/Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, 1988. Para um estudo do mosteiro já habitado por monjas, ver Luís Miguel Rêpas – *Quando a Nobreza Traja de Branco: a Comunidade Cisterciense de Arouca durante o Abadessado de D. Luca Rodrigues (1286-1299)*. Leiria: Magno Edições, 2003; Dina Carla Ferreira de Sousa de Almeida – *O Mosteiro Cisterciense de Arouca. Comunidade e Património (1300-1317)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2003; Rafael Marques Vigário – *O Mosteiro de Arouca no Século XV (1400-1437). A Comunidade e o Património*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007

[278] Sobre este assunto, ver Maria Helena da Cruz Coelho – Rui Cunha Martins – "O monaquismo feminino cisterciense e a nobreza medieval portuguesa (séculos XIII – XIV)" in *Theologica*, II série, vol. 28, Braga, 1993, p. 487.

[279] D. Afonso Henriques esteve muito ligado à Ordem de Cister e à sua entrada em Portugal.

[280] Sobre este assunto ver os estudos supracitados de Maria Helena da Cruz Coelho e de Rui Cunha Martins, e de Luís Miguel Rêpas. Este último autor, a despeito de deixar bem clara a presença e a importância de monjas provenientes de estratos sociais nobres no Mosteiro de Arouca, chama a atenção para a necessidade de, sob um escopo mais abrangente, se aprofundar o estudo sobre a relação entre nobreza e monaquismo feminino cisterciense, comparando as distintas comunidades femininas e procurando compreender as suas ligações e interações socio-religiosas. Ainda Rêpas, no artigo "Ela houve mao preço, e colheu-se, com medo deste paai soarez, seu marido, a arouca, e filhou havito". Mulheres que procuram asilo em mosteiros cistercienses", através de três casos distintos de foragidas (o de duas nobres e o de três religiosas), lança pistas hermenêuticas sobre a possibilidade de as comunidades de Cister serem comunidades permeáveis ao abrigo e ao acolhimento. Ver Luís Miguel Rêpas – "Ela houve mao preço, e colheu-se, com medo deste paai soarez, seu marido, a arouca, e filhou havito". Mulheres que procuram asilo em mosteiros cistercienses" in Amélia Polónia – Francisco Mangas (ed.) – *Mobilidades: Olhares Transdisciplinares Sobre um Conceito Global*. Porto: CITCEM, 2021, pp. 427-440. Disponível em linha: https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/19197.pdf. Acesso em: 6/11/2023.

A primeira menção é a Maria Martins, religiosa que levava a cabo "jejuns, cilícios, disciplinas, serviço das enfermas, não fugindo de serviço nenhum da casa por baixo e humilde que fosse, e todo o mais tempo que lhe restava destas ocupações, empregava em fiar, coser e broslar coisas para o serviço da Igreja"[281]. Teve sob a sua direção espiritual uma sobrinha (que, usufruindo dos seus conselhos, logrou também fama de santa) a quem aconselhava a oração, e "sendo ela ainda pequena ela [Maria Martins] a inflamava no amor de Deus todo [o] possível, e quando na missa levantavam a hóstia, lhe dizia que a venerasse porque estava nela o Menino Jesus" [282]. Além disso, Bernardo de Brito relata que Maria Martins, na impossibilidade de fazer uma peregrinação a Jerusalém, a fez dentro do mosteiro:

> (...) se despediu das religiosas como que se partia para as mais não ver, e começou de andar correndo altares e caminhando por claustros sem falar com pessoa viva, nem as religiosas lhe falavam sabendo ser esta sua determinação. Acabando o convento de jantar, entrava no refeitório e comia o que lhe era necessário (que sempre era bem pouco) e o que ficava fazia sinal com a mão à refeitoreira que o mandasse dar a pobre (...) Acabou neste exercício um ano perfeito, que era o tempo limitado para seu caminho, e chegado o dia em que se acabava, se foi pôr de joelhos com as mãos levantadas diante do altar do Santíssimo Sacramento, onde esteve desde a meia noite até horas que a sacristã foi para abrir as portas da Igreja, e poder entrar o povo para ouvir missa, e chamando-a que se viesse para dentro algumas vezes, e vendo que não acudia, se chegou a ela, e a viu estar fria sem espírito, mas formosa, e com a cor do rosto tão clara e resplandecente que bem mostrava o corpo o lugar para onde mandara a alma"[283].

A religiosa posteriormente referida é D. Guiomar da Silva, descrita como tendo uma vida exemplar, devota e penitente:

> desde o dia que entrou na religião com ânimo de servir a Deus, resignou sua vontade e desejos nas mãos da obediência, de modo que em coisa nenhuma saída da vontade de seus prelados, nem quebrava preceito da regra, e definições que viesse à sua notícia. Toda sua ocupação era continuar o coro e cantar nele as horas canónicas em comunidade, trabalhando por ter sempre atenção no

---

[281] Bernardo de Brito – *Chronica de Cister: Onde se Contam Coisas Principaes desta Ordem & Muytas Antiguidades do Reyno de Portugal: Prumeyra Parte*. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, 1720, p. 886. Disponível em linha: https://archive.org/details/chronicadecister00brituoft/page/n3/mode/2up. Acesso em: 11/05/2023. A atualização para o português atual do trecho transcrito é da minha responsabilidade.
[282] Bernardo de Brito – op. cit., 1720, p. 887. A atualização para o português atual do trecho transcrito é da minha responsabilidade.
[283] Bernardo de Brito – op. cit., 1720, p. 888. A atualização para o português atual do trecho transcrito é da minha responsabilidade.

> que dizia. Era devotíssima dos anjos e sempre lhe rezava devoções particulares (...) Nunca saiu do seu leito, salvo para o coro, mas o dia todo gastava em meditar em Deus com o coração e trabalhar em alguma coisa com as mãos. Nunca na sua boca se ouviu palavra escandalosa, nem houve freira naquele convento que se agravasse de obra, nem palavra sua. Era muito compassiva das enfermas e sempre tomava uma hora no dia para as visitar e levar-lhe alguma coisa das que tinha, principalmente às pobres e que não tinham quem lho desse. (...) A maior parte da noite vigiava em oração com os joelhos em terra. Com estas e outras muitas virtudes chegou a santa religiosa ao fim dos seus trabalhos passados sempre em grande humildade e pobreza de espírito(...)[284].

O autor inclui também o caso de D. Helena da Silva, religiosa que desde cedo foi criada no Mosteiro de Celas, tendo aí posteriomente professado, mostrando desde então uma

> devoção e zelo para as coisas de Deus tão vivo como depois mostrou e tal devoção tomou com nosso Padre S. Bernardo, que onde via a sua imagem, ou ouvia ler coisa sua, logo se arrebatava e embebia nele de modo que lhe não lembrava outra nenhuma coisa (...) [No] Mosteiro de Celas fez profissão e vida em tanta abstinência, oração e lágrimas, que era um raro exemplo de virtude. Trazia perpetuamente cingido um cilício ao corpo, tomava disciplinas asperíssimas, jejuava a pão e águas muitos dias no ano era devotíssima da Paixão de Jesus Cristo, em a qual meditava com grande brandura de coração[285].

Bernardo de Brito alude ainda ao facto de esta religiosa ter redigido um livro composto em verso castelhano sobre a Paixão de Cristo, nele espelhando a sua forte devoção crística, funcionando a obra como uma espécie de prolongamento da sua vida espiritual, mas também de prova e de confirmação da sua exemplaridade.

Todas estas mulheres viveram e morreram em odor de santidade. Se se executar um apanhado destes relatos, facilmente se compreende que os vetores essenciais da espiritualidade feminina cisterciense passavam por um rigoroso sentido de obediência, uma forte inclinação para o trabalho manual e para o serviço comunitário, enfatizando-se o auxílio às enfermas, uma orientação para o recolhimento e para a oração, e também para o despojamento e para a pobreza, um privilégio pelos rigores, pelos jejuns e pelas penitências, bem como uma íntima devoção à Eucaristia e à Paixão de Cristo, a que se

[284] Idem, ibidem, p. 889. A atualização para o português atual do trecho transcrito é da minha responsabilidade.
[285] Idem, ibidem, p. 890. A atualização para o português atual do trecho transcrito é da minha responsabilidade.

acrescenta a possibilidade da escrita como exercício agregador e atestador destas manifestações religiosas. Com efeito, Maria Micaela de São Bernardo, possuindo ênfases e particularidades próprios, deixa igualmente patente no seu texto estas linhas mestras ascéticas, confirmando que o modelo que seguia se fundava, dando-lhe continuidade, nesta espiritualidade.

Neste seguimento, importa compreender em que consiste a espiritualidade da Ordem de Cister. A este propósito, é deveras elucidativo um trecho de uma das cartas de Bernardo de Claraval, remetida aos monjes de Aulps:

> Nuestra Orden es abyección, es humildad, es pobreza voluntaria, obediencia, paz gozo em el Espírito Santo. Nuestra Orden es ser sumiso al maestro, al abad, a la Regla, a la disciplina. Nuestra Orden es amar el silencio, ejecitarse em los ayunos, las vigilias, la oración, el trabajo manual y sobre todo mantenerse em el camino más excelso: el amor. Em uma palabra: progresar en todo esto de día en día, y perseverar aí hasta el final de la vida.[286]

Em termos gerais, a espiritualidade cisterciense favorece a interioridade, o recolhimento, a austeridade e, sobretudo, o amor, "elementos que guiam o monge no itinerário espiritual à procura do conhecimento de si mesmo para chegar ao conhecimento de Deus" [287]. A propósito do monge de Alcobaça da Idade Média e da Época Moderna (o que bem poderá ser transposto para a Ordem de Cister em geral), Saúl Gomes aduz precisamente que este "realizava a sua fuga às coisas mundanas. Não lhe bastavam os votos solenes da obediência e o seu associado de estabilidade claustral, o de pobreza e o de castidade; havia que cultivar os princípios da moderação e mesmo da abnegação no alimento, no vestuário, na gestualidade corporal"[288]. Analogamente, o trabalho manual assume particular relevância ascética, integrando a vida espiritual, tal como a leitura, que, embora não prioritária, era compreendida como um exercício de combate ao ócio[289]. Assim, a Regra de S. Bento era bem explícita quanto aos livros e à

---

[286] Carta 142 in San Bernardo – *Obras Completas*, tomo VII, Cartas. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2003, p. 511 e p. 513.
[287] Geraldo J. A. Coelho Dias – "Bernardo de Claraval: apologia para Guilhereme, Abade" in *Mediaevalia. Textos e Estudos,* n. 11-12, 1997, p. 14.
[288] Saúl Gomes – art. cit., 2014, p. 46.
[289] A Ordem de Cister determinava que os seus religiosos nunca estivessem ociosos, algo que Maria Micaela deixa bem patente na sua autobiografia espiritual. A título exemplificativo: "Mas mais tudo isto se torna em dobrados favores que o Senhor lhe mostra com assegurá-la, mas é como mostrando-lhe que

necessidade da leitura na vida quotidiana dos monges, perscrevendo em particular a leitura em alta voz durante as refeições, tomadas em absoluto silêncio, que nem podia ser interrompido para pedir o necessário à refeição ou sobre o próprio conteúdo da leitura escutada.[290]

Apesar disto, a espiritualidade cisterciense secundava o estudo. Numa carta dirigida a um estudante inglês, São Bernardo enuncia: "*Ligna et lapides docebunt te, quod a magistris audire non possis*"[291]. Importa, todavia, atendendo ao seu contexto, reconhecer neste gesto mais um apelo a não confiar cegamente nos mestres nem na sabedoria humana (Bernardo não só não era escolástico, como recusava a preeminência concedida à razão), do que de facto uma desconsideração pelo estudo[292]. Em todo o caso, em Portugal, sobretudo com a introdução do Humanismo, a orientação para o estudo que Cister não possuía na sua origem passa também a integrar a vida religiosa, assistindo-se a um novo período de resplendor cultural, tratando-se o Mosteiro de Alcobaça do epítome disto mesmo[293].

De facto, a produção escrita cisterciense não deixou de ser largamente profícua, acabando por traduzir a sua espiritualidade através do privilégio por uma linguagem afetiva como veículo de expressão. Enfatizando uma profunda afetividade no itinerário da busca de Deus no interior da alma, os textos dos seus autores são, muito devido à

---

se não descuide ela da sua parte, a que Deus nosso Senhor nos manda que trabalhemos e não estejamos mão sobre mão. Isto me afronta várias vezes, ver o pouco que posso e faço, mas meu Senhor e Pai da alma me consola, mostrando-me os mesmos modos que temos para não estarmos ociosos, que é fazer e trabalhar interiormente, pondo o palácio do Rei da glória [Fl. 138] todo desocupado, que é a nossa alma, o nosso coração, e todas as nossas potências e sentidos, assim interiores como exteriores." Fs. 137v. – 138.

[290] José Meirinhos – art. cit., 2014, pp. 104 – 105.

[291] Carta 106 in San Bernardo – op. cit., tomo VII, 2003, p. 390. Esta frase indica que o monge deve aprender com a própria natureza, que ensina o que os mestres não ensinarão.

[292] Este é desconsiderado quando utilizado não para edificação própria ou do outro, mas como recurso de vanglória ou de curiosidade. S. Bernardo reconhece, aliás, o seu valor no quadro da salvação quando colocado ao serviço do amor. Ver o "Sérmon sobre el Cantar de los Cantares 36", 2-3, in San Bernardo – *Obras Completas de San Bernardo*, tomo V, Sermones sobre el Cantar de los Cantares. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1987.

[293] No Mosteiro de Alcobaça já existia uma grande biblioteca e um *scriptorium* ativo desde o início, mas, a partir de Quatrocentos, experimentou um novo fulgor, levando-se a cabo tradução de vários textos em línguas clássicas para o português, e a composição de textos de natureza espiritual, particularmente ricos e complexos. Ver o artigo de Saúl Gomes supracitado.

influência do *Cântico dos Cânticos*[294] e de São Bernardo, que "deu à nova ordem monástica a dimensão terna e carinhosa da sua devoção pessoal a Maria" [295] e a Jesus, deveras marcados por imagéticas amorosas e do âmbito do feminino.

Com efeito, Bernardo de Claraval serviu-se amiúde, por exemplo, da metáfora da amamentação[296], estando-lhe associada a célebre representação em que surge como recebendo diretamente na sua boca um esguicho do leite da Virgem (simbolizando a proteção mariana e, ao mesmo tempo, a sua fonte de sabedoria divina)[297]. Importa ressalvar que esta imagem da "aleitação" de São Bernardo pela Virgem Maria, aparecendo pela primeira vez num Missal alcobacence iluminado do século XIV[298], logrou vasta atenção também na iconografia portuguesa dos mosteiros cistercienses, ordenando os visitadores a reprodução desta cena em quadros que deviam integrar as casas monásticas[299].

Mas o tema da amamentação não se esgota nesta representação, surgindo também São Bernardo colocando a mão no peito como se, apesar de homem, pudesse

---

[294] Na introdução à supracitada edição espanhola dos *Sermones in Cantica canticorum* de São Bernardo, Juan María de la Torre discorre sobre a importância deste texto bíblico para os cistercienses e a sua espiritualidade.

[295] Geraldo J. A. Coelho Dias – *Religiões da nossa Vizinhança: História, Crença e Espiritualidade*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Departamento de História/Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2006, p. 388.

[296] Sobre este respeito, consultar o capítulo "A "Aleitação" de S. Bernardo, marca da devoção Mariana dos Cistercienses" presente no estudo supracitado de Geraldo J. A. Coelho Dias, páginas 385 a 403.

[297] De facto, "a partir dos finais do séc. XIII, na França ou talvez na Península Ibérica, começou a ganhar corpo a lenda da "aleitação" ou alactação de S. Bernardo por Maria, tão edulcoradamente transmitida por pinturas de Murillo e Ribera e por tantos e tantos quadros de devoção monástica espalhados pelos antigos mosteiros cistercienses. Esta eidética ou imagética mostra S. Bernardo, umas vezes de joelhos, outras de pé, a receber sofregamente do peito de Maria um jacto de leite e dizendo a frase do formulário litúrgico "*Monstra te esse matrem*", tirada da antífona mariana "*Ave Maris stella*", enquanto Maria segura ao colo seu Filho Jesus. Sublinhe-se, entretanto, que a cena tem diversas composições ou representações. Muito raramente a Virgem mete o seio na boca de S. Bernardo, quase sempre, é a Virgem Maria, a comprimir o seio e a derramar um jacto de leite na boca de S. Bernardo. A cena pretende demonstrar que S. Bernardo participa no mistério virginal daquele corpo em que o próprio Deus feito homem hauriu o seu alimento. Ali, pelo leite recebido de Maria, S. Bernardo é "irmão colaço" de Jesus e filho adoptivo de Maria, que é também sua mãe, fonte da sua alimentação espiritual. Trata-se, em verdade, duma lenda, duma ficção piedosa, duma liberdade artística, que se torna símbolo duma realidade espiritual e significativa, qual é a devoção à Virgem, que S. Bernardo apresentava como Mãe da Humanidade redimida por Jesus." Geraldo J. A. Coelho Dias – *op. cit.,* 2006, p. 396.

[298] *Missale secundum antiquum usum cisterciensium*, BNL, Códice alcobacense n. 26, Fl. 258v.

[299] Saúl Gomes – *Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal. Séculos XV e XVI*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitetónico, 1988, p. 130, p. 160.

igualmente lactar e amamentar. Dirigindo-se a um monge seu sobrinho que passou da Ordem de Cister para a de Cluny, Bernardo afirma:

> Y esto lo digo, hijo mío, no para avergonzarte, sino para llamarte la atención como a um hijo amadísimo. Pues aunque tengas muchos tutores em Cristo, no tienes muchos padres. Y si me lo concedes, yo te he engendrado para la religión com mi palabra y con mi ejemplo. Te alimenté después com leche (...) A ti también te han arrancado de mi seno y de mis entrañas."[300]

Este privilégio por metáforas e imagens do foro da maternidade radica num profundo entendimento da conceção divina de Maria como momento essencial da redenção da Humanidade[301]. Isto conduz, por um lado, à inevitável valorização da figura da Virgem Maria e, por outro, ao entendimento de Jesus (e do próprio abade) também como mãe[302], culminando no facto de, para Bernardo de Claraval, "mothering meant not only nurturing but also an affectivity that was needed to complement authority"[303]. Dirigindo-se ao Papa Eugénio III, São Bernardo declara:

> El amor que vos profeso no vos considera su amo; te reconoce como su hijo (...) Confieso que ya me han despojado del oficio de madre, pero no me han despojado de su afecto. Hace tiempo que te puse en mi seno; no te sacarán de él tan fácilmente (...) Por eso, no te amonestaré como maestro, sino como madre (...) como quien ama.[304]

---

[300] Carta 1 in San Bernardo – op. cit., tomo VII, 2003, p. 53. Sobre as cartas do autor, ver *The Letters of St. Bernard of Clairvaux*. London: Burns/Oates, 1953.

[301] Bernardo de Claraval, na esteira dos Padres da Igreja, observa em Maria a nova Eva, sem cuja maternidade por graça divina seria impossível a recuperação da herança divina: "Hermanos, la presente solemnidad de la Anunciación del Señor nos invita a contemplar la sencilla historia de nuestra redención como una deliciosa llanura. Al ángel Gabriel se le confia una nueva missión, y la Virgen, que profesa una nueva virtud, recibe los honores de un saludo inaudito. ¡Desaparece la antigua maldición de las mujeres, y esta nueva madre recibe una nueva bendición! La gracia llena a la que está extenta de la concupisciencia; de este modo vendrá sobre ella el Espíritu y, sin haber conocido varón, dará a luz al Hijo del Altíssimo. La misma puerta que dejó pasar el veneno de la serpiente e infecto a toda la humanidade, da paso ahora al antídoto de la salud" Sermón en la Anunciación del Señor 2, 1 in San Bernardo – *Obras Completas*, tomo III, Sermones Litúrgicos (1º). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005, p. 661

[302] "In general, the image of the motherhood of Christ expressed three aspects of Christian belief about Christ's role in the economy of salvation. First, Christ's sacrificial death on the cross, which generated redemption, was described as a mother giving birth; second, Christ's love for the soul was seen as the unquestioning pity and tenderness of a mother for her child; third, Christ's feeding of the soul with himself (his body and blood) in the eucharist was described as a mother nursing her baby." in Bynum – op. Cit, 1991, p. 158. Sobre o tópico de Jesus como mãe, ver Caroline Walker Bynum – *Jesus as Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages*. California: University of California Press, 1984.

[303] Caroline Walker Bynum – op. cit., 1991, p. 158.

[304] San Bernardo – Obras Completas de San Bernardo, tomo II. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984, p. 431.

Nos *Sermones in Cantica canticorum*, afirma:

> Escuchen esto los prelados que prefieren sempre que sus súbditos les teman, pero no servirles. Aprended los que juzgáis la tierra. Entended bien que debéis ser madres y no señores. Intendad que os ámen, no que os teman: cuando haya qye recyrrur a la severidade, ésta sea paternal no tiránica. Mostraos como madres, alentando; como padres, corrigiendo. Sed mansos, deponde toda dureza, no uséis el látigo, mostraos entrañables; que vuestros pechos desborden la dulzura de la leche, y no hinchen de soberbia.[305]

Assim, ao rigor ascético acrescenta-se uma orientação amorosa e maternal que torna a espiritualidade cisterciense particularmente munida de afetividade, resultante da devoção a Maria[306] e à sua maternidade, invocada na ordem como *Mater Cisterciensium*[307].

A propósito desta forte inspiração mariana da Ordem de Cister[308], Geraldo Dias destaca o contributo espiritual de Bernardo de Claraval[309], em cuja obra, a despeito de na sua totalidade os escritos mariológicos não serem muitos, conferiu especial atenção a Virgem Maria, sobretudo nos seus sermões[310]. Esta figura é compreendida dentro do quadro do plano salvífico de Deus, sendo uma mediadora[311] através da sua participação no Mistério da Encarnação de Jesus, seu filho: "*Sed iam advertitis, ni fallor*

---

[305] Sermón sobre el Cantar de los Cantares 23, 2, in San Bernardo – op. cit., tomo V, 1987, p. 323.

[306] Sobre o fenómeno mariológico, consultar Stefano de Fiores – Salvatore Meo – Eliseo Tourón (dir.) – *Nuevo Diccionario de Mariologia*. Madrid: San Pablo, 1998.

[307] Aliás, "O 8º Capítulo Geral de Cister estipulou que todos os mosteiros cistercienses que se fundassem fossem postos sob o patrocínio e nome de Maria, 'Rainha do Céu e da Terra'" Geraldo J. A. Coelho Dias – op. cit., 2006, p. 388.

[308] Cfr. Alberto Gomez de las Bárcenas – "Devoción mariana de la Orden Cisterciense" in *Cistercium, n. 91*, 1964, pp. 53 – 61.

[309] É justamente neste seguimento que Bernardo de Claraval ficaria a ser conhecido enquanto Doutor mariano por excelência. Aliás, Luís XIII, rei de França, proclama-o em 1626 o "citarista de Maria". Sobre o contributo de S. Bernardo na espiritualidade cisterciense, ver Geraldo J. A. Coelho Dias – "A marca de São Bernardo na espiritualidade e na cultura cisterciense" in *Atas do Seminário Internacional Tarouca e Cister: Espaço, Espírito e Poder*. Tarouca: Câmara Municipal, 2004, pp. 203 – 223.

[310] "(...) o carácter mariológico da obra de S. Bernardo advém-lhe sobretudo por causa dos 4 sermões sobre a Anunciação ou "*Homiliae in laudibus Virginis Matris super "Missus est"*, o sermão sobre o "Aqueduto" na Natividade de Maria, os 4 sermões sobre a Assunção de Maria e o Domingo da sua Oitava, os 3 sermões na festa da Purificação de Maria, o sermão sobre o Capítulo XII do Apocalipse a respeito das 12 estrelas e as aplicações alegóricas a Maria nos sermões sobre o 'Cântico dos Cânticos'" Geraldo J. A. Coelho Dias – op. cit., 2006, pp. 389 – 390.

[311] No "Sermón en el Domingo dentro de la octava de la Asunción, 1" esta mediação é descrita por intermédio de Jesus, mediador central e essencial. Tendo sido Virgem Maria corresponsável por o trazer à Humanidade, também ela é mediadora da salvação e, por isso, indispensável. in San Bernardo – *Obras Completas*, tomo IV, Sermones Litúrgicos (2º). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006, pp. 395 – 417,

quoniam Virgo regia ipsa et via, per quam Salvator advenit proceden ex ipsius utero, tamquam sponsus de thalamo suo"[312]. Decorre, porventura, desta configuração o facto de Bernardo designar Maria mormente por "Mãe", "Medianeira", "Rainha", "Senhora" e "Nossa Senhora"[313]. Além disso, através da Virgem Maria, São Bernardo assinala a humildade como pedra angular do processo ascético, virtude cuja relevância é de facto preponderante na espiritualidade cisterciense[314]:

> Preciosa combinación ésta, em la que se asocian la virgindad y la humildad. A Diós le agrada el alma cuya humildad ensalza la virginidad y cuya virgindade anda engalanada com la humildad. Y piensá qué veneración no se merecerá una alma, cuya fecundidad realza todavia más su humildad (...) Si no eres capaz de imitar la virginidad de la humilde, emula al menos la humildad de esta virgen. La virginidad es una virtud encomiable, pero la humildad es una virtud imprescindible.[315]

Também na autobiografia espiritual de Maria Micaela está patente esta vigorosa devoção mariológica:

> Dia de minha Senhora da Piedade foram os favores grandíssimos que eu toda recebi nesse dia e noite, e toda minha alma cheia de gozo se derretia por lhe fazer algum limitado serviço, porque tenho a esta Senhora tão grande afeto e carinho, que sempre desejo não ter ação alguma que não seja dirigida pela Mãe de Deus. Já se entende que isto não é dar a entender que a Senhora me fala, mas é um modo maravilhoso que a alma percebe para que, com santo temor, não siga senão como conhecendo, pelos efeitos que sente dentro da alma, que é mais do agrado desta Senhora. Porque ela já uma vez, estando eu para me deitar na cama, fazendo um oferecimento ao Padre Eterno de tudo [o] que a Senhora padeceu na Paixão e morte de seu bendito filho, fazia eu dois oferecimentos. O primeiro, prostrada por terra com a boca no chão, ajuntando todos os seus santíssimos trabalhos, que os dizia em poucas palavras e mais algumas orações e, depois, me levantava e me punha de joelhos, como sempre faço. E, fazendo alguns atos de contrição e exame de com[s]ciência, torno a repetir ao Padre Eterno tudo [o] que a Senhora padeceu com seu amantíssimo filho desde que na[s]ceu em palhinhas, a circuncisão, a fugida dos três dias, a notícia da prisão com a cruz às costas, a lançada no peito, o Senhor morto nos braços, a soledade da Senhora... Tudo lhe represento às noites com mais rezões que, por serem muitas, as não escrevo, mas faço tudo o que minha ignorância pode alcançar.[316]

---

[312] "Sérmon en el Adviento del Señor 2, 5" in San Bernardo – *op. cit.,* tomo III. 2005, p. 76.
[313] Ver Geraldo J. A. Coelho Dias – op. cit., 2006, p. 391.
[314] Na Regra de São Bento encontra-se, precisamente, um capítulo inteiro dedicado à humildade.
[315] "En alabanza de la Virgen Madre, I, 5" in San Bernardo – *Obras Completas de San Bernardo*, tomo II, Tratados (2º). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999, p. 607.
[316] Fs. 167v. – 168.

A natureza de *Mater dolorosa* de Maria é salientada, enfatizando-se a sua capacidade de padecer por Jesus. No conjunto do texto, a Virgem Maria figura, pois, sobretudo na sua qualidade de Mãe copiosa, piedosa e redentora, mas também enquanto guia e mentora:

> Eu já não quero outra vida, nem outro viver mais que ter sempre todos os meus sentidos e potências, assim da alma como do corpo, todas cheias de uma viva lembrança de meu Deus, e Senhor e Pai de minha alma, e ser toda dirigida e governada por meu Deus e minha mãe Maria Santíssima[317];
>
> Era dia de di[s]ciplina, e como me fui a tomá-la, não tinha tempo de fazer muitas humilhações costumadas nestes grandes favores. E eu, como ia assim, não sentia muito o golpe da di[s]ciplina, o que eu desejava que fosse forte, mas, estando nestes cuidados todos juntos de não sentir o golpe, e da humildade que desejava ter em tão grandes favores, sentindo dentro da alma como minha Senhora me dizia, ou me ensinava, que oferecesse ao Senhor a ardentíssima humildade com que ela recebia os seus divinos favores. E com mais rezões que a alma as percebeu, mas a minha ignorância as não sabe dizer. Só me causou esta Senhora umas entranháveis saudades suas e se aumentou meus desejos ardentíssimos de ser muito, muito sua devota, com mais amores e ternuras entranháveis que me tem durado vai por três dias, e cada vez se aumentam mais e mais.[318]

É Nossa Senhora uma das figuras centrais e que adquire maior relevância nas visões e nos sonhos visionários da autora, assomando pejada de predicados amorosos e reiteradamente enaltecida na sua maternidade afetuosa e sofrida, bem como na sua sapiência orientadora: "Dá-me o Senhor a conhecer os grandes perigos que há neste estado da parte da alma que, às vezes, me fazem como desmaiar se o Senhor me não confortara, e a interceção de minha Senhora, porque sempre chamo por ela"[319]. Desta exaltação da maternidade de Maria (o símbolo pleno da sua graça divina) resulta a opção por uma terminologia semelhante à adotada por Bernardo de Claraval para a designar: "Mãe" e "Senhora". No texto de Maria Micaela, estes vocábulos são

---

[317] Fs. 162v. – 163.
[318] Fs. 171 – 171v.
[319] Fl. 181. Curiosamente, este segmento parece dialogar, pela presença de Maria enquanto conselheira redentora no caminho espiritual, com o seguinte trecho de S. Bernardo: "Cuando temías acercarte al Padre y, aterrado con solo oír su voz, te encondías entre el follage, él te dio a Jesús por mediador. ¿Qué no conseguirá tal Hijo de tal Padre? Le escuhará sempre por su gran respeto: el Padre ama al Hijo; ¿pero recelas acaso acercarte a él? Es tu hermano, y tan humano como tú; tiene experiencia de todo, a excepción del pecado, para ser compasivo. Este hermano de lo dio María" in "Sermón en el nacimiento de Santa María, 7" in San Bernardo – op. cit, tomo IV, 2006, p. 425.

frequentemente antecedidos pelo determinante possessivo "minha", o que evidencia o seu contato íntimo e afetivo com a Virgem:

> Neste tempo, senti que minha Senhora me encostava a alma no seu divino regaço, que era como nos seus divinos joelhos, e pondo-me as suas divinas mãos como sobre o rosto. Mais senti e ficou a alma que não sei como o diga. Não me creia Vossa Reverendíssima, que eu tremo de o dizer, inda que é só para a provação que não haja engano. E três dias senti a assistência de minha Senhora vivamente nas inflamações do amor que representam estas coisas que, sendo eu a que sou, não podia ser. Mas nestes três dias, no primeiro foi nas cruzes que já deixo dito. No segundo dia, vindo do leito para o coro como fugindo de criaturas que me não detivessem, que sentia um trato íntimo com meu Senhor, senti a minha Senhora sem me falar senão como que vindo duas pessoas tratando e falando ambas sós, se entremete outra.[320];
>
> Meu Senhor me disse estes dias: "assiste com minha mãe". A alma, toda cheia de gozo, a buscava, que era véspera da véspera do nascimento do Senhor no Deus. Logo se achou com a Senhora, mas já perto, porque a alma sentia a Senhora parada. A alma que tinha recebido o Senhor lhe parecia que o levava dentro de si. Via que a Senhora olhava para ela toda cheia de gozo e alegria, e lhe dava a entender que a alma estava rica. Ela com alegria a chegava a si, e lhe dizia: "sabe guardar os tesouros do céu". Ó, Senhor, quem me soubera dar a entender as grandezas com que tratais esta pobrezita alma?
>
> Na véspera de Natal, à noite, sentia minha alma a seu Deus menino. Mas foi de sorte que ela se não atrevia a pegar, com temor e reverência se humilhava. Toda desfeita em fogo de amor e lágrimas lhe dizia muitos amores. Fui à minha Senhora dar-lhe o parabém.[321]

Sendo Maria apresentada amiúde em função de Jesus, e ambos integrando o plano da salvação, da redenção e do Mistério da Santíssima Trindade, verifica-se uma interdependência um tanto simbiótica entre as noções associadas a estas figuras – a mesma que acompanha o tratamento dado por Bernardo de Claraval à Mãe e ao Filho[322] –, surgindo frequentemente juntas e dialogando nos sonhos visionários da autora. De

---

[320] Fl. 227v.

[321] Fs. 29 – 29v.

[322] Na quarta homília do sermão *Em louvor da Virgem Mãe* de Bernardo de Claraval está patente esta conceção da Virgem Maria enquanto fundamental interveniente no plano salvífico, já que no seu útero concebeu o Verbo feito carne, Jesus, não sendo possível separar Mãe e Filho, profundamente ligados no seu âmbito comum de redenção: "Es indudable que cuanto proclamamos em alabanza de la Virgen Madre le corresponde igualmente al Hijo. Y, a su vez, cuando honramos al Hijo, no menoscabamos la gloria de la Madre" in "En alabanza de la Virgen Madre, IV, 1" in San Bernardo – op. cit., tomo II, 1999, p. 659. Ver também Geraldo J. A. Coelho Dias – "São Bernardo: a bíblia e a espiritualidade cristo-mariológica" in Maria Alegria Fernandes Marques – Helena Osswald (coord.) – *As Beiras e a Presença de Cister: Espaços, Património Edificado, Espiritualidade. Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões.* São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2006, pp. 87 – 92.

facto, Virgem Maria e Cristo ambos se investem de uma qualidade redentora e misericordiosa, idealizados como orientadores espirituais no processo místico da freira de Odivelas, que lhes devota, por isso, especiais afeto e amor.

A propósito da autobiografia espiritual em apreço, importa talvez insistir ainda na apropriação de viés popular e radicalmente íntima da figura de Virgem Maria e dos episódios bíblicos a ela associados, da qual resulta uma espiritualidade de fundamento menos teológico e, de facto, mais místico, no sentido de prevalecer uma relação com a transcendência que privilegia a experiência pessoal e profunda de Deus (premissa advogada, a seu modo, por Bernardo de Claraval[323]).

Bernardo de Claraval concede também particular devoção a Cristo e aos mistérios da sua humanidade[324], particularmente à sua Paixão. Neste seguimento,

> ficará emblemático o episódio de Cristo a despregar-se da Cruz para abraçar S. Bernardo. Este relato do "*Exordium magnum*", escrito no séc. XIII pelo monge cisterciense Conrado de Eberbach e transmitido pela tradição mística, está na origem de se atribuir a S. Bernardo a exposição dos instrumentos da Paixão de Jesus, isto é, as "*Arma Christi*", o que fomentou a devoção ao sofrimento carnal de Jesus Crucificado, que, depois, os franciscanos tanto desenvolveram e espalharam.[325]

Este eixo devocional é também absolutamente central e imprescindível no texto de Maria Micaela, como adiante se verá.

Na totalidade da sua obra, mas sobretudo nos sermões dedicados ao *Cântico dos Cânticos*[326], São Bernardo instaura uma mística amorosa e nupcial por via de uma linguagem com recurso a imagens que apelam a "aspetos dos sentidos humanos, a fim de provocar uma evocação afectiva e os seus consequentes efeitos sugestivos"[327],

---

[323] Ver Paul Verdeyen – "Un théologien de l'expérience" in *Sources Chrétiennes: Bernard de Clairvaux: Histoire, Mentalités, Spiritualité (Colloque de Lyon-Cîteaux-Dijon)*, n. 380. Paris: Cerf, 1992, pp. 557 – 577.
[324] Ver Arnaldo de Pinho – "Alguns aspetos da cristologia de S. Bernardo" in *Humanística e Teologia*, n. 14, pp. 335 – 350.
[325] Geraldo J. A. Coelho Dias – op. cit., 2006, p. 393.
[326] Cfr. *The Works of Bernard of Clairvaux: On the Song of Songs*. Kalamazoo/MI: Cistercian Publications, 1976.
[327] Tiago André Pacheco da Silva Ribeiro Pinto – *Os Títulos e Invocações da Virgem Maria nos Sermões marianos de Bernardo de Claraval*. Lisboa: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2015, p. 51. Dissertação de Mestrado. A título de exemplo, refiro a carta já mencionada a Roberto, sobrinho de São Bernardo, na qual pervade um tom que exalta uma doçura magoada plena de afetividade, recorrendo-se a imagens poderosas do âmbito amoroso e bélico: "Gimo porque te han arrebatado, exijo al que me han arrancado violentamente. No puedo adormecer mis entrañas; cuando te quitan una parte

configurando uma doutrina espiritual[328] com matizes delicados, amorosos e melífluos, o que lhe consagrou precisamente a qualificação de *Doctor Mellifluus*[329].

Retomando o papel da imagem na doutrina espiritual de São Bernardo, urge assinalar, na sua relação com o pictórico, que o

> critério subjacente à sua estética não é propriamente artístico, mas ético, ascético. Não é que não considere a pintura e a escrita dignas de louvores. Será ele, porém, o primeiro dentro da tradição cristã antiga, a pôr aos monges a questão das relações entre a arte e a mística: "Dirijo-me aos membros da nossa Ordem". Para ele, arte e mística andam de mãos dadas. A arte deve elevar o espírito, libertá-lo, favorecer a contemplação da mente e não seduzir a apetência dos sentidos. Mais que o peso e a fruição estética da arte pela arte está o gozo da presença de Deus, que a imaterialidade das coisas, as paredes nuas, a luz com os contrastes do claro-escuro e as formas de arcos a elevar-se para as alturas, como mãos erguidas em ogiva, sugerem e proporcionam.[330]

É, antes de mais, nesta economia espiritual que se deve enquadrar o apelo iconográfico patente no texto de Maria Micaela (tratado no capítulo 1.2.1. da parte III), pois também nele as imagens servem não propósitos estetizantes, mas de mediação à contemplação e à meditação profunda da presença de Deus. Neste âmbito da ponderação do mundo das imagens e do mundo sensível, porventura valha a pena considerar o seguinte trecho de Bernardo de Claraval:

> Cuando Jesus predicaba le seguia una gran muchedumbre, procedente de los pueblos y ciudades, porque sanaba sus cuerpos y salvaba sus almas. Estaban enamorados de él, de su trato y de su aspecto; de su tierna palabra y su hermoso rostro. Sí: *Eres el más bello de los hombres, de tus lábios fluye la gracia.*Este es a quien nosotros seguimos y a quien nos hemos unido. Es pura delicia. Los hombres y los ángeles están ansiosos de verlo. ¿Podéis desear algo más sabroso? Es el hechizo de los ángeles. *Gustad y ved qué dulce es el Señor*. Nada hay comparable a esta finura, a este sabor, a esta sabiduría que procede de lo escondido; es algo divino. Te encanta, y con razón, el ardor del sol,

---

no pequeña de las mismas es imposible que la outra no se retuerza (...) Sus maños están llenas de sangre, su espada me trésposa el corazón, sus dientes son lanzas y flechas, su lengua es uma espada afilada" San Bernardo – op. cit., tomo VII, 2003, p. 53 e p. 55.

[328] Sobre a espiritualidade de Bernardo de Claraval ver Étienne Gilson – *La Théologie Mystique de Saint Bernard*. Paris: Vrin, 1947.

[329] Bernardo de Claraval foi canonizado em 1174 por Alexandre III e proclAmado Doutor da Igreja em 1830 por Pio VIII.

[330] Geraldo J. A. Coelho Dias – art. cit., 1997, p. 17.

> la policromía de la flor, el pan sabroso y la tierra fecunda. Todo esto procede de Dios. Se há prodigado a sus criaturas. Pero posee em sí mismo infinitamente más.[331]

O texto de Maria Micaela insere-se, pois, neste enquadramento espiritual cisterciense e de Bernardo de Claraval. Se por um lado a linguagem nele patente privilegia o tom amoroso e afetivo, tecendo descrições da transformação da alma no plano da interioridade, procedentes dos efeitos do amor divino, por outro, centraliza as figuras de Cristo e da Virgem Maria, marcados sobretudo pela sua capacidade piedosa de amar a Humanidade.

[331] Sermón en la festividad de Todos los Santos 1, 4" in San Bernardo – *Obras Completas de San Bernardo*, tomo IV, Sermones Litúrgicos (2º). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986, p. 511.

Parte II

1. "Vida Interior da Madre Maria Michaela de S. Bernardo, Religiosa no Real Mosteiro de S. Dionisio de Odivelas da Ordem de S. Bernardo, dando conta ao seu confessor": do manuscrito ao texto

1.1. Descrição codicológica

O manuscrito em estudo mede cerca de 21cmx15cm, e encontra-se encadernado em couro sobre cartão, em relativo estado de conservação, com evidências de falta de pele, riscos e arestas desgastadas, que os serviços de conservação resolveram parcialmente mediante a colocação de fita adesiva a envolver capa e contracapa (figuras 1 e 2). Apresentam-se de seguida reproduções do códice:



Figura 1 Plano anterior do códice



Figura 2 Lombada do códice

O papel, importado de Itália, apresenta a seguinte marca de água:

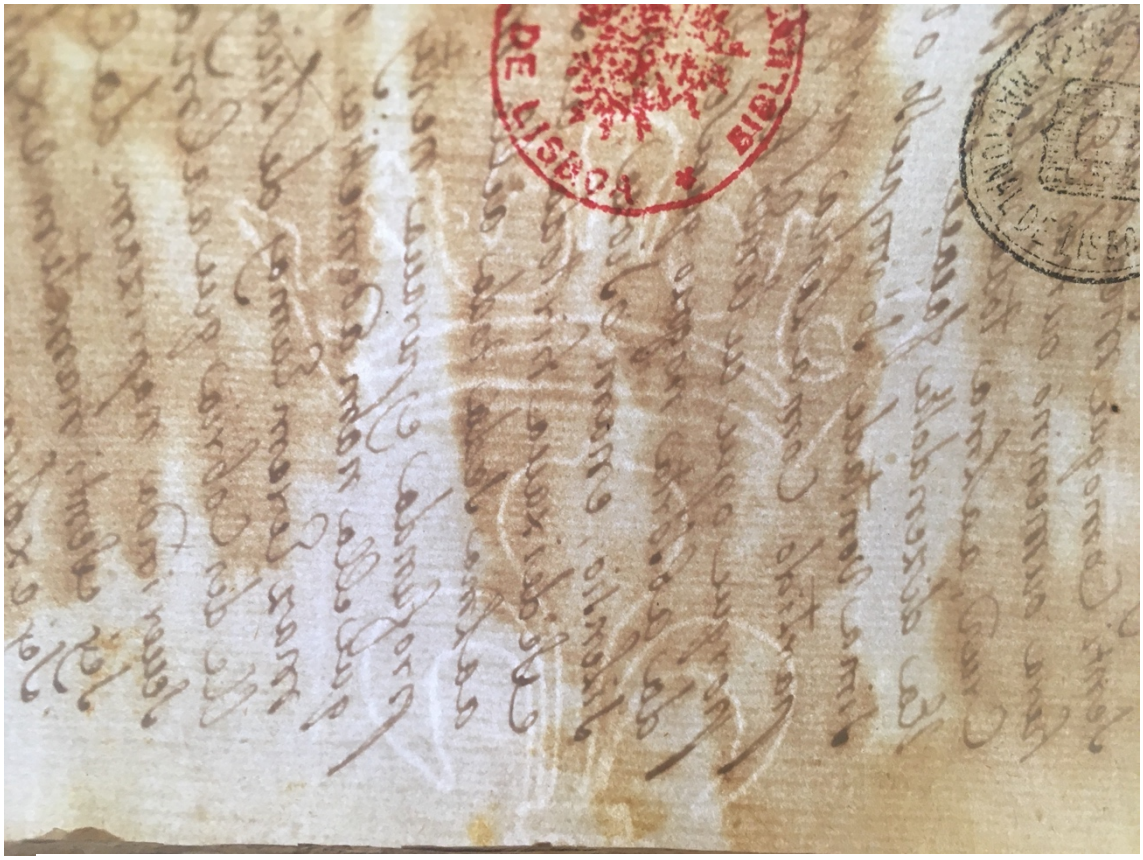


Figura 3 Marca de água

José Oliveira Barata[332] identificou esta marca de água como proveniente da tipografia de António Isidoro da Fonseca, importante tipógrafo do reinado de D. João V sediado em Lisboa.

As páginas interiores estão muito bem conservadas, praticamente sem borrões, grafadas com respeito pelas margens e com letra geralmente cuidada. Neste aspeto, verifica-se, até, algum investimento estético na apresentação de capitais ornamentadas em início de capítulo, embora esta prática não seja sistemática, revelando até alguma arbitrariedade no seu uso. O manuscrito é constituído por duzentos e sessenta e seis fólios numerados[333] (à exceção da folha de rosto), encontrando-se todos numerados na frente. Apresenta divisão por capítulos, terminando no cinquenta e nove. A folha de rosto, igualmente manuscrita, é muito cuidada, revelando a importância que quem a copiou lhe atribuía (figura 4). Aliás, este fator, conjugado com a ornamentação de

[332] A quem muito agradeço as informações disponibilizadas.
[333] Do fólio 110 passa-se para o 112 e do 221 passa-se para o 223, acarretando esse erro de numeração o facto de o manuscrito terminar no fólio 268, e não no 266.

algumas letras capitulares, confirma que o texto se destinaria, eventualmente, a uma circulação externa ao mosteiro. O texto apresenta como título “Vida Interior da Madre Maria Michaela de S. Bernardo, Religiosa no Real Mosteyro de S. Dionisio de Odivellas da Ordem De S. Bernardo, dando conta ao seu confessor. Principiou a VI. de Agosto M.DCC.XXXI.”, grafado a vermelho e preto, sendo revestido por uma moldura ornamental. Apresenta-se de seguida uma reprodução da mesma:

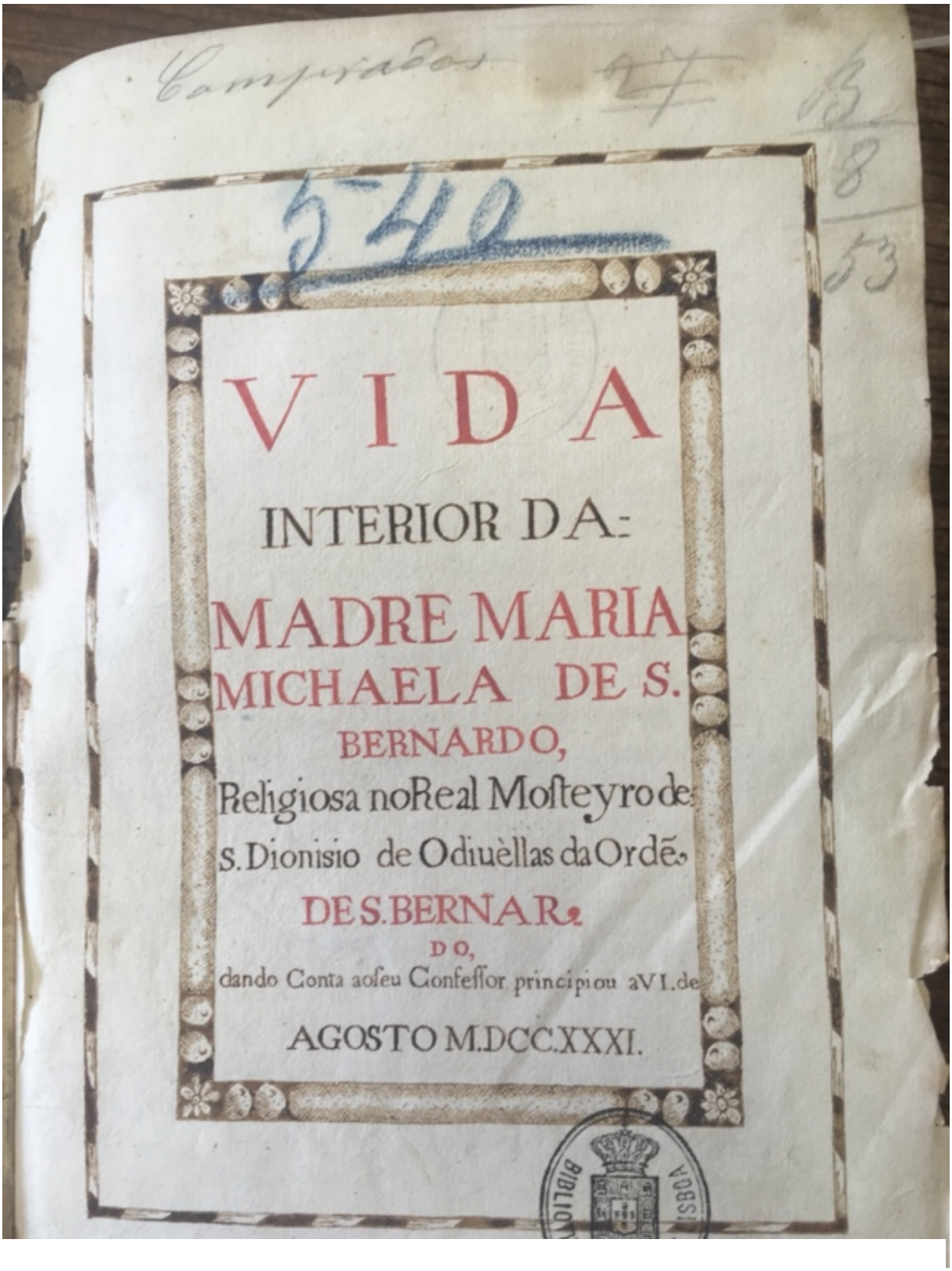


Figura 4 Folha de rosto

A caligrafia corresponde à da época, apresentando oscilações que marcam mudança de mão, como se pode ver, a título exemplificativo, nas imagens abaixo dos fólios 146v. e 147:

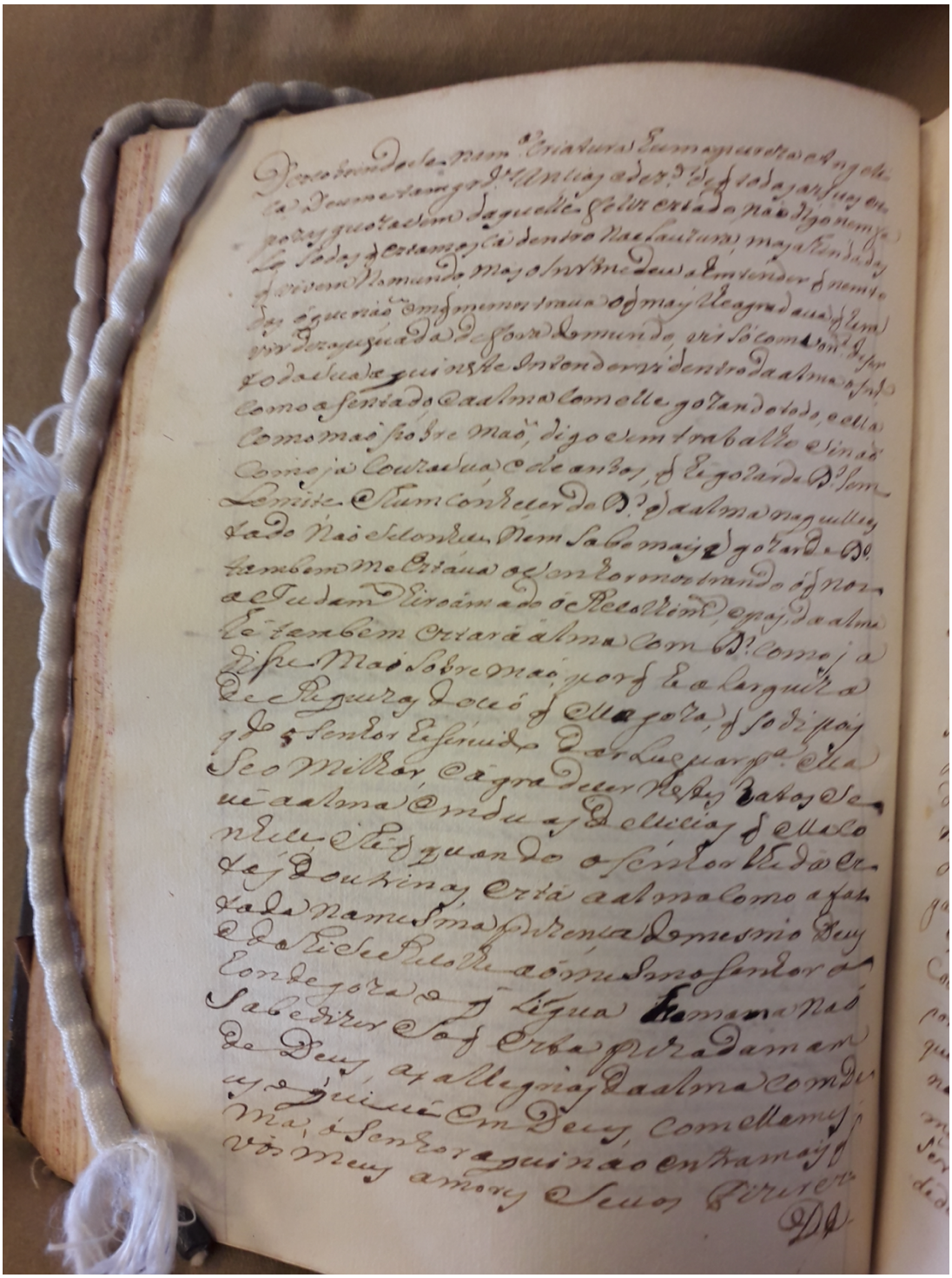
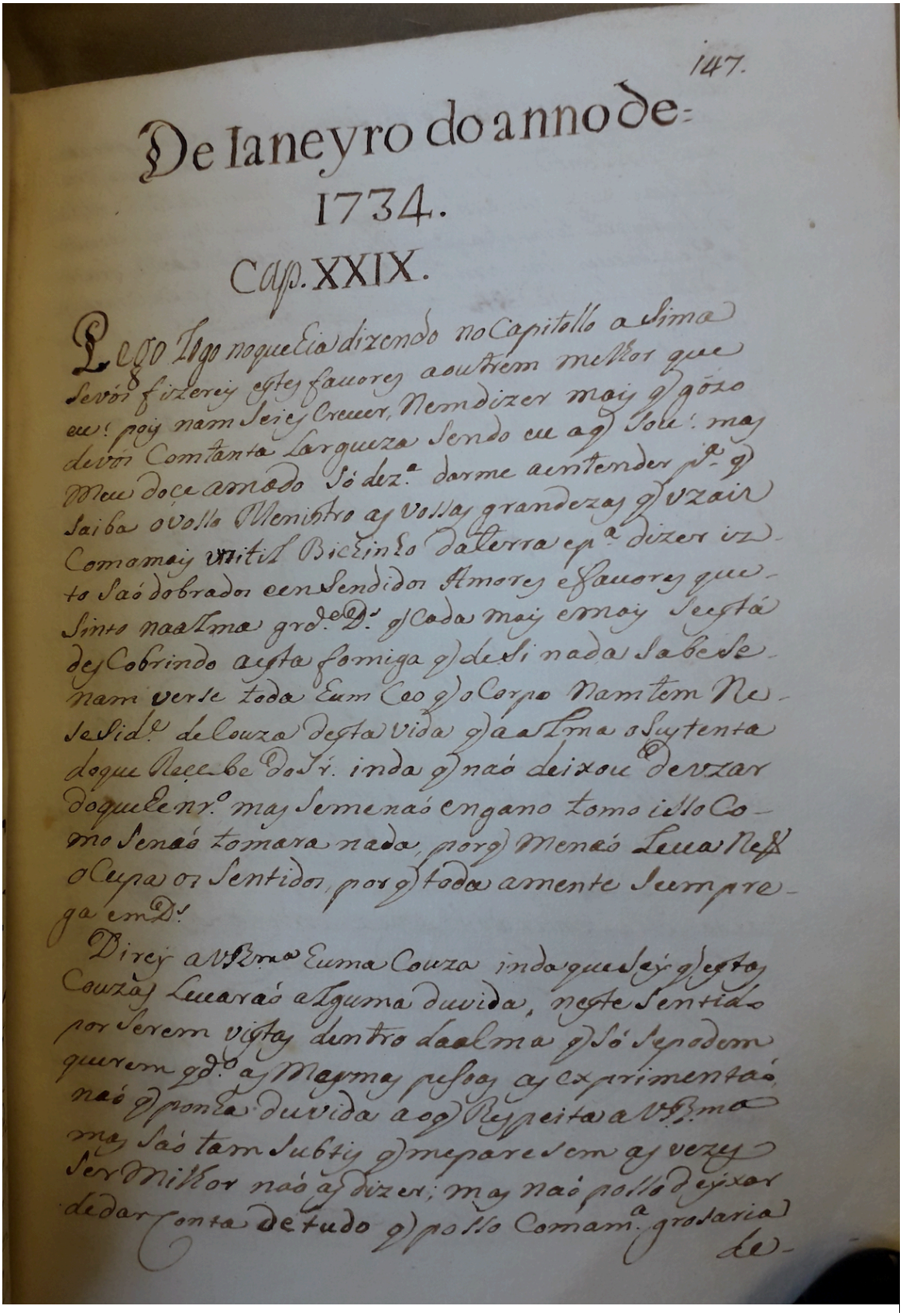


Figura 5 Fl. 146v.



147.

De Janeyro do anno de:
1734.
Cap. XXIX.

Logo logo noque Eia dizendo no Capitollo a Sima
Sevôr fizerey egtes favorey a outrem melhor que
eu! poiz nam Sey Crecer, Nem dizer maiz q gôzo
devôr Comtanta Largueza Sendo eu aq Sobe: may
Meu doçe amado Sô dezª darme a entender pª q
Saiba o Vosso Menistro aq Vossa grandeza q Vzair
Comamaiz Mitiª Bicrinho dalterra epª dizer iz-
to Saô dobrados em Sendidos Amorey e favorey que
Sinto na alma grdes Dº q cada maiz em maiz Se está
descobrindo aesta formiga q de Si nada Sabe se
nam verse toda Eum Ceo q o Corpo Nam tem Ne-
Se Sidª de Couza desta vida q a alma o Sustenta
doque Recebe do Sº. inda q não deixou de vzar
doquele nrº may Semenaõ engano tomo isso Co-
mo Senaõ tomara nada, porq Menaõ Leua Nesª
o Cupa os Sentidos, por q toda a mente Sempre
ga em Dº

Direy a Vzª Euma Couza inda que Sey q esta
Couza Lucaraõ alguma duvida, neste Sentido
por Serem vistas dentro da alma q Só Se podem
querem gdes q aymma pessoa ay experimentaõ
naõ q ponha duvida a oq Respeita a Vzª
ma Saõ tam Subtis q me parece em ay vezes
Ser Milhor naõ ay dizer; ma naõ posso deixar
de dar conta de tudo q posso Comam. a grossaria
de-

Figura 6 Fl. 147

O texto principia pela mão mais adestrada na escrita, com uma grafia mais padronizada, escorreita, a que corresponde, curiosamente, um registo de escrita mais culto, sem marcas de oralidade, como as que se verificam na mão seguinte, que escreve "devina", "creatura", etc. Esta última mão desenha a letra -e e a letra -d com uma espécie de espiral semelhante ao nosso atual símbolo @, revelando uma menor prática de escrita que se traduz numa grafia ortograficamente mais incerta ("chaguas" em vez de "chagas") e menos treinada na quantidade de tinta a utilizar, dando origem a linhas mais carregadas e a alguns pequenos borrões:

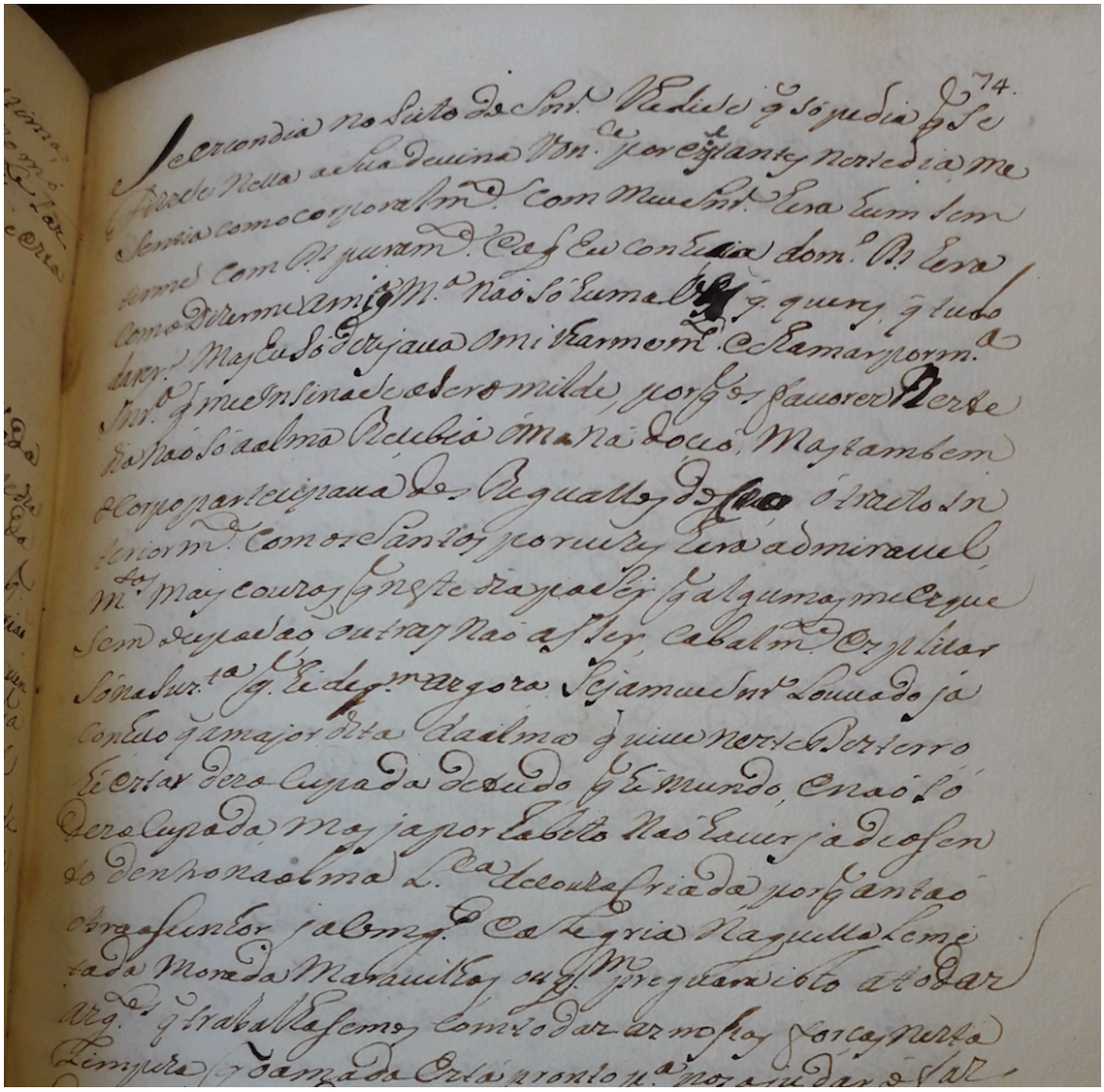
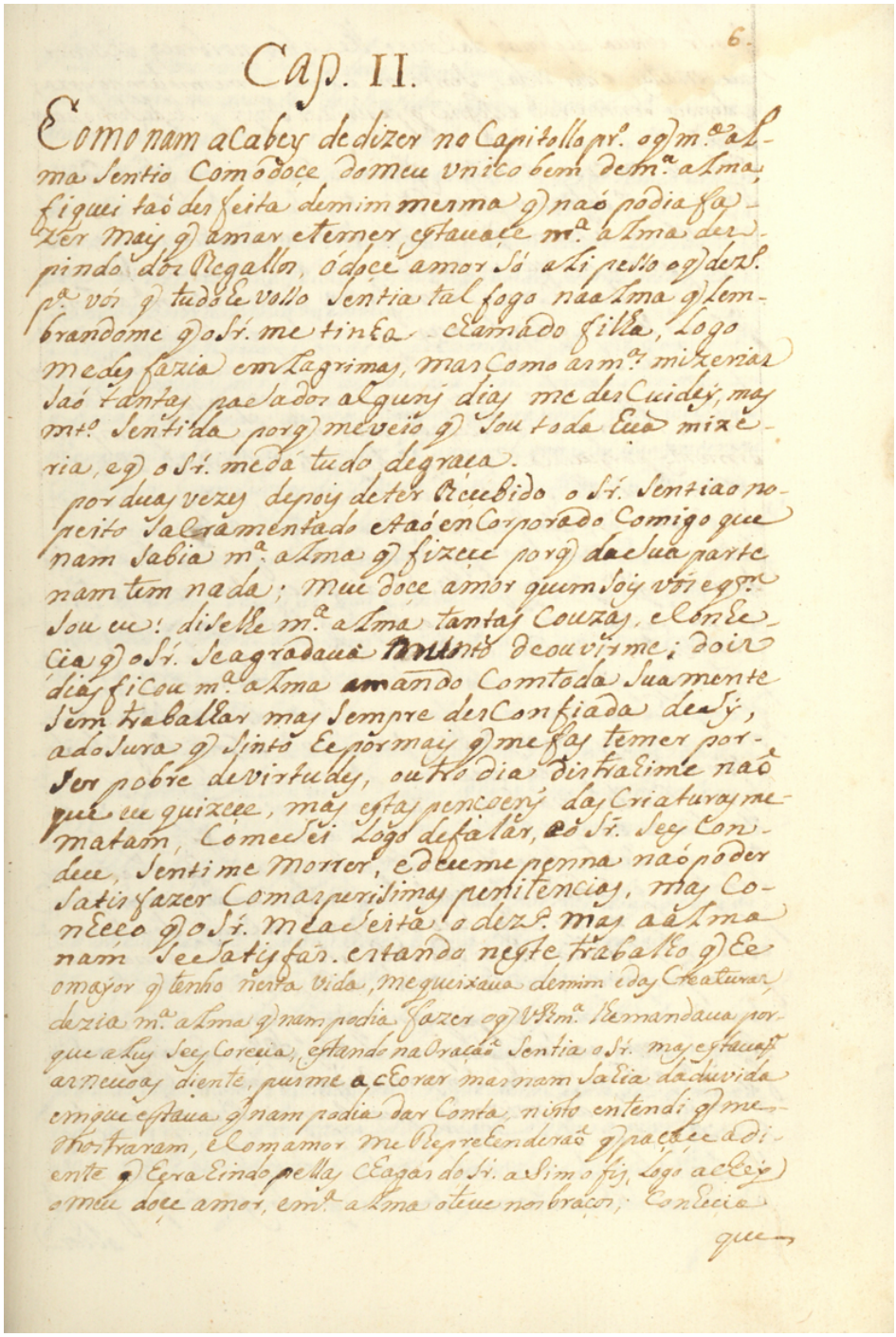


Figura 7 Fl. 74

comprimida, como se houvesse, no momento, escassez de papel. De resto, esta

alternância do tamanho de letra só é possível por parte de alguém experiente na prática de escrita.



Cap. II.

6.

Como nam acabey de dizer no Capitollo pr.º o q̃ m.ª alma Sentio Com ó doce domeu vnico bem detm.ª alma, fiquei taó desfeita demim mesma q̃ naó podia fazer mais q̃ amar etemer estaua de m.ª alma derpindo dos Regallos, ó doce amor Só alli pello q̃ dezr.º pr.ª vós q̃ tudo Se vollo Sentia tal fogo naalma q̃ lembrandome q̃ o Sr. me tinha chamado filha, Logo me desfazia emLagrimas, mas Como am.ª mizerias Saó tantas, epecados alguns dias me descuidey, mas mt.º Sentida porq̃ meveio q̃ Sou toda Cheã mizeria, eq̃ o Sr. meda tudo degraca.

por duas vezes depois deter Recebido o Sr. Sentiao no peito Sacramentado etaó emCorporado Comigo que nam Sabia m.ª alma q̃ fizesse porq̃ daSua parte nam tem nada; mui doce amor quem Soy vós eq̃.ª Sou eu! diselhe m.ª alma tantas Couzas, eConhecia q̃ o Sr. Seagradaua tanto deouvirme; dois dias ficou m.ª alma amando Comtoda Suamente Sem trabalhar mas Sempre desConfiada dessy, edoSuro q̃ Sinto Epormais q̃ mefaz temer por Ser pobre devirtudes, outro dia distraime naó q̃ eu quizesse, mas estas pencasey das Criaturas memataram, Comecei logo defalar, ao Sr. Seey Condece, Senti me Morrer, edeume pena naó poder Satisfazer Comas perfeitas penitencias, mas Conhecco q̃ o Sr. meaceita o dezr.º mas a alma nam Seesatisfaz. estando nesta trabalho q̃ Ee o mayor q̃ tenho tenta vida, mequeixaua demim edas Creaturas, dezia m.ª alma q̃ nam podia fazer eq̃ V.Rm.ª Remandaua porque a hu Seey Coreia, estando naoraçaõ Sentia o Sr. mas estaua armeus dientes, pusme a chorar mas nam Sahia daduvida emque estaua q̃ nam podia dar Conta, nisto entendi q̃ me Mostraram, eComamor me Repreenderaõ q̃ naõ fosse diente q̃ Era Sendo pella Chaga do Sr. a Sim o fiz, logo achey o meu doce amor, em.ª alma oteue nosbraços, Condecia

que

Figura 8 Fl. 6

1.2. O género textual: entre o epistolar, a diarística e a autobiografia espiritual

O primeiro fólio do manuscrito em apreço contém, desde logo, uma informação de suma relevância: o título, "Vida interior da Madre Maria Micaela, religiosa no Real Mosteiro de S. Dionisio de Odivelas da Ordem de São Bernardo. Dando conta ao seu confessor, principiou a VI de Agosto de 1731"[334]. Este título refere três aspetos fundamentais: a autoria do texto, a data de início da sua elaboração e, ainda, o que parece ser uma indicação tipológica ("Vida interior (...) dando conta ao confessor"). Esta indicação, no entanto, apesar de apontar para um género tipificado, merece ser ponderada quando confrontada com as marcas discursivas da sua autora, que convoca vários paradigmas genéricos ao longo do seu texto.

De facto, Maria Micaela de São Bernardo refere-se várias vezes ao que vai escrevendo como um ato de "dar conta" a um diretor espiritual das suas experiências místicas, pelo que, nesse aspeto, se aproxima do diário. O seu texto, ainda que integrando a tradição da literatura espiritual e católica setecentista, não é na realidade de evidente categorização[335]. Para a sua identificação, afiguram-se-me de particular pertinência três géneros distintos: o epistolar, o diário e a autobiografia espiritual.

O texto de Maria Micaela resulta de um ato de obediência pelo qual a religiosa descreve as visões que tem de Cristo, para serem avaliadas pelo seu destinatário. Trata-se de um registo bastante usual entre religiosas, solicitado sempre que alguma manifestasse uma vivência espiritual mais extraordinária, que merecesse uma avaliação ponderada por parte do confessor/orientador. Não é, por isso, de estranhar que a referência a "meu padre confessor" e a "Vossa Reverendíssima" seja recorrente e

---

[334] Atualizei o título para o português atual.

[335] Asunción Lavrin, a propósito justamente dos textos devotos de teor multímodo e íntimo, refere o seguinte: "In fewer numbers, those with an ability to go beyond the epistolary genre wrote didactic and devotional tracts, poems, theatrical pieces, biographies, chronicles, and intimate spiritual writings. The later are difficult to define as a specific genre, being ambiguous in their conception and execution. They were "diaries" or "letters" addressed to their confessor describing their personal feelings, self-doubts, and visionary experiences. They may be considered autobiographical in nature, insofar as they were recollections of their own lives." in Asunción Lavrin – *Brides of Christ: Conventual life in Colonial Mexico*. Stanford: Stanford University Press, 2008, p. 311. Também Maria Luísa Jacquinet, a respeito da produção escrita de Sóror Maria Joana, religiosa setecentista do Mosteiro do Santíssimo Sacramento do Louriçal, aponta para esta dificuldade de categorização textual, já que o texto apresenta matizes de géneros diversos: Maria Luísa Jacquinet – art. cit., 2017.

estruturante dos factos narrados, que exigem clareza, precisão e detalhe na sua exposição ao destinatário que os solicitou. Num determinado momento, sob a emoção da memória da experiência que então viveu, esse destinatário aparece apostrofado: "Ó, Vossa Reverendíssima, que sentiria minha alma com isto?"[336].

Sob tal escopo, este texto pode ser perspetivado enquanto epistolário[337] trocado com o orientador espiritual no decorrer de cinco anos. Nesse âmbito, o texto apresenta uma natureza simultaneamente epistolar e protocolarizada[338], manifestando marcas dialógicas que, em graus mais ou menos evidentes, afloram à superfície textual, como "como Vossa Reverendíssima me disse" e "que Vossa Reverendíssima lhe chama":

> Não digo que estou morta, como Vossa Reverendíssima me disse, porque o inimigo não dorme, mas apego a coisa criada desta vida. Não digo mais nesta matéria, senão que meu Senhor me não dá tempo senão para estar com ele e cuidar nele. Nem minha alma sabe já outra vida porque de tudo o mais lhe serve de martírio.[339]

Com efeito, como já referi anteriormente, a Época Moderna é marcada por uma crescente vigilância dos comportamentos femininos, tendo-se tornado prática corrente dos diretores espirituais a exigência de missivas confessionais às suas orientandas. Antonio Castillo Gómez assinala que

> en el interior de los conventos las monjas dispusieron de mayores oportunidades para aprender, de tempos para escribir, motivaciones para hacerlo y de un lugar para ello, la celda, cual habitación propia avant la lettre.[340]

Por conseguinte, esta epistolografia possui antes de mais uma natureza autorreflexiva e de autoexame. Afirmando-se enquanto uma prática de comunicação *in*

---

[336] Fl. 116.

[337] Carlos Ceia, no seu Dicionário de Termos Literários, define a epístola enquanto uma "composição datada e escrita por um indivíduo ou em nome de um grupo de um grupo com o objetivo de ser recebida por um destinatário." Ressalvamos que, de modo a prevenir a exaustão da repetição, utilizaremos os vocábulos "epístola", "carta" e "missiva" enquanto sinónimos.

[338] Sobre a importância da carta feminina em contexto religioso consultar: Gabriella Zarri (org.) – *Per Lettera: La Scrittura Epistolare Femminile tra Archivio e Tipografia. Secoli XV-XVII.* Roma: Viela, 2011.

[339] Fl. 117.

[340] Antonio Castillo Gómez – "Cartas desde el convento. Modelos epistolares femeninos em la España de la Contrarreforma" in Cuadernos de Historia Moderna, vol. 13, 2014, p. 142. Disponível em linha: https://revistas.ucm.es/index.php/CHMO/article/view/46795/43908. Acesso em: 23/05/2023

absentia, pode de facto tratar-se de um complemento à confissão auricular[341]. De notar, todavia, que tais contas de consciência podiam não ser enviadas necessariamente por correio, mas entregues pessoalmente em mãos ao remetente. Com efeito, apenas por uma vez a religiosa de Odivelas relata o envio dos seus textos por correio: "Aceite Vossa Reverendíssima este capítulo por carta deste correio"[342], sugerindo que a entrega pessoal seria mais habitual.

Em todo o caso, sendo estas contas de consciência redigidas com o fim de serem lidas pelos orientadores espirituais, a sua expressão escrita possui um inevitável vetor normativo e regulamentar, e cuja norma cada freira-escritora tinha em si bem presente, procurando claramente, e em consciência, não a subverter ou dela se desviar. Importa a este nível notar que a figura do diretor espiritual assume particular relevo e relevância, porquanto "no solamente constituye um apoyo durante los momentos difíciles, sino que además actúa de intermediário entre la penitente y la Iglesia"[343]. De facto, este será a primeira instância de vigilância, de inspeção e de controlo do texto, atuando como um seu agente modelador. Diversas são as vezes em que, no decorrer do seu texto, Maria Micaela menciona cartas enviadas para si pelo seu diretor espiritual, as quais, por sua vez, parecem responder às exposições feitas pela freira nos seus registos de conta de consciência: "Mas como não pude ter a Vossa Reverendíssima, me lembrei de uma carta de Vossa Reverendíssima em que me relatava os efeitos do amor divino. Li-a muitas vezes e trazia[-a] comigo, mas tudo era pouco"[344]. E também:

> E quando Vossa Reverendíssima me fala nas suas cartas a respeito de mim, que sou desprezada das criaturas, ou de que não fazem caso, eu reparo que não sei como serão esses desprezos porque eu não gasto tempo em cuidar nisso[345];
>
> Senti logo que me diziam que falasse com Vossa Reverendíssima, e acudisse que estava na cama. Logo de tarde me deram a sua carta, que me falava no amor divino. Fiquei toda cheia de admiração, e mais cheia de favores do céu[346];

---

[341] Notar: "(...) las monjas estaban acostumbradas a dar cuenta escrita de fragmentos más o menos extensos de su vida em el convento, reunidos generalmente bajo el rótulo "cuentas de conciencia" o, aún, "relaciones de espíritu" in Sonja Herpoel – op. cit., 1999, p. 96.
[342] Fl. 49.
[343] Sonja Herpoel – op. cit., 1999, p. 16.
[344] Fl. 72.
[345] Fl. 53.
[346] Fl. 67v.

> Porque tudo o que vê, inda com os olhos do corpo, sente e goza de Deus porque em tudo o está a alma louvando. Inda nas mesmas froixidões, tem um estar com Deus, que ou escuro, ou com mais luz e clarão, menos sinto sempre a alma em paz, e serenidade, e conforme e unida com a sua divina vontade. Isto me diz Vossa Reverendíssima na sua carta, e a alma está gozando, que é donde Deus, e não da alma, que ela não tem senão misérias[347];
>
> Digo isto que me senti ontem de sorte que não tinha necessidade de ler a carta de Vossa Reverendíssima que trazia comigo, porque nestas ocasiões não é necessário mais que humilhar-me muito, muito, que estando nos três dias de retiro me achei só com o meu doce amor[348];
>
> Agora com a sua carta de Vossa Reverendíssima escrita não cá na terra, senão como coisa do céu, me afervorou mais a vontade e desejo de me dar toda a Deus, inda que eu sou toda sua. Mas sempre lhe estou repetindo, por instantes, que me entrego toda à sua divina vontade, mas quero repetir aqui o que Vossa Reverendíssima me diz porque assim isto que quero dizer, como mais outras coisas que me diz nela, me dá a conhecer melhor do que eu cá o entendo o que agora passa em minha alma.[349]

É evidente a dimensão dialógica desta produção escrita, na medida em que nela ficam patentes as trocas de ideias e as digressões espirituais entre a religiosa e o seu confessor. De facto, Maria Micaela interpela recorrentemente este interlocutor cuja autoridade doutrinal e espiritual é inegável ("Meterei aqui o que Vossa Reverendíssima me diz dos textos [de Santo Agostinho]"[350]), e que, assim, medeia tanto a experiência mística que lhe é relatada pela autora quanto o discurso escrito por via do qual se tece o relato. Assim, a importância do orientador espiritual reside igualmente no facto de, sendo ele o primeiro destinatário do texto, a sua presença passar a funcionar, a um nível simbólico, como uma espécie de propulsionador textual[351]. Desta marca acentuada de diálogo procede o registo coloquial patente no texto, que apresenta constantes passagens de discurso indireto ao discurso direto (cujo interlocutor, como se verá, não é apenas o diretor espiritual, mas Deus).

Maria do Céu de Sousa Ferreira bem refere que "no contexto da escrita conventual, a tradição das cartas, após a publicação do epistolário de Santa Teresa, editado nas suas

---

[347] Fs. 142v. – 142.
[348] Fl. 7.
[349] Fl. 176v.
[350] Fl. 53.
[351] Atentar que o contrário também é verdadeiro porquanto existem casos em que os diretores espirituais exigem a suspensão da escrita. Em Joana de Jesus, religiosa seiscentista de Mosteiro de Lorvão, por exemplo, verifica-se uma interrupção de vários anos na sua autobiografia resultante da mudança de confessor.

Obras Completas a partir do fim do século XVI, acentua-se, legitimando-se"[352]. Esta legitimação vai permitindo que a escrita epistolar conventual extravase a sua vertente burocrática (que resultava do facto de as abadessas do convento terem sempre necessitando de um "sophistecated arsenal of epistolar weaponry to oversee their institutions, and to keep their communities afloat financially"[353], e se torne numa espécie de "tecnologia" do *eu*, se quisermos recorrer à expressão forjada por James Daybell para referir a epistolografia feminina como fonte de conhecimento[354]. Roger Smith confirma que a epístola do século XVII é uma "route to self-discovery [that] enhanced a person's capacity to become self-absorbed and self-aware, that is, to become individual"[355], vindo tal a culminar no século XVIII, segundo Marie-Claire Grassi, na emergência de um epistolário íntimo[356]. É justamente neste enquadramento que se inserem as missivas da freira de Odivelas.

Importa salientar que no manuscrito em análise as cartas não apresentam a estrutura propriamente dita da *ars dictaminis,* que previa um certo tipo de abertura de saudação (*salutatio*), seguida do elogio (*exordium* ou *captatio benevolentiae*), passando posteriormente ao assunto da carta (*narratio*), à súplica ao leitor (*petitio*), e terminando com uma conclusão e saudação final (*conclusio*)[357]. No texto de Maria Micaela, esta taxonomia greco-latina epistolar é basicamente suprimida e concentrando-se toda a carta na *narratio*, apresentando-se o texto como uma prosa corrida e não datada (pelo menos não diariamente).

---

[352] Maria do Céu de Sousa Ferreira – "*Desde el Parnaso os escrivo": Cartas de uma Monja Escritora: Edição e Análise da Correspondência Manuscrita de Soror Maria do Céu à Duquesa de Medinaceli*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012, p. 37. Dissertação de Mestrado. Em linha: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/63960/2/TeseDesdeelParnasoosescrivo000167900.pdf. Acesso em: 17/05/2021.

[353] Clare Monagle – Carolyn James – David Garrioch – Barbara Caine – *European Women's Letter-writing from the Eleventh to Twentieth Centuries*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2023, p. 116.

[354] James Daybell – *Women Letter-Writers in Tudor England*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 7.

[355] Roger Smith – "Self-reflection and the self" in Roy Porter (ed.) – *Rewriting the Self: Histories from the Renaissance to the Present.* London/New York: Routledge, 1997, pp. 49–57.

[356] Cfr. Marie-Claire Grassi – "Naissance de l'intimité épistolaire (1780–1830)" in Benoît Melançon (ed.) – *L'invention de l'intimité au siècle des lumières. Littérales, n.* 17. Nanterre: Centre des Scienses de la Littérature/Université Paris X, 1995, pp. 67–76. Em linha: https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/bitstream/handle/1866/14102/melancon_litterales_1995_presentation-ROC.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 13/06/2022.

[357] Ver Roger Chartier – Alain Boureau – Cécile Dauphin – *Correspondence: Models of Letter-writing from the Middle Ages to the Nineteenth Century.* Princeton/NJ: Princeton University Press, 1997.

No entanto, esta prosa não deixa de apresentar uma natureza diarística, já que que integra o relato dos estados de alma e das vivências quotidianas experienciadas por Maria Micaela, sejam elas de cariz trivial ou de natureza didática ou mística:

> E todas as manhãs, quando acabo o coro, são para a oração e contemplação em que gasto três horas até outra vez chegar a hora do coro. As tardes levo em uma lição, suspirinhos, uns atos de amor, de humildade e prestações com a boca no chão, oferecimentos de mim mesma, confissão da minha miséria e o nada que sou, lembrança com ardentíssimo amor de louvar a grandeza e bondade infinita de Deus e o rosário de Nossa Senhora. Entro a vésperas e elas acabadas, escrevi um bocadinho e tornei para o coro a fazer algumas devoções, e não coube tempo desta vez para as cruzes, o que farei amanhã. E recebendo hoje tão grandes favores de Deus, que já disse que eram como públicos, mas não os sei agora explicar, nem a alma.[358]

O manuscrito é, neste sentido, uma frutífera fonte para o estudo histórico da vida monástica do período pós-tridentino, na medida em que dá a ver as idiossincrasias do quotidiano conventual, as relações de poder aí estabelecidas, os hábitos, as rotinas e as tarefas levadas a cabo pelas freiras, a ressalva permanente contra a heterodoxia[359], entre outros[360]. Do mesmo modo, e como bem afirma Anabela Galhardo Couto, tal forma narrativa poderá oferecer "a cross-cultural research" nas várias temáticas relacionadas com o domínio da História, levando ao reconhecimento da mística enquanto uma forma de resistência feminina[361].

Retomando ainda a dimensão diarística deste relato, convém assinalar que o texto, não apresentando datação explicita além da data do seu começo e uma ou outra referência esporádica ao ano e ao mês no início de alguns capítulos, revela amiúde marcas temporais. Trata-se de menções aos dias festivos do calendário litúrgico, a saber, e a título ilustrativo: "Em dia de Assunção não pude ir a matinas"[362]; "Hoje, que é dia de

---

[358] Fl. 184v.

[359] Observe-se o seguinte trecho: "Não sei onde me vá, e em toda a parte se acende mais e mais este amor, e as forças são poucas porque passo alguns ratos em um estar com Deus, que não cuide Vossa Reverendíssima que são roubamentos, que temo não me saber explicar, mas não ratos que me leva todo o interior, que depois me sinto muito debilitada." Fl. 201v.

[360] Sobre a vertente histórica passível de ser apreendida através dos registos escritos de religiosas, ver Charlotte Woodford – *Nuns as historians in Early Modern Germany*. USA: Oxford University Press, 2022.

[361] Anabela Galhardo Couto – "Travelling Throught Words: Reinventing a Heritage of the Imaginary and of the Affections", in Silvia Caporale Bizzini – Melita Richter Malabotta (eds.) – *Teaching Subjectivity: Travelling Serves for Feminist Pedagogy*. Utrech/Stockholm: Athena, 2009, pp. 121-139.

[362] Fl. 4.

São Roque, está minha alma desfazendo-se"[363]. De facto, estas marcais temporais são diversas e transversais a toda a narrativa, razão pela qual me parece excessiva a transcrição da sua totalidade. Esta organização textual "segundo o ritmo das festas principais da Igreja"[364] retoma, provavelmente, a ordem discursiva da obra de Gertrudes de Helfta, *Insinuationum Divinae Pietatis*, de ampla circulação em Espanha a partir das suas traduções por Frei Leandro de Granada, a primeira data de 1602. Em Portugal, a sua Vida foi traduzida para Português em 1696 por Frei João dos Prazeres, O. S. B., e em 1708 pelo jesuíta Alonso de Andrade. Embora também Santa Teresa se tenha valido desta ancoragem temporal aos santos do dia, para contar as suas experiências místicas[365].

De qualquer forma, importa referir que estas menções acabam por revelar as orientações e molduras espirituais especificas de cada ordem religiosa, bem como os processos de legitimação e de devoção próprios a cada freira-autora. Somando tudo isto, o texto poderá ser identificado com um "*ego document*", formulação proposta em meados de 1950 por Jacques Presser, e que diz respeito aos textos em que um autor escreve sobre os seus próprios atos, pensamentos e sentimentos[366]. Por outros termos, o texto afirma-se como uma *self-narrative*[367].

Está já comummente assente que as *Vitae* compõem um *corpus* fundamental da literatura de espiritualidade desde a Idade Média, mas sobretudo a partir do Concílio de Trento[368], não só pela cada vez mais pungente necessidade de legitimação de figuras

---

[363] Fl. 5.

[364] José Adriano de Freitas Carvalho – op. cit., 1981, p. 29.

[365] Por exemplo: "El dia de Santa Clara, vendo a comulgar, se me apareció com mucha hermosura" Teresa de Jesús – *Libro de la Vida*, cap. 33, ponto 13.

[366] A definição de *ego document* é descrita pela primeira vez na seguinte entrada da enciclopédia holandesa Jacques Presser – "Memoires als geschiedbron" in Winkler Prins Encyclopedie VIII. Amsterdam: Else-vier, 1958, pp. 208–210. Cfr. Rudolf Dekker – "Jacques Presser's Heritage: Egodocuments in the Study of History" in *Memoria y Civilización*, n. 5, 2002, pp. 13-37. Em linha: http://www.egodocument.net/pdf/2.pdf. Acesso em: 22/03/2023.

[367] Cfr. Froukje Pistra – "Religious voices in autobiography and biography. Analyzing life: stories using elements of the theories of McAdams and Hermans" in Marjo Buitelaar – Hetty Zock (ed.) – *Religious Voices in Self-Narratives. Making Sense of life in Times of Transition.* Berlin: De Gruyter, 2013, pp.37-52.

[368] Sobre a vitalidade da produção de Vidas em território português na Época Moderna ver José Adriano de Freitas Carvalho (dir.) – *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade (1501-1700).* Porto: Instituto de Cultura Portuguesa, 1988; Paula Almeida Mendes – *"Porque aqui se vem retratados os passos por onde se caminha para o Ceo": a escrita e a edição de "Vidas" de santos e de "Vidas" devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012, pp. 6-57. Tese de

católicas tidas como santas[369], mas também como um mecanismo de suscitação de admiração e de imitação para quem lia esses textos[370]. De facto, no que concerne à composição das *Vitae*, o biógrafo relata justamente a vida da personalidade que pretende apresentar como modelo edificante. Tecendo amiúde um itinerário que vai desde o nascimento do/a biografado/a – embora podendo executar, ainda, uma analepse que confirmará a excelência da sua genealogia – à sua morte[371], o biógrafo dá por um lado a ver as qualidades e virtudes heroicas, enfatizando a sua predestinação divina[372], e promove, por outro, o seu culto. Como bem aponta Peter Burke, "according to this system, sanctity was explicity defined in terms of aristotelian-thomist concept of a "heroic" degree of virtue"[373]. Neste contexto, o hagiógrafo é, segundo Hippolyte Delehaye, jesuíta belga dos séculos XIX e XX particularmente interessado no estudo da hagiografia, mais um poeta do que um historiador ou um biógrafo[374], na medida em que ficcionada e romantiza a personalidade visada. Por conseguinte, a personalidade biografada apresenta um cariz profundamente modelar e programático, sendo ao mesmo tempo infundida de um alto teor simbólico e espiritual. Ademais, no quadro da redação de hagiografias/biografias de figuras femininas, o habitual é encontrarmos autores homens[375], sendo estas obras muitas vezes mais o resultado de um olhar masculino institucionalizado sobre a figura feminina biografada, do que propriamente a

---

Doutoramento; Zulmira C. Santos – "Literatura Religiosa (Época Moderna)" in Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. III. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, pp. 125-130; Zulmira C. Santos – "Hagiografia. A prosa religiosa e mística nos séculos XVII-XVIII" in Francisco Lyon de Castro (ed.) – História *da Literatura Portuguesa*: *Da Época Barroca ao Pré-Romantismo*, vol. III. Lisboa: Alfa, 2002, pp. 165-169 e Maria de Lurdes Correia Fernandes – "Espiritualidade (Época Moderna)" in Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *op. cit.*, vol. II, pp. 187-193.

[369] Sobre a necessidade de legitimação pós-tridentina e respetivos modelos de santidade, ver: Peter Burke – "How to become a counter – reformation saint" in Kaspar von Greyerz (ed.) – *Religion and Society in Early modern Europe (1500-1800)*. London: German Historical Institute, 1984.

[370] Cfr. Maria de Lurdes Correia Fernandes – op. cit., 2000, pp. 39 – 40.

[371] Sobre este assunto, ver os trabalhos de Cristina Sobral, particularmente Cristina Sobral – "O modelo discursivo hagiográfico" in *Modelo*. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval. Porto: Faculdade de Letras, 1995, pp. 97-107.

[372] Ver Paula Almeida Mendes – "A predestinação, a liberdade e a submissão em "Vidas" de religiosas portuguesas (séculos XVII-XVIII) in *Lusitania Sacra*, n. 37, 2018, pp. 93-113.

[373] Peter Burke – op. cit., 1984, p. 133.

[374] Ver Hippolyte Delehaye – *The Legends of Saints*. New York: Fordham University Press, 1962.

[375] John Wayland Coakley – *Women, Men, and Spiritual Power: Female Saints and Their Male Collaborators*. New York: Columbia University Press, 2006. Para o caso português da Época Moderna, porque escapa ao habitual paradigma de um homem a biografar uma mulher, ressalvo a biografia de Madre Helena da Cruz escrita por Sóror Maria do Céu (Filomena Belo transcreveu e editou este texto, a partir do códice 87 da BNP, em 1993).

expressão do feminino em si mesmo, permanecendo assim, em termos gerais, no domínio das representações.

Ora, a produção escrita de Maria Micaela partilha a seu modo desta retórica da legitimação e da validação devocional, afastando-se, todavia, da hagiografia/biografia espiritual por motivos evidentes, que dizem respeito ao facto de a voz da enunciação ser o próprio sujeito místico, fazendo assim desaparecer o intermediário entre a experiência religiosa que se narra e o agente da mesma. Com efeito, Maria Micaela é a sua própria biógrafa. Este aspeto é fulcral, evidentemente, para a identificação do género textual com a autobiografia[376] e, mais especificamente, com a autobiografia espiritual[377] redigida por mandado[378]. Segundo Vernet, tal composição textual encontra a sua sede na tradição cristã, recuperando, por um lado, o legado augustiniano de

[376] Ramona Wray defende que "the term 'autobiography', then, can be applied to an important body of women's literary and cultural materials which ranges from diary to memoir and from conversion narrative to prophetic statement." Ramona Wray – "Autobiography" in Laura Lunger Knoppers (ed.) - *The Cambridge Companion to Early Modern Women's Writing.* New York: Cambdrige University Press, 2009, p. 194.

[377] Cfr. Félix Vernet – "Autobiographie" in Marcel Viller – Ferdinand Cavallera – Joseph de Guibert (ed.) – op. cit., tomo I, 1932/1995, pp. 1141-1159. Sobre a autobiografia feminina, em contexto religioso ou não, ver Electa Arenal – Stacey Schlau (ed.) – *Untold Sisters: Hispanic Nuns in their own Works*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1989; Kate Greenspan – "Autohagiography and women's spiritual autobiographies" in Jane Chance (ed.) – *Gender and Text in the Later Middle Ages,* Gainesville: University Press of Florida, 1996; Claire Marrone – *Female Journeys: Autobiographical Expressions by French and Italian Women*. Connecticut: Greenwood, 2000; Anita Pacheco – A *Companion to Early Modern Women's Writing*. Oxford: Blackwell, 2002; Alison Weber – "The three lives of the Vida: The uses of convent autobiography" in Marta Vicente – Luis Corteguera (ed.) – *Women, Texts and Authority in Early Modern Spain*. Burlington: Ashgate, 2004; Ronald Bedford – Lloyd Davis – Philippa Kelly – *Early Modern English Lives: Autobiography and Self-Representation, 1500-1660*. England: Ashgate, 2007; Laura Lunger Knoppers (ed.) – *The Cambridge Companion to Early Modern Women's Writing*. New York: Cambridge University Press, 2009; Fernando Durán López – "Religious Autobiography" in Hilaire Kallendorf (ed.) – *A New Companion to Hispanic Mysticism*. Leiden/Boston: Brill, 2010, pp. 15 – 38; Diane Susan Laningham (ed.) – *María Vela y Cueto: Autobiography and Letters of a Spanish Nun*. Toronto: Iter Press, 2016; Victoria Van Hyning – *Convent Autobiography: Early Modern English Nuns in Exile*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

[378] Uma das primeiras autobiografias portuguesas escritas por mandado, só impressa no século XX, é a *Relação fiel e verdadeira que dá dos socessos de sua vida a creatura mais ingrata a seu creador por obediencia de seus padres espirituaes e novamente tornada a escrever por hum socesso na era de 168 annos*. Escrita por Soror Clara do Santíssimo Sacramento. Sobre esta obra, ver Flávio Scotellaro Xavier Júnior - *Margarida sobre Margarida: escrita e reescrita da vida de Soror Clara do Santíssimo Sacramento*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018. Dissertação de Mestrado.

Confissões[379] e, por outro, o das hagiografias medievais, mas vindo a arquitetar-se enquanto um verdadeiro exercício espiritual[380].

De facto, coincidindo a voz enunciativa com a voz que experiencia os meandros místico-espirituais, o texto torna-se charneira entre o humano e o divino, tornando-se parte integrante do processo espiritual do *eu* enunciativo. Neste seguimento, a autobiografia espiritual é marcada pela cooperação entre humano e divino, e cuja relação textual engendrada tende a exibir uma linguagem divinizante[381] na medida em que é despoletada por Deus e por este insuflada. A propósito das autobiografias espirituais femininas, Joana Serrado afirma que

> they constituted both a confession and a conversion: a confession because these texts pretended to be an account of the events one's life; a conversion because this account reveals a change, a transformation which enables the author to become the scribe of God. In this sense, it was almost the writing of the "Divine language", which was inaccessible to the majority of people except those elected few among the most unlearned and innocent, become privileged enough to have God's imprint upon them, as Vernet argues[382].

Na terceira parte desta tese, tratarei com maior sistematicidade esta característica concernente ao *modus loquendi* patente em tal escrita – e cuja importância foi já apontada por Certeau –, bem como à sua relevância na totalidade daquela que é a experiência mística da autora em estudo.

No que diz respeito a Espanha, este subgénero é deveras associado ao *Libro de la Vida* e à sua autora, Santa Teresa de Jesus, religiosa carmelita a quem é atribuído o maior contributo para a proliferação da autobiografia por mandado. Curiosamente, o

---

[379] Para uma visão geral sobre esta matéria, consultar Pierre Courcelle – "Les "Confessions" de saint Augustin dans la tradition littéraire. Antécédents et postérité" in *Journal des Savants*, n. 4, 1964, pp. 261-283.

[380] Basta relembrarmos as narrativas autobiográficas de Santo Inácio de Loiola e de Santa Teresa de Jesus, tendo esta última exercido uma vasta influência na produção escrita feminina portuguesa. Sobre este tópico consultar: Eulogio Pacho – "Literatura espiritual del barroco y de la ilustración" in Baldomero Jiménez Duque – Luís Sala Balust (dir.) – *História de la Espiritualidad*, vol. II. Barcelona: Juan Flors Editor, 1969; Isabelle Poutrin – *Le Voile et la Plume: Autobiographie et Sainteté Féminine dans l'Espagne Modern.* Madrid: Casa de Velázques, 1995.

[381] Ver Anneke Mulder-Bakker – Liz Herbert McAvoy (ed.) – *Women and Experience in Later Medieval Writing: Reading the Book of Life*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

[382] Joana Serrado – *Ancias/Anxiousness in Joana de Jesus (1617-1681): Historical and Philosophical Approaches*. Holanda: Universidade de Groningen, 2014, pp. 48-49. Tese de Doutoramento.

seu apogeu só acontece após a sua morte, por volta do século XVII[383]. Em Portugal, tal género narrativo muito deve, igualmente, à influência teresiana, tendo-se difundindo também ao longo do século XVI, atingido a sua maior vitalidade no decorrer dos séculos XVII e XVIII, em obras cujos títulos mais comuns são "Vida da Serva de Deus x.…" ou "Relação da Vida de x.…". O título deste manuscrito de Maria Micaela insere o texto, precisamente, nesta tradição.

De resto, a extensão e modo de circulação destas autobiografias por mandado permanece ainda um tanto por apurar, embora dada a parca existência de edições coevas, se julgue que estes manuscritos estariam, pelo menos no caso português[384], circunscritos ao interior das casas monásticas[385]. Anabela Galhardo Couto aponta justamente para o papel modelador e purificador que tais narrativas escritas viriam a ocupar no seio da vida religiosa, funcionando, para quem as lia, como modelos de uma vida religiosa virtuosa e, para quem os coligia, como uma espécie de continuidade da confissão. Refere a autora que

> Neste contexto, as autobiografias femininas cumpriram a exigência não só de fornecer modelos de comportamento, como de moldar e apaziguar as consciências das freiras. A este propósito, convém lembrar que, independentemente da maior ou menor proximidade e afinidade espiritual que unia freira e confessor, este tipo de escrita autobiográfica era frequentemente solicitada pelo confessor ou diretor espiritual às religiosas e em especial às místicas e visionárias, aquelas que se destacavam por receber favores ou mercês e que por essa razão mais se afastavam dos regulamentos e prescrições normativas.[386]

Com efeito, é notória a natureza normativa destes textos, estruturados em torno de um conjunto de *topoi* modelares e recorrentes[387]. Importa referir que um dos tópicos

---

[383] Cfr. Sonja Herpoel – *A la Zaga de Santa Teresa: Autobiografias por mandato*. Amsterdam - Atlanta, GA: Rodopi, 1999.

[384] Em Espanha, a grande proliferação e fertilidade das autobiografias espirituais motivou a existência de numerosos leitores mesmo fora do ambiente claustral.

[385] A maior parte destas fontes foi recebendo tratamento editorial sobretudo no decorrer das últimas décadas, tendo permanecido até então votadas ao silêncio dos arquivos. Importa, todavia, ressalvar o caso de Sóror Isabel do Menino Jesus, freira e mística de Portalegre, que redigiu uma autobiografia publicada na época. Referimo-nos a *Vida da Serva de Deus Sóror Isabel do Menino Jesus*.

[386] Anabela Galhardo Couto – "Dimensões da alteridade em autobiografias espirituais femininas em Portugal (séculos XVII-XVIII) in UNED. REI, n. 3, 2015, pp. 86-87.

[387] Sobre este aspeto ver Mafalda Maria Ferin Cunha – *A Fiel e verdadeyra relação que dá dos sucessos de sua vida a criatura mais ingrata a seu criador: um género, um texto único*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

que marca esta forma discursiva é justamente o da humildade (o qual adiante retomaremos com maior profundidade), mas também o da autodegradação.

A conjugação destas linhas mestras fará emergir uma expressão escrita veemente marcada pelo preceito da obediência, mas também pela retórica da penitência e da auto-humilhação. Por outro lado, o texto será igualmente marcado por estratégias discursivas capazes de revelar a autoridade do *eu* enunciativo, na medida em que, em tal quadro narrativo, este *eu* se identifica como mediador de Deus e, no caso específico feminino, como esposa de Cristo. A *autorictas* será velada e sempre articulada com o tópico da humildade. A intensificação da piedade, da abnegação própria e da devoção ao amor divino serão outros dos lugares-comum que caracterizam esta formulação textual.

A despeito do seu cariz repetitivo e convencional, importa compreender a forma como estas autobiografias espirituais encerraram, na realidade, um modelo místico, ou seja, um modo em que a escrita se conjuga com a aproximação reiterada a Deus, efetivando-se enquanto uma ferramenta fundamental do processo espiritual. Isto é dizer que tais produções escritas não se esgotam na sua inextrincável componente sociopolítica, a qual tem sido, de resto, já explicitada por diversos autores, mas implica uma formulação textual aberta ao universo inefável da divindade.

Para o estudo destes textos, importa, pois, uma hermenêutica abrangente, que seja capaz de albergar o discurso escrito, mas também o discurso gestual nele patente, a saber, a importância da mão que escreve, a preponderância do gesto da escrita e do corpo que se debruça sobre o papel, que assomam como implicações devocionais, tal como devocional é a boca no momento da Comunhão. Já Hélène de Cixous chamou a atenção para o modo como, num contexto de *écriture féminin*e, o corpo é inserido na linguagem, assomando ele próprio enquanto um mecanismo de comunicação[388], o que se tratará em capítulo próprio. Tal componente revela-se ainda mais determinante nos meandros da mística, na medida em que a sua expressão é altamente investida de imagéticas e de metáforas do âmbito do corpóreo[389]. Afirma Maria Micaela que "a alma

[388] Hèlene de Cixous – *Le Rire de La Méduse et Autres Ironies*. Paris: Édition Galilée, 2010.
[389] Sobre o lugar do corpo na simbólica do discurso religioso feminino, ver Gilberto Coralejo Moiteiro – "Manifestações exteriores da vida interior. Usos do corpo e representações da alma na Crónica da

nunca busca o Senhor senão na humanidade. Só quando o Senhor quer, lhe dá confiança para subir à divindade"[390].

Isabelle Poutrin distingue duas modalidades fundamentais nas autobiografias espirituais redigidas sob o preceito da obediência, dizendo a primeira respeito a um relato mais centrado na vida da religiosa (a sua infância, a sua vocação, a sua entrada para o mosteiro, as suas relações conventuais...) e a segunda correspondendo a um relato dos seus favores e graças divinas, assumindo uma natureza mais visionária, mística e extática[391]. No caso específico do texto de Maria Micaela, este tende a um privilégio pelo relato do fenómeno místico. Neste sentido, a narrativa de Maria Micaela não apresenta uma cronologia que principia no seu nascimento, seguindo para a primeira juventude[392] (a despeito de mencionar um ou outro episódio da sua infância, funcionando tal exposição precisamente como uma legitimação da sua vocação), nem é exaustivo no que toca a descrições sobre a sua vida quotidiana, anterior ou posterior à entrada no mosteiro. Sonja Herpoel afirma que esta tipologia autiográfica "no obedece a unos criterios estrictos que están circunscritos de antemano, sino que tienen cabida em ella los elementos más dispares; estos abarcan desde los acontecimientos de la vida exterior hasta la manifestación exaltada de los sentimientos místicos más íntimos de la vida interior"[393]. De facto, a autobiografia espiritual de Maria Micaela funciona como a expressão escrita da vida íntima e mística da autora. A sua bem marcada componente dialógica não se esgota no destinatário evidente a quem dirige o texto (o seu diretor espiritual), mas revela, também, o diálogo íntimo entre o seu *eu* e Deus, bem como as transformações advindas dessa interação direta e, amiúde, repentina, entre ambos. A presença de várias locuções assinala precisamente a erupção do divino nos meandros da imanência, que não raro entra em discurso direto com o *eu*:

> E minha alma, toda derretida em amor, passou este dia como passeando com o seu divino Esposo dentro nos palácios de si mesma, onde conhecia segredos do céu altíssimos. E mais me deu a

---

Fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro" in João Luís Fontes – Maria Filomena Andrade – Tiago Pires Marques (coord.) – *op. cit.,* 2017, pp. 65-86.

[390] Fl. 3.

[391] Isabelle Poutrin – op. cit., 1995, pp. 18 – 20.

[392] Autoras como Sonja Herpoel identificam esta característica como demarcadora do género da autobiografia por mandado. No meu entendimento, não se verificam imprescindíveis e, portanto, a sua ausência nada lesa a identificação do texto em apreço com a autobiografia espiritual.

[393] Sonja Herpoel – op. cit., 1999, p. 39.

> entender, e a [a]ssegurar-me: "sentes como trabalho com elas? É porque nelas achas diferença. Não tens no seu trato o que tens em mim porque nelas não buscas mais que a mim, e fora de mim não tens contentamento algum. Vem, pomba minha, fermosa minha!" Ah, meu Senhor, que sou pó e cinza, cheia de misérias. "Não desconfies, não te descuidas que meu amor é delicadíssimo" E nisto me deu a conhecer que inda que a alma esteja por hábito livre, e desocupada de coisas criadas ou de imperfeições, é o inimigo tão subtil que só por alas do céu faz com que nos embaracemos, ainda com coisas santas e boas, para que se ocupem os sentidos[394];
>
> Vós, Senhor, temestes a morte enquanto a humanidade e eu, cheia de tantas misérias e sendo a mesma miséria, estou-me enchendo de tantas alegrias. Quis chorar meus atrevimentos e não podia porque toda a mente e toda eu estava elevada naquele objeto divino. Disse meu Senhor com palavras suavíssimas: "não desconfies, pomba minha, fermosa minha"[395];
>
> E no outro dia me fui a receber o amor sacramentado, mas já ia como fora de meus sentidos e, vindo de comungar, antes de me pôr de joelhos, senti como visivelmente, sem o ser, que o Senhor me abria os seus divinos braços, e me disse: "filha, vem a mim. Descansa nos meus braços".[396]

Aliás, não é só Cristo quem entra em diálogo com o *eu* enunciativo, mas também outras figuras como santas como Nossa Senhora ou Teresa de Jesus.

Ademais, o texto apresenta ainda uma qualidade orante, funcionando, em certos momentos, enquanto oração[397]. Apresenta, de facto, diversas jaculatórias que infundem um grande vigor apaixonado ao discurso: "Oh, doce amor de minha alma, dai-me, Senhor, humildade e obediência, que estou em grande necessidade!"[398]; "Oh, Senhor, perdoai meus desatinos! Oh, peito, que te não abres!"[399]; "Oh, amor, amor, tomara que todo este corpo foram olhos para que me não descuidara nenhum instante. Oh, quem andara sempre na guarda dos sentidos? Que bens recebe minha alma!"[400]; "Oh, doce amor, em vossas divinas mãos encomendo minha alma, e a vossos divinos pés se derrama meu coração, e potências, e sentidos, e este vil bichinho!"[401].

---

[394] Fs. 105v. – 106.
[395] Fl. 112v.
[396] Fl. 233v.
[397] Joana Serrado assinalou esta mesma propriedade na produção escrita de Joana de Jesus. Ver o capítulo "More than a treatise: a prayer" presente na sua tese de Doutoramento, "*Ancias/Anxiousness in Joana de Jesus (1617-1681): Historical and Philosophical Approaches*".
[398] Fl. 2.
[399] Fl. 5.
[400] Fs. 6v – 7.
[401] Fl. 7v.

Este texto de Maria Micaela apresenta uma narrativa algo elementar, bastante repetitiva em termos lexicais e assuntos, com recorrentes alusões a uma incapacidade de expressão (que será alvo de tratamento no capítulo 3 da parte III) decorrente do visionarismo e da experiência mística que se pretendem relatar. Está escrito num tom coloquial e espontâneo, com diversas marcas de oralidade, como parataxes, repetições e simplicidade sintática, associadas a uma tonalidade muitas vezes emotiva e exclamativa, com interjeições de alegria, de desejo e ânsia. Estas propriedades inserem-no, de facto, no âmbito da escrita feminina autobiográfica, devocional e visionária. Elizabeth Petroff, no seu estudo sobre textos visionários medievais de autoria feminina, destaca precisamente que

> The style of women's devotional writing may be characterized as emotional (concerned with affective responses), repetitive, proverbial, nonanalytical; the language is concrete rather than abstract, subjective, timeless, ahistorical; thoughts are connected by and or then rather being subordinated to each other.[402]

Como nota concludente, urge apenas aludir à terminologia utilizada pela própria autora para designar o seu texto. A religiosa de Odivelas designa-o como "papeis" e "cadernos", termos que Helena Sousa, na sua dissertação sobre epistolografia feminina da Época Moderna, aponta como prevalecentes em diversas missivas, podendo assim esta designação constituir um campo semântico específico do discurso feminino, religioso ou não[403], e que seria interessante estudar com maior atenção e campo de amostragem. Maria Micaela recorre ainda a vocábulos mais pejorativos como "borrões" e "furtos", revelando, por um lado, a retórica da humildade e, por outro, o entendimento da escrita como um exercício que traz renitência e que se insere entre a obrigação, a punição e a penitência.

1.3. A profusão do *eu* e a sua alienação na autobiografia espiritual de Maria Micaela de São Bernardo

[402] Elizabeth Petroff – *Medieval Women's Visionary Literature*. New York: Oxford University Press, 1986, pp. 28-29.
[403] Helena Sousa – *op. cit.,* 2020, p. 33.

Nas últimas décadas vários têm sido, em diversas áreas de investigação, os estudos votados às teorias do *eu*[404], que me parecem importantes para a abordagem a uma obra de natureza autobiográfica[405].

Pensar o *eu* no contexto de uma escrita mística possui, evidentemente, as suas implicações próprias[406]. Patrick McNamara, no seu relevante estudo sobre a neurociência da experiência religiosa, conclui que "Interestingly, there is a considerable anatomical overlap between the brain sites implicated in religious experience and the brain sites implicated in the sense of the self and self-consciousness"[407]. Verificar uma coincidência ao nível do uso do espaço cerebral entre a experiência religiosa e a perceção do *eu* revela, pois, um funcionamento similar entre estas, abrindo caminho para concluir que ambos os processos são, em certa medida, dependentes, coexistentes ou análogos. Ademais, ainda relacionando o *eu* com a experiência religiosa, o autor supracitado refere ainda que

---

[404] Para uma teoria do *eu* em associação com o conceito de narrativa/autonarrativa apoiada na psicologia narrativa: Jerome Bruner – *Acts of Meaning*. Cambridge: Harvard University Press, 1990; Martin G. Erikson – "The meaning of the future: toward a more specific definition of possible selves" in *Review of General Psychology*, vol. *11*, issue 4, pp. 348-358; Monica Whitty – "Possible selves: an exploration of the utility of a narrative approach" in *Identity: An International Journal of Theory and Research*, issue *2*, 2002, pp. 211–228; Dan P. McAdams – "Personality, modernity, and the storied self: a contemporary framework for studying persons" in *Psychological Inquiry,* vol. 7, issue 4, 1996, pp. 295– 321.

[405] Notar "The person is not the only or even the most obvious concept to use in exploring human selfhood. Recent historians have more often addressed the self with reference to either "the individual" (vis-à-vis the collective) or "the subject" (vis-àvis institutional power). As psychological concepts, both are decidedly modern. "Individual" in the sense of "a distinct personality" emerged only in the nineteenth century, long after its older sense had become obsolete. The currently fashionable "subject" has political, grammatical, and psychological senses, of which the first two are ancient but the last, recent. Derived from subiectum, the past participle of subicio, the "subject" already had conflicting senses in medieval Latin. To be a political subject is to be subordinate and governed by authority, as wife by husband or vassal by lord. To be a grammatical subject, on the other hand, is to possess agency and govern a verb (…)" Barbara Newman – *The Permeable Self: Five Medieval Relationships.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2021, p. 11.

[406] Notar que "Used rather loosely to translate the Greek hypostasis, a subsistent being, persona came to denote a center of consciousness, or what we might call a "self," over against a "nature," an abstract set of properties characterizing a particular type of being. Latin theologians formulated the central paradoxes of Christian doctrine through the interplay of these terms. Over centuries of acrimonious debate, they came to define the Trinity as three persons (Father, Son, and Holy Spirit) sharing one divine nature, and Christ as a single person possessing two natures, divine and human (…) The persons of the Father, Son, and Holy Spirit, individually and together, all possess the rational nature of the Godhead. Yet, because there is only one God and not three, they possess exactly the same nature with the same consciousness—a single mind, a single love". Barbara Newman – op. cit., 2021, pp. 12-13.

[407] Cfr. Patrick McNamara – *The Neuroscience of Religious Experience*. United States of America: Cambridge University Press, 2009, p. 11.

> The Self is one key to all of the fundamental functional aspects of religion and it therefore behooves us to examine religious practices that are specifically aimed at the Self. I think it is fair to say that all religions target the Self for transformation, or better, religion seeks to channel transformations of the Self into a prosocial direction by constructing a unified executive form of the Self.[408]

Do ponto de vista neurocientífico, McNamara define o *eu* enquanto

> a tool that is specialized for accessing and orchestrating skills and processing resources and knowledge domains in service to the individual. Selves can access, create, orchestrate, and realize new human capacities and powers. They should be seen, in part, as tools or perceptual devices created by cultural beliefs and practices and put in service to an individual such that that individual can vastly increase his fitness by enhancing his cognitive and behavioral capacities.[409]

Mas como analisar o *eu* que emerge no contexto de uma prática escrita autobiográfica e espiritual, que possui por objetivo único e final o encontro com Deus?

Patrick McNamara chama a atenção para duas propriedades particulares e essenciais do *eu* religioso: o *eu* dividido "that religion promises to heal"[410], que foi já teorizado, em 1902, por William James[411], e o *eu* enquanto agente. O primeiro comporta a nostalgia da unidade, essa mesma que Certeau identificou em Teresa de Jesus e em São João da Cruz, ao passo que o segundo será o responsável pela procura e concretização do retorno ao uno. Em todo o caso, é relevante apontar que, sendo a antropologia cristã fundada na doutrina da *imago Dei* e no modelo da Trindade[412], o *eu* místico é forçosamente um *eu* permeável à substância divina. A respeito da sua agência, diz-nos McNamara que

> The sense of Self as "agent" appears to draw on several psychologic and neuropsychologic domains, such as autobiographical memory, emotional and evaluative systems, self-monitoring, bodily awareness, subjectivity or perspective in perception, and so forth (…) The two processes

---

[408] Patrick McNamara – op. cit., 2009, pp. 147 – 148.
[409] Idem, 2009, p. 6.
[410] Idem, 2009, p. 26
[411] William James – *Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature*. London: Routldge, 2002, mais particularmente Lecture VIII "The divided self, and the process of its unification".
[412] Barbara Newman bem informa que "The three persons of the Trinity not only share the same nature; they are also said to "indwell" one another reciprocally. This is the doctrine known in English as coinherence "or being-within-one-another. The technical terms are the Greek perichoresis, "giving way to each other" or "circling round one another," and its Latin equivalent, circumincessio". Barbara Newman – op. cit., 2021, pp. 13 – 14.

> most implicated in agency are will (the sense of being the cause of some action) and goal-directed choice (the sense of choosing among alternatives and aiming for one of those alternatives). These two processes, Will and goal directedness, lie at the heart of the old problem of free will and the heart of our problem of the divided Self.[413]

A agência do *eu* parece-me, pois, uma problematização necessária no equacionamento do processo místico em linhas gerais, e na escrita autobiográfica de teor espiritual, mais precisamente, já que o *eu* "agente", no decorrer da experiência extática, sofre transformações. Estas transformações vão no sentido de um alheamento próprio ou de um momentâneo estado de alienação[414], já que o objetivo de todo o caminho espiritual é o encontro com o divino, o qual se caracteriza justamente pela perda da agência e, sobretudo, pela *kenosis*, isto é, o esvaziamento da vontade própria. De notar que para Bernardo de Claraval, a união mística ocorre precisamente quando a vontade da alma integralmente se submete à vontade de Deus. Estes processos de despojamento próprio e/ou de alienação própria evidenciam a necessária permeabilidade do *eu* místico, que permite concomitantemente a perda da agência própria e o aparecimento de Deus.

No dealbar do século XX, Hubert Hermans e os seus colaboradores desenvolveram a *Dialogical Self Theory* (DST), ferramenta que me parece muito fértil para os estudos interdisciplinares das vozes religiosas presentes nas autobiografias espirituais[415]. De facto, o ponto de partida desta teoria é a compreensão da multiplicidade, bem como da complexidade dos processos interiores do *eu*, que se encontram sempre integrados no macrocosmos que é o espaço sociocultural circundante do individuo e as diversas relações de poder nele engendradas. De resto, já Kierkegaard pensou o *eu* enquanto relacional, embora colocando a ênfase na relação deste *eu* consigo próprio, que é sediada numa profunda reflexividade[416].

---

[413] Patrick McNamara – op. cit., 2009, p. 27.

[414] Neste momento, verifica-se um esvaziamento próprio que suspende o *eu* de si mesmo, possibilitando-lhe a transformação em Deus. Todavia, esta alienação, que é momentânea, não resulta num permanente despojamento identitário.

[415] Cfr. Froukja Pitstra – "Religious voices in autobiography and biography: Analyzing life stories using elements of the theories of McAdams and Hermans" in Marjo Buitelaar – Hetty Zock (ed.) – *Religious Voices in Self-Narratives: Making Sense of Life in Times of Transition*. Berlin: De Gruyter, 2013.

[416] Cfr. Søren Kierkegaard – *O Desespero Humano*. São Paulo: Editora Abril Cultura, 1979. Consultado em linha: https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/diario-de-um-sedutor-temor-e-tremor-o-desespero-humano-os-pensadores.pdf. Acesso em: 14/10/2023.

Na *Dialogical Self Theory*, Hermans conceptualiza o *eu* dialógico e define-o enquanto a multiplicidade dinâmica de *I-positions* (ou "posições do eu", se quisermos). Assim,

> the embodied I is able to move from one position to the other in accordance with changes in situation and time. In this process of positioning, repositioning and counter position, the I fluctuates among different and even opposed positions (both within the self and between self and perceived or imagined others), and these positions are involved in relationships of relative dominance and social power.[417]

A passagem do *eu* de uma posição para outra – convocando-se uma espécie de alteridade[418] –, que nem sempre é uma contraposição, mas apenas um reposicionamento na escada espiritual, é um mecanismo próprio do processo místico em geral, e de Maria Micaela, em particular, que, como se verá, escreve amiúde por inspiração divina. O conceito de relação entre *eu* e outro é igualmente proveitoso. Já em João 14:10, Jesus diz "Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras". E também: "Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós"[419].

O vetor relacional que implica o *eu* num outro, e o outro no *eu*, traduzido porventura pelo termo "coinherence" seguido por Charles Williams[420] e recentemente adotado metodologicamente por Barbara Newman em *The Permeable Self*, encontra-se bem patente no processo místico. De facto, neste, o sujeito espiritual vê-se impelido a uma relação de *excessus amoris* com Deus que o torna abundante[421] para, simultaneamente, o despojar de si próprio de modo a permitir a união mística, isto é, esse estar não em si mesmo, mas no Outro. Com efeito, "there is an inflation of the

---

[417] Idem, ibidem, p. 16

[418] Sobre a alteridade presente no processo místico o artigo já citado e Anabela Galhardo Couto, "Dimensões da alteridade em autobiografias espirituais femininas em Portugal (séculos XVII-XVIII)", é deveras pertinente e interessante, figurando enquanto uma importante aproximação teórica ao estudo sistemático da mística em contexto português e feminino.

[419] João 14:20.

[420] Para o autor, "coinherence" é, antes de mais, uma relação, e significa, de um modo sintético, a reciprocidade do ser, a permanência do eu não em si mesmo, mas nesse outro. Sobre este assunto ver Barbara Newman – "Charles Williams and the Companions of the Co-inherence" in *Spiritus: A Journal of Christian Spirituality*, vol. 9, n. 1, 2009, pp.1 – 26.

[421] Esta abundância, ou profusão, prende-se pela capacidade hiperbólica de amar que o sujeito místico desenvolve no decorrer da sua experiência com Deus.

sense of Self (…) even while there is a seemingly paradoxical reduction in self-will in trance"[422] .

Hermans elucida ainda a importância do papel da recetividade na produção de "bons diálogos". Poder-se-ia transpor tal premissa para o âmbito da experiência mística nos seguintes moldes: também apenas com recetividade, isto é, mediante o despojamento do ser, o sujeito místico poderá estabelecer um "bom diálogo" com Deus, que o mesmo é dizer, aceder à união mística. Hermans define o diálogo "bom" como um diálogo "which the person allows new voices from the outsider to come in and opens up hitherto marginalized and hidden positions in the self. Receptivity leeds to (…) I awareness: being aware of oneself (self-consciousness), while spatial boundaries are receding; in that case, the I is no longer located in a particular position, but rather lives in the space positions. Next to positioning and counter positioning, the concept of depositioning is introduced as an important mechanism."

Com efeito, na união mística, o *eu* conhece-se a si mesmo cada vez melhor. Como afirma Maria Micaela de S. Bernardo, "é certo quando a alma está mais e mais em Deus, tanto mais se conhece a si"[423]. Mas, despojar-se-á seguidamente de si próprio, "pondo o palácio do Rei do glória todo desocupado, que é a nossa alma, o nosso coração, e todas as nossas potências e sentidos, assim interiores como exteriores"[424]. Nesta fase, poder-se-ia afirmar que o *eu* alheado se encontra no "third space" proposto por Bahbha[425], e que diz respeito a um lugar de ambivalência, a um "lugar entre".

Por outro lado, aquando da união mística, o *eu* deixa de ocupar uma posição particular e passa a integrar esse espaço de todas as possíveis posições, na medida em que se situa com Deus, entidade atemporal e ageográfica: "Ela não se acha mais que em Deus toda transformada em amor e graça"[426]. Aí, a noção de tempo altera-se, passando a ser experienciado com relatividade: "As horas da oração parecem-me minutos[427]"; "E sobretudo é ver como se me fazem os dias e noites pequenas, as horas minutos,

[422] Patrick McNamara – op. cit., 2009, p. 56.
[423] Fl. 137.
[424] Fl. 137v.
[425] Homi K. Bhabha – *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.
[426] Fl. 113.
[427] Fl. 229 v.

parecendo-me todo o tempo um instante, bebendo a alma nesta fonte divina, sem nunca saciar"[428].

Na autobiografia espiritual, o sujeito diegético, por se encontrar num jogo especular com o divino, é concomitantemente agente e objeto da narrativa, experimentando um processo de "voicing the self" ao mesmo tempo que se vem a silenciar – alienar – para dar, por seu turno, a sua voz a Deus. Neste mesmo sentido, Simone Weil aduz que "Nada possuímos no mundo – pois o acaso pode tirar-nos tudo – a não ser o poder de dizer "eu". É isso que devemos dar a Deus, ou seja, destruir"[429].

Afirma Maria Micaela nas suas explicações ao diretor espiritual: "não quer dizer que fujamos das criaturas, e de tratar das coisas precisas para a vida mortal, senão que fujamos de nós mesmas para que a alma se ache e viva só em Deus"[430]. O fugir de si mesma diz respeito à descentralização do *eu* concebida por Patrick McNamara ("Decentering always involves a reduction in the sense of agency of the Self"[431]), e que tem em vista um "possible self" / "ideal self", isto é, o *eu* capaz de albergar Deus. Refere ainda o mesmo autor que "when the decentering process is deep or prolonged, the individual may experience ecstasy"[432], o que importa ter em linha de conta já que em secção própria (Parte III, 1.1.1.) retomar-se-á o tópico do êxtase místico. Este *eu* capacitado de deidade foi identificado por Santo Agostinho como *capax Dei*[433], uma formulação escolástica que o teólogo alemão Karl Rahner retoma e para quem "a antropologia e a cristologia [se] condicionam mutuamente"[434]. Rahner ientifica a *potentia oboedientialis* com a própria essência do homem e não somente enquanto uma sua possibilidade, e afirmando que "a natureza humana é em si mesma a capacidade de acolher a Deus"[435].

Voltando atrás, poder-se-ia aduzir que o momento de "*voicing the self*" diz respeito à "*I awareness*" proposta por Hermans, e que aqui denomino por "profusão do

---

[428] Fl. 236 v.
[429] Simone Weil – *A Gravidade e a Graça*. Lisboa: Relógio d'Água, 2004, p. 27.
[430] Fl. 144v.
[431] Patrick McNamara – op. cit., 2009, p. 56.
[432] Idem, ibidem, p. 55.
[433] Cfr. Summa Theologiae, I-II, 113, 10; De Trinit. XIV, 8: PL 42,1044.
[434] Karl Rahner – "Théologie et anthropologie" in *Écrits Thêologiques,* XI, Paris, 1970, p. 192, apud. António Manuel Alves Martins – "A plenitude de homem em Cristo. A relação entre antropologia e cristologia em Karl Rahner" in *Didaskalia,* 35, Lisboa, 2005, pp. 311 – 225.
[435] António Manuel Alves Martins – op. cit., 2005, p. 318.

eu". Tal mecanismo apresenta-se enquanto "the openness and receptivity of the self, the high permeability of its boundaries, and its becoming part of a larger whole"[436].

De facto, esta abertura do *eu* acompanhada da dissolução de barreiras próprias (morte mística, se quisermos) permitirão que o sujeito narrativo seja insuflado por Deus, assomando a narrativa enquanto uma construção de significados e de *imagines* que não se esgotarão senão na divindade: "Eu já não quero outra vida, nem outro viver mais que ter sempre todos os meus sentidos e potências, assim da alma como do corpo, todas cheias de uma viva lembrança de meu Deus, e Senhor e Pai de minha alma"[437]. Neste sentido, temos que na alienação do *eu* "the old Self has to be defeated (inhibited or suppressed), and the beliefs and desires systems have to link up to the new ideal Self"[438]. Apesar de através de um ponto de vista feminista que aqui não urge ressalvar, Mary Walsh Meany observa no texto de Ângela de Foligno uma autobiografia em que o *eu* é justamente desconstruído no decorrer da sua relação com o Outro, isto é, com Deus, vindo a alcançar uma nova identidade[439].

Retomando Karl Rahner e a sua antropologia transcendental, o ser humano é munido de "transcendência ativa", característica que o torna capaz de autotranscendência e de autosuperamento, propriedades que aqui identifico com a alienação do *eu* e que conduzem ao "fim que consiste na experiência direta de Deus em sua autocomunicação mais íntima e sem véu. Só quando o homem se abandona a este momento, ponto de chegada de si próprio e do mundo, o homem alcança, propriamente, a si próprio, a Deus e o próprio fim"[440]. Refere Maria Micaela que "Tudo o que obro é por Deus. Todos os meus suspiros e ânsias são por Deus. Amo-o com fé viva, sinto a sua divina união (...)"[441], trecho que não podia ser mais elucidativo no que concerne ao despojamento da vontade própria em prol da vontade divina, e à submissão total do *eu* a Deus. Ou ainda: "Que é pôr-se toda a criatura despida de si mesma, com o

---

[436] Hubert Hermans – Agnieszka Hermans-Konopka– *Dialogical Self Theory: Positioning and Counter-Positioning in a Globalizing Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 171.
[437] Fl. 162v.
[438] Patrick McNamara – op. cit., 2009, p. 53.
[439] Mary Walsh Meany – "Angela of Foligno: destructuring and restructuring identity" in Ann W. Astell (ed.) – *Divine Representation: Postmodernism and Spirituality*. New York: Paulist Press, 1994, pp. 47-62.
[440] António Manuel Alves Martins – op. cit., 2005, p. 315
[441] Fl. 13.

coração, e vontade e toda ela patente àquele divino Espelho"[442]. A propósito dos últimos estados de aniquilamento, em que a alma se vê, justamente, no espelho divino, Marguerite Porete aduz que:

> Ela não retém mais nada em si, no seu próprio nada, pois isso lhe basta, ou seja, Ele é e ela não é. Portanto, ela está despojada de todas coisas, pois está sem ser, lá onde estava antes de ser. Assim ela tem de Deus o que Ele tem e é o que Deus mesmo é, por meio da transformação do amor, no ponto em que estava antes de fluir da bondade de Deus.[443]

Refere Simone Weil o seguinte:

> A criação é um ato de amor e é perpétua (...) É Deus que por amor se retira de nós a fim de que possamos amá-lo. Pois se ficássemos expostos à radiação direta do seu amor, sem a proteção do espaço, do tempo e da matéria, seríamos evaporados como a água ao sol; não haveria suficiente eu em nós para abandonar o eu por amor. A necessidade é o anteparo colocado entre Deus e nós para que possamos ser. Cabe a nós atravessar o anteparo para cessar de ser (...) Participamos da criação do mundo ao nos descriarmos (...) Ser nada para estar em seu verdadeiro lugar no todo.[444]

A "descriação", conceito weiliano que bem poderá ser traduzido pela alienação do eu, permitirá ao sujeito ser o nada categórico que possibilita a sua relação com Deus[445], encontrando-se no texto de Maria Micaela: "e de tudo me esqueço. Só do meu nada me não desejo olvidar, que ando metida em dois extremos. Ver o nada que sou, que nada posso e nada faço, e ver a grandeza e bondade infinita de meu Deus"[446].

Importa notar que a natureza relacional desta alma com Deus, sendo fundada numa profunda especularidade com o divino, implica um *eu* enunciativo que não pode senão tender ao sem medida no sentido em que Deus é o absoluto da relação. O seu itinerário místico-espiritual, consubstanciado nas três potências da alma da teologia escolástica, isto é, no Entendimento, na Memória e na Vontade, fará conjugar

---

[442] Fl. 199v.
[443] Marguerite Porete - *O Espelho das Almas Simples e Aniquiladas e que Permanecem Somente na Vontade e no Desejo do Amor*. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 224 – 225.
[444] Simone Weil – op. cit., 2004, pp. 33-35, 37 respetivamente.
[445] Sobre o tópico da descriação de Weil e do aniquilamento de Porete ver Maria Simone Marinho Nogueira – "Aniquilamento e descriação: uma aproximação entre Marguerite Porete e Simone Weil" in *Trans/Form/Ação*, vol. 42, 2019, pp. 193 – 216.
[446] Fl. 154v.

momentos de profusão seguidos de alienação (no sentido de despojamento), que possibilitará o momento da união mística.

Em tal produção escrita está patente, pois, um *eu* narrativo extático que encontra a sua sede e justificação na infinitude divina, procurando reproduzi-la ao alienar-se da sua humanidade, isto é, ao executar o duplo movimento que consiste em esquecer-se de si mesmo e em relembrar-se de Deus. Este mecanismo de relembrança terá funcionamentos específicos, ocupando a memória um papel indissociável nesta contextura mística, e que adiante se abordará no capítulo 2 da parte III.

Como nota final e em jeito conclusivo, importa referir que esta arquitetura textual, pelo seu pendor místico, entra em conflito com o emblemático conceito de autobiografia forjado por Philippe Lejeune na década de 70 do século XX. Para este autor a autobiografia é uma forma narrativa que parte do princípio que existe uma coincidência de identidade entre o narrador e a personagem que se narra. Se isto sucede a um certo nível nas autobiografias espirituais femininas, a verdade é que o despojamento identitário que as autoras experimentam – a dita alienação do *eu* – enquanto atitude necessária para encontrarem Deus, impede a sobreposição total do vértice de coincidência entre narrador, sujeito narrado e narração, instaurando um universo diegético que possui um comportamento próprio.

Com efeito, na autobiografia espiritual, o autor, o *eu* enunciativo e as matérias narradas não possuem necessariamente particularidades muito próprias, mas antes uma tendência para uma linguagem e uma identidade que, pela sua recorrência e semelhança em várias autoras, parecem esbater as diferenças individuais de cada uma em favor de uma valorização de aspetos que se tornam quase fórmulas ou *topoi* que retomam umas das outras. Na análise de tais textos é mais importante que se compreenda que se está diante de um *eu* enunciativo de natureza mística, com tudo o que tal vetor implica, do que propriamente diante da personalidade real que o nome próprio vivifica, tendo em vista que esta somente existe na medida em que se venha a dissolver/alienar, efetivando-se, assim, enquanto um preceito que é imperioso olvidar, ao invés de se fomentar na narrativa.

Este facto conduz a que as autobiografias espirituais femininas possuam uma dominante comum, expressando as experiências da alma e do corpo através de uma linguagem arquetípica munida de vocábulos específicos e de motivos recorrentes, e

construindo uma forma narrativa em que o sujeito diegético, apesar de frequentemente identificado com um nome particular, sobrevive e excede essa identidade numa espécie de tendência para o esvaziamento identitário, que parece sustentar, de resto, a pertinência e a legitimidade do texto. De facto, o processo de alienação do *eu* permite a que o sujeito narrativo se torne, na realidade, não o *si* próprio, mas antes um mensageiro divino, que dá a ver a palavra de Deus num código linguístico específico do discurso místico. Este *eu* deixará patente no seu texto uma "alternation of ecstasy and alienation"[447], que é sintomática do próprio funcionamento do processo místico. A título de exemplo, vejam-se os seguintes trechos[448], referentes a escritos de duas freiras portuguesas e de Maria Micaela:

(1) Sucede-me muitas vezes que tais são os baques e saltos que me dá o coração no peito, que os ouço com os ouvidos corporais e desejo abrir o peito com as minhas próprias mãos, deixá-lo voar para onde ele quer e deseja tanto, mostrando que não quer viver em mim, senão no seu centro, que é o meu divino Esposo. (...) Depois que estou neste retiro, os mais dos dias passo todos naquela união de meu divino Esposo, toda unida e abrasada em seu divino e puro amor, sem me lembrar coisa desta vida, nem deste mundo, como se para mim o não houvera.[449]

(2) Sempre em este tempo andava em oração, ainda quando não escrevia e ordinariamente sentia comigo a presença de meu Senhor, que suposto o não via com os olhos d'alma, nem do corpo, não podia duvidar de que estava comigo, com muita mais certeza do que se o vira muitas vezes, estando escrevendo, me dava uma ânsia tão grande de seu amor, com uns desejos tão excessivos de sua honra e glória e da salvação das almas, que me desfazia em lágrimas e enlouquecia de amor. E uma vez cresceu tanto este fogo, que me desfazia e abrasava toda (...)[450]

(3) E, metida neste desvelo, com ânsias e suspiros, caminha a alma ao retiro e soledade. Não é do trato visível, é interiormente onde o Senhor a leva ao centro desejado, mas esta prisão da carne a faz de[s]cer, que é o que faz penoso este desterro que nos priva daquele infinito bem. Que não seja perdurável para sempre, já sem fim. Ai de mim, que não sei o que digo, pois sou a mesma miséria! Passei alguns dias com entranháveis abraços, e união apertadíssima de meu Senhor, e

[447] Caroline Walker Bynum – *op. cit*, 1984, p. 230.
[448] Por uma questão de coesão textual, apresentarei os trechos, quando conservados na sua forma original, atualizados para Português atual.
[449] Cfr. Fr. Miguel de Azevedo – *Memorial das Instrutivas Palavras e Edificantes Obras da Muito Virtuosa Madre Mariana da Purificação.* Lisboa: Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1802, pp. 4-5.
[450] Joana Serrado – op. cit., 2014, p. 154.

> amor de minha alma, e tão atraída e unida com o meu divino Esposo que se padecia as prisões da carne. A força me leva a não sentir mais que Deus.[451]

Concluindo, a despeito de estas produções escritas constituírem, do ponto vista genológico, autobiografias, o facto de possuírem um viés espirito-místico impregna-as de um funcionamento próprio. Este funcionamento próprio entra em contradição com a propriedade essencial da autobiografia que diz respeito à bem marcada presença de um *eu*. De facto, no âmbito das autobiografias espirituais femininas, este *eu* é despojado/alienado de si mesmo no processo de encontro com Deus, tecendo consigo uma relação especular e, assim, numa camada textual mais profunda, deixando de manifestar o si próprio, mas o divino.

[451] Fs. 206 – 206v.

Parte III

1. Chaves místicas em Vida Interior de Madre Maria Micaela de São Bernardo

Antes de prosseguir para a análise propriamente dita da autobiografia de Maria Micaela de S. Bernardo, importa esclarecer algumas questões prévias[452].

A mística é um campo específico da religiosidade, que traduz a experiência íntima de transcendência vivida por determinada pessoa na sua relação com Deus. Wesley Wildman e Leslie Brothers[453], após terem analisado fontes diversas desde relatos em primeira pessoa a literatura espiritual, definem "mística" enquanto um subconjunto de uma gama mais ampla de "ultimacy experiences". Estas "experiências extremas", segundo os autores, estão divididas em duas categorias fundamentais. A primeira[454], e também a mais relevante no âmbito desta tese, diz respeito às alterações sensitivas, às alterações do *eu*, a um sentido da presença sobrenatural e a mudanças cognitivas e emocionais. Bernard McGinn, aliás, define a mística, por um lado, como uma consciência particular de Deus e, por outro, como a consequente transformação que decorre do contato íntimo com a transcendência[455], amiúde expresso por manifestações da ordem do extraordinário[456].

Henri de Lubac esclarece que na tradição cristã, grega ou latina, tanto nas liturgias, como nas obras teológicas, tudo o que dizia respeito ao mistério era qualificado, amplamente e sem distinção, como "místico"[457]. Amy Hollywood assinala que o uso greco-latino mais antigo do vocábulo "mística" se reportava simplesmente ao "oculto"

---

[452] Parte das considerações aqui apresentadas foram já expostas na minha dissertação de mestrado, *"Between eternity and time": a imagética do vestuário em Hadewijch de Brabante.*

[453] Consultar: Wesley J. Wildman – Leslie A. Brothers – "A neuropsychological-semiotic model of religious experiences" in Robert John Russell – Nancy Murphy – Theo C. Meyering – Michael A. Arbib (ed.) – *Neuroscience and the Person: Scientific perspectives on Divine Action.* Berkeley/CA: Center for Theology and the Natural Sciences, 2004.

[454] Apenas como nota esclarecedora, a segunda categoria concerne a potência existencial, o engajamento social, a transformação do carácter e a transformação das crenças.

[455] Cfr. Bernard McGinn – *The Presence of God: A History of Western Christian Mysticism: Foudations of Mysticism: Origins to the Fifth Century*, vol. I. New York: Crossroad Herder Book, 1992. Ainda sobre as origens da mística importa ter em linha de conta a seguinte, e mais recente, obra: Andrew Louth – *The Origins of the Christian Mystical Tradition: From Plato to Denys. Oxford:* Oxford University Press, 2007.

[456] Maria Rosaria del Genio – "Mistica (cenni storici)" in Luigi Borrielo – Maria Rosaria del Genio (coord.) – *Dizionario di Mistica.* Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1988, pp. 824 – 834.

[457] Henri de Lubac – op. cit., 2007, p.128.

ou aquilo que "devia ser silenciado", e que terá sido apropriado pelo cristianismo para justamente retratar os meandros misteriosos da Escritura[458]. Através de "mística" nomeava-se a Eucaristia e os sacramentos, denominados de "mistérios", (nos quais o divino está oculto nos observáveis pão e vinho) e, sobretudo, Cristo, na medida em que este se configurava como a mais perfeita "imagem visível do Deus invisível"[459].O termo designava também os vários estados de contemplação[460]. Juan Martín Velasco assinala, igualmente, que a adoção por parte das línguas latinas da terminologia grega associada aos mistérios e aplicada às realidades secretas, ocultas e misteriosas, originou a designação e o conceito de "mística".[461]

Michel de Certeau explica como o termo "místico" corresponde, atualmente, ao que a Idade Média e, sobretudo, os séculos XVI e XVII, designavam por "contemplativo" ou "espiritual". Embora de utilização já em finais da Idade Média, o adjetivo "místico" acabou por, com o tempo, evoluir na sua configuração morfológica: de adjetivo passaria, resultado de uma crescente complexidade, a nome[462]. Tal transformação viria a alargar o sentido do termo que passa a designar um específico "modo de falar", convertendo-o a uma categoria de linguagem. Afirma o autor que "in that fervor of linguistic and logical activity, "mystical" marks the point of intersection between the endless description of the visible and the naming of a hidden essential"[463]. De facto, a linguagem mística possui propriedades e funcionamentos próprios, não podendo ser analisada sem a consideração dessas mesmas especificidades[464]. Juan Martín Velasco, a este propósito, refere que a linguagem mística, não se restringindo a um género literário específico, tem

---

[458] Para uma discussão sobre os primeiros usos do termo consultar: Louis Bouyer – "Mysticism: An Essay on the History of the Word" in Richard Woods (ed.) – *Understanding Mysticism*. Garden City: Image Books, 1980, p. 42-55.

[459] Colossenses 1:22.

[460] Sobre o fenómeno místico segundo uma perspetiva histórica consultar a primeira parte da obra Amy Hollywood – Patricia Z. Beckman (ed.) – *The Cambridge Companion to Christian Mysticism*. United States of America: Cambridge University Press, 2012.

[461] Juan Martín Velasco – *op. cit.,* 1999, pp. 19 – 20.

[462] Para uma evolução do termo consultar o terceiro capítulo da obra Fábula Mística de Michel de Certeau. Michel de Certeau – *The Mystical Fable*, vol. I, Chicago/London: The University of Chicago Press, 1992, pp. 70 – 101.

[463] Michel de Certeau – op. cit., 1992, p. 98.

[464] Ver também Francisco García Bazán – "La mística y el lenguaje de la mística" in Francisco García Bazán - *Aspectos inusuales de lo Sagrado*. Madrid: Trotta, 2000; Bernard McGinn – "The language of inner experience in christian mysticism" in *Spiritus: A Journal of Christian Spirituality*, vol. 1, n. 2, 2001, pp.156-171 e Pierre T. Miquel – *Les Oppositions Symboliques dans le Langage Mystique*. Paris: L'Harmattan, 2002.

por referencial comum a expressão de uma experiência íntima e pessoal com a transcendência[465], sendo, por conseguinte, uma linguagem sempre "autoimplicativa" e "testemunhal"[466]. A experiência que o místico reporta, a despeito de possuir por particularidade essencial a inefabilidade[467] do que vive, não impossibilita o seu relato já que

> Although mystical experience supersedes object-language and conventional concept-language, it does not abandon other uses of language. We will conclude: not only is language essential to the mystic in different ways, but mystical experience is shaped by language, no less than ordinary experience is shaped by language. Our aim, however, is not to reduce mysticism to ordinary language, but to recognize extraordinary (mystical) dimensions of language.[468]

Os discursos místicos são construídos através de uma linguagem que não é propriamente nova[469], mas cujas funções não usuais, predominantemente expressivas e simbólicas, insuflam os vocábulos de significações particulares, operando no seu cerne transmutações de significado[470], frequentemente executadas por via de uma transgressão. Essa transgressão é produzida através de um exacerbamento da capacidade significativa dos vocábulos, que leva a que o discurso místico seja amiúde hiperbólico e superlativo, mas também cerzido de deslocações e de transgressões frequentes de significados, em que abundam as metáforas e as metonímias. Além disso, a linguagem mística, motivada pela inefabilidade e pela incomensurabilidade do Deus que se apreende, tende ao oxímoro, ao paradoxo[471] e à antítese, bem como à formulação de um enunciado posicionado entre dito e não dito[472], que impregna os textos de uma tensão sempre reiterada.

---

[465] Juan Martín Velasco – op. cit., 1999, pp. 50 – 58.
[466] Juan Martín Velasco – op. cit., 1999, p. 57.
[467] Jacques Maritain refere-se à experiência mística como a experiência inefável por excelência, tendo a sua linguagem por esforço essencial o de tornar sensível essa mesma experiência. Consultar a obra *The Degrees of Knowledge*. London: Geoffrey Bles, 1937. A despeito da inefabilidade da experiência de Deus, o seu relato, sendo inevitavelmente por ela condicionado, não é abandonado.
[468] Lawrence J. Hatab – "Mysticism and Language" in *International Philosophical Quarterly*, n. 22, 1982, p. 53.
[469] Sobre esta linguagem sustentada em imagens, ver a entrada "Lenguage en imágenes" do *Diccionario de la Mística*, editado por Peter Dinzelbacher, páginas 658 a 661.
[470] Jean Baruzi – "Introduction à des recherches sur le language mystique" in Alexandre Koyré – Henri – Charles Puech – Albert Spaier (ed.) – *Recherches Philosophiques*. Paris: Boivin et Cie, vol. 1, 1931/1932.
[471] Cfr. Vivian Ligo – "The Language of Paradox in Mysticism" in *Louvain Studies*, vol. 14, n. 1, 1989, pp. 26 – 37.
[472] Sobre a instância inefável articulada no discurso místico consultar: Michael Shells – *Mystical Languages of Unsaying*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

Angus Fletcher, na obra *Allegory: the Theory of a Symbolic Mode*, defende que a alegoria "destroys the normal expectation we have about language, that our words 'mean what they say'"[473]. O mesmo se pode afirmar sobre a escrita mística.

Ademais, como refere William P. Alston no seu estudo sobre a epistemologia da experiência religiosa[474], o fenómeno místico é consubstanciado mormente por uma dimensão altamente afetiva, podendo esta apresentar graus distintos de intensidade. São, por isso, marcas comuns deste fenómeno o êxtase, a doçura, o amor, o deleite, a alegria, a surpresa e o temor. Estes marcadores de teor emotivo-afetivo conduzem à elaboração de uma linguagem de orientação profundamente amorosa, e importa aqui convoca-los, pois serão recorrentemente manifestos na produção escrita de Maria Micaela. Neste seguimento,

> Le style, comme expression des affections des mystiques? la proposition évoque trop le post-romantisme pour qu'on l'utilise ainsi. Et pourtant, c'est bien la relation des mots aux choses que traverse ici le style en postulant une différence individuelle (une manière), un mode, une posture d'énonciation (un sujet face à un objet: l'expérience affective) qui sont autant d'élément transversaux aux catégories de l'imitation et de la représentation.[475]

No contexto deste trabalho, o termo "mística" circunscreve-se à sua expressão cristã[476], uma vez que Maria Micaela de São Bernardo era uma freira cisterciense. Por conseguinte, o Mistério de Cristo assume aqui particular relevância, sobretudo na Eucaristia e transubstanciação, importando ter em consideração a conceção de um Deus que é sentido como presença e/ou ausência. Igualmente importante é a sua natureza

---

[473] Angus Fletcher – *Allegory: the Theory of a Symbolic Mode*. United States of America: Cornell University Press, 1964, p. 2.
[474] William P. Alston – *Perceiving God: The Epistemology of Religious Experience*. United States of America: Cornell University Press, 1991.
[475] Sophie Houdard – "Le problème du language et du style mystiques au XVII siècle" in *Littératures Classiques*, n. 50, 2004, p. 303.
[476] Como afirma Alexandre Freire Duarte, a mística cristã possui um pendor muito próprio, e que a viria, de resto, a distinguir das restantes formas místicas humanas, porquanto se estabelece como a adoração a um Deus único, compreendido como o expoente máximo de Amor (sendo este último o fundamental ponto de viragem entre a teologia veterotestamentária e a neotestamentária). A propósito da mística cristã ver Hilda Graef – *L'Héritage des Grands Mystiques: Étapes de la Spiritualité Chrétienne*. Paris: Saint-Paul, 1968; Harvey Egan – *Christian Mysticism: The Future of a Tradition*. New York: Pueblo, 1986; Ursula King – *Christian Mystics: Their Lives and Legacies throughout the Ages*. New Jersey: HiddenSpring, 2001 e Amy Hollywood – Patricia Z. Beckman (ed.) – op. cit, 2012.

salvífica, a que se associam o amor, a caridade e a piedade, e que integram esta esfera mística que neles encontra o seu fundamento[477].

Por outro lado, na esteira de Amy Hollywood e da sua ligação entre o fenómeno místico e a expressão feminina[478], procuro compreender as implicações da mística no âmbito do discurso feminino[479].

Finalmente, no que diz respeito às componentes que consubstanciam a experiência mística, urge destacar alguns elementos. No seu estudo sobre a experiência religiosa, William James enumera as propriedades que, em diversos graus de intensidade, se verificam e se expressam no decorrer do fenómeno místico. Assim, James refere a unidade ou um sentido de ajustada integração do *eu* com os outros; a transcendência do tempo e do espaço; o humor positivo sentido profundamente; o sentido do sagrado; uma qualidade noética ou um sentimento de entendimento/discernimento; o paradoxo ou a capacidade de contrapor pontos de vistas opostos; a inefabilidade (já que a experiência é sentida como estando além das palavras) e a transitoriedade da euforia[480]. A este elenco, Patrick McNamara acrescenta alguns elementos que importam, pela sua pertinência, igualmente mencionar: um sentido aprimorado de poder pessoal ou de se sentir especialmente abençoado por Deus; mudanças nos comportamentos de leitura/escrita, as quais se manifestam mais frequentemente num aumento do interesse por escrever (nos casos patológicos, tornando-se uma forma de hipergrafia); aprimoramento da consciência e da apreciação musical; imagéticas metafóricas profundamente complexas, visuais e simbólicas; ritualização e, finalmente, encontro com Deus ou entidades espirituais[481].

Praticamente todos as propriedades acima destacadas se manifestam na produção escrita de Maria Micaela, sendo, por isso, forçosa uma análise do seu texto não somente de âmbito literário, mas do âmbito das suas marcas de espiritualidade.

---

[477] Ver o verbete "Mística cristiana" presente no *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, coordenado por Stefano de Fiores e Tullo Goffi, páginas 931 a 943.

[478] Ver Amy Hollywood – *Sensible Esctasy: Mysticism, Sexual Difference, and the Demands of History*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

[479] Ressalvo que esta ênfase se verifica pertinente e necessária para uma melhor compreensão do universo místico e literário de Maria Micaela. Esta orientação aí encontra a sua justificação, não manifestando qualquer pretensão de alinhar a presente análise a teorias feministas.

[480] William James – op. cit*,* 2002, pp. 295 – 296.

[481] Patrick McNamara – op. cit., 2005, p. 15-16.

Mas sistematizar e analisar a expressão escrita de cariz místico constitui um exercício exigente e sagaz. A natureza amiúde paradoxal e contraditória, não somente dos símbolos usados, mas da sua própria linguagem, contribui para a opacidade que os textos místicos apresentam, sendo, portanto, necessária uma hermenêutica capaz de aceder aos níveis interpretativos mais profundos. Tendo em vista a elaboração de uma interpretação adequada ao objeto textual aqui em apreço, os próximos capítulos dizem respeito ao exame de tópicos místico-espirituais que constituem importantes chaves hermenêuticas desta produção escrita e da sua complexa rede de imagens e símbolos.

1.1. Anotações concetuais

1.1.1. Entre a secura e o êxtase, o Amor

Se por um lado, no legado veterotestamentário, se encontra Deus a expor: "Eu sou aquele que é"[482], no Novo Testamento somos informados, por outro, que "Deus é Amor"[483]. Bernardo de Claraval, nos *Sermones in Cantica canticorum*, insiste que só através do amor é possível aos seres humanos aceder a Deus reciprocamente[484]. O amor enquanto elo de ligação do humano ao divino é, pois, incontestável.

O amor místico, *minne* na tradição mística neerlandesa, apresenta uma natureza eminentemente soteriológica, assumindo-se enquanto força dinâmica no processo espiritual, e sem a qual este se torna inviável[485]. De facto, "o amor transcende sempre, é o agente de toda a transcendência"[486]. Este modo redentor e verdadeiro de amar apresenta uma dimensão expressiva em Maria Micaela que, ao narrar uma das suas visões, informa que a alma "está forte para vencer gloriosamente voando a tudo o que é de Deus sem contradição no amor, que se chama amor com toda a mente, todo o tempo e toda a vida"[487], e é a engrenagem depurativa que possibilita a resipiscência humana após a Queda.

"Oh, I greet you, dear, with the love that is God himself! And with what I am, which is also somewhat what God is", enuncia Hadewijch de Brabante formulando não somente uma síntese deveras certeira da tríade espiritual "*eu* místico" – "amor divino"

---

[482] Cfr. Êxodo 3:14. Utilizo na presente tese a Bíblia Almeida Corrigida.
[483] Cfr. 1 João 4:8.
[484] Cfr. Bernard McGinn – "Love, knowledge, and mystical Union in western Christianity: Twelfth to sixteenth centuries" in *Church History*, vol. 56, issue 1, 1987, p. 9.
[485] Este vocábulo neerlandês feminino tem por tradução literal "amor místico" ou "amor divino". A par disto, trata-se *Minne,* na obra de Hadewijch de Brabante, de uma personagem feminina, a Rainha Amor. É neste seguimento que Bernard McGinn questiona: "What is *minne*? Or should we rather ask, Who is *minne*?". Seguidamente, definará *minne* nos seguintes termos: "(…) *minne* functions not unlike the term ess in contemporary scholasticism, though with decidedly more personal and existential import. That is to say (metaphysically speaking), *minne* must be predicated of God, but it also signifies the fundamental reality or power by which all things participate in God and by which they return to him. As used for women mytics, however, *minne* is much more a phenomenological than a metaphysical term, and hence it has a richly varied range of meanings growing out of the paradox of love experienced as simultaneously both longing and satisfaction" in Bernard McGinn - *The Presence of God: A History of Western Christian Mysticism: The Flowering of Mysticism: Men and Women in the New Mysticism (1200-1300),* vol. III. New York: Crossroad Herder Book, 1998, pp. 170 – 171.
[486] María Zambrano – *A Metáfora do Coração e Outros Escritos*. Lisboa: Assírio&Alvim, 1995 (2), p. 56.
[487] Fl. 52.

– "Deus", mas enfatizando a sua componente especular essencial. A mesma autora, numa outra carta dirigida a uma sua pupila, aconselha-a a "may God be God for you, and may you be love for him", reforçando o papel indubitável do amor no processo de conhecimento de Deus. A integração do amor no quadro do conhecimento divino é uma tradição antiga. Evágrio do Pôntico integrava já na experiência mística três vetores fundamentais, a saber, *apatheia* (que designava a indiferença que dá origem à liberdade na subida), *ágape* (o amor) e *gnosis* (o conhecimento)[488]. Na obra *Sete Maneiras de Amor Sagrado*, Beatriz de Nazaré descreve a primeira maneira enquanto *begert*, isto é, um desejo amoroso ativo, através do qual é imperioso subir às mais elevadas alturas do amor e do conhecimento de Deus[489]. Assim, "both love and knowledge must be involved in the encounter with God, however much the former prevails"[490].

Mais do que isso, o amor configura uma forma de conhecimento de Deus. Guilherme de São Teodorico (ca. 1085 – 1158) reforça justamente, a premissa "*amor ipse intellectus est*", explorando o facto de a união mística produzir um amor que é em si mesmo uma forma de compreensão/conhecimento de Deus. Afirma Maria Micaela que "Temos sempre muito que louvar a Deus, que não tem a alma mais tempo que para conhecer e amar porque os conhecimentos das grandezas de Deus que obrou pelas criaturas faz andar a alma absorta e enardecida toda em amor por seu Deus."[491], colocando em evidência a simbiose entre o ato de conhecer e o de amar. Ou ainda: "As elevações que a alma sente são muitas e grandes, que a levam a alto amor e conhecimento da bondade e grandeza de Deus"[492]. Isto decorre da tradição, por exemplo, de um *Directorium Mysticum*, do jesuíta Frei António do Espírito Santo, no qual está patente o acesso ao conhecimento divino mais por via da "'notícia' experimental e

[488] Cfr. Dicionário de Mística, p. 633.
[489] Beatriz de Nazaré – Sete Maneiras de Amor Sagrado. Porto: Edições Afrontamento/Imago Mundi, 2018, pp. 49 – 51.
[490] Bernard McGinn – *op. cit.,* 1998, p. 171.
[491] Fl. 150v.
[492] Fl. 247v.

amorosa do que por operações intelectuais"[493]. Também isto se encontra em Maria Micaela quando afirma sobre Deus: "Por experiência o conheço"[494].

Por via da afetividade amorosa detentora do amor enquanto sua substância central, o ser conhece a Deus, mas também se conhece a si próprio, dir-se-ia que em proporção direta, de acordo com as declarações de Maria Micaela: "Era perto da perfeição porque quanto mais conhecemos de Deus, quanto mais nos conhecemos a nós"[495]. A relação entre o conhecimento de si próprio e de Deus pode ser encontrada em Plotino e veio a ter reflexos em autores como Agostinho de Hipona, o já mencionado Guilherme de São Teodorico e Ricardo de São Vítor. No caso de Maria Micaela, conhecer-se a si mesma é sobretudo (re)conhecer o seu nada: "Eu confesso minha culpa, que me não atrevo a dizer o que conhece a alma em seu Senhor em matérias de amores pelo conhecimento do meu nada"[496].

Neste universo místico, o amor é, de facto, "união profunda"[497]. Ademais, funciona também enquanto dinamismo transformador: "Se vós, Senhor, por um instante de padecer por vosso amor encheis a alma de tantos bens, como é viver toda em vós unida e transformada em doce amor puro?[498]" A respeito desta natureza transformadora do amor, o místico francês seiscentista Pierre de Bérulle, afirma que: "For love transports us out of ourselves into him and, what is more, it makes us like he is in himself, by divinizing and transforming us into God."[499]

Na terminologia da religiosa de Odivelas, o amor é perspetivado da seguinte forma:

> O Senhor que tivera a pureza dos serafins para quando cabalmente falara [e] escrevera as condições do amor. Oh, amor, amor, como és forte! Não te sei relatar! Tu tiras as forças, tu ardes

---

[493] Pedro Vilas Boas Tavares – "Papel dos jesuítas no anti-quietismo em Portugal" in *Atas do Colóquio Internacional A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos Sécs. XVI e XVII*. Porto: Universidade do Porto, 2004, p.493. Em linha: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8728/2/3780.pdf. Acesso em: 07/08/2023.
[494] Fl. 217v.
[495] Fl. 48v.
[496] Fl. 236.
[497] Ver Sílvio Lima – op. cit., 1935, p. 131.
[498] Fl. 93v.
[499] Pierre de Bérulle – "*Discourse on the States and Grandeurs of Jesus"* in William M. Thompson (introd.) – Lowell M. Glendon (trans.) – *Bérulle and the French School: Selected Writings*. New York: Paulist Press, 1989, p. 148.

> para mais e mais se amar... Tu sustentas alma e corpo! Como será isto experimentado? Teus efeitos e[u] não te sei explicar...[500]

O amor apresenta uma componente inefável, conduzindo o sujeito místico à perceção de ser impossível relatá-lo. É, também, tão avassalador que tira "as forças" e "arde", consumindo o *eu*, mas, paradoxalmente, sustentando a sua "alma e corpo". Os seus efeitos, pela sua intensidade, são experienciados de um modo pouco inteligível. A expressão deste amor é manifesta no texto através de exclamações e de interrogações que procuram, assim, refletir a sua magnitude na alma deste *eu*.

Além disso, Maria Micaela descreve o amor místico como uma experiência antitética, que simultaneamente consola e faz sofrer: "Só digo que o amor divino que é delicadíssimo, mas muito grandioso"[501];"Mas este amor, este martírio, porque o amor é um contínuo martírio, porque quanto mais se ama a Deus, mais se padece"[502]. Este sofrimento resulta da natural limitação do ser humano, que só após a morte conseguirá a total união, sem véus. Recorde-se São Paulo: "Porque agora vemos como por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente, como também sou plenamente conhecido"[503]. Neste sentido, a experiência mística de Maria Micaela pressupõe uma escalada que, no entanto, apenas permite uma "experiência incoativa"[504] da comunhão total com Deus, pois a sua totalidade só é possível depois da morte. Assim, Maria Micaela afirma: "quem bem padece, bem ama, porque esta é a vida dos finos amantes até que de todo se descubra este véu"[505].

Estes momentos de distância são fonte de sofrimento para a alma. Maria Micaela refere-os especificamente:

> Estando na oração, sentia o Senhor, mas estavam as névoas diante. Pus-me a chorar, mas não saía da dúvida em que estava, que não podia dar conta. Nisto entendi que me mostraram e com amor me repreenderam que passasse adiante, que era indo pelas chagas do Senhor. Assim o fiz.

---

[500] Fl. 72v.
[501] Fl. 94v.
[502] Fl. 157v.
[503] 1 Coríntios 13:12
[504] Marcel Viller – Ferdinand Cavallera – Joseph de Guibert (ed.) – op. cit., vol. 10, p. 1977.
[505] Fl. 158.

> Logo achei o meu doce amor, e minha alma o teve nos braços. Conhecia que o Senhor estava des[c]endo da cruz e lhe caía nos braços. Oh, amor, que matas e dás vida![506]

O reforço desta ideia de padecimento é recorrente na sua correspondência: "Mas meu Senhor é fiel, quer que também padeça para que seja mais amante sua"[507]. O sofrimento advém, quer do desejo de sofrimento físico, numa vontade de configuração com Cristo morrente (traduzido em disciplinas, mortificações e, sobretudo, pela doença), quer provocado pela experiência de limite e fragilidade em relação a esse Cristo de que nunca se consegue aproximar absolutamente. Tal como Cristo sofreu por amor à Humanidade, também o místico procura os sofrimentos como via amorosa. Teresa de Jesus afirma mesmo: "Haced vos, Señor, lo que quiserdes, no os ofenda yo, no se pierdan las virtudes, si alguna me abéis ya dado, por sola vuestra bondade; padecer quiero, Señor, pues Vos padecisteis"[508].

Por outro lado, na sua dinâmica, o amor místico vive, alternadamente, momentos de consolação e de desolação, até atingir uma etapa superior, em que, já na via unitiva, a desolação dá lugar a um tempo de serenidade e de consolação[509]. É significativa desta dinâmica a explicação de Maria Micaela: "porque o Senhor, como quem faz uma peça a outra pessoa, se esconde, e depois lhe aparece com grande alegria e lhe diz: "olha o que te fiz"[510].

De facto, no início da sua correspondência com o diretor espiritual, Maria Micaela tinha grandes alternâncias entre ausência e presenças de Deus. Ao longo delas vai aprendendo a aperfeiçoar-se nesse amor que sabe mútuo: "Ou a alma se descuidou ou o Senhor se quis esconder". A alma, "como não sentia a presença do meu doce amor, por mais que fizesse diligências, não achava senão misérias"[511].

---

[506] Fs. 6 – 6v.
[507] Fl. 30v.
[508] Cfr. https://www.bibliotheque-monastique.ch/bibliotheque/bibliotheque/saints/carmel/theresedavila/Oeuvres%20par%20titre/Espagnol/03%20LIBRO%20DE%20LA%20VIDA.pdf, p. 67.
[509] Refere Sílvio Lima que o amor místico "sofre no seu devir oscilações imprevistas (variações ciclotímicas) de excitação e de depressão (...) A um período positivo de beatitude segue-se um período de secura, ou vice-versa"Sílvio Lima – op. cit., 1935, p. 141
[510] Fl. 114v.
[511] Fl. 2 v.

Importa notar que esta oscilação entre êxtase e secura pode conduzir o eu místico à angústia, sendo que "the soul who is capable of experiencing this oscillation with indifference and unabating love has no more need to fear than do the souls in heaven"[512]. A religiosa de Odivelas está bem ciente desta condição cíclica do processo místico:

> Hoje, que é dia da Exaltação da Santa Cruz, todo este dia me tem meu Senhor regalado. Dando excelentes doutrinas com um vivo amor, me está como dizendo e mostrando que somos dentro da alma como os tempos, que que há inverno, verão, tempestades, desabridos tempos e outros muito suaves, onde me mostra o que se diz nos Cantares: "já passou o inverno, vem amiga minha, pomba minha"[513].

Os períodos de secura estão intimamente ligados à sensação de ausência do Amado, isto é, de Deus, ausência essa que se assemelha a uma espada de dois gumes, pois se, por um lado, conduz o *eu* espiritual à aridez da solidão, por outro irá prepará-lo para o futuro êxtase na medida em que o torna perseverante na caminhada espiritual. "Fechava-me com meu Senhor, mas ele se me escondia s[e]m eu dar fé"[514], escreve Maria Micaela. O primeiríssimo verso do *Cântico Espiritual* de João da Cruz é, precisamente, "Aonde te escondeste?". Também Maria Micaela reconhece esse tempo de privação:

> Também direi a Vossa Reverendíssima, inda que sei que me quer sempre ocupada na contemplação, mas a isso lhe quero dizer que nos tempos de menos saúde, ou securas, ou ausências do Amado, que nestas ocasiões ponho sempre o relógio para que não deixe de ter as duas horas e meia ou três, se pode ser pouco mais ou menos, fora o tempo de estar suspirando e cuidando no Amado.[515]

Nos momentos de secura, o *eu* é invadido pela saudade, contabilizando o tempo por forma a cumprir, não sem severidade espiritual, as horas que deve dedicar ao seu Esposo para que ele se lhe revele. No período relativo à ausência de Deus, o ser místico tem forçosamente de se vigiar com maior estreiteza, persistindo e perseverando, já que

---

[512] Amy Hollywood – *The Soul as Virgin Wife: Mechtild of Magdeburg, Marguerite Porete, and Meister Eckhart*. Notre Dame/Indiana: University of Notre Dame Press, 1995, p. 114.
[513] Fs. 160v. – 161.
[514] Fl. 113v.
[515] Fl. 174v.

se encontra mais permeável, em certa medida, às desconfianças próprias e às tentações do "inimigo", para recorrer ao termo da própria Maria Micaela, já de longa tradição. Com efeito, em tempos de secura, o místico vê-se impelido a uma redobrada vigilância de si próprio, a uma maior purificação, não destituído de um certo temor santo:

> Por isso, sou sempre contra mim. Nunca abraço com vontade nem uma coisa desta vida, senão com temor, considerando que será danoso para a alma. Estes são os meus maiores cuidados, mas tudo é pouco para o que esta alma deve fazer em tempo de sequidades como agora.[516]

Michel de Certeau destacou a prevalência de uma linguagem da nostalgia nos textos místicos, que terminam, de facto, manifestando e simbolizando, uma saudade sem tempo, orientada para a transcendência. É esta dimensão que Maria Micaela traduz em vários momentos do seu texto: "Em outro dia, indo para o coro à prima, me deram umas tão grandes saudades de meu Amado e estava com fé viva que ele assistia dentro de minha alma"[517]. Ou ainda: "Quando me levanto, digo logo: "meu doce amor, não permitais que hoje me falem em coisa que não sejam do vosso louvor" e, estando só, dão-me grandes saudades do céu"[518].

Nos momentos de secura, Deus volta a tornar-se se misterioso, isto é, oculto, deixando de permitir a sua revelação: "e o maior de todos os trabalhos era sentir-se (...) como seca e tíbia, e o amor escondido"[519]. Este estado, como se disse, acarreta um cariz necessariamente doloroso:

> À noite, estando na oração, quis a alma buscar o Amado crucificado e abraçar-se com ele, que agora é como se goza com ele, mas o Senhor lhe fugia, mostrando-se ofendido. Veja Vossa Reverendíssima que sentiria minha alma! Até o coração me doía, não podia dormir de noite, mas não me inquietava, e sentia-me morrer[520];
>
> Esconde-se meus amores e deixa-me entre espinhos, não de todo, que isso não me faz o Senhor, que é Pai de amor. Mas deixo-me uns dias mais metida nas minhas misérias, conhecendo-me a mim mesma com um santo aborrecimento, suspirando e gemendo, sem saber que fizesse pelo Amado, sem apetecer desta vida mais que a felicidade de ter uma alma pura, e um coração limpo e desocupado de tudo desta vida. E nem uma ocupação me estorvava, nem assistência de

[516] Fl. 135v.
[517] Fl. 239v.
[518] Fl. 3v.
[519] Fl. 139.
[520] Fl. 10.

> criaturas, sendo pela caridade mais que a minha miséria. Ó, amor, antes morrer que estar sem vós! Como são os dias grandes, tudo me parecia um tormento, sem me inquietar, tudo quieto, mas muito escuro.[521]

Na autobiografia de Maria Micaela, a secura é essencialmente traduzida por esta noção de um Deus escondido:

> Assim, saiu a alma de tribulações que já acima referi, e a maior de todos os trabalhos era sentir-se, como já disse no capítulo passado, como seca e tíbia, e o amor escondido (...) E faz-me aborrecer santamente tudo o criado, porque em nada desejo buscar alívio, nem consolação, mais que no Senhor está toda a mente. Não sei como fale e diga os grandes trabalhos de minha alma quando se vê com o Senhor escondido, e que o não pode amar como queria e deseja. Porque o amor tem muitos modos de ser Amado, mas eu, como sou pobre de virtudes, só me satisfaz andar sempre unida a meu Amado, pelos grandes perigos deste desterro, e ver o pouco que eu posso. Em ausências de amor, não me atrevo a cuidar sem lágrimas e dor do coração.[522]

Marca-se, neste sentido, o "ainda não", estado místico que convoca a tensão espiritual[523] da espera. Em todo o caso, nesse *Ainda Não*, que é o tempo do sem luz, mas também o da perseverança espiritual, o *eu* permanece no "sofrimento amoroso", com "fome e sede de seu Amado":

> Neste cuidado se me descobriu que não era necessário correr com os pés do corpo, senão correr sem intervalos no caminho da perfeição e das virtudes no sofrimento amoroso, em todo o sentido, assim na vida ativa como na contemplativa. Que, confesso a verdade, que uma alma que deseja amar muito, muito a Deus, e vive no seu divino trato e íntimo abraço, nem sempre está em braços porque, às vezes, se lhe vai o Senhor como fugindo, sem se lhe esconder, que faz que a alma correndo com grandes ânsias de fome e sede de seu Amado.[524]

De assinalar que os *topoi* ligados à *epektasis*[525], isto é, à sede insaciável de Deus traduzida pelo perseverante avançar de que nos fala São Paulo na Carta aos

---

[521] Fl. 120.
[522] Fl. 139.
[523] A experiência mística, que é escatológica, passa pela tensão entre o "já" que significa a experiência, ainda incompleta da presença de Deus, e o "ainda não", categorias que surgem com Karl Rahner.
[524] Fs. 194v. – 195.
[525] Gregório de Nissa recorreu a este termo para descrever o modo místico em que se alcança a Deus por via de um repouso unitivo e, concomitantemente, de um desejo ilimitado. Cfr. Bernard McGinn – "Unio Mystica/Mystical Union" in Amy Hollywood – Patricia Z. Beckman (ed.) – op. cit*,* 2012, p. 203.

Filipenses[526], encontram-se muito patentes no texto de Maria Micaela de S. Bernardo, sendo o seguinte trecho particularmente importante: "E em todo o dia que me pareceu que o sustento que dei nesse dia o corpo foi demais porque ele podia passar sem comer (só muita sede senti)"[527]. O sentir corporalmente muita sede metaforiza, evidentemente, a sede espiritual e marca a perseverança deste *eu*[528]. Com efeito, este *eu,* quanto mais experiencia o amor místico, mais o deseja, nunca se encontrando saciado: "Mas como este divino amor nunca satisfaz a sede quando é grande, com sofrível, causou-me nos sentidos da alma e corpo um contínuo preguntar por meus amores, sem me sentir"[529]; "E, por isso, me queixo ou se queixa ela, que não tem tempo de estar com o Senhor porque não pode satisfazer esta fome e sede que sente"[530]; "Que só uma faísca de amor faz andar a criatura fora de si, sempre em busca de seu Senhor, porque não satisfaz a fome e sede que tem de se ver já cara a cara"[531].

O sofrimento, neste eixo místico, emerge enquanto pedra de toque da própria progressão espiritual, gerando um desejo purificador: "Também senti que este padecer era ou sequidades ou desemparos, e que mesmo dentro da alma me ensinavam o que havia de fazer, que é na humildade que funda o rendimento amoroso (...)"[532].O padecimento procede de uma condição de desamparo (o *eu* está só porque Deus está escondido), bem como das *sequidades*, vocábulo de larga fertilidade no âmbito do *modus loquendi* místico feminino[533]. Estas *sequidades* tornam o caminho espinhoso, árduo, embora sempre profundamente amoroso – basta relembrar a máxima agostiniana "*non laborat qui amat*". De facto,

---

[526] Filipenses 3:13-14: "Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus".
[527] Fl. 104.
[528] Aliás, esta sede sempre existiu em Maria Micaela, tendo sido herdada por "linhagem", tornando-se uma marca de legitimidade e de autoridade espirituais: "Foi uma linhagem de sede que sempre a padeci ardentíssima pelo amor sacramentado, que nunca é saciada, inda recebendo-o todos os dias". Fl. 203v.
[529] Fl. 108v.
[530] Fl. 133.
[531] Fl. 140.
[532] Fl. 231v.
[533] Sobre este tópico consultar Joana Serrado – "Sequedades em Teresa de Jesús e a sua discípula portuguesa, Joana de Jesus" in Joaquim Teixeira (ed.) – *Congresso Internacional: A Reforma Teresiana em Portugal*. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2017, pp. 83 – 96.

> The suffering of the soul is first experienced as purely negative, the loss of divine presence and grace. However, in accepting this suffering as part of the necessary path of Christ, the path of love for humanity, it is transformed into and expression of our unity, as loving, with the very grounds of our being and of the divinity. Suffering is not dissipated or treated as an ontological nullity, but rather is seen to be necessary consequence, and hence marker, of love or charity when it is found on earth.[534]

As securas espirituais, em Maria Micaela, possuem também traduções físicas:

> Vai por perto de mês que não pude escrever, com bastantes padecimentos, dores, febres, securas, desabrimentos, temores e medo exteriores com grande tormento, que de noite não podia estar só com tal desamparo, que no interior me parecia tudo confusão.[535]

A experiência de secura inscreve-se no corpo do *eu,* através de dores e febres, embora vários sejam os relatos de outras freiras acerca do aparecimento, por exemplo, de pústulas ou de chagas, num claro gesto de *imitatio Christi*. A este corpo sofredor se regressará em secção posterior (Parte III, 1.1.3.).

Num plano diametralmente oposto às securas, situa-se o êxtase[536], comummente definido como uma experiência de prazer ou de júbilo tão intensa que quem por ela passa é levado para fora de si mesmo, executando uma abstração e/ou alienação e indo forçosamente além do seu *eu.* Segundo Angelika Malinar e Helene Basu, o êxtase é a plataforma "that connects the adept to that very absolute, divine, and transcendent entity, realm, or state taught in the religious doctrine. The ecstatic experience results in temporal contact with that realm in terms of direct experience"[537].

A religiosa de Odivelas explicita os efeitos desta experiência íntima e mais forte de Deus em termos de dissolução corporal: "A alma se desfaz toda do corpo para vir achar-se com o seu Amado, não pode ser corporalmente"[538].

---

[534] Amy Hollywood – op. cit., 1995, p. 125.
[535] Fl. 232.
[536] É o "estar fuera de sí, transporte, arrebatamento, *raptus*, "trance", *alienatio mentis*; del griego, ekstasis, "estar fuera de sí" (...) El éxtasis puede definirse como la experiencia de ser poseído con extrema intensidade, al mismo tiempo que se pierde la sensibilidad corporal y la relación con la realidade del mundo circundante." Peter Dinzelbacher et all (ed.) – op. cit., 2000, pp. 373 – 374.
[537] Cfr. Angelika Malinar – Helene Basu – "Ecstasy" in John Corrigan (ed.) – *The Oxford Handbook of Religion and Emotion.* New York: Oxford University Press, 2008, p. 246.
[538] Fl. 49v.

De facto, se por um lado o corpo é capaz de sofrer as maiores privações e maleitas, por outro, experimenta igualmente uma doçura inquebrantável, uma força arrebatadora e um vigor inigualável no momento desse *excessus amoris*: "E este estar com o amor divino é mais estranhável e mais delicado, porque o corpo sente-se mais debilitado de forças, e eu toda absorta e com elevações da bondade divina."[539].

A experiência de êxtase pode atingir uma tal intensidade, que não raro torna o eu mistico como que inconsciente, mas não amnésico: "Ecstasy as an emotional experience thus is based on awareness, not on amnesia, although its intensity may result in a loss of consciousness and is thereby brought to its end. In this regard, ecstasy as an emotion differs from possession, hypnosis, or trance, of which the person often has no memory"[540]. Esta preservação da memória deveras relevante para a construção de uma autobiografia espiritual como a de Maria Micaela de S. Bernardo.

A intensidade do êxtase justifica que este estado não possa ser prolongado no tempo: "Eu senti na alma tão grande gozo, ou não sei dizer mais, que se me durara muito que acabaria a vida, desfeita toda em amor, e muitas mais coisas que me sucedem estando o corpo descansando.[541]" Patente fica, efetivamente, a perceção de ser necessário o término do êxtase de modo a conservar-se a vida de quem o experimenta, na exata medida em que o amor místico "é forte como a morte"[542], como o descreve Maria Micaela. Com efeito, "to remain in that place for too long leads to the death of the body and the senses"[543]. A freira Bernarda procura explicar essas razões que ela própria não entende bem:

> Disse acima que a alma não podia viver sempre naquela habitação. A meu entender, porque é tal a doçura, ou a que ela sente, ou maná do céu, que redunda em todo o corpo. E como ele é mortal, parece que em breves dias se desfaria a minha natureza, e acabaria a vida do corpo, pelos suavíssimos cheiros que o mesmo corpo recebe, que se não sabem explicar eu por ser ignorante.[544]

---

[539] Fs. 94. – 94v.
[540] Angelika Malinar – Helene Basu – art. cit., 2008, p. 243.
[541] Fl. 86.
[542] Fl. 165v.
[543] Amy Hollywood – op. cit., 1995, p. 98.
[544] Fl. 92.

Afigura-se-me interessante esta ligação da mortalidade do corpo com a impossibilidade de o ser humano sentir a Deus por mais do que o instante do êxtase[545]. O amor e a morte possuem, de facto, na tessitura mística, uma estreita e simbiótica relação: "eu digo que me parece que o amor do meu doce Jesus se me há de acabar o desterro desta vida, porque me sinto morrer de um amor doce e suave que me tira a carne dos olhos"[546], explica Maria Micaela.

Mas esta imagem de um corpo que a presença contínua de Deus desfaria possui uma enorme força. Através dela é possível anão só suspeitar-se da magnitude divina, como também concluir que nos momentos de êxtase o corpo humano se aliena brevemente da sua massa para posteriormente a si regressar, de novo corpóreo e térreo. Além disso, a alusão aos "suavíssimos cheiros" implica igualmente um significado profundamente místico, já que um dos apanágios dos santos é o de, na morte, exalarem um aroma dulcíssimo.

Por via do amor, a morte não se manifesta somente na sua qualidade de agente destruidor do corpóreo, mas atesta-se também enquanto uma engrenagem essencial no funcionamento daquele:

> O amor que integra a pessoa (...) condu-la à sua entrega; exige, na realidade, que se faça do próprio ser uma oferenda: (...) um sacrifício único e verdadeiro. E este desmoronar que existe no próprio centro do sacrifício antecipa a morte. E assim, aquele que verdadeiramente ama, morre já em vida. Aprende a morrer.[547]

Maria Micaela refere que "sente a alma apartar-se do corpo, sente-se morrer, e não sabe se é de amor ou se é pelo meu Senhor que me faz derreter toda por seu amor"[548].

A experiência mística tem lugar pelo e no amor divino, pressupondo adesão, reciprocidade, confiança e perseverança. Na sua intermitência, o amor que o místico foi tecendo e aprendendo gera a constância e o desejo de mais amar. É esta dinâmica que

---

[545] "The soul experiences God only intermittently, not only because the body cannot bear his might, but also because he wishes to maintain a sweet dwelling place on earth." in Amy Hollywood – op. cit., 1995, p. 116.
[546] Fl. 56v.
[547] María Zambrano – op. cit, 1995 (1), p. 238
[548] Fs. 172 – 172v.

vai permitindo ao místico subir vários níveis. Por conseguinte, o processo místico não é linear, sendo o amor a sua constante e persistente força motriz, e tendo a alma por fim último o ser "well-ordered and thus able to greet the experience of God's presence or of his absence with equal praise and love"[549].

Por isso, à medida que caminha na sua vida espiritual, que vai narrando mensalmente por escrito ao seu orientador, Maria Micaela projeta-se para um futuro, que significativamente designa como "adiante": "Se me descobriu como havia de caminhar ao Senhor, que era como passando por flores[550] e espinhos, e indo sempre adiante"[551] "Indo sempre adiante", afirma perseverantemente Maria Micaela, sem perplexidades, porquanto "o amor corresponde a momentos de máximo espaço vital: está em relação direta com o horizonte"[552].

1.1.2. O despojamento/aniquilamento do ser – Morte Mística

Unable are the Loved to die
For Love is Immortality,
Nay, it is Deity—

Unable they that love—to die
For Love reforms Vitality
Into Divinity.

Emily Dickinson

Na sua correspondência com o orientador espiritual, Maria Micaela expõe, a certa altura, o que lhe sucedeu num dos seus momentos de encontro com Cristo: "No

[549] Amy Hollywood – op. cit., 1995, p. 116.
[550] No seu *Dicionário de Símbolos*, Juan Eduardo Cirlot afirma sobre a flor: "Distintas flores suelen poseer significados diferentes, pero, en el simbolismo general de la flor, como en muchos otros casos, hallamos ya dos estructuras esencialmente diversas: la flor en su esencia; la flor en su forma. Por su naturaleza, es símbolo de la fugacidad de las cosas, de la primavera y de la beleza". Juan Eduardo Cirlot – *Diccionario de Símbolos*. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1992, p. 205.
[551] Fl. 186.
[552] María Zambrano – op. cit., 1995 (2), p. 233.

sábado de Aleluia, me deu meu Senhor uma morte a todo o criado em todo o sentido, que me parece morte mística"[553].

Apesar de a afirmação aparecer modalizada por um cauteloso "me parece", instaurando a incerteza na perceção de Maria Micaela, o que quereria dizer a religiosa com esta expressão? O que significará, ao certo, esta morte mística? Que implicações pressupõe e que aspetos a definem?

O Concílio de Trento preocupou-se em valorizar os fundamentos do esforço ascético, meio seguro de a alma progredir na perfeição. Esse esforço, só possível mediante um estado de grande amor a Deus (que, todavia, brota do próprio Deus, que o incute na alma), é de tal forma exigente, que é frequentemente referido como "combate espiritual", justamente o título de uma obra de Lourenço Scupoli, que existia na biblioteca do mosteiro de Odivelas). De facto, o amor místico pressupõe várias etapas e exige a cooperação da alma, que corresponde à graça de amar que lhe é dada, através de uma ascese ou libertação do seu apego às coisas terrenas, para caminhar na união progressiva com Deus. Esta progressiva libertação das coisas terrenas é uma das aceções da morte mística, aquela que, por amor a Deus, leva o crente a morrer para os seus prazeres próprios e os seus egoísmos

No subcapítulo referente ao género do texto de Maria Micaela, explorou-se justamente o tópico do esvaziamento do *eu* e da renúncia da vontade própria, que designámos "alienação". A esse respeito, Maria Micaela descreve claramente a forma como viveu essa morte para o que é seu e do mundo, que lhe permitiu colocar-se na contemplação das coisas não visíveis:

> Ponho-me diante de meu Deus humildemente, com o coração como aberto e despejado de tudo, e a alma da mesma sorte, e suspirando por meus amores lhe digo: "Senhor e amor meu, eu nada posso, e nada quero. Nada é meu dentro desta alma e deste coração. Não há de assistir mais que vós. Eu me desnu[d]o de tudo visível, favores e regalos, nada quero, só a vós, meu Deus e meu Amado. Tomai já por uma vez de sorte que não entre cá, nem de fora ouça ruído de coisa alguma que não seja vosso, meu amantíssimo Esposo. Eu nada quero, mas só quero que tomeis isto que é vosso, que é a alma e toda eu"[554].

[553] Fl. 59v.
[554] Fl. 217.

Note-se a influência da espiritualidade de São Bernardo na referência ao "desnudamento".

No final do Apocalipse (22: 17), o Espírito e a Noiva dizem: "Vem!". Os sacramentos são, a seu modo, um símbolo e uma antecipação dessas núpcias escatológicas. A vida do cristão constitui, nesta perspetiva, um período de tensão, de, enfim, *noch nicht* (tropo que no capítulo seguinte se aprofundará), já que o que se verdadeiramente almeja é a passagem para o outro mundo que a morte física proporcionará[555]. Maria Micaela relata não raras vezes esta ânsia em aceder a essa outra vida: "Outras vezes, me conformava com o seguro de que havia de morrer e sair deste cárcere, que isto é só o que me anima"[556].

Do ponto de vista do processo ascético, a morte mística é, por seu turno, a "morte de que temos de morrer (...) antes da outra, para nos vermos, enfim, noutro espelho"[557]. Por via a tornar possível o acesso a Deus, o ser místico necessita de despojar-se de si próprio – de se alienar do si mesmo – por forma a figurar-se um recetáculo de Deus: "E, por instantes, estou-me sempre entregando toda a meu doce amor: alma, vida, coração, vontade, corpo e sangue, entranhas, amor, alma, potências, entendimento, espírito e tudo quanto o mesmo Senhor me dá, que tudo o seu"[558]. Jan van Ruusbroec, importante místico flamengo dos séculos XIII e XIV, distingue três níveis de união mística, tratando-se um deles da união sem mediação, a qual concerne ao momento em que o sujeito é "exalted through love and dies in God to himself and to all his works"[559]. Trata-se esta "união sem mediação", justamente, da experiência mística direta e íntima patente na autobiografia de Maria Micaela. A religiosa de Odivelas assevera que: "Estas coisas são as que me fazem fugir de mim, e viver e morrer toda metida em meu doce amor, e não mirar nada criado"[560]. Ou ainda: "Que vos faço eu, vil formiga da terra? Só morrer-me por vos amar e servir"[561].

---

[555] Cfr. Alfred C. Rush – "Death as a spiritual marriage: individual and ecclesial eschatology" in *Vigiliae Christianae*, issue 26, 1972, pp. 81-101.
[556] Fl. 201v.
[557] María Zambrano – op. cit., 1995 (2), p. 249.
[558] Fs. 179v. – 180.
[559] Apud Bernard McGinn – art. cit., 1987, p. 19.
[560] Fl. 87v.
[561] Fl. 173v.

No texto de Maria Micaela, todo o seu ser é colocado à disposição da divindade, num gesto dual de aniquilamento próprio e de entrega total a Deus. Isto é, de ensaio para a morte derradeira e que se configura enquanto morte mística. Esta morte mística é a morte acessível ao ser espiritual em vida, que ansiosamente se encontra numa espécie de antecâmara, imbuído de um árduo estado de espera: "Neste abraço que digo se satisfaz a alma e se esqueceu de já pedir e saber quando se desfaria este véu que a não deixa ver a seu Deus"[562], relata Maria Micaela. O poema de Santa Teresa de Jesus que se segue é um excelso exemplo disto mesmo:

> Vivo já fora de mim,
> Depois que morro do amor,
> Porque vivo no Senhor,
> Que me quis só para si.
> Meu coração lhe ofereci
> Pondo nele este dizer:
> Que morro por não morrer.[563]

Também a passagem seguinte reforça esta consciência de uma vida vivida "já fora" de si, intensificando-se a marca do despojamento do ser: "Foram-me como mostrando como havia de viver, que era viver sem viver, viver só para Deus"[564]. Este "viver sem viver" é o equivalente da morte mística, traduzido também pelo "Vivo, para melhor dizer, não sou eu já o que vivo, mas Cristo é que vive em mim"[565]. O trajeto de uma vida espiritual verdadeira implica, pois, a conjugação do amor a Deus com a morte mística do *eu*. Na sua poesia espiritual, María de la Cruz, carmelita descalça dos séculos XVI/XVII, enuncia: "Quiere morir mi alma/ De amores de vida eterna/ Dicen que es del corazón/ Y es que se muere por ella[566]. Analogamente, no texto de Maria Micaela o amor será tão intensamente sentido que ao sujeito enunciativo nada restará senão desejar a morte no mesmo grau de intensidade desse amor: "Oh, Senhor, digo minha culpa. Sinto-me morrer de amor vosso e desejo que se abra este peito, que vá este coração a vós.

---

[562] Fl. 113v.
[563] Teresa de Ávila – op. cit., 1989, p. 5.
[564] Fl. 69.
[565] Epístola aos Gálatas, 11:20.
[566] Apud Sonja Herpoel – op. cit., 1999 p. 112.

Ele é vosso!”[567]. Ou também: “E esquecida de meus pecados e misérias, lhe pedia com grandes ânsias: “tirai, Amado meu, esta alma deste desterro”[568]. Um outro axioma importante é o sofrimento, que também a este nível é pertinente no caminho místico na medida em que figura um mediador da morte mística:

> Bem sabeis vós, meus amores, que eu não desejo morrer por não padecer porque quem padece não ama, digo, porque quem não padece não ama, porque havemos de padecer para mais e mais amar, que sem padecer não se ama. E quem bem padece, bem ama, porque esta é a vida dos finos amantes até que de todo se descubra este véu, e para se descobrir há de dar fim este desterro para que a alma de todo se veja com seu Senhor. E como ela sabe isto, decerto deseja que dê fim e se solte desta prisão da carne, que é a que lhe impede todo o seu bem. E, por isso, vivo tão desapegada de tudo [o] que é desta vida. Só o que nela descubro é o meu nada que sou e o pouco que mereço, mais que infernos.[569]

Trata-se a carne do impedimento que faz não concretizar, neste mundo, a união derradeira entre o *eu* e Deus:

> E com encendidos desejos de amar ao próximo, se eles de todo se deram a Deus, que me sinto morrer de dor pelo que o Senhor me deu a conhecer, que dizemos nós que esta escuridade de carne que nos não deixar ver a Deus[570];

Neste escopo, importa elucidar a significância atribuída ao corpo. Este é observado enquanto o inimigo por excelência, sendo compreendido, na esteira da tradição platónica da dualidade entre corpo e alma, enquanto a prisão da alma: “fora desta prisão e desta inimiga carne que nos traz cegas”[571]; “Hoje me tem o meu doce amor toda derretida, porque o não acho dentro da alma, ou se está, está de sorte que no mesmo gozo sente tormento, mas é por não se poder a alma ver-se livre da prisão da carne”[572]). Este filão de entendimento sobre o corpo pode ser já encontrado, de resto, em místicos como Fílon de Alexandria, filósofo do período helenístico, que defendia que só quem sai de si mesmo (isto é, aquele que abnega o corpo e se liberta dos seus

[567] Fl. 153v.
[568] Fl. 17.
[569] Fl. 158.
[570] Fl. 151.
[571] Fl. 192v.
[572] Fl. 11.

grilhões) é capaz de albergar o divino[573]. Agostinho de Hipona formula, igualmente, a conceção do corpo enquanto "cárcere" da alma[574]:

> No outro dia, já esquecida do sonho, me pus na oração, onde o Senhor me deu a entender que me animasse nos temores, que o que vira de noite era mostrar-me como devemos viver com cuidado, que aquela era a guerra em que a alma está sempre no cárcere do corpo.[575]

Tomás de Kempis alude a algo semelhante no decorrer do capítulo 22 de *A Imitação de Cristo*, defendendo que "Enquanto estamos neste frágil corpo, não podemos estar sem pecado, nem viver sem enfado e dor"[576].

De facto, a antropologia cristã, radicada neste entendimento eminentemente dual[577], desconsidera o corpóreo ao mesmo tempo que privilegia a alma, instituindo neste binómio uma natureza sumamente bélica. Colige Maria Micaela: "Assim, está a alma sempre despindo-se e defendendo-se, e posta da parte do Senhor em guerra contínua com o corpo. E como o Senhor vê o que ela faz, dá-lhe horas em que a alma descanse, dando-lhe de comer sem trabalho. Isto é dentro da alma"[578]. Por conseguinte, é imperioso à alma viver combatendo os apetites do corpo e, nessa medida, estar nesse *fora de si* já mencionado, análogo à vida dos anjos ou, na terminologia de Plotino, à "vida sem corpo no corpo":

> Pois que a santa obediência nos não manda para onde nos seja preciso tratar com coisas de terra. Tratemos com as do céu dentro de nossas almas, limpas e desocupadas, se fazem um céu de glória, que faz morrer todos os sentidos e apetites do corpo miserável, que já se não deseja mais que o amor, e amar mais e mais.[579]

Procede desta conceção uma necessidade permanente de vigiar o corpo, controlando as suas inclinações naturais:

---

[573] Cfr. Philo – *On the Confusion of Tongues, On the Migration of Abraham, Who Is the Heir of Divine Things? On Mating with the Preliminary Studies*. Cambridge/MA: Harvard University Press, 1932.
[574] Marc Biemiller – "Augustine and Plato: Clarifying Misconceptions" in *Aporia*, vol. 29, n. 2, 2019, pp. 33 – 43.
[575] Fl. 23v.
[576] Tomás de Kempis – op. cit., 2014, cap. XXII, Livro 1.
[577] Sobre o tópico da dualidade da alma e corpo, ver: Jérôme Baschet – *Corps et Âmes: Une Histoire de la Personne au Moyen Âge*. Paris: Flammarion, 2016.
[578] Fl. 51v.
[579] Fs. 99v. – 100.

> Disto me acuso, que tenho como inimizade a mim mesma, a este miserável corpo, e sempre assento comigo não lhe dar favor, nem o tratar com mimo, que então será pior, e desejo tratá-lo como de longe, só porque ele se não apegue a nada desta vida, que me não ponha a alma em riscos.[580]

Além disso, morre-se porque não se morre, par que apresenta uma aparente antinomia, mas cujo pendor simbólico e místico assoma fulcral. Algo também iluminado pelo breve trecho de Maria Gabriela Llansol: "Olho sempre para a sua sombra na parede do meu quarto, impaciente porque o tempo de morrer nunca mais chega"[581]. Neste sentido, exara Maria Micaela:

> E, muitas vezes, sente uns voos da alma, e o coração e todo o interior tão livre e desocupado que lhe causa grande martírio não acabar já a vida do corpo. Sente a tremenda hora da morte, mas os voos da alma não dão lugar a deter-me muito nessa consideração, porque tão elevada está em Deus que se não detém com nada que a possa apartar daquele bem infinito.[582]

Como refere Søren Kierkegaard na sua emblemática obra, *O Desespero Humano*, "na terminologia cristã a morte exprime miséria espiritual, se bem que o remédio seja precisamente morrer, morrer para o mundo"[583] De facto, a vida terrena é observada enquanto "desterro" ou "prisão", lugar em que o *eu* místico não consegue ser plenamente livre na medida em que não lhe é possível o contato direto com Deus, senão pelos breves instantes visionários. Neste sentido, afirma Maria Micaela: "Clamei muitas vezes dizendo: "morra, morra já de amor vosso!". O que passei nestes dias foi muito"[584]. Ou ainda: "Via, sem ser com os olhos do corpo, que o Senhor estava com os seus divinos braços abertos para receber a alma. Oh, ditosa morte! Suavíssimo deleite, que não sei com que se compare!"[585]. Com efeito, "tudo o que o Homem tem de seu é morada e prisão, seu domínio e seu encerramento ao mesmo tempo"[586], de modo que a morte

---

[580] Fl. 135v.
[581] Maria Gabriela Llansol – *Escrito nas Margens: Livro de Horas VIII*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2022, p. 42.
[582] Fl. 204
[583] Søren Kierkegaard – op. cit., 1979. Consultado em linha: https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/diario-de-um-sedutor-temor-e-tremor-o-desespero-humano-os-pensadores.pdf. Acesso em: 14/10/2023.
[584] Fl. 227v.
[585] Fl. 147.
[586] María Zambrano – op. cit., 1995 (1), p.68.

mística não é somente sintoma da experiência com o divino, mas desejada na medida em que é observada enquanto ferramenta de libertação:

> Depois, comecei de sentir grandes forças, mas duravam pouco porque me assaltavam uns saltos, digo, que me assaltavam umas faltas que me deixavam como morta. Eles passados, que também não duravam muito, mas deixavam-me debilitada, sem forças, e logo me dava um ardente amor, que é impossível explicar os efeitos dele. Era um maná que sentia, que não tem nome, de doçuras, que era muito maior que me sentia desfazer-me toda com grande suspensão de todo [o] criado. Sentia-me morrer a vida do corpo, lembrava-me a morte. Não sentia aflição com ela.[587].

A religiosa de Odivelas exara ainda o seguinte:

> Amo-o com fé viva, sinto a sua divina união e tudo o mais que a igreja de Deus nos ensina, e tudo o mais que se sabe, mas este amor penetrante que fere a alma. Ela metida nesta escuridade do corpo, neste vale de lágrimas, ela desejosa e aborrecida de tudo criado, desejosa de se ver já toda com Deus, e aborrecida de se ver metida em tantos perigos como há neste desterro.[588]

A vida na terra é um "vale de lágrimas" e o corpo metaforiza-se enquanto um espaço de clausura do espírito, um "inimigo", em suma, dado que "while one remains in the body, the enjoyment of the divine presence is brief"[589]. Talvez por isto, Maria Micaela, ao descrever o encontro da sua alma com Deus, refira o corpo como um "brutinho":

> A alma toda recolhida com o Senhor lhe começou a fazer muitos regalos, da sorte que a levava pela mão para que não caísse, e lhe dizia aquilo que se diz: "*veni elacta mea*, pomba minha..." Isto basta. Não perdi os sentidos porque me parecia que sentia o corpo como um brutinho estirado dentro da cadeira.[590]

O discurso apologético da morte equaciona-a enquanto o abandono do corpo e o conseguinte acesso à vida verdadeira, a qual permitirá a plena e total fruição de Deu. Maria Micaela deixa bem patente a sua vontade de se livrar do terreno no decorrer de toda a sua autobiografia: "Buscando meus suspiros, céus e terra, não me escondais

---

[587] Fl. 247.
[588] Fl. 136.
[589] Amy Hollywood – op. cit., 1995, p. 79.
[590] Fl. 38v.

meus amores! Não estou para nada! Não dá fim este desterro. Quando me verei livre de mim para que só em vós viva?"[591] Ou ainda:

> Quando morre alguma religiosa tenho invejas de ver que ela está já livre da prisão do corpo, e assim na oração que a alma está gozando do Senhor como corporalmente, e com muitas ânsias, lhe diz minha alma: "Senhor, Senhor, acabe-se já de romper este véu! Quando há de acabar esta prisão da carne?"[592]

A morte mística, promovendo a união com Deus, é também uma manifestação da sua presença: "Sem me queixar de nada mais que sentir-me morrer por meu Deus"[593]. Ademais, permite ao *eu* ensaiar a morte futura que tanto almeja, verificando-se a dita alienação do sujeito. Algo semelhante se discorre na Epístola aos Gálatas: "Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim"[594]. De facto, no decurso da experiência mística é imperioso efetivar-se uma perda irreparável da subjetividade do *eu*[595]:

> Mas para chegar a esta ditosa vida em que ela está vivendo, me disse meu Senhor um dia depois de o ter recebido, que acabasse já de morrer de todo para tudo desta vida, mas não só no exterior, mas também no interior.[596]

Este despojamento do *eu* é advogado, igualmente, por João da Cruz: "Y aí, cuando el alma quitare de sí totalmente lo que repugna y no conforma com la vontade divina, quedará transformada em Dios por amor"[597]. Bernard McGinn, sobre a criação de uma identidade mística, declara que a mesma ocorre por via de uma descriação, cujo objetivo final é cerzir justamente um "eu sem mim".[598] A religiosa de Odivelas exprimirá este "eu sem mim" no contexto do despojamento próprio, mecanismo traduzido pela morte mística e por via do qual é possível antever o mundo celeste e aceder aos seus

---

[591] Fl. 109v.
[592] Fl. 12v.
[593] Fl. 144
[594] Cfr. Epístola aos Gálatas 2:20
[595] Consultar: Mino Bergamo – *La Anatomía del Alma*. Madrid: Trotta, 1998.
[596] Fl. 102.
[597] Juan de la Cruz – *La Subida del Monte Carmelo*, L. 4, C. 6. Texto integral disponível em: https://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1542-1591, Ioannes a Cruce, La Subida Del Monte Carmelo, ES.pdf.
[598] Consultar a já citada obra de Bernard McGinn – *The Presence of God: A History of Western Christian Mysticism: The Flowering of Mysticism: Men and Women in the New Mysticism (1200-1300),* vol. III, 1998.

bens: “Mas quem nesta vida se desapega de si mesma esteja certa [de] que goza dos bens do céu como se já lá estivera”[599].

Hadewijch de Brabante, por seu lado, refere-se à morte mística nos seguintes termos: “After that I remained in a passing away in my Beloved, so that I wholly melted away in him and nothing any longer remained to me of myself, and I was changed and taken up in the spirit, and there it was shown me concerning such hours”[600]. Neste encalço, aduz Maria Micaela: “Aqui nestas coisas fica minha alma como morta, em gozo. Não lhe sei por outro nome, “morta”, porque nem se conhece como a alma que é, senão como se fora anjo (...)”[601].

A morte mística está, pois, intimamente ligada ao processo de alienação do *eu* que se analisou anteriormente, e que pode ser encontrado, de resto, em diversas autoras e autores de teor místico. Um caso emblemático é o de Marguerite Porete e o conceito de aniquilamento da alma forjado no decorrer da sua obra *O Espelho das Almas Simples.*

O ser místico “sofrerá de sede e de escuridão, sem dúvida. Mas o viver humanamente, parece ser que seja isso, que consista nisso, num ansiar e apetecer apaziguados por instantes de plenitude no esquecimento de si mesmo”[602]. Neste seguimento, reflete Maria Micaela: “Sinto uma grande suavidade no padecer, vejo como havemos de andar crucificadas neste desterro com o divino Esposo até chegar aquele ditoso dia de sair deste vale de lágrimas”[603].

Não deixa de ser interessante mencionar que no texto de Maria Micaela é frequente a menção ao coro enquanto o espaço privilegiado pela autora para morrer: “Estes dias me sentia tão doente que me ia para o coro e lá morrer, e assim que entrava nele me sentia boa”[604]. E também: “Com isto nos consolemos, mas como eu me sentia em um estado que me parecia estar inocente em todo o sentido porque nada sentia,

---

[599] Fl. 57
[600] Hadewijch – *Hadewijch: The Complete Works*, Columba Hart (trad. e introd.). New York: Paulist Press, 1980, p. 282.
[601] Fl. 112v.
[602] María Zambrano – op. cit., 1995 (1), p. 34.
[603] Fl. 259v.
[604] Fl. 250

nem pecados conhecia, nem nada me dava pena, via-me como simples e fui-me para o coro, dizendo que queria lá morrer"[605].

Nesta economia, a morte mística expressa duas significações essenciais. Por um lado, trata-se de um sintoma da própria experiência mística e dos efeitos do amor, já que a sua intensidade conduz o *eu* a uma sensação de morte. Por outro, é uma espécie de abnegação fundamental do corpo, uma *imitatio* ou ensaio da morte física que virá e que há que reproduzir em vida, seguindo a doutrina do despojamento espiritual e da radical abnegação do ser.

1.1.3. Do Ainda Não ao Corpo sofredor

en
la
mitad
del
camino
recorrido

y es
la mitad,
sólo la mitad
de un largo
y espinoso
camino
recorrido.

María Emilia Cornejo

O ainda não[606], *noch nicht* na tradição neerlandesa[607], encontra-se intimamente ligado ao estado de secura, no qual o *eu*, orientando a sua atenção e o seu amor, permanece à espera de Deus. Isto traduzem os versos de Daniel Faria: "O meu projeto de morrer é o meu ofício/ Esperar é um modo de chegares/ Um modo de te amar dentro do tempo"[608]. Seguindo Simone Weil, poder-se-ia caracterizar o ainda não enquanto "a espera, a imobilidade atenta e fiel que dura indefinidamente e que nenhum choque

[605] Fl. 248v.
[606] Cfr. Isabel Morujão – "O céu de Violante: uma tensão escatológica entre já e ainda não" in *Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa,* vol. 11, n. 37, 2018, pp. 423 – 433.
[607] Este tópico está bem patente na obra de Hadewijch de Brabante.
[608] Daniel Faria – *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012, p. 85.

pode abalar"[609]. A este estado não é alheio o sofrimento, que não raro se exprime somaticamente, encontrando o corpo, assim, as suas redenção e reconciliação.

Sóror Maria do Céu, na sua emblemática biografia de Madre Helena da Cruz, explana precisamente que "não se doma o espírito, sem se mortificar o corpo (...) o Reino de Deus padece força, não se dão as suas delícias, sem ser à custa das nossas violências"[610]. A transverberação de Santa Teresa é um outro exemplo emblemático da inscrição do processo místico no corpo que a ele se acomete. No capítulo 1.2.2. da parte III retomar-se-á o tópico das posições e das marcas corporais no decorrer da experiência mística. Em todo o caso, o que aqui se importa considerar é o corpo na sua vertente relacional com os rigores e com as enfermidades que o ideal místico situado no sofrimento alavanca.

Maria Micaela vem a relatar que "mas toda cheia de dores do corpo, que isto de padecer o corpo, bem-dito seja meu Amado, que são as maiores riquezas que possuo neste desterro"[611], num aparato discursivo de legitimação e promoção do sofrimento corporal. Neste filão encontra-se, ainda que num gradiente bastante mais intenso[612], por exemplo, Sóror Maria Joana, religiosa setecentista do Mosteiro do Santíssimo Sacramento do Louriçal, cujo ideal de virtude se baseava em atos de violência contra o corpo e no sofrimento deles advindo. De facto, na sua *Vida* encontram-se diversas descrições das suas severas penitências, enfatizando-se esta particularidade mortificadora do seu processo místico[613]. Neste sistema de padecimento parece residir o verdadeiro caminho espiritual, configurando-se, por isso, o sofrimento, a par do amor,

---

[609] Cfr. Simone Weil – *Espera de Deus*. Lisboa: Assírio&Alvim, 2005, p. 197.
[610] Filomena Belo – *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos A Veneravel Madre Elenna da Crus por Sóror Maria do Céu*. Coimbra: Quimera Editores, 1993, p. 145. A atualização do trecho transcrito é da minha responsabilidade.
[611] Fl. 86v.
[612] De facto, Sóror Maria Joana levou a cabo mortificações muito severas. A propósito de uma das suas cartas, na qual a freira descreve precisamente o rigor das suas sangrentas penitências, o censor horroriza-se perante tal descrição, dizendo que não era própria do sexo feminino nem alinhada às leis da caridade. Ver Maria Luísa Jacquinet – art. cit., 2017, p. 7.
[613] Ver José Caetano – *Memorias da Vida, e Virtudes da Serva de Deos Soror Maria Joanna, Religiosa do Convento Real do Santissimo Sacramento do Louriçal da primeira Regra de S. Francisco (...).* Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1762. Disponível em linha: https://archive.org/details/wotb_7276327/page/122/mode/2up. Acesso em: 17/05/2023.

enquanto a maior dádiva humana a Deus: "Assim que a alma deseja padecer mais e mais, pois vem a conhecer o valor de padecer"[614], declara a freira de Odivelas.

Se é verdade que o corpo se apresenta, no processo místico, como uma forma de obstáculo, porquanto pertence ao grupo das coisas corruptíveis e, portanto, contrárias a Deus, a realidade é que a corporalidade humana permite, pela abnegação dos seus prazeres, desejos e vontades, aceder ao sofrimento purificador através do qual é possível às criaturas recuperar – ou reparar – a sua dignidade edénica.

Maria Micaela não relata mortificações nem rigores específicos, embora mencione amiúde o alimentar o corpo apenas com o "preciso", termo, de resto, abstrato o suficiente para não esclarecer se levaria de facto a cabo jejuns rigorosos[615], bem como outras abstinências mais severas[616]. Afasta-se, nesta medida, da tradição mística que se apoiava numa forte componente mortificativa e penitencial, e que se foi difundindo na Europa desde a Idade Média, logrando grande adesão feminina até ao final da Época Moderna.

No que concerne à autobiografia espiritual de Maria Micaela, apenas por uma vez a religiosa de Odivelas menciona "cilícios", e somente para afirmar que, de modo a escudar-se de alguma ingratidão cometida perante Deus e o seu amor, deseja penitenciar-se:

> E o muito que a alma recebe do Senhor me faz temer amando, mas a obediência me anima, que sinto tão grande doçura nos beiços e a alma tão regalada que, se me vêm distrações, desejo vestir-me de cilícios e fazer grandes penitências, e me pondo contra mim mesma.[617]

---

[614] Fl. 84.

[615] Reportando-se a estes fenómenos de abstinência alimentar extrema comuns a santas, servas de Deus ou veneráveis italianas reconhecidas pela Igreja Católica, Rudolph M. Bell forja, em 1985, o termo "*holy aneroxia*": Rudolph M. Bell – *Holy Anorexia*. Chicago: University of Chicago Press, 1987. Motivada pela inédia, apenas interrompida, amiúde, pela comunhão, a santa anorexia é um dos traços devocionais da mística feminina. Catarina de Sena é um exemplo disto mesmo. Sobre o tópico da alimentação e das metáforas digestivas em textos visionários de místicas espanholas da Época Moderna ver Rebeca Sanmartín Bastida – *La Comida Visionaria. Formas de Alimentación en el Discurso Carismático Feminino del Siglo XVI.* Splash Ediciones, 2017. Ver também Caroline Walker Bynum – *Holy Feast and Holy Fast: The Religious Significance of Food to Medievel Women*. Berkeley: University of California Press, 1987.

[616] De facto, apenas por uma vez o vocábulo "jejum" aparece coligido no manuscrito: "E sempre nos dias que não comungava, observava o jejum, inda que estivesse debilitada, até se levantar a mesa da comunhão, porque nunca pude acabar comigo que não havia de receber o amor sacramentado" (Fl. 204).

[617] Fl. 7

A passagem que se segue, conquanto mencionando de modo mais explícito uma "disciplina", encerra uma linguagem contida que permanece não sendo muito clara acerca da prática efetiva da mortificação:

> No outro dia, que era sexta-feira, tinha morrido um homem. (...) Fui correr as cruzes da Via-Sacra por esta alma. Passei muito nestes passos. Só digo que o Senhor anda com minha alma nestes santos passos. Tomei a disciplina do convento. Estando nela, me desejava despedaçar, ver que me açoutava por minha mãe e meu Amado por seis algozes.[618]

Esta contenção descritiva no respeitante às disciplinas e aos rigores verificar-se-á ao longo de toda a autobiografia espiritual, tornando-se particularmente difícil de precisar a proeminência do âmbito da mortificação nesta espiritualidade, que parece o secundarizar. Não obstante, é evidente o facto de se pretender reproduzir a tradição da *imitatio Christi,* em que a imitação dos sofrimentos crísticos assume, de facto, enorme relevância espiritual, embora tal reprodução pareça aqui possuir uma dimensão mais abstrata e metafísica do que literal e concreta. Atente-se ao seguinte segmento:

> Assim, com lágrimas e dor de minha alma, disse a meu Senhor: "Senhor, tende misericórdia de mim!" O Senhor, com muita alegria e amor se mostrou à minha alma presa com uma corda [a]o seu divino pescoço. A alma toda derretida em amor se metia no seu divino pescoço. Disse-me meu doce amor: "nisto [que] me vês é que hás de cuidar". Meu Amado, não só cuidar, mas trazê-la eu também. Não quero nesta vida outros regalos. Mostro[u]-se-me com as suas divinas chagas, na do lado se encostou minha alma, tão contente e cheia de gozo que me parecia que lhe dizia o que São Pedro disse: "Oh, Senhor, fiquemos aqui". Quando o viu cheio de glória, mais minha alma não se alegrava, descansava por ver seu Amado tão chagado e maltratado, senão ali achava todo o seu bem e não queria outros regalos nesta vida senão ver-se despida de si mesma, e ver-se sempre naquele espelho divino, que por seu amor estava tão maltratado.[619]

O motivo da corda ao pescoço evoca Francisco de Assis e o episódio descrito no capítulo 61 de *Espelho da Perfeição*, em que, mimetizando Cristo ultrajado, São Francisco, diante do povo, se faz puxar, despido, com uma corda ao pescoço[620]. No trecho acima citado, é a alma, porém, que se encontra presa pelo pescoço. A descrição

---

[618] Fs. 225v. – 226.
[619] Fs. 105v. – 106.
[620] Texto disponível em linha: http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/index.php?option=com_fontes&view=leitura&id=2729&parent_id=2667.

continuará a ser executada no sentido de enfatizar a Paixão de Cristo, invocando-se imagens a esta associados, como as chagas e os maltratos, embora circunscrevendo-se, na medida em que a *mimésis* e as evocações são tecidas no plano da alma, ao âmbito metafísico.

No paradigma de uma espiritualidade orientada à mortificação penitencial, o sofrimento físico autoinfligido funciona como uma espécie de armadura contra as tentações e as distrações mundanas, bem como uma resispicência pelo pecado próprio e pelo da humanidade. Mas no quadro do seu processo místico, Maria Micaela enfatiza, sobretudo, o estado de doença[621] e de enfermidade que lhe era familiar e contínuo:

> E, assim, vos sinto, Senhor, cada vez mais e mais entranhável com esta pobre alma, que para atrair toda a si a pôs primeiro em grandes enfermidades, dores e trabalhos, e depois em grande desnudez de si e de tudo [o] criado"[622];
>
> Outro dia, depois de ter recebido ou padecido bastantes enfermidades e dores, que não pude escrever, que nem a mão tem força para andar com a pena, e era de sorte o padecimento que de nenhum modo me podia pôr em oração, que não davam lugar os tormentos e dores. Mas o amor era de sorte que sentia a alma unida e transformada toda a meu Amado, sem discurso, nem entender mais que desfazer-me toda em amor de meu Deus.[623]

O corpo é, pois, pertinente na economia da reconciliação divina na medida do seu abandono e do investimento perseverante na dor e no padecimento. Exara a religiosa de Odivelas o seguinte:

> Mas advirto a Vossa Reverendíssima que todos estes favores e regalos que meu Senhor me faz é com muito padecer, dores do corpo, despadecimentos do corpo. Ando, às vezes, como de arrastos, e meu Senhor regalando-me, porque por vezes posso estar de joelhos, mas em instantes me vejo forte.[624]

---

[621] Sobre este tópico da doença em discursos místicos femininos, apesar de sob um escopo mais socio-político e apoiado na teoria interseccional, ver o recente artigo: Yonsoo Kim – "La enfermidad como apropiación discursiva femenina en la España premoderna" in *eHumanista*, n. 56, 2023, pp. 23-39. Disponível em linha: https://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/04%20ehum56.r.kimdropbox.pdf. Acesso em: 2/22/2023. Ver ainda o capítulo "Weakness and illness – the femaly body" presente em Deborah Frick – *Authority and Authorship in Medieval and Seventeenth Century Women's Visionary Writings*. Bielefeld: Transcript, 2021, páginas 23 a 58.

[622] Fl. 198v.

[623] Fl. 220v.

[624] Fl. 80.

Sóror Maria do Céu afirma que "a quem Deus destina para amar, também destina para padecer"[625]. A este padecer transcendente chama-lhe María Zambrano de "vocação". Munido desta e "conduzido pelo amor, o Homem percorrerá esse longo caminho cujo fim é a própria unidade"[626], isto é, a união mística. Com efeito, "a ação do amor, o seu caráter de agente do divino no homem, é conhecida, sobretudo, nessa depuração do ser que o padece e suporta"[627].

Nesta moldura, o sofrimento, não sendo autoinfligido na medida em que é suscitado pela doença, possui, naturalmente, um caráter distinto do primeiro. Não obstante funcionar igualmente enquanto a via purgativa que permitirá o acesso à via unitiva, parece configurar um aspeto de santidade particularmente feminino. Donald Weinstein e Rudolph M. Bell, na obra *Saints and Society*, através de um estudo estatístico referente a 864 santos, procuram traçar o trajeto da santidade sob um ponto de vista comparatista entre géneros, assinalando, no respeitante às atividades ascéticas relacionadas com a doença, que "such illness was a prominente feature of female holiness, the one category of activity in thich women were not merely statistically overrepresented but constituted na absolute majority (…) Consider that of 151 female saints fully 25, or one in six, suffered debilitation illness for much of their lives after conversion, while of 713 males saints only 22 were chronically ill"[628]. Esta orientação da mística feminina à doença, factual ou imagética e simbólica, foi também assinalada por Richard Kieckhefer [629] e por Elizabeth Petroff[630].

Em termos gerais,

> La enfermedad – y el sufrimiento que la acompaña – es compreendida como un medio de maduración y una possibilidad para que el enfermo se experimente identificado con la humanidade sufriente de

[625] Filomena Belo – op. cit., 1993, p. 168. Atualizei para o português atual o texto transcrito.
[626] María Zambrano – *O Homem e o Divino*. Lisboa: Relógio d'Água, 1995 (2), p. 236
[627] María Zambrano – op. cit., 1995 (2), p. 239.
[628] Donald Weinstein – Rudolph M. Bell – *Saints and Society: Christendom, 1000-1700*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1982, pp. 234 – 235.
[629] Richard Kieckhefer – *Unquiet Souls: Fourteenth-Century Saints and Their Religious Milieu*. Chicago: University of Chicago Press, 1984, sobretudo páginas 57 e 58.
[630] A já citada obra de Elizabeth Petroff, *Medieval Women's Visionary Literature,* sobretudo páginas 37 a 44.

> Cristo. Uno de los frutos de esta identificación es que conlleva habitualmente la posibilidad de expiación de los pecados propios y ajenos, es decir, uma co-participación em la redención.[631]

O corpo enfermo é o corpo que incorpora a qualidade salvífica de Cristo, promovendo, por via da expiação advinda do sofrimento a que está acometido[632], a reparação do pecado correlato da carne. Por conseguinte, a enfermidade funciona ela própria como uma graça divina, assinalando a excecionalidade mística de quem a suporta: "E como a alma tem já entrada no seu divino peito, quando o corpo está enfermo, está a alma encostada, conhecendo que o Senhor lhe diz: "esta é a tua cama", que é no divino peito"[633] .

O corpo instrumentalizado pela doença "[is] rather *imitatio Christi*, an effort to plumb the depths of Christ's humanity at the moment of his most insistent and terrifying humanness — the moment of his dying"[634]. Refere Maria Micaela:

> Havia passado um mês ou mais de trabalhos, enfermidades, dores, por fim de tudo, desamparo de quem me buscava e que era preciso para a vida mortal. Mas minha alma não cessava de louvar a Senhor por tudo, pois conheço ser vontade sua que padeça por seu amor, como ele me disse que os seus escolhidos haviam de seguir seus divinos passos, pois não pode ser sem esta condição de padecer e trabalhar.[635]

As enfermidades físicas destacadas por Maria Micaela, a par da enxaqueca ("Dou fim a esta conta com dizer a Vossa Reverendíssima que a tenho escrito levando parte do dia com grandes enfermidades de dores [n]a cabeça muito más"[636]) que, tal como foi apontado para Hildegarda de Bingen[637], bem poderia ser uma sua condição crónica[638], são um tanto abstratas. A religiosa reiterará sofrer de "dores", "falta de forças",

---

[631] Nurya Martínes-Gayol – *Los Excessos del Amor: Figuras Femeninas de Reparación en la Edad Media (siglos XI-XIV)*. Madrid: San Pablo/Universidad Pontificia Comillas, 2012, p. 106.
[632] De facto, "el sufrimiento será el instrumento elegido por el sujeto para demonstrar su santidad" Yonsoo Kim – art. cit., 2023, p. 21.
[633] Fl. 96
[634] Caroline Walker Bynum – op. cit., p. 131.
[635] Fl. 62.
[636] Fs. 209 – 209v.
[637] A partir de *Scivias*, o cientista e historiador britânico Charles Singer, diagnosticou retrospetivamente, em 1913, Hildegarda de Bingen, indicando que esta sofreria de enxaquecas, facto que despoletava as suas visões. Tal diagnóstico foi aceite, embora mais recentemente se o reequacione Ver Katherine Foxhall – *Migraine: a History*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2019.
[638] Da minha parte, ressalvo que não procuro debater diagnósticos, tampouco confirmar ou negar a sua veracidade, mas compreender a doença no quadro da sua funcionalidade imagética e simbólica, enquadrando-a enquanto importante chave hermenêutica na produção literária mística.

"delíquios", "enfermidades", "trabalhos", embora nunca os elucidando particular ou objetivamente. Neste sentido, o modo de manifestação das suas doenças não é consonante com a tradição do modelo visionário europeu das santas ou das beatas carismáticas, a quem o sofrimento marcava-se amiúde somaticamente de forma manifesta e visível, através do aparecimento de chagas, feridas e pústulas. A despeito desta ausência de sintomas observáveis, a enfermidade exposta por Maria Micaela assume igualmente um vetor de validação espiritual, tornando-a, como àquelas, eleita de Deus[639]. Com efeito, a debilidade física de Maria Micaela advinda da doença é equacionada como uma excecionalidade. Veja-se o segmento que se segue:

> No outro dia me achei sem forças no corpo, sem me poder vestir nem levar a mão à boca. Não tinha mais alentos que os que sentia na alma de doçura e suavidade. Mas a tempos estive de cama catorze horas, bem a meu pesar. Neste tempo me mostraram ou por sonho ou acordada, vi as minhas misérias inda muito grossas. Deu-me na alma tal sentimento que não fiz mais que chorar. E sobre isto as faltas das forças para o coro. Via-me tão pobre, mas inda recebera meu Senhor sacramentado. Senti que o Senhor puxava por mim para o retiro. Eu, como desconfiada, lhe disse: "Senhor, vós não me quereis, que eu vejo um amo que tem um criado que não serve bem deita-o fora". Mas logo senti que o Senhor me dizia: "já te disse que não tens forças, nem cabedais, assim te quero só por amor puro.[640]

Deus elege este *eu* não porque este seja detentor de força ou de particular vigor muscular, mas porque ama puramente. A elanguescência e a fragilidade traduzem a virtuosidade desse amor que o *eu* nutre por Deus e cabalmente lhe dedica. Além disso, a enfermidade traduz a arduidade do processo místico, simbolizando as desconfianças próprias e as tentações que se representam ao *eu*, por um lado, e a perseverança e o amor necessários para a sua superação:

> Que nisto passei alguns dias desconfiadíssima de mim mesma e tão atormentada de dores que me não podia manear, e com grandes medos ou confusões que não são dentro da alma, senão como exteriores, que as não digo com miudeza porque me não caberia no capítulo mais que padecimentos, que às vezes são muitos, inda que não duram muito, mas só um direi, que estando

[639] Sobre o a centralidade do sofrimento como vetor legitimador da experiência mística em textos de visionárias medievais ver a secção "Imitatio Christi" presente na já citada obra de Deborah Frick, páginas 48 a 57.
[640] Fs. 28v. – 29.

> deitada na cama acordei em tão grande susto que me parecia que o inimigo me queria espedaçar.[641]

A enfermidade descrita na autobiografia em apreço é frequentemente despoletada por Deus e pelo amor divino e, encontrando-se localizada na alma, manifesta-se através de falta de forças e de dores físicas:

> E logo o Senhor me fez uma força a levar-me ao retiro, que não podia resistir, pondo-me enferma na alma que era de amor, e o corpo todo cheio de dores, mas de sorte que seguia os atos de comunidade, e entrava no coro dizendo que lá ia morrer e lá me achava boa, mas tudo eram como resciós de sol.[642]

> E tornando a falar no que passei neste dia, que foi gozar muito de Deus, e senti-me tão forte de forças de corpo, que assim passei todo o dia e me fui para completas. E estando para entrar a coro, senti-me toda banhada de amor sem entender nada senão ver-me toda divina no sentido gozar de Deus. Mas foi tão forte que de repente me faltaram as forças do corpo, que não pude fazer nada mais que tornar-me para casa. Deitei-me, dizendo que estava com um flato que me tirara as forças. Assim passei a noite, mas com grandes regalos na alma.[643]

> Passei perto de dois dias sem deixar de assistir a enferma, inda que sentia o que acima disse, mas as horas de oração me parecem já minutos, mas também a deixava e vinha à enferma até que ela esteve melhor e Deus assim o permitiu, porque me deu uma ânsia ou fome e sede de retiro e soledade em todo o sentido, que era uma grande enfermidade em que sentia a alma e corpo debilitado. A força que sentia, sem ser fala, conhecia que o Senhor me queria a sós com ele e não pude resistir mais que deixar-me toda nas suas divinas mãos. Passei um dia a sós, falando só o preciso e claramente conhecia que o Senhor me dizia que me queria curar, que estava enferma que era como um pobrezinho que está desesperado e doente, que alguma pessoa o toma com muito amor e regalo de tudo, mas inda não digo nada.[644]

Esta inusitada geografia da enfermidade, ora mapeada no corpo, ora no espírito, encontrando porventura a sua justificação no facto de "estar mortalmente doente [ser] não poder morrer"[645], serve à descrição dos efeitos da presença divina. Neste

---

[641] Fl. 256
[642] Fl. 246.
[643] Fl. 176v.
[644] Fs. 232 – 232v.
[645] Søren Kierkegaard – *O Desespero Humano*. São Paulo: Editora Abril Cultura, 1979, livro I, capítulo III. Consultado em linha: https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/diario-de-um-sedutor-temor-e-tremor-o-desespero-humano-os-pensadores.pdf. Acesso em: 14/10/2023.

seguimento, é Cristo quem, no encontro místico, infunde esta doença, que é, amiúde, uma doença de amor, sobrenatural e paroxística:

> Passei adiante do que ia dizendo a Vossa Reverendíssima de meu Senhor não querer que falasse a nada porque logo no outro dia, depois de ter recebido aqueles favores com a força de amor, fiquei enferma da saúde do corpo. Porque meu Senhor faz como quer e lhe parece. Umas vezes me sinto morrer de dores, fraquezas e febre, que padeci perto de cinco dias[646];

A ação crística implica, todavia, o binómio adoecer e curar, figurando Cristo como o único e derradeiro curador da enfermidade:

> O outro conhecimento que assim disse das enfermidades do corpo, a violência da força de amor, que esta doença é forte, mas suavíssima. (...) Padeci neste dia grandes enfermidades do corpo, mas não sei como eram porque não as sabia sentir porque era uma paz e serenidade que não conhecia mais que a alma doente de amor. O Senhor era o seu enfermeiro, estava mirando com tal agrado e alegria que não lhe tocassem a fermosura do leito e da mesma alma[647];
>
> Estando nestes delíquios, é muito o que padeço amorosamente, e achando-me sempre indignada de o receber, amiúde já conheço que esta enfermidade que nasceu comigo, pois este divino manjar e maná do céu é toda a minha alegria e consolação. É a mesma de portas adentro, alma sem ver os cortesões do céu que assistem a este divino sacramento. Goza daquela companhia como se os vira com os olhos do corpo[648];
>
> Mas, estando uma manhã para receber o amor sacramentado, pensando como estava pobre para receber o Senhor dos céus, porque nem de joelhos podia estar, nisto me achei suspendida das operações da criatura tirrena e toda transformada em Deus. Não sentia dores do corpo, o gozar de Deus era quietíssimo que daria saúde às maiores chagas que houvesse no mundo todo, principalmente as do meu amor[649].

As enfermidades adquirem, pois, uma nova significação: não se tratam apenas das maleitas e das dores físicas que, acossando o *eu*, mimetizam os sofrimentos de Cristo e, assim, o orientam à vida espiritual verdadeira, mas simbolizam a marca da inscrição de Deus e da união no corpo. Veja-se:

> Bem sabe Vossa Reverendíssima como meu doce amor me tem dado estes quatro meses de enfermidade do corpo. E já lhe dei conta de como meu Senhor e Pai de amor regalava minha alma nas amorosas visitas que me fazia, das quatro horas da manhã por alguma parte do dia. Eu

---

[646] Fl. 118.
[647] Fs. 74v. – 75.
[648] Fl. 98.
[649] Fs. 90v. – 91.

> chamo-lhe visitas porque é a minha ignorância tão grande que me não sei explicar e dizer como estes favores do céu se chamam, mas Vossa Reverendíssima me entenderá como puder. Estas visitas eram como pôr-se o Senhor a falar com minha alma, com trato íntimo como era dizer-lhe que o recebesse espiritualmente, deixando efeitos de confortar o corpo para as dores que padecia, que nelas sentia júbilos de alegria na alma. E nunca satisfeita e malcontente, porque me queixava ou suspirava da pressão das dores e fraqueza do corpo, e sentia muito tratar-me com mais regalo do costumado. Todas estas queixas dizia a meu doce amor e Senhor, mas aceitava com alegria e me recolhia nos seus divinos braços, que é aonde minha alma assiste e tem entrada forânea e, por isso, reparo em chamar visitas porque eu sempre tinha e tenho a meu Amado Esposo. Mas nestas horas acima referidas, é como dizer-me o Senhor: "esperta-te, esposa minha, que te quero comunicar parte dos meus segredos e as delícias das minhas grandezas, e o suave repouso e alegria de meu rosto, se me amares deveras"[650].

Deus suscita a doença para, posteriormente, pela revelação da sua presença e dos seus segredos, a curar. Fica bem patente, pois, a identificação de Deus com o médico da alma, imagética que o recurso ao termo "visita" para descrever o aparecimento divino parece corroborar. Tal como na união mística se verifica a sobreposição de humanidade e de divindade, também no plano da doença se mesclam os domínios natural e sobrenatural, corpo e alma:

> São tantas as enfermidades que padeço em todo o sentido que me parece que a alma está enferma como o mesmo corpo, porque é tão grande o desalento que sinto que não posso nada mais que suspirar por meu Deus e Senhor de minha alma. Não vejo em mim mais que misérias e fraqueza e debilidades.[651]

O corpo doente é, pois, o corpo que, por via da ação e graça divinas e, mais propriamente, da união mística, tem em si inscrita a presença de Deus, por vi da qual, eventualmente, convalesce:

> E, inda que eu quisera, não podia ficar dentro do coro. Mas, entrando a ele, não faltava porque já [a] experiência me tem mostrado que o Senhor me quer sarar no coro, porque saindo de alguma enfermidade vou convale[s]cer ao coro, que me parece que o Senhor me diz: "filha, aqui hás de cobrar forças".[652]

[650] Fs. 89 – 89v.
[651] Fl. 262v.
[652] Fl. 217v.

De assinalar que o coro parece ser o espaço privilegiado pela religiosa de Odivelas para a convalescença.

Mas o tópico da enfermidade, na autobiografia de Maria Micaela, não se esgota neste domínio do contacto íntimo e unitivo com Deus e dos seus efeitos. De facto, assume também uma componente social e caritativa na medida em que a freira de Odivelas relata, não raras vezes, a assistência a doentes (trabalho que, como se apontou, devia levar a cabo no mosteiro). Na *Regra de São Bento* encontramos precisamente um capítulo sobre a assistência aos irmãos enfermos, em que se prescreve:

> 1. Antes de tudo e acima de tudo deve tratar-se dos enfermos de modo que se lhes sirva como verdadeiramente ao Cristo, 2. pois Ele disse: "Fui enfermo e visitastes-me" 3. e "Aquilo que fizestes a um destes pequeninos, a mim o fizestes". 4. Mas que os próprios enfermos considerem que são servidos em honra a Deus e não entristeçam com sua superfluidade aos irmãos que lhes servem. 5. No entanto, devem os doentes ser levados pacientemente, porque por meio deles se adquire recompensa mais copiosa. 6. Portanto, tenha o abade o máximo cuidado para que não sofram nenhuma negligência.[653]

Declara a freira de Odivelas: "Nestas considerações, gastava alguns ratos fazendo muitos prepósitos de não levantar [os] olhos, nem tomar mais que o preciso, nem o trato de criaturas mais que o muito preciso, que era assistir a uma doente"[654]. E também:

> Há dias que tenho padecido bastantes queixas, enfermidades e opressões de criaturas assistindo a doentes e, dentro na alma, vendo como o Senhor que anda com ela esperando que o corpo acabe o serviço para que a alma descanse nos seus divinos braços. E assim me sucedeu que chegando eu à oração, senti dentro na alma como falta no entender claramente que o Senhor lhe pedia os braços para que ela descansasse nos seus divinos braços.[655]

> Com isto me animava muito para mais padecer, e como não podia ir ao coro, fui-me assistir doentes e servi-las no que podia, porque com elas se encontra muito que merecer, não só com a enferma, mas com as que entram e saem, que lavado com paciência é um céu de merecimentos.[656]

---

[653] *Regra de São Bento*, Capítulo 36, 1 – 6. Consultado em linha: https://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/regra-de-sao-bento-c-530. Acesso em: 08/10/1023.
[654] Fl. 202v.
[655] Fs. 128 – 128v.
[656] Fl. 232.

Verifica-se, no respeitante a este *topos*, uma espécie de triangulação, cujos vértices inferiores se tratam do *eu* e dos seus semelhantes doentes a que presta auxílio, e o vértice superior, evidentemente, de Deus:

> Neste mês de agosto me tem meu Senhor feito dobradas mercês e favores, e assim estou bem contente, digo, minha alma, por ver que padeço com abundância, não só das minhas enfermidades, senão ter enfermas por minha conta, onde é preciso assistir-lhe de dia e de noite[657];
>
> Isto no tempo mais trabalhoso de trabalhos, que eu inda na minha vida tinha tido, e um assistir continuamente com criaturas e aliviar a doente. E nesta ocupação me faz o Senhor dobrados favores, com o seu trato íntimo e suave companhia, dizendo à minha alma: "assistamos aqui ambos"[658];
>
> Agora já posso dizer a Vossa Reverendíssima que, depois de ter dito que dos bocados das noites que tinha livres já os não tenho, senão para estar assistindo a doente por estar mais atribulada, vela o corpo para lhe dar algum descanso à enferma, mas minha alma nos braços de meu doce amor, e com tudo isto que tenho dito, e favores e regalos que recebo de meu doce amor. Como o corpo anda aquebrantado com os trabalhos e assistência da enferma, tenho sentido por algumas vezes este interior mui desabrido.[659]

A natureza triangular desta ligação implica uma relação de mútua afetação entre os seus intervenientes. De facto, se por um lado a assistência às doentes subsidia a evidencia da obediência e da caridade do *eu*, serve, por outro, à intensificação das suas doenças e sofrimentos na medida em que tal empreendimento o afasta de Deus. Não obstante, no decorrer da assistência às enfermas, Deus manifesta-se no sentido de auxiliar o *eu* na sua árdua tarefa, tornando-se ambos, assim, "curadores", evidenciando a sua relação especular. Além disso, no decorrer do seu auxílio às doentes, Deus parece "regalar" particularmente Maria Micaela, unindo-se ambos, a despeito da presença do terceiro elemento. A doença figura, pois, enquanto elo mediador e de ligação deste processo místico, atestando-se o corpo sofredor, próprio e o do outro, um vetor nodal da via unitiva:

---

[657] Fl. 131v.
[658] Fl. 132v.
[659] Fs. 133 – 133v.

> Que para me desculpar da assistência que de contínuo estou fazendo à doente, e dela vir a fazer estes borrões sem saber o que digo, que só me leva este amor que me faz como louca, ou com delírios de amar a quem tanto me ama, que derramou o seu preciosíssimo sangue por mim.[660]

Ademais, a arquitetura tríplice do motivo da doença manifesta a devoção à Santíssima Trindade, o que é lícito aduzir não somente tendo em conta o privilégio concedido por Maria Micaela a este Mistério, mas ao próprio número três, que é insistentemente referido ao longo do texto: "Vai por três dias que estou gozando de favores do céu"[661]; "Retirei-me do trato das criaturas, que Vossa Reverendíssima me ordenou nos três dias"[662]; "Só estes três servos de Deus não me esquecem"[663]; "Esta fineza três horas vivo na cruz"[664]; "Vai por três dias que está a alma com o Senhor"[665]; "Tomei três dias de retiro que a obediência me tem ordenado"[666]. Aliás, a autora não raro nomeia Cristo no plural, chamando-lhe de "meus amores", evidenciando, assim, a sua devoção às três pessoas da Trindade.

1.1.4. Da presença à ausência, as Esposas de Cristo

Michel de Certeau identifica na mística uma natureza de luto[667]. Simone Weil, na sua obra *A Gravidade e a Graça*, expõe justamente a ideia de que Deus apenas pode estar presente nas suas criaturas em forma de ausência[668]. Neste sentido, Maria Micaela confessa a sua ansiedade perante esta forma de amor de Deus, embora se revele forte na fé e perseverante na esperança de um futuro encontro: "Valha-me meu Amado que se não tivera a certeza que há de dar fim este desterro me faria louca de amor, e por me ver nesta ausência tendo o Amado presente"[669].

A ideia da vida como desterro (expressão que a Salve Rainha convoca, para se referir à vida na terra, longe da visão sem véus: "e depois deste desterro nos mostrai Jesus") é estruturante em toda a correspondência de Maria Micaela, que usa este termo

---

[660] Fl. 145.
[661] Fl. 62.
[662] Fl. 62.
[663] Fl. 74v.
[664] Fl. 108.
[665] Fl. 119.
[666] Fl. 122.
[667] Michel de Certeau – op. cit., 1992, p. 17.
[668] Ver Simone Weil – op. cit., 2004.
[669] Fl. 254v.

mais de cento e cinquenta vezes, ao longo do seu texto, para significar a intensidade com que desejou o encontro definitivo com o seu Senhor.

Na incontornabilidade desta condição de desterrada, Maria Micaela mitigou a sua saudade do que só antecipara imperfeitamente, através da *"ersatz presence*", a presença substituta, de que a Eucaristia é o sinal maior. Não se estranhará, por isso, que, tal como acontece com grande parte das místicas, os arroubos, êxtases ou visões ocorram após a comunhão.

Revela ainda a autora que "em ausências de amor, não me atrevo a cuidar sem lágrimas e dor do coração"[670]. Esta relação, possuindo um viés profundamente místico, afetivo e unitivo, enquadra-se na tradição dos esposórios espirituais e, mais propriamente, das esposas de Cristo.

Com efeito, a figura das esposas de Cristo possui propriedades e prorrogativas específicas, não podendo ser enquadrada sem ter em vista a noção que a subsidia, e que diz respeito ao matrimónio espiritual[671].

Na Igreja primitiva cristã, o conceito de "esposa/o" surge primeiramente para descrever a união da alma com Cristo. Orígenes (m. 254) é o grande cunhador desta formulação que constitui Cristo como o Noivo da alma que, pela força de fé e amor que lhe é incutido e ao qual ela livremente responde, para si concorre. Largamente influenciado pelo Cântico dos Cânticos, Orígenes promove uma teologia nupcial, segundo a qual a todos os verdadeiros fiéis corresponde a possibilidade de união com Cristo. Este conceito de "esposa/o" foi urdido, pois, num sentido abstrato e incorpóreo, servindo ao relato da relação espiritual entre a alma e Deus, e correspondendo a um grau mias elevado de experiência mística e, por isso, também o mais almejado. A sua inicial imaterialidade foi dando lugar a uma progressiva incorporação. Na tradição veterotestamentária, o símbolo do casamento é aplicado à aliança de Deus com o Israel, no Novo Testamento este versa sobre a relação de Cristo, Verbo encarnado, com a Igreja[672]. São Paulo excede esta compreensão da *Ecclesia* enquanto noiva e/ou esposa

---

[670] Fl. 139.

[671] Ver Pierre Adnés – "Mariage spirituel" in Marcel Viller – Ferdinand Cavallera – Joseph de Guibert (ed.) – op. cit., 1932/1995, pp. 387 – 408.

[672] Cfr. I. A. Muirhead – "The bride of Christ" in *Scottish Journal of Theology*, vol. 5, n. 2, 1952, pp. 175-187.

ao transferir o amor de Cristo também para os fiéis, tornando-se eles mesmo esposos/as (Gálatas 5:28). Na sua doutrina espiritual, Bernardo de Claraval , igualmente centrado na tradição do Cântico dos Cânticos, recorre à terminologia das núpcias místicas e à imagética dos "esposos", infundindo-lhe um alto teor afetivo ao enfatizar o papel do amor no quadro relacional com Deus. É esposa/o aquele/a que verdadeiramente sabe amar a Cristo, com amor puro e desinteressado.

A espiritualidade de São Bernardo não distingue propriamente o estatuto de esposa/o por géneros, formulando-se até, como se observou, uma certa sobreposição semântica, na medida em que os monges podiam identificar-se com "esposas" e "mães" que amamentam os seus fiéis[673]. Com o avançar da Idade Média e com o aparecimento de correntes espirituais especificamente femininas, como sendo a das beguinas, o conceito de "esposa/o" passa a adquirir um pendor e uma aplicabilidade mais feminil. Mulheres místicas como Hadewijch de Brabante, Beatriz de Nazaré, Matilde de Magdeburgo, Brígida da Suécia e Doroteia de Montau, traçam um roteiro específico orientado a uma espiritualidade que consagra e legitima o feminino enquanto *sponsa Christi*, vindo a promover um estatuto místico consubstanciado nesta imagem nupcial eminentemente afetiva e, amiúde, altamente corporizada[674].

O conceito de "Esposa" preserva ainda grande força simbólica e de abstração, mas passa também a referir um estatuto feminino na vida da Igreja. Assim, a "esposa" perfeita é identificada com a mulher que se insere na vida religiosa e, sobretudo, com a mulher religiosa virgem, constituindo a preservação da virgindade e a vida casta a pedra de toque da vida espiritual.

Catarina de Sena, mística italiana do século XIV, é o exemplo arquetípico de uma esposa de Cristo perfeita. Tal condição viria a ser confirmada, aliás, pelo anel que Deus lhe coloca no dedo, consagrando e confirmando as bodas místicas. Além disso, Catarina

---

[673] Sobre este tópico a já mencionada obra de Caroline Walker Bynum, *Jesus as Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages*, é deveras pertinente.

[674] Sobre o assunto ver Dyan Elliott – *The Bride of Christ Goes to Hell: Metaphor and Embodiment in the Lives of Pious Women, 200 – 1500*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2011.

troca o seu coração[675] com o de Cristo numa clara manifestação de *excessus amoris* místico[676].

Também na autobiografia de Maria Micaela está patente o tópico da troca de corações, motivo, aliás, deveras importante e fulcral no texto[677]. Se por um lado insere a autora nesta espiritualidade nupcial, revela, por outro, a influência do tópico do Coração de Cristo, já manifesto em autores como Orígenes, Agostinho de Hipona, Bernardo de Claraval , Tomás de Aquino e Boaventura[678], e que a forte devoção ao Sagrado Coração de Jesus por parte de místicas como Gertrudes de Helfta[679] e Teresa de Jesus vem a acentuar e a centralizar. Atente-se nos seguintes excertos da autobiografia espiritual de Maria Micaela:

> Estando para me deitar na cama, com desejos de dizer a meu Senhor que o coração que eu tinha era seu, mas não acabei de dizer, porque logo meu doce Amado, com grande gozo de amor, me deu a entender que ele era já todo seu[680];

---

[675] Ver A. Cabussut – "Coeurs, échange des" no *Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et Mystique: Doctrine et Histoire.*

[676] Raimundo de Cápua, apoiado em Tommaso della Fonte, o primeiro confessor da religiosa, relata que enquanto Catarina rezava o Salmo 51 "Cria em mim, ó Deus, um coração puro", Cristo apareceu-lhe, abriu o seu peito e ofereceu-lhe o seu coração. Ver também François-Marie Léthel – "El corazón de Jesús em la Teología de los Santos" in Pablo Cervera Barranco – Jaime Pérez-Boccherini (ed.) – *Sus Heridas nos han Curado: Memória documental del Centenario de la Consagración de España al Sagrado Corazón de Jesús*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2021, p. 455.

[677] De facto, este tópico encontra-se já, pelo menos desde o fim do século XII e dealbar do século XIII, em diversas místicas que oferecem os seus corações e recebem, em retorno, o de Cristo, amiúde por via da sua chaga lateral. Importa aqui referir as freiras de Helfta, cuja troca de corações funcionou não somente enquanto a graça íntima e subjetiva de Cristo, mas como uma intimidade comunitária. E também Lugarda de Tongeren, mística flamenga dos séculos XVII e XVIII que vem a tornar-se cisterciense, e cuja espiritualidade é estruturalmente marcada pela troca de coração com Cristo (que, no seu caso, é uma marca inaugural e/ou iniciática e não propriamente de perfeição espiritual). A este propósito, ver o capítulo "El intercambio de corazones" da obra já citada de Nurya Martínes-Gayol, o capítulo "Lovers: Exchanging Hearts" e, particularmente, o subcapítulo "Exchanging Hearts with Jesus", da obra *The Permeable Self: Five Medieval Relationships* de Barbara Newman. Esta última autora aponta para a influência da cultura e da literatura do *fin'amor* nos modelos devocionais e hagiográficos, que viriam assim a apropriar-se do *topos* da troca dos corações, que viria a conhecer grande fortuna na produção literária devoto-mística feminina da Época Moderna.

[678] Sobre o tópico do coração de Jesus nestes autores, ver Víctor Javier Castaño Moraga – "El conocimiento de Dios y el Corazón de Jesús en la mística: espiritualidad y teologia desde el Corazón de Cristo" in *Teresianum*, n. 72, 2021/2022, sobretudo as páginas 531 a 537.

[679] Sobre o tópico do coração de Jesus nesta autora, consultar Víctor Javier Castaño Moraga – art., cit., 2021/2022, pp. 538 – 542.

[680] Fl. 80v.

> Porque meu Senhor deu-me um coração como seu, que ele já não é meu, mas anda tão atento porque o Senhor assim o tem posto a tudo que é de Deus, que anda neste lugar do corpo como todo desfeito em amor, ou no que eu não sei dizer[681];
>
> Aqui faço com meu Senhor, toda humilhada e cheia de gozo lhe digo: "Senhor, este coração é o vosso, pois isso quero. Tomai-o todo e dai-me o vosso todo." É o gozo tão grande da alma que prende todos os sentidos do corpo e satisfeita em parte, que não lhe falta senão tempo, inda que o tenha todo por seu[682];
>
> Como os favores eram todos que a alma quisesse, ela nada queria fora do Senhor. Mas vendo-se que o Senhor a estava como escutando o que ela queria para lho dar, lhe disse a alma: "doce prenda e dono meu, dai-me o vosso divino coração". O Senhor olhou para a parte do peito, mas deu-me a entender que havia de ser encastoado, e mostrava que eu não poderia com as dores, mas mirava-me com amor e agrado. A força de amor que sinto é que conheço claramente o que o Senhor me diz[683].

O coração é, por um lado, uma oferenda a Cristo e, por outro, o órgão a que se devota especial amor e desejo, construindo-se o fenómeno místico em redor do anseio de se o tomar. O mesmo se encontra na já mencionada Margarida Maria Alacoque, cuja espiritualidade se funda nesta pungente devoção ao coração de Cristo, tendo-se-lhe representado, sobretudo após 1674, várias revelações visionárias do Sagrado Coração de Jesus. Uma delas sucedeu, não por acaso, no Dia de São João Evangelista (o apóstolo mais Amado por Jesus e também acarinhado pela freira de Odivelas, como adiante se assinalará):

> On the Feast of St John the Evangelist (1674), after having received from my Divine Saviour a favour similar to that bestowed upon the Beloved Disciple on the evening of the Last Supper, the Divine Heart was represented to me as on a throne of fire and flames shedding rays of light on every side, brighter than the sun and transparent as crystal. The wound which He had received on the Cross was clearly visible. A crown of thorns encircled the Divine Saviour made me understand that these instruments of his Passion were symbols, that his immense love for men had been the source of all the sufferings and humiliations he had endured for us; that from the first moment of his Incarnation all these torments and this ignominy had been present to him, and that the Cross had been even from this fist moment planted, as it were, in his Heart; that he had immediately accepted, in order to prove his love for us, all the humiliations, poverty, and

[681] Fl. 166v.
[682] Fl. 173v.
[683] Fl. 5.

> sufferings that his Sacred Humanity was to endure during his whole mortal life, and also all outrages to which his love would expose him to the end of time in the Blessed Sacrament of the Altar.[684]

O coração de Cristo simboliza os tormentos padecidos em prol do seu amor pela humanidade, conectando-se este símbolo à memória da sua Paixão. Também no texto de Maria Micaela o coração que se pretende puro para oferecer a Deus convoca esta significação de dádiva profundamente amorosa, que procura reproduzir e imitar o amor total de Cristo:

> Ah, Senhor, que me sinto abrasar em amor, vosso fogo de amor divino que penetras [n]as minhas veias do corpo! Este coração se desfaz em amor vosso. Não sei [o] que sinto e nem sei o que digo, que se eu soubera dizer o que vós me fazeis, meus amores, parece-me sem engano que se derreteriam corações em amor vosso, e ficaria o mu[n]do desemparado sem ter tantos amadores seus, que isso é o que lhe esconde vossas grandezas, vossas misericórdias. Oh, Senhor, que quem tal chegara a ver? Oh, amor, reparti com todas de vossos amores! Abrasa-se tudo em amor vosso, bem entendo o que me estais dizendo. Sim, amor, quereis que vos deem corações limpos para vós obrares maravilhas, mas que vos dou eu, meus amores? Não me dais vós tudo de graça? Mas eu não vos dou porque não tenho e o que tenho é vosso, e sempre o foi.[685]

A abundante imagética do coração, do de Cristo, pelo qual anseia, e do seu próprio, que pretende oferecer sem limites, assinala o estatuto de esposa que ama e sofre (analogicamente ao seu Esposo):

> Nisto passei toda a manhã, mas não gritei, só lhe pedi que me tirasse o coração e o levasse e que me levasse, digo, e que me desse o seu porque nele não sei que sentia, que era mais que doçuras em que me sentia toda banhada.[686]

Veja-se a seguinte passagem de uma carta de Margarida Maria Alacoque de 1686, dirigida à Madre Greyfié:

> I cannot express my joy at the growth of the devotion to the Sacred Heart of my Saviour. I seem to live only for that. Sometimes he enkindles my heart so great a desire to further His reign in all hearts that it seems to me there is nothing I would not do or suffer for that end. (…) These

[684] Mary Philip – op. cit., 2016, pp. 84 – 85.
[685] Fl. 112v.
[686] Fs. 239v. – 240.

> dispositions have continued ever since, together with such proofs of tenderness from this Divine Heart that I am altogether incapable of expressing them.[687]

Símbolo por excelência do amor e marca da sua centralidade na vida mística, o coração ocupa, de facto, um papel central na experiência mística de Maria Micaela, alinhando-a com uma afetividade ardente que nele encontra precisamente a sua justificação e orientação. Num acesso amoroso, Maria Micaela relata:

> Oh, Senhor, não vos escondais! Para que me tendes tão regalada nesta soledade? Meu doce amor! Bem sei, doce prenda da minha alma, que não posso desejar mais que amar-vos e padecer... Mas que queixas vos posso eu fazer se vós hoje me dissestes que havíamos de trocar os corações? Mas fostes-vos e deixastes-me com susto, mas tão cheia de vós, mesmo que no coração me deixastes tal doçura e suavidade que me achei com forças no corpo para estar de joelhos.[688]

Barbara Newman, sobre a temática da troca de corações, constata:

> Whether dramatic or subtle, common or rare, the experiences of those who have undergone a literal change of heart suggest that, even in medical terms, the organ is far more than a muscle that pumps the blood. Understood in cultures around the world as the seat of life, soul, personality, and emotion, the heart remains the most frequent and symbolically charged metonymy for the whole person.[689]

De facto, no quadro da experiência mística de recorte nupcial e amoroso, a troca de corações é a marca indubitável da graça divina, da fusão por via do amor, em suma, da *unio mystica*. No caso de Maria Micaela, apesar da recorrência com que se refere à troca de corações, a suavidade e serenidade desta troca só acontece, curiosamente, apenas a dez fólios do fim da obra, uma espécie de confirmação da progressão espiritual do *eu*, em que reconhece nada haver já em si de criatura:

> Estando neste sentido sem o fazer por obra, senti, de repente, sem ver nada, que o meu coração já não é meu, que me tomara o Senhor, porque não sabia que sentia, que tudo era do céu. Fiquei suspensa e ao mesmo tempo estava conhecendo que o Senhor o mirava e mo tornava a dar. Eu, sem o querer aceitar, tudo eram lágrimas suavíssimas. Dizia "já não é meu" e, escondendo-me no seu divino coração partido por meu amor, deixava-me estar nesta demanda em que gastei hora e meia. A humildade que sentia era profundíssima. O gozo não tem explicação. E coisas que

[687] Mary Philip – op. cit*.,* 2016, p. 200.
[688] Fl. 24.
[689] Barbara Newman – *op. cit.,* 2021, p. 147.

> ali passei foram muitas, que as não sei explicar, e todas divinas, porque o sentir que o Senhor me tomara o coração era um sentir delicadíssimo, que já em mim não havia nada de criatura. Era um puro sentir de Deus, sem mistura de nada criado. Por vezes, me deixava o Senhor descansar da porfia, em uma suspensão suavíssima que me roubava os sentidos. Outra vez, tornava como vendo que o Senhor com as suas santíssimas mãos me queria pôr o coração, e logo me despertava, e eu sentia a minha Mãe e Senhora e chamava a ela dizendo-lhe: "minha Senhora, valei-me". Pedi-lhe que mo não torne a pôr cá. Não enxugava meus olhos, mas eram suavíssimas as lágrimas. Também sentia a muitos santos, que me pareciam que também ali estavam, e me levantei dali tão rica de prendas do céu que não sentia mais que um gozo suavíssimo.[690]

Este definitivo episódio da troca do seu coração com Deus, confirmando seguramente o estatuto da religiosa de Odivelas como esposa de Cristo, já não como designação comum usada para as religiosas, mas como estado nupcial que simboliza a sua elevação um novo patamar místico, porventura último e concludente, e funciona, assim, como sinal do último grau da vida espiritual, cujo ritmo, até aí, permanecia ainda oscilatório entre securas e êxtases.

Aliada a esta imagem mística do coração e da troca de corações, aparece outro símbolo que vale a pena considerar: o do sangue. A propósito da adoração de Catarina de Sena pelo sangue de Cristo, María Zambrano afirma que

> O sangue, como o vinho, embriaga. É bebido, consumido, transfundido. É metáfora, em suma, de comunhão, de um culto dionísico, de embriaguez vital, em que se transfunde uma vida divina a quem a bebe; metáfora de uma sede infinita, uma sede por essência inextinguível.[691]

O sangue, sob este ponto de vista, é o líquido divino que se pretende incorporar, expressando-se "el valor de la sangre redentora de Cristo, y la imagen del entremezclarse de los líquidos, como signo de la invitación a la cooperación con Cristo en su tarea redentora asociándola a sua pasión"[692]. Na autobiografia da religiosa de Odivelas o sangue possui uma dimensão menos embriagante e unitiva do que expiatória e indulgente:

> Oh, amor da minha alma, perdoai-me meus atrevimentos! Tende misericórdia de mim! Salvai-me, meu Deus, pelo vosso preciosíssimo sangue, que por mim pecadora derramastes na santa cruz e pelas três horas que nela estivestes pregado, pedindo ao vosso Eterno Pai por quem vos

[690] Fl. 163.
[691] María Zambrano – op. cit., 1993, p. 21.
[692] Nurya Martínes-Gayol – op. cit., 2012, p. 161.

> tinha crucificado. Eu, indigna esposa vossa, vos peço por quem governa minha alma, tudo quanto vós sabeis de que ele necessita, assim espiritual como corporalmente, e pela nossa congregação e por todas as religiões e por todos os que governam, assim reinos como províncias e cidades, e tudo que vós, meus amores, quereis que eu vos peça. E eu sou obrigada a pedir-vos, tende misericórdia de mim, amor da minha alma! Não cesse esta pobre alma de clamar a vós por seu remédio. Salvai-me, meu Deus e Senhor.[693]

O sangue de Cristo é invocado e convocado numa perspetiva salvífica, como substância redentora e preciosa, derramada para a salvação do mund. Em 1 João 1:7, afirma o Evangelista: "Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado". Relata Maria Micaela:

> Senhor, tende misericórdia de mim, que sou a mesma miséria e temo dizer isto porque será dizer que tinha virtudes, mas vós, Senhor, bem sabeis o que eu sou, e que sempre vos peço que nunca pense de mim senão que sou a pior de todas, e que de meu não tenho senão misérias, como na verdade é, e que tudo o bom é vosso e não meu. Nem de mim quero conhecer mais que mereço mil infernos pelos meus grandes pecados. Só sempre firme na vossa divina misericórdia e no vosso preciosíssimo sangue, que derramastes na santa cruz por meu amor.[694]

> Quando me lembro de que haja quem se não dê toda a vós, desejo tirar este coração e pô-lo aos vossos divinos pés para que ele fosse o coração de todas as criaturas, e que nele estivesse o amor de todas as almas que vós redimistes com o vosso preciosíssimo sangue. Para que vo-lo dera eu por todo o mundo, para que ninguém amasse senão a vós, que sois todo o nosso Amado.[695]

O que aqui se expressa não é tanto a mistura de líquidos[696], humano e divino, e a ideia de união transformadora daí procedente, mas o facto de o sangue de Cristo, tendo sido colocado ao serviço da humanidade num ato de amor redentor e incondicional, parecer assomar enquanto a única via de salvação possível, razão pela qual é a mais preciosa das substâncias. O *eu* recorre igualmente ao seu próprio sangue para realçar esta vertente expiatória, num gesto mimético com Cristo: "Senhor que

---

[693] Fs. 237v. – 138.
[694] Fl. 165.
[695] Fl. 195v.
[696] Esta mistura dos líquidos é um motivo de São Bernardo utilizado para descrever a dissolução da vontade humana em Deus que conduz à sua união com a alma. Nurya Martínes-Gayol afirma que "la idea del "entremezclarse de los líquidos", que tiene su paradigma en el rito eucarístico en el que el agua es vertida en el vino, signo de la comunión de naturalezas, la humana y la divina, posee una fuerte valencia de participación y comunión de vida" Nurya Martínes-Gayol – op. cit., 2012, p. 161.

quereis que faça, nesta hora que aqui estou? Se quereis que derrame todo o sangue das veias para que tenhais almas, almas puras, e corações limpos, aqui está a vossa escrava".[697]

Ademais, o sangue deste *eu* serve à enunciação do seu amor a Deus, revelando uma componente laudatória: "Oh, meu Deus, todo o sangue de minhas veias se faça todo em pingos para que uma por uma vos louvem, e toda eu![698]".

Maria Micaela enquadra-se, também na esteira de Teresa de Jesus e de João da Cruz, neste paradigma da mística nupcial. Atente-se que ela própria abundantemente se autodenomina, ao longo de toda a sua autobiografia, de esposa de Cristo: "Toda derretida em amor e lágrimas lhe disse: "olhai que sou a mais ignorante esposa que tendes na terra". Com isto, o Senhor a enchia mais de glória e gozo"[699]. Ou ainda:

> Outro dia, fui a matinas. Estando nelas, vi minha alma tão abrasada no amor do Senhor e toda tão satisfeita, mas não era dia de comunhão para mim, mas eu me regalei de ver comungar as outras. Estava com minha alma, e esposa e tão senhora dele que lhe pedia os cravos e coroa de espinhos, e com tudo se queria abraçar, mas o Senhor não lhe dava nada a entender mais que regalada.[700]

Assumindo, por vezes, nas suas exposições, um certo pendor instrumental e didático, a autora chegará mesmo a executar uma reflexão sobre o papel das esposas de Cristo, suas irmãs de religião, retirando diversas ilações a respeito dos comportamentos adequados a este estado que é também um estatuto[701]:

> Aqui entendi muitas coisas a respeito das esposas de Jesus Cristo, como hão de viver de todo mortas em todo o sentido, desapegadas de tudo que não é o mesmo Deus, que de outra sorte é impossível que a alma possa dar um passo adiante para colher as flores deste jardim, onde o

[697] Fl. 20v.
[698] Fl. 178.
[699] Fl. 9v.
[700] Fl. 9v.
[701] A despeito da tradição espiritual nupcial que , como se viu, congrega esposo e esposa de Cristo, a autora distingue o ofício de cada um por géneros, apontando que o caminho daquelas corresponde ao amar limpamente a Deus: "Mostrou-me o Senhor dentro da alma como o haviam de amar limpamente as suas esposas, porque os seus Esposos, digo, porque os seus ministros é por outro caminho, que é necessário que estejam com a bandeira na mão, chamando almas, mas se não há amor fervente há muitos descuidos." Fl. 15v.

> nosso querido Esposo nos pôs. Se eu me soubera explicar dissera muitas coisas a este sentido que me mostram.[702];
>
> Oh, esposas de meu Amado, vinde, vinde todas e gozai destas delícias divinas! Vinde esquecidas de vós! Todas gozareis sem termo nem limite, que neste estado não há lembrança de coisa criada. Não se sente necessidade porque a alma não sente mais que grandezas e fartura com abundância de regalos do céu, que os da terra causam martírio a quem de todo se dá a Deus. E mais achareis uma largueza que parece que está a criatura senhora de todo o mundo, que no exterior dele não quer nada, mas em um buraquinho muito sujo e malcheiroso que se ache o corpo. E a alma [que] esteja neste estado vê-se senhora de todo o mundo. Aqui não chega nada de sentimento, nem lembrança que a despreze ou a não estime.[703]
>
> É necessário muito cuidado e vigilância nos sentidos da alma para que o Senhor nos ache idóneas para obrar a sua divina graça, que os nossos inimigos estão alerta sempre. E como qualquer defeito nas esposas do Rei da glória é muito abominável nos olhos do Senhor, ele nos livre dos três inimigos da alma. Amém!

Os três inimigos da alma são o mundo, o demónio e a carne. Às esposas de Cristo corresponde uma necessidade de vigilância mais severa face a estes perigos, pelo que procuram viver de acordo com a *imitatio Christi*: "Senhor, é possível que seja isto que sinto vosso, se a vós vos deram a beber fel com vinagre, e, pois, se eu sou vossa esposa não vos hei de imitar?"[704]. Mas também o ofício da espera e da perseverança, já que as bodas místicas são apenas o prenúncio e a antecipação da união definitiva com Deus que apenas a morte trará. No múnus das esposas estão contempladas virtudes exemplares como a obediência, a castidade, a pobreza, a piedade e a caridade, ocupando o amor a Cristo e a devoção ao seu coração o zênite da vida espiritual:

> A lição espiritual, ler cada dia um pouco da doutrina cristã, que é muito necessário para todos. Mas para as esposas do Senhor é preciso e todo o mais tempo é da alma para dar atenção ao amor divino, que nesta ocupação sempre as horas, e dias, e noites são instantes.[705]

Com efeito, a identificação de Maria Micaela com uma *sponsa Christi* motiva a cerzidura de uma linguagem afetiva e amorosa (possuindo até, por vezes, laivos erotizantes) para descrever as suas digressões com Deus:

---

[702] Fl. 252v.
[703] Fs. 183 – 183v.
[704] Fl. 226.
[705] Fl. 53v.

> Vai por dias que, por instantes, sinto dentro na alma que o Senhor me diz que me ama muito, muito, muito, muito. Dá-me isto trabalho dizer, que o Senhor me diz que me ama muito, a mim, pecadora. Louvado sejais, Senhor, para sempre![706];
>
> Já vejo que não posso explicar-me, nem acho tempo para que com palavras diga os favores, e regalos, e carícias que recebeu esta alma do Senhor. Que não foram por conhecimentos, senão por assistência do meu Deus que, a meu modo de entender grosseiramente, me parecia que a alma o possuía corporalmente, ou na habitação mais excelente e mais alta. Só o que entendia era que o Senhor me dizia na abundância dos favores e regalos: "faço-te o que desejas. Não tens mais que buscar". A alma, por vezes, lhe dizia: "só a vós quero"[707];
>
> Direi um atrevimento, perdoe-me Vossa Reverendíssima, mas sinto-me como se diz nos Cantares: "amiga ascende mais alto em virtude". Desta voz fica a Esposa toda transformada, e vê sem ver com os olhos do corpo a divindade claramente, onde acha todo o descanso, o prémio de passo de todos os seus trabalhos. É preciso passar aqui em silêncio; vamos mais aba[i]xo. Passado isso que acima disse, como visão fica a Esposa reclinada no divino braço esquerdo do seu divino Esposo da humanidade santíssima, e regalada por outro modo do braço da divindade, onde ela faz dulcíssimos colóquios com o seu Amado.[708]

A sua autobiografia espiritual, forjada entre ausência e presença, alude amiúde a ósculos e a abraços de Deus, patenteando uma espiritualidade altamente amorosa, matrimonial e consentânea com a do Cântico dos Cânticos (que, aliás, conviva explicitamente em vários capítulos), em que as imagens e as metáforas são colocadas, também elas, ao serviço do amor.

1.1.5. Estar a sós com Deus – a União Mística

Como bem assinala Colin Thompson no prólogo do estudo *A New Companion to Hispanic Mysticism*,

> At the heart of mystical experience is the journey of the soul to union with the divine. Even when it involves what we would think of as negative experiences, mysticism embraces them chiefly not as an end in themselves but as a means towards bringing about the positive fruits of growth.[709]

Apesar de uma leitura cristológica do *Cântico dos Cânticos* interpretar o casamento da noiva e do noivo como uma alegoria da união de Cristo com a Igreja e com

---

[706] Fl. 75.
[707] Fl. 75.
[708] Fs. 60 – 60v.
[709] Hilaire Kallendorf (ed.) – op. cit., 2010, p. 20.

o crente[710], a origem da conceção cristã da união mística[711] radica, sobretudo, no Novo Testamento[712]. No *Evangelho de S. João*, a salvação humana é equacionada nos termos da união com Jesus Cristo, Verbo feito carne: "Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste."[713]. Na *Epístola aos Gálatas*[714], como se citou anteriormente a propósito da morte mística, S. Paulo enfatiza ainda mais a linguagem da união em Cristo, sendo esta um verdadeiro motivo espiritual.

De um modo geral, o batismo pode ser identificado como momento sacramental inaugural da união mística, porquanto nele ocorre a transformação de todo o crente em noivo/noiva de Cristo[715]. Se o sacramento batismal se encontra disponível a todos aqueles que creem, o alcance do instante da união mística permanece reservado ao *eu* místico que, alienado de si próprio e do mundo, dedica a sua vida ao amor de Deus.

Maria Micaela, enquanto "esposa de Cristo", vive um processo espiritual radicado na procura e no amor a Deus, e no consequente encontro traduzido pela união mística. Plotino falará de uma união de indistinção que pressupõe, em termos genéricos, a possibilidade de a alma e de Deus se tornarem um, porventura nessa mesma unidade que é articulada em 1 Coríntios 6:17: "Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele". Também Bernardo de Claraval expõe por metáforas[716] o seu entendimento da união mística, que, além de intensamente afetiva, se caracteriza pela fusão da alma com Deus (ou, pelo menos, da fusão das suas vontades, "*unitas spiritus*").

---

[710] É Orígenes o primeiro grande teorizador desta mística das núpcias.

[711] "The phrase mystical union was quite rare until the seventeenth century, many mystics spoke about becoming one with God and devoted effort to analyzing the modes of union and discriminating between correct and incorrect understandings of such uniting." Bernard McGuinn – op. cit., 2012, p. 204.

[712] Idem, ibidem, pp. 200 – 210.

[713] João 17:21.

[714] Gálatas 2:19-20.

[715] Notar: "The sacramental, baptismal character of individual bridal spirituality is the overflow of the collective mystery of the marriage of Christ and the Church which, according to Paul (Eph. 5,26), was inaugurated by the sacramental saving mystery of baptism. Speaking of "Christ-mysticism" in general, R. Schnackenburg aptly remarks that, for Paul and every Christian, union with Christ is grounded sacramentally in baptism. Actually, the spiritual marriage of a Christian begins with baptism and looks to the spiritual marriage of death that leads to the eternal union with Christ, the Messianic Bridegroom" in Alfred C. Rush – art. cit., 1972, p. 83.

[716] "Becoming one with God is like a drop of water dissolved in a vat of wine, an iron heated in an iron until it becomes totally enlamed, or air transformed into sunshine" Apud Bernard McGuinn – op. cit., 2012, p. 204.

A união mística é um tópico central na autobiografia de Maria Micaela, articulando na narrativa, como se viu, uma tensão entre dois momentos essenciais: o da ânsia do encontro com Deus e o do encontro efetivo (naturalmente nunca total). A centralidade do motivo da união mística decorre, justamente, deste antes e deste depois que se narra e que é sempre daquela dependente. Na produção literária em apreço, a união mística é, fundamentalmente, um momento de liquefação em Deus, no qual o *eu* já não sabe mais de si, senão que todo se encontra indistintamente no divino:

> Mas está a alma tão unida com o Senhor que a governa e a todas as coisas, que não tem ela outro cuidado mais que no Amado, e em tudo o mais que obra é só dirigido pelo Amado puramente. E, assim, vive a alma com Deus, em um só querer, em uma só vontade.[717];
>
> Perto de dois dias, vi estar meus amores dentro da alma, com ela como pela mão, com os seus divinos olhos fixos nela, que não tinha a alma liberdade para se conhecer. Assim, nem ao mesmo Deus, senão estar ambos feitos uma mesma coisa.[718]

Nestas circunstâncias ocorre o influxo divino, o "ilapso", esse estado de união apertada e estreita, termo que a religiosa utiliza, instruída pelo seu diretor espiritual:

> Eu não digo os regalos que recebe minha alma em instantes, senão que nesta união, que Vossa Reverendíssima lhe chama "ilapso", digo só que nenhuma alma se espante de favores e regalos, que a alma neste estado goza porque não é um só favor, senão favores e mil favores, que se envergonha a minha alma de dar conta a seu padre espiritual, não porque ponha neles dúvida, porque os passa no íntimo da alma, onde o inimigo não pode chegar, mas não lhe estão as comparações que pode pôr por a minha grossaria.[719]

Este vocábulo surge, aliás, em diversos autores místicos e espirituais[720], como Padre Manuel Bernardes[721] ou Frei José do Espírito Santo[722], e também em Isabel do Menino Jesus, que explica que o ilapso se dá "onde se desenfreia o amor e se

---

[717] Fl. 134v.
[718] Fs. 114v. – 115.
[719] Fl. 117.
[720] José Félix Duque – op. cit., 2016, pp. 401 – 102.
[721] Manuel Bernardes – *Luz, e Calor*. *Obra Espiritual para os que trataõ do exercicio de virtudes, e caminho de perfeiçaõ, dividida en duas partes...*Lisboa: Oficina de Manuel Deslandes, 1696.
[722] José do Espírito Santo – *Cadena Mystica Carmelitana, de los Avtores Carmelitas Descalzos, Por quien se há renouado en nuestro siglo la Doctrina de la Theologia Mystica, de que há sido Discipulo de San Pablo, y primero Escritor San Dionisio Aeropagita, antíguo Obispo y Martir...*Madrid: Oficina de Antonio Gonçalvez de Reyes, 1678.

embaraçam as vontades que a nosso modo de falar parece que nem Deus nem Alma se podem dividir um do outro"[723].

A união é, no texto de Maria Micaela, descrita igualmente como intensa fusão entre humanidade e divindade, a que não são alheios os efeitos corporais e emocionais, descritos como "alma em carne viva", que se caracterizam em termos frequentemente enfáticos e amorosos:

> Me declaro nesta forma do que disse do braço esquerdo, é que fica a criatura padecendo na humanidade porque quando os favores são maiores, a carne sente delíquios da natureza, mas goza na divindade com abundância, e fica a alma em carne mortal tão Senhora como se ela já não estivera em tão grande prisão como de antes sentia, tão satisfeita, considerando-se sempre bem-aventurada[724];
>
> Mas dando-se a alma toda a Deus, nem a si conhece porque de si nada sabe, nem acha a si mesma, porque tudo o que tem e conhece é de Deus. Nele vive e nele morre, nele assiste e é de sorte que não sabe dizer o que sente dentro de seu peito porque é uma virtude que se não vê por fora. Mas não sei que tenho no peito, que é uma coisa suavíssima de Deus.[725]

Esta experiência unitiva, sendo inefável por propriedade fundamental, é descrita pelo *eu* através de imagens nupciais e de metáforas do foro da sensitividade e da afetividade, criando no discurso uma proliferação de sinestesias. De facto, é no âmbito da descrição da união mística e da subsequente transformação do *eu*, que a linguagem desta autobiografia assume uma dimensão particularmente amorosa, antitética e sinestésica:

> E quando saio desta tão excelente, doce e suave comunicação, sinto efeito de todas as virtudes. Sinto-me obrigada e agradecida até a mesma terra onde ponho os pés. Falta tempo para louvar ao meu Senhor, que criou os céus e terra, e criaturas que me sofrem. E me sustento um coração limpo e piedoso, num viver todo em Deus. Não há opressão de coisa criada, anda minha alma com Deus, em solidão altíssima, inda tratando com os próximos no preciso. Dentro de mim mesma me parece que já não há mundo mais que meu doce amoroso Pai de minha alma[726];
>
> E bem conheci que nesta vida mortal não podia minha alma estar sempre naquela habitação, tão alta e tão cheia de glória e gozo, que a alma possuía. E assim, entendia que era aquele estado

[723] Apud José Félix Duque – op. cit., 2016, p. 402. A atualização do trecho transcrito é da minha responsabilidade.
[724] Fl. 60v.
[725] Fl. 92.
[726] Fl. 89v.

> comparado aos bem-aventurados neste sentido, porque a alma sempre anda com sede de mais e mais amar a Deus. Nunca está satisfeita, mas neste estado acima dito ou apontado, por tempos goza a alma, sem susto, muito descansada, segura e satisfeita. Ora, chegou a tanto que todos os vazios da alma estavam cheios de Deus. Não vê a alma coisa que não seja de Deus, por isso não sabe dizer senão: "eu toda vossa, e vós todo meu". Assim, fecha as portas de sua casa, que são as do seu interior para que não entre imundícies e coisas velhíssimas porque aquela morada já não é sua, senão de Deus que mora nela. E como a alma sabe por experiência de seu Amado esposo, anda solícita e cuidadosa, e não se descuida, e com todas as suas forças se deseja formosear-se de flores de virtudes, e ter a casa lima e asseada.[727]

Note-se que é na comparação com as bem-aventuranças que Maria Micaela procura traduzir a quase perfeição do momento vivido, que a linguagem humana só sabe expressar através de contradições e antíteses. O amor é condição essencial da união mística, já que nela

> los místicos sienten el anhelo de amar a Dios del mismo modo que Dios los ama a ellos. Se trata entonces de la "igualdad em el amor" (Juan de la Cruz). Pero esta igualdad no puede consistir en el encuentro del amor infinito de Dios con el amor finito del hombre. La única posibilidad es que Dios, en la unión mística, regale de tal modo su amor al alma, que el alma sea capaz de amar com el mismo amor com que ella es amada por Dios.[728]

É esta experiência amorosa radical e avassaladora que conduz, talvez, à perda dos sentidos e a imobilidade corporal assomem como efeitos da via unitiva, algo bem patente no segmento de Teresa de Jesus que se segue:

> Estando así el alma buscando a Dios, siente con un deleite grandísimo y suave casi desfallecer toda con una manera de desmayo que le va faltando el huelgo y todas las fuerzas corporales, de manera que, si no es con mucha pena, no puede aun menear las manos; los ojos se le cierran sin quererlos cerrar, u si los tiene abiertos, no ve casi nada; ni, si lee, acierta a decir letra, ni casi atina a conocerla bien; ve que hay letra, mas, como el entendimiento no ayuda, no la sabe leer, aunque quiera; oye, mas no entiende lo que oye. Ansí que de los sentidos no se aprovecha nada si no es para no la acabar de dejar a su placer, y ansí antes la dañan. Hablar es por demás, que no atina a formar palabra, ni hay fuerza, ya que atinase, para poderla pronunciar; porque toda la fuerza esterior se pierde y se aumenta en las de el alma para mijor poder gozar de su gloria. El deleite esterior que se siente es grande y muy conocido[729].

---

[727] Fs. 90v. – 91.
[728] Peter Dinzelbacher et all (ed.) – op. cit., 2000, p. 994.
[729] Teresa de Jesús – *Libro de la Vida*, Capítulo XVIII, 10.

A freira de Odivelas expressa algo semelhante:

> Estando eu levanto-me da cama para ir a matinas, com grande fogo e lágrimas nascidas de amor, me disse meu doce amor dentro na alma que não falasse a nada. Eu, inda que não fio de mim nada, mas fiz tudo o que pude por não falar às criaturas, e em todo o dia recebi favores grandíssimos de meu Senhor e Pai de amor porque todo o trato da alma foi com ele. Umas vezes, me tinha em suspensão de sentidos, assim da alma como do corpo, que lhe chamo eu "sono descansado", que me deixa muito espiritualizada para conhecer e entender os bens do céu[730];

> Dia de São Mateus, me senti quase todo o dia em suspensão dos sentidos, assim do corpo como da alma. Levei esse dia e os dois seguintes em amor puro. Algumas vezes que a alma de si conhecia tais efeitos que anda minha alma com desconfianças que o amado Menino está com ela, sem que ela o veja.[731]

A união mística de Maria Micaela consiste, acima de tudo, num modo profundamente amoroso de estar a sós com Deus, possuindo esta experiência espiritual matizes do *recogimiento* franciscano[732], porquanto nesta corrente se centraliza a interioridade como via para a união mística. É nessa livre escolha da alma (cada vez mais consciente e esclarecida pelo amor infundido) que se vai processando a transformação do *eu* no Deus amado. Aliás, são inúmeras as ocorrências da expressão "transformada em Deus", nesta correspondência. E essa consciência de transformação reforça o caminho espiritual já percorrido e a proximidade de um grau elevado de união mística.

---

[730] Fl. 79.
[731] Fl. 89.
[732] Em modo de síntese: "El recogimiento es una corriente de espiritualidad que florece en España en la primera mitad del siglo XVI en el seno de la observancia franciscana, en la línea de la reforma de Pedro Villacreces (†1422) y bajo el influjo de la *Devotio moderna* europea, pero que sale pronto del recinto conventual para extenderse a círculos en los que participan también laicos. Podría definirse como un método de introspección espiritual que abre al creyente la vía de la búsqueda de una comunicación íntima con Dios, desde la interioridad. Lo cual supone una revolución con respecto a las prácticas religiosas ritualizadas que se practicaban en la Edad Media y con las formas de devoción más tradicionales. A partir del Renacimiento, el hombre se convierte poco a poco en el centro y la nueva medida del mundo, y se distancia con respecto a la concepción medieval piramidal del universo regido por la figura divina. Esto no quiere decir que los hombres del XVI se alejen de Dios, sino que, para encontrar a Dios, ya no les es necesario buscarlo en el mundo exterior, en las criaturas que se consideran testimonios vivos que hablan de su divino creador, sino que hay que buscarlo en la interioridad del sujeto, dentro del profundo corazón, en lo más íntimo" in Estelle Garbay-Velázquez – "Representaciones del espacio interior e intimidad espiritual en los tratados de tres franciscanos recogidos (Francisco de Osuna, Bernabé de Palma y Bernardino de Laredo) in *E-Spania: Revue Interdisciplinaire d'Études Hispaniques Mediévales et Modernes* [online], n.37, 2020, p. 1. Disponível em linha: https://journals.openedition.org/e-spania/37066#toc Acesso em: 06/04/2023.

Revela a religiosa de Odivelas que "no retiro se sente com dobrada ânsia, e se sente de sorte que não se sabe explicar porque é um ardor, ou fogo, que lhe faz também perder o sono, como acima disse"[733]. No estado de retiro, coincidente com o da união mística, o *eu* sente Deus com redobrada ânsia amorosa e, varado de amor ardente, chega mesmo a não conseguir dormir.

Maria Micaela relata ainda amiúde o seu intenso desejo de apartar-se das criaturas e ir para um lugar afastado, ermo e recolhido (não raro a sua cela, mas também lugares recônditos na natureza[734]), numa atitude próxima do significado etimológico de *recogerse* descrito por Francisco de Osuna[735]. Desta predisposição para o recolhimento e o isolamento resulta talvez o facto de ser a noite a altura privilegiada para o encontro com Deus: "Mas faz-me como louca, que bem sabe Vossa Reverendíssima que estou nestes dias de retiro a sós com meus amores, que não sei o que faço todo o dia, e parte da noite gasto com meu Deus"[736]. E ainda:

> Neste mesmo dia acima referido, me deitei à noite para dar algum descanso a este miserável corpo, porque a força da alma também debilita as forças do corpo. Mas o Senhor não me deixou dormir, que o mais da noite esteve minha alma gozando de Deus, com tanta abundância de regalos e favores que me levantei muito de madrugada sem saber que fizesse de mim, e tão cheia de humildade e como a alma envergonhada do que tinha gozado de Deus, que se não atrevia a lembrar-se do que tinha sentido mais que desejava meter-se no seu nada, e em profunda aniquilação, derramando lágrimas de amor ardentíssimo.[737]

A consciência humilde da sua miséria e fragilidade resulta mais forte após esses momentos. Melquíades Andrés, a propósito dos "recogidos"[738], assinalou a influência da espiritualidade *recogida* em Teresa de Jesus e em João da Cruz, comparando a obra da carmelita com a de Francisco de Osuna e destacando as suas semelhanças. Este facto conduz a que seja difícil de deslindar por que via esta orientação ao *recogimiento* terá

---

[733] Fl. 172.
[734] Veja-se o seguinte segmento: "Sinto grandes ânsias de me ir aos montes e vales onde não seja vista nem ouvida, e dar desafogo a este coração para com vozes altas clamar por meu Deus (...)" (fl. 262).
[735] Ver o capítulo IV do Nono Tratado de *Tercer Abecedario Espiritual*. Disponível em linha: https://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1492-1541,_Osuna._de._Francisco,_Tercer_Abecedario_Espiritual,_ES.pdf. Acesso em: 23/10/2023.
[736] Fl. 172v.
[737] Fl. 178.
[738] Melquíades Andrés – *Los Recogidos. Nueva Visión de la Mística Española (1500 – 1700)*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1976.

entrado na orientação espiritual de Maria Micaela, sobretudo porque não se sabe, até agora, quem terão sido os seus confessores e diretores espirituais (teve, pelo menos, três, como se deduz das suas cartas). De qualquer forma, apesar da estreita vigilância sobre esta corrente[739], o *recogimiento* é notório em Maria Micaela.

De facto, os motivos do retiro, da interioridade e da solidão são uma constante na autobiografia da religiosa de Odivelas, que neles encontra as linhas orientadoras da sua mística. Vejam-se os trechos que se seguem:

> Hoje, depois de ter comungado, que foi antes das oito horas, até acabado o coro, ou parte dele, me teve meu Senhor na contemplação suavíssima da paz da alma, que já disse a Vossa Reverendíssima que o Senhor me traz agora que me perco toda a todo o criado, e só me acho em Deus, suavemente. A alma guarnecida de várias virtudes, do que já tenho dado conta a Vossa Reverendíssima. Uma delas é esta que nunca se murcha, que é fome e sede que a alma sempre pressente de falar em Deus e no seu divino amor, e estar sempre com ele retirada de criaturas. Isto é interiormente, dentro da alma. Sinto este levar da alma a Deus no gozo da contemplação, que ando como morta das coisas desta vida, errando delas com tanta liberdade que nada desta vida possuo. Isto é no sentir da alma porque só a Deus acha e comunica com tanta largueza[740];
>
> Retirei-me do trato das criaturas, que Vossa Reverendíssima me ordenou nos três dias. Neles achei a meu doce Esposo como esperando-me, e me disse dentro da alma: "vem, amiga minha, esposa minha, querida minha", deixando-se todo nos braços da [a]lma, e derramando por todo o corpo uma fragrância de suavidade que não senti o corpo necessidade de coisa criada[741];
>
> Já vai por três dias que me acho neste estado, por vezes porque a alma de[s]ce e assobe, mas nestes dois dias tem sido tão frequente que me sinto muito absorta e suspensa e todas [fl. 92f.] as potências adormecidas, a oração quietíssima e serena, sem discursos nem preparação. Logo de repente se sentem as potências e toda a alma em Deus. É como estar o Senhor esperando que a alma se recolha, sem que ela trabalhe.
>
> O Senhor me deixou ver o que me podia impedir o não estar nos palácios dentro da alma com o Amado. Vi que era tudo criado desta vida. Assim como vi isto, de tudo me esqueci e me fui a meu Amado. Já tudo deu fim para esta criatura, assim me achei como emudecida e muda, que sem

[739] Pedro Tavares – *Beatas, Inquisidores e Teólogos. Reação Portuguesa a Miguel de Molinos*, tomo I, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, sobretudo o primeiro capítulo, pp. 1 – 28.
[740] Fs. 140v. – 141.
[741] Fs. 62 – 62v.

> ser perguntada não se abria minha boca, não por soberba, senão pela atenção em que a alma está, pois dentro de si tem todas as riquezas da glória.[742]

Esta espiritualidade possui um eixo um tanto solipsista, assumindo uma grande tendência ao isolamento e ao abandono do mundo ("A soledade e retiro é o seu desafogo e alegria[743]; "Sinto grandes ânsias de me ir aos montes e vales onde não seja vista nem ouvida, e dar desafogo a este coração para com vozes altas clamar por meu Deus (...)[744]"; "O retiro para mim são as delícias de minha alma, desafogo do espírito, palácio regalado, porque meus ouvidos não ouçam outra voz mais que a do céu[745]"). Este movimento de alheamento e de fulgurante anseio de retiro que se espraia no texto de Maria Micaela distancia-o, a nível de conteúdo espiritual, das autobiografias femininas suas coetâneas, já que nele se instaura o privilégio pela radical abnegação do mundo e das criaturas:

> Mas direi a Vossa Reverendíssima isto para ver se assim me emendo a ter sentido como falo. E foi que me disse uma serva de Deus que eu não sabia fazer doces, nem estas coisas de perdição da alma, lhe chamo eu. Disse-me que as não sabia porque nunca me dera com as criaturas, andar por suas casas e ver como elas contratam nisso. Eu disse: "dizeis bem", mas eu vim de fora tão aborrecida a trêfegos e lidas de casa que tanto que me vi cá todo o meu cuidado foi ter tempo para fazer as obrigações de religiosa, e tratar só do preciso. Ela como me ouviu isto, ficou toda confrangida que gastemos largo tempo a falar em coisas do céu, mas eu mo[r]tificada por ver que ela fazia de mim como bom conceito. E não me emendei porque nesse dia me disse outra irmã que as mais religiosas brincavam, digo, que as mais religiões brincavam e se divertiam, "e só vós não fazeis isso". Respondi: "tomara eu tempo para estar com Deus, que eu não apeteço outros advertimentos". Elas logo ficam com isto mui humilhadas e eu mortificada, e assim a Vossa Reverendíssima que tenho pena disto, que não é bom que eu diga o que não serei porque só o Senhor é o que sabe quem é o bom e o maior. Mas tudo isto me na[s]ce deste fogo de amor que arde em minha alma e amando muito as criaturas em Deus, mas sempre dentro da alma me quero ver só com Deus, e elas que vão também voando a Deus[746];
>
> Anda minha alma em uma guerra contínua porque não quer nada desta vida, nem busca ninguém. Só deseja pedir por todas as criaturas, mas não sofre deter-se com elas, e o mundo sempre a puxar por mim. E já disse a Vossa Reverendíssima como isto não é por obediência senão

[742] Fl. 105.
[743] Fl. 113v.
[744] Fl. 162.
[745] Fl. 183v.
[746] Fs. 140 – 140v.

> por caridade, e parentes que me buscam, os que eu não desejo ver senão no céu. Assim, ando recebendo os favores do Senhor e sem dar conta porque me escurece a luz para saber dizer. Ver que hei de ir a falar com gente de fora é morrer. [747]

Se por um lado se enfatiza a interioridade da *devotio moderna*, por outro parece aqui desconsiderar-se a *praxis pietatis*, o que diz respeito a uma especificidade própria no modelo místico vinculado no texto de Maria Micaela. Tal desejo de alheamento, podendo encontrar-se em autoras como Teresa de Jesus[748], é pela freira de Odivelas exacerbado. De facto, para a autora, a presença das outras pessoas traz amiúde fastio, angústia e sofrimento ("Mas senti-me morrer, padecendo a alma e em rebuliço, queixando-se muito das criaturas, que nelas tenho a minha cruz sem elas o saberem, que eu não me queixo a elas, porque só de mim é que me queixo a Nosso Senhor"[749]), funcionando como um impedimento ao estar a sós com Deus, apanágio da união mística. Esta, por outro lado, executa transformações tais – operadas e experienciadas sempre nas coordenadas da intimidade da alma – que este *eu*, alimentado pelo amor de Deus, se diz cheio da sua presença, tornando-se incapaz de contactar com a humanidade que o rodeia, dela vindo, inevitavelmente, a alhear-se:

> (...) e eu me queria deixar ficar depois das cruzes com meu Amado, mas [tive] de ir visitar uma enferma e fazer-lhe uns recadinhos para a consolar. E eu estava toda cheia de ternura de minha Senhora e um trato muito íntimo de meu Senhor, e eu lhe disse: "meu Amado, de boa vontade ficara aqui convosco só, mas vamos ambos à enferma", e me fui. Mas sentia uma voz ou força que me não detive com ela, senão enquanto foi necessário consolá-la, porque depois que fiz o que já disse a Vossa Reverendíssima, que minha Senhora me fez fazer nas divinas mãos, que foi como a alma entrar em outra nova religião (que disso já dei conta no capítulo passado), que não posso admitir coisa criada. E vem a ser que fiquei tão morta em todo o sentido que nem as amigas de passage[m] ia ver quando estavam doentes. Já não me dá o interior lugar, que é tal a força e liberdade que sinto interiormente que todo o visível e criado se desterrou.[750]

---

[747] Fs. 7v. – 8.
[748] "Si hablo u trato con algunas personas profanas –porque no puede ser menos–, aunque sea de cosas de oración, si mucho lo trato, aunque sea por pasatiempo –si no es necesario–, me estoy forzando, porque me da gran pena" Teresa de Jesús – *Cuentas de Conciencia*, Cap. 2, 19. Disponível em linha https://www.acheesil.com/wp-content/uploads/2009/10/tdjcdeconcienciar.pdf. Acesso em: 4/08/2023.
[749] Fl. 8.
[750] Fs. 226v – 227.

Aliás, as manifestações visionárias da autora colocam não raro Cristo e Nossa Senhora a incentivar este solipsismo místico que redunda em solidão, interioridade e recolhimento:

> (...) e eu me queria deixar ficar depois das cruzes com meu Amado, mas [tive] de ir visitar uma enferma e fazer-lhe uns recadinhos para a consolar. E eu estava toda cheia de ternura de minha Senhora e um trato muito íntimo de meu Senhor, e eu lhe disse: "meu Amado, de boa vontade ficara aqui convosco só, mas vamos ambos à enferma", e me fui. Mas sentia uma voz ou força que me não detive com ela, senão enquanto foi necessário consolá-la, porque depois que fiz o que já disse a Vossa Reverendíssima, que minha Senhora me fez fazer nas divinas mãos, que foi como a alma entrar em outra nova religião (que disso já dei conta no capítulo passado), que não posso admitir coisa criada. E vem a ser que fiquei tão morta em todo o sentido que nem as amigas de passage[m] ia ver quando estavam doentes. Já não me dá o interior lugar, que é tal a força e liberdade que sinto interiormente que todo o visível e criado se desterrou.[751]

"Esta voz ou força" de génese divina é uma presença assídua na autobiografia em apreço, marcando a manifestação de Deus como entidade que, exigindo-lhe exclusividade de atenção e de pertença, provoca no *eu* o seu desejo exacerbado de retiro: "No dia da festa, me disse meu Senhor que me despisse, que tivesse pureza, e com grande força puxava por mim para o retiro"[752].

Apenas por obediência e de modo a cumprir o serviço da Ordem é que Maria Micaela parece conceder passar tempo com as "criaturas", cuja presença descreve como nociva, razão pela qual a autora usava uma medalhão com a figura de Jesus de modo a, mesmo em comunidade, nunca dele se alhear, funcionando este objeto como uma espécie de escudo protetor:

> E no peito trago sempre um Senhor pequenino de metal para me lembrar inda que trate com as criaturas, porque neste dia me foi preciso gastar a tarde entre vésperas com obras de caridade. Mas quando me punha na oração, já o Senhor punha a alma no seu divino braço, e logo tudo em silêncio na oração do convento, mostrou-me o Senhor como ela estava apartada do corpo. Os favores e regalos que ali se gozam e o que a alma ali passa, já disse que me disse meu doce amor que não era necessário que o soubessem as de casa.[753]

---

[751] Fs. 226v – 227.
[752] Fl. 29v.
[753] Fl. 19v.

Estes recolhimento interior, silêncio e solidão alicerçam esta expressão mística tão intensamente que até mesmo Deus surge apelando à conservação da experiência unitiva no âmbito do silêncio e do segredo da alma. Estar na solidão reporta um estado unitivo com Deus: "Não há opressão de coisa criada, anda minha alma com Deus, em solidão altíssima, inda tratando com os próximos no preciso. Dentro de mim mesma me parece que já não há mundo mais que meu doce amoroso Pai de minha alma"[754]. Nesta orientação de vida não deixa de se concretizar uma espiritualidade bernarda, porquanto esta era voltada para o silêncio e o recolhimento, chegando mesmo o abade de Claraval a ser associado ao bosque, pela sua conotação de espaço solitário, de interioridade e de contemplação. Em *Bosco Deleitoso*[755], obra redigida em Português de autoria anónima e publicada em 1515[756], encontramos justamente a figura de São Bernardo subordinada a esta inclinação solitária e contemplativa, mas também outras figuras concordantes com esta atitude, como a de Cícero, que declara:

> Ca o ermo era a mi provência e fugia da cidade por muitas razões, e nom podia estar antre as companhas e nom havia outra coisa que mais me prouvesse, senom aquele apartamento solitário, em que nom havia falamento com outrem. E pela manhã, metia-me em ua froesta espessa e áspera e nom saía dela atá tarde. Nom era coisa mais amiga pera mi que o ermo e o apartamento solitário.[757]

Não procurando conjeturar sobre o possível conhecimento desta obra por parte de Maria Micaela, já que tal parece excessivo[758], e a obra não existia na livraria do mosteiro, importa mencioná-la enquanto matriz espiritual difundida no dealbar da Época Moderna e que ecoa no texto da autora, já que nele perpassa também uma

---

[754] Fl. 89v.

[755] *Boosco deleytoso Com preuilegio del Rey nosso señor*, per Hemã de Campos, em Lisboa, 1515. Destaco a mais recente edição de José Adriano de Freitas Carvalho, de Luís de Sá Fardilha e de Maria de Lurdes Correia Fernandes (ed.) – *Bosco Deleitoso: Anónimo do século XV* (prefácio de José Meirinhos e transcrição de Paula Mendes). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2022.

[756] Apesar desta data de publicação, importa assinalar que José Leite de Vasconcelos defende que o texto apresenta um estado da língua anterior, correspondente ao do início do século XV ou ao do fim do século XIV. José Leite de Vasconcelos – *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Oficinas da Biblioteca Nacional, 1926, pp. 136-137.

[757] José Adriano de Freitas Carvalho – Luís de Sá Fardilha – Maria de Lurdes Correia Fernandes (ed.) – op. cit., 2022, p. 147.

[758] A circulação desta obra parece ter sido diminuta, havendo poucas menções documentadas sobre exemplares da mesma. Ver o prefácio de José Meirinhos à edição supracitada.

reiterada procura pelo "apartamento solitário", tendo em vista o estar a sós com Deus na plena contemplação do seu amor:

> Assim, emudecida, encolhida, e carregada dos bens do céu, se retirou do trato e companhia das criaturas, não por haver perigo nas conver[sa]ções delas, porque nem o corpo as desejava mais que solidão e retiro porque a força da alma o levava, porque ela era ou estava entranhada no amor.[759]

No que concerne à autobiografia em apreço, poder-se-ia afirmar que a tensão do esforço e o método espiritual radicam numa procura sempre reiterada de afastamento do mundo, acompanhada pelo também sempre reiterado desejo de união mística: "Que, suposto esteja com a gente de casa, a alma está só com Deus dentro de si mesma, não vivendo em si, senão em Deus toda"[760]. Ao mesmo tempo que o estado de alheamento e de abnegação se intensificam, mais propriamente se sente a presença divina, que se revela com maior acuidade na liberdade do retiro e do recolhimento. O retiro e o recolhimento não se esgotam em si próprios, antes servem de contexto preferencial da meditação e da oração, assumindo estas, igualmente, um papel fulcral na espiritualidade de Maria Micaela, como oportunamente se verá no capítulo 1. 2. 6. da parte III. A solidão surge, pois, como atitude que também se constrói no interior, ainda que o exterior possa estar profusamente populado. E nele, como aliás na oração, o tempo assume uma relatividade desconhecida da experiência exclusivamente humana. A união mística não pode ser medida sob o signo da temporalidade, o que traz um certo sentido antagónico ao ser que a experimenta:

> Posta a um canto da igreja, me estava meu Senhor regalando, e como dizendo-me: "aqui te quero". E como a alma tem já entrada no seu divino peito, quando o corpo está enfermo, está a alma encostada, conhecendo que o Senhor lhe diz: "esta é a tua cama", que é no divino peito. Só quem nele assistir saberá e conhecerá o que lá se passa. Não digo que tenho arroubamentos, porque não sei que tenha perdido os sentidos do corpo, porque sempre, de espaço em espaço, me sinto que estou ali. Mas horas e horas que esteja, tudo são instantes.[761]

Maria Micaela traduzirá a presença divina justamente pela relativização do tempo que imprime à sua vida:

---

[759] Fl. 97.
[760] Fl. 152v.
[761] Fl. 49.

> Sem haver tempo que me pareça que baste, o retiro, inda que seja a maior parte do dia, parece-me instantes. [O] ócio da oração é um fechar de olhos. Assim estava no coro na oração do convento, senti na alma admiráveis hábitos de virtudes, que lhe dava o Senhor (...) Mas estando a alma como admirada do que sentia, sem discurso, mas que não conhecia senão que se ia o tempo em um fechar de olhos, lhe deram a entender: "de que te admiras? Aquele monge que foi levado do seu mosteiro por um passarinho que cuidou quando se vinha, que inda então chegara, e quando chegou ao mosteiro já não achou o que deixara. E com isto é velho na terra". Não fiz caso da comparação. Estava tomando ato e missa no coro, me tornaram a dizer: "isto que sentes é o que a alma pediu aos anjos que a levassem a seu Amado. E pela ânsia que disseste "Senhor, tirai-me desta prisão", te achas agora neste tão alto estado escuro, mas sobre todas as coisas da terra, desapego de si mesma, que isso é o menos, nada de coisa criada." Vejo-me tão aportada das criaturas dentro de mim mesma, recolhi-me um bocadinho, e simplesmente preguntou minha alma: "anjos de meu Senhor, não me direis?" [762];
>
> Assim, se doía minha alma e se obrigava a si mesma a trabalhar, estando recolhida no peito do Senhor, mas era como de fora, mas chegada a ele, e suspirando e gemendo dizia: "ó fim desejado de meus afetos, quem to vira já?" Isto por muitas vezes repetido. O Senhor me teve dentro no peito breve tempo, mas nesse instante me pôs como óleo da sua divina graça, digo, da sua divina sabedoria, que a alma saía como já disse, que estava de parte conhecendo e amando[763];
>
> Era necessário estar sempre com os olhos do corpo abertos nos atos de comunidade, se não já quando os abria já as mais desapareciam. Eu cuidava que naquele instante me esquecera de mim mesma porque não achava dia nem noite que durasse[764].

O tempo da união mística é o tempo paradoxal da experiência do infinito que dura e que não dura. A ação divina, sendo experienciada numa dimensão de incognoscível atemporalidade, faz contrair a temporalidade humana, conduzindo a que a sua manifestação seja percecionada enquanto instante: "E sobretudo é ver como se me fazem os dias e [as] noites pequenas, as horas minutos, parecendo-me todo o tempo um instante, bebendo a alma nesta fonte divina, sem nunca saciar [765]".

A união mística é, em maria Micaela, o estar a sós com Deus, nesse "Between eternity and time –/ Your consciousness – and me"[766].

---

[762] Fs. 43 – 43v.
[763] Fs. 47v. – 48.
[764] Fl. 47.
[765] Fl. 236v.
[766] Versos do poema "You left me – Sire – two Legacies", de Emily Dickinson.

1.2. Do terreno ao espiritual

1.2.1. Sentidos exteriores – sentidos interiores

Refletindo sobre a vida humana na sua relação com o que a transcendente, Patricia Dailey afirma que "in the Christian tradition, the body is not presented as a united whole but is divided into at least two parts, inner and outer, united only in an unknowable future"[767].

A dicotomia "sentidos interiores" – "sentidos exteriores"[768], em estreita relação com esta conceção de existir um ser humano exterior e um interior[769], possui origem helénica, tendo sido tratado por teólogos como Orígenes[770] (ca. 185 – 254) ou Gregório de Nissa. Estes viriam a estabelecer a existência de "sentidos da alma", "sentidos divinos", "sentidos do coração" ou "sentidos espirituais"[771]. Os sentidos interiores seriam correspondentes aos exteriores, constando tradicionalmente de cinco: visão, audição, olfato, paladar e tato. Podiam incluir, igualmente, o coração e um sentido da alma[772].

Agostinho de Hipona afirma que tal como a corpo exterior possui olhos, ouvidos e outros órgãos sensoriais, também o corpo interior possui olhos e ouvidos interiores, bem como memória (elemento mais "espiritualmente nutritivo" para o autor e que se retomará no capítulo 2 da Parte III).

---

[767] Patricia Dailey – "The body and its senses", in Amy Hollywood – Patricia Z. Beckman (ed.) – op. cit., 2012, p. 264.

[768] Sobre a vitalidade desta dicotomia entre escritoras religiosas portuguesas, ver Isabel Morujão – "Sentidos corporais e sentidos interiores: aproximação às representações da santidade feminina no século XVII em Portugal" in *eHumanista*, n. 56, 2023, pp. 40-57. Disponível em linha: https://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/05%20ehum56.r.morujaodropbox.pdf. Acesso em: 2/11/2023.

[769] São Paulo distingue o "*ho exo anthropos*" (ser humano exterior) do "*ho eso anthropos*" (ser humano interior".

[770] Orígenes estabelece a existência de sentidos interiores por forma a justificar a linguagem sensorial de certos segmentos bíblicos, sobretudo a do Cântico dos Cânticos, propondo assim uma leitura que afasta totalmente Deus de qualquer noção material ou corporal. Orígenes "rejects the material bodiliness implied by sensory language in the Bible, asserting that it refers to spiritual knowledge of God and spiritual contact with him". Cfr. Gordon Rudy – *Mystical Language of Sensation in the Later Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2002, p. 2.

[771] Cfr. Niklaus Largier – "Inner Senses – Outer Senses: the practice of emotions in medieval mysticism" in Stephen C. Jarger – Ingrid Kasten (ed.) – *Emotions and Sensibilities in the Middle Ages*. New York/Berlin: Walter de Gruyter, 2003, pp. 3-15.

[772] Karl Rahner – "Le Début d'une doctrine des cinq sens spirituals chez Origène" in *Revue d'Ascétique et de Mystique,* 13, 1932, p. 118.

Estabelecendo entre si uma ligação analógica, a distinção entre os corpos interior e exterior residiria no facto de um ser feito à imagem de Deus (Génesis 1:26), e o outro formado por lama da terra (Génesis 2:7). Por conseguinte, "the inner is closer to divinity and becomes the ultimate repository for the indwelling of the divine, transforming the outer as it gains in spiritual substance"[773].

No *Libro de la Vida*, Teresa de Jesus deixa patente a distinção entre sentidos interiores e sentidos exteriores[774]: "Esta visión, aunque es imaginaria, nunca la vi con los ojos corporales, ni ninguna, sino con los ojos del alma"[775]. Igualmente se encontra, em Maria Micaela, esta preocupação distintiva, referindo a autora insistentemente que, no decorrer da sua experiência de e com Deus, o que ouve não é ouvido através dos "ouvidos do corpo", nem o que vê é percebido pelos "olhos do corpo" (embora, por vezes, a intensidade do que apreende não somente a faça duvidar, como, de facto, mesclar os planos físico e metafísico, como adiante se verá). Antes localiza tais sentidos na entidade que é, no seu entendimento, a equivalente ao corpo interior, isto é, a alma: "Não o ouvi com os ouvidos do corpo, mas percebi com os da alma, que o Senhor se estava regalando e lhe disse que a queria para se regalar de a ver"[776].

Com efeito, como explica Henri de Lubac, a alma é uma espécie de templo de Deus, no qual os seus mistérios são celebrados[777], e onde os sentidos interiores perscrutam e se manifestam na experiência de transcendência. Serão, neste sentido, e como nota Patricia Dailey, atribuídos mais à *imago Dei,* do que propriamente ao *eu* que os corporiza:

> E logo me deu um amor tão forte que não fazia senão chorar suavissimamente, sem querer cuidar no que tinha sentido, mas logo se me olvidou todo o visível, e já sentia algumas forças que pude ir a matinas, e antes delas na oração do convento. E a passei toda falando o Senhor com minha alma, não por fala que ouvissem os ouvidos do corpo, mas foi tudo uma suspensão de todos os sentidos (...)[778]

---

[773] Patricia Dailey – op. cit., 2012, p. 266.
[774] A propósito desta influência de Santa Teresa sobre Sóror Clara do Santíssimo Sacramento e Sóror Mariana do Evangelista, ver Isabel Morujão – op. cit., 2023.
[775] Teresa de Jesús – *Libro de la Vida*, cap. XXVIII, 123.
[776] Fl. 1v.
[777] Henri de Lubac – *Medieval Exegesis*: *The Four Senses of Scripture*, vol. 2. Edinburgh/Scotland: William Eerdmans and T. and T. Clark, 2000, p. 139.
[778] Fl. 245.

Neste seguimento, Joana Serrado no seu estudo sobre Joana de Jesus, declara precisamente que "The senses become the medium of human, but also divine, knowledge. They demand an extra spiritual sense"[779]. A autobiografia espiritual de Maria Micaela evidencia, e insiste, que não é o corpo físico que entra em diálogo com Deus, mas a alma. Nela reside toda a potência de comunicabilidade com o divino, sendo os sentidos interiores, nela localizados, os responsáveis por captar e apreender a presença divina:

> Neste estado me acho agora vai por quinze dias, ou mais, com um trato tão entranhável com Deus e coisas divinas que passam dentro da alma, e outras que sinto como exteriores, sem serem vistas com os olhos do corpo, mas tão claras para o sentir da alma que parece, pela sustância e suavidade que sente, são públicas.[780]

Ou ainda:

> Eu não o vejo com os olhos do corpo, nem ouço com os ouvidos, mas são umas coisas tão claras e certíssimas que não se sente coisa, digo, que não se sente dúvida nenhuma, senão uma certeza e segurança que Deus é o que fala com a alma, que a faz perder-se toda e só achar-se em Deus.[781]

O centro da experiência mística acontece no âmbito da interioridade. "E toda eu satisfeita miro que nada faço, e vejo que o Senhor me assiste (não o vejo com os olhos do corpo, como já tenho dito muitas vezes), mas está comigo como se fora publicamente"[782], diz a religiosa de Odivelas. E de novo: "Via, sem ser com os olhos do corpo, que o Senhor estava com os seus divinos braços abertos para receber a alma"[783].

Aliás, logo desde o início da sua correspondência esta é uma preocupação da religiosa: "O que Vossa Reverendíssima me pregunta, como vi o Senhor de longe, eu lho digo, se souber, que bem desejo saber-me explicar. Eu não o vi com os olhos nem por visões imaginárias, era uma ausência que a alma sentia"[784].É muito curiosa e significativa esta explicação através do recurso à metáfora "ausência", que de imediato subtrai a sua perceção do divino à esfera do físico.

---

[779] Joana Serrado – op. cit., 2014, p. 58.
[780] Fl. 187
[781] Fl. 250v.
[782] Fl. 198.
[783] Fl. 247.
[784] Fl. 2v.

A despeito de serem os sentidos interiores os recetores do divino, os sentidos exteriores contribuem amiúde para a sua manifestação, havendo uma certa permeabilidade entre ambas as dimensões. Maria Micaela revela: "Está a alma bem segura gozando de um íntimo abraço que, às vezes, de repente, surpreende os sentidos, e espiritualiza e diviniza os sentidos para conhecer a bondade infinita"[785]. Já em Hadewijch de Brabante, na sua Visão 7, se encontra esta componente interativa entre o *eu* interior e o *eu* exterior, na medida em que aí se defende que este último deve encontrar-se de acordo com o primeiro, e ambos de acordo com a medida do divino. Na autobiografia espiritual de Maria Micaela acontece o mesmo: "E eu não estou para mais nada, só para me empregar com todos os sentidos interiores e exteriores no divino Esposo, que é tal a força que sinto que me leva toda a alma"[786]. Apesar de os sentidos interiores serem os verdadeiros responsáveis pela comunicação mística com Deus, os sentidos exteriores têm de ser colocados e orientados, analogamente, ao serviço de Deus. A este respeito, vale a pena determo-nos no papel da visão exterior[787] em Maria Micaela de S. Bernardo: "Senti um fogo de amor tão abrasado que só de olhar com os olhos do corpo para meu Senhor crucificado, que temos adiante do coro, logo o sentia unido comigo corporalmente"[788]. David Freedberg, em *The Power of Images*, evidencia a estreita, se não simbiótica, relação entre o ser humano e o universo pictórico. Analogamente, na produção literária de Maria Micaela torna-se bem patente que a observação, por via dos sentidos exteriores, de um objeto material (no trecho supracitado, a imagem de Cristo crucificado ou um crucifixo) despoleta os episódios de encontro místico com Deus que o sujeito enunciativo experimenta. De facto, a

[785] Fl. 36.
[786] Fl. 184v.
[787] Para o papel da visão/visualização no fenómeno místico ver o capítulo "Mysticism and Visuality" de Jeffrey F. Hamburger presente em *The Cambridge Companion to Christian Mysticism.* O autor defende que a mística, pelo menos a mística compreendida enquanto "*cognitio Dei experimentalis*", não pode ser equacionada sem o recurso ao visual e visível. E também Barbara Newman – "What did it mean to say "I saw"? The clash between theory and practice in Medieval Visionary Culture" in *Speculum*, vol. 89, n. 1, 2005, pp. 1 – 43.
[788] Fs. 44. – 44v.

imagem[789] potencia e desencadeia o êxtase[790], possuindo assim, este processo místico e o texto que o sucede, uma espécie de componente ecfrástica[791].

Há que esclarecer, pois, o que aduziu Isabel Morujão a propósito da presença da iconografia na poesia de Violante do Céu. A autora chama a atenção para o âmbito instrumental dessa arte religiosa que a perspetivou enquanto estratégia de legitimação da fé católica, convertendo-a num assíduo emblema em ambiente monástico:

> A pintura, particularmente, bem como a escultura e as gravuras devotas que circulavam impressas em larga escala, deram consistência e espessura a este discurso programático, de intenções formativas e pedagógicas, que procurava moldar comportamentos e práticas que pudessem ser testemunho de uma Igreja santa e reformada.[792]

A despeito deste ângulo legitimador da arte, a realidade é que a iconografia – de natureza vária – abundante nos mosteiros, sobretudo, evidentemente, nos mais abastados (como o era o de Odivelas), contribuiu de facto para os arroubos e as suspensões a que as religiosas eram acometidas. Por conseguinte, a dimensão estética e simbólica desta arte de natureza devota estimulou e consubstanciou efetivamente o fenómeno místico em si mesmo, configurando-se como um elemento relevante para a sua ponderação. Sóror Isabel do Menino Jesus, *exempli gratia*, é uma religiosa em cuja produção escrita se encontra bem patente a relação dos seus êxtases místicos com a presença de esculturas que precisamente os motivam ou provocam: "Primeiramente, tenha-se em muita veneração o Senhor da Paciência, que temos no dormitório, que me deu o Senhor a entender, estando em oração, que se tem salvado muitas Religiosas, por

---

[789] Com efeito, "Images served as means, not simply of making ideas accessible but also of endowing them with authority, authenticity, and immediacy. Very often such images frame themselves explicitly in terms of vision" como afirma Jeffrey F. Hamburger – "Mysticism and Visuality" in op. cit., 2012, p. 280. O mesmo autor chama ainda a atenção para o facto de a espiritualidade cristã, em contraponto com a judaica, não se servir apenas de símbolos ou de sinais, mas de, ao centralizar o papel da Encarnação na sua doutrina, enfatizar elementos como a visão, a visualização e a imagem. Neste seguimento, aduz que o cristianismo é fundado no desejo de tornar visível o Verbo e, portanto, tendente a processos de incorporação que não podem ser descartados.

[790] Cfr. Jeffrey F. Hamburger – *The Visual and the Visionary: Art and Female Spirituality in Late Medieval Germany.* New York: Zone Books, 1998.

[791] Sobre a relação da poesia monástica feminina com a contemplação de imagens, veja-se Isabel Morujão – «Poesia e Santidade: alguns contributos para uma percepção do conceito de santidade, a partir de duas biografias devotas de religiosas do séc. XVIII português». In *Via Spiritus*: *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Vol. 3, pp. 259-260 e Isabel Morujão – Por trás da Grade. Lisboa: INCM, 2013.

[792] Isabel Morujão – art. cit., 2022, p. 123.

chegarem a seus Divinos pés, pedindo misericórdia de suas culpas; dizendo mais, que se a dita Imagem, andando anos, o temporal a gastar, pondo-se deforme, e incapaz de ser venerada, se faça outra na mesma forma, para que sempre se conserve a devoção"[793].

"The space of the liturgy was filled with sacred objects and images that provided visual anchors to enhance their affective longing for the Beloved"[794]. O trecho que se segue é deveras esclarecedor a este respeito: "E, quando me levantei para me pôr de joelhos, senti que o Senhor me estendia os seus divinos braços, dizendo-me: "filha, eu estou contigo". Este Senhor é o que ali estava na cruz, mas era como quem os abria mais"[795]. O *eu* contempla o crucifixo do altar e acaba por vê-lo mover, abrindo os seus braços em sua direção e conversando consigo. É notório o papel das figuras esculturais ou picturais na motivação de visões e de arroubamentos arquetípicos no decorrer do processo místico. Aliás, essas imagens assumiam grande importância na vida espiritual dos mosteiros, por estimularem a vida contemplativa e as meditações: "E isto entendi porque eu farei queixas de mim por me parecer que esqueci muito de buscar as santas imagens. Mas o Senhor me assegurou que ele fora o que me levara para o coro, sem ir a outra parte"[796]. É necessário, pois, como exercício espiritual, "buscar as santas imagens" e votar-lhes atenção, isto é, integrá-las na contemplação.

Também a adoração do sacrário e da hóstia (o "amor sacramentado"), provavelmente durante a exposição do Santíssimo[797], impele Maria Micaela à experiência mística com Deus:

> E eu, duvidosa no que gozava na vida que fazia, porque me achava como esquecida e sem liberdade, nem desejo de buscar, nem ir onde estão algumas imagens dos santos e do meu

[793] Esta imagem do Senhor da Paciência era de facto adorada no dormitório do Convento de Santa Clara de Portalegre, encontrando-se agora no Museu Municipal de Portugal. Cfr. José Félix Duque – op. cit., 2016, p. 749. A par dela, aí se encontram ainda duas outras imagens veneradas por Isabel do Menino Jesus: uma imagem de Nossa Senhora e outra do Menino Jesus-falador.

[794] Fraeters Veerle – "Visio/Vision" in Amy Hollywood – Patricia Z. Beckman (ed.) – op. cit, 2012, p. 185.

[795] Fl. 211.

[796] Fl. 96.

[797] A exposição do Santíssimo ou lausperene constitui uma forma de adoração e de contemplação eucarística que consiste na exposição contínua da hóstia. Esta circulará nas várias igrejas de uma mesma cidade por um largo período. Esta tradição teve origem em Roma, e foi introduzida, em Portugal, por D. Luís de Sousa, arcebispo de Lisboa, em 1681. Para iniciar o lausperene, Francisco Loios pregou, no Mosteiro de Alcobaça, o *Serman panegyrico do lausperennis* (1673). Ver as páginas 395 e 396 do *Dicionário da História Religiosa de Portugal*, vol. P-V.

> Senhor, senão só ao amor sacramentado, pondo-me com os olhos do corpo e com toda a mente empregada no sacrário da capela-mor.[798]

Um outro exemplo da potência anagógica presente na observação de certas imagens é mencionado logo no início do texto da religiosa de Odivelas:

> Sempre quando me deito à noite ofereço o meu coração ao Menino Jesu[s] que tenho à cabeceira da cama, e lhe peço o seu, para que a alma descanse. Já estava esquecida da troca quando senti a alma e toda eu em uma suavidade tão grande que conheci como era ingrata, e o meu doce amor me espertou.[799]

Este pequeno ícone do Menino Jesus vai sendo referido por Maria Micaela, enfatizando a sua presença no decurso da experiência mística:

> Sábado, o primeiro da Quaresma, estando na cama me descuidei a cuidar em coisas desta vida, sem serem mais quando de respeito senti dentro da alma correr o meu menino. Que não sei se disse já a Vossa Reverendíssima que tenho um menino des[de] que vim para este mosteiro, em um bercinho dormindo, ao pé da minha cama, e para ele tenho aí nela canteiros com flores para lhe pôr na sua caminha.

A religiosa explicita, no seu texto, várias outras imagens, concernentes à Paixão de Cristo, ao Menino Jesus e também à figura de Nossa Senhora ou de Maria Madalena, o que se revela interessante, na medida em que temos hoje ainda acesso a algum desse material pictórico do Mosteiro de Odivelas e que contempla, justamente, estes motivos. Vejam-se os seguintes exemplos[800]:

[798] Fl. 96.
[799] Fs. 2. – 2v.
[800] À exceção das figuras 13 e 15, que são fotografias da minha autoria, as fotografias das pinturas que se apresentam foram-me facultadadas por João Fresco, e são da autoria de Nuno Luís, 2018, Gabinete de Apoio à Presidência. Câmara Municipal de Odivelas.

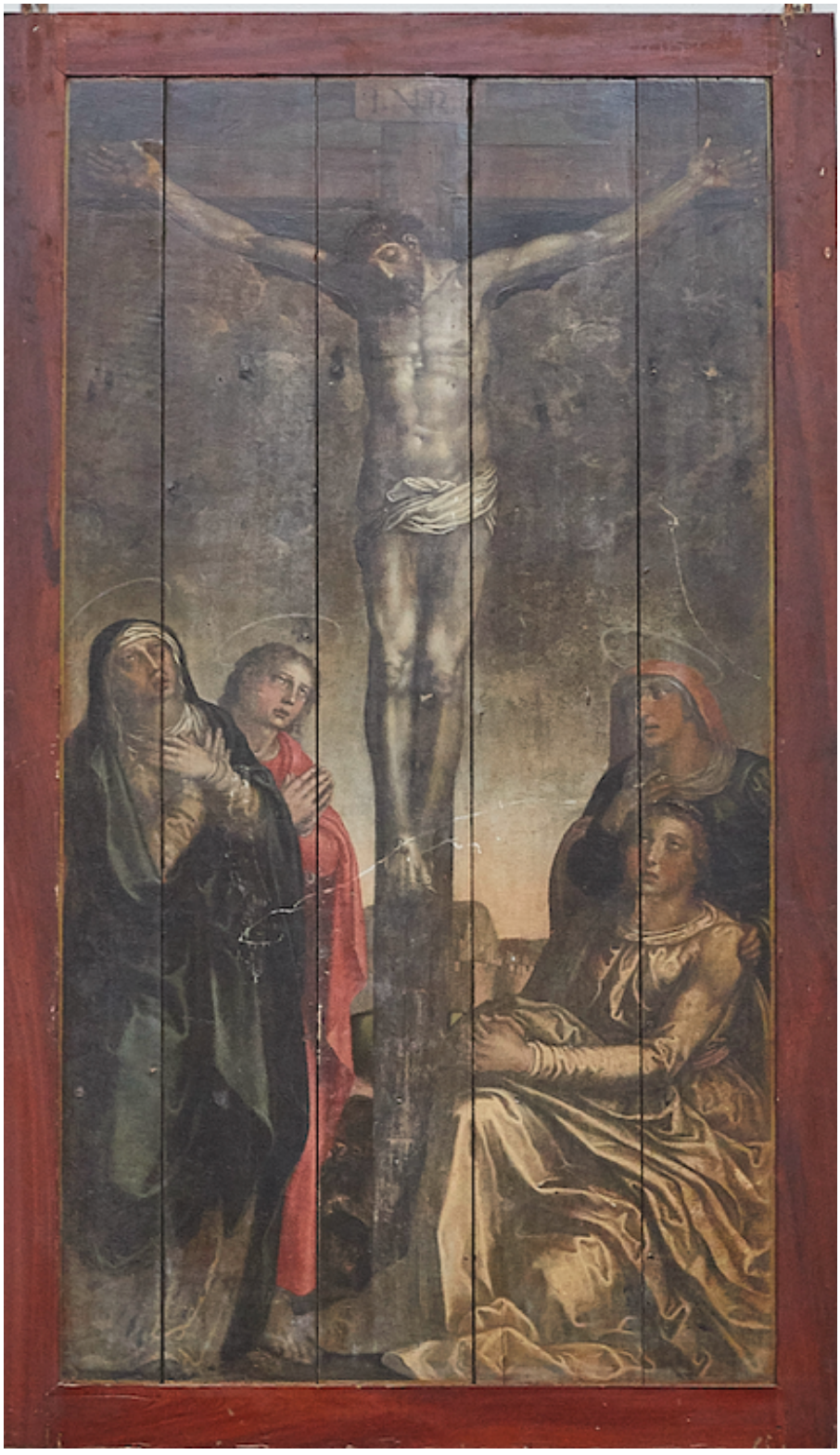


Figura 9 Pintura I



Figura 10 Pintura II



Figura 11 Pintura III



Figura 12 Pintura IV



Figura 13 Pintura V

Vítor Serrão, a propósito dos seis *tondi* ainda existentes no mosteiro, que seriam de um antigo altar de Nossa Senhora do Rosário, identificou o seu autor: Simão Rodrigues (1565-1629) (com colaboração de Domingos Vieira Serrão), datando-os do início do século XVII[801].



Figura 14 Tondi

Um dos *tondi* retrata precisamente Maria Madalena aos pés de Jesus e Nossa Senhora:

[801] Dados recolhidos da publicação de Facebook do grupo Micro-História da Arte, gerido por Vítor Serrão: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6647284828673662&set=gm.2416268615200387&idorvanity=1865537610273493. Acesso em: 08/11/2023.



Figura 15 Tondi (detalhe)

De facto, em vários momentos a religiosa se refere a santos e suas vidas:

> Eu como não pude estar no coro à missa do dia, pus-me detrás do coro. Minha alma contentíssima não quer senão o que o Senhor quer. Sempre lhe vai bem, inda que muito padeça. Quando era ao Evangelho das duas irmãs, que Marta se queixou em dizer ao Senhor que Maria buscara a melhor parte, o que eu senti na alma não o sei dizer, mas pareceu-me que minha alma se achava naquela hora com Santa Maria Madalena aos pés do Senhor, qual se havia de chegar mais ao Senhor[802].

Refere ainda a freira cisterciense:

> Hoje tem minha alma na oração da noite, estando brincando com o Menino Jesus que, indo para o coro, olhei para uma imagem de Nossa Senhora. Deu-me tão grandes desejos e ânsias abrasadíssimas em fogo de amor de juntar à Senhora o Menino, não aquele, senão o que se fez menino por nós, mas passou-me a ânsia. Depois, achei-o dentro da alma.[803]

Ou ainda: "Os amorosos afetos que sinto dentro na alma com as imagens que estão pelos altares.... Tenho uma Senhora do Carmo, que é minha madrinha, indo-a visitar me faz esta imagem grandes favores"[804]. Torna-se, pois, evidente, a

[802] Fl. 4v.
[803] Fl. 21.
[804] Fl. 72v.

permeabilidade entre o mundo das imagens sacras que rodeia o *eu* enunciativo – e que este apreende por via da visão – e os seus impulsos místicos. O contributo do pictórico é, por vezes, contraditório, pois, enquanto estímulo de sentidos exteriores, a religiosa deseja afastá-lo, embora ele seja essencial à comunicação interior que com ele estabelece:

> O Senhor do tesouro me fez e faz tantos favores que muitas vezes fecho os olhos do corpo por temor, não do Amado, que é Pai de misericórdia, senão por não me fiar de mim. Muito chegada à imagem do Senhor não o posso olhar, mas de longe não me posso apartar dele porque ele é o que me diz que cuide eu nele, que ele cuidará de mim. Sinto efeitos inda exteriores, como eu já disse a Vossa Reverendíssima que tenho com minha Senhora que tenho no leito e basta para aqui pôr coisa precisa[805];
>
> E digo mais a oração que fazia a Nossa Senhora, altíssimo Senhor, e tomo a sua divina bênção e a minha Mãe e Senhora diante da sua imagem. Confesso minha culpa e lhe tomo a bênção e caminho para o coro, muitas vezes já toda abrasada em amor de meu Deus.[806]

Neste seguimento, Maria Micaela menciona também São João Evangelista. Esta figura bíblica possui para a religiosa de Odivelas assaz relevância já que esta o considera, a par de Maria Madalena, o discípulo mais amado de Jesus, seguindo, de resto, a tradição da Igreja. De notar que o mosteiro possuía uma capela de São João Evangelista, segundo informação de Borges de Figueiredo:

> Em frente de cada um destes altares e capelas, da banda oposta do coro, estão os altares de Santo António, e do Calvário, a capela do Senhor dos Passos, o altar de Nossa Senhora do Rosário, e as capelas de São João Evangelista e de Nossa Senhora da Conceição (...) Paredes meias com a capela fundada por D. Guiomar de Noronha, está uma invocação de São João Evangelista que, logo ao primeiro olhar, se nos apresenta como a mais rica de todas.[807]

---

[805] Fl. 73.
[806] Fs. 160v. – 161.
[807] Borges de Figueiredo – op. cit., 1888, pp. 161-162. Importa salientar que no decorrer do capítulo, Borges de Figueiredo faz uma descrição detalhada desta capela. Refere que tinham existido baixos-relevos que representavam diversas cenas da vida de Jesus, revelando que acabaram por ser vendidos pela abadessa Maria Carlota Anchieta a um negociante de antiguidades.

O apóstolo estava também representado no teto do dormitório velho[808], num painel em que aparecia escrevendo[809]. Relata a religiosa de Odivelas:

> Assim que entrei no coro, senti uma abundância e fartura do céu e da terra, e a alma tão livre e desembaraçada para com Deus, mas não satisfeita que se sentia, digo, porque se sentia arder em amor e não podia satisfazer o que sentia. Porque, uns ratos, se sentia como que tocava ao Senhor, outros, se lhe acendia tão grande amor que se punha a chorar, sem poder enxugar os olhos, dizendo mil vezes: "Oh, ditoso Evangelista e Madalena, que tocastes ao Senhor. Oh, se eu fora desse tempo!". Assim, levei toda a manhã.[810] ;

> Hoje me deixei levar de grandes queixas, muito suaves e amorosas, por não ter fim este desterro. Porque o gozo da alma é completo, por mais que goze e ame e receba, sempre torna a ficar na escuridade deste pó e cinza que é o corpo. Assim, só me satisfaria do que gozou São João Evangelista, Santa Maria Madalena, e todos os mais desse tempo, mas estes dois.[811]

Também a observação do mundo natural conduz o *eu* a um estado unitivo com Deus:

> Mas que me sinto voar, digo, minha alma a seu criador, porque (sic) olhar para as estrelas, para o sol, para qualquer ervinha ou bichinho, tudo me faz chamas de amor e me desata destas cadeias, destes estorvos e embaraços deste miserável mundo porque só minha alma suspira por seu fazedor.[812]

Verifica-se, pois, uma espécie de ponte "between the inner and outer bodies; it renders them coherent, in touch with one another by means of an awareness of divinity, and in this way, anticipates the unity of inner and outer bodies in and through divinity[813]. Declara Maria Micaela:

> Muito chegada à imagem do Senhor não o posso olhar, mas de longe não me posso apartar dele porque ele é o que me diz que cuide eu nele, que ele cuidará de mim. Sinto efeitos inda

---

[808] Segundo Borges de Figueiredo, este dormitório era bastante mais humilde e mais despojado do que o dormitório de Corte Real, que era mais vistoso e confortável. Se nos guiarmos pela espiritualidade patente no seu texto, é possível que a cela de Maria Micaela estivesse localizada, de facto, no dormitório velho, na medida em que este se encontrava mais de acordo com os pressupostos da ordem, e que eram também os seus. Se assim for, a figura de São João Evangelista estaria de facto bastante presente no quotidiano de Maria Micaela.
[809] Idem, ibidem, p. 63.
[810] Fs. 201 – 201v.
[811] Fl. 71.
[812] Fl. 133v.
[813] Patricia Dailey – op. cit., 2012, p. 268.

> exteriores, como eu já disse a Vossa Reverendíssima que tenho com minha Senhora que tenho no leito e basta para aqui pôr coisa precisa.[814]

A despeito da consideração dos sentidos interiores como hegemónicos no contexto místico, a realidade é que as fronteiras entre as perceções exteriores e interiores nem sempre são de simples distinção. Relata a religiosa de Odivelas o seguinte:

> Com lágrimas suavíssimas, me queixava de mim mesma e tinha dentro na alma retratado tudo [o] que tinha passado com o amor. Toda metida em suave admiração, dizia: "Senhor, não vos vi com os olhos do corpo. Não vos vi nem toquei visivelmente, e tendes-me tratado como se estiveras em carne, e andareis lá no mundo às vistas dos olhos do corpo".[815]

Deus manifesta-se-lhe por vezes tão intensamente que a sua presença, de tão vívida, acarreta a dúvida de se localizar de facto no interior da alma:

> Também sinto outra coisa, que será de dúvida, que é estando no coro, assistindo à missa do dia, ou na oração, sinto, sem ser exteriormente, que via com os olhos do corpo que estou toda com o rosto, e toda eu unida com o Senhor, mas inda não me declaro bem como sinto a meu Deus.[816]

Com efeito, a violência da sua manifestação, ou, pelo menos, a violência com que o *eu* enunciativo a perceciona, torna árduo o processo de discernimento: "Mas, com a violência da força do amor, me faltavam as forças e, querendo-me encostar para poder rezar, nisto senti que o Senhor me dizia: "encosta-te para mim". Não ouvi com os ouvidos do corpo, nem sei como foi"[817]; "E eu sentia-me interiormente no trato com meu Senhor e Pai de minha alma, tão claro, e penetrante, e entranhável e suave, que parecia tão vivo como uma pessoa com outra, sem ver com os olhos do corpo, mas com os da alma, que era claríssimo"[818]; "Goza daquela companhia como se os vira com os olhos do corpo"[819]. Parece verificar-se "a movement from mystical language of the spiritual senses to mystical language of embodied sensation"[820], a que não será alheio o

---

[814] Fl. 90v.
[815] Fl. 90v.
[816] Fl. 197v.
[817] Fl. 200.
[818] Fl. 195.
[819] Fl. 98.
[820] Bernard McGinn – op. cit., 2001, p. 161.

contributo de Bernardo de Claraval[821], bem como de místicas posteriores como Hadewijch de Brabante.

A intensidade divina é não raras vezes de tal ordem que o *eu* narrativo vê-se impelido a encontrar-se numa espécie de lugar fronteiriço entre a vida terrena e a vida celeste ("E minha alma, sem o ver, sente-se incorporada com o amor divino, de sorte que lhe parece que pouco lhe falta para o ver com os olhos do corpo"[822]). Imbuído de um conhecimento de Deus profundamente afetivo e amoroso, o *eu* expressar-se-á nos termos de uma linguagem de intencionalidade afetiva, se quisermos recuperar a terminologia utilizada por Bernard McGinn: "À noite, estando na oração, no princípio dela senti meu Amado e, abraçando-o, eu com a minha cabeça o tocava. Não vi com os olhos do corpo, mas era um sentir corporalmente"[823]. Nesta perspetiva, "to see, taste, and hear inwardly become synonymous, generally speaking, with a form of spiritual understanding that does not assume absolute knowledge of the divine but does know something of the divine."[824]

Outrossim, considerando que Cristo é *verbum increatum*, *inspiratum*, *incarnatum*, Niklaus Largier coloca a questão sobre os sentidos internos nos seguintes termos:

> The inner ear perceives the Verbum increatum in the form of his voice and of most sublime harmonies; the inner eye perceives the light and beauty; the inner nose perceives the Verbum inspiratum in form of a sublime perfume; finally taste and touch perceive the sweetness and pleasantness of the Verbum creatum"[825]

---

[821] Notar: "Though Bernard adhered in principle to the traditional distinction between inner and outer sensation, his emphasis on the importance of the book of experience, the emotive power of his rhetoric, and even the core of his Christology, all served to undermine the separation that Origen, Gregory of Nyssa, Augustine, and others had created between inner and outer sensation. These authors taught that one must turn away from the outer person and external sensation in order to cultivate the inner self and the dormant spiritual senses. Bernard, on the other hand, daringly affirmed that the way back to God from the depths of our fallen "land of unlikeness" (regio dissimilitudinis) has to begin with what he called amor carnalis Christi ("carnal love of Christ"). As he put in the fifty-sixth of the Ser- mons on the Song of Songs: "It is our sins, not our bodies, that stand in the way [of experiencing God]." Bernard McGinn – op. cit., 2001, p. 163.

[822] Fl. 36.

[823] Fl. 44v.

[824] Patricia Dailey – op. cit., 2012, p. 269.

[825] Niklaus Largier – op. cit., 2003, p. 13.

Acrescentará ainda que não se trata o corpo interior de uma mera construção alegórica, podendo ser induzido ou produzir um efeito incorporado através da linguagem, já que "the experiences which seem to be transmitted directly through the senses thus seem to be mediated by writing as they do the understanding necessary for accessing the meaning of the written form"[826].

A relação entre os sentidos interiores e os sentidos exteriores na autobiografia espiritual de Maria Micaela é, por conseguinte, ambivalente e não linear. Com efeito, a abstração dos sentidos interiores dialoga não raro com os sentidos exteriores, tornando-se estes os responsáveis pelo processo de corporalização que a escrita, juntamente com a presença do corpo físico do *eu* enunciativo, levará a cabo no decorrer da experiência de Deus: "Banhados meus olhos todos em lágrimas, sem lhe dizer nada senão entregando-me toda a Deus e, sem ouvir com os ouvidos do corpo, entendia claramente que o Senhor me dizia: "filha, aqui tens os meus braços".[827] Disto decorre a componente paradoxal da experiência mística, em que, enfatizando-se o papel dos sentidos interiores na apreensão do divino, se acaba a experimentá-lo também no plano dos sentidos exteriores: "Não sei explicar-me de outra sorte, mas é neste sentido que, vendo que sou a mesma miséria, sinto dentro da alma como se veria com os olhos do corpo que está a alma, ou o lugar donde ela está, como assistida de anjos."[828]. E ainda:

> E como já disse que o Senhor me pedira os braços da alma, neste favor sinto-me como toda rodeada de uma formosura angélica, que não sei dizer de outra sorte como quem está cara a cara, sem ser visto com os olhos do corpo, que enche a alma de gozo e admiração. Aqui se lhes descobre à minha alma, que é isto como quem diz: "por mim deixas a tudo criado. Não admites consolação exterior, nem advertimentos. Saras os olhos do corpo para as coisas do mundo. Vê com os olhos da alma e goza de toda a minha alma, digo, glória".[829]
>
> No fim das matinas, [a]o tomar da Ave Maria da prima, fiz interiormente um ato breve a Nossa Senhora, dizendo-lhe com profundíssima humildade que me entregava toda nas suas divinas mãos, e [a]os seus divinos pés me prostrei. De repente, senti que a Senhora me amava nas suas divinas mãos. Com muito agrado me recebia (como foi isto não sei), que eu não a vi com os olhos

[826] Patricia Dailey – op. cit., 2012, p. 274.
[827] Fl. 266v.
[828] Fl. 173.
[829] Fl. 129v.

> do corpo, mas fiquei com os sentidos elevados, e não queria admitir certificar-me que assim fora, senão pondo-me no meu nada.[830]

Assim, o acesso ao divino é afetivamente incorporado através dos sentidos (interiores e exteriores), que participam na emoção, na exploração e na experiência de Deus e, necessitando de ser cultivados[831], são expressos através de palavras[832]:

> Direi um atrevimento, perdoe-me Vossa Reverendíssima, mas sinto-me como se diz nos Cantares: "amiga ascende mais alto em virtude". Desta voz fica a Esposa toda transformada, e vê sem ver com os olhos do corpo a divindade claramente, onde acha todo o descanso, o prémio de passo de todos os seus trabalhos.[833]

De facto, importa considerar que

> mystics' accounts of inner "experience" of God (in itself an abstraction) become concrete and communicable by being fixed within modes of symbolic discourse that are presented as forms of affective intentionality. In other words, insofar as mystical self-consciousness seeks to constitute itself as communicable, if always imperfectly, to others, it often does so by utilizing language that tries to fuse feeling and knowing.[834]

Assim, neste universo místico, à dialética sentidos interiores – sentidos exteriores corresponderá, na verdade, mais do que uma inconciliável cisão ou oposição, uma confluência nublosa, em que a síntese marca a profunda perceção de Deus.

1.2.2. Partes e posições do corpo

A terceira categoria que consubstancia o fenómeno místico é a corporal. Maria Micaela perceciona várias vezes o seu corpo como "cárcere" ou "prisão da alma e, ainda, como corpo doente. Com efeito, a dialética do corpo e da alma encontra-se assaz presente na autobiografia espiritual de Maria Micaela. No âmbito deste jaez místico, a natureza ambivalente da relação entre o corpo exterior e o corpo interior conduz a que

---

[830] Fl. 65v.
[831] O cultivo dos sentidos interiores está intimamente ligado à exegese e à leitura dos textos sagrados, que necessitam de ser ruminados. Maria Micaela exara: "Não faltar a nada, mas só a oração é recolhida com Deus, porque o estar sentindo como publicamente, não dos olhos do corpo, mas da alma" (Fl. 214v).
[832] "If we read both natures in Christ's body, the desired materiality of the body of the mystic who reads herself in Christ's likeness becomes complicated by the text or Word it imitates" in Patricia Dailey – op. cit., 2012, p. 274.
[833] Fl. 60.
[834] Bernard McGinn – op. cit., 2001, pp. 156-171.

o primeiro, apesar de reiteradamente abnegado, termine participando na esfera espiritual, de que a religiosa descreve sinais concretos. Existem na correspondência de Maria Micaela certas passagens em que o corpo é descrito como abandonado e alheio à experiência mística, na qual não participa e que é sentida, sobretudo, na interioridade da alma. O corpo permanece imóvel, e só a alma ganha asas:

> Parece-me que a alma tem asas pela ligeireza com que se une com Deus. E deste tempo que ali gasto, me parece instantes. Não se podem levantar os olhos do corpo a nada criado porque ando absorta e transformada em meu Deus, que me não dá lugar para nada, porque tudo que se mira e se cuida não é mais que Deus, porque este amante divino não sofre misturas de coisas criadas[835];

> Logo me esqueciam as dores e o passado, mas como sou a mesma miséria me pus a duvidar do que sentia por haver pouco instante [em] que estava metida no meu nada, que ao mesmo tempo senti dentro na alma como voz que me chamava, que me causou grande desnudez e, toda abrasada em amor de meu Deus, que me fui e não sei aonde, nem saiu o corpo donde estava. E não via a meu Amado, mas no chamar tão amoroso me parecia ser o Senhor que levava minha alma, e com força do amor desejei gritar e chamar por meus amores, mas não o fiz que se ouvisse.[836]

No entanto, noutros momentos, o corpo participa ou viabiliza a atitude mística. A retórica da incorporação será, alias, uma estratégia discursiva eminentemente feminina[837], e cujas repercussões se evidenciam no cerzir de uma textualidade profundamente afetiva e com recurso a uma terminologia do âmbito do corpóreo altamente simbólica e, amiúde, metonímica. Michel de Certeau entende que então "supposing that the body, far from being ruled by discourse, is itself a symbolic language and that it is the body that is responsible for a truth"[838]. A própria Maria Micaela falará do corpo enquanto casa de Deus: "O Senhor não me deixa porque com os seus regalos

[835] Fs. 188 – 188v.
[836] Fs. 217 – 217v.
[837] Consultar Christina Victoria Cedillo – *Commonplace divinity: Feminine Topoi in the Rethoric of Medieval Women Mystics*. Texas: Office of Graduate Studies of Texas A&M University, 2011. Dissertação de Mestrado.
[838] Michel de Certeau – op. cit., 1992, p. 8.

e carícias me faz o cuidar de casa de meu Pai, que é este miserável corpo"[839]. Neste seguimento, Patricia Dailey, a propósito do corpo místico, refere o seguinte:

> [T]he body, invoked in this context, is not simply one biological entity, not a simple organic oneness (…) but a manifestation of inner and outer persons as conceived of by Paul, Origen, and Augustine, among others. By understanding the mystic's body as partaking in two bodies related to two persons—one inner and one outer—it becomes possible to relate the body to more than just a biological component. The inner person and inner body are understood as potential manifestations of Christ, the Word made flesh, and thus the inner person is linked to the Word, and eventually to textuality.[840]

Por conseguinte, importa considerar a componente performativa do corpo, averiguando de que forma ele se comporta no decorrer da experiência mística, bem como interpretando as significações que esses posicionamentos acarretam. De facto,

> Christian mystical theology and practice exemplify the ultimate attempt to solicit the indwelling of the divine; it performs (willingly or unwillingly, passively or actively, affectively or intellectually) closeness or unity with the divine, and it does so by calibrating the outer according to the inner, the physical body to the spiritual or figural body, through a form of imitation (*imitatio*). In this instance, understanding the outer body (what we, as contemporary readers think of as the body) requires that we read and comprehend it in quite a counterintuitive way, that is, as a sign of the inner body.[841]

No texto de Maria Micaela o corpo possui, de facto, relevância no processo místico, pelo qual a alma se eleva associando nesse processo o próprio corpo:

> Mas ela se vai toda a seu Deus com encendidos amores de o purificar mais, e mais todos os seus sentidos, assim da alma como do corpo, que verdadeiramente se não fora esta divina fonte de amor divino onde a alma se desafoga, desmaiara vendo-se entre tantos perigos como se encontram no caminho do céu.[842]

A propósito da oração, refere a autora: "A postura de estar é estar a alma e corpo com grande humildade. As mãos levantadas, assim da alma como do corpo"[843]. Por

---

[839] Fl. 78.
[840] Patricia Dailey – *Promised Bodies: Time, Language and Corporeality in Medieval Women's Mystical Texts.* New York: Columbia University Press, 2013, pp. 30-31.
[841] Patricia Dailey – op. cit., 2013, p. 266.
[842] Fl. 192.
[843] Fl. 229.

conseguinte, o corpo passa a participar da semântica da humildade. E ainda: "Depois de me ver livre desta batalha, me chamou meu Senhor à soledade que é uma força que sinto na alma que arrasta o corpo"[844]. O que ocorre no plano do espírito vem a influenciar a corporeidade, que (re)age em concordância. "E ver que o Senhor nos quer anjos em carne"[845], escreve a autora, sendo evidente que, a despeito da abnegação do corpo, tal esfera permanece sendo implicada no âmbito espiritual. "E não sinto parte neste inútil corpo que não esteja sempre metendo-se toda por Deus"[846], refere Maria Micaela. O mesmo é revelado através da seguinte passagem: "Neste dia, acabadas as vésperas, me deixei ficar dentro do corpo, onde gozei dos mais apertados e íntimos abraços de um amor divino"[847]. Permanece-se "dentro do corpo", e nele se gozam os amorosos e doces efeitos da presença divina ("Mas nestas suavidades que sinto em mim, que são também no corpo, me humilho muito, muito, e sinto e digo 'tudo é vosso'"[848]), denotando a porosidade entre espírito e matéria. Aliás, alma e corpo aparecem ambos implicados de tal forma, que a expressão "assim da alma como do corpo", reportando-se às potências, aos sentidos ou às lágrimas, ocorre oito vezes neste texto.

Outrossim, o corpo é, na autobiografia em apreço, associado desde logo à obediência: "Não tem o corpo por si mais que a santa obediência, que se isso não fora santamente o fizera uma chaga viva"[849]. Esta associação faz com que seja possível encontrar na carne uma espécie de redenção possível, caso contrário o seu único remédio seria, de facto, a permanente autoinflição de penitências de vária ordem. Com efeito, o corpo físico irá revelar, ou fará pelo menos antever, o que se passa ao nível dos sentidos interiores, concomitantemente agindo em concordância com estes e tornando-se, assim, um *corpus mysticum*. No trecho seguinte, a alma aparece configurada como se fosse um corpo, sendo-lhe atribuída uma boca:

[844] Fl. 16.
[845] Fl. 151.
[846] Fl. 14.
[847] Fl. 67.
[848] Fl. 80v.
[849] Fl. 128.

> Reparo que a alma não tem senão boca depois que o meu doce amor me disse que quando estivesse distraída que me escondesse ali, que era nas suas divinas chagas, e eu lhe pus a boca da alma e ficou ela senhora daquela morada. Já eu disse a Vossa Reverendíssima isto, mas desde então trata a alma com o Senhor. Só com a boca é que o toca. Eu sinto uma suavidade na boca, beiços e rosto que não parece ser de carne e sangue. Depois que o Senhor me teve nas suas divinas bodas, fiquei com os sentidos mortos para as coisas terrenas.[850]

A boca é subtraída ao mundo físico e reequacionada no âmbito imaterial da alma, a qual no decorrer da experiência mística com o divino se serve daquela para provar – e nelas repousar – as chagas de Cristo. A linguagem do foro corporal passa a integrar o plano da transcendência e a moldar o discurso no sentido de uma materialidade profundamente afetiva e altamente simbólica. "Na boca é um maná que é mais que suavidades"[851], revela a religiosa de Odivelas. O âmbito transcendental é descrito em termos imanentes, apresentando características que ao mundo sensível dizem respeito e promovendo-se uma transgressão discursiva que encontra a sua legitimidade na possibilidade hermenêutica de a linguagem exceder as suas fronteiras e limites.

Esta transgressão nem sempre é, todavia, levada a cabo, sendo abundantes as referências à boca física: "Na boca é um sentir de um delicadíssimo e suavíssimo maná do céu."[852] Quer no seu âmbito corporal, quer na sua dimensão metafísica e simbólica, a boca assume particular relevância na autobiografia espiritual de Maria Micaela. De facto, a religiosa de Odivelas aí localiza, amiúde, os efeitos da experiência mística: "Sinto muitas vezes um vento na boca, tão regalado que sem descuido, com força, sinto meu Senhor abraçado com minha alma"[853]. Na boca sente-se um "vento", signo que convoca o abraço de Deus com a alma, isto é, a união. Os efeitos da presença divina associada à boca serão, de facto, abundantes e traduzem-se em experiências sensoriais:

> Dai-me, Senhor, por quem sois, uma profundíssima humildade, pois que só com esta consideração recebe esta alma tantos dobrados favores, que até os beiços da boca sinto agora, e muitas vezes, uma suavíssima doçura lhe chamo eu. Mas é como licor suavíssimo e fresco como o vento, tão suavíssimo que não há nada terra doçuras com que se compare[854];

---

[850] Fl. 1.
[851] Fl. 149v.
[852] Fl. 176v.
[853] Fs. 80 – 80v.
[854] Fl. 165v.

> Ver-se morta dentro de si mesma para as coisas da terra, das mesmas de que precisamente há de usar, mas com tal desapego que dela[s] se não lembra, nem sente dentro si mais que estar gozando de Deus, que sente na boca um excelentíssimo sustento do céu que a faz olvidar dos comeres de cá[855];

> Não sinto ações muito livres porque está todo o interior bem ocupado, que me não dá lugar a nada e faz-me como martírio, sem inquietação, o trato, inda preciso, das criaturas. Não mais que estar com todas as potências e sentidos e toda eu ocupada naquele objeto divino. Na boca é sentir uma suavidade que eu não sei pôr-lhe outro nome, inda que me parece mais que suavidade.[856]

Seguindo, possivelmente, a tradição do *Cântico dos Cânticos* ("Beija-me com os beijos de tua boca; porque melhor é o teu amor do que o vinho"[857]), também na autobiografia espiritual de Maria Micaela a experiência mística se centra nos sentidos físicos (sobretudo no paladar, mas também no olfato), nela se manifestando uma desmedida doçura e uma enorme suavidade: "Sinto inda grandes elevações e dentro da alma um céu cheio de grande fragrância de cheiros ou coisas que eu não sei explicar"[858]. O mais insólito acaba por ser o facto de tais sensações físicas (apreendidas e degustadas na boca) contribuírem para o estado em que a alma se encontra "mais espiritualizada", evidenciando a permeabilidade entre imanência e transcendência:

> Eu tinha assentado comigo o que ele me dissesse fazer, mas como estes dias tinha sentido, por vezes de repente, um refresco que me dava pelos beiços, que me derrama na alma e corpo tal suavidade e doçura, que me fazem a alma mais espiritualizada.[859]

A boca assume, de facto, a função de órgão de contacto com a transcendência, embora não raro em sentido metafórico e não em sentido próprio: "Mas recolhi-me aos pés do meu divino Esposo, beijando as suas divinas chagas com a boca da alma, e dizendo-lhe mil amores e que desprezava tudo [o] que não fosse puramente seu"[860]. Neste uso do signo da boca verifica-se uma espécie de impressão metonímica, estratégia

---

[855] Fs. 144 – 144v.
[856] Fl. 173.
[857] Cântico 1:2.
[858] Fl. 256v.
[859] Fl. 29v.
[860] Fl. 177.

porventura discursiva que permite ao *eu* enfatizar o papel deste órgão na união da alma com Cristo. Colocar a boca nas chagas de Cristo é uma imagética muito recorrente na autobiografia em apreço, e que se encontra igualmente em diversas místicas suas coetâneas e, também, em anteriores, como em Ângela de Foligno[861]. De resto, já em São Boaventura se encontra esta devoção à chaga lateral de Jesus, que nela encontrava o símbolo do amor sobrenatural de Deus. Neste sentido, declara Maria Micaela:

> Reparei não estar nas chagas do seu amor porque é o caminho mais direito para voar ao Senhor, e onde se mete com mais confiança, mas logo a senti tão abrasada e toda derretida em amor que desejava pôr a boca no coração do Senhor. Sentia tão grande doçura que estava uma chaga viva, pois é o amor tanto que sinto que fica a alma e corpo dia ou dias vivendo daquela fonte divina. Reparo que a alma não tem senão boca depois que o meu doce amor me disse que quando estivesse distraída que me escondesse ali, que era nas suas divinas chagas, e eu lhe pus a boca da alma e ficou ela senhora daquela morada. Já eu disse a Vossa Reverendíssima isto, mas desde então trata a alma com o Senhor. Só com a boca é que o toca. Eu sinto uma suavidade na boca, beiços e rosto que não parece ser de carne e sangue.[862]

Igualmente, procura-se colocar a boca da alma no coração de Cristo, elemento, como se viu, identificador da sua humanidade e do seu amor infinito[863], mas também da graça divina:

> A oito deste mês, estando ouvindo missa, senti a alma com muita humildade com a boca na terra. Reparei não estar nas chagas do seu amor porque é o caminho mais direito para voar ao Senhor, e onde se mete com mais confiança, mas logo a senti tão abrasada e toda derretida em amor que desejava pôr a boca no coração do Senhor.[864]

---

[861] Cfr. Damien Boquet – "Incorporation mystique et subjectivité féminine d'après le Livre d'Angèle de Foligno († 1309)" in *Clio. Femmes, Genre, Histoire,* n. 27, pp. 1 – 15. Em linha: https://journals.openedition.org/clio/6553. Acesso em: 14/11/2023.

[862] Fl. 1.

[863] A propósito desta intimidade entre a boca e a chaga do lado de Cristo, veja-se isabel Morujão – Sinais de fogo. Entre a voz e o silêncio: literatura e espiritualidade nos mosteiros femininos, onde se refere a vida mística de Mariana do Rosário, narrada por Fr. Miguel Almada de *Desposórios do espírito celebrados entre o divino amante e sua amada Esposa a Venerável Madre Soror Mariana do Rosário, religiosa de véu branco no convento do Salvador da cidade de Évora*, Lisboa, Manuel Lopes Ferreira1694. Saliente-se particularmente este episódio: "'Filha, eis-me aqui, não tens mais que desejar'. O Esposo a levou até ao sacrário de seu amoroso peito, e colocando-a junto à chaga de seu divino Lado, lhe mandou que pusesse nele a boca, e vendo-se tocar já daquele amoroso ósculo, lhe disse: 'Farta a tua alma'".

[864] Idem.

Na sequência da comunhão (momento que não é arbitrário e que enfatiza a perceção da presença real de Cristo na hóstia que adiante se analisará), Maria Micaela chega mesmo a descrever em termos físicos um beijo que Cristo que lhe deu, incutindo ao discurso marcas de natureza, se não erótica, algo sensual, pela perturbação a ele associada. Aí se refere explicitamente à "boca do corpo" [865]:

> Isto era visivelmente porque a alma não se apartava do trato íntimo do Senhor. Não chega lá o rebuliço, mas era de sorte que padecia o corpo sem explicação. Sem falar a ninguém que estava para comungar, e fui receber o Senhor. Estando recolhida, senti que o Senhor me beijara na boca do corpo, isto de repente. Como estas coisas se não deixam ver bem, causou na alma reverência e temor, e se queria fazer esquecida, e não admitir tal lembrança.[866]

Esta ênfase na boca e no beijo pode decorrer da influência de Bernardo de Claraval que, num dos seus sermões sobre o *Cântico dos Cânticos*, interpreta precisamente o beijo presente no texto bíblico como símbolo da união mística:

> Olhai: no primeiro caso a boca que beija é o Verbo que encarna; aquela que recebe o beijo, a carne assumida pelo Verbo; e o beijo que consumam, o que beija e a que é beijada, é a pessoa composta por ambos: o mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus. Por esta razão nenhum santo jamais se atreveu a dizer: 'que me beije com a sua boca', mas unicamente com os beijos da sua boca. Reconheciam esta prerrogativa como algo exclusivo daquele a quem o Verbo beijou apertadamente com um beijo nunca interrompido, ao estreitar-se com ele corporalmente toda a plenitude da divindade. Feliz e surpreendente beijo por sua desconcertante concessão. Beijo que é muito mais que a simples pressão dos lábios: é a própria união de Deus com o homem.[867]

A propósito da boca como símbolo, Juan Eduardo Cirlot aduz que

> Una dimensión del simbolismo anatómico es la identificación del órgano com su función. Por esta causa es obvio el sentido de la boca, como signo jeroglífico egipcio, con significado de la palabra, el verbo creador. De este modo, el signo expresa la emanación primera (...) En el linguaje del Antiguo Testamento es muy frecuente la asociacón de boca y fuego. Los adjetivos frecuentes de

[865] Não é de descartar a hipótese de esta centralidade da boca se dever ao facto de ser através deste órgão que se recebe o corpo de Cristo, na eucaristia, e de ser o único órgão que permite que algo que é exterior ao corpo nele seja incorporado.
[866] Fs. 29v. – 30.
[867] Apud Joaquim Félix de Carvalho – "Tálamo dos Cânticos na capela Árvore da Vida: por uma espiritualidade do atrevimento" in *Rever: Revista de Estudos da Religião*, vol. 18, n. 1, p. 126.

> este último, cual "devorador" o "consumidor", aluden a la función de la boca (...) En consecuencia, el simbolismo dela boca aparece ambivalente, como ele fuego, creador (verbo) y destructor (devoración); como punto de unión de dos mundos, exterior e interior.[868]

Curiosamente, a religiosa de Odivelas estabelece também esta relação entre boca e fogo: "Há dias de comunhão que sinto fogo nos beiços, com tanta suavidade e doçura, que é por demais"[869]. Porventura mais curiosa ainda é a ligação que deixa igualmente patente entre a boca e a escrita: "E quando escrevo estas minhas grossarias, sinto nos beiços, as mais das vezes, uma coisa tão suave, que eu já disse no capítulo passado"[870], revelando-se o peso que ambas desempenham na presentificação do "verbo criador", quer no corpo da religiosa, quer no corpo da escrita, na sua função de "espelho, via e encontro de Deus" (que se retomará no capítulo 3.2. da Parte III)

Mas o símbolo da boca não se esgota neste âmbito. Procedente da lógica da humildade, a expressão corporal que indica a colocação da boca no chão é frequentemente descrita por Maria Micaela, configurando-se como uma importante posição espiritual, aliás comum a várias religiosas, santas e místicas (com particular relevância em clarissas e carmelitas), como se pode verificar pela leitura de biografias de religiosas, das crónicas das diversas ordens religiosas e também das relações da sua própria vida feitas por religiosas:

> Causou-me tão profunda humildade este meu descuido, e tão levantada oração, que assim que chego à igreja logo me deito com a boca no chão, a rezar os três credos que Vossa Reverendíssima me ensinou que fizesse nos três dias de retiro[871];

> As tardes levo em uma lição, suspirinhos, uns atos de amor, de humildade e prestações com a boca no chão, oferecimentos de mim mesma, confissão da minha miséria e o nada que sou, lembrança com ardentíssimo amor de louvar a grandeza e bondade infinita de Deus[872];

[868] Juan Eduardo Cirlot – op. cit., 1992, p. 102.
[869] Fl. 10.
[870] Fl. 167.
[871] Fl. 171.
[872] Fl. 184v.

> O primeiro [oferecimento], prostrada por terra com a boca no chão, ajuntando todos os seus santíssimos trabalhos, que os dizia em poucas palavras e mais algumas orações e, depois, me levantava e me punha de joelhos, como sempre faço.[873];
>
> Me prostrei por terra, beijando o chão com algumas humilhações no conhecimento do meu nada, e me oferecia para obedecer a tudo [o] criado, puramente por seu amor.[874]

A boca no chão serve igualmente à manifestação de um estado de prece, indicando a humildade e a miséria do *eu* e a sua a total entrega e subjugação a Deus:

> Nisto levei parte do dia, mas como a deitei mais aliviada, me fui deitar a boca no chão aos pés de meu amorosíssimo Esposo, chorando e pedindo-lhe muito que todas as suas esposas sentissem a liberdade e desapego que eu sentia das coisas deste desterro[875];
>
> Eram tantos os regalos e favores que o Senhor me fazia e tão grandes as uniões de amor que sentia que a alma, o seu trabalhar, eram humilhações e prostrações com a boca no chão e, quanto mais se metia no seu nada, então o Senhor a apertava consigo em abraços apertadíssimos, que eram tão substanciais que parecia a alma tocar o Senhor como se o estivera vendo.[876]

Não obstante, a boca não se apresenta apenas como órgão sensorial, mas igualmente associado à expressão vocal da experiência mística. Veja-se:

> Mas como este divino amor nunca satisfaz a sede quando é grande, com sofrível, causou-me nos sentidos da alma e corpo um contínuo preguntar por meus amores, sem me sentir. Falo com a boca, preguntando por meus amores. Depois de o dizer me envergonho, mas também me põe um esquecimento totalmente de tudo criado.[877]

Subentende-se que este *eu* se encontra falando em voz alta, tal a ansiedade em saber o paradeiro de Deus, e cuja articulação lhe traz, na realidade, vexame, a despeito de a palavra oral parecer promover o estado de alienação almejado.

Similarmente, o trecho seguinte é deveras esclarecedor no que concerne a esta articulação da boca no processo místico:

---

[873] Fs. 167v. – 168.
[874] Fl. 211.
[875] Fl. 213v.
[876] Fl. 267v.
[877] Fl. 108v.

> Mas andando nestas ardentes encendidas chamas, me sucedeu que, levantando-me da cama, lavei a boca e neste lavar senti ir a água para ba[i]xo. E como eu tinha de comungar, foi tal o sentimento sem inquietação que sentia desfazer-se-me o coração em ternuras e saudades porque se me representava a culpa que eu tivera.[878]

Antes da comunhão, ao lavá-la, o *eu* sente no movimento da água a representação das suas culpas e a subsequente necessidade da sua resispicência. Mais do que isso, motivado pelo frenesim eucarístico, o *eu* chega mesmo a colocar na sua boca algo que funcione como hóstia: "Mas para desenganar minha alma logo de manhã meti na boca alguma coisa para haver de acomodar a alma neste desengano, e fui-me para a oração"[879].

O processo espiritual de Maria Micaela, como se analisará adiante, é sobremaneira acompanhado de sonhos, o que implica que a posição relativa ao corpo deitado seja ela própria eminentemente mística. Relata a autora que

> Assim foi, mas já me não lembrava que quando me deitei lhe pedi o coração. Estando deitada, sentia a alma abraçada com o Menino Jesus, mas logo me deu o sono, que me dá de repente, e muito suave. Estando nesta demanda, que durou hora e meia, tornei-lhe a dizer: "meu Jesus, não sois para mim, só o vosso divino coração, e o mais tempo convosco na cruz"[880];

> Que nisto passei alguns dias desconfiadíssima de mim mesma e tão atormentada de dores que me não podia manear, e com grandes medos ou confusões que não são dentro da alma, senão como exteriores, que as não digo com miudeza porque me não caberia no capítulo mais que padecimentos, que às vezes são muitos, inda que não duram muito, mas só um direi, que estando deitada na cama acordei em tão grande susto que me parecia que o inimigo me queria espedaçar. Não o via com os olhos do corpo, mas o que senti de repente não tem explicação. Chamei ou disse: "Jesus, Maria, José, valei-me". Ao mesmo tempo me senti que o Senhor unia a alma e toda eu apertadissimamente consigo, e tornei a dormir descansadíssima.[881]

Aqui se assinala o corpo deitado como particularmente aberto à infusão divina, revelando-se, também, a importância do sono e, por conseguinte, do sonho neste processo místico: "Muitas vezes, dormindo o corpo, está a alma tratando com o Senhor,

---

[878] Fl. 170v.
[879] Fl. 86v.
[880] Fl. 10v.
[881] Fl. 256.

mas não sei o que passa. Sinto-me em regalos, e deitando-me na cama, sinto a alma com o Senhor como fazem os meninos com suas mães, que se escondem nos seus peitos"[882].

Outra posição corporal facilitadora da contemplação, da interioridade e da revelação é o estar sentada: "Eu estava assentada e encostei a cabeça para o lado direito do coro, e ali regalou meu Senhor minha alma"[883]. Ou ainda: "Já disse a Vossa Reverendíssima que tudo que o Senhor faz a minha alma é estando o corpo assentado, que não há forças para estar de outra sorte"[884]. A despeito da desconfiança generalizada sobre correntes espirituais de matizes quietistas (ver capítulo 2 da parte I), não deixa de ser interessante notar as linhas um tanto orientadas à inação no empreendimento místico de Maria Micaela, cujas operações redundam, amiúde, no recolhimento imóvel e centrado na experiência da alma com o amor unitivo de Deus: "Lá comecei a buscar modo para poder estar o corpo quieto, que nem assentada às vezes pode estar. Nisto ouvi dentro da alma que o senhor me dizia: "filha escolhida entre milhares"[885];

> Estava a alma em entendendo que o Senhor a fazia senhora do céu com uma certeza i[n]violável de o possuir para sempre. E tão penetrante se me infundiu na alma, que ela estando naquele mesmo ato que eu lhe chamo "o corpo adormecido", vão-se indo os dias como em elevações. Porque de tal sorte descansa minha alma, que nem os olhos do corpo dão atenção a coisa que se passa neste desterro[886].

Ao corpo sentado associa-se ainda o desfalecimento do corpo, que não consegue suster-se, tal é o ímpeto da comunhão com Deus:

> E fiquei tão elevada naquela suave palavra que duas horas estive como presa porque achei o que buscava minha alma, e tão segura que não conhecia a si porque toda se achava no Amado. Mas quando me levantei senti o corpo muito quebrantado, que não podia rezar vocalmente, porque a alma nestes favores está como apartada do corpo, e oração mais subida[887].
>
> Está a alma tão elevada e unida ao Senhor com todas as potências que é como quem está com os olhos abertos muitas horas sem pestanejar. Nem o corpo sente trabalho livremente, está

[882] Fl. 9.
[883] Fl. 7v.
[884] Fl. 127.
[885] Fl. 5 v.
[886] Fs. 95 – 95v.
[887] Fl. 13.

> horas sem se sentir, mas depois é que o corpo sente quebranto, mas minha alma fica tão solícita em se despir de todo o visível, sem dar atenção a coisa criada.[888]

Outra posição física incontornável é a genuflexão. O estar de joelhos é a instância corporal que mais reflete, desde sempre, o ato de orar:

> Me fui a receber o amor sacramentado. Aí se encheu a alma toda de Deus, onde gastei algumas horas até que se entrasse ao coro. Sinto-me, digo, sentindo-me com forças desconhecidas, estando sempre de joelhos, o que em mim é uma coisa grande pelas debilidades de forças, ali tratou o Senhor com minha alma, o que não cabe em termos humanos.[889]

O *eu* narrativo declara-nos a sua dificuldade em permanecer genufletido, o que leva adiante, a despeito das suas "debilidades de forças". Esta anotação faz da posição ajoelhada não somente uma via e modo de oração, mas uma via de mortificação. Além disso, constitui uma posição que predispõe à união mística: "E, quando me levantei para me por de joelhos, senti que o Senhor me estendia os seus divinos braços, dizendo-me: "filha, eu estou contigo"[890].

A persignação insere-se no mesmo filão unitivo: "Mas o que digo da oração, que é só benzer-me, é que antes que chegue a pôr-me de joelhos, é tal a força que me leva e uma atenção e reverência e humildade com uma fé viva que dentro da alma está Deus"[891]. Ao benzer-se, Maria Micaela é impelida à comunicação com Deus. Poder-se-ia, em certa medida, afirmar o mesmo que Gordon Rudy expusera sobre Hadewijch de Brabante: "She talks about the body in order to talk about God."[892] A religiosa de Odivelas evidencia esta interligação ao afirmar:

> E considerando que meu doce amor criara o mundo e as coisas dele para meu serviço, e meu corpo para minha alma, e a alma para o Senhor, assim logo de manhã se me puseram os olhos do corpo inclinados para o peito, sem dar atenção a coisa alguma.[893]

Na produção escrita de Maria Micaela, o corpo serve à alma, a qual, por sua vez, serve a Deus. Daqui procede uma linguagem que recorre à corporeidade por via a

---

[888] Fl. 16.
[889] Fs. 178 – 178v.
[890] Fl. 211.
[891] Fl. 233.
[892] Gordon Rudy – op, cit., 2002, p. 151.
[893] Fl. 55.

expressar os meandros imateriais do divino, atingindo-o no seu elemento de incognoscibilidade, no seu âmbito enigmático, através do símbolo. A alusão aos "olhos do corpo inclinados para o peito" constitui ainda um outro dispositivo retórico que consubstancia a linguagem da humildade:

> Que, já sem trabalho, os olhos do corpo se empregam só posto[s] no chão, sem mirar a nada com vontade, pela consolação, e paz, e serenidade e tenção em que estão todas as potências e sentidos.[894]

De facto, os olhos do corpo serão colocados amiúde no chão, ou fechados, de modo a representar imageticamente o estado de despojamento ou desnudez espiritual em que o *eu* se encontra: "Mas eu como sempre desconfio de mim, me retiro muitas vezes por temor, por não me assegurar quando ela me falta, e fecho os olhos do corpo para que só sinta os efeitos da alma"[895]. Ou ainda:

> O Senhor do tesouro me fez e faz tantos favores que muitas vezes fecho os olhos do corpo por temor, não do Amado, que é Pai de misericórdia, senão por não me fiar de mim[896];

> Sempre estivera com os olhos do corpo fechados por não se embaraçar as ânsias de ofertar, que são grandes, para o não deixar jamais, mas não pode a alma tê-lo seguro muito tempo[897];

> Não se podem levantar os olhos do corpo a nada criado porque ando absorta e transformada em meu Deus, que me não dá lugar para nada, porque tudo que se mira e se cuida não é mais que Deus, porque este amante divino não sofre misturas de coisas criadas.[898]

Com efeito, "once the soul has been wounded by the love of God, no created thing can satisfy her desire"[899]. Fechar os olhos é, pois, um gesto inevitável sempre que o sujeito de enunciação experimenta um estado de alheamento místico, de retiro interior e íntimo: "Os olhos do corpo se fechavam sem querer a[o] retiro interior grandíssimo, inda entre criaturas"[900].

---

[894] Fs. 184v. – 185.
[895] Fl. 73.
[896] Idem.
[897] Fl. 22.
[898] Fs. 188. – 188v.
[899] Amy Hollywood – op. cit., 1995, p. 94.
[900] Fl. 220v.

O corpo apresenta, assim, uma significância bipartida: se, por um lado, representa a carne terrenal e temporal que por força se tem de negar (não fosse ela uma relembrança e sequência do pecado adâmico), por outro, alinha-se com a experiência de Deus, manifestando-a: "Parecia-me que a alma saía pelos efeitos que sentia no corpo, que se iam cobrando as forças, os braços caídos"[901]. Imagem assaz simbólica e reveladora dos efeitos que o arroubamento místico imprime no corpo, o qual cede irremediavelmente. Por conseguinte, os efeitos divinos sentem-se de facto também no corpo, quer por via de um requebrar de forças, quer através de uma sensação de suavidade:

> A treze deste mês, senti-me no mesmo quebranto e cheia de dores, que o corpo não tinha modo para estar na oração pelos grandes desmaios do incêndio, que me sinto sem alentos, mas a alma tão serena, e sentia uma suavidade e doçura que o corpo participava.[902]

Não raro, tais efeitos são de tal ordem intensos, que o corpo, semelhantemente ao que sucede no plano da alma, se inflama de amor:

> Foram tais os efeitos que todo este dia senti pôr os olhos do corpo no Senhor crucificado, me parecia que o via vivo em carne. E, nesse dia, não fiz muita demora com os olhos do corpo nas imagens do Senhor pela viveza e amor em que ardia minha alma, que não sentia mais que amor vivo. Também dentro da mesma alma era o mesmo, com delícias amorosas.[903]

É evidente a relação analógica, dialógica e de mútua afetação entre alma e corpo no decorrer do processo místico. Escreve ainda a religiosa de Odivelas:

> Mas os olhos se fizeram duas fontes suavíssimas e, passado algum tempo, estando já no coro, se entrou à oração. Eu, como estava toda abrasada no amor tão vivo, me encostei para a cadeira. Já esquecida do passado, torno a sentir o mesmo, que o Senhor me dizia: "encosta-te para mim". E eu como me sentia toda unida e transformada com o mesmo Senhor, e sentindo estas coisas que não se podem crer porque são entre Deus e a alma e, quem não experimenta isto, grande dúvida lhe fará este tão amável trato que Deus tem com uma pobre alma.[904]

O amor divino faz-se sentir tão pungentemente que ao *eu* nada resta, face a essa força incendiária, se não o encostar-se na cadeira. Após executar tal gesto, é impelido a

---

[901] Fl. 247.
[902] Fl. 3.
[903] Fs. 184 – 184v.
[904] Fs. 200 – 200v.

uma visão de Deus, que surge para dizer a este e*u* arrebatado que, ao invés de na cadeira, se encoste a si. O discurso é construído através de um engenho forjado na relação especular existente entre o plano corporal e o plano espiritual. Alma e corpo extasiam-se irremediavelmente face aos efeitos do amor místico, mas se o corpo apenas a cadeira pode amparar, à alma arrima o abraço divino.

Algo semelhante é discorrido no segmento que se segue:

> Depois, estando no coro para entrar à completa, me encostei para a cadeira a chorar por quem tinha dentro da alma, que o sentia. Neste tempo, senti que minha Senhora me encostava a alma no seu divino regaço, que era como nos seus divinos joelhos, e pondo-me as suas divinas mãos como sobre o rosto.[905]

Uma vez mais temos um corpo que, (pres)sentindo a presença divina, cede as suas forças, recosta-se e chora. No episódio transcrito a figura consoladora que assoma é, todavia, a da Virgem Maria, descrita justamente como surge amiúde representada na iconografia[906]: como mãe redentora cujo regaço incita ao descanso e cujas mãos possuem um poder lenitivo. Repare-se novamente que o *eu* relata um evento que diz respeito ao plano metafísico da alma recorrendo a uma terminologia do âmbito da materialidade e da corporalidade ("regaço", "joelhos", "mãos", "rosto").

Curiosamente, a união mística pode ser igualmente traduzida, no corpóreo, em termos já não de arrebatamento ou de delíquio, mas de apaziguamento: "Dorme o corpo com grande sossego porque está a alma como em braços com seu divino Esposo"[907].

À guisa de síntese, pode concluir-se que a relação alma/corpo ora se configura como antagónica, ora como correspondente. Muitas vezes, os movimentos da alma e do corpo são incontroláveis pela religiosa. Mas, no que diz respeito à sua vontade de se preparar e dispor para o encontro místico, e na impossibilidade de se libertar do corpo-cárcere antes da morte, a autora toda se oferece a Deus: "Assim, sempre digo a meu

---

[905] Fl. 227v.

[906] Como se asseverará adiante, é bastante comum nestas místicas que o seu visionarismo seja despoletado por coisas que captam e apreendem no seu dia a dia, seja através da leitura/escuta dos textos sagrados, seja através de objetos e de material pictórico existentes no mosteiro (quadros, pinturas, figuras).

[907] Fl. 173.

Senhor: "tudo o que faz este corpo, seja por vosso amor. Mas esta alma não permitais que se detenha com estas coisas de terra. Tende-a sempre apartada de mim mesma, para que viva só em vós, e para vós, meu doce amor"[908].

O corpo, na sua materialidade própria do mundo, é disposto ao serviço do divino – aí encontrando a sua única redenção possível –, enquanto a alma permanece alienada de todas as coisas terrenas, inclusive do sujeito enunciativo, desse *si mesmo*, apenas vivendo em e por Deus.

1.2.3. Lágrimas

Do ponto de vista fisiológico, as lágrimas constituem mecanismos naturais de lubrificação e proteção dos olhos. Há lágrimas basais (meramente lubrificadoras), reflexivas (que surgem como reação a corpos estranhos ou a estímulos que ferem (como luz intensa, vapores e cheiros de certos produtos) e psicológicas, sendo estas últimas igualmente referidas como choro. As lágrimas associadas à vida espiritual e/ou mística pertencem a esta última, possuindo alto teor simbólico[909]. De facto,

> Like all human body fluids, tears, as they flow through the religious imagination, are richly charged with symbolic meaning and ritual efficacy. The shedding of tears, a physiological function in response to intense emotion or physical pain, has metaphysical importance in religious thought and experience (…)[910].

Diversas são as figuras que nos textos sagrados surgem episodicamente a chorar, desde Maria Madalena e Maria, sendo esta última, na sua natureza de *Mater dolorosa*, o mais paradigmático exemplo do choro cósmico, até David e Pedro. Diante do túmulo de Lázaro, o próprio Cristo chora[911].

O ato de chorar serve, naturalmente, à inevitável manifestação física de determinadas emoções, e aflora, como bem aponta Tom Lutz na obra consagrada à

---

[908] Fl. 197v.
[909] A título de exemplo, importa referir que a temática das lágrimas do Menino Jesus conheceu larga fortuna poética e didática no decorrer dos séculos XVII e XVIII.
[910] Kimberley Christine Patton – John Stratton Hawley (ed.) – *Holy Tears: Weeping in the Religious Imagination*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2005, p. 1.
[911] Cfr. João 11:35.

história natural e cultural das lágrimas, enquanto um universal humano[912]. Não obstante, na contextura espiritual chorar é, mais do que uma via expressiva com funções amiúde lenitivas, um efeito da presença de Deus e da sua graça divina, tendo-lhe sido atribuídas várias tipologias que permitem recobrir a sua funcionalidade na vida espiritual.

S. Jerónimo e S. Agostinho são dois expoentes máximos de lágrimas, na tradição cristã ocidental, onde elas aparecem frequentemente conjugadas com suspiros e gemidos. Na Regra de S. Bento, o choro e as lágrimas acompanham a oração, recobrindo aí a sua função de compunção, de tristeza pelas fragilidades e fraquezas demonstradas: "E saibamos que seremos ouvidos, não com o muito falar, mas com a pureza do coração e a compunção das lágrimas"[913]; "Se também outro, porventura, quiser rezar em silêncio, entre simplesmente e ore, não com voz clamorosa, mas com lágrimas e pureza de coração"[914] ; "E isso será feito dignamente, se nos preservamos de todos os vícios e nos entregamos à oração com lágrimas, à leitura, à compunção do coração e à abstinência."[915]. São Paulo propõe: "Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram"[916], engendrando o choro enquanto um ato legítimo no quadro da expressão espiritual do amor ao próximo; ato apetrechado de expressividade emotiva e de pendor piedoso.

Será Gregório Magno quem sintetizará as duas grandes orientações das lágrimas de compunção, associando-as a dois estádios da vida espiritual : um primeiro, em que se choram os pecados e se receia o julgamento de Deus; um segundo, em que as lágrimas já não se circunscrevem à dor e ao medo, mas traduzem um desejo ansioso de Deus, uma impaciência face à vida terrena que parece nunca mais terminar, uma saudade do céu face à distância que ainda separa a alma de Deus, o amor e a alegria pela antecipação desse futuro gozoso da alma. [917]

---

[912] Cfr. Tom Lutz – *Crying: A Natural and Cultural History of Tears*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1999.

[913] *Regra de São Bento*, Capítulo 20, 3. Consultado em linha: https://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/regra-de-sao-bento-c-530. Acesso em: 08/10/1023.

[914] *Regra de São Bento*, Capítulo 52, 4.

[915] Idem, Capítulo 45, 4.

[916] Cfr. Romanos 12:15.

[917] Kimberley Christine Patton – John Stratton Hawley (ed.) – *Holy Tears: Weeping in the Religious Imagination*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2005, p. 1.

Todas estas significações das lágrimas podem ser verificadas na vida de várias místicas. Numa visão de Matilde de Magdeburgo, a religiosa, ao ver as almas sofrendo no purgatório, pergunta a Deus o que pode fazer por elas, ao que Deus responde que Matilde as lave com lágrimas, lágrimas de amor[918]. As lágrimas articulam, neste sentido, um trajeto de expiação. "Only tears will be weighed at the Last Judgment"[919], aduz É. M. Cioran.

Margery Kempe, mística inglesa medieval deveras ligada à *gratia lacrymarum*, serve-se igualmente do choro enquanto meio de resipiscência e de expiação, quer dos seus próprios pecados quer dos do mundo, mas também enquanto uma forma de intensa compaixão pelos sofrimentos de Cristo[920]. Esta mesma perspetiva redentora surge, por exemplo, na obra *Defesam das Lágrimas*[921] de Pedro Calvo:

> (...) Mas Cristo, como já tinha entendimento, chorava não só por as penas do frio que quis abraçar, mas pela compaixão dos pecados dos filhos de Adam. Por onde suas tenras lágrimas ficarão tendo por causa mais o amor, que as procurava, que a natureza que as sentia.[922]

Francisco de Osuna, cujo *Terceiro Alfabeto Espiritual* foi decisivo e marcante na orientação espiritual mística do séc. XVI, distingue as lágrimas de contrição, amargas, dos iniciantes na oração que imploram a graça divina, das lágrimas doces, sem dor e sem ruído, dos que já evoluíram, das lágrimas daqueles que, mais perfeitos, choram de alegria e aspiram pela morada celeste.

---

[918] Cfr. Kimberley Christine Patton – John Stratton Hawley (ed.) – op. cit., 2005, p. 30.
[919] É. M. Cioran – *Tears and Saints*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995, p. 6.
[920] Cfr. Antonio Navas – "La importância del don de lágrimas en Margery Kempre" in Isabel Morujão – Geise Teixeira (ed. e coord.) – *Poéticas das Lágrimas: Olhares Cruzados sobre Textos e Contextos Femininos*. Porto: CITCEM, 2023, pp. 81 – 90. Disponível em linha: https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/19772.pdf?fbclid=IwAR2eOME7rJXX00JxsZsmVa5AwgfWpf3TDQ6Y5Hwe0wIowr9lmK2zvjuEHkc. Acesso em: 14/01/2024.
[921] *Defesam das Lágrimas dos Justos Perseguidos e das Sagradas Religioes Fruto das Lágrimas de Christo*, impresso em Lisboa por Pedro Craesbeeck, em 1618. Disponível em linha: https://permalinkbnd.bnportugal.gov.pt/records/item/88919-defensam-das-lagrimas-dos-justos-perseguidos-e-das-sagradas-religioens-fruto-das-lagrimas-de-christo?offset=46.
[922] Apud. Isabel Morujão – "As lágrimas do Menino Jesus: entre a doutrina e a poesia", in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 2, 1995, p. 147. Em linha: https://ojs.letras.up.pt/index.php/vsp/article/view/6987/6419. Acesso em: 13/04/2023. Atualizei para o português atual o trecho transcrito.

As lágrimas e de o ato de chorar apresentam, de facto, uma natureza um tanto multímoda[923], possuidora de significâncias distintas. Mas então o que dizer particularmente das lágrimas na arquitetura íntima da alma e consequente relação afetiva com a divindade que o fenómeno místico de Maria Micaela pressupõe?

Rebeca Sanmartín Bastida assinala o dom da lágrima como uma expressão somática da experiência mística feminina, tendo contribuído Ângela de Foligno e Catarina de Sena para este modelo devocional, que teve repercussões em religiosas espanholas[924], mas também em portuguesas[925], como é, de facto, o caso de Maria Micaela. A religiosa recorre ao termo "lágrimas" por cento e cinquenta vezes na sua correspondência. A influência de Santa Teresa de Jesus é bastante marcante neste aspeto, pois, para além das várias dívidas para com a obra da santa (que já têm sido assinaladas ao longo deste trabalho), as suas lágrimas correspondem normalmente a estados de recolhimento da alma (com as frequentes alusões a castelo e palácio). Assim, em Maria Micaela verificam-se as lágrimas de enternecimento, que Santa Teresa dizia resultantes de estados contemplativos, e que pressupõem esforço para que tal aconteça[926]: "Quis chorar meus atrevimentos e não podia porque toda a mente e toda eu estava elevada naquele objeto divino"[927]. Nos seus registos para o orientador espiritual, Micaela chora também lágrimas de doçura, próprias do que, no *Livro da Vida*, Teresa de Jesus designa como correspondentes a um segundo grau de oração: "Elas eram tão doces e suaves, mas não estava eu por isso. A alma toda derretida em fogo de amor o buscava e lhe fugia."[928] A articulação "doces e suaves" é abundante ao longo do texto: "Como quem não admite o que sente por não merecer causa de muitas lágrimas

---

[923] Acerca da natureza plural do choro são deveras iluminadores os versos de Violante do Céu sobre o Menino Jesus: "que si llorais me animais,/ (...) que si llorais me abrasais,/ (...) que si llorais me alegrais" apud Isabel Morujão – art. cit., 1995, p. 145. Esta significância plural das lágrimas é tratada no artigo supracitado de María González-Díaz.

[924] Teresa de Jesus, por exemplo, possuía o dom das lágrimas, tendo no *Libro de la Vida* realizado uma hierarquia das mesmas de acordo com o seu grau de glória e oração. Cfr. María González-Díaz – "Tipología del llanto en las hagiografías de las santas vivas castellanas (siglos XV – XVII)" in Isabel Morujão – Geise Teixeira (ed. e coord.) – op. cit., 2023, pp. 107 – 132.

[925] Cfr. Rebeca Sanmartín Bastida – "Dame de aquellos arroyos de lágrimas": la performance del llanto en una visionaria castellana de finales del medievo" in idem, pp. 91 – 106.

[926] "Senti tal esforço para trabalhar com todas as minhas forças e potências e sentidos, que com império aborreci santamente tudo visível" Fl. 72v.; "Minha Mãe da Piedade, inda que a buscasse com lágrimas, não conhecia favor seu" Fl 2v.

[927] Fl. 12v.

[928] Fl. 34 v.

doces e suaves, que até o corpo se derrete no fogo do amor divino"[929]. Santa Teresa refere-se ainda às lágrimas que involuntariamente correm sem se sentirem ou se perceber como ou quando começaram.

Finalmente, em *Caminho de perfeição*, Santa Teresa refere as lágrimas que se conjugam com o fogo do amor (tópico que se analisará no capítulo seguinte), para mais o aumentarem. Destas últimas está a obra da Madre Micaela cheia de referências: "Eu, toda abrasada em amor e lágrimas, já não me sentia ser criatura da terra porque nestes favores sente-se uma pureza angélica"[930]; "Isto vi dentro da alma, e fez chuveiros de lágrimas na[s]cidas de amor abrasadíssimo"[931]; "Eu tenho o coração muito tenro porque logo se me derrete em fogo de amor e lágrimas"[932].

Para Maria Micaela, as lágrimas são também "águas suavíssimas, na[s]cidas de amor puro ardentíssimo"[933], representando elas mesmas um itinerário íntimo para Deus. Não é despiciendo que, ao ressuscitar, as primeiras palavras de Jesus para Maria tenham sido: "Mulher, porque choras? Quem procuras?"[934]. Chorar representa, pois, um modo de procurar a divindade e de a esta encontrar, podendo ser equiparado a orar ou a meditar, e integrando aqueles que são os rituais, individuais ou não, de natureza devocional. Isabel Morujão, no seu estudo sobre as lágrimas do Menino Jesus, afirma precisamente que o século XVII vem a situar "a fonte das lágrimas na alma e não no corpo, como resultado da intensificação da relação com Deus"[935]. Maria Micaela refere, igualmente, as lágrimas da alma ("às vezes, se derrete toda em lágrimas, chamando aos anjos que sirvam a seu Deus por ela, pois ela o não sabe fazer como deseja"[936] ou "quando a alma desce, fica em uma profundíssima humildade e, conhecendo o seu nada, se deseja desfazer toda em lágrimas de amor"[937]), associadas ou não às do corpo: "Umas lágrimas vivas e prontas nos olhos do corpo, não falando nas da alma, para chorar pelo amor divino"[938].

---

[929] Fl. 56 v.
[930] Fl. 80.
[931] Fl. 191 v.
[932] Fl. 28 v.
[933] Fl. 131v.
[934] Cfr. João 20:15.
[935] Isabel Morujão – art. cit., 1995, p. 136.
[936] Fl. 177.
[937] Fl. 206 v.
[938] Fl. 100.

No texto de Maria Micaela, as lágrimas que correspondem a um estado de viva ansiedade e de saudade de Deus aludem, amiúde, à prisão do corpo, referido como "cárcere"" que impede a alma de fazer "vida de anjo". A ideia de desterro surge recorrentemente, convocando a ideia do paraíso perdido a que se almeja regressar, marcando as lágrimas e o choro as irredutíveis saudades de Deus: "Enquanto se acha fora da sua pátria, que é o céu por quem sempre suspira, disto lhe na[s]ce uma viva saudade, se desfaz em amorosas e suaves lágrimas"[939].

Mas a dinâmica das lágrimas não se esgota nesta perspetiva de uma melancolia fundada no desejo de (re)união com Deus, servindo também, e sobretudo, à expressão do amor divino. Irrompendo e dele brotando, são um seu irremediável efeito: "E com isto derramo lágrimas, o que me parece em mim delírios, mas também conheço que é força de amor"[940]; "Sentia-me arder e com chuveiros de lágrimas, na[s]cidas todas de amor[941]. A metáfora da chuva intensa para descrever o ato de chorar decorrente da interação com Deus é deveras simbólica e recorrente no texto da autora: "Ao mesmo tempo sentiu que [n]os olhos do corpo chovia por eles chuva com muita força, e o Senhor lhe fazia mais carícias"[942].

Depreende-se que as lágrimas jorram, neste caso, não por premeditação do *eu*, mas antes espontaneamente, pejadas de força e de intensidade. A abundância das lágrimas traduz a santidade da religiosa. A espontaneidade do choro copioso evidencia-se bem, por exemplo, na seguinte afirmação: "Deu-me um acidente de lágrimas, sem saber que fizesse"[943]. A expressão "acidente de lágrimas" é recorrente no texto da religiosa de Odivelas. Sem que o sujeito enunciativo as possa impedir ou remediar, as lágrimas simplesmente lhe acontecem. A inevitabilidade do choro é concomitantemente sintoma da manifestação de Deus e do seu impacto na alma do *eu*, funcionando como a inegável corroboração da sua presença, ainda que, como afirma Pierre Adnès, a Idade Moderna "C'est toutefois une époque où l'on redoute plus qu'à d'autres les illusions dans la vie spirituelle" [944].

---

[939] Fl. 136.
[940] Fl. 163.
[941] Fl. 178v.
[942] Fl. 19v.
[943] Fl. 203.
[944] Marcel Viller – Ferdinand Cavallera – Joseph de Guibert (ed.) – op. cit., vol. 9, p. 301.

As lágrimas são, pois, despoletadas pela imensidão do amor divino ao qual o *eu* se entrega e sucumbe: "O corpo com raios de lágrimas na[s]cidas de amores de um Deus amorosíssimo[945]. Tal como afirmava Santa Teresa no *Castelo Interior*, na sexta morada, essas lágrimas que Deus desencadeia servem para regar a aridez do solo interior de cada um, proporcionando os frutos futuros. É notória a correlação entre a presença e a perceção do amor de Deus e o subsequente choro a que, ao senti-lo, o *eu* místico se acomete: "Oh, Senhor, isto não se pode dizer porque sou a pior de todas, mas tudo eram em mim lágrimas, tudo amores com um Deus infinito"[946]. Prevalecendo uma equivalência entre lágrimas e amor, estas são umas lágrimas desejadas porquanto servem de oferenda a Deus: "As lágrimas eram como quando chove, sem sentir senão quem se molha, e eram suavíssimas e todas pelo Amado"[947]. Ademais, as lágrimas representam de tal modo os efeitos da presença da divindade, tornando-se inevitavelmente um seu símbolo, que se ambiciona preservá-las: "Não enxugava meus olhos, mas eram suavíssimas as lágrimas"[948]; "Tudo nela eram lágrimas pelo Amado Esposo, e inda hoje as não pode enxugar"[949]. As lágrimas que se choram por Deus são lágrimas impossíveis de conter e de interromper, pois reproduzem analogicamente ao amor divino que se manifesta sem aviso e com força irresistível.

Com efeito, as lágrimas acontecem em momentos de união mística. Relata Maria Micaela que "Mas torno a repetir o que ia dizendo, que ao mesmo tempo que senti que o Senhor me dizia: "encosta-te para mim", e a alma se encostava, deu-me um acidente de lágrimas (...)[950]. Ou ainda: "E como a alma envergonhada do que tinha gozado de Deus, que se não atrevia a lembrar-se do que tinha sentido mais que desejava meter-se no seu nada, e em profunda aniquilação, derramando lágrimas de amor ardentíssimo"[951]. Quer do ponto de vista do momento da união, quer no que concerne aos instantes sucedâneos a esta, a presença das lágrimas é efetiva e forçosa: "E era viva a fé em que a alma estava unida e transformada toda em Deus que, entrando em si, se

[945] Fl. 182.
[946] Fl. 200v.
[947] Fl. 247v.
[948] Fl. 163.
[949] Fl. 247v.
[950] Fl. 200v.
[951] Fl. 178. Este trecho é ainda importante tendo em conta que se trata da única ocorrência do vocábulo "aniquilação", remetendo a Marguerite Porete.

desfaziam os olhos do corpo em lágrimas porque fica tão viva lembrança e fogo de amor"[952].

As lágrimas funcionam enquanto um elemento corporal capaz não somente de traduzir a presença divina, como a reação da alma a essa presença:

> Estando no coro, que não sabia que fizesse, eu toda banhada em lágrimas de gozo que não sabia que o Senhor fazia à minha alma, que me sentia tão enardecida em amor seu, e se me representava uma grandeza e majestade, sem ver nada, mas sentia-me desfazer-me o coração e alma toda no gozo de uma grandeza infinita de Deus.[953]

Ou então: "Banhados meus olhos todos em lágrimas, sem lhe dizer nada, senão entregando-me toda a Deus e, sem ouvir com os ouvidos do corpo, entendia claramente que o Senhor me dizia: "filha, aqui tens os meus braços"[954].

As lágrimas provêm, igualmente, dos momentos de secura que atrás tive oportunidade de analisar: "Em ausências de amor, não me atrevo a cuidar sem lágrimas e dor do coração"[955]. Ou ainda: "(...) deu-me uma saudade de Deus tão forte, e derretida em lágrimas da alma e corpo, que os olhos se fizeram duas fontes"[956]. Nesta medida, se é verdade que comunicam e simbolizam o toque de Deus, não menos certeiro será afirmar que representam o vazio deixado após esse encontro. As lágrimas são, pois, uma manifestação bigúmea nos caminhos para a divindade, traduzindo a ausência e a presença de Deus.

Refletem, ainda, a perceção da pequenez de quem chora e, chorando, não somente ama e conhece a Deus, como se autorreconhece na sua nulidade de criatura: "As lágrimas eram muitas e suavíssimas no conhecimento do meu nada"[957].

Se assomam enquanto um impedimento da escrita ("Oh, lágrimas, deixai-me escrever suspiros de um coração ferido"[958]) já que o choro compulsivo não permite ao *eu* escrever, as lágrimas apresentam ainda uma componente simbólica deveras relevante: configuram-se enquanto um vaso de comunicação com o divino,

---

[952] Fl. 187.
[953] Fl. 218.
[954] Fl. 266v.
[955] Fl. 139.
[956] Fl. 144.
[957] Fl. 254.
[958] Fl. 24.

encontrando-se além das palavras: "Isto só com lágrimas se pode escrever"[959], revela Maria Micaela. Assim, neste universo místico,

> one encounters not so much a validation of the postmodern idea of tears as a mode of language but instead the starling insistence on the superiority of tears to language. At the same time, there is a recognition that the two, words and tears, are intimately entwined in the religious imagination[960]

As lágrimas marcam, por conseguinte, um reino onde as palavras não podem ir, uma possibilidade dialógica mais capaz e mais bem equipada naquele que é o campo discursivo com ou sobre Deus:

> Assim foi isto ontem, mas como o coro era só completas e depois delas tornei à doente, quando entrei no leito a recolher-me só com o Senhor foi uma coisa que senti, que só pela santa obediência poderei dizer o que puder declarar, que não é muito por não ter explicação, que foi como se vira e ouvira com os olhos do corpo, mas tudo foi dentro da alma, e foi de sorte que com lágrimas o direi.[961]

A carga simbólica das lágrimas nesta produção escrita é, portanto, inegável. Observadas enquanto um *modus loquendi* mais apropriado ao discurso místico, as lágrimas instaurarão uma semântica própria, radicada num verdadeiro eixo espiritual de contacto com a transcendência: "É possível", dizia eu, "que eu tenha fora de vós alguma coisa? Antes morrer, meu Amado", e com lágrimas lhe dizia muitas coisas. O amor se acendia cada vez mais e mais"[962]. As lágrimas "dizem".

Neste mesmo sentido, servem também à nomeação divina: "Já chamando-o [de] Esposo, sempre era com lágrimas de amor"[963]. O ato de nomear confunde-se com o ato de chorar, num movimento eminentemente especular.

De suma relevância e de redobrado interesse surge esta intrincada relação entre as lágrimas e o binómio comunicação com/nomeação de Deus, sobretudo se considerarmos que estamos perante um objeto de análise cuja produção se encontra, naturalmente, dependente de palavras. Apesar de delas se servir, por via da imagética altamente simbólica das lágrimas (bem como de outros símbolos), esta produção

---

[959] Fl. 256.
[960] Cfr. Kimberley Christine Patton – John Stratton Hawley (ed.) – op. cit., 2005, p. 26.
[961] Fs. 251 – 251v.
[962] Fl. 255.
[963] Fl. 149v.

literária vem a inaugurar um modo discursivo que é permeável ao aparecimento de linguagens não verbais, que parecem ser tão ou mais indispensáveis à narrativa:

> Com bem (sic) lágrimas escrevo isto, mas que hei de fazer? Digo que por meus amores hei de dar a vida. Meus amores, vamos por esses montes? Vamos por esses vales? Não nos detenhamos em gozar das flores! Recolhamos os frutos, eu quero trabalhar! Oh, quem me dera mil mundos e rios de almas puras para vos dar a vós, meus amores![964]

Também com lágrimas se escreve. As lágrimas parecem, assim, circunscrever e simbolizar esse "conhecimento puro, que nasce na intimidade do ser, e que o abre e o transcende, 'o diálogo silencioso da alma consigo mesma' que busca ainda ser palavra, a palavra única, a palavra indizível; a palavra liberta da linguagem"[965].

Poder-se-ia afirmar que as lágrimas apresentam, assim, uma capacidade hipostática, na medida em que, sendo fisiológicas e, portanto, própria dos seres vivos, identificam, na realidade, a presença e manifestação de Deus no corpóreo, como o revela Maria Micael: "Não sabia que fizesse, chorando, que se fizeram os olhos duas fontes suavíssimas porque sentia o Senhor como visivelmente, sem ver com os olhos do corpo mais que um amor insofrível."[966]

De qualquer forma, importa compreender que as lágrimas são, efetivamente, em Maria Micaela de São Bernardo, um dos veículos expressivos dos meandros amorosos da alma com Deus, tornando-se símbolo eminentemente místico, na medida em que é "a linguagem dos mistérios"[967], e marca determinante do amor divino e de Deus: "Assim, que não há tempo para mais que gozá-lo intimamente, que me faz derramar suavíssimas lágrimas, sem me saber explicar, nem sei o que sinto, e só o retiro e silêncio é desafogo, inda que agora nada me impede"[968].

1.2.4. Fogo

O fogo é um símbolo altamente espiritual, figurando como imagem recorrente nos textos espirituais, doutrinais e místicos. São Bernardo, São Tomás, Santa Gertrudes, São João da Cruz foram alguns dos autores santos que mais enfatizaram esta imagem-

---

[964] Fs. 120v. – 121.
[965] María Zambrano – op. cit., 1995 (1), p. 62.
[966] Fs. 239v. – 240.
[967] María Zambrano – op. cit., 1995 (2), p. 97.
[968] Fl. 257.

símbolo, havendo que distinguir, no entanto, entre o fogo e a luz, pois ambos são metáfora da natureza divina. De facto, na tradição cristã, o fogo exprime quer a transcendência, quer os efeitos dessa presença nas suas criaturas. O fogo é um sinal da presença e da ação de Deus, enquanto a luz, de acordo com São Tomás, significa a essência de Deus como inteligência e compreensão.

No texto de Micaela de S. Bernardo, o termo "fogo" aparece mais de cento e vinte vezes, facto significativo para se entender as experiências de intimidade com Deus que narra ao seu diretor espiritual. Mas só numa minoria de ocorrências o termo se reporta ao fogo purificador, relativo a uma fase de compunção e caminho purgativo. De facto, apesar de sempre se reconhecer miserável, "bicho peçonhento", "vil bicho", "vil bichinho", "inútil bichinho da terra", "bichinho tão ignorante", "vil gonçalinho da terra", o *eu* espiritual de Micaela de S. Bernardo sempre se espanta com a graça e dom de Deus que, apesar da sua condição, experimenta. Só por três vezes a religiosa explica ao seu orientador a dimensão purificadora, isto é, purgativa, do fogo que experimentara, pois "sendo muito o que a alma goza, saiu a alma como o ouro do fogo. Assim, saiu a alma de tribulações que já acima referi"[969]. A esse fogo alude mais uma vez, mas apenas para dar conta da sua vontade de seguir os conselhos do seu interlocutor: "e sobre isto me dá grandes desejos de fazer o que Vossa Reverendíssima me diz: consumir todas as minhas misérias no fogo do amor divino"[970]. Quase no final do seu texto, a autora explica ainda:

> Como neste desterro enquanto somos viadoras não podemos estar sempre no mesmo ato de amor é necessário que a alma des[ç]a para que torne a subir, passando primeiro pelo fogo da tribulação, ou pelas criaturas, ou pelas tentações, ou por enfermidades. Assim, vai a alma caminhando a Deus, mas para tudo isto é necessário estar a vontade toda empregada em Deus.[971]

Nas combinações lexicais com o fogo, sobressaem nesta obra metáforas como "abrasada no fogo de amor divino", "metida em fogo de amor", "desfeita em fogo de amor", "derretida em fogo de amor", etc. E, nesse sentido, está bem vincada a ideia do fogo como agente de fusão, que explicita a relação de união da alma com Deus. Em Lucas 24: 32, os discípulos de Emaús, após Jesus se ter ausentado, descreveram a sua presença

[969] Fl. 139.
[970] Fl. 136.
[971] Fl. 238v.

em termos semelhantes: “E disseram um para o outro: Porventura não se nos abrasava o coração, quando pelo caminho nos falava, e quando nos abria as Escrituras?”. Nas locuções que Maria Micaela ouve no interior da alma, também o Senhor se refere aos seus efeitos incendiários e totalizadores nas criaturas:

> Disse-me meu Senhor dentro na alma, com clareza no entender, isto: “Filha, é como uma cidade onde apega o fogo por todas as partes, que por mais que trabalhem não há neste mundo forças para que o façam aplacar. Assim, até não abrasar tudo, não descansa.[972]

Noutro momento, a mesma imagem se repete: “não te disse já que isto é uma cidade que se queima por todas as partes?”[973], questiona Deus a Maria Micaela. A despeito dos esforços e das forças aplicadas na sua contenção, o fogo do amor divino não cessa até tudo abrasar. Mais significativo ainda é que seja o próprio Senhor quem isto relata ao eu que, inflamado e consumido por esse fogo amoroso, nada contra ele pode fazer senão ceder-se inteiro. O caminho místico é, assim, também ele um modo de arder nesse fogo amoroso até à extinção total e última. Maria Micaela continuará a sua descrição:

> E no que me disse, que o fogo pegava por todas as partes, era dizer-me que já dentro de minha alma não havia mais nada, digo, entrada mais que para o meu Deus, assim nos sentidos como em todas as minhas ações e potências, o meu espírito estava unido ao Senhor.[974]

Torna-se evidente a equivalência entre fogo, amor divino e estado unitivo com Deus.

> Agora já o Senhor me deu este estado que estar a alma como tirada do corpo, toda elevada em Deus, e todas as potências e sentidos e vontade amando e conhecendo a Deus em todas as coisas. Sinto toda enardecida e inflamada em amor, por vezes grandes feridas ou toques, que me faz como saber de mim. É como lavareda de fogo de amor que se não pode apagar, se não faz, serve efeito, suspende os sentidos, não de todo para orações, mas é um modo que está o corpo como dormindo. Torna a alma em si ou, se toda arder, torna a conhecer o que é dar-se a alma toda a Deus.[975]

---

[972] Fl. 101.
[973] Fl. 101v.
[974] Fl. 101.
[975] Fl. 127v.

A autora sente a sua alma arder totalmente, sucumbida ao amor divino, isto é, toda nele transformada. Na esteira de María Zambrano, para quem "o fogo é, de entre todos os elementos, o mais vivo, o que dá a imagem da vida que não acaba, que se alimenta a si mesma. O que, transformando-se, é sempre o mesmo"[976], também no texto de Maria Micaela se encontra um *eu* reiteradamente incendiado pelo fogo contínuo do amor de Deus, atitude espiritual necessária no decorrer da sua experiência extática e transformativa. Na obra de Hadewijch de Brabante, o fogo emerge também como elemento espiritual de suma importância, encontrando-se igualmente esta associação em tríade: "For Love is that burning fire which devours everything and shall never, never cease in all the endless ages to come" [977]; "Thus Love holds them heavy laden / In the continual fire / Of Love"[978]. Um estado de contínuo fogo possibilita, pois, a expressão do amor divino e da eternidade de Deus, concomitantemente exprimindo a capacidade de compunção do *eu* enunciativo, que nos seus meandros não cessa de arder:

> Sentindo-me já com algumas melhoras, começou [a] aumentar-se uma ardentíssima fome e sede de meus amores, que é tão forte que me suspendia os sentidos, não de todo, mas sentia-me toda elevada em Deus, e de mim toda desfeita, que nestas ocasiões é como amor insofrível, que é necessário estar a alma como em brasa viva de amor.[979]

Em Maria Micaela, o estar a alma "em brasa viva de amor" diz respeito a um estado unitivo com Deus profundamente afetivo, tão intenso e portentoso que o *eu* afirma o seguinte:

> E quero dizer a Vossa Reverendíssima que se este estado fora por meses, ou anos, que desfaria a mesma natureza neste abrasadíssimo fogo que faz viver a criatura fora de si, vivendo só toda em Deus, e com um exercício quotidiano de se humilhar, que o mesmo corpo faz força para estar continuamente prostrado por terra no conhecimento do seu nada.[980]

---

[976] María Zambrano – op. cit., 1995 (2), p. 122.
[977] Hadewijch – op. cit., 1980, p. 60.
[978] Hadewijch – op. cit., 1980, p. 234.
[979] Fl. 182.
[980] Fl. 115v.

Este fogo místico e sintomático da união com o divino é de tal ordem transformativo que conduz o *eu* a viver não em si, mas todo em Deus. Neste sentido, o fogo contribui para o processo de alienação necessário na experiência mística. De resto, a sua intensidade é tal que o sujeito é amiúde impelido a gritar, vocalizando um tanto irremediavelmente a sua experiência com a transcendência: "Oh, Senhor, perdoai-me que estou para gritar do fogo de amor que sinto por vós, que tudo sois amor. Assim, trazeis a alma louca de amor. Mas, meu Jesus, sempre me assim sinta para que não sinta mais que a vós"[981].

Também Joana de Jesus, religiosa seiscentista do Mosteiro de Lorvão, teceu o seu relato sobre a presença de Deus e os seus efeitos infundindo no discurso imagens e símbolos concernentes ao fogo:

> E assim estando em oração em presença deste amante Deus, me parecia que estava ele despedindo de si uns incendidos raios de seu puríssimo e divino amor, os quais me feriam com tanta veemência que me sentia abrasar, e depois de estar desfeita em nada, tornava a renascer de novo em as chamadas daquele mesmo amor, o qual me fazia unir tanto a meu Deus que me fazia a mesma coisa com ele.[982]

Maria Micaela refere-se a este fogo abrasivo do amor divino perspetivando-o também num plano antitético, mesmo paradoxal. De facto, retomando por esse modo as definições de S. Bernardo, para quem Deus é um fogo "consumant sans affliger, brûlant suavement, désolant avec bonheur"[983]. Maria Micaela explorará esses mesmos paradoxos, ao afirmar que se trata de um "amor tão grande e tanto às vistas que parece fogo que abrasa e não consome"[984] ou que se sente "desfazer toda pelo amor que é fogo e não consome porque também sustenta o corpo, desterra os apetites, ainda das coisas precisas"[985]. Raimundo Lúlio, filósofo e teólogo dos séculos XIII e XIV, no *Livro do Amigo e do Amado*, refere-se justamente ao fogo espiritual como dobre: "Dois são os fogos que aquecem o amor do amigo: o primeiro é feito de desejos, prazeres e cogitações; o outro é composto de temor, sofrimento, lágrimas e choros"[986].

---

[981] Fl. 220.
[982] Apud Joana Serrado – op. cit., 2014, p. 73. Atualizei para a grafia atual o trecho citado.
[983] Apud Marcel Viller – Ferdinand Cavallera – Joseph de Guibert (ed.) – op. cit., tomo V, p. 275.
[984] Fl. 253v.
[985] Fl. 71v.
[986] Ramon Llull – *Livro do Amigo e do Amado*. Lisboa: Edições Cotovia, 1990, pp. 18-19.

Na mesma linha dos efeitos antitéticos, o fogo de amor aparece conjugado com lágrimas, como nas expressões "derretida em fogo de amor e lágrimas", "desfeita em lágrimas do fogo de amor", sujeita a "acidente de lágrimas de fogo de amor". Aliás, a expressão "fogo de amor e lágrimas" ocorre treze vezes no texto.

De resto, não será por acaso que na caminhada de Elias no deserto, o fogo figure enquanto a componente que antecede a presença divina: "e, depois do fogo, uma voz mansa e delicada"[987]. Este fogo é o elemento necessário da meditação espiritual, como o refere Bernardo de Claraval:

> Para prepararos estos platôs he passado toda la noche con el corazón encendido, y a fuerza de meditar brotó el fuego. Este fuego que el Señor arrojo a la tierra y quiere ardientemente que prenda en ella. El alimiento espiritual pide una cocina y fuego espiritual.[988]

O fogo acompanha o processo espiritual, sendo a sua combustão, na sua ação purificadora e amorosa, necessária no seu decorrer. Afirma a religiosa de Odivelas que "as diligências da criatura em o buscar não cessam, mas está como em silêncio, que faz na alma intolerável martírio pela desconfiança que ela de si tem, inda que nestas ocasiões se acende mais, e mais o fogo do amor divino"[989].

O fogo é, de facto, no texto de Maria Micaela, o símbolo por excelência do amor místico e dos seus efeitos, bem como da ação transformadora de Deus na alma.

1.2.5. Eucaristia

A Eucaristia designa a ação instituída por Jesus na véspera da sua morte. Mas é fundamental não esquecer que o termo "eucaristia" expressa também o louvor pelas maravilhas de Deus por esta ação pela qual confiou a uns alimentos o valor eterno da sua morte redentora e fixou para sempre a doação de si mesmo e de todas as coisas a Deus. Pela eucaristia, é toda a humanidade que regressa ao Pai. Assim apresenta Xavier

---

[987] 1 Reis 19:12.
[988] "Sermón en la festividad de Todos los Santos 1, 3" in San Bernardo – *Obras Completas de San Bernardo*, tomo IV, Sermones Litúrgicos (2º). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986, p. 509.
[989] Fl. 162v.

Léon-Dufour[990] este sacramento, que ocupa um lugar central na vida espiritual que Maria Micaela de S. Bernardo relata no seu texto.

Pierre de Bérulle, teólogo e ascético francês dos séculos XVI e XVII, assevera que "Jesus has a real body and a mystical body on earth… We adhere to his real body by the communion at the Eucharist, and to his mystical body by the communion of the Church"[991].

Proveniente da palavra grega com o sentido de ação de graças e louvor, "a eucaristia é a mais excelente e central expressão sacramental do dom da salvação entregue por Cristo, em obediência ao amor de Deus seu pai e como apelo à humanidade para que viva de modo novo, transformado pelo Espírito"[992]. No seguimento da consagração por Jesus, na Última Ceia, do pão e do vinho, comungar constitui, simbólica e profeticamente, um modo de união mística, já que ao crente é permitida, por via da ingestão das espécies eucarísticas, a incorporação de Deus, que nele passa a atuar. Ademais, a Eucaristia marca um ritual memorial de Cristo, sediado no seu sacrifício, como o indica Lucas 22: 19: "E tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim". Henri de Lubac afirma que

> the sacrament cannot be understood apart from the sacrifice during which it comes into being and to which, in its permanent state, it must retain a reference: 'In the sacrament of the body of Christ his death is announced'; and for its part, the sacrifice is itself a sacrament: 'For the sacrifice is a sacrament.' Ritual sacrifice and sacramental sacrifice, they are one and the same.[993]

---

[990] Xavier Léon-Dufour et all (dir.) – *Vocabulario de Teología Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967, p. 269. Ver também Eucaristia" presente em Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *Dicionário da História Religiosa em Portugal*, vol. P-V. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, pp. 388 – 396 e E. Ruffini – "Eucaristia" in Stefano de Fiores – Tullo Goffi (dir.) – *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1983, pp. 475 – 491. Também a importante obra anteriormente citada de Henri de Lubac, *Corpus Mysticum: The Eucharist and the Church in the Middle Ages*.

[991] Apud Michel de Certeau – op. cit., 1992, p. 94. De um modo geral, esta conceção da Igreja como "corpo de Cristo" e da Eucaristia como adesão a esse corpo, encontra-se já em Agostinho de Hipona, Santo Isidoro de Sevilha, Gregório de Elvira e Ildefonso de Toledo. Para estes autores, todavia, o que está em causa não é a presença real de Cristo nas partículas divina, mas a sua manifestação em poder e espiritualidade. Ver Henri de Lubac – *Corpus Mysticum: The Eucharist and the Church in the Middle Ages: Historical Survey*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007, pp. 70 – 72.

[992] Carlos Moreira Azevedo (dir.) – art. Cit., 2001, p. 388.

[993] Henri de Lubac – op. cit., 2007, p. 178.

Para São Paulo, a Eucaristia encerrava essencialmente o mistério da unidade[994], constituindo a comunhão a forma de participação dos crentes nessa mesma unidade que a Igreja, na sua aceção de corpo de Cristo na Terra, permitia.

No contexto devocional e místico de Maria Micaela, herdeira, de resto, de uma longa tradição da espiritualidade feminina que centraliza o tópico eucarístico[995], a comunhão é deveras relevante, tratando-se, por via de uma forte apologia da transubstanciação conjugada com uma devoção particular à Paixão de Cristo, da pedra angular do processo espiritual.

Importa esclarecer, já que o vocábulo "Eucaristia" nunca aparece no texto, a terminologia utilizada pela religiosa de Odivelas para referir o momento eucarístico[996]. Este é sempre referido em termos de comunhão, recorrendo à sua forma verbal (sobretudo ao verbo intransitivo "comungar" e à primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo "comunguei"), bem como às expressões sinónimas: "receber o Senhor" ou "receber o Senhor sacramentado". No que diz respeito à hóstia, a autora utiliza "partícula", "sagrada partícula" e, mormente, "amor sacramentado". Apenas por duas vezes, "Santíssimo Sacramento", constando, ainda, uma ocorrência de "admirável sacramento" e de "divino sacramento".

Se as suas opções vocabulares expressam o léxico religioso da época, revelam, igualmente, o idioleto da religiosa. Este parece privilegiar um entendimento antropomórfico e, mais particularmente, cristocêntrico da espécie eucarística, na medida em que nela se observa "o Senhor" ou o "amor sacramentado". Já Sílvio Lima apontou para o facto de o fenómeno místico do Sul da Europa (destacando Portugal dos séculos XVII e XVIII) ser cristocêntrico, ocupando a figura de Jesus um lugar de relevo,

---

[994] Idem, p. 74.

[995] Caroline Walker Bynum, na já citada obra *Fragmentation and Redemption: Essays on Gender and the Human Body in Medieval Religion,* analisa a devoção de místicas medievais à Eucaristia, afirmando que a devoção eucarística se trata de uma característica particular desta espiritualidade feminina. Consultar particularmente o capítulo "Women Mystics and Eucharistic Devotion in the Thirteenth Century" da obra referida. Eu acrescento que esta devoção, possuindo de facto enfoque feminino, prolongou-se temporalmente, encontrando-se igualmente em místicas da Época Moderna.

[996] As determinações do Concílio de Trento deixavam patente que ambas as espécies eucarísticas continham Cristo, de modo que o cálice não era necessário ser administrado aos comungantes. Neste seguimento, Maria Micaela apenas refere tomar a hóstia.

contrariamente ao germânico, que assume um recorte teocêntrico[997]. Com efeito, no processo místico de Maria Micaela, a força transcendental do momento da comunhão reside nessa robusta conceção da partícula, não propriamente como manifestação metafísica de Cristo, mas enquanto a sua presença real, razão pela qual "the Eucharist especially triggered ecstatic visions; from women's visionary writing it can be inferred that they had visions mainly during matins or mass on the major liturgical feasts"[998].

Efetivamente, muitas das visões e estados místicos de Maria Micaela ocorrem depois de comungar ou no caminho para a comunhão. Tal como ela refere, "outras vezes, indo ou vindo de receber o Senhor sacramentado, tendo inda a partícula na boca, se acende dentro da alma ou do coração tão grandes amores e carícias, que parece que tudo passo exteriormente com o mesmo Senhor"[999]. A partícula que se conserva na boca (referência que não é inusitada, de resto, atendendo ao papel simbólico que a boca desempenha, como se viu, nesta economia mística) suscita o aparecimento de Cristo, cuja presença é sentida não somente em termos amorosos e etéreos, mas como que fisicamente. Dir-se-ia que, numa estratégia mimética, a presença física da hóstia despoleta a perceção da presença física de Cristo, a que não é alheia a convicção de este se encontrar, de facto, contido naquela. Hadewijch de Brabante, na sétima visão, relata justamente estas coincidência e sobreposição entre a forma eucarística e o corpo de Cristo:

> In this sense I desired that God give himself to me, so that I might content him (...) With that he came in the form and clothing of a Man, as he was on the day when he gave us his Body for the first time; looking like a Human Being and a Man, wonderful, and beautiful, and with glorious face, he came to me as humbly as anyone who wholly be longs to another. Then he gave himself to me in the shape of the Sacrament, in its outward form, as the custom is (...)[1000]

Com efeito, em Maria Micaela, a incorporação da partícula divina é acompanhada frequentemente de experiências visionárias altamente sensoriais, que traduzem a presença real do divino:

---

[997] Sílvio Lima – *O Amor Místico: Noção e Valor da Experiência Religiosa*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1935, p. 243.
[998] Fraeters Veerle – art. cit., 2012, p. 185.
[999] Fl. 187v.
[1000] Hadewijch – op. Cit, 1980, p. 281.

> No outro dia, que era dia de comunhão, vindo de o receber, me deu minha Senhora da Piedade a entender: "agora o tens como eu o tinha nos braços". Eu inda tinha a sagrada partícula na boca e sentia tantos regalos que a alma pediu à Senhora que assistisse ali, e os anjos e quatro santos, duas santas e dois santos. Estava minha alma nesta santa companhia, em que lhe diziam, me parecia que era minha Senhora, que a joia mais preciosa que a alma possuía neste desterro era receber o Senhor. Eu lhe dizia: "Senhor, não permitais que vossos ministros sejam escassos aos regalos que minha alma recebe do Senhor. Só posso dizer que é pão quotidiano, que é sempre"[1001].

Maria Micaela, após comungar, sente ter Jesus (sendo às vezes difícil perceber se se trata de Jesus Menino, se de Cristo) nos braços, tal como o tivera a Virgem Maria, estabelecendo-se entre ambas uma relação mimética em que o amor ao Filho e a capacidade de por ele sofrer se transferem para Maria Micaela, muitas vezes por iniciativa da Virgem. A religiosa de Odivelas redige ainda:

> Dois mistérios divinos me trazem sempre absorta e encendida a alma para mais, e mais me dar a Deus, que é o batismo [e o] outro é o amor sacramentado. Ficar-se o Senhor connosco e obrar tantas maravilhas, grandezas e regalos na alma que, pura e limpa das coisas de cá da terra, o recebe. Aquela fé viva que infunde na alma para o receber com fé viva que Deus está ali, tão realmente como está no céu, e aquele amor insofrível que sente de não poder satisfazer a sede que sente de se ver já com ele. E sente-o todo dentro de sua alma, mas como a escuridade do corpo não deixa ver claramente a Deus, goza dele por amor puro. Confesso minha culpa, que inda que agora o recebo todos os dias, por misericórdia de meu Deus, e não pelos meus merecimentos, sempre sinto fome e sede do amor sacramentado. Sempre padeci muito por ele, sem que me atrevesse a pedir e ser impertinente, que isso seria gulosice espiritual. Mas é uma saudade que sempre tive de receber o amor sacramentado, e uma alegria que sempre tive, ou senti, na alma, pela fé viva que sempre tem deste admirável sacramento, e pela união que a alma recebe com Deus e trato familiar que sente em todos os mais mistérios.[1002]

O *eu* revela sentir-se particularmente abismado face a dois mistérios: o do batismo e o da eucaristia. A sua estupefação sobre o segundo é motivada, precisamente, pelo facto de a espécie eucarística conter a Deus tal como o contém o céu. Nesta realidade epistémica, o *eu* perceciona a comunhão como o momento da união mística por excelência, em que o corpo de Cristo é integrado no seu próprio corpo. Mais do que isso, comungar proporciona uma experiência visionária de Cristo, já que a presença da

[1001] Fl. 17v.
[1002] Fs. 150. – 150v.

hóstia parece traduzir a própria presença do *humanitatis Christi*, num processo de largo apelo à transubstanciação.

Maria Micaela procurava comungar todos os dias. Quando não o podia fazer por se não ter confessado ou por qualquer outra razão que não explicita, o seu dia parece-lhe menos alegre: "Então queixamo-nos que temos muitas misérias, que não podemos comungar sem nos confessarmos todos os dias, e tudo isto nos vem da pouca cautela com termos falado no que não está por nossa conta"[1003]. No entanto, também por vezes consegue ultrapassar essa contrariedade, regozijando-se com ver comungar as suas irmãs: "Outro dia, fui a matinas. Estando nelas, vi minha alma tão abrasada no amor do Senhor e toda tão satisfeita, mas não era dia de comunhão para mim, mas eu me regalei de ver comungar as outras"[1004]. De qualquer modo, a comunhão aparece sempre associada à necessidade de confissão e de limpeza de alma: "Ficar-se o Senhor connosco e obrar tantas maravilhas, grandezas e regalos na alma que, pura e limpa das coisas de cá da terra, o recebe"[1005]. A limpeza da alma é, na obra desta religiosa cisterciense, um assunto bastante recorrente: "o sustento que o Senhor nos dá neste palácio é o seu divino corpo sacramentado. Entendia como ele se agradava que nós o recebêssemos todos os dias, não cheios de misérias voluntárias, senão puras e limpas"[1006]. Apesar disso, sempre Maria Micaela se considera insuficientemente preparada, apesar dessa forte assiduidade dos sacramentos:

> Também sentia minha alma satisfeita de um tesouro riquíssimo que sempre vive faminta, que era o amor sacramentado, que inda que o recebia todos os dias e espiritualmente três vezes no dia, sempre viv[i]a como sedente por se não saber preparar com a pureza e limpeza que é necessária.[1007]

Igualmente, os efeitos da Eucaristia ora se viviam no imediato, ora se adiavam para momentos de maior recolhimento, em que o amor a Deus exigia expressar-se pela voz:

[1003] Fl. 99v.
[1004] Fl. 9v.
[1005] Fl. 150.
[1006] Fl. 253.
[1007] Fl. 267v.

> Um dia, depois de ter recebido o amor sacramentado, me deram grandes ânsias de buscar parte solitária onde pudesse dar desafogo a este coração, e me lembrou que a horas de jantar podia eu ir ao cemitério, dentro da capelinha de São Francisco clamar com vozes e desafogar este coração, que não sei se diga enamorada de Deus, mas eu não sei amar a meu Deus.[1008]

A comunhão é frequentemente seguida de visões e locuções divinas, com efeitos que a autora descreve como "regalos", ora suaves, ora intensos. "Logo que recebi o Senhor, senti dobrados regalos dentro na alma"[1009]

Em alturas em que não pode comungar, a autora refere que medita sempre nesse sacramento, de que resulta também muita ternura e dom de lágrimas: "Um cuidar no amor sacramentado são rios de lágrimas"[1010].

É nestes momentos que a religiosa experiencia a união mística, com efeitos tão intensos, que se prolongam muito para além da missa e do dia dela:

> Dia do Anjo Custódio, depois de ter comungado, me fez meu Senhor grandes regalos, suspendendo-me os sentidos de tudo [o] criado. Me deixou tão extraordinária oração de união de amor puro e nu que me durou vai por três dias, que inda não estou livre desta prisão dos sentidos e potências, toda enardecida". Micaela reforça várias vezes este sentido de união, não apenas através do gesto do abraço que sente de Deus, mas através do próprio termo "união"que reitera ao longo da obra: "E tudo é pouco pela união em que sinto minha alma com Deus. Parece-me que a alma tem asas pela ligeireza com que se une com Deus.[1011]

A imagem das asas corporiza o sentido de subida na perfeição e na virtude, numa maior proximidade de Deus. Aliás, à comunhão de Maria Micaela está associado um processo de conhecimento de Deus, que é reiteradamente referido pela religiosa ao seu diretor espiritual. "E no outro dia me fui a receber o amor sacramentado, mas já ia como fora de meus sentidos e, vindo de comungar (…) todo o dia se foi em uma suspensão de

---

[1008] Fs. 162v. – 163. Identifiquei a capela mencionada por Maria Micaela, relacionando-a com a referida por Borges de Figueiredo, na sequência da descrição do cemitério do Mosteiro de Odivelas. Atente-se ao seguinte trecho: "Acercando-nos da capela, vemos atravessada ante a porta uma lápide sob que repoisam as cinzas da Madre D. Isabel de Magalhães, falecida de peste na era de 1598. Esta capela, que tinha a invocação de S. Francisco, e de que restam hoje apenas alguns azulejos no interior, representando a tentação de S. Bento e outros assuntos, foi edificada (ou talvez reedificada) por uma irmã conversa, que ao professar em 19 de março de 1681 mudou o nome de Francisca no de Catarina das Chagas" Borges de Figueiredo – op. cit., 1888, p. 171.

[1009] Fl. 94.

[1010] Fl. 100.

[1011] Fs. 125v. – 126.

todo [o] ser humano e visível, dando-me a entender altíssimos mistérios"[1012]. Ao mesmo tempo que faz a alma transbordar de alegria traduzida em lágrimas, a comunhão permite, nesta religiosa de vida mística, a melhor perceção da natureza de Deus: "Eu tinha comungado naquela hora, os olhos do corpo fizeram-se duas fontes, o gozo que o corpo sente livremente podia passar sem comer. No conhecimento das coisas divinas seja meu Senhor louvado"[1013].

É evidente que se trata de um conhecimento não atingido pelo intelecto, mas apenas pela e na dimensão afetiva da alma unida a Deus. E o que de Deus a alma conhece a religiosa não consegue verbalizar bem, mas o que se vai percebendo é a dimensão cada vez maior e mais avassaladora do amor de Deus. Os efeitos da comunhão expressam-se corporalmente através do choro frequentemente compulsivo e das lágrimas copiosas, bem como de um gozo intenso ou, ainda, de um toque divino no coração:

> Já disse a Vossa Reverendíssima que depois de ter recebido o amor sacramentado, sentira em mim um toque da parte do coração da mão divina, suavíssimo e forte, que me deixou todo o dia sem sentidos para com as coisas da terra, e altos conhecimentos de Deus.[1014]

Após a comunhão, não é somente a figura de Cristo Homem que assoma visionariamente a Maria Micaela, mas também a do Menino Jesus: "No outro dia, que era domingo, fui receber a meu doce amor sacramentado, feito menino que me regalam os seus divinos pezinhos"[1015]. Noutro momento, a religiosa explica: "Indo para receber o Senhor, olhei para o vaso, vi-o cheio de partículas, e alegrou-se muito minha alma. Louvando lhe disse: "amor meu, que vos fazeis em tantos meninos para entrares em nossas almas? Estando eu recolhida com o Senhor, senti dentro da alma que o Menino Jesus me deitava a bênção com a sua mão pequenina, e que se ia"[1016]. "Estando sexta-feira recolhida, que tinha comungado, senti dentro da alma o menino, mas dormindo. A alma com muita ânsia o quis acordar, mas davam-me a entender que eu já o não queria"[1017].

[1012] Fl. 233.
[1013] Fl. 19.
[1014] Fl. 94.
[1015] Fl. 20.
[1016] Fl. 18.
[1017] Fl. 21v.

O momento da Eucaristia, por convocar a união mística com Deus, é particularmente apreendido enquanto um momento fortemente afetivo e anagógico: "depois de comungar, me sentia em uma elevação corpórea, sem ver, mas estava como gozando da glória dos bem-aventurados"[1018].

Refere ainda a autora: "Dia de São Bartolomeu, fui receber o amor sacramentado. Senti logo dentro na alma que me dizia: "tu foste-me receber, e eu recebo a ti"[1019]. Ao mesmo tempo que o *eu* recebe a Deus, também Deus recebe o *eu*, construindo-se, através do símbolo da hóstia, uma relação de natureza especular e analógica, traduzida por termos de fusão como "derretida", "desfeita" e "abrasada", que imageticamente dão corpo.

De facto, o fervor eucarístico procede deste processo de incorporação de Cristo:

> Noutro dia, que era sábado, fui comungar, recolhida com meu Senhor feito menino nas carícias que faz à minha alma, porque a pôs nos seus divinos braços. Primeiro a chamou e ela envergonhada, com um modo como quem estava diente de toda a divindade. O Senhor a pôs no seu divino braço, me parecia esquerdo porque com o outro lhe fazia mil regalos, e ela conhecia que o Amado mandava que estivesse tudo em silêncio. A alma nos favores que estava recebendo conheceu os pecados que tinha e sem falar se doeu deles. Ao mesmo tempo sentiu que [n]os olhos do corpo chovia por eles chuva com muita força, e o Senhor lhe fazia mais carícias. Mais favores gozou minha alma nestas duas horas que ali estive, porque o Amado tinha minha alma, ou a punha, como rainha e Senhora, inda que ela se conhecia por intervalos[1020];
>
> Outro dia, comunguei e senti meu Senhor incorporado com minha alma, tanto às vistas que os olhos se não podiam enxugar pela ternura em que andava metida. Os favores que ela recebia, não sei dar conta. São uns contínuos abraços em que a alma está com o Senhor, e quando a chama do amor divino se acende com força, sem me sentir, e digo: "Senhor, quem vos vira?" Mas como a alma se conhece a sua miséria, teme dizer isto.[1021]

Esta incorporação tem efeitos amiúde corporais: "Bem sei que nada [do que] digo é meu porque isto que sinto na boca é do amor sacramentado, como tudo [o] mais que são favores sobre favores, regalos sobre regalos"[1022]; "Eu tinha comungado naquela hora, os olhos do corpo fizeram-se duas fontes, o gozo que o corpo sente livremente

[1018] Fl. 69v.
[1019] Fl. 80v.
[1020] Fs. 19 – 19v.
[1021] Fl. 22 – 22v.
[1022] Fl. 176v.

podia passar sem comer no conhecimento das coisas divinas"[1023]; "No outro dia, depois de comungar, sentia que o Senhor me tirava o coração, isto por vezes. Eu quis-me afirmar no que a alma sentia, mas não via mais que a alma, e os olhos do corpo feitos duas fontes, e sem entender mais que gozar e chorar"[1024].

De assinalar que a associação da comunhão à sensação, física e/ou metafísica, de doçura é um motivo espiritual, segundo Caroline Walker Bynum, eminentemente feminino[1025]. Exara Maria Micaela: "Há dias de comunhão que sinto fogo nos beiços, com tanta suavidade e doçura, que é por demais"[1026].

A partícula divina revela ainda a componente sacrificial crística na medida em que é o corpo dado por Cristo aos crentes para a sua salvação. Agostinho de Hipona relaciona, demonstrando a sua inextricabilidade, justamente, o âmbito eucarístico com o âmbito do sacrífico de Jesus ao enunciar: "the sacrament of the sacrifice, the mystery of the sacrifice"[1027]. Também este aspeto contribui para a relevância que a Eucaristia possui no quadro místico de Maria Micaela, tendente à meditação da Paixão e à sua componente salvífica. Todavia, importa assinalar a necessidade de a comunhão ser realizada sob o preceito do autoexame enunciado por São Paulo em Coríntios 11:

> Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha. Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice.[1028]

De tal premissa parece Maria Micaela estar bem ciente:

> E digo isto para que Vossa Reverendíssima conheça a minha miséria porque antes de que o Senhor me infundisse este conhecimento estava eu com desejos de comungar toda a semana, mas não lhe queria dizer a Vossa Reverendíssima porque tenho temor, e logo sinto inda mais

[1023] Fl. 19.
[1024] Fl. 32.
[1025] Caroline Walker Bynum – op. cit., 1991, p. 140.
[1026] Fl. 10.
[1027] Apud Henri de Lubac – op. cit., 2007, p. 179.
[1028] 1 Coríntios 11:23 – 28.

> desejos de me preparar para receber. E reparo que sempre estejam as portas da alma abertas para este divino hóspede. Mas não sois, Senhor, hóspede. Sois Senhor da morada.[1029]

Neste sentido, o momento eucarístico marca a expiação desejada pela autora no decorrer do seu processo místico, simbolizando-a, e assumindo uma relevância tal, que a simples observação e contemplação visual da hóstia consagrada despoleta a experiência transformadora e extática: "Assim, ver o amor sacramentado com os olhos do corpo se está a alma recriando, dizendo: "este é todo o meu bem. É o que tenho nos céus e terra"[1030]; "Os efeitos que causam nas almas que se dispõem com viva fé e humildade para receber o primeiro Pai do Santíssimo Sacramento do altar foi uma viva chama de amor de Deus, que enche todos os vazios da alma"[1031].

Nesta dinâmica espiritual, a Eucaristia configura, assim, uma funcionalidade bipartida. Se por um lado é o símbolo que, pela sua qualidade mnésica, evoca o sacrifício de Cristo e, por conseguinte, a "fé viva e humildade", bem como o amor e a autorreflexão necessários no decorrer do processo místico, por outro é a plataforma fundamental de incorporação do divino e da subsequente união mística:

> Hoje, sexta-feira que se está festejando minha Senhora do desterro, recebi a meu Senhor sacramentado, que havia dois dias que o não recebia. De tal sorte me prendeu que não posso cuidar em nada senão toda recolhida, destilando rios de água, porque derrete o coração um amor que há instantes o estou sentindo incorporado comigo.[1032]

1.2.6. Oração

> Levantava-se Blanquerna à meia-noite e abria as janelas da cela para ver o céu e as estrelas e começava a sua oração o mais devotamente que podia, para que toda a sua alma estivesse em Deus e que os seus olhos estivessem em lágrimas e choros.
>
> Ramon Llull

[1029] Fl. 63v.
[1030] Fl. 96.
[1031] Fs. 63 – 63v.
[1032] Fl. 36v.

A oração[1033] é nuclear à vida dos cristãos, independentemente das suas formas e processos, significando o esforço de comunhão interior de cada um com Deus. O modelo de oração no cristianismo é baseado na figura de Jesus, que, como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*, orava em comunidade e sozinho, por fórmulas e por discurso próprio:

> O Filho de Deus, feito Filho da Virgem, aprendeu a orar segundo o seu coração de homem. Aprendeu de sua Mãe, que conservava todas as "grandes coisas" do Onipotente e as meditava em seu coração. Aprendeu nas palavras e ritmos da oração do seu povo, na sinagoga de Nazaré e no Templo de Jerusalém. Mas a sua oração brotava-lhe duma fonte diferente e secreta, como deixa pressentir quando diz, aos doze anos: «Eu tenho de estar na casa de meu Pai» (Lc 1, 49; 2, 19 e 2, 51) (CIC 2599).[1034]

Desde a figura orante de Jesus, geralmente no Monte das Oliveiras[1035] e, após a Última Ceia, no Getsémani[1036], até à figura de Maria (que a tradição iconográfica representa a rezar por Isaías, na Anunciação), que o evangelista indica que tudo medita em seu coração, não faltaram à Igreja modelos e formas de oração, em práticas que vão do isolamento eremítico, à penitência extrema ou à alegria transbordante.

A importância da oração foi sublinhada por David de Augsburgo, místico e frade franciscano alemão do século XIII, que afirmou que:

> Because the "words" of truth are "spirit and truth", the soul has create and nourish a spiritual life while she is wandering in exile, until she will "see" the word of God, through which everything lives, "from face to face". Therefore she has to chew and ruminate these sounding and corporeal words, so that the spirit extracts the sweetness that inhabitates these words.[1037]

Ruminar as palavras da oração, desde salmos a hinos e a cânticos provenientes do Espírito Santo, é um exercício profundamente espiritual na medida em que faz descobrir a doçura divina, promovendo o estreitamento entre humano e divino, esse "*Oratio est ascensus mentis in Deum*"[1038] de João Damasceno.

[1033] Para uma visão geral sobre a oração, consultar: Rachel Fulton Brown – "Oratio/Prayer" in Amy Hollywood – Patricia Z. Beckman (ed.) – op. cit., 2012, pp. 167-177.
[1034] *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993, ponto 2599. pp. 547 – 548.
[1035] Lucas 6:12.
[1036] Lucas 22 e Mateus 26: 36 – 46.
[1037] Apud Niklaus Largier – op. cit., 2003, p. 11.
[1038] Apud Rachel Fulton Brown – op. cit., 2012, p. 168.

Outrossim, no século XVI, Santa Teresa define a oração como "um trato de amizade com Deus" e, nesta afirmação, revelou que a chave de compreensão dessa prática nuclear à vida dos cristãos reside no conceito de amizade. "Para aproveitar muito neste caminho [da oração] (...) não se trata de pensar muito, mas de amar muito"[1039]. Francisco de Sales também compreendeu a oração como "uma prática familiar com a Divina Magestade", ou como "um voo ou elevação do espírito para Deus", pelo que, na linha de S. Boaventura, não hesitou em escrever que a oração e a teologia mística não eram "mais do que uma mesma coisa"[1040].

Nos capítulos anteriores, tem-se refletido sobre os modos de aproximação do *eu* místico narrado em primeira pessoa (na relação de vida que a religiosa Maria Micaela de S. Bernardo enviou ao seu orientador espiritual) à esfera do divino. E constatou-se que o amor "abrasado", representado como fogo, lágrimas suaves e doces, abraços e beijos, configuravam uma relação afetiva e amorosa que parece ser a marca da espiritualidade mística de Maria Micaela.

A afetividade é, de facto, a relação que estrutura a vida de oração de Maria Micaela, mesmo nos momentos de secura espiritual. Todo o seu tempo é ocupado no recolhimento solitário da oração ou na oração comunitária, que, como se sabe, se estruturava em torno de ritmos fixos, noturnos e diurnos: Vigílias, Laudes, Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas.

Por conseguinte, na autobiografia espiritual de Maria Micaela a oração revela de facto o universo da interioridade e da intimidade da alma com Deus que, nos seu decurso, se torna mais permeável à presença divina: "Muitas vezes, na oração, não sinto, ou me sinto como uma pena o corpo, e gozando de Deus sem termos, nem medida, e toda cheia de admiração de conhecer tantas grandezas de Deus"[1041]. E também:

> E pareceu-me que eu já ia tarde, mas detive-me com meu Amado na oração, que me tinha mostrado dois caminhos. Um de amor, graça e regalo, e outro de conhecimentos e doutrina. Neste me mostrava que estava a alma mais apartada do Senhor porque trabalhava, mas era tudo no mesmo Senhor. No primeiro, que era a alma unida à do Senhor, vi que meu Senhor, com as

[1039] 4ª morada, 1,7.
[1040] Pedro Tavares – op. cit., 2002, p. 9.
[1041] Fl. 181.

> suas divinas mãos, me dava flores graciosas. E a alegria com que ele me dava, as fazia mais excelentes. Eu as tomava e lhas tornava a pôr no peito, que mas guardasse, e assim fui ornando o seu divino peito.[1042]

O segmento transcrito é assaz significativo na medida em que revela a inclinação da autora por uma espiritualidade afetiva e amorosa, sediada no contacto direto e privilegiado com Deus, em detrimento de uma espiritualidade baseada em "conhecimentos e doutrina". Se à última, enquanto mulher, os ditames religiosos a afastavam, a primeira parece, por oposição, ser prorrogativa e particularidade da espiritualidade mística feminina. Evidencia-se o facto de o momento da oração permitir a interioridade necessária a essa intimidade com Deus, sendo um ponto nevrálgico deste processo místico. No decorrer da oração, o *eu* acede aos preceitos divinos e, sobretudo, à sua presença: "Na oração é que se descobrem as minas do céu escondidas aos olhos da carne"[1043], declara a religiosa de Odivelas. Com efeito, não é só a palavra na sua realização escrita (cap. 3.2., parte III) que permite a união com o divino. Também a oração – mental ou vocal – despoleta o encontro com Deus: "Esta noite, que é sábado, estando rezando matinas, senti a Deus"[1044]. Ou ainda:

> Com mais clareza estou com o Senhor na oração, mas parece-me não ser isto oração porque nem eu posso a considerar o corpo, que está tão debilitado de forças que, sem sentir trabalho, nem fatigar-se, senão com serenidade se desfaz com o fogo de amor que arde em meu peito.[1045]

Em torno do conceito de fogo de amor, a religiosa faz passar a ideia de um encontro forte, íntimo, quase nupcial com Cristo. De facto, ao longo da oração, Cristo revela-se-lhe através de vários modos, mas um deles é, justamente, a locução, pela qual trata a alma como "amiga", "esposa" e "amada: "Mas é conhecer ela que o Senhor lhe diz, com muito agrado e alegria, chamando-a esposa e amiga"[1046]; "Vai por três dias que estou gozando de favores do céu, unida e transformada toda em meu doce Esposo em uma união sacramental que enche todos os vazios da alma"[1047]A referência ao Cântico dos Cânticos interpõe-se nesta perspetivação do encontro com Deus:

[1042] Fs. 45v. – 46.
[1043] Fl. 30.
[1044] Fl. 98v.
[1045] Fl. 113.
[1046] Fl. 189v.
[1047] Fl. 62.

> Mas sinto-me como se diz nos Cantares: amiga ascende mais alto em virtude. Desta voz fica a Esposa toda transformada, e vê sem ver com os olhos do corpo a divindade claramente, onde acha todo o descanso, o prémio de passo de todos os seus trabalhos.[1048]

Durante a missa, ocorrem-lhe momentos de verdadeira intimidade com Deus:

> Eu estava em a missa do dia, que me estava maneando o corpo, mas a alma tão ocupada com o Amado que depois me pareceu ser milagre que meu Senhor fizera comigo. Deixara o corpo livre para os autos da comunidade. Ali tratou com a alma, como um amigo com outro, queixando-se, mostrando-me o que padecera por nós, as finezas de tomar carne humana, o amor e a alegria com que o fez.[1049]

A expressão "como um amigo com outro" é recorrente no texto[1050], exatamente nestes mesmos termos, para designar a amizade da alma com Cristo. E o termo "amigo", tal como o de "Esposo" e, sobretudo o de "Amado" constituem recursividades notórias, pelas quais o *eu* se refere a Cristo. Do mesmo modo, nas locuções divinas que a religiosa ouve durante esses momentos de arroubo místico, Cristo dirige-se-lhe como "Esposa minha" e "Pomba minha": "Vem, pomba minha, fermosa minha!"[1051]; "Não desconfies, pomba minha, fermosa minha"[1052].

Na verdade, a própria Micaela tem consciência dessa relação mística da alma com Cristo, que tem no *Cântico dos Cânticos* a sua expressão mais poética, porque ela própria refere o Cântico e demonstra conhecer bem o seu texto, pela referência ao inverno, às asas, à pomba, às flores, etc:

> Hoje, que é dia da Exaltação da Santa Cruz, todo este dia me tem meu Senhor regalado, dando excelentes doutrinas com um vivo amor. Me está como dizendo e mostrando que somos dentro da alma como os tempos, que há inverno, verão, tempestades, desabridos tempos e outros muito suaves, onde me mostra o que se diz nos cantares: "já passou o inverno, vem amiga minha, pomba minha". Assim, outros amores e com estas delícias e regalos, pôs minha alma em grande liberdade para gozar do Senhor, entregando-se todo à vontade da minha alma.[1053]

Na oração de Maria Micaela ocorre uma espécie de voo da alma para Deus:

> Antes de amanhecer me levanto para o coro. Quando me visto, sinto o coração e a alma saltar de alegria pela possessão e gozo em que vive com Deus. Acabado o coro, gasto três horas, antes

[1048] Fl. 60.
[1049] Fl. 79 v.
[1050] Ver fólios 32v., 79, 148v. e 178.
[1051] Fl. 105v.
[1052] Fl. 112v.
[1053] Fl. 160v. – 161.

> e depois da comunhão, e inda mais se cabe tempo, antes de tornar a entrar ao coro. E tudo é pouco pela união em que sinto minha alma com Deus. Parece-me que a alma tem asas pela ligeireza com que se une com Deus.[1054]

Trata-se a oração de um modo de incorporação do divino e, por isso, de uma plataforma para a união mística: "Custou-me muito não gritar por este mosteiro. Estando na oração, senti meu Senhor incorporado com minha alma, tudo em silêncio"[1055]. Assim se explicam as muitíssimo recorrentes representações de Maria Micaela como tendo a alma "transformada em Deus" e a sua insatisfação por todas as vezes em que tal não acontece: "É verdade que Santa Teresa diz que no verão mal se pode ser cristão, mas em tudo eu sou o avesso das servas de Deus, porque nunca reparo em tempos, senão naqueles em que me não vejo unida e transformada em meu Deus e Senhor"[1056]; "Assiste meu Senhor com minha alma, não fazendo ela nada de sua parte mais que conhecer e gozar de Deus. Assim, não deixa de conhecer que nada é seu, tudo é de seu Senhor. Ela não se acha mais que em Deus toda transformada em amor e graça"[1057].

Orar executa um movimento de dupla expressão na alma: se por um lado conduz o *eu* à alienação de si próprio, por outro permite-lhe alcançar a Deus. A oração possibilita a elevação espiritual, a que se acrescenta o inevitável alheamento do mundo e consequente acesso às doçuras divinas: "Mas, estando na oração, me vi tão despida de mim mesma, a alma encostada ao divino Esposo... Não era doçura o que sentia e conhecia, mas era mais que doçura, que não se conhece coisa de mortandade"[1058].

A oração provoca uma trajetória de ardente afetividade, na qual a alma desliza amorosamente. Narra Maria Micaela: "Só na oração se recolhe a alma com o Senhor, onde descansa com os beijos do seu divino rosto, e lhe diz: "eu sou todo teu, e tu és toda minha"[1059].

Na autobiografia espiritual de Maria Micaela a oração não se esgota neste âmbito da proximidade a Deus. De facto, é também a plataforma que promove amiúde

---

[1054] Fl. 188.
[1055] Fl. 17v.
[1056] Fl. 218 e 218v.
[1057] Fl. 113.
[1058] Fl. 7v.
[1059] Fl. 22v.

as visões e os raptos da religiosa: "Estando no coro, à missa estava-se cantando a glória dos anjos e, quando disseram *In Gloria Dei Patris,* senti minha alma com tal gozo que lhe diziam que era onde ela havia de ir morar"[1060]. Está-se, neste caso, no plano da oração, mas particularmente no plano da oração cantada, que já se viu que tantas vezes exerce um papel de elevação da alma, que se abre ao amor místico[1061]. "*In Gloria Dei Patris*" é o último verso do hino litúrgico "*Gloria in excelsis Deo*",que, ao ser escutado pelo *eu*, conduz o espírito da religiosa experienciar um gozo sem igual, antevendo o encontro com Deus depois da morte. Não é, pois, somente a oração individual e silente que despoleta o rapto místico, mas também a coletiva e vocal.

Por conseguinte, a oração configura-se enquanto um modo de atingir o êxtase, ocorrendo no seu decurso a alienação do *eu* que se torna esquecido de si próprio e do mundo e apenas recordado de Deus: "Eu não sei que é isto agora, porque a oração, já acima disse como a tinha, agora saindo dela sinto-me sem forças e despedaçado o corpo"[1062], narra Maria Micaela. A religiosa prosseguirá o seu relato, evidenciando o papel que a oração ocupa na sua tessitura mística, altamente marcada pela sempre reiterada vontade de estar a sós com Deus: "E como já disse a Vossa Reverendíssima que se tenho tempo que tomo cinco horas de oração, e tudo é pouco, que nunca minha alma se satisfaz de estar mais e mais a sós com meu Amado (...)"[1063].

A freira chegará mesmo a relatar as orações que executa, ao despertar, na sua cela, espaço por si privilegiado de isolamento, de recolhimento e de silêncio.

> Sem perder a paz da alma, tomei este remédio que é levantando-me pela manhã da cama me prostro por terra com a boca no chão, e digo a meu Senhor e Pai de minha alma: "Deus meu, eu renuncio e desprezo interior e exteriormente assim regalos como favores, tudo [o] que não for puramente vosso. Por que a minha fragilidade e ignorância conheça em vossas divinas mãos, encomendo minha alma e meu espírito e aos vossos divinos pés se prostra este vil bichinho da terra para padecer e gozar tudo, e tudo [o] que for vontade vossa" E digo mais a oração que fazia a Nossa Senhora, "altíssimo Senhor", e tomo a sua divina bênção e a minha Mãe e Senhora diante

[1060] Fl. 6v.
[1061] Sobre esta relação entre os cânticos religiosos e os arroubos místicos, ver o já citado artigo de Isabel Morujão – "Sentidos corporais e sentidos interiores: aproximação às representações da santidade feminina no século XVII em Portugal".

[1062] Fl. 2.
[1063] Fl. 226v.

da sua imagem. Confesso minha culpa e lhe tomo a bênção e caminho para o coro, muitas vezes já toda abrasada em amor de meu Deus.[1064]

Sendo uma oração pessoal e íntima proferida na interioridade e na solidão do recolhimento, abrasa o *eu* em amor divino e serve como uma espécie de remédio espiritual, bem como de preparação para as matinas que se seguem.

> E antes de dizer esta oração acima dita, a qual repito pelo dia adiante muitas vezes, digo mais uma: Ave Maria, ao coração de Jesus, e outra ao coração de Nossa Senhora, e a outra a ofereço com o meu coração, ajuntando três corações de Jesus e Maria com o meu, que já não é meu. E desta sorte passo o dia com grande paz e alegria de minha alma, que às vezes não posso esconder a alegria que sinto interiormente, que esta alegria não é das coisas deste desterro[1065];

> No fim das cruzes, rezei três Ave-Marias e Senhora e sua ladainha e, quando lhe quis fazer oferta, reparei se depois de lha oferecer aplicaria por alguma necessidade. No mesmo tempo senti que a Senhora me dizia com grande compaixão de mim e ternura: "dá cá, filha, que as quero" ou "são de meu agrado", ou coisa semelhante entendi. Eu fiquei como suspensa, não a via, e sentia aquilo como cá fala uma pessoa com outra. E me deu a entender como se compadecia de meus padecimentos, e era o amor que me mostrava e me atraía toda a si. Eu toda me desfazia em lágrimas de amor e de saudades, porque nunca fica a alma satisfeita e digo que a Senhora não me pedia as minhas limitadas orações por não querer que as aplicasse pelas necessidades dos próximos, pois é Mãe de pecadores, mas era para me fazer favores, que toda me sinto desfazer em ternuras e amores da Mãe de Deus[1066].

As orações que o *eu* enuncia funcionam como oferecimentos a Jesus e a Virgem Maria que possibilitam a união dos seus corações, configurando-se a oração como uma via unitiva. No seguimento deste privilégio pela oração recolhida, a noite e a manhã parecem ser os momentos mais fecundos de oração: "À noite, estando na oração, quis a alma buscar o Amado crucificado e abraçar-se com ele, que agora é como se goza com ele[1067]. De facto, rezar à noite, como Jesus na montanha, talvez se explique pelo sossego, silêncio e solidão – necessários ao recolhimento da alma – que só as horas noturnas melhor proporcionam.

As orações em comunidade possuem também importância: "Estando na oração do convento a alma abraçada com o Senhor crucificado, lhe pedia muito: "Senhor,

---

[1064] Fs. 160v. – 161.
[1065] Fl. 161.
[1066] Fs. 226 – 226v.
[1067] Fl. 10.

fiquemos aqui, estejamos mais tempo", e dava-me a entender que assim dizia São Pedro"[1068]. Borges de Figueiredo explica que as religiosas de Odivelas deviam ir rezar ao coro

> às dez da manhã, a prima e tercia, ouvir em seguida a missa conventual, e rezar logo após a sexta e nona. Mas tudo isto apenas as demorava até às onze horas. Às duas horas e meia depois do meio-dia, voltavam a rezar as vésperas e completas, e, passada meia hora de descanso, rezavam matinas e laudes, acabando o serviço às quatro horas.[1069]

O autor refere a importância da música na celebração litúrgica[1070] desta casa monástica (a que não é certamente alheia a presença dos antifonários elencados nos catálogos referidos no capítulo 1.1.2. do parte I), tendo ficado o Mosteiro de Odivelas célebre pelo seu coro, constituído por "setenta mulheres, que todas cantam muito destramente e as mais têm belíssimas vozes, tangem na estante três baixões, tocam muitas delas tecla, arpa, viola de arco, e a violina particularmente"[1071]. Revela Maria Micaela: "Dois dias me durou ver-me no coro como quem estava gozando de uma música angélica, pelos efeitos que sentia, inda nos atos de comunidade"[1072]. De facto, é a categoria auditiva[1073] uma das classes que organizam o processo místico. A freira de Odivelas expõe ainda:

[1068] Fl. 9v.

[1069] Borges de Figueiredo – op. cit., 1888, p. 168.

[1070] Para o tema da presença da música em espaço conventual, ver Antónia Fialho Conde – "Paisagem sonora histórica, acervos documentais e espaços monástico-conventuais em Évora no período moderno" in Antónia Fialho Conde – Vanda de Sá – Rodrigo Teodoro de Paula (ed.) – *Paisagens Sonoras Históricas: Anatomia dos Sons nas Cidades.* Évora: Publicações Cidehus, 2021. Disponível em linha: https://books.openedition.org/cidehus/18337. Acesso em: 28/09/2023; Francisco Marques de Sousa Viterbo – "A música nos conventos de freiras" in *Artes e Artistas em Portugal: contribuições para a história das artes e industrias portuguezas.* Lisboa: Livraria Ferreira, 1892, pp. 185-192; Elisa Maria Maia da Silva Lessa – *Os Mosteiros Beneditinos Portugueses (Séculos XVII a XIX): Centros de Ensino e Prática Musical*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1998. Tese de Doutoramento e Magna Margarida Ferreira – *"He precizo dizer com a voz": A obra de Frei Francisco de S. Boaventura nos conventos femininos de clausura do Porto no final do Antigo Regime (1770-1802).* Santiago de Compostela: Faculdade de Letras de Santiago de Compostela, 2023. Tese de Doutoramento.

[1071] Borges de Figueireirdo – op. cit., 1888, p. 169.

[1072] Fl. 175v.

[1073] Note-se que "Nos fenómenos auditivos, as locuções podem ser ouvidas com os ouvidos do corpo e proferidas com a própria boca; podem ser imaginárias-inteletivas, ouvidas com os ouvidos da alma ou sentidos internos e com a imaginação, repercutindo-se levemente sobre o entendimento; e podem ser locuções intelectuais imaginativas, que se ouvem com os sentidos internos, mas se captam mais intensamente com o entendimento; finalmente, as locuções intelectuais puras, que se ouvem e captam sem qualquer forma de palavra". Isabel Morujão – art. cit., 2023, p. 46.

> Indo para o coro, senti dentro da alma e corpo tal suavidade que, estando se dizendo o Evangelho que dezia o que o estava cantando "dixit Jesus discipulis suis", ao eco desta palavra derramou em minha alma tão excelente fragrância do orvalho do céu, que me parece que não se pode pôr nome de doçuras. E isto sem discurso, só posta a alma como simples.[1074]

Maria Micaela menciona ainda a antífona da Comunhão "Dixit Iesus Discipulis Suis", que alude a João 21:12-13, e o hino do prefácio da oração eucarística, *Sanctus, Dominus Deus Sabaoth*: "E digamos como [o]s bem-aventurados santos: *Santos Dominus Deus Sabahó*"[1075]. Torna-se evidente o papel da audição nesta experiência mística[1076], de resto também presente no processo espiritual de outras religiosas, como explicitou Isabel Morujão.

Os textos litúrgicos cantados, musicados e escutados provocam, de facto, em Maria Micaela, estados de alma elevados, em que o gozo místico é apanágio fundamental:

> Estando no coro nas vésperas de meu Pai São Bernardo no dia oitavo, estavam cantando a sua antífona. Senti minha alma toda banhada como sem sentidos, em gozo e bem descuidada daquele favor. Me pareceu que [qu]eria entrar o santo no céu, e que o Senhor, sem falar, mostrava ou comunicava com toda a corte celestial o amor que lhe tinha, e todos os anjos e santos festejavam a entrada do santo. Isto era quando ele morreu. Eu, como admirada e pura no que sentia minha alma, não do que conhecia, não duvidava porque inda andando o corpo não saía a alma da contemplação do céu. Eu como me vejo na terra não abraço muito ver-me tão alta, mas quando o Senhor é servido não posso resistir à força com que a alma é levada àquele alto saber. Fiquei toda a tarde conhecendo e gozando grandes ratos de glória.[1077]

Importa ainda referir a manifestação de locuções interiores[1078], bem como a frequente alusão à audição da própria voz de Deus: "A voz do divino Esposo tão suavíssima..."[1079], declara a religiosa de Odivelas. E ainda:

[1074] Fl. 43v.
[1075] Fs. 131 – 131v.
[1076] Sobre o papel da música como catalisador da experiência mística ver María Victoria Curto Hernández – *Música, Danza y Teatralidad en la Experiencia Mística y Visionaria Femenina al Final del Medievo: los Casos de María de Santo Domingo (1486? – 1527) y Juana de la Cruz (1481 – 1534) en su Marco Eurupeo*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2022. Tese de Doutoramento.
[1077] Fl. 83.
[1078] De facto, "Desde Santa Gertrudes de Helfta que a presença de Deus sentida através de falas que dirige às pessoas místicas, que as escutam no interior de si mesmas sem ser através dos ouvidos corporais, se tornou um fenómeno próprio das grandes místicas, tendo atingido no século XVI, com Sta. Teresa, uma expressão muito significativa." Isabel Morujão – art. cit., 2023, p. 51.
[1079] Fl. 185.

> Logo começou a minha alma a arder em amor, fogo e lágrimas, que não faria com ouvir com os ouvidos da alma "filha", o que nunca tinha chegado a tal extremo. (...) Mais de três dias trazia minha alma toda derretida e abrasada naquele fogo de amor, que não podia esquecer aquela suave voz, que não foi como uma pessoa fala com outro, mas penetrou.[1080]

A oração em espaço comunitário sucede, ainda, no que Maria Micaela refere como "ir às cruzes" e que diz à oração da Via-Sacra. Tal prática oracional seria levada a cabo percorrendo efetivamente as diversas representações das catorze estações da *Via Crucis*:

> Fui-me a correr às cruzes, o que desejo fazer muitas vezes, mas como as minhas maiores doenças quotidianas é debilidade de forças, que parece um corpo morto, e às vezes sinto forças, mas este amor é tão forte e também suave, mas debilita-me, andava muito devagar, correndo-as por respeito das forças. E como não pudesse rezar as estações que se fazem, andando, me de[i]xei levar toda na Paixão e morte de meu Senhor Jesus Cristo. Ela se me entranhou tanto que me sentia morrer pelo muito que se me descobriu, e, queixando-me eu de que o Senhor se deixasse prender e ser maltratado, chegando eu a pôr-me de joelhos a uma cruz, senti dentro da alma que o Senhor me estava mostrando, ou como dizendo, que era preciso que ele padecesse. Mas não era com estas rezões que eu aqui digo, senão com um fogo de amor e alegria que me estava mostrando a escuridade do mundo enquanto ele se não fizera Homem, e vir morrer por nós para que houvesse as suas santíssimas imagens na terra, onde me mostrava que tudo fizera por nós.[1081]

Este modo de oração, pela sua orientação mimética, assume em Maria Micaela particular relevo. De facto, este exercício devocional, centrado na meditação sobre as diferentes etapas da Paixão, principiando na condenação de Jesus e terminando na sua sepultura, conduz à mimetização dos sofrimentos crísticos não somente a nível espiritual, mas também corporal. Esta *mimésis* é engendrada no plano do corpóreo por via da doença (cap. 1.1.3., parte III), na medida em que, devido à sua debilidade física, é efetivamente doloroso ao *eu* percorrer as diversas estações, incorporando em si próprio, fisicamente, os padecimentos de Cristo. Esta forma de oração ao implicar um trajeto específico que é necessário percorrer e que a prostração advinda da doença torna *Via Dolorosa*, possibilita por excelência a *imitatio Christi*.

[1080] Fl. 5.
[1081] Fs. 163v. – 164.

O exercício da Via Sacra revela ainda a profunda meditação na paixão crística ao gosto de Bernardo de Claraval e de tão grandes frutos místicos:

> Fui-me a correr às cruzes da Via-Sacra, nestes dolorosos passos que o Senhor deu por mim, pecadora. A alma lastimada amorosamente de ver o que seu divino Esposo padeceu por ela. Depois de acabar me encostei para a cadeira do coro, contemplando em tantos tormentos de um Deus, único bem de minha alma, e em um amor sobre todos os amores, tanto padecer. Ali me deixam ficar até entrar ao coro, mas o Senhor, que tudo se padece por seu amor, deu dobrados bens. Senti-me de sorte elevada e atraída, que nem para rezar matinas estava capaz, porque toda estava presa em amores e delícias[1082];
>
> Desde que eu me fui a correr às cruzes, que disse a Vossa Reverendíssima no capítulo acima, fiquei tão ferida de amor, e despida e desfeita de toda eu, que não posso fazer mais que estar sempre louvando a meu Deus pelo que sinto dentro da alma, que é estar separada de tudo desta vida e sentir uma vida celestial na sua divina comunicação, no seu divino gozo, que em toda a parte me sinto toda atraída e ferida daquele objeto divino[1083];
>
> Ia-me a correr às cruzes como Vossa Reverendíssima me tem ordenado, e a cada estação lendo o ponto se me parecia que se me abria o coração para nele esconder a meu Senhor, que não padecera aqueles tormentos. O que sentia em mim não tem explicação de amores e carícias. Oh, Senhor, parecia-me que andávamos ambos, meu doce amor da minha alma, que são tantas as coisas que nada digo![1084]

Importa assinalar a proeminência do pictórico e do universo imagético no âmbito deste exercício de oração, em que a observação, contemplação e meditação das/sobre as imagens da Paixão radicalmente alicerçam a oração.

A oração à Virgem Maria adquire igualmente um papel importante na vida espiritual de Maria Micaela, corroborando-se o alinhamento da espiritualidade da autora com a de São Bernardo:

> No fim das cruzes, rezei três Ave-Marias à Senhora e sua ladainha e, quando lhe quis fazer oferta, reparei se depois de lha oferecer aplicaria por alguma necessidade. No mesmo tempo senti que a Senhora me dizia com grande compaixão de mim e ternura: "dá cá, filha, que as quero" ou "são de meu agrado", ou coisa semelhante entendi. Eu fiquei como suspensa, não a via, e sentia aquilo como cá fala uma pessoa com outra. E me deu a entender como se compadecia de meus padecimentos, e era o amor que me mostrava e me atraía toda a si. Eu toda me desfazia em

[1082] Fs. 185 – 185v.
[1083] Fs. 166v. – 167.
[1084] Fl. 220.

> lágrimas de amor e de saudades, porque nunca fica a alma satisfeita, e digo que a Senhora não me pedia as minhas limitadas orações por não querer que as aplicasse pelas necessidades dos próximos, pois é Mãe de pecadores, mas era para me fazer favores, que toda me sinto desfazer em ternuras e amores da Mãe de Deus.[1085]

A focalização da oração da religiosa cisterciense nas figuras de Jesus e de Maria produz no discurso reverberações amorosas, implicando que a linguagem oracional não se esgote no seu âmbito litúrgico, instaurando-se também enquanto um *modus loquendi* íntimo e afetivo, que ela enxerta no seu próprio texto. De resto, Maria Micaela apresenta-se como figura orante desde a infância, rezando orações da tradição religiosa do seu tempo, que sabia de cor:

> Disse-me uma pessoa que uma serva de Deus se ia ter com ela para lhe falar em Deus, e disse-me que lhe parecia que ela tinha fome canina, lhe chamam grosseiramente, de falar e ouvir falar em Deus. Eu como padeço [d]essa doença, e sempre a padeci, sendo inda bem pequenina, tive sempre essa queixa, de sorte que, tendo minha mãe um oratório onde gastava parte das manhãs e tardes, andava eu sempre passando ali fora o tempo que eu lá estava. Mas, sempre saudando a Senhora com orações que sabia (...)[1086]

Este facto atribui à oração um papel legitimador da sua vocação religiosa, que se desenha desde muito cedo, na infância revelando-se, antes mesmo de entrar para o mosteiro, um meio de intimidade e de comunicação com Deus.

> Oh, amor, amor, como pode ser deixarmos passar nem um fichar de olhar que não clamemos a vós por nosso remédio? Nas minhas limitadas orações e petições que lhe faço, sempre digo e lhe peço que não cesse minha alma, nem minha língua, de o louvar e engradecer, até [a]o último suspiro deste desterro.[1087]

Neste desejo de orar sempre e de sempre dialogar com Deus se funda a realidade da intimidade mística com que Maria Micaela de S. Bernardo se autorrepresenta a seu orientador. Como se teve oportunidade de ver, Maria Micaela permanece constantemente em diálogo com Cristo nos seus êxtases místicos, sendo o seu discurso estruturado com palavras suas, nascidas da sua subjetividade, mas incorporando também orações que deram corpo à tradição da Igreja ou que deram fruto particular

[1085] Fs. 226. – 226v.
[1086] Fl. 163.
[1087] Fl. 64v.

em outros místicos. A oração de S. Francisco no Monte Alverne, "Senhor, quem sois vós e quem sou eu?" é uma das que a autora mais utiliza, para cerzir o seu discurso, aparecendo doze vezes no seu texto: "Ah, amor, que não me deixais cuidar em nada, dentro de minha alma vos tenho certamente e certamente vos gozo. Amor, amor, quem sois vós e quem sou eu? Que quereis Senhor que faça, Amado de minha alma?"[1088]. Mas também a do Cântico dos Cânticos, a de S. Pedro[1089] ou de Santa Teresa. Esta convocação de outras vozes místicas no corpo do seu próprio diálogo com Cristo é uma forma de se legitimar como mística, seguindo a tradição e com ela se alinhando.

A espiritualidade orante de Maria Micaela estrutura-se na tradição dos textos evangélicos e dos textos veterotestamentários, na convergência, quer da espiritualidade cisterciense da Ordem a que pertence, quer das grandes figuras místicas femininas, desde a medieval Getrudes de Helfta (que tanto se destacou na piedade mística em torno do Menino Jesus), até Santa Teresa, de quem retoma atitudes e expressões.

Em momentos de êxtase, tal como em momentos de secura, Maria Micaela rezou sempre, sendo as suas orações perspetivadas como "rezas do sol que o Senhor [lh]e dava":

> Como eu tinha padecido grandes desembaraços e escuridades, que em mês e meio é vez para fazer esse caderno que já mandei a Vossa Reverendíssima, que o que escrevi nele foi nos bocadinhos e intervalos que sentia de luz do céu, que todo o mais tempo eram sombras e escuridades. Chamo-lhe eu rezas do sol que o Senhor me dava. Nessas me aproveitava a não desperdiçar esses bocados de tempo.[1090]

Com efeito, algumas das orações chegam mesmo a proceder de Deus, que as comunica ao *eu*:

> Como eu tinha padecido grandes desembaraços e escuridades, que em mês e meio é vez para fazer esse caderno que já mandei a Vossa Reverendíssima, que o que escrevi nele foi nos bocadinhos e intervalos que sentia de luz do céu, que todo o mais tempo eram sombras e

---

[1088] Fl. 18.

[1089] A religiosa insere no seu diálogo com Cristo a frase de Pedro em Lucas 9: 33: "Disse-me meu doce amor: "nisto [que] me vês é que hás de cuidar". Meu Amado, não só cuidar, mas trazê-la eu também. Não quero nesta vida outros regalos. Mostro[u]-se-me com as suas divinas chagas, na do lado se encostou minha alma, tão contente e cheia de gozo que me parecia que lhe dizia o que São Pedro disse: "Ó, Senhor, fiquemos aqui" Fl. 106.

[1090] Fl. 113v.

escuridades. Chamo-lhe eu rezas do sol que o Senhor me dava. Nessas me aproveitava a não desperdiçar esses bocados de tempo.[1091]

Neste sentido, prevalece também no âmbito oracional uma componente infusa, a mesma que, como se verá adiante, anima a palavra escrita neste contexto místico.

1.2.7. Visões e sonhos visionários

Uma das marcas fundamentais do processo místico são as visões, correspondendo à categoria visiva[1092], uma das três categorias que constituem a mística. Agostinho de Hipona, no seu Livro XII do *Comentário Literal ao Livro do Genesis*, desenvolve uma tipologia da visão, distinguidos três tipos fundamentais. Em termos gerais, e de modo sucinto, o mais baixo diz respeito à visão corporal (*visio corporalis*) dos olhos do corpo, a qual, pela sua materialidade, é inadequada à perceção da verdade divina. Já a visão associada aos sentidos interiores é mais elevada do que a primeira, advindo de um *raptus,* e dizendo respeito à *visio spiritualis*. A mais elevada de todas é a visão intelectual *(visio intellectualis*), posicionada no olho da mente, o órgão percetivo do intelecto, que, pela sua semelhança com Deus, se situa mais próximo dele, sendo o autorizado a receber a graça divina.

A visão espiritual – a que mais se ajusta à natureza das visões místicas –, situando-se numa categoria entre a visão corporal e a visão intelectual, possui, irremediavelmente, um pendor ambíguo. Se por um lado foi sendo alvo de desconfianças várias por assomar concomitantemente falível e infalível, por outro, a sua ambiguidade parece ter bem servido às religiosas, as quais iam tecendo uma espiritualidade mais orientada ou tendente à incorporação. Também autores masculinos como Gregório Magno[1093] encontram nas experiências visionárias (advindas de um contexto de oração) uma grande fertilidade, vindo a influenciar, de facto, as

[1091] Fl. 113v.
[1092] Nela se incluem "visões, representações, sono, sonhos, a que se acede através do corpo (visões corporais), através da imaginação intelectiva com leve intervenção do entendimento (visões imaginárias intelectivas; olhos da alma), através do entendimento e repercussão na imaginação (visões intelectivas imaginativas) e sem qualquer recurso a imagens, fora dos olhos do corpo ou da alma (visões intelectuais puras)" Isabel Morujão – art. cit, 2023, p. 46.
[1093] Cfr. Gregory the Great – *Dialogues*, book 2. New York: Fathers of the Church, 1952.

místicas medievais que se lhe seguiriam, e que encontrariam na visão mística uma parte vital da sua vida contemplativa e espiritual. Hildegarda de Bingen é a este nível uma autora essencial[1094]. Mas também Isabel de Schonau, monja beneditina do século XII, a já mencionada Hadewijch de Brabante, Beatriz de Nazaré, freira cisterciense do século XIII, Gertrudes de Helfta e Margarida de Oingt, místicas do final do século XIII e início do século XIV.

Com efeito, a *contemplatio* permitiu a estas autoras o encontro com Deus, que era não raro descrito em termos físicos e através de imagens relativas ao mundo material e sensível, arquitetando-se a visão como um sintoma e uma consequência da união mística. As suas obras revelam, de facto, uma heurística espiritual sediada na visão, resultando no granjeio de uma autoridade por graça divina. Neste sentido, a aptidão visionária foi progressivamente conquistando uma *autorictas* feminina a que se associava, na época, um indício de santidade.

Portugal viveu igualmente esta difusão, existindo diversas freiras visionárias e extáticas como Joana de Jesus ou Maria do Lado[1095], em cujas Vidas, a despeito de uma mudança de cenário intelectual[1096], "visualization and ecstatic vision played a key role"[1097].

[1094] Cfr. Yael Barash – "Seeing the invisible: theory of vision in Hildegard of Bingen's Scivias II. 6" in *Mediaevalia: Textos e Estudos*, n. 38, 2019, pp. 117 – 136. Disponível em linha: https://ojs.letras.up.pt/index.php/mediaevalia/article/view/11644/11727. Acesso em: 18/02/2023.

[1095] Religiosa do século XVII, fundadora do Convento do Louriçal.

[1096] Notar: "With the implementation during the fifteenth century of the discernment of spirits, claims to visionary and prophetic gifts were suspect unless proven to be, through canonical investigation, authentic divine revelations. This policy favored a new type of visionary, one very different from the twelfth-century contemplatives and the women mystics of the thirteenth and fourteenth century, who were well versed in reading religious texts and well trained in meditational techniques. The ideal visionary of the postmedieval era is instead an uneducated girl, like the miller's daughter, Bernadette Soubirous (d. 1879), who saw Mary appear at the grotto of Massabielle outside Lourdes, weeping over the sins of modernity" in Fraeters Veerle – art. cit., 2012, p. 188. Importa salientar que as religiosas portuguesas eram, na sua maioria, provenientes de famílias nobres e, apresentavam uma certa literacia, que era também fomentada no decorrer da vida monástica. De resto, há casos de freiras-autoras efetivamente intelectualmente superiores, como Maria de Mesquita Pimental, Violante do Céu, Maria do Céu ou Madalena da Glória.

[1097] Fraeters Veerle – art. cit., 2012, p. 184.

A crescente vigilância[1098] face ao fenómeno visionário conduziu, muito provavelmente, a que a sua expressão fosse cautelosa em Maria Micaela[1099], de modo que, no seu texto, a visão é amiúde descrita em termos do sonho: "Em dia da Assunção não pude ir a matinas, e antes que me levantasse, em sonhos me vi andar muito fatigada fugindo a ladrões, mas foi breve e daí não dormia, digo, e daí a pouco não dormia"[1100]; "Nesta mesma noite, em sonho vi que o inimigo me pegava no hábito e me queria arrastar. Eu muito desembaraçada lhe preguei e o açoutei. Ele era tão fraco que teve medo de mim e fugiu"[1101]; "Estando na cama, em sonhos vi uma ponte bastantemente comprida e alta, por onde se havia de passar. Eu, admirada de ver a altura que tinha, e não ser segura, disse que só com os olhos no céu se podia passar sem olhar para baixo"[1102].

Para María Zambrano, o sonho acarreta uma dimensão criadora[1103]. Por conseguinte, o sonho visionário, ao ser induzido por e/ou nele se manifestar Deus, terá duplamente esta conotação de ato criador e de revelação.

Do ponto de vista sociolinguístico, o uso do novo vocábulo permite alguma proteção relativamente à fácil acusação de heterodoxia, numa sociedade sempre mais vigilante face ao visionarismo, embora do ponto de vista simbólico, ele reequacione o papel da cognição no processo místico: "E tudo isto e o mais que deixo de dizer foi em sonhos[1104]", declara a freira de Odivelas. Através do sonho a religiosa acede às visões místicas, tornando-se este o campo em que se colocam as suas visões e revelações. María Zambrano, na sua obra dedicada, precisamente, ao sonho, afirma que nele não se verifica propriamente um pensar, mas, ao invés, um "encontrar" no qual se assiste "à revelação ou desvelamento"[1105].

[1098] De facto, no século XVIII, Papa Bento XIV elabora o tratado *De Servorum Dei Beatificatione et Beatorum Canonizatione* do Papa Bento XIV, aí tratando, entre outros assuntos, da problemática sobre a veracidade das visões descritas em textos de servos de Deus.

[1099] Esta cautela encontra-se bem patente no decorrer de todo o texto de Maria Micaela. À guisa de exemplo, veja-se o seguinte trecho: "Mas eu não me atrevo a pôr aqui estas coisas tanto às vistas como a alma as recebia" (Fl. 103).

[1100] Fl. 4.

[1101] Fl. 16v.

[1102] Fl. 33.

[1103] María Zambrano – *O Sonho Criador*. Lisboa: Assírio&Alvim, 2006, p. 101.

[1104] Fl. 86.

[1105] María Zambrano –op. cit., 2006, p. 25.

O sonho acarreta uma semiótica própria, na medida em que alberga o universo do inconsciente, que se sabe munido de símbolos e de signos particulares, muitos deles altamente imaginativos. Esta particularidade afigura-se significativa, na medida em que as místicas foram tendendo ao que Barbara Newman denomina "imaginative theology"[1106]. Segundo a autora, esta é consubstanciada por imagéticas e textualidades que foram informalmente apropriadas e, portanto, incorporadas de modo mais íntimo e afetivo.

> Tendo minha mãe um oratório onde gastava parte das manhãs e tardes, andava eu sempre passando ali fora o tempo que eu lá estava. Mas sempre saudando a Senhora com orações que sabia, e tão embebida andava que de noite sonhava que a Senhora me chamava, e via bulir as suas santíssimas mãos e dava-me o menino, e ele me dava a entender se queria eu ser sua. E eu com estes sonhos ficava alguns dias tão contente e enamorada que não sabia que fizesse de alegria da alma, e mais sabia certamente que era sonho, mas deixa-me toda atraída e cheia de saudades da Mãe e Filho.[1107]

Maria Micaela descreve um episódio reportado à sua infância. Nele se vinculam duas premissas essenciais: por um lado, assinala a precoce orientação da autora à vida consagrada e, por outro, expressa a dita apropriação íntima e subjetiva, tipicamente feminina, das imagens e dos motes religiosos. Além disso, traça a proeminência do sonho visionário não somente enquanto elo de contato entre o universo imagético e a especulação do inconsciente, mas enquanto sintoma do anelo espiritual.

Com efeito, a componente visionária da sua vivência mística, manifestando-se amiúde durante o sono, "estando o corpo descansando", o que torna abundades as descrições de sonhos na autobiografia espiritual em apreço. Neles aparecem Cristo, Nossa Senhora e o Menino Jesus, cujas interações com o *eu* se fundam numa profunda afetividade:

> E noutra noite, em sonhos, me achei [a]o pé de uma capela de Nossa Senhora, e com amor e ternura me pus a mirar aí [a] Senhora que estava com o amado Menino nos braços. E reparando bem, vi que a Senhora bulia consigo. Eu com saltos no coração me fui com pressa aonde ele estava, com ânsias do amor menino, mas não lhe disse nada. Mas o amado Jesus me entendeu, porque chegando eu perto dele, abriu as suas divinas mãozinhas, e como rindo-se mas pôs em o

---

[1106] Cfr. Barbara Newman – *God and Goddesses: Vision, Poetry and Belief in Middle Ages.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.
[1107] Fs. 163 – 163v.

> rosto. Eu senti na alma tão grande gozo, ou não sei dizer mais, que se me durara muito que acabaria a vida, desfeita toda em amor, e muitas mais coisas que me sucedem estando o corpo descansando[1108].

A natureza amorosa e maternal deste sonho visionário executa na alma do sujeito uma transformação semelhante à procedente da união mística, ficando a alma enamorada e elevada em Deus.

Mas estes sonhos visionários não se esgotam no âmbito da expressão amorosa de e com Deus, podendo adquirir, por vezes, uma componente premonitória:

> Eu tinha visto como em sonho, estando eu no mesmo sonho chamando o Senhor e queixando-me de mim, que amor era o meu que não acabava de todo de ver esta alma desatada de tudo [o] que era terra porque eu nada de cá abraçava com vontade. Nisto vi como uma pouca de água que ia correndo, e entre ela iam alguns girinos, poucos e pequenos. Iam-se como desfazendo de todo, mas da banda de fora vi muitas coisas grosseiras, como estavam ali postas para que a alma se quisesse pegar delas, mas não lhe faziam força para que ela se detivesse com elas. E conheci que isto era o estado em que estava minha alma. Eu enquanto estava no sono fiquei contentíssima de ver que já ia dando fim às misérias, mas não quis segurar-me nisso para me descansar, e vi mais que estava aqui neste mosteiro um padre que vinha de Alcobaça, a quem nós falamos. Ele nos disse grandes coisas de Vossa Reverendíssima e afirmou diante de nós todas que ali estávamos, que em Alcobaça não havia padre como Vossa Reverendíssima nas virtudes e em tudo o mais. Nos deixou todas metidas no conhecimento das no das nossas misérias, e engrandecida a sua grande virtude. E tudo isto e o mais que deixo de dizer foi em sonhos.[1109]

Manifestam ainda a virtude do *eu* que, sonhando, combate o inimigo, servindo de plataforma de legitimação espiritual: "Nesta mesma noite, em sonho vi que o inimigo me pegava no hábito e me queria arrastar. Eu, muito desembaraçada, lhe preguei e o açoutei. Ele era tão fraco que teve medo de mim e fugiu"[1110].

Outrossim, a expressão dos sonhos visionários implica uma vertente mnemónica já que

> the visionary thus avoids the question of exegesis in claiming to merely transcribe the vision: her inner person receives a divine message that will, at some later date, be transformed into a legible medium. This message will not spell out its spiritual truth in the same manner as sermons or

[1108] Fl. 86.
[1109] Fs. 85v. – 86.
[1110] Fl. 16v.

> commentaries, but nevertheless, once communicated in language, it shows what scripture means to the visionary and to the community to which she belongs.[1111]

Não servindo somente enquanto ferramenta do relato, o cariz mnésico está ainda presente naquele que é o próprio modo de experienciar os meandros místicos, tecendo o *eu* uma teia discursiva entre o visto em seu redor (neste caso, a paisagem comunitária eucarística) e o visto em sonho (que relembra): "Mas tornando à contemplação que acima disse, depois de comungar senti os regalos do amor sacramentado. Eu tive suspeita que não estivesse por ali o amado menino porque os efeitos que sentia parecia-me com os do Menino Jesus que vi no sonho"[1112].

A terminologia do sonho visionário possui estreita ligação com a relembrança, já que no texto de Maria Micaela o ato de sonhar e o de relembrar parecem possuir uma certa equivalência. Elizabeth Petroff associa efetivamente esta qualidade mnemónica às visões: "The most obvious single narrative unit of women's writing is the retelling of a vision, and that vision has two mnemonic structural elements: visual iconography and dialogue"[1113]. Veja-se o seguinte trecho:

> Assim fez meu amor, que me lembrou, sendo eu pequena, sonhar, que de outra sorte não o posso dizer ao certo, senão que foi sonho, que tinha minha mãe um oratório onde estava uma Senhora com um Menino nos braços, que me levava este menino todo o amor. Mas sonhei que o Senhor me chamava e o Menino me deitava os seus divinos bracinhos, mostrando-me que se queria desposar comigo, porque desde então o fiquei sempre chamando Esposo de minha alma.[1114]

Através do sonho, Deus suscita-lhe uma analepse narrativa pela qual a religiosa recorda um episódio da sua infância relacionado com uma imagem de Nossa Senhora com o Menino. A narrativa está construída por forma a ser impreciso se tal de facto realmente sucedera ou se fora apenas sonhado. Também o espaço temporal se apresenta nebuloso, parecendo haver uma coincidência entre o passado que se rememora e o presente que por via do sonho se manifesta. Sonho e memória, irmanados pela imaginação, entrelaçam-se, porventura, como as duas faces de uma mesma moeda, sucedendo-se cara e coroa não sem alguma indistinção: "Não me lembro

---

[1111] Patricia Dailey – op. cit., 2013, p. 152.
[1112] Fl. 87v.
[1113] Elizabeth Petroff – op. cit., 1986, p. 30.
[1114] Fl. 228v.

se foi sonho ou como foi que me vi atrabalhada para subir à sala ou palácio onde se descansava de toda a fadiga e trabalhos desta vida”[1115]. E ainda: “E isto me sucede muitas [vezes] ou em sonhos ou em conhecimentos”[1116].

[1115] Fl. 162.
[1116] Fl. 242.

2. Memória e memórias: entre o humano e o divino

E à memória do tempo incorporou-se
Outra memória lúcida e candente.

Hilda Hilst

O estudo da memória humana e dos seus mecanismos (biológicos, psicológicos, sociais e culturais) é um campo fértil que se centra numa variedade de experiências e de fenómenos, seja em termos individuais e subjetivos, seja em termos coletivos e sociais, muitas vezes difíceis de nomear, de categorizar ou até mesmo de deslindar com precisão pela sua interatividade e mútua afetação. De facto,

> Memory is inseparable from culture, but at the same time never fully within it. There are parts of memory neglected or unwanted by various cultures, other parts that have not yet been articulated, and still other parts that resist articulation. Despite, or maybe also because of, that, there is a symbiotic relationship between them. Memory lives in the body of culture, where it is passed on, but also transformed and betrayed. We could almost say that memory remembers culture, but then we have to be careful not to reify memory—or not to give it other than metaphorical subjectivity (…) It endows all involved with ways to integrate the past into who we are and who we shall be. It enables us to be remembered by other subjects. And at the same time, with the exception of God, memory transcends all with whom it forms associations: individual people, families, societies, cultures, churches, nations, etc.[1117]

Como referiu Edith Wyschogrod, a memória foi sendo conceituada pela cultura ocidental de um modo um tanto consensual ao compreendê-la, por um lado, enquanto um exercício de representação do passado, e ao identificá-la, por outro, com uma espécie de armazém ou de repositório posicionado no cérebro e de onde o individuo é capaz de recuperar conteúdos[1118]. Com efeito,

> the art of memory has a long tradition in the West. Classical and medieval writers on memory recognized the dual aspects of storage and recollection involved in remembering. They thought of the activity of remembering in spatial terms, as if memories were stored in a variety of places and

[1117] Ivana Noble – *Theological Interpretation of Culture in Post-Communist Context: Central and East European Search for Roots. Surrey*/UK: Ashgate Publishing, 2010, p. 77.
[1118] Edith Wyschogrod – *An Ethics of Remembering: History, Heterology, and the Nameless Others*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

had to be called together in a common place where they were created into thoughts, that is, composition.[1119]

Mais recentemente, com o avanço dos estudos da neurociência, tem-se explorado a fisiologia da memória, que, contraria esta conceção da memória enquanto um mero reservatório.

Do ponto de vista da espiritualidade, a memória é considerada um elemento munido de especial relevância espiritual. Os monges do deserto chamavam à sua prática de meditação de "*mneme theou*", isto é, memória de Deus, considerando a meditação como a melhor forma de o rememorar. Também a oração e a profunda ruminação dos textos sagrados se alinhavam nesta coordenada de acesso a Deus por via da memória. Em Agostinho de Hipona[1120], a memória é o elemento mais espiritualmente nutritivo do espírito, funcionando como um estômago capaz de destilar o interior do exterior, o eterno do temporal, o *eu* do eterno *tu*[1121]. Através de capacidades ideativas e mnemónicas é possível ao ser humano uma proximidade e uma semelhança maiores com Deus e com a imagem de Deus (*imago Dei*) na qual foi concebido.

Guilherme de São Teodorico descreve a memória como dom de Deus ao ser humano para que este pudesse recordar o poder da bondade do Criador, possuindo e contendo em si mesma aquilo para que o Homem deve tender[1122]. Bernardo de Claraval propôs que para visualizar a imagem de Deus se devia viajar pela recordação, ilustrando também a conceção de um divino recordável. De um modo geral, para os cistercienses,

---

[1119] Naoë Kukita Yoshikawa – *Margery Kempe's Meditations: the Context of Medieval Devotional Literature, Liturgy and Iconography.* Cardif: University of Wale Press, 2007, p. 5. Sobre a memória na Idade Média consultar Mary Carruthers– *The Book of Memory: A Study of Memory in Medieval Culture.* United States of America: Cambridge University Press, 2008.

[1120] "We might say that the memory is a sort of stomach for the mind, and that joy or sadness are like sweet or bitter food." Augustine – *Confessions*. New York: Penguin, 1961, p. 220.

[1121] Patricia Dailey – op. cit, 2012, p. 264.

[1122] "The power of memory, that he might always remember the Creator's power and goodness; immediately and without a moment's delay, memory generated from itself reason; and memory and reason together brought forth will. For memory possesses and contains in itself that to which man should tend; reason knows he must so tend; the will tends; and these three constitute a kind of unity, but three powers; just as in the sublime Trinity there is one substance and Three Per sons. As in the Trinity the Father is the begetter, the Son be gotten, and the Holy Spirit is from both, so reason is generated from memory, and from memory and reason pro ceeds will. In order therefore that the rational soul created in man may cleave to God, the Father claims for himself memory; the Son, reason; and the Holy Spirit, proceeding from both Father and Son claims the will, proceeding from both memory and reason." Apud Hadewijch – op. cit., 1880, p. 9.

o acesso ao conhecimento de Deus executava-se a partir de um regresso ao coração, que se realizava através do ato de recordar.

A anamnese, do grego "ἀνάμνησις" para "reminiscência" ou "sacrifício memorial", diz respeito a uma parte concomitantemente integral e essencial do ritual cristão, sendo uma importante premissa litúrgica[1123]. De facto, a Eucaristia, como mencionado anteriormente, acarreta uma forte componente mnésica na medida em que as espécies eucarísticas, manifestando por via da transubstanciação o corpo de Cristo, são tomadas em sua lembrança: "Fazei isto em memória de mim", ordena Cristo na Última Ceia[1124].

Uma memória profunda em abstração e altamente espiritual, profusa em significância e teor místico. O crente, ao ingerir as substâncias consagradas, está a incorporar a divindade em si, mas está, também, a relembrá-la e, por conseguinte, a aceder à sua memória, a essa memória transtemporal e eterna.

A obra de Micaela de S. Bernardo suscita uma reflexão em torno da memória que vai muito além da que se circunscreve a esta memória que se ativa em cada missa e eucaristia. Trata-se de um lexema que ocorre doze vezes no seu texto, a par de "memórias" (que ocorre duas vezes) e de "lembrança" ou "lembranças", que ocorre oitenta e sete vezes. A dimensão que nela se concede à memória é, por isso, assinalável, não só por se tratar de um relato autobiográfico, que, necessariamente através da memória, presentifica ao orientador espiritual da narradora os episódios místicos vividos pela sua orientanda, mas porque a memória de Deus é o centro da vida espiritual e mística da autora. De facto, existe o plano da memória da religiosa e o plano da memória de Deus. O lexema flexionado no plural refere-se sobretudo às impressões deixadas pela experiência de Deus ocorrida nos momentos de "união estreitíssima com o Amado", como Maria Micaela refere várias vezes. As memórias aglutinam sempre a si o lexema "vivas" ou "fortes": "Isto tudo foi de repente, mas são as memórias que deixam tão vivas e fortes que ficam para muitos tempos"[1125]; "E sempre no princípio de favores, me acho primeiro muito favorecida da Mãe de Deus. Umas vivas lembranças e ternuras

[1123] Bruce T. Morrill – "Models of liturgical memory: mystical-political dimensions, mythic-historic tension" in *Studia Liturgica*, vol. 50, n. 1, 2020, pp. 40 - 41.
[1124] Lucas 22:19.
[1125] Fl. 30.

que sinto de servi-la e amá-la"[1126]; "É uma alegria que sente grandíssima do que dentro de si conhece do que os santos gozam no céu, e outras coisas admiráveis de que ando toda como inebriada, e cheia de gozo, e doçuras pelas vivas memórias e lembranças do que se passa no céu"[1127].

De facto, a memória espiritual tem por recursos a linguagem verbal e a imagem, que, segundo Mary Carruthers, são "primarily the tropes and figures and schemes discovered in the Bible, the liturgy, and the arts produced by their means, understood and handled as rhetoric"[1128]. Referi em capítulo anterior como a observação de certos objetos ou a fixação em certos episódios bíblicos sustentava o visionarismo não só de Maria Micaela, mas de diversas místicas. Por conseguinte, a memória patente nos textos femininos de teor místico, usufruindo destas imagéticas e estratégias discursivas próprias, configura distintos níveis hermenêuticos que importa esclarecer.

Os modelos de santidade e de vivência religiosa são regulados por protocolos socioculturais, resultantes da memória partilhada em e por determinada cultura, dando continuidade a ou interrompendo certos valores, expetativas e dinâmicas sociais[1129]. Charles Taylor chama a atenção para a especificidade religiosa própria a cada um dos géneros, feminino ou masculino[1130]. Como já assinalei, a religiosa da Época Moderna estava subordinada a um espaço de controlo que prescrevia a obediência, a humildade, o recato, a virgindade e a piedade como apanágios de uma vida espiritual verdadeira e sadia[1131]. Assim, certas religiosas que redigiram as suas autobiografias espirituais, ora recordam intencionalmente ora rasuram determinados factos e acontecimentos, em função desse contexto de acesa vigilância: "A este dizer que visse os escaninhos do coração foi uma suavíssima força que senti que o Senhor mo tomara, o que não escrevi

[1126] Fl. 173.
[1127] Fl. 17v.
[1128] Mary Carruthers – *The Craft of Thought: Meditation, Rhetoric, and the Making of Images, 400 – 1200.* Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 3.
[1129] Sobre este assunto, a já mencionada obra de Donald Weinstein e de Rudolph M. Bell, *Saints and Society,* é bastante pertinente.
[1130] Cfr. Charles Taylor – *A Secular Age*. Cambridge/ Londres: Harvard University Press, 2007.
[1131] Pedro Tavares – "Caminhos e invenções da santidade feminina em Portugal nos séculos XVII e XVIII. (Alguns dados, problemas e sugestões)" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 3, 1996, pp. 163-215.

primeiro porque a minha ignorância é muita, tudo me passa, que são muitas as coisas que me dão a conhecer e a sentir e a gozar"[1132], revela Maria Micaela. E ainda:

> Eu me animei muito para escrever com toda [a] clareza que a minha ignorância pudesse perceber, e deitando o sentido senti como exteriormente, sem ver nada com os olhos do corpo, que me que reriam deitar ou atirar comigo muito longe, como do coro lá fora da igreja, ou [a]o coito, dizendo-me muitos desprezos. Quem me metia a mim no que não era para mulheres, e outras mais coisas, que por terem passado já há muitos dias me não lembram bem.[1133]

Nas narrativas místicas e visionárias de autoria feminina a memória de que dão conta é especialmente condicionada e regulada por fatores externos a si, conquanto se tolde igualmente por condicionantes interiores e que dizem respeito aos meandros íntimos do *eu.*

> Their processing of information is selective. The mind is not a neutral recording device. It selectively picks up information and then packages it in such a way as to be consistent with strategic aims of the individual (…) Information may be biased, partial, and even delusional, but it cannot be neutral with respect to the agent. To the extent that persons are strategic in pursuing their interests, they must use some criteria for selection of information pick-up and processing. That selective criteria must logically and operationally confer unity on the information that is processed by the system. The information must refer ultimately to some entity like the Self; otherwise, strategic behaviors and information processing would be impossible.[1134]

Dialogante com estes dois níveis mnemónicos que dizem respeito à relação do *eu* com o mundo que o rodeia e do *eu* consigo mesmo, encontra-se a memória enquanto mecanismo de que depende a narrativa, na medida em que os acontecimentos relatados são anteriores ao momento da sua escrita:

> Um dia, depois de ter recebido o amor sacramentado, me deram grandes ânsias de buscar parte solitária onde pudesse dar desafogo a este coração, e me lembrou que a horas de jantar podia eu ir ao cemitério, dentro da capelinha de São Francisco clamar com vozes e desafogar este coração, que não sei se diga enamorada de Deus, mas eu não sei amar a meu Deus[1135];
>
> Agora lhe quero contar uma estória que passou hoje minha alma com o Senhor, se a souber dizer. A respeito do que acima tenho dito a Vossa Reverendíssima, de conhecer ontem tão claro que o Senhor

[1132] Fl. 163v.
[1133] Fs. 244v. – 245.
[1134] Patrick McNamara – op. cit., 2009, pp. 27-28.
[1135] Fs. 162v. – 163.

> não queria que falasse a nada criado, estava hoje de manhã no leito, fazendo uma oração [a]o Senhor de joelhos, senti dentro na alma aquele fogo de amor costumado do seu íntimo trato[1136];
>
> Nesta semana tenho sentido dentro da alma, por duas vezes, uma fé viva e abrasada, esperança certa da parte de Deus, que a alma de si nunca se pode fiar. Mas com luz clara lhe certifica o Senhor que a alma é toda sua, e que para sempre gozará daquele Deus infinito.[1137]

Para a compreensão da autobiografia espiritual de Maria Micaela, a afirmação que de Sarah Salih a propósito do texto de Margery Kempe aplica-se também à obra da religiosa de Odivelas: "Margery, like Augustine, constructs her self in time and narrative, reassembling it through the process of memory"[1138]. Assim o fez Micaela, cuja narrativa, presentificando pela escrita as experiências vividas, lhe possibilita refletir sobre elas e, até sobre si própria, na sua relação com Deus.

Este processo cognitivo é o recurso primário de todas as autobiografias, já que estas são sempre narrativas sobre o passado mais ou menos distante do *eu*, estando a sua redação forçosamente dependente do processo de rememoração. Esta "distancia temporal hace que ciertos acontecimentos ya no puedan ser recordados com entera fidelidad cronológica o, incluso, que la imaginación febril de la escritora reconstruya aquellos episodios que le parecen demasiado borrosos"[1139]. Este aspeto conduz à construção de uma textualidade moldada e retocada segundo os eixos instáveis da lembrança, facto que se exacerba no âmbito da escrita mística que se destina a relatar experiências místicas: "Muitas mais entendi que agora me não lembro bem"[1140].

> Eu não ponho aqui neste caderno tudo [o] que meu Senhor me disse a este respeito. Se me lembrar para o outro direi o mais por não dar fim a este que tenho, para dizer a Vossa Reverendíssima o que passei esta noite com o Menino Deus.[1141]

Cingida ao limite de uma carta por mês ("Vossa Reverendíssima bem sabe que não me deu licença mais de duas folhas cada mês"[1142]), Maria Micaela tem contingências de

---

[1136] Fs.117 – 117v.
[1137] Fl. 188v.
[1138] Sarah Salih – *Versions of Virginity in Late Medieval England*. Cambrigde: Boydell&Brewer, 2001, p. 171.
[1139] Sonja Herpoel – op. cit., 1999, p. 110.
[1140] Fl. 255v.
[1141] Fl. 104.
[1142] Fl. 24v.

escrita que lhe facilitam o processo de memorização, pois a sua relação escrita reporta-se aos momentos que vai vivendo ao longo do mês, que ocorrem a uma distância temporal relativamente curta face à altura em que escreve (à exceção de alguns episódios que ocorreram na sua infância). Uma freira anónima espanhola exara o seguinte: "Me he salido mucho de propósito, mas como escribo lo que se me acuerda como pasa por la memoria, lo voy escribiendo[1143]". A franscicana María Salinas, neste mesmo sentido, relata: "no puedo hacer más de decir simplemente cómo ocurre y se ofrece a la memoria, y yo no sé cómo esto se va, ni si lo vuelvo a repetir"[1144]. Também Maria Micaela revela: "Mas direi o que puder, e o que me lembrar, que por ser muito o que recebe esta pobre alma passa muitas coisas e são poucas as folhas de papel para dizer tudo"[1145].

No âmbito deste processo de escrita por rememoração, a instabilidade da memória torna pertinente a consideração da imaginação, na medida em que sempre que se recorda se termina, a despeito de gradientes mais ou menos evidentes, ficcionando. Diz, a determinado momento, a religiosa de Odivelas:

> Como estas coisas se não deixam ver bem, causou na alma reverência e temor, e se queria fazer esquecida, e não admitir tal lembrança. Suponho ser imaginação minha, mas, metida em desmaio de lágrimas, assim da alma como do corpo, neste meu tempo senti que o menino Deus se punha dentro no meu peito, como em pé, igual com o peito. Isto tudo foi de repente, mas são as memórias que deixam tão vivas e fortes que ficam para muitos tempos.

De facto, Naoë Kukita Yoshikawa, a propósito das *Meditações* de Margery Kempe, afirma que "monastic practice of "memory of God" hence relied on the essential roles of emotion and imagination in the activity of recollection"**[1146]**, afirmação também pertinente para o contexto da autobiografia espiritual de Maria Micaela. Na correspondência de Micaela de S. Bernardo parece verificar-se uma afetação mútua entre os processos do sonho visionário/visão, da memória e da escrita:

> Nesta aflição, me deu o Senhor um sonho em que vi um leão que andava entre nós todas, sem nos deixar descansar, mas não fazia mal, e não tínhamos quietação. Era campo largo, mas com o rebuliço

[1143] Apud Sonja Herpoel – op. cit., 1999, p. 109.
[1144] Idem.
[1145] Fl. 225
[1146] Naoë Yoshikawa – op. cit., 2007, p. 6.

nos fazia que não dormíssemos. No outro dia, já esquecida do sonho, me pus na oração, onde o Senhor me deu a entender que me animasse nos temores, que o que vira de noite era mostrar-me como devemos viver com cuidado, que aquela era a guerra em que a alma está sempre no cárcere do corpo[1147];

E esta coisa é toda um Deus infinito de bondade e grandezas. E como a alma nestes ratos não sente a fome e sede que tem de se dar a Deus, e de mais e mais o servir, e amar, e agradar, duas coisas da minha meninice, quando era inda de poucos anos, me deu o Senhor com grande força, que era insofrível a fome e sede de o servir e amar. Era uma força tão grande que me despertava muito sentida das moças e moços e gente da casa, e ir-me descalça a uma ermida para ali rezar e chorar pelo Amado. Mas como estava como sentido em recolher-me antes de ser sentida, via-me com mais, e mais fome e sede de me dar toda a Deus. Só me consolava muito em dizer sempre ao Senhor que era meu Esposo e, por me não afligir, confiava neste ditoso estado de religiosa, que nele teria tempo de me dar toda a Deus. Esta lembrança me desperta os desejos, e me faz conhecer a minha ingratidão e o pouco que faço. E também me faz esquecer de todas as coisas desta vida porque os desejos me fazem parecer que inda não comecei a ser a que nesse tempo desejava ser, que tudo era suspirar por esta largueza da alma. Estas coisas trata o Senhor com minha alma nestas lembranças do tempo passado, que para agora me fazem dobradas obrigações e dívidas de me dar toda a Deus, como conhecimento que se me descuidar que mereço mil infernos.[1148]

O *eu*, impelido ao serviço a Deus, ama-o por via da recordação de "duas coisas da [sua] meninice". O episódio relatado, marcado pela predestinação da religiosa à vida consagrada a Deus – topos de natureza hagiográfica – de que procede a afirmação da sua autoridade, evidencia o papel da memória no processo místico. Com efeito, é Deus quem "trata" destas lembranças com a alma, isto é, quem as ativa na memória do *eu*. No decorrer desta lembrança, verifica-se a coexistência de Deus e do *eu* no plano mnésico, que, assim, assume a significância de plataforma da união mística. Neste sentido, afirma ainda Maria Micaela: "Isto é uma lembrança, não por vistas, senão por transformação, que está a alma com Deus por amor, e graça, e sustância de amor inflamado"[1149]. De facto, segundo Mary Carruthers, para os cistercienses dos séculos XII e XIII, "memory may be said the place, the space of spiritual experience and encounter with Christ"[1150]. O mesmo está patente no texto da freira de Odivelas, na medida em

[1147] Fs. 23 – 23v.
[1148] Fs. 149. – 149v.
[1149] Fl. 75v.
[1150] Mary Carruthers – op. cit., 2008, p. 193.

que no instante unitivo a memória do *eu* toda se encontra empregue a Deus: "Assim, fiquei todo o dia em uns abraços apertadíssimos com o Esposo da minha alma, e amando muito mais do que conhecia. Sentia-me arder em fogo de amor divino, que me penetrara as entranhas da alma uma lembrança o Amado"[1151]. É recorrendo, pois, à memória, associada ao fogo e ao amor divino, que o *eu* narrativo encontra a Deus.

O acesso a esta memória, enquanto via unitiva, restitui a realidade edénica, como se Maria Micaela estivesse já, presencialmente, junto de Deus: "Padeço grandes delíquios de amor naquela lembrança de ver a Deus como em si é"[1152]. Com efeito, Niklaus Largier refere que estas experiências místicas de teor sensitivo "are characterized as an anticipation of the eternal and a reconciliation with the ideal existence of man beyond the state of sin"[1153].

Ademais, "as vivas memórias e lembranças do que se passa no céu"[1154] que Deus despoleta em Maria Micaela fá-la-ão atingir um estado extático, deixando-a "inebriada e cheia de gozo"[1155]. Por conseguinte, a recordação, voluntária ou involuntária, constitui um portal para o êxtase místico.

Além disso, diversas freiras escritoras relatam, de modo mais ou menos explícito, que o conteúdo do que redigem é proveniente de Deus, na medida em que é esta a entidade que lhes relembra, isto é, lhes "traz à memória", o que devem escrever. Em *Revelações do Amor Divino*, é Deus quem comunica a sua memória através de Juliana de Norwich, que, por sua vez, a vem a transmitir através do texto que escreve[1156]. De resto, sob o escopo do discurso, proceder o texto de Deus[1157] diz respeito à estratégia

[1151] Fl. 71.
[1152] Fl. 226.
[1153] Niklaus Largier – op. cit., 2003, p. 8.
[1154] Fl. 179v.
[1155] Idem.
[1156] Não deixa de ser interessante notar o facto de Juliana de Norwich receber as revelações a Maio de 1373, e apenas as vir a redigir volvidos mais de quinze anos, o que evidência a relevância da memória no contexto desta escrita sob o preceito da relembrança.
[1157] Victoria Cirlot chama a atenção para esta escrita por inspiração e mediação divinas, afirmando que "las meditaciones proceden de Dios que es quien las há ordena em el corazón (...)" Esther Corral Díaz – op. cit., 2018, p. 262.

da *docta ignorantia*, algo que pode também ser encontrado em autoras como Margarida de Oingt[1158].

No quadro da produção escrita de Maria Micaela, a alusão direta e frequente à memória enquanto parte integrante da sua relação com Deus, conduz a que esta assuma, de facto, uma natureza eminentemente mística:

> No fim da oração ficam-me uns grandes conhecimentos da bondade infinita de Deus e muitas mais coisas que vão passando uma fé viva que Deus é fiel esposo, e uns desejos grandes e memória viva dos bens do céu que o Senhor dá aos seus escolhidos, a cada um conforme os seus merecimentos. E mais coisas que aqui se descobrem que, por serem muitas, as não digo. [1159]

Deus intervém infundindo uma "memória viva dos bens do céu" por via da qual se comunica aos "seus escolhidos". Esta memória que infunde é, na realidade, a sua própria memória: "As prendas que me dá meu Esposo são instantes com um vivo conhecimento e lembrança que são suas, não de anjos"[1160]. Assim, como aponta Niklaus Largier, "thus the texts evoque a practice where the daily devotional exercise and the experience of the divine come together in a state which is portrayed in terms of a specific sensory and emotional presence and self-awareness of the soul[1161].

A memória divina implica uma memória em que as marcas temporais e espaciais se encontram dissolvidas, se é que não totalmente abandonadas: "E o mais que a alma não sabe dizer o que passa e goza em parte donde está só com o Amado"; "Não se encontra coisa visível"[1162]; "Mas estando a alma como admirada do que sentia, sem discurso, mais que não conhecia senão que se ia o tempo em um fechar de olhos, lhe deram a entender: "de que te admiras?"[1163]. Ao aceder a esta memória, o *eu* passa a experienciar e a usufruir de um tempo sem tempo, de um espaço sem espaço. "Senhor escolheu em mim com esta lembrança com a palavra do Senhor, que mostrava que se compadecia

---

[1158] "Por esta razón ruego a todos los que lean este escrito (qui hoc scriptum legent) que no saquen la equivocada conclusión de que yo presumo de escribir esto, pues debéis pensar que no tengo sentido ni instrucción (sensum nec clericatum) que me permitiera saber sacar esto de mi corazón o escribir sin otro modelo, si la gracia de Dios no lo hubiera obrado en mí (nisi gratia Dei fuisset operata in me). Como me vienen a la memoria mis pecados, así vino todo esto desde lo más hondo y por orden, desde la hora en que comencé a escribir hasta que lo hube puesto todo por escrito" apud Victoria Cirlot em Esther Corral Díaz – op. cit., 2018, p. 262.

[1159] Fl. 231v.

[1160] Fl. 79.

[1161] Niklaus Largier – op. cit., 2003, p. 3.

[1162] Fl 35v.

[1163] Fl. 43v.

de mim, com muito amor e alegria, que via o que eu padecia por seu amor"[1164]. Por conseguinte, esta memória

> Conservará sempre a marca da sua origem inspirada, de algo que vem de outro lugar, que vem e foge, claridade que, quando se apresenta, recorda o que não se sabia, inesperada memória repentina que por uns instantes liberta o homem desse sentir que não se lembra de algo que é o que mais lhe interessa.[1165]

Raimundo Lúlio reporta-se à memória como sede do amor divino: "O que te trouxe o amor? "Belas formas, honras e valores do meu Amado". "Como vieram?" "Pela lembrança e pelo entendimento"[1166]. O autor correlaciona ainda amor e memória ao enunciar que "Os caminhos do amor são longos e breves porque o amor é claro, puro, nítido, verdadeiro, subtil, simples, forte, diligente, resplandecente e abundante de novo pensamentos e antigas lembranças"[1167]. No que concerne ao processo místico de Maria Micaela há quase equivalência a esta definição, pois amar a Cristo é um constante recordá-lo:

> O Senhor me dê luz e me ajude para que por minha culpa não perca tão divina prenda, onde eu desejo viver e assistir de noite e de dia, com uma viva lembrança e abrasado amor, porque ali se descobrem todas as verdades. Ali se descansa de todas as fadigas e de todos os trabalhos. Ali se bebe com abundância daquela fonte divina[1168];

> Assim, fiquei todo o dia em uns abraços apertadíssimos com o Esposo da minha alma, e amando muito mais do que conhecia. Sentia-me arder em fogo de amor divino, que me penetrara as entranhas da alma uma lembrança do Amado. Eram labaredas de amor vivo, porque dentro de mim não havia lembrança de coisa criada, assim está lavrando este divino obreiro.[1169]

E recordar, mais especificamente, a sua Paixão:

> Já não afligem os trabalhos porque a viva memória que a criatura traz sempre no muito que o seu divino Esposo padeceu por ela, que são tantos os tormentos que o Senhor padeceu por mim que tudo

[1164] Fl. 5v.
[1165] María Zambrano - op. cit., 1995 (2), p. 184. O trecho acima descreve o saber inspirado que se manifesta, segundo a autora, na poesia.
[1166] Ramon Lull – op. cit., 1990, p. 35
[1167] Idem, p. 23.
[1168] Fl. 257.
[1169] Fl. 71.

> se me faz tão suave com os padecimentos, que nada padecemos por muito que nos pareça que padecemos. Nada, nada, nada padecemos por um amor divino.[1170]

Este motivo da memória e da recordação da Paixão de Cristo é deveras importante na vida mística, pelos motivos que enunciamos no início deste capítulo. Caroline Walker Bynum explicitou que em Beatriz de Nazaré a aproximação da alma a Cristo se processa em três graus: "turning toward grace, growing in the memory of Christ's passion, and, finally, inhering in Jesus"[1171]. Na autobiografia espiritual de Maria Micaela, recordar a Paixão de Cristo e nela meditar, tornando presentes as violências a que Cristo foi submetido, não num exercício de morbidez, mas de profunda compreensão amorosa, são também eixos espirituais fundamentais, que permitem à religiosa ascender a um estado de contemplação amorosa que a desvia das atrações terrenas e coloca exclusivamente Cristo no seu pensamento. Só dele tem memória, ao mesmo tempo que a memória do mundo vai morrendo:

> Outro dia, estando no coro toda cheia de abrasada de amor de meu Deus, que se pôs minha alma a falar nas grandes afrontas e injúrias que disseram a meu Senhor. Os empuxões, as bofetadas, as salivas. Arrancarem os cabelos do seu santíssimo rosto e, sobretudo, a lançada do peito, isto vendo que já estava morto. Com estas considerações, porque aqui se meteu minha alma toda nesta divina chaga, e foi tal a flagrância de doçuras e fartura de regalos que senti que, desde então para cá, anda o corpo como morto para tudo [o] que é desta vida, e tão satisfeita que não sinto necessidade de coisa desta vida, porque a alma e corpo sente abundância e fartura do céu. E sinto-me tão enamorada de meu chagado amor que sempre estarei a cuidar no que ele padeceu por mim.

Além disso, "Abraçando tudo comigo à alegria, trazer sempre a memória fixa em Deus, e amando com toda a vontade, que isto se pode fazer nas praças públicas e em toda a parte"[1172]. Trazer a "memória fixa em Deus" configura nesta economia mística um imperativo espiritual. A memória é o travejamento da produção escrita de Maria Micaela, tal como o é da sua espiritualidade. Se Deus a relembra do que há de relatar, recorda-a também do que há de fazer, instruindo-a como se fosse o seu diretor espiritual: "Estava na oração com o relógio e lembrou-me que o Senhor me tinha

[1170] Fl. 247.
[1171] Caroline Walker Bynum – op. cit., 1991, p. 146.
[1172] Fl. 157.

mostrado de outra vez, estando eu ouvindo missa por elas, e queria fazer uma estação por minha tenção"[1173]. E também:

> Eu tinha ouvido dizer a uma pessoa que outra a morte fiava, que a não podia sofrer. Eu fiz reparo cá para mim. Nisto, entendi que o Senhor me dizia, como triste por não sofrermos umas as outras: "eu estive diante de Pilatos, ele assentado e podendo eu tê-lo debaixo dos pés, não o fiz, senão com alegria padeci." Aqui fui entendendo que o Senhor se desagradava por não sofrermos os próximos, que é isto comprido, basta esta lembrança.[1174]

A memória de Deus pode também transformar-se em desmemória: "Mas entrando a alma na soledade com o Amado, que então não se lembra de mais nada"[1175]; "Só entendi que não havia de ter nem a mais mínima lembrança dentro de mim de coisa alguma, nem de mim mesma"[1176]. Este esquecimento integra o processo de despojamento ou de alienação necessário ao *eu* místico no seu itinerário espiritual, e sem o qual este se torna inexequível: "Que muitas criaturas se queixam de outras porque lhe[s] não assistem, e eu só me queixara das que me detêm, ou fazem caso de mim, porque quanto mais esquecida de tudo [o] criado, então está a alma mais viva e lembrada do Criador"[1177]. A união mística constitui-se, pois, de uma paradoxal tensão entre recordar e esquecer: "Mas logo me esqueci e fiquei toda em Deus"[1178], revela a religiosa de Odivelas. Ou ainda:

> Faz-me saudades e enardecido amor a lembrança dos que assistiam, e conversavam e ouviam ao Senhor quando estava neste Mundo, mas logo torno a sentir dentro no meu coração o Senhor sacramentado tratando com minha alma tão familiarmente que me encheu toda de alegria, e esquecida de mim toda e de tudo criado me faz parecer que dentro de mim mesma é um céu, e a alma tão enardecida e enamorada de Deus que não sente o corpo trabalho, nem cansado, senão tudo é gozo e alegria do mesmo Senhor.[1179]

Também María de la Cruz, neste mesmo sentido, escreve sobre a sua alma que "la trae olvidada de todas las cosas de la tierra"[1180]. A união mística será, pois, uma perfeita

---

[1173] Fl. 1v.
[1174] Fs. 31v. – 31.
[1175] Fs. 4 – 4v.
[1176] Fl. 169.
[1177] Fl. 197v.
[1178] Fl. 128v.
[1179] Fl. 160v.
[1180] Apud Sonja Herpoel – op. cit., 1999, p. 113.

simbiose entre recordar a Deus e esquecer as coisas terrenas, incluindo o si próprio, como o afirma Maria Micaela: "porque quanto mais esquecida de tudo [o] criado, então está a alma mais viva e lembrada do Criador"[1181].

Na autobiografia espiritual da autora, o princípio do esquecimento é sobremaneira enfatizado, tornando-se uma espécie de guia ou escada espiritual:

> Estando hoje nas vésperas como querendo desprezar esta lembrança, me senti toda cheia de um sentir de Deus tão suavíssimo que a alma fica de sorte que lhe parece que o Senhor brinca com ela, e a trata com mil carícias que sente de um Deus infinito. Oh, esposas de meu Amado, vinde, vinde todas e gozai destas delícias divinas! Vinde esquecidas de vós! Todas gozareis sem termo nem limite, que neste estado não há lembrança de coisa criada[1182].

Mesmo a prática da caridade (uma das três virtudes teologais), que exige uma atenção exigente ao próximo, conduz Micaela ao esquecimento do mundo.: "E cuido nisto muitas vezes que, sentindo eu dentro da alma grande caridade com o próximo, que a todos amo muito em Deus e, assim, me torno toda esquecida do mundo e toda cheia de uma lembrança viva de meus amores"[1183].

Além disso, a condição de esquecimento é ainda apanágio de um estado místico mais elevado, verificando-se o segmento que se segue deveras elucidativo disto mesmo:

> Vai por dois dias que ando neste esquecimento de tudo [o] criado, mas sempre na mesma força. Mas o mais do tempo me é necessário fazer força para acudir ao trato das criaturas preciso. E mais é de admirar que, sentindo-me eu toda cheia de dores, parecendo-me não ter modo para estar o corpo encostado para uma cadeira, mas é como coisa de milagre que, chegando já a alma, se acha como livre das pensões do corpo e toda elevada em Deus, tratando com ele como conhecendo [que] já estão os desposórios feitos. Trata-se aqui o modo de viver a alma com Deus porque isto não é um amor que assenta, senão que sempre vai subindo (...) o Senhor vai sempre subindo a alma a maior união de amor. Vão-lhe descobrindo novos favores, onde ela vai conhecendo os caminhos por onde o Senhor a leva. Agora conheço que o Senhor a chama, não por falas que ela entenda, senão por um modo que ela conhece na mesma luz que seu Amado quer dela, que é uma união apertadíssima e estreitíssima para com tudo criado. Isto é, no que toca a mim mesma, usando de tudo o preciso com desabrimento e mirando só o amor posto na cruz, nu. Aqui não chega lembrança de nada criado,

[1181] Fl. 197v.
[1182] Fl. 183.
[1183] Fs. 154 – 154v.

senão a alma posta nua com o amor crucificado. Isto é não viver a criatura em si, senão toda em Deus.[1184]

O *eu* não poderá habitar essa morada elevada sem estar esquecido de si mesmo e do mundo. Este olvido coincide, assim, com a abnegação do corpo e o despojamento de si, entregando-se a totalidade do espírito livre a Deus: "E, muitas vezes, saio e faço-me [de] esquecida já de tudo passado, e me acho toda atraída a um gozo e memória viva das coisas do céu"[1185]. E ainda:

Por ratos, sente uma impaciência insofrível que não tomara ouvir falar mais que do amor por quem se morre, porque não sente dentro de si mais que o Senhor, com uns vínculos de amor tão apertadíssimos como quem lhe dá a entender que "toda és minha, não te dou lembrança para que atendas a mais nada".[1186]

Poder-se-á concluir que na produção textual de Maria Micaela a memória atua em dois planos distintos fundamentais que, apesar de independentes, se intersectam, apresentando uma natureza intercomunicante: (1) o plano da narrativa que integra o relato das vivências quotidianas do *eu*, bem como dos seus êxtases, sonhos visionários e arrebatamentos místicos, no qual, pela perspetiva autodiegética, a autora se inscreve na narrada da temporalidade própria do discurso humano; e (2) o plano do encontro com Deus e da união mística, que inclui a transmissão da memória divina e o seu acesso por parte do *eu*, abrindo-se a narrativa à ação de Deus e à sua intemporalidade.

A noção de "*prememory*" de Patricia Dailey, que se reporta a uma memória "orientada para algo que se encontra antes da história e antes do tempo"[1187], aplica-se à obra de Maria Micaela, que figura como uma hóspede dessa memória que, já não dependendo do sujeito místico na medida em que brota de Deus, é simultaneamente anterior, ulterior, exterior e superior a si. A sua génese não radica numa dimensão humana, antes na própria substância divina[1188].

Assim, poder-se-ia sintetizar a função da memória na produção escrita de Maria Micaela da seguinte forma:

[1184] Fl. 128v.
[1185] Fl. 208v.
[1186] Fl. 257v.
[1187] Amy Hollywood – Patricia Z. Beckman – op. cit., 2012, p. 342.
[1188] Idem, p. 350.

(1) A memória enquanto ferramenta de cognição que permite o relato das vivências quotidianas e místico-visionárias do sujeito;
(2) A memória enquanto matéria resultante dessa mesma ferramenta – a lembrança;
(3) A memória enquanto veículo e *locus* de diálogo entre sujeito e Deus de que resulta a união mística;
(4) A memória enquanto empréstimo de Deus ao sujeito – a memória de Deus.

Estas propriedades da memória não se articulam na produção escrita da autora segundo uma ordem necessariamente sequencial, tampouco representam os diversos níveis da ascese, porquanto todas elas contribuem para esse exercício. Antes implicam uma organização interna deste texto de modo a memória se representar como o vetor que possibilita o verbo, tanto o humano quanto o divino. De facto, nesta autobiografia espiritual, verifica-se que a relação entre Maria Micaela e Deus é eminentemente especular na medida em que seus escritos procura descrever o que Deus lhe ensina, ainda que se reconheça rude e ignorante para o fazer. De qualquer modo, Deus aparece representado como ciência maior e melhor do que a de qualquer livro, senão como livro mesmo: "E metida na admiração como me sentia dentro da alma, vendo dentro nela mais excelentes coisas, das que achava nos livros, conhecendo tudo [o] que era de Deus"[1189]; "Agora me sucede achar-me melhor com a lição que meu Senhor me dá dentro da alma, que com a dos livros, mas não deixo a dos livros, porque minha Senhora, inda que se via entre regalos, não deixava de acudir a fazer o comer para o menino Deus e para São José"[1190].

Com efeito, por via da memória, encontramo-nos face a um universo literário em que verbos divino e humano se imiscuem, num ato especular a dois tempos altamente criativo e profundamente místico, entre "flores e dolores"[1191].

As palavras de Elena Lagos e de Rolando Carrasco a respeito do *Espelho* de Margarida de Oingt parecem adequear-se, também, à obra de Maria Micaela:

[1189] Fl. 174v.
[1190] Fl. 38v.
[1191] Fl. 184.

> Para Margarita D'Oingt, el "libro de la conciencia" es el espejo humano en el cual se refleja la presencia de Dios, en este sentido, es un instrumento de edificación y virtud espiritual que puede llegar a la perfección, en la medida en que el espejo es doble, es decir, representación de la perfección divina y, por otro lado, manifestación de una conciencia humana visionaria. Así este espejo de la escritura introduce mediante la oralidad un tiempo interior edénico, donde escribir es rememorar.[1192]

Assim, compreender o texto de Maria Micaela de S. Bernardo pressupõe perceber o papel da memória e dos processos mnemónicos no seio da sua vida espiritual, mas também no âmbito da escrita. O capítulo seguinte procurará dilucidar todas as implicações inerentes a esse – polissémico e multímodo – ato de escrever.

[1192] Elena Lagos – Rolando Carrasco – "Cuerpo y escritura em "El Espejo de Santa Margarida d'Oing" in *Revista Chilena de Literatura*, n. 40, 1992, pp. 115 – 116. Disponível em linha: https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/40001/41570. Acesso em: 12/10/2023

3. A Escrita: da renitência à revelação

Senta-se com vastas escritas sobre os joelhos, e
sonha com a morte que a trará aqui.

Maria Gabriela Llansol

As autobiografias espirituais constituem um tronco considerável da literatura devocional e, particularmente, da produção escrita conventual feminina, atestando-se historicamente um género deveras fértil. A explicação para este facto reside, certamente, nos tempos de apertada vigilância sobre todas as manifestações místicas. As autobiografias espirituais constituiriam um género que regista a intimidade das suas autoras com Cristo, sendo um sinal dessa vida interior e amorosa. Trata-se de textos cuja escrita se processava em estado de isolamento, no caso de Maria Micaela, na sua cela, pois, tal como refere María Zambrano, a escrita reside na revelação de um segredo, naquilo que, não podendo dizer-se, tem de se escrever na solidão[1193], e que é o mistério de Deus.

Autoras como Evelyn Underhills[1194] defendem que o testemunho escrito das experiências místicas possui um propósito comunicativo, bem como um vetor mistagógico, o qual procura levar o leitor a experienciar essa mesma qualidade do divino que se expressa[1195], já autores como Bernard McGinn[1196] ou mais recentemente Charles M. Stang[1197], observam na escrita mística um fim em si mesmo, isto é, compreendem-na enquanto uma parte integrante da vida devota, e a qual prepara o *eu* para o encontro com Deus. Neste sentido, o ato de escrever é um ato profundamente espiritual e simbólico.

Em secção precedente procedeu-se ao levantamento dos traços gerais que caracterizam a linguagem mística. No entanto, apesar de todas as obras desta natureza

---

[1193] María Zambrano – op. cit, 1993, p. 37-39.
[1194] Evelyn Underhill – *Mysticism: A Study in the Nature and Development of Man's Spiritual Consciousness.* London: Methuen, 1911.
[1195] Em Confissões, Agostinho de Hipona afirma justamente que escreve o seu relato para que se desperte o seu amor por Deus e, posteriormente, o dos seus leitores. Cfr. Augustine – op. cit., *1991* p. 221.
[1196] Bernard McGinn – op. cit., 1992, p. 16.
[1197] Charles M. Stang – "Writing" in Amy Hollywood – Patricia Z. Beckman (ed.) – op. cit., 2012., pp. 252 – 263.

possuírem um forte denominador comum, cada uma delas tem a sua especificidade própria. Por exemplo, o sentido de individualidade de Maria Micaela explica, certamente, a razão pela qual, no seu longo texto, quase nunca alude às suas companheiras de mosteiro, nunca designa nenhuma pelo nome e nunca se refere à abadessa. Em termos espirituais, acedemos às suas matrizes através do que escreve, mas sem nunca se saber quem lhe deu determinado autor a ler ou quem lho aconselhou. No entanto, sabe-se que lia, porque ela o afirma. De algumas obras existentes na livraria do seu mosteiro de Odivelas, terá colhido influências e ensinamentos, mas também quase nunca as identifica, à exceção das de María de la Antígua e de S. João da Cruz. Ao longo do seu texto, Maria Micaela convoca o texto de outros místicos, ora de forma explícita, por citação que não se distingue do seu próprio texto (S. João da Cruz, Santa Teresa de Ávila, S. Francisco de Assis, etc.), ora de forma implícita, referindo nomes, mas não frases, ou aproximando-se do pensamento de autores marcantes na espiritualidade ocidental e moderna ou da sua Ordem. Estão nesses casos María de la Antígua e S. Bernardo. Nele convergem, porventura, "vastas escritas", diversas textualidades e camadas textuais concorrendo para o centro e propósito último: a *unio mystica*.

Maria Micaela escreve por mandado do seu diretor espiritual. É com esta informação que abre este manuscrito que transcrevi e estudei: "A seis de agosto, dia da Transfiguração do Senhor, comecei a escrever, que sentia a alma muito desocupada para fazer o que Vossa Reverendíssima me mandava.". No fólio seguinte, reafirma essa ordem a que se sujeita ("Depois que Vossa Reverendíssima me manda que dê conta cada mês"), implicando a atividade de escrita que a partir dali decorreria no cumprimento do preceito de obediência. É esta a primeira origem do seu texto, embora, à medida que vai avançando, o ato de escrever assuma outros contornos, desde logo o de penitência e compunção, pois, escrevendo contrafeita, procura entregar, em oblação, esse sacrifício a Deus: "eu com a boca no chão ofereço ao Senhor o trabalho que sinto de escrever por caderno. Que seja em desconto de meus pecados, mas todas as minhas queixas que formo a meu Senhor se me aumentam em ardentes desejos de obedecer em tudo que Vossa Reverendíssima me mandar"[1198]. Maria Micaela acaba por encarar este penoso trabalho de escrita como uma aceitação submissa e humilde a Deus, a quem

[1198] Fl. 213.

acaba por atribuir, mais tarde, uma intenção divina: "só desejo ser humilde, e pura, e sofrida nos trabalhos que o Senhor é servido dar-me. E este, [o] de escrever, é [o] maior de todos porque rende-se a vontade à santa obediência"[1199].

Ao contextualizar a prática de escrita religiosa em Portugal, Isabel Morujão afirmou refere que

> Para o contexto português, é de salientar que são muitas vezes os homens quem tira as religiosas do seu silêncio, obrigando-as a tomar voz que de outra forma não tomariam. A sua relação com o espaço que habitavam tornou-se, pois, muitas vezes, determinante da sua atividade literária. Enquanto escritoras sob esse preceito de obediência, e com a consciência de que os conteúdos que expunham pela escrita poderiam ter divulgação alargada, as religiosas atuavam em função de uma determinação superior e não em sintonia com a sua vontade própria.[1200]

De resto, é um traço deveras comum nesta tipologia discursiva a referência à escrita por obediência. Estefanía de la Encarnación, clarissa española do século XVII, redige o seguinte, neste seguimento:

> Esto es lo que pude escribir, digo, hasta que hoy, día de la Octava de Nuestra Señora de agosto, puedo dezir. Que de otras cosas que ahora por mí pasan hasta ver el efecto dellas y comunicarlo com Vuestra Paternidad, no lo hago. Harélo cuando Vuestra paternidade me lo mande, prosiguiendo em el escribir como em el obedecer.[1201]

Joana de Jesus, por sua vez, também afirmou:

> Por me ajustar com as leis de obediência que me ordenam me ocupe em escrever o processo de minha vida, trato de obedecer a quem me manda, e para que tudo o que disser seja para honra e glória de nosso Deus e proveito das almas. Invoco o dulcíssimo nome de Jesus em cujo dia dou princípio a esta obram tomando por intercessora a Virgem Maria Senhora nossa (sic) a quem remeto todas minhas obras e ações[1202].

O texto de Maria Micaela é herdeiro e continuador desta tradição discursiva, tratando-se a sua escrita de uma prática ambivalente, ora repelida ora desejada, e sempre em estado de pulsão:

[1199] Fl. 208.
[1200] Isabel Morujão – art. cit., 2011, p. 47.
[1201] Apud Sonja Herpoel – *A la Zaga de Santa Teresa: Autobiografias por mandato*. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, 1999, p. 98.
[1202] Apud Joana Serrado – op. cit., 2014, p. 54. Atualizei para o português atual o trecho citado.

> Neste capítulo poderá dizer milagres, mas será vontade de Deus que não posso dar conta, que me não falta mais que tirar-me o papel da mão, que nos ouvidos do corpo me dizem que não escreva. Valha-me a santa obediência, que entre tantos inimigos me vejo atropelada.[1203]

Se é verdade que, para algumas freiras, a escrita constituiu um exercício intelectual e de fruição consequente de uma vontade desobrigada (relembrem-se os casos de Sóror Maria do Céu ou de Sóror Violante do Céu), para Maria Micaela ela foi sobretudo resultado de um vínculo da obediência, acarretando uma espécie de angústia que assume, por vezes, os contornos de um ato de penitência[1204].

> Aceite Vossa Reverendíssima este capítulo por carta deste correio e, se não puder ler, queime-o logo, que não tomará sair da ordem que Vossa Reverendíssima me tem dado de um só cada mês. Mas este inda que não entendi que meu Senhor me dissesse que escrevesse, sentia grande força na alma que me parecia que a mão se movia para pegar na pena. Mas como vejo que tudo são borrões, parece-me que meu Senhor não se agradava desta obra. Mas sinto força grande para escrever, e outras vezes grande repugnância da minha parte, que me sucedeu estando lendo o capítulo que fiz no princípio deste mês, e dar-me como a tentação de queimar.[1205]

Ora, no caso da obra de Maria Micaela, a obediência, pela escrita, vai transformando a própria autora, pelo que é lícito afirmar que o ato de escrever se inscreve no próprio processo místico-espiritual da religiosa cisterciense, que vai mudando a sua perspetiva face à redação destes estados da alma e do espírito:

> Eu não sei que tenho que, depois que vi que havia de escrever por estes papéis, a alma se derrete toda aos pés do Senhor, e com grandes desejos de escrever as grandezas do seu doce amor e não deseja mais que meditar"[1206].

Outro dos contornos que assume a escrita desta autobiografia espiritual é acabar por constituir um momento de proveito e crescimento espiritual para a religiosa, que ao ser confrontada com o inevitável da redação, fica impelida a um sentimento de enaltecer a Deus através da sua escrita, assemelhando-se deste modo o escrever ao ato de louvor pela grandeza de Deus:

[1203] Fl. 51.
[1204] A identificação desta tipologia de escrita com o sacramento da penitência foi apontada, por exemplo, por Jean Molino – "Stratégies de l'autobiographie au Siècle d'Or" in L'autobiographie dans le monde hispanique *in Actes du Colloque International de la Baume-lès-Aix, Université de Provence, Etudes hispaniques 1*, 1979, pp. 115-137.
[1205] Fl. 49.- Fl. 49v.
[1206] Fl. 3.

> Amado de minha alma, eu não posso nem dizer tantos favores como me estás fazendo. Vós, Senhor, os dás a conhecer a quem governa minha alma, se é vontade vossa para que sejais louvado de todos que ardam no fogo do vosso divino amor.[1207]

Poder-se-ia afirmar sobre Maria Micaela o mesmo que Stephanie Paulsell defendeu a propósito da já citada Margarida de Oingt: "God's writing leads to her own writing, and her own writing leads always back to God. The spiritual life and the creative life are, for her, one"[1208].

Na autobiografia de Joana de Jesus, a freira de Lorvão revela a origem da sua escrita em moldes semelhantes:

> Depois que tive algum sossego em esta amorosa ânsia que toda me fazia perder de mim, me tornei a ver com o Padre Frei Vivardo e contada a verdade lhe <dei> notícia do que tinha passado na oração. Ele respondeu-me que não punha dúvida em que aqueles sentimentos fossem de Deus, pelos efeitos que causavam na minha alma e logo me deu uns cadernos feitos por sua própria mão e me disse que, dia do Espírito Santo, que era daí a outo dias, depois de que comungasse, me pusesse em oração e que tomasse a pena na mão e que escrevesse aquilo que o Senhor me ditasse.[1209]

Tal como em Joana, também em Maria Micaela é a ordem do diretor espiritual que motiva, numa primeira instância, o ato de escrita, embora, posteriormente, seja Deus a entidade de onde o texto realmente brota[1210] e quem lhe ordena, por duas vezes, que escreva, num discurso direto com o verbo no modo imperativo: " E dentro da alma senti que o Senhor me dizia: 'escreve'"[1211]. Com a sua relação de vida, Maria Micaela vai acabar por servir a dois senhores: ao orientador espiritual e a Deus, a cujas ordens de escrita obedece, possuindo a sua produção textual, pois, estas duas dimensões.

No entanto, os favores de Deus são tão íntimos e privados, que Maria Micaela experimenta várias vezes pudor e vergonha de os expor, embora reconheça que lhe é mais fácil pô-los por escrito do que relatá-los de viva-voz, em presença do destinatário:

[1207] Fl. 19v.
[1208] Stephanie Ann Paulsell – *Scriptio Divina: Writing and the Experience of God in the Works of Marguerite d'Oingt*. Chicago: University of Chicago Press, 1993, p. 146.
[1209] Apud Joana Serrado – op. cit., 2014, p. 59. Atualizei para o português atual o trecho citado.
[1210] Sobre este tema ver o capítulo "The vessel of God – voice vs mouthpiece" da já citada obra de Deborah Frick, páginas 93 a 124.
[1211] Fl. 14v.

> Estou como vergonhada que Vossa Reverendíssima veja este papel, pelos desatinos com que tenho falado em meus amores. Mas o Senhor é o que me faz ter estas louquices, porque eu nunca disse este nome mais que a meu Amado, e meu divino Esposo, e meu doce amor[1212];
>
> Como Vossa Reverendíssima me disse que de tudo desse conta, irei dizendo neste o que for vontade de Deus que eu saiba dizer. Andei dois dias como eu não sei dizer, por não achar termos a minha capacidade. Porém, por letra, não me acanho tanto.[1213]

A obediência que cumpria devia ser do conhecimento das suas companheiras de mosteiro, porque o simples facto de ser vista a escrever a faz sentir-se envergonhada: "Nem agora me fazem as criaturas opressão, mas dá-me muita pena que me achem a escrever. Tomara esconder isto tanto como se escondem os maiores pecados. Antes elas saibam os meus pecados do que me vissem estar a escrever"[1214].

Efetivamente, todas as realidades que Maria Micaela expõe por escrito se reportam a acontecimentos *ad intra,* como a autora diz, passados todos apenas no seu interior e a sós com Deus: "Mas o Senhor me dá a entender que aqueles favores que são como *ad intra* só de Deus para a alma"[1215]. Aliás, é o próprio Cristo que assim classifica a sua interação íntima e pessoalíssima com a alma: "como não tens virtudes que te ajudem sempre vives desconfiada de ti e conheces que tudo é meu e, por isso, trato contigo como *ad intra* e com isso me dás toda ti"[1216].

Por constituir uma exposição desta intimidade, o ato de escrever suscita em Maria Micaela sentimentos de vergonha diante do confessor. Porque, apesar dos momentos de doçura e suavidade que experimenta nas suas experiências místicas, aí se apresenta também nas suas maiores fraquezas, porque a vida mística pressupõe igualmente o reconhecimento dos limites e das fragilidades da alma: "(...) eu como sempre estou muito cheia de amor próprio, que é o que tenho de meu, envergonho-me de que Vossa Reverendíssima leia estes borrões que não servem de nenhuma utilidade, senão lhe dar trabalho para os ler"[1217]; "Mas o que digo nesta matéria é só para ter liberdade e para dar conta dos favores e regalos com que Deus trata este vil bichinho,

---

[1212] Fl. 109.
[1213] Fl. 44.
[1214] Fl. 6v.
[1215] Fl. 26.
[1216] Fl. 36v.
[1217] Fs. 121 – 121v.

porque do conhecimento do meu nada me nasce um grande acabamento, digo, me nasce um grande acanhamento para o dizer, inda que a santa obediência me anima".[1218]

Deste estado de alma que se expõe intimamente, no delírio[1219] e na loucura de Deus resultará, provavelmente, o desejo pontual de queimar o que escreve ou de que o orientador espiritual queime os papeis que lhe envia: "Agora me não so[u]be explicar bem. Vossa Reverendíssima o queime logo estas minhas grossarias"[1220]; "Chegando o seu divino rosto ao da alma, e tomando-a nos seus devinos braços lhe diz: "amo-te muito". Repreenda-me Vossa Reverendíssima, e queime logo isto. Quem há de crer tal que meu Senhor tal me faça, não só uma vez senão muitas vezes?"[1221]; "Mas sinto força grande para escrever, e outras vezes grande repugnância da minha parte, que me sucedeu estando lendo o capítulo que fiz no princípio deste mês, e dar-me como a tentação de queimar"[1222]. Este desejo de queimar o que escreve não é inédito, ocorrendo o mesmo, de um modo um tanto transversal, nos registos literários de religiosas da Época Moderna. Sóror Clara do Santíssimo Sacramento[1223] suplica por diversas vezes ao seu confessor a autorização para queimar a sua autobiografia[1224]. Ana María de San José, religiosa espanhola do fim do século XVI e início do século XVII, escreveu: "Si acabado de ler Vuestra Paternidad lo quiere romper o quemar, muy em buena hora, que para mí será de mucho gusto"[1225]. Sóror Maria Madalena de Jesus chegaria mesmo a destinar muitos dos seus escritos ao fogo[1226]. Neste sentido,

> O fogo purificador redimiria talvez, na provável opinião das religiosas, os versos sempre inferiores ao ideal de perfeição de vida religiosa e de relação com Deus. Por isso, algumas religiosas queimavam elas próprias as suas produções (como fez, por exemplo, Soror Isabel Auta de S. José, "*que só do fogo fiava os seus escritos*"); e outras, surpreendidas por doença súbita ou pela

[1218] Fl. 238v.
[1219] Cf. "E daqui não passo, por não dizer delírios" (Fl. 196 v.) e "Senhor é o que me faz ter estas louquices" Fl. 109.
[1220] Fl. 167.
[1221] Fl. 17v.
[1222] Fl. 49v.
[1223]Também conhecida pelo seu nome secular, a já mencionada Antónia Margarida de Castelo Branco.
[1224] Antónia Margarida de Castelo Branco – op. cit., 1983, p.12.
[1225] Citado tal como aparece em Sonja Herpoel – op. cit, 1999, p. 98.
[1226] Jerónimo Belém – *Crônica Seráfica Da Santa Provincia Dos Algarves: da Regular Observancia Do Nosso Serafico Padre S. Francisco, ... Que comprehende a sua separaçaõ da Provincia de Portugal, com as Fundaçoēs de cinco Conventos de Frades, e hum Mosteiro de Freiras.* Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1750, pp.406-408.

> proximidade da morte, solicitavam às suas companheiras o favor dessa destruição, favor nem sempre cumprido.[1227]

O fogo funcionaria ainda, simbolicamente, como desejo de purificação da própria alma que escreve, porque, no conhecimento que vai adquirindo de Deus e de si própria, a alma reconhece-se ingrata e imerecedora: "Ó Senhor, quem sois vós e quem sou eu? Eu pó e cinza, a mais ingrata de todos os nascidos"[1228]. Ao mesmo tempo, a religiosa autora é habitada por sentimentos contraditórios, que levam a grau extremo a sua necessidade de expiação de pecados e fraquezas, entendendo que o melhor modo de o fazer era proclamá-lo publicamente pela escrita, para que a humilhação (que considerava merecida) fosse total:

> Mas com grandes favores que minha alma recebeu neste dia se me aumentou um grande desejo e ânsia de escrever, e dizer todas as minhas misérias e minhas ignorâncias, para que soubesse todo o mundo o que eu era, e que os favores que recebia de Deus eram todos de graça. Chorava a minha ingratidão e o pouco que era agradecida, e louvava a Deus pelas suas grandes misericórdias.[1229]

Se é verdade que em Maria Micaela a escrita funciona enquanto ato purificador, isto é, capaz de a redimir através da sua perseverança espiritual, não menos certo é afirmar que possui igualmente um pendor punitivo: "Suponho que foi vontade de Deus [que] eu padeça adiante uma folha, sem ver que esta estava por escrever. Não hei de deixar de escrever, que me manda a santa obediência"[1230].

O sofrimento advindo do ato de escrever pode ser traduzido pela

> inquietação experimentada tantas vezes por algumas religiosas face à sua atividade poética, [que] parece sintomática de uma ainda hesitante condição de escrita, quer feminina, quer conventual, ou, talvez melhor, de uma ainda não esclarecida posição face a eventuais conflitos entre a vida consagrada a Deus e a prática de escrita.[1231]

[1227] Isabel Morujão – art. cit., 2011, p. 51.
[1228] Fl. 61.
[1229] Fs. 107v. – 198.
[1230] Fl. 52.
[1231] Isabel Morujão – art. cit., 2011, p. 52.

Neste sentido, declara Maria Micaela: "Ó, Senhor, bem sabeis vós o quanto me custa escrever amores vossos que minha alma conhece porque ao mesmo tempo conheço o nada que sou, mas vejo esta alma feita um céu de amores vossos"[1232].

Escrever revela concomitantemente um caminho espiritual que a escrita permite e privilegia, por se lhe afigurar em virtude de assomar enquanto uma ferramenta como meio potenciador do sofrimento. Sofre-se diante da folha, conquanto por obediência não se cesse de escrever. Aliás, a despeito do reconhecimento de provir de Deus o exercício da escrita, chega-se mesmo a desejar secretamente a sua cessação. Permanecer escrevendo, cumprindo, assim, o preceito da obediência, conduz o sujeito narrativo a impelir-se a um padecimento que será por vezes experienciado com tal intensidade que se pressente morrer na escrita:

> Estando para escrever um ato de humildade para o dizer muitas vezes no dia, porque minha alma deseja muito andar sempre com a boca na terra, assim que peguei na pena me deu de repente e se me descompôs o corpo. Comecei de sentir-me morrer com suores de morte, e fiquei tão aquebrantada como se eu saíra de uma grande doença, isto em uns instantes.[1233]

Apesar da perturbação e descompostura, isto é, do sofrimento que o simples ato de pegar na pena lhe traz, o *eu* acaba por terminar encontrando um alívio. Há, no texto, um ritmo de sofrimento purificador através do qual o *eu* diegético executa a sua contrição. A religiosa de Odivelas conjuga a humilhação, a humildade e o padecimento por forma a alcançar a Deus, pelas quais se vai tecendo o fio narrativo da sua exposição:

> Ó, que não sei dizer as delícias que esta alma goza com seu Amado entre flores e dolores, porque a alma deseja muito humilhar-se ao seu divino Esposo nos padecimentos, porque é uma coisa que conhece em Deus que eu não sei explicar. Não [por a] não descobrir, mas como sou toda uma miséria não me atrevo a pôr a alma tão alta publicamente. Mas valha-me a santa obediência e viva esta formiga enquanto vós, Senhor, fores servido, mas sempre crucificada nos vossos divinos braços. E padeça eu, Senhor, tudo quanto vós fores servido porque só isso devo desejar.[1234]

Também Hadewijch de Brabante aconselha, num dos seus poemas rimados: "suffer sadness gladly/ and know that it is Love's mode of action"[1235]. Na esteira de tal

---

[1232] Fl. 175.
[1233] Fl. 7.
[1234] Fs. 183v. – 184.
[1235] Hadewijch – op. cit., 1980, p. 330.

conceção encontra-se a espiritualidade da freira cisterciense, para quem o sofrimento deve ser vivido alegremente: "E conhece que para se fazer é não fazermos a nossa [vontade], e não só a nossa, senão seguirmos e abraçarmos todo o penoso com alegria, e seguirmos só esse que o nosso apetite não deseja"[1236].

Por vezes, em Maria Micaela escrever é acompanhado, ainda, como se viu já, por uma sensação de vergonha:

> Queria escrever para desafogo de amor divino, e saber contar a Vossa Reverendíssima isto que me fez meu Senhor, mas não deixam [as] criaturas, e eu não queria que me achassem com o furto nas mãos que são estes cadernos porque sempre escrevo as furtadas pela grande vergonha e pena que sinto [ao] ver-me com caderno nas mãos, mas levo tudo em silêncio, e não respondo, inda que me digam alguma coisa. Ofereço a Deus a mortificação que padeço (que não é pequena)"[1237].

Esta perceção motiva uma escrita punitiva e que possui em si um pendor de mortificação. Veja-se: "Também lhe quero a Vossa Reverendíssima dizer, para que conheça as minhas maldades e como estou cheia de amor próprio, que estou com vergonha que Vossa Reverendíssima veja este papel (...)"[1238]. A vergonha é despoletada pela perceção das "maldades" do *eu* diegético, figurando um sintoma do seu autoconceito, mas decorrendo também das contingências sociais que o rodeiam:

> Nesse me vejo como senhora de grandes palácios, mas sejam do céu, que os da terra não me devem nada, nem nunca cobicei riquezas do mundo. E se as tivera as dera de boa vontade aos pobres, que por esse desejo padeci na minha mocidade bastante trabalho com a gente de casa, que me diziam que eu destruía a casa para dar aos pobres. Isto agora foi demais. Vossa Reverendíssima me repreenda asperamente, e nunca me lembra que me queixasse das criaturas de não me visitarem, ou me desprezarem[1239];
>
> Direi a Vossa Reverendíssima uma coisa, inda que sei que estas coisas levarão alguma dúvida neste sentido por serem vistas dentro da alma, que só se podem querer quando as mesmas pessoas as experimentam. Não que ponha dúvida ao que respeita a Vossa Reverendíssima, mas são tão subtis que me parece, às vezes, ser melhor as não dizer.[1240]

[1236] Fl. 181v.
[1237] Fl. 118.
[1238] Fl. 109.
[1239] Fs. 89v. – 90.
[1240] Fl. 147.

Apesar de todo o diálogo e comunhão com Cristo ter lugar *ad intra*, isto é, no mais íntimo e interior do ser, os seus efeitos são expressos pela religiosa através de referências ao corpo, que, embora sempre recorrentemente referido por Maria Micaela como "miserável corpo", também participa do gozo da alma. A ideia de uma fusão de corpos (o da alma da religiosa e do corpo místico de Cristo) ascende igualmente à superfície do texto no recorrente lexema "incorporado", que se reporta à experiência da presença de Deus em si: "Estando na oração, senti meu Senhor incorporado com minha alma, tudo em silêncio"[1241]; "E minha alma, sem o ver, sente-se incorporada com o amor divino, de sorte que lhe parece que pouco lhe falta para o ver com os olhos do corpo"[1242]; "Estando na oração, pedindo e humilhando-me, senti que a alma voava a Deus (…) Depois, levantei-me com a comunidade para o refeitório, sentindo ao Senhor a alma incorporada com ele, ou o Senhor com ela"[1243]; "Por duas vezes, depois de ter recebido o Senhor, sentia-o no peito sacramentado e tão incorporado comigo, que não sabia minha alma que fizesse, porque da sua parte não tem nada. Meu doce amor, quem sois vós e quem sou eu"[1244]; "Outro dia, comunguei e senti meu Senhor incorporado com minha alma, tanto às vistas que os olhos se não podiam enxugar pela ternura em que andava metida"[1245]; "recebi a meu Senhor sacramentado, que havia dois dias que o não recebia. De tal sorte me prendeu que não posso cuidar em nada senão toda recolhida, destilando rios de água, porque derrete o coração um amor que há instantes o estou sentindo incorporado comigo."[1246].

Outra dimensão significativa desta escrita de Maria Micaela de S. Bernardo é assumir-se pontualmente como ditado de Deus. De facto, o sujeito de enunciação parece esbater-se ou diluir-se, para dar lugar à voz de Deus, que lhe chega a ditar o que escreve: "Mas o Senhor é o que me diz este pouco de que dou conta a Vossa Reverendíssima"[1247]. De outras vezes, o que Maria Micaela escreve só chega à formulação escrita porque Deus a inspira na sua enunciação: "Como Vossa

[1241] Fl 17v.
[1242] Fl. 36.
[1243] Fl. 214.
[1244] Fl. 5v.
[1245] Fl. 22.
[1246] Fl. 36v.
[1247] Fl. 113v.

Reverendíssima me disse que de tudo desse conta, irei dizendo neste o que for vontade de Deus que eu saiba dizer" [1248]. Nestes momentos, pode falar-se da dificuldade em classificar a natureza quase plural da voz narrativa, que ora é humana ora parece ser apenas uma mediadora da voz divina. Igualmente, Matilde de Magdeburgo principia a sua escrita após, num momento de êxtase, assim ter sido instruída por Deus:

> Then he gave me a command that often makes me ashamed and causes me to weep because my utter unworthiness is obvious to my eyes; that is, he commanded me, a frail woman, to write this book out of God's heart and mouth. And so this book has come lovingly from God and does not have its origins in human thought.[1249]

Amy Hollywood, no início da década de sessenta, a propósito da obra *Das fließende Licht der Gottheit,* de Matilde de Magdeburgo, aponta já para esta qualidade das textualidades espirituais femininas:

> it is relative paucity of the first type of speech act in Mechtild's text that has obscured its confessional character, yet the praise of God which resounds throughout the text is always coupled with the soul's expression of its own weakness and unworthiness. At times, this *topos* is taken to the point where the "I" no longer claims to speak; rather it is God who speaks through and to her.[1250]

De facto, o texto de Maria Micaela está repleto de jaculatórias de louvor a Deus e de formas exclamativas que resultam do espanto e do amor intenso que a narradora experimenta diante do amor e grandeza de Deus: "Meu Deus, meu amor, e todos os bens juntos, grande é a vossa misericórdia!"[1251]; "Seja meu doce amor louvado, que sofre esta ignorante."[1252].

Efetivamente, o *topos* da indignidade é recorrentíssimo em toda a obra, revelando-se através dele a consciência que a religiosa tem da sua "miséria", face à grandeza de Deus a que tem acedido através dos seus momentos de "união estreitíssima". Daí a religiosa se considerar "formiga", "galega rude e ignorante",

---

[1248] Fl. 44.
[1249] Mechtild of Magdeburg – *The Flowing Light of the Godhead*. New York: Paulist Press, 1998, p. 96.
[1250] Amy Hollywood – op. cit., 1995, p. 75.
[1251] Fl. 163v.
[1252] Fl. 73v.

"bichinho vil", "bicho peçonhento", "vil criatura da terra", "criatura miserável", etc. A consciência da sua insuficiência vai-lhe, entretanto, sendo revelada pela imagem com que se reconhece perante o espelho de Deus e, nesse sentido, ao escrever esses momentos, Maria Micaela também realiza uma escrita especular, com tudo o que ela significa de distância e de proximidade. Assim, "el pacto entre la voz solemne y la pluma mundana sellaba así la principal condición de posibilidad de la escritura espiritual femenina, y ésta venía a dar perdurabilidad y transcendência a la palabra de mujer, originalmente oral, cotidiana, íntima y personal"[1253].

Neste contexto, escrever não é só cumprir um ato de obrigação, antes, se constitui como um gesto que participa no processo místico, integrando-o, e que é, por conseguinte, profundamente espiritual. Da escrita de Maria Micaela, em particular, poder-se-ia afirmar o mesmo que Amy Hollywood concluiu a propósito de Matilde de Magdeburgo:

> [The] immediate experiences of the divine continue throughout her life and are the direct inspiration of her writing. The external events of her life are of importance only insofar as they presente the opportunity for her to follow the path of Christ in his life of contempt, exile, suffering and death.[1254]

Com efeito, das experiências de "abraço estreitíssimo"[1255] com o Amado procede uma escrita que não é somente inspirada pelo divino, mas que, materializando-se no papel, o revela[1256].

A escrita espirito-devocional, pela sua aspiração transcendental, adquire uma tripla conotação ritual, sacrificial e de oblação. Efetivamente, na produção literária de Maria Micaela prevalece a conjugação da humanidade da mão que escreve com a

---

[1253] Antonio Castillo Gómez – "La pluma de Dios: Maria de Ágreda y la escritura autorizada" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n.6, 1999, p. 104. Em linha: https://ojs.letras.up.pt/index.php/vsp/article/view/6944/6377. Acesso em: 05/01/2023.

[1254] Amy Hollywood – op. cit., 1995, pp. 72 – 73.

[1255] Fl. 227.

[1256] María Zambrano, a respeito do ato de escrever em si mesmo, afirmou: "E o escrever só, sem finalidade, sem projeto, porque sim, porque é assim, pode oferecer o caráter de uma ação transcendental, que só porque se trata de uma ação humaníssima é que não podemos chamar-lhe sagrada. Mas tem qualquer coisa de rito, de conjuro e, mais ainda, de oferenda, de aceitação do iniludível presente temporal, e de transitar no tempo, de ir ao seu encontro, como ele faz, pois não nos abandona". María Zambrano – op. cit., 1994, p. 11.

deidade a que o discurso se abre e da qual brota, implicando um sujeito narrativo cuja identidade resulta frequentemente de uma relação especular com Deus, nesse *per speculum in aenigmate* ao gosto de São Paulo.

De facto, se "o melhor retrato de cada um é aquilo que escreve"[1257], o texto de Maria Micaela não pode ser analisado excluindo-o do viés da transcendência com que se articula. Giorgio Agamben, em *Ideia da Prosa*, aduz que "só a palavra nos põe em contacto com as coisas mudas"[1258]. É nessa esteira que importa compreender a produção escrita da religiosa de Odivelas.

Maria Micaela escreve com limite de páginas por mês. Ora, tal restrição vai obrigar a um discurso mais direto, sem se perder em circunstâncias exteriores à sua vida de oração. Mas esse limite de escrita será visto, em algumas circunstâncias, como impossibilidade de expandir o que, na sua alma, foi imenso, grande e infinito: "Muitas coisas dissera, mas acaba-se o capítulo"[1259];"E para minha alma ser regalada, primeiro se purga em padecimentos porque eu não os digo aqui, porque Vossa Reverendíssima bem sabe que não me deu licença mais de duas folhas cada mês"[1260];"Eu pudera ir escrevendo dia por dia o que meu Senhor me faz de regalos, mas por ser o caderno só de duas folhas para todo o mês, não ponho tudo, mas tudo são regalos"[1261].

Os sucessivos confrontos com o limite de papel levá-la-ão a exclamar que "isto não é vida para escrever por cadernos"[1262].

E é face à desigualdade entre o imenso e o limitado, isto é, entre o divino e o humano, que se instaura na obra o tópico da inefabilidade da escrita, que não raro fica muito aquém do que pretende dizer: "Ali tratou o Senhor com minha alma o que não cabe em termos humanos."[1263]; "Mas permite meu doce amor que a alma entenda assim, e outras coisas mais subidas que ela não sabe dizer com palavras próprias (...)"[1264].

[1257] Padre António Vieira – *Sermões*, Tomo I. São Paulo: Editora Hedra, 2001, p. 136.
[1258] Giorgio Agamben – *Ideia da Prosa*. Lisboa: Edições Cotovia, 1999, p. 112.
[1259] Fl. 225v.
[1260] Fl. 24v.
[1261] Fl. 80.
[1262] Fl. 85 v.
[1263] Fl. 178v.
[1264] Fl. 193

Esta tensão desencadeia a tribulação da escrita, a qual promove, assim, irremediavelmente, o sofrimento experienciado pelo sujeito da enunciação face ao ato de escrever, gerando o desafio de tentar romper a névoa que separa a linguagem humana da realidade divina, escrevendo simultaneamente como ignorante e como louca":

> O amor sacramentado me faz vencer todos os impossíveis, como é o escrever por caderno o que passa minha alma com Deus. Como pode ser que língua de criatura possa explicar-se? E, para mim, que sou a mesma ignorância, é dificultoso e, assim, escrevi como ignorante e como louca, com desatinos, e delírios, e desejos de [m]e querer dar a entender.[1265]

Também Mariana de San José, agostinha recoleta da segunda metade dos séculos XVI e XVII, expõe a arduidade da escrita ao apontar a lacuna que reside na linguagem humana face à plena descrição de Deus e dos seus efeitos, sentidos como ternura e amor incomensuráveis:

> Que de cosas pudiera decir acerca de las mercedes que este Señor me hacía y hace; mas de suyo son dificultosas de darles lenguaje y no para escritas, aunque para que se conociese con la ternura y amor que trata Su Majestad a los que a Él se allegan y se aficionasen, quizás fuera de algún efecto.[1266]

A perceção da impossibilidade de comunicar direta e plenamente a experiência de e com Deus encontra-se já na tradição mística patrística e medieval. Agostinho de Hipona escreveu justamente: "Before you had the experience you used to think that you could speak of God. You begin to have the experience, and there you experience that you cannot say what you experience"[1267]. Margarida de Oingt, na sua obra *Speculum*, evidencia esta problemática da inaptidão da linguagem humana face à descrição de Deus:

> Alguien que yo conozco estaba en oración antes ' o después del maitín (…)y su corazón estaba encantado a tal punto que a ella le pareció estar en un lugar más grande que el mundo entero, y más brillante que el sol en todas sus partes; y este lugar estaba lleno de gente tan hermosa y tan gloriosa que el habla humana no puede expresarlo.[1268]

[1265] Fl. 205v.
[1266] Apud Sonja Herpoel – op. cit, 1999, p. 106.
[1267] Bernard McGinn – op. cit., 2001, p. 160.
[1268] Apud em Elena Lagos – Rolando Carrasco – op. cit, 1992, p. 120.

É então que Maria Micaela recorre a estratégias retóricas, como a apófase, nomeando e imediatamente desdizendo, como único modo de expressar a dificuldade ou a impossibilidade do dizer: "Na boca é sentir uma suavidade que eu não sei pôr-lhe outro nome, inda que me parece mais que suavidade"[1269]; "Pareceu-me ser milagre nesta ocasião não se desfazer a natureza do suavíssimo olor ou cheiro, ou não sei que doçuras sentia que eram mais que doçuras, (…) mas não lhe sei pôr outro nome"[1270]. Assim, também fala, embora dizendo que se cala:

> Eu não ouso a falar nestas coisas porque será em mim falta de humildade, ou pela grande largueza e liberdade que sinto dentro de minha alma, e o Senhor não dará isto a todas. Por isso, inda que meu Senhor me dá estas coisas a entender, calo-me.[1271]

A expressão "que não lhe sei pôr outro nome" é um *leitmotiv* que destaca no texto a insuficiência da linguagem humana para definir ou descrever realidades que transcendem o humano.

Na verdade, ainda que o místico crie rutura linguística, através da figuração, nem essa dimensão de sentido outro consegue apreender a natureza das coisas infungíveis: "O que a alma passa não se pode explicar mais que dizer que goza sem intervalos"[1272].

Para Maria Micaela, palavra nenhuma é suficiente para designar a sua experiência mística e transcendental. E é nesse paradigma que se inscreve toda a sua produção escrita : "Inda que eu escrevesse quantas comparações há neste desterro, não acabaria de dizer a Vossa Reverendíssima o estado em que minha alma está com o Rei da glória, que amores e favores está possuindo"[1273].

Umberto Eco, na obra *A Procura da Língua Perfeita*, indica que "antes da blasfémia de Babel, a humanidade sabia apenas uma língua, a língua perfeita, a língua falada por Adão e Deus". A existência de uma língua unânime e universalmente compreensível, isto é, "perfeita", assinalava um estado de harmonia, que foi interrompido pelo castigo divino à *hybris* humana ao se instituir, no seguimento da

[1269] Fl. 173.
[1270] Fl. 254.
[1271] Fl. 109v.
[1272] Fl. 232v.
[1273] Fs. 115. – 115v.

queda de Babel, a diversidade linguística[1274].A linguagem dos místicos mantém-se ferida dessa mesma falha, porque, apesar de conhecerem bem essa grandeza e bondade de Deus, não a conseguem verbalizar. Estruturando-se nesta impossibilidade linguística inultrapassável, a linguagem mística é particularmente tendente ao oxímoro e ao paradoxo, bem como a modos discursivos afetivos e altamentes dialógicos, "largely inspired by the Song of Songs", em que a configuração dramática "serves as a rhetorical device of amplication, stressing moments of desire and distance, familiarity and alienation, joy and melancholy, deprivation and fruition"[1275]. O texto, na sua tensão própria, reflete, assim, aquela que é a experiência mística de Maria Micaela, já que nela não se verifica propriamente uma progressão entre estados espirituais, antes uma constante oscilação, na qual o Amado ora é encontrado ora é perdido, ora permite a união, ora gera securas de ausência. Nesta experiência textual, que é simultaneamente mística, prevalece uma constante procura por Deus e pela tal "língua perfeita", isto é, essa linguagem pré-babélica capaz de enunciar e de comunicar os meandros da divindade: "E minha alma encostada no peito divino do Senhor, bebe-o com abundância da fonte divina. É só o que posso dizer"[1276]. Provavelmente, terá sido pelo mesmo tipo de angústia que Hildegarda de Bingen terá criado *litterae ignotae* , sistema linguístico artificial que permanece ainda por decifrar[1277], mas que se acredita ter sido elaborado para propósitos místicos.

Autoidentifica-se, ainda, como "pecadora" ("Outro dia, estando para comungar, me senti assaltada de algumas tentações de ser santa, isto na maior pecadora de todo o mundo"[1278]). O trecho que se segue é assaz elucidativo no respeitante ao autoconceito deste *eu* diegético, bem como à preponderância da estratégia retórica da humildade:

[1274] Génesis 11:1-9.
[1275] Niklaus Largier – op. cit., 2003, p. 8.
[1276] Fl. 100.
[1277] Sarah Higley, no seu estudo sobre a dificuldade de decifração da língua ignota, refere o seguinte: "Comparatively little has been written on the Lingua, partly because it has been so difficult to translate given the dialectical idiosyncrasies of the glosses in medieval Low German and Latin and their highly specialized nature; partly because the text, extant in two manuscripts, is so perplexingly worldly; and partly because we are unsure of its purpose" Sarah L. Higley – *Hildegard of Bingen's Unknown Language_ An Edition, Translation, and Discussion*. London: Palgrave Macmillan, 2007, p. 15.
[1278] Fl. 184.

> Mas, alma minha, que és a mais ingrata e pecadora que há em todo o mundo, veste-te de profundíssima humildade e, abraçando-nos com o nosso divino Esposo, todo chagado e posto em uma cruz, não busquemos outra vida mais que padecer com o meu Jesus.[1279]

Se por um lado, autoras como Alison Weber[1280] associam a retórica da humildade à tradição clássica da já mencionada captura da benevolência da audiência, por outro a prevalência desta ferramenta coloca em evidência o papel concedido à humildade enquanto sintoma de uma vida espiritual sadia, figurando enquanto via para Deus. A produção escrita feminina conventual apresenta, na sua generalidade, este aparelho retórico que, não sendo propriamente uma invenção na medida em que na Antiguidade o *topos humilitatis* é já um mecanismo literário abundante, se torna especialmente idiossincrásica dos discursos femininos espirituais.

A já referida Joana de Jesus descreve que:

> Com esta presença de meu Senhor e luz que ele me dava, fui continuando em escrever esta sua obra, em a qual via que não tinha nada, porque conhecia por uma notícia mui clara, que toda ela era de Deus e que a mim me não tocava. Sempre em este tempo andava em oração, ainda quando não escrevia e ordinariamente sentia comigo a presença de meu Senhor, que suposto o não via com os olhos d'alma, nem do corpo, não podia duvidar de que estava comigo, com muita mais certeza do que se o vira muitas vezes, estando escrevendo, me dava uma ânsia tão grande de seu amor, com uns desejos tão excessivos de sua honra e glória e da salvação das almas, que me desfazia em lágrimas e enlouquecia de amor. E uma vez cresceu tanto este fogo, que me desfazia* e abrasava* toda e a humildade era tão rara que me não atrevia a ir por diante em o que ia escrevendo.[1281]

Também Clara do Santíssimo Sacramento expressa o seu amor por Deus em termos de uma profunda humildade e de autodesprezo:

> Que confusão causam, Deus eterno, nesta miserável alma estes lances de vossa grandeza? Eu, Senhor, queria mostrar-vos, pelos meus grosseiros termos, que vos amava trabalhando por vos

[1279] Fl. 192.
[1280] Com efeito, a humildade enquanto estratégia retórica é apontada por Alison Weber no seu estudo sobre a produção escrita de Santa Teresa de Jesús: Alison Weber – *Teresa of Avila and the Rhetoric of Femininity*. United States of America: Princeton University Press, 1996.
[1281] Citado tal como aparece em Joana Serrado – op. cit., 2014, pp. 168 – 169. Atualizei o trecho para o português moderno.

> expressar o meu afeto e vós queríeis que eu atendesse ao vosso. Que vos ia (amor eterno) nesta amorosa porfia com uma alma tão ingrata?[1282]

Apesar da dispersão geográfica, do hiato temporal, da diversidade de Ordens religiosas e da dissemelhança biográfica entre as autoras, é possível compreender que o tópico da humildade se conserva e manifesta nos textos destas religiosas, arquitetando-se como um aparelho estratégico discursivo elementar e transversal em todas elas. De facto, importa sublinhar que, a despeito de os seus discursos serem arquitetados no sentido de enfatizar a humildade e a autoabnegação, bem como a autodegradação, estas autoras permanecem escrevendo enquanto mediadoras divinas, esposas de Deus e suas escolhidas, tecendo sub-repticiamente, na realidade, o fio da sua autoridade.

Outrossim, trata-se a humildade de um modo de salvaguarda do perigo da heresia:

> Eu não ouso a falar nestas coisas porque será em mim falta de humildade, ou pela grande largueza e liberdade que sinto dentro de minha alma, e o Senhor não dará isto a todas. Por isso, inda que meu Senhor me dá estas coisas a entender, calo-me. (fl. 109v.)

Importa notar que

> To say that [women] deployed particular gendered categories of feminine subjection to build their authority is not to say that they accepted the implications of subordination that come with these categories. It is to say that they creatively found a discursive space that enabled them to do the work they needed to do.[1283]

Recorrendo a uma linguagem do foro da auto-humilhação, a afirmação da sua ignorância é frequentemente exarada pela religiosa de Odivelas, alinhando o seu relato ao espaço discursivo que lhe era permitido e consagrado, mas instaurando um modo de escrita que é a dois tempos autorreflexivo e transcendental:

> O dia passado que falei a Vossa Reverendíssima e me disse se eu tinha já o caderno fichado. Eu como andava com desejos de deixar de escrever, deu-me pena que me falasse nele e queixei-me a meu doce amor. E lhe disse: "Amado meu, estes vossos divinos favores como os escreve esta

[1282] Antónia Margarida de Castelo Branco – op. cit, 1983, p. 246.
[1283] Amy Hollywood – op. cit., 1995, p. 79.

> miserável mão?". Por isso a não assento a dizer o que sente minha alma. E supus que só se dentro na minha alma pudesse estar o papel, e ela mesma escrevesse.[1284]

Somente a alma seria capaz de plenamente relatar a sua relação com Deus. Não sendo tal possível, a "miserável mão" encarrega-se da narrativa, permanecendo o *eu* enunciativo sempre consciente de ser desajustado pela sua natureza humana para o exercício que leva adiante, conquanto perseverando já que escrever é um exercício consagrado ao divino:

> Sinto a alma tão quieta e serena, sem rumor de coisa criada, que parece sono em que ela está com o Amado, e não sei se é engano meu, parece-me que falo mal. Pus-me então a escrever e, como não dizem os meus papéis o que sinto dentro da alma, dá-me pena. Mas creia-me Vossa Reverendíssima que isto pouco que digo é do Senhor, porque de minha rudez não digo nada, nem os ouvidos do corpo ouvem bem. E que se pode esperar de uma galega senão grossarias? Assim, limpamente tudo que eu disser meu Pai e Senhor de minha alma mo dá a conhecer. Seja para sempre louvado que tanto regala esta formiga.[1285]

A consciência da sua humanidade, identificada sempre como algo pejorativo e que é necessário abandonar, contribui para as reservas que a autora sente de escrever: "Digo minha culpa, se eu escrevera como sinto na alma os favores do céu, não teria repugnância para escrever. Mas se isto que digo for lido com tibieza, que fastio fará esta minha grossaria de relatar coisas do céu tão grosseiramente"[1286]. Reforçando o *topos* da humildade, afirma ainda Maria Micaela:

> Se eu escrevera por outra alma a quem o Senhor também fizera estes favores, eu as pusera aqui sem me acanhar. Mas a mim mesma parece-me atrevimento, e sendo que meu Senhor me dá muita largueza, mas eu sempre sou a mesma miséria.[1287]

Já em autoras medievais como a supramencionada Matilde de Magdeburgo se verifica esta economia: "Then they soar further into a wonderful place, of which I cannot and so not wish to say much. It too difficult, I do not dare, for I am a very sinful human being"[1288]. Maria Micaela afirma: "Mas dá-me muita pena que me achem a escrever.

[1284] Fl. 84.
[1285] Fl. 15.
[1286] Fs. 40v. – 41.
[1287] Fl. 103v.
[1288] Apud em Amy Hollywood – op. cit., 1995, p. 78.

Tomara esconder isto tanto como se escondem os maiores pecados."[1289] Sendo a escrita compreendida nas mesmas coordenas do pecado, encerra em si, forçosamente, um laivo de sofrimento e de punição:

> Certamente desmaiaria nos temores e nos desprezos que era tudo um escárnio na matéria de escrever, e estas coisas não eram visivelmente, mas muito claras. No entender destas coisas padeço muito, que dizê-las todas nunca acabaria porque são muitas vezes, e como aqui entra o conhecimento da minha miséria e ignorância, é trabalhoso vencer, que me parece, às vezes, que vou por um fio.[1290]

A religiosa de Odivelas refere ainda que "ajusta-se com isto bastante trabalho, que eu com a boca no chão ofereço ao Senhor o trabalho que sinto de escrever por caderno."[1291] Tal trabalho é desencadeado pelo facto de a escrita integrar, antes de mais, aquele que é o espaço sensível, muito embora, por ser motivada e direcionada a Deus, vir a participar da transcendência divina, como adiante se analisará mais sistematicamente.

De resto, funcionando como uma espécie de *ars* poética, o trecho acima transcrito elucida a visão dualística de Maria Micaela, revelando também essa propriedade da literatura mística que diz respeito à permanente tensão entre o dizer e a impossibilidade de dizer. "Aqui passarei adiante de muitas coisas que me ficam atrás do Amado, que por falta de alentos as não tenho escrito"[1292], revela a religiosa de Odivelas. E ainda:

> Não quero deixar de dizer a Vossa Reverendíssima do abraço divino que é a respeito de eu estar de todo desconfiada de mim mesma, de sorte que me parecia que já não tornaria a escrever mais. E assim o supus quando mandei o caderno a Vossa Reverendíssima porque não achar termos para dar conta de mim, só dizer que era toda uma miséria.[1293];

As subtilezas da relação com o divino, a intensidade do êxtase, os efeitos transcendentais do amor de Deus e da sua presença, todos estes elementos contribuem para a impossibilidade narrativa de um relato. A limitação linguística passa, de facto, pela carência de vocábulos adequados à caracterização da relação do sujeito de

[1289] Fl. 6v.
[1290] Fl. 244v.
[1291] Fl. 213.
[1292] Fl. 98v.
[1293] Fl. 114.

enunciação com o divino: "Quero dizer que não sei que nome ponha ao estado em que me acho, só que me levam meus amores o mais tempo em suspensão de sentidos, em [e]levações, toda elevada naquele objeto divino"[1294]; "E muitas coisas se não podem explicar ou declarar como em si são, senão por termos não bem formados por ser uma galega"[1295]; ""Mas não o sei aqui dizer como a alma o conhece em Deus, mas direi o que puder"[1296]; "Não sei declarar com palavras materiais o que sentiu minha alma"[1297]; "E dentro na alma fazia vida de muitos e mais. Bem sei o que a alma passou porque bem percebi o que passaram, mas não sei dizer"[1298]. É consequência direta desta limitação da linguagem a angústia da escrita.

João da Cruz, no *Cântico Espiritual*, expõe precisamente esta problemática:

> Por cuanto estas canciones parecen ser escritas con algún fervor de amor de Dios, cuya sabiduría y amor es tan inmenso, que, como se dice en el libro de la Sabiduría, toca desde un fin hasta otro fin, y el alma que de él es informada y movida en alguna manera, esa misma abundancia e ímpetu lleva en él su decir, no pienso yo ahora declarar toda la anchura y copia que el espíritu fecundo del amor en ellas lleva; antes sería ignorancia pensar que los dichos de amor e inteligencia mística, cuales son los de las presentes canciones, con alguna manera de palabras se pueden bien explicar; porque el Espíritu del Señor, que ayuda a nuestra flaqueza, como dice San Pablo, morando en nosotros, pide por nosotros con gemidos inefables lo que nosotros no podemos bien entender ni comprehender para lo manifestar: Spiritus adjuvat infirmitatem nostram...ipse Spiritus postulat pro nobis gemitibus inerrabilibus . Porque, ¿quién podrá escribir lo que a las almas amorosas donde él mora hace entender? ¿Y quién podrá manifestar con palabras lo que las hace sentir? Y ¿quién, finalmente, lo que las hace desear? Cierto, nadie lo puede (...) [1299]

A impossibilidade discursiva configura, de facto, o tópico dito e não dito, sendo este, como se viu, uma das características fundamentais do *modus loquendi* místico. Chamando a atenção para esta particularidade de uma escrita situada em tal ponto nodal, Luisa Muraro, a propósito do livro de Marguerite Porete, descreve-o como um

---

[1294] Fl. 115v.
[1295] Fl. 213.
[1296] Fl. 181.
[1297] Fl. 80v.
[1298] Fl. 94.
[1299] San Juan de la Cruz – El Cántico Espiritual, prólogo, 1. Disponível em linha: https://web.seducoahuila.gob.mx/biblioweb/upload/Cruz,%20San%20Juan%20de%20la%20-%20El%20Cántico%20espiritual.pdf. Acesso em: 19/06/2023.

"libro de frontera"[1300]. Fronteira entre o lado visível do espelho e o outro, o oculto, entre humano e divino, sem dúvida, entre enunciar e silenciar.

Se é "através das palavras que é preciso compreender as palavras"[1301], neste universo literário é de igual modo necessário tomar em conta os espaços em branco, isto é, o que se não sabe dizer e que ainda assim permanece enquanto enunciado inefável, pulsão da Divindade imprimida no ato ilocutório:

> Ackowledging in many cases at the starting point that God is incomprehensible and that God's existence is beyond the reach of human rational understanding, and theories of prayer address a specific problem, namely the inadequacy of the human mind in its finitude on one hand and its desire for communication with the divine on the other hand. Responding to this challenge, an important tradition of Christian spirituality relies on a rhetoric of dialogic structures where a self is portrayed as exploring its relation to the devine in a soliloquy or an inner dialogue.[1302]

Há nesta escrita um "sentir que não se diz, [um] estar condenado ao silêncio"[1303]. Neste sentido, "what the soul wordlessly experiences cannot be spoken by the narrating "I", who is reduced to silence"[1304]. Isto conduz a que o texto, na sua indecibilidade[1305], traduza a indecidibilidade da experiência mística:

> Já disse a Vossa Reverendíssima que meu doce amor me declarou o que dava às almas com quem se desposava nesta vida. Porque é Pai de amor não nos quer ver padecer mais do que é vontade sua, porque me via com grandes dúvidas e temores, porque eu não entendia a linguagem que sentia com minha alma.[1306]

[1300] Luisa Muraro – *Lingua Materna, Scienza divina. Scritti sulla Filosofia Mistica di Margherita Porete.* Nápoles: D'Auria, 1995, p. 89.

[1301] Maria Filomena Molder – "Línguas perfeitas e línguas imperfeitas" in *Forma de Vida*, n. 5, 2015, p. 29. Disponível em linha: https://formadevida.letras.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2022/07/fdv5arqmfmolder.pdf. Acesso em: 11/06/2023.

[1302] Niklaus Largier – op. cit., 2003, p. 4.

[1303] María Zambrano – op. cit., 1994, p. 172. Sobre este tópico, ver também Jean Leclercq – "Silence et parole dans l'expérience spiritualle d'hier et d'audourd'hui" in *Collecatanea Cisterciensia*, n. 45, 1983, pp. 185 – 198.

[1304] Amy Hollywood – op. cit., 1995, p. 78.

[1305] Segundo Carlos Ceia: "No campo literário, a indecidibilidade pode ser entendida como uma forma de resistência aos critérios de verdade ou à ideia de validade subjectiva de um juízo crítico. (...) Quanto maior for o grau de indecidibilidade de um texto maior será a abertura à desconstrução do seu sentido, mais facilmente se revelará a impossibilidade de fixar esse sentido e com mais vigor se demonstrará que um texto nunca está totalmente escrito nem totalmente vazio". *E-Dicionário de Termos Literários*, em linha: https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/indecidibilidade. Acesso em: 19/10/2023.

[1306] Fl. 78v.

Com efeito, as palavras, compreendidas sob o âmbito da materialidade, isto é, da mundanidade, parecem não ser capazes de evocar totalmente a transcendência, não havendo na linguagem humana vocabulários aptos e assomando, assim, uma conceção inominável de Deus: "Entrei ao coro e renovou-se-me dentro da alma uma coisa que não lhe sei dar nome, senão uma viveza clara de coisas divinas"[1307]; "Mas depois, quando quero escrever, é que não sei dizer o que passei ou passa a alma com seu Amado"[1308].

O não haver palavras ou o havê-las torpes, imperfeitas, motiva no texto um sentido de incompletude, esse *não dito* que o configura e que o torna inacabado: "Não há língua humana que possa declarar os favores que minha alma recebe do céu, porque isto que aqui ponho são apontamentos, porque em dias de festa podia fazer mil capítulos"[1309].

Sistematizando, esta incompletude, na autobiografia espiritual em apreço, advém de três planos distintos. O primeiro é de natureza pragmática e diz respeito à falta de material de escrita[1310] que atrás se mencionou: "Eu não ponho aqui neste caderno tudo [o] que meu Senhor me disse a este respeito. Se me lembrar para o outro direi o mais por não dar fim a este que tenho, para dizer a Vossa Reverendíssima o que passei esta noite com o menino Deus"[1311]; O segundo diz respeito à falta de proficiência do *eu* diegético, resultando na sua incapacidade de plenamente expor o que Deus lhe comunica: "E agora me vou, e não escrevo mais, que de nada tenho dado conta"[1312]; "Eram as delícias que sentia que não se podem pôr por letra (...)"[1313]; "E eu assim o desejo, mas é ardentíssimo este amor, é grande, é fogo, é gozo, e tudo doçuras e suavidades, e é tudo o que esta formiga não sabe dizer. Só, sim, que morre por todo o seu bem"[1314]; O que ela passa neste retiro inda não acho os termos por onde darei conta a Vossa Reverendíssima"[1315]. A terceira concerne uma questão afeta à própria

[1307] Fl. 209.
[1308] Fl. 204v.
[1309] Fl. 39v.
[1310] Importa ressalvar que a redação de cartas, em particular, e de produção escrita, em geral, era consideravelmente dispendiosa. Ver a já mencionada obra de Clare Monagle, Carolyn James, David Garrioch e Barbara Caine (2023).
[1311] Fl. 104.
[1312] Fl. 112.
[1313] Fl. 251v.
[1314] Fl. 168v.
[1315] Fl. 97.

linguagem, porquanto, a despeito do reiterado esforço de expressão e de nomeação, o verbo humano parece de facto não ser eficiente para a plena descrição de Deus e dos seus efeitos: Não se ousando falar de certas coisas, fala-se ainda delas. O texto encontra-se, de facto, pejado deste aparelho retórico, que se torna, na realidade, uma estratégia metadiscursiva[1316].

A arduidade descritiva radicada num pungente sentimento de não haver explicação humana possível para os efeitos do amor místico, e é arquetípica do discurso místico: "Mas deram-me tão excelente doutrina entendida de minha alma, mas não a sei explicar, porque mais a conhecia pelos efeitos que por inteligência"[1317]. Mas tal arduidade radica igualmente no facto de os efeitos e transformações advindos do contato privilegiado com Deus serem apreendidos amorosamente, e não através da "inteligência", implicando uma linguagem nem sempre compreensível: "Não me sei declarar bem como eu o conheci. E mais meu doce me disse estas coisas com tanta alegria e agrado que não há palavras com que se possa encarecer"[1318].

Também na autobiografia espiritual em apreço se atesta a continuidade desta problemática linguística pós-babélica, evidenciando a sua irresolução e o seu fundamento espiritual punitivo:

> Já disse a Vossa Reverendíssima que meu doce amor me declarou o que dava às almas com quem se desposava nesta vida. Porque é Pai de amor não nos quer ver padecer mais do que é vontade sua, porque me via com grandes dúvidas e temores, porque eu não entendia a linguagem que sentia com minha alma.[1319]

A despeito de existir uma linguagem entre a alma e Deus, ao *eu* diegético não é possível compreendê-la. É por via desta noção de que Deus não pode ser abrangido pela linguagem humana, pelo menos nunca na sua totalidade (não fosse ele, justamente, a entidade inefável por excelência) que o processo de escrita se arquiteta como um modo de punição e de irremediável sofrimento:

[1316] No sentido conferido por Ken Hyland, e que diz respeito às estratégias e recursos aplicados pelos autores para organizar os seus textos de modo a torná-los mais apelativos ou apetecíveis aos seus leitores. Cfr. Ken Hyland – *Disciplinary Discourses. Social Interaction in Academic Writing.* London: Longman, 2000.
[1317] Fl. 264.
[1318] Fl. 101.
[1319] Fl. 78v.

> Dou fim a esta conta com dizer a Vossa Reverendíssima que a tenho escrito levando parte do dia com grandes enfermidades de dores [n]a cabeça muito más. O cuidar que havia de escrever se me punha como no exterior uma nuvem diante que me não lembrava nada, fazendo-se-me impossível pela debilidade e rudeza em que me via. Chegada à oração de vésperas, me achava melhor das dores. Vinha para [as] vésperas, depois retirava-me para o leito e punha-me a escrever já boa. Assim, fiz estes borrões. O Senhor lhe dê paciência para os ler.[1320]

Em contraste direto com tal inaptidão humana, surge o seguinte: "Quem tivera língua de anjo para aqui relatar os excelentes vinhos em que meu Senhor me tem hoje esta pobre alma!"[1321]; "Perdoe-me Vossa Reverendíssima em dizer estes atrevimentos, mas que efeitos experimentara minha alma! Que saberia eu dizer só língua de anjo os poderia relatar"[1322]; "O meu doce amor é meu mestre, que Vossa Reverendíssima está muito longe. Os favores que a alma hoje recebeu só língua de anjo os saberá relatar, que eu sei-os receber e não o sei dizer"[1323]. É contumaz por parte de Maria Micaela esta menção a uma "língua de anjo", a única apta a satisfazer as necessidades enunciativas do sujeito místico. Os anjos são aqui identificados como os interlocutores perfeitos no diálogo com Deus, os seus mais competentes mensageiros: "Eu não sei explicar como a alma o conheceu, que era como dito por anjo, o que eu inda a este ponto não tinha entendido, que anjo me desse a entender coisas de meu Amado mais que sentir sempre a meu doce amor"[1324].

O relato de Maria Micaela conservará até ao fim, de resto, este fundamento da impossibilidade discursiva, verificando-se, pois, uma permanente tensão discursiva, em que o sentido de impossibilidade se configura enquanto paratexto fundamental, terminando o último fólio com a seguinte declaração:

> O que aqui passei e senti não tem explicação porque me não sei explicar, que o que aqui dou a entender é tão grosseiro que me admiro e estranho o meu modo de pronunciar tão divinas e suavíssimas matérias. Parece-me que vivo como por milagre entre tantos amores e favores do Céu. O Senhor nos leve lá a todos para que o louvemos eternamente. Amém.[1325]

[1320] Fs. 209 – 209v.
[1321] Fl. 120v.
[1322] Fl. 110v.
[1323] Fl. 25v.
[1324] Fl. 143v.
[1325] Fl. 268.

Revelando simultaneamente a natureza obrigatória e penitencial da sua escrita, a sua componente de busca, a tensão entre dito e não dito e a angústia e sofrimento daí advindos, Maria Micaela exclama, não sem anseio apaixonado: "Oh, quem me dera língua capaz para dizer e dar conta do que aqui passei!"[1326]. O próximo capítulo debruçar-se-á sobre essa "língua capaz".

3.1. Enquanto espelho, via e encontro de Deus

Em silêncio onde escutamos a palavra
Em carne viva. Verbo
Tão inteiro que se fez espelho.

Daniel Faria

C. S. Lewis, na sua obra *A Grief Observed*, refere a propósito de Deus que "if you're approaching him not as a goal but as a road, not as the end but as a means, you're not really approaching Him"[1327]. Na autobiografia espiritual de Maria Micaela, poder-se-ia afirmar que o *eu* se aproxima de Deus, tendo-o por fim último, numa ânsia de conhecimento mais perfeito e de um amor uno. Na viabilização dessa aproximação, a escrita emerge também como via promotora desse encontro com o divino, tornando-se indissociável do processo espiritual.

Essa dimensão mística da escrita é desde logo assinalada no *incipit*: "A seis de agosto, dia da Transfiguração do Senhor, comecei a escrever (...)"[1328]. É deveras simbólico o facto de o princípio da escrita acontecer no dia da Transfiguração de Jesus. Este milagre é um dos marcos fundamentais da vida de Cristo porquanto simboliza o encontro do temporal com o eterno, estabelecendo-se uma ponte entre o céu e a terra, pois, sendo objeto do seu próprio milagre, Cristo, ao transfigurar-se, revela em plenitude a Deus, revelando também aos apóstolos a perfeição da vida no céu. "Desde que Vossa Reverendíssima me mandou que desse conta por estes papéis foi a primeira vez que senti a alma que subisse à divindade"[1329], relata a religiosa de Odivelas, num gesto potencialmente especular e, portanto, mimético de Cristo, que subiu à montanha e aí

[1326] Fl. 226.
[1327] C. S. Lewis – *A Grief Observed*. United States of America: Harper Collins edition, 2001, p.68.
[1328] Fl. 1.
[1329] Fl. 3v.

se lhe revelou o Pai. A escrita representa, pois, essa subida que é, na realidade, uma predisposição espiritual da autora para acolher a Deus na alma amorosa e despojada, configurando o instante revelador e unitivo.

Numa outra passagem, Maria Micaela afirma que "A alma nunca busca o Senhor senão na humanidade. Só quando o Senhor quer lhe dá confiança para subir à divindade"[1330]. Com efeito, escrever, efetiva-se para Maria Micaela como um exercício de "busca" de Deus naquilo que ela se lembra de ele lhe ter dito e mostrado em momentos privilegiados de união mística, para o narrar ao seu orientador espiritual. A escrita parece permitir esta passagem da materialidade da mão humana à imaterialidade do divino. Já Hadewijch de Brabante postulara a necessidade da conjugação de humanidade e deidade por fim a alcançar a unidade com Deus. Neste universo místico e literário, o sujeito de enunciação busca uma identidade na relação com o divino, fazendo ressoar várias vezes no texto a interrogação mística de S. Francisco de Assis: "Senhor, quem sois vós e quem sou eu?".

A realidade que o texto de Maria Micaela revela é o resultado de uma relação especular levada a cabo entre o *eu* da enunciação e Deus: "ali achava todo o seu bem e não queria outros regalos nesta vida senão ver-se despida de si mesma, e ver-se sempre naquele espelho divino"[1331]. O espelho simboliza a possibilidade de Micaela observar a sua própria imagem, embora também, no despojamento e alienação que vai fazendo de si própria, a possibilidade de o ir atravessando e de se situar mais perto de Deus. Na esteira do que assevera Michel de Certeau, a escrita mística permite esta travessia, funcionando enquanto "the trial, by language, of the ambiguous passage from presence to absence"[1332]. Escrever um relato da sua vida espiritual pressupõe, por isso, participar nessa passagem do mundo tangível à realidade intangível. Produzindo o *ersatz* da presença, que bem poderá ser traduzido, precisamente, pelo signo do espelho, o texto é concomitantemente um prolongamento da experiência mística e um seu catalisador, pois se "há no escrever um reter as palavras, como no falar há um soltá-las"[1333], verifica-se nesta escrita a retenção do divino e dos seus efeitos:

[1330] Fl. 3.
[1331] Fl. 106v.
[1332] Michel de Certeau – op. cit., 1992, p. 17.
[1333] María Zambrano – op. cit., 1993, p. 37.

> Mas no tempo [em] que me sucedem estas coisas não sei como são, que o mesmo corpo, nem a alma, se detêm a afirmar-se se é visivelmente, o que não pode ser, senão que fica tão fora de si que não repara como goza aquele bem. Só quando escrevo é que reparo que então recebe a alma e não escuta nem mira mais que puramente a Deus, que nem a si se conhece. Isto me sucede o mais das vezes. E, assim, me levantei interiormente como se não pode explicar"[1334].

A escrita, neste escopo de prolongamento da presença de Deus e do estado místico, possui um cariz já não angustiante, mas verdadeiramente lenitivo. Aliás, o ato da escrita parece ser o único gesto corporal que não acarreta dores à religiosa, sempre tão queixosa do seu corpo enfermo; pelo contrário, é aquele que, tal como Cristo, cura:

> Vai por dois dias que sinto uma dor de cabeça que me não posso ocupar em serviços de mãos, senão com muito trabalho, e só no tempo que escrevo sinto-me boa, ou é que me não sinto por não faltar à santa obediência, que não sou eu tão santa que o Senhor faça milagres em mim, mas é Pai de amor.[1335];

> As forças do corpo, como já disse, são poucas, mas em um instante se sente muitas. Na oração não sinto debilidades nem dores, nem quando escrevo, mas fora destas duas coisas sinto-me por um fio, muito cobrantada, sem forças, sem forças.[1336]

Os momentos de união da alma com Deus, num "íntimo abraço", permitem à alma ver-se refletida no "espelho divino". E aí se reconhecer na sua miséria e fragilidade, o que a leva a desejar e tentar ser cada vez mais desapegada de si e do mundo. Ao dizer-se a si nessa relação com Deus e nessa imagem que dele recebe, o texto adquire também uma dimensão especular, de dinâmica mística:

> E para dizer tudo quanto está [a] alma conhecendo como em um espelho claro, direi tudo junto por não encher capítulos, que é estar a alma, e potências, e sentidos e vontade despidas todas e indiferentes, mas que só querer fazer a vontade de Deus.[1337]

Com efeito, "fazer a vontade de Deus" é, amiúde, de facto, escrever, revelando o texto a origem divina de onde brota: "Entenda-me Vossa Reverendíssima que eu não escrevo o que desejo, nem o que quero, senão o que é vontade do Senhor"[1338]. Se o primeiro impulsionador textual de Micaela é, como se viu, o diretor espiritual, o

---

[1334] Fl. 211 e 211v.
[1335] Fs.210v. – 211.
[1336] Fl. 235.
[1337] Fl. 181v.
[1338] Fl. 53.

derradeiro é, na realidade, Deus, refletindo-se a divindade na autora que, por via desse reflexo, se faz sua mediadora:

> E agora andava com desejos de escrever a Vossa Reverendíssima, mas como de meu não tenho nada porque nada junto, e nada amo, nem busco, fora de meu Senhor e Pai de minha alma, por isso estava esperando que o Senhor desse tempo para escrever, e me desse que dizer.[1339]

De facto, numa camada textual mais profunda, Deus é a verdadeira entidade responsável pela escrita de Maria Micaela : "Passo aqui coisas excelentíssimas que ditas por mim, ou escritas, não são nada, mas o Senhor é o que me diz este pouco de que dou conta a Vossa Reverendíssima"[1340]. Por isso vai "escrevendo, e meus amores dizendo-me estas coisas"[1341]. Deste modo, o texto adquire uma qualidade numinosa, a mesma que o sustentará enquanto portal de comunicação com e de Deus. Maria Micaela afirma ainda que

> Veja Vossa Reverendíssima que vida é esta minha, que hoje não fui a matinas por falta de saúde, e me levantei mais cedo para escrever uns favores que meu Senhor me fez ontem. Até agora não tenho dito nada, porque tudo ou o mais do que tenho dito e posto me está meu Senhor dizendo agora.[1342]

O mesmo se encontra já em Gertrudes de Helfta, que principia a redação das suas revelações em 1289 por ordem de Deus. Essa ordem revela-se, em Micaela, nas duas vezes em que, recordando o diálogo que Deus teve com ela, lhe coloca na boca o modo imperativo: "Escreve".

> O Senhor me está dizendo que escreva, e eu digo minha culpa, que sendo o Senhor o que me está dizendo tudo, eu sempre me parece que não escrevo senão com a minha grossaria e vileza, como Vossa Reverendíssima sabe e conhece nisto. E considerar eu isto, me está o Senhor dizendo dentro da alma: "já tens liberdade para tudo. Escreve![1343]

Deus comunica ao *eu* o que há de escrever, mas para tal é necessária a liberdade, isto é, o despojamento do *eu* perfilado pela morte mística anteriormente analisada: "Logo sinto que me avisam que para uma alma, ou criatura, que vive no trato íntimo de

---

[1339] Fl. 133v.
[1340] Fl. 113v.
[1341] Fl. 113.
[1342] Fs. 111v. – 112.
[1343] Fl. 115v.

Deus e que há de escrever e dar conta do que passa no exterior com o seu divino Esposo, que há de viver já para sempre morta em todo o sentido"[1344]. Neste sentido, o ato da escrita implica que a alma se encontre profundamente desocupada dos assuntos e coisas terrenas. Esta desocupação da alma resulta frequentemente da ação de Deus, que é quem contribui para que Maria Micaela se torne apta ao exercício da escrita, fazendo-a subir às alturas, isto é, ao libertá-la da sua mundanalidade:

> Depois, estava para estar no coro considerando no conhecimento do que era, e como desconfiava que o Senhor me não admitira a queixa que eu lhe tinha feito de não poder escrever, eu supus que não era vontade que eu escrevesse. Mas inda eu não tinha bem declarado este pensamento, senti minha alma toda derretida em amor, e me declarava que o chamar-me o Senhor que subisse "àquela altura em que te viste, é para que assim livre possas escrever".[1345]

E aqui está como a escrita é transfiguração, apontando o divino. O movimento anagógico assinala a liberdade concedida por Deus ao *eu* para que escreva, tornando a palavra divina compreensível e permeável ao sujeito da enunciação, que a capta nos instantes de união e que, recordando-a, a escreve posteriormente, ou simplesmente a recorda no próprio momento da escrita. Maria Micaela chega mesmo a revelar, convocando esta génese inspirada da escrita, que "Por vezes, sentia que me intimavam e me faziam força que escrevesse"[1346]. Esta dimensão do texto fá-lo funcionar como um instrumento místico, manifestando a transcendência "como em espelho claro":

> E para dizer tudo quanto está [a] alma conhecendo como em um espelho claro, direi tudo junto por não encher capítulos, que é estar a alma, e potências, e sentidos e vontade despidas todas e indiferentes, mas que só querer fazer a vontade de Deus.[1347]

Neste seguimento, bem servem as palavras de Joana Serrado a propósito da produção escrita de Joana de Jesus:

> Joana's notion of subjectivity is expressed through her authorship, which is embodied in Joana's work (considered as a researchable *corpus*), achieved with the collaboration of God, and it fuses with her *life* (seen as body that looks for transcendence). We may speak of an embodied

[1344] Fl. 210.
[1345] Fs. 85v. – 86.
[1346] Fl. 203.
[1347] Fl. 181v.

> subjectivity because Joana deals with an "I" that is engendered in collaboration with the Divine Incarnation and which insufflates the Word in her.[1348]

De facto, também em Maria Micaela, Deus comunica o seu mistério, que ela terá contado oralmente ao seu orientador e que recorda por carta:

> Já disse a Vossa Reverendíssima que meu doce amor me declarou o que dava às almas com quem se desposava nesta vida. Porque é Pai de amor não nos quer ver padecer mais do que é vontade sua, porque me via com grandes dúvidas e temores, porque eu não entendia a linguagem que sentia com minha alma"[1349].

Mas esta palavra de génese divina, ao contrário da humana, não possui durabilidade, de forma que despoleta e promove o aparecimento da eternidade do divino na temporalidade própria do discurso humano.

Como já se teve oportunidade de referir, nesta linguagem mística o dizer e o não dizer permanecem em constante tensão, engendrando um universo literário que é capaz de inserir a inefabilidade de Deus nos meandros do *logos*. No panorama de uma literatura mística, como afirma William P. Alston[1350], a linguagem é flexionada em usos especiais e incomuns, com uma componente conotativa notável, e acabando por promover a *apokalypsis*, isto é, esse ato de remover o véu, de passar a ver.

> Só quem o experimenta saberá como estes favores se gozam e se sente. Neste abraço que digo se satisfaz a alma e se esqueceu de já pedir e saber quando se desfaria este véu que a não deixa ver a seu Deus. Passo aqui coisas excelentíssimas, que ditas por mim, ou escritas, não são nada, mas o Senhor é o que me diz este pouco de que dou conta a Vossa Reverendíssima[1351].

Quando Maria Micaela escreve encontra-se precisamente, amiúde, nesse estado unitivo com Deus, em que este se apresenta revelado: "Vi dentro da alma que não é só a soledade, mas como havia de estar nela e viver sempre para escrever, que era supor que não estava a alma metida em carne e sangue, senão toda em Deus"[1352]. Verifica-se, por conseguinte, um funcionamento análogo do processo de escrita e do processo

---

[1348] Joana Serrado – op. cit., 2014, p. 74.
[1349] Fl. 78 v.
[1350] Cfr. William P. Alston – "Literal and nonliteral in reports of mystical experience" in Steven K. Katz (ed.) – *Mysticism and Language*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992.
[1351] Fl. 113 v.
[1352] Fl. 2.

espiritual que conduz à união mística, ambos necessitados do despojamento e alienação do *eu*, da radical abnegação do mundo e do amor puro e puramente orientado a Deus.

No tocante ao amor, esta dimensão divina espraia-se por todo o texto, constituindo as suas densidade e profundidade, a sua pedra angular, tal como sucede no *Cântico dos Cânticos*. Importa a este propósito mencionar que Maria Micaela regressa assiduamente ao versículo "eu sou do meu Amado, e o meu Amado é meu"[1353], e que sustenta, também, a noção de despojamento próprio em prol do divino que se persegue e almeja.

A autora refere ainda uma "linguagem de amor"[1354], que faz os sentidos andarem "todos em sono suavíssimo"[1355].

O fluxo da escrita acontece repentina e rapidamente, expressando-se assim a sua génese divina, iluminada e guiada por Deus:

> Que, muitas vezes, pego na pena por não faltar à santa obediência, mas tão esquecida de tudo que a alma tem recebido, que começo a escrever como cega, e em este capítulo me sucedeu, mas, depois de começar, o escrevi em poucos dias[1356].

O texto místico de Maria Micaela de S. Bernardo assume ainda, por momentos, uma dimensão sacramental. De facto, parece que a escrita se afigura como equivalente à hóstia, pois a autora associa a vontade que tem de escrever à ideia de receber o "amor sacramentado. Esta equivalência é explicitamente sugerida no segmento que se segue:

> Sinto ânsia de escrever, mas não acerto dizer o que se passa em minha alma, e desconfio que este querer escrever e dar conta com este desvelo e força que me não deixa, se será apetite de me parecer que com isso tornarei a receber o amor sacramentado.[1357]

De facto, este excerto autoriza-nos a entender a escrita de Micaela como uma presentificação da presença íntima do Amado, através da memória, presença essa que é equivalente à eucaristia.

[1353] Cânticos 6:3.
[1354] Fl. 124v.
[1355] Idem.
[1356] Fl. 213.
[1357] Fl. 205.

Em determinados momentos, a autora escreve sem rumo nem norte, mas a orientação surge abruptamente, transformando a cegueira inicial num texto organizado e coerente – o capítulo:

> Muitas vezes, pego na pena por não faltar à santa obediência, mas tão esquecida de tudo [o] que a alma tem recebido, que começo a escrever como cega, e em este capítulo me sucedeu, mas, depois de começar, o escrevi em poucos dias[1358].

A partir de certa altura, escrever, com as implicações místicas que a autora vai consciencializando, torna-se menos árduo, vindo a figurar, até, um ato desejado. Escrever, na medida em que concomitantemente provém de Deus e a si se direciona, torna-se uma atividade apetecível:

> Advertências que a alma tem recebido do Senhor para guarda dos sentidos exteriores, como já disse o pouco tempo que tenho para os ratos de oração e deles tirar para escrever, que é isto bem visto, que nada é meu, senão tudo do Senhor, porque nem o corpo está aqui de assento.[1359]

A parte humana existente no ato da escrita parece ser sublimada pela voz divina que nele também fala, configurando-se o texto como imagem da união mística vivida pela sua autora.

> Em resultado do referido, ela [a palavra] – utilizando-se um termo grego usado por Paulo no texto que escreveu aos Filipenses – é "epectética": aponta para «algo» sem fim, para «algo» que nunca pode ser totalmente nomeado, mas que deve ser incessantemente demandado. Ao envolver o seu eventual leitor nesta demanda, ela não é só «indicativa», mas realmente «performativa», porquanto gera uma certa realidade análoga ao indicado em quem a lê.[1360]

Nesta autobiografia espiritual, o ato de escrever configura a finalidade de encontro com a transcendência, estando intimamente ligado a um estado de união amorosa com Deus: "Estou metida nas bodegas e vinhas excelentíssimas de meu Senhor, já de posse em estado, digo nesta hora que escrevo e em muitas mais"[1361]. A este respeito, importa salientar a performatividade de fundo ritual que consubstancia o ato da escrita, analogamente ao que sucede na oração, na medida em que, como afirma Roger Chartier a propósito da leitura, também escrever "est toujours une pratique

---

[1358] Fl. 213.
[1359] Fl. 150v.
[1360] Alexandre Freire Duarte – art. cit., 2011, p. 133
[1361] Fl. 115.

incarnée dans des gestes, des espaces, des habituds"[1362]. Assim, se é verdade que a Eucaristia pode promove arroubos e os êxtases, não menos verdadeiro é afirmar que o mesmo sucede com a escrita:

> Dai-me, Senhor, por quem sois, uma profundíssima humildade, pois que só com esta consideração recebe esta alma tantos dobrados favores, que até os beiços da boca sinto agora, e muitas vezes, uma suavíssima doçura lhe chamo eu. Mas é como licor suavíssimo e fresco como o vento, tão suavíssimo que não há na terra doçuras com que se compare.[1363]

A doçura, juntamente com a suavidade e a fragrância, são termos que expressam os momentos sublimes, no sentido do que não pode ser totalmente apreendido, arquetípicos da experiência mística, nesse estado de *excessus amoris*. Este excesso de amor manifesta-se terminologicamente, produzindo no texto um efeito reflexivo e de continuidade do fenómeno extático amoroso.

Se é verdade que escrever promove a união mística, não menos certo é afirmar que, quando esta ocorre de modo avassalador, a capacidade de escrever se suspende, impossibilitando o sujeito enunciativo de se pronunciar (evidenciando-se, ainda, a natureza amiúde paradoxal e polissémica da experiência mística):

> Toma o Senhor minha alma e [a] abraça consigo, e ela tão ingrata que está como desviando o rosto, mas não é por não querer, senão por não merecer. Agora me sucede que estava para deixar de escrever, disse-me meu Senhor dentro da alma: "escreve! Não vês que nunca falta nos amantes que dizer, nem se satisfaz a fome e a sede de estar falando de quem se ama?" Senhor, assim é, mas eu não tenho mais que este caderno para este mês. Guardemos para outro dia. E nem eu posso que está este vosso divino amor muito forte. Não posso, não posso, amor, que és forte como a morte. Misericórdia, Amado![1364]

O trecho acima transcrito é deveras relevante já que conjuga vários dos elementos que se têm vindo a analisar. A autora, apesar do incentivo direto de Deus, recusa a escrita, não somente pela falta de papel, mas por se encontrar fruindo do amor divino de forma tão avassaladora que se sente incapacitada para escrever. Neste sentido, escrever não significa a absoluta presença de Deus, tampouco a sua total ausência. O texto vai sendo elaborado de acordo com o ritmo da própria experiência

---

[1362] Roger Chartier – "Le monde comme représentation" in *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, vol. 44, n. 6, 1989, p. 1510.
[1363] Fl. 165v.
[1364] Fl. 41.

mística, ora sendo interrompido ora retomado, e consequentemente engendrando tessituras várias:

> (...) senti na alma admiráveis hábitos de virtudes, que lhe dava o Senhor, e claramente ela sabia que não eram suas, senão do Amado. Não as posso agora referir, que não me acho agora com discurso para os conhecer tão claramente como os conheci. Ficarão para outro intento.[1365]

A freira cisterciense, expondo que "parece-me que não bastaria quanto papel há em todo o mundo para escrever [os] favores que a alma recebe de Deus..."[1366], ou ainda que "são tantas as coisas que o Senhor me tem dado a entender que se estivera sempre a escrever não as diria todas, e muitas me têm olvidado por não ter tempo de escrever, que me não deixam as criaturas."[1367], permanece escrevendo, insistindo no relato da sua íntima relação com o Divino. Apesar de ser para si, como se examinou em secção anterior, um processo doloroso, o seu discurso é marcado pela perseverança[1368], a mesma que deve orientar o ser místico na sua caminhada espiritual: "Como Vossa Reverendíssima me disse que de tudo desse conta, irei dizendo neste o que for vontade de Deus que eu saiba dizer"[1369].

Esta luta interior entre impulso para escrita e cessação dele é referida pela própria Maria Micaela na sua correspondência, através dos modelos de Marta e Maria, da ação e da contemplação, que em si mesma se cruzam:

> Mas enquanto eu sigo a vida comum, não sei se me entenderá Vossa Reverendíssima nisto que estou dando conta, e para me tirar dessa dúvida consta de duas vidas, Maria e Marta, porque conheço que meu Senhor me quer nelas ambas, juntas. Mas é só dentro da alma. Nesta matéria estão todas as minhas contendas com meu doce amor, e sobre isto poderá escrever livros.[1370];

De resto, as contendas com o seu "doce amor" nascem porventura da natureza paradoxal desta estratégia que implica Marta e Maria unificadas na alma do *eu*. De facto,

---

[1365] Fs. 43 – 43v.
[1366] Fl. 126.
[1367] Fl. 245v.
[1368] Note-se que na linguagem bíblico-teológica quando se fala de pessoa perfeita pretende-se apenas afirmar que ela é perseverante na caminhada para a meta espiritual. Porventura seja pertinente mencionar aqui o conceito de *homo viator*, aquele que se encontra caminhando perseverantemente no itinerário espiritual. Ver o verbete "Itinerario espiritual" presente no *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, coordenado por Stefano de Fiores e Tullo Goffi, páginas 733 a 750.
[1369] Fl. 44.
[1370] Fl. 48v.

este aspeto é deveras elucidativo na medida em que anuncia a necessidade de se partir do corpóreo para se aceder ao divino, ilustrando ainda, e também, como a escrita, participando do mundo sensível, parte desse lugar para a interseção com a transcendência. A autora refere outros elementos antitéticos que podem ajudar a caracterizar a sua forma de estar na escrita: "Senhora, só para com Deus queremos trazer connosco céus e terra ambos juntos"[1371].

Este é um texto algo antagónico, alicerçado na permanente conjugação de tese e de antítese, através da qual se desenvolve uma relação especular com Deus. Como alma frágil que é, a narradora reconhece-se miserável no espelho divino; como alma amada por Deus e dele sequiosa, vai-se desapegando da sua corporeidade e das coisas terrenas: "Vê-se a alma solta das prisões da carne, que será ver-se no Espelho divino"[1372]; "e não queria outros regalos nesta vida senão ver-se despida de si mesma, e ver-se sempre naquele espelho divino, que por seu amor estava tão maltratado"[1373].

> Mas no tempo [em] que me sucedem estas coisas não sei como são, que o mesmo corpo, nem a alma, se detêm a afirmar-se se é visivelmente, o que não pode ser, senão que fica tão fora de si que não repara como goza aquele bem. Só quando escrevo é que reparo que então recebe a alma e não escuta nem mira mais que puramente a Deus, que nem a si se conhece.[1374]

Peter Dronke, a propósito de escritoras da Idade Média, apontou para o facto de a escrita mística proceder mais de uma necessidade interior do que de um exercício intelectual ou literário[1375]. Acompanhando os ritmos da memória – e do coração –, o texto acontece porque Deus acontece.

Tal *modus loquendi*, advindo do coração, implica-se como maneira de amor e, por extensão, como modo de conhecimento divino, na medida em que quem ama conhece a Deus, pois Deus é amor[1376]. Escrever é, então, também, amar a Deus e conhecê-lo, num processo que, recorrendo às palavras de Jean Leclercq, é mais um *desideratur* que um *quoeritur*, um *experimendum* que um *sciendum*[1377].

[1371] Fl. 109v.
[1372] Fl. 53.
[1373] Fl. 106v.
[1374] Fl. 221.
[1375] Cfr. Peter Dronke – *Las Escritoras de la Edad Media*. Barcelona: Crítica, 1994.
[1376] Cfr. 1 João 4.
[1377] Consultar: Jean Leclercq – *The Love of Learning and the Desire of God: A Study of Monastic Culture*. New York: Fordham University Press, New York 1996.

Interroga-se a religiosa de Odivelas: "Ai, que delírios de amor! Como mandarei este papel com as minhas loucuras? Mas sinto-me arder em amor, amor"[1378]. A conjunção adversativa revela que, a despeito de o *eu* perspetivar a sua escrita como "loucura", nela encontra igualmente o apelo e o ímpeto do amor divino. Porque se sente "arder em amor, amor", escreve.

Verifica-se, pois, uma passagem do universo prático (que diz respeito às condutas previstas para as religiosas, em que a escrita por mandado está contemplada) ao universo místico, que alberga a capacidade de o discurso se transformar em potência divina:

> Isto me ensinou meu Amado, recolhida minha alma nos seus divinos braços, com mais documentos que a alma entende e não explica. Daqui lhe na[s]ce os padecimentos porque, às vezes, não obra como o Senhor lhe tem ensinado. Lembra-se da doutrina do Amado, vê-se com [m]isérias, sente-se ferida da palavra divina.[1379]

A escrita vai impelindo a autora a narrar pela voz de Deus, pois, no vazio de si mesma, só sabe que nada sabe, e que tudo o que sabe é o Senhor que lho diz. Esta é uma total perceção do *eu* como abertura à transcendência e uma consequente natureza do texto como palavra divina. Escreve Maria Micaela:

> Como estas coisas me fazem derreter toda em amor, comecei de louvar a meu Senhor, considerando que sem ver quem me diz estas coisas, mas entendo-as tão claramente e tão certas que meu Senhor é o que assiste em minha alma, e me diz tudo, que eu de mim nada sei, senão o que meu Senhor me diz.[1380]

Se, em Orígenes, "o texto do Cântico dos Cânticos torna-se o texto do progresso da alma em direção a Deus"[1381], o mesmo ocorre com a autobiografia espiritual de Maria Micaela, que, curiosamente, também se ancora no *Cântico dos Cânticos* quando expõe os seus colóquios com o Amado.

Afirma Maria Micaela: "Todas estas coisas que tinha passado me renovou meu Senhor, e mas pôs escritas dentro da alma, porque tão viva lembrança senti, que gastei

---

[1378] Fl. 152v.
[1379] Fl. 74v.
[1380] Fl. 104v.
[1381] Bernard McGinn – op. cit., 2001, p. 158.

toda a manhã até tocarem ao coro”[1382]. Desenha-se nesta obra um duplo movimento de escrita: Deus escreve na alma de Maria Micaela, que, por sua vez, escreve no papel. Nesta sequência, o verbo humano, por revelar o Verbo divino, medeia e promove a experiência mística, tornando-se a escrita, afinal, uma “língua capaz”, isto é, via, espelho e encontro de Deus.

[1382] Fl. 228v.

Considerações Finais

A presente tese visava dois propósitos fundamentais. O primeiro consistia na edição do manuscrito inédito intitulado *Vida Interior da Madre Maria Michaela de S. Bernardo, Religiosa no Real Mosteyro de S. Dionisio de Odivellas da Ordem De S. Bernardo, dando conta ao seu confessor. Principiou a VI. de Agosto M.DCC.XXXI* (COD. 540 B.N.P). Esta edição, assente na transcrição integral do manuscrito, apresenta-o atualizado na sua grafia, após ponderados critérios deformapara o português atual. Tal opção editorial encontrou a sua justificação numa premissa de integibilidade porquanto se pretendeu tornar o texto acessível a um público não necessariamente especializado, alargando, assim, as suas visibilidade e difusão. Não obstante, a apresentação dos critérios de transcrição permite a apreciação e o confronto do estado da língua, tendo este aspecto mais filológico ou linguístico, por conseguinte, sido considerado, beneficiando o trabalho realizado.

Por forma a resgatar do anonimato a autora, Maria Micaela de São Bernardo, elaborou-se, deslindado a sua identidade e genealogia, um apanhado biográfico desta religiosaque, por contingências apenas em parte aclaradas, e a despeito da sua profícua produção escrita, permanecia até então anónima e relegada do plano espiritual e literário português. Afigurou-se igualmente pertinente tecer algumas considerações sobre o Mosteiro de São Dinis e de São Bernardo de Odivelas, casa monástica pouco estudada no respeitante à Época Moderna, procurando-se esclarecer a ambiência socio-religiosa aí vivida no século XVIII. A este propósito, incidindo este estudo numa autora que escrevia, e porque não há escrita sem o correlato da leitura, foi importante considerar a livraria do mosteiro, explanando o seu espólio (até aqui também por elucidar) de modo a estabelecer um possível roteiro das leituras de Maria Micaela ou das suas influências, diretas ou indiretas (assinalo brevemente María de la Antigua, João da Cruz, Teresa de Jesus e Tomás de Kempis) Embora excedendo os propósitos da presente tese, importava, como já mencionado em nota de rodapé na secção devida, aprofundar futuramente um estudo focalizado na totalidade dos títulos dos catálogos consultados, averiguando autores e conteúdos de forma mais sistemática. Elaborei, igualmente, um exame contextual sobre a espiritualidade do Portugal de Setecentos, enfocando-me nas suas repercussões no universo feminino, bem como sobre a Ordem

de Cister e Bernardo de Claraval, autor indispensável na religiosa de Odivelas e cuja espiritualidade de matizes afetivos muito se espraia no seu texto.

A propósito do manuscrito em estudo, procedeu-se à adequada descrição codicológica, examinando ainda a genologia do texto. De facto, inserindo-se este manuscrito na tradição das autobiografias por mandado, nele confluem, na realidade, três géneros distintos, tendo importado calibrar e distinguir cada um deles: epistolar, diarística e autobiografia espiritual.

Foi relevante, pela sua especificidade e pelo seu teor místico, analisar ainda o *eu* que escreve e o *eu* que se narra neste texto. Sustentando-me no estudo de Patrick McNamara (2009), mas também de Hubert Hermans e de Agnieszka Hermans-Konopka (2010), entre outros, estabeleceu-se que a formulação deste *eu* se constrói em torno de dois aspetos essenciais: a profusão e a alienação (em si mesmas propriedades constituintes do fenómeno místico e necessárias à plena compreensão desta textualidade).

O segundo intento desta tese prendeu-se com a elaboração de um aparato teórico sobre o fenómeno místico em geral, e, sobretudo, sobre aquele que consubstancia o texto em apreço. Fundamentando-me em aspetos espirituais e místicos, procurei elucidar os traços essenciais deste tipologia textual e da espiritualidade nele vinculada. Atendendo aos limites de uma tese de Doutoramento, e sendo impossível abarcar todos os *topoi* e fundamentos místicos, cinge-me forçosamente àqueles que considerei mais relevantes e imprescindíveis no âmbito da obra de Maria Micaela e da sua compreensão.

Trata-se o fenómeno místico, na esteira do que aduz Bernard McGinn, de uma experiência profunda, íntima e afetiva de um eu com a transcendência, e das subsequentes transformações que dessa consciência particular advêm. O fenómeno místico é sempre, portanto, um fenómeno que implica uma relação entre um eu e um tu, em que o amor é o elemento que estrutura e consubstancia todo o eixo relacional, necessariamente circulatório e recíproco. Aliás, Evelyn Underhill enuncia justamente que "o assunto e o método da mística é o amor". Esta relação amorosa e transformativa que tem por fim último a união mística, constituirá a pedra de toque do processo espiritual, encontrando-se pautada por momentos de secura e de êxtase, oscilantes e intermitentes. Manifestar-se-á uma permanente ebulição amorosa, marcada pela

sempre reiterada procura pelo Amado, ora escondido, ora revelado, sucedendo-se aos instantes da sua presença, os momentos de ausência, sendo que o vetor essencial deste itinerário íntimo e afetivo será a capacidade de perseverança do eu, que sofre na mesma medida em que ama. Igualmente, a capacidade do eu em reconhecer o seu nada e de se despojar do que de mundano possui, abnegando-o, atestar-se-á como ferramenta essencial no cerzir desta relação que, sendo ou pretendendo-se especular, é necessitada da desnudez do que é humano, do esvaziamento da vontade própria nesse processo de kenósis e de alienação do *eu*, a morte mística, no fundo, por forma a atingir o reflexo divino. "Agora vemos por espelho, em enigma, mas, então, veremos face a face", diz-nos São Paulo. O processo místico é então sumamente marcado por esta tensão entre o já da união mística e o "ainda não" da espera (que deve ser atenta e sempre orientada para Deus), correspondente às "sequidades", mas também ao aperfeiçoamento do eu no Ser e no Tempo.

A mortificação corporal constitui um dos meios para este aperfeiçoamento espiritual e que é, de resto, o que mais fortuna e adesão conheceu junto da espiritualidade feminina, figurando as penitências, o uso de cilícios, o aparecimento de chagas e pústulas, o jejum e a inédia, mecanismos de verdadeira purificação, capazes de assinalar, amiúde, no corpo feminino, a graça divina. No caso específico de Maria Micaela, importa notar que estas ferramentas de mortificação corporal não são tão relevantes ou manifestas quanto o tópico da enfermidade. De facto, a doença é elevada a topos místico e literário, revelando-se a pedra angular do processo de autoabnegação, de depuramento espiritual e de *imitatio Christi* nessa incorporação e reprodução dos sofrimentos crísticos. O corpo doente, o estar doente ou, atrevo-me a dizer, o ser doente, é nesta autora uma faculdade ascética com força anagógica, permitindo-lhe (e para ele contribuindo) o tão almejado encontro com Deus. O motivo da doença possui também um pendor caritativo e piedoso na medida em que Maria Micaela refere várias vezes que assiste a religiosas doentes, não sendo de descartar a hipótese de ter trabalhado na enfermaria. Deste modo, a doença, própria e a do outro, mediada pela figura de Cristo, figura triangulada, expressando uma implicação simbólica trinitária.

Em todo o caso, inserindo-se na longa tradição da mística nupcial, Maria Micaela é uma Esposa de Cristo, como inúmeras vezes se autodenomina. Assim, a relação mística que estabelece com Deus possui um vetor duplamente amoroso, reverberando não raro

no seu texto o Cântico dos Cânticos. Esse mesmo colóquio da alma profundamente afetivo, essa mesma reiterada orientação para o Amado, essas mesmas disponibilidade e reciprocidade invariáveis.

A união mística é o centro nodal da experiência extática, instante em que eu e Deus se encontram amorosamente liquefeitos um no outro, indistintamente. Em Maria Micaela o que prevalece é justamente uma união sem distinção, em que o eu todo em Deus se derrama e Deus, por seu turno, todo na alma se emana. Além disso, a união mística possui um pendor especificamente interior, íntimo, solitário e recolhido nesta autora, tecendo-se uma verdadeira apologia espiritual simultaneamente ao *contemptus mundi* e ao recolhimento em Deus. Mesmo diante das "criaturas", Maria Micaela sempre se encontra na intimidade amorosa da transcendência, dela nunca abdicando, o que reforça o traço de interioridade e de solidão patente nesta produção escrita. De assinalar que a secundarização, por exemplo, da caridade ao próximo, axioma espiritual tão central e idiossincrático na vida das religiosas, em detrimento deste radical privilégio pelo isolamento alheado do mundo, constitui uma característica particular da doutrina espiritual de Maria Micaela, podendo enquadrá-la numa espécie de solipsismo místico (certamente pouco usual entre a espiritualidade feminina sua coeva, e mesmo em correntes anteriores).

De resto, evidenciei que, a despeito de a união e experiência místicas possuírem a sua sede no interior da alma, como tão insistentemente é afirmado pela autora, terminam a manifestar efeitos somáticos, arquitetando-se experiencialmente, mas também textualmente, uma simbiose entre imanência e transcendência, razão pela qual foi importante compreender e examinar alguns elementos imagéticos e simbólicos que integram esta produção escrita, e que se encontram, justamente, posicionados entre o "terreno" e o "espiritual". Aqui incluí o par sentidos interiores/sentidos exteriores, partes e posições do corpo, as lágrimas, o fogo, a Eucaristia, a oração e as visões/sonhos visionários. Todos estes símbolos possuem uma vasta carga espiritual e mística, configurando importantes elementos hermenêuticos na totalidade da obra da autora. Contribuem, igualmente, para a conclusão de que, no âmbito desta espiritualidade, a dialética neoplatónica materialidade/imaterialidade é menos dicotómica do que se poderia supor, em que a relevância das imagens apreendidas com os sentidos exteriores é equivalente à daquelas do âmbito da interioridade, prevalecendo uma fusão (e

congregação) de ambas as dimensões no decorrer deste processo místico. (mudar de slide) Sob este ponto de vista, é deveras iluminadora a presença de menções nesta produção escrita ao universo pictórico, a figuras e a quadros que, uma vez contemplados, potenciam os arroubamentos místicos da autora. De modo a melhor isto elucidar, e confirmar, integrei algumas das pinturas que subsistem até hoje no Mosteiro de Odivelas, e que coincidem com as referências e descrições relatadas por Maria Micaela no seu texto.

Ademais, no respeitante a esta intersecção de imanência e de transcendência, *exempli gratia*, a oração é executada pela religiosa no plano da alma, frequentemente na solidão da cela, mas também no decorrer da *Via Crúcis*, aí possuindo uma componente imagética e corpórea indispensável. O fogo, por seu turno, elemento terrenal, é transmutado no seu significado, excedendo-o e exprimindo, sobretudo, o amor ardente e fulgurante de Deus e os efeitos arrebatadores do êxtase místico no eu, tal como as lágrimas, sendo fisiológicas, imprimem no corpo, afinal, a presença divina (assinalando, também, um reino além das palavras, uma espécie de mais capaz *modus loquendi* para relatar a experiência jubilatória com Cristo). O mesmo sucede no âmbito da Eucaristia, que é nesta arquitetura mística apreendida como presença visível do Deus invisível, e, por vezes, como figuração do próprio Cristo-Homem. No que respeita à comunhão, importa notar que este processo de incorporação e de visualização, muito munido da doutrina da transubstanciação, está na base da febre eucarística patente em Maria Micaela, atestando-se a autora como particularmente devota à partícula sagrada. A permeabilidade entre alma e corpo, essa sua componente analógica e dialógica, terá por consequência a adoção, a título exemplificativo, do signo da boca como órgão privilegiado de contacto com a transcendência, bem como o facto de algumas posições corporais adquirirem particular apetência espiritual, isto é, potenciarem a união mística, como sendo o estar genufletida ou deitada. A esta última se associa a presença deveras significativa do sonho visionário, portal de comunicação com o divino especialmente importante neste quadro místico, e que insere um teor renovado e próprio ao domínio das visões. Tratando-se o sonho de um processo cognitivo altamente imaginativo e criativo por via do inconsciente, a sua inserção no âmbito do espiritual, isto é, ao ser induzido ou motivado por Deus, acarreta uma dupla conotação de criação e de

revelação. Além disso, o sonho é amiúde rememorativo, facto que subtilmente indica já o papel fulcral que a memória ocupa no quadro místico de Maria Micaela**.**

Com efeito, tratou-se a memória de um dos eixos interpretativos essenciais da minha investigação. Esta assume desde logo uma inegável importância ao corresponder à faculdade de que depende esta produção escrita, na medida em que, tratando-se dos relatos das vivências (espirituais ou não) da autora, os acontecimentos narrados são anteriores à sua passagem para o papel, sendo necessário coligi-los sob o "preceito da rememoração". Além disso, a memória, uma vez por si acedida e utilizada, origina as memórias que a autora redige ao seu diretor espiritual, e que constituem o texto que, volvidos três séculos, aqui me encontro tratando. Mas, numa camada textual mais profunda, a memória significa a memória de Deus, arquitetando-se enquanto portal por excelência da comunicação divina e da união. É Deus quem faz Maria Micaela recordar o que há de redigir, possuindo, assim, esta dimensão da memória uma expressão anterior, ulterior, exterior e superior ao *eu* diegético (como refere Patricia Dailey), que passa a figurar enquanto mensageiro divino, vaso comunicante do Absoluto (emergindo imprescindível o entendimento deste eu como alienado de si mesmo e, por via desse alheamento, que é um inevitável esquecimento próprio e do mundo, capaz de aceder ao murmúrio divino). Tal componente comunicativa e dialogante torna pertinente, e inevitável, a equação da escrita, dos seus processos e das suas implicações neste universo místico, dizendo este âmbito respeito à outra linha fundamental de apreciação desta tese.

Como bem aduz Sonja Herpoel

> El acto de escritura "por mandato" va tansformándose (...) en una justificación retórica que sirve a la autógrafa para dar libre curso a su relato, que se desarrolla bajo las tensiones de la memoria y la imaginación por um lado, y por outro, de autoprotección y defensa discursiva[1383].

De facto, Maria Micaela é herdeira e continuadora da escrita sob mandado, tão difundida e comum entre as práticas religiosas votadas ao feminino. Esta obrigatoriedade fomenta em si a angústia da escrita já que a autora se reconhece inferior para a tarefa que o seu orientador espiritual lhe solicita, embora, por obediência, permaneça escrevendo. Escrever promove, por conseguinte, o sofrimento

[1383] Sonja Herpoel – op. cit., 1999, p. 111.

purificador, mas também o autoconhecimento que é, neste eu, o reconhecimento da sua nulidade face às grandezas de Deus. Este âmbito da escrita contribui para o aperfeiçoamento espiritual que atrás referi, funcionando como uma ferramenta penitencial, capaz de expurgar, por via do padecimento da escrita, o eu das suas faltas e misérias. Este é ainda o plano do terreno, em que a articulação da escrita corresponde a uma prescrição protocolarizada e a sua execução um vínculo de obediência e um aspeto da via purgativa.

Todavia, adentrando-nos na densa matéria de que é feito este texto, compreendemos que, numa camada hermenêutica mais profunda, a escrita deixa de ser o cumprimento de uma obrigação que amiúde traz sofrimento, dor e vergonha, mas convoca a própria divindade. A realidade é que, ao escrever sob influência divina, o texto que este *eu* comunica passa a incluir e manifestar o Verbo, o reino da transcendência, servindo de espelho de Deus. O ato de escrever, munido da interioridade, da solidão, do recolhimento e do silêncio anteriormente assinalados, configura um ato também ele místico, integrando o processo ascético da autora. Isto se atesta pelo facto de, não raro, Maria Micaela relatar que, quando escreve, mais sente a Deus. Ou, então, quando afirma que é justamente Deus quem lhe diz que escreva. Nesse sentido, a escrita torna-se uma prática apetecível, munida de teor reflexivo e espiritual e contribuindo para a hierognose. Tal como Cristo corporifica o Logos divino, nesse ato contínuo de ser a Palavra de Deus feita carne, também na autobiografia espiritual de Maria Micaela existe este sentido de revelação pelo verbo, revelação essa que, sendo primeiramente experienciada nos meandros íntimos da alma, toma corpo ao ser escrita no papel. Escrever participa, por isso, no processo espiritual da autora, ora servindo de catalisador dos seus arroubos amorosos, ora funcionando enquanto prolongamento da experiência mística. Manifesta-se neste ato de escrita, suportado pela memória, uma mútua comparência de humano e divino, cooperando a mão que escreve com a deidade de onde o discurso brota e para a qual também, em última instância, se direciona. Pela escrita Maria Micaela presentifica-se, presentificando a Deus.

Posto isto, torna-se evidente a existência de várias camadas textuais e hermenêuticas, bem como a presença de diversos símbolos e imagéticas (não raro contraditórios ou, pelo menos, contraintuitivos) nesta autobiografia espiritual que, apetrechada de uma dimensão mística direcionada a Deus, apresenta uma linguagem

tendente ao paradoxo, à hipérbole, à metáfora, à apófase, à inefabilidade e a mecanismos discursivos capazes de inserir o não dito no enunciado. Apesar do tom coloquial do texto, a sua tensão enunciativa e narrativa reflete a tensão própria do processo místico que lhe dá origem e em que é arquitetado, atestando a sua especularidade. Depois, esta qualidade um tanto múltipla e paradoxal deste texto (própria, de resto, do fenómeno místico, cujas coordenadas se inclinam à tese e à sua antítese) justificou a opção por uma abordagem analítica mais transversal e dialogante, a única capaz de o melhor iluminar nos seus ângulos mais fechados.

Neste sentido, assumiu particular relevância alargar o âmbito das influências de Maria Micaela, integrando também autoras medievais pertinentes, como Hadewijch de Brabante, Beatriz de Nazaré, Matilde de Magdeburgo, Gertrudes de Helfta, Ângela de Foligno, Marguerite Porete ou Catarina de Sena. A pertinência deste diálogo radica no facto de existir, a despeito das suas distintas geografias e cronologias, uma transversalidade temática e de conteúdo espiritual entre estas religiosas e Maria Micaela de São Bernardo. De resto, esta similitude, embora apenas reportada a autoras medievais, foi apontada por Deborah Frick no seu recente estudo sobre produção escrita feminina visionária (2021). Nessa medida, demonstrou-se a presença e continuidade na produção escrita de Maria Micaela de certos *topoi* e temas místicos que já prevaleciam na Idade Média nos textos de diversas místicas, como a reiterada e central procura pela união mística, a devoção eucarística e ao amor e coração divinos, a *imitatio Christi*, a centralização das lágrimas e da imagética do fogo ou a autoidentificação como Esposa de Cristo. Considerei, igualmente, textos de religiosas da Época Moderna, como Joana de Jesus, Antónia Margarida de Castelo Branco, Ana de Jesús, Luisa de Carvajal y Mendoza, María Salinas, Estefanía de la Encarnación ou Margarida Maria Alacoque. Não procurei elaborar um estudo comparatista, já que esse não é, de todo, o intuito da presente tese, mas apenas traçar as linhas gerais que unem todas estas místicas, demonstrando a coesão temática, simbólica e discursiva que prevalece na produção escrita feminina místico-visionária. Valeria a pena, todavia, retomar e alargar este empreendimento, integrando mais autoras e refletindo sobre a intrincada rede que liga, da Idade Média à Época Moderna, os discursos femininos místicos.

De facto, a opção por uma análise multidisciplinar afigurou-se metodologicamente necessária, bem como mais frutífera, tendo em conta o objeto de

estudo da presente tese. Assim, seria certamente danosa a eleição de um grelha analítica específica, na medida em que o texto em tratamento, congregando diversas áreas de saber, necessita de ser estudado, justamente, nessa perspetiva conciliadora. Deste modo, a interdisciplinaridade permitiu a um tempo iluminar e elucidar os traços históricos, literários, filosóficos, teológicos e místicos da produção escrita em apreço, cumprindo, assim, o objetivo de análise proposto. Estou ciente, todavia, de que seria interessante e profícuo retomar este trabalho e, juntamente com contributos especializados de investigadores das distintas áreas mencionadas, aprofundá-lo (aprofundamento esse, de resto, não compatível com os limites de uma tese de Doutoramento). *Exempli gratia*, a nível histórico, seria importante continuar o trabalho de recuperação de fontes relativas ao período moderno do Mosteiro de Odivelas nos arquivos e nas bibliotecas portuguesas. Importava, também, recuperar os documentos redigidos por penas de religiosas que permanecem "submersos", estudando-os e estabelecendo uma cada vez mais consistente taxonomia desta escrita mística feminina portuguesa (contemplando conceitos na presente tese já adotados como o de "textual communities" ou de "affective literacy", e vindo a deslindar, porventura, outros). No respeitante ao estudo da mística e dos textos místicos, seria interessante aprofundar o diálogo com, por exemplo, a fenomenologia e com a filosofia da linguagem, bem como com a neurociência da experiência religiosa ou com a psicologia, desenvolvendo as categorias teóricas que na tese em apreço apresentei e, quem sabe, formulando outras capazes de melhor iluminar este tão rico e versátil fenómeno.

Com efeito, o objeto de estudo aqui em apreço é de tal modo fascinante e multímodo que, de facto, não é possível terminar a sua análise com a sensação de que tudo ficou realizado em absoluto, o que apenas evidencia a pertinência de prosseguir estudos sobre este tema. A este propósito, bem serve o poema de Adília Lopes – não por acaso intitulado "S. João da Cruz" :

> Mesmo que pudesse
> dizer tudo
> não podia dizer tudo
> e é bom assim.[1384]

[1384] Adília Lopes – *Dobra: Poesia Reunida*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2014, p. 356.

Referências Bibliográficas

FONTES MANUSCRITAS

Vida Interior de Madre Maria Michaela de São Bernardo, B.N.P. COD 540.

Inventario dos livros encontrados no supprimido Convento de São Dyonisio de Odivellas, in Relações de livros e manuscritos recolhidos na Inspecção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, BN/INC/DLEC/33/Cx09-01.

Inventário de extinção do convento de São Dionísio de Odivelas, PT/TT/MF-DGFP/E/002/00082.

Missale secundum antiquum usum cisterciensium, BNL, Códice alcobacense n. 26, fl. 258v.

Livro dos títulos da eleição das abadessas dos mosteiros das religiosas da Ordem de Cister (Ordem de Cister, Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, liv. 220), PT/TT/MSMALC/L220.

Livro de Visita de Reforma que fez no Real Mosteiro das Religiosas de São Dinis de Odivelas o Padre Doutor Frei Bernardo de Castelo Branco (Ordem de Cister, Mosteiro de São Dinis de Odivelas, liv. 39), PT/TT/MSDO/L39.

FONTES IMPRESSAS

Araújo, Joaquim de – Monstruosidades do Tempo e da Fortuna. Famalicão: Tipographica Minerva, 1892;

Azevedo, Frei Miguel de – Memorial das Instrutivas Palavras e Edificantes Obras da Muito Virtuosa Madre Mariana da Purificação. Lisboa: Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1802

Belém, Jerónimo – *Crônica Seráfica Da Santa Provincia Dos Algarves: da Regular Observancia Do Nosso Serafico Padre S. Francisco, ... Que comprehende a sua separaçaõ da Provincia de Portugal, com as Fundaçoēs de cinco Conventos de Frades, e hum Mosteiro de Freiras.* Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1750.

Brandão, Francisco - *Monarquia Lusitana*, Parte V. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1976.

Bourgoing, Jean François – *Voyage du Duc du Chatelet en Portugal,* vol. I. Paris, 1801.

Brito, Bernardo de - *Elogios dos Reis de Portugal com os mais verdadeiros retratos que se puderaõ achar.* Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1603.

Brito, Bernardo de – *Chronica de Cister: Onde se Contam Cousas Principaes desta Ordem & Muytas Antiguidades do Reyno de Portugal: Prumeyra Parte*. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, 1720;

Cardoso, Jorge – *Agiológio lusitano dos sanctos e varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas: consagrado aos gloriosos S. Vicente e S. Antonio, insigns patronos desta inclyta cidade Lisboa e a seu ilustre Cabido Sede Vacante.* Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652-1744.

Faria, Daniel – *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

Margarita Porete – *El Espejo de las Almas Simples*, Blanca Garí (ed.). Madrid: Siruela, 2005.

_____ - *O Espelho das Almas Simples e Aniquiladas e que Permanecem Somente na Vontade e no Desejo do Amor*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Mechtild of Magdeburg – *The Flowing Light of the Godhead*. New York: Paulist Press, 1998.

Llansol, Maria Gabriela – *Escrito nas Margens: Livro de Horas VIII*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2022.

Lopes, Adília – *Dobra: Poesia Reunida*. Lisboa: Assírio&Alvim, 2014.

Guimarães, José Ribeiro – *Summario de Varia História: Narrativas, Lendas, Biographias, Descripções de Templos e Monumentos*. Estatísticas, *Costumes Civis,Políticos e Religiosas de Outras Eras*, vol. 2, Lisboa: Rolland&Semiond, 1872;

Sequeira, Gustavo de Matos – *Relação de Varios Casos Notáveis e Curiosos Sucedidos em Tempo na Cidade de Lisboa e em Outras Terras de Portugal, Agora Reunidos, Comentados e dados à Luz.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925;

Teresa de Jesús – *Libro de la Vida.* Em linha < https://www.santateresadejesus.com/wp-content/uploads/Libro-de-la-Vida.pdf>.

_____*Obras completas*, Efrén de la Madre de Dios y O. Steggink (transcripción, introducciones y notas). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1967.

Rich, Adrienne – Uma Paciência Selvagem. Lisboa: Edições Cotovia, 2008.

Tomás de Kempis – A Imitação de Cristo. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

Woolf, Virginia – *A Room of One's Own*. UK: Alma Books, 2019.

Vieira, António, Padre – Sermões, Tomo I. São Paulo: Editora Hedra, 2001.

ESTUDOS

Adnés, Pierre – "Mariage spirituel" in Marcel Viller (ed.) – *Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et Mystique: Doctrine et Histoire.* Paris: Beauchesne, 1932, pp. 387 – 408.

Andrés, Melquíades – *Los Recogidos. Nueva Visión de la Mística Española (1500 – 1700)*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1976.

Agamben, Giorgio – *Ideia da Prosa*. Lisboa: Edições Cotovia, 1999.

Algranti, Leila Mezan – *Livros de Devoção, Atos de Censura: Ensaios de História do Livro e da Leitura na América Portuguesa (1750 – 1821)*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2004.

Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de – *O Mosteiro Cisterciense de Arouca. Comunidade e Património (1300-1317).* Coimbra: Universidade de Coimbra, 2003.

Almeida, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal, vol. 3.* Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1970.

Alston, William P. – *Perceiving God: The Epistemology of Religious Experience.* United States of America: Cornell University Press, 1991.

Amsler, Mark – *Affective Literacies: Writing and Multilinguism in the Late Middle Ages.* Belgium: Brepols, 2011.

Andrade, José Maria de – *Memórias do Mosteiro de Celas*. Coimbra: Imprensa Académica, 1892.

Anastácio, Vanda (coord.) – *Uma Antologia Improvável. A Escrita das Mulheres (Séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio d'Água, 2013

Araceli, Guillaume-Alonso – "Des bibliotheques feminines en Espagne (xvie-xviie siècles)" in Dominique de Courcelles – Carmen Val Julián (ed.) – *Des Femmes et des Livres. France et Espagne, XVIe-VXIIe Siècles. Chartres*: Publications de l'École des Chartres, 1999, pp. 61-76.

Arenal, Electa – Schlau, Stacey (ed.) – *Untold Sisters: Hispanic Nuns in their own Works*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1989.

Assumpção, Lino de – *As Freiras de Lorvão: Ensaio de Monographia Monástica*. Lisboa: Livraria Castro e Silva, 1899.

Astell, Ann W. (ed.) – *Divine Representation: Postmodernism and Spirituality*. New York: Paulist Press, 1994.

Augustine – *Confessions.* New York: Penguin, 1961.

Ávila, Teresa de – Seta de Fogo, Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.

Azevedo, Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *Dicionário da História Religiosa em Portugal*, vol. A-C. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

Azevedo, Carlos Moreira (dir.) – *Dicionário da História Religiosa em Portugal*, vol. C-I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

Azevedo, Carlos Moreira (dir.) – *Dicionário da História Religiosa em Portugal*, vol. P-V. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.

Barash, Yael – "Seeing the invisible: theory of vision in Hildegard of Bingen's Scivias II. 6" in *Mediaevalia: Textos e Estudos*, n. 38, 2019, pp. 117 – 136.

Barbeito Carneiro, María Isabel – "¿Por qué escribieron las mujeres en el Siglo de Oro?" in *Cuadernos de Historia Moderna*, n. 19, 1997, pp. 183 – 196.

Baranda, Nieves – "L'éducation des femmes dans l'Espagne post-tridentine" in Mostaccio, Silvia (ed.) – *Genre et identités aux Pays-Bas méridionaux: L'éducation Religieuse des Femmes aprés le Concile de Trente*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant, 2010, pp.29-63.

Barata, Paulo J. S. – "As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção" in *Lusitânia Sacra*, vol. 24, 2011, pp. 125-152.

_____ – "As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer" in Lusitania Sacra, n. 24, 2011.

_____ – *Os Livros e o Liberalismo: da Livraria Conventual à Biblioteca Pública*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

Barranco, Pablo Cervera – Pérez-Boccherini, Jaime (ed.) – *Sus Heridas nos han Curado: Memória Documental del Centenario de la Consagración de España al Sagrado Corazón de Jesús.* Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2021.

Bedford, Ronald – Davis, Lloyd – Kelly, Philippa – *Early Modern English Lives: Autobiography and Self-Representation, 1500-1660*. England: Ashgate, 2007.

Bell, Catherine – *Ritual Theory, Ritual Practice*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1992.

Bell, Rudolph M. – *Holy Anorexia*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

Belo, Filomena – *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos A Veneravel Madre Elenna da Crus por Sóror Maria do Céu*. Coimbra: Quimera Editores, 1993

Bergamo, Mino – *La Anatomía del Alma*. Madrid: Trotta, 1998.

Bhabha, Homi K. – *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

Biemiller, Marc – "Augustine and Plato: Clarifying Misconceptions" in *Aporia*, vol. 29, n. 2, 2019, pp. 33 – 43.

Bizzini, Silvia Caporale – Malabotta, Melita Richter (eds.) – *Teaching Subjectivity: Travelling Serves for Feminist Pedagogy*. Utrech/Stockholm: Athena, 2009.

Borges, Nelson Correia – *Arte monástica em Lorvão. Sombras e Realidade*, vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2002.

Borrielo, Luigi – Genio, Maria Rosaria del (coord.) – *Dizionario di Mistica*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1988.

Bourbon Parme, Rémy de – *Les Cisterciens (1098 – 1998)*. Bayeux: Heimdal, 1998.

Bouza Alvarez, Fernando – "Cultura escrita e história do Livro: a circulação manuscrita nos séculos XVI e XVII" in *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*, n. 9-10, 2001/2002, pp. 63-95.

Bruner, Jerome – *Acts of Meaning*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

Bruun, Mette Birkedal (ed.) – *The Cambridge Companion to the Cistercian Order*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

Buitelaar, Marjo – Zock, Hetty (ed.) – *Religious Voices in Self-Narratives. Making Sense of life in Times of Transition.* Berlin: De Gruyter, 2013.

Bynum, Caroline Walker – *Jesus as Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages*. California: University of California Press, 1984.

_____ "Women Mystics and Eucharistic Devotion in the Thirteenth Century" in *Women's Studies*, vol. 11, 1984, pp. 179-214.

_____*Fragmentation and Redemption: Essays on Gender and the Human Body in Medieval Religion*. New York: Zone books, 1991.

Calvo, Pedro - *Defesam das Lágrimas dos Justos Perseguidos e das Sagradas Religioes Fruto das Lágrimas de Christo*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1618.

Campos, Fernanda Maria Guedes de – *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (Séc. XVIII)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015.

_____ "Feliciana Maria de Milão (1629-1705): na marca de posse o lema de vida" in *Ponto de Acesso*, vol. 16, n. 3. Salvador, 2022, pp.75-101.

_____ "'Ó livro se te perderes': práticas de circulação, posse e uso dos livros em bibliotecas religiosas" in Ilda Mendes dos Santos – Isabel Almeida (org.) – *República das Letras: Bibliotecas viajantes.* Paris: Sorbonne Nouvelle – CREPAL Centre de Recherches sur les Pays Lusophones/Lisboa: Faculdade de Letras-Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2020, pp. 269-286;

Cardoso, Adelaide – *As Religiosas e a Inquisição no Século XVII: Quadros de Vida e Espiritualidade*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003. Dissertação de Mestrado.

Carruthers, Mary – *The Craft of Thought: Meditation, Rhetoric, and the Making of Images, 400 – 1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

_____ – *The Book of Memory: A Study of Memory in Medieval Culture.* United States of America: Cambridge University Press, 2008.

Carvalho, Joaquim Félix de – "Tálamo dos Cânticos na capela Árvore da Vida: por uma espiritualidade do atrevimento" in *Rever: Revista de Estudos da Religião*, vol. 18, n. 1, pp. 115 – 142.

Carvalho, José Adriano de Freitas – *Gertrudes de Helfta e Espanha*. Porto: INIC/Centro de Literatura da Universidade do Porto, 1981.

_____ "As lágrimas e as setas. Os Pia Desideria de Herman Hugo, S. J. em Portugal" in *Via Spiritus*: *Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 2, 1995, pp. 169 – 201.

_____ – "Do recomendado ao lido. Direção espiritual e prática de leitura entre franciscanas e clarissas em Portugal no séc. XVII" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, vol. 4, 1997, pp. 7 – 56.

_____ (dir.) – *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade (1501-1700).* Porto: Instituto de Cultura Portuguesa, 1988.

Carvalho, José Adriano de Freitas – Fardilha, Luís de Sá – Fernandes, Maria de Lurdes Correia (ed.) – *Bosco Deleitoso: Anónimo do século XV* (prefácio José Meirinhos e transcrição Paula Mendes). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2022.

Castaño Moraga, Víctor Javier – "El conocimiento de Dios y el Corazón de Jesús en la mística: espiritualidad y teologia desde el Corazón de Cristo" in *Teresianum*, n. 72, 2021/2022, pp. 529 – 562.

Castelo Branco, Antónia Margarida de - *Autobiografia (1652-1717)*, João Palma-Ferreira (ed.). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.

Castillo Gómez, Antonio – "Leer en comunidad. Libro y espiritualidad en la España del Barroco". In *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, vol. 7, 2000, pp. 99 – 122.

_____ "Cartas desde el convento. Modelos epistolares femeninos em la España de la Contrarreforma" in *Cuadernos de Historia Moderna*, vol. 13, 2014, pp. 141 – 168.

_____ "La pluma de Dios: Maria de Ágreda y la escritura autorizada" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n.6, 1999, pp. 103-119.

Castro, Zília Osório de – "O regalismo em Portugal. António Pereira de Figueiredo" in *Revista Cultura, História e Filosofia*, vol. VI, 1987, pp. 357 – 411.

Cátedra, Pedro M. – "Lectura feminina em el claustro (España, siglos XIV-XVI)" in Courcelles, Dominique de – Julian, Carmen Val (ed.) – *Des femmes et des livres, France et Espagnes, XIVe-XVe siècle: actes de la jounée d'étude organisée par l'École normale supérieure de Fontenay/Saint Cloud*. Paris: École des Chartes, 1999, pp. 7-53.

Cedillo, Christina Victoria – *Commonplace Divinity: Feminine Topoi in the Rethoric of Medieval Women Mystics.* Texas: Office of Graduate Studies of Texas A&M University, 2011. Dissertação de Mestrado.

Ceia, Carlos - Dicionário de Termos Literários. Em linha <https://edtl.fcsh.unl.pt>.

Certeau, Michel de – *The Mystical Fable: The Sixteenth and Seventeenth Centuries*, vol. I, Chicago/London: The University of Chicago Press, 1992.

Céu, Maria do - *Histórias Breves e Admiravéis*. Organização e estudos introdutórios de Anabela Galhardo Couto. Perugia: Edizioni dell'Úrogallo, 2012.

Chagas, António das - *Cartas Espirituais*, Isabel Morujão (ed.). Porto: Campo das Letras, 2000.

Chance, Jane (ed.) – *Gender and Text in the Later Middle Ages*, Gainesville: University Press of Florida, 1996.

Chartier, Roger – Boureau, Alain – Dauphin, Cécile – *Correspondence: Models of Letter-writing from the Middle Ages to the Nineteenth Century.* Princeton/NJ: Princeton University Press, 1997.

Chartier, Roger – *Inscription and Erasure: Literature and Written Culture from the Eleventh to the Eighteenth Century*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2007.

Cioran, É. M. – *Tears and Saints*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

Cirlot, Victoria – Corral Díaz, Esther (ed.) – *Voces de Mujeres em la Edade Media: Entre Realidad y Ficción*. De Gruyter, 2018.

Cixous, Hèlene de – *Le Rire de La Méduse et Autres Ironies*. Paris: Édition Galilée, 2010.

Clooney, Francis X. – "By the power of her word: absence, memory, and speech in the Song of Songs and a Hindu mystical text" in *Exchange*, n. 41, 2012, pp. 213-244.

Coakley, John Wayland – *Women, Men, and Spiritual Power: Female Saints and Their Male Collaborators*. New York: Columbia University Press, 2006.

Coelho, Maria Helena da Cruz – *O Mosteiro de Arouca do Século X ao Século XIII.* Arouca: Camara Municipal de Arouca/Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, 1988.

Coelho, Maria Helena da Cruz – Martins, Rui Cunha – "O monaquismo feminino cisterciense e a nobreza medieval portuguesa (séculos XIII – XIV)" in *Theologica*, 2ª série, vol. 28, 1993, pp. 481-506.

Conde, Antónia Fialho – Magalhães, Olga – Gouveia, António Camões (ed.) – *O Claustro e o Século: Espaços, Fronteiras e Identidades*. Évora: CIDEHUS, 2020.

Conde, Antónia Fialho – Sá, Vanda de – Paula, Rodrigo Teodoro de (ed.) – *Paisagens Sonoras Históricas: Anatomia dos Sons nas Cidades*. Évora: Publicações Cidehus, 2021.

Corrigan, John (ed.) – *The Oxford Handbook of Religion and Emotion*. New York: Oxford University Press, 2008.

Costa, Avelino de Jesus da – "A Santíssima Eucaristia nas constituições diocesanas portuguesas desde 1240 a 1954" in *Lusitania Sacra*, 2ªsérie, n. 1, 1989.

Costa, Elisa Maria Lopes da – "A jacobeia: achegas para a história de um movimento de reforma espiritual no Portugal setecentista" in *Arquipélago História*, 2ªsérie, 2010/2011.

Courcelle, Pierre – "Les "Confessions" de saint Augustin dans la tradition littéraire. Antécédents et postérité" in *Journal des Savants*, n. 4, 1964, pp. 261-283.

Couto, Anabela Galhardo – "Dimensões da alteridade em autobiografias espirituais femininas em Portugal (séculos XVII-XVIII) in *UNED. REI*, n. 3, 2015, pp. 81-100.

Cunha, Mafalda Maria Ferin – *A Fiel e verdadeyra relação que dá dos sucessos de sua vida a criatura mais ingrata a seu criador: um género, um texto único*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

Curto Hernández, María Victoria – *Música, Danza y Teatralidad en la Experiencia Mística y Visionaria Femenina al Final del Medievo: los Casos de María de Santo Domingo (1486? – 1527) y Juana de la Cruz (1481 – 1534) en su Marco Eurupeo*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2022. Tese de Doutoramento.

Dailey, Patricia – *Promised Bodies: Time, Language and Corporeality in Medieval Women's Mystical Texts*. New York: Columbia University Press, 2013.

Daybell, James – *Women Letter-Writers in Tudor England*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

Dekker, Rudolf – "Jacques Presser's Heritage: Egodocuments in the Study of History" in *Memoria y Civilización*, n. 5, 2002, pp. 13-37.

Delehaye, Hippolyte – *The Legends of Saints*. New York: Fordham University Press, 1962.

Dias, Geraldo J. A. Coelho – *Religiões da nossa Vizinhança: História, Crença e Espiritualidade*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Departamento de História/Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2006.

Dias, Geraldo J. A. Coelho – "A marca de São Bernardo na espiritualidade e na cultura cisterciense" in *Atas do Seminário Internacional Tarouca e Cister: Espaço, Espírito e Poder*. Tarouca: Câmara Municipal, 2004, pp. 203 – 223.

Dias, Geraldo J. A. Coelho – "Bernardo de Claraval: apologia para Guilhereme, Abade" in *Mediaevalia: Textos e Estudos*, n. 11-12, 1997, pp. 7 – 76.

Dias, José da Silva – *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII),* Tomo I. Coimbra: Faculdade de Letras/ Instituto de Estudos Filosóficos, 1960.

Dinzelbacher, Peter et all (ed.) – *Diccionario de la Mística.* España: Editorial Monte Carmelo, 2000.

Dronke, Peter – *Las Escritoras de la Edad Media*. Barcelona: Crítica, 1994.

Duarte, Alexandre Freire – "Notas sobre a mística cristã e a sua linguagem ferida. Equívocos coevos sobre a mística" in *Theologica*, 2a série, n. 46, Braga, 2011.

Dumouriez, Charles-François - *État présent du Royaume de Portugal en l'Année MDCCLXVI*. A Lausanne: Chez François Grasset, 1755.

Eco, Umberto – *The Search of the Perfect Language*. United States of America: Wiley-Blackwell, 1997.

Eduardo Cirlot, Juan – *Diccionario de Símbolos*. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1992.

Egan, Harvey – *Christian Mysticism: The Future of a Tradition*. New York: Pueblo, 1986.

Elliott, Dyan – *The Bride of Christ Goes to Hell: Metaphor and Embodiment in the Lives of Pious Women, 200 – 1500.* Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2011.

Erikson, Martin G. – "The meaning of the future: toward a more specific definition of possible selves" in *Review of General Psychology*, vol. 11, issue 4, pp. 348-358.

Fernandes, Maria Alegria Fernandes – *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008.

Fernandes, José Félix Duque – *Soror Isabel do Menino Jesus: Vida e Obra de uma Escritora Mística (1673-1752).* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016. Tese de Doutoramento.

Fernandes, Maria de Lurdes Correia– "A construção da santidade nos finais do século XVI. O caso de Isabel Miranda, tecedeira, viúva e "santa" (c. 1539-1610) in *Actas do Colóquio Internacional piedade Popular: Sociabilidades, Representações, Espiritualidades*. Lisboa: Terramar, 1999, pp. 243-272.

Ferreira, Magna Margarida – *"He precizo dizer com a voz": A obra de Frei Francisco de S. Boaventura nos conventos femininos de clausura do Porto no final do Antigo Regime (1770-1802).* Santiago de Compostela: Faculdade de Letras de Santiago de Compostela, 2023. Tese de Doutoramento.

Ferreira, Maria do Céu de Sousa – *"Desde el Parnaso os escrivo": Cartas de uma Monja Escritora: Edição e Análise da Correspondência Manuscrita de Soror Maria do Céu à Duquesa de Medinaceli.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012.

Figueiredo, A. C. Borges de - *O Mosteiro de Odivelas: Casos de Reis e Memórias de Freiras.* Lisboa: Livraria Ferreira, 1889.

Fiores, Stefano de – Meo, Salvatore – Tourón, Eliseo (dir.) – *Nuevo Diccionario de Mariologia*. Madrid: San Pablo, 1998.

Fletcher, Angus – *Allegory: the Theory of a Symbolic Mode*. United States of America: Cornell University Press, 1964.

Flores, Stefano de – Goffi, Tullo (dir.) – *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1983.

Fontes, João Luís – Oliveira, Luís Filipe (coord.) – *Os Territórios da Lisboa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2022.

Fontes, João Luís – Andrade, Maria Filomena – Marques, Tiago Pires (coord.) – *Vozes da Vida Religiosa Feminina: Experiências, Textualidades e silêncios (Séculos XV-XXV)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2015.

_____ *Género e Interioridade na Vida Religiosa: Conceitos, Contextos e Práticas.* Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa/Universidade Católica Portuguesa, 2017.

Foxhall, Katherine – *Migraine: a History*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2019.

Frenk, Margit – *Entre la Voz y el Silencio: La Lectura en Tiempos de Cervantes*. Madrid/Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 1997.

Frick, Deborah – *Authority and Authorship in Medieval and Seventeenth Century Women's Visionary Writings*. Bielefeld: Transcript, 2021.

Castro, Francisco Lyon de (ed.) – *História da Literatura Portuguesa: Da Época Barroca ao Pré-Romantismo*, vol. III. Lisboa: Alfa, 2002.

Garbay-Velázquez, Estelle – "Representaciones del espacio interior e intimidad espiritual en los tratados de tres franciscanos recogidos (Francisco de Osuna, Bernabé de Palma y Bernardino de Laredo) in *E-Spania: Revue Interdisciplinaire d'Études Hispaniques Mediévales et Modernes* [online], n.37, 2020.

García Bazán, Francisco - *Aspectos inusuales de lo Sagrado*. Madrid: Trotta, 2000.

Genio, Maria Rosaria del – "Mistica (cenni storici)" in Luigi Borrielo – Maria Rosaria del Genio (coord.) – *Dizionario di Mistica.* Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1988, pp. 824 – 834.

Gilson, Étienne – *La Théologie Mystique de Saint Bernard*. Paris: Vrin, 1947.

Gomes, Cristina Costa – Pina, Isabel Murta – Fernandes, José Manuel, O. P. – Coutinho, Maria João Pereira (coord.) – *Rastos Dominicanos de Portugal para o Mundo: 600 anos da Província Portuguesa*. Porto: UCP Editora, 2022.

Gomes, Saúl – *Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal. Séculos XV e XVI*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitetónico, 1988.

Gomes, Saúl – "Os Panteões Régios Monásticos Portugueses nos séculos XII e XIII" in *2° Congresso Histórico de Guimarães. Actas do Congresso*, 4, Guimarães: C.M.G. e Universidade do Minho, 1997.

_____ (coord.) – *Mosteiro de Odivelas: Documentos Fundacionais*. Odivelas: Câmara Municipal de Odivelas, 2021.

Gomez de las Bárcenas, Alberto– "Devoción mariana de la Orden Cisterciense" in *Cistercium*, n. 91, 1964, pp. 53 – 61.

González-Díaz, María – "Tipología del llanto en las hagiografías de las santas vivas castellanas (siglos XV – XVII)" in Isabel Morujão – Geise Teixeira (ed. e coord.) – *Poéticas das Lágrimas: Olhares Cruzados sobre Textos e Contextos Femininos*. Porto: CITCEM, 2023, pp. 107 – 132.

González Fernández, Luis – Rodríguez, Teresa (dir.) – *La transmission de savoirs licites et illicites dans le monde hispanique péninsulaire (XIIe au XVIIe siècles): Hommage à André Gallego.* Toulouse: Presses Universitaires du Midi, 2011.

Graef, Hilda – *L'Héritage des Grands Mystiques: Étapes de la Spiritualité Chrétienne*. Paris: Saint-Paul, 1968.

Graziosi, Elizabeta – "Arcipelago sommerso. Le rime delle monache tra obbedienza e transgressione" in Pomata, Giana – Zarri, Gabriella (ed.) – *Monasteri femminili come centri di cultura fra Rinascimento e Barocco.* Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2005, pp. 145 – 173.

Gregory the Great – *Dialogues, book 2*. New York: Fathers of the Church, 1952.

Greyerz, Kaspar von (ed.) – *Religion and Society in Early modern Europe (1500-1800)*. London: German Historical Institute, 1984.

Guinot Ferri, Laura – *Mujeres y Santidad: Sanadoras por Mediacións Divina. Um Estudio desde la Microhistoria (siglos XVII y XVIII).* Granada: Editorial Comares, 2021.
Gusmão, Artur Nobre de – *A Real Abadia de Alcobaça. Estudo Histórico-Arqueológico*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1948.

Hatab, Lawrence J. – "Mysticism and Language" in *International Philosophical Quarterly*, n. 22, 1982, pp. 51 – 64.

Hadewijch – *Hadewijch: The Complete Works*, Columba Hart (trad. e introd.). New York: Paulist Press, 1980.

Henriques, José Manuel – *Monacato feminino e domínio rural. O património do mosteiro de Santa Maria de Almoster no séc. XIV.* Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994. Provas de Capacidade Científica e Aptidão Pedagógica.

Hermans, Hubert – Hermans-Konopka, Agnieszka – *Dialogical Self Theory: Positioning and Counter-Positioning in a Globalizing Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

Herpoel, Sonja – *A la Zaga de Santa Teresa: Autobiografias por Mandato*. Amsterdam - Atlanta, GA: Rodopi, 1999.

Higley, Sarah L. – *Hildegard of Bingen's Unknown Language: An Edition, Translation, and Discussion.* London: Palgrave Macmillan, 2007.

Hollywood, Amy – Beckman, Patricia Z. (ed.) – *The Cambridge Companion to Christian Mysticism*. United States of America: Cambridge University Press, 2012.

Hollywood, Amy – *The Soul as Virgin Wife: Mechtild of Magdeburg, Marguerite Porete, and Meister Eckhart*. Notre Dame/Indiana: University of Notre Dame Press, 1995.

_____ – *Sensible Esctasy: Mysticism, Sexual Difference, and the Demands of History*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

Huerta Román, Pilar – El *Telar de la Palabra: Ecos Bíblicos en la Autobiografia Teresiana*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2013.

Houdard, Sophie – "Le problème du language et du style mystiques au XVII siècle" in *Littératures Classiques*, n. 50, 2004, pp. 301 – 325.

Hsia, Ronnie Po-Chia (ed.) – *The Cambridge History of Christianity: Reform and Expansion 1500-1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

Hyland, Ken – *Disciplinary Discourses. Social Interaction in Academic Writing*. London: Longman, 2000.

Ionel, Aurelia – *A Livraria do Convento de Nossa Senhora da Serra da Arrábida 1545 – 1835.* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2019. Dissertação de Mestrado.

Jacquinet, Maria Luísa – "Entre escrita epistolar, biografia e hagiografia: o caso de Soror Maria Joana (1712-1754), religiosa do Mosteiro do Louriçal" in *Cecil*, n. 3, 2017, pp. 1 – 14.

James, William – *Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature*. London: Routldge, 2002.

Jarger, Stephen C. – Kasten, Ingrid (ed.) – *Emotions and Sensibilities in the Middle Ages*. New York/Berlin: Walter de Gruyter, 2003.

Jeffrey F. Hamburger – *The Visual and the Visionary: Art and Female Spirituality in Late Medieval Germany.* New York: Zone Books, 1998.

Jiménez Duque, Baldomero – Sala Balust, Luís (dir.) – *História de la Espiritualidad*, vol. II. Barcelona: Juan Flors Editor, 1969.

Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa – Agiológio Lusitano, Maria de Lurdes Correia Fernandes (organização, estudos e índices). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

Jérôme Baschet – *Corps et Âmes: Une Histoire de la Personne au Moyen Âge*. Paris: Flammarion, 2016.

Kallendorf, Hilaire (ed.) – *A New Companion to Hispanic Mysticism*. Leiden/Boston: Brill, 2010.

Katz, Steven K. (ed.) – *Mysticism and Language*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992.

Kieckhefer, Richard – *Unquiet Souls: Fourteenth-Century Saints and Their Religious Milieu*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

Kierkegard, Søren – *O Desespero Humano*. São Paulo: Editora Abril Cultura, 1979.

King, Margaret L. – *A Mulher do Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

King, Ursula – *Christian Mystics: Their Lives and Legacies throughout the Ages.* New Jersey: HiddenSpring, 2001.

Knoppers, Laura Lunger (ed.) – *The Cambridge Companion to Early Modern Women's Writing*. New York: Cambridge University Press, 2009.

Koyré, Alexandre Koyré – Charles Puech, Henri – Spaier, Albert (ed.) – *Recherches Philosophiques*, vol. I, Paris: Boivin et Cie, 1931/1932.

Lagos, Elena – Carrasco, Rolando – "Cuerpo y escritura em "El Espejo de Santa Margarida d'Oing"" in *Revista Chilena de Literatura*, n. 40, 1996, pp. 115 – 121.

Lalanda, Margarida – "Leitura e mediação de freiras de clausura" in *Ponto de Acesso*, vol.8, n.2, 2014, pp. 61-81.

Lamm, Julia A. (ed.) – *The Wiley-Blackwell Companion to Christian Mysticism*. USA: Blackwell Publishing, 2013.

Lanciani, Giulia – Tavani, Giuseppe (coord.) – *Dicionário da Literatura Medieval e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.

Laningham, Diane Susan (ed.) – *María Vela y Cueto: Autobiography and Letters of a Spanish Nun*. Toronto: Iter Press, 2016.

Laura Guinot Ferri – *Mujeres y Santidad: Sanadoras por Mediacións Divina. Um Estudio desde la Microhistoria (siglos XVII y XVIII).* Granada: Editorial Comares, 2021.

Lavrin, Asunción – *Brides of Christ: Conventual life in Colonial Mexico*. Stanford: Stanford University Press, 2008.

Lavrin, Asunción – Loreto, Rosalva – *Monjas e Beatas: La Escritura Femenina en la Espiritualidad Barroca Novohispana: Siglos XVII y XVIII.* México: Universidad de las Américas – Puebla/Archivo General de la Nación, 2012.

Lázaro, Alice – *A Escada de Jacob. Cartas Íntimas de Soror Clara do Santíssimo Sacramento (Antónia Margarida de Castelo Branco) para D. João de Sousa e Outras Afins (1677 – 1714)*. Lisboa: Chiado Editora, 2014

Leclercq, Jean – "Silence et parole dans l'expérience spiritualle d'hier et d'audourd'hui" in *Collecatanea Cisterciensia*, n. 45, 1983, pp. 185 – 198.

_____ *Bernard de Clairvaux*. Paris: Desclée, 1989.

_____ *The Love of Learning and the Desire of God: A Study of Monastic Culture*. New York: Fordham University Press, New York 1996.

Léon-Dufour, Xavier et all (dir.) – *Vocabulario de Teología Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967.

Lessa, Elisa Maria Maia da Silva – *Os Mosteiros Beneditinos Portugueses (Séculos XVII a XIX): Centros de Ensino e Prática Musical*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1998. Tese de Doutoramento.

Lewis, C. S. – *A Grief Observed*. United States of America: Harper Collins edition, 2001.

Ligo, Vivian – "The Language of Paradox in Mysticism" in *Louvain Studies*, vol. 14, n. 1, 1989, pp. 26 – 37.

Lima, Sílvio – *O Amor Místico: Noção e Valor da Experiência Religiosa*, vol. I. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1935.

Luddy, Ailbe J. – *Bernardo de Claraval*: Life and teaching of St. Bernard. Lisboa: Aster, 1959.

Llull, Ramon – *Livro do Amigo e do Amado*. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.

Louth, Andrew – *The Origins of the Christian Mystical Tradition: From Plato to Denys*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

Lubac, Henri de – *Medieval Exegesis: The Four Senses of Scripture*, vol. 2. Edinburgh/Scotland: William Eerdmans and T. and T. Clark, 2000.

Lubac, Henri de – *Corpus Mysticum: The Eucharist and the Church in the Middle Ages*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007.

Lutz, Tom – *Crying: A Natural and Cultural History of Tears*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1999.

Madre de Dios, Efrén de la – Steggnink, Otger – *Tiempo y Vida de Santa Teresa*. Ávila: La Editorial Católica, 1977.

Maritain, Jacques – *The Degrees of Knowledge*. London: Geoffrey Bles, 1937.

Maritain, Jacques – *Distinguer pour Unir ou Les Degrés du Savoir*. Paris: Desclée de Brouwer & Cie, 1940.

Marques, Maria Alegria Fernandes – Osswald, Helena (coord.) – *As Beiras e a Presença de Cister: Espaços, Património Edificado, Espiritualidade. Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões.* São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2006.

_____ – *Cister: por entre História e Imaginário. Livro Do IX Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões.* São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2014.

Marrone, Claire – *Female Journeys: Autobiographical Expressions by French and Italian Women*. Connecticut: Greenwood, 2000.

Martín Velasco, Juan – *El Fenómeno Místico.* Madrid: Editorial Trotta, 1999.

Martins, António Manuel Alves – "A plenitude de homem em Cristo. A relação entre antropologia e cristologia em Karl Rahner" in *Didaskalia*, n. 35, 2005, pp. 311 – 225.

Martínes-Gayol, Nurya – *Los Excessos del Amor: Figuras Femeninas de Reparación en la Edad Media (siglos XI-XIV)*. Madrid: San Pablo/Universidad Pontificia Comillas, 2012.

Matos Ana Margarida Cabral Mendes de – *Análise histórico-artística do Mosteiro de São Dinis de Odivelas e Contributos para a Recuperação da Flora dos Jardins dos seus Claustros*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2018. Dissertação de Mestrado.

Mattoso, José – *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1982.

Mattoso, José – "Leituras Cistercienses do século XV" in *Do Tempo e da História*, n. 5, 1972, pp. 101-141

Meirinhos, José – "Manuscritos e leituras de S. Bernardo em Portugal na Idade Média" in Maria Alegria Fernandes Marques – Helena Osswald (coord.) – *Cister: por entre História e Imaginário. Livro Do IX Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões.* São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2014.

McAdams, Dan P. – "Personality, modernity, and the storied self: a contemporary framework for studying persons" in *Psychological Inquiry*, vol. 7, issue 4, 1996, pp. 295–321.

McGinn, Bernard – "Love, knowledge, and mystical Union in western Christianity: Twelfth to sixteenth centuries" in *Church History*, vol. 56, issue 1, 1987.

_____ *The Presence of God: A History of Western Christian Mysticism: Foudations of Mysticism: Origins to the Fifth Century*, vol. I. New York: Crossroad Herder Book, 1992.

_____ *The Presence of God: A History of Western Christian Mysticism: The Flowering of Mysticism: Men and Women in the New Mysticism (1200-1300*), vol. III. New York: Crossroad Herder Book, 1998.

_____"The language of inner experience in Christian mysticism" in *Spiritus: A Journal of Christian Spirituality*, vol. 1, n. 2, 2001, pp.156-171.

McNamara, Patrick – *The Neuroscience of Religious Experience.* United States of America: Cambridge University Press, 2009.

Melançon, Benoît (ed.) – *L'invention de l'intimité au siècle des lumières*. Littérales n. 17. Nanterre: Centre des Scienses de la Littérature/Université Paris X, 1995.

Mendes, Paula Almeida – "Porque aqui se vem retratados os passos por onde se caminha para o Ceo": a Escrita e a Edição de "Vidas" de Santos e de "Vidas" Devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012. Tese de Doutoramento.

_____ "Entre a aprendizagem da santidade e a predestinação divina. Algumas notas sobre a infância e a adolescência em "Vidas" de religiosas portuguesas (séculos XVII-XVIII)" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, vol. 19, 2012, pp. 123 – 143.

_____ "A predestinação, a liberdade e a submissão em "Vidas" de religiosas portuguesas (séculos XVII-XVIII) in *Lusitania Sacra*, n. 37, 2018, pp. 93-113.

Miquel, Pierre T. – *Les Oppositions Symboliques dans le Langage Mystique*. Paris: L'Harmattan, 2002.

Moiteiro, Gilberto Coralejo – *As Dominicanas de Aveiro (c.1450 – 1525): Memória e identidade de uma Comunidade Textual.* Lisboa: Faculdade de Ciências Socais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2013. Tese de Doutoramento.

Molder, Maria Filomena – "Línguas perfeitas e línguas imperfeitas" in *Forma de Vida*, n. 5, 2015, pp. 29 – 30.

Molino, Jean – "Stratégies de l'autobiographie au Siècle d'Or" in *L'autobiographie dans le monde hispanique (Actes du Colloque International de la Baume-lès-Aix,Université de Provence, Etudes hispaniques 1*, 1979, pp. 115-137.

Monagle, Clare – James, Carolyn – Garrioch, David – Caine, Barbara – *European Women's Letter-writing from the Eleventh to Twentieth Centuries*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2023.

Morrill, Bruce T. – "Models of liturgical memory: mystical-political dimensions, mythic-historic tension" in *Studia Liturgica*, vol. 50, n. 1, 2020, pp. 40-54.

Morujão, Isabel – "As lágrimas do Menino Jesus: entre a doutrina e a poesia", in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 2, 1995, pp. 131-167.

_____"Poesia e santidade: alguns contributos para uma perceção do conceito de santidade a partir de duas biografias devotas de religiosas do século XVIII português" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 3, 1996, pp. 136 – 137.

_____ "Livros e leituras na clausura feminina de Setecentos" in *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, 2ª série, vol. 19, 2002, pp. 11-170.

_____ "Entre a voz e o silêncio: literatura e espiritualidade nos mosteiros femininos" in *Rever: Revista de Estudos da Religião*, n. 1, 2011, pp. 35-54

_____ *Por Trás da Grade: Poesia Conventual Feminina em Portugal (Séculos XVI-XVIII).* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013.

_____ "O céu de Violante: uma tensão escatológica entre já e ainda não" in *Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa*, vol. 11, n. 37, 2018, pp. 423-433.

_____ "Álbum de Família: representações da santidade na poesia de Violante do Céu" in Cristina Costa Gomes – Isabel Murta Pina – José Manuel Fernandes, O. P. – Maria João Pereira Coutinho (coord.) – *Rastos Dominicanos de Portugal para o Mundo: 600 anos da Província Portuguesa*. Porto: UCP Editora, 2022, pp. 120-121.

_____"Sentidos corporais e sentidos interiores: aproximação às representações da santidade feminina no século XVII em Portugal" in *eHumanista*, n. 56, 2023, pp. 40-57.

Morujão, Isabel – Conde, Antónia Fialho – Morujão, Maria do Rosário (coord.) – *Em Treze Cantos: Epopeia Feminina em Recinto Monástico. O Memorial dos Milagres de Cristo de Maria de Mesquita Pimentel.* Braga: CITCEM/ CIDHEUS/ CHSC, 2014.

Morujão, Maria do Rosário – *Um mosteiro cisterciense feminino: Santa Maria de Celas (séculos XIII-XV).* Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 2001.

Muirhead, I. A. – "The bride of Christ" in *Scottish Journal of Theology*, vol. 5, n. 2, 1952, pp. 175-187.

Mulder-Bakker, Anneke – McAvoy, Liz Herbert (ed.) – *Women and Experience in Later Medieval Writing: Reading the Book of Life*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

Muraro, Luisa – *Lingua Materna, Scienza divina. Scritti sulla Filosofia Mistica di Margherita Porete.* Nápoles: D'Auria, 1995.

Navas, Antonio – "La importância del don de lágrimas en Margery Kempre" in Isabel Morujão – Geise Teixeira (ed. e coord.) – *Poéticas das Lágrimas: Olhares Cruzados sobre Textos e Contextos Femininos*. Porto: CITCEM, 2023, pp. 81 – 90.

Nascimento, Aires A. (introd. e trad.) – *Cister: os Documentos Primitivos. No 9o Centenário da Fundação de Cister.* Lisboa: Edições Colibri, 1999.

Newman, Barbara – *From Virile Woman to WomanChrist: Studies in Medieval Religion and Literature*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.

_____ *God and Goddesses: Vision, Poetry and Belief in Middle Ages*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

_____ "What did it mean to say "I saw"? The clash between theory and practice in Medieval Visionary Culture" in *Speculum*, vol. 89, n. 1, 2005, pp. 1 – 43.

_____ "Charles Williams and the Companions of the Co-inherence" in *Spiritus: A Journal of Christian Spirituality*, vol. 9, n. 1, 2009, pp. 1 – 26.

_____ *The Permeable Self: Five Medieval Relationships*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2021.

Noble, Ivana – *Theological Interpretation of Culture in Post-Communist Context: Central and East European Search for Roots*. Surrey/UK: Ashgate Publishing, 2010.

Nogueira, Maria Simone Marinho – "Aniquilamento e descriação: uma aproximação entre Marguerite Porete e Simone Weil" in *Trans/Form/Ação*, vol. 42, 2019, pp. 193 – 216.

Pacheco, Anita – *A Companion to Early Modern Women's Writing*. Oxford: Blackwell, 2002.

Pacheco, Moreno Laborda – "*A magoa de ver hir esquecendo...": Escrita conventual feminina no Portugal do século XVII*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013. Tese de Doutoramento.

Patton, Kimberley Christine – Hawley, John Stratton (ed.) – *Holy Tears: Weeping in the Religious Imagination.* Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2005.

Paulsell, Stephanie Ann – *Scriptio Divina: Writing and the Experience of God in the Works of Marguerite d'Oingt.* Chicago: University of Chicago Press, 1993.

Pérez Baltasar, Maria Dolores – "Saber y creación literaria: los claustros femininos em la Edad Moderna" in Cuadernos de Historia Moderna, Madrid, 20, 1998, pp. 129 – 143.

Petroff, Elizabeth – *Medieval Women's Visionary Literature*. Oxford: University of Oxford Press, 1986.

Philip, Mary – *Life of Blessed Margaret Mary Alacoque: Religious of the Visitation at Paray-le-Monial (1647 – 1690).* Forgotten Books, 2016.

Philo – *On the Confusion of Tongues, On the Migration of Abraham, Who Is the Heir of Divine Things? On Mating with the Preliminary Studies*. Cambridge/MA: Harvard University Press, 1932.

Pinho, Arnaldo de – "Alguns aspetos da cristologia de S. Bernardo" in *Humanística e Teologia*, n. 14, pp. 335 – 350.

Pinto, Margarida Isabel da Silva – *O Mosteiro de Odivelas no século XIV. Património e Gestão*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2000. Dissertação de Mestrado.

Pinto, Pedro – *Um Contributo para o Conhecimento do Tribunal do Santo Ofício em Arquivos e Bibliotecas Portuguesas*. Lisboa: Centro de Estudos de história Religiosa/ Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020.

Pinto, Tiago André Pacheco da Silva Ribeiro – *Os Títulos e Invocações da Virgem Maria nos Sermões Marianos de Bernardo de Claraval.* Lisboa: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2015. Dissertação de Mestrado.

Polónia, Amélia – Mangas, Francisco (ed.) – *Mobilidades: Olhares Transdisciplinares Sobre um Conceito Global.* Porto: CITCEM, 2021.

Ponte, Maria de Lourdes Belchior – *Frei António das Chagas: Um Homem e um Estilo do Séc. XVII*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1953. Tese de Doutoramento.

Porter, Roy (ed.) – *Rewriting the Self: Histories from the Renaissance to the Present*. London/New York: Routledge, 1997.

Isabelle Poutrin – "*Souvenirs d'enfance. L'apprentissage de la sainteté dans l'Espagne moderne" in Mélanges de la Casa de Velásquez,* vol. 23, 1987, pp. 332-354.

_____ *Le Voile et la Plume: Autobiographie et Sainteté Féminine dans l'Espagne Modern*. Madrid: Casa de Velázques, 1995.

_____ "¿Para qué Servían los Libros de Revelaciones de Mujeres? Deleites Místicos, Movimentación Católica y Entretenimiento Devoto en la España Barroca" in Baranda Leturio, Nieves – Marín Pina, María Carmen (ed.) – *Letras en la Celda. Cultura Escrita en los Conventos Femeninos en la España Moderna*. Madrid: Ibero-Americana/Vervuert, 2014, pp. 147-158.

Queirós, Helena – *Spiritualité, Éducation des Femmes et Representations du Corps Féminin au Portugal (XVIIe – XVIIIe Siècles)*. Sorbonne/Porto: Université Sorbonne Nouvelle Universidade do Porto, 2021. Tese de Doutoramento.

Rahner, Karl – "Le Début d'une doctrine des cinq sens spirituals chez Origène" in *Revue d'Ascétique et de Mystique*, n. 13, 1932, pp. 112-145.

_____ – "Théologie et anthropologie" in *Écrits Thêologiques*, n. XI, Paris, 1970.

Rangel, Leonardo Coutinho de Carvalho – *Esposas de Cristo: Santidade e Fingimento no Portugal Seiscentista.* Salvador: Universidade Federal da Baía, 2018. Tese de Doutoramento.

_____ "Mulheres e santidade fingida no Portugal moderno: as Mazedas do beatério do padre Couceiro" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 29, 2022, pp.49 – 85.

Rêpas, Luís Miguel – *Quando a Nobreza Traja de Branco: a Comunidade Cisterciense de Arouca durante o Abadessado de D. Luca Rodrigues (1286-1299)*. Leiria: Magno Edições, 2003.

_____ *As Esposas de Cristo. As comunidades cistercienses femininas na Idade Média.* Coimbra: Universidade de Letras de Coimbra, 2021. Tese de Doutoramento.

_____ "Ela houve mao preço, e colheu-se, com medo deste paai soarez, seu marido, a arouca, e filhou havito". Mulheres que procuram asilo em mosteiros cistercienses" in Amélia Polónia – Francisco Mangas (ed.) – *Mobilidades: Olhares Transdisciplinares Sobre um Conceito Global*. Porto: CITCEM, 2021, pp. 427-440.

_____ "Practise and the *Periculoso* in the Convent of Odivelas (Lisbon): Royal Statutes and Female Enclaustration in Medieval Portugal (c. 1295-1319)" in FONTES, João Luís Inglês Fontes – Luís Filipe Oliveira (coord.) – *Os Territórios da Lisboa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2022, pp. 277-309.

_____ "As várias faces das monjas cistercienses em Portugal (1211-1385) in *Medievalista Online*, n. 33, 2023, pp. 1-14.

Resende, Nuno – "Vasconcelos: a história social de um prato: Mosteiro de São João de Tarouca. Século XVIII" in Luís Sebastian – Nuno Resende – *Cister no Douro*. Lamego: Museu de Lamego, 2015, pp. 126 – 133.

Ribeiro, António Vitor – "Quando os santos recolhem ao leito: mística, santidade e modernidade em Portugal entre os séculos XVII e XX" in *Lusitania Sacra*, n. 28, 2013, pp. 119-152.

Rossi Vairo, Giulia – "O Mosteiro de S. Dinis de Odivelas, panteão régio (1318-1322)" in Santos, Carlota (coord.) – *Família, Espaço e Património*. Braga: CITCEM, 2012, pp. 433 – 488.

_____ "Isabel de Aragão e a ordem de Cister em Portugal" in Franco, José Eduardo – Abreu, Luís Machado (coord.) – Para a História das Ordens e Congregações Religiosas em Portugal, na Europa e no Mundo. Lisboa: Paulinas, 2014, pp. 287-300.

Rudy, Gordon – *Mystical Language of Sensation in the Later Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2002.

Rush, Alfred C. – "Death as spiritual marriage: individual and ecclesial eschatology" in *Vigiliae Christianae*, issue 26, 1972, pp. 81-101;

Russell, Robert John – Murphy, Nancy – Meyering, Theo C. – Arbib, Michael A. (ed.) – *Neuroscience and the Person: Scientific perspectives on Divine Action.* Berkeley, CA: Center for Theology and the Natural Sciences, 2004.

Salih, Sarah – *Versions of Virginity in Late Medieval England*. Cambrigde: Boydell&Brewer, 2001.

San Bernardo – *Obras Completas de San Bernardo*, tomo V, Sermones sobre el Cantar de los Cantares. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1987.

_____ *Obras Completas de San Bernardo*, tomo II, Tratados (2º). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.

_____ *Obras Completas*, tomo VII, Cartas. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2003.

_____ *Obras Completas,* tomo III, Sermones Litúrgicos (1º). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.

_____ *Obras Completas*, tomo IV, Sermones Litúrgicos (2º). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006.

Sánchez Lora, José – *Mujeres, Conventos e Formas de Religiosidad Barroca*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1988.

Sanchéz Sanchéz, Rosa Maria – *Literatura de espiritualidade em contexto feminino. A livraria do convento das carmelitas descalças de S.to Alberto (séculos XVII-XVIII).* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2021. Tese de Doutoramento.

Sanmartín Bastida, Rebeca – *La Comida Visionaria. Formas de Alimentación en el Discurso Carismático Feminino del Siglo XVI.* Splash Ediciones, 2017.

_____ "Dame de aquellos arroyos de lágrimas": la performance del llanto en una visionaria castellana de finales del medievo" in Isabel Morujão – Geise Teixeira (ed. e coord.) – *Poéticas das Lágrimas: Olhares Cruzados sobre Textos e Contextos Femininos*. Porto: CITCEM, 2023, pp. 91 – 106.

Santos, André Pequeno dos – *Entre Livros e Estantes: a Livraria do Mosteiro de São Bento da Vitória à Luz do Inventário de 1769.* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade Lisboa, 2019. Dissertação de Mestrado.

Santos, Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva – *O Domínio de Santa Maria do Lorvão no Século XIV. Gestão Feminina de um Património Fundiário.* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001.

Santos, Zulmira C. – "Oração e devoção em modelos de comportamento femininos do séc. XVIII em Portugal: das memórias da condessa de Atouguia ao elogio de D. Ana Xavier" in *Ricerche di Storia Sociale e Religiosa*, n. 74, 2008, pp. 31-47.

_____ "Escrita conventual feminina: um "arquipélago submerso". Apenas algumas notas" in Fontes, João Luís – Andrade, Maria Filomena – Marques, Tiago Pires (coord.) – *Vozes da Vida Religiosa Feminina: Experiências, Textualidades e silêncios (Séculos XV-XXV).* Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2015, pp. 23 – 29.

Santos, Zulmira C. – Mendes, Paula Almeida – Nemésio, Maria Inês – Fontes *para o Estudo da Santidade em Portugal na Época Moderna*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2013.

Santos, Zulmira C. – Queirós, Helena – "Letras e gestos: programas de educação feminina em Portugal nos séxulos XVIII-XIX" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 19, 2012, pp. 59-122.

Schutte, Anne Jacobson - *By Force and Fear: Taking and Breaking Monastic Vows in Early Modem Europe*. Ithaca: Cornell University Press, 2011.

Sena-Lino, Pedro – *Estratégias por Correspondência: Uma leitura da obra de Feliciana de Milão.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013. Tese de Doutoramento.

Serrado, Joana – *Ancias/Anxiousness in Joana de Jesus (1617-1681): Historical and Philosophical Approaches*. Holanda: Universidade de Groningen, 2014. Tese de Doutoramento.

_____ "Sequedades em Teresa de Jesús e a sua discípula portuguesa, Joana de Jesus" in Joaquim Teixeira (ed.) – *Congresso Internacional: A Reforma Teresiana em Portugal*. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2017, pp. 83 – 96.

Sheldrake, Philip – "A Critical Theological Perspective" in Julia A. Lamm (ed.) – *The Wiley-Blackwell Companion to Christian Mysticis*m. USA: Blackwell Publishing, 2013, pp. 533-549.

Shells, Michael – *Mystical Languages of Unsaying*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

Silva, Inocêncio Francisco da – *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo 6. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1862.

Silva, Maria Leonor Ferraz de Oliveira – *O Domínio de Santa Maria do Lorvão no Século XIV*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001.

Sobral, Cristina – "O modelo discursivo hagiográfico" in *Modelo*. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval. Porto: Faculdade de Letras, 1995, pp. 97-107.

Sousa, Helena – *Nas Dobras da Carta: Textos e Contextos Femininos.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2020. Dissertação de Mestrado.

Stock, Brian – *The Implications of Literacy: Written Language and Models of Interpretation in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Princeton: Princeton University Press, 1983.

Suárez, Úrsula – *Relación Autobiográfica*, Mario Ferreccio Podestá (prólogo e edição crítica) e Armando de Ramóns (Estudo preliminar). Santiago do Chile: Biblioteca Antigua Chilena, 1985.

Szarmach, Paul E. (ed.) – *Introduction to the Medieval Mystics of Europe*. Albany: State University Of New York Press, 1984.

Tavares, Pedro – "Portugal e a condenação de Miguel de Molinos: impacto e primeiras reações" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, vol. 1, 1994, pp. 157 – 183.

Tavares, Pedro Vilas Boas – "Caminhos e invenções da santidade feminina em Portugal nos séculos XVII e XVIII (Alguns dados, problemas e sugestões)" in *Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n. 3, 1996, pp. 163-215.

_____ *Beatas, Inquisidores e Teólogos. Reação Portuguesa a Miguel de Molinos*, tomo I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002. Tese de Doutoramento.

_____ "Papel dos jesuítas no anti-quietismo em Portugal" in *Atas do Colóquio Internacional A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos Sécs. XVI e XVII.* Porto: Universidade do Porto, 2004, pp. 487-504.

Taylor, Charles – *A Secular Age*. Cambridge/ Londres: Harvard University Press, 2007.

Teyssier, Paul – *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá Costa, 1987.

Thompson, William M. (introd.) – Glendon, Lowell M. (trans.) – *Bérulle and the French School: Selected Writings.* New York: Paulist Press, 1989.

Trottmann, Christian – *Bernard de Clairvaux et la Philosophie des Cisterciens du XIIe siècle*, Turnhout: Brepols, 2020.

Turner, Denys – *Eros and Allegory: Medieval Exegesis of Song of Songs.* Kalamazoo: Cistercians Press, 1995.

Underhill, Evelyn – *Mysticism: A Study in the Nature and Development of Man's Spiritual Consciousness.* London: Methuen, 1911.

Usunáriz, Jesús – Astiz, Javier Ruiz (ed.) – *La Mujer y los Universos Femeninos en las Fuentes Documentales de la Edad Moderna.* Madrid: Dykinson, 2023.

Van Hyning, Victoria – *Convent Autobiography: Early Modern English Nuns in Exile.* Oxford: Oxford University Press, 2019.

Vasconcelos, Hermínia Vilar – Branco, Maria João – "O Mosteiro de S. Dinis de Odivelas" in *Actas. Congreso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal*, vol. I, Ourense: Xunta de Galicia, 1992, pp. 589-601.

Verdeyen, Paul – "Un théologien de l'expérience" in *Sources Chrétiennes: Bernard de Clairvaux: Histoire, Mentalités, Spiritualité (Colloque de Lyon-Cîteaux-Dijon),* n. 380. Paris: Cerf, 1992, pp. 557 – 577.

Via Spiritus: Revista da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso, n. 22, 2015, pp.1-198.

Vicente, Marta – Corteguera, Luis (ed.) – *Women, Texts and Authority in Early Modern Spain*. Burlington: Ashgate, 2004.

Vigário, Rafael Marques – *O Mosteiro de Arouca no Século XV (1400-1437). A Comunidade e o Património.* Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007;

Viller, Marcel – Cavallera, Ferdinand – Guibert, Joseph de (ed.) – *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*. Paris: Beauchesne, 1932/1995.

Viterbo, Francisco Marques de Sousa – "A música nos conventos de freiras" in Viterbo, Francisco Marques de Sousa – *Artes e Artistas em Portugal: Contribuições para a História das Artes e Industrias Portuguezas*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1892, pp. 185-192.

Weber, Alison – *Teresa of Avila and the Rhetoric of Femininity*. United States of America: Princeton University Press, 1996.

Weil, Simone – *A Gravidade e a Graça*. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

_____ *Espera de Deus*. Lisboa: Assírio&Alvim, 2005.

Weinstein, Donald – Bell, Rudolph M. – *Saints and Society: Christendom, 1000-1700.* Chicago/London: The University of Chicago Press, 1982.

Whitty, Monica – "Possible selves: an exploration of the utility of a narrative approach" *in Identity: An International Journal of Theory and Research*, issue 2, 2002, pp. 211–228.

Wildman, Wesley J. – Brothers, Leslie A. – "A neuropsychological-semiotic model of religious experiences" in Russell, Robert John – Murphy, Nancy – Meyering, Theo C. – Arbib, Michael A. (ed.) – *Neuroscience and the Person: Scientific perspectives on Divine Action.* Berkeley/CA: Center for Theology and the Natural Sciences, 2004.

Williams, David H. – *The Early Cistercian Nuns (1098-1350)*. UK: Gracewing, 2023;

Woodford, Charlotte – *Nuns as historians in Early Modern Germany*. USA: Oxford University Press, 2022.

Woods, Richard (ed.) – *Understanding Mysticism.* Garden City: Image Books, 1980.

Wyschogrod, Edith – *An Ethics of Remembering: History, Heterology, and the Nameless Others.* Chicago: University of Chicago Press, 1998.

Yoshikawa, Naoë Kukita – *Margery Kempe's Meditations: the Context of Medieval Devotional Literature, Liturgy and Iconography.* Cardif: University of Wale Press, 2007.

Zambrano, María – *A Metáfora do Coração e Outros Escritos*. Lisboa: Assírio&Alvim, 1993.

_____ *Clareiras do Bosque*. Lisboa: Relógio d'Água, 1995 (1).

_____*O Homem e o Divino*. Lisboa: Relógio d'Água, 1995 (2).

_____ *O Sonho Criador*. Lisboa: Assírio&Alvim, 2006.

Zarri, Gabriela – *Le Sante Vive. Profezie di Corte*. Torino: Rosenberg&Sellier, 1990.

_____ *Finzione e Santità tra Medioevo ed età Moderna*. Torino: Rosenberg&Sellier, 1991.

Zarri, Gabriella (org.) – *Per Lettera: La Scrittura Epistolare Femminile tra Archivio e Tipografia. Secoli XV-XVII*. Roma: Viela, 2011.

Zugasti, Miguel – "Santidad bajo sospecha: la vida de Sor Juana de la Cruz (1481 – 1534) en florilégios de santos, crónicas u escenarios del Siglo de Oro in González Fernández, Luis – Rodríguez, Teresa (dir.) – *La transmission de savoirs licites et illicites dans le monde hispanique péninsulaire (XIIe au XVIIesiècles): Hommage à André Gallego.* Toulouse: Presses Universitaires du Midi, 2011.

Índice onomástico

Abreu, Luís Machado, 31
Adnés, Pierre, 174
Agamben, Giorgio, 308
Agostinho de Hipona, Santo, 65, 66, 109, 115, 140, 155, 176, 198, 248, 256, 271, 279, 283, 295, 309
Ágreda, María de Jesús de, 49, 51, 56, 77
Alacoque, Margarida Maria, Santa, 74, 177, 178
Alberico de Cister, 80
Alexandre III (Papa), 96
Algranti, Leila Mezan, 42
Almada, Maria de, 39
Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de, 84
Almeida, Fortunato de, 44
Almeida, Isabel, 41
Almeida, João Ferreira de, 75
Alston, William P., 135, 326
Altamirano, José, 49
Álvares, António, 48
Amaral, Maria José Caldeira do, 15
Amsler, Mark, 59
Anastácio, Vanda, 13
Andrade, Alonso de, 112
Andrade, José Maria de, 83
Andrade, Maria Filomena, 34, 72
Andrés, Melquíades, 190
Ângela de Foligno, Santa, 58, 127, 223
Anjos, Frei Luís dos, 71
Antigua, María de la, 51, 65
António, Frei José, 49
Anunciada, Teresa da, 47
Araceli, Guillaume-Alonso, 44
Araújo, Joaquim de, 32
Arbiol y Díez, Frei Antonio, 50, 56
Arenal, Electa, 114
Assumpção, Frei Diogo de, 48
Assumpção, Lino de, 83
Aveiro, Frei Pantaleão de, 50, 53, 54
Azevedo, Carlos Moreira, 42, 44, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 79, 113, 248
Azevedo, Diogo Manuel Aires de, 21
Azevedo, Frei Miguel de, 130
Baranda, Nieves, 57, 78
Barata, José Oliveira, 99
Barata, Paulo J. S., 41, 43, 47
Barbeito, Carneiro María Isabel, 12
Barbosa, Pedro Gomes, 82
Baruzi, Jean, 134
Baschet, Jérôme, 155
Basu, Helene, 147, 148
Bazílio, Frei João, 50
Beatriz de Nazaré, 139, 175, 272, 289
Beckman, Patricia Z., 133, 135, 145, 198, 203, 258, 292, 295
Bedford, Ronald, 114
Belém, Frei Jerónimo de, 49
Belém, Jerónimo, 301
Bell, Rudolph M., 162, 165, 281
Belo, Filomena, 13, 161, 165
Bento XIV (Papa), 75, 273
Bergamo, Mino, 158
Bernardes, Manuel, 186
Bernardo de Claraval, São, 1, 2, 9, 17, 18, 21, 30, 47, 51, 56, 57, 70, 74, 80, 81, 82, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 106, 120, 123, 132, 135, 138, 175, 176, 181, 185, 195, 215, 224, 247, 266, 268, 279
Bérulle, Pierre de, 140
Bhabha, Homi K., 125
Bizzini, Silvia Caporale, 111
Boaventura, Frei José da Silva, 49
Boaventura, São, 176, 223, 259
Boneta y Laplana, Padre José, 50, 52, 54
Boquet, Damien, 223
Borges, Nelson Correia, 83
Borrielo, Luigi, 132
Bourbon Parme, Rémy de, 80
Boureau, Alain, 110
Bourgoing, Jean François, 33
Bouyer, Louis, 133
Bouza Alvarez, Fernando, 41
Branco, Maria João, 31
Brandão, Frei Francisco, 31
Brígida da Suécia, 175
Brito, Bernardo de, 31, 68, 84, 85

Brothers, Leslie A., 132
Brown, Rachel Fulton, 258
Bruner, Jerome, 121
Bruun, Mette Birkedal, 81, 82
Buitelaar, Marjo, 112, 123
Burke, Peter, 113
Bynum, Caroline Walker, 90, 130, 162, 166, 175, 249, 256, 289
Cabral, Violante (abadessa), 52
Caetano, José, 161
Caine, Barbara, 318
Calvo, Pedro, 235
Campos, Fernanda Maria Guedes de, 41, 47, 54
Cardoso, Adelaide, 74
Cardoso, Jorge, 34, 71
Cardoso, Padre Paulo, 48
Carneiro, Domingos, 53
Carneiro, Frei Álvaro, 50
Carneiro, Padre António, 48
Carrasco, Rolando, 293, 294, 309
Carruthers, Mary, 279, 281, 285
Carvajal y Mendoza, Luisa de, 58
Carvalho, Francisco, 50
Carvalho, Joaquim Félix de, 224
Carvalho, José Adriano de Freitas, 16, 41, 44, 45, 46, 64, 65, 66, 79, 112, 195
Castanheira, Frei António da, 49, 52
Castaño Moraga, Víctor Javier, 176
Castelo Branco, Antónia Margarida de (Clara do Santíssimo Sacramento), 24, 28, 78, 199, 301, 312, 313, 335
Castelo Branco, Camilo, 36
Castelo Branco, Frei Bernardo de, 37
Castillo Gómez, Antonio, 42, 77, 107, 307
Castro, Francisco Lyon de, 113
Castro, Padre Francisco, 48
Castro, Zília Osório de, 12, 73
Catarina de Sena, 175
Cátedra, Pedro M., 40
Cedillo, Christina Victoria, 218
Ceia, Carlos, 107, 317
Certeau, Michel de, 15, 115, 122, 133, 144, 173, 218, 248, 322
Céu, Maria do, 13, 14, 16, 30, 35, 109, 110, 113, 161, 165, 272, 298
Céu, Violante do, 30, 72, 202, 236, 298
Chagas, Frei António das, 45, 50, 53
Chance, Jane, 114
Chartier, Roger, 110, 328, 329
Chorão, Maria José Mexia Bigotte, 44
Cioran, É. M., 235
Cirlot, Juan Eduardo, 150, 224
Cirlot, Victoria, 59, 286, 287
Cixous, Helène de, 117
Coakley, John Wayland, 113
Coelho, Maria Helena da Cruz, 84
Conceição, Frei Apolinário da, 49
Conde, Antónia Fialho, 13, 45, 46, 72, 77, 265
Conrado de Eberbach, 95
Consciência, Padre Manuel da, 48, 50
Corral Díaz, Esther, 59, 286, 287
Corrigan, John, 147
Corte Real, Francisca Maria, 39
Corteguera, Luis, 114
Costa, Avelino de Jesus da, 75
Costa, Elisa Maria Lopes da, 73
Costa, Leonel da, 49
Courcelle, Pierre, 115
Courcelles, Dominique de, 40
Coutinho, Maria João Pereira, 72
Couto, Anabela Galhardo, 18, 111, 116, 124
Craesbeeck, Pedro, 31, 49, 84
Cruz, Frei Afonso da, 49
Cruz, Helena da (madre), 113
Cruz, Juana de la, 56, 57
Cruz, Maria Antonieta, 78
Cruz, María de la, 153, 290
Cunha, Mafalda Férin, 18
Cunha, Mafalda Maria Ferin, 116
Curto Hernández, María Victoria, 266
D. Afonso Henriques (rei de Portugal), 84
D. Dinis (rei de Portugal), 31, 32
D. Filipa de Lencastre, 22
D. Isabel de Aragão, 31
D. João de Soalhões, 31
D. João V (rei de Portugal), 32, 35, 73, 99

D. José I (rei de Portugal), 73
D. Mafalda Sanches de Portugal, 84
D. Sancha Sanches de Portugal, 84
D. Sancho I (rei de Portugal), 84
D. Teresa Sanches de Portugal, 83
Dailey, Patricia, 20, 198, 199, 213, 215, 216, 217, 219, 276, 279
Dauphin, Cécile, 110
David (figura bíblica), 233
David de Augsburgo, 258
Davis, Lloyd, 114
Daybell, James, 110
Dekker, Rudolf, 112
Delehaye, Hippolyte, 113
Deslandes, Miguel, 53
Deus, Frei Manuel de, 48
Deus, Padre Jerónimo da Madre de, 50
Dias, Geraldo J. A. Coelho, 81, 87, 89, 91, 94, 95, 96
Dias, José Sebastião da Silva, 70
Dias, Maruzânia Soares, 15
Dickinson, Emily, 150, 197
Dinzelbacher, Peter, 28, 134, 147, 188
Dique, Ventura Isabel, 26, 73
Doroteia de Montau, 175
Dronke, Peter, 331
Duarte, Alexandre Freire, 135, 328
Duby, Georges, 12
Dumouriez, Charles-François, 34
Duque, José Félix, 13, 74, 186, 187, 203
Durán López, Fernando, 114
Eco, Umberto, 310
Egan, Harvey, 135
Elliott, Dyan, 175
Emilia Cornejo, María, 160
Encarnação, Frei Gaspar da, 73
Encarnación, Estefanía de la, 297
Erikson, Martin G., 121
Estêvão Harding, 80
Eugénio III (Papa), 90
Evágrio do Ponto, 139
Evangelista, Mariana do, 199
Fardilha, Luís de Sá, 195
Faria, Daniel, 160
Feijó, Frei Benito Jerónimo, 48
Feliciana de Milão, 41
Fernandes, José Manuel, 72
Fernandes, Maria de Lurdes Correia, 42, 46, 55, 56, 70, 71, 113, 195
Ferreira, Magna Margarida, 265, 348
Ferreira, Maria do Céu de Sousa, 13, 110
Figueiredo, A. C. Borges de, 21, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 40, 60, 212, 213, 253, 265
Figueiroa, António, 54
Fílon de Alexandria, 154
Fiores, Stefano de, 91, 136, 248, 330
Fletcher, Angus, 135
Fonseca, António Isidoro da, 99
Fonseca, Baltasar Pinto da, 22
Fontes, João Luís, 34, 72
Foxhall, Katherine, 166
Francisco de Assis, São, 68, 163
Franco, José Eduardo, 31
Freedberg, David, 201
Freeman, Elizabeth, 82
Frenck, Margit, 47
Frick, Deborah, 164
Front, Carme, 14
Galrão, António Pedroso, 52, 53
Garbay-Velázquez, Estelle, 189
García Bazán, Francisco, 133
Garí, Blanca, 19
Garrioch, David, 110, 318
Genio, Maria Rosaria del, 132
Gertrudes de Helfta, 64, 65, 66, 112, 176, 266, 272, 324
Gilson, Étienne, 96
Glendon, Lowell M., 140
Goffi, Tullo, 136, 248, 330
Gomes, Cristina Costa, 72
Gomes, Saúl, 31, 87, 88, 89
Gomez de las Bárcenas, Alberto, 91
González Fernández, Luis, 57
González-Díaz, María, 236
Gouveia, António Camões, 72
Graef, Hilda, 135
Granada, Frei Luís de, 50, 79
Grassi, Marie-Claire, 110
Graziosi, Elizabeta, 13
Greenspan, Kate, 114
Gregório de Elvira, 248
Gregório de Nissa, 145, 198

Gregório Magno, 271
Guilherme de São Teodorico, 139, 140, 279
Guimarães, José Ribeiro, 36
Guinot Ferri, Laura, 76
Gusmão, Alexandre de, 50
Gusmão, Artur Nobre de, 83
Hadewijch de Brabante, 132, 138, 159, 160, 175, 201, 215, 229, 245, 250, 272, 279, 303, 322
Hamburger, Jeffrey F., 201
Hatab, Lawrence J., 134
Hatherly, Ana, 13
Hawley, John Stratton, 233, 234, 235, 241
Hermans, Hubert, 123, 125, 126
Hermans-Konopka, Agnieszka, 127
Herpoel, Sonja, 19, 26, 58, 108, 116, 118, 153, 283, 284, 290, 297, 301, 309, 336
Higley, Sarah, 311
Hildegarda de Bingen, 166, 272, 311
Hilst, Hilda, 278
Hollywood, Amy, 15, 18, 132, 133, 135, 136, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 157, 198, 203, 230, 258, 292, 295, 306, 307, 314, 317
Houdard, Sophie, 135
Hsia, Ronnie Po-Chia, 76
Huerta Román, Pilar, 67
Hyland, Ken, 319
Hyning, Victoria Van, 114
Ildefonso de Toledo, Santo, 248
Inácio de Loiola, Santo, 28, 49, 69, 115
Ionel, Aurelia, 55
Iunti, Thomas, 56
Izquierdo, Padre Sebastián, 49
Jacquinet, Maria Luísa, 18, 80, 106, 161
James, Carolyn, 110, 318
James, William, 122, 136
Jan van Ruusbroec, 152
Jarger, Stephen C., 198
Jesús, Ana de, 58, 335
Jesus, Frei Tomé de, 54
Jesus, Isabel do Menino, 58, 74, 116, 186, 202, 203
Jesus, Isabel Henriques de, 12
Jesus, Joana de, 14, 16, 109, 115, 119, 146, 200, 246, 272, 297, 299, 312, 325
Jesus, Maria Josefa do Menino, 53
Jesus, Maria Madalena de, 301
Jesus, Tomás de, 49
Jiménez Duque, Baldomero, 115
João da Cruz, São, 51, 65, 122, 143, 158, 182, 190, 316, 338
João Damasceno, 258
João Evangelista (apóstolo), 177, 212, 213
João XXII (Papa), 76
Julian, Carmen Val, 40
Juliana de Norwich, 286
Kallendorf, Hilaire, 16, 114, 184
Kasten, Ingrid, 198
Katz, Steven K., 326
Kelly, Philippa, 114
Kieckhefer, Richard, 165
Kierkegaard, Søren, 123, 156, 168
Kim, Yonsoo, 164, 166
King, Ursula, 135
Knoppers, Laura Lunger, 114
Koyré, Alexandre, 134
Lacerda, Fernando Correia de, 48, 52
Lado, Maria do, 272
Lagos, Elena, 293, 294, 309
Lalanda, Margarida, 44, 45, 46, 47, 72, 77, 79
Lalanda, Margarida Sá Nogueira, 43
Laningham, Diane Susan, 114
Largier, Niklaus, 198, 215, 258, 286, 287, 311, 317
Lavrin, Asunción, 30
Lavrin, Asunción, 106
Leclercq, Jean, 81, 317, 331
Lejeune, Philippe, 129
Lessa, Elisa Maria Maia da Silva, 265
Lewis, C. S., 321
Ligo, Vivian, 134
Lima, Sílvio, 16, 140, 142, 249, 250
Llansol, Maria Gabriela, 156, 295
Lobo, Padre Álvaro, 71
Loios, Francisco, 203
Lopes, Adília, 338
Loreto, Rosalva, 30

Lubac, Henri de, 132, 199, 248, 256
Lutz, Tom, 233, 234
Machado, Diogo Barbosa, 21
Madre Greyfié, 178
Magalhães, Olga, 72
Malabotta, Melita Richter, 111
Malinar, Angelika, 147, 148
Mangas, Francisco, 84
Marco Túlio Cícero, 195
Margarida de Oingt, 272, 287, 293, 299, 309
Margery Kempe, 235, 279, 283, 284
Marguerite Porete, 20, 128, 143, 159, 316
María de la Torre, Juan, 89
Maria Egipcíaca, Santa, 49
Maria Joana (sóror), 106, 161
Maria Madalena (figura bíblica), 39, 61, 204, 210, 211, 212, 213, 233
Maria, Francisco de Santa, 50
Maria, Frei Agostinho de Santa, 51
Maria, Frei José de Jesus, 48
Marín Pina, María Carmen, 57
Maritain, Jacques, 134
Marques, João Francisco, 74
Marques, Maria Alegria Fernandes, 31, 82, 83, 94
Marques, Tiago Pires, 34, 72
Marrone, Claire, 114
Martín Velasco, Juan, 15, 133, 134
Martínes-Gayol, Nurya, 166, 176, 180, 181
Martins, António Manuel Alves, 126, 127
Martins, Maria, 85
Martins, Rui Cunha, 84
Mascarenhas, Francisca Bernarda, 39
Mascarenhas, Mariana, 39
Matilde de Magdeburgo, 175, 235, 306, 307, 314
Matos, Ana Margarida Cabral Mendes de, 34, 35
Mattoso, José, 41, 83
McAdams, Dan P., 121
McAvoy, Liz Herbert, 115
McGinn, Bernard, 65, 132, 133, 138, 139, 145, 152, 158, 214, 215, 217, 295, 309, 332
McNamara, Patrick, 20, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 136, 282
Meany, Mary Walsh, 127
Meirinhos, José, 81, 82, 83, 88, 195
Melo, Helena Pereira de, 12
Mendes, Nuno Resende, 22
Mendes, Paula, 13, 58, 72, 76, 112, 113, 195
Mendonça, Eufrásia Antónia de, 39
Meo, Salvatore, 91
Milão, Feliciana de, 53
Miquel, Pierre T., 133
Miranda, Isabel, 42
Moiteiro, Gilberto Coralejo, 59, 117
Molder, Maria Filomena, 317
Molino, Jean, 298
Monagle, Clare, 110, 318
Morrill, Bruce T., 280
Morujão, Isabel, 13, 27, 28, 41, 43, 44, 45, 46, 72, 76, 77, 78, 160, 199, 202, 235, 236, 237, 265, 266, 271, 297, 302
Morujão, Maria do Rosário, 13, 83
Mostaccio, Silvia, 78
Moura, Luísa de, 26, 39
Muirhead, I. A., 174
Mulder-Bakker, Anneke, 115
Muller, Patrícia, 36
Muraro, Luisa, 316, 317
Murphy, Nancy, 132
Nascimento, Aires A., 81
Nascimento, Inês Margarida do, 52
Navarro, Frei Pedro, 50, 56
Nemésio, Maria Inês, 13, 72, 76
Newman, Barbara, 121, 122, 124, 176, 179, 201, 274
Nieremberg y Otin, Juan Eusebio, 49, 54
Noble, Ivana, 278
Nogueira, Maria Simone Marinho, 128
Nora, Pierre, 14
Orígenes, 174, 176, 185, 198
Osswald, Helena, 31, 78, 82, 94
Osuna, Francisco de, 189, 190

Pacheco, Anita, 114
Pacheco, Frei João, 49
Pacheco, Moreno Laborda, 13, 78
Pacho, Eulogio, 115
Paiva, José Pedro, 76
Paixão, Frei Arsénio da, 49, 52
Palma-Ferreira, João, 13, 24
Patton, Kimberley Christine, 233, 234, 235, 241
Paula, Rodrigo Teodoro de, 265
Paulsell, Stephanie, 299
Pawlowski, Padre Daniel, 53
Pedraza Gracia, Manuel José, 41
Pérez Baltasar, María Dolores, 45, 77
Perrot, Michelle, 12
Petroff, Elizabeth, 120, 165, 276
Philip, Mary, 178, 179
Pilar, Frei Amaro do Pilar, 22
Pimental, Maria de Mesquita, 30
Pina, Isabel Murta, 72
Pinho, Arnaldo de, 95
Pinta, Isabel, 22
Pinto, Margarida Isabel da Silva, 38
Pinto, Pedro, 56
Pinto, Tiago André Pacheco da Silva Ribeiro, 95
Pio VIII (Papa), 96
Pistra, Froukje, 112
Pitstra, Froukja, 123
Plotino, 140
Polónia, Amélia, 84
Pomata, Giana, 13
Pontes, Maria de Lourdes Belchior, 70
Poutrin, Isabelle, 57, 58, 115, 118
Prazeres, Frei João dos, 112
Presser, Jacques, 112
Puech, Henri – Charles, 134
Puente, Luís de la, 51, 67
Purificação, Mariana da, 130
Queirós, Helena, 13, 78
Rahner, Karl, 127, 198
Raimundo de Cápua, 176
Raimundo Lúlio, 246, 257, 288
Ramos, José Augusto, 75
Ramos, Luís António de Oliveira, 78
Rangel, Leonardo Coutinho de Carvalho, 79
Rêpas, Luís Miguel, 31, 32, 38, 83, 84
Resende, Nuno, 22
Ribeiro, Jorge Martins, 78
Ricardo de São Vítor, 140
Rich, Adrienne, 12
Roberto de Molesme, 80
Rodrigues, Simão, 210
Rodríguez, Teresa, 57
Rosário, António do, 54
Rosário, Frei António do, 50
Rossi Vairo, Giulia, 31, 32
Rudy, Gordon, 198, 229
Ruiz Astiz, Javier, 41
Rush, Alfred C., 152, 185
Russell, Robert John, 132
Sá, Vanda de, 265
Sala Balust, Luís, 115
Sales, Francisco de, 50, 259
Salih, Sarah, 283
Salinas, María, 284
San José, Ana María de, 301
San José, Mariana de, 309
Sánchez Lora, José, 57
Sánchez Lora, José, 57
Sanchéz Sanchéz, Rosa Maria, 41, 42
Sánchez Sánchez, Rosa Maria, 55
Sanmartín Bastida, Rebeca, 15, 162, 236
Santo Isidoro de Sevilha, 248
Santo, Frei António do Espírito, 139
Santo, José do Espírito, 186
Santos, André Pequeno dos, 55
Santos, Frei Manuel dos, 51
Santos, Ilda Mendes dos, 41
Santos, Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva, 83
Santos, Zulmira C., 13, 34, 72, 73, 76, 78, 113
São Bernardo, Maria Micaela de, 1, 2, 9, 13, 14, 16, 18, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 47, 51, 54, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 76, 80, 87, 92, 93, 95, 96, 106, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 118, 120, 124, 127, 132, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 155,

156, 157, 159, 161, 162, 164, 166, 167, 171, 172, 173, 176, 178, 179, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 203, 204, 212, 213, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 236, 237, 239, 241, 244, 249, 250, 251, 256, 259, 262, 263, 265, 267, 273, 274, 276, 281, 282, 284, 286, 287, 288, 289, 292, 293, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304, 307, 308, 310, 311, 314, 315, 320, 321, 322, 324, 325, 326, 327, 332, 333, 334
São Boaventura, 48
São Paulo (Paulo de Tarso), 15, 42, 123, 141, 145, 168, 174, 185, 198, 234, 249, 256, 308
São Pedro (apóstolo), 233
São Pedro, Frei João de, 21
Schlau, Stacey, 114
Schutte, Anne Jacobson, 33
Scupoli, Padre Lourenço, 48
Sequeira, Gustavo de Matos, 32
Serrado, Joana, 13, 115, 119, 130, 146, 200, 246, 297, 299, 312, 325, 326
Serrão, Domingos Vieira, 210
Serrão, Vítor, 210
Shells, Michael, 134
Silva, Francisco Ribeiro da, 78
Silva, Guiomar da, 85
Silva, Helena da, 86
Silva, Inocêncio Francisco da, 26
Silva, Manuel da, 52
Silva, Maria Madalena da, 39
Silva, Paula Teresa da, 26, 32, 35
Smith, Roger, 110
Soares, Brás, 42
Sousa, Ana Maria de, 39
Sousa, António Caetano de, 71
Sousa, Helena, 78, 120
Sousa, João de (arcebispo), 78
Sousa, Luís de (arcebispo), 203
Spaier, Albert, 134
Stang, Charles M., 295
Stock, Brian, 59
Tavares, Pedro, 56, 71, 73, 140, 191, 259, 281
Taylor, Charles, 281
Teixeira, Joaquim, 146
Teresa de Jesús, Santa, 19, 45, 48, 49, 50, 54, 60, 63, 64, 75, 109, 115, 119, 122, 142, 146, 153, 161, 176, 182, 188, 190, 193, 199, 312
Teyssier, Paul, 375
Thompson, Colin, 184
Thompson, William M., 140
Tomás de Aquino, São, 176
Tomás de Kempis, 49, 54, 69, 155
Tomás, Padre Francisco António, 50
Tommaso della Fonte, 176
Tongeren, Lugarda de, 176
Tourón, Eliseo, 91
Underhills, Evelyn, 295
Urbano VIII (Papa), 71
Urosa, Froilán de, 54
Usunáriz, Jesús M., 41
Varazze, Jacopo da, 71
Vasconcelos, Hermínia Vilar, 31
Vasconcelos, José Leite de, 195
Vasconcelos, Maria Pinta de, 22
Vaz, Manuel, 22
Veerle, Fraeters, 203, 250, 272
Vega, Padre Pedro de, 50
Veiga, Padre Cristovão da, 49
Velho, Padre Manuel, 48, 78
Veloso, Frei José Pereira, 50
Veloso, José Pereira, 53
Verdeyen, Paul, 95
Vernet, Félix, 114
Vicente, Marta, 114
Vieira, António, 308
Villacastín, Padre Tomás de, 50, 56
Visitação, Maria da, 79
Vives, João Luís, 78
Walker Bynum, Caroline, 15
Weber, Alison, 114, 312
Weil, Simone, 126, 128, 160, 161, 173
Weinstein, Donald, 165, 281
Whitty, Monica, 121
Wildman, Wesley J., 132
Williams, Charles, 124
Williams, David H., 82

Woodford, Charlotte, 111
Woods, Richard, 133
Woolf, Virginia, 13
Wray, Ramona, 114
Wyschogrod, Edith, 278
Yoshikawa, Naoë Kukita, 279, 284
Yourcenar, Marguerite, 40
Zambrano, María, 138, 149, 150, 152, 156, 159, 165, 180, 242, 245, 273, 288, 295, 307, 317, 322
Zarri, Gabriella, 13, 76, 79, 107
Zock, Hetty, 112
Zugasti, Miguel, 57

Anexos

Critérios de Transcrição

Os critérios de fixação textual que de seguida se apresentam procuram restituir o texto numa versão criteriosamente situada no equilíbrio entre o respeito pelo estado da língua da época e as opções fundamentadas da atualização, possuindo esta a sua justificação num critério de inteligibilidade, já que se pretende que a produção escrita em apreço seja disponibilizada a um público atual e alargado. Assim, este texto transcreve e edita o códice 540 da Biblioteca Nacional de Portugal, de acordo com os seguintes critérios:

1. Corrigiram-se, assinalando-se entre parêntesis retos ou em nota de rodapé, os erros ortográficos e incorreções sintáticas. Neste último caso, inseriram-se, entre parênteses retos, os artigos definidos [a] e [o] e o pronome relativo [que], sempre que a compreensão do texto assim o exigia. Os erros ou imprecisões que não resultavam num comprometimento da inteligibilidade do texto foram preservados (como neologismos como “atrabalhada”, vocábulo que a autora utiliza inúmeras vezes, “desnudeza”, “migalhinhos”, “vilaneza”, “despadecimentos”, “impertidões”, “afeiçuoso”, a regência verbal “ter que” em vez de “ter de”, e a contração incorreta da preposição “por” para “pelo” ou “pela”).
2. Desdobraram-se todas as inúmeras abreviaturas presentes no texto, conforme a lista que consta do final destes critérios.
3. Introduziram-se parágrafos sempre que os mesmos promoviam uma maior clareza e organização textual.
4. Dada a escassíssima pontuação do texto, optou-se por pontuá-lo sempre que essa ausência redundasse em incompreensão ou ambiguidade. Acrescentei pontos finais, vírgulas, pontos de exclamação e de interrogação.
   Devido ao cruzamento inesperado de discurso direto e de discurso indireto, optou-se por organizar textualmente as formas de discurso direto colocando aspas no seu início e fim, de modo a conservar a mancha gráfica. Inseriu-se reticências, ponto de exclamação e ponto de interrogação sempre que necessário. Os parênteses utilizados são da total responsabilidade de quem copiou este texto.
5. Atualizou-se a acentuação das palavras.
6. Regularizaram-se as maiúsculas de acordo com as normas de grafia atual, à exceção das palavras “Esposo”, “Amado”, “Rei” e “Filho” que, significando Cristo, se grafaram com maiúscula. O mesmo sucedeu com “Mãe” e “Senhora”, sempre que os vocábulos se referem a Nossa Senhora, e com “Menino” quando se refere a Jesus.

7. Grafaram-se com hífen as formas oblíquas átonas dos pronomes pessoais (“o”, “a”, “os”, “as”, “me”, “te”, “vos”, “se” ...), em posição clítica ou mesoclítica, como em “pondome” que passou a “pondo-me”, “transformandoa” que passou a “transformando-a”, “tornouseme” que passou a “tornou-se-me”, etc.
8. Simplificaram-se as consoantes dobradas: “ll” passou a “l”, como em “capítullo” que passou a “capítulo”, “nelle” que passou a “nele”, “tt” passou a “t”, como em “contta” que passou a “conta”, “nn” passou a “n”, como em “penna” que passou a “pena”, “gg” que passou a “g”, como em “aggravo” que passou a “agravo”, etc.
9. Duplicaram-se de acordo com a grafia atual as consoantes simples: -s passou a -ss, como em “embaraçase” que passou a “embaraçasse” ou “disso” que passou a “disso”.
10. Suprimiram-se o -n e o -m nos ditongos nasalados “õe” e “ão”, como que “borrõens” que passou a “borrões”, “nam” que passou a “não”, “tam” que passou a “tão”, “turbaçam” que passou a “turbação”, etc.
11. “Algua” passou a “alguma”, “hua” passou a “uma”.
12. Atualizou-me a grafia “ão” que, nas formas verbais, era utilizada para o futuro e o perfeito[1385], como em “representavão” que passou a “representavam”, “disserão” que passou a “disseram”.
13. Nos ditongos orais, a oscilação da grafia “eo”/”eu” deu lugar à sua uniformização de acordo com a grafia atual, como em “ceo”, que passou a “céu”.
14. Suprimiram-se as vogais mediais excedentárias, resultantes de uma escrita de marca oralizante, como “simpeles” para “simples”.
15. Supressão do -h medial quando utilizado para assinalar o hiato, como em “sahia” que passou a “saía”.
16. Supressão do -h inicial sem valor fonético, como em “he”, “honde”, “huma” e “hontem”.
17. Supressão do -h final na interjeição de invocação, passando “oh” a “ó”.
18. Atualizou-se a grafia do -i com valor de -j, como em “veio” que passou a “vejo”.
19. Atualizou-se a grafia do y, que passou a i, como em “sey” que passou a “sei” e “gozey” que passou a “gozei”, “leys” que passou a “leis”, “jumeráveis” que passou a “inumeráveis”.
20. Reduziram-se as formas ortográficas latinizantes, eliminando-se a consoante etimológica, que não reproduziam a realidade fonética. “Prompto”, “prompta”, “somno”, “aubsência”, “aubzentado”, “ignocente”, “ensignar” e “dictosa”, que passaram a “pronto”, “pronta”, “sono”, “ausentado”, “ausência”, “inocente”, “ensinar” e “ditosa”.

[1385] Paul Teyssier – *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá Costa, 1987, pp. 46 – 57.

21. A grafia do advérbio “também” (a significar acrescento ou igualdade) foi atualizada, para se distinguir da forma “tão bem”, no sentido de “de tal maneira bem”.
22. Desfez-se a aglutinação “derrepente”, que passou a “de repente”.
23. Atualizou-se a grafia dos sons sibilantes surdos e sonoros (-s, -c, -ç e -z) de acordo com o uso atual. Assim, “detiveçe” passou a “detivesse”, “ofereser” passou a “oferecer”, “escreveçe” passou a “escrevesse”, “parece” passou a “parece”, “mizéria” passou a “miséria” e “paço”, a “passo”.
24. Sempre que se verificou oscilação vocálica de grafias, optou-se pela forma mais atual ou mais correta, como em “cousa”/“coisa”, “diente/diante”, “adiente/adiante”, “véspora/véspera”, “sutis/subtis”, “dezia/dizia”, “engrata/ingrata”, “engratidão/ingratidão”, “admetir/admitir”, “amerosa/amorosa”, “pessuindo/possuindo”, “pessuir/possuir”, “pessuo/possuo”, “perfunda/profunda”, “solidade/soledade”, “secorrê-los/socorre-los”, “cruceficado/a/crucificado/a”, “dipois/depois”, “disculpa/desculpa”, “menhã/manhã”, “morteficado/a/mortificado/a”, “devindade/divindade”, “relegião/religião”. “comperação/“comparação”, “chigava/chegava”, “chigar/chegar”, “chigando/chegando”, “robuliço/rebuliço”, “discuidar/descuidar”, “deleciosos/deliciosos”, “empossível/impossível”, “milhor/melhor”, “infermidade/enfermidade”, “secorra/socorra”, “antão/então”, “vertude/virtude”, “creatura/criatura”, “Creador/Criador”, “rezão/razão”, “vesita/visita”, “vesível/visível”, “dilícias/delícias”, “resestir/resistir”, “assestir/assistir”, “peor/pior”, “inrequicer/ enriquecer”, “enterior/interior”, “envejas/invejas”, “emporta/importa”, “emperfeições/imperfeições”, “enteresse/interesse”, “fichar/fechar”, “piqueno/pequeno”, “pequinina/pequenina”, “jentar/jantar”, “intender/entender”, “menistros/ministros”, “mesericórdia/misericórdia”, “disvelo/desvelo”, “delegências/diligências”, “debelitada/debilitada”, “enquietar/inquietar”, “participa/participa”, “enfinito/infinito”, “infenito/infinito”, “entervalos/intervalos”, “seposto/suposto”, “semilhantes/semelhantes”, “ensofrível/insofrível”, “ensofrida/insofrida”, “tisouro/tesouro”, “tirreno/a/terreno/a”, “formesura/formosura”, “enflamou/inflamou”, “meserável/miserável”, “gloreficado/glorificado”, “solidade/soledade”, O mesmo aconteceu com a oscilação dos ditongos “ei”/ “oi” e “õe/”ão”, como em “ressurroição” que passou a “ressurreição, “cidadões” que passou a “cidadãos” e “irmõins” que passou a “irmãos”.
25. Por não se verificar nenhuma ocorrência da sua grafia atual “noite”, e por este não se tratar de um erro, mas de um arcaísmo, conservou-se o vocábulo “noite”.
26. Embora maioritariamente a preposição “até” apareça grafada “até” ou “emté”, as várias ocorrências da versão correta levaram à sua adoção no presente texto.

27. A mesma correção se fez para as metáteses “perciso”, “porfunda”, “pregunta”, “premitir”, “percioso”, “preseguida”, “atromentada”, “tromento” e “estrovar”, que passaram a “preciso”, “profunda”, “pergunta”, “permitir”, “precioso”, “perseguida”, “atormentada”, “tormento”, “estorvar”, “precamos/percamos”, “priciosa/preciosa”, etc.
28. Manteve-se a grafia das formas da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter e vir (“tem” e “vem” e não “têm” e “vêm”), de modo a preservar a realização monossilábica que então teriam.
29. Manteve-se a ocorrência do pronome pessoal oblíquo próprio do objeto indireto “lhe” no contexto plural já que, à época, era uma forma pronominal utilizada para o singular, bem como para o plural.
30. Mantiveram-se os castelhanismos “enardecida”, “empida”, “congojas”, “devisos”, “dolores”, “ratos”.
31. Corrigiram-se os betacismos nos casos de “barrer”, “palabrinha”, “palabra”, “labrando”, “libros”, “torbada”, “nubem”.
32. Sempre que se julgou pertinente dar a ver a ortografia original do manuscrito (quer para assinalar o estado da língua, quer para indicar o idioleto da autora e a sua literacia), adicionou-se, em nota de rodapé, uma indicação sobre a mesma.

Lista de abreviaturas:

Abb^e - abade

Acordª – acordada

Acanham^to – acanhamento

Actoalm^te – atualmente

Agustº - Agostinho

Algua – alguma

Aborrecim^to – aborrecimento

Advertim^to - advertimentos

Am^te- amante

Amº - amigo

Amªs - amigas

An^os - anos

Apontam^tos – apontamentos

Aproveitam^to. – aproveitamento

Argum^tos - argumentos

Aroubm^tos – arroubamento

Atrevim^to – atrevimento

Avidam^te – avidamente

Bandrª – bandeira

Bas^te – bastante

Brevid^e – brevidade

Bond^e – bondade

Cabalm^te - cabalmente

Cadrª - cadeira

Camº - caminho

Carid^e/ charid^e– caridade

Castid^e – castidade

Carrª - carreira

Cid^e – cidade

Cid^es – cidades

Comunid^e – comunidade

Conhecim^to – conhecimento

Cons^te - consistente

Continuam^te – continuamente

Conv^to- convento

Cons^te - consistente

Continuam^te – continuamente

Conv^to- convento

Cong^am – congregação

Cuidº - cuidado

Cuid^os - cuidados

Compª – companhia ou compaixão

Comprim^tos – cumprimentos

Cap. – capítulo

D. – Deus

Dº - dito

Debelid^e – debilidade

Deligª – diligencia

Deficuld^e – deficuldade

Descuidª - descuidada

Devind^e – devindade

Desfº - desfeito

Desabrim^to – desabrimento

Degnid^e – dignidade

Desnesesr^as – desnecessárias

Dezª – deseja

Dezºs – desejos

Dinhº - dinheiro

Docum^tos – documentos

Emcamª – encaminha

Emcomdº - encomendo

Emqtº - enquanto

Ensendª - encendida

Enfermid^e – enfermidade

Espº - espírito

Escondº - escondido

Escurid^e – escuridade

Eternidad^e – eternidade

Eternidad^es – eternidades

Exteriorm^te - exteriormente

Fº - feito ou filho

Fª – feita ou filha

Familiarm^te – familiarmente

Frª – feira

Felecid^e/ flecid^e – felicidade

Froxam^te – frouxamente

Fund^os - fundados

G^te – gente

G^tes - gentes

Grd^es – grandes

Grd^e – grande

Hasparam^te – asperamente

Herdr^os – herdeiros

Humildemt^e – humildemente

Ianrº - janeiro

Id^e – idade

Intelleg^ca – inteligência

Interiorm^te – interiormente

Janrº - janeiro

Juramt^os - juramentos

L^ça – lembrança

Liberd^e – liberdade

Magd^e – majestade

Mtº - muito

Mtª – muita

Mt^as - muitas

Mte – mente

Mª – minha ou mesma

M^er – mulher

Mº - meu ou mesmo

Magd^e – majestade

Mandamt^os - mandamentos

Manrª - maneira

M^ces – mercês

Merecim^tos – merecimentos

Mdª – manda

Mortalid^e – mortalidade

Nª - nossa

N. Srª – Nossa Senhora

Novid^e – novidade

Nrº - necessário

Oferesim^tos - oferecimentos

Pª – para

P^e - padre

P^te/ pp^te - parte

Padesim^to – padecimento

Padesim^tos - padecimentos

Pençam^tos- pensamentos

Penalid^es – penalidades

Perdº - perdido

Perd^os - perdidos

Pied^e – Piedade

Porq – porque

Primrº/ prº - primeiro

Publicam^te – publicamente

Qxª – queixa

Q^al - qual

Qr- quer

Qrª - queira

Q – que

Qdº - quando

Qto – quanto

Qx^as – queixas

Rendimtº - rendimento

S. S. – Santíssima

S^tos - santos

Sacram^to – sacramento

Satisfº - satisfeito

Saud^e – saúde

Servº - serviço

Seg^te – seguinte

Sencirid^e – sinceridade

Sentº - sentido

Sentim^to- sentimento

Serenid^e – serenidade

Simplicid^e – simplicidade

Singellam^te – singelamente

Sr – Senhor

Snr – Senhor

Sr.ªs – Senhoras

Susedº - sucedido

Nassim^to - nascimento

Neceside – necessidade

Recolhimtº - recolhimento

Rep^te – repente

Respt^to – respeito

Regalladam^te – regaladamente

Segdª frª – segunda-feira

Segurid^e – seguridade

Solede – soledade

T^os – tantos

Temerid^e – temeridade

Tpº - tempo

Tr^os – termos

Tranquilid^e – tranquilidade

Trind^e – trindade

V^to – visto

V^ta – vista

Vaid^es – vaidades

Verd^e – verdade

Verdadrªs – verdadeiras

Vocalm^te – vocalmente

VRmª – Vossa Reverendíssima

Von^te – vontade

Xpº - Cristo

Transcrição

[fl. 1] O amor de meu doce Esposo more na Alma de Vossa Reverendíssima e lhe dê paciência para me sofrer, que não sou pouco impertinente, mas o amor de Deus faz todo o trabalho suave.

Capítulo I

A seis de agosto, dia da Transfiguração do Senhor, comecei a escrever, que sentia a alma muito desocupada para fazer o que Vossa Reverendíssima me mandava. Sem o perdão a alma tinha padecido muito, que estes papéis parecia-me que eram só para quem tem muitas virtudes, e eu não tenho senão misérias, e tinha grande desejo de pôr primeiro o que eu era e o nada que faço pelo meu doce amor. Muito desejo ver que sempre o estejam louvando pois que eu o não sei fazer.

A oito deste mês, estando ouvindo missa, senti a alma com muita humildade com a boca na terra. Reparei não estar nas chagas do seu amor porque é o caminho mais direito para voar ao Senhor, e onde se mete com mais confiança, mas logo a senti tão abrasada e toda derretida em amor que desejava pôr a boca no coração do Senhor. Sentia tão grande doçura que estava uma chaga viva, pois é o amor tanto que sinto que fica a alma e corpo dia ou dias vivendo daquela fonte divina. Reparo que a alma não tem senão boca depois que o meu doce amor me disse que quando estivesse distraída que me escondesse ali, que era nas suas divinas chagas, e eu lhe pus a boca da alma e ficou ela senhora daquela morada. Já eu disse a Vossa Reverendíssima isto, mas desde então trata a alma com o Senhor. Só com a boca é que o toca. Eu sinto uma suavidade na boca, beiços e rosto[1386] que não parece ser de carne e sangue. Depois que o Senhor me teve nas suas divinas bodas, fiquei com os sentidos mortos para as coisas terrenas. Ando como dessentida, dei [fl. 1] xando passar tudo só por não perder atenção ao meu doce amor. Estou agora vivendo como quem já tomou posse, e assim vire-se o mundo e acabe-se tudo e façam de mim o que quiserem, que a alma está presa no seu Amado e como segura da parte do Senhor, que de si nada fia, e assim que não pode dar atenção a outra coisa, e certamente que o Senhor da parte do meu doce amor que me não há de deixar. Não o ouvi com os ouvidos do corpo, mas percebi com os da alma, que o Senhor

[1386] No original, “rostro”.

se estava regalando e lhe disse que a queria para se regalar de a ver. Já falei nisto a Vossa Reverendíssima, eu não me lembro disto para me descuidar de viver com cautela, se não posso apetecer nada, nem os favores do Céu, mais que amar limpamente ao meu doce amor. O Senhor quer que eu assim o chame, que hoje estava na missa do dia e senti minha alma tão derretida e abrasada no amor do Senhor, que ela se queixou e lhe disse que sempre o havia de chamar Pai e doce amor, e conheci que o Senhor queria e aceitava com alegria. E estando para receber o Senhor, que foi antes, mas neste mesmo dia, comecei uma missa pelas almas para lhe oferecer com a comunhão. Estava na oração com o relógio e lembrou-me que o Senhor me tinha mostrado de outra vez, estando eu ouvindo missa por elas, e queria fazer uma estação por minha tenção. Mostrou-me o Senhor os bens que as almas recebiam do céu quando se fazia por elas alguma coisa, como aquela missa que eu estava ouvindo, sendo separadamente todo o sentido e atenção àquela caridade, não só a missa, mas o tempo que se toma para se fazer de qualquer obra por elas.

Há três dias que não pude escrever, que me deu um quebranto no corpo, que não sei mais que sentir queixas, e a alma com grandes desejos de padecer, porque as queixas do corpo não servem de nada, e tanto sente tê-las como as não ter. Mas a oração, estes dias, não é mais que buscar modo como está já o [fl. 2] miserável corpo.

Depois que Vossa Reverendíssima me manda que dê conta cada mês, não senti mais que na alma grande força para que esteja na soledade. Não conheço que o Senhor me chame, só se me mostram o sossego e quietação que a alma ali tem.

A doze de agosto, minhas irmãs se queixam porque não assinto em casa, isto só por dois dias, que a força que senti na alma me fez estar por alguns ratos só, mas deu-me pena vê-las sentidas com isso, mas não sei como foi porque eu me sinto bem desapegada de tudo.

Vi dentro da alma que não é só a soledade, mas como havia de estar nela e viver sempre para escrever, que era supor que não estava a alma metida em carne e sangue, senão toda em Deus. Já se me descuido de mim, logo suponho que não pode ser escrever. Oh, doce amor de minha alma, dai-me, Senhor, humildade e obediência, que estou em grande necessidade! Eu nunca podia satisfazer a fome e sede que sentia de vos amar. Eu inda vos não sei amar, mas vós, Senhor, me amais tanto e tanto que já eu não

pretendia mais que amar-vos e servir-vos limpamente. E são os meus cuidados porque tudo o mais nada pretendia, senão esta limpeza da alma e potências e sentidos.

Estando hoje ouvindo missa, senti a alma abrasada no amor do Senhor e considerava, quando ele disse missa, que sentiriam os apóstolos, que amor arderia naqueles corações. Meu doce amor, dai-me forças, se é vontade vossa, para que me possa deter nestes divinos mistérios, porque não sinto alentos. Eu não sei que é isto agora, porque a oração, já acima disse como a tinha, agora saindo dela sinto-me sem forças e despedaçado o corpo.

Sempre quando me deito à noite ofereço o meu coração ao Menino Jesu[s] que tenho à cabeceira da cama, e lhe peço o seu, para que a alma descanse. Já estava esque [fl. 2v.] cida da troca quando senti a alma e toda eu em uma suavidade tão grande que conheci como era ingrata, e o meu doce amor me espertou. Estas coisas dão-me muita pena, por isso sempre desconfio de mim. Disse-me uma pessoa que eu não tinha propósito[1387], que andava pela Igreja como quem não anda segura. Eu ri-me a isso, mas bem conheço que a alma não fia de si nada.

O que Vossa Reverendíssima me pregunta, como vi o Senhor de longe, eu lho digo, se souber, que bem desejo saber-me explicar. Eu não o vi com os olhos nem por visões imaginárias[1388], era uma ausência que a alma sentia. Perto de dia e meio que essas para minha alma são os maiores trabalhos que sente neste desterro, e esses temores são para minha alma maior tormento, bem tem padecido nestas desconfianças. Meu doce amor, quem não fizera senão padecer por vosso amor! E antes desta ausência que o Senhor fez, tinha estado minha alma nos braços do divino esposo, que é de sorte que a alma sente que está naquele lugar, porque sente aquelas delícias do Amado como se vira com os olhos do corpo, e fica dia e dias tão derretida de amor e abrasada daquela chama viva, que por aquele fio por onde ficou presa, que nem ela se deseja ver solta, descobre muitas coisas divinas. Mas ou a alma se descuidou ou o Senhor se quis esconder, mas eu sempre digo que são pecados meus. Como não sentia a presença do meu doce amor por mais que fizesse diligências[1389], não achava senão misérias. Dentro

[1387] No original, “perpósito”.
[1388] No original, “em maginárias”.
[1389] No original, “diligências”.

de si pedia aos anjos que lhe oferecessem meus suspiros e ânsias, mas nem a eles os achava com agrado. Minha Mãe da Piedade, inda que a buscasse com lágrimas, não conhecia favor seu. Nisto se aumentavam minhas penas nos ministros do Senhor, não parecia que eles me podiam remediar. Assim andava mais morta que viva. Estando na missa do [fl. 3] dia, senti de repente como quem me dizia: "buscas-me a mim? Aqui estou, vem cá!". Isto com muito agrado, e era só no fogo de amor que desfez todo o trabalho, e tão certa sem ver o Senhor, conhece claramente o que o Senhor lhe diz, porque ele depois obra maravilhas na alma, e tudo o que passa com o Senhor é fundado em amor puramente. Tudo [o] que o Senhor passa com a alma e a chama, tudo se encaminha a puro amor desinteressado, porque a alma se torna à humanidade, não acha senão amor e amor, e as doutrinas que o Senhor lhe ensina são encaminhadas conforme a alma se vê e impedem[1390] para se empregar toda em amar e servir a quem morreu em uma cruz, e vê que não pode, então o Senhor a anima para padecer e ela se rende com alegria.

A treze deste mês, senti-me no mesmo quebranto e cheia de dores, que o corpo não tinha modo para estar na oração pelos grandes desmaios do incêndio, que me sinto sem alentos, mas a alma tão serena, e sentia uma suavidade e doçura que o corpo participava. Deram-me tão grandes desejos de estar metida nas chagas do meu doce Jesus, que lá me achei, Vossa Reverência bem saberá como é suave aquele lugar.

O que Vossa Reverendíssima me diz, que consulte com o Senhor como havia de escrever, eu sempre busco o Senhor, e lhe falo como pode uma formiga levantar olhos vendo a grandeza do Rei. A alma nunca busca o Senhor senão na humanidade. Só quando o Senhor quer lhe dá confiança para subir à divindade. Eu não sei que tenho que, depois que vi que havia de escrever por estes papéis, a alma se derrete todo aos pés do Senhor, e com grandes desejos de escrever as grandezas do seu doce amor e não deseja mais que meditar. Mas tenho isto quando o corpo está mais enfermo, é [fl. 3v.] uma comunicação tão suave, que a alma não faz caso das queixas do corpo. Reparo que não posso buscar divertimento[1391] nas criaturas, inda naquelas muito justas, que os santos (esses estão no céu), porque se elas me buscam logo desejo retirar-me, não só é a alma

[1390] No original, "empedem".
[1391] No original, "devertimento".

que d[á] atenção para fora porque dentro de si sente uma força de amor e mais não me faltam misérias.

Quando me levanto, digo logo: “meu doce amor, não permitais que hoje me falem em coisa que não sejam do vosso louvor” e, estando só, dão-me grandes saudades do céu. Está a alma como gozando daquela segurança que lá tem os santos de não perderem jamais a meu doce a amor. A alma tem gozo de saber que eles gozam para sempre, jamais sem susto de perderem aquele bem por quem suspira minha alma de noite e de dia.

Véspera de Nossa Senhora da Assumpção, senti minha alma todo o dia em soledade com meu doce amor, mas o Senhor estava como dormindo, mas ela sempre gozando, que não parecia estar metida no cárcere do corpo. Estando à noite na oração, senti-me com amor impaciente, até que a alma passou à divindade, que aí não há mais que buscar, já ela não cuida mais que engolfar-se naquele mar sem fundo.

Desde que Vossa Reverendíssima me mandou que desse conta por estes papéis foi a primeira vez que senti a alma que subisse à divindade. Depois, naquele mesmo lugar dentro da alma, disse ao Senhor que me ensinasse, como Vossa Reverendíssima me mandava que consultasse com o meu doce amor. E neste dizer entendi que me diziam que o Senhor convertera a S. Paulo, mas que o mandara [que] fosse aos discípulos que o ensinassem. Mas isto que eu digo aqui não o experimenta a alma senão toda abrasada em amor, tão derretida que não sabe que faça de si. Eu andava tão me [fl.4] metida neste mistério de Nossa Senhora, e sentia tão grande gozo na alma que me esquecia de tudo terreno e andava como presa pela notícia que senti na alma do que seria no céu.

Estando ao pé de uma capela de minha madrinha e Senhora do Monte do Carmo, onde sempre acho favores conhecidos nas minhas aflições, que ali foi onde o Senhor me fez muitas mercês, senti que a alma lhe beijava as suas santíssimas mãos. Se eu dissera estas coisas como minha alma as recebe! Mas bem sei que Vossa Reverendíssima tem muito amor de Deus e bem o sabe.

Em dia da Assunção não pude ir a matinas, e antes que me levantasse, em sonhos me vi andar muito fatigada fugindo a ladrões, mas foi breve e daí não dormia, digo, e daí a pouco não dormia. De todo senti que se levantavam ao pé de mim umas coisas que me podiam fazer mal, mas não entendi nada. Fui-me para baixo e entrei no coro à prima (inda que não podia muito). Estando rezando com as mais, sentia minha alma tão alegre.

Jesus, que alegria da alma! Quem te soubera relatar! Toda [a] atenção se me ia no céu. Não são desejos de já lá me ver, senão goza a alma do que lá se passa. Não ver com os olhos senão gozar daquela certeza, daquele bem sem desconfianças. Entrando na oração, e a alma como tinha gozado dos divinos abraços do seu doce amor, estava com mais liberdade para tratar o Senhor e [a] oração mais subida, mas era arriscada mais combatida. Reparei e quis-me deter, mas era com trabalho. Nisto me deram a entender que o que passara de noite era aviso, que eram as tentações que havia de ter. Eu não fiz caso, mas não me descuidava, que não são poucos os meus descuidos. Mas entrando a alma na soledade [fl.4v.] com o Amado, que então não se lembra de mais nada. Eu como não pude estar no coro à missa do dia, pus-me detrás do coro. Minha alma contentíssima não quer senão o que o Senhor quer. Sempre lhe vai bem, inda que muito padeça. Quando era ao Evangelho das duas irmãs, que Marta se queixou em dizer ao Senhor que Maria buscara a melhor parte, o que eu senti na alma não o sei dizer, mas pareceu-me que minha alma se achava naquela hora com Santa Maria Madalena aos pés do Senhor, qual se havia de chegar mais ao Senhor. Senti a alma despir-se de todo e o amor era de sorte que não sei como se não desfez o corpo do gozo que também sentia. Inda que Vossa Reverendíssima tivesse chegado a este mosteiro e me chamasse, não deixaria a demanda em que a alma estava com a santa que está já no céu. Eu tive que despir, e a outra boa passageira, a alma conhecia que o Senhor se alegrava com ambas. Eu tinha andado a cuidar que Vossa Reverendíssima tinha dito que se uma não trabalhara, não gozaria a outra, mas dentro da alma me diziam que o Senhor dissera ao discípulo que lhe pedisse licença para ir em terra seu Pai, que deixasse os mortos, mais comprido é, mas não há ocasião para o mais que falta. E como a minha caridade com os próximos não é da que manda a religião, por isso faço reparo quando me vejo turvada. Os dias passados me lembrou Santa Teresa, que diz tinha uma irmã secular, que as penas de sua irmã lhe davam pena até que a deixou e tratou do Senhor só por só. Eu senti-me inquieta e fui-me à minha Mãe da Piedade, mas disse a Santa Teresa o que ela tinha dito, e que me pedisse ao Senhor e lhe oferecesse aquela irmã que eu tinha. Senti de repente na alma que a santa me dizia que lhe pedisse eu, e eu não ouço estas vozes, mas [fl. 5] são conhecimentos claros, e a alma derretida no amor de meu doce Jesus.

Há três dias que sinto um trato e presença do Senhor, que a alma e corpo gozam de uma suavidade, e a alma conhecendo como há de viver com o seu Amado, o que a alma não

reparava no fim da oração. Às vezes, como tinha estado na divindade, não se humilhava fundamente porque se levantava inda como seguindo aquele bem infinito. Depois, sim, tinha tentações, a alma sentia-se muito, mas estando cuidado nisso me disseram dentro da alma: "quanto mais regalada fores, muito mais te hás de humilhar no interior e exterior". Eu logo o fiz com grande força porque sentia grande força de amor. Meu doce Amado, que quereis que faça esta formiga que morre por vos dar gosto? Rompa-se este peito, que farei vida de minha alma, e a alma de minha vida, amor, amor.

Hoje, que é dia de São Roque, está minha alma desfazendo-se. Que amor que assim és forte! Oh, Senhor, perdoai meus desatinos! Oh, peito, que te não abres!

Ontem, se me falavam alguma pessoa, eu não sabia dizer mais que: "amiga, que seria hoje no céu?" Disse-me uma que cuidava mais que meter-se debaixo da terra, eu disse: "bom será isso", porque elas todas tem muitas virtudes que eu não tenho, mas alegra-me esta lembrança. Vossa Reverendíssima tornou-me a dizer que bem podia pedir o coração ao Senhor o mês passado, que a alma esteve patente à vista do Senhor, que esta vista não se vê figura, mas o amor faz claramente conhecer o Amado. Como os favores eram todos que a alma quisesse, ela nada queria fora do Senhor. Mas vendo-se que o Senhor a estava como escutando o que ela queria para lho dar, lhe disse a alma: "doce prenda e dono meu, dai-me o vosso divino coração". O Senhor olhou para a parte do peito, mas deu-me a entender que havia de ser encastoado, e mostrava que eu não poderia com as dores, mas mirava-me com amor e agrado. A força de amor que sinto é que conheço claramente o que o Senhor me diz.

Dia de S. Roque, estando na completa, estava como suspensa na grandeza do Senhor, não via nada, mas a alma estava tão elevada na grandeza deste Senhor que [fl.5v.] bem-dito seja tão grande Deus!

Entrei na oração sem ter modo nenhum de estar o corpo, nem assentada podia estar com [as] dores que sentia. Disse dentro da alma que daquela sorte não poderia estar com o Senhor. Quando me descuidei de mim, o senti nos braços da alma. Meu doce amor, vindes estar com quem não vos serve de nada, e disse muitas coisas.

Na sexta-feira fui comungar, mas tinha estado nas matinas tão quebrantada que supus que não teria modo com o meu doce amor depois de o receber. Mas comunguei e fui-me meter ao pé de minha Senhora do Carmo. Lá comecei a buscar modo para poder estar o corpo quieto, que nem assentada às vezes pode estar. Nisto ouvi dentro da alma

que o senhor me dizia: “filha escolhida entre milhares”. Eu temi de repente porque me lembrei que as desta santa casa são melhores que eu, mas logo me deram a entender o que era, que é donde eu na[s]ci havia por aquelas terras muitas senhoras donzelas, muitas sem pai, outras sem mãe, e todas muito boas e melhores que eu. O Senhor escolheu em mim com esta lembrança com a palavra do Senhor, que mostrava que se compadecia de mim, com muito amor e alegria, que via o que eu padecia por seu amor. Logo começou a minha alma a arder em amor, fogo e lágrimas, que não faria com ouvir com os ouvidos da alma “filha”, o que nunca tinha chegado a tal extremo. Logo meu doce amor me começou de fazer favores (que Vossa Reverendíssima bem sabe), que será uma alma posta na divindade. A alma, tão admirada, lhe dizia: “vida de minha alma, e alma de meu coração, dono de todo o meu ser, a mim que sou a mesma miséria que vós sabeis, me regalais assim! Que farei? Que farei? Amor, amor!” Eu não podia enxugar olhos. Mais de três dias trazia minha alma toda derretida e abrasada naquele fogo de amor, que não podia esquecer aquela suave voz, que não foi como uma pessoa fala com outro, mas penetrou.

[fl. 6]

Capítulo II

Como não acabei de dizer no capítulo primeiro o que minha alma sentiu com o doce do meu único bem de minha alma, fiquei tão desfeita de mim mesma que não que não podia fazer mais que amar e temer. Estava-se minha alma despindo dos regalos. Oh, doce amor, só ali peço o que desejo para vós, que tudo é vosso. Sentia tal fogo na alma que, lembrando-me que o Senhor me tinha chamado “filha”, logo me desfazia em lágrimas. Mas como as minhas misérias são tantas, passados alguns dias me descuidei, mas muito sentida porque me vejo que sou toda uma miséria, e que o Senhor me dá tudo de graça.

Por duas vezes, depois de ter recebido o Senhor, sentia-o no peito sacramentado e tão incorporado comigo que não sabia minha alma que fizesse, porque da sua parte não tem nada. Meu doce amor, quem sóis vós e quem sou eu? Disse-lhe minha alma tantas coisas, e conhecia que o Senhor se agradava muito de ouvir-me.

Dois dias ficou minha alma amando, com toda sua mente sem trabalhos, mas sempre desconfiada de si. A doçura que sinto é por mais que me faz temer por ser pobre de virtudes.

Outro dia, distraí-me, não que eu quisesse, mas estas pensões das criaturas me matam. Comecei logo de falar e o Senhor se escondeu. Senti-me morrer, e deu-me pena não poder satisfazer com as puríssimas[1392] penitências, mas conheço que o Senhor me aceita o desejo, mas a alma não se satisfaz. Estando neste trabalho, que é o maior[1393] que tenho nesta vida, me queixava de mim e das criaturas. Dizia minha alma que não podia fazer o que Vossa Reverendíssima lhe mandava porque a luz se escurecia. Estando na oração, sentia o Senhor, mas estavam as névoas diante. Pus-me a chorar, mas não saía da dúvida em que estava, que não podia dar conta. Nisto entendi que me mostraram e com amor me repreenderam que passasse adiante, que era indo pelas chagas do Senhor. Assim o fiz. Logo achei o meu doce amor, e minha alma o teve nos braços. Conhecia [fl. 6v.] que o Senhor estava des[c]endo da cruz e lhe caía nos braços. Oh, amor, que matas e dás vida! Sente minha alma, ao mesmo tempo goza e depois sentia tal alegria que pedia aos anjos que lhe dessem o parabém.

Estando no coro, à missa estava-se cantando a glória dos anjos e, quando disseram *In Gloria Dei Patris,* senti minha alma com tal gozo que lhe diziam que era onde ela havia de ir morar. Não tinha pena porque já não ia, mas a certeza era coisa, digo, era uma coisa sem falta. Que sentirá minha alma quando o Senhor lhe faz estes favores?

Andando ela sempre desconfiada de si, e amando, e temendo, dão-me muito grandes ânsias de chorar pelo doce amor, mas às vezes não posso que não tenho cabeça. Sempre em regalo anda minha alma nos mesmo padecimentos porque ela nunca se descuida do Amado, ou se ele esconde ou ela se veja cheia de misérias, os suspiros e ânsias são ferventes. Dá-me pena o comer e vestir em (rasura) ver que hei de fazer a vontade ao corpo. É para mim grande trabalho servir a quem me é falso, é desgraça sem me sentir. Diz minha alma muitas vezes aos anjos que lhe deem o parabém, mas não entendo nada e vejo-me muito desocupada em todas as potências. Quando não está na divindade, anda na humanidade. Quando o Senhor era menino, que fazia São José e Nossa Senhora suas jornadas. Outras coisas assim que anda minha alma regalada, e sinto uma força na alma para estas considerações que se quero cuidar nas coisas terrenas logo me dizem

[1392] No original, "perí ssimas".
[1393] A partir daqui verifica-se uma mudança na caligrafia.

dentro da alma exaqui[1394] "quem és tu?". Nem agora me fazem as criaturas opressão, mas dá-me muita pena que me achem a escrever. Tomara esconder isto tanto como se escondem os maiores pecados. Antes elas saibam os meus pecados do que me vissem estar a escrever. Não sei se é isto em mim amor próprio porque não faço nada pelo meu doce amor. Eu sou como os meninos pequenos que não fazem nada a suas mães, mas andam sempre detrás delas e chorando. Assim faz minha alma, e o Senhor sempre regalando-a. E ela, como não tem senão misérias, quanto mais recebe mais se humilha, mais se conhece e não sabe que faça. Tudo [o] que é bom lhe deseja dar, deseja que todas lhe deem o coração, tudo quer para o Amado. Ó amor, amor, tomara que todo este corpo foram [fl.7] olhos para que me não descuidara nenhum instante. Oh, quem andara sempre na guarda dos sentidos? Que bens recebe minha alma! Vive em uma quietação e serenidade que sente o orvalho do maná do céu. E o muito que a alma recebe do Senhor me faz temer amando, mas a obediência me anima, que sinto tão grande doçura nos beiços e a alma tão regalada que, se me vem distrações, desejo vestir-me de cilícios e fazer grandes penitências, e me pondo contra mim mesma.

Estando para escrever um ato de humildade para o dizer muitas vezes no dia, porque minha alma deseja muito andar sempre com a boca na terra, assim que peguei na pena me deu de repente e se me descompôs o corpo. Comecei de sentir-me morrer com suores de morte, e fiquei tão aquebrantada[1395] como se eu saíra de uma grande doença, isto em uns instantes. Bem conheci que o inimigo tivera raiva, o que eu sinto muitas para dar conta a Vossa Reverendíssima e não tem explicação. Mas também enchendo o Senhor a alma de gozo para uma pura criatura poder atender a outra coisa, é a suavidade na[s]cida de amor, derrama-se não só na alma mas também pelo corpo, de sorte que fica toda banhada de glória, com temor. Digo isto que me senti ontem de sorte que não tinha necessidade de ler a carta de Vossa Reverendíssima que trazia comigo, porque nestas ocasiões não é necessário mais que humilhar-me muito, muito, que estando nos três dias de retiro me achei só com o meu doce amor. Parecia-me que já minha alma tinha chegado ao fim da jornada, que eu neste desterro ando sempre suspirando pelo

[1394] Advérbio (complemento de eis,e aqui) Aqui está, aqui o vedes; aqui vem neste momento in *Diccionário de Língua Portugueza*, tomo I, A – E, p. 913.
[1395] No original, "aquebrantada".

retiro das criaturas, e ver-me desembaraçada. Assim, me pôs meu doce Pai de amor tão desocupada que me dava a entender tomava por sua conta aquelas pessoas a quem assisto por caridade, e por duas vezes entendi que o Senhor me queria livre e desembaraçada, mas sem [fl. 7v.] pre desconfio de mim, e disse para mim que o meu desejo me faria parecer o que a alma conhecia. Mas, estando na oração, me vi tão despida de mim mesma, a alma encostada ao divino Esposo... Não era doçura o que sentia e conhecia, mas era mais que doçura, que não se conhece coisa de mortandade. Não chegou a meia hora. Depois, naquela mesma parte, senti que minha alma estava com a boca nas suas divinas chagas. Eu estava assentada e encostei a cabeça para o lado direito do coro, e ali regalou meu Senhor minha alma. Oh, doce amor, em vossas divinas mãos encomendo minha alma, e a vossos divinos pés se derrama meu coração, e potências, e sentidos, e este vil bichinho! Cheia só de misérias temo, Senhor, pelo que sou, mas confio na vossa divina misericórdia. Não duvido da vossa grandeza, mas sou o que vós sabeis. Dai-me profundíssima humildade e lágrimas para chorar meus pecados. E com estes favores que a alma recebe só com o Senhor vem a ser com as potências desocupadas. Teme ela, mas não duvida da grandeza do Senhor. Assim, anda como embebida, trabalhando com todas as suas forças (inda que não são muitas), mas por estar muito atenta e a mando com toda a mente e muito cuidado nas obrigações do estado, e guarda dos sentidos. Ó meu Amado, aceitas meus desejos? Anda minha alma em uma guerra contínua porque não quer nada desta vida, nem busca ninguém. Só deseja pedir por todas as criaturas, mas não sofre deter-se com elas, e o mundo sempre a puxar por mim. E já disse a Vossa Reverendíssima como isto não é por obediência senão por caridade, e parentes que me buscam, os que eu não desejo ver senão no céu. Assim, ando recebendo os favores do Senhor e sem dar conta porque me escurece [fl. 8] a luz para saber dizer. Ver que hei de ir a falar com gente de fora é morrer. Estando para me confessar, me chamaram, e quando vi que me não deixavam as criaturas, não sendo por obediência, senti minha alma em um acidente de lágrimas, e os olhos do corpo da mesma sorte, e não fui onde me chamavam. Recebi o Senhor, mas deram-me grandes temores, que me vi às portas do Inferno, porque duvidei e desconfiei de mim que não buscava mais que regalos do Senhor. Eu bem conhecia que o que desejo é pureza da alma e limpeza do coração, mas o Senhor me deixou não de todo. Mas senti-me morrer, padecendo a alma e em rebuliço, queixando-se muito das criaturas, que

nelas tenho a minha cruz sem elas o saberem, que eu não me queixo a elas, porque só de mim é que me queixo a Nosso Senhor. Estando na oração, deu-me o Senhor a entender que as tomava por sua conta, e pôs-me tão livre de todo o criado que me deu a entender que só me queria para si, porque duas vezes foi isto. Isto conheceu minha alma no amor puro em que se acha com o Senhor, mas como não tenho mais que misérias sempre temo, não me fio em mim. Já para cuidar no que sou não posso, considero na grandeza do Senhor que tudo pode fazer, e às vezes lhe digo: "meu doce amor e dono de minha alma, se eu fora a vós não havia de deixar esta pobrezita alma andar entre ladrões, que não tem forças para defender". Isto digo em fogo e lágrimas e metida no meu nada. Estando inda atrabalhada, me começou meu Senhor a fazer regalos, mas a alma, que estava desconfiada, lhe disse: "Senhor, Senhor, não mos deis, guardai-mos para a outra vida, dai-me a meu Esposo crucificado por meu amor". Pareceu-me que a alma se a [fl. 8v.] braçava com o Senhor, que de[s]cia da cruz. A alma o viu despido, mas ficou tão unida com ele que, em lágrimas e amor, se abrasava. Está tão despida que não deseja mais que padecer com o Esposo, mas tudo se veem em regalos porque ela o abraça e o toca com a boca.

Estando na oração, pôs-me meu Senhor outra vez a alma pura e livre das coisas terrenas. Deu-me a entender que assim havia de andar sempre, então goza a alma da divindade, e conheci que havia de trabalhar da minha parte as doutrinas, [que] são as que Nossa Senhora fazia e os santos, se Vossa Reverendíssima quiser que eu as diga, mas não há tempo para isso.

Outro dia foram-me chamar ao leito que estava para escrever, mas com pouco ânimo, que sentia grande repugnância, que o inimigo bem faz por me estorvar, como se eu fora alguma santa não tendo eu senão misérias. Fui para tomar conta da roupa e para passá-la, estando queixando-me dentro da alma, dizendo: "Senhor, eu não quero nada desta vida, eu não posso com estas contendas. Governai vós, Senhor, e eu esteja aos vossos divinos pés, não em regalos, senão padecendo". Senti dentro da alma que o Senhor me dizia: "assiste que eu te ajudarei", como quem partia as meias que tomava para si a metade do trabalho. Eu dei-me por desentendida, mas logo com estas coisas me dá um fogo de amor e lágrimas, já minha alma não tem maior consolação que padecer, assim trabalhos da alma, como enfermidades do corpo. O Senhor me tem mostrado que é caminho seguro, mas sempre a alma goza.

Estando na missa do dia, vi como era suave padecer por seu amor. Estando ali com todas, achei-me [fl.9] só com o meu doce amor, e toda abrasada em fogo de amor minha alma, contentíssima, lhe dizia: “Senhor dai-me pureza de anjo e limpeza de coração, e padeça eu tudo o que vós quiser[d]es”. Por vezes, sinto a alma despida de tudo que é mundo, abraçada com o Esposo crucificado. Oh, Senhor, quem andara neste desterro enquanto me não levais sempre abraçada convosco, só por não cuidar em outra coisa que não seja em vós? Louvado sejais, Senhor, dono de minha alma, que tão despida me tendes das coisas terrenas, que se fosse vontade vossa o corpo trouxera sem vestido. Muitas vezes, dormindo o corpo, está a alma tratando com o Senhor, mas não sei o que passa. Sinto-me em regalos, e deitando-me na cama, sinto a alma com o Senhor como fazem os meninos com suas mães, que se escondem nos seus peitos. Seja meu Senhor louvado, que tanto fia de mim, não tendo senão misérias. Sou a mais ignorante que tendes, Senhor, na terra, não tenho que vos oferecer. Doce amor, aceitai minhas lágrimas, que não tenho que vos dar, que tudo o seu vosso é.

Dia do Nome Santíssimo de Nossa Senhora, tinha recebido o meu Senhor sacramentado. Com tanto regalo se achava minha alma que não sabia que fizesse, e assim andei todo o dia. E estando ouvindo missa, senti minha alma abraçada com o Esposo crucificado, tão contente que dizia: “Senhor, ponhamos aqui no meio o vosso coração divino, e andemos sempre assim este dia”. Tem a alma estado com grande admiração e abrasada em amor por ver que o Senhor fia dela sendo o que é, mas ela deseja estar à vontade do Amado. Não lho dizia, mas mostrava o desejo. O Senhor [fl. 9v.] estava-se como me tendo na alma. Pondo-se à vontade dela, ela conheceu a grandeza do Senhor. Toda derretida em amor e lágrimas lhe disse: “olhai que sou a mais ignorante esposa que tendes na terra”. Com isto, o Senhor a enchia mais de glória e gozo. Estavam os tesouros abertos, logo lhe pedi por Vossa Reverendíssima, e pelo confessor, e por meus irmãos, e isto que conheço dentro da alma é em fogo de amor que aclara a mesma alma.

Noutro dia, que era Dia de São Nicolau, comunguei e tomei o escrito da bula pelas almas. Todo o dia andou a alma e corpo metida em uma doçura e suavidade muito grande, e a alma não deseja senão estar abraçada com o meu amor crucificado. Já me não hei de queixar senão de mim mesma, porque estou vendo que as criaturas, quando o Senhor quer, que não impede senão a minha maldade, que não é pouca.

Outro dia, fui a matinas. Estando nelas, vi minha alma tão abrasada no amor do Senhor e toda tão satisfeita, mas não era dia de comunhão para mim, mas eu me regalei de ver comungar as outras. Estava com minha alma, e esposa e tão senhora dele que lhe pedia os cravos e coroa de espinhos, e com tudo se queria abraçar, mas o Senhor não lhe dava nada a entender mais que regalada. Assim andei todo o dia e, por vezes, suspendida dos sentidos do corpo, mas os da alma muito vivos. Isto foi estando no coro, mas não foi visto de ninguém. É tal a doçura que sinto nos beiços! E mais passou hoje minha alma, mas não me lembra agora, seja meu doce. Seja meu doce amor bem-dito e louvado para sempre, que tão mimosa me tem.

Estando na oração do convento a alma abraçada com o Senhor crucificado, lhe pedia muito: "Senhor, fiquemos aqui, estejamos mais tempo", e dava-me a entender que assim dizia São Pedro. Eu não tomara pedir nem fazer senão o que for vontade do meu doce amor, que é o que eu desejo. Estando no coro, estava a alma cuidando do menino Jesus, mas dizia-lhe: "não vos quero [fl.10] senão [a]o vosso divino coração, e tudo o mais seja estar convosco na cruz, onde padecestes por meu amor", mas o Senhor me estava regalando. Eu bem sei que os meus papéis não dizem o que sente minha alma. Há dias de comunhão que sinto fogo nos beiços, com tanta suavidade e doçura, que é por demais.

Véspera da exaltação da Santa Cruz, andei como distraindo-me[1396], falando muito, mas com pena porque sei que o que meu doce amor quer de mim é amor, amor, e silêncio, e contemplação, mas eu sou como aquelas almas que dizia Nossa Senhora que tudo é fazerem imperfeições e dizerem: "ah Senhor, ah Senhor!".

À noite, estando na oração, quis a alma buscar o Amado crucificado e abraçar-se com ele, que agora é como se goza com ele, mas o Senhor lhe fugia, mostrando-se ofendido. Veja Vossa Reverendíssima que sentiria minha alma! Até o coração me doía, não podia dormir de noite, mas não me inquietava, e sentia-me morrer.

Fui pela manhã comungar. Muito chorei, mas o meu doce amor me tornou a recolher com tanto amor que todo o dia andou toda minha alma transformada no Senhor, e tão ocupada que não pôde nem coser um pouco. Inda está tão unida ao Amado que me custa falar com as criaturas (inda no preciso). Não deseja a alma mais que retiro, com

[1396] No original, "destraindo-me".

notícias tão claras para me livrar das coisas terrenas. Eu não faço mais que oferecer ao Senhor meus desejos, pois não tenho outra coisa. O Senhor deu-me a entender que me não queria, mas foi motivo para mais se unir minha alma com ele, porque passou montes e vales e não descansou até o não achar, e tão unida ficou que nada a estorva[1397]. Está tão ocupada com o Amado, sós ambos na soledade. Eu dissera a todos os ministros de meu doce amor que dissessem às almas que tem por sua conta que se abraçassem muito com o amor crucificado e, se [fl. 10v.] virem que os inimigos as perseguem, que ponham nos braços da alma os martírios com que o amor foi crucificado, que eu lhe afirmo que se verão Senhoras do céu. Neste estado, não sente minha alma senão as ofensas do Amado, chora porque o tem ofendido, e por todas as ofensas que se lhe tem feito em todo o mundo. Seja meu Senhor louvado.

Outro dia, que era domingo, não fui a matinas, mas levantei-me a rezá-las e depois fui comungar. Estando no coro, na oração antes da comunhão, senti minha alma com o Menino Jesus, mas ela lhe dizia: "meu Jesus, eu não vos quero", mas via-se toda abrasada em fogo de amor. O Menino lhe disse: "mas tu esta noite beijaste-me e abraçaste-te comigo muito". Assim foi, mas já me não lembrava que quando me deitei lhe pedi o coração. Estando deitada, sentia a alma abraçada com o Menino Jesus, mas logo me deu o sono, que me dá de repente, e muito suave. Estando nesta demanda, que durou hora e meia, tornei-lhe a dizer: "meu Jesus, não sois para mim, só o vosso divino coração, e o mais tempo convosco na cruz". Levantei-me para a comunhão já cuidando no amor crucificado, mas de repente se via minha alma outra vez com o menino. Ela toda abrasada no seu amor lhe dizia, com muitas lágrimas: "meu Jesus, como posso eu ter-vos se vós sois a formusura dos céus e terra, e eu sou a que vós sabeis?". Mas apertava-se muito com ele. O menino lhe disse: "tu dizes que me não queres, mas não me largas". A alma lhe disse: "pois, dai-me o vosso divino coração". Mostrou-me que era também pequenino, a alma então aceitou tudo, mas mostrou-lhe, ou lhe deram a entender, que havia a alma de viver ali em diante com mais cuidado e sentido, que era amor mais alto, e mais e mais fino, e outras mais delicadezas[1398]. A alma já não podia dizer nada porque tudo era gozar, só sentia que não o perdesse por [fl.11] sua culpa,

[1397] No original, "estrova".
[1398] No original, "dilicadezas".

mas o Senhor lhe deu a entender que para a levantar ali permitira que duas minhas amigas com quem eu me detinha[1399], às vezes, a falar em coisas do Amado, se escandalizassem de mim por me deter no confessionário sem culpa minha (inda que sou a pior de todas), mas então não fui a causa delas se não confessarem. Assim, me mostravam como havia de despir-me de tudo para [a] habitação que o Senhor queria levantar em minha alma. Ela toda desfeita em fogo de amor e lágrimas lhe dizia: "Senhor, eu me dispo de tudo, tudo é vosso, vós me dareis quando quiseres o muito preciso, assim para comer como para vestir". A outro dia, que não escrevo por haver muita calma, e o papel ser já pouco.

Hoje, dia de São Mateus, me tenho achado tanto sem forças, que o amor mas tem tirado. Hoje me tem o meu doce amor toda derretida, porque o não acho dentro da alma, ou se está, está de sorte que no mesmo gozo sente tormento, mas é por não se poder a alma ver-se livre da prisão da carne.

Ontem à noite, estando na oração, o corpo bem oprimido, que não podia estar de joelhos, queixei-me e disse: "Senhor, vós não me quereis, tendes razão", e cuidei no que eu era, mas o amor logo me disse: "despe-te alma e vem comigo". Era o Menino Jesus, mas não era dentro da alma, era como corporalmente. Não ouvi com os olhos do corpo, mas senti-o, e detrás de si levava minha alma. Logo pude estar de joelhos, e tão ferida fiquei da sua fermosura, mas não satisfeita, que ela se ia detrás de dele. Tão presa se via que lhe disse: "meu doce menino, logo iremos para o leito". Assim o fiz, mas tão cheia de misérias como sempre me descuidei algumas vezes, mas ele sempre regalando-me. E como eu vi que de todo me não prendia lhe disse, estando para comum [fl. 11v.] gar: "vós não me quereis porque estais de longe". Ele me disse que tratasse eu só dele, eu desconfiei. Por duas vezes me disse que tratasse eu só dele. Minha alma sentida lhe disse: "então falto à obediência? Vós, Senhor, não quereis isso". E meti-me a chorar e lhe dizia: "quem vos furtara, meu menino, para vos ter nos braços?". Toda a manhã levei neste furto, dizia minha alma, sentida e chorosa: "Senhora, Senhora, passais dos vossos divinos braços aos desta pobre alma". Esse menino que anda brincando comigo e fugindo-me, a alma derretida em amor e lágrimas o buscava, e ele lhe disse, por muitas vezes naquela manhã, que cuidasse só nele. Eu estava para fazer doces para a casa, via

[1399] No original, "detia".

o que passava minha alma e, queixando-me de mim mesma, considerando que amor tão pequenino[1400] se não podia cuidar em outra coisa. A alma desejava dar-lhe flores de virtudes, não as achava, em si conhecia que Nossa Senhora nunca o largara dos seus divinos braços, senão quando era vontade do Senhor. E eu com tantas misérias, me dava pena ver que por minha culpa ele se mostrava de longe, mas em todo o dia não podia cuidar em outra coisa. Retirei-me das criaturas tudo o que pude, e fiquei tão sentida e indo quando por ver que destes mercês que meu doce amor me tem feito que não pode a alma satisfazer a fome e sede, sem que ela se veja livre do corpo. Em lágrimas de gozo e amor se queixa do corpo e lhe diz: "Senhor, estes olhos de carne e sangue me estorvam. Quando se verá minha alma livre destes inimigos?" Oh, se eu fora senhora de mim mesma só para o castigo do corpo, pois meu doce amor me tem dado a conhecer quanto importa andar sempre o corpo mortificado para que a alma seja livremente rainha. Diga-me Vossa Reverendíssima se será em mim amor próprio desejar muito e pedir ao [fl. 12] Senhor que faça minha alma pura, e coração limpo, porque a razão que tenho para me queixar de mim mesma e das coisas terrenas, e fugir das criaturas é porque me ocupam estas duas moradas, onde o novo amor descansa. E ver que por coisas baixas me deixe ao sumo bem de minha alma, inda que de todo me não deixe não pode a alma dissimular esta pena. Dou fim a este capítulo, inda que muitas coisas me ficam por dizer, e a maior delas é a admiração que me faz ver a caridade de Vossa Reverendíssima com esta pobre alma, sendo eu tão ruim. Mas nisto conheço que tem muito amor de Deus pois se atreve a ler isto.

Capítulo III

Estando na oração, oferecendo ao Senhor o tempo que ali estava por todas as mais que não tinham oração, e pelos que vivem no mundo, conheci que o Senhor com agrado aceitava o que eu lhe oferecia pelos de fora de religião. Mas pelas esposas se mostrava como irado, de sorte que tremeu o coração e chorei muito, e deram-me grandes desejos de pedir a todos os padres que aqui assistem que pedissem a todas que se iam confessar que tivessem oração, ao que suponho não faltaram. Mas a dor que sentia minha alma me obrigava a buscar remédio a tão grande perda.

[1400] No original, "piquenino".

Estando em matinas, por duas vezes, estava minha alma tão abrasada no amor do Amado que estava continuamente amando e gozando. Mas se me descuidava logo via como visivelmente, mas não era com os olhos do corpo que os inimigos me estão com tal raiva que me queriam despedaçar se dali [fl. 12v.] saía. Eu estava tão forte que não lhe tinha medo, nem fiz caso deles.

Outro dia, estando para me confessar, uma noviça, digo, para professar uma noviça, quando eu considerei no que nosso Esposo fizera por nós, vi-me como presa dos sentidos no gozo que sentia minha alma, mas logo me deram a entender que chorasse e sentisse as ofensas que lhe faziam as suas esposas. Eu sentia-me morrer de dor. Quando morre alguma religiosa tenho invejas de ver que ela está já livre da prisão do corpo, e assim na oração que a alma está gozando do Senhor como corporalmente, e com muitas ânsias, lhe diz minha alma: "Senhor, Senhor, acabe-se já de romper este véu! Quando há de acabar esta prisão da carne?" Outras vezes, de repente, me diz com voz que vem do céu: "alma aqui é a tua morada". Com isto se desfaz em lágrimas de amor e ternura. Já disse a Vossa Reverendíssima que passara três dias sem comungar, estava minha alma doente quando comunguei que foi dia do Arcanjo São Miguel. Senti meu Senhor que me deitava os seus divinos braços, e chegava minha alma [a]o seu divino peito. Com tanto regalo e amor me disse: "estes mimos são para o céu. Agora é necessário trabalhar e padecer", e mais coisas que me não lembram. Eu, toda desfeita em lágrimas de gozo e alegria, fiquei muito contente, e já não queria senão padecer. Mas deu-me a entender o quanto lhe agradava que eu o recebesse todos os dias. Eu sentia minha alma que estava como enchendo-se de fortalezas para vencer as tentações (que elas nunca faltam), e criando uma virtude em si que se deixava ver. No outro dia, que era domingo, comunguei, estando recolhida com o meu doce amor. Senti o Senhor dentro da alma de sorte que não sei dizer, tinha minha alma incorporada consigo, com [fl. 13] tanto regalo que ela se lembrava do que o Senhor lhe tinha dito, e se humilhava e lhe dizia que fossem aqueles regalos para o céu. E quer fugir aos favores, mas quer estar abraçada com o Senhor, mas é por se livrar dos inimigos que são os pensamentos, porque aborrece tudo [o] que não é cuidar no Amado. E o Senhor me diz dentro da alma, por muitas vezes, que cuide eu nele, que ele cuidará de mim. Quando me diz isto fica minha alma toda derretida e abrasada em amor e lágrimas. Mostra-me meu doce amor dentro da alma a necessidade que ela tem de o receber, mas ela se humilha muito e se

entrega à divina providência. Dá-me grande admiração ver que sempre minha alma sinta fome e sede de receber a meu Senhor sacramentado. Nos dias que o recebo sinto tal alegria na alma que me parece que cem asas pode levar o corpo pelos ares, e o corpo com mais forças. Seja meu doce amor lo[u]vado, que tantos regalos faz às almas puras. Esta petição nunca me esquece. Sempre lhe peço que nos faça as almas puras e os corações limpos.

Estando na oração, senti minha alma de tal sorte que dentro dela estava meu doce amor como mirando-me, e dizia que me amava muito, muito, e com alegria me dizia isto. Veja Vossa Reverendíssima que sentiria minha alma com este conhecimento. Toda derretida em amor e lágrimas se admirava e se humilhava e lhe dizia muitas coisas. "Vós, Senhor, amais a quem vos não sabe amar". E fiquei tão elevada naquela suave palavra que duas horas estive como presa porque achei o que buscava minha alma, e tão segura que não conhecia a si porque toda se achava no Amado. Mas quando me levantei senti o corpo muito quebrantado, que não podia rezar vocalmente, porque a alma nestes favores está como apartada do corpo, e oração mais subida. Vai já por oito[1401] dias que [fl. 13v.] o Senhor me disse isto, mas deixou-me tão presa que não faço mais que humilhar-me e louvá-lo, conhecendo-me a mim e fugindo a tudo terreno com um desapego a tudo que é mundo, e quanto mais se desprende mais recebe, e mais conhece e mais deseja chorar porque é ingrata. Até que o meu doce amor a conforta e lhe dá a entender que o ama, só então é que ela descansa. Eu andava com dúvida, que minha alma não deseja favores nem regalos, mas quer estar sempre abraçada com o Senhor, não pelos regalos, que o meu doce amor bem sabe a verdade, que é só por me ver livre de ladrões de casa, que são os pensamentos. Preguntei ao confessor se faria eu mal nestas ânsias, ele me respondeu que o Senhor não tinha necessidade de mim, e que esses favores eram para quem fazia grandes coisas por seu amor. Eu, como ando sempre com ânsias de o servir, vejo-me com alentos e forças, e logo me sinto com pena por não fazer penitências, e digo a meu Senhor que aquela saúde que sinto que é mal empregada em mim, inda que não seja senão meia hora. Mas como ele me disse que era para quem trabalhava por seu amor, eu vi-me só com os desejos e pus-me a chorar, e disse a meu Senhor: "vós bem sabeis que a obediência é a que me faz ser ingrata", e como aflita lhe disse isto. O

[1401] No original, "outo".

Senhor como sorrindo-se e com agrado me disse que me amava muito. Bem sabe Vossa Reverendíssima o que sentirá uma alma quando conhece que o Senhor lhe fala porque aquele conhecer é tão suave para a alma que toda fica derretida em amor e lágrimas, e tem grandes desejos de se ver livre da prisão da carne, pela pena que padece de amor. Mas conforma-se com a esperança que tem que há de ter fim este desterro. Quando Santa Maria Madalena[1402] esteve aos pés do Senhor, que ele lhe disse que fosse em paz. Quando ela o não via, andava sempre ocupada com [fl. 14] esta doce palavra. Assim desejo eu fazer. Ah amor, que assim és forte! Não posso escrever com lágrimas que molham o papel, este amor não dá lugar para mais que amar mais e mais.

Dia de Nossa Senhora do Rosário, me fez meu doce amor tantos favores que esteve minha alma gozando da divindade. São mercês que criatura terrena não sabe explicar. Parece-me a mim que Vossa Reverendíssima o sabe melhor que eu. Os efeitos que me deixam é um ato atual de humildade, desprezo de mim mesma, conhecimento da grandeza e bondade infinita. Toda derretida em fogo de amor e lágrimas, conhecendo minha alma a glória dos santos, se põe a falar com eles, e lhe diz que não os chamará já senão bem-aventurados, pois sem susto nem temores, nem receios, gozam daquela glória para sempre sem fim.

Vi dentro da alma como meu Senhor e bem de minha alma queria que tratasse só com ele. Mostrou-me como em uma luz escura como estavam os bem-aventurados, e os anjos não estavam todos iguais, uns mais aba[i]xo e outros mais acima, mas a atenção era igual, como quem tem muitos fios de uma parte e outra, e todos juntos vão para uma parte. Não me declaro bem, mas conheci que não podia ali entrar coisa criada, e que havia de estar desfeita de criaturas. Assim, me sentia morta em todo o sentido porque o amor de meu doce Jesus é tão forte que me não dá cuidado deixar irmão e irmãs, mas não posso dar atenção a nada. Se eu de[i]xo a mim mesma porque não deixarei as criaturas ? Só assistir-lhe pela caridade. Eu digo isto porque, indo para a oração, sei que está alma e corpo, e já quando me descuido é meu Senhor servido, caminha minha alma tão livre e ligeira que já se não conhece a si porque toda se acha no Amado [fl. 14v.]. Outras vezes, se encosta na sua divina chaga do peito, e ali aprende e sai tão desapegada de todo o terreno, e toda derretida em amor e lágrimas, e vê-se

[1402] No original, “Madallegna”.

como estranha como se ela não conhecera coisa criada. Mas é tanta a minha miséria que me faz grande trabalho dar conta por letra.

Ontem estava no leito com desejos de escrever que o Senhor me tinha feito muitos favores, mas sentia o corpo tão quebrantado que não pude. E dentro da alma senti que o Senhor me dizia: "escreve", mas eu não podia que a cabeça não a podia governar. Eu disse: "se vós, Senhor, quiseres que eu escrevesse, havíeis [de] me de dar forças para isso". E supus que o Senhor não me disse tal, mas logo senti fogo de amor que não sabia que fizesse. Custou-me muito não me pôr a gritar que amássemos ao amor. Só a santa obediência me detém a escrever, porque vejo que não goza, digo, porque vejo que não digo o que goza minha alma. Louve-o Vossa Reverendíssima por mim pois que eu o não sei fazer. Como meu doce amor me mostrou tão claramente o que acima disse, que não desse atenção a coisa criada se queria viver naquela vida nova toda recolhida no interior. Fiquei com este cuidado, mas como não tenho senão misérias fui-me descuidando. Mas bem me mostra meu doce amor que diz a alma que deveras o ama se não há de descuidar porque entre as criaturas pode estar nos seus divinos braços, assim é que é necessário as portas fechadas[1403] do interior. Mas eu sou tão ruim que me não lembra isto senão quando vejo que o Senhor se me tem ausentado ou se esconde. Fica a pobre alma conhecendo que ela teve a culpa, toda se desfaz. São trabalhos que nada pode satisfazer esta perda, nada me lastima tanto como é cuidar que alguém padece esta doença que é mortal, para mim é morrer. Então o corpo me ajuda a pobre alma [fl. 15], que deseja que ele faça penitências. Ele não presta para isso, e ela lhe está com aborrecimento porque não se queixa senão de si mesma, gemendo e chorando e toda cheia de suspiros e ânsias. Ver que há de comer o corpo lhe faz trabalho, mas meu doce amor que é Pai de amor, que sabe o que ela tem padecido, dá-lhe os seus divinos braços, e todo se de[i]xa tocar dela. Não me creia Vossa Reverendíssima, mas digo que meu Senhor a tem chegado ao seu divino rosto ao da alma. Estas coisas não as posso dizer, só quando o Senhor puxa por mim que vá para o retiro. Sinto a alma tão quieta e serena, sem rumor de coisa criada, que parece sono em que ela está com o Amado, e não sei se é engano meu, parece-me que falo mal. Pus-me então a escrever e, como não dizem os meus papéis o que sinto dentro da alma, dá-me pena. Mas creia-me Vossa

[1403] No original, "fichadas".

Reverendíssima que isto pouco que digo é do Senhor, porque de minha rudez não digo nada, nem os ouvidos do corpo ouvem bem. E que se pode esperar de uma galega senão grossarias? Assim, limpamente tudo que eu disser meu Pai e Senhor de minha alma mo dá a conhecer. Seja para sempre louvado que tanto regala esta formiga. De[i]xa-me o Senhor padecer grandes tentações, que me vejo o posto em uma batalha com tentações de soberba interiormente. No exterior, como visivelmente, me falavam de coisas terrenas, sem poder dar atenção aos favores do céu, nem me podia humilhar, não me conhecia a mim, não podia dormir, e parecia-me que a pele batia na carne com estrondo. Só não me afligia porque me parecia ser vontade de meu doce amor. Mas eu dizia-lhe: "Senhor, quando vós íeis com a cruz às costas, que vos encontrastes com a Senhora, dissestes à vossa amante Madalena: "amiga, vens só a ver-me", mas vós bem sabeis o que ela padecia por vós". "Agora meu a [fl. 15v.] mantilíssimo Jesus, eu aqui estou como vós sabeis, cheia de misérias, mas vós bem conheceis os meus desejos. Se Madalena vos amou muito, eu inda vos desejo amar muito, muito mais." E pus-me na oração, mas sentia tal força que me queriam deitar dali fora, mas meu doce amor me deu logo tal doçura na alma e no corpo, que se desterraram as sombras. E logo a alma toda derretida em fogo de amor e lágrimas, e lhe pedia não regalos senão pureza de anjo, e coração limpo e amor que não estivesse ocioso, que sem estas coisas não há amor perfeito. Nestes conhecimentos se lastima minha alma porque o meu doce amor disse aos seus discípulos[1404] que ia a seu Eterno Pai e que ia abrir as portas do céu, e lhe pedia muito que as não deixassem estar ociosas. Amado de minha alma, que necessidade tendes vós de nós? Mas que puro amor! Mostrou-me o Senhor dentro da alma como o haviam de amar limpamente as suas esposas, porque os seus Esposos, digo, porque os seus ministros é por outro caminho, que é necessário que estejam com a bandeira na mão, chamando almas, mas se não há amor fervente há muitos descuidos. Oh, almas, quanto perdemos por coisas de ar? Que assim se deve chamar [a] tudo que não é caridade. Mostrou-me o Senhor dentro da alma o que as suas esposas perdiam com coisas tão leves e deixam escurecer a luz do céu que está sempre batendo às portas da alma. Meu doce amor! Por não me confundir nesta consideração passo adiante.

[1404] No original, "discípulos".

Recolhei-me nas vossas divinas chagas, que se lastima minha alma de conhecer que vós, Senhor, lhe dissestes a pureza em que ela havia de viver e não só lho dissestes, mas, Pai de amor, a pusestes. Ela vos tinha tão claramente dentro de si mesma! Ah, Senhor, não permitais que eu seja pior[1405] que nossa Mãe Eva. Depois [fl. 16] de me ver livre desta batalha, me chamou meu Senhor à soledade que é uma força que sinto na alma que arrasta o corpo. E pus-me a um canto, tão elevada, que não sei dizer nada do que ali passei. Está a alma tão elevada e unida ao Senhor com todas as potências que é como quem está com os olhos abertos muitas horas sem pestanejar. Nem o corpo sente trabalho livremente, está horas sem se sentir, mas depois é que o corpo sente quebranto, mas minha alma fica tão solícita em se despir de todo o visível, sem dar atenção a coisa criada. Seja meu Senhor louvado, que me parece que se não temera as suas ausências não teria neste desterro que padecer nem que sentir, porque a fé e esperança me anima[m] na escuridade do corpo. Porque há de ter fim este desterro, mas a ausência do Amado, sem a alma saber a causa, senão que são pecados, porque logo ela se vê toda cheia de misérias.

Mas torno acima, como a alma conheceu que o Amado a chamava, escutando-se a si mesma. Andava vendo se tinha coisa que o tornasse a desgostar[1406]. Tinha uma pessoa que me falava à noite em coisas desnecessárias, digo, em coisas do Amado, mas sempre diz alguma coisa desnecessária. Disse-lhe eu que à noite não tornaria a falar jamais. Ela, inda que boa, não devia de conhecer porque o dizia, não o tomou bem porque nem de dia me falava. Eu como não tenho senão misérias senti na alma escandalizada[1407] sem eu querer. Andando nesta pena, senti dentro da alma que o Senhor me dizia que fizera bem, e a alma toda derretida em lágrimas e amor estava conhecendo que ele se assentava e trazia consigo Santa Teresa e Santa Maria Madalena. E disse a minha alma: "aqui tens estas amigas [fl. 16v.] com quem hás de tratar e falar". O amor que ali conheci nesta vida não há com que se compare. Duas noites me achei nesta doce conversação. Parece-me que até o que trazia vestido ficou cheio da doçura e suavidade, que a alma sentia o Senhor, e me disse que me despisse interiormente de todo o visível se queria

[1405] No original, "peór".
[1406] No original, "disgostar".
[1407] No original, "escandelizada"

gozar dos seus divinos braços. Ela, toda derretida em lágrimas de gozo, lhe disse [que] aceitasse meus desejos, que eu sempre lhe peço que me dê uma alma pura, e o coração limpo, e um amor que não esteja ocioso. Ficou a alma como apartada do corpo, mas ele muito quebrantado porque a oração é agora na divindade. Oh, Senhor, quem sois vós e quem sou eu? Parece-me que a alma dá voos àquele sumo bem, tão livre das prisões da carne. Ah, amor, quem se vira já de todo livre e seguro para sempre, jamais?

Estando na cama, senti minha alma metida na do divino peito do Senhor. Creia-me Vossa Reverendíssima que estar eu viva, digo, o corpo pare como milagre. Vossa Reverendíssima sabe o que eu sou, uma formiga, abismo de misérias, criatura, como Vossa Reverendíssima me disse sem préstimos, que assim estimo que Vossa Reverendíssima me conheça sem merecimentos.

E toma meu doce amor ali toda minha alma, andando eu tratando com as criaturas pela caridade, e o Senhor pôs minha alma tão desocupada consigo. Nesta mesma noite, em sonho vi que o inimigo me pegava no hábito e me queria arrastar. Eu, muito desembaraçada, lhe preguei e o açoutei. Ele era tão fraco que teve medo de mim e fugiu. Por muitas vezes me diz o Senhor, e mostra-me, como eu hei de fugir, estar só para ele. E me diz que se não fugir de todo [o] terreno que perco por minha culpa.

Eu estava na missa do dia e, como somos muitos, nunca me falta que minha alma tenha que sentir ofensas do Senhor, e também que louvar nas que vejo que o sabem servir melhor que eu. Mas via ali uma coisa que me lastimava muito. Chorava minha alma de dor de não poder remediar [fl. 17] [a]quela falta. Disse-me o Senhor dentro da alma que lho pedisse eu a ele. A alma, que vê a sua miséria, inda mais se derretia em lágrimas, mas o Amado a animava e lhe mostrava que não escolhera pessoas à parte para se fazer homem e derramar o seu divino sangue, senão que por todos padecera. E que quem o buscasse mais, mais regalos lhe daria. E que eu era toda sua. Ah, amor, que assim vos sou ingrata. Louve, Vossa Reverendíssima, por mim ao meu Jesus.

Capítulo IV

Dá-me meu doce amor umas dores, que vi o corpo sem alentos de vida. Toda uma semana levei sem saber que gosto tinham os comeres, e dentro da alma me mostrou o

Senhor duas tábuas por onde eu fosse[1408]. Uma não tinha fim e muito estreita, a outra era cobrada por muitas partes. O Senhor me deu a entender que fosse pela estreita, eu assim o fiz, mas não tinha fim por mais que andasse. Como não chegava ao cabo, pôs-se minha alma chorando. O Senhor me animou e me disse que aquele caminho era o do seu amor, que não tinha fim, e o amor que eu sentia com este conhecimento me derretia toda em lágrimas. E esquecida de meus pecados e misérias, lhe pedia com grandes ânsias: "tirai, Amado meu, esta alma deste desterro". O Senhor me botou os seus divinos braços e me disse: "foge[1409] a tudo terreno, tem grande pureza à alma". E lhe disse: "dai-me a vós ou me tirai deste cárcere".

Outro dia, sentia minha alma cheia de favores, de sorte que o corpo os sentia, e ela sentia que o Senhor lhe estava fazendo estas mercês. Ela, como o sentia e via que não lhe podia tocar, rompeu em ais e suspiros como insofrida. "Senhor [fl. 17v.] tirai-me deste corpo que estou cega. Ah, Senhor, para que me quereis sem vos ver? Que não, não Senhor, não posso! Senhores da corte do céu, dêem-me o meu doce amor. Ah, amor, que não, não me deem regalos, dêem-me o meu Amado". Gastei mais de três dias em busca do meu Amado. Custou-me muito não gritar por este mosteiro. Estando na oração, senti meu Senhor incorporado com minha alma, tudo em silêncio. Ela, como se achou com os tesouros do céu, não os queria só para si senão que todos gozassem daquele sumo bem. Em todo dia me andou chamando o meu doce amor para o retiro. Eu não fui. À noite, disse-me: "despe-te de tudo terreno". Eu disse-lhe: "Senhor, vós bem sabeis que esse é todo o meu desvelo", mas o Senhor me pedia mais pureza.

No outro dia, que era dia de comunhão, vindo de o receber, me deu minha Senhora da Piedade a entender: "agora o tens como eu o tinha nos braços". Eu inda tinha a sagrada partícula na boca e sentia tantos regalos que a alma pediu à Senhora que assistisse ali, e os anjos e quatro santos, duas santas e dois santos. Estava minha alma nesta santa companhia, em que lhe diziam, me parecia que era minha Senhora, que a joia mais preciosa que a alma possuía neste desterro era receber o Senhor. Eu lhe dizia: "Senhor, não permitais que vossos ministros sejam escassos aos regalos que minha alma recebe

[1408] Em Mateus 7:13-14 encontra-se a menção a uma porta estreita e a uma porta larga, sendo a primeira a que conduz à vida verdadeira.
[1409] No original, "fuge".

do Senhor. Só posso dizer que é pão quotidiano, que é sempre". E a alma vê que não faz nada pelo Senhor, e sempre está ocupada com o Amado, o corpo sempre enfermo, sem fazer penitências, só a alma as faz no sentimento, porque o corpo a não ajuda. Às vezes desmaiava, mas meu doce amor me disse que me não detivesse nisso, que andasse adiante, porque o amor se é firme também consome os pecados e os desfaz. Vós, doce amor, me dais isto a entender [fl. 18]. Eu não me fio de mim, mas eu já não sou minha, toda sou vossa. Dai-me vós o vosso divino coração, para que a alma descanse nele. Doce amor, que fareis que me custa tanto o tratar com as criaturas, que não posso senão estar só convosco? Ou vós, Senhor, lhe dai este mesmo trabalho para que fujamos todas para vós, e cada uma trate de si só convosco. Ou fazei de mim o que quiseres, porque eu já deixei tudo por vós, e por vosso amor lhe desejo assistir, mas minha alma nem nisso pode cuidar, que vejo que toda se esconde em vós. Mandai-me o que for de vosso agrado. Ah, amor, que não me deixais cuidar em nada, dentro de minha alma vos tenho certamente e certamente vos gozo. Amor, amor, quem sois vós e quem sou eu? Que quereis Senhor que faça, Amado de minha alma? São tantos os regalos que sente minha alma, inda sem cuidar em nada mais que estar desocupada de todo o terreno, que vê dentro de si um céu de glória.

Estando na oração, acabadas matinas, muito quebrada de forças me assentei logo e disse: "meu doce amor, como pordes em mim os vossos divinos olhos? Todas estas vossas esposas estão de joelhos, só eu me assento". Mas meu doce amor me tem aquela meia hora nos seus divinos braços, com tanto regalo, digo, e com tanto agrado lhe mostrava que todo era dela. Mas ela como se levantou dali e se foi para ver se havia comunhão, se esqueceu do que tinha passado. Indo para receber o Senhor, olhei para o vaso, vi-o cheio de partículas, e alegrou-se muito minha alma. Louvando lhe disse: "amor meu, que vos fazeis em tantos meninos para entrares em nossas almas?" Estando eu recolhida com o Senhor, senti dentro da alma que o menino Jesus me deitava a bênção com a sua mão pequenina, e que se ia. Eu, de repente, disse toda admira [fl. 18v.] da: "se eu disser isto não me hão de crer". Logo me responderam: "pois que tens com isso, aqui não pode chegar coisa criada, nem aqui te pode chegar coisa que te faça mal. A bênção te dei não foi para te deixar senão para te mostrar que não temas tanto, porque te amo, e tu me amas. Aqui não tens de que ter temores". E me deu a entender o que eu devia trabalhar pelo retiro interior e silêncio da alma. Só com o Amado havia de

tratar, mas a alma como se vê metida no corpo tão fraco tem pena porque nada pode. Seja meu Senhor louvado, que ele foi o que me deixou hoje alentos a minha alma, que não é isto que digo mais que apontamentos dos favores que meu Senhor me faz e fez hoje.

Véspera de todos os Santos, começou meu doce amor a fazer-me tantos regalos a minha alma que ela, toda abrasada e derretida, lhe disse que todas sentissem aqueles regalos, mas por conveniência nossa senão para que todas se esquecessem de si mesmas, e aborrecessem as coisas que nos impedem tanto bem.

Dia de todos os Santos tivemos missa nova. O que minha alma sentiu foi como milagre. Não acabar a vida e derreter-se o corpo com o gozo que tão bem sentia, porque a alma gozava e via sem ver, e estava metida no gozo dos santos. Conhecendo a grandeza e bondade do Senhor, e tão presa que não se podia manear o corpo, que a alma estava presa. À noite, sentia-me abraçada com o Senhor. Só por não faltar à obediência me deitei porque o corpo também tinha desejos de estar abraçada com o Senhor crucificado. De gozo me pus a chorar e disse minha alma: "Senhor, vós não tratais comigo senão como menino, porque tudo são regalos e carícias comigo, que sou a que vós sabeis". E pus-me a cuidar como seria no céu, e achei-me com as almas [fl. 19] que minha alma desejava lá neste dia, todas na sua divina presença. Metida nesta glória me não pude deter a vê-la, senão a alma em silêncio, e gemendo, pedia que a deixassem chegar aos seus divinos pés do Amado. Nisto, senti que o Senhor me tomava e beijava minha alma. Ele com a sua divina boca a punha na da alma, e ela, tão envergonhada, se derretia em lágrimas. E sem falar mostrava querer que o Senhor fizesse aqueles favores a quem ali estava que os merecesse. Mais recebeu que não sei dizer. Chegou a estar só com o Amado, e o Senhor lhe disse que "nem todas haviam de saber o que eu te dou a ti". E os que ali estivam eram os anjos, mas então esteve a alma só com o Senhor. Eu tinha comungado naquela hora, os olhos do corpo fizeram-se duas fontes, o gozo que o corpo sente livremente podia passar sem comer no conhecimento das coisas divinas. Seja meu Senhor louvado para sempre.

Inda passou a mais, que depois d[e] o Senhor a beijar a pôs diante de si mirando-a. Sem voz, lhe dava a entender e com muito agrado lhe dizia: "tu és as meninas dos meus olhos". A alma, como encolhida e com vergonha, se conhecia, e os olhos do corpo se

desfaziam em lágrimas com o gozo que sentia, não só na oração, mas parece-me que para sempre se eu não for ingrata, que tanto o tenho sido e inda estou sendo.

Noutro dia, que era sábado, fui comungar, recolhida com meu Senhor feito menino nas carícias que faz à minha alma, porque a pôs nos seus divinos braços. Primeiro a chamou e ela envergonhada, com um modo como quem estava diante de toda a divindade. O Senhor a pôs no seu divino braço, me parecia esquerdo porque com o outro lhe fazia mil regalos, e ela conhecia que o Amado mandava que [fl. 19v.] estivesse tudo em silêncio. A alma nos favores que estava recebendo conheceu os pecados que tinha e sem falar se doeu deles. Ao mesmo tempo sentiu que [n]os olhos do corpo chovia por eles chuva com muita força, e o Senhor lhe fazia mais carícias. Mais favores gozou minha alma nestas duas horas que ali estive, porque o Amado tinha minha alma, ou a punha, como rainha e senhora, inda que ela se conhecia por intervalos.

Estando-se acabando a missa do dia, me deu minha Senhora um aviso ou doutrina, que visse como vivia porque a semana passada o seu divino filho me dissera por muitas vezes que "te despisses e te desprezasses", e outras mais coisas que a alma, toda admirada, não sabia que fizesse. Mas fui à sua capela e lhe pedi a bênção e, pois, era preciso ir falar com as criaturas, [que] me não desamparasse. E no peito trago sempre um Senhor pequenino[1410] de metal para me lembrar inda que trate com as criaturas, porque neste dia me foi preciso gastar a tarde entre vésperas com obras de caridade. Mas quando me punha na oração, já o Senhor punha a alma no seu divino braço, e logo tudo em silêncio na oração do convento, mostrou-me o Senhor como ela estava apartada do corpo. Os favores e regalos que ali se gozam e o que a alma ali passa, já disse que me disse meu doce amor que não era necessário que o soubessem as de casa. Amado de minha alma, eu não posso nem dizer tantos favores como me estás fazendo. Vós, Senhor, os dás a conhecer a quem governa minha alma, se é vontade vossa para que sejais louvado de todos que ardam no fogo do vosso divino amor.

Quando meu Senhor de minha alma me tinha deitada no [fl. 20f] seu divino braço, era como as mães que tem os seus filhos deitados nos braços, e ali lhe fazem muitos regalos. Assim fazia meu Senhor com minha alma, e lhe era o que mandava que estivesse tudo em silêncio. E então lhe dizia, com muita alegria, sem voz que a alma ouvisse, mas

[1410] No original, "pequinino".

entendia o que o Senhor lhe dizia: “pois que te falta? Que mais queres?”. A alma não respondia, mas conhecia o que era. Mas como ela tinha andando muitos dias com grandes ânsias de se ver livre da carne, o Senhor lhe estava mostrando como lhe dava mais do que ela buscava, porque ela buscava os seus divinos pés, e o Senhor a pôs nos seus divinos braços. O gozo era de sorte que o corpo não sabe o que come senão por o ver com os olhos. É que sabe a que é, já coisa desta vida se não pode apetecer, todo o trato que se tem é como por demais ou por ser preciso, e obrigada que puxam por mim. Mas que se possa buscar as criaturas por cumprimentos é impossível porque, inda que a alma não esteja em se vendo nos braços do Amado, ele deita sobre a alma e corpo orvalhos das suas divinas doçuras, que faz esquecer a criatura de si mesma, quanto mais as coisas terrenas que [são] para se humilhar porque, como as não deseja, senão só que seja meu doce amor louvado e amado de todos, em se ver tão favorecida se encolhe e acanha, mas toda se vê derretida no fogo do amor divino.

No outro dia, que era domingo, fui receber a meu doce amor sacramentado, feito menino que me regalam os seus divinos pezinhos. Passada uma hora, me pareceu que minha alma o não sentia com tantas carícias e disse para si mesma: “o Senhor deve de estar ocupado com outras almas”. E a alma se alegrou muito porque elas todas são melhores que eu, mas com muita ale [fl. 20v.] gria se queria ir com ele. Mas o Senhor não se mostrava alegre, e eu sempre lhe peço muito por todos, mas [sobretudo] pelas suas esposas, que me lastimo muito cuidar que lhe são ingratas. Como não conheci nada, lhe disse: “Senhor que quereis que faça, nesta hora que aqui estou? Se quereis que derrame todo o sangue das veias para que tenhais[1411] almas, almas puras, e corações limpos, aqui está a vossa escrava”. Assim, sentia a alma que estava como apartando-se do corpo, e ele com tão grande padecimento que não se podia manear. Passada aquela hora, a alma se tornou ao mesmo regalo, tão contente e alegre. Mais passou, mas como estes oito dias são de comunhão e favores não me fica papel para todo o mês.

Na segunda-feira fui receber a meu Senhor, sempre menino. Recolhida as duas horas costumadas, recebendo milhares de favores, lhe disse minha alma, que estava toda abrasada em amor e lágrimas: “meu doce amor de minha alma, vós já sabeis que me tenho deserdado de tudo o terreno e visível interiormente, com todos os meus desejos,

[1411] No original, “tinhais”.

e no exterior é só o que vós me quereis dar preciso. Mas como me tendes tão rica das vossas grandezas, sendo eu tão ingrata, temo muito [que] vos desgosteis de mim. Pois, Amado meu, dai a esta pobre alma uma joia das muitas que está gozando, para que enquanto está neste desterro viva segura e sem nada deste vale de lágrimas. Senão padecer o que for vontade vossa, vós, dono meu, já sabeis o que ela quer. Quer o vosso coração santíssimo. Ah, Amado, como estou rica com o vosso divino coração!" Eu sentia os anjos e os meus advogados que ali estavam todos alegres. Eu não sei como isto é, porque minha alma tudo deixa pelo Amado, não sofre a sua ausência, arde nesta fome e sede, de ma [fl. 21] is e mais amar. Mas vendo-se nestes regalos toda se admira, e conhece que não merece, mas não pode atender a outra coisa.

Hoje tem minha alma na oração da noite, estando brincando com o menino Jesus que, indo para o coro, olhei para uma imagem de Nossa Senhora. Deu-me tão grandes desejos e ânsias abrasadíssimas em fogo de amor de juntar à Senhora o menino, não aquele, senão o que se fez menino por nós, mas passou-me a ânsia. Depois, achei-o dentro da alma.

Hoje está meu doce amor à vontade da alma. Ela se desfaz por lhe dar corações limpos, que para este trato tão familiar pede ao Senhor muitas vezes pureza da alma, que se não está bem despida não se pode ter este trato com o Senhor dos Senhores, o Rei dos Reis. Oh, Amado, falta-me o papel, que se isso não fora eu dissera o que vós me dais a conhecer, luz de minha alma e a alma de minha vida.

Na terça-feira, antes de receber a meu Senhor sacramentado, toda a oração do convento senti o menino Jesus e a alma brincando com ele, que ele se deixava à vontade da alma e ela, toda derretida em amor, o beijava no seu divino peito. Mas como ela se vê mais rica, mais teme ser ingrata, e vê o que é a criatura [e] o Criador. Vê-se toda cheia de gozo e, com lágrimas, disse para si mesma: "isto que eu agora senti devem de ser desejos meus, porque Deus menino dentro de minha alma". Por outra parte via que não sentia coisa criada, nem lembrança desta vida. Tudo é glória em que a alma se via. Estando nestas dúvidas, dizia minha alma: "quem me há de crer se eu soubera dizer a glória em que anda minha alma, sendo eu a que sou, que não tenho senão misérias?" Mas logo me disseram dentro a alma: "tem, alma, ânimo. Que temes tu? Que desejas mais que a mim? Eu tenho o céu aparelhado", ou coisa semelhante que me dava a entender que o céu era a minha morada. Minha alma se [fl. 21v.] desfazia em lágrimas.

Mais me disseram como avisando-me para me não descuidar, e no temor me asseguravam.

Na quarta-feira, senti minha alma com os mesmos regalos, mas ela, como conhece as suas misérias, e vendo-se outra vez com o menino, lhe disse: "há três dias que estou neste mimo, não seja isto engano da alma". Mas logo me disseram: "quem faz um fruto não o torna a dar". A alma, derretida em fogo de amor e lágrimas, disse que não havia de buscar jamais o menino, e disse-lhe: "Amado meu, fazei vós estes regalos a quem vos sabe amar, pois vos não presto para nada." A alma estava gozando na glória do céu porque, sem ver, está logrando a companhia dos bem-aventurados sem impedimento[1412] de coisa criada. Toda a sua ânsia é que seja o Senhor louvado, mas não se pode deter a ver esta glória mais que estar onde está o Amado. Quem goza destes favores já a coisa criada não dá atenção. Ver-se obrigada ao trato das criaturas, o preciso, é morrer. A mim me sabe de me de muitas vezes ver-me como tola, e quando chego a ver-me livre destes tráfegos é tal a força com que a alma se despe e se abraça com o Senhor, que sinto o corpo quebrantado de sorte que deseja o corpo a cama para que a alma esteja senhora de si. Foi-me preciso servir-me, que me adoeceu a moça, e assistir-lhe a ela. Com isto me descuidei, ou distraí, porque [n]este trato íntimo com o amor é necessário muita pureza da alma. Logo comecei a sentir misérias (que nunca faltam em mim), logo sem esconder o meu doce amor. Mas eu senti-o dentro da alma, mas há dois dias que está como dormindo. Estando sexta-feira recolhida, que tinha comungado, senti dentro da alma o menino, mas dormindo. A alma com muita ânsia o quis acordar, mas davam-me a entender que eu já o não queria porque tinha dito que não havia de cuidar jamais nele. [fl. 22] A alma, com muitas lágrimas, lhe dizia: "vós, Senhor, bem sabeis a verdade, que eu não merecia tantos regalos, mas só a vós quero. Ou me dai paciência, ou vos acordai Pai de minha alma. Bem sei que as minhas culpas serão a causa por[que] vós vos anojais de mim, mas eu não conheço em que vos tenho ofendido. Agora nestes dias a alma está desocupada, dai-me, Senhor, paciência para que não grite. Ah, que se esconde o temor, que está a alma em desatinos, não sabe o que faz... Vós já me destes a entender que era para que vos buscasse com mais desvelo. Amado meu, para que me dais regalos sem me tirares desta prisão da carne? Depois de

[1412] No original, "impedimento".

me teres nos vossos divinos braços me deixais nesta escuridade do corpo." Seja meu Senhor louvado, dai-me paciência para sofrer com humildade.

Outro dia, estando na oração, o corpo tão cheio de dores que disse: "eu hoje o que farei? Há de ser cuidar nas dores que o Senhor padeceu por mim", e assim fiz a diligência. Já esquecida das dores, se achou minha alma com o menino Jesus. Ele brincando com ela, mas não sei dizer como são os brincos de um amor divino. Vós, Senhor, os dai a conhecer aos vossos ministros. É uma beleza conhecida sem vista, que leva a alma derretida e abrasada no fogo do amor divino. Não sabe se está na prisão da carne e, quando se vê presa, acha-se toda metida em ternura do amor. Não sabe que faça, não fica capaz para o trato das criaturas, nem pode dar atenção a coisa criada. Sempre estivera com os olhos do corpo fichados por não se embaraçar as ânsias de ofertar, que são grandes, para o não deixar jamais, mas não pode a alma tê-lo seguro muito tempo. Seja meu Senhor bem-dito e louvado.

Outro dia, comunguei e senti meu Senhor incorporado com minha alma, tanto às vistas que os olhos se não podiam enxugar pela ternura em que andava metida. Os favores que ela [fl. 22v.] recebia, não sei dar conta. São uns contínuos abraços em que a alma está com o Senhor, e quando a chama do amor divino se acende com força, sem me sentir, e digo: "Senhor, quem vos vira?" Mas como a alma se conhece a sua miséria, teme dizer isto. Mas quando ela diz não está em si, o amor não tem cortesia. Disto me queixo muitas vezes ao meu Senhor e Pai de minha alma, e Vossa Reverendíssima me diga se faço mal.

Capítulo V

Como não tenho senão misérias, estima a alma e se alegra muito que o corpo padeça. Deram-me várias queixas que não pude erguer cabeça. Duas noites levei como quem está em cama de espinhos. Seja meu Senhor louvado.

E, assim, sem poder fazer nada mais que padecer o corpo e a alma, o Senhor brincando com ela como fazem as mães com seus filhos, foi tal a fraqueza do corpo que para a alma estar à vontade com o Senhor se deitava logo na cama. Ali, parado muito tempo com meu doce amor em colóquios, já sentindo o Senhor incorporado[1413] com minha alma. Não há forças que possam porque se mete o coração em ternuras. Não se podem

[1413] No original, "encoporado".

enxugar os olhos. Oh, Senhor Pai de minha alma, quem gritará a portas fichadas? Só na oração se recolhe a alma com o Senhor, onde descansa com os beijos do seu divino rosto, e lhe diz: "eu sou todo teu, e tu és toda minha". E o mais que a alma não sabe dizer o que passa e goza em parte donde está só com o Amado. E quanto mais padece, mais goza. E não estar Vossa Reverendíssima em parte que visse logo o que eu escrevo me dá muita pena. É vontade de meu Senhor e Pai de minha al [fl. 23] alma, mas como não sei dar conta do que passa minha alma com o Senhor dá-me pena dar trabalho a Vossa Reverendíssima. Vê-se minha alma tão enamorada[1414] do meu doce amor que não admite coisa terrena, nem se alegra, nem se entristece com coisa criada, assim goza de uma paz e serenidade e quietação. Vê dentro da alma que o Senhor a mira com alegria e amor. Posta na oração, parece-lhe [que] pouco falta para gozar da sua divina vista. Oh, esposas do Senhor, amemos a este amor divino, um amor divino, um coração divino. Quem se não despirá de todo o terreno? Não há trabalhos que deem pena, nem dores que possam afligir, tendo um amante que nos está assistindo com tantos regalos! Eu confesso de mim que quando o corpo se não pode manear, então está minha alma com mais liberdade nos braços de nosso divino Esposo. Oh, amor, temo porque sou toda uma miséria, mas vós, Senhor, logo me recolheis no vosso divino peito. Sempre me tendes como menina! E nos temores para me dares fortaleza.

Estando enferma, me deitei na cama para tomar uma purga, inda que mortificada pelo remédio. Mas a alma, com muita alegria, o estimava para estar mais à sua vontade com o Senhor. Mas a minha miséria me fazia desejar o preciso, mas dentro da alma me deu o Senhor a conhecer que para o trato íntimo da sua doce e amável presença me despisse inda do preciso. Mas como sou tão ruim me descuidei. Logo senti tentações estando neste sentimento porque, inda que as tenha, está a alma em paz e com grandes desejos de chorar o tempo que se gasta que não seja cuidar no Senhor. Nesta aflição, me deu o Senhor um sonho em que vi um leão que andava entre nós todas, sem nos deixar descansar, mas não fazia [fl. 23v.] mal, e não tínhamos quietação. Era campo largo, mas com o rebuliço nos fazia que não dormíssemos. No outro dia, já esquecida do sonho, me pus na oração, onde o Senhor me deu a entender que me animasse nos temores, que o que vira de noite era mostrar-me como devemos viver com cuidado, que aquela era a

[1414] No original, "em namorada".

guerra em que a alma está sempre no cárcere do corpo. Mais conheci nesta matéria. No outro dia conheci, dentro da alma, que o Senhor me dizia que tivesse retiro e soledade, e que fugisse ao trato das criaturas, inda das muito santas. Mas isto não foi só dizer-mo como é, mas mostra-me como me quer só consigo. Como eu conheço estas coisas e toda metida em ternura desejo seguir o Amado, e fugir a tudo. Mas como sempre desconfio de mim, não me faltam às vezes temores, porque não posso fazer nada, que sou uma podre. Eu disse: "Senhor, que vos faço eu para tantos regalo como me fazeis? Eu não tenho forças nem alentos para assistir às enfermas, eu não posso ir ao coro à oração assentada, que de outra sorte não posso. Vós sempre regalando-me, já que não mais hei de ir ver as doentes, mas de visita". Supus eu para mim que para mais não posso, e fui-me deitar logo.

Vi, ou sonhei, que indo com as mais por pé da igreja da parte de fora, todas passaram por um caminho apertado. Eu fui para passar, mas tive tal medo de lá ir que não pude passar. E queria ir e chamei que me passassem, e fiz força para a passagem, mas dava como em um barroco muito escuro. Como vi o perigo, vim me pôr dentro da igreja com muito descanso. Estando na oração, me disse o Senhor dentro da alma que o caminho que ia por fora com tanto perigo era [o] trato das criaturas, mas que ele me queria por onde eu não que [fl. 24] ria ir, que era por dentro da igreja, que era só tratar com o Senhor, e que fosse eu sempre. Mas como sou tão ruim, não fio de mim estas coisas, nem digo aqui toda a miudeza. Não há coisa mais clara para o meu interior do que é ler o Livro da Madre Maria de La Antígua. Se Vossa Reverendíssima estivera em parte que estivesse lendo onde eu ouvisse, eu lhe dera conta do que sinto na alma. Mas louvado seja meu Senhor, que tão só me quer ter consigo, pois o pôs a Vossa Reverendíssima tão longe de mim.

[N]o primeiro do Advento me retirei mais do costumado do trato das criaturas. Estando só no retiro me davam tão grandes ânsias pelo Senhor, que a alma o sentiu, mas a escuridade do corpo a não deixa vê-lo. Ela estava só ali para o Amado. Oh, lágrimas, deixai-me escrever suspiros de um coração ferido. Oh, Senhor, não vos escondais! Para que me tendes tão regalada nesta soledade? Meu doce amor! Bem sei, doce prenda da minha alma, que não posso desejar mais que amar-vos e padecer... Mas que queixas vos posso eu fazer se vós hoje me dissestes que havíamos de trocar os corações? Mas fostes-vos e deixastes-me com susto, mas tão cheia de vós, mesmo que no coração me

deixastes tal doçura e suavidade que me achei com forças no corpo para estar de joelhos. Mas como entendi, digo, como não entendi quando havia de ser, cuidava em outra coisa por não me crer a mim. Mas era tal a força que sentia para não atenção a mais nada. Sentia forças sobrenaturais. Não parecia ser de carne e sangue, leve como pena, nada de penalidades conhecia em mim. Só me fazia trabalho comer e beber e dormir. Louvado seja o meu doce amor!

Sempre se padece muito neste desterro, porque estas coisas que por força se hão de fazer, [fl. 24v.] inda que não queira uma alma que anda, se pode dizer, nas meninas dos divinos olhos do seu doce Esposo, e que por força há de lidar em coisas da terra, sabendo que se não estão as portas dos sentidos bem fichadas que não está de assento a luz do céu. A alma, mentida neste martírio, tudo é despir-se de tudo, e tão desapegada do terreno que tudo aborrece santamente. Aqui é tudo dizer sem falar. Senhor, não me deixeis! Eu me deserdo de todos os apetites, assim da carne como do espírito, inda que os não sinta, então sempre desconfio de mim.

Estando nas matinas, sentia minha alma tão regalada que me parecia que eu já não tinha coração de carne, mas não entendia nada porque quando meu Senhor me faz favores é quando eu estou bem descuidada. Quando eu sinto na alma o menino que vem brincar com ela é quando me não lembro dele, ou quando a alma está aflita com o que o Senhor padeceu por ela, e vê que não tem senão misérias. E para minha alma ser regalada primeiro se purga em padecimentos porque eu não os digo aqui, porque Vossa Reverendíssima bem sabe que não me deu licença mais de duas folhas cada mês, por isso, não posso dar conta de tudo. Antes disto que acima disse, me vi tão desamparada que só metida nas minhas misérias, conhecendo que estava comendo e bebendo na casa de Deus, ociosamente, sem prestar para nada. Estando nestes trabalhos, chorando na oração, me disse o Senhor dentro da alma: “ama-me muito”, e deixou-a metida em ternuras, que ela se foi animando. E dentro da alma me disse meu Senhor que para se tirar ouro mais fino se trabalha muito, que assim era a alma que limpamente era sua. E me deram tão desejos de não querer senão o seu divino coração, que ele não o põe nas mãos da alma, mas é um dom que a alma recebe, que não [fl. 25] entra coisa terrena, nem as potências se movem. Está o interior metido em tal suavidade que se derrama[m] pelo corpo umas forças desconhecidas do seu natural. A alma padece porque não quer que se trate do corpo. Sinto dentro da alma uma coisa que tomara que Vossa

Reverendíssima me dissera o que hei de fazer, porque toda a vez que assento comigo de falar com alguma pessoa, inda que seja muito santa, não havendo necessidade de falar senão por amizade, tendo esse pensamento, sinto logo meu Senhor que toma minha alma e abraça consigo em um abraço tão apertado, que ela toda derretida se esquece de todo o trato da gente. Nem sente desprezo, nem desatenções, tudo é paz e alegria. Seja meu Senhor louvado.

Véspera de minha Mãe e Senhora da Conceição, me começou meu Senhor a fazer tantos regalos que ando estes dias de sorte que não fizera mais que chorar de gozo e alegria. Mas logo me faz mal à cabeça, e depois de receber a meu Senhor sacramentado até ao meio-dia estou de sorte presa. Está a alma elevada, que o corpo não sente moléstia, e a alma depois fica desfazendo-se toda em desejos de louvar o Senhor. Conhece a sua miséria, e vê o que o Senhor obra com ela. Toda se desfaz do muito que está gozando e conhecendo. E então o Senhor lhe diz: “assim te quero sem préstimo”. Meu doce amor, que assim sinto dar mimo a este corpo, inda que não sejam regalos, mas inda o preciso, andar-lhe à vontade, só à vossa divina vontade, mas vós, Senhor, sois o que tratais de tudo, porque eu não tenho nada que não seja vosso. As minhas riquezas sois vós, o meu único dono de minha alma!

No domingo quis falar a meu irmão antes de comungar, mas o Senhor não me deixava, e por duas vezes, estando na cama para me levantar a ir-lhe falar, senti como por [fl. 25v.] sonho que me diziam que não fosse. Mas como não fio de mim nada, fui-lhe falar. Mas, como estranha pelo que sentia dentro da alma, depois fui receber a meu Senhor, e logo me começou a fazer regalos no conhecimento da bondade divina. Ela, conhecendo a humildade com que o Senhor se vestiu da nossa carne, ela toda humilde se conhecia e se via esposa do Senhor dos Senhores. Ele a estava ornando com galas formosíssimas de todas as virtudes, da cabeça até os pés. Bem-aventuradas as almas que forem verdadeiras esposas do rei da glória, porque a mim, que não mereço senão mil infernos, me trata meu Senhor desta sorte, o que eu não sei dizer, nem bem dar a entender. Mas, estando meu Senhor dando-lhe as galas, lhe dava a entender que por isso a chamava e a queria retirada do trato das coisas visíveis. Mas, como não tenho quem me diga como me hei de haver nestes chamamentos que sinto dentro da alma, me deixo ir com humildade e encolhidamente seguindo o comum por não me fiar de mim, e a alma conhece que o Senhor se agrada disso. Com alegria me perdoa e recebe

minha alma nos seus divinos braços. O meu doce amor é meu mestre, que Vossa Reverendíssima está muito longe. Os favores que a alma hoje recebeu só língua de anjo os saberá relatar, que eu sei-os receber e não o sei dizer. Seja meu Senhor bem-dito para sempre.

Outro dia, me disse meu Senhor dentro da alma que o amasse e que me despisse de tudo o terreno, e com força me chamava ao retiro e soledade. Mas não fiz caso disso, deixei-me estar por não me fiar de mim, mas logo me senti que o Senhor me deixava. E como minha alma já tem experiência das grandezas do Senhor, e ver que ele se esconde, não repara ela que o Senhor quer fazer aquelas ausências, senão logo supõe que são pecados grandes. A [fl. 26] ssim, me vi na parte inferior[1415] com grandes trabalhos e temores, que a alma não se compreendia, mas com muita humildade buscava o Senhor. Estando para me deitar à noite, beijei as chagas do meu Senhor, que tenho no leito. Ao mesmo tempo senti dentro da alma que o Senhor me dizia com amor, mas repreendendo-me, que permitira que eu tivesse padecido tanto, pois não fazia o que ele me dizia. E deu-me a entender[1416] (sic) que tivesse grande pureza, e todas estas coisas se levam em chamas de amor e lágrimas.

Véspera de Santa Luzia, começou o Senhor a regalar minha alma. Estando na missa do dia, senti meu Senhor que vestia minha alma, e lhe punha joias. Mas ela lhe dava a entender que o que desejava era que o Senhor fosse louvado de todos. O Senhor a teve nos seus divinos braços, e lhe dava a entender que a não queria senão para si. Não me sei dar a entender, porque ela recusava as grandezas com que o Senhor a ornava, por ver que não queria obras suas, senão amor puro, e a alma pura, sem que a manchasse coisa terrena. A alma, com grandes desejos, fazia deixação de tudo o visível. Sentia uns afetos amorosos que me alteraram os humores pela força que sentia. Isto me sucede muitas vezes. Outro dia, estando nas matinas, me fez meu Senhor muitas mercês. Eu, como surpreendida, me queixava por não saber dizer, nem dar conta do que a alma tinha passado com o Senhor. Mas o meu doce amor me animou, porque eu logo me queixo e digo: “Senhor, inda que eu soubera dizer o que vós só fareis a esta pobre alma, quem me há de crer, sendo eu a que sou?”. Mas o Senhor me dá a entender que aqueles

[1415] No original, “enferior”.
[1416] No original, “enter”.

favores que são como *ad intra* só de Deus para a alma, mas primeiro padece muitas tentações e temores. Nestes trabalhos se purifica a al [fl. 26v.] ma, que, sem muita pureza para o trato íntimo com o Senhor, não é só que baste fugir ao trato das criaturas, havemos de despir-nos de nós mesmas, senão andamos muito por fora e bem longe donde, com o favor do Senhor, podemos gozar na prisão da carne. Muito me lastima minha alma ver o que perdemos por nossa culpa. Bem diz Vossa Reverendíssima que eu sou muito ingrata, assim é disso [que] me nasce padecer tantos temores.

Este Advento tenho padecido muito e muito mais recebido favores do céu, porque se não fora mandar-me Vossa Reverendíssima comungar todos os dias, que com esse regalo se alenta minha alma e se desfazem os temores. Estando com grandes desejos de fazer deixação de tudo o terreno, me fui confessar e disse-o ao meu confessor, e fui para a oração. Estando nela, senti a alma livre da prisão da carne, tratando só com o Senhor. Eu cuidei que sempre havia de ficar assim naquela liberdade. Não fazia mais que louvar ao Senhor, e dizer em silêncio que bem-ditas as almas que, estando neste desterro, gozaram daquela felicidade[1417]. Mas o Senhor me disse que tivesse pureza e que trabalhasse por estar naquela habitação. Mas como me deixou, logo me senti fraca, com uns temores amorosos. Me queixei e disse minha alma aflita: "[1418]quem me dera o menino Jesus". Neste suspirar por ele passou ele à pressa, mas de sorte que deixou a alma com os amores costumados. Mas ela não pôde beijar no seu divino peito pela pressa com que se foi. Mas a alma se deixou ficar a esperar se tornava, mas logo sentiu que a repreendiam, dizendo-lhe que nestes dias do Advento eram para trabalhar, e adquirir[1419] virtudes para a alma se ornar para as bodas, que era para o Amado vir ao mundo. Eu sentia uma força tão suave e amorosa, que me disse o Senhor dentro [fl. 27] da alma que me despisse e fizesse deixação de tudo. Isto era dentro da alma, mas lhe oferecia os desejos que tinha de o fazer. E toda metida em fogo de amor e lágrimas que lhe dizia: "Senhor, temo fazer o que vós me pedis". Porque o Senhor punha as suas divinas mãos para que o fizesse, mas a alma sentia um temor suave e lhe dizia, desfeita em lágrimas: "São Pedro, que vos negou estando já por vós advertido, que posso eu fiar

[1417] No original, "felecidade".
[1418] Utiliza, pela primeira vez, o símbolo = para indicar aspas.
[1419] No original, "adquerir".

de mim?". Porque o Senhor obriga-me que o faça, mas mostrou-me que está por minha conta não faltar ao que a alma prometeu. Há dois dias que ando nesta demanda, mas como a alma vê que o Senhor lhe faz esta força com agrado, inda que teme, não se aflige, mas não sabe que faça.

Retirei-me três dias, como Vossa Reverendíssima sabe, só, sem trato de criaturas. E nestes três dias tive íntimo trato com o meu doce amor, mas não me faltaram temores em ter amores do Rei da Glória. No primeiro dia me deixou meu Senhor no conhecimento da minha miséria, e lembrança dos favores do céu. Com isto me desfazia em lágrimas. Não parecia que o Senhor jamais poria em mim os seus divinos olhos, por ver a minha miséria.

Estando recolhida com meu doce Senhor sacramentado, que o tinha recebido, e sempre naquelas duas horas faz-me o Senhor favores sobrenaturais. Assim, sentiu o Senhor na minha alma, mas ela tão acanhada se desfazia no seu nada. O Senhor, vendo-a assim, lhe disse: "não temas, inda que és pobre, que assim me agradas". Mas os efeitos que a alma sente, conhecendo que o Senhor é o que lhe fala, só língua de anjo o poderá dizer bem. E logo me deixou no conhecimento das finezas que o Senhor fizera pelos Homens, em se unir a divindade com a humanidade, e com uma luz tão clara no entendimento, que foi milagre não aca [fl. 27 v.] bar a vida à força do amor. Dois dias passei sem forças do corpo, e senti que a alma se desfizera[1420] deles. Disse-me meu doce amor: "vês a grossaria dos Homens?". Eu não fazia mais que pedir por todos. Mostrou-me os que são nobres de sangue, os muitos nobres fidalgos, ricos dos bens da terra e dentro da alma tão grosseiros e rústicos. Oh, que feia coisa! Mostrou-me meu Senhor os talentos que dera aos seus escolhidos, com um perigo tão manifesto em que eles vivem. Disse-me meu Senhor que caíam nele. Não conheci nenhum livre daquela ignorância, no que o desagradavam muito, que era não trazerem a memória fixa que nada era seu, só a Deus se devia aquela glória. Mas que o tomavam tão esquecidos, inda humilhados deixavam entrar a sombra do aplauso que escutavam, que servia de pestes. Pudera fazer muitos capítulos só nesta matéria dos alentos, a fealdade da nossa grossaria... E eu, mais morta que viva, me segurou meu Senhor: "não temas que não tens talentos, mas despe-te, dá-

[1420] No original, "devizera".

me amor puro. Faze deixação". A alma, logo com alegria, me punha as suas divinas mãos. Eu despida me achava, mas Senhor que me tendes na prisão da carne...

Capítulo VI.

Irei aqui referindo como meu Senhor me mostrou o que disse no capítulo acima, da matéria dos alentos e queixa amorosa que a alma fez ao Senhor pelos muitos favores que estava recebendo e não saber-se dar a entender. Se queixava minha alma pelos conhecer tão altos, que lhe dizia: "Senhor, se eu soubera dizer o que vós me fazeis! Quem me há de crer?" Mas torno à luz que meu do [fl. 28] ce amor me deu para conhecer a sua divina bondade, e a nossa grossaria. Estava inda minha alma muito lastimada entre os divinos braços do meu doce amor, disse-me que pedisse[1421] eu porque não peço nada. Mas, com ânsias, lhe pedi pelas suas esposas. Logo me mostrou a beleza com que as recebia quando elas vinham. Era luz, campo largo onde nós estávamos todas juntas, com tal fermosura nos tinha o Senhor vestidas, que me parecia sermos superiores a todos os Santos Doutores[1422] mártires, e a toda a hierarquia[1423]. Mirávamos o Senhor e da sua divina vista nos ornava de beleza nunca conhecida nos olhos de carne. Mas deixava-nos, não por não nos querer, senão para que trabalhássemos a não desmerecer e irmos adiante. Estando neste regalo minha alma por ver a alegria do Senhor, me pus a mirá-las no mesmo Senhor, mas quando olhei já não vi senão muito poucas. Todas estavam, mas não se conheciam serem esposas do Rei da glória. Eu, como morta já, a alma caso (quase) desmaiada disse: "Senhor, Senhor que é isto?" O meu Senhor me deu a entender que tornasse a olhar. Assim o fiz. Vi [que] muito menos podiam-se contar. A alma morta já, de forças de corpo não havia, meu Senhor me tomou nos seus divinos braços fazendo-me muitas carícias, e me disse: "toma alentos. Vês porque eu trato só contigo? E tu queixas-te que quando eu trato só contigo que é *ad intra*, é porque não tens forças para me veres padecer". Eu lembro-me que dizem que minha Senhora, depois que o Senhor encarnou nas suas divinas entranhas, que desde então a chamavam os pregadores "virgem" e "mártire". Coisa tão

[1421] No original, "pidisse".
[1422] No original, "doitores".
[1423] No original, "herarquia".

certa que quem diz amor de Deus, diz martírio, porque nos raios do seu divino fogo deixa conhecer a nossa engratidão. Eu, estando nestes traba [fl. 28v.] lhos, me veio aparecer o menino dentro da alma, como para me devertir. Eu tenho o coração muito tenro porque logo se me derrete em fogo de amor e lágrimas, e se vai a alma detrás dele, porque a beleza que a alma lhe vê a faz correr detrás dele, inda que não queira. Às vezes cuido neste atrevimento, porque Santa Clara, estando com São Francisco, falando na grade, se veio o menino deitar entre eles. E a Santa Clara desviava as mãos por não lhe tocar, que será isto porque minha alma quando o sente logo lhe quer pegar? Sendo quando ela o viu desta vez estava tão doente que tinha conhecido da engratidão das criaturas para o nosso Criador, que lhe disse: "amores meus, não tenho forças. Quando apareceres no presepe, de longe vos verei lá. Não posso eu chegar porque o amor que me mostrais tira as forças do corpo, pois não sente alentos, que os que vós me dais de regalos e doçuras que se derramam por ele".

No outro dia me achei sem forças no corpo, sem me poder vestir nem levar a mão à boca. Não tinha mais alentos que os que sentia na alma de doçura e suavidade. Mas a tempos estive de cama catorze horas, bem a meu pesar. Neste tempo me mostraram ou por sonho ou acordada, vi as minhas misérias inda muito grossas. Deu-me na alma tal sentimento que não fiz mais que chorar. E sobre isto as faltas das forças para o coro. Via-me tão pobre, mas inda recebera meu Senhor sacramentado. Senti que o Senhor puxava por mim para o retiro. Eu, como desconfiada, lhe disse: "Senhor, vós não me quereis, que eu vejo um amo que tem um criado que não serve bem deita-o fora". Mas logo senti que o Senhor me di [fl. 29] zia: "já te disse que não tens forças, nem cabedais, assim te quero só por amor puro". Logo senti a alma a portas fichadas, despida de todo o terreno, que a primeira coisa que meu Senhor me faz para me fazer favores de abundância, e me dá a entender como o desagradam as virtudes públicas, que são sem alma porque estão com dois olhos e só um lhe dão. Inda não digo nada que o Senhor me deu a conhecer, mas falarei em mim por não descobrir o que não sei se é vontade do Senhor que o diga. Só desejo de remediar tantas ofensas, como me dá meu Senhor a entender. Este é o meu padecimento, que me faltam os alentos do corpo. Mas com razão se pode sentir uma pobre alma, que já se pode dizer se vê como de assento à mesa do seu divino Esposo, com muita abundância de regalos. Quero dizer o que o Senhor me disse, fazendo-me muitos amores, e mais me disse: "não temas, tem pureza, que te amo

muito". A alma, toda derretida, lhe dizia como em silêncio: "não me deis regalos, Senhor. Só padecer e amar-vos muito desejo". Meu Senhor me disse estes dias: "assiste com minha mãe". A alma, toda cheia de gozo, a buscava, que era véspera da véspera do nascimento do Senhor no Deus. Logo se achou com a Senhora, mas já perto, porque a alma sentia a Senhora parada. A alma que tinha recebido o Senhor lhe parecia que o levava dentro de si. Via que a Senhora olhava para ela toda cheia de gozo e alegria, e lhe dava a entender que a alma estava rica. Ela com alegria a chegava a si, e lhe dizia: "sabe guardar os tesouros do céu". Oh, Senhor, quem me soubera dar a entender as grandezas com que tratais esta pobrezita alma?

Na véspera de Natal, à noite, sentia minha alma a seu Deus menino. Mas foi de sorte que ela se não atrevia a pegar, com temor e reverência se humilhava. Toda desfeita em fogo de amor e lágrimas lhe di [fl. 29v.] zia muitos amores. Fui à minha Senhora dar-lhe o parabém. Nestes júbilos de gozo e alegria passei muitos tempos, e a alma tornou com grande ânsia a pedir por Vossa Reverendíssima. E o fazia porque lhe parecia que o Senhor lhe faria quanto ela lhe pedisse, pelos regalos com que meu Senhor a tratava. E se satisfez a fome e sede em que ela andava, que de noite e de dia senti tais ânsias e suspiros pelo Amado, que o mais do tempo gastava em atos do amor e colóquios que a alma mesma formava.

No dia da festa, me disse meu Senhor que me despisse, que tivesse pureza, e com grande força puxava por mim para o retiro. Eu, com o desejo de lhe obedecer, mas nestes dias como sou toda uma miséria, me fui a falar com as amigas. Mas a força que sentia me fazia fugir às criaturas, e nestes ratos que estava só gozava a alma do que eu não sei explicar. Mas tornava a falar e logo sentia a força que o Senhor me fazia para o retiro. Estava no coro com temor do que faria, mas para descansar assentei comigo que havia de ir confessar-me, e disse ao padre a força que me fazia o Senhor. Mas eu, que tinha para fazer umas visitas, que não sabia que fizesse, disse ele que fosse fazer as visitas. Eu tinha assentado comigo o que ele me dissesse fazer, mas como estes dias tinha sentido, por vezes de repente, um refresco que me dava pelos beiços, que me derrama na alma e corpo tal suavidade e doçura, que me fazem a alma mais espiritualizada. Com novos realces de graça e dons indizíveis, e com o sentido de fazer as visitas, me deu logo tal opressão e desabrimento das criaturas. Isto era visivelmente porque a alma não se apartava do trato íntimo do Senhor. Não [fl. 30] chega lá o rebuliço, mas era de sorte

que padecia o corpo sem explicação. Sem falar a ninguém que estava para comungar, e fui receber o Senhor. Estando recolhida, senti que o Senhor me beijara na boca do corpo, isto de repente. Como estas coisas se não deixam ver bem, causou na alma reverência e temor, e se queria fazer esquecida, e não admitir tal lembrança. Suponho ser imaginação[1424] minha, mas, metida em desmaio de lágrimas, assim da alma como do corpo, neste meu tempo senti que o menino Deus se punha dentro no meu peito, como em pé, igual com o peito. Isto tudo foi de repente, mas são as memórias que deixam tão vivas e fortes que ficam para muitos tempos. Mas a reverência e temor que sentia a alma não queria admitir estes favores depois deles recebidos. São Pedro, quando o Senhor entrou na barquinha com ele, lhe disse: "apartai-vos, Senhor, de mim, que sou homem pecador". A alma também não fazia mais que dizer, lavada toda em lágrimas: "Senhor, não é este desterro mais que para padecer, e o céu para gozar". Seja meu Senhor louvado, que se eu tivera por quem lhe enviar a isto que minha alma sentiu, para que Vossa Reverendíssima o tomasse por sua conta, que eu não posso fiar de mim tão grandes favores. Só a soledade me tira os temores, porque sinto como satisfaçam. Não falo nos padecimentos porque são muitos, mas para dizer e saber-se o muito que se trabalha para se descobrir o ouro que está deba[i]xo da terra. Na oração é que se descobrem as minas do céu escondidas aos olhos da carne. A humildade, a oração e mais oração, são as minhas riquezas, que as forças do corpo são por intervalos.

Neste oitavário[1425] do Menino, tenho recebido favores divinos que me fazem grandes temores, porque a alma não os pode admitir, inda que faz força por não cuidar no que [fl. 30v.] conhece. Então o Senhor lhe faz maiores favores. Querendo ela esconder-se nos divinos braços, lhe tem só sucedido muitas vezes sentido. Ora direi o que me faz temor de dizer, mas perdoe-me Vossa Reverendíssima que a alma sente o Senhor como se estivera na humanidade, e entenda como puder, que eu não posso dizer. Mas tome isto por sua conta, que eu não posso fiar de mim estas coisas. Deus tenha misericórdia de mim.

Quanto maiores são os favores, são muitos os padecimentos. É tal a minha miséria que se meu Senhor me dá a conhecer o muito que é ofendido das criaturas, é tal a dor que

[1424] No original, "em maginação".
[1425] No original, outavário.

sente a alma que desmaia. O que deseja é ver que o estejam sempre louvando, e meu Senhor que é Pai de amor, me não tem dado estes dias essa luz, mais que fazer-me favores que a alma os não pode admitir aqui. São os temores porque temo que meu Senhor me repreenda, e não ter a Vossa Reverendíssima onde lhe possa falar. Certamente teve mistério a grande ânsia que minha alma teve véspera de festa de pedir ao Senhor por Vossa Reverendíssima. Parece-me que era a prenda que ela levava ao Senhor na hora do seu nascimento, a alma de Vossa Reverendíssima. Eu me assustei, não tivesse morrido, mas agora conheço a necessidade [de] que minha alma havia de ter da sua assistência, porque o que eu tenho sentido não sei dizer, o que a alma passa no retiro e trato com o Senhor. Ora, Senhor, que há de dizer esta brutinha? Sejais bem dito! Que hoje, estando no coro à prima, me parecia que o corpo não necessitava de outro sustento mais do que a língua estava pronunciando os louvores do Senhor. O trato da alma com o Senhor, não tenho com que o compare. Para me dar a entender, os olhos são duas fontes, porque mirar-se a criatura a si e gozar da fermosura de Deus. Confesso minha culpa, que não sei dizer nada do muito que meu Senhor e Pai de minha alma me tem feito estes dias, inda para mais atrevimentos meus que, estando na cama, me faz meu Senhor muitos rega [fl. 31] los. Não me creia Vossa Reverendíssima, mas lá está a alma mais à sua vontade, porque no coro o mais do tempo é a oração assentada, ou quando o corpo não sabe o que a alma faz, ou não sente, as falas sinto [que] me fazem padecer muito, que as não quisera admitir por não fiar de mim nada.

Hoje, que é sexta-feira, me disse meu Senhor, estando no coro, que fizesse atos de humildade. Eu me descuidei, logo senti muitas contradições de tentações. Mas como a alma está recolhida, não chega lá, mas a opressão do visível a está oprimindo. Mas, por intervalos, sai uma suavidade e virtude que se derrama pelo corpo, que fica ele leve que parece não ser de carne e sangue, e forças que deseja muito trabalhar, [e] já suspirar pelo Senhor. Logo sinto como visivelmente, sem o ver. Mas as misérias postas como os olhos do corpo anda a alma, e toda se admira dizendo: “Senhor, é possível que possa cuidar em outra coisa fora de vós?” Tudo são lágrimas e suspiros da alma quando se vê nestes apertos, porque sente a doçura e suavidade em que o Senhor a tem, já como de assento posta no meu interior. Então padece por ver a sua miséria, e como me vi com a força de me parecer que estava com pecados, e sobretudo o desejo que tinha que Vossa Reverendíssima me examinasse, que não fosse isto imaginação minha ou coisa do

inimigo. Mas meu Senhor é fiel, quer que também padeça para que seja mais amante sua.

Fui-me confessar com bastantes lágrimas. Quando saí, comunguei logo e não pude rezar a penitência primeiro. Estavam já à terça, não a pude rezar senão depois do coro acabado. Estando rezando para oferecer ao menino Jesus, assim como ia rezando os Padres Nossos, e Ave Marias, as punha nas suas divinas (...) e com alegria as estimava. A alma, que estava inda doente, sendo que [fl. 31] ela já tinha dito: "Senhor, já que vós não reparais no que eu sou e vindes ao meu peito, não vos hei de largar para que se acomode este temor". Mas, inda desconfiada quando vi que o menino as não tomava senão como pérolas que ela lhe fava, lhe disse ela com sentimento: "isto, Senhor, é penitência." O menino, como sorrindo-se, não lhe deu a entender nada, mas tal sorte a prendeu a si que todo dia e noite andei metida em uma elevação dos sentidos e toda a mente. Não posso chamar estas coisas de outra sorte porque me faz temor. Assim são as falas interiores, não o posso dizer. Logo me repreendo a mim mesma dizendo: "quem sou eu, que nem formiga me posso chamar para que possa dizer que meu Senhor me tem roubado o meu interior?" Já estou em dois dias que me sucedeu isto e não me posso espertar o corpo com mais alentos dos costumados. A alma está tratando com o Senhor, que não se pode dizer o que passa com o Amado. São favores de entre ambos. Já estando no coro não faz mais que receber favores. A alma está com temor da sua parte, mas também lhe diz muitos amores, mas teme. Às vezes, o Senhor lhe dá a entender que são favores seus, e lhe diz ele: "tens padecido muito estes dias". Eu fui-me correr às cruzes para que o corpo sentisse trabalho, que andava tão leve. A alma não fez mais, parecia-me que trazia o Senhor nos braços. Meu Deus, meu Senhor, minha alegria, minha riqueza, e todo o meu bem... Oh, doce amor, quando se descobrirá esta cortina? Quando terá fim este desterro? Não há coisa nesta vida que me estorve este bem, só esta prisão da carne.

Eu tinha ouvido dizer a uma pessoa que outra a morte fiava, que a não podia sofrer[1426]. Eu fiz reparo cá para mim. Nisto, entendi que o Senhor me dizia, como triste por não sofrermos umas às outras: "eu estive diante de Pilatos, ele assentado e poden [fl. 32] do eu tê-lo debaixo dos pés, não o fiz, senão com alegria padeci." Aqui fui entendendo que

[1426] No original, "soferer".

o Senhor se desagradava por não sofrermos os próximos, que é isto comprido, basta esta lembrança. Estando em matinas a alma tão regalada, no fim delas senti como não sei se diga, ou estava torvada, ou sem sentidos. Mas logo espertei, mas não sei o que passei, só me sinto como se não fora filha de Adão[1427] e Eva. Não digo de outra sorte porque não são os tempos todos uns para eu dizer que me sinto toda cheia de virtudes, sendo eu um abismo de misérias. Faz-me meu Senhor muita força para que lhe peça por Vossa Reverendíssima, não uma vez só, senão muitas vezes. Eu como sou tão má, suponho que meu Senhor quer que eu lhe peça que lhe dê paciência para me sofrer. Estando na oração bem desconfiada de mim, que me via toda cheia de misérias, senti minha alma toda abrasada em fogo de amor e lágrimas, e sem alentos no corpo, e os olhos feitos duas fontes. Fui tal que me levantei e disse: "Senhor, não posso agora cuidar em vós, não tenho forças, que está este vosso amor muito forte". Estando na cama, sentia nos beiços vento, com tal doçura e suavidade que me não deixava dormir. No outro dia, depois de comungar, sentia que o Senhor me tirava o coração, isto por vezes. Eu quis-me afirmar no que a alma sentia, mas não via mais que a alma, e os olhos do corpo feitos duas fontes, e sem entender mais que gozar e chorar. A alma, que tinha padecido muito, parecia que só mil infernos merecia [ao] ver que está gozando de sorte que nem a língua o sabe pronunciar o que a alma tem recebido. Ela não faz mais que dizer: "Senhor, quem sois vós e quem sou eu? Deus meu e Senhor de minha alma, que quereis Senhor que faça? Vós, amores meus, me deixais padecer! Vós me tirais as falas! Vós me dais os trabalhos, só para tratares com minha alma co [fl. 32v.] mo um amigo com outro. Quem sois vós? E quem sou eu? Meu Jesus, Jesus... Oh, amores de minha alma, que só o vosso divino coração é a minha riqueza. São os meus cuidados e desvelos! Porque tudo o mais é vosso, eu não tenho outra coisa mais que a vós. Oh, doce amor, dai, Senhor, dai a todos do que dais a esta formiga. É possível que viésseis ao mundo a derramar o vosso preciosíssimo sangue, só para nos regalares? Meu Amado, meu bem! Não posso cuidar em vós porque logo sinto a alma abraçada convosco como visivelmente. Sou muito ingrata, perdoai-me!" Confesso minha culpa, que ontem estive mal comigo porque vós, Senhor, me deixastes e vos escondestes. Eu fiquei como terra que sou, já pegando-me à terra, e sem alento de coisa viva, chorando muitas lágrimas.

[1427] No original, "Adam".

Disse que já me não atreveria a dizer que meu Senhor me fazia favores, mas minha alma estando suspirando, entendeu que lhe diziam [que] se haviam de desfazer as névoas que estavam diante. Assim foi, porque quanto que recebia meu Senhor, tudo se aclarou, mas no mesmo se metiam advertir-me. A alma, sentida, disse: "Senhor, que já torna a sombra", ao mesmo tempo me disseram o que dizia Santa Teresa, que ou morrer ou padecer, isso me consola muito, que nesta vida só padecer.

Capítulo VII

Depois que meu Senhor de minha alma me deu a entender que me tomava o coração, sinto-o muito vezinho, como vezivelmente, sem ser visto com os olhos do corpo. Mas a alma e corpo a enchem de tal doçura e suavidade, que desejo preguntar a alguém se serão estes frios de janeiro doces, porque na boca sinto o vento que faz, mas é de sorte que [fl. 33] me faz ter forças no corpo, e ligeiro que não sente o peso da carne. Estando na cama, em sonhos vi uma ponte bastantemente comprida e alta, por onde se havia de passar. Eu, admirada de ver a altura que tinha, e não ser segura, disse que só com os olhos no céu se podia passar sem olhar para baixo.

De manhã fui receber a meu Senhor, já esquecida do sonho. Estando recolhida com meu Senhor, que então são os favores de abundância. Estava a alma tão regalada que lhe dava o Senhor a entender que aqueles regalos fazia ele às suas esposas. Ela, como se achou tão familiarmente com confiança, e temor e reverência, se queixou e lhe disse o que eu agora não sei dizer bem, mas era sobre as leis que deve ter a esposa, e obrigação do Esposo. Sobre isto lhe disse ela muitas coisas a respeito das ausências que o Senhor lhe faz muitas vezes, e a deixa padecer. Oh, amor da minha alma, se, [a] uma órfã que não tem pai, lhe dão estado para que tenha quem a guarde e seja por ela, e vós fiais de mim, deixais-me padecer, uma formiga sem forças e sem virtudes? Mostrou-me o Senhor porque se escondia e me deixava padecer [rasurado][1428]. Disse-me por que me amava muito, por isso se escondia e tudo [o] que padecia era por ele que, "inda que tu te vês cheia de misérias, não me desagradas, que isso que vês é só por fora". E mostrou-me a pureza de minha alma e, com muita alegria, me disse: "olha como me agradas, e a ponte que viste de noite foi para te mostrar como deves de tratar as coisas terrenas,

[1428] "Disse-me que me amava muito digo".

sem embaraço para o trato íntimo comigo. Porque bem se pode viver e trabalhar, mas há de ser como viste o corpo na [fl. 33v.] terra, e os olhos no céu". Pouco ou nada tenho dito do que a alma passou com o Amado naquele dia. Ela achava razão aos Reis Magos, que se queixavam como poderiam tratar e falar com gente pelo que sentiam em suas almas depois que viram ao menino Deus. Assim me queixo eu como falarei com coisa criada, tendo-se a alma visto com seu Esposo, e o Senhor tratando-a como sua esposa. Já ela não tem mais cuidado que ser toda sua, e o mais, tudo por conta do Amado. Ela já não faz caso de si, só trata de buscar o seu divino coração, as delícias, e regalos e favores que o Senhor lhe faz. Os anjos o digam a Vossa Reverendíssima se é necessário, que eu não sei.

Outro dia que não comunguei, estava [rasurado][1429] no coro, a alma gozando dos favores do céu com abundância. Estava-se dizendo missa e eu toda alegre, que a alma não cabia em si de ver que o Senhor estava ali nas mãos do seu ministro. E via com os olhos do corpo que o padre tinha a hóstia no corporal, e com os olhos da alma estava gozando da pureza com que minha Senhora tratava o menino. Muita pureza hão de mister os ministros do Senhor para tão grande mistério, e todas nós, porque se não a tivermos seremos como os brutos que se acharam no presepe. Mas torno a falar da missa. Estava eu cuidando e minha alma regalando-se de ver que os migalhinhos que ficam no corporal os reparte o Senhor por aquelas almas que não comungam. Eu tenho tal consolação de saber isto porque me lastimava muito ver que os ministros do Senhor alguns sejam escassos. Obrando o Senhor tantas maravilhas nas almas que diziam saber-se dispor para tão grande bem, não com obras que são limitadas[1430], mas só dos desejos se paga o Senhor. Eu não os culpo, pois são ministros do Senhor ilustrados pelo Espírito Santo.

[fl. 34] Véspera de São Paulo não comunguei, e sentia a alma com grande necessidade de receber o Senhor, de sorte que até o corpo enfraqueceu, e a alma combatida de tentações, sofrendo com humildade. Mas como conhece que o Esposo só pureza lhe pede, sente tal dor de ver que não pode guardar as leis de esposa fiel que desafoga em pedir-lhe o seu divino coração, e se deserda de tudo [o] que a impede. Estando neste

[1429] "Na oração digo".
[1430] No original, "lemitadas".

trabalho sem se turbar, estando no coro a vésperas, sentiu tal doçura e suavidade que toda eu me senti arrebatada, sem perder os sentidos. O que passei não sei dizer, mas gozei de todo o bem infinito das vésperas até se acabarem matinas. Sem fome, nem sede, nem susto, nem desconfianças, todos estes regalos me dá o Senhor de graça, e quanto mais a alma confessa que os recebe sem ela os merecer, mais de abundância lhos dá o Senhor. Oh, doce amor, que língua poderá declarar as vossas grandezas, a mim que sou a mais inútil de todas as vossas esposas? Oh, pureza da alma, quem te soubera adquirir? Meu Deus, meu Senhor, que vos darei? Muito tenho que vos oferecer que é meu Senhor sacramentado. Dentro de minha alma já disse que meu Senhor me tomará o coração, não que ouvisse exteriormente, mas deixou-me tais efeitos que muitos dias sentia a alma com liberdade tratando com o Senhor familiarmente. Conhecendo que todos aqueles bens eram do Esposo, nada desta vida a embaraçava. Era como Vossa Reverendíssima me diz, um conhecer sem conhecer, um amar sem saber se ama, um ver sem ser vista. Assim vai a alma correndo na suavidade que desterra as sombras e de[i]xa o temor santo e o amor puro. Os oferecimentos da alma é oferecer ao Eterno Padre o seu unigénito filho, e seu amo [fl. 34v.] rosíssimo Esposo e amor sacramentado, que alegra este oferecimento a corte do céu. Uma alma que vive entre criaturas, como o corpo come, e bebe e usa das coisas terrenas, como vestir e tudo mais preciso, sem pôr cuidado nestas coisas, fazendo-se estranha entre elas, e com os olhos da alma postos no céu, é também aventurada, que goza dos bens da glória estando metida no cárcere do corpo. Estando-se vendo a si mesma, que não é mais que terra, se não fora o preciosíssimo sangue que meu Senhor derramou na cruz por mim, já tivera morrido pelo que minha alma descobre naquele mar imenso da divindade. Mas com profunda humildade ofereço a sua divina majestade a morte e paixão de meu Senhor.

Véspera do desterro de Nossa Senhora, estava em matinas com poucas forças no corpo e padecendo por não aludir ou por não poder aludir a necessidade do próximo. E bem mortificada com isto, sem querer gastar tempo neste cuidado, me começou meu Senhor e Pai de minha alma a tratá-la com tanto regalo que os olhos se faziam duas fontes. Eu, desconfiada, que me parecia que as lágrimas seriam por não ter com que aludir a necessidade do próximo, não as queria admitir e disse: “Senhor, não hei de cuidar em vós”. Elas eram tão doces e suaves, mas não estava eu por isso. A alma toda derretida em fogo de amor o buscava e lhe fugia. Fui-me recolher. Estando na cama não me

de[i]xava dormir meu Senhor. Eu, que estava cansada, lhe pedia que me desse licença. Nisto levei o mais da noite, que esta pnestra (sic) são uns abraços da alma com o Senhor que fazem suspensões breves que me sucede muitas vezes estando levantada ou no retiro. Mas como não dormi, me senti por algumas vezes cuidando nas mi [fl. 35] sérias da vida. Neste descuido vi minha alma muito fina e delicada, passando por ela aquelas coisas que eu estava cuidando. Ela, como gemendo, se feria nelas. Vi-as tão grosseiras à vista da fineza da alma, que fiquei sentida e lastimada por aquilo, e como desconfiada de mim. Estando na oração, no coro, cuidava na minha miséria. Nisto, senti dentro da alma que meu Senhor me dizia: "és toda minha". Eu como me via pobre lhe disse: "pois, Senhor, porque me deixais?" Eu estava não sei como porque vejo que não faz nada este corpo. O Senhor me deu a entender que a minha vida era só interiormente, mas o desejo não se satisfaz. Assim, sinto dentro da alma muitas prisões breves, que não posso dizer de outra sorte [se] serão elevações da alma ou voos àquele sumo bem que se remata o interior. A mim tinham-me dito que a minha vida era o estar doente na cama, ou estar em exercícios que era o meu viver, e eu não tenho mais que três dias no mês de mais retiros. Mas se meu Senhor me faz esquecer até de mim mesma, que lhe hei de fazer? Sou murmurada porque lhe parece que eu levo boa vida aos pés do meu doce amor, e quanto mais se ama, mais se padece. Não me dá isso cuidado, o que eu tomara eram almas puras para o nosso Esposo.

Hoje estava no coro gozando minha alma de ver que o estavam louvando. Ela, toda abrasada em fogo de amor, se admirava, dizendo: "como é possível que meu Senhor me trate com tanto regalos, o Rei dos Reis, Senhor dos Senhores, eu uma formiga, eu terra e lodo?". Fui dizendo o que era, mas a alma não larga o Senhor, mas está-se conhecendo. Nisto senti que meu Senhor me pedia o coração. E todo neste conhecer que o Senhor lhe fala, logo se esquece de si, já não sabe se é negra, se feia ou ingrata, tudo se desfaz. E simplesmente lhe respondeu como pobre e lhe disse: "eu, Senhor, não tenho que vos dar, porque já vos dei todo [fl. 35v.] o coração. Lá o tendes, Amado de minha alma". Quem dera a entender o que sente esta alma, pois quanto mais lhe parece que o Senhor a não quer, então se vê mais regalada que a olhos fichados se goze das riquezas do céu dentro da alma, se pode fazer grandes atos de humildade. Estando ela desembaraçada, trabalha mais que o meu corpo. Disse-me uma freira que já tomara que se acabassem as completas do desterro de Nossa Senhora. Eu reparei que ela tal dissesse sendo tão

santa, porque nos dias de festas recebe minha alma grandes favores do céu, sendo eu a que sou, que farão as que sabem amar limpamente ao nosso Amado? Mas com este cuidado me fui para o coro, toda admirada de haver quem tal dissesse. Dentro da alma senti que o Senhor me roubava o interior, que está a alma como patente sem ver nem entender, goza com liberdade das potências e sentidos com uma suavidade que a arrebata. O meu corpo o faz forte, e ligeiro, e leve. Aqui não há que dizer senão gozar com liberdade, porque há tempos que a alma padece muito, muito, e trabalha com fome, e sede, e temores, e desconfianças de que não ama. Mas vem tempos que a alma se acomoda sem susto, nem desconfiança, goza certamente do amor divino com largueza e abundância, e todos os seus pensamentos são no céu. Não se encontra coisa visível.

Às vezes sinto-me toda derretida em fogo de amor e lágrimas. Muitas vezes sinto no entendimento uma relação da humanidade de Deus, menino envolto em panos. Oh, Senhor, um ministro do Senhor que tenha nas suas mãos o Senhor que vejo em carne por obra do Esposo Santo. E por não me alargar muito digo que minha alma se abrasa, e meu coração se derrete nestes dois mistérios de vir o Senhor dos céus à terra, a tomar carne e unir-se con [fl. 36] nosco. E deixar-nos esta memória tão viva, tão inflamada nas chamas de um amor sacramentado. Ver um ministro do Senhor estar com as suas mãos cobrindo o Senhor com o corporal. Oh, se eu tivera a pureza de minha Senhora para tratar a um Deus menino! Senhor, confesso minha culpa, sem me queixar de ninguém. Mas [n]o dia que vos não recebo sinto-me tão cheia de lágrimas que me parece [que] estou feita uma chaga viva. Minha Senhora tinha o Senhor nos seus divinos braços e vi[u]-o com os seus divinos olhos. E minha alma, sem o ver, sente-se incorporada com o amor divino, de sorte que lhe parece que pouco lhe falta para o ver com os olhos do corpo. Inda espero em Deus que me há de dar meu Senhor e Pai de minha alma liberdade para que fale nestes dois mistérios, para que satisfaça minha fome e sede, que por ora me acho como repreendida de minha ignorância.

Estando no coro a matinas, sentida e abrasada em amor de meu divino Esposo, sentida por não saber amá-lo. Nisto me deu meu Senhor ou mostrou o que queria de mim, que era que a alma estivesse sempre recolhida. Era como quem estava dentro de um castelo bem seguro por dentro e por fora, rodeado de inimigos que se não sai à porta. Está a alma bem segura gozando de um íntimo abraço que, às vezes, de repente, surpreende

os sentidos, e espiritualiza e diviniza[1431] os sentidos para conhecer a bondade infinita. E fica a alma por alguns dias bebendo daquela fonte divina, e não sabe dizer com rezões materiais o que passa. E tudo isto sem muita, muita e grande pureza não se alcança. Conhecido muitas vezes de minha alma que meu Senhor me faz esse grande favor quando me veja como de todo desconfiada, me diz com agrado que é vontade sua que minha alma se veja perseguida, que ele a quer alimpar e adornar, porque "tu não desejas senão ser toda minha, e assim com estas congojas[1432] te fe [fl. 36v.] chas toda nos meus braços, que tudo [o] mais para ti é martírio fora de mim, e como não tens virtudes que te ajudem sempre vives desconfiada de ti e conheces que tudo é meu e, por isso, trato contigo como *ad intra* e com isso me dás toda a ti". Não me alargo mais agora porque não sei dizer o que agora se me está descobrindo sem oração, nem coro, nem trabalho mais que levantar-me da cama.

E não sei se foi preguiça ou queixas, não fui à prima. Oh, amor de minha alma, que quereis fazer de mim, que me sinto toda abrasada em fogo de amor divino? O querer-vos fugir e vós a prender-me, não vedes, meu doce amor, que vos não sirvo de nada?

Hoje, sexta-feira que se está festejando minha Senhora do desterro, recebi a meu Senhor sacramentado, que havia dois dias que o não recebia. De tal sorte me prendeu que não posso cuidar em nada senão toda recolhida, destilando rios de água, porque derrete o coração um amor que há instantes o estou sentindo incorporado comigo. Já estando em a missa, está minha alma atualmente regalada, mas neste dia só me satisfazia no retiro a sós[1433] com meu Esposo divino, meu Deus, meu amor, meu bem e dono de minha alma. Oh, quem dissera a todos que não admitissem conversões desnecessárias, porque o nosso Deus se acha a alma desocupada trata com ela como um pai com seu filho, muito mimoso que se regala de o ver e mirar. Assim me faz meu Senhor com minha alma, ela tão ingrata porque se vê tão regalada, faz-se como estranha de receber tantos favores. Mostra querer-se esconder, mas aonde? No meu Senhor, ele que está vendo isto se está como regalando de ver a alma toda ocupada nestas diligências. Dá-me o Senhor a entender que lhe peça, eu como [fl. 37] não quero senão

[1431] No original, "deveniza".
[1432] Termo espanhol para "angústia", "desgosto".
[1433] No original, "sóis".

ver e saber que o Senhor é louvado de todos, e vejo que não posso satisfazer o meu desejo, lastima-se minha alma muito. Não posso pedir pelos ricos porque logo sinto meu Senhor irado contra eles. Minha alma se magoa tanto pelos regalos com que eles se tratam, pelo que sinto meu doce amor triste. E pedindo pelos pobres é coisa que me parece que meu Senhor se regala com eles. Outra coisa [que] me lastima muito, que é ver e ouvir dizer a algumas religiosas, quem se vira daqui fora que pudera estar onde melhor servira a Deus. Não posso ouvir tal, porque fora de nós não se pode achar a Deus com tanta largueza como se acha dentro da alma. Deus, meu amor e meu Senhor, hoje me parece que acabareis este desterro à força de amor divino. Não vos falo no coração que já é vosso, mas que é isto? Que fogo é este que sinto dentro de mim mesma? Vosso servo João, quando vós lhe fostes pedir que vos batizasse antes que chegasses a ele, ele se queixou pelo que sentia dentro de sua alma, e disse que vós estáveis perto. E eu, pecadora cheia de misérias, me estais assim tratando, e o vosso servo fez menção só de duas vezes quando o santificastes no ventre de suas mães. E então eu, meu Senhor, meu amor, lume dos meus olhos, vida de minha alma, e a alma de minha vida? É isto todos os dias, todas as horas, que estou sentido efeitos tão regalados, porque meu Senhor faz com minha alma como as mães com seus filhos quando os querem ensinar. Mas se veem que eles correm, logo os tomam nos braços. Assim me trata meu Senhor. Quando se esconde, está tanto como cuidando nela que me parece que lhe custa fazer-me estas ausências. Pelo que a alma conhece no meu Senhor, deba[i]xo [de] confissão direi isto da sorte que [fl. 37v.] meu Senhor trata a alma quando vem. É chegando o seu divino rosto ao da alma, e tomando-a nos seus divinos braços lhe diz: “amo-te muito”. Repreenda-me Vossa Reverendíssima, e queime logo isto. Quem há de crer tal que meu Senhor tal me faça, não só uma vez senão muitas vezes? Eu confesso minha culpa, que me custa muito, muito, falar nestas coisas, porque sou tão ruim que me acanho muito, que não mereço senão mil infernos. É um desapego tão grande que sinto de receber favores do céu, só o que desejo é alma pura e coração limpo, amor que não esteja ocioso. Eu sempre fui tão pobre de virtudes que nunca me atrevi a rir-me de faltas alheias, nem fazer escárnio de coisa criada, porque sempre me considero pior que todas. Se vejo alguma falta digo: “Senhor, eu sou muito pior”. Mas lastima-se a alma se vê que é coisa que desagrada o Amado, e nunca me parece que tem pouca atenção comigo as criaturas, que eu nunca me agravo delas. Porque se me desprezam ou tratam com

desprezo, acho que é razão que assim me tratem. Estando uma pessoa bem aflita porque o seu confessor fizera mais caso de outra que dela, vi aquela alma tão atribulada que me deu pena pela ver inquieta por coisas de ar. Estando eu no coro, sentida pelo que não podia arremediar, me disse meu Senhor, ou me mostrou dentro da alma a liberdade com que a alma caminha sendo desprendida das criaturas, sem fio nem corda que a puxem para ba[i]xo. É voar sem asas, mas isto sem especial luz do céu não se descobre. De caminho direi que inda que sejamos pecadoras aborrecidas, que não parece bem que os confessores façam diferença, mostrando mais atenção a umas mais que a outras, em termos que se saiba. Só quando a necessidade, ou a virtude o dê a conhecer por si que de ou [fl. 38] outra sorte é ganhar uma alma e perder outro, e Nosso Senhor lavou os pés a Judas, e sabia o que ele era. Muito nos falta para sermos santos.

Dia de São Sebastião , deu-me tal quebranto de forças assim da alma como do corpo. As tentações sem número, como visíveis, nem podia cuidar que pegaria em pena para escrever. Sentia tal peso nas mãos que não podia cuidar em tal. Estando no coro para se entrar à oração, fiz tenção que nela havia de pedir por Vossa Reverendíssima no que me disse que queria fazer nessa casa. Senti que o inimigo lhe fazia guerra, porque não me faltou senão ouvi-lo com os ouvidos do corpo. Conheci que Vossa Reverendíssima era seu inimigo, e lhe aborrece isso que quer fazer porque me fez guerra para que eu não pedisse ao Senhor. Deu-me o sono, o que nunca tenho, quebranto de forças, e certamente conheci que o inimigo tem grande raiva disso que Vossa Reverendíssima intenta fazer. Vendo-me toda cheia de lodo, sem poder descobrir a luz do céu, às vezes me animo e mando, em nome do Senhor, o inimigo para o inferno. Mas sentida me pus a cuidar que faria entre tanta escuridade. Nisto, me mostrou meu Senhor, como repreendendo-me, me disse: “inda está o castelo onde te quero sempre recolhida. Nada se acabou, todas as minhas riquezas te mostro. Tu não te queres desapegar do lodo”. Mas dizia-me isto com agrado, como quem mostrava que era vontade sua, e eu não sabia que fizesse. Chorando, pedia misericórdia.

Estando no coro dia dos desposórios de São José, depois de comungar, senti dentro da alma uma luz tão clara, e no entendimento um conhecimento de tudo o que o Senhor obrara com as criaturas, o que não digo com miudeza por se estar acabando o capítulo. E surpreendeu-me os sentidos das coisas visíveis, chamando-me e recolhendo a alma toda. Assim a está tratando como se diz “meu Amado para mim [fl. 38v.] e eu para o

meu Amado". Porque neste dia me tem meu Senhor enriquecido, e inda me dá a entender que tem muito para me dar, que viva recolhida (isto não é senão no interior), e tão fortalecida me tem que nada terreno me estorva. Oh, riquezas do céu, sou muito ingrata, mas como Vossa Reverendíssima diz, que há de fazer esta galega rude e ignorante? Ruim era o que eu desejava, que eu tenho grande ânsia de dizer mal de mim. Agora me sucede achar-me melhor com a lição que meu Senhor me dá dentro da alma, que com a dos livros. Mas não a deixou a dos livros porque minha Senhora, inda que se via entre regalos, não deixava de acudir a fazer o comer para o menino Deus e para São José.

Dia da Nossa Senhora da Paz, depois de ter comungado, me recolhi o costumado. A alma toda recolhida com o Senhor lhe começou a fazer muitos regalos, da sorte que a levava pela mão para que não caísse, e lhe dizia aquilo que se diz: "*veni elacta mea*, pomba minha..." Isto basta. Não perdi os sentidos porque me parecia que sentia o corpo como um brutinho estirado dentro da cadeira. Ali passei muitas coisas. Estando na missa do dia, recebendo favores, cuidei na minha ingratidão e quis desconfiar do que tinha recebido. Ao mesmo tempo, me falou meu Senhor dentro da alma para me assegurar.

Capítulo VIII.

Há dias que não tenho dado conta a Vossa Reverendíssima, mas agora direi. Estando no coro, na missa, me disse meu Senhor que me despisse de todo o visível, e senti que levava minha alma por um suave vale, que nem era escuro, nem era claro, senão muito suave. Estive nele desde acabado o Evange [fl. 39] lho até Santos. Não entendi mais que a alma saber que o Senhor a levara ali. Depois, estava na oração [e] disse-me meu doce amor dentro da alma: "não te queres despir?". E mostrou-me como amava as almas que por seu amor se privam de tudo, inda dos meus favores do céu e de todo o querer. Eu como não quero senão ao meu doce amor, dá-me uma pena suave não fazer o que ele me diz. E disse-me: "quero que vejas". E diante de mim me mostrou uma alma muito pobre. Ela estava na terra, e o Senhor desceu os seus divinos braços e a tomava neles, com muita alegria. Mas eu não a conheci quem era, que depois me lembrou isto. Vossa Reverendíssima diz-me que trema eu, pois os serafins do céu tremem quando se veem mais chegados à divindade. E eu estava com meu Senhor muito chegada a ele, sem temor nem cobardia, senão a alma toda derretida em amor, como insofrida porque o

Senhor não olhava para ela, que estava ocupado com a outra. Mas dava-lhe a conhecer o amor que lhe tinha, de sorte que a alma se uniu ao Amado. E o Senhor, como rindo-se, a não mirava senão como quem fazia prova das finezas da alma. E o Senhor como quem já não podia dissimular[1434] o amor que tem à minha alma, a meteu dentro do seu divino peito, me pareceu a mim. Ah, amor, amor, que direi? Senhor, Senhor, vós, Senhor, me ensinais, Senhor, à vista de tantas grandezas e misericórdias que usais com este vil bichinho. Como é possível que me detenha, ou ponha o pensamento em coisa criada, nem fazer menção de coisa deste desterro? E suponho que eu estava de sorte, não o digo decerto, mas que nem Vossa Reverendíssima me faria já falta. Nisto, me disse meu Senhor ou mo [fl. 39v] deu a entender, como havíamos de obedecer a seus ministros, dizendo e mostrando-me como deviam de ser ouvidos e seguir a sua doutrina. Mostrando-me que fora oferecido no templo por mãos de um sacerdote, indo declarando que nos braços da Senhora aba[i]xara a sua divina cabeça, ao que lhe dizia que o menino havia de padecer. Isto basta para que Vossa Reverendíssima conheça o que o Senhor me dava a entender.

Véspera da Purificação, me começou meu Senhor a fazer favores com abundância, ensinando-me e mostrando-me no conhecimento das suas grandezas, de sorte que me tinha consigo como uma mãe com seu filho, que o não larga dos braços. Estava-se fazendo oferta deste mistério com grande solenidade, mas à vista do que minha alma conhecia do Senhor tudo era tão limitado[1435], e o Senhor muito pago e satisfeito de minha alma, e o corpo enfermo que nem no coro pode estar mais que metido a um canto. Oh, amor, tantos regalos a esta formiga, que me estais tratando já como esposa fiel, sendo eu tão ingrata. Mas hoje, para sempre, jamais tomai este coração que é vosso, porque eu desconfio quando me vejo pegada ao lodo. Cuido que vós, Senhor, me tornais a deixar, mas agora certamente não fica cá já senão o vosso divino coração, porque já então não sabe esta pobre alma mais que dizer. Meu Amado para mim, e eu para o meu Amado. Não acabo de dizer o que meu Senhor me disse, de como amava as almas pobres, mas entenda Vossa Reverendíssima que não é morrer o corpo à fome, porque meu Senhor quer que ele tenha forças para ajudar a alma. Esta pobreza que me disse

[1434] No original, “dessimular”.
[1435] No original, “lemitado”.

meu Senhor é da alma, estar despida de todo [o] criado, mais que suspirar e amar o sumo bem. Está como Vossa Reverendíssima diz que de [fl. 40] zia São Paulo: "viver sem viver", porque só vive na alma o amor divino. Disse meu Senhor que as amava tanto aquelas que por seu amor se privam de todas as coisas "que as punha nos braços, como te mostrei. Mas aquela que tu viste era inda muito menina no amor, mas tu estás mais chegada a mim. Amas-me com liberdade." Oh, Senhor, digo que me custa escrever o muito que meu Senhor me disse que eu fazia por ele. Mostrou-me o que fazia às almas que guardam o voto de castidade, sem mácula de imperfeição. Pôs uma diante de si, e com as suas divinas mãos a ia ornando de flores muito graciosas. Como direi isto senão que eram vestidas e ornadas de prendas do céu? Acabarei de dizer a verdade, que meu Senhor me trazia consigo, já como esposa de confiança, que se pode fiar as riquezas do Esposo. E com grande amor e alegria com que a tratava me andava mostrando as suas riquezas, e dando-me a entender que tem mais para me mostrar. E eu, como sou ingrata, não deixei de temer. Disse-me meu Senhor: "não temas, que toda és minha. Não te lembras que já te dei a mão?". E logo me lembro do que já disse a Vossa Reverendíssima no capítulo do mês de janeiro. Não há língua humana que possa declarar os favores que minha alma recebe do céu, porque isto que aqui ponho são apontamentos, porque em dias de festa podia fazer mil capítulos. Porque meu Senhor põe minha alma tão desembaraçada de todo [o] criado que não há sombras que estorve[m] a luz do céu. E uma caridade com o próximo e comigo mesma, inocente e simples, que não me faz opressão coisa alguma. Os efeitos que me deixam me asseguram os temores e uma prisão do Amado que anda puxando por mim para o retiro. E na oração passa minha alma coisas com o Senhor, tão finos amores e subtis favores, que é o que Vossa Reverendíssima diz, na [fl. 40v] carta dos Cantares se queixava a esposa, assim é o amor que assim é forte.

Estes dias anda meu doce amor e Pai de minha alma como guardando-me, achando-me com força suave, que faz em minha alma a si. Eu estava no leito para me vir para casa, indo saindo me disse meu Senhor que viesse logo, isto como visivelmente. Mas não ouvi com os ouvidos do corpo, e eu fui tão ingrata que me deixei ficar em casa até vésperas. Mas estou com a gente como quem está só com o meu doce amor, porque meu Senhor não me larga. Meu Deus e meu bem, quem sois vós e quem sou eu? Mas quando o Senhor me disse que viesse logo, lhe disse minha alma: "Senhor, não pode ser depois de

jantar? Estarei um pouco em casa, então virei". Assim o fiz. E então diz a alma no retiro para desafogar do grande fogo de amor divino em que se sente arder: "Senhor, que quereis que faça? Aqui está a vossa escrava, pó e cinza, que merece mil infernos, e vós, Senhor, dono meu, me estais regalando." Aqui goza a alma sem dar, digo, sem saber dar conta de si. Será isto pela serenidade em que sinto as potências e sentidos? Tudo está gozando, mas como tudo o Senhor me dá de graça, também quando é servido me dá trabalhos. Mas todos fundados por seu amor, que é do que meu Senhor se agrada muito, que assim mo diz muitas vezes. E quando me vejo tão rica de favores do céu, sendo eu tão pobre de virtudes, digo: "Senhor, muito tenho que vos oferecer ao vosso unigénito filho, e meu Senhor Esposo de minha alma, e meu Senhor sacramentado dentro de meu peito e mais os vossos divinos favores, que farei a esta formiga? Aceita-me, meu Senhor, estas ofertas, com tanta alegria que anda minha alma toda derretida". Digo minha culpa, se eu escrevera como sin [fl. 41f] to na alma os favores do céu, não teria repugnância para escrever. Mas se isto que digo for lido com tibieza, que fastio fará esta minha grossaria de relatar coisas do céu tão grosseiramente. E sobre esta matéria se regala meu Senhor com minha alma, porque eu ao Senhor lho digo muitas vezes. E o Senhor o que faz nestes desapegos que a alma faz dos seus favores, dizendo-lhe que os dê a quem saiba dar melhor conta deles que eu. Toma o Senhor minha alma e [a] abraça consigo, e ela tão ingrata que está como desviando o rosto, mas não é por não querer, senão por não merecer. Agora me sucede que estava para deixar de escrever, disse-me meu Senhor dentro da alma: "escreve! Não vês que nunca falta nos amantes que dizer, nem se satisfaz a fome e a sede de estar falando de quem se ama?" Senhor, assim é, mas eu não tenho mais que este caderno para este mês. Guardemos para outro dia. E nem eu posso que está este vosso divino amor muito forte. Não posso, não posso, amor, que és forte como a morte. Misericórdia, Amado!

No dia seguinte fui comungar. Estando recolhida, senti a alma levada pelo Senhor, onde eu não sei dar conta mais, que depois de tornar em mim disse, toda abrasada no divino fogo: "ah, certamente!". Sem me sentir me acharei onde mora meu Amado, que é o céu, onde eu só desejava que os anjos o louvassem, que eu estava como inebriada. Depois estava na missa do dia como regateando com meu Senhor, porque me dá tudo de graça. E duvidando de tantos favores me disse meu Senhor: "não vês que estou contigo? Anima-te! Que se te hão de gastar e desfazer essas prisões em que andas trabalhando,

que sem trabalho as hás de pisar". E sentia a alma já como livre, que é o modo com que meu Senhor me dá a conhecer as coisas, dizendo-me e mostrando-me os [fl. 41v.] efeitos das suas falhas. E para mais me declarar a Vossa Reverendíssima e me entender, lhe faço menção do capítulo da nossa regra, o da humildade. No fim dele, que diz pela graça do Esposo Senhor terá por bem de obrar. Por quatro vezes neste dia me tem meu Senhor animado com uma esperança certa e viva luz no conhecimento, mas tão presa nos sentidos do corpo que é necessário fazer força para o trato visível. E neste dia senti tão grande suavidade que não podia admitir coisa criada, nem comer. Quis rezar o rosário, não podia. Estando metida a um canto da igreja, disse: "Senhor, se vós me não dais liberdade, como hei de ir para o coro?" Porque o Senhor puxava por mim para a oração. Eu disse: "não pode ser deixar o coro para estar aqui, mas ficarei de completa". Senti logo dentro da alma que o Senhor com muita alegria me dizia: "amo-te muito", e com este dizer me rouba todo o interior. Mas eu, como me parecia mais seguro o coro que os regalos que sentia, disse: "ah, Senhor, que tantas vezes me tendes dito isso hoje!". E logo senti uma fé viva e esperança certa, sem falta que a alma e potências se haviam de ver livres para o Senhor obrar [o] necessário conhecido na alma, nos artigos da fé, que no sétimo que é glorificador. Nisto, derrama meu Senhor nesta formiga o que nos importa crer e trabalhar para que não nos tenhamos por vizinhos da terra, senão por peregrinos dela, e cidadãos do céu. Oh, ingrata galega, que se souberas dar conta! Hoje poderás fazer muitos capítulos. Dando a obediência licença, torno a repetir o que o Senhor acima me disse: "amo-te muito". Eu como via que estavam no coro, e [é] a obrigação também minha, e eu ali assentada não abraçava os favores. O Senhor para me segurar me disse: "não temas, que aqui me agradas. Estás aqui porque não tens forças, não podes". E começou-me a relatar o que me tinha feito estes dias. A primeira coisa foi mostrar-me as duas virtudes que queria que a alma tivesse, que era a pobreza da alma e des [fl. 42] ocupada, e a pureza que disse no princípio deste capítulo. "E depois te chamei com força ao retiro, e te quero nele. E logo me sentias tratando contigo e guardando-te, te não larguei. Hoje te viste como já na pátria, que foi de manhã que supuseste que, sem sentires a morte, te acharias viva comigo." Senhor, o amor que me mostrais tudo o mais me esconde. Tornou a dizer: "não temas! Tudo está direito". Ah, Senhor, que não tenho forças para tanto amor, como me mostrais! Deixa-me meu Senhor padecer e esconde-se. Não sinto a sua divina presença. E permite que uma

pessoa de muita virtude me persiga, dizendo-me coisas contrárias ao que eu fazia. Não me detenho mais em referir o rebuliço que se levantou sobre mim, que sinto tal força para não dar atenção a coisa que me detenha para não poder falar, e tratando só do meu Amado. Só direi que três dias padeceu minha alma grandes trabalhos, e tão amarrada e presa se vê que nem nos ministros do Senhor deseja ir buscar remédio. Só o busca no Senhor, inda que o não possa achar.

No terceiro dia padeci de sorte que se fizeram os olhos da alma e corpo duas fontes. Era um padecer despido e retirado do mundo. Não tinha mais alívio, senão se algum instante me via livre para falar com os anjos. E isto era como quem reza vocalmente, dizendo-lhe e pedindo-lhe que me dissessem onde está meu Senhor. Levai-me, irmãos meus, aos seus divinos pés, e neles me escondei. Neste falar vocalmente me alenta docemente para mais padecer, mas eram poucas vezes. Mas o Senhor, que é Pai de amor, me dava no entendimento discursos que me pareciam como [o] que diz a nossa regra, capítulo 27, do cuidado que deve ter o abade de mandar-lhe irmãos que o consolem [fl. 42v.] que não desfaleça, porque no entendimento conhecia remédio para me confortar o que não posso referir pela subtileza do discurso, que só servia para o remédio da queixa que a alma padecia. E meu Senhor escondido, deixando a alma que estava feita uma chaga, que qualquer coisa que lhe toca se a feria. Neste padecimento não se sentem queixas do corpo, nem há vontade de comer. Em todo o criado não achava mais que tormentos. Já dá fim.

À noite, estava para entrar ao coro, sente a alma a meu Senhor, mas não podia chegar a ele pela fraqueza da alma. Já livre de prisões, clama a alma ao Senhor: “tirai-me desta prisão da carne! Tirai-me, tirai-me! Meus irmãos, que fareis que me não levais a meu Amado?” Diz-me meu Senhor: “anda para o retiro”. “Senhor, no coro estou, e só convosco, porque lá faço a minha obrigação”. Disse meu Senhor: “tu queres trabalhar para me achares a mim, pois que temes de estar comigo na oração. Isso que queres fazer é para [a]mor de mim, e eu chamo-te para a oração para regalar contigo. Não conheces que fome e sede de mais me amares? Não cuides que me desagrado nas virtudes morais, que eu sou Senhor de tudo. Não tas quis dar, quero estar contigo a um cantinho.” As doçuras são contínuas, e os favores, mas não sei que lhe tenha apego, só não posso sofrer ausências de meu Amado. Não sei que meu Senhor fará de mim, que eu por seu amor me sinto morrer. Isto é só tratando de meu Amado, não sei que digo. Quem me

pudera falar a Vossa Reverendíssima nestes dias, mas faça-se a vontade de Deus. Se meu Senhor for servido dar-me o dom da fortaleza em uma participação ou influxo da virtude divina, com que vença felizmente, animosa, as tentações, tribulações, e adversidades que muitas vezes sente temer minha fraqueza. Mas como não há firmeza no que digo, decerto só o que tomara se for vontade de Deus, que nem um [fl. 43] fechar de olhos me veja sem meu Amado. Seja onde ele quiser, no meu inferno se for vontade sua.

Hoje, acabado o coro, me fui acudir à caridade do próximo, [rasurado] com algum detrimento do corpo e trabalho, mas a alma com paz e recolhida, que estes dias anda[m] todas as potências presas, que nem as mãos podem trabalhar, que não dá lugar meu Senhor, que está esta fome e sede de mais se dar a alma a Deus. Assim cheguei, fatigada o corpo, e recebi a meu Senhor sacramentado. Como desconfiada que meu Senhor me não quereria, punha-se a alma como vergonhada de parte, mas meu Pai de amor a tomou e uniu-se a si. Onde gastei duas horas se amava não sei que fazia mais que gozar, sem saber mais, suspendida. Quando me levanto, acho-me com maior fome de amar. Se pudesse ser estar dias e noites sem mais atenção a coisa alguma ficaria minha alma satisfeita. Não, Senhor, que o vosso amor é infinito, e nestes ratos sente a alma, às vezes com grande abundância, o que me parece não tem nome de doçuras nem de suavidade. Eu chamo-lhe “mana do céu”. Aqui conhece minha alma claramente o seu nada. Suposto Vossa Reverendíssima me dê clara estes favores e conhecimentos nas suas cartas, dou eu conta do que passa na minha alma.

Sem haver tempo que me pareça que baste, o retiro, inda que seja a maior parte do dia, parece-me instantes. [O] ócio da oração é um fechar de olhos. Assim estava no coro na oração do convento, senti na alma admiráveis hábitos de virtudes, que lhe dava o Senhor, e claramente ela sabia que não eram suas, senão do Amado. Não as posso agora referir, que não me acho agora com discurso para os conhecer tão claramente como [fl. 43v.] os conheci. Ficarão para outro intento.

Mas estando a alma como admirada do que sentia, sem discurso, mais que não conhecia senão que se ia o tempo em um fechar de olhos, lhe deram a entender: “de que te admiras? Aquele monge que foi levado do seu mosteiro por um passarinho que cuidou quando se vinha, que inda então chegara, e quando chegou ao mosteiro já não achou o que deixara. E com isto é velho na terra”. Não fiz caso da comparação. Estava tomando ato e missa no coro, me tornaram a dizer: “isto que sentes é o que a alma pediu aos

anjos que a levassem a seu Amado. E pela ânsia que disseste "Senhor, tirai-me desta prisão", te achas agora neste tão alto estado escuro, mas sobre todas as coisas da terra, desapego de si mesma, que isso é o menos, nada de coisa criada." Vejo-me tão aportada das criaturas dentro de mim mesma, recolhi-me um bocadinho, e simplesmente preguntou minha alma: "anjos de meu Senhor, não me direis?" Não se pode nesta vida ver o seu divino rosto claramente, porque na sua companhia se acha minha alma. Mas não me lembra que mais passei, nem quando foi isto ou em que parte.

Indo para o coro, senti dentro da alma e corpo tal suavidade que, estando se dizendo o Evangelho que dizia o que o estava cantando "*dixit Jesus discipulis suis"*[1436], ao eco desta palavra derramou em minha alma tão excelente fragrância do orvalho do céu, que me parece que não se pode pôr nome de doçuras. E isto sem discurso, só posta a alma como simples. Seja meu Senhor bem-dito.

De manhã estava ouvindo missa e senti a alma livre em tão alta oração, louvando ao Senhor porque, sabendo que estava neste mundo e se via tão apartada de si mesma e de tudo o criado, e gozando de Deus com tanta abundância este orvalho do céu que se derrama na alma, em pare [fl. 44] ce a mim que é para o confortar no mesmo amor, que é às vezes muito forte.

Dou fim a este capítulo, e digo a Vossa Reverendíssima que me acho já sem sentir, nem falas, nem chamamentos, mais que metendo-me pelos cantos da igreja. Sem poder-me desembaraçar para o coro, falto a algumas coisas dele, porque meu Senhor me tem presa. E nestes cantos se vê a alma livre das misérias do corpo, nem as potências tem [o] que fazer, porque o Senhor é o que obra na alma. E nisto pedi ao Senhor por Vossa Reverendíssima. Oferecendo-lhe a oração, vi dentro da alma que Vossa Reverendíssima estava como ao pé do Senhor. Ele me dava a entender que Vossa Reverendíssima havia de mister ter orações, e meu Senhor olhava por Vossa Reverendíssima, mas deixava como quem queria que Vossa Reverendíssima obrasse, ou fiava de si o que era, mas mostrava que o tinha da sua parte. Mais claro que conheci isto, mas não quis admitir, só supus que lho havia de dizer. Os efeitos que estava sentindo me asseguravam, e o orvalho que estava caindo na alma. Ela, confessando-se pó e cinza, até que desafogou

[1436] Antífona da Comunhão *Dexit Iesus Discipulis Suis,* João 21:12-13.

em dizer: “Senhor, que sois Senhor do céu e da terra, podeis dar as vossas riquezas a mais inútil escrava criatura da terra?”

Capítulo IX

Como Vossa Reverendíssima me disse que de tudo desse conta, irei dizendo neste o que for vontade de Deus que eu saiba dizer.

Andei dois dias como eu não sei dizer, por não achar termos a minha capacidade. Porém, por letra, não me acanho tanto.

Senti um fogo de amor tão abrasado que só de olhar com os olhos do corpo para meu Senhor crucificado que temos adiante do coro, logo o sentia unido comi [fl. 44v.] go corporalmente. Não que o visse em carne, mas senti-o dentro da alma como vivo. Andava atrabalhada docemente porque o seu divino amor me levava, e eu queria fugir para não sentir. Fui confessar-me, mas não achei termos para dizer o que sentia, porque nem aqui eu os digo como os conhecia. À noite, estando na oração, no princípio dela senti meu Amado e, abraçando-o, eu com a minha cabeça o tocava. Não vi com os olhos do corpo, mas era um sentir corporalmente. E isto foi quando vi a Vossa Reverendíssima como muito chegado ao Senhor. No fim do capítulo nono, por não caberem nele, deixei de dizer isto que tenho dito, e mais coisas que não pode ser dizer tudo. E tanto me segurou meu Amado pelos efeitos que sentia admiráveis, que falei com meu Senhor e lhe disse: “dono meu, não pode ser que deis tantas riquezas a este bichinho podre e vil, a mais inútil de todas as criaturas”. Mas que havia de fazer com o que sentia? Humilhada por terra e rendida aos seus divinos favores, clamei e disse o que já disse no outro capítulo, que é: “Senhor dos céus e terra, pode dar a quem quiser”. Mas não digo por certo se mo disseram dentro da alma que podia dar a quem quisesse, ou se disse eu vocalmente, porque de outra sorte não podia ser, porque o Senhor era o que abraça na alma.

No outro dia, depois de comungar, ouvindo missa toda derretida ou elevada no amor do meu doce Amado, vi um obreiro que trabalhava em obra de igreja, e o dono da obra olhava por ele. E eu dei-lhe o que ali estava fazendo. Vi o Senhor, que olhava para a obra. Eu reparei e disse: “só um aqui trabalha”. Este obreiro era Vossa Reverendíssima e o dono da obra era meu Senhor. E quando lhe ofereci a oração, vi que o Senhor tinha a Vossa Reverendíssima da parte [fl. 45] esquerda, mas perto de si. E vi que ele voltava

o seu divino rosto pela parte esquerda, e olhava para a obra. Eu pareceu-me que não lhe mostrava amor, e fui tão má que disse para mim: "o Senhor não deve de ser seu amigo". Logo direi o que passei por supor isto. Vamos o que vai direito. Como eu vi só Vossa Reverendíssima que trabalhava onde meu Senhor punha os olhos, não queria assentar no que tinha conhecido, e querendo deitar fora de mim pela veneração que faço dos ministros de meu Senhor, disse: "olhe, como pode ser que em todo o mosteiro de Alcobaça não haja outro obreiro na casa de Deus?" E não queria supor que Vossa Reverendíssima era grande pecador, nem que de todo era santo. Nesta contenda estive, que não digo toda, que algumas coisas me passaram, mas gastei desde as oito horas até as onze. Que, estando na missa do dia, que era à terça, estava uma esposa do Senhor tendo coletas. Mas inda que estava fazendo a sua obrigação melhor que eu, conheci-lhe algumas faltas no que estava fazendo. Eu reparei e disse: "esta que aqui está com as mais, reza também". E agora lhe vejo assim, quando logo senti que me diziam: "tu duvidavas por não ter senão um obreiro, aqui verás que nem todos que andam na escola são mestres. São poucos os que são fiéis". E assim me certificou que Vossa Reverendíssima trabalhava como mestre, mas conheci que meu Senhor queria quem o ajudasse. Mas não conheci que o Senhor o defendia, só o mirava muito, e tinha a Vossa Reverendíssima perto de si. E isto foi à terça.

Logo entrando à missa, senti-me com tentações altas de ser santa, mas a alma não consentia. E como o amor a está lavrando, causou-lhe admiração que houvesse porta por onde pudessem entrar, porque a alma estava então sentindo o Senhor como corporalmente. E de repente senti com admiração [fl. 45v.], lavada em lágrimas, e já livre pedi a mão a meu Senhor para lha beijar. Ele ma deu, e nisto entendi que me diziam: "é para que saibas se tenho eu amor". O meu obreiro, que era Vossa Reverendíssima. Eu logo caí no que tinha suposto, que o Senhor não conhecia que lhe tinha amor, ou não mostrava, e fui tão simples que não supus que meu Senhor não faria caso do meu atrevimento. Mas como eu vi tudo direito do que eu não queria fazer menção, por cuidar que era pensamento meu, e ver que o Senhor me tirou tudo, a luz clara, disse minha alma: "visto isso, meu Amado, os que mais padecerem, eles são os vossos mais mimosos".

À noite, nas matinas, não me podia esquecer da obra e [d]o dono dela, e mais tinha tomado estes três dias de retiro para satisfazer muitas elevações da alma. Que me

alentava considerar que três dias, três noites, sem falar a coisa criada, me podia aliviar da sede da alma. Já o dia estava acabado de não falar a nada, e via-me mais sedente do amor, buscando outros meios, porque o coro e as obrigações de cristão e religiosa me tomavam o tempo. Logo darei fim ao que passei nesta matéria. Tornemos ao nosso obreiro, que não me esquecia a obra. Indo para a mesa do refeitório, senti que me diziam que também meu doce amor queria obrar em minha alma. De manhã comunguei, estando em a missa quis e dei a oração e comunhão para a obra que Vossa Reverendíssima fazia. E pareceu-me que eu já ia tarde, mas detive-me com meu Amado na oração, que me tinha mostrado dois caminhos. Um de amor, graça e regalo, e outro de conhecimentos e doutrina. Neste me mostrava que estava a alma mais apartada do Senhor porque trabalhava, mas era tudo no mesmo Senhor. No primeiro, que era a alma unida à do Senhor, vi [fl. 46] que meu Senhor, com as suas divinas mãos, me dava flores graciosas. E a alegria com que ele me dava, as fazia mais excelentes. Eu as tomava e lhas tornava a pôr no peito, que mas guardasse, e assim fui ornando o seu divino peito. Eu alegre e meu Amado muito mais, disse-me: "vê isto que estás fazendo... É o que deviam fazer os meus ministros, que são tão obrigados a estas obras como as minhas esposas, em guardarem e terem pureza, e serem capazes de estarem onde estão os serafins, no trono mais levantado, patentes e [i]mediatos à vista e cara do Senhor". Eu, discorrendo, disse: "o Senhor é o que dá os dons e talentos para eles obrarem ou para que eles obrem, se não der luz na alma para conhecerem as almas por onde as hão de encaminhar? Não terão pena que pagar na outra vida". Mas logo entendi que não tinham descargo que dar por dois caminhos, tinha meu Senhor direito e eles obrigação de trabalhar. Era, se não tinham luz pelos efeitos que não conheciam na sua alma, que tinham a[s] Escrituras Sagradas dar-se ao estudo para governarem almas, e trabalharem seguramente na doutrina dos santos padres. E se não podem fazer isto, façam-se no trato e viver comigo como ermitões do ermo, sem apego ao mundo. Porque as flores que o Senhor me deu, e eu lhas punha, significam que era a dignidade que meu Senhor fizera com seus ministros para que eles obrem tudo para honra e glória do meu Deus, e por isso eu vi só um obreiro naquela santa casa. Isto me deu meu Senhor a conhecer estando depois na missa do dia, e muitas mais coisas que agora não digo, mas só por não faltar à obediência de Vossa Reverendíssima, lhe dou por autor e desculpa minha a Santo Agostinho, doutor das gentes, em querer escrever o mistério da Santíssima

Trindade. E eu, galega, que no peito do meu Senhor conheci [fl. 46v.] estas coisas, como as saberei referir? Só de intento não posso, só direi sem saber o que digo. Mas tem-me parecido que meu Senhor não está satisfeito dos seus ministros. Não me creia Vossa Reverendíssima.

Vamos aos dois caminhos que o Senhor me tinha mostrado. Preguntou-me qual deles queria. Com muita alegria me fazia esta pregunta. E sempre me faz assim, que por isso eu cuidei que o Senhor não era amigo de Vossa Reverendíssima, porque conheço que a obra era do seu agrado. Mostrava o Senhor que o obreiro estava obrigado ao trabalho, e virava o rosto a olhar se o ajudavam. Mas veja Vossa Reverendíssima os segredos de Deus como são delicados, que para me descobrir e manifestar-me coisas divinas principiou, se pode dizer a meu entender, por obra de pedreiro, metendo-me em cuidado nesta obra. E por fim ou meio, me levou consigo [a] colher as flores, e eu pu-las no seu divino peito, fazendo dele cofre. E nele descobri tudo. Sejais, Senhor, bem-dito. Só a minha Senhora me pode socorrer nesta ocasião, que é o que ofereço a meu Amado toda a humildade que minha Senhora teve nesta vida, oferecida com os meus limitados desejos.

Sabe Vossa Reverendíssima como os ministros estão obrigados, como um mestre que toma a obra por sua conta, e o dono dela lhe dá grande quantidade para que seja obra perfeita. Que obriga o mestre empregar-se com desvelo para que a obra seja capaz de aparecer à vista do seu dono. A este respeito me tinha eu queixado porque meu Senhor me tinha mostrado as ofensas que lhe faziam. Eu disse: “ninguém vos serve”. Mas eu vejo que há santos no céu e justos, que ouço dizer na terra, santos que vejo no céu, é porque se festejam e rezamos deles. Nisto conheci a misericór [fl. 47] dia de Deus. Como eu conhecia que eram coisas de meu Amado, que me dava a escolher, não me apeguei a elas. Mas disse: “Senhor, vos mando que vades para as cavernas do inferno, e que deixeis as almas que estão em agonia de morte”. E com desvelo pedia minha alma por toda a linhagem[m] humana, que era só o que a alma desejava, e era trabalhar, pois é só o que devia fazer. Passado algum espaço, tornaram-me a preguntar o mesmo. A alma simplesmente respondeu com a mesma petição, e não sabia que fazia bem ou mal. Depois foi que o conheceu, que estava na missa do dia e disseram-me: “como não escolheste nos dois caminhos, ambos te dou”. Eu tudo era pedir a minha Senhora a sua humildade, e ao Padre São Francisco e todos os mais santos. Isto era quando me via mais

desembaraçada, porque eu via-me perdida. Era necessário estar sempre com os olhos do corpo abertos nos atos de comunidade, se não já quando os abria já as mais desapareciam. Eu cuidava que naquele instante me esquecera de mim mesma porque não achava dia nem noite que durasse. Estando no caminho regalado que acima disse, pus-me a cuidar [no] que faria. O que referi no capítulo oito[1437], que só deixando tudo me acharia como o monge que foi levado pelo passarinho, e considerando em tudo não achava dificuldade, porque a força do amor tudo me desfaz. Mas estava bem certa [de] que tal não deixaria, que eram as virtudes morais. Nisto, vi dentro da alma como tudo estava desfeito só como de fora, mas pegado na alma estava uma lasca de cana como vara direita, e comprida, sem se ver nela mais que muito plaina. E nisto me disseram a respeito do monge que já disse: "esta vara que vês és tu [no] que de criatura tens. Por essa razão é que não [fl. 47v.] deixas a obrigação, porque a natureza não pode fiar de si. Por isso tens esse fio que viste que vai direito". Pelos efeitos que sentia o conheci melhor do que aqui escrevo.

Neste dia tinha sentido na oração [o que] me pareceu visita do meu doce Amado como corporalmente, que foi onde nos achamos com as flores e tudo o mais que tenho dito e que fica por dizer. Não foram conhecidos estes favores por falas interiores, senão obra que meu Amado fazia na alma, com amor muito sereno e quieto. Suposto que acima disse que o Senhor me dizia, assim era, mas é por outro modo, mais excelente e descansado, que obra só o Senhor.

Na terça-feira, que estava inda no retiro, depois de comungar me senti no peito do meu Senhor, que para se chegar lá é necessário subir muitos degraus de virtudes, uns mais custosos, e outro mais leves ou suaves. Muitas contradições, mas com graça divina se pode vencer o inferno. Adiante, almas, os trabalhos padecê-los e não fazer caso deles. Adiante busquemos com desvelos a luz do céu, umas vezes pelos seus ministros, que a força da obediência faz os caminhos suaves. O ponto está [em] não se deterem os caminhantes, a voz dos ministros é a luz do céu, que sempre passe adiante sem dar fim ao começado! Valha-me Deus!

Torno a dizer que no peito de meu Amado tinha juntos os dois caminhos. Entre o descanso daquele divino peito, conhecia a obrigação da esposa, que para aparecer aos

[1437] No original, "8".

seus divinos olhos se havia de fazer semelhante aos serafins, que já disse. Assim, se doía minha alma e se obrigava a si mesma a trabalhar, estando recolhida no peito do Senhor, mas era como de fora, mas chegada a ele, e suspirando e gemendo dizia: "ó fim desejado de meus afetos, quem to vira já?" Isto por muitas vezes repetido. O Senhor me teve dentro no peito breve [fl. 48] tempo, mas nesse instante me pôs como óleo da sua divina graça, digo, da sua divina sabedoria, que a alma saía como já disse, que estava de parte conhecendo e amando. Via e se doía pelo que entendia no meu Deus. A alma trabalhava por si e por toda a linhagem[m] humana, e este trabalhar da alma era no mesmo Senhor estando recolhida, que tinha ido para a prima pelas seis horas, e esteve no coro até as onze. Só com uma estação que fiz e missa e tudo o mais, exceto as horas da reza, que levei com meu Senhor. Reparando eu como são os pensamentos das criaturas tão diferentes dos segredos de Deus, porque elas murmuram que não é de virtude gastar muito tempo na oração, que é melhor a caridade com o próximo. Não vai o Senhor contra isso, mas fundamentalmente mais trabalha a alma que está pedindo e falando e acudindo por todas, do que o corpo havia de fazer com a criatura, que quando muito serviria a uma ou duas, e pode ser ficariam malcontentes. Ao Senhor, [que] é pai de amor, sempre dá quem acuda a necessidade do próximo sem que andemos todas. Isto não digo por me queixar, porque o Senhor me disse que isso estava por sua conta, que não falasse eu senão a respeito de me ver presa toda a manhã, que só a obediência me faria levantar da oração. Dizia eu: "valha-me meu doce, doce amor. Porventura isto será a vida do monge que foi levado? Eu não posso ter esta vida!" Mas sobre estas rezões descobrir isto que tenho dito neste capítulo, e o mais que deixo por dizer, tudo doutrina, mas tenho rezões para não escrever tudo por via dos capítulos, e como toda estava encaminhada a conhecimentos de mim mesma a respeito de que me vejo com mais [fl. 48v.] liberdade para assistir mais ao retiro que às virtudes morais. Parece-me preciso não a referir sem especial luz do céu, bem clara, para o meu conhecimento, criatura inútil como eu, porque só o fio, que já disse que ia direito, que era a desconfiança que eu tinha de mim. Suposto confiava no Senhor, mas da minha parte não fiava nada porque a força que sentia, e sinto, facilmente me podia amarrar a não acudir às obrigações. Mas eu puxo por mim e digo: "Senhor, o vosso divino braço é poderoso. Se esse caminho for seguro, e de vosso agrado, vos desporeis o que for para glória e honra vossa, que é só o que desejo". Mas enquanto eu sigo a vida comum, não sei se me

entenderá Vossa Reverendíssima nisto que estou dando conta, e para me tirar dessa dúvida consta de duas vidas, Maria e Marta, porque conheço que meu Senhor me quer nelas ambas, juntas. Mas é só dentro da alma. Nesta matéria estão todas as minhas contendas com meu doce amor, e sobre isto poderá escrever livros. Declaro o que disse acima o fim, porque minha alma suspirava e gemia. Era perto da perfeição porque quanto mais conhecemos de Deus, quanto mais nos conhecemos a nós. Eu estava no divino peito, tendo entrada franca. Estava vendo o quanto me faltava, mas é o que Vossa Reverendíssima diz, que meu doce amor me dá tudo de graça, e acabei os três dias de retiro queixando-me dos dias e noites, porque se vão tão depressa, que não me dão mais tempo para estar com meu doce Amado. Todo o tempo é breve. Que farei? Mas eu não faço nada, porque meu Senhor é o que obra em minha alma. E conheço dentro da alma como o Senhor quer que me dê toda ao retiro e oração, porque indo tratar com as criaturas fiz algumas coisas de mãos, não de muito trabalho, mas logo me falta [fl. 49] ram as forças do corpo, que nem para a obrigação tinha alentos. Posta a um canto da igreja, me estava meu Senhor regalando, e como dizendo-me: "aqui te quero". E como a alma tem já entrada no seu divino peito, quando o corpo está enfermo, está a alma encostada, conhecendo que o Senhor lhe diz: "esta é a tua cama", que é no divino peito. Só quem nele assistir saberá e conhecerá o que lá se passa. Não digo que tenho arroubamentos, porque não sei que tenha perdido os sentidos do corpo, porque sempre, de espaço em espaço, me sinto que estou ali. Mas horas e horas que esteja, tudo são instantes. As minhas petições, Ó Senhor, são agora os vivos suspiros do fim desejado da alma?". A perfeição, a petição. A Senhora pedindo-lhe a sua humildade para oferecer com os meus limitados desejos, que é a maior necessidade [que] me parece que tenho, e é só o que desejo. Com muito trabalho puxo por mim para lhe rezar sempre o rosário, e também a sinto com muita alegria e agrado com este vil bichinho.

Mostrou-me o Senhor dentro da alma o trato que havia de ter comigo mesma, para que nem embaraçasse nem detivesse. Era um trato simplesmente assim no vestir como no comer, no trato das criaturas, de sorte que não sentia embaraço para estar amando a meu doce amor com toda a mente sem opressão. Aceite Vossa Reverendíssima este capítulo por carta deste correio e, se não puder ler, queime-o logo, que não tomará sair da ordem que Vossa Reverendíssima me tem dado de um só cada mês. Mas este inda que não entendi que meu Senhor me dissesse que escrevesse, sentia grande força na

alma que me parecia que a mão se movia para pegar na pena. Mas como vejo que tudo são borrões, parece-me [fl. 49v.] que meu Senhor não se agradava desta obra. Mas sinto força grande para escrever, e outras vezes grande repugnância da minha parte, que me sucedeu estando lendo o capítulo que fiz no princípio deste mês, e dar-me como a tentação de queimar. Mas apego-me à santa obediência, pegando-me com a terra. Desde então me tem meu Senhor feito tantos favores, e por fim deste lhe digo que desejo chorar meus pecados e de todos, e que meu doce amor leva minha alma por uma suspensão da mesma alma. Tomara falar com Vossa Reverendíssima pois é só quem me pode entender, e meu Senhor.

Capítulo X

Já disse a Vossa Reverendíssima no capítulo acima o estado em que me achava, na atenção em que sentia minha alma, que não podia manear o corpo, senão com muito trabalho para o trato visível. Passados alguns dias me deixou meu doce amor para que a alma conhecesse melhor as suas divinas grandezas. A pôs muito claramente no conhecimento das suas misérias, tentações, contradições da alma, que é pior que tudo em tanto aperto sem rebuliço, tudo em paz, mas padecendo.

Estando na missa me deu uma grande ânsia que a alma me parecia que desemparava o corpo, e se ia a buscar o Senhor corporalmente, porque só assim podia satisfazer. Neste repente senti que lhe diziam: “não sabes que nesta vida se não pode alcançar o que desejas? Porque São João Baptista, e todos os mais que foram do tempo do Senhor que andava no mundo, não assistiam com ele sempre”. E com mais rezões que me disseram se confortou minha alma não satisfeita a meu parecer. Foi luz de [fl. 50] anjo, pela diferença que conheço dentro da alma. Depois, estava no coro na mesma força de não poder satisfazer, derramando muitas lágrimas de amor insofrível e muito sentida por tirarem a oração do convento. E como a prelada tinha dito em capítulo que os ministros do Senhor diziam que a não ouvisse (eu como sou tão má, não pude crer), mas com muita dor disse a meu Senhor que se lembrasse de um servo seu que tinha muito trabalho comigo. Nisto, vi dentro da alma que eu meu Senhor o tomava nos braços, e com ele me deu a entender que tinha amigos. A alma estava escura, mas a luz da fé desfez tudo tão claro como o sol do meio-dia. E como ela conheceu ao Senhor, que com muito lhe dizia: “vês, tenho amigos”. Neste gozo foi minha alma confortada com braço

poderoso para outro estado mais subido e alto, onde ficou satisfeita. Por algum tempo nele estive livre do mundo e [da] carne, que é um bem sobre todos os bens, [o] estar a criatura em carne mortal e ver-se como se não fora carne. Aqui, inda que se viva enquanto o mundo for mundo, sem ver a cara do Senhor, está a alma tão cabalmente satisfeita, que sem gemidos e ânsias esperara inda muito mais, se for vontade de Deus. Disse acima que minha alma fora confortada com braço poderoso para que se não desfizesse o corpo de gozo que a alma sentiu de saber que o Senhor tinha amigos. Bastou isso para [rasurado] que a alma por tempos satisfizesse a fome que padecia de ver a Deus claramente. E com a certeza que tinha que nesta vida o não podia ver estando em carne mortal, não queria admitir este desejo. Mas não é desejo, é fome [fl. 50v.] da alma, e sobretudo são caminhos por onde meu doce amor me vai levando. Conhecidos da minha alma, mas inda os não sei com distinção declarar a Vossa Reverendíssima. Isto que tenho dito acima da alma se satisfazer com saber que o Senhor tinha amigos, não foi por muito tempo, porque no outro dia, estando no coro, como vi que se não tomava a oração do convento, me deu tal dor na alma que não fiz mais que chorar. Sem me sentir mais que gozar padecendo, sem desejar mais que saber que o Senhor seja louvado, e que não seja ofendido. Se tivera a certeza que não era ofendido, não teria que padecer com estes trabalhos. A alma se desfaz toda do corpo para vir achar-se com o seu Amado, não pode ser corporalmente. É o amor tão forte que a obriga a falar e tratar com os anjos das perfeições do seu amor.

Estando para me deitar na cama, sentia dentro da alma como conhecendo a sua divina formusura. E como estava ocupada, fazendo exame de consciência, disse para os anjos, que é com quem eu falo com largueza: “deixemos isto para depois que estiver na cama”. Declaro-me que este trato que tenho com eles é dentro da alma, ou de outra sorte sem ser vista do corpo que os veja visivelmente, que disso tivera grande temor. Sinto a alma doente de amor, que só deseja curar-se no retiro, para desafogar com meu doce amor. Meu Deus e meu Senhor, se me quereis castigar, seja assim apertada minha alma convosco, que se vos sentira corporalmente sempre, sempre sem fim, já não tinha que sentir. Mas já conheço que se todos vos amaram de todo ficara satisfeita minha fome e sede que tenho de vos ver, meu Jesus.

Estando no coro, sentia-me atribulada e com ân [fl. 51] sia, pedi a meus irmãos e lhe disse com muitas lágrimas: “levai-me a meu doce amor, que não posso estar neste desterro”.

Acabada a prima, vi dentro da alma o grande como era dificultoso de ir uma alma que passa desta vida direita ao céu. É como um milagre, uma coisa que se toma no ar, como eu o conheci não tem explicação. E com isto o vi como dentro da alma por duas vezes naquela manhã. Senti-me morrer e quase[1438] desmaiada, mas nestes apertos me valho do que meu Senhor padeceu por mim, que se isto não fora, já não estava com vida. Não fazia mais que chorar. Estando na oração, me deu como sono da alma, que foi toda confortada a alma e corpo, sem entender mais que saber que tinha já todo o seu tudo. É onde a alma goza da divindade, sem padecer nem apetecer, nem sabe que faça, conhece que nada lhe falta.

Neste capítulo poderá dizer milagres, mas será vontade de Deus que não posso dar conta, que me não falta mais que tirar-me o papel da mão, que nos ouvidos do corpo me dizem que não escreva. Valha-me a santa obediência, que entre tantos inimigos me vejo atropelada. Oh, Senhor, que sois Pai de amor, socorrei este vil bicho, cheia toda de tentações, mas tudo o que padeço é abrir caminho para receber dobrados favores. E por lhe não parecer a Vossa Reverendíssima que eu desejo ir ao céu, assim as mãos lavadas o que acima disse, que pedia aos anjos que [me] levasse a meu Amado, é no sentido que estando nesta vida mortal se acha minha alma e potências e todo meu ser por muitas vezes livre toda das misérias da vida. Mais que amar e saber de Deus, com tantos regalos que anda a alma e corpo com grandes forças que me dá meu doce amor nos seus divinos braços. Meu amor, oh, fim dese [fl. 51v.] jado de minha alma, quando de todo me vereis livre desta prisão? A alegria que a alma tem quando conhece que se faz alguma coisa para glória e honra do Senhor, tudo lhe deseja dar. Em si não tem já que lhe dar porque toda sou sua. O que me importa é trabalhar para que seja este leme todo amor puro e limpo. Assim, está a alma sempre despindo-se e defendendo-se, e posta da parte do Senhor em guerra contínua com o corpo. E como o Senhor vê o que ela faz, dá-lhe horas em que a alma descanse, dando-lhe de comer sem trabalho. Isto é dentro da alma.

[1438] No original, “quase”.

A primeira sexta-feira de março padeci grandes trabalhos da alma, contradições de criatura, mas como não diz a boca nada, a tentação aperta a alma. O amor insofrido não sofre deter-se porque nunca falta no jardim do meu Senhor flores que colher, inda que a alma as não possa colher. Mas está-se regalando de as ver e conhecer a tentação forte. A alma com fé viva, mas chego a estar enferma estando neste aperto. Conheci dentro da alma ou me diziam que estivesse no retiro para sarar, dizendo-me: "não vês que o enfermo para tomar descanso busca a cama? Assim é a alma que ferida, sem muita oração e retiro, não tomará nem satisfará a sua doença, que é de amor chagado". Inda que desconfiada, conheci-o assim dentro da alma porque sem o padecer se desocupou a alma, e se descarnou de todo o visível.

Entrou o divino Menino corando e enchendo toda a alma, confortando-a e alimentando-a[1439] com o maná do céu, toda a alma está cheia de favores. E não me sei explicar, só dizer que já a alma está satisfeita da união porque suspirava que [fl. 52] não podia a alma mais que sentir o Senhor corporalmente. Não o vi com os [o]lhos do corpo, mas de todo está a alma unida ao Senhor vai por dois dias. Dirá Vossa Reverendíssima como é esta união que eu digo, porque conheço a minha ignorância, que me não sei explicar, mas estou falta do visível e toda cheia do divino. Esmorece o corpo, não sente as prisões da carne, elevação dos sentidos. Não há ânsias, nem suspiros. Tudo está satisfeito da parte da alma, que sempre tem [o] que sentir. Está forte para vencer gloriosamente, voando a t[u]do [o] que é de Deus, sem contradição no amor, que se chama amor com toda a mente, todo o tempo e toda a vida. Se estivesse neste estado lhe pareceria um instante. Digo a verdade, não há tempo para penitências corporais e a caridade do próximo. Vejo que não posso acudir a estas duas virtudes e desconfio de mim, mas o Senhor, que ama minha alma, me diz: "não podes aqui as estar exercitando, que é na oração", mostrando-me como é agradável aos seus divinos olhos o que a alma pede pelos próximos. E inda passa o mais fora do que eu não sei dizer, mas que se despõe a alma para entrar no jardim das flores, que eu tenho dito neste capítulo e no outro atrás. É um conhecimento de Deus, das suas grandezas, que tudo quanto a criatura vê e ouve, e assim no exterior como no interior, pensamentos, ações, em tudo está vendo e conhecendo a bondade infinita e grandeza do Senhor com a alma e potências e sentidos,

[1439] No original, "alementando-a".

toda abrasada no fogo do amor divino. Nestes termos se enxugam as lágrimas, e só avisam. Suponho que foi vontade de Deus [que] eu padeça adiante uma folha, sem ver que esta estava por escrever. Não hei de deixar de escrever, que me manda a santa obediência. Ela me conforta, mas eu agora tive a culpa porque deixava de [fl. 52v.] dizer muitas coisas que me tinham sucedido antes de chegar a alma à união corporal, lhe chamo eu o dia antes, que foi no sábado, fui-me confessar. A alma queria desafogar e dizer o que sentira, mas como viu que a não entendiam disse só o preciso. Inda nisso não foi curada. O servo de Deus [rasurado] disse-lhe o que tocava à confissão. Depois, estando rezando a penitência, e não curada do que sentia, vi que me diziam no entendimento: "vem para o batismo do Senhor, que este é o de São João, que absolve dos pecados". Eu reparei em mim que é isto que estou conhecendo, e fui-me para a oração, onde acabei de conhecer o que me diziam porque nela achou a alma tudo o que buscava. Derramando o Senhor na alma a sua divina sabedoria, conheci que só o meu doce amor me podia curar. Posta a alma e potências em silêncio, caía orvalho do céu para confortar.

No domingo, estando no coro, senti grande força para estar na oração. Conhecendo que me obrigavam para que estivesse ali, onde gastei das sete horas até às onze conhecendo coisas altas. Mas não lhe via o fim porque me obrigavam mais e mais oração, e não havia tempo porque não posso deixar os atos de comunidade. E depois de jantar, me fui correr às cruzes, e de lá fui para véspera. Depois, para escrever um pouco, não pude ter mais oração que à noite a do convento. Mas nas matinas me deu o Senhor a conhecer o que eu não sei explicar agora, mas estive de sorte nos conhecimentos da grandeza de meu doce amor que as matinas que estava rezando cada verso que dizia eram setas que me feriam, e chamas que me abrasavam a alma com uma vir [fl. 53] tude divina que não conheço [n]o mundo. E quando Vossa Reverendíssima me fala nas suas cartas a respeito de mim, que sou desprezada das criaturas, ou de que não fazem caso, eu reparo que não sei como serão esses desprezos porque eu não gasto tempo em cuidar nisso. Tomara eu que me deixaram porque todo o trato que com elas é só pela caridade do próximo, e como se poderão sentir os desprezos do mundo? Se com eles se acham as riquezas do céu. Ó tempos perdidos e malgastos! Não posso gastar tempo a falar nisso porque dentro da alma sinto a meu Senhor com muito agrado que se comunica comigo, por amor e graça. As potências da alma, nestes termos, não se pode explicar bem uma

alma, mas eu já disse a Vossa Reverendíssima, e torno a dizer, que me consolo com Santo Agostinho no mistério da Santíssima Trindade. Meterei aqui o que Vossa Reverendíssima me diz dos textos. Entenda-me Vossa Reverendíssima que eu não escrevo o que desejo, nem o que quero, senão o que é vontade do Senhor. Quando dou conta a Vossa Reverendíssima onde meto o que fizeram os santos, é quando a alma desconfia de si mesma, não quer admitir os favores do céu, desfazendo-se de si mesma, humilhando-se. Mostra o Senhor dentro da alma o que fizeram os seus amigos, de sorte conhece a alma que fica mais Senhora para dizer com liberdade o que sente. Repare Vossa Reverendíssima que isto acima do princípio na folha atrás desta, aqui verá quem é o remendão, que sou eu, e Vossa Reverendíssima o obreiro de meu Senhor, que o ama muito. As prisões que me diz que repara é uma força da alma e liberdade de potências e sentidos, que se desfaz de tudo visível. Vê-se a alma solta das prisões da carne, que será ver-se no Espelho divino. Muitas vezes reparo como o corpo se não desfaz e se derre [fl. 53v.] te, como será do que sente a alma tudo que aqui tenho dito? Não tem comparação [o] que sente minha alma que tem chegado ao alto estado, que não acha termos para se explicar.... Só dizendo que padeceu grandes tentações, grandes contradições da alma, onde se faz chagas e feridas, que depois são curadas pelo rei dos reis e Senhor dos Senhores. Já assim a disse da caridade do próximo [que] não haver tempo é no sentido de andar pelas enfermas e servir, como varrer e esfregar, que me disse meu Senhor: "não podes". Mas infunde[1440] na alma uma ardente caridade para com o meu Deus, no amor, e para as criaturas, de sorte que se não tivera mais que a mesma capa que teve São Martinho para dar por esmola. Conhece no mesmo Senhor que se satisfaz porque ele vê a ardente sede que a alma tem de que meu Senhor seja louvado e glorificado para sempre, jamais. Amém.

E de não haver tempo para as penitências corporais é no sentido que a alma deseja livrar caminho direito, via reta, como é não faltar às obrigações de seu estado, sem faltar a nada havendo alentos para isso. A lição espiritual, ler cada dia um pouco da doutrina cristã, que é muito necessário para todos. Mas para as esposas do Senhor é preciso e todo o mais tempo é da alma para dar atenção ao amor divino, que nesta ocupação

[1440] No original, "enfunde".

sempre as horas, e dias, e noites são instantes. Neste ponto só se falara com Vossa Reverendíssima me compreendera a mim porque me não sei explicar.

Dia de Nosso Padre São Gregório, estando no coro, acabada prima, via dentro da alma que não podia atender a coisa alguma pela atenção em que a alma estava ou a obrigavam. Se não fora [fl. 54] grande atrevimento meu, dissera que minha alma estava na presença de toda a Santíssima Trindade, pelo que sentia. Inda assim me levantei a receber meu Senhor sacramentado, e me tornei a recolher até [a] missa do dia. Entrando nela com alma e corpo, sentindo-me toda mais do céu que da terra, mas dando tudo a seu dono, que é meu Senhor, dizia minha alma: "é possível que nesta cova de ladrões e de misérias obre meu Senhor tantas maravilhas, sem ver mais que tudo divino?" Eu não faço nada e receber tantos favores, vendo minha alma conversando e tratando com o rei da glória, sem penitências mais que muita[1441] contemplação, que é necessário puxar por mim para fazer alguma estação. Lembrou-me que Santa Maria Madalena[1442] consultara com minha Senhora para ir ao deserto, e solidariedade para vigiar[1443] o Senhor em contínua penitência e contemplação. Assim temi e disse: "Senhor, esta vossa serva primeiro põe a penitência e então a contemplação". Nisto vi dentro da alma que me diziam: "não temas, que o mesmo fazes tu... No trato das criaturas fazes penitências, porque as serves e lhe assistes por meu amor. Tudo o que obras como mundo é só por mim, e por isso te regalo quando tratas comigo. Vês-te toda cheia de meu amor e de conhecimentos altos, desconfias deles. Não estás conhecendo que primeiro padeceste muito para que te descarnasses de todo o visível, que era para entrar todo o divino? Não viste que te curei primeiro com doçuras para entrares nos conhecimentos das minhas grandezas?" Estando nestes argumentos, conhecendo dentro da alma que assim era tudo que me estavam mostrando (inda que [fl. 54v.] eu não digo aqui tudo). Minha alma falou consigo como escondido do Senhor e disse: "isto que eu conheço deve de ser pensamentos meus. Pode ser agradar-se meu doce amor tanto de mim só com estas penitências, e recebendo tantos favores". Logo, de repente, senti que me diziam que o preguntasse ao seu ministro. E eu sentia-me tão desocupada de todo criado que estes

[1441] No original, "molta".
[1442] No original, "Madalegna".
[1443] No original, "vegiar".

dias, com o trato que sentia íntimo com o Senhor, estava como esquecida de falar ao padre, mas deve de ser porque Vossa Reverendíssima está longe. Nisto reparei e disse: "Senhor, vós que me tendes dado entrada franca nos vossos divinos tesouros, tratando-me como filha do vosso amor divino, e esta dúvida, que é como mais no exterior, quereis que seja afirmada pelos vossos ministros?" Nisto conheci como o Senhor os venerava, mas é atendendo mais o que eles obram como mostrava o que eles lhe devem. Porque o que minha alma conhece no Senhor para com eles, não é um amor com carícias como faz com as esposas. É mais alta [a] atenção do Senhor para com eles, de sorte que disse minha alma: "bem conheço que não dizem que se pôs o Senhor na cruz por amor das mulheres, senão que morreu o Senhor na cruz pelos homens". Ó doce amor, dai a todos, e a nós também, um coração muito idóneo para obrarem tudo o que for vontade vossa. Meu amor e meu doce bem de minha alma, perdoai-me meus atrevimentos. Reparo mais em outra coisa que dentro da alma vejo, que é quando rezo matinas das vossas esposas, como foi dia de Santa [fl. 55] Francisca, e outras que não entendo na reza mais que setas de mil amores, tantos amores. Será atrevimento meu dizer o que estou conhecendo? Que é: quereis a vossas esposas, as que o são verdadeiras, para vos regalares com elas. Perdoai-me, Senhor, que não passo daqui por não deixar dúvida a Vossa Reverendíssima. Em eu dizer que o Senhor morrera pelos homens foi porque com a luz do conhecimento vi claramente a dívida em que eles vivem. Que eu não me declaro bem por temor de me não saber explicar com palavras, que me parece que porei ao Senhor como inferior, o que não pode ser. Mas podemos dizer que escolheu o Senhor e chamou os doze apóstolos para fundar a igreja militante[1444], e agora assim faz com seus ministros. Para que estejam sempre aumentando minhas ânsias, me levaram a tomar três dias de retiro para de todo sem me encontrar com coisa criada, assim no interior como no exterior, me desembaracei de tudo criado e me pus no meu nada. E considerando que meu doce amor criara o mundo e as coisas dele para meu serviço, e meu corpo para minha alma, e a alma para o Senhor, assim logo de manhã se me puseram os olhos do corpo inclinados para o peito, sem dar atenção a coisa alguma. Estava como na presença de toda a Santíssima Trindade. De tarde entrei na oração, a alma como livre voava ao Senhor, gozando e conhecendo a grandeza de Deus. Não pude

[1444] No original, "melitante".

satisfazer pela escuridade da carne, deram-me a entender como de todo a alma estava livre das coisas [fl. 55v.] visíveis, como se estivera no fim de toda a perfeição. E eu inda não comecei a ser perfeita na pureza da alma, mas digo o que vi dentro da alma. Como eu conheci que não havia impedimento disse: "agora, Senhor, ficarei satisfeita para sempre." Mas eu não o estava porque me sentia abrasada em chamas de amor divino. Mostraram-me quem era o que me impedia a vista clara de Deus, que era o corpo. Ó Senhor, o sentimento da alma com este inimigo derramando muitas lágrimas sem as sentir! A alma formando queixas do corpo como quem o não queria, e pedindo perdão porque sempre se queixava do trato das criaturas e de tudo [o] terreno, porque cuidava que ela era a causa, porque se não via livre para com o Amado. Já me não queixarei senão de mim mesma. Quando terá fim este bicho peçonhento? Não me queixo senão porque cada vez se vê a alma com união mais levantada, mas não pode satisfazer porque quanto mais ama inda lhe fica muito para amar, e quanto mais grandezas conhece do altíssimo muito, muito mais tem para conhecer. Assim, só por instantes se satisfaz. Seja meu Senhor louvado para sempre. Amém.

Capítulo XI

A somana passada me vi tão metida nas minhas misérias que supus que meu doce amor me tinha deixado. Andando nestas desconfianças, e suspirando por [fl. 56] meu Senhor corporalmente, dizia minha alma muitas vezes: "não pode ser nesta vida. Não desejo este atrevimento!". Assim, me fui comungar dizendo à minha alma [que] nesta vida não pode ser de outra sorte: "aqui tens, alma, o Amado, todo só a si". Mas como a não sentia não satisfazia o fogo em que se sentia arder. Mas meu Senhor, que é Pai de amor, me disse: "eu estou contigo", de sorte que virei o rosto para ver se o via, sem me lembrar que estava em carne mortal. Como não vi nada no exterior, eu toda derretida em lágrimas de amor vivo, impaciente: "Senhor, se vós assim me amais para que vos escondeis? Vós andais-me fazendo como peças. Tirai-me a vida pois vos não posso ver neste cárcere do corpo". Andei todo o dia vendo como o que faria para ver a meu Senhor, já olhando para mim dizia: "tudo me falta porque não acabo de me despir de mim mesma para este estado". Não há de ter o corpo mais do muito preciso, comer só por sustento, dormir só por cobrar forças para trabalhar, o vestir e tudo o mais só o muito preciso, o trato das criaturas só puramente a caridade sem mais detença. Alma,

vês o que o Senhor te mostra para que caminhes desembaraçada do terreno? Já me via com um desapego humilde de tudo visível. Confesso minha culpa, que sempre lhe tenho desapego no desejo, porque só por tentação me embaraço nas coisas terrenas, que esse é todo o meu padecimento, porque minha alma não sofre que haja caseiros tão entremetidos nos palácios do seu Senhor, que ela deseja ter sempre esta morada limpa e adornada de flores e de virtudes. Mas agora já me parece que meu doce amor está de assento nesta pobre morada [fl. 56v.] pelos efeitos que sente esta formiga, que todos são divinos. Mas por não deixar o que vou referindo, deixemos os regalos do céu para mais aba[i]xo. Vamos no conhecimento das misérias. Dizia minha alma: "é certo o que dizia aquele Santo Ermitão para outro que se queixava que se via muito cheio de tentações. Lhe respondeu o Santo velho e lhe disse: "filho, eu nesta vida nunca fartei este corpo de pão [rasurado], nem se sono." Mais lhe disse e que só assim vivia livre destes embaraços do mundo, e eu digo que não me queixo porque sejam coisas de pecados, porque o não são, mas são névoas que se põem em diante do sol divino. O que Vossa Reverendíssima diz que há de estar livre minha alma de tudo terreno, grande pureza se há mister para este estado! Estando nestas congojas me deitei na cama, com um aborrecimento santo a tudo o que é mundo. Nisto senti que não era cama, senão que me encostava no meu doce amor. Este sentir é como corpóreo, mas tão depressa que não se vê mais que a alma derretida em amor, e metida e humilhada, e temor e reverência, como quem não admite o que sente por não merecer causa de muitas lágrimas doces e suaves, que até o corpo se derrete no fogo do amor divino. Eu digo que me parece que o amor do meu doce Jesus se me há de acabar o desterro desta vida, porque me sinto morrer de um amor doce e suave que me tira a carne dos olhos. Perdoe-me Vossa Reverendíssima este atrevimento meu, porque não acho embaraço neste desterro mais que a tentação, mas ela ida não há mais que gozar e conhecer [fl. 57] a grandeza de Deus. Assim anda minha alma vivendo no amor substancial[1445] dizendo: "donde a mim tão grande bem?". Mas quem nesta vida se desapega de si mesma esteja certa [de] que goza dos bens do céu como se já lá estivera. As almas que estão gozando da vista beatífica do Senhor anos e anos, que lhe parecerá um fechar de olhos se lhe preguntam por isso? Ó meu Amado, dai-me licença para dizer que estes dias vos afirmo

[1445] No original, "sustancial".

meu doce amor, que gastando o mais do dia convosco no retiro e oração parece-me um fechar de olhos. Ó doce vida! Ó vida de minha alma! Eu toda para vós e vós todo para mim! Já eu não vivo porque só viveis em minha alma, onde eu não sinto senão sustância de amor e gozo, dando a mim tão grande bem!

Sempre em dias de festas me fazia meu doce amor maiores favores. Agora, depois que me pareceu que meu Senhor me estava corporalmente, não sinto diferença, que está minha alma na união de amor puro e substancial, e tão desfeita do mesmo que está gozando, que só deseja que se faça a sua divina vontade. Está como posto à sua divina vista, atenta para obrar e trabalhar o que for vontade sua.

Depois de passado três dias que meu Senhor me disse que estava comigo, como esta união vai aumentando-se conhecendo esta pobre alma. Ó ditosa alma, que te vês toda cheia do divino, tão desfeita de si mesma, vencendo o mundo e carne, que não entra nela mais que estar de posse e de assento o Rei da glória, por amor e graça. Assim, no domingo depois de co [fl. 57v.] mungar, vi dentro da alma como estava desgastada da vida humana, porque não conhecia mais que tudo divino, mas como detrás do céu da escuridade da carne. Não entendi em termos que possa com palavras materiais declarar o que conheci. Era dizer-me: "já te falta pouco", ou já como descobrindo-se de toda a alma o que não posso prenunciar pelo temor santo e fiel com que a alma se comunica com as coisas divinas. Tornei à noite, estando para me deitar, senti a mesma visão, mas era, se me não engano, dentro da alma. Que ela, como atenta à sua divina vontade, lhe pareceu que o Senhor lhe pedia mais pureza. Ela como de todo se vê e vive desapegada de todo visível, reparou se o tratar das criaturas por caridade e das coisas materiais de lidar com elas, seria o véu que tinha visto diante do sol divino. Mas como meu doce amor me não dá aqui a entender mais que dizer-me que se chega o tempo de meus limitados desejos, que sempre tive desde piquena, de ver a meu Senhor e de não viver em minha alma, senão só com meu doce amor. Já não posso acudir a coisas materiais que não há tempo, e tantos puxam por mim, dizem que me fiz muito preguiçosa, tendo eu tanta ocupação dentro da alma.

[N]a primeira sexta-feira de abril me deu grande aborrecimento destas coisas materiais que eu possuo para a necessidade do corpo. Sentia tal desabrimento delas que me fui confessar disso, porque de tal sorte não podia pôr o pensa [fl. 58] mento nelas. E como vejo que é preciso termos com que nos cubramos, parecia-me tolice minha porque o

que importa é que esteja a alma despida do mundo, mas o corpo não pode ser. E tomando-se com fastio e desapego é grande fortuna da alma porque dentro de si mesma está vendo as prendas que lhe dá o Esposo, [rasurado] porque tudo o que está possuindo nada é seu. Mas nelas acha todos os bens do céu, e nelas conhece a seu dono. Assim, com este aborrecimento, comecei de sentir alma e corpo como encostando-se ao amor crucificado posto na cruz, e as regaladas chagas estava sentindo-as como corpóreo. Valha-me Deus! Eu estava no coro à missa do dia, e ali se achava mais a luz da alma, mas como Vossa Reverendíssima diz nesta vida não há gozo completo, porque sempre ficamos sedentes. Não podia a alma satisfazer do que gozava e o corpo [rasurado] também participava, mas olhando com os olhos não vê o que sente. Assim me animava, desejando encostar-me a um crucifixo, mas não o fiz, porque não o fizera só se Vossa Reverendíssima me mandara. Mas com estes desejos anda minha alma cheia do maná do céu, que está escondido, que se não sabe dar termos a explicação. Só quem o goza sabe o que isso é (Vossa Reverendíssima bem o sabe). Não pode a alma deixar de conhecer o estado em que se vê, assim se chama ditosa e bem-aventurada, sem atribuir[1446] a si nada mais que a grandeza e bondade infinita. Os efeitos que sente a alma de [fl. 58v.] todas as virtudes tão excelentes, uns devisos[1447] de glória que sustentam a alma e corpo. Mas nada disto se pode alcançar sem que a criatura esteja vazia em todo sentido de coisa criada, e bem desapegada de si mesma, vendo que tudo que há em si é de Deus. A porta mais excelente por onde se entra nestes amores divinos é os padecimentos da alma, excelente coisa depois deles passados, que então não se conhece. Para mim não há maiores trabalhos que ver e sentir que se ocupem as potências e sentidos em coisas visíveis, sendo eu toda do meu doce amor. É insofrido padecer. Louvado seja meu Senhor, que nesta matéria me tem posto grandes trabalhos, sem serem coisas de pecado, senão por serem coisas visíveis.

Véspera de Ramos, estando no coro como vendo a alma toda desocupada, louvando ao Senhor pelo que obrava nela, senti que me pediam mais pureza. Eu como inocente não sabia que mais pudesse ser, e conheci que me diziam que me entregasse toda e desse conhecimento. Eu toda derretida em amor e fogo dizia: “eu toda sou de meu Senhor”,

[1446] No original, “atrebuir”.
[1447] Termo espanhol para “aviso”.

e disseram-me dentro da alma que não falasse a nada criada. Eu não o fiz assim, mas andava com sentido no que estava sentindo porque era mostrar-me o que meu doce amor queria de mim, que era onde o Senhor queria minha alma. Era como uma sala que nela se não descobria coisa criada. [fl. 59] Eu toda morta a todo sentido, não só nas coisas materiais que por necessidade nos servimos delas, mas é uma morte dos sentidos e potências da alma, que hão de estar tão desocupadas que não haja desejos mortos, não só nas coisas terrenas, mas também dos mesmos favores do céu. Assim, quanto mais vou conhecendo esta desnuda de sentidos, tanto mais me obrigam e se me acende o fogo de me entregar e dar consentimento. Mas não sei em que sentido me pede isto porque eu já não sou minha, senão de meu Senhor. Mas a alma, mirando por si, vai descobrindo o muito que tem inda que tirar de si, onde conhece que tudo o Senhor nos dá de amor e graça. Já se não pode atender mais que a alma de todo pôr os sentidos em Deus, mas nunca chega a verdadeira perfeição, porque a herança de Nosso Pai Adão nos destruiu. Ó amor, amor que se fez Deus e homem, só por puro amor e graça, só para padecer por nós! E eu tão ingrata, que esta minha alma como recusando-se os favores, e doçuras, e suavidades e regalos, que só deseja trabalhos por este amor puro e nu. Já disse neste mesmo capítulo que meu Senhor me dissera que "já te falta pouco", mas digo que da parte de meu doce Amado assim será, porque é Senhor dos céus e terra, pode dar e quitar, mas da parte da alma sempre tem que des [fl. 59v.] pir. Já me não parece que há sala dentro da alma, senão que me parece ser cidade da alma, que ela pede e diz: "Senhor, os reis da terra mandam pôr guardas nas portas das cidades, esta é vossa. Mandai cidadãos do céu, que são os anjos, para que guardem esta cidade da alma, para que esteja ornada de prendas do céu."

Toda a somana santa levei padecendo, toda feita uma chaga viva, que para tomar disciplina[1448] me parecia que meu Senhor me dava forças sobrenaturais (que as do corpo são poucas). Assim, passei sem comer peixe nem carne, mas alguma coisa comia. O amor de meu Senhor me sustentava o mais do tempo.

No sábado de Aleluia, me deu meu Senhor uma morte a todo o criado em todo o sentido, que me parece morte mística, de tal sorte se enardeceu minha alma. Em dia de Páscoa, em amor puro de meu doce amor, que gozando padece muito porque é tal a íntima

[1448] No original, "deceplina".

união que sem querer se sente naquele sentir ao Senhor corporalmente. Não há coisa mais confiada que o amor da criatura porque amando a meu Senhor com temor reverencial, que todo é divindade, e chegar a tanta altura que não há palavras materiais com que possa explicar os amores de um amante divino. Só dizer que chega a alma à liberdade de temer e querer ao Senhor corporalmente, e como a alma se acha toda metida na soledade de Deus, que não há impedimento de coisa criada, não pode a si mesma resistir aos favores do seu [fl. 60] Amado.

Neste sentir que acima disse, anda tão fervente no amor que me parece se não detém. Mas como este conhecimento é escuro por estar na vida mortal, padece a alma porque não acha outro impedimento. Assim entendi que me diziam e me animavam dizendo-me: "fazes bem, não te detenhas. Olha que as Marias que foram de manhã ao sepulcro viram os anjos tão admiráveis. Eles lhe falaram [e] elas com toda a beleza que ouviram nem por isso se detiveram, senão andando sempre a reachar o Senhor". Aqui fui entendendo como devemos andar cuidadosas em buscar ao nosso Esposo, e tratar com ele dentro de nossas almas, e prontas com desejos ardentes para acudir à obediência e caridade do próximo, se for necessário, ou nos mandarem. Assim, anda a alma com liberdade no trato íntimo do Senhor, onde se considera bem-aventurada. Mas se não estamos bem despidas em todo o sentido, não se alcança tão grande bem sobre todos os bens, que chega a ver-se possuída e ver-se arder em amor e caridade, sem que nada a inquiete. Louvado seja meu doce amor, que nesta festa de Páscoa me tem tão regalada! Direi um atrevimento, perdoe-me Vossa Reverendíssima, mas sinto-me como se diz nos Cantares[1449]: "amiga ascende mais alto em virtude". Desta voz fica a esposa toda transformada, e vê sem ver com os olhos do corpo a divindade claramente, onde acha todo o descanso, o prémio de passo de todos os seus trabalhos. É preciso passar a [fl. 60v.] aqui em silêncio; vamos mais aba[i]xo. Passado isso que acima disse, como visão fica a esposa reclinada no divino braço esquerdo do seu divino Esposo da humanidade santíssima, e regalada por outro modo do braço da divindade, onde ela faz dulcíssimos colóquios com o seu Amado. Não me declaro bem porque meus temores [rasurado] me fazem tardar para a declaração, de tão altos e divinos favores, e a meu modo de entender [rasurado] mais ba[i]xamente para a minha desconfiança que tenho de que

[1449] Cântico dos Cânticos.

Vossa Reverendíssima me não entenderá, por eu me não saber explicar. Me declaro nesta forma do que disse do braço esquerdo, é que fica a criatura padecendo na humanidade porque quando os favores são maiores, a carne sente delíquios da natureza, mas goza na divindade com abundância, e fica a alma em carne mortal tão Senhora como se ela já não estivera em tão grande prisão como de antes sentia, tão satisfeita, considerando-se sempre bem-aventurada. Já passou a Ressurreição, já minha alma achou a seu Amado. Não deseja já tocá-lo porque está como possuindo a sua divina presença escura, mas consoladíssima, porque dentro de si tem o Rei da glória. Quem soubera dizer o que dentro de si mesma sente? [fl. 61] anda minha alma neste jardim de flores, conhecendo os impedimentos que a estorvavam. Coisas de ar, o que não posso agora referir ou repetir, e também de[i]xo dito que se não estamos mortas em todo o sentido, assim no exterior como nos sentidos da alma, não estamos capazes para tantos favores, que excedem a todo o pensamento humano. É necessário muito cuidado e vigilância nos sentidos da alma para que o Senhor nos ache idóneas para obrar a sua divina graça, que os nossos inimigos estão alerta sempre. E como qualquer defeito nas esposas do Rei da glória é muito abominável nos olhos do Senhor, ele nos livre dos três inimigos da alma. Amém!

Sinto arder minha alma, como já acima disse, em amor e caridade do próximo, sempre deseja quando está mais desembaraçada dos divinos braços do seu Esposo. Que digo a verdade que neste capítulo desde que o comecei até esta hora me está intimando meu doce amor, que obriga a alma a estar sempre dizendo: “meu Amado para mim, e eu para meu Amado”. Respondendo-lhe o Senhor: “vem, alma, ao que sempre desejaste!” Oh, Senhor! Oh, fermosura dos céus e terra! Louvem-te os anjos por mim para sempre, jamais sem fim. Oh, Senhor, quem sois vós e quem sou eu? Eu pó e cinza, a mais ingrata de todos os nascidos.

Mas por não de[i]xar em branco o que ia dizendo neste ponto acima da caridade do próximo, estava no coro em oração, que é quinta-feira. Semana de Páscoa, em esse dia não era dia de comunhão para mim. Seja meu Senhor louvado! Mas tinha estado cuidando nos ministros de meu doce amor, principalmente nos de Alcobaça, por vida da eleição. Assim, me pus a pedir por aquela congregação com lágrimas de dor. Nisto, vi dentro da alma como meu Senhor queria que [fl. 61v.] eles estivessem. Era, se pode dizer, como as três divinas pessoas da Santíssima Trindade, que era um só querer e uma

só vontade, dirigida toda a glória e honra de Deus. Eu, com muitas lágrimas, pedi a meu Senhor pois, tão agradável a seus divinos olhos, me deu a conhecer aquele ato permitisse que assim sucedesse, mas de parte me parecera que conhecera que se entremetia o que por ora fique em silêncio (inda que Vossa Reverendíssima me tem ordenado que diga tudo neste ponto). Temo enganar-me, devo calar-me. Para dar fim a este capítulo, farei uma pregunta breve a Vossa Reverendíssima a respeito das criaturas nos atos de caridade com o próximo. Se será mais do agrado de Deus a caridade que a alma sente sem obra, mais que os desejos e pronta para, quando se oferecer a necessidade, acudir logo. Mas se a não chamam, deixar-se estar no seu retiro, ou ir a criatura oferecer-se a trabalhar. Aqui conheço que é para merecer, mas parece-me que é necessário. Alegro-me muito santamente das criaturas porque me impedem, porque em tanto que alguma coisa me detém não pode a alma voar livremente. A quem por experiência conhece que para viver sossegada que convém não se lembrar e transce[n]der todo o criado, e desemparar-me de todo a mim mesma, e estar em o mais alto para ver a meu Senhor, que sem me desocupar de todo o criado não poderei livremente entender em o divino. Por isso minha alma anda sempre vigiando sobre si mesma, vendo se estão as potências e sentidos da alma bem mortos. E inda assim se não deseja descuidar porque enquanto este ver na carne mortal sempre se sente por partes tentações, mas nunca me fio de mim. Sempre desconfio de mim mesma porque sou terra, pó e cinza. [fl. 62]

Capítulo XII.

Andando sentindo grande fome e sede de falar e ouvir falar em meu doce amor, porque se regala minha alma de saber o que o Senhor fazia e faz com os seus servos, senti dentro da alma que meu Senhor a unia a sai. Logo me senti mais onde amava por fé ao ser de Deus onde animava. Vai por três dias que estou gozando de favores do céu, unida e transformada toda em meu doce Esposo em uma união sacramental que enche todos os vazios da alma.

Havia passado um mês ou mais de trabalhos, enfermidades, dores, por fim de tudo, desamparo de quem me buscava e que era preciso para a vida mortal. Mas minha alma não cessava de louvar a Senhor por tudo, pois conheço ser vontade sua que padeça por seu amor, como ele me disse que os seus escolhidos haviam de seguir seus divinos

passos, pois não pode ser sem esta condição de padecer e trabalhar. Mas trabalhar, a meu modo de entender, dentro de minha alma é ser consistente no interior, assim nos trabalhos como nos favores. Não afligir, antes alegrar-me nos trabalhos, e no gozar humilhar-me muito. Estes são uns ardentes desejos que ardem em mil (sic) coração.

Retirei-me do trato das criaturas, que Vossa Reverendíssima me ordenou nos três dias. Neles achei a meu doce Esposo como esperando-me, e me disse dentro da alma: "vem, amiga minha, esposa minha, querida minha", deixando-se todo nos braços da [a]lma, e derramando[1450] por todo o [fl. 62v.] corpo uma fragrância de suavidade que não senti o corpo necessidade de coisa criada. Eu toda desfeita de mim mesma não cessava de oferecer ao terno Padre os seus divinos favores, sonetos com minha alma e toda eu.

Outro oferecimento que lhe faço que é seu unigénito filho e meu Senhor Esposo de minha alma. Neste oferecer de Esposo sinto na alma como corporalmente unido com ela. Assim, estes dias me tem meu doce amor dado a entender o último trato que quer [que] eu tenha com ele, e a alma sente-se toda abrasada de desejo que todos tenham o meu trato com o Senhor. Sinto tanto gozo como se eu vira com os olhos do corpo estarem sempre louvando a meu doce amor, que para mim não há maior consolação nestes júbilos com minha alma ao descanso da divindade e dizendo: "é com ardentes desejos de pedir por todos, e chamá-los que subam porque se alma se não detém que vai sempre caminhando. Vem a ser livrando-se de si mesma. Pode em breve tempo chegar ao sumo da perfeição, sendo vontade de Deus".

Dia da Trasladação de nosso pai São Bernardo, me fez meu doce amor grandes favores depois de receber a meu Senhor sacramentado, que já disse que enche todos os vasinhos da alma. Assim estava minha alma em desejos de se pegar como por terra pelos grandes regalos que sentia, mas o Senhor me dava a entender que inda tinha mais para me dar. Depois, estando no coro na missa do dia, recebi-o espiritualmente, como sempre faço, mas desta vez senti-o dentro na alma como corporalmente, com tão grande júbilo e gozo e conhecimento da grandeza de Deus, que se não fora grande o fogo de amor que sinto da alma com o Amado não me atrevera jamais a tratar a meu [fl. 63] Senhor tão familiarmente. Mas meu Senhor é o que me dá uma humilde confiança, com uns ímpetos de alma que se me desfaz o coração, que me parece sair de mim

[1450] No original, "derremando".

mesma e, às vezes, bem constrangida de forças. São como acidentes (mas não perco os sentidos), mas dera fogo em dizer: “Amado meu, quando se verá esta pobre alma fora deste miserável corpo?”

Dia de Ascensão, estando no coro, me deu meu Senhor dentro na alma uma amorosa e doce relação do que seria naquele dia nos céus. Assim, estava minha alma toda cheia de júbilo e alegria, e como eu estava vendo a Vossa Reverendíssima no altar em dia de tanto trabalho, tive como compaixão naquilo que Vossa Reverendíssima não poderia, e descuidada de que seriam forças sobrenaturais com que a Vossa Reverendíssima trabalhava. De repente, vi dentro na alma como o Senhor estava olhando por Vossa Reverendíssima, dando-me a entender que era servo fiel. E conheci dentro na alma tal alegria no Senhor para com Vossa Reverendíssima que fiquei como conhecendo por muitos dias que era Vossa Reverendíssima um dos seus grandes amigos. E causou-me isto em minha alma grande desvelo para lhe pedir por Vossa Reverendíssima por que conheci que o Senhor o amava muito.

Inda foi mais claro neste amor que digo que o não reparo em o dizer, mas ouça-me Vossa Reverendíssima e não moreja, mas o tempo que eu tive com o dó de Vossa Reverendíssima e com paixão senti que o Senhor ilustrava minha alma dizendo-me: “não tenhas dó nisto”. O mirou com amor alegríssimo e nisto fui conhecendo o que assim me disse.

Neste dia me deu meu doce amor a conhecer os grandes mistérios da sua divina palavra, declarada pela boca dos seus ministros. Os efeitos que causam nas almas que se dispõem com viva fé e humildade para receber o primeiro Pai do Santíssimo Sacramento do altar foi uma viva [fl. 63v.] chama de amor de Deus, que enche todos os vazios da alma. Ora, Senhor, é um amor em carne viva. Perdoe-me Vossa Reverendíssima em falar tão largamente, inda que digo pouco ou nada do que conheci.

E digo isto para que Vossa Reverendíssima conheça a minha miséria porque antes de que o Senhor me infundisse este conhecimento estava eu com desejos de comungar toda a somana, mas não lhe queria dizer a Vossa Reverendíssima porque tenho temor, e logo sinto inda mais desejos de me preparar para receber. E reparo que sempre estejam as portas da alma abertas para este divino hóspede. Mas não sois, Senhor, hóspede. Sois Senhor da morada.

Hoje estava a alma em tal alegria e júbilo que estava convidando a Santa Rita que viesse assistir àquelas bodas, mas Senhor tudo é vosso. Vós, Senhor, me dais e se[us]s regalos eu vo-los ofereço para que vós mos guardeis que eu só desejo minha alma toda transformada convosco, um trato íntimo convosco, que não teme alma perigos que nunca faltam nos favores temores, inda que a parte superior esteja pacífica.

Deu-me o Senhor neste mistério grande do[u]trina para minha ensinança[1451] a respeito da comunhão, que fica alma muitos tempos com ardentes desejos de o louvar, por si e por todo o mundo. Aqui padeço muito, muito, por não poder satisfazer por todos, e ser eu a mais ingrata que todos certamente, porque o muito tempo que duvido das suas grandezas divinas, logo sinto a sua santa doutrina. Mas não duvido das grandezas do Senhor, senão deste fogo de amor que sinto arder em minha alma pelo Amado. Faço então minhas querelas[1452] porque não mereço senão mil infernos. Muitas vezes vejo-me toda cheia de misérias, mas sempre uma vontade forte para com o Amado sempre [fl. 64] sempre suspirando. Não sei como são tibiezas e estimarei bem cheia delas, mas não as conheço porque nas tentações sinto [a] alma com mais desvelo a buscar o Senhor.

Vi-me com grande bateria de coisas visíveis por ter tratado com as criaturas deixando-me levar de compaixão, arremediando-as com os desejos. Nisto me achei mais distraída e não sentia o trato íntimo do meu doce amor. Andava com grandes desejos de falar a Vossa Reverendíssima e não podia lá chegar e porque as mais queixam-se que eu que me detenho, assim me deixei elevar de minha miséria, dizendo para mim: “ora que me há de fazer o Padre? Isto são tentações, não pode remediar”.

Estando no coro, senti no entendimento grande conhecimento do mistério da confissão. Estavam-me declarando, ou como dizendo-me: “assim como é necessário para vir a mim vir alma pelo amor crucificado, não podeis dar um passo no caminho de Deus sem vires pelos meus ministros”. Deste conhecimento, que eu não sei explicar pela minha grossaria, se inflamou minha alma em amor e caridade de Deus, que se desfaz toda em desejos e ânsias de louvar o Amado, porque com estas doutrinas fica [a] alma e o entendimento com luz clara das grandezas de Deus, que a faz sair de si, fazendo-a

[1451] No original, “ensinância”.
[1452] No orignal, “crelas”.

humildíssima e pregar-se com a terra do seu conhecimento. Sente grandes delíquios e padece pela nossa grossaria, com que não correspondemos[1453] à bondade divina.

Dia de Santa Rita, falei a Vossa Reverendíssima e só com lhe dizer que estava cheia de misérias me achei logo na paz da alma, tratando com o Amado. E como Vossa Reverendíssima me disse que havia de ter grandes tentações, magoou-se [a] al [fl. 64v.] alma muito pela fé com que ouço tudo que Vossa Reverendíssima me diz. Estando no coro como sentida, vi dentro na alma que meu doce amor me chamava e me dava uma doutrina para o meu viver, tão alta que [a] alma a conhecera, mas não a sabia declarar com palavras materiais. Senti logo que o Senhor transformava minha alma toda em si, unida a ele com toda a mente, que não havia porta por onde descesse, e grande fortaleza nos sentidos para não admitir espécies de coisa criada, nem impedimento de coisa terrena. Mas também conheci que havia de trabalhar com cuidado para não descer daquela habitação tão alta. Logo, não senti os temores que padecia de escrever. Isto foi estando na missa do dia, que em toda ela recebi grandes favores. Ali me pôs meu Senhor patente tudo o que Vossa Reverendíssima me tinha dito naquela manhã, como quem me dizia; "não faltes a esta doutrina, segue este modo de vida", que era obrar tudo pela obediência. Os sinais que me asseguravam que meu Senhor é o que me diz estas coisas, ou por si ou pelos seus anjos, é a forte leveza das potências da alma, uma pureza angélica, grande limpeza dos sentidos, uma humildade profundíssima, um rendimento amoroso para tudo [o] que é para glória e honra de Deus, e caridade do próximo. Um grande conhecimento que nada sou, grande agradecimento com encolhimento dos favores do céu, que nada mereço com as criaturas, parecendo-me a menor de todas, como assim é na verdade. E conhecendo-me obrigada a todas, desejando pôr-me aos pés de todas, são os efeitos que me fazem os favores do céu e os mais que não pode[m] ser ditos todos. [A]ssim, fica [a] alma dia ou dias, gozando sem medida nem explicação, é como o tudo [fl. 65] onde se faz doce, que sempre sua dona tem nele com que se adoce a boca com abundância depois de dar a seu dono o que é seu.

Neste mesmo dia, estando à noite no coro na oração do convento, regalada com o meu doce Amado (suponho que me lembrou que estando naquela habitação não podia escrever), logo senti que me diziam ou me mostravam como havia de fazer, que era

[1453] No original, "comrespondemos".

como o menino que está posto aos peitos de sua mãe, que se puxam por ele largava o peito, mas torna logo para ele. Não tenho outro modo de me explicar nesta matéria, porque a alma conhece isto melhor do que está dando conta por letra. Mas a meu modo de entender, parece-me que era só porque meu Senhor queria que eu de[s]cesse, e vem a ser com os sentidos da alma, que na caridade do próximo e aludir à obrigação está o corpo pronto. Isto que acima digo é no monte subida da perfeição da alma. E, depois de acabada a oração, deixou-me o Senhor, ou pôs-me em toda a alma e corpo um modo de gozar de Deus tão excelente, sem ver nem entender, senão certíssima fé que ali assistia o Rei da glória. Sente a alma grandes delíquios de amor, inflamada, porque se assegura mais no trato íntimo com Deus na luz escura da fé viva. Não me sei explicar, confesso minha grossaria. Tenha Vossa Reverendíssima paciência com tanto, com tanto como me sofre.

Véspera de São Felipe Néri, senti a minha alma com um amor tão forte com o Amado que não cabia em mim com desejos de publicar este amor para desafogo da minha alma, que se sentia arder. Mas não tive a Vossa Reverendíssima para dizer, mas com que termos poderia eu dizer? E só [fl. 65v.] assim, de manhã, estando nas matinas, senti-me tão pobre de virtudes e toda derretida no amor, e não me queria meter muito no que sentia pelo Amado. Estava como fugindo-lhe, pondo-me no meu nada. No fim das matinas, [a]o tomar da Ave Maria da prima, fiz interiormente um ato breve a Nossa Senhora, dizendo-lhe com profundíssima humildade que me entregava toda nas suas divinas mãos, e [a]os seus divinos pés me prostrei. De repente, senti que a Senhora me amava nas suas divinas mãos. Com muito agrado me recebia (como foi isto não sei), que eu não a vi com os olhos do corpo, mas fiquei com os sentidos elevados, e não queria admitir certificar-me que assim fora, senão pondo-me no meu nada.

Entrada na oração, começa o Senhor a fazer-me favores, que eu lhe chamo públicos, que são tão sentidos na alma que me parece que está vendo o Senhor quem por ali está perto de mim. E eu não o vejo, mas parece-me que é por estar descuidada daqueles favores. Então quando torno em mim, não sinto quem me feriu, mas sei quem foi. É o modo que se não sabe dizer, só que vem o Senhor e aperta a alma tanto consigo até que se pode dizer, e de repente se retira. Torna a alma a descuidar-se, torna a sentir. Duas horas levei nisto. Levantei-me e fui ver se podia falar a Vossa Reverendíssima. Estando esperando, logo tornei a sentir e me espertei-me e disse: “Senhor, estes favores tão

necessários. Hoje e instantes duvidei". E disse para mim isto: "não escreverei eu porque não sei se é o Senhor, mas se puder direi [a]o Senhor algumas coisas". E não pude falar a Vossa Reverendíssima com vagar, não lhe disse nada. Vossa Reverendíssima disse-me que pedisse [a]o Senhor da união com ele.

Mas eu como simples me vi porque tenho conhecido que o Senhor o ama muito, que lhe há de fazer inda maiores [fl. 66] favores do que faz a mim, que sou uma formiga. Assim, vim para o coro sem saber como era esta união porque estava como esquecida. Mas estando na missa do dia, comecei de sentir coisas com o Senhor, que me estava oprimindo o corpo para que estivesse direito com as mais religiosas o tempo que nos pusemos de joelhos. Entrei na união, mas depois foi que me lembrou Vossa Reverendíssima. Inda pedi, mas sempre desconfiada de mim, ou me tenho visto mais presa dos sentidos, que então não posso pedir muito, que é um trato com o Amado que se não pode atender a outro objeto[1454], nem outra coisa criada.

Mas tornando a referir o que acima disse, que não havia de escrever estes favores, o que desconfiava, não pelos efeitos que sentia, senão porque não merecia e não conhecia doutrina, nem discursos, não mais que brincos de um amor divino. E eu, não fazendo caso de mim, assim assentei nisto. Mas quando quis pôr-me a coser com as irmãs, senti tal força no interior que puxava por mim que larguei a costura. Me fui para o leito escrever. Senti a alma logo satisfeita. Louvado seja o Senhor! Ó se eu soubera dizer o que sente minha alma!

À primeira outava do Espírito Santo não me atrevia a receber a meu Senhor sacramentado, não por estarem as portas da [a]lma fechadas[1455], senão o que eu já disse a Vossa Reverendíssima. Mas a alma me levou àquela mesa divina. Depois de ter comungado, fez-me meu doce amor grandes favores. Todo aquele dia era como quem me dizia: "não me quere[s] arreceber? Vês o que te faço?". O mais do dia trouxe os sentidos da alma surpreendidos e a oração em uma consonância suave, que parecia vida de serafins e o tempo de não estar recolhida. Se me punha tal força nos sentidos inda de corpo para não atender a coisa criada [fl. 66v.] mais que o Senhor crucificado. Se neste dia me tratassem mal, me arrastassem com muitos golpes, parece-me que nada

[1454] No original, "obijeto".
[1455] No original, "fichadas".

sentira porque ando tão elevada no amor que de nada faço caso, nada conheço fora do Amado. E ele anda como dando-lhe regras para minha ensinança, mas são tão sutis que as conhece a alma e não as sabe escrever, e todas são encaminhadas à vida do interior, e principalmente fundadas em profunda humildade. O modo de estar no retiro, uma atenção imediata, o ser de Deus, um discorrer nas grandezas e bondades de Deus. Já eu tenho dito por muitas vezes que nos dias de festas me faz meu doce amor grandes favores.

Na terça-feira, logo que recebi a meu Senhor sacramentado, se me prenderam os sentidos da alma, onde gozei todo ou mais do dia na largueza da divindade e toda me achei metida, como Vossa Reverendíssima, na vinha da contemplação. E no tempo que me era preciso tratar e andar entre as criaturas, sentia dentro da alma uma íntima comunicação do Amado. Parecia-me que dizia: "toda és minha! Não te largarei jamais!". Direi um atrevimento para me dar a entender em parte do muito que minha alma anda conhecendo dentro de si mesma. Era como uma menina muito agradável que anda fugindo da gente, mas se apanha aquela pessoa não a quer tornar a largar jamais. Dá-lhe tudo quanto tem só para que ela se não vá, apertando-a muito consigo e não a deixa. Assim fazia o Senhor com minha alma, e isto não tem nem uma comparação, mas era como dar-me o Senhor a entender que andasse na segunda-feira regateando pelo não receber. Estava-me dando a [fl. 67] a entender que gostava de estar comigo. Oh, que lágrimas isto causa,[1456] que se desfaz a alma em profunda humildade e é pouco para o que deve ser. Neste dia, acabadas as vésperas, me deixei ficar dentro do corpo, onde gozei dos mais apertados e íntimos abraços de um amor divino. Neste dia me tinha Vossa Reverendíssima mandado dizer que fizesse no meu interior coro enquanto louvasse a Deus. Assim estava sentindo onde, com ardentes desejos, deseja a alma que todas as almas sentissem o que eu estava gozando, e tive como sentimento por não se poder dizer publicamente o que eu sentia, não para gente me louvassem, senão para acender [o] fogo divino em todos os corações de todas as criaturas. Mas aqui não há de haver sombra de coisa criada, há de ser a união pura, puro amor o caminho por onde meu doce amor me eleva a esta união de amor puro. É primeiro uma força da alma e corpo que me prende os sentidos para não atender a coisa terrena, mais que me sentir andar

[1456] No original, dois pontos em vez da vírgula.

com ânsias de me abrasar com o Senhor crucificado. Assim, me vou pôr em parte que o esteja mirando com os olhos do corpo, mas não posso satisfazer a sede e fome que sinto nisto. Padeço muito suavemente, depois logo apartamentos da alma com o Senhor, logo entra na divindade onde se une com puro amor, de que dizia a alma humilhar-se e não tem tempo. Os efeitos que lhe causa são puros, que a alma como inebriada não sabe de si mais que ver-se segura até que torna a conhecer as misérias desta vida. Mas sempre no fim dos favores recebidos, os oferece todos [a]o Senhor como seus, e lá se põe no seu nada. Vossa Reverendíssima disse-me que os favores, regalos, que era [fl. 67v.] manear dos fracos. Nunca[1457] isto me esquece. Eu sinto-me quase sempre tão cheia de regalos, suavidades e doçuras, umas vezes mais que outras, mas não despedem. Eu não mereço nada, e às vezes me quero dar como desentendida porque só desejo trabalhos e padecer quando for vontade de Deus. Ando sempre mirando [o] que farei pelo amor. Minha alma alegríssima porque para onde quer que o corpo caminha em todas as partes está gozando do Amado. Teme suas desconfianças e temores, se o perderá, ou se o desagradará. Assim, anda sempre com ânsias de se recolher só como o seu divino esposo. Assim, não pode dar atenção a mais nada.

Capítulo XIII

Estando com grande ânsia de falar no amor divino pelo que sentia minha alma, queria dizê-lo para que todas as suas esposas o louvassem por mim. Assim, andei um dia toda metida em admiração porque nada sou, e que ali sempre me tem meu doce amor nos seus divinos braços, toda abrasada em fogo de amor divino. Falou a minha alma com o Senhor nestas amorosas queixas de não poder desafogar com as criaturas. Senti logo que me diziam que falasse com Vossa Reverendíssima, e acudisse que estava na cama. Logo de tarde me deram a sua carta, que me falava no amor divino. Fiquei toda cheia de admiração, e mais cheia de favores do céu. Estava no coro como sem sentidos, e dentro na alma sentia que meu doce amor me estava dando excelente doutrina, que para aquele estado havia mister, dando [fl. 68] dando-me a entender que já para mim não havia mundo nem coisa terrena em que me detivesse, nem me alegrasse de coisas que não fossem todas dirigidas ao meu Deus. No comer só por sustento, sem apetites, o mais havia de ser tratar das coisas desta vida sem lhe dar entrada no interior. Melhor o

[1457] No original, “nunqua”.

conheci do que estou dando conta a Vossa Reverendíssima. Unida na caridade do próximo, não reparar nos defeitos alheios, considerando-me a menor de todas, caridade interior para com todas igual. Assim me deixou a alma toda desocupada, e logo comecei de sentir um íntimos abraços de meu doce amor. Vão por cinco dias ou seis.

Dia de Santíssima Trindade, senti minha alma gozar de uns abraços apertadíssimos, que em todo o dia me sentia presa das potências. Andava como fugindo das criaturas porque estava conhecendo a dif[e]rença que havia das criaturas [a]o Criador. Não me afligia, mas sentia trabalho falar a quem me falava. Não podia ser em ter na alma coisas materiais porque estava gozando e amando com todo [o] amante. Nesse dia me disse Vossa Reverendíssima que três dias não havia de comungar. Eu como estava tão ocupada com o amor, deu-me em me rir[1458] e não tinha tempo para cuidar nisso porque digo a verdade. Trata o Senhor com esta pobre alma por modo que me parece corporeamente sem ver o Senhor, mas nos efeitos é um sentir como claramente que traz a alma e sentidos absortos. Às vezes me vejo no coro olhando para as freiras[1459] sem grande gozo e suavidade, que tomara trazer todo o mundo à religião porque também padeço muito quando me é preciso tratar com gente de fora, [fl. 68v.] mas torno a falar na comunhão. Não sei como é isto porque eu não faço força para que Vossa Reverendíssima me dê mais comunhões. Mas no dia que não comungo, inda que sinta fraqueza, não posso tomar um bocado de pão porque sempre cuido que inda naquela manhã receberei a meu Senhor sacramentado. Nisto levo a manhã sem me acabar de desenganar. Vejo que todos se queixam das suas misérias, e eu que sou a pior de todas não me ocupo nisso porque vejo-me tão cheia de regalos do Senhor que não posso queixar-me. Mas para com o Amado se lhe digo muitas coisas [é] porque desejo queixar-me. Mas então sinto mais favores, assim lhos ofereço de contínuo, pondo-me no meu nada. Dá-me isto que sentir, cuido que é porque não sei dizer o que sou, que não tenho mais que misérias.

Na festa do corpo de Deus me fez meu doce amor mais subidos favores. De tal maneira desfiou minha alma, e a elevou sobre o ser tirreno com os favores que fiquei alguns dias como abstraída de todo o visível (inda que não deixava de fazer o preciso). Mas era-me

[1458] No original, “em merrir”.
[1459] No original, “fereiras”.

necessário fazer maior força para acudir o que era necessário, e toda me sentia mais espiritualizada[1460] e transformada com meu doce amor porque os regalos e carícias foram de abundância.

No domingo do oitavário do Santíssimo Sacramento, estando recolhida para a comunhão, representa-se-me que o inimigo me estava acusando, dizendo: "esta criatura não tem virtude. Recebe e não paga", com mais rezões que agora me não lembro. Eu, de repente, com profunda humildade, ofereci à morte e paixão de meu Senhor Jesus parte e, deixando de mim fora esta representação, dizia para mim que fora isto pensamento, inda que me [fl. 69] me sentia pobre com lágrimas de dor. Não queria admitir, mas todo o dia se me punha isto diante. Assim passei com algum temor. Mas logo no outro dia senti uns apertadíssimos abraços do Senhor, e com eles me dava grande doutrina para mim. Mas como me ia esquecendo, me queixei que se o Senhor o dera a outrem que lhe seja mais agradecida, e representei-lhe as minhas impertidões. Mas meu doce amor com muito agrado me unia a si, e me diziam: "não vês que os olhos do corpo quando tem o mais menino argueiro já não enxergam bem, assim é a alma com a mais leve lembrança inda das coisas espirituais, sendo terrenas, logo se não vê bem a luz do céu". Foram-me como mostrando como havia de viver, que era viver sem viver, viver só para Deus. Isto não era no trato do corpo porque eu sou toda de meu Senhor, isto era interiormente. Mas para o muro estar forte me deram a entender como havia de estar despida inda do preciso, ficando sempre no trato do corpo como necessitada, para que a alma voasse ligeira ao Senhor. Era esta advertência com tal miudeza que sem ter o sentido em coisa criada me fazia dar voltas para descobrir que me detinha minha alma e com lágrimas de dor me queixava e pedia perdão por Deus. Já por muitas vezes me tem dito meu Senhor estas coisas. Assim, estava com temor porque às vezes me deixo levar de compaixão das necessidades dos próximos, sem as poder remediar. Parece-me que deixo os divinos braços de meu Senhor quando, para falar nisto assim, gasto algum tempo. Porque neste desterro não ponho a sentido em coisa alguma com desejo de me alegrar fora do Amado, senão naquelas almas que lhe conheço desejos de serem justas e justos. É [isto] toda a minha [fl. 69v.] consolação. E digo a meu Senhor, o

[1460] No original, espiritualizada.

Pai da alma, que só essas riquezas desejo gozar neste desterro, que é ver que tem meu Amado amos que o desejam servir.

Na segunda-feira do mesmo oitavário, estando no coro à missa do dia regalada com meu doce amor (como sempre), mas nestes ando mais presa dos sentidos do corpo. Olhei para a capela-mor e vi a Vossa Reverendíssima posto na oração, e o padre capelão levantando as mãos. Senti tais efeitos de gozo e alegria da alma que, toda desfeita em lágrimas do fogo de amor de Deus que sentia, clamei ao Senhor e lhe ofereci os necessários limitados desejos de todos [os] três, que eu também[1461] me meti na conta, para que o Senhor lhe desse luz para que Vossa Reverendíssima obre o que deseja para glória e honra sua. E sou tão atrevida que me parecia que estávamos unidos naquela hora no preso amor de Deus. Senhor, quem sois vós e quem sou eu? E a diferença que há dos vossos ministros a este vil bichinho...

O que mais me faz humilhar é ver-me tão debilitada de forças do corpo e sempre padecendo dores. Sinto-me, às vezes, feita uma chaga viva, e minha alma cheia de favores e regalos e carícias do céu. Mas nisto sinto grande consolação porque suponho que tenho dentro de mim Marta e Maria. Que é a minha alma Maria nos regalos do Amado, e Marta é o corpo no padecer. Por isso não gosto de que deixe de padecer, senão quando o Senhor lhe dá forças sobrenaturais, que de si as não tem ele nem eu lhe desejo mais quanto possa seguir os atos de obrigação, se é vontade de Deus.

Neste meu dia, depois de comungar, me sentia em uma elevação corpórea, sem ver, mas estava como gozando da glória dos bem-aventurados. [fl. 70] Este gozo entra pelos sentidos do corpo por considerar alguma coisa que vejo que é para o serviço de Deus, ou no ato da humildade de alguma pessoa, ou lembrar-me que o Senhor é Esposo de minha alma. De me ver fora do mundo é isto como uma caçoula de brasas vivas, que deitando-se-lhe cheiro onde ela está, não fica vazio que não fique cheio da flagrância do cheiro, inda chega a mais que não posso explicar.

Passados alguns dias, se retirou meu doce amor, que para minha alma são trabalhos e tormentos insofríveis porque não busco nem desejo outra coisa nesta vida mais que tratar com meu Senhor da minha alma.

[1461] No original, “tamem”.

Estando no coro, senti minha alma toda abrasada em fogo de amor e lágrimas, toda desfeita se queixava de si mesma. O Senhor a uniu toda a si, onde recebeu favores de humanamente divino[s], que me deixou mais cuidadosa nas virtudes morais, que às vezes me descuido sem querer. Mas por tentações mostrou-me dentro na [a]lma o que o Senhor se agrada de uma alma que por seu amor se desapega e se despede de tudo [o] que é mundo, só puramente pelo Amado. Vivendo como estranha neste desterro, eu me sentia bem desapegada. Assim, me estava o Senhor mostrando como é fácil gozar dos bens do céu, não só como anjos, mas como serafins pode a alma voar a Deus. E mostrou-me o Senhor dentro na alma como se regala de ver que por seu amor deixamos inda da comida que nos é preciso, mas saímos de nosso agrado e não faremos apreço dela, nem sentimos faltar-nos o preciso.

Eu estava no refeitório com as mais religiosas, onde me estava o Senhor dizendo estas coisas que eu não posso com rezões materiais declarar, também o favor desta doutrina que me deu meu doce amor. Se Vossa Reverendíssima [fl. 70v.] sentira os efeitos destes conhecimentos, porque só assim se pesa o valor dos favores do céu. E eu, como sou a pior de todas, custa-me muito escrever defeitos alheios, mas, às vezes, por eu ver alguma coisa em alguma pessoa, ou falar muito desnecessariamente, ou se tratar com mais regalo. Nisto é que o Senhor, como quem se não agrada do que se está fazendo, trata então[1462] minha alma como queixando-se de outras e ensinando-me com muito amor para que ela seja toda pura aos seus divinos olhos. Conhece a alma que o Senhor a ama muito. Aqui é grande o padecimento, tanto amor com uma formiga, ver-se tão favorecida de céu, sendo ela a mesma miséria. Aqui não há tempo para se cuidar em nada desta vida, só cuidar como será fiel esposa, as delícias que a alma sente em tudo [o] que vê que lhe parece [que] é do agrado do Senhor. Sejais, Senhor, louvado, e perdoai-me que não soube dizer neste capítulo tudo quanto vós me dissestes dentro da alma, mas, Senhor, quem sois vós e quem sou eu?

Véspera de São João, antes de comungar e depois da comunhão, recebeu minha alma favores altíssimos, onde a alma descansa e satisfaz, e depois fica em profundíssima humildade pelo quanto conhece de Deus e o que somos da nossa parte mais que miséria. Assim toda abrasada em amor e lágrimas, me admirava como pode ser

[1462] No original, “antam”.

descuidar-me tanto e deixar-me atender a coisa criada. Estando nesta pena, senti que me diziam: "assim faziam os hiraclitas[1463] no monte do Senhor, que estando gozando do maná do céu, suspiravam pelas cebolas[1464] do Egito". Inda eu com este conhecimento tive mais que sentir porque eu sou inda muito pior que eles, não faço no exterior porque tudo isto é só no interior, trato da alma, que ela corpo não faço caso. Mas estando a alma gozando na paz e serenidade da divindade, que depois se descuida [a] ver que por sua culpa [fl. 71] pode tanto bem. Isto não em cometer pecados, mas já descuidando-se daquela vida angélica. Já dentro de si acha estorvos que fica a alma traduzida em um martírio, sem perder a paz, porque conhece que sem muita, muita pureza na alma mesma não pode subir.

Hoje me deixei levar de grandes queixas, muito suaves e amorosas, por não ter fim este desterro. Porque o gozo da alma é completo, por mais que goze e ame e receba, sempre torna a ficar na escuridade deste pó e cinza que é o corpo. Assim, só me satisfaria do que gozou São João Evangelista, Santa Maria Madalena, e todos os mais desse tempo, mas estes dois. Em este gozo e invejas passei a missa do dia, como se estivera com eles falando do Amado. Assim, fiquei todo o dia em uns abraços apertadíssimos com o Esposo da minha alma, e amando muito mais do que conhecia. Sentia-me arder em fogo de amor divino, que me penetrara as entranhas da alma uma lembrança o Amado. Eram labaredas de amor vivo porque dentro de mim não havia lembrança de coisa criada, assim está lavrando este divino obreiro. Eu como me via tão favorecida, sendo a que sou, me queixava, mas dentro da [a]lma me dizia meu doce amor: "não te tenho do que cuides em mim, que eu cuidarei de ti". E tão claro me mostrava isto que não era só pelos regalos com que trata muito a alma, mas também me dava a entender que me dera quem me intendesse tão claramente para governar minha alma. E aqui ia discorrendo na liberdade em que me pusera para voar ao meu Senhor, onde eu me conhecia tão devedora que toda me desejava desfazer no meu nada. Mas meu doce amor me dizia: "não sabes que sou Senhor dos Céus e da Terra?" [fl. 71v.] Nisto me confortava porque me dava a entender que amava minha alma. E eu não posso dizer estas coisas porque eu sou a que devo amar, mas dizer que o Senhor me ama a mim. Ó Senhor, quem poderá

[1463] Refere-se aos "israelitas" no episódio do *Livro dos Números* 11.
[1464] No original, "sobolas".

aqui pôr os efeitos que estou sentindo, os regalos que estás fazendo a esta formiga? Com ânsia desejo dizer, ou preguntar, a Vossa Reverendíssima se posso aqui dizer que conheço dentro na alma que o Senhor me dá a entender que me ama muito, porque isto não é uma só vez que me sucede, senão muitas. E também se poderei satisfazer uma força de amor que sinto muitas vezes, falando largamente só puramente em amor divino. E isto só com Vossa Reverendíssima se houvera tempo para isso, que me sinto desfazer toda pelo amor que é fogo e não consome porque também sustenta o corpo, desterra os apetites, ainda das coisas precisas. Sente-se violência para se tomar nada criado, mira com afeição porque toda está a alma transformada em Deus. Só nele descansa.

Depois que meu doce amor me deu a Vossa Reverendíssima para governar minha alma, deu-me outro modo de padecer que é dores, enfermidades, mas disto não faço caso, como é o martírio da alma que padece quando o Senhor está como dormindo, que entram as tentações. Não pode a alma com tal martírio porque de todo se quer desocupar, assim as potências como os sentidos da alma, para que nem coisa criada conheça minha alma, mais que um trato íntimo com o Amado. Deseja, com ardente caridade, acudir as necessidades. Mas sinto não se detenha, a alma há de ser de sorte que não empida as potências da alma para o trato do Senhor. Só com o corpo e obras nos devemos ocupar com os próximos. [fl. 72]

Véspera de São Bento, se inflamou minha alma (sic) toda no amor de Deus, que a oração da minha voz foi toda nenhuma, suspensão das potências da [a]lma, sem explicação, gozou minha alma. Passado o tempo que ali estive, me sentia arder em amor. Fui ver se podia falar a Vossa Reverendíssima, só com o sentido de falarmos no amor divino. Como não pôde ser, fiquei todo o dia com tal força na alma que o corpo padeceu bastante. Às vezes, para desafogo, falava com as irmãs em coisas do céu e nos santos nas finezas que fizeram pelo Amado. Outras vezes, comigo só, estavam louvando, mas não podia acabar de satisfazer. Se me distava pela enfermidade do corpo, sentia uns apertadíssimos abraços e grandes regalos. Assim passei todo o dia em martírio de amor, de abundância com menos conhecimento que eram só nas coisas que o Senhor obrou no mundo, onde a alma se ocupava por espaço, pedindo aos anjos que ajudassem a louvar a[o] Senhor.

Noutro dia, me achei da minha sorte no amor, mas com mais levantada suspensão e enardecida toda no mar da divindade. E para mais clareza é dizer que estando a alma

inflamada no amor e despida de todo criado, que obra o Senhor nela maravilhas. Nestes me achava como já em minha casa, descansada e sossegada, bem sabe Vossa Reverendíssima este descanso da alma.

Mas como não pude ter a Vossa Reverendíssima, me lembrei de uma carta de Vossa Reverendíssima em que me relatava os efeitos do amor divino. Li-a muitas vezes e trazia[-a] comigo, mas tudo era pouco. Só as queixas de minha Senhora que fazia com os anjos naqueles [fl. 72v.] últimos anos da sua vida me satisfaziam. Assim, com grande júbilo de minha alma, oferecia ao Senhor o que padecia por seu amor, vendo que toda aquela fazenda de tesouros do céu era sua. Ó Senhor, uma alma desocupada, como já disse, que riquezas recebe! Não tem explicação mais que Deus é infinito e que a minha alma e eu não o sei amar. Diga-me Vossa Reverendíssima que farei por um amor divino, que por ora já o meu trato é só interiormente nas alturas. E depois que Vossa Reverendíssima me disse que quando a alma estava transformada com Deus que já o inimigo aborrecia e a não perseguia, senti tal esforço para trabalhar com todas as minhas forças e potências e sentidos, que com império aborreci santamente tudo visível. Daqui me nasceu este fogo tão vivo. Seja meu Senhor louvado!

O Senhor que tivera a pureza dos serafins para quando cabalmente falara [e] escrevera as condições do amor. Oh, amor, amor, como és forte! Não te sei relatar! Tu tiras as forças, tu ardes para mais e mais se amar... Tu sustentas alma e corpo! Como será isto experimentado? Teus efeitos e[u] não te sei explicar.... Seja meu Senhor bem-dito e louvado para sempre. Amém.

Os amorosos afetos que sinto dentro na alma com as imagens que estão pelos altares.... Tenho uma Senhora do Carmo, que é minha madrinha, indo-a visitar me faz esta imagem grandes favores. Mas eu como sempre desconfio de mim, me retiro muitas vezes por temor, por não me assegurar quando ela me falta, e fecho os olhos do corpo para que só sinta os efeitos da alma. Porque depois que ele [fl. 73] me disse o que eu já disse a Vossa Reverendíssima, que estando com grande tentação de deixar o confessor, não por ele me muito desejar que eu fosse santa, e ele o é na minha estimação, mas por minhas grandes misérias me parecia que já que não podia com [as] obras que o Senhor me dava por meu bem, assim fui à Senhora e lhe disse: “Senhora, eu deixo o padre, que eu não posso.” A isto me disse, de repente, como quem tomava por sua conta: “esperemos mais um par de dias”. E com isto fiquei em paz, e serenidade e descansada.

Outra vez estava pedindo [a]o Senhor do Cabido por uma necessidade temporal que me tinham pedido, e senti que a Senhor com muita piedade se virava para o Senhor e lhe dizia que me fizesse aquilo que eu pedia. Eu com muitas lágrimas me vim porque nada mereço. Mas passados muitos meses se fez isto que eu pedia, mas não por mim, que sou a pior de todas, mas por outras algumas que também pediram, que são melhores que eu. O Senhor do tesouro me fez e faz tantos favores que muitas vezes fecho os olhos do corpo por temor, não do Amado, que é Pai de misericórdia, senão por não me fiar de mim. Muito chegada à imagem do Senhor não o posso olhar, mas de longe não me posso apartar dele porque ele é o que me diz que cuide eu nele, que ele cuidará de mim. Sinto efeitos inda exteriores, como eu já disse a Vossa Reverendíssima que tenho com minha Senhora que tenho no leito e basta para aqui pôr coisa[1465] precisa. E é que outra coisa que me dá muita pena ver [é] algumas almas muito devotas, e chegando a trato de criaturas todas se derramam naquela conversação e isto é estando eu pelas vistas, e dentro de minha alma sinto como queixas do Senhor, como quem me mostra claramente como [fl. 73v.] não é aquilo de seu agrado. E minha alma se lastima de sorte que deseja satisfazer por elas, e se une com o Senhor em um abraço apertadíssimo e suavemente lastimosa. Seja meu doce amor louvado, que sofre esta ignorante.

Capítulo XIV.

Logo [de] manhã começou minha alma a ser regalada de meu doce amor de sorte que o que posso dizer deste dia para que Vossa Reverendíssima me entenda é o que dizia São Paulo da glória dos bem-aventurados. O que Vossa Reverendíssima bem sabe que ele dizia, que nem língua, nem pena, nem olhos veriam, nem ouvidos ouviriam, os bens que os santos tinham vendo a Deus cara a cara. Basta isto. Assim, me pareceu que a alma nesta vida desocupada de todo o visível, e despida de si mesma goza de amor sem medida. Padece uma doença de amor que não sabe que faça.

Eu me queixei neste dia a meu Amado dizendo-lhe que morria a mãos de amor por não saber amar. Fui-me à oração para desafogo, mas com temor dizia: “meu Senhor, meu Amado, vede: não venho aqui só por não padecer”. Mas meu doce amor me tomou nos seus divinos braços, onde padeci grande violência de forças do corpo, e a alma

[1465] Em cor diferente e escrito entre espaços, parece ter sido adicionado posteriormente.

limpamente gozando do Senhor no mar da paz e serenidade. E deram-me a entender, ou me mostraram, o valor que tinha padecer por amor e por amar. Outro modo de padecer, que era[m] as tentações, os pensamentos que não vão puramente de Deus. Estes dois conhecimentos se me puseram diante tão claros no entender deles que me parecia que me dizia qual queria padecer. A alma, toda derretida no fogo do amor, [fl. 74] se escondia no peito do Senhor, lhe disse que só pedia que se fizesse nela a sua divina vontade. Por instantes[1466], neste dia, me sentia como corporalmente com meu Senhor. Era um sentir-me com Deus puramente, e o que eu conhecia do meu Deus era como dizer-me: "amiga minha, não só uma cruz[1467] que queres, que tudo darei?" Mas eu só desejava humilhar-me muito e chamar por minha Senhora que me ensinasse o ser humilde, porque os favores neste dia, não só a alma recebia o maná do céu, mas também o corpo participava dos regalos do céu. O trato interiormente com os santos por vezes era admirável. Muitas mais coisas que neste dia passei, que algumas me esquecem ou passam, outras não as sei cabalmente explicar, só na justa que é de quem as goza. Seja meu Senhor louvado!

Já conheço que a maior dita da alma que vive neste desterro é estar desocupada de tudo [o] que é mundo, e não só desocupada, mas já por hábito não haver já de assento dentro na alma lembrança de coisa criada porque então obra o Senhor já com gente e alegria naquela limitada morada maravilhas. Ou quem pregará isto a todas as gentes que trabalhássemos com todas as nossas forças nesta limpeza, que o Amado está pronto para nos ajudar. Oh, Jerusalém, dai-me novas do meu Amado! Dizei-me onde está de assento, delírios do amor ardente que não sabe o que faça pelo que em si sente.

No outro dia se aumentam os regalos e mais claramente conheci a vilaneza (sic) dos pensamentos. Parecia-me uns maus olhos que estão mirando alguma coisa para lhe fazer mal. Não o digo como conheci por ser muito feio, mas deixou-me grande força para trabalhar e não consentir em coisas desnecessárias, porque isto não são em coisas más, senão isto por não serem dentro no Amado, que [é] como [o] deter[mo]-nos muito a falar de nós ou [fl. 74v.] no que dizem outras pessoas, assim coisas semelhantes , porque há de ser este trato visível de sorte que quando acabamos a tratar do preciso,

[1466] No original, "estantes".
[1467] Palavra com borrão, o que dificulta a leitura.

nos levantemos a Deus com fervor de incêndios de amor ardente. Isto me ensinou meu Amado, recolhida minha alma nos seus divinos braços, com mais documentos que a alma entende e não explica. Daqui lhe na[s]ce os padecimentos porque, às vezes, não obra como o Senhor lhe tem ensinado. Lembra-se da doutrina do Amado, vê-se com [m]isérias, sente-se ferida da palavra divina. Anda, então, como a serva mirando o rosto de sua Senhora, vendo se a desagrada. E daqui me na[s]ce não ter tempo para cuidar, nem meter-me em coisa alguma das coisas desta santa casa. E nem me lembro e nem reparo se a alma toda derretida no fogo do amor se escondia no peito do Senhor, lhe disse que só pedia que se fizesse nela a sua divina vontade por estes. Digo e nem reparo se me fazem favores, ou se me desprezam, porque nada disso me entra porque não tenho tempo de atender a isso. Às vezes, me dizem e me fazem queixas que eu não sou sua amiga, que as não encomendo a Deus. Eu lhe respondo: "minhas madres, encomendemo-nos umas às outras". Assim, passo uma vida santa. Só estes três servos de Deus não me esquecem. Tomara que se fosse vontade de Deus que não fossem doentes para consolação das almas.

O outro conhecimento que assim disse das enfermidades do corpo, a violência da força de amor, que esta doença é forte, mas suavíssima. Confesso que me não atrevo a dizer o que minha alma conheceu, inda que não digo tudo que passei neste dia, mas suponha Vossa Reverendíssima que foi isto que eu puder aqui dizer com outra alma melhor que eu, que eu não tenho senão misérias. Padeci neste dia grandes enfermidades do corpo, mas não sei como [fl. 75] eram porque não as sabia sentir porque era uma paz e serenidade que não conhecia mais que a alma doente de amor. O Senhor era o seu enfermeiro, estava mirando com tal agrado e alegria que não lhe tocassem a fermosura do leito e da mesma alma. Me causa admiração e amor com que o Senhor lhe assistia, dizendo-lhe, sem dizer, o muito que era do seu agrado aquela alma. Cheguei a tanto e o Senhor me deu a conhecer que já nossa não achava coisa que não fosse de [de repetido] seu agrado. Isto não comigo, que sou a minha miséria.

Vai por dias que, por instantes, sinto dentro na alma que o Senhor me diz que me ama muito, muito, muito, muito. Dá-me isto trabalho dizer, que o Senhor me diz que me ama muito, a mim, pecadora. Louvado sejais, Senhor, para sempre!

Já vejo que não posso explicar-me, nem acho tempo para que com palavras diga os favores, e regalos, e carícias que recebeu esta alma do Senhor. Que não foram por

conhecimentos, senão por assistência do meu Deus que, a meu modo de entender grosseiramente, me parecia que a alma o possuía corporalmente, ou na habitação mais excelente e mais alta. Só o que entendia era que o Senhor me dizia na abundância dos favores e regalos: "faço-te o que desejas. Não tens mais que buscar". A alma, por vezes, lhe dizia: "só a vós quero". E queria falar com minha Senhora, pedir-lhe que a vestisse de profunda humildade. O Senhor me tratava com mostras de grande amor e dali tornava a receber inda muito mais. Nisto gastei toda a manhã, que foi depois de ter recebido a meu Senhor sacramentado. Depois passei a outro estado porque ficou minha alma tão inebriada nos vinhos da divina sabedoria, de que tinha gostado que, cheia toda de admiração, fazia mil discursos sobre o amor divino. Que faria, como direi [fl. 75v.] que meu Senhor me ama assim tanto às vistas como estou conhecendo, só de São João Evangelista se diz que foi o discípulo do Senhor muito Amado. Oh, Senhor, que farei que sinto minha alma ferida de amor forte e quanto mais conheço de vós, meu Amado, quanto mais me conheço a mim, só a mesma miséria.

Já entrando na oração, justamente me acho em uma suspensão dos sentidos. Os trabalhos da alma são só ver que se detém em alguma coisa criada porque já isto tem tão olvidado que vendo-se assim lhe pesa tanto como se foram pecados porque já sente pôr atenção fora daquele bem infinito, que tem minha alma ferida e trespassada de amor forte, que se não pode descuidar do bem que está possuindo. Isto é uma lembrança, não por vistas, senão por transformação, que está a alma com Deus por amor, e graça, e sustância de amor inflamado, mas vai-se às vezes esquecendo como quem descansa nisto. Sente logo uma força dentro na alma do divino conhecimento de Deus, tão forte e abrasadíssima que lhe parece que em mãos[1468] do amor se lhe acabara a vida do corpo, e daqui me resulta uma alegria, e gozo e deleitação dos sentidos da alma e corpo, em tudo [o] que mira e onde se acha porque em tudo conheço e gozo das grandezas do Amado. E disto me na[s]ce um contínuo agradecimento e louvor de Deus. Assim, ando preguntando à minha alma onde a mim tão grande bem. Às vezes, no coro, digo a meu Amado: "Senhor, se quereis que me vá daqui, quem sou eu para estar aqui com as vossas esposas? Que vos faço eu?". Nisto, sinto na alma abraços apertadíssimos com palavras amorosíssimas que causam na alma rios de lágrimas. Onde quer que me

[1468] No original, "maoins".

acho sempre me conheço por indigna daquela parte onde estou porque sinto [fl. 76] a alma tão satisfeita ela tem de condição ser agradecida e, sendo tão ingrata, ó Senhor que me sofreis! Mas tudo é vosso!

Véspera do oitavário de São Pedro, estive toda a manhã na igreja, o que a mim me pareceu um instante. E outras pessoas, que lhe devem de parecer os dias grandes, disseram-me que tomara saber por onde eu andava, que sendo andar pelos confessionários com mais palavras de repreensão. E eu tinha estado com o Senhor, que o tinha recebido nos mais altos e subidos favores que se não podem explicar, e se mais tempo estivera mais recebia. Mas pedi-lhe licença para acudir a uma caridade como me disseram isto. Fiquei contentíssima por ver que estava tão longe de saber o que minha alma recebia do Amado. Destas coisas quando me dizem, assim como estas que me não faltam, destas me na[s]ce um conhecimento claro para não julgar de nada mal, senão sempre bem, pelo que conheço em mim. Neste mesmo dia, estava eu toda derretida em chamas de amor incendido, queixando-me do muito[1469] que recebia. Vendo que era porque, às vezes, antes de receber, me vejo uma miséria tão pobre de virtudes, muitos padecimentos de mim mesma, parece-me que toda estou cheia de imperfeições. Depois disto, desterra o Senhor tudo fora, que não fica mais que não esquecer-me do que antes era. Estando nestas conferências, depois de ter recebido muito o Senhor, ou anjo me confortou, dando-me a entender por voz corpórea que foi a entender a um lapidário[1470] que estava com grande bolesa, guarnecido de prela. Entendi que me diziam isto por dentro: "é pão". O que eu não sei decerto, mas, sendo pão, o vi tão guarnecido [fl. 76v.] com prendas de tanto valor. Nisto se me infundiu um conhecimento de Deus no que fazia com as almas. Que satisfeita e alentada minha alma se levantou esforçada para não desmaiar pelo muito que tinha recebido! Não sei explicar-me bem, mas este amor me está sempre ferindo. Ó amor, amor, que farei? Quem me dera um dia quem me relatasse as perfeições do meu Amado. Sei que é riquíssimo e formosíssimo que até os céus e terra, mas tomara quem me falara dele. Vamos, alma, recebê-lo sacramentado. Vamos às delícias do amor vivo que teu Padre está doente, não te pode falar agora. Tomara-me saber queixar do amor porque me fere e mata, e me dá a vida. Inda que me

[1469] No original, "munto".
[1470] No original, "lampidário".

queira advertir em coisas terrenas não posso porque sinto tal força que puxa por mim, que me não deixa ser ruim. Mas eu sou a minha miséria. Se me é preciso tratar com as criaturas sinto uma força tão suave que me faz logo buscar o retiro e solitude para em parte poder satisfazer aquele bocado de tempo, porque me parece que me dizem: "não te quero ver advertida fora de mim". Dá-me isto grande pena, este entender, porque como me sinto toda desapegada de tudo criado, porque tudo que é desta vida trato como forçada, que confesso minha culpa. Que não posso atender a nada, senão com trabalho, porque dentro de mim tenho tudo que é meu doce amor. Às vezes, como impaciente, clamo a meu Amado que me tire o coração, e com força lhe peço: "este muro que não acaba de se desfazer de todo, que pena não ter já fim este desterro!" Porque em toda a parte em que me acho, gozo de meu Amado. Sempre temem que o esteja louvando. Sejas, Senhor, ben [fl. 77] dito para sempre!

Véspera da transladação do nosso Pai São Bento, passou minha alma coisas com meu Amado que em muitos cadernos, se dissera, não coubera. Como naquele dia não sabia se havia de comungar, estava em matinas muito cansada. Disse para mim: "não comungo, vou-me descansar um pouco enquanto se não entra a coro". Mas foi impossível que pudesse aqui estar o coração. Tudo era puxar por mim que dissesse a Vossa Reverendíssima que não comungava. Eu estava com o sentido de me confessar e com grande ânsia de dizer mal de mim a Vossa Reverendíssima, e não queria falar nos regalos que sentia do Senhor. Mas era a força de sorte que sentia a alma não sabia que fizesse. Me punha a falar no Amado, logo me esquecia dos pecados. Assim, estive confessando-me com muito sentido. Mas como me via [a]os seus pés de Vossa Reverendíssima, e eu sabia que me entendia bem a minha linguagem, e estava a alma como entretendo-se para falar do Amado, e eu desejando falar só nas misérias, assim o fiz, assentando comigo que tornaria outro dia para falar só de amor. Mas com esta demanda teve a alma por si o Amado porque neste dia a tratou como brincando com ela. Umas vezes com abraços íntimos, outras fazendo-lhe muitas carícias e regalos. Lhe dava a entender e lhe fazia queixas porque ela não queria fazer a diligência para o receber. Dizia-me o Senhor: "eu fui o que te obriguei com força". A alma lhe dizia: "Senhor, vós bem sabeis que eu sempre estou pronta para vos receber, mas pedir-vos não posso, que sou a mesma miséria. Eu estava sentindo os vossos estreitíssimos abraços antes de vos receber sacramentado." [fl. 77v.] O Senhor me descobria outros

efeitos do amor sacramentado, que eu lhe disse: “o certo é que às mãos de vosso divino amor se acabará este desterro”. Em todo o dia não podia estar mais que só porque estavam as potências da alma presas e o sentido do corpo sem comer, que se pode passar pouco que se toma de sustento fica o corpo satisfeito, sem trabalho. Se desnua a alma e corpo de todo o visível, não se pode atender a nada criado, ainda às coisas das.[1471] Não há vida mais ocupada que a de amor porque não há tempo para mais nada. Isto é interiormente, que de exterior não faço caso. Só desejo ter mil modos para agradar a meu Esposo, dar-lhe gozo em tudo, trabalhar muito. Mas é tal a minha fraqueza de forças e miséria que me sinto arder nestes desejos, e nada posso fazer só se posso amá-lo com toda a mente. Mas, torno a referir, a ocupação do amor que anda tão ocupado que me parece que fora do Amado nada enxergo, nem sinto. Só se vê que ele é ofendido, mas o que toca a si estimara ela que houvera quem a quitasse bem e tratasse mal. Sempre está em um contínuo agradecimento do Amado, dá mil voltas para satisfazer a ardente forme e sede que sente porque mais e mais que receba e lá trabalhe, mais acendida se sente no fogo do amor.

Vou-me [a]o coro, de retiro. Dou mil voltas, não posso satisfazer com o empasse, até me queixo a meu Amado [que] se paga muito destes trabalhos e com alegria me dá a entender que está comigo. Mas este muro que se não quer acabar. Sinto fogo em minha alma que muitas vezes me faz dizer desatinos, que é preciso pedir misericórdia porque sou terra. Outras vezes, quando a alma está muito fatigada do amor, o Senhor bem [fl. 78] se compadece dela como aquilo que se diz: “deixem-na descansar, não [a] acordem até que ela se desperte”.

Diga-me Vossa Reverendíssima que farei, porque eu queria estar sempre no conhecimento das minhas misérias. Eu de meu não tenho senão imperfeições. O Senhor não me deixa porque com os seus regalos e carícias me faz o cuidar de casa de meu Pai, que é este miserável corpo. Os favores são do Senhor, eu não tenho da minha parte mais que misérias. Clamo a meu Amado muitas vezes, dizendo-lhe com abundâncias de lágrimas nascidas de amor forte e abrasadíssimo: “Senhor, vós não me vedes, não conheceis o que eu sou.” Eu não posso com tanto amor porque este amar e conhecer de Deus não é só na oração, é em toda a parte que me acho andando. Mas sucede muitas

[1471] Frase incompleta.

vezes sentir tão grande fogo de amor do Amado, que se não fora ser a que sou havia de gritar e chamar gente que amassem o amor. E porque não se saiba que meu doce amor me faz estes favores, lhe peço muito que se acabe este desterro. Outra vezes, em acidentes de lágrimas de fogo de amor, lhe digo que me esconda porque eu não posso esconder o que sinto. Mas com[o] todas estas querelas que lhe faço é para acender fogo, porque o remate delas é achar-se a alma nos divinos braços do Amado, dando-lhe a entender que a ama com alegria. Porque a alma já se não alegra senão só no que é do Amado. Como se acaba o caderno, deixemos o amor, que não falta que dizer das suas condições, mas em confissão lhe digo a Vossa Reverendíssima que me parece que minha alma se arrematou de todo no amor, pelos efeitos que sinto já vendo eu, sem o pe[r]guntar, que nesta santa casa se faz alguma obra do agrado de Deus. Não caibo em mim com alegria, muitas mais coisas que não cabem aqui.

Véspera de minha Senhora da Piedade, estava no coro com os regalos que sempre me [fl. 78v.] me faz meu doce amor. Mas, desconfiada de mim, não os queria admitir, porque o que sentia então era do amor sacramentado, e pus-me a cuidar no que era, e com temor santo disse para mim: "tomara não estar sempre a cuidar no amor sacramentado. Se cá não fora o padre, eu não me mandaria comungar hoje". E cuidando que não me sabia preparar, senti dentro na alma grande regalo, que me arrematava[1472] todo o interior, que é como quem fecha uma porta e justa e selada, que de fora se não vê nada. E então me disse meu Senhor, como repreendendo-me com carícias: "os teus cuidados contínuos neste desterro só hão de ser estes, cuidar de me buscar sacramentado e falar de mim". Senti-me toda como cheia de uma viva lembrança das delícias do amor sacramentado, e eu toda derretida no amor que sentia. Os efeitos que o Senhor me estava dando a gostar, não me atrevia a manifestar e dizer-lhe, porque o fazia que era por eu ser a que sou. Mas o Senhor se me mostrava como rindo-se, porque estava vendo porque eu o fazia. Ó Senhor, dai-me paciência que se acaba o caderno, que também é desafogo de amor, e estou em dia de São Boaventura. Não se esqueça que sou uma miséria.

Capítulo XV.

[1472] Deve ser "arrebatava".

Já disse a Vossa Reverendíssima que meu doce amor me declarou o que dava às almas com quem se desposava nesta vida. Porque é Pai de amor não nos quer ver padecer mais do que é vontade sua, porque me via com grandes dúvidas e temores, porque eu não entendia a linguagem que sentia com minha alma. Quis-me meu Senhor explicar-me que me deixou em estado de glória, gozando saborosamente. Sabe Vossa Reverendíssima onde cá acho e conheço bem o que passa em minha alma, é no Libro de Frei [fl. 79] de la Cruz, que minha irmã secular está lendo. Para o fim dele, onde explica os versos, ouço ali o que se passa na minha alma. Certissimamente é a primeira parte.

São uns usos[1473] de glória que a alma experimenta, não só na oração, mas em toda a parte. As prendas que me dá meu Esposo são instantes com um vivo conhecimento e lembrança, que são suas, não de anjos. É amor perfeito, dá forças e tira-[a]s, uma música calada. Pode haver maior ventura que a alma viver no cárcere do corpo, onde há tantos inimigos, como são os pensamentos? Porque eu só de mim é que tenho mais temor, e não sinto todos estes inimigos, tudo está calado em silêncio. Aqui me diz meu Amado que está em minha alma já de assento, e que toda sou sua.

Estando eu levanto-me da cama para ir a matinas, com grande fogo e lágrimas nascidas de amor, me disse meu doce amor dentro na alma que não falasse a nada. Eu, inda que não fio de mim nada, mas fiz tudo o que pude por não falar às criaturas, e em todo o dia recebi favores grandíssimos de meu Senhor e Pai de amor porque todo o trato da alma foi com ele. Umas vezes, me tinha em suspensão de sentidos, assim da alma como do corpo, que lhe chamo eu "sono descansado", que me deixa muito espiritualizada para conhecer e entender os bens do céu. Outras vezes, me comunicava as grandezas que fez pelos Homens. Eu estava em a missa do dia, que me estava maneando o corpo, mas a alma tão ocupada com o Amado que depois me pareceu ser milagre que meu Senhor fizera comigo. Deixara o corpo livre para os autos da comunidade. Ali tratou com a alma, como um amigo com outro, queixando-se, mostrando-me o que padecera por nós, as finezas de tomar carne humana, o amor e a alegria com que o fez. Mostrou-me que nós éramos as árvores [fl. 79v.] que o Senhor plantara na terra para delas colher uma só fruta, e o muito grande que era as nossas almas. Eu vi esta fruta como o Senhor me mostrou, a alegria com que a colhia, mas disse-me que pouca colhia. Eu tive tão grandes

[1473] Palavra com borrão.

trabalhos que muitos dias me faltaram as forças do corpo pelo que conheci das nossas ingratidões. E meu doce amor tinha minha alma nos seus divinos braços, mas deixou-me sentir as suas ofensas que lhe faziam a meu Esposo porque já agora me disse meu doce amor que tudo o seu era meu. Perdoe-me Vossa Reverendíssima, não se escandalize de eu dizer isto, que sabe o que eu sou, mas como me diz que diga tudo, inda que eu deixo muitas coisas porque o mais da minha vida é só tratar com esta pobrezinha alma como uma mãe com seu filho muito pequenino, que tem sempre os seus peitos, tratando-o sempre com muitas carícias.

Eu estava um dia duvidando deste trato, disse meu doce amor que assim me queria tratar, que eu não tinha assentido em coisa criada, senão toda me metia nele, inda que me visse com miséria. "Nem as minhas grandezas desejas mais que os meus braços para te esconderes. Neles tens e terás a tua morada". Ó amor, amor, amor que às vezes me parece que se me desfaz a carne e ossos, e que toda me derreto em fogo de amor, que me sinto arder em puro amor.

Outro dia, estando eu cuidando em Vossa Reverendíssima com bastante cuidado por me dizerem que estava muito doente, pensei que se Vossa Reverendíssima me faltasse que seria de mim? Porque vejo quanto Vossa Reverendíssima não só me ajuda a caminhar a meu Senhor, mas parece-me que faz voar a ele com a sua doutrina. Assim, estava no coro com estas considerações, disse-me meu doce amor na alma com muito, muito amor e alegria, que ele tinha cuidado de mim e me deu a entender muitas coisas: "toda és minha, filha". E me disse: "porque só de mim cuidas, também eu trato de ti. Não te deixarei [fl. 80], senão se tu por tua vontade me deixares". Meu doce amor, antes morrer que pecar.

Este dia foi para minha alma uma suspensão e gozo porque meu Senhor me estava mostrando as limitadas finezas que eu fazia por ele. Eu como não tenho senão misérias, com profunda humildade me queixei de mim mesma, mas o Senhor me mostrou como minha alma estava apartada de tudo [o] que era mundo, inda dos muitos favores e regalos. E o Senhor se agradava muito, muito disso, e tinha minha alma nos seus divinos braços, e me disse: "esta é a tua morada". Eu bem conheço minha alma estar nos seus divinos braços. Este Senhor é em toda a parte, mas eu como vejo que me perseguem algumas tentações, que lhas dava a entender o Senhor, me disse com alegria: "essas impertinências te fazem mais força para fugires para mim". Eu, toda abrasada em amor

e lágrimas, já não me sentia ser criatura da terra porque nestes favores sente-se uma pureza angélica. Seja meu Senhor louvado para sempre.

E deu-me como a entender que Vossa Reverendíssima havia de viver muitos anos, mas não o digo por certo. O mais claro foi conhecer como [a]o Senhor lhe agradava que eu só com Vossa Reverendíssima tratasse. Vi como nua alva o trato que se tinha com Vossa Reverendíssima, que já disse que não faz caminhar a alma a Deus, mas que a faz voar. Sejais, Senhor, bem-dito em tudo.

Eu pudera ir escrevendo dia por dia o que meu Senhor me faz de regalos, mas por ser o caderno só de duas folhas para todo o mês, não ponho tudo, mas tudo são regalos. Mas advirto a Vossa Reverendíssima que todos estes favores e regalos que meu Senhor me faz é com muito padecer, dores do corpo, despadecimentos do corpo. Ando, às vezes, como de arrastos, e meu Senhor regalando-me, porque por vezes posso estar de joelhos, mas em instantes me vejo forte. Sinto muitas vezes um vento na boca, tão regalado [fl. 80v.] que sem descuido, com força, sinto meu Senhor abraçado com minha alma. Mas nestas suavidades que sinto em mim, que são também no corpo, me humilho muito, muito, e sinto e digo "tudo é vosso".

Estando para me deitar na cama, com desejos de dizer a meu Senhor que o coração que eu tinha era seu, mas não acabei de dizer, porque logo meu doce Amado, com grande gozo de amor, me deu a entender que ele era já todo seu. E eu, toda não sei como, fiquei com vida pela alegria de minha alma. Fez-me nesta noite muitos regalos, que estava o corpo descansando no sono e a alma gozando. Tudo isto se recebe havendo na alma grandes purezas. Se não está bem desfeita de si não pode ser perfeitamente, e assim me mostrou o Senhor uma vez, estando em matinas de nossa Senhora de Assunção, me disse ele: "filha, com o meu amor não se misturam coisas terrenas". Nesse dia me regalou meu Senhor com ardente abundância, tendo-me nos seus divinos braços. Não entra aqui a alma em dúvida, porque certamente vê e goza de Deus puramente.

Dia de São Bartolomeu, fui receber o amor sacramentado. Senti logo dentro na alma que me dizia: "tu foste-me receber, e eu recebo a ti". Não sei declarar com palavras materiais o que sentiu minha alma. Dá-me o Senhor nesse dia grandes prendas, não só de amor, mas por forças no corpo desconhecidas, das que ele tem de seu, nem o corpo sentiu necessidades de coisa alguma. Fiz força nesse dia para que comesse o preciso. Em todo o dia, sem intervalos, sentiu minha alma a comunicação do Esposo, em tão

grande silêncio e serenidade dos sentidos da alma e do corpo, que não fazia minha alma mais que louvar o Senhor, porque [fl. 81] era vontade sua, que parecia ver já neste desterro ordem, e parecia que minha alma ia caminhando como Elias pelo deserto. Ó viver difazo (sic), donde a mim tão grande bem? O tempo da oração neste dia era todo em uma suspensão e sono de todas as potências, que o corpo se punha como morto, que nada senti. O tempo que tive nesse dia de contemplação foi altíssima, porque era conhecendo Deus, tão subido e que a alma lhe parecia que ouvia os louvores dos anjos pelo gozo que recebia. Outras vezes, lhe mostrava o Senhor como comunicando-lhe o que padecera pelos Homens. Teve minha alma no seu decimento (sic) vendo sem ver, e conhecendo o que se ali fizera com um sentimento tão amoroso e suave, com grande ternura de gozo de ver o que logrou [rasurado] Santa Maria Madalena. Deu-me o Senhor neste dia tudo de graça porque foi um conhecer de Deus fortíssimo, suave e amoroso, que não quis o Senhor e Pai de amor neste dia mais que a alma recebesse e gozasse, dando-me a entender o que me tinha dito no outro dia quando estava sentido que Vossa Reverendíssima morreria, e que seria de mim. Porque achava que nesta vida não tinha outra coisa fora do amor sacramentado. Então foi que me disse e me mostrou o muito, muito, que me queria, que todo o dia minha alma se desfazia em gozo e lágrimas, e em se humilhar. Disse-me dentro na alma com grandíssima certeza e segurança que infundiu na alma pelo amor que lhe mostrava: "tu cuidas de mim, e eu cuido de ti". Já acima o disse. Foi isto com mais rezões que não chega a minha capacidade e sabê-las explicar para as dizer. Só dentro a alma as conhece e goza, e isto foi estando em missa do dia, que me deixou em toda ela esta segurança que meu doce amor me fazia. Assim me fui para o refeitório jantar com a comunidade, que não soube nem [fl. 81v.] nem sentia mais que a alma passava com o Amado. Neste dia foi que eu me pareceu que o Senhor me dava a entender que Vossa Reverendíssima havia de viver inda muito, que me parece que as suas obras são muito do agrado de Deus. Seja meu Senhor louvado.
Mas tornando a falar neste dia de São Bartolomeu[1474], porque se eu soubera dizer tudo quanto nele passei, pudera fazer muitos cadernos. Mas como tudo se (?) a minha alma, é isto como só para ela o gozar tão grande dita, sendo ela a mais pobre de virtudes. Mas dizendo-lhe eu isto a meu Senhor, ele me deu a entender que por isso me queria fazer

[1474] No original, "Bertollomeu".

rica dos seus bens, pois eu era tão pobre. Mas isto entende a alma estando-se toda desfazendo-se em fogo de amor e lágrimas.

Outras vezes, nem a si faço de conhecer porque não conhece mais que a Deus, que é aonde a alma mora já de assento. Mas indo dizendo o que passei neste dia, estando eu pensando os efeitos que causava o amor sacramentado, me admirei da grande pureza que era necessária para o receber. Pareceu-me que só os anjos eram capazes. Nisto senti ou como visto dentro na alma que nem os anjos eram capazes, mas que era e fora o amor tão grande do Senhor dos Senhores que dissimulava as nossas grossarias só por estar connosco. E mostrou-me alegria de seu divino rosto, não de tudo que neste desterro não pode ser, mas de sorte que a alma possa receber, que ele tem de ver as almas puras. Foi de sorte que minha alma ficou em um vivo abraço com Deus desde então. À noite deitei-me em braços de meu Amado Deus. Miro seus divinos braços dormindo e não dormindo, e acordei nos mesmo braços. Vesti-me neste mesmo sentir. Amor, dai-me [fl. 82] profundíssima humildade.

Fui para o coro sentindo minha alma em tão grande regalo e pureza. Eu já fazia, ou ia por oito dias que me não confessava, e tinha para ir comungar. Sentia uma grande ternura de vir ver o Senhor para a mesa, que pensei como me havia de confessar porque eu era feita de misérias e o que sentia em minha alma era só do Amado. Nisto senti que me ensinavam como me havia de confessar, tão limpamente que era ir discorrendo em todas orações e obras que a criatura faz no dia, como no comer, no beber, no vestir, no dormir, no andar, no falar, no pensar, no olhar, sem ser nada dito com má tenção, nem desejo de ofender a Deus, mas que desta sorte se podia fazer confissão. Tudo isto que aqui digo são sombras do que a alma recebe, já solta e desembaraçada. Vive em braços do Amado, e estando na oração está a alma em união de amor puro, e tão puro que conhece que entre Deus e alma já não há coisa alguma, e não o vê cara a cara, mas é esta visão tão alta que não sente aqui a alma, vê-se na escuridade da carne, e depois repara nisso e nos abraços da alma com Deus, ou Deus com ela, sinto-os com grande força e mais claros a entender da alma. É quando não estou na oração, andando ou estando com gente, ou despindo-me ou vestindo, ou se quero duvidar ou pensar em outra coisa que me possa deter, logo sinto esta força do braço poderoso que toda me desfaz em amor.

No domingo, fui-me correr às cruzes para desafogar do incenso em que ardia, mas quanto mais sinto o que meu amor padeceu por mim, são dobrados os regalos que faz à minha alma. Sejais, Senhor, louvado. [fl. 82v.] Assim, neste desterro não pode uma criatura sentir trabalhos à vista do que meu doce amor padeceu por mim, amorosa, em que sinto minha alma estando neste regalo disse ela ao Senhor: "Como este estado em que vivo necessita de fazer grandes obras por vós, eu nada faço, sendo um vil bichinho, mas meu Senhor com grande alegria me deu a entender como se agradava do que eu fazia". Eu nada via da parte da alma, mas logo me mostraram que éramos como eu não queria ver que em mim houvesse coisa boa, senão que tudo era de Deus. O Senhor me disse dentro na alma: "eu agrado-me muito de que tu nada queres desta vida, e o que te dei o dás puramente por meu amor, vivendo desapegada de tudo, por isso tens os meus braços sempre abertos, meu amor". Só quem sentir e gozar o que minha alma goza poderá ler estas coisas, que tão pouco digo à vista do que recebo, mas só me consolo ser Vossa Reverendíssima quem há de ler este papel, porque tem muito amor de Deus. Assim, me poderá sofrer porque dá-me pena não saber dizer estas coisas como devia ser, mas o Senhor me faz nestes sentimentos dobrados regalos.

Hoje, estando na missa do dia com um temor santo, porque é receber e temer, cuidando e pedindo [a]o Senhor que tivesse misericórdia de mim, que não caísse eu em alguma ignorância porque sentia a alma com pureza tão alta. Mas quando acabei de pensar isto, me senti como sem sentidos, onde a alma gozou não sei o tempo que foi, nem tão pouco sei dizer o que passei, senão que fiquei como presa dos sentidos do corpo e alma. E ela puramente com Deus se acha, que só com oração estivera sempre, inda que nada criado neste estado lhe faz opressão, pelo silêncio de todos os sentidos. Seja meu Senhor bem-dito para sempre. [fl. 83] para sempre

Estando no coro nas Vésperas de meu Pai São Bernardo no dia oitavo[1475], estavam cantando a sua antífona. Senti minha alma toda banhada como sem sentidos, em gozo e bem descuidada daquele favor. Me pareceu que [qu]eria entrar o santo no céu, e que o Senhor, sem falar, mostrava ou comunicava com toda a corte celestial o amor que lhe tinha, e todos os anjos e santos[1476] festejavam a entrada do santo. Isto era quando ele

[1475] No original, "outavo".
[1476] "Anjos" e "santos" grafados em maiúsculas.

morreu. Eu, como admirada e pura no que sentia minha alma, não do que conhecia, não duvidava porque inda andando o corpo não saía a alma da contemplação do céu. Eu como me vejo na terra não abraço muito ver-me tão alta, mas quando o Senhor é servido não posso resistir à força com que a alma é levada àquele alto saber. Fiquei toda a tarde conhecendo e gozando grandes ratos de glória. E depois de muito cheia, me queixei a meu Senhor dizendo-lhe: "amor meu, não duvido das vossas grandezas e misericórdias, mas a mim me mostrais coisas tão altas que nem eu as sei declarar, nem o que me há de crer isto. Isto é só para quem já se vê na vossa glória, porque cá não se sabe decerto, e querendo duvidar que nem o santo chegará até alta glória, como minha alma tinha conhecido, se não supus que era imaginação minha". Mas de repente entendi que o Senhor pagava da [o]bra de qualquer amor, rindo das criaturas. Assim me deixei levar na consideração das virtudes do santo, e sentira minha pobreza, mas dentro na alma senti[1477] que meu Senhor me dizia, eu pus minha alma em grande [fl. 83v.] pureza e todos os sentidos do corpo e alma empregados em Deus, que me parecia que a alma trabalhava sem cessar. E toda a alma banhada e cheia de Deus, lhe disse com grande amor e fortaleza: "este caminho é muito do meu agrado, e por ele se pode chegar onde viste o meu servo". Eu senti-me de sorte que estava para entrar à completa. Eu me arrastei para o coro, toda presa que mal se podia manear o corpo pela ocupação em que meu Senhor tinha minha alma.

Como Vossa Reverendíssima me tem dito por muitas vezes (e eu o tenho por experiências), que neste desterro não se pode gozar de Deus sempre com as mesmas forças de amor, que umas vezes mais que outras faz meu doce amor que dorme dentro na minha alma, porque ele lhe dá nota de si mesmo que ali assiste, mas deixa padecer. Assim, me fez agora que depois de muitos favores recebidos me deu um grande padecimento de corpo, e opressão da alma, mas tudo em paz e serenidade. Mas como o padecimento é grande, inda que se leve como da mão de Deus, sempre parece a minha alma que está distraída[1478] pelas diferenças que acha entre si e o Amado. Mas já o disse que meu Senhor me tem dado a entender por muitas vezes que me faz estas ausências me parece, ou as chamo eu assim quando a alma padece, que as permite para que

[1477] No original, "sinti".
[1478] No original, "destraída".

conheça que tudo é do esposo, que ele nos dá tudo de graça. Assim, dá e tira quando lhe parece, mas tudo para bem da minha alma. Aqui não faltam à minha alma notas amorosas e altas que conhecer de Deus, que deseja ela estar em contínuo louvor seu, só porque o amor a fez padecer porque conhece o valor de um amor puro, padecer por seu esposo, digo, puro pelos desejos com que vive estranha neste desterro, porque suposto ela esteja neste corpo de terra, não tenha de seu mais [fl. 84] que misérias. A alma não abraça com vontade, mas antes lhe anda sempre fugindo, e por mais que padeça, mais se alegra, porque o Senhor lhe dá tempos consoladores. Como são considerações como é de Nossa Senhora que, sendo mãe de Deus, foi vontade do meu Senhor que padecesse mais que todos nós outras coisas. Assim que a alma deseja padecer mais e mais, pois vem a conhecer o valor de padecer.

Capítulo XVI

O dia passado que falei a Vossa Reverendíssima e me disse se eu tinha já o caderno fichado. Eu como andava com desejos de deixar de escrever, deu-me pena que me falasse nele e queixei-me a meu doce amor. E lhe disse: "Amado meu, estes vossos divinos favores como os escreve esta miserável mão?". Por isso a não assento a dizer o que sente minha alma. E supus que só se dentro na minha alma pudesse estar o papel, e ela mesma escrevesse. Mas logo senti minha alma toda abrasada em fogo de amor e lágrimas, e meu Senhor me ensinava como havia a alma de andar livre para voar a Deus, toda desfeita de si nesta altura em que Deus a pôs a alma, me deu meu Senhor a conhecer muitas coisas, que a alma de gozo se desfazia toda em o querer louvar. Não se pode deter a alma em colher as flores, se não só se deseja queixar ao Padre Eterno, e perguntar-lhe por seu esposo, porque está tão viva a luz e o conhecimento de que o Verbo divino veio ao mundo só por se dar a nós todo que a alma padece muito por se ver já desatada de todo da prisão da carne. Depois, estava para estar no coro considerando no conhecimento do que era, e como desconfiava que o Senhor me não admitira [fl. 84v.] a queixa que eu lhe tinha feito de não poder escrever, e supus que não era vontade que eu escrevesse. Mas inda eu não tinha bem declarado este pensamento, senti minha alma toda derretida em amor, e me declarava que o chamar-me o Senhor que subisse "àquela altura em que te viste, é para que assim livre possas escrever". Eu toda abrasada em amor e lágrimas, não sei dizer o que passo. Amor que matas e dás

vida! Deitei-me à noite, bem cansado o corpo, e não me deixava meu doce amor dormir pela força que sentia na alma. Quero dar algum descanso a[o] corpo e não posso porque a força da alma não dá lugar como está solta, que nem nos mesmos favores e regalos se quer deter. Padeço doença de amor forte como a morte porque com desatino cuida que alguém lhe esconde o esposo.

Fui receber o amor sacramentado e não me fiquei ali com ele, senão como fugindo a sós me fui onde pudesse estar muitas horas, se o corpo pudesse estar.

Todo o cuidado é em não cometer a mais mínima imperfeição, e que todas as obras minhas sejam só agradar Deus. Mas não posso ver nem cuidar que as faça com perfeição, pelo temor que tenho de mim mesma. Só quero que o Senhor as conheça como suas, e eu que nunca entenda nem conheça senão que sou a mesma miséria, pois meu doce amor me tem roubado de toda a minha vontade e querer. Sinto-me toda desapegada de tudo o que é mundo, padecendo e gozando. Não há remédio mais próprio que desatar-se a alma do corpo, e com ânsias e suspiros pregunta a si mesma: "quando terá este desterro fim? Quando verei a meu Senhor e Pai da alma?" E quanto mais se unia a ele, passa a si e torna a ficar mais trabalhada de puro amor. Mas isto é porque o não sei amar, meu doce amor. Assim, a alma não se pode deter, nem olha [fl. 85] aos regalos que sente, nem os abraça com vontade, só mirar se alegra. Mira com que esta consideração de como estará o esposo, a fermosura do seu divino rosto, que enche os céus e terra. Entrando a alma nestas elevações, em parte fica descansando, mas torna logo a sentir umas feridas suavíssimas. Oh, delírios das almas puras, relatai-me estes amores divinos em esta pobre alma que anda metida em desatinos, porque o Amado me ensinou o caminho, mas, ferindo, me deixou. Dentro da alma o sinto, mas não me sei explicar, só de mim formo a maior queixa, que é por não acabar este desterro.

Uma noite, estando no leito, sentindo minha alma nos braços do divino Esposo, com muitos regalos que ela, sem falar, se deu a entender porque não acabava por uma vez de ficar-se ali com ela, pois de si tanto as vontades da minha alma o Senhor banhando minha alma de gozo, lhe dei a entender que dentro dela queria fazer sacrário para ali

assistir. E deixou tão fortalecida no entender que as coisas cá[1479] da terra não pôde admitir com assento, senão passá-las como coisas de ar, que se não faz caso delas.

Pela manhã fui para as matinas, que me parecia que o peito se me abria, meu Amado, e nesse dia não era dia de comunhão para mim. Louvado seja meu Senhor que me sofre, porque eu nestes dias que não comungo levo as manhãs como querer-me fazer esquecida do amor sacramentado. Mas o Senhor me prende de sorte que nesse dia não estive para coisa desta vida, ou pelo que tinha passado à noite com o Amado, ou saudades do amor sacramentado, o dia me não pareceu uma hora.

Uma quarta-feira do oitavário do nascimento da Nossa Senhora, depois da comunhão, senti minha alma em grandes [fl. 85v.] regalos com meu doce amor, de sorte que, andando muito quebrada de forças do corpo, me senti nesse tempo com saudade perfeita, que isso me causa admiração porque em um instante me sinto morrer, em outro me vejo com forças que me parecem não serem minhas. Mas, passado algumas horas, senti dentro na alma meu amor sacramentado como em braços da alma, ela muito pregada às misérias, sem querer deu-me grande sentimento porque logo a alma se queixa, logo desconfio, dizendo: "isto não é vida para escrever por cadernos", e disse a meu Senhor muitas coisas. Apertando-se a alma muito, muito, com ele, lhe dizia: "apartai-vos, Senhor, destas misérias desta alma, pois que se não sabe defender". Eu tinha visto como em sonho, estando eu no mesmo sonho chamando o Senhor e queixando-me de mim, que amor era o meu que não acabava de todo de ver esta alma desatada de tudo [o] que era terra porque eu nada de cá abraçava com vontade. Nisto vi como uma pouca de água que ia correndo, e entre ela iam alguns girinos, poucos e pequenos. Iam-se como desfazendo de todo, mas da banda de fora vi muitas coisas grosseiras, como estavam ali postas para que a alma se quisesse pegar delas, mas não lhe faziam força para que ela se detivesse com elas. E conheci que isto era o estado em que estava minha alma. Eu enquanto estava no sono fiquei contentíssima de ver que já ia dando fim às misérias, mas não quis segurar-me nisso para me descansar, e vi mais que estava aqui neste mosteiro um padre que vinha de Alcobaça, a quem nós falamos. Ele nos disse grandes coisas de Vossa Reverendíssima e afirmou diante de nós todas que ali estávamos, que em Alcobaça não havia padre como Vossa Reverendíssima nas

[1479] No original, "quá".

virtudes e em tudo o mais. Nos deixou todas metidas no conhecimento das no [fl. 86] das nossas misérias, e engrandecida a sua grande virtude. E tudo isto e o mais que deixo de dizer foi em sonhos.

E tornando a falar no que passei neste dia, que foi gozar muito de Deus, e senti-me tão forte de forças de corpo, que assim passei todo o dia e me fui para completas. E estando para entrar a coro, senti-me toda banhada de amor sem entender nada senão ver-me toda divina no sentido gozar de Deus. Mas foi tão forte que de repente me faltaram as forças do corpo, que não pude fazer nada mais que tornar-me para casa. Deitei-me, dizendo que estava com um flato que me tirara as forças. Assim passei a noite, mas com grandes regalos na alma.

E noutra noite, em sonhos, me achei [a]o pé de uma capela de Nossa Senhora, e com amor e ternura me pus a mirar aí [a] Senhora que estava com o Amado Menino nos braços. E reparando bem, vi que a Senhora bulia consigo. Eu com saltos no coração me fui com pressa aonde ele estava, com ânsias do amor Menino, mas não lhe disse nada. Mas o Amado Jesus me entendeu, porque chegando eu perto dele, abriu as suas divinas mãozinhas, e como rindo-se mas pôs em o rosto. Eu senti na alma tão grande gozo, ou não sei dizer mais, que se me durara muito que acabaria a vida, desfeita toda em amor, e muitas mais coisas que me sucedem estando o corpo descansando. Outra noite vi a Vossa Reverendíssima estar dizendo missa de longe, que mal a conhecia, mas [a]o levantar a hóstia vi-a tão fermosa e grande, que minha alma se derretia toda em amor e gozo, e sentir os efeitos como se eu comungara sacramentalmente. E no outro dia não foi para mim dia de comunhão, mas com o que tinha passado fiquei em parte satisfeita. Este sábado passado não comunguei e sentia-me toda atrabalhada, sem [fl. 86v.] rebuliço, mas não que sentisse nem supondo que era por não comungar, nem afirmo que era isso. Mas para desenganar minha alma logo de manhã meti na boca alguma coisa para haver de acomodar a alma neste desengano, e fui-me para a oração. Mas toda cheia de dores do corpo, que isto de padecer o corpo bem-dito seja meu Amado, que são as maiores riquezas que possuo neste desterro. Eu como não via modo de acomodar o corpo, porque nem à vontade podia estar, mas contentíssima, e disse a meu doce amor com grande fogo de amor: “assim é bom que esteja este miserável corpo, mas ponde minha alma longe de mim mesma e perto de vós, ou toda em vós”. E clamei: “Ó Senhor, muitas vezes apartai-me, Senhor, de mim mesma, para que só a vós ache”.

E descuidada do que tinha dito, me achei com forças e gozando do amor altamente, como eu não sei dizer. E todo o dia passei com meu doce amor, amando e conhecendo que não pode a alma nem os sentidos do corpo admitir coisa criada, pelo trato e comunicação em que a alma anda com Deus.

De tarde, estando eu contemplando na grandeza do Amado, e toda desocupada de tudo criado porque nesse dia quis falar a Vossa Reverendíssima e não pude lá chegar, e não sei se minha alma se queria afligir com isso porque logo senti dentro da alma que meu doce amor a chamava e lhe dizia: "fala comigo". O que ela sente nestes entenderes não se pode dizer mais que conhecer, e gozar, e admirar-se e conhecer-se a si.

Estava neste trato da alma com Deus, chegou-se a mim uma amiga queixando-se do seu confessor, porque lhe não fazia uma direção e outras coisas. Eu como me via tão rica de doutrina do céu, lhe disse uma coisas que nós podíamos fazer para então seguirmos a doutrina dos ministros do Senhor, para que os ouvidos da alma o [fl. 87] ouçam e ponham por obra. Fui-lhe discorrendo como o Senhor me tinha ensinado, que era dentro de nós mesmas morrendo a todo o criado, não trazer no sentido mais que ao Esposo. Um desapego vivo e forte de todo o terreno. Antes morrer que fazer uma imperfeição. Aqui fui discorrendo, e não digo mais por não dar fim o caderno. Sei que ela me pediu que fosse eu sua diretora, mas eu lhe respondi que não podia ser isso, que eu, a mais ignorante que há no mundo, que não desejo outro lugar mais que [a]os pés de todas. Mas inda lhe disse: "Irmã, quem tem doença de amor vai com o Amado curando-se, morrendo-se a si mesma, e deter-se de si quanto puder, e das criaturas". Mas não lhe disse o modo do retiro das criaturas porque eu trato com todas, mas sempre me acho só com meu Amado. Eu conheci-lhe tantas coisas que meu Senhor me estava mostrando naquela alma, que não me atrevo a dizê-las porque sou a pior de todas. Mas depois de me apartar dela, me parecia que o Senhor me estava mostrando dentro da alma o estado em que ela estava, com desejos grandes, mas tantos estrovos, e todos coisas de ar. Eu, com dores e lágrimas no coração, me fui pedir [a]o Senhor por ela e por todas porque sinto arder minha alma em ânsias de que todas sintam os grandíssimos e altos favores que meu Senhor me faz. Meu amor e meu bem, quem sois vós e quem sou eu? Oh, Amado da minha alma, tende-me sempre longe de mim mesma para que só viva em vós toda.

Dia de São Lamberto, me pôs meu doce amor em alta contemplação, tendo primeiro padecido grandes dores de corpo, tão fortes e descompostas que não tenho alentos mais que para sentir o que padeço. Assim, passo algumas horas do dia o que eu chamo distraimento, porque está a alma oprimida [fl. 87v.] que não acha liberdade nestes trabalhos. Tenho passado ou perto de um mês, mas a alma sempre alegre, inda que sente não poder o corpo fazer o que devia porque neste tempo não posso correr as cruzes pela fraqueza do corpo, nem tomei mais que uma disciplina, e veja Vossa Reverendíssima os descansos desta besta. Estas coisas são as que me fazem fugir de mim, e viver e morrer toda metida em meu doce amor, e não mirar nada criado. Confesso minha culpa, que não sou amiga de mim mesma. Amo e sirvo as criaturas, mas é de sorte que não me estorvem porque não me deixa meu Amado. É coisa certa e bem clara dentro na alma. Me causa grande admiração ver que não posso ocupar-me em coisas da terra, como falar mais do preciso porque logo sinto dentro na alma que meu Senhor me chama, como saudoso, e me dá a entender que me não me quer ver ocupada, senão só consigo. Sejais, Senhor, louvado dos céus e da terra, para sempre. Amém.

Mas tornando à contemplação que acima disse, depois de comungar senti os regalos do amor sacramentado. Eu tive suspeita que não estivesse por ali o Amado menino porque os efeitos que sentia parecia-me com os do Menino Jesus que vi no sonho. Mas não me quis deter a cuidar nisso, que não podia ir donde estava recolhida com o amor sacramentado, mas fui-me por não faltar à obrigação de freira. Mas toda minha alma levantada a alta contemplação e trato com Deus, que não dá lugar para nada da terra mais que para a caridade do próximo, sem mistura de descansar o corpo. Mas nestes intervalos sinto uma coisa, que direi com palavras materiais, que me parece como uma mãe com seu [fl. 88] filho pequenino. Que ele quer estar nos seus braços e a mãe, ocupada nas coisas de sua casa, lhe diz que: “com o acabar isto, vos tomarei”. O filho anda com ela até que ela acabe o serviço para que logo o tome nos braços, pois assim faz meu doce amor com esta ingrata. Porque ainda que assista com ela, ma[i]s [a]perta na soledade ou oração. Se deixa tanto conhecer da minha alma e a leva a gozar do amor divino, e lhe dar a conhecer as suas grandezas, e bondade infinita, com luz tão clara e suave, e saborosa e forte, que a alma se despede [de] tudo visível, e vivendo em caridade perfeita. Digo isto assim porque sente-se não com operações de criatura, senão parece-lhe que a vida que tem é angélica e divina.

Neste mesmo trato com o amor tinha passado alguns dias. Antes que falasse a Vossa Reverendíssima e lhe fosse falar, disse para minha alma: "que sei eu dizer do que o Senhor obra em minha alma?" E queixei-me e disse: "Amado, que hei de dizer [a]o padre?" Mas fui, confesso minha culpa, que o que mais me levou foi o amor sacramentado, mas fiquei de parte que não me coubera tudo.

Falei a Vossa Reverendíssima sem me saber explicar, mas Vossa Reverendíssima me respondeu e falou como se estivera vendo o que o Senhor obrava em minha alma a respeito dos vinhos adubados. Outras coisas assim humilhantes me disse claríssimas da alma. Vi-me contente louvando [a]o Senhor que, sem eu me saber explicar, ouvira da sua boca o que passava minha alma com Deus. Estando em missa do dia, sentindo os orvalhos do céu que eu disse a Vossa Reverendíssima, me mostrou meu Senhor dentro na alma uma coisa que eu não sei bem dar [fl. 88v.] a entender. Era como duas tábuas, uma da parte da alma e do Senhor, outra da parte de Vossa Reverendíssima, tão fermosas e resplandecentes. Mas digo a da parte de Vossa Reverendíssima não a vi senão depois que o Senhor me disse que visse. Eu como ficava justa com a sua, que era a do Senhor, e onde o Amado tinha minha alma, e mostrou-me como Vossa Reverendíssima tudo que obrava comigo e o que me dizia era o mesmo que o Senhor obrava dentro. Era tão reta a doutrina de Vossa Reverendíssima que o Senhor me disse, ou me preguntou, se via algum sinal de diferença. E estas tábuas que eu digo é por não ter outra coisa mais, ou prepósito, porque o que minha alma viu era tudo quanto uma pessoa com os olhos do corpo pode ver do céu. Onde me deu a conhecer os grandes bens das almas que eram dirigidas pela sua doutrina de Vossa Reverendíssima. Como o Senhor a unia a si, era de seu agrado. Mais entendi, mas bastara isto, inda que para mim foi como uma repreensão que meu Senhor amorosamente me deu, por dois motivos. Um, duvidar que Vossa Reverendíssima me não entenderia, mas pondo da minha parte a ignorância, e como a contemplação era tão senhora e serena e sossegada, não tinha eu a meu parecer que lhe dizer a Vossa Reverendíssima, senão que gozava e amava deveras, ou era amada do Esposo, que a alma dormia e descansava no leito florido, assim por aqui ou nas coisinhas[1480] como estas. A outra coisa foi dizer-me Vossa Reverendíssima que não comungava naquele dia. Eu, sem me sentir, disse: "não tem o

[1480] No original, "cousinhas".

padre dó de mim", porque estas coisas que tocam ao amor sacramentado nunca me esquece. Vossa Reverendíssima disse-me uma vez que tinha dó de mim, que quando Vossa Reverendíssima me não deixa receber o amor sacramentado logo me lembra isto: "não cabe mais". [fl. 89]

Dia de São Mateus, me senti quase[1481] todo o dia em suspensão dos sentidos, assim do corpo como da alma. Levei esse dia e os dois seguintes em amor puro. Algumas vezes que a alma de si conhecia tais efeitos que anda minha alma com desconfianças que o Amado Menino está com ela, sem que ela o veja. Sejais, Senhor, louvado!

Capítulo XVII.

Bem sabe Vossa Reverendíssima como meu doce amor me tem dado estes quatro meses de enfermidade do corpo. E já lhe dei conta de como meu Senhor e Pai de amor regalava minha alma nas amorosas visitas que me fazia, das quatro horas da manhã por alguma parte do dia. Eu chamo-lhe visitas porque é a minha ignorância tão grande que me não sei explicar e dizer como estes favores do céu se chamam, mas Vossa Reverendíssima me entenderá como puder.

Estas visitas eram como pôr-se o Senhor a falar com minha alma, com trato íntimo como era dizer-lhe que o recebesse espiritualmente, deixando efeitos de confortar o corpo para as dores que padecia, que nelas sentia júbilos de alegria na alma. E nunca satisfeita e malcontente, porque me queixava ou suspirava da pressão das dores e fraqueza do corpo, e sentia muito tratar-me com mais regalo do costumado. Todas estas queixas dizia a meu doce amor e Senhor, mas aceitava com alegria e me recolhia nos seus divinos braços, que é aonde minha alma assiste e tem entrada forânea e, por isso, reparo em chamar visitas porque eu sempre tinha [fl. 89v.] e tenho a meu Amado Esposo. Mas nestas horas acima referidas, é como dizer-me o Senhor: "esperta-te, esposa minha, que te quero comunicar parte dos meus segredos e as delícias das minhas grandezas, e o suave repouso e alegria de meu rosto, se me amares deveras". Não me atrevo a dizer coisas assim semelhantes, mas Senhor conheça-vos eu a vós e conheça-me a mim.

E quando saio desta tão excelente, doce e suave comunicação, sinto efeito de todas as virtudes. Sinto-me obrigada e agradecida até a mesma terra onde ponho os pés. Falta

[1481] No original, "quasi".

tempo para louvar ao meu Senhor, que criou os céus e terra, e criaturas que me sofrem. E me sustento um coração limpo e piedoso, num viver todo em Deus. Não há opressão de coisa criada, anda minha alma com Deus, em solidão altíssima, inda tratando com os próximos no preciso. Dentro de mim mesma me parece que já não há mundo mais que meu doce amoroso Pai de minha alma. Estes são os efeitos que sinto neste suave trato, e outros mais que agora me não lembram. E tão despida de todas as riquezas da terra, estimação e aplausos de criaturas, que o não fazerem caso de mim nem sentir desprezos. Quanto mais esquecida delas, quanto mais alegre me vejo no mais oculto buraquinho que me metera. Nesse me vejo como senhora de grandes palácios, mas sejam do céu, que os da terra não me devem nada, nem nunca cobicei riquezas do mundo. E se as tivera as dera de boa vontade aos pobres, que por esse desejo padeci na minha mocidade bastante trabalho com a gente de casa, que me diziam que eu destruía a casa para dar aos pobres. Isto agora foi demais. Vossa Reverendíssima me repreenda asperamente, e nunca me lembra que me queixasse das criaturas [fl. 90] de não me visitarem, ou me desprezarem.

Ora Senhor, tudo isto acima dito é vosso, que eu de meu não tenho senão misérias e pecados. Oh, Senhor, antes morrer que pecar! Oh, amor, quem sois vós e quem sou eu? – vos dizia o vosso servo, que direi eu, que sou a mais ingrata esposa que tendes na terra? Oh, Mãe de Piedade, dai-me o Menino Deus, que eu hoje não me rendo para vos oferecer esta merendinha, para palhinhas onde nasce o sol do mundo. Mas bem sabeis a minha fraqueza, que não tenho que vos dar, e sinto dentro na alma grandes ânsias pelo Menino. Mas vendo o que sou, não me atrevo a dizer-lhe que venha à minha alma. Vós me fareis isto que vos peço, escondidamente?

Na noite seguinte, já descuidada do passado, e nem sentia já os ímpetos de amor e ânsias, que as tinha padecido grandes, e sem fazer da minha parte força por conhecer a minha pobreza e miséria. E às vezes me faltam as forças do corpo, que a alma as destrói, e com a força que faz outras é mais brando, mas sempre é fogo de amor ardente. E acordando do primeiro sono, ou para melhor dizer, meu doce amor me acorda e me começa de fazer dentro na alma o que eu não sei explicar. E a alma se viu em tal largueza que, já esquecida de si, se achava toda em Deus, tanto as vontades no entender da minha alma gozava do amor divino e todo o sentido, conhecendo-o, amando-o e gozando-o, já por fim entrando ela mais em si, o buscou como na cruz. Metendo-se na

chaga do lado, nela achou delícias dobradas. Ela o que buscava era padecer, assim se queixou depois que nada fazia. O Senhor assegurou outra vez que lhe dizia limpeza e pureza, não tão [fl. 90v.] firme no entender como é o suave gozo e repouso, que estas coisas causam na alma. Seja meu Senhor bendito!

Passado algum tempo da noite, comecei de considerar no meu nada, com tantos favores recebidos. Com lágrimas suavíssimas, me queixava de mim mesma e tinha dentro na alma retratado tudo [o] que tinha passado com o amor. Toda metida em suave admiração, dizia: "Senhor, não vos vi com os olhos do corpo. Não vos vi nem toquei visivelmente, e tendes-me tratado como se estiveras em carne, e andareis lá no mundo às vistas dos olhos do corpo". Nestas querelas se aumentaram os favores que me fazem conhecer bem o que sou e quem é Deus, que sendo eu a mesma miséria de natureza, a mais ignorante criatura que Deus criou, muito esquecida, muitas, muitas ignorâncias para com as coisas da terra. E ver-me e entender e conhecer coisas tão delicadas e subtis, que a alma toda absorta e metida naquele mar imenso de luzes do céu fica toda esquecida, e conhece, e entende, e não se sabe explicar. Só sente que haja quem se não dê de todo o coração a Deus. É de mim que sou tão ingrata. Aqui passarei adiante de muitas coisas que me ficam atrás do Amado, que por falta de alentos as não tenho escrito.

Mas a respeito de se dar a criatura toda a Deus, sem faltar à caridade do próximo, mas dentro de si mesma, como eu já disse a Vossa Reverendíssima. Que o meu viver é nesta tenção, ser toda de Deus e viver toda para ele. Custa-me dizer isto a Vossa Reverendíssima, mas fique debaixo de confissão porque sou muito ingrata a meu Amado. Mas, estando uma manhã para receber o amor sacramentado, pensando como estava pobre para receber o Senhor dos céus, porque nem de joelhos podia [fl. 91] estar, nisto me achei suspendida das operações da criatura tirrena e toda transformada em Deus. Passei nesta suspensão espaço de tempo. Não sentia dores do corpo, o gozar de Deus era quietíssimo que daria saúde às maiores chagas que houvesse no mundo todo, principalmente as do meu amor. Ali entendi, ou me disse o meu Amado: "esta é a vida da alma, que se dá toda a seu criador". Absorta dos sentidos, metida no mar e mundo de gozo e glória de Deus, quietos e serenos todos os sentidos, amando e gozando e conhecendo. E a alma quando sua não sabe que lhe diga o amor, senão: "Senhor, eu toda vossa, e vós todo meu". Assim, me fica como retratado em tudo que os meus olhos

do corpo veem, ou as suas imagens do Senhor, ou os seus ministros a dizer missa. Sinto júbilos e carícias de amor íntimo na lembrança de que o Senhor andasse nesta vida. Aqui entra na da dos apóstolos, na pureza da Senhora, como estariam aqueles corações desocupados das coisas terrenas. Nestas considerações me examino a mim mesma, conhecendo o meu nada, e a minha ingratidão. Mas nos favores altos, que eu não sei dizer como goza minha alma, porque não tem explicação o que a alma passa com Deus neste viver, que lhe diz: "eu toda vossa, e vós todo meu".

E bem conheci que nesta vida mortal não podia minha alma estar sempre naquela habitação, tão alta e tão cheia de glória e gozo, que a alma possuía. E assim, entendia que era aquele estado comparado aos bem-aventurados neste sentido, porque a alma sempre anda com sede de mais e mais amar a Deus. Nunca está satisfeita, mas neste estado acima dito ou apontado, por [fl.91v.] por tempos goza a alma, sem susto, muito descansada, segura e satisfeita. Ora, chegou[1482] a tanto que todos os vazios da alma estavam cheios de Deus. Não vê a alma coisa que não seja de Deus, por isso não sabe dizer senão: "eu toda vossa, e vós todo meu". Assim, fecha as portas de sua casa, que são as do seu interior para que não entre imundícies e coisas velhíssimas porque aquela morada já não é sua, senão de Deus que mora nela. E como a alma sabe por experiência de seu Amado esposo, anda solícita e cuidadosa, e não se descuida, e com todas as suas forças se deseja formosear-se de flores de virtudes, e ter a casa lima e asseada. Assim, estando com estas condições, livre e desejada a casa, logo a alma conhece que ali está o Amado como gente. Ela tão descansada e assegurada, que inda nos sentidos do corpo haja[1483] algumas lembranças das coisas terrenas, porque a tentação sempre anda rastejando e dando saltos, inda que sejam em vão, mas a alma neste estado acima dito está tão fortalecida do amor divino, inda que lhe batam à porta não a abre para essas sevandilhas. E assim as despreza sem se inquietar, nem perder atenção a seu Amado porque se acha como já no fundo de todo o amor que é ser toda de Deus, e Deus todo da minha alma. Oh, quem me soubera explicar para que Vossa Reverendíssima me entendera bem porque nada sei dizer, como era sustância. Só com os desejos dou conta

[1482] No original, "chigou".
[1483] No original, "hajam".

a Vossa Reverendíssima, pois que não sei dizer como devia ser.[1484] Já vai por três dias que me acho neste estado, por vezes porque a alma de[s]ce e assobe, mas nestes dois dias tem sido tão frequente que me sinto muito absorta e suspensa e todas [fl. 92] as potências adormecidas, a oração quietíssima e serena, sem discursos nem preparação. Logo de repente se sentem as potências e toda a alma em Deus. É como estar o Senhor esperando que a alma se recolha, sem que ela trabalhe. Entende-se que são os atos de contrição e o ponto, ou meditação, as coisas necessárias para se entrar na oração, que às vezes trabalha a alma muito neste desterro, e tudo é pouco para o que deve fazer porque não vê de sua parte senão misérias, pois não sou mais que a mesma miséria. Mas dando-se a alma toda a Deus, nem a si conhece porque de si nada sabe, nem acha a si mesma, porque tudo o que tem e conhece é de Deus. Nele vive e nele morre, nele assiste e é de sorte que não sabe dizer o que sente dentro de seu peito porque é uma virtude que se não vê por fora. Mas não sei que tenho no peito, que é uma coisa suavíssima de Deus. Oh, amor sacramentado, que não sei como estou toda cheia de vós, meu Deus. E meu Senhor todo meu bem e vida de minha alma, que sois todo meu e eu toda vossa.

Disse acima que a alma não podia viver sempre naquela habitação. A meu entender, porque é tal a doçura, ou a que ela sente, ou maná do céu, que redunda em todo o corpo. E como ele é mortal, parece que em breves dias se desfaria a minha natureza, e acabaria a vida do corpo, pelos suavíssimos cheiros que o mesmo corpo recebe, que se não sabem explicar eu por ser ignorante.

Agora me quero declarar para que Vossa Reverendíssima não fique em dúvida desta conta que lhe dou. E é neste sentido que disse acima que passava adiante e deixava muitas coisas atrás, porque a alma posta no estado [fl. 92v.] acima referido não tem forças humanas que a façam de[s]cer e nem dar atenção mais que a seu Amado. E vem a ser que primeiro que minha alma receba estes divinos favores do céu, com tanta abundância e largueza, primeiro padece a alma grandes tentações. E quanto o favor é mais alto, também o tormento da alma tem sido gravíssimo. Assim andei alguns dias atribulada docemente, mas padecendo muito porque sentia a bataria do inimigo, inda que a alma a não abraça, e faz e trabalha por se defender. Deixam o Senhor padecer por

[1484] No original, utiliza-se ":" em vez do ponto final.

vontade sua e para bem da mesma alma chego, às vezes, a tanto extremo que o mesmo corpo, inda que debilitado, cobra forças como para defender a mesma alma. Mas quando Deus quer que eu padeça, as melhores forças que se pode desejar é a profundíssima humildade e conhecimento de mim mesma, que sou a mesma miséria, mas nem humildade se pode ter perfeita nesse aperto. Assim, não faço mais que dizer a meu Amado Senhor: "apartai-me, Senhor, de quem de vós me aparta. Fazei de mim tal [e] qual quereis que eu seja. Dai-me tudo aquilo que quereis que eu tenha". Assim nestas coisas e outras semelhantes, digo vocalmente até amanhecer o sol divino para a alma que não descansa, senão sempre suspirando, que nem pode com vontade ouvir falar, senão só do amor. Quando estou com as amigas de nosso Amado sinto no interior um amor suavíssimo e forte, que padeço grandes ímpetos e alegria que não posso encobrir-me, senão se é em ter a conversas em falar do nosso esposo porque a alma está já como estranha quando se fala em coisas que não [fl. 93] são do Amado, inda sem serem coisas de imperfeição.

Uma e muitas vezes me tem meu doce amor dito que já para mim não havia de haver vida de viver, que vem a ser que já não havia de viver para mim, senão toda para o Senhor. Eu sentia muito quando entendia esta linguagem do Senhor, me repetira isto tantas vezes porque eu todo ele era o meu cuidado. mas suponho que eram só os desejos como agora e sempre, pois não tenho outra coisa que atrevida sou, mas valha-me a santa obediência que me manda dar conta do que passa minha alma. Assim, depois de todos os trabalhos passados, e enfermidades do corpo e padecimentos, me pôs meu doce amor neste viver e me declarou as condições deste estado, que é suavíssimo, e amoroso e descansado porque vivo na pobreza, tão alegre e rica como se possuíra mil mundo. Já os mesmos sentidos do corpo não abraçam deter-se em coisas da terra. Governo [a] casa e busco [o] que é necessário para a gente dela, sem ter demora na atenção da alma para com Deus. Quando me falta o dinheiro para as coisas precisas, e não sei donde [e]le virá, vou para cuidar nisso e logo sinto grande esperança e fortaleza, que a divina providência acudirá. Assim, deixo isso por conta do Senhor, e eu toda vivendo em Deus. Não lhe sei dizer a Vossa Reverendíssima mesmo como isto é, mas é o mais excelente estado que pode haver neste desterro, pela alegria e largueza em que me acho. É como não sentir as prisões [d]a carne, mas digo isto agora porque me acho nisso mesmo que aqui aponto. Mas é estado que sempre estivera a falar dele e nunca

acabaria de dizer os bens que a alma recebe nele, bem os [fl. 93v.] os sabe Vossa Reverendíssima, pois me conheceu bem o que passava no meu interior, e os caminhos por onde Deus levava minha alma. Estou certa [de] que Deus o trouxera a este mosteiro só para amor desta pobre alma, e dentro dela conheci por muitas vezes que era do agrado do Senhor que eu seguisse a sua doutrina, porque no mesmo Senhor conhecia grande alegria. Sejais, Senhor, bendito e louvado para sempre.

Meu Deus, meu amor, e todo o meu bem, vós, Senhor, sois a vida de minha alma, e a alma de minha vida. Oh, suavíssimo amor! Oh, grandeza infinita! Oh, delícias de minha alma! Oh, amor que não tem fim! Oh, fartura sem limite! Amor meu, amor meu! Que quereis, Senhor, que faça, que tudo me esquece? Mas, Senhor, conheço-vos eu e conheça-me eu a mim. Mas agora tudo está escondido, pois só em vós vive a minha alma, e só a vós ama. Oh, Senhor, quem não padecerá com alegria tudo quanto for vontade vossa? Se vós, Senhor, por um instante de padecer por vosso amor encheis a alma de tantos bens, como é viver toda em vós unida e transformada em doce amor puro? Sejais, Senhor, louvado para sempre. Amem.

Por fim deste capítulo, direi a Vossa Reverendíssima o que estou experimentando neste tão suave e excelente estado em que me acho. E é que se a alma se descuida, ou quando desce, está como o inimigo esperando para a tentar. Mas a alma conhece que ele está como desconfiado e fraco. Esta noite, que é sábado, estando rezando matinas, senti a Deus. Eu disse a Vossa Reverendíssima que padecia de faltas assim que conheci que ele vinha. Sem perder atenção à reza, só dentro de mim mesma fiz tenção de dizer o que Vossa Reverendíssima me tinha dito, que dissesse contra [fl. 94] o inimigo. E logo nesse instante me achei livre, e muito boa louvei a meu doce amor, que tanta força pôs na santa obediência, que tão poderosa é para minha alma. Também digo a Vossa Reverendíssima que agora me acho com forças sobrenaturais, que minhas não podem ser. Mas que agora pudera fazer grandes coisas, se fosse vontade de Deus e de Vossa Reverendíssima.

De 5 de janeiro de 1733

Capítulo XVIII

Parece-me que neste capítulo não darei conta a Vossa Reverendíssima mais que de regalos e delícias em que minha alma se acha com seu divino Esposo. Sem entender

mais que gozar de Deus, e viver toda enardecida naquele mar de grandezas e perfeições. Já disse a Vossa Reverendíssima que depois de ter recebido o amor sacramentado, sentira em mim um toque da parte do coração da mão divina, suavíssimo e forte, que me deixou todo o dia sem sentidos para com as coisas da terra, e altos conhecimentos de Deus.

No outro dia, fui também comungar. Logo que recebi o Senhor, senti dobrados regalos dentro na alma, e mais subtis e levantados, que de todo me prendiam, digo, as ações do corpo. E dentro na alma fazia vida de muitos e mais. Bem sei o que a alma passou porque bem percebi o que passaram, mas não sei dizer. Depois, considerava eu que estado seria este em que minha alma estava, porque para ser entregue do coração já muito que é [a]ssim para ser a alma toda de Deus, e Deus todo dela já também o era. E este estar com o amor divino é mais estranhável e mais delicado, porque o corpo sente-se mais debilitado de forças, e eu toda absorta e com [fl. 94v.] elevações da bondade divina. Mas estando nesta dúvida, que não sabia que nome lhe pusesse para me dar a entender a Vossa Reverendíssima, pareceu-me que me diziam, ou me davam a entender, que aqueles favores e regalos eram as prendas e joias que dava o Esposo divino a todas as almas que o buscavam e amavam com desvelo e cuidado, já despidas e desapegadas da terra, sem sentirem nem atenderem a coisa criada, alegres no padecer por seu Esposo, com toda a mente e todo o ser de criatura e toda morta para o mundo, vivendo só para Deus fielmente a alma, com todas as perfeições que se requerem para um amante divino. Nisto, se lastimou minha alma porque no que estava entendendo se via às vezes perseguida. Mas, de repente, me disseram que isso me seria para mais merecer pelo desprezo com que deitava de mim fora tudo [o] que não era do Amado. E por fim direi o que me custa a dizer, e é que o Senhor me deu a entender com grande alegria, porque a alma também está nestes grandes favores como vergonhosa e, por isso, o Senhor a trata com mais confiança e largueza, fazendo-se como se fora a minha alma seu amor. Por não fazer este capítulo maior, só considero que o Senhor se fez Homem por meu amor, e eu tão ingrata. Mas torno a referir o que conheci no Amado, que foi dizer à minha alma: “não te admires, e vê e conhece o que tenho para ti, como se tu foras só a que criei no mundo”. E nisto estava minha alma ornada e enriquecida com regalíssimos e suavíssimos dons do céu. Via em si todas as virtudes que o Esposo desejava nas suas esposas, que são todas as almas com aquelas condições que acima referi, inda as não

pus todas quantas conheci nos olhos do amor divino. Só digo que o amor divino que é delicadíssimo, mas muito grandioso. Mas [fl. 95] confesso de mim mesma que eu vi minha alma naquele mar de grandezas, e perfeições e de virtudes que em si viu. Mas, tornando a si, ficou com mais cuidado e temerosa, temendo não se descuide por se ver no perigo da carne mortal. Assim, me acho como quem deve grandíssima dívida, que não pode cuidar em noutra coisa mais que buscar modos e meios por onde não venha a faltar, pois só isso é o que teme.

No outro dia, que era véspera de Nossa Senhora do Desterro, passei todo o dia enardecida e absorta em o trato íntimo e comunicação de meu Esposo Jesus Cristo. Acabadas vésperas, me fiquei no coro por algum tempo, dos sentidos do corpo como morta, e na alma muito viva. Por fim, pedi licença a meu Amado para ir fazer uma caridade, que era ensinar uma pessoa, e passando os sentidos a que nesta caridade me acharia com algum estorvo. Senti que minha alma desembaraçadamente levantava os braços ao Esposo divino porque ela todo o dia tinha estado descansada, ouvindo, e escutando, e entendendo, e gozando da suavíssima doutrina do céu porque a alma que desembaraçadamente vive neste desterro das coisas da terra vê-se na terra, mas goza com os cidadãos[1485] da corte céu. Isto me disse meu Amado, e mais coisas, que algumas irei referindo se as souber explicar, porque só no mesmo ato de luz se pode em parte declarar alguns favores mais conhecidos para a minha ignorância.

No estender a alma os braços com ligeireza e confiança era pelo [o] que seu Amado lhe tinha comunicado, porque ela se achava já senhora e de posse de tudo que é de Deus. Que o mesmo Senhor, sem se falarem, lhe tinha comunicado e lhe dizia, sem serem falas, o que se diz nos Cantares: "vem filha minha, *delecta mea*. Sobe mais alto!". Estava a alma em [fl. 95v.] entendendo que o Senhor a fazia senhora do céu com uma certeza i[n]violável de o possuir para sempre. E tão penetrante se me infundiu na alma, que ela estando naquele mesmo ato que eu lhe chamo "o corpo adormecido", vão-se indo os dias como em elevações. Porque de tal sorte descansa minha alma, que nem os olhos do corpo dão atenção a coisa que se passa neste desterro.

No outro dia, que era o da Senhora que se festejou, me sentia com forças sobrenaturais, que o Senhor lhe tinha dado naquele abraço com que a alma o buscou. Porém, ela não

[1485] No original, "cidadões".

se virou a seguir o corpo, como já em cima disse, senão sem falar lhe disse: “Amado, como me deixais ir a trato de criaturas?”. Conheci que o Senhor lhe aceitou e se compadeceu dela com puro amor, pondo-lhe uma fortaleza suavíssima, vivendo dentro si mesma na comunicação do Amado, como dizendo-lhe o Senhor: “Aqui estamos ambos, não nos tiremos daqui”.

Assim passei o dia de nossa Senhora do Desterro com delícias amorosas, doces e amáveis, que me parece ousadia e atrevimento pronunciá[-las] minha língua. Algumas que me ficam mais claras dá-las a conhecer porque são tão delicadas, que se não podem alcançar para se praticar. Mas o Senhor me dê licença e a santa obediência me ajude, que se me vierem estas divinas flores em hora que as possa escrever e tempo de fazer por terem tão repetidos estes amores, que os faz à minha alma que não tem outra vida, nem sabe buscar nem desejar coisa alguma fora do seu Amado Esposo. Venha o que vier que nada se lhe pega, inda que haja rebuliço, está ela tão entranhada no seu todo bem, que é Cristo Jesus, que nada lhe pode estorvar tão grande bem, como é estar de posse dos bens do céu.

No oitavário da Epifania, me achei muito aquebrantada de forças de corpo, padecendo inumeráveis dores e [fl. 96] e os favores dobrados. E eu, duvidosa no que gozava na vida que fazia, porque me achava como esquecida e sem liberdade, nem desejo de buscar, nem ir onde estão algumas imagens dos santos e do meu Senhor, senão só a amor sacramentado, pondo-me com os olhos do corpo e com toda a mente empregada no sacrário da capela-mor. E assim onde estão os ministros do Senhor, dizendo missa, quanto que é vir a Deus. Sinto dentro na alma tantas delícias e amores que fico com o Senhor como se ele andara cá no mundo. E a alma toda unida e abraçada com ele, senti[n]do os efeitos do céu naquela certeza que aquele amor é o que ela ama e busca, e que neste desterro não tem outra coisa para onde se apega com vontade. Assim, ver o amor sacramentado com os olhos do corpo se está a alma recriando, dizendo: “este é todo o meu bem. É o que tenho nos céus e terra".

Tornemos à dúvida que atrás referi. Estando com temor da pouca diligência, ou esquecimento de não buscar as imagens, senti de novo grande recolhimento e suavíssimos regalos. E neles entendia minha alma que lhe dizia o Senhor, ela a conhecia pela grande reverência e humildade com que o Senhor a vestiu e encheu de virtudes, e lhe disse: “aqui já não há nada de criatura. Não é nada teu. Esta morada é minha, assim

que a levareis por onde eu quiser". E isto entendi porque eu farei queixas de mim por me parecer que esqueci muito de buscar as santas imagens. Mas o Senhor me assegurou que ele fora o que me levara para o coro, sem ir a outra parte. Neste tempo conheci o que encerra dentro de uma alma que é templo da Santíssima Trindade. Não digo que seja isto em [m]im. Eu não a tenho porque é toda de Deus, mas pode-se venerar se fora conhecida, não por [fl. 96v.] por ela, mas pelo que nela assiste. Isto não é meu, mas tão absorta me achei nestes conhecimentos de Deus que dentro de mim supus que se soubesse quem eram estas almas porque supus seriam muitas, inda que haja[1486] muitos pecadores. O Senhor é liberalíssimo para quem de todo se entrega a ele. Aqui me deu o Senhor uns documentos em conhecer os seus escolhidos. É comprido, basta referir duas partes. A primeira nas ações da criatura, segunda no falar no trato. Com tudo isto me declarou o Senhor com miudeza, e aqui não entrava na alma crividades (sic). Era só trato do Esposo divino com a sua esposa, que ele lhe está comunicando cada vez mais dos seus segredos divinos. Assim, a leva detrás destes soberanos, cheirosos aromáticos, que a faz sair de si e de tudo que é terra, não só nas obras, mas inda nos mais leves pensamentos de coisas criadas.

Outro dia, me achei mais metida na terra das minhas misérias. Isto era de manhã. Eu como já não são aqueles pensamentos para minha alma senão cruz pesadíssima, começou de trabalhar com atos de humildades, e outras coisas e amores que se dizem ao Senhor para que nos socorra. Porque então já minha alma conhece por experiência que é tempo de ela trabalhar com todas as suas forças, porque então não está a alma nos braços de seu divino esposo, então trabalha ela para se recolher neles. Mas neste tempo vi dentro na alma o amor todo feito uma chaga, e muitas que a alma as queria curar. Mas não acertava, só se ofendia a padecer tudo que o Senhor que fizesse e fosse vontade sua. Mas, Senhor, dai-me mais amor! E todo o dia trouxe dentro na alma esta representação do amor chagado, sem cá fazer diligências pelo ver tão lastimoso.

Cheguei à noite, já eu me sentia tão cheia de dores que não pude de ficar a [fl. 97] a matinas, que da cabeça até o pé me sentia dorida. Mas a alma alegríssima com vontade de abraçar inda maiores tormentos, mas pedindo sempre mais amor, porque sem esta

[1486] No original, "hajam".

faísca[1487] desfaleceria a pobre alma. Assim, com estas dores, fui [a]o coro à missa do dia, padecendo e gozando. No fim do coro, me disse meu doce amor que levasse de aquele fruto que a alma tinha trabalhado. Era como uma pessoa que, trabalhando em um jardim onde há excelentes frutas e gostosas, e o dono contente do serviço que a pessoa lhe tinha feito [n]aquele dia lhe encarregou das melhores frutas que tinha nele. E o Senhor dizendo-me isto não como eu aqui o dou a entender, senão como minha alma o estava gozando e recolhendo, que não sei eu dizer. E a alma não via coisa alguma em si para que recebesse tanto como o Senhor lhe dava. Assim, emudecida, encolhida, e carregada dos bens do céu, se retirou do trato e companhia das criaturas, não por haver perigo nas conver[sa]ções delas, porque nem o corpo as desejava mais que solidão e retiro porque a força da alma o levava, porque ela era ou estava entranhada no amor. O que ela passa neste retiro inda não acho os termos por onde darei conta a Vossa Reverendíssima.

Passados alguns dias de padecimentos da alma e corpo, porque já Vossa Reverendíssima sabe que quem muito goza que primeiro há de padecer bastante, não só para sair a ferrugem, mas para que a alma fique descarnada inda da mais leve imperfeição, e de todo o criado. Já eu disse a Vossa Reverendíssima os dous motivos que o Senhor me deu de padecer com abundância. O primeiro nas enfermidades do corpo, que são grandes e maiores os merecimentos de receber favores dobrados. O outro é terrível, que atormenta minha alma sem se inquietar, que é o trato de todo o visível, porque dando-nos [fl. 97v.] o Senhor as coisas da terra como sustento, o vestir e cama para o corpo formar alentos, não posso abraçar isto com vontade porque sinto sempre a alma com tal desprezo para estas coisas, e desapegada delas, que lhe servem de tormento, por ver que por força há de usar do preciso. Eu me queixei e disse: “Senhor, vós nos destes este remédio para usar deste preciso”. O Senhor me disse: “sentes tanto trabalho porque já não vives senão em [m]im, por isso te custa tanto o que possuis da terra”. Vi que a minha vida era toda em amor divino. A isto senti-me que me chamava o Senhor com força, e puxava por mim para o retiro que acima disse. E eu estava como remissa em obedecer, mas, como já disse, até o corpo foge para o retiro. E eu disse para mim: “grande tirana sou”. Chama-me meu amor e eu sem acabar de fechar os olhos e deixar tudo, pois nele

[1487] No original, “faisqua”.

acho tudo. Assim, me lancei nos seus divinos braços, morta para com tudo criado, que é as criaturas que me querem na sua companhia por algumas horas porque são tão boas que me querem ter consigo.

Neste retiro da alma e corpo, gozou minha alma como se não sabe explicar, descansou minha alma transformada toda em Deus. Disse-me meu doce amor: "vês isto? Pois é o estado mais pobre e descansado que nesta vida podes ter". Aqui toma o corpo forças, pois se o corpo cobra forças, inda são dobradas as que Deus põe na alma para vencer os três inimigos: mundo, carne, diabo. Oh, ditosa alma, que se vê no trato íntimo com Deus, estando na carne mortal toda satisfeita de fome e sede que tem de Deus, já sem ânsias nem suspiros. Bebe com largueza da fonte divina, sem conhecer mais que Deus as suas grandezas, a sua misericórdia. Mas não está sempre neste ato, e nele tem grandes elevações da [fl. 98] da bondade divina. Nem conhece nem sente estar neste desterro porque está satisfeita. Mas descendo, logo sinto padecer grandes delíquios de amor porque minha alma já tem de hábito a vida do amor, aquele abraço de Deus puro, vendo-se a si mais metida nas coisas da terra. Isto é interiormente, coisa pouca que seja, trata o Senhor com ela como detrás da cortina. Assim sente a alma fortes ímpetos, suspira e deseja, grita, porque o Senhor lhe parece a ela que está tão perto que pouco falta, assim, nos dias [em] que não comungo.

Estando nestes delíquios, é muito o que padeço amorosamente, e achando-me sempre indignada de o receber, amiúde já conheço que esta enfermidade que nasceu comigo, pois este divino manjar e maná do céu é toda a minha alegria e consolação. É a mesma de portas adentro, alma sem ver os cortesões do céu que assistem a este divino sacramento. Goza daquela companhia como se os vira com os olhos do corpo.

Dia de São Sebastião, recebi de meu Senhor grandes favores e regalos, que de todo me perdia [de] mim, e me achei toda em Deus. É o que posso dizer deste dia. [As]sim, me achei falta de forças, mas tão subtilmente que o corpo parecia-me uma pena de leve.

Custa-me resistir à força que sinto de puxar o Senhor por mim para o retiro. Eu como já disse, não pode sempre ser por acudir ao próximo. Nesta consideração me disse meu doce amor dentro na alma: "aqui é que hás de assistir sempre". Eu supus que era na igreja, dentro do coro, e que ali morreria. E assim o disse ao Senhor visto isso: "aqui acabarei a vida". Mas meu doce amor me deu a entender o que era isto. Era a alma que, já mortos todos os sentidos do corpo, só se pode usar de caridade com os próximos a

alma com o meu Senhor, [fl. 98v.] porque no exterior não está capaz para trabalho de mãos. Assim, passa a alma o mais do tempo transformada toda em Deus, em vida descansadíssima, e isso a obriga com maior força a padecer pelo Amado. Goza com sossego, mas conhece a sua miséria. Humilha-se e põe-se no seu nada, mas tornando [a] entrar no sono da contemplação já não sabe de si. Oh, ditosa alma, que despida e descarnada dos bens da terra e de si mesma goza das delícias do céu! Mas é necessário usarmos do preciso com tanto desapego, que nos livra o preciso de cruz pesadíssima, por ser necessário usarmos dessas coisas. Mas sem muito padecer não se goza de Deus. Limpamente padecendo por o amor divino, com paz, serenidade e alegria, é grande bem para uma alma. Não repare Vossa Reverendíssima por eu dizer isto assim, que o não faço por ensinar, senão para que Vossa Reverendíssima conheça o que passa minha alma. Porque me não sei explicar de outra sorte, mais que dizer a Vossa Reverendíssima que vão por quinze dias que meu Senhor chama minha alma com força para o retiro. E entrando nele, descansa a alma nem sente força de amor. Já disto tenho dado conta, só não disse que entre tempo e horas sinto bastantes padecimentos de corpo e alma, falta de forças ou fraquezas. Me sinto com muitas forças que Deus as comunica na alma. Ela arda o corpo por vontade do Senhor. Grandes bens recebe a alma de Deus, estando de todo esquecida de si e de criaturas.

Outro dia me ocupei em o trato de criaturas preciso. Depois fui para o coro. Logo começa a minha alma a gozar do trato dulcíssimo de meu doce amor, em tanta abundância de regalos que minha alma, por conhecer a sua miséria, se envergonhava de os receber. Mas o Senhor lhe dava [fl. 99] a entender, com muito amor, que acabasse de ter já outro trato mais que com ele. Eu me pus a chorar pela minha miséria, ou de amor que sentia dentro na alma. Mas como não tinha recebido neste dia o amor sacramentado, estava muito acanhada. Não sei que me falta nestes dias, mas o Senhor me deu a entender que fora de Vossa Reverendíssima não admitisse outras conversações. E aqui começava minha alma como ouvindo a sua doutrina, e o Senhor como agradando-se muito dela, e como quem me dizia: “aqui não se fala senão de mim”. Não se mostrava ofendido do mais trato que eu tenho com as criaturas, mas neste de Vossa Reverendíssima me dava a entender que era fogo que acendia e puxava pelas almas para o mesmo Senhor. Assim, fiquei nesse dia com tão grande fome de retiro de criaturas que me fui para o leito gozar com abundância de meu amor.

Capítulo XIX

Depois que falei a Vossa Reverendíssima e me disse que fosse eu para onde me chamava meu Amado, ficou minha alma tão segura neste mandato, que meu Senhor lhe começou a fazer maiores favores porque já se vê como solta e desembaraçada para os chamamentos de meu Amado Esposo divino. Assim, goza minha alma com grande abundância. Nisto, me deu meu Senhor a conhecer o valor e estimação que devemos fazer da santa obediência e de tudo que mandam seus ministros. Porque sendo este Senhor o que puxava por mim o mesmo que é agora, já conheço a diferença que se mete. Porque dantes misturavam-se, por vezes, algumas desconfianças da parte da alma [fl. 99v.] por se não fiar de si, ainda que se via toda em Deus, mas a [p]adecer. Como não merece nada, logo se acanhava e não se aproveitava do retiro com largueza. Mas agora me parece que meu Senhor me disse dentro da alma: "vês, mando-te os meus ministros. Já não tens que duvidar". E neste dia tenho sentido íntimos e divinos abraços de meu Senhor, e gozando de um modo e largueza que me falta só vista clara de meu Senhor.

As prendas que minha alma recebeu neste dia de meu doce amor é uma profundíssima humildade até no exterior, e sinto grande, um grande desejo e ânsia de obedecer em tudo que a nossa religião e prelados nos ordenara. E grande sentimento de que haja quem não abrace com vontade tudo o que manda a santa obediência. E confesso minha culpa, que se magoa minha alma muito, muito, muito, quando vejo alguma pessoa se queixou-se de tal coisas, ou diz que não há de observar as leis. Valha-me Deus! Só disto me não posso deixar de escandalizar[1488] e lastimar-se minha alma muito. Porque o amor de meu Senhor e Pai de minha alma é tão grande que não pode haver nesta vida trabalho algum que se não abrace com vontade, ainda que a natureza repugna, por gozar de um amor divino, mas Amado. [D]eixo aqui o que nós somos. Então queixamo-nos que temos muitas misérias, que não podemos comungar sem nos confessarmos todos os dias, e tudo isto nos vem da pouca cautela com termos falado no que não está por nossa conta, senão pedir a[o] Senhor dê luz a quem governa, para que [s]e faça tudo para glória e honra sua, e nos deixarmos estar dentro de nós mesmas, no trato íntimo de nosso Esposo divino. Pois que a santa obediência nos não manda para onde nos seja preciso

[1488] No original, "escandelizar".

tratar com coisas de terra. Tratemos com as do céu [fl. 100] dentro de nossas almas, limpas e desocupadas, se fazem um céu de glória, que faz morrer todos os sentidos e apetites do corpo miserável, que já se não deseja mais que o amor, e amar mais e mais. Uma limpeza na alma que dando o Senhor lugar para que me conheça a mim mesma, e cobrar a alma forças, desfeita toda em amor divino se esconde no mesmo Senhor.

Agora direi a Vossa Reverendíssima o que meu Senhor me tem feito estes dias. Depois de eu ter padecido grandes trabalhos, a boca calada, mas dentro na alma me deu uma doença de amor, que estava minha alma feita uma chaga viva. Fui-me para a oração. Assim que cheguei, achei meu doce amor falando com minha alma, na minha substância[1489] da alma. A meu entender era como uma pessoa com outra, que se veem com os olhos do corpo. O que passaram, não sei eu dizer. O mais claro era conhecer a alma no Senhor a grande alegria com que ele padeceu pelos Homens. E minha alma encostada no peito divino do Senhor, bebe-o com abundância da fonte divina. É só o que posso dizer. O menos do que darei conta a Vossa Reverendíssima, que de todo me deixou morta para com o visível. Umas lágrimas vivas e prontas nos olhos do corpo, não falando nas da alma, para chorar pelo amor divino. Um cuidar no amor sacramentado são rios de lágrimas. O dia de o não comungar são os olhos duas fontes, sem saber como isto é, porque não tenho desejos, nem ânsias mais que sentir-se serenamente, toda enardecida e suspensa, como uma louquice arrematada. A alma toda cheia de Deus, e não satisfeita, como outras vezes se acende. Mas agora sinto-me arder em chamas vivas de meu Amado, e quanto mais a alma se vai a Deus, [fl. 100v.] quanto mais o fogo de amor divino[1490] é maior, que só considerar se agora se desatará[1491] minha alma deste cárcere mortal, e se verá livre da prisão da carne, tivera minha doença e remédio, pois não haveria para mim dia de maior alegria e contentamento. E dentro na alma sinto neste desejo grandes alegrias, parecendo-me que tenho quem me ajude a festejar este ditoso dia. Oh, meu doce amor, que não tenho senão misérias! Mas eu já não posso estar às vistas da vossa divina[1492] vista clara, e se isto são delírios ou distraimentos e relaxação minha, perdoai-me, Senhor, por quem sois, pois me trazeis tão mimosa nos

[1489] No original, “sustância”.
[1490] A palavra aparece rasurada no “e”, tendo este sido corrigido por cima e substituído por “i”.
[1491] No original, “desetará”.
[1492] Acontece a mesma correção descrita na nota anterior.

vossos divinos braços que já de todo não sei de mim, e tudo me faz como fastio santamente. Tudo [o] criado me faz padecer em me inquietar porque a alma está tão pronta para a caridade do próximo, e humilde para todas as criaturas, mas sente-se tão desapegada dela[s] que se vê como aborrecida. Assim, não cessa de pedir por todas, e tomando por sua conta para com Deus aquelas que sabe que estão em maior necessidade, assim na alma como em algumas necessidades do corpo. Que eu possa socorrer[1493] com a minha pobreza, mas para lhe assistir sem grande necessidade não estou para isso.

Já eu disse a Vossa Reverendíssima no caderno passado que meu Senhor puxava com força por mim para o retiro, mas agora não sinto que me chame, senão que a alma não sabe já de si mais que achar-se neste retiro com Deus sem ser chamada, mas que não ser satisfeita. Hoje, que é domingo, me tem meu Senhor feito grandes favores, mas tão sutis. Depois de comungar e ter gasto toda a manhã com meu Esposo divino, me senti ainda mais abstraída dos sentidos do corpo e sem orações exteriores livres para o trato preciso, e pensando nisto, que com nada [fl. 101] desta vida poderia satisfazer este fogo de amor, disse-me meu Senhor dentro na alma, com clareza no entender, isto: "Filha, é como uma cidade onde apega o fogo por todas as partes, que por mais que trabalhem não há neste mundo forças para que o façam aplacar. Assim, até não abrasar tudo, não descansa". Neste descanso, entendi que o Senhor me dizia que era como minha alma saísse deste desterro. E com mais clareza que, no seu divino amor, se ia desfazendo tudo que era criatura, e que em amor levaria minha alma. Não me sei declarar bem como eu o conheci. E mais meu doce me disse estas coisas com tanta alegria e agrado que não há palavras com que se possa encarecer. E no que me disse, que o fogo pegava por todas as partes, era dizer-me que já dentro de minha alma não havia mais nada, digo, entrada mais que para o meu Deus, assim nos sentidos como em todas as minhas ações e potências, o meu espírito estava unido ao Senhor. Eu senti uns segredos delicadíssimos, como escondidos da minha alma. Assim, estava meu doce amor com[o] quem se está rindo, vendo-me e enten[den]do-me que eu estava buscando modo para satisfazer o amor de um Deus. Grandes coisas recebeu minha alma. O Senhor as dê a entender a Vossa Reverendíssima, pois que eu não posso por ser ignorante.

[1493] No original, "secorrer".

Dia de Santa Apolónia, me fez meu Senhor grandes favores, e eu como o recebi sacramentado, estava minha alma mais quieta. Porque nos dias [em] que o não recebo ando vendo onde me ponha bem retirada de gente para dar gritos pelo Amado, pelo fogo de amor em que me sinto arder, e não dá lugar para menos. Mas neste dia me senti [fl. 101v.][1494] tão adormecida dos sentidos do corpo, [d]a[s] ações para sentir trabalho algum com coisa desta vida, senão toda livre e desembaraçada, com uma viva lembrança para pedir ao Senhor licença para todas as ações, ainda no abrir dos olhos. Assim pensei que estado era este em que estava minha alma, porque padecendo no amor lhe parecia que não padecia, e padecia sem saber como padecia porque gozava sem limite. Mas o Senhor, com a mesma alegria costumada, me disse: "não te disse já que isto é uma cidade que se queima por todas as partes?" E eu estava como vendo o que era o que já acima apontei, que era estar a alma toda livre, e desocupada de tudo que é o mundo, e não sente trabalho nas coisas da terra. [Não] sei [se] é uma grande necessidade de receber o amor sacramentado, ou é fome e sede que tem, porque de outra coisa desta vida não faz já menção. Isto me disse meu Senhor dentro de minha alma depois de o ter recebido. Estando-me fazendo mil mortes me disse que só de o receber eu havia de ter necessidade. Mas eu como sou tão ingrata, faço muito sem poder querer-me esquecer e não cuidar no amor sacramentado. Mas de que sorte se as portas da alma estão sempre abertas para receber este divino Hóspede, e tão desocupadas e livres e desembaraças que é preciso sentir minha alma saudades deste divino amor vivo.

Outr[o] dia não era de comunhão para mim. Quis estar na cama mais um pouco e não podia. Depois fui para o coro, sentindo-me toda exardecida (sic) e com grande desabrimento, santamente, com as criaturas, que dentro de mim mesma não podia [fl. 102] admitir lembrança de coisa criada. Assim gastei o dia todo em uma suspensão de sentidos, e vivendo no trato íntimo e abraço de meu divino Esposo, que para acudir às minhas obrigações me custa, e para fazer algumas devoções, como é rezar o rosário, e algumas estações e atos de caridade, deixa minha alma os divinos braços de seu Deus. Mas acabado o serviço torna [a] achar o mesmo lugar docemente amoroso, onde descansa minha alma. Mas para chegar a esta ditosa vida em que ela está vivendo, me disse meu Senhor um dia depois de o ter recebido, que acabasse já de morrer de todo

[1494] Este fólio apresenta uma breve nota na margem esquerda, em cujo conteúdo se lê "jesus".

para tudo desta vida, mas não só no exterior, mas também no interior. Eu entre o fogo de amor que sentia, por ser coisa do Amado, causou-me temor santo, e com muitas lágrimas de amor assentei comigo, pedindo ao Senhor o seu divino favor, que me ajudasse a fazer e começar vida nova, com aquela pureza e limpeza que o divino Esposo quer de nós.

Neste desejo achei pobríssima minha alma, e carregada de favores do céu, porque nem bem me podia desembaraçar nas ações para os atos exteriores. E sentia-me algumas vezes como duvidosa de receber tanto, vendo que nada fazia. Aqui me falou meu Senhor dentro na alma com mais clareza do que o sei aqui dizer. Animando-me muito me deu a entender: "tudo quanto te dei, tudo me dás. Não me escondes nada, nem o gastas com coisas criadas. E as poucas forças que tens, todas as empregas no meu serviço. Sentes não me poder pagar tudo que me deves, não ficas a dever por não querer pagar, senão por não poder. E não estás satisfeita, ainda que me pagaras, [fl. 102v.] senão querias-me dar ainda muito mais do que me deves, e não podes, por isso te envergonhas de receberem uns favores. Não temas, que eu sou Senhor dos céus e terra. Dou como rico e tu como pobre, [como] se um senhor tivesse um criado que trabalhasse para ele com desvelo e cuidado, e lhe desse quanto tinha a seu senhor, sem deixar para si coisa alguma. Deixará seu amo de ter cuidado dele, não o deixar padecer necessidades?" Eu, toda derretida em amor, não sabia minha alma que dissesse, senão humilhar-se e louvar [a]o Senhor, e tornar-se a recolher nos seus divinos braços. Mas não foi isto de mim, por isso dou conta a Vossa Reverendíssima, inda que pouco tenho dito do muito que minha alma ouviu do Senhor, que era a respeito de não ter forças para poder fazer todas as minhas obrigações, assim de cristão como de religiosa, e querer nesta Quaresma fazer mais alguma coisa. E como meu Senhor me tem neste retiro de mim mesma e de tudo o criado, anda este miserável corpo como morto em todo o sentido, que não sei como me sinto com forças.

Outras vezes, como desemparada da minha alma, se quero cuidar como me sinto, logo estou como vendo que esta carne podre que é da terra. Causa-me fastio este desterro e a alma se recolhe com força e o desempara, mas sem ele nesta vida mortal não pode passar. Mas tratando dele com cautela, supondo que é inimigo, de portas adentro que é necessário o tratar senão com o preciso.

Outro dia, que era domingo, depois de ter comungado, me fez meu Senhor grandes regalos. Toda a manhã passei como ouvindo e entendendo o que o Senhor dizia à minha alma, o que se diz nos Cantares. Não se encontrava coisa desta [fl. 103] vida porque já a alma nos olhos do Senhor era formosíssima. Assim passei toda a missa do dia, sem conhecer-me mais que ouvir do Senhor: "toda és minha", e outros amores que eu não sei dizer. Mas saindo destas suspensões, sinto grande alegria na alma e corpo, que me custa encobrir.

Saindo das Vésperas, me pus ao pé de uma cadeira do coro, olhando para as servas do Senhor que ali estavam sem cuidar em nada. Mas meu doce amor, que me ama mais do que eu a ele, porque sou uma ingrata, me disse com muito amor, e alegria: "deixa, filha, tudo para mim, que quero estar sempre contigo". E com estas palavras sinto tão grande fogo de amor, que me desfaço em lágrimas e humildade. E, às vezes, sem me sentir, me acho sem forças.

Mas tornemos ao que o Senhor queria de minha alma, que era estar-lhe fazendo regalos, o que ele mesmo lhe disse: "quero-me regalar contigo". Mas eu não me atrevo a pôr aqui estas coisas tanto às vistas como a alma as recebia. Passei mais de uma hora com meu Senhor em regalos e delícias. Foram tantos os seus divinos favores que até nos bens do amor sacramentado me comunicou as suas doçuras do céu. Mas mostrou-me como era delicado este trato que tinha com minha alma, e me disse o Senhor que tudo fora dele era estrovo no meu trato santo que se tinha com as criaturas, e que por isso me chamara. E como não posso aqui dizer todas as circunstâncias, digo que há de estar a criatura morta em todo o sentido interior e exterior. Todas estas coisas me declarou meu Senhor, dizendo-me o mesmo que eu o tinha padecido primeiro. Me deu um amor impaciente e muito[1495] forte. Pôs-me em grande fome e sede de o receber em um desatino que só [se] acabara a vida do corpo ficaria minha alma satisfeita. E detrás de tudo criada disto um grande [fl. 103v.] padecer e desabrimento de tudo [o] criado. Das mesmas criaturas santas e boas não poder me deter, com o pensamento em coisa que não fosse do mesmo Senhor. Daqui me passou a pôr-me à sua divina mesa, e dar-me dos seus divinos vinhos, e conversando com minha alma e ela com ele, que vem a ser trata Deus de minha alma e ela do Amado, falando ambos. E está ela lembrando e

[1495] No original, "mui".

pedindo por todos, e isto tão fundamente, mas sempre a alma lhe diz: “Senhor, sou pó e cinza”, e se humilha. Aqui se aumentam os favores com palavras que já tenho dito, que são as dos Cantares. Se eu escrevera por outra alma a quem o Senhor também fizera estes favores, eu as pusera aqui sem me acanhar. Mas a mim mesma parece-me atrevimento, e sendo que meu Senhor me dá muita largueza, mas eu sempre sou a mesma miséria.

Como Vossa Reverendíssima me disse que não fosse à Via Sacra sem sua ordem, lembrei-me do tempo passado. Como o padre capelão me fazia padecer tanto pelo Amado, por me ir à mão o muito que eu queria fazer pelo Senhor, e nada fazia. E sou tão atrevida que me parecia que não fazia bem, mas ao mesmo tempo me disse meu Senhor, não sei se era repreender-me[1496], mas eu, como sinto logo a alma derretida em amor, não entendo se são repreensões[1497]: “ele te meteu toda no meu trato por te quitar às devoções e penitências. Tirou-te da vida e trato que querias dar por mim exteriormente para que te recolhesses [a]o trato íntimo comigo. Mas nem todas as almas se podem levar por este caminho sem grande luz minha porque é fácil afrouxarem. Mas tu nunca me deixaste. Sempre suspirando e padecendo me foste buscando, por isso te dei quem te levantasse aos meus braços”, que era Vossa Reverendíssima, e me lembrei que o [fl. 104] o Senhor do tesouro me tinha dito nas vésperas que Vossa Reverendíssima havia de vir a este mosteiro. Me tinha o Senhor dito: “cuida tu em mim, que eu cuidarei de ti”. Assim, me esteve dizendo agora: “eu não faltei de cuidar em ti”. Amado de minha alma, como se não desfaz este corpo de misérias com o fogo de amor que sente minha alma com estas coisas que me dizeis? Mas me disse o Senhor que eu fizera padecer muito o meu confessor para amor do mesmo Senhor, no mesmo que me não deixava fazer. Mas o padre nunca tal me disse. Eu não ponho aqui neste caderno tudo [o] que meu Senhor me disse a este respeito. Se me lembrar para o outro direi o mais por não dar fim a este que tenho, para dizer a Vossa Reverendíssima o que passei esta noite com o menino Deus.

Sábado, o primeiro da Quaresma, estando na cama me descuidei a cuidar em coisas desta vida, sem serem mais quando de respeito senti dentro da alma correr o meu

[1496] No original, “repriender-me”.
[1497] No original, “repriensões”.

menino. Que não sei se disse já a Vossa Reverendíssima que tenho um menino des[de] que vim para este mosteiro, em um bercinho dormindo, ao pé da minha cama, e para ele tenho aí nela canteiros com flores para lhe pôr na sua caminha.

Mas sem me lembrar quando a alma o viu correr se foi detrás dele. Ele era do mesmo tamanho do que eu tenho, supus que era ele. E o menino lhe fez grandes regalos em termos que adormeci. Pela manhã, vim para o coro toda cheia de favores e regalos. Antes de entrar [a]o coro, disse a meu Senhor Amado de minha alma: "vesti-me de humildade, pois fiais de mim os vossos tesouros". E dentro da alma dizia: "nada dei, tudo é de meu Amado". E depois de recebido me disse [fl. 104v.] meu Senhor, com muito amor, grandes coisas. E em todo o dia que me pareceu que o sustento que dei nesse dia o corpo foi demais porque ele podia passar sem comer (só muita sede senti). Forças nunca as tive como neste dia. Confesso minha culpa, que nem lição pode caber porque a que sentia em minha alma era sobretudo que está em livros. Disse meu Amado: "sabes para que esta noite corri dentro de ti? Foi para te quitar os estorvos em que te estavas metendo. Viste-me despido, mas é para que conheças que te quero despida de tudo criado para te dar estas joias de que te vês ornada. E eu só hei de ser o que hei de ocupar todos os teus sentidos". E com isto sentia minha alma toda desfeita em fogo de amor, sem saber que dizer, só conhecendo que grande limpeza e pureza é necessário para chegar a tanta altura, e grande humildade para este trato de Deus com a alma. Acabou-se.

Capítulo XX

Já disse a Vossa Reverendíssima no capítulo passado que meu Senhor me fez dentro na alma, mostrando-se-lhe despido, entre os muitos favores e regalos, me disse: "o vir eu ao mundo e andar nele tão despido foi para que te dispas de tudo que é da terra, para que eu seja o que more e assista em ti e em todas as almas". Como estas coisas me fazem derreter toda em amor, comecei de louvar a meu Senhor, considerando que sem ver quem me diz estas coisas, mas entendo-as tão claramente e tão certas que meu Senhor é o que assiste em minha alma e me diz tudo, que eu de mim nada sei, senão o que meu Senhor me diz. Depois estava [fl. 105] no coro em missa do dia, comecei de sentir dentro na alma grandes elevações, que já Vossa Reverendíssima me disse que neste estado não há de haver carne, nem sangue. Nisto lhe dou a entender como eu me sentia neste dia. Assim começou meu doce amor a dizer-me: "vês a largueza que tens

dentro de ti, que é maior que mil mundos? Se não te saíres daqui, aqui estaremos nestes palácios!" Amores de minha alma, não me deixeis vós sair, pois que eu não posso nada. O Senhor me deixou ver o que me podia impedir o não estar nos palácios dentro da alma com o Amado. Vi que era tudo criado desta vida. Assim como vi isto, de tudo me esqueci e me fui a meu Amado. Já tudo deu fim para esta criatura, assim me achei como emudecida e muda, que sem ser perguntada não se abria minha boca, não por soberba, senão pela atenção em que a alma está, pois dentro de si tem todas as riquezas da glória. Umas vezes, tratando com o Esposo como falando ambos, outras vezes voando nos suaves cheiros do céu em sono suavíssimo que não sabe a alma dar conta porque já sabe que isto são doçuras, senão na mesa regalada de seu Esposo divino. Oh, ditosa alma e almas, que neste mundo vos despis de coisas de terra, tão limitadas para gozares na terra das riquezas da glória, morramos já de todo o sentido de coisas desta vida! Não nos ocupemos, digo, [d]os sentidos do corpo e da alma, senão para pedirmos [a]o Senhor que remedeie as necessidades do próximo, e acudamos-lhe com o que pudermos ajudá-los. Mas Deus seja com as nossas almas livres, recolhidas neste palácio que temos dentro de nós mesmas, que é tão doce e suave que desfaz toda [a] amargura e desprezo, que entre as criaturas achamos. Muitas vezes [fl. 105v.] este divino maná tudo desfaz e nos faz esquecer de todo o trabalho que se padece neste desterro. Oh, amor, amor, tantas riquezas estou possuindo, mas tudo é vosso! Só o que quero é que me dês um vestido de uma profundíssima humildade, que me cubra toda para enquanto me tiveres neste desterro o não largue.

Retirei-me os três dias que Vossa Reverendíssima sabe do trato das criaturas, e com elas não me faltou que padecer, o que já agora minha alma abraça com tanta alegria, e gozo, com favores do céu. Eu como me vi só, sem cuidar de coisa criada, senão meu Amado, tem[i] o descanso em que me via e pensei se tornaria eu àqueles dias só por me livrar de trabalho. E estava como admirada do pouco amor ou interesse que tinha das criaturas, por nenhuma coisa desta vida, senão só por meu Senhor e Pai de minha alma. Assim, estava com dúvida se seriam estas coisas imperfeições, mas meu doce amor, sem o esperar que tal minha alma o entendesse, lhe disse com muito amor: "não temas, que não buscas mais que a mim puramente, para estares comigo. Vem para mim, que toda és minha". E minha alma, toda derretida em amor, passou este dia como passeando com o seu divino Esposo dentro nos palácios de si mesma, onde conhecia segredos do céu

altíssimos. E mais me deu a entender, e a [a]ssegurar-me: “sentes como trabalho com elas? É porque nelas achas diferença[1498]. Não tens no seu trato o que tens em mim porque nelas não buscas mais que a mim, e fora de mim não tens contentamento algum. Vem, pomba minha, fermosa minha!” Ah, meu Senhor, que sou pó e cinza, cheia de misérias. “Não desconfies, não te descuidas que meu amor é delicadíssimo”. E nisto me deu a [fl. 106] a conhecer que inda que a alma esteja por hábito livre, e desocupada de coisas criadas ou de imperfeições, é o inimigo tão subtil que só por alas do céu faz com que nos embaracemos, ainda com coisas santas e boas, para que se ocupem os sentidos. Mas é dando a Senhor licença para ele nos fazer merecer mais. Se nos sabemos com ajuda do Senhor defender [é] porque o Senhor quer que padeçamos e trabalhemos para que não entrem coisas estranhas no palácio do Rei do céu. Assim, pensei que muitas vezes me sucede não ter de que me confessar, tendo eu tantos pecados, que sou a mesma miséria. Mas cuidando em tanto tempo que meu Senhor me tem livrado, inda das imperfeições (que eu sei que o são), e faço por me livrar delas com [a] ajuda do Senhor, dá-me pena em que gastei tanto tempo se estaria sempre na presença de meu Amado. Vejo que tenho muitas coisinhas[1499] que entram e saem, não que sejam mais, mas detém-se a alma ou os sentidos nelas. Assim, com lágrimas e dor de minha alma, disse a meu Senhor: “Senhor, tende misericórdia de mim!” O Senhor, com muita alegria e amor se mostrou à minha alma presa com uma corda [a]o seu divino pescoço. A alma toda derretida em amor se metia no seu divino pescoço. Disse-me meu doce amor: “nisto [que] me vês é que hás de cuidar”. Meu Amado, não só cuidar, mas trazê-la eu também. Não quero nesta vida outros regalos. Mostro[u]-se-me com as suas divinas chagas, na do lado se encostou minha alma, tão contente e cheia de gozo que me parecia que lhe dizia o que São Pedro disse: “Oh, Senhor, fiquemos aqui”. Quando o viu cheio de glória, mais minha alma não se alegrava nem descansa [fl. 106v.] descansava por ver seu Amado tão chagado e maltratado, senão ali achava todo o seu bem e não queria outros regalos nesta vida senão ver-se despida de si mesma, e ver-se sempre naquele espelho divino, que por seu amor estava tão maltratado. Assim, com estas coisas que aqui tenho posto, e as mais que eu não sei explicar, foi com que meu Senhor me

[1498] No original, “defrença”.
[1499] No original, “cousinhas”.

respondeu [a]os meus temores. Assim do que acima disse, com o de me doer e cuidar em que gastava o tempo, estando a alma desocupada das coisas pesadas da terra, assegurando-me que toda sou sua, e com isto me sinto em um suavíssimo sono da contemplação serena, que dá forças no corpo, e uma certeza sem dúvida que Deus assiste na alma, e a alma em Deus vive por amor e fé viva. Mas ah, Senhor, que sou criatura, e vós Senhor dos céus e da terra. Que nada sou, nada posso, nada possuo, nada desejo, senão o amor de meu Senhor Jesus Cristo, que morreu por mim em uma cruz! Sejais, Senhor, louvado para sempre. Amém.

Domingo da Paixão, me fez meu Senhor singulares mercês. Unindo minha alma a si, me deu a conhecer a grande alegria com que nos devemos abraçar com a cruz de nosso Esposo, onde vi que uma alma pura, livre de cometer inda a mais leves imperfeições, com advertência que está nos fins dos seus dias de desterro, achara já as portas do céu abertas, com mil coroas de merecimentos. Isto me disse meu Senhor dentro de minha alma, dando-me uma doutrina excelentíssima [de] como me havia de alegrar nos trabalhos. Eu como não fio nada de mim, peço a meu Amado que a ponha em minha alma, para que jamais ela a não [fl. 107] deixe. Tudo o que é natureza não abraça com vontade. Isso é o que serve para a minha alma porque limpamente faz o que é vontade de Deus. Assim, vem a sentir em tudo o que o mundo tem por regalos a alma os aborrece e só segue o mais vil e o que o mundo despreza, e se abraça a criatura com vontade porque dentro de si mesma sente uma alegria e gozo na alma, que se pudesse ser só com ervas cosidas só em água faria toda a sua vida. Senhor, Senhor, sejais bendito para sempre, jamais! Que no pouco pondes tantas farturas de doçuras do céu, que faz andar minha alma mirando tudo quanto é penoso para este desterro, ou se lhe oferece porque só nesse acha todas as delícias do céu.

Já eu disse a Vossa Reverendíssima o grande amor que sentia arder em minha alma, considerando no amor chagado que, metida nas suas divinas chagas, toda se desfaz e se acha toda em Deus. Assim, me disse meu Senhor dentro na alma: “esta é a porta segura por onde se entra na divindade”. E mostrou-me o Senhor o que uma alma perde um instante que não esteja na presença do mesmo Senhor, ou meditando, ou contemplando, ou falando com o Amado, ou em coisas do Senhor. É tão [rasurado] e aborrecível o não estarmos sempre nestas considerações que me parecia que a alma desmaiava de todo se o Senhor a não confortara. Entrando no conhecimento de mim

mesma, parece-me ser milagre de meu Senhor não acabar logo a vida, por ver tão fundamente o que temos. Isto me faz aborrecer-me santamente a mim mesma. Assim, coisa que veja com gente, digo, os olhos do corpo, minha alma aborrece porque só em meu Senhor [fl. 107v.] quero ter todos os contentamentos, e só para os meus próximos tomara consolá-los a todos e que não padecessem necessidades, que se não detinham em buscar as coisas da terra, senão só as do céu.

Não sei se disse já a Vossa Reverendíssima que nos dias de comunhão, depois de ter recebido o amor sacramentado, me prende meu Senhor toda, que fico todo o dia como embreada dos sentidos, que não posso cuidar em nada desta vida. Isto é dentro da alma, metida em um sono suavíssimo, um estar com o Senhor em serenidade e quietação, que sustenta a alma e corpo, com um gozar sem sentir, senão pela pureza e limpeza das potências e sentidos.

Na Semana Santa, me fez meu Senhor seus costumados favores e regalos, e eu sem sentidos por não padecer com meu Amado, mas o Senhor, toda a vez que o considero fundamente na sua santíssima Paixão, enche-se minha alma de grande gozo e suavíssimos regalos que, sentindo a alma os tormentos do Senhor, goza ao mesmo tempo grandes favores. Assim, vivo sempre com grande alegria de minha alma porque nos maiores trabalhos acho o melhor descanso da alma, que o corpo quanto mais padece, quanto mais goza minha alma. Assim, faço muito por ser Marta e Maria, que é este corpo e alma. O corpo padece e trabalha, e a alma vive dentro do mesmo corpo enquanto o Senhor for servido, mas sempre na ocupação de Maria. Assim, sempre digo a meu Senhor: “tudo o que faz este corpo, seja por vosso amor. Mas esta alma não permitais que se detenha com estas coisas de terra. Tende-a sempre apartada de mim mesma, para que viva só em vós, e para vós, meu doce amor”. Sejais, Senhor, bendito, pois me vejo tão desembaraçada das coisas desta vida, que nenhum [fl. 108] apego nem sentido tenho de coisas de terra. Só sinto o ser preciso lidar com elas para acudir as necessidades de quem tenho por muita conta.

Dia de Páscoa, senti em minha alma grandes alegrias de meu Senhor ressuscitado. Oh, amor, amor, amor, quem soubera falar deste amor? Morrer meu Amado para encher nossas almas de glória e gozo. Esta fineza três horas vivo na cruz. Que dores, que tormentos! Ah, vida de minha alma, se não fora o grande fogo de amor que dais a esta pobre alma, morrera nesta consideração! Mas como vos vejo dentro de minha alma tão

doce, tão amoroso, não me sinto nem para sentir vossa Paixão porque é este estar convosco, meus amores, que não sei dizer o que sinto!

Já eu disse a Vossa Reverendíssima que tenho andado atribulada, mas não sei se é isto, ou se me escondeu meu Amado e me deixou, não de todo porque então já estaria no inferno, porque sou a mesma miséria. Assim tenho passado, ou padecido, bastante por não conhecer meus pecados porque da sorte que me sentia tão cheia de misérias parecia-me serem pecados escondidos, sem eu os conhecer. Por outra parte me lembrava que Vossa Reverendíssima me tinha mandado dizer que não dissesse a abundância de meu espírito, sem primeiro falar com Vossa Reverendíssima. Estando nestas considerações, me deu grande ânsia e alegria que isto que eu padecia era vontade de meu Senhor, e eu com grande desejo me ofereci a padecer, que isso é a vida de minha alma. Mas seja da parte de fora, que no jardim de meu doce amor não entram coisas da terra. Esses são os meus tormentos, por isso abraço com vontade tudo o que padeço neste desterro só para que minha alma viva com meu Senhor. Nesta consideração [fl. 108 v.] me achei dentro de minha alma com meus amores em amorosíssimos abraços. Mas como este divino amor nunca satisfaz a sede quando é grande, com sofrível, causou-me nos sentidos da alma e corpo um contínuo preguntar por meus amores, sem me sentir. Falo com a boca, preguntando por meus amores. Depois de o dizer me envergonho, mas também me põe um esquecimento totalmente de tudo criado. Só sinto ardentíssimo desejo de pedir por todos os próximos para que não ofendam a meus amores, e que não padeçam trabalhos, senão só os que forem vontade de meus amores. Parece-me não ser agora tempo de eu estar a escrever, porque me sinto arder em ânsias e fome e sede de dizer: “amores, amores de minha alma!” E supus que isto me nascia de eu não receber o amor sacramentado, mas logo senti que me diziam dentro na alma que isto era de meu Senhor ter estado escondido desta pobre alma, que tem levado noites e dias chamando, e suspirando e queixando-se de si mesma, e parecendo-lhe que se o tivera a Vossa Reverendíssima para lhe poder falar que não havia de ter padecido tão complicadas ausências de seu Amado. Assim, estava entendendo que meu Senhor me dizia: “não vês quando vem um filho de um pai que o ama muito de alguma jornada, que seu pai se não pode satisfazer com [a] alegria que sente de o ver, senão tê-lo sempre consigo? Assim estás tu comigo.” E assim meu Senhor me disse, e entendi dentro da alma como quem me dava a conhecer: “não me

viste tão maltratado, com acor [fl. 109] com a corda [a]o pescoço, e todo chagado?" Aqui me lembrou mais o que o meu Senhor tinha dito, que não havia de ser o servo maior que seu Senhor. Mas tudo isto me estava como dizendo nos ouvidos da alma e ela abraçada com eles. Ah, meus amores, que com todos estes regalos que sinto de vós, meu Amado, não posso encobrir, nem deixar de chamar por vós, meus amores. Não posso cuidar mais que em meus amores, inda que puxam as coisas precisas por mim. Não falto ao que posso e sou obrigada pela caridade do próximo, mas volvo logo desembaraçadamente a meus amores porque não posso cuidar em outra coisa, nem posso criada, senão muito preciso. Temo não me tornem a deixar meus amores porque não estou, quero dizer (sic). Também lhe quero a Vossa Reverendíssima dizer, para que conheça as minhas maldades e como estou cheia de amor próprio, que estou com vergonha de que Vossa Reverendíssima veja este papel pelos desatinos com que tenho falado em meus amores. Mas o Senhor é o que me faz ter estas louquices porque eu nunca disse este nome mais que a meu Amado, e meu divino Esposo e meu doce amor. Mas por não faltar à santa obediência, o mandarei, mas com profunda humildade. Peço a Vossa Reverendíssima que me perdoe nisto que tenho dito, fiz mal, que é em falar tão largamente de este ardente fogo de amor que arde em minha alma, que tão saudosa tem padecido, sem saber que fizesse mais que humilhar-se e louvar o Senhor porque estava padecendo. Suspirava pela ditosa hora em que a alma se havia de ver livre destas prisões da carne para ver a meus amores claramente. Ah, amor, quando será esta ditosa hora? Aqui estava a [fl. 109v.] escrava. Faça-se-me em mim vossa santíssima vontade. A todos amo como a mim mesma, mas para o próximo desejo mais que para mim porque para mim só a vós puramente, mas para eles desejo todas as riquezas espirituais e corporais. Mas, Senhor, desconfio de mim por me achar tão desapegada das criaturas e de tudo criado. Que não seja isto soberba minha, mas torno a dizer que vós, meu doce amor, já por muitas vezes me tendes assegurado desta minha desconfiança. Ah, meus amores, que suavíssimos abraços hoje tenho recebido, os vossos! Mas quando saio do coro e da oração torno a sentir este fogo de amor, que desejo preguntar a todas as criaturas por meus amores. Buscando meus suspiros, céus e terra, não me escondais meus amores! Não estou para nada! Não dá fim este desterro. Quando me verei livre de mim para que só em vós viva? Porque tudo o mais é engano. Vejo algumas esposas de meu Senhor muito aflitas e atribuladas, que me lastima grandemente vê-las assim. Mas

o Senhor, quando eu lhe peço por elas, está-me como mostrando donde lhe vem e nasce estes trabalhos, que é de não nos sabermos desembaraçar com uma liberdade. Senhora, só para com Deus queremos trazer connosco céus e terra ambos juntos. Isto não pode ser sem grande desapego das coisas da terra. Não pode a alma voar a Deus com liberdade, por isso é melhor não nos afligir, senão padecer com paciência e conhecer nossa miséria, que de nós vem todo o mal. Eu não ouso a falar nestas coisas porque será em mim falta de humildade, ou pela grande largueza e liberdade que sinto dentro de minha alma, e o Senhor não dará isto a todas. Por isso, inda que meu Senhor me dá estas coisas a entender, calo-me. Só lhe peço por estas almas com [fl. 110] com desvelo.

Capítulo XXI

Neste dia, depois de ter recebido a meu Senhor sacramentado, me deu tão grande fogo de amor que rompendo em ais, e suspiros e ânsias de me ver já livre deste desterro. E como não estava na minha mão o remédio desta doença de amor abrasadíssimo, tomava por desafogo ir-me [a]o vale de flores gritar por meus amores, mas não fui e nesse tempo me apareceu a Vossa Reverendíssima na igreja. Eu, com o desejo que tinha de lhe falar, me adverti em buscar a Vossa Reverendíssima para lhe falar e deixei meus intentos. E Vossa Reverendíssima entre a dourada doutrina que aí infundiu em minha alma, me disse a respeito que as almas puras recebiam de favores do Senhor, mas que vê-lo nesta vida não podia ser, senão depois na outra. Eu como estava tão ferida e me parecia estar muito, muito perto de meu Amado, pareceu-me de repente que Vossa Reverendíssima me estava fazendo aperraria em me dizer que não havia de ver nesta vida. E sabendo eu isto, decerto nunca assento nisso, porque estou sempre como um filho esperando por sua mãe, que inda que lhe dê regalos e o tenha muito mimosa, mas o menino só se satisfaz com a ver com seus olhos e estar com ela. Com estas consideração me anima meu Amado nesta perlongada peregrinação deste desterro, que a alma está com fome com a sua divina vontade, mas por instantes sente estes acidentes de choro de meninos por suas mães. Como meu Amado me disse, tendo-me em seus divinos braços, que estou [fl. 110v.] como vendo, digo, minha alma, que meus amores me estão chegando a seu divino rosto, o da minha alma. Perdoe-me Vossa Reverendíssima em dizer estes atrevimentos, mas que efeitos experimentara minha alma! Que saberia eu dizer deles só língua de anjo os poderia relatar. Que doçura, que regalos, que união! Toda transformada em amor divino, que aparta minha alma livre,

desembaraçada de tudo que é desta vida, até dos mesmos santos, porque ela já trata familiarmente com o Santo de todos os santos, por quem de noite e de dia não cessa de suspirar, e anelar sempre com desvelo o mais perfeito das virtudes, com todas as suas limitadas forças podem abraçar os seus pobrezitos desejos, mas todos são de quem me os dá, que são meus amores. Mas para se chegar a esta desnudeza de tudo [o] criado e gozar toda a riqueza do céu, passa primeiro a alma grandes trabalhos, desemparos, que para mim esconde[m]-se meus amores. É mal para minha alma sem explicação, muitas desconfianças com dúvidas de não ter sido fiel, sempre com suspeitas em que o terei ofendido. Vê-se cheia de misérias e não sabe e não pode descobrir seus pecados, e deseja conhecê-los, mas não o cometê-los, para se confessar deles. E nisto ocupado tempo que não pode lá entrar nada da terra mais que o que é tentação, que ela pela fraqueza que sente em si se não pode defender, e o Amado a quer ter naquele aperto por seu amor. Veja Vossa Reverendíssima que vida é esta minha, que hoje não fui a matinas por falta de saúde, e me levantei mais cedo para escrever uns favores que meu Senhor me fez ontem. Até agora não tenho dito nada, porque tudo ou o mais [fl. 112][1500] do que tenho dito e posto me está meu Senhor dizendo agora. Louvado[s] sejam meus amores! Não sei que vida é esta minha. Sejais, Senhor, bendito, que me sofreis sendo eu a que sou, como vós bem sabeis. Ah, Senhor, que me sinto abrasar em amor, vosso fogo de amor divino que penetras [n]as minhas veias do corpo! Este coração se desfaz em amor vosso. Não sei [o] que sinto e nem sei o que digo, que se eu soubera dizer o que vós me fazeis, meus amores, parece-me sem engano que se derreteriam corações em amor vosso, e ficaria o mu[n]do desemparado sem ter tantos Amadores seus, que isso é o que lhe esconde vossas grandezas, vossas misericórdias. Oh, Senhor, que quem tal chegara a ver? Oh, amor, reparti com todas de vossos amores! Abrasa-se tudo em amor vosso, bem entendo o que me estais dizendo. Sim, amor, quereis que vos deem corações limpos para vós obrares maravilhas, mas que vos dou eu, meus amores? Não me dais vós tudo de graça? Mas eu não vos dou porque não tenho e o que tenho é vosso, e sempre o foi. Mas torno-vos a pedir que deis a todos vosso divino amor, que sempre merecem mais, mil vezes dobrado, que eu. Que eu, Senhor, sou uma ingrata, como vós sabeis. E agora me vou, e não escrevo mais, que de nada tenho dado conta. O Senhor

[1500] Erro de numeração, passagem do fólio 110 para o 112.

tenha misericórdia de mim. Vamos, meus amores, para a oração, que hoje não é dia de comunhão.

Torno a dizer de como Vossa Reverendíssima me certificou que o não ver a meu Amado claramente neste desterro parecia-me impossível viver. Eu muito neste fogo de amor que ardia e[m] minha alma, com isso me consolei grandemente e a sós me achei falando dentro na alma [fl. 112v.] com meus amores. Vós, Senhor, temestes a morte enquanto a humanidade e eu, cheia de tantas misérias e sendo a mesma miséria, estou-me enchendo de tantas alegrias. Quis chorar meus atrevimentos e não podia porque toda a mente e toda eu estava elevada naquele objeto divino. Disse meu Senhor com palavras suavíssimas: "não desconfies, pomba minha, fermosa minha". Aqui nestas coisas fica minha alma como morta, em gozo. Não lhe sei por outro nome, "morta", porque nem se conhece como a alma que é, senão como se fora anjo, por não dizer algum disparate[1501], mas dizer "não desconfies" mostrou-me que está a alma fichada dentro de uma casa, como um pai tem um filho fichado. Pai e filho amam-se muito. Seu pai lhe dá e o tem muito mimoso e regalado, mas não lhe fala corporalmente. E o filho não suspira mais que por ver a seu pai, e está conforme com a vontade do pai, mas não cuida, senão quando verá a quem o tem regalado e mimoso. O tem assim, inda que sabe que o sair daquela porta da casa em que está lhe sucederão alguns trabalhos. O grande amor em que se sente arder lhe não deixa temer perigos, senão com asas de fogo de amor passará por mar e fogo. Nesta casa tem a mãos[1502] como a si mesmo por dar gente a seu pai, que por si nada lhe satisfaz mais que aquele donde lhe vem tantos bens. Assim, está desembaraço para quem ama, por fé e amor vivo. "Assim és tu", me disse meu Senhor, "estais conforme com a minha vontade". Meus amores, nada é meu, tudo é vosso, que eu não tenho senão misérias! Estou com meu Senhor com tantos regalos e favores, como [fl. 113] está a alma recebendo e gozando.

Vai por quatro ou cinco dias que não tenho vida, nem conhecimento de coisas de terra, mais que fazer vida, e conhecer e gozar das coisas do céu. Assiste meu Senhor com minha alma, não fazendo ela nada de sua parte mais que conhecer e gozar de Deus. Assim, não deixa de conhecer que nada é seu, tudo é de seu Senhor. Ela não se acha

[1501] No original, "disbarate".
[1502] Talvez seja "irmãos".

mais que em Deus toda transformada em amor e graça, gozando de todas as suas divinas riquezas. Não por visita, como nós cá costumamos às amigas umas às outras. Quando nos vem visitar mostramos-lhe as melhores peças e riquezas que temos, mas por fim ficamos com elas, e as mesmas ficam só com a lembrança que viram grandes peças. Mas meus amores não me fazem já agora assim, senão tem minha alma já de posse de todas as suas divinas riquezas, para que se goze delas e as possua. Isto me diz meu Senhor, não no entendimento, porque estou em estado que nada conheço no entendimento, como da cabeça, senão dentro na alma.

Escrevendo, e meus amores dizendo-me estas coisas. Com mais clareza estou com o Senhor na oração, mas parece-me não ser isto oração porque nem eu posso a considerar o corpo, que está tão debilitado de forças que, sem sentir trabalho, nem fatigar-se, senão com serenidade se desfaz com o fogo de amor que arde em meu peito. São umas divisas de glória e gozo que me suspendem os sentidos, e toda me sinto como mais formada de gozo da alma, que inda nas ocupações corporais sinto estas faíscas de amor e transformação do amor divino que me causa grande trabalho [fl. 113v.] o poder-me ocupar-me em coisas materiais. É certo que não se pode servir a dois senhores, digo sem ser coisas mais o amor dá bastante que fazer já para minha alma que bem ama. Não digo bem, senão que se vê bem-amada de seu doce amor. A soledade e retiro é o seu desafogo e alegria. Amores não temos aqui impedimentos, senão se eu for ingrata. Oh, meu Deus, antes morrer que pecar! Mas tornando a referir quando o Senhor me disse do filho que estava na casa, que me disse assim: “és tu!”, pareceu-me dentro na alma que vira fichados os braços de minha alma com os de meus amores, por algum espaço de tempo. Não digo por certo quanto foi, mas tanto às vistas que era como se vira com os olhos do corpo. Isso só no ver, que no gozar só quem o experimenta saberá como estes favores se gozam e se sente. Neste abraço que digo se satisfaz a alma e se esqueceu de já pedir e saber quando se desfaria este véu que a não deixa ver a seu Deus. Passo aqui coisas excelentíssimas que ditas por mim, ou escritas, não são nada, mas o Senhor é o que me diz este pouco de que dou conta a Vossa Reverendíssima.

Como eu tinha padecido grandes desembaraços e escuridades, que em mês e meio é vez para fazer esse caderno que já mandei a Vossa Reverendíssima, que o que escrevi nele foi nos bocadinhos e intervalos que sentia de luz do céu, que todo o mais tempo eram sombras e escuridades. Chamo-lhe eu rezas do sol que o Senhor me dava. Nessas

me aproveitava a não desperdiçar esses bocados de tempo. Fechava-me[1503] com meu Senhor, mas ele se me escondia s[e]m eu dar fé. Estando eu tanto em sentido [fl. 114] que me lembrasse que não queria eu ser como a esposa a quem ele foi chamar que lhe abrisse a porta. Ela, por não me achar os pés, foi já quando não achou. Assim, teve tanto que sentir e chorar, e eu meus amores estou sempre vigiando a vossa divina luz porque logo sentia em minha alma júbilos de alegria e fé viva. Aleluia, aleluia! Que são chegados meus amores!

Não quero deixar de dizer a Vossa Reverendíssima do abraço divino que é a respeito de eu estar de todo desconfiada de mim mesma, de sorte que me parecia que já não tornaria a escrever mais. E assim o supus quando mandei o caderno a Vossa Reverendíssima porque não achar termos para dar conta de mim, só dizer que era toda uma miséria. Quando foi no abraço que acima disse, que me durou muito tempo, me deu então meu Senhor a entender com muita alegria e gozo da alma: "já cuidavas que eu tinha deixado, já não achavas que dizer de mim?" Aqui foi que me deu a entender que me fazia senhora de todos os seus bens, como quem entrega tudo a um criado ou a um filho, para que possua todas as suas riquezas, não como alheias, senão como já todas suas.

Estava minha alma como entendendo quanto [o] Senhor dizia, não sei para quem, mas com muito agrado e cuidado na alma: "deixa-a gozar, que tudo é seu". Aqui, ficou minha alma gozando e conhecendo, e sem deixar nem apetecer, senão conhecendo que nada é seu, que tudo é de seu Senhor e no mesmo Senhor conhece distintamente que o Senhor lhe dá tudo como já seu da minha alma. Só aqui direi a Vossa Reverendíssima que, entre tantas riquezas do seu [Senhor], tem a alma pouco [fl. 114v.] tempo livre para pedir pelos próximos. Mas a alma não tem senão a mesma vontade de seu Senhor, mas ficou neste abraço divino como inebriada porque o Senhor, como quem faz uma peça a outra pessoa, se esconde, e depois lhe aparece com grande alegria e lhe diz: "olha o que te fiz". Assim me fez meu Senhor, dizendo-me claramente dentro na alma: "mas agora te deixo senhora para sempre de todo meu", que sois vós, meus amores, todo meu." Ora, Senhor, grandes coisas passo com meu Senhor. Por fim direi tudo que são brincos de Deus com esta pobre alma que não quer outra coisa nem busca outros cuidados mais

[1503] No original, "fichava-me".

que ser toda de Deus. E Deus assim lhe está dando tudo, em termos que conhece a alma dentro de si mesma que o Senhor brinca com ela, como fazendo-lhe peças. E cuidando eu nisto, entendi que o Senhor me dizia: “brinco contigo, porque entre nós ambos não há nenhum impedimento”. Vi tudo entre o Amado e a alma, como nele parecia-me a alma uma menina muito pequenina, e muito bonita e engraçada. Assim, estava a alma com Deus e o Senhor mirando-a, e alegremente com ela, tendo-a já por sua. Com grande certeza conheço este fogo de amor, mas sempre me deixa ver meu Senhor o cuidado e sentido com que devo viver e tratar com as coisas desta vida. Digo, as minhas obrigações e não me descuidar enquanto durar este desterro. Digo, enquanto estou nele.

Perto de dois dias, vi estar meus amores dentro da alma, com ela como pela mão, com os seus divinos olhos fixos nela, que não tinha a alma liberdade para se conhecer. Assim, nem [fl. 115] ao mesmo Deus, senão estar ambos feitos uma mesma coisa. Em todo este tempo não era necessário buscar tempo para ter oração porque em toda a parte que estava, estava a alma morrendo e gozando daquele objeto divino, dando-lhe todas as liberdades de esposa sua. E ela não tinha liberdade para se escusar porque claramente não conhecia mais que Deus. Neste estado não se fala, só por tempos se experimenta uns avisos de glória, que a alma e corpo vivem como por um fio muito chegado. A alma pouco lhe falta para ver a Deus claramente, mas não tem tempo para cuidar nisso porque não tem desejos, nem sentido mais que patente a Deus. E[m] amor desfeita toda, o corpo também, sem sentir força nem coisa que lhe dê trabalho, se acha debilitado como comido daquele fogo divino, que redunda toda a alma. Digo a Vossa Reverendíssima e disso me acuso, e digo minha culpa, que não há tempo para cuida em nada desta vida, nem da outra.

Estou metida nas bodegas e vinhas excelentíssimas de meu Senhor, já de posse em estado, digo nesta hora que escrevo e em muitas mais. Conheço isto mesmo que o Senhor me está dizendo, não com falas interiores, senão por modo que me parece estar meus amores comigo e eu possuindo, ele certificando que já para sempre é isto tudo meu. Estou conhecendo a seu divino rosto, alegríssimo de me ter consigo, buscando como as melhores peças para me pôr diante, para que eu escolha o que é de meu, que inda é mais claro que é como quase faz que, estando a mãe com seu filho, está no (prato?) escolhendo tudo o melhor para lhe dar. Inda que eu [fl. 115v.] escrevesse quantas comparações há neste desterro, não acabaria de dizer a Vossa Reverendíssima

o estado em que minha alma está com o Rei da glória, que amores e favores está possuindo. Uma vida de amantes, digo, uma vida pública de amantes finos, mas só quem isto experimenta conhecerá o que eu escrevo, que é Vossa Reverendíssima que sabe estas coisas muito bem e melhor que eu.

O Senhor me está dizendo que escreva, e eu digo minha culpa, que sendo o Senhor o que me está dizendo tudo, eu sempre me parece que não escrevo senão com a minha grossaria e vileza, como Vossa Reverendíssima sabe e conhece nisto. E considerar eu isto, me está o Senhor dizendo dentro da alma: "já tens liberdade para tudo. Escreve!" Peço muito, muito, a Vossa Reverendíssima que se lembre de mim àquele Senhor, que não seja eu ingrata, que se o for não bastarão mil infernos para pagar minhas ingratidões.

Conheço no estado em que estou que não só pecados, mas inda as imperfeições, me servirão de grande tormento. Oh, meus amores, vós me tendes da vossa divina mão.

Sem quatro pecados de dias tenho escrito isto acima e, não tendo eu dado conta nem de duas horas, me parece a mim do que se passa em minha alma. Seja meu Senhor louvado. Quero dizer que não sei que nome ponha ao estado em que me acho, só que me levam meus amores o mais tempo em suspensão de sentidos, em [e]levações, toda elevada naquele objeto divino. Já detendo-me em coisas precisas de trato de criaturas e, chegando [a] achar-me só de todo, fico inebriada de maneira que só se posso levanto as mãos[1504] ao céu, e ali fico, sem saber de mim, mas não [fl. 116] de todo perco os sentidos, mais não os tenho livres para ação alguma.

Já eu disse acima que neste estado sinto-me tão debilitada de forças que anda a saúde do corpo como por um fim bem delgado. Já para trabalho de mãos não há forças, para já só o que faço é com grande trabalho, e bem pouco me posso ocupar nesses serviços, e já vejo que a vida da contemplação que é de mais trabalho que [a] ativa porque na ativa há mais forças. Estando para cuidar nisto, senti dentro na alma pedir-me meu doce amor a mim toda, e isto com grande força, que não dava lugar em cuidar em outra coisa, como me tinha feito quando me deu tudo o seu. Oh, Vossa Reverendíssima, que sentiria minha alma com isto? Estando vendo como claramente que o Senhor de todas as riquezas do céu e terra pedia a uma pastorinha que não tem senão misérias, era com

[1504] No original, "mõins".

tanta fineza que eu de repente, digo, minha alma fizera o que fez São Pedro quando São João lhe disse, quando andavam no mar, "o Senhor é o que nos fala", que São Pedro rompeu e se foi pelas águas, onde estava seu mestre. Eu também senti o que não sei dizer, mas não se partir minha alma e sair deste corpo mortal, foi como milagre ficar com vida. O que passei dentro da alma só língua de anjo o saberia relatar, e em termos. O coro nessa hora que estava em bem pouco, inda para as minhas obrigações, mas não falto havendo alentos, inda que as forças sejam poucas. Mas neste tempo do coro se abraçou minha alma com o Senhor, dizendo-lhe com grande amor, desfeita nele: "Senhor, que me pedis? Que tenho eu que vos dar? Não sou eu toda vossa, meus amores?" E quis desconfiar [fl. 116v.] de mim, não tivesse eu feito coisa que o tenha desagradado, mas o Senhor me não deu tempo, que logo me disse de repente: "toda és minha, mas quis-te advertir com isto para que não cuides em outra coisa mais que em mim." Acaba-se o papel. Sejais bendito, Senhor!

Capítulo XXII

Sinto minha alma no trato íntimo de meus amores, que às vezes querer cuidar que hei de falar com algumas criaturas sem ser muito preciso, senão só por caridade de falar, logo sinto que meu Senhor puxa por minha alma para os seus divinos braços. Com grande regalo, lhe dá a conhecer que a quer só para si. Outra vez, pensei que havia de falar com outra sem necessidade, senão com o ter correspondência com ela, por ser-me de proveito para alguma coisa precisa de coisas temporais. Logo, de repente, vi dentro na alma, claramente, que o Senhor deixava mais de a metade da alma sem abraçar consigo, nem sentia aquela ternura e regalo costumado. Eu senti isto tanto porque meu Senhor põe-me isto tão claro como se me dissera: "não quero que faças isto, nem estoutro". E conheço que o Senhor não quer que trate com as criaturas, e dá-me grande desejo e amor para elas. Assim, para as servir como para se compadecer, e que diz o Senhor por elas, para mim não peço nada, senão para o próximo, mas não quer que me detenha com elas. Assim, me diz amorosamente: "que te falta?". E nisto sinto íntimo trato de meus amores. Sinto-me dentro de mim mesma que vive a alma [fl. 117] com vida de anjo. Meus amores, a maior consolação que tenho é conhecer que tudo quanto se passa é nesta pobre alma de meu Senhor. É tão grande o gozo que sinto nesta consideração que me leva os sentidos como arrebatados no go[zo] que sinto. E então me põe meu Senhor com liberdade de tudo criado, que me tem posto em estado que

me parece que tanto alegra este corpo em a[n]dar vestido de ferro como se andara vestido de couro. No comer não falo, que o preciso e tudo o mais que lhe faço, oferece [a]o Senhor por penitência. Não digo que estou morta, como Vossa Reverendíssima me disse, porque o inimigo não dorme, mas apego a coisa criada desta vida. Não digo mais nesta matéria, senão que meu Senhor me não dá tempo senão para estar com ele e cuidar nele. Nem minha alma sabe já outra vida porque de tudo o mais lhe serve de martírio. Eu não digo os regalos que recebe minha alma em instantes, senão que nesta união, que Vossa Reverendíssima lhe chama "ilapso", digo só que nenhuma alma se espante de favores e regalos, que a alma neste estado goza porque não é um só favor, senão favores e mil favores, que se envergonha a minha alma de dar conta a seu padre espiritual, não porque ponha neles dúvida, porque os passa no íntimo da alma, onde o inimigo não pode chegar[1505], mas não lhe estão as comparações que pode pôr por a minha grossaria a socorrer-se[1506], dá a entender que são alguns a modo de esposos terrenos, e perdoe-me Vossa Reverendíssima.

Agora lhe quero contar uma estória que passou hoje minha alma com o Senhor, se a souber dizer. A respeito do que acima tenho dito a Vossa Reverendíssima, de conhecer ontem tão claro que [fl. 117v.] o Senhor não queria que falasse a nada criado, estava hoje de manhã no leito, fazendo uma oração [a]o Senhor de joelhos, senti dentro na alma aquele fogo de amor costumado do seu íntimo trato. Digo, quando o Senhor fala com ela e lhe dá a conhecer estas coisas. Mostrou-se, como direi com as minhas grossarias? Como confiado que tinha de minha alma, que ela não era toda sua. Ela, sem pensar em mais nada, senão de repente lhe disse, toda derretida, e já ferida de amor forte: "não me deixeis vós, meus amores, ou não vos torneis a esconder, que eu não tenho outros cuidados mais que a vós. Oh, Senhor, se vos terei eu ofendido, ou desagradado, porque sempre desconfio de mim?" E sem pensar em mais nada me fui para o coro. Entrava na oração, ou dentro de uma cadeira, não mais que fazer o sinal da cruz, que já não estava para mais pelo que sentia minha alma. Vi dentro na alma o Senhor passeando com ela, dizendo-lhe: "vamos por este verde prado"[1507]. O que ela

[1505] No original, "chegar".
[1506] No original, "surquerer-se".
[1507] Salmo 23.

gozou não se sabe dizer, mas ela pensou no que via e sem falar lhe disse: “meus amores, o mês da primavera já passou”, mas logo entendi que o Senhor lhe respondia: “não há tempo que tenha fim [para] os meus favores que eu faço às almas puras e que me amam. Não desconfies que toda és minha, e por isso é que te quero recriar neste ameno de flores, que são para as minhas esposas muito queridas. Não quero que fales a nada, quero-te para meu regalo.” Meu Deus, tende misericórdia de mim! Quem sois vós e quem sou eu? “Toda és minha, não desconfies”. Que eu estava pelos grandes favores que estava recebendo e era para isso estar uma formiga como eu conhecendo e vendo [fl. 118] sem ser com os olhos do corpo. Via que o Senhor se mostrava com ciúmes de uma pobre alma, como por brincar com ela e ver o que ela fazia com isso, e tudo por lhe fazer dobrados favores, como o mesmo Senhor lhe disse, queixando-se ela pela admiração que lhe causou. E eu já andava com o sentido em mim, não fosse dizer quando me fazem falar coisas precisas, e com essas vem muito que o não são, que o Senhor não queria que falasse a nada, mas não deixo de acudir o que está por minha conta, mas agora não lhe sei dizer como me sinto. Com este grande favor anda a alma como arrebatada em gozo e admiração. Queria escrever para desafogo de amor divino, e saber contar a Vossa Reverendíssima isto que me fez meu Senhor, mas não deixam [as] criaturas, e eu não queria que me achassem com o furto nas mãos que são estes cadernos porque sempre escrevo as furtadas pela grande vergonha e pena que sinto [ao] ver-me com caderno nas mãos, mas levo tudo em silêncio, e não respondo, inda que me digam alguma coisa. Ofereço a Deus a mortificação que padeço (que não é pequena).

Passei adiante do que ia dizendo a Vossa Reverendíssima de meu Senhor não querer que falasse a nada porque logo no outro dia, depois de ter recebido aqueles favores com a força de amor, fiquei enferma da saúde do corpo. Porque meu Senhor faz como quer e lhe parece. Umas vezes me sinto morrer de dores, fraquezas e febre[1508], que padeci perto de cinco dias. Agora tornei a falar como costuma minha ruindade, mas não coisas más. Logo senti dentro da alma grandíssima força, que me fatigava, [fl. 118v.] eu me fatigava, digo. Eu pensei ser coisa má, mas não era mais que meus amores porque estando eu senti[n]do uns abraços da alma com Deus fortes, que me queixei e disse:

[1508] No original, “fevre”.

“meus amores, quem vos apertara bem com estes abraços que ficasse satisfeita para sempre?”. Torna-me o Senhor a dizer que não trate a nada. Nem eu posso, meus amores, estamos bem aviados. Como há de ser isso? Só vós o podeis fazer. E eu isso quero, e por isso suspiro, mas sou tão fraca que não posso com tanto amor vosso. Perdoai-me, Senhor. Cuida de minha alma que assim mo estais dizendo, que esta há de ser nossa vida. E que vida é esta? É amor, amores, que se está minha alma desfazendo [em] brincos de amor divino, mas a alma sempre se mostra como menina. Isto que direi porque, estando ocupadas as mãos em coisas precisas, sente dentro da alma a força que o Senhor lhe faz a retirá-la só consigo, inda entre as mesmas criaturas. Ela, como não resiste [a]o que sente do Amado, vê-se atribulada, e desejo ter a Vossa Reverendíssima para lhe dizer que o Senhor me não deixa tratar a nada. Que isto não é só no exterior, mas [se] pensar no interior em alguma coisa criada, logo sinto amor forte e a alma atrapalhada com a força de amor cego que não assenta, e só a alma retirada lhe fala logo o Senhor, com muito amor e regalos que lhe faz, dizendo-lhe o que já tenho dito: “quero-te só para mim”. Andamos ambos como em recriação, a alma com Deus como vida de um só amor. Vendo minha alma, claramente, que o Senhor a traz como se dissesse meninas dos seus divinos olhos. Isto mesmo lhe diz o Senhor. Oh, que vida? Oh, que [fl. 119] limpeza e pureza é necessário para uma alma que se vê tão levantada da terra, no íntimo, e amoroso e suave trato de um Deus?

Às vezes me sinto de sorte que tomara não só deitar de meus sentidos tudo criado, e que é deste desterro, mas ainda de mim mesma me desejo desfazer desta carne que tenho sobre estes ossos, pela grande pureza e limpeza que o Senhor quer de mim. Ele me dá os regalos e favores, ele mesmo me adverte e me mostra os perigos[1509] e o que me faz mal, digo, à minha alma. É já como se diz “o Senhor tudo me quer governar”. E a alma, já pelo conhecimento que tem destas coisas, sempre lhe pede licença porque sente como diante dos seus divinos olhos.

Na segunda vez que o Senhor me chamou, que eu me senti bem atrapalhada, e me disse: “estamos bem aviados”. Vai por três dias que está a alma com o Senhor, como vendo que o Senhor lhe diz: “quero-te sempre ter comigo”. O que goza só quem experimenta o conhecerá, e é um dissabor de tudo [o] criado, sem prazer nem tristeza, e uma viva

[1509] No original, “prigos”.

alegria de Deus e de tudo seu, está a alma em Deus. Em toda a parte que o busca, acha as delícias da glória e pede-lhe que lhe não dê tantos regalos. Só pede e diz: "Senhor, que quereis que faça que seja para glória e honra vossa?" Conhece que nada é seu de todos aqueles bens que está possuindo, que são de seu Senhor. É um gozo sem medida que sente de conhecer que nada é seu, senão de seu Amado. Mas sempre desconfiada de si, e o Senhor assim quer que ela viva enquanto está neste desterro. Isto me diz meus amores, tendo minha alma em seus divinos braços, e dá-me a conhecer que quer que [fl. 119v.] todas as almas estejam nos seus divinos braços, que aquele é o lugar dos seus escolhidos. Mas mostra-me, ou me dá a entender, o que se padece primeiro que ali se chegue. Mas a alma, como ali está já de morada, não sabe o que tem padecido, só sentira o não ter padecido, que minha alma se queixa [a]o Senhor porque não sabe que tem padecido. O Senhor me disse que eu colhia as flores entre espinhos, e eu não sabia de que sorte está isso porque a mim ninguém me persegue, todas me amam e eu a elas. Faço vida santa com tudo porque não sinto, só sinto não me deixe meus amores, que o mais tudo se pode levar pelo amor de meus amores, inda que a natureza repugne. Vamos adiante. Ponhamos freio forte, uma profusíssima humildade e um amoroso sofrimento, com os olhos no meu crucificado.

Mas a respeito das flores que colhia entre espinhos, era as enfermidades e dores que padece este miserável corpo porque para o Senhor me dar seus favores grandes, dá-me grandes padecimentos. Uns nas dores, outros no duvidar e desconfiança que tenho de abraçar favores, sem ver da minha parte mais que uns suspiros ardentíssimos e nada fazer, senão receber. Mas o Senhor se paga de uma certa coisa da alma, que não posso de chamar por não pensar que nesta pobre alma haja coisa alguma, senão tudo que vem de cima, porque sempre vivo com um temor santo, que não me esqueço quem era Lúcifer antes de ser diabo. Mas por não ficar Vossa Reverendíssima em dúvida, pois conheço a caridade e o amor que arde na alma de Vossa Reverendíssima por ajudar as almas, lhe digo [fl. 120] que é como um passarinho que está na gaiola dando sempre voos para ver se pode sair. Assim vivo eu neste desterro que, tratando a tudo preciso, não me apego no interior com vontade a nada, senão sempre temendo não se desagrade meu Senhor do que eu obro ou digo. Não me sei explicar nesta matéria. Meus amores sabe a verdade. Ele me não desempare e a Vossa Reverendíssima tenha nos seus divinos braços como eu lhe peço.

Esconde-se meus amores e deixa-me entre espinhos, não de todo, que isso não me faz o Senhor, que é Pai de amor. Mas deixo-me uns dias mais metida nas minhas misérias, conhecendo-me a mim mesma com um santo aborrecimento, suspirando e gemendo, sem saber que fizesse pelo Amado, sem apetecer desta vida mais que a felicidade de ter uma alma pura, e um coração limpo e desocupado de tudo desta vida. E nem uma ocupação me estorvava, nem assistência de criaturas, sendo pela caridade mais que a minha miséria. Oh, amor, antes morrer que estar sem vós! Como são os dias grandes, tudo me parecia um tormento, sem me inquietar, tudo quieto, mas muito escuro. Só me alegrava em que meu Senhor se gozasse de si, que fosse louvado e glorificado dos céus e terra, e eu fosse toda sua. E eu visse se era vontade sua naquela escuridade e com lágrimas, e suspiros, e ímpetos me derretia toda em fé, que meus amores, com entranhas de amor, e como dando-me a entender que não me podia já deixar padecer tanto, me falou dentro da alma. Estando eu no coro, acabadas [as] [fl. 120v.] matinas, e recolhe minha alma nos seus divinos braços, dizendo-lhe amorosíssimos amores, brincando primeiro co[m] ela, lhe diz o que eu não sei praticar. Está agora descansando a alma nos seus divinos braços, dormindo no sono da contemplação. Ela aqui, por mais que receba, não sabe dizer, que não merece porque não se conhece, nem sabe mais que ver-se toda em Deus. Quem tivera língua de anjo para aqui relatar os excelentes vinhos em que meu Senhor me tem hoje esta pobre alma! Já não há tempo para nada porque sem fazer nada me vejo dentro de mim tão ocupada.

Hoje não é dia de comunhão. Pus o relógio para ter conta com os meus exercícios, que no dia de comunhão estou mais segura porque todo o tempo é de meu amor sacramentado, porque as esposas de Deus, nesta vida, não devem desejar nem buscar outros regalos, nem sustento, nem advertimentos, nem mais riquezas, nem outros cuidados mais que o amor sacramentado, que ele remediará todas as nossas necessidades. Não nos há de meter nas mãos o preciso, mas faz tais efeitos que está a criatura satisfeita com o não ter nada, como se tivera todas as riquezas que são necessárias para este desterro. Inda que eu confesso minha culpa, que antes sem nada desta vida que estar minha alma [n]um fechar de olhos sem meus amores. Com bem (sic) lágrimas escrevo isto, mas que hei de fazer? Digo que por meus amores hei de dar a vida. Meus amores, vamos por esses montes? Vamos por esses vales? Não nos

detenhamos[1510] em gozar das flores! Recolhamos os frutos, [fl. 121] eu quero trabalhar! Oh, quem me dera mil mundos e rios de almas puras para vos dar a vós, meus amores! Perdoai-me, meu Deus! Como não é dia de comunhão tudo são delírios, mas sempre satisfeita com a vossa divina vontade e alegre com tudo que é vosso.

E hoje também está este corpo satisfeito, inda que a alma não teve o pão de vossa divina mesa, mas b[e]m é, meus amores, que assim como vós sustentais minha alma sem que vos receba sacramentado, hoje também dais das migalhinhas que caem da mesa da alma a este perro, sem que ele vos peça, como fez a mulher que vos ia pedindo, quando vós íeis com os Apóstolos, que lhe dissestes que não dáveis o pão dos servos [a]os perros[1511]. Oh, Senhor, quanto vos devo! Dai-me, Senhor, com que vos pague!

Ao outro dia que recebia meu Senhor sacramentado, me fiquei com ele, mas como eu não sei dizer. Louvado seja meu Amado, que me tem tanto por sua conta!

Nesta manhã senti a alma em tão grande gozo e regalos como se me estivera o Senhor dizendo: "não tenho senão a ti". E goza de tudo e a alma não sei como está que, conhecendo a bondade e grandeza de Deus e a sua miséria, quer-se como retirar para que o Senhor faça aqueles favores a outras almas melhores que ela, mas fincas os seus divinos pés. Com isto recebe dobrados favores porque o Senhor a toma com as suas divinas mãos e a levanta com mil amores, dizendo-lhe o que já tenho dito por mais vezes, o que se diz nos Cantares.

E aqui digo a Vossa Reverendíssima que se lhe parecer que deem fim estes cadernos, eu como [fl. 121v.] sempre estou muito cheia de amor próprio, que é o que tenho de meu, envergonho-me de que Vossa Reverendíssima leia estes borrões que não servem de nenhuma utilidade, senão lhe dar trabalho para os ler. Baste o que tem sempre comigo, mas sempre estou pronta para fazer o que Vossa Reverendíssima me mandar porque é tudo o que Vossa Reverendíssima me diz. Muito assisto nos divinos olhos de Deus.

Capítulo XXIII

Sentia-me com grande fome e sede de estar a sós com meus amores, sem intervalos de estorvo de criaturas na minha caridade com trato com elas. Permite, às vezes, o Senhor

[1510] No original, "detinhamos".
[1511] Episódio em Mateus 15.

haver alguns descuidos de me deter com elas, inda que meu Senhor me não deixa, senão se é por minha culpa.

Tomei três dias de retiro que a obediência me tem ordenado. Assim que meu Senhor me teve só consigo, não cessaram os favores dentro de minha alma. Ela, como envergonhada (que é o que costuma fazer quando os favores são grandes), e muito às vistas da minha alma e com algum temor santo, se sentia quando descia daquela habitação, tão escondida da nossa grossaria. Oh, meu Deus, que me sofreis! Mas, como desconfiada de si mesma, dizia: "Senhor, não me deis tantos regalos, pois que sou a mesma miséria. Só quero ser toda vossa e vós todo meu, meus amores". O Senhor me dizia: "não desconfies, toda és minha! Morre a tudo criado, não admitas alívio nem consolações terrenas, nem abraces com gente coisa alguma deste desterro. Só em mim põe todo o cuidado, que nada te faltará, que és toda minha". [fl. 122] E com mais rezões e clareza me disse meu Senhor estas coisas. Derretida minha alma em fogo de amor, estava entendendo a grande delicadeza e pureza em que a punha o Senhor, que de todo era a alma pura e nua de tudo [o] que é mundo, e nele não abraçar com vontades, senão a cruz de seu Senhor.

Temi que conta darei de minha alma entre tantos tropeços como se acham nesta miserável vida. Meu Deus, e meu sumo bem, que neste temor me está dizendo dentro da alma que lhe dê vontade livre e desocupada e, assim, eleva todo este interior que me prende os sentidos, e sendo tão grandes os favores que minha alma recebe, dá-lhe o Senhor a entender que tem muitos mais para lhe fazer. Todos parecem princípios de infinitos favores que faz ajudar a criatura, sempre metida e engolfada em grande admiração de ver as grandezas de um Deus para com as criaturas, que são a mesma miséria.

Passados alguns dias me descuidei, não de suspirar por meus amores porque esta lenijaza (sic) de amor nunca[1512] está satisfeita a vontade de mais e mais amar. Sempre o Senhor nos traz em desconfiança de nós mesmas e, assim, é necessário viver neste desterro, e ir amando e temendo esta nossa grossaria, que é grandíssima. E quanto se vai aclarando mais este espelho divino, quanto mais conhecemos as nossas ingratidões, inda que nós nunca tivéramos ofendido a Deus, nem em uma mais leve imperfeição.

[1512] No original, "nunqua".

Sempre mostra que temer e mais de que louvar a Deus, e nos admira, inda que não fosse mais de considerar que Deus se fizesse homem só por nos unir à sua divindade. Oh, bondade infinita e in [fl. 122v.] e infinito Deus, que recebeis de nós mais que mil ingratidões? E nós mil favores e fazendo-nos herdeiros de vossa glória. Sejais, Senhor, bendito para sempre. Amém.

Quero referir o meu descuido acima dito. Nestes dias me achava como ausente de meus amores, dando eu mil suspiros, dizia a alma: "ah, meu Senhor me deixou", ou metida em muitas misérias porque é o que se enxerga[1513] faltando a luz divina.

Um dia depois[1514] de comungar, senti dentro da alma como vistas da minha alma, que vinha uma corva trazer todos os dias um pão a um servo de Deus que estava em uma solidão e só, apartado de tudo criado. E com esse pão vivia aquele servo de Deus consoladíssimo e alegre. Eu, lembrou-me se seria nosso Pai São Bento e não entendi mais, só me via muito escura, tendo na alma o amor sacramentado. Reparei nisso e, com temor santo, me queixei de mim mesma, e das ocupações e trato das criaturas preciso, sem interesse no apetite, não mais que por ser vontade de Deus. A meu parecer, porque vivo muito longe de tudo [o] criado dentro da alma, que a carne sempre faz das suas sem que a vontade as abrace, pois eu não tenho nenhuma vontade, que toda é de Deus. E disse: "Senhor e amor de minha alma, as criaturas furtam-me o que é vosso porque todo o meu ser é vosso. Eu, por vosso amor, lhes sirvo. Farei-vos, Senhor, o que for para glória vossa".

Senti dentro da alma, por duas outras vezes, que o Senhor me dizia: "faz, que eu te ajudarei". E isto já toda derretida minha alma em amor, comecei de sentir os seus divinos regalos. Eu, com temor santo, [fl. 123] me encolhia. O Senhor me disse dentro da alma o que eu não sei bem dizer pela minha grossaria, mas era a respeito do pão que era a alma que está no cárcere do corpo, tão escuro. Quero, Senhor, que o recebamos sacramentado, para que a alma viva deste sustento nesta solidão, sem rebuliço algum mais que ela só com aquele pão do céu. Passando este desterro, e sentindo com este pão divino o que eu disse, que não sabia dizer que um sentir da alma de gozo e recriação tão delicadíssima, que parece amor vivo em carne unida na minha alma. Isto me foi dado

[1513] No original, "inxerga".
[1514] No original, "dipois".

como pelo meu Senhor que me estava dizendo, e eu afirmo, se me não engano, que nesta vida, inda [que] não tenha chegado nem sentido favor tão alto, os efeitos são puros e divinos. Que estava conhecendo claramente que o Senhor assistia em minha alma porque não sentia nada de criatura, mais que Deus. E como se haverá a alma com estes conhecimentos, que Deus é o que obra em e maneia a criatura. Oh, Senhor, só vós o podeis dar a entender, o como passa uma alma conhecendo que está toda em Deus e Deus dentro da alma. E aqui passou o Senhor minha alma àquele ditoso estado, a meu parecer, porque já disse por mais que a alma receba de Deus, sempre fica mais e mais que receber, se ela não for ingrata. Mas digo aquela limpeza e pureza que no capítulo primeiro disse, que o Senhor me pedia agora nesta linguagem de favores que neste estado se recebe. Entenda-os, Vossa Reverendíssima, por experiência, que eu não sei relatar mais que vive Deus dentro da alma, não se sentindo dentro dela [fl. 123v.] mais que a mesma glória de Deus. Não há aqui sentidos, nem memória de coisa criada, nem dos mesmos santos. Está [a] alma como apartada do corpo, é solidão em que vive a criatura de todos os sentidos da alma e corpo, e sem isso não se alcança nem se goza tão grande Bem como a alma está gozando e recebendo. E já é sabido que se não está a criatura de todo desfeita de si mesma e de tudo criado não chega a tão feliz estado. Não digo que deixemos de acudir ao preciso e tratar das coisas e caridade do próximo porque nisso se ensinam os mandamentos de Deus, amar a Deus e o próximo como a nós mesmos. O que nos importa é ter grande cuidado e desvelo da pureza da alma e limpeza do coração, não nos descuidamos nenhum instante de nós mesmos. Digo isto interiormente e tratar com as coisas como coisas de fora. Assim as temos de usar para que só meu Senhor seja o dono de nossas almas, para que delas faça jardins para criarem flores para sua recriação, pois o Senhor o disse e as suas delícias era estar e viver com os homens. Isto me disse meu Senhor dentro da alma, queixando-me eu de me achar com grandes embaraços com coisas desta vida precisas de escrever e dar contas a irmãos[1515]. E neste tempo me estava o Senhor fazendo mil favores e eu, como sou tão ruim, disse: “Senhor, esta somana passada, que estava desocupada, dei como a entender poderes. Então, Senhor, fazes-me estes favores se era vontade vossa dar como rico e eu aceitar como pobre mendiga. Mas agora que tenho estas coisas que é preciso

[1515] No original, “irmaoins”.

dar contas delas, [fl. 124] mas era, nem eu, limitado desejo só em lidar com elas como coisas de fora e dentro da alma tratar com [m]eus amores. A isto foi que o Senhor me disse: "assim falo eu com as almas que são todas minhas que, tratando do preciso, se não apartam de mim". Meus amores, não me arrisco[1516] a dizer isto, mas digo que o façais com outras almas, que esta não merece senão mil infernos. E mais disse: "quero que conheças que te dou estes favores de[1517] graça". Aqui conheceu minha alma como o Senhor nos dá tudo de graça pois não há na criatura, por mais santa que seja, o que o Senhor o faça, nem ainda que nos despedaçássemos com penitências, tudo é nada em comparação do mais limitado favor, que não podem ser limitados os favores de Deus. Mas, em comparação que possa apagar, nem supor ou dizer: "Senhor, dai-me isto porque fiz isto", senão estamos sempre pregadas com a terra do nosso nada, que nada somos, que nada podemos e que tudo nos dá o Senhor de graça. Só dizer como o vosso servo vos dizia: "Oh, Senhor, que vos devo. Dai-me, Senhor, com que vos pague!" Desapegai-me, Senhor, de mim mesma, para que só em vós viva, e me ache já para sempre, sem fim, vivendo nesta solidão da alma, neste dormir de sentidos, sem ruído de potências. Assim, está a alma tão desfeita de si que, sentindo algum rebuliço, com uma profundíssima humildade e sem se inquietar nem fazer caso da guerra que levantam os inimigos, que estão sempre armados com a suas diabólicas fúrias contra a pobrezita alma, que se o Senhor não defende, ela por si não pode nada. Mas meus amores, vendo que a alma se dá toda a sua divina ma [fl. 124v.] majestade, tem entranhas de piedade. Não deixa aqueles comissários infernais, antes veste as almas de uma profundíssima fortaleza para que, com humildade, triunfem de seus inimigos e não façam já caso dos seus enredos, senão que fique[m] gozando da ditosa liberdade que o amor divino lhe tem cheio[s] todos os vazios da alma. Assim, digo: "Oh, Senhor, livrai-me de meus pecados e inimigos vossos". E, com humildade, lhe está como mostrando como se o Senhor não soubera, lhe diz: "Senhor, vede isto! Faça-se vossa santíssima vontade!" Assim, possa unida com Deus, em amor regalado, e lá [man]daremos cães infernais embora, que a alma em casa de seu Senhor está segura. Tendo-se entregado toda a essa divina majestade, que já é tratar a alma de Deus e Deus da alma, trazendo-

[1516] No original, "arresco".
[1517] No original, "di".

a como nas meninas dos seus divinos olhos. Mas nunca deixo de temer este desterro enquanto ando e me vejo nele porque somos como os que andam no mar que, inda que vão bem em alguns dias, sempre vão em perigo de se perder e nunca estão seguros. Eu tenho sentido, depois que meu Senhor me mostrou dentro da alma o pão divino, que se recebe em pureza [que] se pode chamar [de] divina, tão admiráveis efeitos e linguagem de amor que andam os sentidos todos em sono suavíssimo. O deleite, e doçuras e suavidades que a alma sente são grandíssimos, que o corpo parte [e]sse pão com abundância. A alma, toda metida em admiração, se escusa com humildade aos regalos porque não deseja senão o ser fiel a seu esposo. Aqui não pode caber de efeitos, com vontade de mais menina imperfeição que a alma sente, sem ser com vontade a [fl. 125] sente como se foram grandes pecados, e se lastima e, com lágrimas amorosas, se confessa a seu Senhor. Com isto sente contínuos abraços divinos, e torna a ficar como se diz, toda embria[ga]da, mortos os sentidos do corpo. Já disse que neste estado, [na] ocupação da alma, por vezes quando o Senhor a não tem bem ocupada, que então nada lhe pode fazer dano, nem ela sente, nem conhece mais que Deus e mais Deus. Mas nos intervalos, está ela com grande cuidado e vigilância que não entre coisa criada. Nisto lhe dá o Senhor a entender coisas graciosas como: “pois que trabalhas por estar neste sítio da alma desocupado”. Falo comigo que é um modo de enamorar a alma com Deus, em tão grande deleite e amor como de loucura. Diz-lhe a alma mil amores e morre-se por enamorar a todas as suas esposas do mesmo Amado. E conhece que o Senhor quer que lhe peça como quem diz: “pede que eu te darei”. Mas, como na alma já não cabe senão vonta[de] do mesmo Amado, porque está a alma tão unida a Deus que parece ser só uma vontade, que não pode ela padecer senão a mesma luz em que a alma caminha [a]o Senhor, que conhece que o Amado se deleita. Aqui se lastima a alma muito nas ofensas que fazem ao Senhor e conhece as nossas grossarias. Oh, quem em coisa desta vida, senão tudo em Deus? Grande miséria a nossa! Que estejamos sendo falsas a nós mesmas, furtando o amor que é de Deus por direito, pois no-lo comprou com o seu preciosíssimo sangue, inda [fl. 125v.] que não fora mais que vestir-se da nossa grossaria, quanto mais pôr-se em uma cruz que foi a cama mais regalada que tem neste mundo. Oh, amor, haverá quem se atreva a deitar em cama branda que se não lastime, sinta e se lembre da cama que vós tomastes por meus pecados e por meu limitado amor? Ai de mim, Amado! Misericórdia, misericórdia!

Antes que se acabe este caderno, tenho uma dúvida para dizer a Vossa Reverendíssima, que todas as mais esposas do Senhor me parecem melhores que eu. Nisto não há que preguntar porque assim o é, na verdade e na minha openião, mas no que reparo é que, sentindo eu tantas ânsias para que todos sejamos santos e santas, tenho como ciúmes delas saberem melhor servir a Deus. E tomo isto com força, não que me inquiete, mas é de modo que me fico como uma pobrezinha, e não sei dizer isto bem para que Vossa Reverendíssima me entenda. Só conheço dentro da alma que o Senhor toma estas desconfianças como rindo-se, e o mesmo tempo sente a alma grande união de amor.

Capítulo XXIV

Dia do Anjo Custódio, depois de ter comungado, me fez meu Senhor grandes regalos, suspendendo-me os sentidos de tudo [o] criado. Me deixou tão extraordinária oração de união de amor puro e nu que me durou vai por três dias, que inda não estou [fl. 126] livre desta prisão dos sentidos e potências, toda enardecida. Enamorada sinto minha alma de Deus, que tudo que veem os olhos do corpo, ou de coisas que lhe lembrem, todas são de amor abrasadíssimo porque em tudo acho a meu Deus presente e não tem a alma mais tempo que para louvar ao Senhor. É isto um viver não com as criaturas, senão só com Deus, porque em toda a parte me acho com ele mui familiarmente. Não que o veja com os olhos do corpo, mas é este amor tão vivo e tão amoroso que sente a alma vivamente na fé vivíssima que anda como nas meninas dos olhos, digo, nas meninas dos seus divinos olhos, conhecendo que o Senhor a mira com grande alegria, como quem lhe dá a entender que toda a alma lhe agrada. Ela, como se vê pobre de si mesma e vê que o Senhor a ama tanto como ela está entendendo porque em tudo de Deus acha entrada como coisa da mesma alma, desfale[ce] a alma toda em amor de Deus, querendo-se fazer muito pequenina como ela o é. O Senhor a levanta com grande alegria e amor, como dizendo: “esta alma não está às coisas da terra, possuirá as minhas riquezas”. Sinto tão copiosas lágrimas nas grandezas e bondades de meus amores que me não atrevo a dizer o muito que a alma conhece que o Senhor lhe dá, e dá a todas as almas que vivem neste desterro, usando do preciso com desprezo, e dentro de si desapegadas de tudo criado. Parece-me que não bastaria quanto papel há em todo o mundo para escrever favores que a alma recebe de Deus, que digo que penitências e abstinências que é bom porque [fl. 126v.] parece caminho [que] foi o que caminhou meu doce amor por mim. Mas se [a] alma vive em fogo de amor crucificada, [é] pelas ofensas

que se lhe tem feito e se fazem por meus pecados a meus amores, que este conhecimento é martírio para uma alma que é amada de Deus. Ora, Senhor, direi um atrevimento grande, que, lembrando-me disto, sou tão inocente que desejo ter dentro do coração lugar para meu Senhor não ver, nem serem as ofensas feitas a ele ou cuidar no muito que padeceu, logo sinto abrir-se-me o coração para o esconder nele. Aqui passo é muito porque não me atrevo a dizê-lo, porque conheço a minha miséria porque o Senhor nestas ocasiões aceita com alegria aquele pequenino lugar do coração, dando-me a entender o quanto lhe agradam todas estas coisas. Assim, passo em rios de lágrimas de amor abrasadíssimo.

Mas quando eu dizia havendo amor nu e livre das coisas da terra é vida santa porque o Senhor planta na alma uma caridade ardentíssima para com o próximo, que deseja a criatura, sem se deter com nada, dentro da alma, servi-los e aliviá-los dos trabalhos, remediar-lhes as suas necessidades. É uma caridade ardentíssima em que vive a criatura porque está conhecendo que é do agrado de Deus, sente os seus trabalhos como seus próprios. Eu sempre desejo ocupar-me todos os sentidos na paixão do Senhor, indo discorrendo por todos os seus trabalhos, mas não sei como é que, sem me sentir, me acho na sua divindade. Mas lembrando-me do que o Senhor padeceu, por maiores que sejam as penalidades [fl. 127] que este miserável corpo padece, nada vejo que padeço. Senhor, tenha misericórdia de mim!

Já disse a Vossa Reverendíssima que tudo que o Senhor faz a minha alma é estando o corpo assentado, que não há forças para estar de outra sorte. Só para a missa, e não sempre a posso ouvir de joelhos e se me queixo ao Senhor porque me faz favores, pois que sou doente, então se aumentam eles. Entendo que o Senhor lhe diz: “assim quero que estejas”.

Este viver com Deus não dá lugar a falar mais que no Amado. Uns destes dias, achei em um livro que uma serva de Deus logo de menina se empenhara em se dar toda a Deus. Foi tão grande o jubilo e alegria de minha alma, e me inflamei de sorte em amor ardentíssimo e gozo que me encheu toda a alma e corpo. E vai por quatro ou cinco dias que sinto a alma como apartada do corpo com a levação que isto lhe causou porque parece-me que me achei com os meus limitados desejos com a mesma vontade desta serva de Deus, porque desde pequenina desejei ocupar-me toda em Deus. E como os tráfegos e gente de casa me não dava lugar para tudo que eu desejava, animava-me em

cuidar que havia de ir para o mosteiro, onde tivesse liberdade para me empregar toda em Deus. Isto me alembrava muito quando me vi cá, inda que a saúde me não ajudava, mas com essa pouca comecei de fazer *ex intra* muitas orações e devoções, que não me chegava o dia para fazer tudo. Em todo o dia me não ficava[1518] um bocadinho livre para fazer as obrigações e, depois disso tudo o que ia ajuntando, eram sempre os dias pequenos para mim, inda que de noite tinha muita [fl. 127v.] parte de oração, sempre me faltava tempo em fé, que o meu confessor me foi à mão a isso, que mas tirou todas, que foi para mim um martírio, desejando eu muito não fazer senão o que a obediência me mandava. Mas apertou-me de sorte que em fé as comunhões me tirou, não me dando senão duas na semana, que era muito para mim que mereço mil infernos. O que padecia [e] passei neste tempo pelo Amado não tem explicação. Basta por ora.

Tornemos ao que senti por achar esta companheira de se dar toda a Deus. Sentia minha alma falar com ela, toda cheia de gozo e alegria lhe dizia: "isso desejo eu sempre aqui". Se levantava minha alma sobre todo [o] criado e o Senhor, falando com ela, lhe dizia: "isso era o que eu te dizia". E eu assim o conheci, que o Senhor sempre me estava a pedir vontade livre e que fosse toda sua. Eu como esse era todo o meu desvelo, entristecia-me[1519] e com lágrimas lhe dizia: "Senhor, pois eu não sou toda vossa?". Isto me causava mil desconfianças de mim mesma. Agora já o Senhor me deu este estado que estar a alma como tirada do corpo, toda elevada em Deus, e todas as potências e sentidos e vontade amando e conhecendo a Deus em todas as coisas. Sinto toda enardecida e inflamada em amor, por vezes grandes feridas ou toques, que me faz como saber de mim. É como lavareda de fogo de amor que se não pode apagar, se não faz, serve efeito, suspende os sentidos, não de todo para orações, mas é um modo que está o corpo como dormindo. Torna a alma em si ou, se toda arder, torna a conhecer o que é dar-se a alma toda a Deus. Aviva-se mais a vontade, [fl. 128] desfaz-se em lágrimas e desejos que todas as almas se deem a Deus. Oh, Senhor, se vira eu que todas vos davam as vontades livres, parece-me que de gozo desfaria esta terra e acabaria este desterro.

Torno a referir as penitências, por serem todas as minhas delícias que disse acima, que antes dar-se a alma toda a Deus com uma pureza angélica, que penitências não é o meu

[1518] No original, "fecava".
[1519] No original, "entrestecia-me".

sentido, que as não façamos havendo forças para isso, senão que ande primeiro a entrega dela a Deus e pureza angélica, e então ajuntar tudo. De que me serve a mim fazer mil imperfeições voluntárias? Não sofrerá palavrinha que me dizem como desabrida, o fazer a mesma vontade em tudo, e mil misérias, e paixões voluntárias e fazer penitências. Às vezes ficar por fazer o preciso e talvez a obrigação. Não posso abraçar isto bem. Nunca me atrevo a fazer o que nada faço, mas nem correr às cruzes sem primeiro fazer as mesmas obrigações do meu estado. Só quando me vejo perseguida de tentações, desejo despedaçar-me em penitências. Não tem o corpo por si mais que a santa obediência, que se isso não fora santamente o fizera uma chaga viva. Há dias que tenho padecido bastantes queixas, enfermidades e opressões de criaturas assistindo a doentes e, dentro na alma, vendo como o Senhor que anda com ela esperando que o corpo acabe o serviço para que a alma descanse nos seus divinos braços. E assim me sucedeu que chegando eu à oração, senti dentro na alma como falta no entender claramente que o Senhor lhe pedia os braços para que ela [fl. 128v.] descansasse nos seus divinos braços. E assim o conheci e temi. Disse: "Senhor, misericórdia". Mas logo me esqueci e fiquei toda em Deus.

Vai por dois dias que ando neste esquecimento de tudo [o] criado, mas sempre na mesma força. Mas o mais do tempo me é necessário fazer força para acudir ao trato das criaturas preciso. E mais é de admirar que, sentindo-me eu toda cheia de dores, parecendo-me não ter modo para estar o corpo encostado para uma cadeira, mas é como coisa de milagre que, chegando já a alma, se acha como livre das prisões do corpo e toda elevada em Deus, tratando com ele como conhecendo [que] já estão os desposórios feitos. Trata-se aqui o modo de viver a alma com Deus porque isto não é um amor que assenta, senão que sempre vai subindo. No céu há muitas mortas, Vossa Reverendíssima o saberá, que eu não sei dizer o que entendo no meu Senhor, mas vejo que o Senhor vai sempre subindo a alma a maior união de amor. Vão-lhe descobrindo novos favores, onde ela vai conhecendo os caminhos por onde o Senhor a leva. Agora conheço que o Senhor a chama, não por falas que ela entenda, senão por um modo que ela conhece na mesma luz que seu Amado quer dela, que é uma união apertadíssima e estreitíssima para com tudo criado. Isto é, no que toca a mim mesma, usando de tudo o preciso com desabrimento e mirando só o amor posto na cruz, nu. Aqui não chega lembrança de nada criado, senão a alma posta nua com o amor crucificado. Isto é não

viver a criatura em si, senão toda em Deus. [fl. 129] Aqui se vê a alma conhecendo e o Senhor a vai retirando das coisas inferiores, que não há já pensamentos de coisas vãs, nem ainda nada da terra mais que a tentação, quando o Senhor a permite, que dessas não faltam por nossa fraqueza ou por ser vontade de Deus, ou também se nos descuidamos de nós mesmas, que nos pomos a mirar coisas escusadas. Castiga o Senhor amorosamente porque nos quer salvar, e ditosa [a] alma que é tentada só por ser vontade de Deus, sem ser por culpas, que no fim da tentação recebe mil favores. Oh, meu amor, quem soubera dizer o que vós fazeis com esta pobre alma? Vejo-a toda cheia de Deus e quando o corpo está cansado, está o Senhor regalando a alma. Agora estou conhecendo uma coisa que direi a Vossa Reverendíssima para que o inimigo não me faça engano, que é que sempre, e principalmente depois que tive a certeza de vir para a casa de Deus, nunca mais me atrevi a ver com vontade, nem mirar com os olhos do corpo nada de vaidade, nem o rosto das criaturas, por serem fermosas, nem coisas de enfeites. Nem neste mosteiro tenho vontade mais que o preciso, nem posso dar advertimento a mim mesma não sendo no meu Senhor. Isto é porque todas estas coisas me servem de martírio e só no Senhor acho toda a consolação e advertimento. E confesso de mim que nunca senti que tinha necessidade de ver coisas criadas porque sempre desejo fechar os olhos a tudo o que era mundo, e assim digo e é na verdade que não sei falar em coisas da terra, não por lhe ter aborrecimento porque em tudo posso louvar a Deus, como o desejo fazer, senão por me dar toda a Deus. Não só por ser [fl. 129v.] obrigada a isso, senão também porque o Senhor nunca me deixou, que sempre senti grande força e amor que me obrigava a não atender mais que ser toda sua. E como já disse que o Senhor me pedira os braços da alma, neste favor sinto-me como toda rodeada de uma formosura angélica, que não sei dizer de outra sorte como quem está cara a cara, sem ser visto com os olhos do corpo, que enche a alma de gozo e admiração. Aqui se lhes descobre à minha alma, que é isto como quem diz: "por mim deixas a tudo criado. Não admites consolação exterior, nem advertimentos. Saras os olhos do corpo para as coisas do mundo. Vê com os olhos da alma e goza de toda a minha alma, digo, glória". Isto que entendo Vossa Reverendíssima o tome por sua conta.

Capítulo XXV.[1520]

[1520] Ligeira mudança de caligrafia.

Neste mês de agosto me tem meu Senhor feito dobradas mercês e favores, e assim estou bem contente, digo, minha alma, por ver que padeço com abundância, não só das minhas enfermidades, senão ter enfermas por minha conta, onde é preciso assistir-lhe de dia e de noite. E nesta mesma ocupação me está meu Senhor regalando, digo, minha alma, que se eu tivesse forças, e alentos e tempo, sempre tinha que dizer de favores e regalos que o Senhor me faz. Mas não há tempo. Direi a Vossa Reverendíssima o mais preciso. O motivo por que está minha alma alegre e contente é por ver que agora em parte está o corpo crucificado e toda eu com o amor na cruz, e que não só gozará a minha alma, [fl. 130] senão padecer bastante. E sinto-me, por muitas vezes, nos bocadinhos da oração e entre as mesmas criaturas, abraçada minha alma o Senhor na cruz, como se fora vivamente. Digo isto pelo que sinto na sustância da alma, pelo gozo e deleite da alma com Deus. E isto me deu meu Senhor dizendo-me dentro da alma, pois que eu não desejava tratar a nada criado, nem falar mais que a quem governa minha alma, que é Vossa Reverendíssima. Sempre suspiro por esta vida porque me não posso ocupar em nada fora de meu Senhor. É de sorte que nem as criaturas mais santas porque sempre em parte impedem o trato íntimo com Deus, inda que toda a alma que de todo se dá a Deus, sem apego de coisa desta vida. Meu Senhor, não permitais vós que criatura alguma se deixem levar de amor tirreno, senão que todo seja para vós, meu doce e amoroso Jesus, que não posso cuidar que haja quem ame outra coisa fora de vós. Só em cuidar nisto se me desfaz o coração em desejo de vos amar e que todos vos amem, Deus menino. Chamas de amor, Deus, morrer por nós em uma cruz. Fogo, fogo de amor divino, não é isto um amor puro, pois porque nos não damos todos a Deus? Que fazemos? Que esperamos? A este sentido foi que meu Senhor estava sempre tratando com minha alma pelas queixas que eu lhe faço, e das que sinto de nós não darmos todas a Deus porque o Senhor quer que usemos de caridade com o próximo, mas que seja de sorte que entre as criaturas não sintamos mais que o íntimo trato de Deus, que é deste modo tratando com elas pelo amor do mesmo Senhor, isto quando é preciso, e fora disto, ações no retiro com o Amado, que [fl. 130v.] assim mo diz meu Senhor dentro da alma. Que o Senhor diz que a alma que está toda virada para ele, e só o corpo é que assiste a caridade. Faz o Senhor naquele mesmo serviço que a criatura faz a outra, faz-lhe o Senhor dobrado[s] mil vezes regalos e favores.

Não sei explicar, mas direi a Vossa Reverendíssima que me vejo rodeada de mil impedimentos das coisas desta vida para acudir a muitas necessidades dos próximos. Que para estar livre minha alma para com o Amado, toma o Senhor e ponha como o corpo sem sentidos, que não entra mais que sentir o doce e suave trato de meu Esposo divino. É como sono, mas a alma está em grandes regalos e entende que o Senhor a põe naquele estado para lhe fazer regalos, que aqui não aparece coisa criada, senão a alma. E toda eu derretida em caridade, amor e alegria da alma, que dentro de meu corpo se sente voar a Deus, tão ligeira como se tivera asas de pomba. E entendo, sem ser fala, que o Senhor me diz que agora me quer ter desta sorte por eu estar sempre padecendo por seu amor, sem outros interesses. Aqui não há vontade nem apego a coisa alguma porque não amas coisas terrenas, que disso não tenho que me acusar, e bem sabe Vossa Reverendíssima que sou a mesma miséria. Mas inda dos mesmos regalos, Senhor que me faz na oração, no retiro, na soledade, em coisa nenhuma, posto por atenção mais que me ver toda inebriada, em alma unida com o Senhor, não querendo que se faça mais que a sua divina vontade, mas padeço muito nestas ânsias [fl. 131] que sinto pelo Amado, que me sinto como o coração fora de seu lugar e não tenho tempo de estar só com o Senhor de minha alma por a sentir como enferma e outras coisas. E sempre o sinto dentro de meu peito. Ai de mim, que sou tão ingrata a quem tem sempre nos seus divinos braços! Eu não tenho tempo de estar com ações com ele e o Senhor sempre está comigo. Assim, me faz andar como simples e inocente no trato das criaturas. Só as noites tenho livres para o abraço íntimo, que domingo o corpo se está a alma regalando com meu doce amor, e logo sinto grandes desejos e ânsia, inda dormindo o corpo, de me entregar toda a Deus. E tão vivamente o faço, não por mim, que sou o que Vossa Reverendíssima sabe, mas o Senhor é mesmo o que me ensina para que a alma se ofereça toda a ela, e todas as mais ações, e palavras e obras. E sinto tão grande gozo e alegria na alma que conhece o muito que o Senhor se agrada. E, meu doce amantíssimo Esposo de minha alma, neste estado, já a criatura não tem nada que não seja vosso. Já não pode haver querer ou não querer, desejar ou não desejar, o não ser toda a criatura de seu Criador. Oh, boa vida! Oh, ditosa alma! Oh, Senhor, se já dera fim [a] este desterro e que todas as almas que vós redimistes[1521] com vosso precioso sangue, morre sempre

[1521] No original, “redemistes”.

neste estado, digo, sair deste desterro e deste cativeiro. E tira-se do corpo, não para deixar e padecer por meu doce e amável Jesus, senão para que vos não ofendamos, senão que vos louvemos eternamente. E digamos como [o]s bem-aventurados [fl. 131v.] santos: *Santos Dominus Deus Sabaoth*[1522]. Oh, vida de minha alma, não é muito que se queixe uma alma que se desfaz toda em ânsias de vos amar e diga que não tem tempo de estar convosco! Isto sentindo sempre a vossa divina presença, e união íntima, e trato amável, e gozo que sustenta e dá forças no corpo, e outras vezes as tira, quando quer fazer a esta alma dobrados favores. E sinto este abraço, que já acima disse, que às vezes dá o Senhor lugar bastante e o mais das vezes para que a alma conheça e se pegue com o seu nada, e se humilhe com profunda humildade, vendo-se tão mimosa e regalada do Rei da glória, que destila pelos olhos águas suavíssimas, na[s]cidas de amor puro ardentíssimo. Que vi voar a alma a Deus, e goza, e ama, e conhece, sem saber explicar mais que dizer dentro de si mesma: "amor, amor, que morro de amor de meu Senhor e Pai de minha alma! Amor, amor, que farei [se] não há tempo de estar convosco? E vós sempre me tendes dentro de vós, meu Deus!" Pois que é isto? É o que eu não sei explicar. Diga Vossa Reverendíssima como são estas coisas que dentro da alma o conheço, que depois de ter recebido o amor sacramentado, me dá meu Senhor tão excelentes doutrinas, que me sinto tão fortalecida de amor que me dão delírios, e ânsias de pregar e dizer a todas "Amém" ao Amado! E sente a natureza o ver padecer a irmão, e alma se alegra de ver que se há de ver com o Amado. Se eu me vejo mais doente, sou tão miserável que quero chorar meus pecados, mas tudo se me va[i] em gozo, e alegria da alma de se ver já [fl. 132] com quem de noite e de dia geme e suspira, e se vê toda cheia de saudades do amor que tem e a quem ama.

Sem descansar, deito-me na cama, queixando-me de mim mesma, perguntando a mim mesma pelas vigílias da noite pelo que fiz naquele dia, e acho-me toda enardecida de amor e a alma nos divinos braços de meu doce amor, que agora é o tempo que tenho mais livre de [e]star com meu Esposo, e falo a verdade. O Senhor tenha misericórdia de mim, que para gozar de meu doce amor é a cama, inda tenho mais liberdade porque dorme o corpo e [a] alma a sós com o Senhor, que ele mesmo a busca.

[1522] No original, "sabahó".

Inda não disse a Vossa Reverendíssima a vida regalada de minha alma nestes meses de padecer por ver padecer o irmão. Nunca me achei tão segura nos favores e regalos porque são colhidos entre espinhos tão puros e resplandecentes, que a alma vivamente conhece que não há engano pela paz e sossego do interior, pelos suaves cheiros com que o Senhor enche a alma e todo o interior. Não pode a criatura ouvir a outrem queixar-se de trabalhos porque os recebe por delícias, pelos bens divinos que sente dentro de sua alma e, com ânsia e fervor, deseja dizer o que conhece dentro de si, como se deu a [a]braçar com a cruz e não a ter por cruz, senão por joia mais preciosa que o nosso divino Esposo nos pode dar neste desterro. Padece-lo sem se sentir e sente-o para nos alegrarmos não dar entrada a rebuliços, que o inimigo está alerta. Meu Deus e Senhor, não permitais que [fl. 132v.] percamos a paz da alma por nada deste desterro, e adiante [a] alma que o Senhor nos quer pôr, e ficar e alimpar das misérias que herdamos de nosso Pai Adão. Oh, vida de minha alma, dentro deste corpo mortal, fazeis glória para assistires em uma pobrezita alma, que ando como fora de mim mesma e toda enardecia pelo que sinto dentro da alma, sendo eu a que sou, ver a alma em um trato íntimo de Deus, em um sono as potências e sentidos, que não sinto mais que amor e mil amores, que os não sei explicar. Isto no tempo mais trabalhoso de trabalhos, que eu inda na minha vida tinha tido, e um assistir continuamente com criaturas e aliviar a doente. E nesta ocupação me faz o Senhor dobrados favores, com o seu trato íntimo e suave companhia, dizendo à minha alma: “assistamos aqui ambos”.

Outro dia me senti atribulada no exterior, e dentro na alma grandes carícias de meu doce Amado. E, como eu tinha falado mais do preciso, me pareceu a mim, sentia tantos favores, disse dentro da alma ou pensei em dizer: “eu como pode ser fazer-me o Senhor estes favores, estando eu metida nestes trabalhos?” Logo vi dentro da alma que o Senhor, com grande alegria, disse: “esta é a mesa que eu ponho a quem padece por meu amor”. Bem sei que Vossa Reverendíssima sabe como o Senhor quer-nos ver atribulados, especialmente os seus escolhidos, que é ver-nos pade[ce]r simplesmente, e pura a alma, e desocupada e desapegada de tudo [o] que é terreno. Que padecer em trevas com [m]ais vontades ou ódios aos próximos [fl. 133], este não é o padecer que eu falo, mas como me não sei explicar tudo isto de que dou conta a Vossa Reverendíssima, parece a lugar de loucura. Loucura minha parece porque tenho, é um ferver-me neste interior uns suspiros, umas ânsias, uns divinos abraços, que me parece que nunca estou

para nada. E agora muito pior porque o que aqui escrevo é só o que me está aqui dizendo, ou a alma enten[den]do, porque não tenho tempo para tomar retiro mais que este das dez horas para as seis da manhã. E como este miserável corpo dorme muito, só então está [a] alma com mais largueza com o Senhor, e nestes bocadinhos da noite e da manhã escrevo. Mas como a alma sente o divino abraço, desfaz-se todo o interior em delírios de amores. Assim, nunca dou fim [a]o que começo porque meu coração se abrasa, e quanto mais se acende o fogo do amor divino, quanto mais arde esta alma. E, por isso, me queixo ou se queixa ela, que não tem tempo de estar com o Senhor porque não pode satisfazer esta fome e sede que sente. Por isso, não pode falar nem dizer, sem saber dizer senão querer falar sempre no amor, e se queixa porque não sabe falar do Amado. Assim, vive atribulada com o amor divino, sempre metida nas bodegas dos seus divinos vinhos.

Agora já posso dizer a Vossa Reverendíssima que, depois de ter dito que dos bocados das noites que tinha livres já os não tenho, senão para estar assistindo a doente por estar mais atribulada, vela o corpo para lhe dar algum descanso à enferma, mas minha alma nos braços de [fl. 133v.] meu doce amor, e com tudo isto que tenho dito, e favores e regalos que recebo de meu doce amor. Como o corpo anda aquebrantado com os trabalhos e assistência da enferma, tenho sentido por algumas vezes este interior muito[1523] desabrido. Mas pensando que será isto castigos de algumas lágrimas que eu desperdiço sem querer pela irmãzinha, pela ver padecer. Mas isto tudo é nascido da minha miséria, que quando o Senhor quer só pensar que há de ter este desterro, falta-me tempo de estar sempre a louvar a Deus, que se há de facear esta fome e sede. Oh, Senhor, como fica com vida este corpo nesta consideração? Já disse a Vossa Reverendíssima que sou a mesma miséria, e a pior de todas as esposas que meu Senhor Jesus tem nesta santa casa. Mas que me sinto voar, digo, minha alma a seu Criador, porque olho (sic) olhar para as estrelas, para o sol, para qualquer ervinha ou bichinho, tudo me faz chamas de amor e me desata destas cadeias, destes estorvos e embaraços deste miserável mundo porque só minha alma suspira por seu fazedor.

Eu já disse a Vossa Reverendíssima como por vezes me sentia seca por meus pecados, mas sempre minha alma alegre. E agora andava com desejos de escrever a Vossa

[1523] No original, “mui”.

Reverendíssima, mas como de meu não tenho nada porque nada junto, e nada amo, nem busco, fora de meu Senhor e Pai de minha alma, por isso estava esperando que o Senhor desse tempo para escrever e me desse que dizer. Para que Vossa Reverendíssima saiba o que eu sou, que inda os mesmos favores de Deus lhe não sei dar conta. [fl. 134]

Capítulo XXVI

Com desejos e amor ardentíssimo, tomara saber dar conta a Vossa Reverendíssima do que passa em minha alma.

Hoje, depois de ter recebido o amor sacramentado, se achou a alma só com Deus, daquele modo que já disse a Vossa Reverendíssima no caderno passado, que é sentir-se como se estivera fora deste miserável corpo, e então não sente o corpo as suas penalidades, antes goza de suaves e deliciosos cheiros. Me parece a mim porque não sente mais que estar também gozando, com forças excelentíssimas. Não tem necessidade de nada, antes tudo lhe sobeja. As forças são desconhecidas, sustento sem trabalho porque sem comer está satisfeito. Vive padecendo com Deus continuamente. Oh, vida admirável! Canta minha alma mil vezes, dizendo: "achei todo o bem que sempre desejei possuí-lo, e nunca, jamais, o largarei". Que é o que desejo dizer a Vossa Reverendíssima das ânsias e suspiros, e ímpetos do fogo de amor grande que padecia, que agora está o Senhor com uma grande coisa, só com ela e tão só no gozar, que sente a alma as suas delícias e trato como se fora com os olhos do corpo. Digo na sustância, nos tocamentos da alma com Deus, porque anda agora, como se pode dizer?, tratando e conversando como faz uma pessoa com outra. Mas este trato não tem comparação porque o da alma é todo no céu. [fl. 134v.] Isto é com toda a parte na cama inda com mais abundância, e nos ratos da oração, que é a parte mais segura, estando a alma bem guarnecida de uma profundíssima humildade, que lhe deixa conhecer donde lhe vem todo o bem, e fugir de todo o mal para este gozo da alma com Deus.

Exercita o Senhor a minha alma em alto conhecimento do que a poderá impedir aquela luz divina, que o mesmo Senhor quer que vão por seus caminhos direitos. Dá então à alma um grande desapego de tudo criado, um deixar-se toda nas suas divinas mãos[1524]. Já nem os mesmos favores e regalos deseja mais que uma vontade livre e desembaraçada para só seguir o que for vontade sua. Isto é um amar e amor que não

[1524] No original, "moins".

tenho tempo para cuidar em outra coisa, e por isso já disse a Vossa Reverendíssima no capítulo vinte e cinco que não há tempo para nada, e disto me acuso, que sempre estivera a falar e escrever do Amado e, sem saber o que digo, nunca me falta que diga do amor porque sempre o sinto dentro da alma. Ela tão enamorada do amor, que todas as mais ocupações ou riquezas em que ouço falar, sinto tal força e desabrimento de todo o criado, que não se pode deter sem que seja com grande trabalho e violência. E isto, às vezes, sem querer, que sou tão má como isso. Mas está a alma tão unida com o Senhor que a governa e a todas as coisas, que não tem ela outro cuidado mais que no Amado, e em tudo o mais que obra é só dirigido pelo Amado puramente. E, assim, vive a alma com Deus, em um só querer, em uma só vontade. Quando o Senhor a quer recriar, é por muitos modos.

Hoje estava [fl. 135] a alma como só, banhando-se toda em gozo e alegria, lhe pareceu que estava só nesta consideração: "já sou toda de Deus, e Deus todo meu". Ela se sentia como posta naquele lugar pela mão de Deus. Não o diz por se fiar de si, que disso Deus nos livre, senão pelo que em si sente dado da mão de Deus, que a alma não pode duvidar. Estando nestes atos e ratos de oração, e tempo livre inda no trato das mesmas criaturas porque quando estão muitas juntas, as que estão dentro da alma com íntimo abraço e trato de Deus dão lugar que as mais falem. Ela se faça como quem está ouvindo o que as mais dizem, ela está gozando das delícias do céu. Oh, Senhor, quem bem soubera falar de Deus? Mas eu me consolo em ter a Vossa Reverendíssima, e digo muitas vezes, achando-me com algumas servas de Deus que me falam em Vossa Reverendíssima, digo-lhe eu que bem fala Vossa Reverendíssima de Deus, muito e bem, que consola as almas enfermas, e todas o querem nas suas doenças. Bendito seja o Senhor que me [e]nviou para a sua obediência. O mesmo Senhor permita não me castigar por me não saber aproveitar dos seus caminhos e faísca do amor que o Senhor lhe deu a Vossa Reverendíssima para enamorar as almas em Deus. E mais, e mais bendito seja o Senhor.

Já há dias que não escrevo, que me sinto tão aquebrantada de forças de corpo e da alma que toda me sinto uma miséria, inda que o coração sempre derretido e a alma enamorada, mas com grande trabalho, me sinto tíbia e seca em todas as minhas diligências. [135v.] Ai de mim, meu Amado, que é isto mais que culpas minhas? Nada posso fazer se não é assentada, que me tem faltado as forças do corpo. Só dentro da

alma sinto os doces abraços de meu querido e Amado Senhor, mas tornando a mim me sinto seca, que quero trabalhar e não posso. Disto me acuso, que tenho como inimizade a mim mesma, a este miserável corpo, e sempre assento comigo não lhe dar favor, nem o tratar com mimo, que então será pior, e desejo tratá-lo como de longe, só porque ele se não apegue a nada desta vida, que me não ponha a alma em riscos. Que bem sabe Vossa Reverendíssima que sem estar a criatura bem desapegada da terra não goza com abundância dos favores do céu, inda que o maior que eu posso desejar é só a alma desembaraçada das coisas da terra, porque dentro de si sente logo o trato íntimo de Deus. E trato tão diferente[1525] do de cá, que faz as ações da criatura tão agradáveis, todas cheias de caridade e profunda humildade. Por isso, sou sempre contra mim. Nunca abraço com vontade nem uma coisa desta vida, senão com temor, considerando que será danoso para a alma. Estes são os meus maiores cuidados, mas tudo é pouco para o que esta alma deve fazer em tempo de sequidades como agora. Sempre me estivera queixando de mim mesma, com um aborrecimento amoroso, deste miserável corpo, por não poder fazer o que eu desejo, que o seu vestido devia ser um cilício da cabeça até os pés, mas façamos o que a santa obediência nos manda, [fl. 136] que não erraremos o caminho começado por Deus, nosso querido Esposo. Que eu deveras desejo fazê-las grandíssimas penitências em tempo de sequidades e misérias, que então dá o Senhor lugar para a criatura se conhecer melhor a si mesma, e sobre isto me dá grandes desejos de fazer o que Vossa Reverendíssima me diz: consumir todas as minhas misérias no fogo do amor divino.

Hoje, depois de receber o amor sacramentado, estando gozando dos seus favores costumados, me deu uma saudade tão penetrante que me faria toda eu esta saudade por Deus. Só o mesmo Senhor me remedeia e cura esta chaga, que é forte considerar que estou neste desterro gozando dos favores do céu, mas sempre em risco de os perder se me descuidar. Tudo o que obro é por Deus. Todos os meus suspiros e ânsias são por Deus. Amo-o com fé viva, sinto a sua divina união e tudo o mais que a igreja de Deus nos ensina, e tudo o mais que se sabe, mas este amor penetrante que fere a alma. Ela metida nesta escuridade do corpo, neste vale de lágrimas, ela desejosa e aborrecida de tudo criado, desejosa de se ver já toda com Deus, e aborrecida de se ver metida em tantos

[1525] No original, “defrente”.

perigos[1526] como há neste desterro. Não se anoja por padecer, se não se ofendera a seu Deus, porque nem nos grandes favores se dá por segura. Enquanto se acha fora da sua pátria, que é o céu por quem sempre suspira, disto lhe na[s]ce uma viva saudade, se desfaz em amorosas e suaves lágrimas. Nestas querelas, goza a alma e corpo grandes favores e regalos, mas quando o Senhor é servido dá tempos [fl. 136v.] de grandes maravilhas da sua grandeza, que faz e fez pelas criaturas ingratas, que não fazemos mais que deter-nos com coisas de ar para não vermos com os olhos da alma as grandezas de Deus. Tesouros riquíssimos, escondidos de quem se apega a coisas da terra, tão inúteis e limitadas. Meus amores, confesso minha cela, para que ter eu um copo de vidro no nosso leito me faz temer, e sendo para a necessidade o mais, assim o não tenho por vontade, pelo conhecimento que o Senhor me tem dado do dano que faz abraçar com vontade as coisas desnecessárias. Que isto vi eu dentro da alma uma manhã, ou antes ou depois de ter comungado, me disse meu doce amor dentro da alma, estando-se regalando de a ver, que ele mesmo a tinha guarnecido de várias flores de virtudes. Eu como me via tão regalada, sem falar, dava a entender o Senhor que queria aqueles bens para todas e para todo o mundo, que o mereciam melhor que eu, que mereço mil infernos. Aqui foi que o Senhor me deu a entender o dano que faz o demasiado cuidado que temos connosco mesmas, prevenindo-nos de coisas tão limitadas para que nada nos falte nas doenças, ou em ocasiões precisas. Isto coisas de ar, que eu me não atrevo a escrevê-las. Bem sabe o Senhor as lágrimas e sentimentos que eu padeço com estas coisas, por ver o que perdemos das grandezas de Deus, porque é o possível sem um desapego forte e amoroso das coisas da terra. Uma pobreza de espírito à qual só o mesmo Senhor a pode dar, fazendo a criatura da sua parte quanto puder por se desapegar de [fl. 137] si mesma e buscar-se toda em Deus, e obrar e fazer tudo por Deus puramente, e tudo o mais é como se diz: "comer por não morrer". Ai de mim, meu Amado! Se eu vos for ingrata, com tantos documentos[1527] e doutrinas, como me ensinais e mostrais dentro da alma como poderei ter descanso, ou segurança, neste desterro? Senão andar sempre unida a vós, meu Amado! Estes são os meus temores. Estas são as minhas saudades, porque me vejo rodeada de tantos perigos, e ter a vós por meu

[1526] No original, "prigos".
[1527] No original, "decumentos".

mestre, meu doce amor! E se não for sempre toda vossa, e se não andar sempre unida a vós com estes conhecimentos, ai amor, não me desampareis, que sóis Pai de amor e misericórdia!

Já desabrido será dizer eu a Vossa Reverendíssima, e custoso de ler estas minhas garatujas[1528], que hoje, estando recolhida depois da comunhão, com grande força de amor que me tira de meus sentidos, digo do corpo, e me [e]leva toda a Deus, onde gozei parte da manhã, com tanta abundância que só por grande necessidade do próximo me podia tornar [a]o trato de criaturas. Era tão suave o trato que a alma sentia com Deus que, sem apego e favores, que nisso também há muito perigo como nos regalos, não me atrevia a tratar a nada nestes ratos e tempo livre de a alma se conhecer a si mesma. Porque é certo que quando a alma está mais e mais em Deus, tanto mais se conhece a si para se humilhar nestas querelas. E como há dias me queixei a meu Senhor de estar a escrever e dar trabalho a Vossa Reverendíssima, sendo eu como sou, sem saber escrever nem dizer o que o Senhor obra em minha alma, [fl. 137v.] e tão inútil para todas as coisas desta vida, dentro de mim sentia grande pureza, mas de tudo me queixava de não prestar para as criaturas no que desejo, que no que posso, sendo tudo por Deus puramente, está o coração sempre aberto para as servir e consolar. Nestas queixas da alma com Deus, senti de novo vivos amores de meu Senhor, e como se agradava destes meus borrões, inda que eu sempre desconfio pelo que toca a minha miséria. De novo se renovou a inteligência dentro na alma que conhecia que o Senhor lhe dizia: "toda és minha, não temas!". E com estes recobros sentia-me como vivamente em Deus. Mas como as doutrinas de meu Senhor todas são encaminhadas a grande pureza em todo o sentido, faz-me patente aos olhos da carne ver muitas vezes que sei que impedimento, ou todo o trato íntimo de Deus, causa-me como aborrecimento, inda que vai dirigido à dor e sentimento da alma, porque queria que todas andássemos sempre unidas a Deus. Nisto, sinto muitos temores porque a alma se veja em parte unida a seu Deus, teme não venha a ser pior do que está sentindo e conhecendo. Mas mais tudo isto se torna em dobrados favores que o Senhor lhe mostra com assegurá-la, mas é como mostrando-lhe que se não descuide ela da sua parte, a que Deus nosso Senhor nos manda que trabalhemos e não estejamos mão sobre mão. Isto me afronta várias vezes, ver o pouco

[1528] No original, "gratuchas".

que posso e faço, mas meu Senhor e Pai da alma me consola, mostrando-me os mesmos modos que temos para não estarmos ociosos, que é fazer e trabalhar interiormente, pondo o palácio do Rei da glória [fl. 138] todo desocupado, que é a nossa alma, o nosso coração, e todas as nossas potências e sentidos, assim interiores como exteriores. Uma ocupação pura, como de dar sem misturas de coisas da terra, e bem trabalha, sendo ajudada do mesmo Senhor. Quem isto fizer com todo o cuidado a que pode[m] chegar as nossas limitadas[1529] forças dirigidas por Deus. Com isto me consolo quando me faltam as forças do corpo, que em mim são a voz do páraco, mas nada [d]isto é nosso, senão de Deus que o dá a quem é servido, e não pelos merecimentos da criatura, que não pode nada e nada merece. Mas podemos fazer muito sem podermos fazer nada, que é entregar-nos todas a Deus e pedir-lhe uma profundíssima humildade, que sem muita, muita humildade, não se goza de favores do céu. E quanto mais se goza, mais se vai aumentando a humildade, que é o alicerce seguro para toda [a] alma que deveras se dá a Deus. Não sei como dê esta conta a Vossa Reverendíssima, inda que se está acabando o capítulo e me dá como pena de aqui dizer como falar de todos, porque não quisera que os favores são só com esta pobre alma, sendo a mais ingrata que há em todo o mundo. Mas por não me parecer que quero ensinar, mas consolo-me, que bem sabe o Senhor que é só para dar conta a Vossa Reverendíssima do que me tem ordenado. Só me admiro como pode Vossa Reverendíssima saber-me dito isto por mim tão fortemente. O Senhor tenha misericórdia de mim, e dê paciência a Vossa Reverendíssima para me sofrer, sendo eu a que Vossa Reverendíssima sabe. [fl. 138v.]

Capítulo XXVII.

Entre muitos padecimentos, me vejo sempre metida e rodeada de bastantes coisas que me podem deter. Com aflição de não poder ser boa a esta enferma em muitas coisas que se oferecem para a sua doença, e para buscar-lhe remédio e não ter eu com que lhe possa valer, disse a meu Senhor e Pai de minha alma que lhe entregava tudo, e a mim mesma, como sempre sou sua. Senti dentro da alma como o Senhor me tomava tudo por sua conta, e a alma se sentiu com ele uma mesma coisa. Pôs-me em grande paz e serenidade, toda eu gozando eu de meu Deus, em grande extremo de regalos e carícias. Isto em tempo de grande tribulação de coisas da enferma, que se não fora a infinita

[1529] No original, “lemitadas”.

bondade de meu Senhor todo o dia e noite gastava nestes cuidados de buscar remédio à irmã, e não lhe fazia nada, e gastava o tempo sem estar em braços de meu doce amor. Mas o Senhor me quis mostrar [que] se nos entregamos todas a ele, que ele toma por sua conta remediar as nossas necessidades, e nós que estejamos gozando dos seus divinos braços. E se não acudir logo, iremos padecendo, e gozando e esperando na sua divina misericórdia, que não pode haver maio[r] dita que padecer e gozar de Deus. Na paz da contemplação que me sinto agora, sempre como dormindo, digo nas ações exteriores, porque não tenho todo o tempo livre para gozar deste bem, mas como o Senhor sabe a verdade, nestes ratos [fl. 139] breves me dá a razão dobrada.

Digo a Vossa Reverendíssima que vai já por seis ou sete dias que levantou o Senhor esta alma à união de que eu posso dar pouco a entender, e sendo muito o que a alma goza, saiu a alma como o ouro do fogo. Assim, saiu a alma de tribulações que já acima referi, e a maior de todos os trabalhos era sentir-se, como já disse no capítulo passado, como seca e tíbia, e o amor escondido. Que estes trabalhos a faz pôr às portas da morte, à casa de seu Pai Adão[1530], como se diz, a cuidar. E faz-me aborrecer santamente tudo o criado, porque em nada desejo buscar alívio, nem consolação, mais que no Senhor está toda a mente. Não sei como fale e diga os grandes trabalhos de minha alma quando se vê com o Senhor escondido, e que o não pode amar como queria e deseja. Porque o amor tem muitos modos de ser Amado, mas eu, como sou pobre de virtudes, só me satisfaz andar sempre unida a meu Amado, pelos grandes perigos deste desterro, e ver o pouco que eu posso. Em ausências de amor, não me atrevo a cuidar sem lágrimas e dor do coração. E agora que mais me vejo em Deus, tanto mais conheço o que podem sentir estas coisas, e o valor e estimação que devemos fazer das coisas do céu. Oh, que inimigo[1531] tão grande é este do corpo da alma. Oh, se eu vira só com os olhos da alma as grandezas de Deus, sempre patentes, mas escondidas [a]os olhos da carne! Às vezes sinto a alma partir-se-me de dor pelas grandezas de Deus, tão pouco conhecidas e reverenciadas das criaturas que, pela nossa grossaria e cuidado das coisas desta vida, nos cega tanto para que [fl. 139v.] não gozemos de Deus com tanta abundância como o Senhor nos está dando sempre. Mas estes cuidados de nós mesmas nos deita[m] a

[1530] No original, “Adam”.
[1531] No original, “inemigo”.

perder, que já disse no capítulo passado dos desvelos com que algumas criaturas se empregam no que ao mister para as doenças, que isso de está-la a esperar não se pode culpar ser o preciso para as necessidades. Isto não no-lo dá nossa mãe, que é a ordem, mas quisera que, possuindo essas coisas para necessidade, vivam dentro da alma pobres e desapegadas delas, para que só sintamos a união do Amado, que é só do que falo. Mas como me não sei explicar, tudo misturo sem ser esse o meu sentido.

Como também o trato de criaturas, não é que deixemos de lhe assistir, e amá-las em Deus e servi-las puramente por Deus, sem interesses de coisas de ar, senão que vivamos dentro na alma só com Deus, que nos elevemos todas a Deus. Todas estas coisas me diz meu Senhor dentro da alma às vezes como queixando-se dos seus... Ai de mim, que sou a pior de todas! Que não tenho de minha parte mais que interiormente andando sempre fugindo para meu Amado. E então o Senhor, como vê que me dou toda a ele, sente a alma como que o Senhor se põe conversando com ela, com tanta alegria, que a alma está tão elevada que se não sabe conhecer a si mesma, senão quando o Senhor lhe dá lugar para ela se humilhar. As delícias e flagrâncias de suavíssimos cheiros e regalos em que a alma se sente, só quem as goza saberá como isso é. E eu, pela mesma ignorância, tudo se me vai em delírios causados deste amor, que a alma, inda que não queira, não [fl. 140] pode deixar o Amado, que anda sempre detrás dele. Que, confesso minha culpa, que não pode ela ter outra vida que amar e ser amada, ou saber que é amada. Vossa Reverendíssima me diga se há aqui algum engano porque a minha tenção é dar-me toda a Deus, que me redimiu com o seu preciosíssimo sangue, que esta fineza só Deus a fez pelas criaturas ingratas. Este conhecimento me faz viver sempre em Deus e daqui passar ao céu, aos infinitos bens que o Senhor nos tem guardados para os que deveras o amam. Uma glória sem fim de que as almas puras gozam já neste desterro, por parte daquele bem infinito que o Senhor lhe dá a gostar, estando a alma na escuridade deste desterro. Que só uma faísca de amor faz andar a criatura fora de si, sempre em busca de seu Senhor, porque não satisfaz a fome e sede que tem de se ver já cara a cara. Quando cuido nisto, me dá grandes ânsias de me pegar com a terra e humilhar profundamente, por ver o que sou e onde o Senhor leva minha alma, só por fé viva e amor puro. Daqui me na[s]ce, às vezes, dizer o que não queria, só porque de mim se não conheça mais que ser eu muito ingrata, meu Deus e Senhor de minha alma!

Mas direi a Vossa Reverendíssima isto para ver se assim me emendo a ter sentido como falo. E foi que me disse uma serva de Deus que eu não sabia fazer doces, nem estas coisas de perdição da alma, lhe chamo eu. Disse-me que as não sabia porque nunca me dera com as criaturas, andar por suas casas e ver como elas contratam nisso. Eu disse: "dizeis bem", mas eu vim de fora tão aborrecida a trêfegos [fl. 140v.] e lidas de casa que tanto que me vi cá todo o meu cuidado foi ter tempo para fazer as obrigações de religiosa, e tratar só do preciso. Ela como me ouviu isto, ficou toda confrangida que gastemos largo tempo a falar em coisas do céu, mas eu mo[r]tificada por ver que ela fazia de mim como bom conceito. E não me emendei porque nesse dia me disse outra irmã que as mais religiosas brincavam, digo, que as mais religiões brincavam e se divertiam, "e só vós não fazeis isso". Respondi: "tomara eu tempo para estar com Deus, que eu não apeteço outros advertimentos". Elas logo ficam com isto mui humilhadas e eu mortificada, e assim a Vossa Reverendíssima que tenho pena disto, que não é bom que eu diga o que não serei porque só o Senhor é o que sabe quem é o bom e o maior. Mas tudo isto me na[s]ce deste fogo de amor que arde em minha alma e amando muito as criaturas em Deus, mas sempre dentro da alma me quero ver só com Deus, e elas que vão também voando a Deus.

Hoje, depois de ter comungado, que foi antes das oito horas, até acabado o coro, ou parte dele, me teve meu Senhor na contemplação suavíssima da paz da alma, que já disse a Vossa Reverendíssima que o Senhor me traz agora que me perco toda a todo o criado, e só me acho em Deus, suavemente. A alma guarnecida de várias virtudes, do que já tenho dado conta a Vossa Reverendíssima. Uma delas é esta que nunca se murcha, que é fome e sede que a alma sempre pressente de falar em Deus e no seu divino amor, e estar sempre com ele retirada de criaturas. Isto é interiormente, dentro da alma. Sinto este levar da alma a Deus no gozo da contemplação, que ando como morta das coisas [fl. 141] desta vida, errando delas com tanta liberdade que nada desta vida possuo. Isto é no sentir da alma porque só a Deus acha e comunica com tanta largueza. Este é o estado em que Deus está como segurando a alma nas suas divinas misericórdias, que a tem tão engolfada nas suas grandezas que agora nada sente mais que a Deus, e todo o tempo dera à contemplação pela liberdade da alma em que se vê. Mas como conhece que o Senhor se agrada do que se faz [a]o próximo, ela por fazer a sua divina vontade em tudo, assiste quando é preciso a estas coisas de consolar as

criaturas porque sempre sente a seu Senhor. Mas nestas ocupações está mais cativa, e muito mais namorada e derretida e[m] amor porque sente a alma como desapegada do corpo para de todo se unir a Deus. E em toda a parte que me acho por Deus, não se aflige a alma porque o Senhor me tem posto como por segurança que em toda a parte sou sua. Mas sempre devemos buscar o retiro, podendo ser que nele sinto grande limpeza do interior, que isto desejo eu sempre porque dentro da alma conheço que o Senhor está como assentado à porta, esperando que lhe alimpemos o palácio do Rei da glória para se regalar com a pastorinha. Quem se não confunde em ver o que somos e as grandezas que Deus obra com as criaturas? Confesso minha culpa, que me sinto toda estar-me derretendo no que o Senhor me dá a entender e a conhecer. E não sinto parte neste inútil corpo que não esteja sempre metendo-se toda por Deus. Não me sei bem explicar, mas Vossa Reverendíssima bem me entende, e só o que me leva a alguma parte é a caridade do próximo. Mas sabendo que [fl. 141v.] está remediado, toda me torno a Deus. Umas vezes, gozando do que tenho dado a entender alguma coisa, outras vezes, suspirando por Deus. Às vezes, por insofrida fome e sede, outras, por menos satisfação da alma quando o Senhor quer que ela o busque em desvelo, e ela o quer fazer, mas não acerta porque o mesmo Senhor assim o permite pôr-se como escondido para ver as finezas da alma. Mas nunca então me parece isso mais que supor que são culpas minhas. Estes padecimentos não tem explicação, que são fortes como a morte. Aqui me faz lembrar o que diz nos cantes, mas como não é meu não o digo. Só me quero lembrar que sou filha de Adão e Eva, que não tenho senão misérias e pecados, e o Senhor sempre regalando esta alma, que hoje recebeu dobrados favores, com uma força suave para não admitir nos sentidos nada desta vida fora da necessidade, que estas são as virtudes que o Senhor deixa, ou põe na alma quando sai da contemplação ao tratar do preciso.

Tenho passado estes dias sem escrever, ou por falta de tempo e também muito cheia de misérias, mas a alma sempre derretida por seus amores. Mas a enferma não me quer deixar sair do pé de si. Diz que até não acabar a vida que não a hei de deixar porque a minha assistência a consola muito. Eu me compadeço então que vejo que todas lhe assistem com amor. Obriga-me a caridade, mas não posso deixar de dar muitos furtados no tempo que a vejo mais aliviada.

Hoje me vi toda presa e elevada minha alma a gozar de Deus, com suave e celestial doutrina, na[s]cida [fl. 142] em profundíssima humildade, que o Senhor deixou a alma

transformada e conforme com tudo, sem sentir que era criatura de carne mais que sentir-me o que não é bem que diga, mas Vossa Reverendíssima quis-me todos estes papéis, e é que tudo era sentir Deus dentro da alma porque me não sentia com natureza de criatura. Digo isto pelas adversidades e trabalhos que é neste desterro, que eu tenho bastantes, mas o Senhor, em lugar de os eu sentir, dá-me seu divino amor, e o seu abraço divino e trato interno. Assim, que me não sei sentir do que padeço, senão do que gozo, e do muito que sou ingrata, que muitas vezes padeço porque não padeço, e porque não sei sentir as ofensas que se fazem a meu Deus, mas é porque eu não sei.

Ontem me tomaram uma capa nova, que não tinha outra coisa para o frio, mas o Senhor me pôs na alma tal gozo e alegria, que me não lembrou mais que oferecê-la [a]o Senhor e pedir-lhe que, pelas suas divinas chagas, lhe perdoasse, que eu lhe dava de boa vontade. E com este desabrigo do corpo, senti minha alma desde então unida ao Amado. E nos ratos da oração não sei explicar aonde a alma chega, que é um gozo tão subtil que fica a criatura gozando de Deus em todo o sentido. Porque tudo o que vê, inda com os olhos do corpo, sente e goza de Deus porque em tudo o está a alma louvando. Inda nas mesmas froixidões, tem um estar com Deus, que ou escuro, ou com mais luz e clarão, menos sinto sempre a alma em paz, e serenidade, e conforme e unida com a sua divina vontade. Isto me diz Vossa Reverendíssima na sua carta, e a alma está [fl. 142v.] gozando, que é donde Deus, e não da alma, que ela não tem senão misérias.

Já tenho dito a Vossa Reverendíssima, por várias vezes, que a alma nestes jardins de flores de que goza, sempre anda no corpo desapegada de tudo que é desta vida, que só para Deus vive toda virada, sem sentidos de coisas de terra, mais que só do que não pode escusar, mas puramente por Deus. Que sem estas condições não se pode gozar das delícias do céu com liberdade do sentido. Que eu não digo isto a Vossa Reverendíssima por eu ser mestre de experiências, senão para que Vossa Reverendíssima saiba o que eu sou, e saiba de que me há de repreender. Que eu só digo a Vossa Reverendíssima que meu coração se me desfaz todo por meu doce amor. Leve o Senhor esta alma quando for servido, que eu me sinto toda desfazer por meus amores porque sentindo-o eu dentro na alma, sempre ela o busca.

Capítulo XXVIII.

Logo quero dizer a Vossa Reverendíssima que me parece que não disse bem no capítulo passado, a respeito do muito que minha alma deseja que meu doce amor seja Amado

de todas as criaturas e ninguém o ofenda. Assim, que me dá bastante dor e pena ver que se faziam pecados, e como me foi patente o furtar-me à capa, lastimou-se tanto a minha alma, não por a[1532] perder eu, senão por ser ofensa de Deus. Assim, andava com tão grandes sentimentos, e lágrimas e dor, que por isso disse a Vossa Reverendíssima no capítulo que não morria de dor porque não [fl. 143] sabia das ofensas que se faziam a meu Senhor. Isto foi na[s]cido do que sentia, mas depois considerei minha miséria e o muito que era ingrata a quem tanto devia. E como não morro de dor de não ser a que devia ser, logo me repreendi a mim mesma. E com estas querelas que faço de mim mesma, sinto a alma em braços de meu Deus e Senhor e Pai de minha alma, dando-me excelentes doutrinas para que a alma viva desembaraçada e toda em Deus, que tudo se pode alcançar com a graça do Senhor, sendo ele servido ajudar-nos a vencer os três inimigos da alma, desprezando tudo o que é mundo, não buscando nas criaturas mais que nos pode ajudar aí a Deus.

O Senhor pôs-me um dia como em deserto, mostrando-me como a alma ia segura, sendo desconhecida de tudo [o] que é deste desterro. De repente, sem atender a nada, me achei em grande desabrimento de tudo [o] criado, mas, dando o Senhor luz na alma, achei-me tão rica, e regalada, e mimosa e favorecida de Deus, que me estavam como dizendo que se a alma não trabalhava por viver naquele deserto, digo, das coisas de cá, não chegaria a conhecer e gozar de Deus com tanta largueza e abundância de favores do céu. Ficou minha alma toda enardecida e derretida e[m] amor, mas temorosa e amorosamente confiada da parte do Senhor, mas de si desconfiada. E logo lhe deram a entender que o anjo pecara no céu e Adão no Paraíso. Discorrendo neste sentido, conheci que quanto a alma é o mais favorecida de Deus e mais regalada enquanto está neste cor [fl. 143v.] corpo, que não está segura, que está em maior perigo. Eu não sei explicar como a alma o conheceu, que era como dito por anjo, o que eu inda a este ponto não tinha entendido, que anjo me desse a entender coisas de meu Amado mais que sentir sempre a meu doce amor. Mas agora, sem ver anjo com os olhos da carne, que disso deus nos livre, mas nem por luz, senão conhecer dentro na alma que eram mensageiros de meu Amado, e advertências para a alma caminhar a Deus com mais vigilância. Conheci que era anjo que me advertia a respeito dos muitos regalos e favores

[1532] No original, “pela”.

que ela sempre goza de Deus. Mostrava-me o grande perigo e obrigação em que vivo enquanto estou neste desterro, por isso me fez lembrança de anjo que pecou no céu, inda que isso é sabido. Mas o Senhor mostrou-me, como para mais me assegurar no caminho, começando por Deus, que me deixou vestida toda eu de uma profundíssima humildade e conhecimento de mim mesma, vivendo despida de tudo [o] que é bom só porque de mim nada tenho, senão que tudo é de Deus e de mim mais que misérias. Assim, se abraça a alma com Deus nestes conhecimentos de si mesma.

Neste dia que o Senhor me deu a entender que me avisava por anjo, já tinha recebido o amor sacramentado. E como me achava tão rica de tesouros do céu, e nesse dia me tinha Vossa Reverendíssima dito que me mandava que comungasse, todas as vezes que padeci se me aumentou uma tão [fl. 144] profunda humildade, que a alma se prostrava com os divinos pés do Senhor, toda derretida e acendida em chamas de amor vivo, por se ver de si tão pobre e de Deus tão rica e favorecida. Mas, como ao mesmo tempo lhe deu o Senhor a conhecer o que já disse, que o anjo era o que lhe falava como da parte do Senhor, deu-me uma saudade de Deus tão forte, e derretida em lágrimas da alma e corpo, que os olhos se fizeram duas fontes. Sem me queixar de nada mais que sentir-me morrer por meu Deus, e tão presa os ratos de oração que, sem me querer deixar estar, me via tão presa e de nada me queixava, nem de não saber amar, nem de me ter ou parecer que meu Senhor me tinha deixado, senão como de sentida e simples para tudo o criado. E vai por três ou quatro dias que a alma goza de todas as virtudes que o Senhor lhe pôs neste dia. São as mais preciosas que, para as declarar todas, é necessário muito tempo, que é a liberdade em que o Senhor põe uma alma que deveras deseja servir e dar-se toda a ele. Liberdade para seguir todo o bom, não sentir outra vontade, nem querer mais que se dar toda a Deus e ser em todos os seus pensamentos desejo só em Deus. Ver-se morta dentro de si mesma para as coisas da terra, das mesmas de que precisamente há de usar, mas com tal desapego que dela[s] se não lembra, nem sente dentro si mais que estar gozando de Deus, que sente na boca um excelentíssimo sustento [fl. 144v.] do céu que a faz olvidar dos comeres de cá. Isto sem a alma os buscar, que só deseja agradar a seus Deus e estar unida a ele, por amor puro, despida de todo o sentido. Isto é falar interiormente, que é do que desejo dar conta a Vossa Reverendíssima, inda que nunca acerto o fazê-lo. Mas não quer dizer que fujamos das

criaturas, e de tratar das coisas precisas para a vida mortal, senão que fujamos de nós mesmas para que a alma se ache e viva só com Deus.

Porque eu só desejo ver todas as criaturas todas desapegadas de si mesmas para quando nos vem a ocasião de merecer, mas como é a palavrinha, ou o desprezo, outras coisas assim semelhantes, estejamos tão unidas a Deus que nos alegremos muito com isso. Muitas vezes digo a mim mesma, quando estas coisas me não dão moléstia nem me tiram a paz da alma, "Senhor, se me deram muitas bofetadas, [e] outras coisas pesadas desejo quem me faça isso, só para ver o que inda sou porque, inda que me sinto assim tão morta, nunca me fio em mim". Mas como não tenho outra vida mais que consolar as criaturas no que posso, e o mais tempo para Deus, estes bocados de tempo furtados para falar aqui do Amado. Por isso, sinto [n]o interior uma vida de anjo e do céu, inda que a natureza sinta padecimentos, redundam os favores que a alma recebe de Deus, que tudo se faz como céu. Eu sinto-me agora tão favorecida de Deus que já não [fl. 145] sei dizer de trabalhos nada, que também os padeço quando o Senhor é servido. Tentações bastantes, mas como a alma sempre é favorecida com aquela posição de paz que tem já como por herança de gozar dela, logo se esquece do passado.

E veja, eu acima fiz menção dos três inimigos da alma que o Senhor me deu a conhecer que nos ajudou a vencer, que mais de três dias me vi combatida deles, no comer, digo, nas coisas grosseiras, que é preciso para alimentar[1533] o corpo. Nisto, me via tentada, mas o meu desejo é usar do preciso e não mais. Se me não vejo bem desapegada destas coisas, já me não dou por segura porque este amor é delicadíssima união de amor com Deus. Não se pode misturar com os apeguinhos da natureza as coisas de cá, senão bem desapegada. Ó Senhor, que não sei falar de vós, e vejo-me toda derretida por vós, meu Amado do meu coração, que não sei o que digo!

Que para me desculpar da assistência que de contínuo estou fazendo à doente, e dela vir a fazer estes borrões sem saber o que digo, que só me leva este amor que me faz como louca, ou com delírios de amar a quem tanto me ama, que derramou o seu preciosíssimo sangue por mim. Por isso, quem se há de queixar de padecer? E eu, quando vejo que a natureza se enfraquece, logo [fl. 145v.] pregunto a mim mesma, e muitas vezes o digo para alguma serva de Deus. Ir mais que padecer é o nosso (sic),

[1533] No original, "alemintar".

porventura chegamos[1534] [a]o calvário que é isto a lembrança do que padeceu o nosso divino Esposo.

Esta lembrança me faz desejar, e mais e mais padecer por meu Amado, que falar de padecimento só dos que desejo fazer menção são dos da alma, como é ver-se cheia de misérias, ver-se escura, ver-se ausente, e com ausências do Amado, inda que não ache culpas grandes, como não sabe donde ou causa de sua soledade, que é parecer-lhe que tem ofendido a seu Senhor. E, por isso, se lhe escondeu e que não sabe como, ou como fora, ou vira aonde o achara, e que fará para mais, e mais o agradar. Só disto se deve queixar a esposa verdadeira do altíssimo. Só isto são padecimentos do altíssimo, digo, padecimentos que a religiosa se pode sentir, que do mais é para quem vive no mundo (?) e (?) e saudade [a]o que se der. Fiquemo-nos sempre com a paz da alma e não nos queixemos de nada, mais que de nós mesmas, quando nos virmos pouco humildades, pouco mortificadas, pouco aproveitadas no caminho espiritual. Bom é que quem pode que acudamos, por tudo que se pode fazer [a]o próximo, e para a glória e honra de Deus, mas seja em termos que nos não distraiamos e percamos a paz da alma. Melhor será quem tem poucos [fl. 146] talentos como eu, e muitas mais sempre são todas melhores que eu, que nos ponhamos aos pés de nosso divino Esposo a pedir-lhe por aquelas necessidades que vemos grandes, assim para com o próximo como para o que os perlados, que desejam fazer para glória e honra de Deus. Que isso é o melhor e não gastarmos dias e noites a falar no que não podemos remediar. Não declaro a matéria deste meu dizer, mas principalmente toca a eleições que me lastima[m], e se me parte o coração de dor ver que nós não sabemos unir a uma só vontade, a um só querer, que é só o que for do agrado de Deus, e aquela que melhor deseja fazer a vontade de Deus e não gastarmos mais tempos perdidos que dar-nos todas a Deus. E só dentro da alma desejo praticar estas coisas com meu Amado, não com muitas rezões mais que como o Senhor quer que lhe pidamos e unir-nos logo a ele.

Hoje fui receber a meu Senhor e como não tive muito tempo para estar só com ele nos ratos da oração, que foi preciso vir à doente, senti dentro da alma dobrados favores. Mostrando-me o Senhor dentro da alma, como dizendo-me que ali estava comigo, e em todo o dia me senti recolhida, com prisão nos sentidos das coisas da terra, não mais que

[1534] No original, “chiguamos”.

gozar de Deus. E o Senhor como dizendo-me como as suas esposas hão de viver, que é um recolhimento dos sentidos e potências, uma brancura que descobre na alma, uma alegria da minha alma, um viver com o Senhor crucificada para tudo o terreno e alegríssima com Deus, [fl. 146v.] descobrindo-se na mesma criatura uma pureza angélica. Deu-me tão grandes ânsias e desejos de que todas as suas esposas gozassem daquele feliz estado, não digo nem falo só das que estamos cá dentro na clausura, mas ainda das que vivem no mundo. Mas o Senhor me deu a entender que nem todas o queriam, em que me mostrava o que mais lhe agradava que era vir desapegada de fora do mundo, vir só com vontade de ser toda sua. Aqui neste entender, vi dentro da alma o Senhor como assentado e a alma com ele gozando todo, e ela como mão sobre mão, digo, sem trabalho, senão como já coisa sua e de ambos, que é gozar de Deus sem limite. E um conhecer de Deus que a alma, naquele estado, não se conhece, nem sabe mais que gozar de Deus. Também me estava o Senhor mostrando o que nos ajuda muito ir [a]o Amado, [a]o recolhimento. E paz da alma é também estar a alma com Deus, como já disse, mão sobre mão, porque é a largueza de riquezas do céu [do] que ela goza, que só depois quando o Senhor é servido dar lugar para ela se humilhar e agradecer. Nestes tratos se vê a alma em suas delícias, que ela conhece, e é que quando o Senhor lhe dá estas doutrinas, está a alma como afastada na mesma presença do mesmo Deus, e daí se recolhe ao mesmo Senhor, aonde goza o que língua (é maná) não sabe dizer. Só que está presa da mão de Deus, as alegrias da alma com Deus, o que vê em Deus com ela mesma [a]o Senhor. Aqui não entra mais que vós, meus amores, se vós fizéreis...

[fl. 147][1535] De Janeiro do ano de 1734.

Capítulo XXIX.

Pego logo no que ia dizendo no capítulo acima, se vós fizéreis estes favores a outrem melhor que eu! Pois não sei escrever, nem dizer mais que gozo de vós com tanta largueza, sendo eu a que sou! Mas meu doce Amado só deseja dar-me a entender, para que saiba o vosso ministro as vossas grandezas que usais com o mais inútil bichinho da terra, e para dizer isto são dobrados e incendidos amores e favores que sinto na alma. Grande Deus, que cada [vez] mais e mais se está descobrindo a esta formiga, que de si

[1535] Interrupção da escrita, retomando-se o mesmo tópico posteriormente apesar do hiato temporal. Verifica-se mudança de caligrafia.

nada sabe, senão ver-se toda um céu, que o corpo não tem necessidade de coisa desta vida, que a alma o sustenta do que recebe do Senhor, inda que não deixou de usar do que é necessário, mas, se me não engano, tomo isso como se não tomara nada porque me não leva nem ocupa os sentidos, porque toda a mente se emprega em Deus.

Direi a Vossa Reverendíssima uma coisa, inda que sei que estas coisas levarão alguma dúvida neste sentido por serem vistas dentro da alma, que só se podem querer quando as mesmas pessoas as experimentam. Não que ponha dúvida ao que respeita a Vossa Reverendíssima, mas são tão subtis que me parece, às vezes, ser melhor[1536] não as dizer. Mas não posso deixar de dar conta de tudo que posso com a minha grossaria [fl. 147v.] declarar a Vossa Reverendíssima para [que] vá segura com a sua aprovação. E é que já disse a Vossa Reverendíssima que o Senhor me tinha como presa nos sentidos. Vai por muitos dias que vive a alma nesta delícia e o corpo, em maior aperto, dá assistência da doente, que nem muito tempo há para os ratos da oração, e deles furto para escrever. Mas enquanto a doente dorme, faço oração e, depois de me deitar, também gozo de meu Deus com abundância. E eu tenho entendido, se não me engano, que o Senhor tem esta sua serva, digo, a irmã, neste padecimento tão grande para, depois de passar desta vida, ir logo ver a sua divina cara e gozar dele sem limite. Pelo que sinto interiormente, me não põe isto dúvida porque sinto tais coisas do Senhor, que me está mostrando que está ali connosco ambas, e com todos está. Mas este sentir é muito claro, não nos olhos do corpo, senão no sentir da alma, até, às vezes, insofrível o amor que acende dentro da alma. Sinto que o Senhor me manda que lhe assista. Isto com advertências para aquelas cousinhas ordinárias de consular a enferma, porque tudo o que lhe faço a consola tanto que me causa uma profundíssima humildade vê-la tão consolada da minha assistência, sendo eu a pior de todas. Nisto, sinto que o Senhor fala com minha alma, que era o que ia dizendo a Vossa Reverendíssima que se pode pôr dúvida, que é sentir que o Senhor anda conversando com minha alma e como queixando-se de muitas suas esposas, que me parte o coração de dor porque me mostra as limitadas coisas da terra que nos escurecem a luz do céu, onde conheço tudo o que mais lhe agrada e coisas tão leves que nos apartam desta tão ditosa conversação e trato de Deus.

[1536] No original, “milhor”.

Também digo a Vossa Reverendíssima, pegada com a terra por ver que só mereço infernos, que o Senhor me está mostran [fl. 148] do a alegria de seu divino rosto, como se agrada de minha alma e ma mostra como já toda sua, sem estas coisas de que se queixa, tendo como nos seus divinos braços por instantes. E se de[s]ce é para conhecer e entender tudo o que é mais de seu divino agrado. Se lhe permite tentações, não que a molestem, senão para se exercitar mais e mais em todas as virtudes, como é na humildade, no conhecimento do seu nada, no desapego de tudo criado. Por não estar com muitas razões, digo assim tudo junto [o] que põe a alma em tão grande liberdade, que não há tempo mais que para cuidar como se dará mais e mais a Deus, e que fará para mais agradar! Sim, trata do preciso, fala e trata com as criaturas, mas como todos os seus sentidos e mente se vão para Deus, são daquelas as ocupações precisas. Pratilizada (sic) e enardecida, e com insofrida fome e sede de se dar toda a Deus. Este é o estilo de se achar a alma toda em Deus, e quem assim não andar cuidadosa, não poderá gozar de Deus. Isto não é falar comigo, senão dizer o que posso das coisas que o Senhor trata com uma alma, andando ela sempre com ele. E com tanta graça aprende nos ratos da oração que, às vezes, está nela como um jumentinho preso, comendo sem sentir, entendendo sem entender, e nem sabe o que faz, só conhece que goza. E depois, dentro de si, tão suavemente sabedora das coisas do céu, sem as praticar para as aprender, senão para as entender da boca do altíssimo. Não posso, e na verdade não sei, falar de coisas tão altas, que sou a que Vossa Reverendíssima sabe. Mas inda que queira dizê-las, sempre se [fl. 148v.] me vai o sentido a querer dizer os meios e os alicerces por onde se chega a subir estes degraus do caminho da perfeição. Não para ensinar, que eu não tenho senão misérias, mas para que Vossa Reverendíssima saiba tudo o que se passa neste interior. E, falando nestes conhecimentos da alma para com Deus, a respeito do que Vossa Reverendíssima me preguntou, que como a alma conhecia que era amada de Deus, é temeridade dizê-lo eu. Mas como Vossa Reverendíssima me ordena que de tudo dê conta, desejo dizer o que posso porque conheço em Deus a obediência é o caminho mais seguro e paz da alma. Bem sei que tenho ouvido que o Senhor disse por Santa Maria Madalena que ela o amara muito, e não diz que a amara o Senhor muito. Mas também dizem de muitos santos, e santos que foram muito Amados. Por nenhuma destas coisas santas me julgo, porque sou a que Vossa Reverendíssima sabe. E também dizer isto me embaraça a dar conta puramente do que

passa na alma, mas conhece ela em Deus que é amada, que o Senhor se alegra com ela. Vê, sem ver, que o Senhor a mira com alegria, que lhe faz parecer da sua divina cara que trata com ela como um amigo com outro. Tudo isto, e outras coisas, que eu não sei dar a entender, conhece e goza a alma de Deus. Agora a pregunta que me faz, o Senhor lhe dê a resposta se eu não acertar. Oh, que humildade hei de mister para falar destas coisas tão delicadas! Conhece a alma porque está satisfeita, está toda despida de si, não sabe de si, senão pelo que vê em si que é o mesmo Deus, e como a tem vestida daquelas grandezas de Deus, não sinto falta em coisa alguma, e o maior sinal é estar sem fome e sede de mais se dar a Deus, senão sente-se transbordada[1537] e cheia toda de Deus, que descansa sem fadiga (isto é nestes ratos), e toda se vê segura, sem atender a nada, que todas estas coisas não lhe fazem [fl. 149] parecer que já de todo se pode dar por segura de sua salvação, e que já não tem necessidade de trabalhar, nem servir mais e mais a Deus. Que disto Deus nos livre, senão ser uma vida de amor. E como se vê toda derretida e acendida em chamas de amor, porque sempre suspira, está-se então revendo naquelas perfeições do Amado, que ele lhe comunica como já de ambos, sendo uma só coisa. E esta coisa é toda um Deus infinito de bondade e grandezas. E como a alma nestes ratos não sente a fome e sede que tem de se dar a Deus, e de mais e mais o servir, e amar, e agradar, duas coisas da minha meninice, quando era inda de poucos anos, me deu o Senhor com grande força, que era insofrível a fome e sede de o servir e amar. Era uma força tão grande que me despertava muito sentida das moças e moços e gente da casa, e ir-me descalça a uma ermida para ali rezar e chorar pelo Amado. Mas como estava com o sentido em recolher-me antes de ser sentida, via-me com mais, e mais fome e sede de me dar toda a Deus. Só me consolava muito em dizer sempre ao Senhor que era meu Esposo e, por me não afligir, confiava neste ditoso estado de religiosa, que nele teria tempo de me dar toda a Deus. Esta lembrança me desperta os desejos, e me faz conhecer a minha ingratidão e o pouco que faço. E também me faz esquecer de todas as coisas desta vida porque os desejos me fazem parecer que inda não comecei a ser a que nesse tempo desejava ser, que tudo era suspirar por esta largueza da alma. Estas coisas trata o Senhor com minha alma nestas lembranças do tempo passado, que para agora me fazem dobradas [fl. 149v.] obrigações e dívidas de me dar toda a Deus, como

[1537] No original, “tresbordada”.

conhecimento que se me descuidar que mereço mil infernos. Todas estas coisas me despiram e me estão despindo mais, e mais de tudo [o] que é desta vida, e que só a alma ande sempre vestida de Deus. Por isso, amo a tudo em Deus, mas que a alma esteja toda em Deus por muitas rezões. Não estendo mais estas notícias por não acabar o capítulo, e a dois ou três dias que não pude furtar um bocadinho de tempo para escrever e dar conta do muito que o Senhor tem regalado minha alma estes dias que está gozando de Deus em todo o sentido. Na boca é um maná que é mais que suavidades.

A outra coisa que atrás disse que eram duas, que o Senhor me fez muita força, a segunda era ardentes desejos de falar sempre de Deus, que me fazia insofrível saudade do Amado. Aventava meninas da mesma idade, pobres, e com elas falava muito, muito do Senhor, e tomava tudo que podia para lhe dar, que era pelo Esposo. Ensinava-[a]s a tudo que podia, a alguma vestia se tinha modo sem ser sentida. Era um desejo tão grande de remediar os pobres e de lhe assistir nas suas necessidades, que eles eram toda a minha consolação porque ouvia dizer que eles eram do reino do céu. Ia-me a esta ermida perto de casa com um livro, sem saber inda ler muito, e aventava as meninas para lhe ler vidas de santos. E ali lhe pregava, dizendo-lhe do que tinha lido. Elas, melhores que eu, andavam sempre detrás de mim, que às vezes era repreendida porque saía ou as levava comigo. Nunca me pude satisfazer de falar em meu Senhor e Pai de minha alma. Já chamando-o [de] Esposo, sempre era com lágrimas de amor. Agora, como o Senhor lhe começou a [fl. 150] fazer dobrados favores e nos ratos achar satisfação de amor, entrada nos vinhos divinos parece-lhe a alma ser amada porque só em Deus se acha. Mas sempre lhe digo e suspiro dizendo: “Senhor, quem vos amará, não como vós mereceis, mas como vós quereis ser Amado das vossas criaturas? Porque sois Deus infinito, que nem os céus e terra, nem mil mundos, vos pode amar como vós mereceis ser Amado. Mas como vos fizestes pequenino, sendo Deus infinito, só para os bichinhos da terra que são as criaturas. Vos posso comunicar, e dizendo mil delírios como eu, na[s]cidos de insofridos amores que nos comunicais e nos deixastes na terra tão admiráveis mistérios onde, de noite e de dia, não devemos cessar de vos louvar e engrandecer por Deus infinito, em tudo [o] que criastes para nosso regalo. Mas, meu amoroso e divino Esposo, não permitais que nos façamos surdos para escutar, com os ouvidos da alma, as vossas divinas inspirações.”.

Dois mistérios divinos me trazem sempre absorta e encendida a alma para mais, e mais me dar a Deus, que é o batismo [e o] outro é o amor sacramentado. Ficar-se o Senhor connosco e obrar tantas maravilhas, grandezas e regalos na alma que, pura e limpa das coisas de cá da terra, o recebe. Aquela fé viva que infunde na alma para o receber com fé viva que Deus está ali, tão realmente como está no céu, e aquele amor insofrível que sente de não poder satisfazer a sede que sente de se ver já com ele. E sente-o todo dentro de sua alma, mas como a escuridade do corpo não deixa ver claramente a Deus, goza dele por [fl. 150v.] amor puro. Confesso minha culpa, que inda que agora o recebo todos os dias, por misericórdia de meu Deus, e não pelos meus merecimentos, sempre sinto fome e sede do amor sacramentado. Sempre padeci muito por ele, sem que me atrevesse a pedir e ser impertinente, que isso seria gulosice espiritual. Mas é uma saudade que sempre tive de receber o amor sacramentado, e uma alegria que sempre tive, ou senti, na alma, pela fé viva que sempre tem deste admirável sacramento, e pela união que a alma recebe com Deus e trato familiar que sente em todos os mais mistérios. Temos sempre muito que louvar a Deus, que não tem a alma mais tempo que para conhecer e amar porque os conhecimentos das grandezas de Deus que obrou pelas criaturas faz andar a alma absorta e enardecida toda em amor por seu Deus. Deseja satisfazer por todos espiritualmente, pelos seus ministros, se eles forem ingratos (o que Deus tal não permita), porque isto me confunde, que por eles obra o Senhor tantas maravilhas, como é o do batismo e do amor sacramentado. E vejam isto bem com os olhos da alma. O Senhor tenha misericórdia.

Capítulo XXX.

Advertências que a alma tem recebido do Senhor para guarda dos sentidos exteriores, como já disse o pouco tempo que tenho para os ratos de oração e deles tirar para escrever, que é isto bem visto, que nada é meu, senão tudo do Senhor, porque nem o corpo está aqui de assento, senão como vem a furtar estes bocados, e se vai acudir às necessidades das criaturas. E ali, vem [fl. 151] pessoas muito santas, mas até delas em algumas ocasiões devemos fugir com os sentidos e o ouvido do corpo, e bom fora que sempre o fizéramos sem faltar à caridade do próximo. Mas como ali ouvi algumas coisas que me não pareciam bem, mas sim escusadas de se dizerem, depois, estando na oração, me vieram à presença a lembrança dela. Mas logo senti como o Senhor se mostrava como repreendendo minha alma e, ao mesmo tempo, ensinando-me com

amor abrasadíssimo, me estava como dizendo o apreço que devia fazer de me retirar de coisas escusadas, de as ouvir e saber que, estando os ouvidos do corpo também mortos para as coisas da terra, sente-se a alma pura e o coração desocupado, e toda a criatura feita um céu.

Eu como me vi assim que meu doce amor me mostrava tanto às vistas da alma as suas grandezas, e que estavam patentes a todas as criaturas, que mesmo o Senhor me deu a conhecer o que, por nossa culpa, perdemos. Toda minha alma se inflamou em amor, e dor, e compaixão de nós todas e de todo o mundo, mas especialmente [d]as suas esposas, pois fomos chamadas para o seu trato íntimo. E ver que o Senhor nos quer anjos em carne, e nós desviando-nos destes amores que se deixam ver como raios de sol divino, sinto-me arder em amor de meu Senhor e Pai de minha alma. E com encendidos desejos de amar ao próximo, se eles de todo se deram a Deus, que me sinto morrer de dor pelo que o Senhor me deu a conhecer, que dizemos nós que esta escuridade de carne que nos não deixar ver a Deus. Assim é para a sua vista clara, mas para gozar dele com tanta largueza de regalos, de doutrinas, de conhecimentos de Deus, não é necessário outras letras mais que a alma pura e coração desocupado [fl. 151v.] de coisinhas[1538] escusadas. Não me sei explicar bem o que o Senhor me mostrou porque sou inútil criatura.

Viu minha alma este mundo cheio de grandezas de Deus, todas patentes às criaturas, e as criaturas umas de todas cegas, sem ver nada, que são as que andam em tráfegos escusados. Outras, com pouca vista, que são as que querem servir a dois Senhores. Querem servir a Deus, mas não se desapegam das criaturas. Outras, com mais vista, mas tinham uns fios que as prendiam. Assim, não havia uma vista clara para receber a luz divina. Tão grande a minha dor e lágrimas por não ver uma vontade toda livre para Deus, que me sentia como apartar-se a alma do corpo e ir-me toda a Deus.

No outro dia, depois de receber o amor sacramentado, me senti toda transformada em Deus e a alma sem saber se si, mais que estar louvando a Deus, vestida de profunda humildade. E saída daqueles ratos, se sente desfazer em amor de Deus e dos próximos, que certamente pelo que em si sente se decerto soubera que todos o amavam, não como ele merece, senão como ele quer ser Amado das suas criaturas. Se isto soubera,

[1538] No original, “cousinhas”.

toda eu me desfizera em amor pela ânsia que minha alma padece. Já o Senhor me está como dizendo que todas estas leis destas vistas escuras, e outras mais claras que o Senhor me deu a conhecer, de que já fiz menção não como a alma as conheceu, estas leis de amor divino, lhe chamou, que todas são para minha alma. Pois, visto esta as não saber eu dizer, porque todo o meu sentido é dar conta a Vossa Reverendíssima do que o Senhor me mostra dentro da alma, da pureza e limpeza que hei de ter para o trato íntimo e abraço de Deus, para que a alma, de noite e de dia, goze do seu divino Esposo. Que esta noite, todo o tempo que o corpo esteve acordado, [fl. 152] gozou a alma com abundância de seu divino Esposo porque o tempo é pouco para a oração. Assim, ando toda transformada em meu doce amor. É uma força que sinto em todos os sentidos da alma e corpo para não admitir coisa criada, que, saída aos bocados do retiro, me vejo toda elevada em Deus. Não cuide Vossa Reverendíssima que tenho arroubamentos, que bem sei que não suporá isso. Mas como me não sei explicar, sempre temo não dê a entender o que não é mais que nestes ratos não sei bem o que passo. Digo, para o dizer, que a alma bem sabe o que goza de Deus, mas que este gozo da alma com Deus cada vez é mais subido, mais delicado, mais excelente, mais penetrante para as notícias amorosas de Deus. Goza de um céu nestes estados, quando a alma de[s]ce já as tentações não a molestam porque são breves que está a alma forte. Digo isto pelo estado em que me acho agora com Deus, que está a alma em um só querer e uma só coisa com Deus. Que, estando em grande aperto o corpo de trabalhos com a irmã naquelas aflições, está minha alma em altíssima união com Deus. Vê que não há tempo para a contemplação, mas como se vê toda transformada em Deus, nem suspirar quer pelo tempo livre, mais que fazer e estar onde o Senhor a quiser. Ou na cruz dos trabalhos, ou no descanso, o que ela não deseja mais que fazer a vontade de Deus em tudo, e este amor que me penetra toda, que todos nos demos a Deus. Ai, quem me dera ter esta certeza! Oh, quem não tivera outros interesses mais que servir e amar a Deus, e viver toda em seu puro amor! Que bem se pode acudir a coisas precisas e dar-nos todas a Deus. Oh, quem falara sempre de vós, meu doce e amorosíssimo Jesus de minha alma! Quem [fl. 152v.] não tivera outros cuidados mais que em vos dar almas puras e corações limpos e desocupados de coisas da terra! Oh, quem tivera a certeza que todas as vossas criaturas ardiam em amor vosso! Oh, vida de minha alma, que toda é, digo, toda és de meu Deus! Oh, que já não sou minha, senão toda de meu Deus! Que já posso

dizer que não tenho outra vida, nem outro viver mais que ser toda de meu Deus! Oh, corações de todas as criaturas, dai-os a meu Senhor, que ele tomou o meu, sendo eu a que sou, que fará aos outros? Mas com advertência que sejam puros, que sejam todos derretidos em amor de meu Deus e Senhor. Ai, que delírios de amor! Como mandarei este papel com as minhas loucuras? Mas sinto-me arder em amor, amor.

Vai por muitos dias que não escrevo porque de todo me faltaram as forças do corpo, que a cabeça não pode nada e o tempo muito pouco tenho. Tudo se me ajuntou e o Senhor fazendo-me dobrados favores entre todos estes trabalhos, que a alma os recebe por regalos, porque tudo [o] que dentro de si sente é tratar com Deus. Mas como agora está como dois amantes entre gentes que não podem falar com liberdade por não dar a entender, ou não podem satisfazer, porque a gente da casa os impedem, assim está minha alma nestas assistências da caridade. Como não está com liberdade, toda se derrete e[m] amor porque se vê na sua divina presença e não satisfaz como nos ratos da oração, mas não se aflige e está conhecendo que o Senhor está ali com ela e ela com ele. Que, suposto esteja com a gente de casa, a alma está só com Deus dentro de si mesma, não vivendo em si, senão em Deus toda. Não sei que diga a Vossa Reverendíssima de mim. Só direi que me sinto tão ferida e tão encendida em amor [fl. 153] de meu Senhor que, na presença de criaturas, se se fala no Senhor, não posso deixar de chorar de amor que sinto arder em mim toda. Já de todo me não posso lembrar mais que de meus amores, nem me posso deter em coisa criada, que estão os ouvidos da alma e corpo tão desocupados de coisas de terra, que só para consolar o próximo me obriga a deter-me no preciso. Que a vida de minha alma é estar sempre louvando ao Amado, e humilhando-se e pedindo por todo o mundo porque toda a sua ânsia é que todos gozem dos favores e regalos que ela goza. Assim, hoje que tive duas horas livres para estar na união e transformação do Amado, depois de o ter recebido, tratou a alma com o Senhor e o Senhor com ela. Nestas coisas no pedir [a]o Senhor que todos o amem, logo a alma conhece que o Senhor quer pureza e desapego de tudo criado dentro de si mesma à criatura, e como para isto há de haver grande cuidado, o que eu não vejo, lastima-se muito a alma. Que o Senhor muitas coisas, digo, muitas vezes dá a entender à mesma alma que se satisfaz com ela, ou com os muitos favores e regalos. Se enardece a alma, que é como quer ela o Senhor divertir. Só que vem, por fim, achar-se toda uma mesma coisa com Deus, sem saber o que digo de união e transformação, que, por fim

de tudo, tudo é fogo de amor. Umas vezes, mais sedente, com maior fome e sede, outra vez, insofrido. Outra vez, menos satisfeita [a] alma, e outras vezes de todo satisfeita, sem sentir mais que Deus, e nem se ver mais que em Deus naquele objeto divino. Até que torna a de[s]cer, não para descansar, senão para se tornar mais e mais acender em fogo de amor [fl. 153v.] divino. Isto é [o] que desejo comunicar com as esposas de meu Amado Cristo Jesus e com todo o mundo, pelo que dentro de mim sinto mais que céu. Assim, me desejo estar sempre humilhada. Oh, Senhor, que darei por vós, que em tudo vos posso servir estando sempre com pureza de anjo e abrasado amor de serafim? Ajudando-nos vós, Senhor, para que sejais louvado de todo o mundo como deveis ser Amado das vossas criaturas. Oh, Senhor, digo minha culpa. Sinto-me morrer de amor vosso e desejo que se abra este peito, que vá este coração a vós. Ele é vosso! Perdoai, Senhor, minhas ingratidões, meus atrevimentos, meus delírios! Vossa sou toda, e vós, Senhor, todo meu. Oh, que suave coisa é ser toda vossa! Toda desapegada para sempre, sem fim, meu Deus, meu amor e todo meu bem e vida de minha alma! Pois ela não tem outra mais que estar convosco, e cuidar em vós, e falar em vós, e servir-vos e amar-vos sobre todas as coisas, pois sois o dono do meu tudo. Mas eu, Senhor, nada tenho porque tudo é vosso, e em tudo vos deseja minha alma louvar porque tudo vosso é fogo de amor que se acende em minha alma.

Nesta ocasião de eleição, todas andam embaraçadas com falares de que se lastima minha alma grandemente, e o coração se me parte de dor de ver tantos tempos perdidos e malgastos. Nestes sentimentos são dobrados favores e regalos de meu Amado, que me está dando a entender dentro de minha alma: “estejamos ambos, que tudo [o] mais não dá lugar pelo rebuliço em que se metem, pois só comigo deviam de tratar”. Aqui, se humilha minha alma e pede por todas, com muitas lágrimas, mas o fogo de amor que me traz to [fl. 154v.] da enardecida me leva e de tudo me esqueço. Só do meu nada me não desejo olvidar, que ando metida em dois extremos. Ver o nada que sou, que nada posso e nada faço, e ver a grandeza e bondade infinita de meu Deus, o que dentro deste bichinho tão ignorante está obrando. Salta meu coração de prazer e alegria em se ver todo, e toda a alma, em Deus, que, às vezes, está o Senhor pondo-se à vontade da alma nos regalos e favores.

Deixais satisfazê-la muitas vezes como na sua humanidade santíssima, como sentir a alma satisfazer-se em beijar as suas divinas chagas. Dos seus divinos pés vai subindo e

recolhe-se toda na chaga do seu divino peito, e daí se vai esquecendo e perdendo-se toda a si. Se acha toda em Deus, bebendo daquela fonte divina, que a alma e corpo anda satisfeito, e quanto mais bebe, mais deseja beber. Assim, todo o dia, e dias e anos que estivera com Deus, digo, tivera oração, digo, que estivera com Deus tendo oração e retiro, e fazer as suas obrigações e devoções, e falar de Deus, e cuidar de Deus, tudo me parece pouco. E com as criaturas não posso gastar muito tempo fora do muito preciso porque dentro da alma não sei [o] que sinto que puxa por mim, que me não deixa. Quando estou no leito, se me entram lá algumas amigas, por as[1539] deitar fora logo, sem lho dar a entender. Mas desejo ter que lhe dar e elas que me peçam alguma coisa, que tudo darei só porque elas se não detenham comigo. E cuido nisto muitas vezes que, sentindo eu dentro da alma grande caridade com o próximo, que a todos amo muito em Deus e, assim, me torno toda esquecida do mundo e toda cheia de uma lembrança viva de meus [fl. 154v.] amores. Mas é certo que não há amantes mais finos que uma alma, que o Senhor a quer, não por ela o merecer, senão pela sua bondade infinita. E queria dizer que não há amantes mais finos que um Deus com uma alma. Oh, Senhor, perdoai meus atrevimentos, pois vejo que me dais a sentir dentro de mim mesma! Vejo que de tudo me retirais dentro de mim mesma e que me não deixais estar só, senão que me tendes nos vossos divinos braços, e no vosso íntimo trato, e nos vossos divinos regalos e favores. E vejo esta alma tão pobre, que nada faz e nada pode, e sem trabalhar mais que pôr-se na vossa divina presença. Ou vós, Senhor, sois o que a pondes para lhe fazeres favores. Oh, Senhor, fazei-me isto que desejo com todo o meu ser, que é que todas vos amemos e que ninguém vos ofenda. OH, amor, amor, que me sinto toda desfazer em fogo de amor vosso! E que todas as almas gozem de vós, e que ninguém vos ofenda! Oh, Senhor, que farei para que todos vos amem, e sirvam e louvem por todos os séculos dos séculos? Amém, Jesus.

Capítulo XXXI.

Como me vejo tão desapegada de tudo que é deste desterro, e o Senhor com força me obriga muitas vezes que com toda a mente me entregue a ele, e isto sendo eu toda sua. Mas é como certificar-me, não só uma vez, mas muitas, como sou toda sua. Quer o mesmo Senhor esta entrega repetida muitas vezes, com toda a liberdade de vontade,

[1539] No original, “pelas”.

de potências e sentidos da alma e corpo, que não pode a criatura entender, nem querer, nem desejar, mais que a vontade de Deus porque [fl. 155] tudo o mais para ela é estranho e penoso. Nem se pode alegrar fora de Deus, mais que um desejo de agradar mais e mais a Deus. Daqui lhe na[s]ce ter muita conta com todas as suas ações exteriores no trato das criaturas, no que é preciso para a vida do corpo, assim no vestir, como no comer, e tudo mais preciso. Todas estas coisas trata-as como estranhas, e com temor, ou fastio o[u] desabrimento. E confesso de mim que nem sei muito falar com as criaturas fora daquelas que, pelo necessário Senhor, desejo consolar. E também com quem encaminha minha alma para o céu. Assim que a alma, posta nesta liberdade que acima disse, fica gozando de Deus continuamente, que é um amor que sente, que a seu grosseiro entender lhe parece que tem deitado raízes na alma, de sorte que a alma continuamente se sente em regalos e amores de Deus. Inda que às vezes se sinta mais descuidada, que é tal a minha grosseria, mas sempre se deseja cuidadosa. E nestes descuidos, sente que o mesmo Senhor puxa por ela como chamando-a para os seus divinos favores. Estas coisas fazem a alma olvidar todo o mundo, inda que todo fosse seu. E faz-me pôr como já amante pública, digo a alma com Deus, porque já todos os meus sentidos, e potências e vontade está já deliberada a não admitir trato, nem conversação, nem coisa criada que não seja puramente por meu doce amor e só o que a santa obediência e caridade do próximo. E, fora destas coisas, dar-me toda ao santo retiro e vida santa, que é só tratar com Deus, que bem sei que em toda a parte o podemos fazer, que o que mais importa é em toda a parte estar com Deus porque é [fl. 155v.] sabido que os lugares como o retiro e soledade que não faz[em] santos. Sem elas estamos como nas praças com os sentidos ocupados em coisas do mundo. Mas se a alma está desapegada de si e toda unida a Deus, só o retiro a satisfaz porque nele acha o seu bem todo com abundância, e satisfaz a alma em parte de se dar toda a Deus.

Hoje, depois de ter recebido o amor sacramentado, e antes de o receber, na oração esteve minha alma gozando de Deus, em união tão suave e amável que lhe faz sentir o Senhor corporalmente, lhe parece a ela pelos regalos que sente, tão subidos, onde conhece o que atrás deixou dito, que a alma lhe parece que já com seu Deus vive publicamente. E é porque se sente tão Senhora de todas as potências e sentidos, assim da alma como do corpo, que nada a impede, nem estorva, nem a escurece para gozar, e tratar e conversar com o Esposo divino. Nem há outro sentir mais que Deus. Ela, assim

lhe parece que está publicamente com o Amado porque se vê entre as criaturas, digo, o corpo, mas como se sente toda livre para Deus, e que só com ele trata, parece-lhe que aquele viver da alma com Deus que não é escondido pela liberdade em que vive de todo o seu ser. Nem tem outra vida mais que amar e pedir por todos, e estar sempre louvando a seu Senhor. Humilhando-se, conhecendo que é pó e cinza, que nada merece senão mil infernos, e que goza com tanta abundância de favores e regalos. Vê-se enriquecida daquela possessão de gozar de Deus para sempre, sem fim, se não for ingrata. Daqui lhe nasce[m] desejos ardentes de se entregar toda a Deus que, tratando de tudo preciso, se acha sempre desembaraçada e livre para Deus. Que lhe causa esta liber [fl. 156] dade uma alegria espiritual, assim na alma como no corpo, que não sabe que faça por estar sempre louvando a Deus, porque está sempre como vendo todas as suas grandezas e misericórdias que usa e faz a todo o mundo. Sente-se arder em caridade do próximo, que lhe nasce de um amor ardentíssimo, que goza de seu amoroso Esposo. Já não busca regalos, digo, como de[i]xar estar recolhida na oração e fazer falta em alguma caridade, senão que busca primeiro fazer a vontade de Deus naquilo que ela vê com os olhos da alma que é do agrado de Deus. E feitas as obrigações, se recolhe a alma toda nos braços de seu divino Esposo. E já pelo que tem sabido que é vontade de Deus, inda que esteja todo [o] dia sem ter tempo livre para a contemplação, que para as devoções ou reza em toda a parte as faço, inda a comunhão espiritual. Nunca as assistências precisas me tomam tempo para servir a Deus, mas digo que, se não posso ir à contemplação, que nunca me sinto turbada, nem aflita, porque o Senhor me pôs uma paz e serenidade tão passível, que me está sempre como dizendo: “aqui estamos ambos”. E, chegada ao retiro, é tal abundância de regalos e favores que faz a alma não ter mais vontade que a do Senhor, e que se faça em tudo. Assim, me traz o Senhor toda a alma como pura, mas Vossa Reverendíssima [sabe] bem o que eu sou e tenho temor de tal dizer. Mas bem sabe o Senhor que eu só o faço por dar conta a Vossa Reverendíssima, pois assim mo tem ordenado. Mas sinto a alma nesta limpeza, que sempre o Senhor a põe livre para que eu possa receber o amor sacramentado todos os dias, como Vossa Reverendíssima mo tem ordenado. Que, às vezes, desejo ir confessar-me, mas, como não posso chegar logo aos seus pés, sinto uma força na alma para se recolher[em] todos os sentidos, e ali não posso descobrir mais que o amor sacramenta [fl. 156v.] do todo feito chamas de amor vivo, e a alma toda feita um céu que não deseja mais que humilhar-se e conhecer-

se a si mesma. Assim, não acha que confessar, mas conhece que de si não tem senão misérias. Mas como as não dá, deixa-se ficar nos divinos braços de seu Senhor e Pai de amor e, por isso, sempre tem tempo para o receber porque o mesmo Senhor lho dá, não por eu o merecer, mas pela sua infinita bondade e misericórdia.

Como nesta ocasião de eleição vejo tanto rebuliços e inquietações, desejo desfazer-me toda em amor para amar a meu doce e amoroso Esposo, porque se lastima minha alma muito em cuidar que não houvera paz entre as esposas de Deus. Assim, desejo estar sempre amando e pedindo por todas para que todas ardemos em amor divino. Com estes cuidados, recebe a alma dobrados favores e regalos do céu porque me sinto no trato íntimo com meu Senhor e Pai de amor. E como a alma enamorada de Deus se deseja desfazer toda para mais, e mais se dar a Deus, e trabalhar por seu amor.

Estava um dia pe[n]sando na minha miséria, como era ingrata, que nada a fazia mais que receber favores de Deus porque nem tempo tinha para ir à disciplina da ordem por estar com a doente. Estando discorrendo que fazia pelo Amado isto, com bastante sentimento pela minha ingratidão e poucas forças que tinha, e, pois, que o corpo participava também dos favores da alma, é bem que faça penitências, e não que não possa, pois que goza dos favores do céu. Mas logo senti dentro da alma como o Senhor se mostrava com amor e alegria, ensinando-me, amimando-me e mostrando-me como lhe agradam estas penitências pequeninas, que nos seus divinos olhos são excelentíssi [fl. 157] mas, como é não fazermos a nossa vontade em nada, senão só a de Deus em tudo, inda nas mesmas coisas espirituais, se não podemos fazer quando queremos, não nos inquietar com nada. Trabalharmos por nos conservar em paz e alegria da alma, sem nos queixarmos de nada. Abraçando tudo comigo à alegria, trazer sempre a memória fixa em Deus, e amando com toda a vontade, que isto se pode fazer nas praças públicas e em toda a parte. Não desperdiçarmos as mortificações pequeninas, abraçando tudo com vontade e alegria só puramente por Deus, que tudo isto nos aceita o Senhor e se põe como patente à vista da alma porque se está gozando de a ver tão cuidadosa, e com isto a enche de mil favores e lhe faz sentir pureza de anjo. E como é o que goza nestas coisas, só quem o sente e goza o conhecerá o que nestas ocasiões se goza de Deus. Uma comunicação íntima porque o Senhor se paga tanto desse pouco como do muito, e quanto a alma mais pura e limpa de coisas da terra nestas coisas pequenas, o Senhor as aceita como se foram grandes porque o ponto está [em] fazer essas poucas e bem feitas,

que mil cheias, digo, que muitas cheias de mil imperfeições. E bem-aventuradas daquelas almas que as fizerem grandes com pureza angélica, como serem aceitas diante de Deus. Considerando nestas coisas, e o pouco que faço e o muito que recebo, logo se esconde minha alma, toda derretida em amor e humilhada nos divinos braços do Senhor, e neles se esconde, dizendo-lhe mil amores: "vós, Senhor, sabeis o que eu sou, e o pouco que posso e o muito que devo. Aqui me tendes, que toda sou vossa. Fazei de mim o que quiseres, e que quereis Senhor que eu faça! Aqui está a vossa escrava!" Mas a alma sempre gozando o que mais conhece no Senhor, que ele quer dela [fl. 157v.] é pureza e limpeza, assim vive este Gonçalinho sempre nestes ardentes desejos de viver de todo o sentido, de todo [o] criado despida e desapegada de si mesma. Assim, vê-se vestida toda de Deus, e como a alma chega a este estado se por tempos lhe falta este riquíssimo vestido, é o seu viver um contínuo martírio até se veja outra vez com seu doce amor, que é o que a veste. E como naquelas ocasiões não sabe a causa de sua desnudez e pobreza, sempre supõe que são culpas suas. Padece martírio insofrível, sem se inquietar, e com estas ausências faz que a alma ande cuidadosa e vigilante. Que é o que se diz que não dorme, *"non dormitabit"*[1540]. Tudo é enamorar-se mais e mais. Deus dizendo-lhe mil amores, porque seus temores a despertam, que se não vá e deixem pela sua ingratidão. Inda que ela não deseja ser ingrata, mas sempre cuida que o é pelo pouco que faz por quem lhe dá quanto tem e goza, só se desafoga nos seus ardentes desejos em se dar toda a Deus. Nisto, se satisfaz no pouco que vê e pode, dando-se toda a Deus, sem mistura de coisa criada. Lhe diz: "Senhor, se mais me déreis, mais vos dera, mas toda que sou, isso todo vos dou para que só em vós viva!" Mas este amor, este martírio, porque o amor é um contínuo martírio, porque quanto mais se ama a Deus, mais se padece. Porque é este amor tão limitado, que nem pode a alma satisfazer, só quando o Senhor é servido, que é este amor para um Senhor que criou os céus e terra. De que me queixo eu? Mas é certo que tudo são delírios de amor. Queira Deus que Vossa Reverendíssima me entenda. Confesso que o amor de meu Amado me há de tirar a vida. Oh, quem já acabara este desterro, meu Deus [fl. 158], o meu Senhor, misericórdia!

Bem sabeis vós, meus amores, que eu não desejo morrer por não padecer porque quem padece não ama, digo, porque quem não padece não ama, porque havemos de padecer

[1540] Salmos 120:4.

para mais e mais amar, que sem padecer não se ama. E quem bem padece, bem ama, porque esta é a vida dos finos amantes até que de todo se descubra este véu, e para se descobrir há de dar fim este desterro para que a alma de todo se veja com seu Senhor. E como ela sabe isto, decerto deseja que dê fim e se solte desta prisão da carne, que é a que lhe impede todo o seu bem. E, por isso, vivo tão desapegada de tudo [o] que é desta vida. Só o que nela descubro é o meu nada que sou e o pouco que mereço, mais que infernos.

Há dias que me acho [com] muita falta de forças do corpo e a alma muito pobre, como sempre é, mas agora muito mais porque nada podia mais que fugir sempre toda para Deus. Nesta pobreza, fui receber o amor sacramentado, e como eram horas de entrar ao coro, me fui para ele com as mais. Ali, começou o Senhor a fazer-me tão grandes favores e regalos que também o corpo participava, e eu como inocente pensei se estaria ali outra alma que não fosse a minha. Mas é certo que ela não é minha porque é de Deus. Mas entrando em mim, disse a meu Senhor: "Amado, como podeis dar-me estes favores saindo eu de tanta pobreza, que nada tenho feito por vosso amor?" Mas o Senhor me deu aqui dobrados favores, dizendo-me [que] aos filhos pequeninos e pobres era que ele queria e amava muito. E com estes amores me trouxe todo o dia unida a si, mostrando-me que me vestia com a sua divina graça e nela se descobre as suas divinas grandezas. Eu só tomara humilhar-me como deve ser porque só isto desejo com ardente desejo, [fl. 158v.] porque a alma está tão desfeita de si, e com esse desfazer-se de si mesma vê que nada é e nada pode, e que não tem de seu mais que ir-se toda para seu Senhor e amá-lo com toda a mente. E como vê que o Senhor lhe faz favores, fica como estranha por conhecer o seu nada, e ver que quem lhe faz estes favores que é Deus, que criou os céus e terra. Assim, nada a alma deseja mais que ver-se toda em Deus e dar-se toda a Deus.

Hoje, todo o dia que tivera livre para a contemplação, me parecera um minuto pelas prisões em que me sinto dos sentidos do corpo, e dentro da alma vejo estar o Senhor enriquecendo-a com mil favores, e tratando com ela e conversando com ela. E isto me sucedeu depois de ter passado três ou quatro dias, que mal podia ser cristã e rezar minhas horas, que o mais do tempo foi estar doente. Nem oração, só se fosse deitada. Só o que fazia era preguntar a mim mesma: "que faço eu pelo Amado?", e dizer-lhe: "Senhor, como sou ingrata! Mas vossa sou toda", que este dizer me consola muito.

Capítulo XXXII.

Já vejo claramente como sou miserável e o pouco que posso com os trabalhos, mas tudo abraço, como favores grandes de Deus para que me conheça bem o que eu sou. Assim, me achei escura e suspendidos os favores e regalos do Amado. Assim, o desejava estar sempre louvando porque só tomara viver toda em Deus e não entrar na alma coisa criada, mais que meu Senhor e Pai de minha alma. Mas tão só me achava dentro de mim mesma, e por vezes levada da saúde, e falta da compaixão das irmãs, que me valia de a considerar na [fl. 159] vista de Deus clara, por quem suspirava. Com isto, desafogava e se alegrava minha alma muito, mas tornava a sentir faltar-me aquela justa. Nisto, gasto algum tempo com bastante trabalho porque só desejo cuidar no Amado, e como me deixou alguns encargos, eu como desejo de fazer-lhe logo tudo e não lhe faltar a nada que era para a sua alma, me inquietei, não com agastamento, senão com cuidado e com dúvida se faria tudo como ela queria, e com temor não me fiasse alguma coisa em meu poder. Neste temor me deram tão grandes desejos de só querer e furtar amor de Deus que não posso cuidar em outra coisa, senão neste amor.

Vai por três dias que ando nesta batalha, e duvidando se será isto imperfeição pela força que sinto deste desejo e não me posso ver livre dele. E logo com ele senti, outra vez, os regalos costumados que o Senhor faz a minha alma com este vivo abraço de Deus. Quando encomendo a Deus a alma da irmã, sinto dentro da alma como o Senhor se alegra com ela, e minha alma se alegra e sente grande gozo com o que conhece no Senhor, que ela está gozando porque minha alma está entendendo, ou como conhecendo, que o Senhor lhe diz o que ela goza. Que fica minha alma, e eu toda, como cheia de alegria e como engolfada naquele bem. Mas não me quero meter mais, digo, não me quero meter muito nisto. Se posso, porque duvido, não vá aqui alguma mistura no sentido de saber a vida que ela fazia, que era melhor que a minha, e a boa morte que teve. Mas nas orações, e tudo o mais, que faço por ela, sempre digo ao Senhor que se ela não necessita, que o Senhor as dê a outras almas do purgatório. E quando faço esta lembrança, sinto grande gozo na al [fl. 159v.] ma, mas ocorre-me uma dúvida, à qual o Senhor me dará a conhecer dita pela boca de Vossa Reverendíssima.

Só agora desejo dar conta a Vossa Reverendíssima que o Senhor me torna a dar o que eu não mereço, e com algum temor e com ele gozando, digo muitas vezes a meu Senhor

que não tenho da parte da alma, digo, que não tenho da minha parte senão a morte e paixão de meu Senhor Jesus Cristo, e o seu preciosíssimo sangue, e junto com esta alma ofereço ao padre eterno. E nisto, confio que me há de salvar porque não acho em mim mais que misérias e os favores e regalos do céu, que são do mesmo Senhor que os dá. Vivendo nestas lembranças, sinto dentro da alma que o Senhor me quer com força que me dispa de todo criado, o que já por muitas vezes me tem mandado, mas agora é com maior força. E minha alma se alegra tanto em servir, digo, em se ver já governada pelo Senhor, que não pode já deitar o sentido a nada desta vida, inda do preciso, senão, com força e humildade, se retira de tudo que pode e se deixa nos braços do amor divino. E não quer admitir outros cuidados senão dar-se toda a seus amores. Assim, não sinto mais que regalos porque inda que os não busco, mas só considerar que nesta vida mortal se há de ver a alma o mais tempo, digo, o mais do tempo nos braços do seu divino Esposo, se enche toda de gozo e humildade. Sente a alma este divino abraço de Deus tão vivamente que nele conhece todas as leis de esposa muito amada e regalada, que é um morrer totalmente a todo o sentido criado. Andar sempre mortificada para tudo [o] que é desta vida. Só nas coisas do Senhor se alegra.

Sinto uma ardente caridade de Deus e do próximo. Todos os meus sentidos se [fl. 160] encaminham a que Deus seja louvado e conhecido de todas as gentes. Tudo [o] que posso, ofereço e faço pelos pecadores. Com grande jubilo de minha alma, lhe ofereço todos os corações das suas esposas e de todas as criaturas. Sinto-me arder em amor do próximo para que todos vamos a Deus e vivamos neste docíssimo trato e íntimo abraço de Deus. Mas como para este estado há de haver tão grande desnudez de nós mesmas, e uma só vontade unida à de Deus, sem termos nem fazermos a nossa, senão só a de Deus em tudo, nem haver outro querer, nem desejo mais que fazer a vontade de Deus. E nisso nos ocuparmos sempre, que com isso vimos a não sentir trabalhos, nem desprezos, nem enfermidades, nem pobreza, nem misérias desta vida. Que, andando nós conformes com a vontade de Deus, todos estes trabalhos se nos tornam em doçuras, e gozo e alegria da alma. Todas estas doutrinas, e muitas mais que não sei explicar, mas dá meu doce amor. E como estas virtudes é só Deus que as dá a quem ele quer e é servido, fazendo nós da nossa parte tudo o que o Senhor quer que nós façamos, e são delicadíssimas, mas nelas se encerram todos os bens da alma.

Neste estado me dá meu Senhor uma viva humildade e conhecimento da minha miséria, o nada que sou e o pouco que podemos, com a lembrança que um Apóstolo do Senhor, que andava na sua doce companhia, ouvindo a sua divina doutrina, comendo com ele no prato. (Ó amor de minha alma, quantas vezes terei eu sido pior que Judas?) Que fosse este que vendesse ao Senhor, e o entregasse a seus inimigos! Não poderá ser dos outros fiéis que seguiam ao Senhor, senão este que era dos mais escolhidos de Deus, dos seus regalados. Eis aqui o que me faz tremer, o considerar os juízes de Deus, tudo para nosso exemplo. Por isso, me desejo pegar [fl. 160v.] sempre com a terra e conhecer a minha miséria, que nos maiores favores se de[i]xa ver com mais clareza o temor santo com que me devo vestir sempre pelo perigo em que me acho, carregada de riquezas do céu que não podem ser maiores que ser dirigida e ensinada minha alma por um Senhor que derramou o seu preciosíssimo sangue em uma cruz só por me dar a sua santíssima glória e ficar-se connosco sacramentado. Faz-me saudades e enardecido amor a lembrança dos que assistiam, e conversavam e ouviam ao Senhor quando estava neste Mundo, mas logo torno a sentir dentro no meu coração o Senhor sacramentado tratando com minha alma tão familiarmente que me encheu toda de alegria, e esquecida de mim toda e de tudo criado me faz parecer que dentro de mim mesma é um céu, e a alma tão enardecida e enamorada de Deus que não sente o corpo trabalho, nem cansado, senão tudo é gozo e alegria do mesmo Senhor. Já não há para mim outra vida mais que dar-me toda a Deus, levando todo o dia em amar e servir a meu doce Esposo, que o Senhor me tem agora desocupada de todo [o] visível, e enquanto há santa obediência e caridade do próximo, que essa sinto eu sempre arder em meu coração, mas quando não são ambas juntas que é orações e trabalho corporal, e socorrê-los com o que posso, uso com maior frequência com orações. Nunca para mim acho que tenho necessidade de coisa temporal e para o próximo tudo lhe desejo dar e ficar só com meu doce amor, que este é todo o meu sentido.

Hoje, que é dia da Exaltação da Santa Cruz, todo este dia me tem meu Senhor regalado. Dando excelentes doutrinas com um vivo amor, me está como dizendo e mostrando que somos dentro da alma como os tempos, que [fl. 161] que há inverno, verão, tempestades, desabridos tempos e outros muito suaves, onde me mostra o que se diz nos Cantares: “já passou o inverno, vem amiga minha, pomba minha”. Assim, outros amores e com estas delícias e regalos, pôs minha alma em grande liberdade para gozar

do Senhor, entregando-se todo à vontade da minha alma. Aqui se empenha ela a trabalhar, mas o Senhor a faz perder de todo o sentido, que só fica livre para gozar de Deus. Torna o Senhor a dizer-lhe: "já passou o inverno", e a recebe nos seus divinos braços, gozando ela o que não sabe explicar. Só digo que este dia tenho levado todo com meus amores, e afirmo que dia de maio me tem parecido um instante. Que hoje não pude admitir trato de criaturas, só o muito preciso, sem demora. Só com as enfermas gastara algum tempo. Sinto-me arder em amor de Deus com esta lembrança tão viva que meu Senhor me está intimando que me quer só toda para si, interiormente. Porque andando a alma toda enardecida em Deus, faz também prender os sentidos do corpo para que não desejem mais que se faça a vontade de Deus em tudo. Oh, vida de minha alma, já não sei de trabalhos porque todos se tornam em alegria e gozo da alma! Já não tenho outra vida mais que dar-me toda a Deus. Oh, felicidade sem fim, ser toda de Deus para sempre! Sem fim, gozar de Deus!

Nos atos de comunidade sempre me acho toda cheia de gozo e alegria, e dizendo muitas vezes à minha alma donde a mim tão grande bem ser esposa do Rei dos céus. Quando estou no refeitório com a comunidade, me parece dentro da alma que estou com meu divino Esposo. Assim, tudo se me torna em gozo e alegria da alma, e sempre com a certeza [de] que a irmã está diante de Deus, porque, sem dúvida, era melhor mil vezes que [fl. 161v.] eu.

Uma serva do Senhor, minha amiga, me disse que se queixava porque eu a não buscava, que não ia à sua casa. Não é uma só, que são muitas que querem que fale com elas porque já não tenho a desculpa que estava assistindo à caridade da irmã, e o tempo que tinha livre era todo para meu Senhor. Agora, querem que assista com elas umas horas por outras. Não me agrado disso, mas como há de ser se meu doce amor me leva o tempo todo? E eu assim o desejo ocupá-lo todo com Deus. Eu tenho o tempo ocupado do dia com meu Senhor. Se lhe furtara algumas horas só por seu amor o fizera, mas como vejo que não há necessidade, de[i]xo estar minha alma nos divinos braços de meu Senhor, e lá lhe assisto a elas, melhor pedindo [a]o Senhor por elas todas porque a todas amo muito no meu Senhor. E causam-me estas queixas como admiração, considerando como pode a criatura apetecer o trato de outras criaturas, sem haver necessidade, tendo dentro de sua alma o trato dulcíssimo do seu divino Esposo, que todo o tempo lhe parece instantes, vivendo em uma prisão dulcíssima, suave e amorosa. Aqui não se pode

ter sentido que a criatura possa usar de cumprimentos com as criaturas, senão só muito no que for para mais agradar a Deus. Que isso me leva todo o sentido e afeto, que me sinto arder em desejos de que se faça a sua divina vontade em tudo. E tudo [o] que me sucede de trabalhos, sempre considerando que foi e é vontade de Deus, não sinto mais que gozo e alegria em tudo desta vida. E não se pode a criatura mostrar queixosa de nada porque tudo recebe como da mão de Deus. Oh, amor de minha alma, e alma de minha vida! Que mil infernos se podem sofrer só puramente por vos amar e se fazer a vossa divina vontade em tudo, que nisso estão to [fl. 163] dos nossos bens juntos, pois vós, Senhor, e dono meu, nos deixastes tal exemplo que viestes a morrer em uma cruz e padecer morte tão afrontosa! Isto por fazeres a vontade de vosso eterno Pai. Oh, corações humanos, que tirania é a que usamos connosco mesmos, que não nos deixamos todos ir só dirigidos pela vontade de Deus... Eu sou a mais ingrata de todos os nascidos, mas confesso minha culpa, que me sinto arder em desejos de fazer puramente, em tudo, a vontade de Deus. Oh, que possessão de paz, e quietação e serenidade traz consigo este não fazer e não desejar senão fazer a vontade de Deus. Que alegria da alma se recebe! Como são os trabalhos suavíssimos e saborosos, alma minha! É impossível deixar de padecer neste desterro, pois há de ser sem falta que não outro remédio, pois o teu doce Esposo padeceu primeiro que nós. Abracemos os trabalhos com alegria, por ser vontade de Deus. Se a natureza não puder por ser fraca, o Senhor se paga de um ardente desejo de sofrermos tudo por ser amor. Quando eu via padecer a irmã, lhe dizia, com bastantes lágrimas, mas minha alma muito consolada (inda que o coração, por ser de carne, se magoava), mas com júbilo grandíssimo de minha alma lhe dizia, por muitas vezes: “alegremo-nos muito no Senhor, que este é o melhor tempo de merecer mil coroas de glória. Mas vós estais de melhor partido (ela com isto se alegrava), pois estais fazendo a vontade de Deus”. Todas estas coisas que tocam a fazer a vontade de Deus, que nisso está tudo bem, são doutrinas que Vossa Reverendíssima me tem dado. Mas como o Senhor as cravou neste peito, que é chama ardentíssima que sinto, não posso deixar de dar conta a Vossa Reverendíssima. Que se pudesse ser, me fora por esse mundo gritando, e clamando, que façamos todos a vontade de Deus. Oh, se eu soubera dizer [fl. 162v.] com bem certeza o que sinto dentro desta alma, só com os desejos de fazer a vontade de Deus. Estes desejos bem limitados

como desta ingrata criatura, e o Senhor dê paciência a Vossa Reverendíssima para me sofrer.

Capítulo XXXIII.

Desejo declarar-me em uma coisa que disse no capítulo atrás a respeito dos favores que a alma recebe agora de Deus, que me parece ser isto em mim amor próprio, que disse que era necessário ter pureza de anjo, como assim é, mas não cuide Vossa Reverendíssima que eu a tenho porque sou a pior de todas. Mas como nessas ocasiões que o Senhor tem a alma tão mimosa, está ela nesses favores vendo em si uma virtude tão fina e tão clara, em que o mesmo Senhor a põe, que me obrigou a dizer que era necessário haver pureza de anjo. Mas já se sabe que, estando a alma ou a criatura metida nas suas misérias, que não goza tanto à vista da mesma alma, mas sempre fica na alma um ardente desejo e viva lembrança daquele bem que possuiu, que não descansa até se não ver toda em Deus. Estas ânsias lhe causam um grande desapego, não só de tudo [o] que é mundo, que isso tem ela já renunciado, e deixado e desprezado por seu Amado, que lhe serve de martírio o ser-lhe preciso tratar com as criaturas para o que lhe é preciso para passar a vida. Mas a sua ânsia toda é livrar-se de si mesma, que é o mais que importa que venha a cobrar hábito a não sentir dentro de si mais que Deus. Eu já não quero outra vida, nem outro viver mais que ter sempre todos os meus sentidos e potências, assim da alma como do corpo, todas cheias de uma viva lembrança de meu Deus, e Senhor e Pai de minha alma, e ser [fl. 163] toda dirigida e governada por meu Deus e minha mãe Maria Santíssima. Não ter nenhuma ação sem a sua santíssima bênção, isto são desejos meus, mas com eles tenho alcançado uma vida celestial dentro da alma, um desapego perfundíssimo em todo [o] sentido, de todo o criado, que não se sente necessidade de nada porque, tenha ou não tenha, anda a alma tão cuidadosa neste estar com Deus, e as suas potências e sentidos tão elevados neste cuidado que, ou seja áspero ou doce, não atende mais que prender-se mais e mais neste viver. Goza na oração um abraço divino regaladíssimo, que não sei como já se não acaba a vida deste corpo. E, andando, lhe dão estas vivas ânsias de entregar-se a este coração porque me parece que poderei satisfazer minhas ânsias, e fome e sede que tenho de me dar a Deus se mo tirasse já e logo. E com isto derramo lágrimas, o que me parece em mim delírios, mas também conheço que é força de amor. Disse-me uma pessoa que uma serva de Deus se ia ter com ela para lhe falar em Deus, e disse-me que lhe parecia que ela tinha

fome canina, lhe chamam grosseiramente, de falar e ouvir falar em Deus. Eu como padeço [d]essa doença, e sempre a padeci, sendo inda bem pequenina, tive sempre essa queixa de sorte que, tendo minha mãe um oratório onde gastava parte das manhãs e tardes, andava eu sempre passando ali fora o tempo que eu lá estava. Mas sempre saudando a Senhora com orações que sabia, e tão embebida andava que de noite sonhava que a Senhora me chamava, e via bulir as suas santíssimas mãos e dava-me o Menino, e ele me dava a entender se queria eu ser sua. E eu com estes sonhos ficava alguns dias tão contente e enamorada que não sabia que fizesse de alegria da alma, e mais sabia [fl. 163v.] certamente que era sonho, mas deixa-me toda atraída e cheia de saudades da Mãe e Filho. Mas torno a dizer que quando me disse esta pessoa que a outra tinha fome de ouvir falar em Deus, senti dentro da alma tão grande gozo e alegria, que mais de três dias andava como sem sentidos, senão derretida, elevada e absorta naquele objeto divino, e toda derretida em amor de um Deus que, sem o ver com os olhos do corpo, causa na alma tão grandes bens que certifica a alma sem dúvida alguma que o Senhor mora dentro dela. Meu Deus, meu amor, e todos os bens juntos, grande é a vossa misericórdia! Como nos tratais, a uns bichinhos cheios de tantas misérias? Quando cuido na grandeza de Deus, elevam-se tanto todas as potências da alma que fico como não dizer de ver a grandeza de um Deus. Mas logo passa a alma àquele ardentíssimo amor que fica com o mesmo Deus, sendo uma mesma coisa, e tratando com ele como seu Esposo divino. Com este abraço estreitíssimo e apertadíssimo que de[i]xa minha alma muitos dias tão cabalmente satisfeita, que não sente necessidade de nada, digo, como é falar a Vossa Reverendíssima, pois já sei que o Senhor me faz tudo pela sua aprovação. Mas anda a alma tão absorta, e inebriada e fora como do mesmo corpo, que não consente deter-se com nada mais que gozar e ouvir a seu amantíssimo Esposo, porque se sente toda cheia dele. E mais sempre sente ânsias de mais e mais se dar a ele. Mas lá tem uma certeza da sua comunicação suavíssima e amável, que a faz perder de vista a todo sentido.

Fui-me a correr às cruzes, o que desejo fazer muitas vezes, mas como as minhas maiores doenças quotidianas é debilidade de forças, que parece um corpo morto, e às vezes sinto forças, mas este amor é tão forte e também [fl. 164] suave, mas debilita-me, andava muito devagar, correndo-as por respeito das forças. E como não pudesse rezar as estações que se fazem, andando, me de[i]xei levar toda na Paixão e morte de meu

Senhor Jesus Cristo. Ela se me entranhou tanto que me sentia morrer pelo muito que se me descobriu, e, queixando-me eu de que o Senhor se deixasse prender e ser maltratado, chegando eu a pôr-me de joelhos a uma cruz, senti dentro da alma que o Senhor me estava mostrando, ou como dizendo, que era preciso que ele padecesse. Mas não era com estas rezões que eu aqui digo, senão com um fogo de amor e alegria que me estava mostrando a escuridade do mundo enquanto ele se não fizera Homem, e vir morrer por nós para que houvesse as suas santíssimas imagens na terra, onde me mostrava que tudo fizera por nós. Era tão grande a força de amor que sentia minha alma porque estava em uma viva lembrança que o Senhor viera para que nos fôssemos com ele a uma mesma coisa, como era permitir que as criaturas sejam adoradas como deuses, digo, os santos, permitindo que lhe façam as mesmas festas e brio dentro da alma, que me fiquei toda inebriada e derretida em amor, que me durou perto de um dia levada deste objeto divino, que até forças sentia no corpo. Nestas ocasiões é que a alma não sente que, já acima disse que não tem necessidade nem de falar a Vossa Reverendíssima, sendo o que unicamente o que tenho neste desterro, porque fica a alma e potências tão ocupadas com Deus que lhe faz parecer que está com ele como às vistas da mesma alma. E são e estão, toda eu tão suavemente cheia de um amor divino e ab [fl. 64v.] sorta nas suas divinas perfeições, que não sei de mim. Aqui se me aumentam umas vivas saudades de ver claramente aquele Deus infinito, na consideração daquela formosura infinita que será. Não sei como me não desfaço toda por este Deus infinito, que rouba os corações. Isto só de suspirar uma pobre alma por ele, e desejar ser toda sua e dar-se toda a ele. Oh, amor, amor, como pode ser deixarmos passar nem um fechar de olhar que não clamemos a vós por nosso remédio? Nas minhas limitadas orações e petições que lhe faço, sempre digo e lhe peço que não cesse minha alma, nem minha língua, de o louvar e engradecer, até [a]o último suspiro deste desterro. E sempre lhe dou mil graças por todas as mercês que me tem feito, e está fazendo e tem para fazer. Isto disse sempre desde que tive uso de razão, que o mesmo Senhor me inspirou pelo grande amor que sem[pre] desejei ter, que é como uma seta que me feriu deste amor divino, que sempre ficou ferida, parece-me aberta, isto de pequenina, porque se me infundiu e entranhou tanto na alma a viva lembrança deste amor que nunca pude ter outros cuidados mais que buscar mil modos como me daria mais e mais a este Senhor. Ardia tanto nesta chama de amor em minha alma que por

ver que se tratava, digo, que se tardava tanto esta liberdade de vir para a religião, que foi sempre o meu sentido, o que muitos acham ser prisão, mas eu lhe chamo desafogo e fartura de um coração faminto por seu Deus. Que já me não dava que viesse, não só ser recolhida, mas inda me sentia com ânimo de ser moça de religiosas. Isto só por dar fim a este ardente desejo que sentia na alma por se ver na clausura. Andava sempre tão desocupa [fl. 165] do este coração das riquezas da terra que só para dar aos pobres tinha vontade, que para o mais era como se não tivera nada, que me não levavam os sentidos. Senhor, tende misericórdia de mim, que sou a mesma miséria e temo dizer isto porque será dizer que tinha virtudes, mas vós, Senhor, bem sabeis o que eu sou, e que sempre vos peço que nunca pense de mim senão que sou a pior de todas, e que de meu não tenho senão misérias, como na verdade é, e que tudo o bom é vosso e não meu. Nem de mim quero conhecer mais que mereço mil infernos pelos meus grandes pecados. Só sempre firme na vossa divina misericórdia e no vosso preciosíssimo sangue, que derramastes na santa cruz por meu amor. Oh, amor, quem tivera mil amores que vos dera, e mil corações puros e milhões de almas santas que vos ofereça com esta pobrezita que é vossa. Se ela sente regalos e favores é porque vós assistis dentro dela. Nada é meu, meu doce amor. Louvemos os anjos e toda a corte do céu por mim. E minha alma se enche toda de gozo e alegria que vós sejais louvado por toda a eternidade de eternidades, e que os santos e anjos vos clamem continuamente por santo, santo, santo de todos os santos. Ó Senhor, como pode ser deixar de cuidar em vós? Não permitais que haja quem se esqueça de vós, meu Jesus, e todo o meu bem e bens de todos os bens. Fartura celestial das almas, que por vós se desejam desfazer de si mesmas. Oh, amor de minha alma, que confesso minha culpa, que me descuido de vós. Logo sinto dentro da alma uma força tão viva que me atrai toda a vós com um amor ardentíssimo, que me roubais toda e, por isso, são desculpados meus [fl. 165v.] delírios, porque vós mos causais com vosso amor, que é forte como a morte. Oh, meu Deus, quem já acabara este desterro à força de amor vosso? Se fosse esta alma a gozar de vós para sempre, sempre. Sem fim viver na vossa santíssima companhia e de toda a corte do céu. Oh, que faço nesta consideração, que me não desfaço toda em amor vosso? Dai-me, Senhor, por quem sois, uma profundíssima humildade, pois que só com esta consideração recebe esta alma tantos dobrados favores, que até os beiços da boca sinto agora, e muitas

vezes, uma suavíssima doçura lhe chamo eu. Mas é como licor suavíssimo e fresco como o vento, tão suavíssimo que não há nada terra doçuras com que se compare.

Véspera da Transladação de nosso Pai São Bento, depois de sair da véspera, nela me achei tão cheia e inebriada na lembrança do que me tinha dito meu doce amor a respeito de morrer para que as criaturas fossem adoradas. E levou-se-me de sorte a alma, e toda eu, de ver que se estava ali cantando e festejando aquele canto, que toda me sinto derreter em amor. E logo sinto, nestas ocasiões, a comunicação clara, lhe chamo eu íntima, de meu amantíssimo Esposo. Que, umas vezes, é como ensinar-me, outras é como queixar-se. E neste dia tudo foi junto porque o gozar foi com abundância um saber delicadíssimo que a alma o goza, mas não há língua que o saiba declarar. E, não sabendo que fizesse com tanto receber de um Deus infinito, porque me estava também mostrando que o mesmo fizera com as mais se elas se desocupassem das coisas e tráfegos. E me estava intimando como quem se queixava das que, tendo com que passar a vida do corpo, se põe como a [fl. 166] contratar, e muitas vezes deixar as suas obrigações por se desvelarem para terem mais isto ou estoutro. Eu senti dentro da alma tal sentimento pela clareza com que estava conhecendo estas queixas do Senhor e, por outra parte, vendo os regalos e favores com que o Senhor trata as almas que só cuidam de o servir mais e mais, e se perdem tantos bens sobre todos os bens, que não pode ser maior que a alma viver neste desterro toda cheia de gozo e alegria, e gozar de um Deus tão amante, que todo sé dá tanto às vistas da alma se ela se quer dar a ele, só com desejos e que seja unicamente a ocupação que devem ter todas as suas esposas. Pois não viemos à religião [para] ser grandes ou poderosas[1541], senão a ser santas e justas. Isto é sabido, mas como dentro da alma. Passo isto com meu Senhor, por isso é que o digo, porque toda a esposa que tiver de seu com que possa ir-se alimentando e remediar o preciso, e se não der toda a Deus, é como os que o Senhor deitou fora do templo. Oh, meu Deus, tal não permitais! Dai-nos, Senhor, um santo aborrecimento de tudo [o] que não fores vós, para que toda a nossa ocupação seja, assim exterior como interior, como mais e mais nos daremos a vós.

Capítulo XXXIV.

[1541] No original, “podorosas”.

Desde que eu me fui a correr às cruzes, que disse a Vossa Reverendíssima no capítulo acima, fiquei tão ferida de amor, e despida e desfeita de toda eu, que não posso fazer mais que estar sempre louvando a meu Deus pelo que sinto dentro da alma, que é estar separada de tudo desta vida e sentir uma vida celestial na sua divina comunicação, no seu di [fl. 166v.] vino gozo, que em toda a parte me sinto toda atraída e ferida daquele objeto divino.

Estava-me deitando na cama e era tão grande o amor e coisas que sentia dentro da alma com meu Senhor, que toda me desfazia em amor, e com uma divina lembrança de que só este Senhor deve ser Amado sobre todas as coisas, e que se pode amar com toda a liberdade porque não é como os amores deste mundo que não terão, me parece a mim, todas as horas livres. E destas desordens de amores caducos sucedem muitos trabalhos, e muitas vezes mortes. Mas amar a este amante divino, quanto mais se ama com este pouco amor que temos, vimos a sentir dentro de nós tantos bens juntos, com uma fé viva que nunca há de ter fim a sua glória, nem a sua grandeza e bondade infinita. Vê-se a alma em gozo, e paz e tranquilidade, sem apetecer mais que dar-se mais e mais ao Senhor, fugindo toda (sem querer dar-se a entender) de toda a comunicação de criaturas, inda das boas, porque é o fogo de amor que sente, que lhe parece que só por si a criatura sente algum desafogo. Não se sente tristezas porque tudo dentro da alma são alegrias, nem há dias grandes porque a alma, por mais que goze, sempre lhe sobeja mais que amar e que gozar, e muitas coisas mais, e todas divinas, e suaves, e dignas de serem admiradas, e louvadas e desejadas. E, com isto, passei esta noite que, pela manhã, me levantei não cheia de sono, senão toda minha alma cheia de gozo e com entranhável amor ardentíssimo. Porque meu Senhor deu-me um coração como seu, que ele já não é meu, mas anda tão atento porque o Senhor assim o tem posto a tudo que é de Deus, que anda neste lugar do corpo como todo desfeito em amor, ou no que eu não sei dizer. Mas tão abrasado espertador para tudo [o] que é de Deus, que me parece que dentro de mim está sem [fl. 167] pre quem esteja à mira para fazer lembrança de tudo que é de meu Senhor porque tudo se me torna em gozo, e um desejo ardentíssimo de estar sempre louvando a Deus. Agora me não so[u]be explicar bem. Vossa Reverendíssima o queime logo estas minhas grossarias. Também lhe quero dizer que para esta vida bem-aventurada, gostosa, deliciosa, deleitosa e suave que minha alma goza é porque o Senhor e Pai de minha alma me tem posto em uma grandíssima liberdade toda eu, que

a vontade não pode abraçar nem o sentido mais que só o que é de Deus. E tudo [o] mais comodidades desta vida, se põe tão longe delas que não tem a alma na vontade e coração outra ocupação mais que desfazer-se com grande força de tudo criado. Digo, não querer admitir nem uma limitada lembrança por vontade de coisa desta vida mais que estar-se sempre unindo, mais e mais com Deus, que não deseja a alma mais que estar-se sempre humilhando mais e mais. E quando escrevo estas minhas grossarias, sinto nos beiços, as mais das vezes, uma coisa tão suave, que eu já disse no capítulo passado. E como minha alma não tem outros cuidados mais que buscar mil modos como agradará mais e mais a Deus, assim no trabalhar por adquirir mais e mais pureza da alma, e limpeza de coração, buscando mil modos para não ter outros cuidados, nem desejos mais que rena[s]cer-se toda em caridade de Deus e dos próximos. Principalmente, servir ao próximo, às pessoas pobres, assim com [o] [n]osso couro se o possa fazer, porque às vezes [fl. 167v.] com coisas bem limitadas se pode consolar uma criatura. E fazê-lo, mas só puramente por dar gosto a Deus. Vim a cobrar com estes desejos acima referidos, não por meus merecimentos, senão pela bondade de Deus, uma alegria espiritual, uma paz e tranquilidade, que me sinto como sem estas pensões deste miserável corpo, andando como senhora sobre tudo [o] criado. Isto é estando ela nesta habitação porque as misérias deste desterro sempre se sentem enumeráveis, mas eu não sei como sou, que logo me esqueço de trabalhos, nem deles posso fazer menção porque a alma por seu Senhor tudo abraça com vontade. E não se quer deter muito em cuidar nisso, nem tampouco falar neles, se não é preciso para a confissão. Passado disso, toda a sua mente e atenção é empregar-se toda em Deus.

Dia de minha Senhora da Piedade, foram os favores grandíssimos que eu toda recebi nesse dia e noite, e toda minha alma cheia de gozo se derretia por lhe fazer algum limitado serviço porque tenho a esta Senhora tão grande afeto e carinho que sempre desejo não ter ação alguma que não seja dirigida pela Mãe de Deus. Já se entende que isto não é dar a entender que a Senhora me fala, mas é um modo maravilhoso que a alma percebe para que com santo temor não siga senão como conhecendo pelos efeitos que sente dentro da alma, que é mais do agrado desta Senhora porque ela já uma vez, estando eu para me deitar na cama, fazendo um oferecimento ao Padre Eterno de tudo que a Senhora padeceu na Paixão e morte de seu bendito filho, fazia eu dois oferecimentos. O primeiro prostrada por terra com a boca no chão, ajun [fl. 168] tando

todos os seus santíssimos trabalhos que os dizia em poucas palavras e mais algumas orações, e depois me levantava e me punha de joelhos, como sempre faço, e fazendo alguns atos de contrição e exame de consciência, torno a repetir ao Padre Eterno tudo que a Senhora padeceu com seu amantíssimo filho desde que na[s]ceu em palhinhas[1542], a circuncisão[1543], a fugida dos três dias[1544], a notícia da prisão com a cruz às costas[1545], a lançada no peito[1546], o Senhor morto nos braços[1547], a soledade da Senhora, tudo lhe represento todas as noites com mais rezões que por serem muitas as não escrevo, mas faço tudo o que minha ignorância pode alcançar.

Estando eu uma noite como mais tíbia, se me não engano, depois de levantada do chão de fazer o primeiro oferecimento que disse, mais breve [d]o [que] quis e comecei a fazer outra vez. Com tenção de não fazer este segundo acima referido, senão quando eu estava descuidada, que a Senhora me diz dentro da alma, com grande carinho, que fizesse sempre o outro, dando-me a entender o quanto era de seu agrado. Mas foi tão depressa o que me disse que, entendendo que a Senhora em falara, não o posso afirmar como é, e assim me sucede muitas vezes. Mas atraiu-me de maneira a alma e coração, e toda eu que fiquei alguns dias desfazendo-me em amor da Mãe de Deus, e nunca mais deixei de fazer oferecimento, só com grave enfermidade, mas inda muitas vezes, se não o posso fazer de joelhos, o faço deitada. E com ele se aumentam os abraços da alma com Deus porque me fere a alma e coração, sendo bem considerados todos os trabalhos que a Senhora padeceu com seu amantíssimo filho, e este filho ser nosso Pai, nosso Esposo e nosso Bem todo. Ó amor, amor, quem vos amara muito, muito, que se desfize [fl. 168v.] ra toda em amor vosso que já acabara este desterro, toda abrasada em um amor ardentíssimo? Não permitais, Senhor, que haja outros cuidados em as vossas criaturas mais que cuidar como mais e mais se darão a vós. Dai-nos um coração humilde e caritativo para convosco e para com o próximo. Livrai-nos, Senhor, de omissões. Dai-nos, Senhor, uma caridade paternal para com os próximos, que nos amemos uns aos

[1542] Lucas 2: 1 – 11.
[1543] Lucas 2: 21 – 24.
[1544] Lucas 2:41 – 52.
[1545] João 18:1 – 11; Lucas 22:47 – 53; Marcos 14: 33 – 49 e Mateus 26: 47 – 56.
[1546] João 19:34.
[1547] Este facto não consta na bíblia (mais precisamente em João 19: 25), embora faça parte do imaginário cristão.

outros puramente por vosso amor que, sendo assim, tudo será alegria da alma. Mas, meu doce amor, não sejam estes corações nossos, senão todos vossos. Meu Deus, e todo [o] meu bem, que farei por um amor que me tem toda roubada a alma, coração, potências, sentidos, e toda eu? E eu assim o desejo, mas é ardentíssimo este amor, é grande, é fogo, é gozo, e tudo doçuras e suavidades, e é tudo o que esta formiga não sabe dizer. Só, sim, que morre por todo o seu bem.

Achei-me alguns dias de todo sem alentos, não mais que sentir debilidades. Eu, como não podia fazer este pouco que desejo fazer por meu Deus, se me aumentou uma grande viveza e lembrança de tudo que o Senhor padeceu, e tão entranhada notícia que não tinha outros cuidados, como destes cá visíveis, mais que sentir o coração todo feito ternuras. Disto, vim a cobrar um entranhável amor que me encheu todo o interior, e uma prisão tão grande, digo, e uma prisão tão de toda eu que me sentia como morta nas ações viventes, e como o gosto perdido e toda satisfeita, sem nenhuma debilidade. Mas a alma estava não de todo satisfeita porque toda me queria prender na oração para achar desafogo no que sentia e, quanto mais se dava a ela e se retirava das criaturas, mais se sentia arder. Fugia, sem [fl. 169] querer fugir, do trato das criaturas, e dentro da alma sentia que me diziam que morresse a tudo, e eu nada queria mais que o Amado. E como estava nesta demanda, não sabia que fizesse, mas o Senhor me mostrou o que queria de mim, que era o que eu não sei dizer. Só entendi que não havia de ter nem a mais mínima lembrança dentro de mim de coisa alguma, nem de mim mesma. Com isto me prendeu meu amor, que se me acendeu maior fogo de amor, que me tem durado vai por três dias uma suspensão das coisas visíveis. Sinto-me presa a tudo, é um sentir de Deus que me parece que vivo como por milagre, e o maior é não gritar e não falar publicamente de Deus para respirar este bem por quem se morrer. São tão grandes as doçuras que sinto e gozo da alma que não tem explicação.

O que mais acendeu este ardor foi, também, falar-me Vossa Reverendíssima na união de amor divino com tanta abundância, que isso também me fez grande fogo. Não estou para nada, que não tenho liberdade, ou não sei dizer como me sinto, nem os sentidos estão livres, que tudo está em Deus. Meu amor, que fará esta formiga? Bendito e louvado sejais, Senhor!

Nesta ocasião me acho sem desejos de falar no Amado com as criaturas, e conheço a causa e motivo que tenho, e é porque o Amado é o que fala dentro na alma com ela, e

a traz tão atraída e toda elevada no objeto divino. Que não procura mais rezões que desfazer-se por amar mais e mais, e conhecer as suas divinas perfeições e as suas divinas grandezas. A alma, toda cheia de gozo e alegria, e metida toda em admiração pelo que em si sente de Deus, ver que dentro de si mesma se veja metida em delícias do céu, e sem ela ter da sua parte mais que misérias, mas direi o que sinto. Que estar este interior des [fl. 169v.] ocupado, digo, das coisas de cá. E ainda que falo, é só como de fora, e nesse de fora sempre entra como falar no que fizeram os santos pelo amor, e mais não faltam misérias, tentações, representações de coisas feias que é quando a alma de[s]ce, mas logo torna ao seu centro que é Deus, onde descansa naqueles divinos braços, tão regaladamente. Torno a repetir o que aqui queria dizer, mas não acertarei, que é que avidamente o viver a alma nesta liberdade com Deus, a limpeza dos sentidos, falar pouco desnecessariamente, retirar das criaturas, inda das muito santas, não havendo legítima necessidade, porque me parece impossível haver neste desterro. Não falo em padre espiritual, que esse é o que ensina e encaminha a alma a Deus. Mas pode haver divertimento maior, nem mais suave nem de maior alegria e consolação do que a alma acha dentro de si mesma com Deus? Não quero afirmar, mas não posso dizer o que não sei, o que Deus tem para fazer de mim. Mas não me lembro que me sinta nunca com necessidade de divertimentos deste desterro, só o que sinto sempre é desejos de mais e mais me dar a Deus. Isto é interiormente, que nem por isso de[i]xo, de tempos a tempos, [de] falar com as amigas, e visitar as enfermas, principalmente as pobres, que cumprimentos[1548] poucos ou nenhuns.

Hoje me sucedeu que nestes costumados pensamentos que já disse acima do Amado, me lembrei do que eu disse a Vossa Reverendíssima daquele santo Alonso Roíz que entrara o Senhor pela porta dentro. Eu pus-me a cuidar nisto, sem estar muito divertida no fogo de amor que esta consideração causava, e disse para mim mesma se se abraçaria o santo com o Senhor, e disse eu para mim [que] eu não me havia de [de]ter. E com isto se me acendeu tão grande amor, [fl. 170] que estava o coração palpitando e todo feito ternuras. Mas foi tão forte que me tenho achado como viva por um fio. Isto é dia da Senhora Santa Ana. Oh, quem dissera a todo o mundo que se dessem todos a Deus? Meu doce e amantíssimo Jesus da minha alma, que toda sou vossa e vós todo meu!

[1548] No original, “comprimentos”.

No outro dia, indo a comungar, de repente senti dentro da alma que me diziam: “agora tens o Senhor que entra pelas portas de tua alma, e não pelas do convento”. Oh, Senhor, foi tal a força de amor, e alegria, e ternuras, e amores e coisas que sentiu minha alma, porque estas coisas sucedem-me como quando a alma está descuidada de receber favores e como simples que não está muito divertida. E, assim, me parece que nestes assaltos de amores acabarei este desterro pela força que sinto. E fiquei todo [o] dia toda enardecida, que me parecia que estava em uma chaga viva de amor, mas tão regalada que me deram grandes forças no corpo. As doçuras e regalos do céu são sem conta, e sempre com esta liberdade da alma para se dar mais e mais a Deus. Ele nos leve à sua santa glória!

Capítulo XXXV.

Não posso deixar de ir referindo e dar conta a Vossa Reverendíssima do que ia dizendo no fim do capítulo acima, do que me sucedeu com entender que me diziam quando ia receber o amor sacramentado que o Senhor entrava em minha alma. Porque foi tão encendido o amor que esta lembrança me causou, que inda me sinto ferida desta divina lembrança, tão divina e santa que me roubou toda eu com [fl. 170v.] tantos efeitos divinos. Mas, como meu doce amor e Esposo é riquíssimo que, por mais que encha uma alma de bens do céu, sempre ela conhece que inda tem muito mais e mais que receber de Deus, se ela for fiel esposa sua. Assim, me sucedeu outra coisa semelhante, que tinha ouvido de uma santa que desejou padecer parte do que Nossa Senhora padeceu por seu bendito filho. Que ele lhe pareceu feito Menino, tão engraçado, que lhe roubou todo o afeto e lhe fugiu, que ela ficou três dias sem poder suportar as ânsias e amores que este Deus Menino lhe causou. E eu, com saber isto, me sentia bem abrasada em amor seu, trazendo-o muito vivo e entranhado na alma e nos sentidos, e do que ela sentiria quando a Senhora lho veio trazer passado três dias, e lhe disse que ali o tinha nos braços, mas que não lhe tornasse a suceder desejar sentir o que ela sentiu por seu bendito filho. Comecei a engolfar-me nestas considerações porque são os desafogos de uma alma enamorada de Deus, digo, de outras melhores que eu. Mas andando nestas ardentes encendidas chamas, me sucedeu que, levantando-me da cama, lavei a boca e neste lavar senti ir a água para ba[i]xo. E como eu tinha de comungar, foi tal o sentimento sem inquietação que sentia desfazer-se-me o coração em ternuras e saudades porque se me representava a culpa que eu tivera. Assim, me parecia a minha ingratidão grandíssima e

sentia-me toda abrasada em amor. Mas representava-se-me que o Senhor se tinha ausentado de mim por minha culpa. Assim o sentia, que me parecia que ele estava como anojado da alma, mas muito amorosamente a regalava, mas como de [fl. 171] longe porque não conseguia satisfazer a seu sentimento, que me durou perto de oito dias, e inda hoje não estou de todo livro desta lembrança. Causou-me tão profunda humildade este meu descuido, e tão levantada oração, que assim que chego à igreja logo me deito com a boca no chão, a rezar os três credos que Vossa Reverendíssima me ensinou que fizesse nos três dias de retiro, que os rezasse à reverência da Santíssima Trindade. Mas com eles senti tais efeitos em minha alma que o faço muitas vezes, pelas muitas utilidades que tenho recebido de Deus quando a alma [está] muito cheia de favores do céu. Esta humilhação é excelente, mas o que dizia da oração alta e tão excelente. Uma noite, estando na oração do convento, inda viva nesta ou metida nesta viva lembrança e desconfiança de mim mesma, da minha ingratidão, me senti toda roubada, digo, a alma, que não sei dizer o que ali recebi. Só que no fim dela me senti como uma pena leve toda eu, e tão sem sentidos e ações naturais, que me parece que inda não tinha chegado a gozar coisa tão excelente. Era dia de disciplina[1549], e como me fui a tomá-la, não tinha tempo de fazer muitas humilhações costumadas nestes grandes favores. E eu, como ia assim, não sentia muito o golpe da disciplina[1550], disciplina o que eu desejava que fosse forte, mas, estando nestes cuidados todos juntos de não sentir o golpe, e da humildade que desejava ter em tão grandes favores, sentindo dentro da alma como minha Senhora me dizia, ou me ensinava, que oferecesse ao Senhor a ardentíssima humildade com que ela recebia os seus divinos favo [fl. 171v.] res. E com mais rezões que a alma as percebeu, mas a minha ignorância as não sabe dizer. Só me causou esta Senhora umas entranháveis saudades suas e se aumentou meus desejos ardentíssimos de ser muito, muito sua devota, com mais amores e ternuras entranháveis que me tem durado vai por três dias, e cada vez se aumentam mais e mais.

Como as enfermidades e falta de saúde é em mim continuamente, pouco tempo me fica livre para escrever. Mas agora me vejo tão ferida deste amor que rouba os corações das suas criaturas, se elas os tem desocupados das coisas do mundo, de mim, digo, que não

[1549] No original, “deciplina”.
[1550] O mesmo erro da nota anterior.

tenho senão misérias, mas falarei de alguma pessoa deporia (sic) além, mas para dizer a verdade digo que me sinto hoje, véspera de São Mateus, toda feita uma chaga de amor. E não sei dizer de outra sorte porque se pôs este amor tão forte que não achava refúgio senão acabar logo de sair a alma desta prisão e, com desejos ardentíssimos, disse a meu Senhor e Pai de minha alma que acabasse já este desterro. Mas, tornando em mim, conheci que isto seria em mim falta de conformidade com a sua divina vontade, e disto me acuso porque há de ser quando o Senhor for servido. Mas, para mim, não há coisa que mais me anime nestas ânsias de satisfazer esta fome e sede tão excessiva que tenho de meu Deus, que a certeza [de] que hei de acabar este desterro isto me faz andar neste mundo como morta, e fugindo sempre a tudo [o] que é dele, que não de[i]xar eu de tratar de coisa criada é por adquirir, com este trato, alguns padecimentos e consolar ao próximo, e servi-lo no que puder para que com estes contrapesos se purifique esta alma mais e mais. Que o coração, e potências e sen [fl. 172] tidos todos são só para suspirar por meus amores, que afirmo que são só todas as minhas conveniências que possuo neste desterro, que tudo o mais que possuo para o uso preciso que me serve de cruz e desabrimento, porque não pode a alma gozar com largueza de seu divino Esposo tendo cá da terra algumas misturas. Isto é verdade certíssima das mesmas almas que gozam dos seus divinos regalos porque dentro de si mesmas conhecem claramente quem lhe rouba os seus divinos tesouros, que isto tenho eu por experiência, que, às vezes, me descuido sem querer em coisas bem leves, e depois me causam grandes padecimentos na desconfiança que perdi a meu Deus por minha culpa. E tudo para uma alma que deseja ser amante de um Deus infinito vive sempre crucificada com o seu divino Esposo, porque se lhe sucede achar-se em securas e escuridades tem mil martírios causados da desconfiança que tem de si mesma, porque tudo é supor que são pecados que tem cometido e, se os não conhece em si, queixa-se da sua miséria, que se descuidou do Amado e que ele se fora e a deixara. Isto me tem sucedido muitas vezes. Tirar-me o sono e não me deixar dormir, sem inquietar-me, mas uma dor ou sentimento insofrível. E, também, outro estado que a alma de se ver tão sedente de Deus que só lhe parece que na soledade achará desafogo, pelo amor que sente dentro de si, e retira-se de toda a comunicação humana, só por tratar a sós com seu Senhor. E no retiro se sente com dobrada ânsia, e se sente de sorte que não se sabe explicar porque é um ardor, ou fogo, que lhe faz também perder o sono, como acima disse. Sente a alma apartar-se do corpo,

sente-se morrer, e não sa [fl. 172v.] be se é de amor ou se é pelo meu Senhor que me faz derreter toda por seu amor. Mas isto é não querer a alma regalos, nem favores, senão como ver-se satisfeita deste abraço divino, que só dentro da alma o conheço bem. Mas faz-me como louca, que bem sabe Vossa Reverendíssima que estou nestes dias de retiro a sós com meus amores, que não sei o que faço todo o dia, e parte da noite gasto com meu Deus. Não me faltando misérias, que é o que tenho de meu, mas não tenho tempo para nada, e todo o gasto com o Senhor, mas tudo me parece minutos.

Entrei doentíssima e acho-me melhor de saúde ou de forças, mas dentro da alma toda derretida, e uma força que me faz como insofrível por instantes porque a alma deseja corresponder com tudo que podem chegar as suas forças, mas nada obra porque, quanto mais força faz por se dar toda a Deus, mais se sente arder e não satisfaz, e sabe que neste desterro não pode ter satisfação permanente. Mas, como o amor é cego, não a de[i]xa descansar. Oh, meu Deus e bem de minha alma, donde a mim tanto bem? Ser eu vossa toda, não sentir eu dentro de mim mesma outro cuidado senão como me darei toda a vós, e como serei toda vossa e como me empregarei, de noite e de dia, só puramente em vos amar, e servir, mais e mais. Nem querer, nem fazer, senão puramente o que for vontade vossa.

Tornei-me brevemente a achar falta de alentos, costumadas queixas, mas tão enardecida de amor de meu Deus, e a alma posta em tão grande serenidade e gozo que estava entendendo dentro de si mesma que o Senhor lhe dizia: “satisfaz a ânsia que tens de meu amor!” Vai por dois ou três dias que me sinto toda como estar-me desfazendo pacificamente, toda elevada, sem ser pelo ar, me que [fl. 173] ro declarar, senão dentro de mim mesma a uma comunicação altíssima, a um gozo de Deus suavíssimo. Não sinto ações muito livres porque está todo o interior bem ocupado, que me não dá lugar a nada e faz-me como martírio, sem inquietação, o trato, inda preciso, das criaturas. Não mais que estar com todas as potências e sentidos e toda eu ocupada naquele objeto divino. Na boca é sentir uma suavidade que eu não sei pôr-lhe outro nome, inda que me parece mais que suavidade. Dorme o corpo com grande sossego porque está a alma como em braços com seu divino Esposo. Trata a alma com ele com grande gozo, por não dizer de outra sorte. Conhece a sua miséria, mas tem-[n]a o Senhor em estado que não sente, nem lhe cabe tempo mais que para amar e gozar. E não chega a minha ignorância a saber dar larga conta a Vossa Reverendíssima da abundância, e favores e regalos com

que meu amantíssimo Esposo me está favorecendo estes dias. E sempre no princípio de favores, me acho primeiro muito favorecida da Mãe de Deus. Umas vivas lembranças e ternuras que sinto de servi-la e amá-la. Sinto mais interiormente uma grandíssima desocupação de tudo criado, e já se sabe que sem isso não goza a alma com tanta abundância. Mas, demais disso, sinto o meu interior como um céu. Não sei explicar-me de outra sorte, mas é neste sentido que, vendo que sou a mesma miséria, sinto dentro da alma como se veria com os olhos do corpo que está a alma, ou o lugar donde ela está, como assistida de anjos. Não os vejo, mas é um conhecimento tão certificado que pensar eu nisso me faz humilhar muito. Mas consolo-me com a consideração, por não duvidar nem querer senão puramente. Digo que hoje recebi o amor sa [fl. 173v.] cramentado, por isso sinto esta flagrância, esta alegria, esta música celestial. Aqui faço com meu Senhor, toda humilhada e cheia de gozo lhe digo: "Senhor, este coração é o vosso, pois isso quero. Tomai-o todo e dai-me o vosso todo." É o gozo tão grande da alma que prende todos os sentidos do corpo e satisfeita em parte, que não lhe falta senão tempo, inda que o tenha todo por seu. Mas falta-me tempo para mais e mais gozar de Deus, que por mais que ame, e goze e conheça, é tão grande Deus que sempre deseja dar mais, e mais a gozar e conhecer a uns vis bichinhos da terra.

Oh, meu Deus, podereis vós, Senhor, dar estes favores e regalos que me dais a mim, a mais ingrata esposa que tendes na terra, a outra melhor que eu? Oh, meu Amado, quem me soubera dizer o quanto goza esta alma de vós, que sois a riqueza infinita e bondade imensa! Que vos faço eu, vil formiga da terra? Só morrer-me por vos amar e servir. Quem me dera mil almas e mil corações, que todos haviam de ser vossos! Oh, meu Deus, que só lembrar-me que toda sou vossa me encho toda de goza e alegria. Lembrar-me que já viram meus olhos o feliz estado de ser vossa esposa.

Conheço, Senhor, que vos tenho ofendido e que sou a mesma miséria. Mas, meu Deus e meu amor, e meu amantíssimo Esposo, bem sabeis vós, Senhor, que logo desde pequenina me alegrava muito quando vos nomeava, e chamava meu Esposo. E isto me fazia saudades vossas, que chorava por vós. Oh, Senhor, desfaça-se este coração todo em amor vosso, e perdoai-me, Senhor, minhas ignorâncias e grossarias, que não sei falar de vós. Mas, sim, viver sempre toda em vós e para vós, que sois todo o meu bem e toda a minha alegria. E sois a vida de minha alma, e alma de minha vida, e única esperança de todo o meu bem e minha alegria. [fl. 174]

Capítulo XXXVI.

Como eu disse uma vez a Vossa Reverendíssima que tinha grande ânsia de falar de Deus, e Vossa Reverendíssima me disse que era melhor estar com Deus que falar dele, eu não me esquecia essa palavra, inda que ambas as coisas são boas. Mas quero agora dizer a Vossa Reverendíssima, ou dar conta do que passo no meu interior, sendo que se eu dissera estas coisas de outra pessoa que não fosse eu, falaria com mais liberdade, e não me cortaria tanto porque só desejo humilhar-me muito, muito, e não dizer de mim senão que sou a mais ingrata criatura. Mas a santa obediência me anima a escrever ao pouco que pode chegar a minha grossaria.

Já no capítulo atrás dei conta como meu Senhor me tem toda atraída e enardecida amorosamente em gozo altíssimo, que ficam as potências e sentidos tão ocupados nas suas divinas perfeições que, andando o corpo, ou que esteja ocupada entre gente com as mãos, sinto todo o interior gozando, e amando, e conhecendo e louvando. De sorte que, vindo eu hoje do refeitório com a comunidade, e já depois de acabadas as graças, indo-me a recolher para o nosso leito, me deu no caminho uma suspensão, ou ânsia ou ternura, que me encostei nos corredores da igreja como para esperar que passasse aquele gozo que sentia, para eu poder ir mais livre. Que isto é como uns desmaios que dizem que tem algumas pessoas, mas a mim não me tira os sentidos, senão é como uma grande enchente ou abundância de regalos de Deus, que me faz como não poder a criatura com tão grande flagrância e amor que sente. E direi o que ia cuidando, que era ir fugindo sem ir com carreira, senão cuidadosa [fl. 174v.] de me não deter com criaturas, senão ir-me depressa recolher a sós com o Amado. E metida na admiração como me sentia dentro da alma, vendo dentro nela mais excelentes coisas, das que achava nos livros, conhecendo tudo [o] que era de Deus. Mas eram mais subidas, e suaves e excelentes as que a alma conhecia e gozava de Deus de quando ouvia ou lia. Assim, me ia toda enternecida neste mar de perfeições. E isto não é desprezar a nada, senão é dar conta no estado em que me acho, que bem sabe Vossa Reverendíssima que não são os tempos sempre os mesmos, digo, no gozar e padecer. Assim, desejo estar sempre, não à minha vontade, senão só puramente à vontade de Deus, sempre abraçada com a cruz que o Senhor foi servido dar-me, e não desejara ver-me livre dela por minha vontade, senão só pela vontade de Deus. Nos favores e regalos do céu sempre desejo abraçar com profundíssima humildade, e não os desejando nem buscá-los, senão com

rendimento amorosíssimo pôr minha alma aos divinos pés do amantíssimo Esposo e conhecendo o nada que sou, que só mereço mil infernos. Digo isto para que Vossa Reverendíssima me diga se é bom ou não, pois eu não desejo mais que dar-me toda a meu Senhor. Também direi a Vossa Reverendíssima, inda que sei que me quer sempre ocupada na contemplação, mas a isso lhe quero dizer que nos tempos de menos saúde, ou securas, ou ausências do Amado, que nestas ocasiões ponho sempre o relógio para que não deixe de ter as duas horas e meia ou três, se pode ser pouco mais ou menos, fora o tempo de estar suspirando e cuidando no Amado. Mas nestas ocasiões que sempre a alma está recolhida e gozando de Deus todo o tempo que tenho fora das obrigações, ou cruzes, ou o preciso, me ocupo na contemplação porque [fl. 175] então não hei de mister o freio que lhe chamo. Eu quando ponho o relógio é para prender esta besta desenfreada, mas agora o mesmo Senhor é que prende minha alma e a chama, que me parece que está ela entendendo que o Senhor lhe diz que estejamos ambos.

Oh, Senhor, bem sabeis vós o quanto me custa escrever amores vossos que minha alma conhece porque ao mesmo tempo conheço o nada que sou, mas vejo esta alma feita um céu de amores vossos. OH, meu Deus, conheça-vos eu a vós e conheça-me eu a mim. Confesso minha culpa, que me sinto toda inebriada, e toda atraída e toda enardecida de amores de um amante divino.

Ó, aves! Ó, peixes! Ó, criaturas! Vinde e ajudai-me todas a louvar e amar a tão grande amante! Oh, Senhor, quem tivera mil mundos e que todos foram corações e almas puras, para que todos vos louvassem e servissem. Oh, meu Deus, que farei por vos amar muito, muito?

Hoje, dia do Arcanjo São Miguel, estando no coro à prima, me senti como que estava não entre criaturas deste desterro, mas que estava minha alma metida em um céu. Era tão grande a flagrância e suavidade que sentia que fui tão ingrata, ou tão fora de mim, que olhei pelo coro todo se era isto céu ou se era cá na terra.

Nas completas me sucedeu o mesmo, e com isto que eu não sei declarar bem se me prendem todas as potências, e sinto desfazer-me toda em amor tão íntimo que parece que a alma está gozando com Deus apertadissimamente. Que não sinto mais que Deus e, quando chego à noite, sinto-me sem forças nem alentos, senão toda derretida. Mas estando na contemplação, ou haja forças ou as não haja, parece-me que a alma leva o corpo detrás de si, sem que ele sinta quebranto. Declaro-me que não são

arroubamentos, senão estar a alma unida toda [fl. 175v.] a Deus, que as suas flagrâncias e amores a faz esquecer de todo o padecimento. Dois dias me durou ver-me no coro como quem estava gozando de uma música angélica, pelos efeitos que sentia, inda nos atos de comunidade. Sempre os favores e regalos do céu são sempre com mais abundância, mas nestes dois foram mais altos e subidos, e me deixaram inda mais atraída e com mais vigilância no recolhimento interior. E toda abrasada e derretida nas grandezas e finezas de nosso Deus, que isso me faz enardecidas e amorosas saudades, que faz sair a criatura de si mesma. Porque, vendo o que sente dentro de si mesma, não pode confiar-se sempre ali, senão com ardentes ânsias o busca por todas as partes como com a lição espiritual, ou cruzes, ou consolar o próximo, ou com orações, porque em todas as partes se acha com seu Amado. Mas, para a satisfação com abundância, vamos à contemplação e ao retiro, que lhe digo a Vossa Reverendíssima a verdade, que agora ando acabada, que não posso mais livremente com outra vida mais que estas duas, contemplação e retiro de todo o criado, fora das obrigações e atos de comunidade. Porque sinto agora em força a alma em braços do divino amante, tão intimamente que tudo o mais, para quem assim se sente, é martírio, vida que não sente o corpo necessidade, que está satisfeito com a mesma alma. Não digo que não come, e se calça e se veste, mas são estas coisas feitas com tanto desvio da mesma criatura que com isso não se detem os sentidos, senão todos ocupados em Deus. Meu amor, que sou a mesma miséria! Mas toda, Senhor, me vejo cheia de vós, meu bem.

Nas completas de Santo Jerónimo, me atraiu [fl. 176] o Senhor de minha alma toda de sorte que me sentia acabar-se a vida do corpo, em braços do divino Esposo, porque se apertam e se ajuntam todos os sentidos e potências com o mesmo gozo da alma porque estes santos também me ajudam muito a acender fogo de amor ardentíssimo, e eu sinto-me tão desgastada interiormente, ou o Senhor assim o permite, porque eu de mim não tenho senão misérias. Mas torno a dizer da desnudez em que sinto minha alma das coisas desta vida, que pequenina que seja a lembrança que tenha do que fizeram os santos, e que sejam tão festejados[1551] cá na terra como o mesmo Senhor, e que o mesmo Senhor assim o permita. Com esta consideração, por pequenina que seja, se me abrasa a alma e coração em amor de meu Deus, que não posso suportar o gozo e amor que

[1551] No original, “festijados”.

sinto porque destas coisas passa a alma como a pôr-se conversando com seu divino Esposo, que no sentir dela lhe parece que o Senhor a mira como gozando-se e lhe diz: "vês o que estes fizeram?", e mais coisas que ela conhece no mesmo Senhor. Porque como a alma já o seu viver e desejar é só que o Senhor seja Amado, e servido e louvado, e que todas as almas sejam suas e se derretam em amor seu, é tal o gozo que sente de ver que ele foi Amado destes santos que me sinto arder com gozo que sinto, de sorte que a alma desafoga com se ver como com o Senhor falando, e ouvindo e entendendo das suas grandezas porque não sei que tem esta pobre criatura, porque os olhos do corpo se lhe vão detrás de quem vê e conhece que se deseja dar a Deus. E sempre lhe parece, como assim é, que todas são melhores que eu. E se vejo alguma vaidade em alguma pessoa, corta-me o coração, e só para pedir a Deus por elas me desejo lembrar de tais pessoas. Torno a dizer a Vossa Reverendíssima que eu estou acabada para tudo desta vida, e só o que eu quero é viver só para Deus. Mas declaro-me que es [fl. 176v.] tou de sorte que não posso fazer mais que buscar modo para que esteja só com o Amado. Sem me dar a entender, ando sempre fugindo. Isto é passadas as horas dos atos da comunidade porque meu Senhor me traz sempre toda enardecida em amor seu. Na boca é um sentir de um delicadíssimo e suavíssimo maná do céu. Bem sei que nada [do que] digo é meu porque isto que sinto na boca é do amor sacramentado, como tudo [o] mais que são favores sobre favores, regalos sobre regalos. Agora com a sua carta de Vossa Reverendíssima escrita não cá na terra, senão como coisa do céu, me afervorou[1552] mais a vontade e desejo de me dar toda a Deus, inda que eu sou toda sua. Mas sempre lhe estou repetindo, por instantes, que me entrego toda à sua divina vontade, mas quero repetir aqui o que Vossa Reverendíssima me diz porque assim isto que quero dizer, como mais outras coisas que me diz nela, me dá a conhecer melhor do que eu cá o entendo o que agora passa em minha alma. Mas só desta farei menção pelo que causou em minha alma, pelos delíquios de amor com que ela se vê muitas vezes, como absorta nas grandezas de um Deus infinito. E vem a ser que me diz que, inda que por toda a eternidade se estivera comunicando às almas nas suas divinas afluências, nunca se diminuiriam as riquezas dos seus divinos tesouros, e sempre os seus favores, e regalos e substanciais comunicações seriam umas grandes disposições para outros

[1552] No original, "aferverou".

maiores. Coisas tão excelentes como Vossa Reverendíssima me diz que a alma, com estes avisos que o Senhor lhe envia pelos seus ministros, caminha com ligeiro passo, inebriada naqueles divinos vinhos que o Senhor dá a quem ele é servido, não pelos merecimentos da [fl. 177] criatura como eu, senão pela sua bondade infinita e misericórdia.

Há dias que não escrevo, não por me faltar que dizer dos favores do Amado, mas anda esta alma tão cheia de regalos e carícias do seu divino Esposo que lhe parece que fora dos atos de comunidade que todo o mais tempo é pouco para gozar dos seus divinos abraços.

Os dias passados, depois de ter recebido o amor sacramentado, senti tão grandes suavidades e flagrâncias de doçuras que me faziam como desmaiar, que não podia a natureza sofrer, que parecia que desfalecia. Mas, por espaço, tornei a cobrar forças e duvidei no que sentia porque me pareceu novidade. Mas recolhi-me aos pés do meu divino Esposo, beijando as suas divinas chagas com a boca da alma, e dizendo-lhe mil amores e que desprezava tudo [o] que não fosse puramente seu. Digo, do mesmo Senhor, inda as mesmas doçuras a que o inimigo pode fazer, mas como os efeitos que senti depois de passado o que acima disse me sossegou. Porque é um sentir da alma em grande paz e sossego e com recolhimento. Todo o meu exterior como que me está sempre gozando de Deus, com grande alegria se vê minha alma. São umas ternuras que por instantes sente que a faz esquecer-se de si mesma. Não faz mais que gozar e receber horas que gaste depois de comungar. Nada a pode satisfazer, horas e tempos, porque o não tem mais que para tratar com seu divino Esposo. Às vezes, se derrete toda em lágrimas, chamando aos anjos que sirvam a seu Deus por ela, pois ela o não sabe fazer como deseja. Outras vezes, chama os serafins que amem a seu Deus por ela, pois que ela o não sabe amar como ele de [fl. 177v.] ve ser Amado das suas criaturas. Assim, anda esta criaturinha[1553], que não sabe que faça por seu Amado.

Capítulo XXXVII.

A treze deste mês de outubro, estando no coro, senti-me toda em uma chama viva de amor de meu Deus, que todo este dia foi de receber favores do Amado. A alma tratando com ele e vendo como o Senhor se agrada de corações todos desocupados, que às vezes

[1553] No original, “creaturinha”.

me parece que este que tenho dentro de mim sai de seu lugar como dando saltos de alegria e ternuras que sente. Prendi-me de sorte toda com o gozo que sentia, que estava como se diz muito cheia de vinho, mas estes eram celestiais porque era como uma criatura que não vive já para si, senão vivendo já toda para Deus, e vivendo para Deus tudo [o] que sente dentro de sua alma e de si mesma. Parece-lhe que tudo é do céu pelos efeitos que sente. Vê-se como corpo cá neste desterro, mas todos os seus amores são no céu, e todos os seus sentidos e cuidados são como se dará mais e mais a Deus. Em tudo [o] que pensa lhe leva logo os sentidos ao Amado e, por isso, não sente padecimentos e, se os sente, leva-os e deseja-os levar com alegria. Eu sempre desejo trazer uma viva lembrança do que meu Deus, e Senhor e Pai de minha alma padeceu por mim neste desterro, que me desejo despedaçar-me em penitências por seu amor. Mas, nestas considerações, o que tiro delas são doçuras e regalos porque minha alma, com a força de amor que sente, toda logo engolfada nos seus divinos braços, cuida que com isso que o Senhor não havia de padecer. Oh, que cegueira de [fl. 178] amor vivo, que não dá lugar a nada mais que viver, não vida de criatura, senão toda já metida naquele mar de doçuras, e grandezas e perfeições, que deseja minha alma ajuntar céus e terra para que tudo louve e engrandeça a tão grande Deus. E posso afirmar a Vossa Reverendíssima que não tenho outros cuidados senão buscar mil modos como me darei a este Senhor que sinto dentro de minha alma que, sendo ela a mais ingrata, seja tão favorecida da sua divina e íntima comunicação, que está ela sentindo o trato como um amigo com outro. Oh, meu Deus, todo o sangue de minhas veias se faça todo em pingos para que uma por uma vos louvem, e toda eu! Meu amor não cede até [a]o último suspiro de minha vida, de vos estar sempre louvando para sempre. Amém!

Neste mesmo dia acima referido, me deitei à noite para dar algum descanso a este miserável corpo, porque a força da alma também debilita[1554] as forças do corpo. Mas o Senhor não me deixou dormir, que o mais da noite esteve minha alma gozando de Deus, com tanta abundância de regalos e favores que me levantei muito de madrugada sem saber que fizesse de mim, e tão cheia de humildade e como a alma envergonhada do que tinha gozado de Deus, que se não atrevia a lembrar-se do que tinha sentido mais

[1554] No original, “debelita”.

que desejava meter-se no seu nada, e em profunda aniquilação, derramando lágrimas de amor ardentíssimo.

Me fui a receber o amor sacramentado. Aí se encheu a alma toda de Deus, onde gastei algumas horas [fl. 178v.] até que se entrasse ao coro. Sinto-me, digo, sentindo-me com forças desconhecidas, estando sempre de joelhos, o que em mim é uma coisa grande pelas debilidades[1555] de forças, ali tratou o Senhor com minha alma, o que não cabe em termos humanos. Só direi o menos a respeito da vergonha que o mesmo Senhor tinha infundido na mesma alma, sentindo ela íntimo abraço de Deus, que é o que posso dizer, lhe dizia o mesmo Senhor, como dando-lhe liberdade, a meu entender lhe dizia: "não temas, que assim trato a quem se me dá a mim toda", e outras coisas que eu não sei dizer por termos ba[i]xos. Só direi que me causou grandes forças, assim interiores como exteriores. Uma abundância e fartura, assim das coisas do céu como do mantimento preciso para o sustento do corpo. Satisfeita em todo o sentido, mas sempre derretida de amor. Uma prisão em todos os sentidos e modéstia que me sentia como morta no exterior, que no interior nunca tão viva. Sentia-me arder e com chuveiros de lágrimas, na[s]cidas todas de amor. Pedia excessivamente ao Senhor que desse a sentir à suas esposas o que sentia minha alma, para que elas acabassem já de todo de se darem ao divino Esposo, porque é impossível que quem se achar neste tão excelente estado lembrasse, nem apetecer coisa deste desterro. Porque [n]esta vida de amor a Deus anda a alma e coração como desapegado das prisões da carne que, sentindo os padecimentos da natureza, os não sente, porque em si não sente ma [fl. 179] is que uma abundância de favores do céu. Isto é o que passo em minha alma, a mais inútil de quantas há em todo o mundo.

Dia em que se festejam as sacratíssimas chagas de meu Senhor Jesus Cristo, me atraiu meu doce amor a si toda [a] minha alma. Com o grande gozo que sentia, não fazia mais que dizer que Santa Teresa o vira todo chagado, e com isto se me abrasava todo o interior em fogo de amor, e todos os sentidos da alma e corpo desocupados, e desde então para cá não que sente minha alma porque o seu cuidar e pensar é só das coisas do céu. Está como tratando com toda aquela excelente e doce companhia dos coros dos anjos e de todos os santos. Mas, dentro da alma, com miudeza está comunicando-se

[1555] No original, "debelidades".

com aqueles excelentes coros, e goza de os ver gozar. Não os vê com vista clara, senão por fé. E esta fé nasce de uns gozos, efeitos que ardem em mim toda, porque meu Senhor me tem tratado estes dias tão intimamente unida a si, que toda ando cheia de admiração. Que entra este divino Esposo, sem ser sentido entra estando as portas fichadas. Entra em minha alma, sem que o corpo sinta quando vem, nem se esta obra na alma maravilhas que é a razão, porque minha alma se envergonha porque não tem cabedais para hospedar tal Senhor e tal amor. E este Senhor tem posto minha alma em tal solida [fl. 179v.] de de tudo o criado e de si mesma, que eu já de mim não sei que dizer, senão que só mora meu doce Esposo. Meus pensamentos são todos do Amado, meus cuidados não são outros mais que do divino Esposo. Sinto uma força dentro da alma que sinto a mesma alma em braços do divino Esposo, e com muitas mais carícias que ali goza, que não se podem dizer todas. Às vezes não sinto moléstias. Outras vezes, sinto-me sem forças nem alentos, mas não sinto necessidade de coisa criada. Não entra neste estado mistura[1556] de coisa vivente. Uma caridade ferventíssima, puramente por Deus. A alma arde em desejos que todos gozem e sintam o que ela sente com seu Amado Esposo. É uma alegria que sente grandíssima do que dentro de si conhece do que os santos gozam no céu, e outras coisas admiráveis de que ando toda como inebriada e cheia de gozo, e doçuras pelas vivas memórias e lembranças do que se passa no céu. E, sobretudo, anda esta pobrezita alma sempre como em braços de seu divino Esposo. Aqui se de[i]xa ficar toda e eu elevada na contemplação. Também quero dizer que, quando disse que não lhe faltam tentações, mas são ligeiras, a alma forte para as desprezar e dela tira maior humildade e conhecimento do seu nada. E já se sabe que por mais que se goze de Deus enquanto nesta prisão da carne, que sempre tenho que temer e viver sem, com uma santa desconfiança de mim mesma. E, por instantes, estar-me sempre entregando toda a meu doce [fl. 180] amor: alma, vida, coração, vontade, corpo e sangue, entranhas, amor, alma, potências, entendimento, espírito e tudo quanto o mesmo Senhor me dá, que tudo é seu. Só desejo viver enquanto vós, Senhor, fores servido neste desterro ver-me. Sempre tão desocupada, toda eu como agora me sinto de tudo que é mundo, para que vós, Senhor, sejais o Senhor desta pobre morada, sem

[1556] No original, “mestura”.

mistura de coisas inúteis. Padeça eu tudo o que for vontade vossa, mas não sinta minha alma mais que a vós, que sois todo o meu bem.

Outro dia, estando no coro toda cheia de abrasada de amor de meu Deus, que se pôs minha alma a falar nas grandes afrontas e injúrias que disseram a meu Senhor. Os empuxões, as bofetadas, as salivas. Arrancarem os cabelos do seu santíssimo rosto e, sobretudo, a lançada do peito, isto vendo que já estava morto. Com estas considerações, porque aqui se meteu minha alma toda nesta divina chaga, e foi tal a flagrância de doçuras e fartura de regalos que senti que, desde então para cá, anda o corpo como morto para tudo [o] que é desta vida, e tão satisfeita que não sinto necessidade de coisa desta vida, porque a alma e corpo sente abundância e fartura do céu. E sinto-me tão enamorada de meu chagado amor que sempre estarei a cuidar no que ele padeceu por mim. Mas o Senhor leva a alma quando é servido a outro estado, que é iminente, mas ao subir e de[s]cer é morar nas suas divinas chagas que é porto seguro. Mas sinto-me [fl. 180v.] muito morta para tudo, inda que seja sempre a mesma miséria, porque é só o que de mim desejo supor, como é sem dúvida. Mas, como os favores se vão sempre aumentado, digo, aumentando grandezas sobre grandezas, regalos sobre regalos, que são de sorte que a alma deseja continuamente estar-se sempre humilhando, que, dentro de si, sente força sem trabalho de exercitar-se sempre neste ato. E a alma se vê já tão desapegada dos mesmos regalos e favores do céu, que só deseja que se faça a vontade de Deus em tudo. Já não sente outros gostos, nem alegrias, nem outros desejares de coisa desta vida, senão que seja todo o seu viver e alegrar puramente e por Deus, porque tudo o mais lhe serve de martírio. Mas todos os martírios e trabalhos desta vida são minutos à vista do que a alma goza de Deus, e não sei como nos podemos queixar de coisa desta vida, nem de enfermidades, nem de coisa alguma, digo, as almas que tem aqueles divinos braços de seu divino Esposo sempre abertos para lhe saciar[1557] todas as suas requiralas[1558] (sic) com os seus divinos regalos e delícias, donde sai a alma fortíssima para padecer trabalhos dobrados. Meus amores, quem soubera falar de vós, muito como vós estais tratando esta pobrezita alma, que não tem senão misérias? Meu Deus, e todo meu bem, só me anima o ser toda vossa, e nem sentir outra vida, nem

[1557] No original, “sesiar”.
[1558] Talvez queira dizer “querelas”.

outro querer, nem outro desejar, nem outro sentir mais que a vós, que já sois Senhor de toda a mesma vontade e todo o meu ser.

Já em cima disse como não tenha outra vida [fl. 181] mais que padecer e gozar sem medida nem termos. Viver já como de assento, que é como falar na vida e viver no trato que se faz com as criaturas, mas o meu é tratar só do meu Amado. Isto não é faltar à caridade do próximo, mas é tão livre de se me pegar que tenho tomado como hábito cuidar só no que meu doce Esposo padeceu neste desterro. E também no que minha Mãe Maria Santíssima padeceu, e os apóstolos. Nisto gasto o tempo que podia gastar com as criaturas, e com isto me vejo como simples e esquecida de tudo desta vida, porque daqui sobe a alma, que anda com forças desconhecidas. Muitas vezes, na oração, não sinto, ou me sinto como uma pena o corpo, e gozando de Deus sem termos, nem medida, e toda cheia de admiração de conhecer tantas grandezas de Deus. Porque, por mais que goze minha alma de regalos e favores, sempre tem mais e mais que gozar e conhecer de Deus, porque daqueles favores fica como mais despida do visível e mais cheia do céu. Dá-me o Senhor a conhecer os grandes perigos que há neste estado da parte da alma que, às vezes, me fazem como desmaiar se o Senhor me não confortara, e a interceção de minha Senhora, porque sempre chamo por ela. Mas não o sei aqui dizer como a alma o conhece em Deus, mas direi o que puder. Põe-me toda em um desvelo e cuidado em não admitir, nem desejar mais que a Deus, nem ter ou alegrar-me com coisa alguma, digo, como é buscar com desejo as coisas visíveis, como ter apetite de ter ou vestidos ou coisinhas[1559] [fl. 181v.] curiosas. Ir muito atenta com o uso do preciso, não me apegar com desvelo a nada criado, inda do muito preciso se me descobre dentro da alma como hei de usar dele. Nem ser cuidadosa de que me não falte, inda o preciso, nem ir-me a comer o necessário com grande ânsia, senão só porque não pode deixar de ser, mas tomá-lo como por trabalho. E para dizer tudo quanto está [a] alma conhecendo como em um espelho claro, direi tudo junto por não encher capítulos, que é estar a alma, e potências, e sentidos e vontade despidas todas e indiferentes, mas que só querer fazer a vontade de Deus. E conhece que para se fazer é não fazermos a nossa, e não só a nossa, senão seguirmos e abraçarmos todo o penoso com alegria, e seguirmos só esse que o nosso apetite não deseja. Não tenho aqui dito nada do que

[1559] No original, “cousinhas”.

minha alma conhece em Deus nesta matéria, só que me pôs o Senhor estes preceitos diante, e me pareceu que me diziam assim desta sorte que direi: “alma, se queres possuir estas riquezas de Deus e outras muitas maiores, e ir subindo como por degraus, livra-te de todos estes impedimentos que escurecem o subir”. Com estas rezões e outras semelhantes que me encheram toda de um desvelo, e cuidado e grande temor sem inquietação, e maior foi quando conheci estas coisas. Foi lembrar-me que se faltar a elas, tendo-as conhecido, que será maior [a] minha condenação e merecerei mil infernos. E isto foi o que me levou toda a recolher-me com todos os meus sentidos e potências. Apetecer-me e viver já para sempre ajudada da divina graça, nas divinas chagas de meus amores. [fl. 182]

Capítulo XXXVIII.

No mês de novembro do ano de 1734[1560]

Acho-me como de todo sem forças, nem alentos mais que padecer enfermidades com abundância. Louvado seja meu doce amor, que tanto me dá que merecer. Minha alma se alegra grandemente com os trabalhos porque deseja servir, ou seguir, a seu divino Esposo Jesus Cristo.

Sentindo-me já com algumas melhoras, começou [a] aumentar-se uma ardentíssima fome e sede de meus amores, que é tão forte que me suspendia os sentidos, não de todo, mas sentia-me toda elevada em Deus, e de mim toda desfeita, que nestas ocasiões é como amor insofrível, que é necessário estar a alma como em brasa viva de amor. Digo isto sem saber o que digo, mas para achar satisfação do que sente em si pelo Amado. Que eu confesso a verdade, que sinto na alma maior necessidade de sustento do céu e das coisas divinas do que sinto a necessidade do corpo, mas antes estas sempre me fazem temor e peso. Digo com toda a verdade que para mim é uma cruz pesadíssima ver que é preciso comer e tomar todo o mais preciso. E muitas vezes ofereço a meu Senhor o trabalho que sinto em me deter com estas coisas, senão dar todo o tempo para a alma servir a Deus, e dar-lhe a ela sustento com abundância, como é a oração e tudo o mais que é de Deus. Já não sei quando me visse como agora, inda que não sei dizer como me sinto. Mas a alma e corpo se desfaz por meu Deus. O corpo com raios de lágrimas na[s]cidas de amores de um Deus amorosíssimo. [fl. 182v.] A alma toda cheia

[1560] Escrito em letra destacada.

de Deus, que lhe está parecendo que o Senhor lhe está falando porque ela toda está derretida em amores, porque o Senhor a tem posto em um estado que está Senhora como de tudo que é de Deus. Está a alma em palácios de riquezas de Deus, que goza e sente, não como por partes, senão como tudo igual. Mas ando não só com desejos de chorar meus pecados, senão de todo o mundo. Alegria é a mesma de tudo [o] que é para glória e honra de Deus. Os favores são sem conta. Não sei que faça de mim, que às vezes me sinto com delírios de amores de meu Deus.

Véspera de Santa Gertrudes[1561], me fez meu Senhor tantos favores e regalos que punha da minha parte o conhecimento das minhas misérias, vendo e conhecendo grandezas de meu Deus e a bondade infinita de um mar de grandezas. Não sei como neste dia se não desfez este corpo e a alma se foi toda desta vida. Ah, amor, que estava eu no leito, e senti, sem ver quem mo dizia, mas fica a alma percebendo que me diziam que não comece coisa que fosse de gosto. Era como pedir-me, não só limpeza dos sentidos, mas de tudo que era desta vida me apartasse e dizendo para o que era, como o Senhor queria viver em minha alma. Ainda o entendi mais subido, que eu não o sei dizer. Causou-me algum temor e fugindo eu como a este pensamento, o supus que era pensamento, mas por não haver aqui algum engano é que dou conta a Vossa Reverendíssima. E sempre fazendo-me como esquecida de tal passar por mim, e nem deixei de comer o preciso, inda que sentia a alma e toda eu satisfeita. E como a alma se [fl. 183] se vê agora com tanta abundância de favores e regalos, inda que os não deseja, só os abraços de seu divino Esposo, que aí tem entrada franca e amorosíssima. Inda que os efeitos que neste dia senti todos eram divinos porque me levavam à pura oração, sem mistura de coisa criada mais que a alma puramente unida a Deus, que esse é o estado mais seguro e vida mais descansada. Mas nem isto, Senhor, desejo mais que se faça a vossa vontade em tudo, e seguindo sempre a santa obediência, e não me apartar da vida comum. Digo isto pelo que acima apontei, que disse que o Senhor queria viver em minha alma, inda que não o entendi. Mas, para me dar a entender de alguma sorte, porque dizer que o Senhor queria viver em minha alma, como pode ser se a sua vida toda é viver em Deus? Trago isto muito vivo dentro da alma, que o querê-lo deitar de mim, o não posso falar, e não quero lembrar-me de tal.

[1561] 15 de novembro.

Estando hoje nas vésperas como querendo desprezar esta lembrança, me senti toda cheia de um sentir de Deus tão suavíssimo que a alma fica de sorte que lhe parece que o Senhor brinca com ela, e a trata com mil carícias que sente de um Deus infinito. Ó, esposas de meu Amado, vinde, vinde todas e gozai destas delícias divinas! Vinde esquecidas de vós! Todas gozareis sem termo nem limite, que neste estado não há lembrança de coisa criada. Não se sente necessidade porque a alma não sente mais que grandezas e fartura com abundância de regalos do céu, que os da terra causam martírio a quem de todo se dá a Deus. E mais achareis uma largueza que parece que está a criatura senhora de todo [fl. 183v.] o mundo, que no exterior dele não quer nada, mas em um buraquinho muito sujo e malcheiroso que se ache o corpo. E a alma [que] esteja neste estado vê-se senhora de todo o mundo. Aqui não chega nada de sentimento, nem lembrança que a despreze ou a não estime. Inda que sendo eu a mesma miséria, neste não ser estimada, ou lembrada ou fazer-me despros (sic), nunca soube sentir isso. Não por virtude, porque a verdadeira virtude que há nos servos de Deus não lhos deixa ver, porque só a sua maior alegria é padecer, mas em mim é génio porque desejo ter tempo para me dar toda a Deus. O retiro para mim são as delícias de minha alma, desafogo do espírito, palácio regalado, porque meus ouvidos não ouçam outra voz mais que a do céu. Aqui desafoga este coração com suspiros, com ânsias e com humilhações exteriores e interiores, e com afetos, e com mil amores e com ardentíssimo amor. E diz-me Vossa Reverendíssima que obras são amores. Nesta consideração me deixo levar toda a meu Senhor, dizendo-lhe que farei por seu amor? Porque nada faço, porque o padecer é suavíssimo para minha alma e não tenho de que me queixe mais que de amores. Dou-lhe este coração que já há muito é seu, e peço-lhe sempre o seu que é divino, mas logo me lembra que o mesmo Senhor assim o permite. Vejo que o seu divino coração está partido da lançada que lhe deram no peito, meu Amado e meu tão inteiro. E, por isso, sou mais cuidadosa de lho oferecer quando o sinto atribulado com todo o modo de padecimentos. Então, com força digo a meu Senhor que troquemos. Oh, que não sei [fl. 184] dizer as delícias que esta alma goza com seu Amado entre flores e dolores, porque a alma deseja muito humilhar-se ao seu divino Esposo nos padecimentos, porque é uma coisa que conhece em Deus que eu não sei explicar. Não [por a] não descobrir, mas como sou toda uma miséria não me atrevo a pôr a alma tão alta publicamente. Mas valha-me a santa obediência e viva esta formiga enquanto vós, Senhor, fores servido, mas sempre

crucificada nos vossos divinos braços. E padeça eu, Senhor, tudo quanto vós fores servido porque só isso devo desejar.

Outro dia, estando para comungar, me senti assaltada de algumas tentações de ser santa, isto na maior pecadora de todo o mundo. Sentindo eu tal tentação, sem fazer caso dela, me escondi nas divinas chagas de meu Senhor e, humildemente, presentei meu sentimento dentro na alma. Senti que meu Senhor me dava a entender: "filha, olha para mim posto em uma cruz." E se me descobriu todos os trabalhos que o Senhor padeceu neste mundo, como mostrados à minha alma pelo mesmo Senhor. O que senti não tem explicação, mas ficou a alma tão forte que o martírio dos mártires que ela padecera lhe seria grandemente suave. Foram tais os efeitos que todo este dia senti pôr os olhos do corpo no Senhor crucificado, me parecia que o via vivo em carne. E, nesse dia, não fiz muita demora com os olhos do corpo nas imagens do Senhor pela viveza e amor em que ardia minha alma, que não sentia mais que amor vivo. Também dentro da mesma alma era o mesmo, com delícias [fl. 184v.] amorosas.

Levei todo o dia sem da minha parte fazer mais que humilhar-me. Por instantes, sentia conversar o Senhor com minha alma, que ela entendia vivamente porque ficou toda postriligida (sic) e desfeita com a voz, sem ver voz que se ouvisse. Só a mesma alma a entendeu, de repente, que o Senhor a chamava filha. Toda eu não sei como hei de poder falar a nada criado, que bem sabe Vossa Reverendíssima que estou nos três dias de retiro, que se vão em um abrir e fechar de olhos, e nada tenho feito mais que receber. Mas não tenho tempo porque todo é de meu Amado. E todas as manhãs, quando acabo o coro, são para a oração e contemplação em que gasto três horas até outra vez chegar a hora do coro. As tardes levo em uma lição, suspirinhos, uns atos de amor, de humildade e prestações com a boca no chão, oferecimentos de mim mesma, confissão da minha miséria e o nada que sou, lembrança com ardentíssimo amor de louvar a grandeza e bondade infinita de Deus e o rosário de Nossa Senhora. Entro a vésperas e elas acabadas, escrevi um bocadinho e tornei para o coro a fazer algumas devoções, e não coube tempo desta vez para as cruzes, o que farei amanhã. E recebendo hoje tão grandes favores de Deus, que já disse que eram como públicos, mas não os sei agora explicar, nem a alma. E eu não estou para mais nada, só para me empregar com todos os sentidos interiores e exteriores no divino Esposo, que é tal a força que sinto que me leva toda a alma. Que, já sem trabalho, os olhos do corpo se empregam só posto[s] no

chão, sem mirar a nada com [fl. 185] vontade, pela consolação, e paz, e serenidade e tenção em que estão todas as potências e sentidos. A voz do divino Esposo tão suavíssima...

Entre alguns ratos padeci grande tentações, mas todas afins de maior glória de Deus, porque o mesmo Senhor inspirou na alma e sentidos um modo de os desprezar e não lhe dar ouvidos. Assim, passei outro dia despojada de todo o terreno, sem haver em mim mais que um amor divino, que o Senhor se ficou com minha alma, dando-lhe sustento puramente divino, com tais efeitos que a alma como entendendo que o Senhor lhe diz: "bebe, alma, nas fontes claras". Isto me disse com outras mais rezões que se não podem dizer por termos.

Este dia foi todo de regalos da alma, mas causou-me grande humildade, e com um temor santo pedia ao Senhor que só fizesse em mim sua santa vontade porque temia que, sem eu conhecer, se folgasse a alma naquela possessão de delícias da glória porque o Senhor lhas punha tão claras como já prendas certas. E como a guerra há de durar enquanto estou neste desterro, por isso quanto mais favorecida e regalada tanto mais me desejo humilhar, e não fiar nada de mim porque de meu nada tenho senão misérias.

No outro dia, depois de ter acabado os dias de retiro, sendo que a alma goza do trato íntimo de Deus, inda que não queira, sempre por força que sente dentro de si mesma, anda em retiro de tudo [o] criado, mas supus que saíra do retiro falando só ao preciso. Fui-me a correr às cruzes da Via-Sacra, nestes dolorosos passos que o Senhor deu por mim, pecadora. A alma [fl. 185v.] lastimada amorosamente de ver o que seu divino Esposo padeceu por ela. Depois de acabar me encostei para a cadeira do coro, contemplando em tantos tormentos de um Deus, único bem de minha alma, e em um amor sobre todos os amores, tanto padecer. Ali me deixam ficar até entrar ao coro, mas o Senhor, que tudo se padece por seu amor, deu dobrados bens. Senti-me de sorte elevada e atraída, que nem para rezar matinas estava capaz, porque toda estava presa em amores e delícias. Mas nunca faltando aos atos de comunidade, que sempre o Senhor dá liberdade porque neles se goza com mais segurança. Mas fiquei tão enardecida de amor e trato com Deus que vai por dois dias que a alma bebe e vive nesta habitação divina, que são os efeitos quase todos de suspensão de tudo [o] criado. Uma concolancia (sic) de atributos divinos, um gozo grandíssimo que participam todos os sentidos, assim da alma como do corpo, um sustento da alma que desterra todo o sentir

de coisa criada, e mais coisas que a minha ignorância não sabe explicar, inda que os goza com tanta abundância porque tudo o que aqui digo e dou conta a Vossa Reverendíssima é nascido do fundo da alma, e não do entendimento. Porque só o que me importa é dar conta a Vossa Reverendíssima do que passa por mim, para que não seja enganada do inimigo, e para que eu morra e viva seguramente nos divinos braços de meu Esposo.

Capítulo XXXIX.

Dezembro do ano de 1734.

Sendo hoje dia ferial, estava no coro gozando as mesmas delícias (como costumo) de meus amores [fl. 186] e Pai de minha alma, e sentia a mesma alma que o Senhor me dizia que me entregasse toda a ele. Veja Vossa Reverendíssima que efeitos me causaria isto, sendo eu toda sua. Ó meu Deus, que me dizeis? Único amor de minha alma, suspendei-me todos os sentidos. Caminhei ao Senhor sem que saísse eu donde estava, mas a alma saía toda a Deus, tão desembaraçada e toda eu de tudo o criado que gozei de meu Deus toda a manhã, sem sentir mais que o mesmo Deus. Mas, reparando que ele me dizia que me desse toda a ele, se me descobriu como havia de caminhar ao Senhor, que era como passando por flores e espinhos, e indo sempre adiante. Entendeu a alma que nem nos regalos e doçuras, nem nos trabalhos, que em nada me havia de deter, senão sempre indo adiante. Isto era que a nada mirasse para que se detivesse, mas sempre, como adormecidos todos os sentidos, não desse atenção mais que a Deus, que vinha a dar a entender que nada me inquietasse[1562], nem me detivesse. E neste caminho estavam muitos inda que pisar, como eram me pareciam trabalhos. A alma se abraçava com tudo [o] que o Senhor lhe mostrava, mas era dizendo e pedindo que ajudasse o mesmo Senhor. Eu não sei dar a entender o que aqui descobri, mas tudo se vinha arrematar em que a alma, para voar a Deus, não há de sentir a criatura os trabalhos, nem se deter nos regalos que sente de Deus, senão caminhando serenamente, sem mais atenção que ao mesmo Deus, e tomar as diversidades e tudo o que se lhe oferecer sem derramar nisso os [fl. 186v.] sentidos, mais que em Deus. E como eu não sei dizer o estado em que anda minha alma, por isso suponho que Vossa Reverendíssima me não entenderá. Mas é uma união com Deus tão apertadíssima que a natureza anda muito desgastada, não que eu o sinta na oração, mas depois que entro

[1562] No original, “enquietasse”.

como em mim me vejo debilitada de forças. E, outras vezes, nada sinto, porque o sustento da alma participa o corpo, mas depois que meu doce amor me chamou filha, como já disse, desde então fiquei toda atraída e transformada com meu Deus, que todo o tempo se me vai em elevações e em receber favores de Deus.

As amigas, dando-me muitas queixas (que eu fujo delas), não tenho tempo para as encomendar a Deus, que é com quem gasto todo o dia, que posso dizer com verdade que não tenho duas horas livres para alguma ocupação de mãos, porque todo o mais tempo é de meu Amado, para sempre estar com ele. Porque é tal a força que sinto, que é como se me disseram: "toda és minha! Só ambos havemos de estar a conversar", que me faz como sair de mim o amor que sinto. Assim, gasto alguns ratos em colóquios e dizendo-lhe mil amores para desafogo. Não tenho outra vida mais que dar-me toda a meu Deus, de noite e de dia, não tem minha alma outros cuidados porque não posso resistir à força que sinto de meu Deus, que me não deixa dar atenção a nada visível .

Hoje, dia de Santa Bárbara, tratou-me meu doce amor com tanta abundância de favores que sentia, por fé viva, que a alma estava com o rosto chegado ao do mesmo Senhor. Veja Vossa Reverendíssima [fl. 187] como pode isto ser? E era viva a fé em que a alma estava unida e transformada toda em Deus que, entrando em si, se desfaziam os olhos do corpo em lágrimas porque fica tão viva lembrança e fogo de amor. Se vê como já naquela bem-aventurança da glória, humilhada e regalada, louvando a seu Deus. Me sentia como já naquela possessão segura, não livre de perigos, mas como já de posse de um bem infinito, por quem sempre suspirou, que é Deus. Se minha alma gozara sempre desta felicidade de estar tão segura e unida a Deus, não por deixar de padecer, mas ver-se assistida e toda metida em Deus, com uma fé tão viva e abrasada em chama de amores, que lhe parece que o Senhor a está mirando com mil carícias, e lhe dá a entender que a ama muito, que não é fala, mas é um modo de estar Deus com a alma, e ela com Deus. Isto não se pode explicar senão dizendo que nos desapeguemos de nós mesmas, sem cuidado de coisa criada mais que o muito preciso. Esse, tomá-lo por penitência, oferecendo-o a Deus. Não poder deixar de ser o comer, e vestir e dar[mo]-nos todas ao trato íntimo de Deus.

No dia seguinte que acima disse, senti todo o coração com maior força e ânsias, saltando e palpitando de alegria. E eu toda metida em um regozijo, que é mais que gozo, que parecia que a alma saía do corpo. Isto é sem sair, se vê tão livre dele naquela possessão

de glória que me obriga a pôr da [fl. 187v.] da minha parte muitas humilhações. Neste estado padeço martírio sem inquietação, que é tudo que não pode deixar de ser, como já disse o comer e o mais trato preciso. Sente a alma grande martírio da prisão da carne e escuridade da mortalidade das pensões da natureza, tudo lhe serve de martírio. Não que ela se detenha a mirá-las, mas quando de[s]ce não vê mais que misérias da sua parte. Isto a obriga a vestir-se toda de humilhações e conhecimento do seu nada. Quando me sinto nestes termos, não está esta formiga mais que para oração e contemplação pacífica, que estão todos os sentidos adormecidos. Digo isto no exterior, que está a alma em alta união com Deus. Oh, Senhor, como me atrevo a dizer tal? Valha-me a santa obediência, que vós façais estes favores a outra melhor que eu! Mas a uma ingrata que recebe e não paga! Eu me entrego a tudo [o] que for vontade vossa.

Estando no coro toda cheia de admiração e gozo de ver que a alma assim chegou à oração e se viu logo unida a Deus em tão alta união, que parece que o Senhor a está esperando e lhe dá a entender: "aqui te estou esperando". Ela, como nestes atos de amor tão vivos se não conhece a si porque toda se vê em Deus, mas depois pensei que tinha estado com criaturas e ocupada em coisas de mãos com bastante trabalho, pelo estado em que acha minha alma com Deus. E pareceu-me que não podia ser tantos regalos, e senti de repente que era estar-me o Senhor como esperando, mas o Senhor que, sem falar, me deu a re[s]posta e me disse que tudo o que se fazia por seu amor [fl. 188] que não estorvava[1563] a união com ele, e outras rezões mais distintas para minha alma, que são vivas e cheias de amor, que no tempo que estou neste ato cuida minha alma que o Senhor lhe está falando como uma pessoa com outra. Depois é que se acha nesta escuridade da prisão da carne, mas tão cheia de favores do céu que sente o tempo que tem vivido neste desterro sem estar unida e transformada com seu Deus porque não deseja nada, até os mesmos favores e regalos não abraça, nem se quer deter com eles mais que amor puro e nu, porque o Senhor mesmo lho dá a conhecer dentro de si mesma. Vive em uma simplicidade santa, com a memória e sentidos muitos vivos e recriados na fermosura e grandeza de Deus. É a ocupação de amar tão grande que

[1563] No original, "estrovava".

sempre falta tempo (inda que o gasto todo com meu Senhor), que de[1564] noite e de dia não cessa minha alma de amar, e gozar, e suspirar por seus amores.

Antes de amanhecer me levanto para o coro. Quando me visto, sinto o coração e a alma saltar de alegria pela possessão e gozo em que vive com Deus. Acabado o coro, gasto três horas, antes e depois da comunhão, e inda mais se cabe tempo, antes de tornar a entrar ao coro. E tudo é pouco pela união em que sinto minha alma com Deus. Parece-me que a alma tem asas pela ligeireza com que se une com Deus. E deste tempo que ali gasto, me parece instantes. Não se podem levantar os olhos do corpo a nada criado porque ando absorta e transformada em meu Deus, que me não dá lugar para nada, [fl. 188v.] porque tudo que se mira e se cuida não é mais que Deus, porque este amante divino não sofre misturas de coisas criadas.

Nesta semana tenho sentido dentro da alma, por duas vezes, uma fé viva e abrasada, esperança certa da parte de Deus, que a alma de si nunca se pode fiar. Mas com luz clara lhe certifica o Senhor que a alma é toda sua, e que para sempre gozará daquele Deus infinito. Daqui passa a uma certificação a que o Senhor a obriga, ou o ardente amor a faz fazer, que é como um noviciado ou profissão de não amar nem querer outra coisa mais que o Esposo divino. Estas coisas são dentro da alma, as quais eu não sei explicar, inda que a alma as entende claramente. Daqui sobe a alma a uma união apertadíssima com Deus, sentindo muitas elevações, que já disse que parece que a alma tem asas e na parte que a alma se desposou nas divinas mãos do sagrado Esposo, porque estes votos foram, ao entender da alma, como diante e patentes ao divino rosto e olhos de Deus. Que a alma, cheia de humilhações e reverência da divina majestade, está como língua humana. Não sabe explicar, mas torna a referir na primeira perfeição que o Senhor lhe disse claramente para a mesma alma: “hás de amar com amor puro e nu”, e ficou esta lembrança na alma tão viva para não abraçar com vontade doçuras, nem regalos, que me parece que todo lhe serve de martírio fora de seu divino Esposo. Unindo-se com ele, buscando-se como [se] [se] crucificasse com ele na cruz, desta sorte goza a alma de grandes conhecimentos das grandezas e bondade de Deus. Anda a alma, por ratos, [fl. 189] chamando a todas as criaturas que venham e não queiram outro esposo senão este divino. Aqui, passa grandes delícias e regalos com Deus, e fica a alma tão absorta, e

[1564] No original, “di”.

espiritualizada e cheia de inspirações divinas que, fora da oração e contemplação, o seu cuidar é acender chamas de amor com setas de muitos afetos e amores, com que faz a união com seu divino Esposo mais apertadíssima, porque a alma não dorme porque o Senhor a esperta com as suas divinas inspirações e afetíssimos clamores em que o Senhor a tem ocupada de noite e de dia. Que andando, comendo e vestindo-se, e inda nos atos de comunidade, como estando rezando no coro, e em toda a parte, dá o Senhor lugar que a esposa fira o seu divino coração. Isto são já atrevimentos e não passo daqui, só dizendo como são estas setas, que são como labaredas de amor vivo. De repente, diz a alma a Deus mil amores, como é chamá-lo amor. Esposo divino, quando vos amarei? Ó amor, amor, quando há de ser? Oh, quem me dera quanto amor pode caber nos céus e terra para que com tudo junto vos amara esta alma! Mas tudo é limitado para tão grande majestade e grandeza de Deus.

Quero chamar a todas as criaturas, e a tudo [o] que há nos céus e terra, que louvem a meu Deus por mim. Mas a todas acho com a mesma obrigação. Mas torno a dizer que a minha é mil vezes maior por ser a mais ingrata, que recebo e não pago. Havei, Senhor, misericórdia de mim! Mas como as enfermidades do corpo me impossibilitam[1565] para trabalhar na vinha do Senhor (que é o coro), aumentam-se as ânsias e desejos de amar mais ao Esposo divino, que não cessa a alma de [fl. 189v.] de dizer: "quando vos amarei, amor de minha alma?" Oh, Senhor, será já meu doce Esposo, porque o Senhor me tem posto na alma uma paz tão sossegada, e quietos os sentidos, que tudo o que sente é de louvar a Deus, porque tudo [o] que é dores e adversidades a alma, e toda eu, nos abraçamos com vontade e alegria com a cruz de meu divino Esposo. Os favores e regalos hão de ser iguais com os trabalhos na aceitação da esposa fiel de um Deus infinito. Não deseja minha alma outro regalo mais que ter esta limitada morada limpa e desocupada de tudo [o] que é desta vida, que vem a ser que não haja lembrança de coisa criada, nem outro sentir mais que Deus. Assim dentro de minha alma, como em todos os sentidos do corpo, porque me obriga o mesmo Senhor a grande pureza e limpeza dentro de mim mesma. Vê como é limitada a pousada que tem dentro de si mesma e que quer ali assistir o Rei da glória, e lá não quer buscar regalos nem favores, mas quer buscar grande pureza. Aqui se acha a alma falando com o divino Esposo o que me não atrevo a dizer

[1565] No original, "empossebelitam"

(inda que se me põe diante a santa obediência), mas o conhecimento do meu nada me acanha. Mas é conhecer ela que o Senhor lhe diz, com muito agrado e alegria, chamando-a esposa e amiga que, no sentir da alma, são estas coisas como sentir ela toda banhar-se em gozo e júbilos. Mas diz-lhe o Senhor que tem muito que dar, que vem a dizer-lhe querer que eu assista, e não querer, que daqui se vai descobrindo o que eu não posso pronunciar. Só dizendo que se um rei da terra assistira em casa de um pobrezinho, inda que o pobrezinho não lhe pedira nada, deixaria o rei de lhe dar alguma coisa, vendo a [fl. 190] a boa vontade? Com que assim é a pobre alma que deseja purificar-se, e alimpar-se e adornar-se de todas as virtudes, que muitas vezes conhece no mesmo Senhor, estando ele regalando-a. Que ele mesmo lhe está dizendo: "pede, alma, esposa minha, que queres outras coisas semelhantes?" Oh, Senhor, havei misericórdia de mim, que tanto vos devo!

Capítulo XL.

No mês de janeiro do ano de 1735.

Estava no coro, com bastantes dores e flatos de alentos, e alma gozando de seu divino Esposo com grande união de amor entranhável, porque ela, considerando nas obrigações de esposa fiel, é governada a alma pelo mesmo Senhor. Que pureza há de mister para tão alto estado? Que pensamentos, que cuidados, que finezas, que desnudez de tudo criado, que caridade deve sempre exercitar dentro de si mesma quando a não possa fazer em exterior? Que toda junta será mais fermosa e aceita nos divinos olhos de seu divino Esposo. Oh, que tão grandes as obrigações de uma fiel esposa de Jesus Cristo! Porque o seu vestido há de ser sempre uma profundíssima humildade, e um temor santo e amoroso, singelo e pacífico, e outras obrigações muito maiores, a que se vê obrigadíssima com estes cuidados e desvelos, e [o] entranhável amor que sente a faz entender e ter ousadia para dizer que o Senhor a ama muito. Oh, que atrevimentos de uma pobre alma! Mas como os efeitos são todos divinos, lhe faz conhecer, pelo que em si sente de Deus, que é amada do mesmo Senhor, que dentro de si mesma assiste com trato tão íntimo e regalado. Que [fl. 190] não sente mais que uma comunicação amorosíssima de Deus, que são aqueles bens que a alma goza e Deus Nosso Senhor, ou como todos já da mesma alma, onde ela se deseja humilhar muito, porque [é] o seu direito nos favores humilhar nos trabalhos. Alegrar-me, mas se não perder a fraqueza da natureza, ao menos ter paciência e abraçar-me com eles, com

desejo de os levar com alegria, paz e quietação. E isto que digo não é por ensinar, senão por dar conta a Vossa Reverendíssima do que passa por mim, inda que me fica o melhor por dizer. Mas Vossa Reverendíssima bem conhece a minha ignorância e grossaria, que isso me consola muito[1566], saber o que eu sou. De meu não tenho nada mais que misérias porque é o que em mim conheço, que tudo o mais é de Deus. Bem-dito seja ele para sempre!

A união que disse no princípio deste capítulo foi tão entranhável que me senti acabar-se a vida do corpo pela força que sentia na alma, e quis-me advertir[1567] e não podia. Gastei grandes ratos de tempo passando a alma com Deus, o que se não sabe explicar, mas as forças do corpo não as sentia, de sorte que me deitava na cama para desafogo da mesma alma, que de outra sorte não podia estar por falta de forças. Gastei dois dias e noites. Em alguns ratos dormia, mas era como tudo governado pelo mesmo Senhor. E na hora que senti a grande força com que a alma se uniu com Deus, que parecia sair do corpo, tivemos matinas cantadas. Entrei a elas e estimei que entrassem ao coro, inda que me parecia impossível ter-me em pé e manear-me, mas estive nelas sentindo-me como uma pena [fl. 191] leve. Parecia que a alma era a que fazia tudo. E não lhe pareça que isto é encarecimento, que lhe posso afirmar que são só sombras do que passou a alma nestes dias com o seu divino Esposo. E como senti assim tão entranhável a união do amor divino, que não pode a criatura mais ações que fazer muitas humilhações. Mas, entre alguns ratos, trabalhava por oprimir os ímpetos que sentia, e força da alma que era tão desembaraçada que entre tudo rompia dizendo: "Oh, Senhor, quando vos verei? Quando terá fim este desterro?". E outras coisas assim semelhantes que não me dava lugar mais que sentir-me arder em amor de meu Deus. Aqui passou a alma grandes amores e delícias com seu divino Esposo porque tinha a alma andado com grandes ânsias de amar muito, muito, a seu Senhor. E agora, por se ver com tanta abundância e fartura de Deus, que não acha desafogo mais que sair do corpo. Ela ficou tão desembaraçada que dentro deste miserável corpo está como com asas, dando voos e fazendo como força para sair e ir gozar a vista clara de Deus. Neste estado, de que dou conta a Vossa Reverendíssima, me tem faltado muito as forças do corpo e padecendo as

[1566] No original, "munto".
[1567] No original, "devertir".

infirmidades com abundância. Mas, como o Senhor me tem conforme com a sua divina vontade, levo-as com alegria da alma, porque o Senhor lhe assiste com a sua divina luz, dando-lhe a conhecer o que é mais de seu agrado. Porque já o Senhor a não chama porque a alma vive toda em Deus. Mas ela sente grandes ânsias, por tempos, de fazer muitos atos, e protestações [fl. 191v.] e renunciar [a] tudo [o] que é mundo, carne e inimigo, e de não admitir contento, nem gosto, nem alegria em coisa criada, senão toda a sua alegria e gozo é só em Deus. E outras coisas assim semelhantes que a minha grossaria não sabe explicar. Mas todas estas protestações que a alma faz aos pés de seu divino Esposo, que é pondo tudo da parte de Deus, que de si nada fia, só pedindo [a]o Senhor que lhe assista com o seu divino amor e temor santo para que não falte aos seus divinos chamamentos, e guardar e cumprir os seus divinos mandamentos, com um temor santo e fiel.

Em outro dia, estando no coro abrasada toda em amor de meu Deus por estar considerando na conversão de São Paulo, que fosse o mesmo Senhor que lhe falasse, foi tal a ânsia que senti de amor que me parecia acabar a vida do corpo. E nestes ratos, sinto-me viva como por milagre, que a vida está como um fio. Mas, nesta ocasião, senti dentro da alma grande desnudez de tudo criado, ficando a alma em grande soledade, conhecendo dentro de si as leis a que estava obrigada de não fazer vida de criatura, senão fazê-la de anjo, em todas as ações serem santas, estarem todos os seus sentidos da alma e do corpo tão puros e limpos e resplandecentes como o mesmo sol. Isto vi dentro da alma, e fez chuveiros de lágrimas na[s]cidas de amor abrasadíssimo. Esta é a razão que me parece a mim, porque os santos se tem em conta de grandes pecadores. Porque, vendo-se a alma nestes ratos de altos conhecimentos de Deus, [fl. 192] da sua grandeza, e conhecendo-se a si, que por mais que se purifique, e alimpe e fuja de si mesma sempre fica conhecendo o muito que lhe falta para ser perfeitíssima diante de um Deus infinito, que é tão bom que me sofre. Muito é o que a alma aqui descobre, mas a minha grossaria nada sabe explicar, porque também me acho agora nestes dias, que vão já por dois, nesta força da alma, fugindo à soledade, e gozando sem entender, e entendendo e não sabe explicar-se.

Neste estado tenho sido, por ratos, tentada com grandes ocupações e divertimentos que me propõe[1568] o inimigo, achando-me fora da oração. Mas tão claros e distintos[1569] que são coisas suas que a alma, ajudada de Deus e da sua divina graça, triunfa das suas ocupações em que ele a quer advertir. Mas ela se vai toda a seu Deus com encendidos amores de o purificar mais, e mais todos os seus sentidos, assim da alma como do corpo, que verdadeiramente se não fora esta divina fonte de amor divino onde a alma se desafoga, desmaiara vendo-se entre tantos perigos como se encontram no caminho do céu. Mas, alma minha, que és a mais ingrata e pecadora que há em todo o mundo, veste-te de profundíssima humildade e, abraçando-nos com o nosso divino Esposo, todo chagado e posto em uma cruz, não busquemos outra vida mais que padecer com o meu Jesus. Metamo-nos nos seus divinos pés, que de lá nos levarão a beber da divina chaga de seu divino peito! Oh, amor, amor, quem não morre de amor de um Deus? Se não morre [fl. 192v.] é porque não ama. Oh, Amado, quando vos hei de amar? Torno aos meus delírios porque me parece, visto não morrer de amor vosso, é porque vos não amo, pois, Senhor, se só os bem-aventurados vos amam, mas é porque estão já fora desta prisão e desta inimiga carne que nos traz cegas. Acabais, Senhor, este desterro, esta escuridade, mas enquanto não é vontade vossa, trazei-me, Senhor, sempre morta para tudo [o] que é deste desterro, e só viva para vos amar, para vos servir e para vos louvar. Agora e sempre sem fim.

Depois que se aumentou este amor vivo e esta ânsia [de] que Deus fale dentro da alma às suas criaturas, me tem tão atraída toda eu que vivo em um mar de gozo, e delícias e regalos do céu, que minha alma não sente outro querer mais que ver-se toda atraída [e] inebriada em amores de um Deus infinito.

Sentindo-me[1570] toda em grande soledade de tudo [o] criado, tratando interiormente só com Deus, e sente uma caridade ardentíssima para com o próximo, que sem essa joia não se pode caminhar com luz clara àquele Deus infinito. Tendo-nos sempre pela maior pecadora e mais ingrata de todas as suas esposas, mas não cessando de pedir por todas e por todo [o] mundo. Neste estado me acho, como já acima disse, que a alma é toda

[1568] No original, “porpõe”.
[1569] No original, “destintos”.
[1570] No original, “sintindo-me”.

governada por Deus, que não é este meu dizer por sair da obediência de Vossa Reverendíssima, que isso seria em mim uma grande tentação, pois visto ser sabido que o Senhor quer que as almas vão a ele dirigidas e governadas pelos seus ministros. Mas é uma força que a alma sente dentro de si mesma para fugir a todo o mal e seguir [fl. 193] todo [o] bem, inda em coisas que não são de ofender a Deus, mas só deter-se a alma com elas. Nisto, sente que o Senhor a não deixa deter com nada, e lhe parece a ela que o mesmo Senhor lhe diz: "não quero que te detenhas. Anda toda para mim, porque toda és minha!", e outros amores mais entranháveis que me causavam grandes suspensões e morta para tudo [o] criado. Isto em coisas leves. Aqui, conhece a alma a pureza que há de mister a esposa fiel para com um amante divino. E, seguindo isto acima dito, me sucedeu estar para entrar a matinas, no coro, e sentindo tão entranhável união com Deus que me parecia que, inda que o mundo junto puxasse por ela, a não apartaria. Aqui, senti um temor santo nascido de um desejo que sempre tenho de não conhecer da minha parte mais que nada sou, que nada é meu, que tudo bom é de Deus, que eu sou só a mesma miséria. E isto não tem dúvida porque assim é. Mas o Senhor lhe dá a entender, como visto da mesma alma, que anda o Senhor mirando-a e tendo-a como diante dos seus olhos divinos. Estas coisas não são como eu aqui as digo porque dentro da alma são todas entendidas com abundância de favores, e regalos do céu. Que a alma, muitas vezes cheia de humildade, se deixa esconder de quem é porque se deseja ver sempre unida, sem intervalos de atenção a coisa criada. Tudo são delírios de almas que o amor divino toma como por suas, e já como publicamente dos cortesões do céu (isto não é comigo porque sou a mesma miséria). Mas permite meu doce amor que a alma entenda assim, e outras coisas mais subidas que ela não sabe dizer com palavras próprias, e pelo temor [fl. 193v.] santo que anda com o amor ardentíssimo.

Outra coisa me vejo agora muito de ordinário, por ser já mais de dez dias que me sinto em uma oração pura, e nu todo o interior de tudo [o] que é visível, com união apertadíssima que já em cima disse. Que o senhor, para me segurar pelo temor que me assaltou de que me perderia em tão alto gozo e favores do céu, me deu a conhecer que todo [o] mundo que puxasse por mim me não apartaria do mesmo Deus. E eu, de repente, me pareceu que esta segurança era da parte da alma.

Passei parte de um dia com grande temor, mas na oração me deu o Senhor a entender como era isto de sua parte, porque para me segurar infundiu na alma uma luz divina,

com efeitos entranháveis, como o Senhor a tinha toda por sua conta, que toda era sua, mirando-a como faz uma mãe com seu filho, para que não caia. Isto, com um amar tão entranhável de união que ando, por ratos, sem alentos, nem forças, nem modo de poder encostar a cabeça mais que ver-me crucificada com meu doce amor. E me leva, como por força, a deitar-me para que a alma esteja com liberdade, e com mais largueza unida e transformada com o Senhor, com uma abundância de favores e regalos, dados com mão larga pelo mesmo Senhor. Sem a alma fazer da sua parte diligência, só entregar-se toda a seu Deus. Isto não é encarecimento[1571], o que posso afirmar com toda a verdade, que me está meu doce amor como esperando para ter minha alma unida e regalada consigo. Porque, deitando-me cheia de dores, descansa o corpo como tomando forças, e a alma toda se trans [fl. 194] forma em Deus, depois de assegurar o Senhor que tome o corpo o sono necessário, que não é tanto como [o] de antes, mas desperta a alma com ânsia, ficando logo em união com o Senhor. Não tenho dito nada do que passa a alma com Deus de noite e de dia. Veja Vossa Reverendíssima que pureza, e limpeza, e humildade, e que humilhações há mister exercitar uma alma favorecida e regalada de um Deus infinito, fazendo-a senhora das riquezas do céu, com o conhecimento do seu nada. Ela tão absorta, e tão enardecida em Deus, que este desterro lhe parece uma Babilónia. Oh, meu Deus, dai-me paciência!

Capítulo XII.

Achei-me tão falta de forças do corpo que para nada estou, e tão cheia de misérias que tudo se me vai em me queixar de mim mesma a meu Amado. Estava no coro, a matinas, com tanta debilidade[1572] que não se me ouvia a voz. Sem reparar, disse para mim mesma que era melhor não ir ao coro, pois não fazia nada, e sentia tanta força na alma que não sabia que fizesse pelo Senhor, que é, às vezes, tão forte que tomara ir-me por esse mundo para ver se me encontro com o que assiste dentro de minha alma. Pode haver maior loucura que a minha? O Senhor me acuda! E, assim, me queixei várias vezes que se acabe já de desfazer este muro de aço que está entre mim e meu Deus, porque confesso minha culpa, que não posso já viver nesta escuridade. Havei, Senhor, misericórdia de mim! Mas torno a repetir o que acima disse de não ir ao coro, que

[1571] No original, “encaricimento”
[1572] No original, “debelidade”.

também reparei que o dito seria tentação. Mas, indo para o refeitório com a comunidade, se me aumentou dentro na alma umas ânsias [fl. 194v.] e amores de meu Senhor. Falando com ela lhe fazia grandes carícias, e lhe dava a entender que lhe agradava no coro, assim como era, porque a alma se tem pela pior de todas, porque não posso aqui dizer com miudeza tudo [o] que o Senhor lhe disse. Mas só o que importa, que foi dizer: "eu, Senhor, não dou atenção porque não vos vejo". E os amores e carícias não cessaram, mas não queria abraçar o que estava entendendo como descuidada, e não andava em mim, que não sei que me levava o sentido. E, assim, quis falar a Vossa Reverendíssima, mas quando cheguei a falar-lhe me não lembrou mais, que a confissão parecia-me que o Senhor me estava dentro da alma, fazendo como brincos ou peças que me trazia toda ocupada e não satisfeita. E, inda assim, estou que não sei que faça de mim, e dizendo sempre para mim mesma que meu Deus assiste dentro de mim mesma, para ver de me aquietar esta alma que está como louca por seus amores, parecendo-lhe que só se correra todo [o] mundo se encontraria e acharia o que tem dentro de sua alma. Neste cuidado se me descobriu que não era necessário correr com os pés do corpo, senão correr sem intervalos no caminho da perfeição e das virtudes no sofrimento amoroso, em todo o sentido, assim na vida ativa como na contemplativa. Que, confesso a verdade, que uma alma que deseja amar muito, muito a Deus, e vive no seu divino trato e íntimo abraço, nem sempre está em braços porque, às vezes, se lhe vai o Senhor como fugindo, sem se lhe esconder, que faz que a alma [fl. 195] correndo com grandes ânsias de fome e sede de seu Amado.

Hoje me sucedeu, acabado o coro, estando na oração com esta que acima disse. E, como agora me acho metida em grande simplicidade e inocência, vi que a alma não podia alcançar a quem buscava. Me pus a meditar no que tinha lido da Paixão do Senhor, que é a lição que tenho nesta Quaresma, mas inda não tinha bem entrado aos seus divinos pés quando me achei toda abrasada e cheia de Deus. Mas era com uma luz, ou resplendor, que ia levando a alma, mas achava o Senhor. Não me sei explicar, mas sei que a alma, indo correndo e preguntando: "vistes meu Amado?", não sei se era a buscá-lo, ou a querer dar sinais da sua formusura e beleza. O mais não sei dizer.

Antes desta pregunta que a alma fazia, tinha eu estado no coro à prima e, entrando na oração, me descuidei de mim mesma, quando dentro da alma senti que o Senhor lhe dizia: "todas és minha!". Aqui temi eu, sem saber o que fazia, disse: "ah, que é meu

Amado!" E descansou a alma como dormindo nos seus divinos braços, suspendidos os sentidos e a alma satisfeita, em parte gozando sem explicação. De[s]cendo, se humilhou, não como devia ser, mas com uns humildes desejos se abraçava a exercitar as virtudes sólidas. E eu sentia-me interiormente no trato com meu Senhor e Pai de minha alma, tão claro, e penetrante, e entranhável e suave, que parecia tão vivo como uma pessoa com outra, sem ver com os olhos do corpo, mas com os da alma, que era claríssimo. Passei todo [fl. 195v.] [o] dia neste mar de grandezas, e tão cheia de gozo e admiração de ver o que o Senhor e Rei da glória faz com umas pobrezinhas almas, como as regala, como as traz nas meninas de seus olhos divinos, tratando-as tão familiarmente. Oh, grandeza infinita de meu Deus, é possível que busquemos outro querer, nem outro amor, mais que a vós, meu Senhor? Quando me lembro de que haja quem se não dê toda a vós, desejo tirar este coração e pô-lo aos vossos divinos pés para que ele fosse o coração de todas as criaturas, e que nele estivesse o amor de todas as almas que vós redimistes com o vosso preciosíssimo sangue. Para que vo-lo dera eu por todo o mundo, para que ninguém amasse senão a vós, que sois todo o nosso Amado.

Disse-me uma serva de Deus, que era boa amiga, que, estando tão atrabalhada, a faziam mestra de noviças, e lhe não falava. E eu estava tão ocupada interiormente, que não tenho uma hora livre para saber o que se passa pelo mosteiro. Diz-me Vossa Reverendíssima que o amor de Deus é liberalíssimo e que não acanha. Diga-me se a alma estiver ocupada no trato íntimo com o mesmo Senhor, que lhe não dá lugar a que ela dê atenção a nada, nem ela já o pode fazer pela obrigação de esposa fiel, e porque já fora de seu Amado não tem outra vontade mais que a do mesmo Senhor, e vê que ele lhe não dá lugar a nada. Esta pregunta não é quando se deixa a Deus por Deus, como é acudir a necessidade do próximo, que é enferma ou esmola, mas sobre algumas amigas servas [fl. 196] de Deus que, tendo tão bom esposo e companheiro, querem visitas sem serem precisas por caridade, que talvez saia a criatura com mil distrações. A todas amo em Deus muito, mas fora do muito preciso não me posso deter, inda que queira, pela força que sinto interiormente, e a vontade tão livre e desembaraçada para só servir e amar a meu Deus e ao próximo pelo mesmo Senhor, que é toda a nossa riqueza. E não sei como há quem se queixe de que lhe faltem a comunicação e trato de criaturas, não havendo grave necessidade, porque, para mim, quanto mais desconhecida e desprezada delas então é que a alma está mais segura e regalada de seu divino Esposo. Todo o trato

visível para mim é martírio, sem me inquietar, mas como a vontade está já desapegada de todo [o] terreno, que só uso destas coisas por não deixar de ser assim do trato preciso com as criaturas, como no que é preciso para passar a vida. E, quando me acho nestas ocupações, sinto na alma uma grande força, e o coração todo abrasado com insofrível tormento que, rompendo em mil desatinos, dizendo mil amores. Meu Deus e meu Senhor, e todo [o] meu bem, que é isto que me detém, ou me quer apartar de vós? E outros colóquios muito entranháveis que põem a alma toda despida de tudo [o] criado. Outra dúvida me ocorre muito de ordinário nestes dias, e já acima referi que a minha lição era da Paixão do Senhor, mas não sei que hei de fazer, porque o coração se parte com desejo de sentir o que o Senhor padeceu por mim. Mas logo suspende o discurso e fica a alma com a von [fl. 196v.] tade elevada, e se acha em um mar de doçuras. É um caminhar a Deus tão fácil e ligeiro que me acho nos verdes prados, e todos os sentidos e potências gozando de uma luz e suavidade que a alma já não deseja senão dar notícias de seu Amado, mas não sabe como diga e fale da beleza e grandeza de seu divino Esposo, só com chuviscos de copiosas lágrimas na[s]cidas todas de amor suavíssimo. Explica-se, dizendo dentro de si mesma: "vistes, meu Amado?". E daqui não passo por não dizer delírios.

Outras vezes, se queixa a alma amorosamente falando com seu divino Esposo, dizendo-lhe: "quando, Senhor, vos verei? Amado, quando se desfará este muro de aço que está entre mim e vós?" Mas vendo-se tão unida a seu Deus que só lhe falta vê-lo claramente, que é o que a faz andar sempre sedente, e temerosa e desconfiada de si mesma, inda que há tempos se acha tão unida e transformada com Deus, que não sente fome nem sede de mais e mais amar, de um gozar de Deus sem se poder dizer como é. Só que não sabe de si nada, nem de nada criado. Nada lhe falta. Vive em uma abundância e fartura de Deus que até o corpo participa desta abundância que não tem explicação. Mas, no exterior, é um modo de a conhecer que despida, e rota e falta do preciso que me veja, muito necessitada, não se sente nada mais que uma satisfação de tudo. Que não sinto senão a alma cheia de gozo e alegria, e eu toda satisfeita como quem se vê senhora das grandezas do céu, e só estando como ouvindo missa, ou fora da contemplação, me acho [fl. 197] com liberdade para pedir ao Senhor pelos próximos e pelas almas. Senhor, haveis misericórdia de mim?

Às vezes, quero duvidar se vou bem, que me parece que tenho falta de caridade, mas nem para me deter nisto tenho tempo, porque ao mesmo tempo me acho toda absorta e unida com o Senhor, que me faz olvidar de tudo que é discurso[1573]. Neste estado me acho agora vai por quinze dias, ou mais, com um trato tão entranhável com Deus e coisas divinas que passam dentro da alma, e outras que sinto como exteriores, sem serem vistas com os olhos do corpo, mas tão claras para o sentir da alma que parece, pela sustância e suavidade que sente, são públicas. E, às vezes, as deseja esquecer e não lhe dar atenção, mas a alma não se pode desprender do amor que a tem ferido e a traz como presa.

Um destes dias, estava no coro muito cheia de dores e a alma muito regalada e com algum descuido do Amado, suponho eu, porque me lembrei que havia de ir ver uma amiga que ficava só, que se lhe ia uma companheira que ela tinha, e fiz tenção de me deter com ela em alguma parte do dia para a aliviar[1574] da sua saudade. Quando, de repente, senti um abraço tão apertadíssimo de Deus, chamando-me esposa sua e recebendo-me com tantos regalos e carícias, dizendo-me que me divertisse com ele, que era toda sua, mostrando-me como não queria que me divertisse senão só com ele, e muitas mais coisas que, por serem duvidosas para quem as não experimenta, as não aqui [direi]. Só direi o que isto me causou, que foi deixar-me [fl. 187v.] como Marta no exterior, e tão fora de mim e elevada em o mesmo Senhor que a alma não sabia parte de si. E como de repente, parece que passou isto exteriormente e que o Senhor se esconde dentro da alma. E passei o mais do dia que não sabia que fizesse, nem sabia de mim. Outras vezes, indo ou vindo de receber o Senhor sacramentado, tendo inda a partícula na boca, se acende dentro da alma ou do coração tão grandes amores e carícias, que parece que tudo passo exteriormente com o mesmo Senhor. Esta é a razão porque não tenho tempo para as coisas visíveis, porque t[u]do se me vai com o Amado de minha alma. Que muitas criaturas se queixam de outras porque lhe não assistem, e eu só me queixara das que me detem, ou fazem caso de mim, porque quanto mais esquecida de tudo [o] criado, então está a alma mais viva e lembrada do Criador. E ando tão absorta e admirada de ver o que o Senhor faz com muitas almas que de todo se dão

[1573] No original, “descurso”.
[1574] No orignal, “aleviar”.

a ele, ver a grandeza de Deus, como as trata e as une consigo. Também sinto outra coisa, que será de dúvida, que é estando no coro, assistindo à missa do dia, ou na oração, sinto, sem ser exteriormente, que via com os olhos do corpo que estou toda com o rosto, e toda eu unida com o Senhor, mas inda não me declaro bem como sinto a meu Deus.

Capítulo XLII.

Pegando no que disse, que sentia a meu Senhor muito unido a mim toda, que é um sentir como exteriormente, sem se ver com os olhos do corpo. E como eu não sei dar-me a entender com palavras [fl. 198] materiais, me desanimava a não continuar esta conta que dou a Vossa Reverendíssima, senão só no que houvesse dúvida porque, vendo a minha miséria e ignorância, e ver-me tão vizinha[1575] e entranhada em Deus, que me lembro do que disse o Baptista no Jordão, que o Senhor é comigo pelos júbilos que sentia em sua alma. E eu, com esta lembrança, recorro ao Santo para que peça por mim ao Senhor, que me dê uma profundíssima humildade para tão alto estado em que me sinto, que meus olhos se fazem duas fontes muito doces e suaves. E toda eu satisfeita miro que nada faço, e vejo que o Senhor me assiste (não o vejo com os olhos do corpo, como já tenho dito muitas vezes), mas está comigo como se fora publicamente. Não sinto desatinos, nem delírios de amor, senão toda satisfeita vivendo no exterior simplesmente, com uma profundíssima humildade, e um sono inviolável em todas as ações para as coisas terrenas. E simplesmente a alma, por vezes, fala com o Senhor, dizendo muitos amores e colóquios, muito pacificamente. Outras vezes, como quando vou andando, parece-me que sinto ao Senhor. Não posso dizer estas coisas por ver o que sou, mas Vossa Reverendíssima assim o quer. Terá o merecimento de me sofrer, mas torno a dizer de me parecer que sinto ao Senhor como visivelmente, mas sempre me declaro que não o vejo com os olhos, mas assim simplesmente lhe digo: "vamos, Senhor, pelas lógias às enfermas, e às aflitas, e às necessitadas, e aos atos de comunidade, e daí ao retiro e soledade, e também correr [fl. 198v.] às cruzes." E, assim, vos sinto, Senhor, cada vez mais e mais entranhável com esta pobre alma, que para atrair toda a si a pôs primeiro em grandes enfermidades, dores e trabalhos, e depois em grande desnudez de si e de tudo [o] criado, foi-a levando, como já disse, por graus, porque, buscando ela o Senhor que em si assistia, parecia-me que o não achava com

[1575] No original, "vezinha".

satisfação. E depois, me pôs em grande satisfação e satisfeita de tudo que, sem ter nada, me achava senhora de tudo, porque nada desejava. Depois, começou a tratar com minha alma tão puramente, digo, publicamente, que me chegou a parecer e[u] vê-lo corporalmente, e isto pela substância do sentir e gozar de Deus. Passou-me neste mesmo sentir a uma abundância e fortaleza, assim nas tentações que a de[s]cer assaltam a criatura, como nas forças do corpo. Não digo que são de gigante, mas são desconhecidas das ordinárias. E tão satisfeita que me parece, sem fazer experiência que nunca tal farei, que só com este alimento divino do trato íntimo de Deus poderia passar o corpo. E duvido, e sem poder duvidar se nisto haverá engano, mas como sinto a alma unida a meu Deus, me humilho muito. A dúvida é no muito que a alma goza, e dando todo o tempo a meu Senhor não vejo senão que nada faço. E também logo se me olvida o que padeço porque desejo padecer, e cuido então que não faço senão gozar, e vejo que há tempos [em que] não falta [o] que oferecer a Deus, mas logo se me passa a lembrança, porque só possuo a lembrança do muito que devo a meu Deus. Estes são os meus cuidados, que não há remédio poder pôr os sentidos em outras coisas fora de meus amores e Pai de minha al [fl. 199] alma, nem é possível ter tempo para dar atenção às criaturas fora do muito preciso. Muitas vezes, sinto martírio com elas se lembrarem e de mim me assistirem, muito mais sem me inquietar, mas sinto que o Senhor se não agrade de eu sentir isto interiormente. Assim, lhe peço muito que não permita que desconsole a nenhuma, nem as aflija, senão que a todas console no que puder. E que eu seja a que seja aflita, e não elas por meu respeito, e sinto uma caridade ardentíssima para com todas, na[s]cida do mesmo amor de Deus.

Outra dúvida se me representa, que é que Santa Maria Madalena consultou com minha Mãe de Deus para alcançar a soledade e retiro para se dar toda à penitência e contemplação. E eu vejo que nada faço, e como já disse, gasto todo o tempo com o Amado e faço tudo o que pode chegar minhas poucas forças, como as de[s]ciplinas da Ordem, as Vias-Sacras, as Estações, e tudo o mais que Vossa Reverendíssima me tem ordenado. E os atos de comunidade, que esses desejo. Com forças ou sem elas, faço por seguir, mas tudo é pouco. E, às vezes, ando nestes exercícios com bastante trabalho, pela força que me leva toda a contemplação, e também pouco livre das ações exteriores, que sinto uma força que me leva toda. Mas, passada, torno às mesmas querelas e dúvidas, que nada faço, e nada padeço, vendo o muito, ou tudo, que devo. Mas com

todas estas congojas se une a alma toda a Deus, e o Senhor a anima, como dando-lhe a entender que toda é sua. E, outras vezes, não me dá lugar a poder cuidar em nada. É um modo [fl. 199v.] de estar a alma com Deus, que nem se pode dizer por ver o que sou, que é estar-lhe o Senhor fazendo mil carícias, respondendo [a]os seus limitados desejos da pobre alma. Que é pôr-se toda a criatura despida de si mesma, com o coração, e vontade e toda ela patente àquele divino Espelho. Não diz nada, mas o Senhor a entende que, regalando-a, lhe diz: "pomba minha, amiga minha", e outras coisas, que me acanho em dizê-las como as entendo. E é tão claro o entender da alma que me sucede muitas vezes conhecer como o Senhor a trata, que não há mistura entre Deus e alma. Tem o Senhor dando-lhe um senhorio que é não entender a alma que o Senhor lhe diz: "isto é de nós ambos". Como dizer-lhe: "filha, todos os meus bens são teus".

Fica muitas vezes dias, ou o mais deles, em uma suspensão, porque passo todo o tempo com o Senhor sem poder fazer nada. Isto é interiormente, como é pedir pelos próximos. Não há discursos, nem sinto mais que a Deus puramente. Já acima disse que sentia o Senhor como corporalmente, e agora o sinto mais claramente, sem ser com os olhos do corpo. E saio destes ratos com efeitos todos divinos, uma ardentíssima caridade, mas tão presas as ações que me não dão lugar a nada.

Véspera de Domingo de Ramos, logo na oração da comunidade de manhã me prendeu meu Senhor e Pai de minha alma, que estive, como já disse, corporalmente com o Senhor. E indo a recebê-lo sacramentado, me deu os meus costumados desatinos que já tenho dito, que é quando recebo a partícula. Acende-se uma fé tão viva que o Senhor está [fl. 200] nela como no céu.

Nesta ocasião, dá o Senhor licença à alma para que se satisfaça, que é como tê-lo seguro, mas não me sei explicar, senão que a alma ali recebe dobrados favores. E fiquei tão atraída e fora dos sentidos que gozei sem explicação.

De tarde, entrando no retiro, não posso resistir à força que me leva toda, mas foram-me dizer que estava uma enferma só. Fui-me logo assistir-lhe, mas não cheguei a horas porque tangeram ao coro. E eu, muito à pressa, me fui, deixando a doente com gente. E, assim que cheguei à igreja, senti uma força tão grande interiormente que me arrebatava toda e não me deixava fazer as devoções que àquela hora costumo fazer, que era um estar com Deus que roubava os sentidos. Eu, com a minha ignorância costumada, disse a meu Senhor: "agora quero pôr-me longe de vós para fazer a estação

e rezar o rosário, que não posso convosco". Mas, com a violência da força do amor, me faltavam as forças e, querendo-me encostar para pode rezar, nisto senti que o Senhor me dizia: "encosta-te para mim". Não ouvi com os ouvidos do corpo, nem sei como foi. O que nisto se sente não se pode aqui explicar, mas eu como suspendida toda disse: "isto é imaginação minha!". Mas os olhos se fizeram duas fontes suavíssimas e, passado algum tempo, estando já no coro, se entrou à oração. Eu, como estava toda abrasada no amor tão vivo, me encostei para a cadeira. Já esquecida do passado, torno a sentir o mesmo, que o Senhor me dizia: "encosta-te para mim". E eu como me sentia toda [fl. 200v.] unida e transformada com o mesmo Senhor, e sentindo estas coisas que não se podem crer porque são entre Deus e a alma e, quem não experimenta isto, grande dúvida lhe fará este tão amável trato que Deus tem com uma pobre alma. Mas torno a repetir o que ia dizendo, que ao mesmo tempo que senti que o Senhor me dizia: "encosta-te para mim", e a alma se encostava, deu-me um acidente de lágrimas e, sem saber o que fazia, disse: "Senhor, vós tir[ais-me] de minha paciência!", e debrucei-me com o rosto sobre a cadeira, regando-a de lágrimas. Passei o mais que não tem explicação, e quando foi que eu lhe disse que me deixasse fazer a estação e rezar o rosário, sentia dentro da alma que o Senhor me dava lugar para isso, mas ela o sentia ali, como quem estava esperando. Eu, sem saber o que dissesse, me arrematou um ímpeto de amor, chamando, disse de repente: "vinde, vinde, esposas todas, ao nosso Amado, que a todas quer enriquecer dos bens da glória!" Porque o Senhor se dava a entender à alma que estava só. Oh, Senhor, isto não se pode dizer porque sou a pior de todas, mas tudo eram em mim lágrimas, tudo amores com um Deus infinito.

À noite, passei-a ou dormindo ou acordada. Tudo era sentir dentro de mim mesma um amor tão vivo que faz entender à alma que o Senhor lhe diz: "filha, aqui estou!". Veja Vossa Reverendíssima se quem se acha neste trato com o Rei da glória se pode dar atenção a outra coisa. Aqui, sinto grandes humilhações, sem serem exteriores, senão a mesma alma as faz profundíssimas, pegando-se com a ter[r]a, porque as ações da criatura não estão muito livres. O que pode fazer uma pobre [fl. 201] criatura como eu? É pôr o coração e toda eu livre e desembaraçada de todo o terreno, ajudada do mesmo Senhor, que me parece que o coração se me abre, como dizendo: "Senhor e Esposo de minha alma, vede, não esteja cá alguma coisa que não seja puramente vossa". E assim passo todo o tempo com o Senhor, de toda a sorte amando e padecendo.

Este dia de Ramos, por ser muito o que o Senhor faz a esta pobre alma, não poderei dizer nada, porque ela, com o gozo e mais coisas que sente, se vai toda aonde não pode explicar a minha ignorância.

Já passados alguns dias, caí enferma com muito abundância de dores. Louvado seja Deus, que passei alguns dias de cama, mas não sei que é isto, que as enfermidades me alegram tanto que, às vezes, desconfio de mim. Que será esta alegria porque levo boa vida, que não posso trabalhar na vinha do Senhor (que é o coro), porque a[s] debilidade[s] de forças e também da cabeça são tais que não sinto mais que dores. Com isto vivo alegríssima porque dentro da alma sinto a meu Amado. Vendo-me enferma, logo me querem fazer remédios. Eu, como folgo com as dores, é vontade de Deus que não possa apetecer coisa desta vida, não consentir nem tomar mais remédios que o amor sacramentado. Com este divino manear, se foi minha alma levantando até que o corpo tomou alentos. E, como senti mais forças, fui-me convale[s]cer nos atos de comunidade. Assim que entrei no coro, senti uma abundância e fartura do céu e da terra, e a alma tão livre e desembaraçada para com Deus, mas não satisfeita que se sentia, digo, porque se sentia arder em amor e não podia [fl. 201v.] satisfazer o que sentia. Porque, uns ratos, se sentia como que tocava ao Senhor, outros, se lhe acendia tão grande amor que se punha a chorar, sem poder enxugar os olhos, dizendo mil vezes: "Ó ditoso Evangelista e Madalena, que tocastes ao Senhor. Oh, se eu fora desse tempo!". Assim, levei toda a manhã.

Outras vezes, me conformava com o seguro de que havia de morrer e sair deste cárcere, que isto é só o que me anima. E confesso minha culpa que, várias vezes, peço a meu Senhor [que] me dê esta conformidade para poder esperar que dê fim este desterro. Nisto, tenho gasta toda a manhã.

Outras vezes, sinto a alma indo toda a Deus em uma elevação que, nesse rato, descansa, porque está o discurso e todos os sentidos como adormecidos. Mas tornando a si, torna ao mesmo gozo e padecimento de amor que a traz fora de si. O Senhor tenha misericórdia de mim.

Capítulo XLIII.

Acho-me tão abrasada em amor de meu Senhor e Pai de minha alma que me parece loucura porque não sei que faça de mim. Toda me vejo desocupada interiormente, sem mais sentir que amores de meu Deus. Não sei onde me vá, e em toda a parte se acende

mais e mais este amor, e as forças são poucas porque passo alguns ratos em um estar com Deus, que não cuide Vossa Reverendíssima que são roubamentos, que temo não me saber explicar, mas não ratos que me leva todo o interior, que depois me sinto muito debilitada. E, outras vezes, saio mais forte. E, outras, com grandes alterações dos humores (padecendo o que Deus sabe), que, para não faltar ao coro, digo simplesmente: "não hei de cuidar muito em vós, meu Amado". E, com estes cuidados e trabalhos amorosíssimos, vou passando este deste [fl. 202] desterro, padecendo e amando. Mas não posso deixar de padecer, nem de amar e, quando me sinto tão fortemente atraída a meu Deus, lhe faço muitas querelas. Isto me sucedeu hoje, depois de o ter recebido sacramentado, pelos favores que recebeu minha alma. Depois, me retirei, a formar minhas queixas com lágrimas nascidas de amor e conhecimento do meu nada. E disse a meu Senhor: "Amor de minha alma, que vos faço eu para me tratares com tantos regalos? Que tenho eu de meu, senão misérias?". E mais coisas, mas não posso gastar muito tempo nisto porque a alma se eleva toda e torno a ficar enferma de amor, e com mais atraimentos que me não dão lugar a tratar com as criaturas, só se é muito, muito preciso, e isso com muito trabalho sem inquietação.

Outro dia, se me acendeu na alma um grande fogo de amor e caridade do próximo porque se me representou nos sentidos, sem poder cuidar em outra coisa cá da terra, senão que o Senhor dissera a São Paulo na sua conversão: "porque me persegues?"[1576]. Isto estando o Senhor na sua glória, que ninguém lhe pode fazer mal nenhum. Mas só pelas criaturas faz o Senhor tais finezas, que diz que o persegue a ele. Oh, meu Deus, que amores são estes que me fazem derreter toda em amor vosso? Quem se poderá ter que vos não ame, que vos não sirva, que vos não busque, e que se não entregue toda a vós? Oh, Senhor, que não posso pensar que haja em mim coisa que não seja vossa! É possível deixar de vos amar, e querer, e servir, e cuidar sempre em vós, única esperança e vida de minha alma e alma da minha vida? [fl. 202v.] Que farei por vós, meu Amado? Nada sou, nada faço, nada posso, e nada quero mais que a vós, meu Deus!

Há meses que não posso escrever. Às vezes, por enfermidades que são contínuas, outras, por temor e não poder acertar, e de todo me deixava de dar esta conta por papel, não por querer deixar de fazer o que me manda a santa obediência, que é toda a minha

[1576] Atos dos Apóstolos 9: 4 e 22: 7-8.

segurança. E agora direi a Vossa Reverendíssima o que puder do que [se] passa no meu interior com a nova ordem que me deu de não comungar sem que primeiro lhe falasse. Como passei dois dias sem receber o amor sacramentado, a alma conforme com a vontade de Deus e gozando dos seus divinos braços se alegrava muito por ver que havia muitas que o recebiam e desejava dar-lhe muitos louvores. Mas tornava a pôr-se em ânsias, e não se podia queixar por estar conforme com a vontade de Deus, mas também me lembrava muito que Nossa Senhora quando perdeu o menino por três dias não descansou nem admitiu alívio algum, sem primeiro achar a seu Amado. Nestas considerações, gastava alguns ratos fazendo muitos prepósitos de não levantar [os] olhos, nem tomar mais que o preciso, nem o trato de criaturas mais que o muito preciso, que era assistir a uma doente.

Interiormente sentia com a Mãe de Deus algumas ternuras, que lhe pedia que me ensinasse a buscar meu Amado, pois em mim era por culpa e misérias, e formava-lhe muitas queixas de minha ignorância. Os desejos eram ardentíssimos de trabalhar por seu amor, a debilidade [fl. 203] de forças era grande. Via-me toda metida em um martírio, mas suave para minha alma. Nisto passei dois dias e, como Vossa Reverendíssima me ouviu de confissão e me disse que comungasse, não sei [o] que senti no coração, que me saltava.

Depois, recolhi-me um pouco interiormente a esperar a comunhão. Deu-me um acidente de lágrimas, sem saber que fizesse. Dizia para mim mesma: “isto é doença do corpo, fraqueza da natureza”, mas nem por isso se me enxugam os olhos, porque eram umas saudades tão penetrantes que me feriam. E como não tive tempo de estar alguns ratos depois de receber a meu Deus, porque logo [?] e, como depois vim à doente, aumentaram-se as saudades do Amado, por não estar com liberdade, mas sempre gozando favores dobrados. E as saudades se aumentaram, inda que por vezes sinto a alma como dormindo nos divinos braços, ou é como encostada no divino peito do Senhor. Também se me aumentou grandemente uma suspensão dos sentidos e potências, e a alma recebendo um mar de doçuras ou regalos, que eu os não sei explicar de outra sorte.

Por vezes, sentia que me intimavam[1577] e me faziam força que escrevesse. Entendia que o Senhor se alegrava que eu o recebesse, e com esta consideração recebia muitas carícias do Amado. Mas a alma, e eu toda, se humilhava porque o temor me assaltava, que não o merecia e, assim, querendo e não querendo, me derretia toda em amor de meu Deus, padecendo grandes delíquios de amor, porque a alma nunca amou outro mais que seu amor sacramentado, que é o que tem neste desterro, pois outra coisa nunca deseja possuir mais que este bem sobre todos os bens, que nunca se me foi [fl. 203v.] a vontade de o receber. Sempre as portas estiveram francas e abertas para este divino hóspede. E, queixando-me da minha pouca pureza, porque desejarei sempre tê-la angélica, sempre senti minhas desconfianças de o perder, e será por minha culpa. Nunca me dava por segura e, assim, se me aumentou cada vez mais, e mais, o júbilo e alegria de ser só nesta vida o amor sacramentado Senhor de toda a minha vontade. Uma viva lembrança contínua, um desvelo sem intervalos[1578], sem impedimentos para o receber, e buscar-se [o que] a santa obediência me mandava. Foi uma linhagem[1579] de sede que sempre a padeci ardentíssima pelo amor sacramentado, que nunca é saciada, inda recebendo-o todos os dias. Como não há certeza até quando será, pois não está da minha parte mais que desejá-lo e a vontade de pronta para o receber, nunca a alma está segura daquele bem que está logrando. E com isto estou dizendo [o] que passa a alma por seu Amado.

O Senhor, nestes desvelos dela, com amores e carícias que a minha ignorância não sabe explicar, é um trato familiar da alma com Deus, que não há dias grandes, só o retiro e soledade são delícias de uma alma que busca só a Deus, nem sabe falar de outra coisa. Todo o visível é para ela penoso, e o trato preciso usa dele por ser vontade de Deus. Com nada se alegra com vontade, só em Deus tem todas as suas alegrias, e todo [o] seu contentamento, gemendo, suspirando, amando, padecendo, porque não sabe se ama. Queixa-se a seu Amado porque o não sabe amar e não pode satisfazer a ânsia que padece de o não ver como em si é [fl. 204], vê que é merecedora de mil infernos. Gasta todo [o] dia, dias e noites, com seu Amado, e nunca é satisfeita, inda que por ratos

[1577] No original, “entimavam”.
[1578] No original, “entrevalos”.
[1579] No original, “linhaje”.

descanse em seu centro, que é o amor divino. De lá sai com ânsias dobradas de não descansar em o buscar até se ver na sua glória divina, não por gozar, senão por ver a quem e por quem sempre suspira. E, muitas vezes, sente uns voos da alma, e o coração e todo o interior tão livre e desocupado que lhe causa grande martírio não acabar já a vida do corpo. Sente a tremenda hora da morte, mas os voos da alma não dão lugar a deter-me muito nessa consideração, porque tão elevada está em Deus que se não detém com nada que a possa apartar daquele bem infinito.

Torno à conta que vou dando, pois Vossa Reverendíssima me diz que nestes dias dê conta do que [se] passa no meu interior. Já disse alguma coisa do que passei ontem, que foi dia de comunhão.

No seguinte dia, que é sábado, me levantei da cama, inda na mesma elevação. Depois de acabado o coro, esperei a ver se Vossa Reverendíssima me mandava comungar. E sempre nos dias que não comungava, observava o jejum, inda que estivesse debilitada, até se levantar a mesa da comunhão, porque nunca pude acabar comigo que não havia de receber o amor sacramentado. Sempre esperava a ver se a santa obediência me mandava, porque não queria perder o amor sacramentado por minha culpa, senão só não me mandando, porque senti grande ânsia de receber a meu amor sacramentado. Tudo vos dou porque tudo é vosso, e receber-vos sacramentado não posso sem que [fl. 204v.] me mandem. Aqui, recebe a alma grandes favores de Deus, mas, depois que se deu hoje a comunhão, fui-me correr às cruzes. E como se tangeu logo ao coro, não as acabei para vir à minha obrigação. E, assim que entrei à missa do dia, senti na alma uma saudade insofrível. Rompi em lágrimas suavíssimas e disse comigo mesma que queria desafogar escondida, e não sei se era de Vossa Reverendíssima, ou do mesmo Senhor que me feria. Mas tornei a dizer: “se o Senhor tudo sabe, de quem escondo eu?” Com isto, comecei de sentir ao Senhor tratando com a alma como quem se compadecia, e a queria [a]dvertir com regalos. Do que o Senhor lhe dizia não sei dar razão, só que nas cerimónias que se fazem no coro parecia-me que o Senhor acompanhava a alma e corpo, que para toda a parte o sentia. Não o via com os olhos do corpo, mas o gozar e sentir parecia visivelmente. Mas a alma, nestes ratos, não se acorda de como está com Deus gozando das suas delícias. Mas depois, quando quero escrever, é que não sei dizer o que passei ou passa a alma com seu Amado.

E durou-me este admirável trato até vir para a mesa, que indo saindo do coro inda estava a alma como ouvindo o Senhor. Ela toda abstraída e fora de si, que não sabia se estava entre criaturas. E eu tinha considerado como seria dizer-me Vossa Reverendíssima que eu me fazia senhora do amor sacramentado. Estando nestes cuidados, como seria isso? Não podia conhecer que estava senhora do amor sacramentado, mas punha-se diante de mim, digo, mas punha-se-me diante que o Senhor era o que era Senhor de tudo [o] que era meu. Até que o Senhor se pôs com a alma como ouvindo as queixas, e regalando a alma como fazendo [fl. 205] mimos e regalos, e a deixou tão absorta e enardecida que em todo o dia me tenho sentido em uma suspensão e muito unida a si, sem intervalos de outro sentir. Porque foi tanto o que a alma recebeu nesta manhã que se soubesse explicar-se não o escreveria em muito dias tudo quanto a alma recebeu do Senhor. Bendito seja para sempre, que tão presa me tem para si toda e morta para tudo o visível. Sinto ânsia de escrever, mas não acerto dizer o que se passa em minha alma, e desconfio que este querer escrever e dar conta com este desvelo e força que me não deixa, se será apetite de me parecer que com isso tornarei a receber o amor sacramentado. Não o afirmo porque nada posso afirmar de mim, e tomara não cometer nem a mais mínima imperfeição das que eu não conheço pela minha ignorância. Mas tenho grande ânsia de que Vossa Reverendíssima conheça que eu não sou senão a mesma miséria, pois que eu não o sei dizer, nem sei enxergar.

Sinto-me em um gozo, e martírio e um desejo de trabalhar na vinha do Senhor, e um ardente fervor de me dar toda a Deus. E, estando-o possuindo, são as ânsias que me dão tão fortes de o louvar, como quem tem um amigo em casa que deseja ter grandezas em diante. Assim, sinto a alma buscando mil modos para hospedar a seu divino Esposo, não para que se vá e a deixe, mas para mais e mais o amar. Umas vezes, chamando os anjos e os santos que o louvem, pois o não sabe fazer como deseja. Outras vezes, deseja trabalhar por tirar almas do purgatório[1580] para que vão gozar dos seus divinos braços, e também exercitando a caridade com os próximos, se pode, com a esmola, ou com o desejo, ou com orações, ou assistindo às enfermas, e mais cousinhas que o amor sabe [fl. 205v.] inventar[1581] para dar a seu Esposo. E, assim, gasto os dias e noites. E, diga-me

[1580] No original, grafado com maiúscula.
[1581] No original, "enventar".

Vossa Reverendíssima, se me pode ficar tempo para cuidar em mais nada? Mas com tudo isto não me faltam misérias porque é o que tenho de meu, mas é-me necessário fazer força para o trato visível, que ao preciso nunca falto, e queira Deus não vá demais. Só uma coisa me faz espertar e buscar a quem me pode remediar, que é Vossa Reverendíssima, como é não saber se hei de comungar. Para isto largo tudo e irei ao cabo do mundo, sem temer perigos nem trabalhos, só por não perder por minha culpa o amor sacramentado. E tenho dado conta e cuido que não tenho dito nada. Tudo são delírios e loucuras de quem se não sabe explicar e deseja obedecer, mas não acerta. E como a santa obediência é cega, e nela se acha o caminho seguro para o céu, este só desejo seguir, e o Senhor me ajude e Vossa Reverendíssima dê paciência para me sofrer.

Capítulo XLIV.

O amor sacramentado me faz vencer todos os impossíveis, como é o escrever por caderno o que passa minha alma com Deus. Como pode ser que língua de criatura possa explicar-se? E, para mim, que sou a mesma ignorância, é dificultoso e, assim, escrevi como ignorante e como louca, com desatinos, e delírios e desejos de [m]e querer dar a entender. Assim, por mais borrões que escreva, nunca digo nada. Tudo fica na mesma ignorância, me parece a mim.

E a dizer eu que o amor sacramentado me faz força forte a escrever, é no sentido da santa obediência, que é como temer que Vossa Reverendíssima me não mande comungar, pois sou remissa em obedecer a dar conta [do] que me pede. Isto é [o] que me parece a mim, e disto me acuso, porque não abraça [fl. 206] a alma este pensamento, e tudo o que parece que entra pelos sentidos faz-me duvidar, porque só a alma unida a Deus é lugar seguro.

Hoje, como Vossa Reverendíssima me disse que comungasse, e no outro dia também, e que lhe falasse, recolhi-me à oração, descansada, e pus o relógio para a conta das horas. Entrei em uma suspensão dos sentidos, um estar gozando de Deus que parece que a alma e toda eu se me estava desfazendo em um mar de recri[a]ção. E, quando atendia a ver o relógio, achava a meia hora passada, e parecia-me que então o tinha virado. Gastei ali todo o tempo até entrar ao coro, e sentindo, por ratos, o trato íntimo do Senhor, que disse: "já se me aumentou um grande desejo de começar já de todo a dar-me a meu Senhor". Porque me parece que inda não comecei [a] amá-lo e servi-lo, como assim é, que anda a alma, e toda eu, buscando que fará para ser mais pura, mais sofrida,

mais humilde, mais solícita e cuidadosa para todas as minhas ações, e obras, e pensamentos, e cuidados serem puramente por Deus, assim interiormente como exteriores. E, metida neste desvelo, com ânsias e suspiros, caminha a alma ao retiro e soledade. Não é do trato visível, é interiormente onde o Senhor a leva ao centro desejado, mas esta prisão da carne a faz de[s]cer, que é o que faz penoso este desterro que nos priva daquele infinito bem. Que não seja perdurável para sempre, já sem fim. Ai de mim, que não sei o que digo, pois sou a mesma miséria!

Passei alguns dias com entranháveis abraços, e união apertadíssima de meu Senhor, e amor de minha alma, e tão atraída e unida com o meu divino Esposo que se padecia as prisões da [fl. 206v.] da carne. A força me leva a não sentir mais que Deus. Se por ratos me lembrava do que Vossa Reverendíssima me disse, que eu me fazia senhora do que não era meu, que é o amor sacramentado, se me abrasa e se acendia um amor tão vivo que me parecia que o Senhor falava com a alma como co[m] uma pessoa com outra. Porque, nestes atos de amor acendido, não se lembrava onde assistia, nem sentia mais que a Deus. E a alma, na lembrança de que lhe diziam que se fazia senhora, se lhe aumentava uma grandíssima humildade, considerando que se isso assim fosse, o que ela não podia descobrir bem, faltaria à obediência, e queria como afastar-se do Senhor, do amor que a levava, e não podia. Chorava porque o não amava muito, muito, e não queria por se não fazer senhora. Gastava ratos com estas demandas. Esquecida de si, se achava no trato íntimo, dando-lhe o Senhor os seus divinos braços, que se não atreve a alma a dizer como o Senhor a trata, que é o que diz nos Cantares: "vem, pomba minha, amiga minha". e outras que a alma conhece e recebe em Deus, e quando o Senhor a vê atrabalhada, e desvelada[1582] e cuidadosa puramente por seu amor, não há língua que possa explicar o que a alma recebe de Deus. Sente, dentro de si, que o Senhor a ouve e lhe fala com uma alegria, como se está gozando de a ver. E, quando sinto isto que tenho dito, quando a alma desce, fica em uma profundíssima humildade e, conhecendo o seu nada, se deseja desfazer toda em lágrimas de amor. Outras vezes, no mesmo exterior, se faz como uma formiguinha, que me encosto para a cadeira do coro a esconder-me toda do mesmo Senhor que sempre busco. Porque se acendeu em toda eu uma grandíssima [fl. 207] ânsia e desejo de não ser já para nada mais que para me dar toda

[1582] No original, "disvelada".

a Deus, não só com desejos que suponho que é só o que sempre tenho, senão com obras, com todos os sentidos, não cessar nem um instante de trabalhar, de merecer, de servir, e de amar, de o louvar, e padecer, e de buscar a meu Deus, com todo o cuidado e desvelos , pois em toda a parte está.

Caí enferma, e tão impossibilitada[1583] que mal podia rezar as minhas horas, nem tomar tempo para a oração podia. Só interiormente trabalhava, por estar unida a meu Senhor, e só na cama tinha a alma mais desafogo porque padecia uma queixa de flatos que o peito se me partia. E sentia o íntimo trato de meu Deus interiormente, mas não podia escrever porque a força de dores não me deixava dar atenção, nem acertar a dar conta. Alguns dias passei neste trabalho e, por fim destes dias, estando recolhida com o amor sacramentado, me senti combatida da mesma tentação que acima disse. E pareceu-me que o meu anjo da guarda me intimava[1584] a dizer-me que não fizesse caso, que era o inimigo que atirava com setas. Eu, como fraca, me afligia. Clamei e disse: "cortesões celestiais, e patriarcas, e santos, vinde assistir e louvai a meu amor sacramentado, pois que eu sou tão ingrata! Oh, Senhor, dai-me armas fortes para pelejar contra meus inimigos, e vossos, porque não é a paz durável enquanto está esta alma neste cárcere!". Estando nestas queixas, pareceu-me que o Senhor me mostrava como vinha alegre e satisfeito a uma alma pura. E vi a alma como neve [fl. 207v.], era finíssima, como se diz que é espírito sem carne nem osso. Inda me não explico bem como a vi. Vinha então como uma procissão, ou não sei como, mas era que o Senhor trazia consigo anjos ou santos, encaminhando-se onde a alma estava, e a começava o Senhor de ornar, e vestia[-a] com grande alegria de seu divino rosto, e me parecia que o Senhor a levava, dizendo que era toda sua. Eu não sei quem era aquela alma porque não fez mais que derramar lágrimas. E, derretida toda em amor, estava atrabalhada e nada fazia, só lavar-me em lágrimas, com um desejo tão acendido de ser pura e santa em todos os meus sentidos que, depois de passada aquela hora que ali estive, e depois do coro, não me atrevia a falar em nada criado.

Algumas dúvidas tive neste pouco que aqui digo, e no mais que não sei explicar. Mas, para que não haja engano, me quero declarar que não vi isto com os olhos do corpo,

---

[1583] No original, "empossebelitada".
[1584] No original, "entimava".

nem interiormente falas. Era como tudo em silêncio. A alma não muito engolfada, senão toda derretida, cheia de lágrimas, humilde, conhecia sem que se falasse com ela. Entendia tudo o que se passava e o mesmo lhe sucedeu com o anjo. Não o viu, mas era entendo ela que o anjo a avisava e ajudava. Neste dia passei grandes coisas e doutrinas para a mesma alma, que ao tempo que as recebe lhe parece que de tudo saberei dar conta, mas, como tudo é interiormente, não é tão fácil saber a criatura explicar-se. Mas com grandes favores que minha alma recebeu neste dia se me aumentou um grande desejo e ânsia de escrever, e dizer todas as minhas misérias e minhas ignorâncias, para que soubesse todo o mundo [fl. 208] o que eu era, e que os favores que recebia de Deus eram todos de graça.

Chorava a minha ingratidão e o pouco que era agradecida, e louvava a Deus pelas suas grandes misericórdias. Ao mesmo tempo, me gozava e alegrava considerando que seria [de] uma alma, ou almas, que sabiam ser mais agradecidas e mais puras que eu. Que favores receberiam de Deus quando eu, sendo ingrata, me tratava o Senhor com tantos amores. Não sei como me não desço toda em amor de meu Senhor, mas é porque sou ingrata, não o sei servir nem sem amá-lo, e não me sei dar toda a meu Deus. Com ânsias e desvelo, busco em que o agrade a meu Senhor e Pai de minha alma. Assim, às vezes, desejo trabalhar e consolar o próximo, mas as forças são poucas. Só em servir enfermas logo fico também enferma. Mas o Senhor me alenta com os seus divinos favores que, em qualquer ocupação que eu esteja por seu amor, nunca entro na oração que não ache o Senhor com os seus divinos abraços abertos como dizendo-me: “vem, pomba minha, e descansa”. Isto é repetidas vezes, e outros amores que eu me não atrevo a dizer, pois só desejo ser humilde, e pura, e sofrida nos trabalhos que o Senhor é servido dar-me. E este, de escrever, é maior de todos porque rende-se a vontade à santa obediência, mas entremete-se um bocadinho de temor, com calor de humildade, que não sou capaz para coisa tão árdua para a minha ignorância. Mas a santa obediência me anima e o Senhor me dá a entender que é de seu agrado. Mas, como vejo que nada digo do muito que [se] passa em minha alma, me acanho muito.

Hoje tenho estado tão doente e atormentada de dores que, nas vésperas, me estive [fl. 208v.] sempre encostando para a cadeira por não poder estar em pé. Vim-me a escrever e não senti as dores que neste dia tinha sofrido. O Senhor tenha misericórdia de mim, que nada faço, pois recebo e não pago.

Hoje tenho passado grandemente atormentada de dores, e com força terrível como exteriormente para não atenção aos favores do céu, pondo-se-me diante lembranças muito vivas de coisas visíveis. E, como eu não posso admitir, tudo [o] terreno me serve de martírio, e, já por experiência, sei que é tentação. Para me deter me arrojam estas coisas leves. Faço muitas protestações de não cuidar mais que em meu Deus, nem admitir outro querer, nem abraçar com vontade mais que puramente o que for de meu Deus, assim favores como doçuras, como revelações. E tudo [o] que o inimigo pode fazer, ainda do que eu, pela minha ignorância, não posso conhecer, tudo desprezo, e não consinto, e faço estas protestações aos divinos pés de meu Senhor Jesus. Primeiro no dia mais de dez vezes, ou mais. E, outras vezes, as faço como nas mãos de minha Mãe e Senhor da Piedade, e com este exercício senti[1585] grande liberdade para me dar toda a Deus. E, muitas vezes, saio e faço-me esquecida já de tudo passado, e me acho toda atraída a um gozo e memória viva das coisas do céu, como é na consideração de ver a Deus cara a cara, entrando pelo coro dos anjos, e de todos os santos e santas.

Nestes ratos se foram muitos dias (podia-se passar sem outro sustento). Oh, meu padre confessor, que bem tem que fazer uma alma que vive neste desterro livre e desembaraçada na vontade de tudo visível, posta e patente [fl. 209] com todos os seus sentidos só em Deus? Padece sem explicação, mas tudo arrasta por conseguir o fim que aspira alcançar, pelos merecimentos da morte de Paixão de meu Senhor Jesus Cristo, que de nós nada podemos.

Eu sou a pior de todas, a mais ingrata, e o Senhor sempre chamando-me. Eu o desejo buscar com desvelos, mas vejo o meu nada que, às vezes, me ponho a discorrer ou a querê-lo fazer na oração e, não sei se é em mim ignorância, o Senhor me atrai toda a si, que fico como morta no exterior. Passado o tempo que o mesmo Senhor quer ter a alma como inebriada nos seus divinos vinhos, saio como ignorante, e nem sei o que fiz. Entrei ao coro e renovou-se-me dentro da alma uma coisa que não lhe sei dar nome, senão uma viveza clara de coisas divinas. Um sentir suavíssimo como quando se deita em uma casa cheiros admiráveis que, ao depois, fica-se sempre sentindo que ali se deitou cheiros. Assim, dentro da alma ficam os sentidos dela e corpo fortes e vivos para vencerem dificuldades, e um mar de delícias, que uma lembrança das coisas divinas

[1585] No original, “sinti”.

enche todo o interior de admirável recriação das coisas divinas. Às vezes, duram dias e dias, e uma grandíssima ocupação nos sentidos e em toda eu, que é o que já disse da alma que se dá a Deus, que tem bem que fazer porque está tão ocupada que lhe parece [que] lhe faltam dias e anos para mais e mais se dar a Deus, conhecer e receber favores do céu, porque fica inda muito mais que conhecer e receber de um Deus infinito.

Dou fim a esta conta com dizer a Vossa Reverendíssima que a tenho escrito levando parte do dia com grandes in [fl. 209v.] enfermidades de dores [n]a cabeça muito más. O cuidar que havia de escrever se me punha como no exterior uma nuvem diante que me não lembrava nada, fazendo-se-me impossível pela debilidade e rudeza em que me via. Chegada à oração de vésperas, me achava melhor das dores. Vinha para [as] vésperas, depois retirava-me para o leito e punha-me a escrever já boa. Assim, fiz estes borrões. O Senhor lhe dê paciência para os ler.

Capítulo XLV.

No capítulo passado, disse duas coisas que agora as não abraça a vontade, que foi dizer quem se vira livre e segura da guerra que o inimigo faz às almas, e como disse quem se vira livra de padecer. Declaro-me que não é minha vontade deixar de padecer por um Deus que se pôs em uma cruz. Que, lembrar-me que foi açoutado por seis algozes, se me parte o coração e não é meu desejo deixar de seguir a meu divino Esposo, que nada padeço por seu amor, mas só desejo que estes inimigos me não detenham porque a alma não sofre deter-se (inda nos mesmos favores). Sempre está suspirando por se ver unida puramente com seu Deus e Senhor. Alegra-se nas suas divinas grandezas, que são umas notícias que a alma recebe, às vezes, da grandeza e fermosura de Deus. Que as entende como mensageiros que lhe dizem como o Senhor em si é. Estas notícias, em silêncio, confortam a alma que parece [que] lhe põem asas nos divinos braços com as carícias que já tenho dito, por vezes.

E o desejar ser santa quem é a mesma miséria no sentido de dizer é pela ânsia que a alma sente de se ver mais pura que [fl. 210] a mesma neve que, de contínuo, suspira por ser o que o Senhor quer das suas esposas, e os favores a fazem sair de si a procurar uma pureza angélica, que a alma se derrete toda vendo o que é e o muito que recebe de Deus. Assim, vive em um conhecimento do seu nada e sempre com uma sede ardentíssima de se dar mais e mais a Deus, de não cessar de trabalho, e, por mais que faça, sempre se acha infinitamente devedora. Chora de contínuo por não sei a que devia

ser, que hoje passei sem saber que fizesse de mim porque, como me pus a cuidar que não queria padecer, como já disse, e que desejava ser santa, com uma santa ou profundíssima humildade, me queria esconder aos divinos pés de meu sagrado Esposo, e chorar como a Madalena. Mas foram os favores do céu infinitos que me senti todo o dia interiormente como eu não sei explicar-me.

Hoje tenho passado com terríveis dores e tentações, mas não de coisas visíveis, senão uma força e violência que se me põem junta com as dores, para não ver ou conhe[ce]r com luz mais superior o que a alma receber de Deus, que muitas vezes o Senhor permite e será por castigos de meus pecados. E, por ratos, se me dá a entender que me retire de falar com as amigas e servas de Deus, que um tratar do preciso sem deter-me, mas a minha ignorância me deixa falar mais algumas palavras. Logo sinto que me avisam que para uma alma, ou criatura, que vive no trato íntimo de Deus e que há de escrever e dar conta do que passa no exterior com o seu divino Esposo, que há de viver já para sempre morta em todo o sentido. E outras doutrinas excelentes que a alma as recebe [fl. 210v.] humildemente. Chora os seus descuidos, isto é quando a alma não anda e vive nas divinas chamas ardentíssimas do divino amor, que é estar como em uma vida comum[1586] porque a criatura que deseja só viver para Deus passa por bom e mau (não em coisas de pecados), senão de coisas interiores, que só quem as tem experimentado[1587] as entenderá. Que, neste estado, me vejo hoje, não está o Senhor escondido, mas deixa trabalhar a alma com desvelo e ela ardendo em viva chama de padecer e se privar de tudo do sentido só por se não ver privada do seu divino trato. Assim, anda buscando modos em que agrade e sirva a seu divino Esposo. E como hoje não é dia de comunhão, se quer a alma com mais desvelo com todos os sentidos e, com entranhável ânsia e amor, unir-se toda a Deus para o receber espiritualmente.

Neste dia, lhe ofereci as comunhões de toda a somana como sacrifício da santa obediência, ajuntando o não cortar uns cadernos que tinha à janela[1588], senão deixá-los a quem os quis cortar e fazerem deles o que quisessem, dá-los a outros santos e não ao Senhor, a quem eu os queria oferecer, e não disse o que sentia pelos não dar a meu

[1586] No original, “comua”.
[1587] No original, “exprimentado”.
[1588] No original, “jenela”.

Senhor, mas ele, que é amorosíssimo, me tem já o interior e toda eu enardecida em amor seu, dando-se toda à minha alma e recebendo-a toda em si. Que a alma está entendendo como o Senhor se agrada e alegra de a ver cuidadosa. Ai de mim, que nada faço por meu Deus! Só desejos ardem em mim de contínuo sem cessar, mas as dores que sinto e padeço são notáveis.

Vai por dois dias que sinto uma dor de cabeça que me não posso ocupar em serviços de mãos, senão com muito trabalho, [fl. 211] e só no tempo que escrevo sinto-me boa, ou é que me não sinto por não faltar à santa obediência, que não sou eu tão santa que o Senhor faça milagres em mim, mas é Pai de amor.

Hoje, vindo de vésperas, me senti toda interiormente derretida de amores de meu Deus, e vim-me pelo tesouro onde não fosse vista. Me prostrei por terra, beijando o chão com algumas humilhações no conhecimento do meu nada, e me oferecia para obedecer a tudo [o] criado, puramente por seu amor. Confessando a minha ingratidão, sendo pior que todas, e que todas eram mais humildes que eu, e abraçando-me com a sua divina vontade em escrever, e pedindo desse luz a Vossa Reverendíssima para que me mandasse fazer o que fosse mais do seu divino agrado, mas sempre se entremete algum bocadinho de desejo que Vossa Reverendíssima me mandasse que parasse com esta conta. Mas a vontade que está pronta para obedecer não dá lugar a que eu tal declare, como é pronunciar tal desejo, mas dou conta para que não haja engano. E, quando me levantei para me por de joelhos, senti que o Senhor me estendia os seus divinos braços, dizendo-me: "filha, eu estou contigo". Este Senhor é o que ali estava na cruz, mas era como quem os abria mais. Mas no tempo [em] que me sucedem estas coisas não sei como são, que o mesmo corpo, nem a alma, se detém a afirmar-se se é visivelmente, o que não pode ser, senão que fica tão fora de si que não repara como goza aquele bem. Só quando escrevo é que reparo que então recebe a alma e não escuta nem mira mais que puramente a Deus, que nem a si se conhece. Isto me sucede o mais das vezes. E, assim, me levantei interiormente [fl. 211v.] como se não pode explicar. Fui-me andando com a comunidade para o refeitório, com os olhos da alma fixos em Deus, mas apareceu-me uma criatura com força a dar-me de comer que era merenda. Eu que não queria, senão só quanto alentasse debilidade[1589], fez-me trabalho o comer, inda que não admitir

[1589] No original, "debelidade".

mais do preciso, e me vinha correndo a sós com meu Senhor. [A]o mesmo tempo, me chama outra amiga com força que comesse com ela fruta. Eu, por não dar a entender que fugia, ou me fazia a que não era, peguei em uma e com agradecimento me fui, repreendendo-me a mim mesma [a]o ver como era ingrata a Deus que, ao mesmo tempo que tinha experimentado[1590] os seus divinos favores, me fui logo onde me foi preciso aceitar regalos para o corpo e falar a nada criado, porque nestas ocasiões é preciso fugir inda das mesmas servas de Deus, porque não se pode atenção a dentro e fora, bem me entende. E com este sentimento me vim pôr a escrever, e dar disto conta para que Vossa Reverendíssima veja as minhas grandíssimas ingratidões.

A alma, unindo-se toda sempre e recolhendo-se ao Senhor, assim que isso me confunde ver que mereço mil infernos e que esteja conhecendo tantas misericórdias. Também digo que bem conheço que isto não são pecados graves, mas para uma alma que tem o íntimo trato com Deus é uma fealdade para uma esposa do Rei da glória, que em si conhece como deve ser pura e puríssima em todas as suas ações, assim interiores como exteriores, porque quando a alma se vê mais metida nas misérias desta vida, tudo é olhar por todas as suas ações porque sempre lhe parece que são faltas e descuidos seus, como é na verdade. Anda tão solícita [fl. 212] que lhe parece que tudo o que obra e faz lhe impede o seu divino Esposo para que a deixe só. Assim, tudo é queixar-se de si mesma e sucede tem com as criaturas também se queixa de si e não delas porque, às vezes, também o Senhor permite que saia da assistência delas ou com trabalho de as ouvir ou de as servir se são enfermas, com uma ânsia e sede de voar a Deus, que lhe parece que goza dos seus divinos braços visivelmente.

Já Vossa Reverendíssima me tem explicado na reposta do capítulo passado como a alma cuida que vê e goza e entende o que o senhor lhe fala como visivelmente, e eu também assim o disse e nisso falei, e declaro-me que sei certamente que nesta vida o não podemos ver, como em si é que isso me faz umas saudades insofríveis. Faz-me ânsias de já dar fim a este desterro e faz-me um desabrimento e desapego de tudo deste mundo. Não sinto nessas ocasiões uma mínima lembrança de coisa criada, não sinto que tenha neste desterro nada que me detenha, dando volta por dentro desta casa (que é este corpo), não sinto nada que me possa lembrar que cá me fique, não porque deseje ter

[1590] No original, “exprimentado”.

de cá cuidado nem lembrança, mas é para dizer a meu Deus Senhor: “cá não é minha morada, que é isto que me detém, pois toda sou vossa. Eu não sinto que tenha algum amor ou lembrança ou vontade. Eu, Senhor, só o que ca tenho é a vós sacramentado, escondido nos acidentes de pão e vinho, fazendo derreter as almas puras que vos sabem hospedar. Oh, quem fora uma daqueles que vos sabem bem servir e amar, e preparar o palácio para o Rei da glória, não como vós mereceis, senão tudo quanto uma alma ajudada da vossa divina graça pode fazer por vosso divino amor!” Oh, amor, amor, que sou a mesma miséria! Que estou escrevendo [fl. 212v.] isto e a vontade a inclinar-se que diga eu como sou ingrata, que não amo nem sirvo a meu Deus e Senhor. Mas perdoai-me, Senhor, que tudo isto são delírios por me não saber dar a vós toda, e eu toda sou vossa! Como é logo isto? São misérias que nem em mim conheço no raio da vossa divina luz, e vejo que todo o dia faço por me ocupar em vos amar e servir e trabalhar como é oração, coro, estações, e orações, e mais devoções, e os vossos divinos favores. E, chegando à noite, sinto o corpo cansado e fatigado muitas vezes, e a vontade sempre faminta de mais e mais vos amar e servir, que é isto vendo-me sempre tão pobre de me empregar em vosso santo serviço. Oh, grandeza infinita, como é a criatura limitada!

Passei adiante porque sempre escrevo fora do caminho, mas é como o Senhor quer, que da minha parte é só o que Vossa Reverendíssima sabe que eu sou. Mas a respeito que a alma diz que o Senhor lhe fala como visivelmente, é porque a alma e toda eu tão elevada e absorta e uma luz divina tão viva e tão fora de mim que não há dúvida nem consideração que será ou não será, ou se pode ser ou não pode ser, senão toda derretida em amor. E, se fora possível, gritara e chamara que todas vissem e sentissem o que eu sinto com Deus, que me parece que se me dissessem nestas ocasiões que não era assim o que dizia, cuido que afirmaria com mil juramentos, porque não entra na alma outro sentir, por isso lhe parece que o corpo com olhos e toda eu estamos naquela divina participação. Isto me sucede muitas vezes no coro, como já tenho dito, perceber um trato tão suave e claro que parece que os mesmos ouvidos do [fl. 213] corpo ouvem, mas agora conheço que por estar tão absorta que não sei como gozo, nem como recebo, porque não cuido em nada. Só Vossa Reverendíssima é que sabe isto com clareza, mas não tomara que Vossa Reverendíssima entendera que em mim havia mais que misérias. E confesso minha culpa, que arde minha alma por se dar a Deus, mas não sei como isto é que, recebendo os seus divinos favores, me parece que os deseja esconder, não por

deixar de dar conta, mas por se ver indigna de ser tão favorecida. Inda não me explico bem como desejo, mas nesta humildade me faz ter um temor humilde que nem mereço, mas nem sei explicar-me, nem acerto a dizê-lo como a alma recebe. E muitas coisas se não podem explicar ou declarar como em si são, senão por termos não bem formados por ser uma galega. Ajusta-se com isto bastante trabalho, que eu com a boca no chão ofereço ao Senhor o trabalho que sinto de escrever por caderno. Que seja em desconto de meus pecados, mas todas as minhas queixas que formo a meu Senhor se me aumentam em ardentes desejos de obedecer em tudo que Vossa Reverendíssima me mandar, que as diligências escondidas não faltam, mas conheço se me não engano que é tentação pelos efeitos e turbação que se me põem diante como exteriormente. Que, muitas vezes, pego na pena por não faltar à santa obediência, mas tão esquecida de tudo [o] que a alma tem recebido que começo a escrever como cega, e em este capítulo me sucedeu, mas, depois de começar, o escrevi em poucos dias. Também me fazem guerra sem ser guerra interior, mas as criaturas, porque assim me acho para escrever, me dão tratos. Logo aparecem coisas precisas, mas tudo levo dissimu [fl. 213v.] lando[1591], e oferecendo a Deus esta conta deste capítulo. Cuido que Vossa Reverendíssima não entenderá porque tudo cá fica dentro da alma, e não terá Vossa Reverendíssima pouco que padecer, pois tem o martírio de me sofrer. D

Capítulo XLVI.

Passei os dias de retiro que Vossa Reverendíssima sabe tão inebriada e enardecida com os favores do céu que, quando acabei e era preciso falar com as criaturas, me lamentava com meus amores, dizendo-lhe: “Senhor, como hei de ir a falar a nada criado, que logo me há de faltar tempo para estar a sós convosco, e fazer os meus exercícios sem me deter em trabalhar tudo quanto eu podia?” Mas com estas querelas se aumentava mais a chama do amor divino e o Senhor, com muito agrado e alegria, me dava a entender: “filha, aqui me tens”, e eu toda sentia uma soledade interior e de todos os sentidos, que era um céu. Mas como fui a falar ao preciso, achei-me logo com enfermas e outras aflitas, por lhe faltar o preciso ou por ser vontade de Deus. Padeceram grande queixa de terem mais do preciso. Causou-me grande dor ver que uma esposa do Senhor se afligia por coisas do mundo que não são muito precisas, e um tormento na alma, sem me

[1591] No original, “dessimulando”.

inquietar, que não descansei até lhe não buscar o que ela queria. Nisto levei parte do dia, mas como a deitei mais aliviada, me fui deitar a boca no chão aos pés de meu amorosíssimo Esposo, chorando e pedindo-lhe muito que todas as suas esposas sentissem a liberdade e desapego que eu sentia das coisas deste desterro, porque não podia haver maior doença e martírio. Assim, estava a alma conhecendo [fl. 214] como o Senhor se desagradava de quem põe todo o cuidado nas coisas terrenas, e não é todo o cuidado como é tê-las com apego. E causou-me isto tão grande martírio que me parecia estar eu toda uma chaga viva. Tudo era humilhar-me, considerando-me que seria pior que todas. Aqui fazia mil renunciações de todo [o] visível. Já não abraçava mais que meu Senhor crucificado, nem favores nem regalos. Não sabia que fizesse. Fui-me para o coro. Estando na oração, pedindo e humilhando-me, senti que a alma voava a Deus. Como pode ser isto que digo? Mas senti que ela fora em distância de alto, onde nada chega, não a chamou o Senhor (mas como foi claramente não sei explicar). Estava como livre da carne, isto é no sentir, não estorvou o interior que voa como uma coisa finíssima. O que passou não o percebi, mas depois parecia-me que o Senhor lhe dava a entender que pedisse como quem dizia: "que queres? Que tudo se te dará!". A alma nestes atos não pede para si porque se não conhece, assim, pedia por todos, onde se empenhava[1592] mais com repetidos rogos. É pela paz e concórdia entre os príncipes cristãos, extirpação[1593] das heresias pelos que estavam em pecado mortal e por todos em sua ordem, como a igreja militante. E estava-me como tudo patente para que a alma pedisse o que quisesse, e mais coisas que eu não sei explicar como em si são. Depois, levantei-me com a comunidade para o refeitório, sentindo ao Senhor a alma incorporada com ele, ou o Senhor com ela. E vai por três dias que está a alma gozando de Deus, não por ratos, mas como de assistência, sem trabalho da alma, nem ânsias, nem suspiros. Sente uma paz e quietação dos sentidos, sempre em recolhimento [fl. 214v.] a alma com Deus nos atos de comunidade, e nas mais coisas precisas, sinto em mim grande simplicidade. Na oração entro com as costumadas petições, e protestações, e adorações, humilhações, mas logo se prendem todas as operações e discursos e só com a vontade livre para amar e voar a Deus. Não sei como a alma está com Deus porque, como já

[1592] No original, "empinhava".
[1593] No original, "extripação".

tenho dito por muitas vezes, me parece que a alma está incorporada com Deus, tão vivamente que não fica lugar ou modo com que me explique, senão dizendo que trata a alma com Deus como claramente, não sentindo mais que ao mesmo Deus. Este sentir é na alma vivíssimo, que está ela entendendo que o Senhor a trata com um amor e alegria como se no mundo, ou no céu, houvera outra alma. E vive ela ou como cega, ou enferma de amor, ou como inebriada, que não tem mais exercícios que humilhações. É uma profundíssima humildade que exercita sem mais discursos. Isto é também no exterior. É a vontade que tem com liberdade, que as mais ações são como por seguir a vida comum como é o coro aos mais atos de comunidade, e mais devoções como é o rosário. Não faltar a nada, mas só a oração é recolhida com Deus, porque o estar sentindo[1594] como publicamente, não dos olhos do corpo, mas da alma. Por isso, não apetece à alma andar por fora, só humilhando-se, digo, por fora como é em exercícios vocais, ao que ela não falta ao costumado, mas com liberdade, digo, mas com brevidade e nada me fadiga nem dá trabalho. Sinto umas forças que me parece que nunca as tive como agora. Já vai por dois dias [que] não há vontade para nada fora de Deus, o comer é só o muito preciso e todo o mais trato, não há liberdade para mirar a nada com atenção das coisas visíveis. [fl. 215] Em toda a parte estão os olhos do corpo como mortos, parecem que se não podem abrir bem porque a alma está toda em Deus. É andar como sempre em oração, a meu entender, e tudo isto que aqui digo é nada à vista do que passa a alma com Deus. Este é um estado em que o Senhor tem esta pobre alma de o ver dentro de si, e gozando sem trabalho. Nestes dias, inda não deram fim uma união altíssima, onde a alma vive não em si, mas toda em Deus, tão fina e despida que já acima deixou dito que ela não pedia para si, pondo-lhe o Senhor os seus divinos tesouros patentes à vontade da mesma alma. A razão é porque ela o que sempre buscou e busca é ao mesmo Senhor dos altos céus, e como se via não em si, senão só no mesmo Senhor achou toda a sua riqueza, e todo o seu bem. Não queria mais nada e, desde então para cá, é que a alma vive nesta íntima comunicação e íntimo abraço com seu divino Esposo, dando-lhe dos seus divinos vinhos a beber, e trata com um amor tão entranhável que não acho cá neste desterro com que se possa comparar. Não há da parte da alma mais que duas operações que o Senhor lhe deixou com liberdade, que é o conhecimento do seu nada para

[1594] No original, “sintindo”.

exercitar-se em profunda humildade. Tem alguns ratos de coisas excelentíssimas que passa a alma com Deus, que são como colóquios da alma e carícias que o Senhor diz à pobrezita alma: "isto é fora da parte", como por ratos, e torna a alma a ficar em Deus, que é um sentir-se desfazer-se o corpo todo do amor que recebe, e já não digo mais nada por se não poder dizer, que não há modos nem termos senão muito desiguais e grosseiros.

Vai indo por quinze dias que me não confesso [fl. 115v.] (bem o sabe Vossa Reverendíssima) e não posso atinar que me lembrem pecados e misérias, tudo está escondido nesta divina chama de amor de meu Deus. Assim, todas as noites antes de me recolher, leio uma folha ou duas, ou o que posso da doutrina cristã para nela descobrir as minhas misérias, e também para a saber, porque tudo me esquece, ou tudo está absorto naquele espelho divino. E quero dizer a Vossa Reverendíssima que se este estado fora por meses, ou anos, que desfaria a mesma natureza neste abrasadíssimo fogo que faz viver a criatura fora de si, vivendo só toda em Deus, e com um exercício quotidiano de se humilhar, que o mesmo corpo faz força para estar continuamente prostrado por terra no conhecimento do seu nada.

Veja Vossa Reverendíssima a minha miséria, que depois de ter escrito o que acima disse, caí enferma de saúde do corpo, que me parecia estar mais morta que viva, que nem deitada nem assentada, e de nenhum modo deixava de padecer grandíssimas dores. Ia-me para a oração e metia-me entre as servas de Deus, e deitava-me no chão enquanto a oração do convento durava. Estava ali eu deitada, oferecendo a oração de todas, ajuntando o muito que eu ali sentia de dores e com a oração de meu Senhor Jesus Cristo do Horto, oferecia tudo a seu Eterno Pai, em satisfação de meus grandes pecados. A alma vivia em Deus, mas tão escondidamente que não sentia mais que padecimentos porque as criaturas também me dão bem que merecer ou padecer, porque logo com a sua caridade ma fazem um prolongado martírio. Porque toda a sua ânsia é que faça eu remédios para a saúde do corpo, e me trate como doente, com regalo. E eu sei certamente que meu amorosíssimo Senhor me não dá liberdade [fl. 216] para isso. Declaro-me que me não diz que os não faça, nem dê regalo ao corpo, mas já por experiência vejo que nos seus divinos braços, como é na oração, cobro forças quando eu estou bem descuidada e fora de mim, digo, e fora disto que digo. E como eu sempre sinto uma força grandíssima para não admitir mais que o sustento preciso, que tudo

mais me parece que o Senhor me repreende, ou o anjo da minha guarda, que nem no leito posso ter coisas de comer que não esteja eu sempre temendo não se desagrade meu Amado. Só se é para dar por seu amor o que padeço com estas cousinhas, inda precisas. Era necessário muito tempo para dar essa conta. Declaro-me que a não dou por ter alguma dúvida se é também junto com a desnudez que meu Amado quer desta pobre alma e o desejo que ela teve sempre desde pequenina de pedir sempre ao Senhor que lhe não desse mais do preciso, e me desgostava, já sendo maior, vendo em casa muita riqueza, causava-me opressão e sempre fazia muito se podia escondido e dava aos pobres. E quando comia como gostava e eram coisas gostosas, estava sempre escutando se vinha o pobre para lhe ir levar a iguaria. Ele não vinha, escondia se eu podia para dar pelo amor de Deus, porque vivia tão simples que dizia para mim mesma já que me sabia bem que não o comesse, que o desse a meu amantíssimo Esposo. Ai de mim, o que tenho aqui dito, sendo eu a mesma miséria! Mas não posso deixar de dar conta a Vossa Reverendíssima se é isto em mim tentação não poder admitir regalos estando o corpo enfermo, mas o Senhor é todo amor porque nesta tribulação que me deu agora se me perdeu de todo o gosto de comer, que nada [fl. 216v.] me sabia, que era como se comesse cortiça. Perto de quinze dias, não senti gosto nem sabor em coisa alguma. A alma contentíssima, inda que a natureza não abraçava muitas vezes porque me dava em chorar e não sabia porquê, e o meu desafogo era chamar sempre pelo amor.

Nos remédios também é outro martírio porque desejo ter forças para trabalhar na vinha do Senhor. Não posso fazer diligências para que sare o corpo porque sinto arder dentro da alma uma grande ânsia de padecer por meu Deus, e nunca me lembra que pedisse ao Senhor que me desse saúde, e já estive um ano inteiro doente, mas não pedia saúde, antes enferma se me acende e aviva mais a dor e lembrança do muito que meu Senhor Jesus Cristo padeceu por mim. Discorrendo por todos os seus divinos mistérios da sua santíssima morte e Paixão, que sente a criatura desfazer-se em amor de seu Deus. E é impossível queixar-se, senão alegrar-se nas penalidades como nos favores. E sobre esta conta que estou dando, me deu um grande temor e, com alguma desconfiança de mim mesma, o temor se fundava se me salvaria, e se me descuidava diziam que era santa. Isto me acudia. O temor todo eram tentações. Não acertava a rezar, nem a tratar com meu Senhor, que sentia grande desabrimento e securas. Aqui, entrei em desconfiar de mim, mas durou-me pouco tempo porque me deitei aos divinos pés de meu Senhor

Jesus por dizendo-lhe muitos amores (inda que fro[u]xamente), mas com íntima dor, fazendo muitas protestações, entregando-lhe tudo [o] que é do mesmo Senhor, que é a alma, e vida, e coração, e vontade livre. [fl. 217] E lhe punha o coração e toda eu como uma pessoa que leva uma vasilha muito limpa, e a dá a outra para que deite nela o que quiser. Assim me sucede a mim quando me vejo rodeada de tentações ou representações de coisas visíveis. Ponho-me diante de meu Deus humildemente, com o coração como aberto e despejado de tudo, e a alma da mesma sorte, e suspirando por meus amores lhe digo: "Senhor e amor meu, eu nada posso, e nada quero. Nada é meu dentro desta alma e deste coração. Não há de assistir mais que vós. Eu me desnu[d]o de tudo visível, favores e regalos, nada quero, só a vós, meu Deus e meu Amado. Tomai já por uma vez de sorte que não entre cá, nem de fora ouça ruído de coisa alguma que não seja vosso, meu amantíssimo Esposo. Eu nada quero, mas só quero que tomeis isto que é vosso, que é a alma e toda eu".

Depois de ter dito isto como no íntimo da alma, se me acendeu um ardentíssimo amor que me desfazia. Logo me esqueciam as dores e o passado, mas como sou a mesma miséria me pus a duvidar do que sentia por haver pouco instante que estava metida no meu nada, que ao mesmo tempo senti dentro na alma como voz que me chamava, que me causou grande desnudez e, toda abrasada em amor de meu Deus, que me fui e não sei aonde, nem saiu o corpo donde estava. E não via a meu Amado, mas no chamar tão amoroso me parecia ser o Senhor que levava minha alma, e com força do amor desejei gritar e chamar por meus amores, mas [fl. 217v.] não o fiz que se ouvisse. E mais de três dias me senti como suspensa das orações exteriores, e quan[d]o recebia o amor sacramentado me suspendia de todo e me retirava para o tesouro. E, inda que eu quisera, não podia ficar dentro do coro. Mas, entrando a ele, não faltava porque já [a] experiência me tem mostrado que o Senhor me quer sarar no coro, porque saindo de alguma enfermidade vou convale[s]cer ao coro, que me parece que o Senhor me diz: "filha, aqui hás de cobrar forças". Não posso dizer quanto o Senhor me faz de carícias porque, se não é bem claro, temo não sejam pensamentos meus, que já em cima disse que sempre se me foi o coração e toda eu detrás de meu Deus e Senhor. O que em cima disse do retiro é onde me leva o Senhor depois de o receber. O mesmo é na oração, e padeci grandes delíquios de amor, sendo eu a que sou, não mais que a mesma miséria.

Capítulo XLVII.

Já no fim do capítulo passado disse o retiro e suspensão dos sentidos e de toda eu em que meu Senhor me punha na oração e depois de o receber, e como os seus divinos favores não são limitados, senão cada vez mais, e mais, grandes, que são uns favores como disposição[1595] para receber outros maiores. Por experiência o conheço. Declaro-me mais, que isto me tem Vossa Reverendíssima dito várias vezes, e eu assim o gozo dentro da alma, estando ela toda desocupada e desfeita de si mesma. Mas prosseguindo. O retiro onde o Senhor leva minha alma, que me tem durado por dias, sucedeu-me [na] véspera de Nosso Pai São Bernardo. E no seu dia e no outro seguinte deu-me o Senhor uma abundância de regalos e favores. Estando [fl. 218] no coro, que não sabia que fizesse, eu toda banhada em lágrimas de gozo que não sabia que o Senhor fazia à minha alma, que me sentia tão enardecida em amor seu, e se me representava uma grandeza e majestade, sem ver nada, mas sentia-me desfazer-me o coração e alma toda no gozo de uma grandeza infinita de deus. Não discorria nem sabia nada (como foi não sei explicar). Causou-me uma grande admiração e toda banhada em doçuras que não lhe sei por outro nome. Depois, me lembrava o que o Senhor faz com os seus santos, e toda me desfazia em lágrimas porque mais, e mais, se me descobria a grandeza de um Deus infinito, e se aumentava a união íntima e apertadíssima, sem saber que fizesse de mim. Com esta abundância de favores do céu (que sempre deixam admiráveis doutrinas e conhecimentos para a mesma alma), se aumentaram grandes forças na alma e no corpo. Na alma para vencer e não fazer caso das tentações, no corpo uma vontade forte para trabalhar na vinha do Senhor, que não posso estar entre criaturas sem me ocupar em algum exercício ou prostrações, ou orações, e uma ânsia grande que me dá a tempos de estar sempre chamando pelo amor para desafogo (isto é fora da oração). Assim, me determinei[1596] a tomar os três dias de retiro, mas como me era preciso dizê-lo, me deram tratos porque eu, com estas clamas, me encerrava no leito e, sem me inquietar, respondi que agora era o melhor tempo de trabalhar na vinha do Senhor, pois era mais penoso. É verdade que Santa Teresa diz que no verão mal se pode ser cristão, mas em tudo eu sou o avesso das servas de Deus, porque nunca reparo em tempos, senão naqueles em que me não vejo unida e [fl. 218v.] transformada em meu Deus e Senhor.

[1595] No original, “desposição”.
[1596] No original, “detreminei”.

Assim, não posso abraçar a caridade das criaturas quando, por eu não perder a saúde do corpo, me querem estorvar para não trabalhar na vinha do Senhor. Isto é não o mandando a santa obediência, que aí está toda a minha alegria. Mas, por não me estarem a gritar mais, assentei que na véspera de entrar no retiro não havia de ir à completa. Tomei a cogula e a pus no tesouro para a vestir depois para o refeitório, mas como se deteve entrar-se à completa, e eu ali estava e me fui vestir, sem estar, suponho, em mim, e me fui para o coro, e, ao depois, entrando ao Hino, me lembrou o que tinha dito, e não me alegrei. Antes, me parece que o sentia que tal é a minha miséria, mas logo entrei em mim e pedi perdão a meu Esposo e Senhor. Ele, que é todo [o] amor, me tinha como nos seus braços, abraçando a pobre alma e fazendo-lhe mil carícias como quem lhe dizia: "não me fujas, que toda és minha". Oh, Senhor, havei misericórdia de mim! Eu toda cheia de lágrimas de amor e da minha ingratidão! Depois, lhe disse: "Oh, meu Amado, não permitais que ninguém conheça de mim senão pela mais ingrata criatura que vós criaste em todo o mundo. Tende misericórdia de mim! Desfazei, Amado meu, toda esta alma e coração em amor vosso, pois vos não sei amar, nem servir. Ai, amor de minha alma, que farei para que vos muito, muito? Morra já de amor vosso, meu querido Esposo", e outros amores mais subtis que a alma fundamente escondida diz [a]o Senhor. E tão embebida estava que tomara não dera fim a oração do convento, que ela acabada vamos ao refeitório. E, desde então para cá, sem [fl. 219] pre a oração do convento me parece pequena e não sei que faz a alma com seu Amado.

No outro dia, fui receber o amor sacramentado e, antes de o receber, estava sentindo a natureza fatigada do trabalho do corpo, que tinha sido o coro grande, e disse: "logo hás de sarar com o amor sacramentado". E, deixando-me levar em algumas considerações de termos tão grande riqueza neste desterro, que é impossível, se me não engano, que se possa amar, ou desejar outra riqueza fora do amor sacramentado, porque nele se acha tudo em abundância e riquezas no interior e exterior. Inda que lhe falte o preciso, anda tão contente e satisfeita que não sofre cuidar em nada criado. Eu digo isto de mim, pois sou a pior de todas. Veja Vossa Reverendíssima o que será as que o sabem amar e receber sacramentado, quando eu, sendo a mesma me miséria, me põe o Senhor em tal desnudez de todo [o] visível , que quando o recebo, se o Senhor dá lugar, me parece que a alma convida aos anjos e santos para que com ela se ponham a louvar o amor sacramentado, fazendo-se dentro da alma um céu. Isto sendo eu a que sou e, às vezes,

não faltam misérias. Mas, como já disse, fui-me a recebê-lo e vi muitas[1597] melhores que eu. Ali estavam, mas não comungaram. Oh, Senhor, o que senti não sei dizer! Oh, amor, não permitais que as vossas esposas deixem de vos receber! Dai, Senhor, uma luz aos vossos ministros para que acertem em governar as almas das vossas esposas. Era um amor que sinto na alma e desejo que todas o recebam, e que todas sintam o que eu sinto de favores do céu, que me desfaço em ânsias de que todas gozem o que eu gozo, [fl. 219v.] que não sei como isto é, que deseja a alma que todas me conheçam por mais ingrata. E, assim, me sucedeu um destes dias que, estando com outras criaturas, uma me dava um abano que me abanasse para mor da clama. Eu como não posso dar nenhum regalo ao corpo, nem nunca me abano para mor de meu Amado, porque nada criado me abraça a vontade fora do muito preciso, não porque às vezes não seja necessário, mas quem deixa o muito no mundo certamente é temeridade usar de ninharias[1598] que não poderão agradar aos olhos de nosso divino Esposo. Oh, amor, fora de vós nada! Antes morrer que desagradar-vos!

Já disse que não aceitara o abano, mas supus que elas cuidariam que em mim seria virtude, pelo [o] que entendi nelas. Assim, estando depois no coro, me deu uma ânsia grande em cuidar que elas cuidariam bem de mim e disse: "Oh, amor, amor, não permitais que ninguém conheça em mim senão que sou a mesma miséria!". E o Senhor estava com minha alma como quem se está alegrando de ver alguma coisa boa (não fora de Deus). Eu não posso dizer como o conheço, por isso me não alargo mais. Só digo que é como um Deus enamorado de uma alma, que a traz sempre consigo, guardando-a. Oh, meu Deus, que farei por vos amar, que estando eu sempre convosco sempre me falta tempo e não o gasto em coisa criada fora do muito preciso? Mas hoje nada fiz de mãos, só depois de jantar descansei mais de hora (não no interior, que esse sempre está ocupado com seu Senhor). pois sois vós, meu Amado. Mas o mais tempo com o coro, e oração, e rosário, e os mais exercícios. [fl. 220] Levantei-me e, depois das três, fui-me para completas, e nada fiz, que nem lição tive mais que duas folhas do libro porque me falta o dia, e hoje não faltei a nada criado. O certo é que quem vos deseja amar que tem bem que fazer porque vós, meus amores, ocupais a alma de tal sorte que ela não cuida

[1597] No original, "muntas".
[1598] No original, "nenharias".

mais que em vós. Oh, Senhor, perdoai-me que estou para gritar do fogo de amor que sinto por vós, que tudo sois amor. Assim, trazeis a alma louca de amor. Mas, meu Jesus, sempre me assim sinta para que não sinta mais que a vós.

Passei os três dias de retiro com meu doce amor, e com os seus costumados favores e regalos. Também me não faltaram tentações, mas de longe, ou são dobrados favores de Deus que agora me pôs uma fortaleza para não me deter, que já disse no capítulo passado parte dos trabalhos que passei, que os não digo todos por não dar fim ao capítulo. Mas passada essa luta, me não deixa o Senhor deter, que parece me anda como guardando e chamando, sem ser fala, senão é levantar a alma a este estado onde ninguém ou nada pode chegar. Mas indo referindo parte destes três dias, por não dar fim com isso ao capítulo, os gastei a sós com meu Senhor, trabalhando com ele sem cessar. Ia-me a correr às cruzes como Vossa Reverendíssima me tem ordenado, e a cada estação lendo o ponto se me parecia que se me abria o coração para nele esconder a meu Senhor, que não padecera aqueles tormentos. O que sentia em mim não tem explicação de amores e carícias. Oh, Senhor, parecia-me que andávamos ambos, meu doce amor da minha alma, que são tantas as coisas que nada digo!

Depois de acabadas, me prostrava por terra e pedia perdão de não ter dado aqueles passos, com a dor, e atenção, e lágrimas, [fl. 220v.] e fervor e mais coisas, e com tudo isto o que sentia era mais unida a alma com o Senhor, que parecem dois amigos mão por mão. Senhor, eu não me sei explicar, mas digo que gastei todo o tempo convosco e nada fiz. Recebo e não pago. Ó Senhor, se me tirares este coração que é vosso se ficara esta alma satisfeita, que por mais que vos ame sem vos saber amar, nunca se satisfaz esta sede de me dar mais, e mais. Se padeço, passado ele, fico com ânsia de mais, e mais padecer por vosso amor. Se acordo de noite, logo a alma e coração acha amores prontos e tudo é dizer: “Deus da minha alma, eu vos dou meu coração! Refúgio meu, assisti-me! Oh, vida da minha alma, que tal fico quando de vós me aparto? Que tudo fico sem vida, sem amor, e outras coisas, que a alma enamorada de um Deus infinito não dorme, inda que o corpo descanse por ser preciso. Ela se prende com seu divino Esposo, inda que se veja cheia de misérias.

Outro dia, depois de ter recebido ou padecido bastantes enfermidades e dores, que não pude escrever, que nem a mão tem força para andar com a pena, e era de sorte o padecimento que de nenhum modo me podia pôr em oração, que não davam lugar os

tormentos e dores. Mas o amor era de sorte que sentia a alma unida e transformada toda a meu Amado, sem discurso, nem entender mais que desfazer-me toda em amor de meu Deus. Os olhos do corpo se fichavam sem querer a[o] retiro interior grandíssimo, inda entre criaturas. Nada me impede. Está elevada em união. Por ratos, se acendia na alma grandes amores que parecia [que] voava a porto mais seguro, e reti [fl. 221] rado, onde nada criado chega. As delícias e regalos eram e são sem conto. Quando des[c]e, trona a subir com amor dobrado, porque lhe parece que o Senhor a mira com um amor alegríssimo e que lhe diz: "toda és minha, amada minha, pomba minha" e outras carícias ferventíssimas. Que nisto lhe dá a conhecer como há de estar despida e desapegada de tudo o criado, que sem isso não se chega a este estado, sem se deixar primeiro com toda a vontade, tudo visível e todo [o] querer e não querer mais posta nas divinas mãos do seu divino Esposo, não para que ele a regale, nem o buscar por regalos, que até dos mesmos favores se despe a alma de os querer, porque tudo já tem deixado, e [a] tudo renuncia. Só puramente busca fazer a vontade de seu divino Esposo, e já não tem vontade livre que não seja toda de seu Amado. E se o Senhor a põe crucificada nas suas santíssimas dores que por nós padeceu, e nelas se alegra por ser vontade sua, se a leva por regalos, neles se humilha, desejando desfazer-se no seu nada. E nada merece, por isso não me posso muito. Se não fosse a santa obediência nada dissera de favores e regalos sem primeiro dizer quanto é necessário a uma criatura de se desfazer de si mesma em todo o sentido para chegar a possuir o íntimo abraço de Deus e a sua íntima comunicação. E tudo [o] que digo de regalos porá dúvida por serem coisas só da alma com Deus. O mesmo Senhor dê luz a Vossa Reverendíssima para que conheça bem que sou a mesma miséria. Já me assaltam os temores porque todo o meu desejo é obedecer e, como Vossa Reverendíssima me manda que ponha aqui tudo, não quero des [fl. 221v.] obedecer aos preceitos[1599] da santa obediência. O Senhor seja connosco para sempre.

Capítulo XLIII.

Já no capítulo passado disse a grande ânsia que sentia de que todas recebessem o amor sacramentado, e tem ido tanto em aumento que estava no coro, depois de ter recebido o Senhor, e eram as delícias e regalos que sentia que me parece [que] me faltavam os sentidos ou operações. Não o digo por certo, mas por ratos sentia grandes elevações e

[1599] No original, "perceitos".

tudo era um céu. Eu, tornando em mim, quisera que todas sentissem o mesmo que sinto e gozo [com] meu amor. Como elas todas são melhores que eu, receberão dobrados favores que o nosso amantíssimo Esposo é riquíssimo[1600]. Meu Amado, por isso são grandes as ânsias que padeço para que todas o recebam sacramentado e, como eu não sei explicar o que sentia, direi só o que a alma disse: "amor da minha alma e de toda a minha vida, e digo alma porque não sei quem é que fala, se é a alma se a língua. E eu que sou a pior de todas vos recebo todos os dias enquanto a santa obediência o manda, e não me aquieto senão pedindo que todas vos recebam, pois, Amado, bem feito fora que me tiraram as comunhões, pois me não conformo com a bossa divina vontade. Mas eu não a tenho, pois sempre é e foi vossa. Perdoai-me por quem sois, pois sabeis a minha tenção, meu amor, que tomara que todas fôramos puras para vos receber! Ai de mim que sou a mesma miséria!" Aqui, meti no meu nada e, entrando ao caro, se me dava a entender como o Senhor me mirava. Ai, Amado, que digo a verdade! Não sei [o] que sinto com a força [fl. 223][1601] de vosso divino amor. Não é chamada a alma com falas, mas ela entende que o Senhor, com alegria, lhe diz: "vamos, que toda és minha". O que se passa não sei explicar com palavras, só o que senti exteriormente foi ficar como morta, não para as cerimónias do coro porque as faço com trabalho, os olhos fixos no chão sem mover sentido algum, gozando toda eu de uma abundância de favores e regalos que depois por todo o dia está a alma gozando. E como neste dia não ia jantar ao refeitório com a comunidade, por Vossa Reverendíssima assim mo ter ordenado, que. Muito pode a santa obediência, que só ela me tirará essa consolação, mas não quero senão obedecer em tudo, e de caminho digo a Vossa Reverendíssima que o Senhor me quer com força para que eu siga este ato, porque nele me trata o Senhor com tantas carícias e regalos como na oração. E não digo isto por obrigar a Vossa Reverendíssima que não empeça dia algum de seguir este ato, mas digo parte do que sinto. E não permita Deus que eu o sirva pelos regalos e favores, senão que o ame e sirva por ser quem é. Oh, Senhor, salvai-me! Tende misericórdia de mim porque os santos são da nossa mesma natureza. Os que se condenam que vão ao inferno também são da nossa

[1600] No original, "requíssimo".
[1601] Erro de numeração, passagem do fólio 221 para o 223.

natureza. Oh, Senhor, quem não tremerá? Oh, amor, fazei-me dos vossos escolhidos! Tende misericórdia de mim, que recebo e não pago!

Passei adiante do que ia dizendo que, ficando no coro enquanto ia a comunidade ao refeitório, me prostrei por terra, oferecendo ao Senhor os seus divinos favores e pedindo-lhe perdão (como sempre faço) de o não ter servido como ele quer das suas criaturas. Se me aumentavam os voos e ânsias de mais e mais amá-lo, que toda me sentia [fl. 223v.] desfazer em amor seu. Oh, senhor, quando vos amarei muito, muito? Não estava na minha mão poder reprimir-me dos desejos [de] me levar toda do amor que me roubava e tirava dos meus sentidos. Como foi preciso ir dar ao corpo o preciso, se me dez grande violência falar a nada criado. Assim, pedi a meu Senhor [que] me desse licença e não permitisse que eu falasse nem desse atenção fora do muito preciso, como era falar com uma enferma. E, assim, o fiz neste dia, que não falei a anda fora do muito preciso, porque os abraços íntimos que a alma sentia com o Senhor em todo o dia, que são naquelas horas fora da oração, que não dão lugar a nada criado. Assim passei desde o jantar até vésperas, que é o tempo que às vezes gasto com as criaturas, havendo necessidade de assistência. Em este tempo me ocupo em serviço de mãos e lição espiritual[1602]. Neste dia, não podia trabalhar de mãos porque estava tão ocupada com Deus que se empregavam todo o exterior e interior, e é certo que se não pode servir a dois Senhores. Isto é estando a alma bem unida e transformada em Deus. Oh, amor da minha alma, que tudo me faz e desfaz porque me desfaço de todo [o] visível, e se miro alguma coisa em tudo sinto tremuras, porque em tudo vos estou louvando e vejo as vossas grandezas e misericórdias. Oh, Senhor, que sou a mesma miséria, que é só o que tenho de meu, que não são os tempos todos uns suaves, mais atrabalhada ou tentada, outras vezes toda cheia e abrasada em amor de meu Deus.

Já tenho dito, por vezes, que não dou conta de tudo por não dar fim ao capítulo, por isso não faço tanto das tentações, mas basta-me dizer que sou a mesma mi [fl. 224] séria. Elas também, inda que o Senhor permite que sejam grandes e muitas e, por vezes, em um abrir ou fechar de olhos, se acha a criatura em um mar de delícias e favores do céu. Isto que aqui tenho apontado acima que o Senhor levou minha alma sem ser fala, já vai por três dias que inda a alma está gozando daquela mesma união. Mas por partes

[1602] No original, “espiritual”.

porque tenho ratos diferentes. E ficou-me uma força grande para fugir a todo o trato, inda das servas de Deus, só a sós e retiro está a alma satisfeita. Dias e anos se podem passar sem faltar a nada criado, mas não haveria que padecer. Meu amor, que não sinto mais que um trato tão familiar convosco que no retiro é glória. Não se faça a minha vontade, senão a vossa.

Neste tempo me assaltaram pensamentos de ser santa, que me dão bem trabalho pois conheço que sou grande pecadora. Mas, com o favor de Deus e com os atos contrários, os fui vencendo ajudada da divina misericórdia.

Indo para a igreja senti dentro da alma grande força que me leva a grande retiro, que é como a alma sair do corpo sem lembrança de nada. Eu, como me sentia muito suavemente com meu doce Amado, não entendi nada o que seria, mas só o cuidar que alguém me falaria ou deteria desnecessariamente me dava trabalho sem me inquietar. Eu não fazia força a nada do que sentia. Depois, estando no coro à missa do dia, me deram a entender que onde o Senhor fazia força à alma que se retirasse, e era a fugir a fortes tentações. Não me sei explicar porque sem vontade de Deus nada se move, mas, como se me iam entrando maté [fl. 224v.] [r]ias feias, me armei com os costumados exercícios de renunciar e não admitir coisa alguma. E com todo o cuidado me empreguei toda interiormente.

Nesta tarde não tive nada que me detivesse. A alma esteve sempre com seu Deus. Bem-dito seja ele, que nada digo.

À noite, indo para completa, senti grandes carícias e amores de meu Deus, com uns íntimos abraços da alma com seu Senhor. Por ratos me suspendia os sentidos estando já na oração com grandes forças exteriores e interiormente senti grande força na alma que a levavam a alto retiro. Ela, como já tem por hábito viver retirada de todo visível, fica suspensa que lhe parece novidade. Neste ponto, viu uma escada[1603] com degraus (e não trabalhosa), mas a alma estava só ao pé dela. Não olhou para a altura dela e entendi que seria como da porta da metade acima onde estava o Senhor que ali está, e ali era mesmo onde havia. A alma não quis dar atenção por me parecer visão e, não querendo

[1603] Poderá ser uma alusão à escada que Jacob viu em sonhos, tratando-se da via para Deus de onde anjos desciam e subiam, abençoando-o. Cfr. Génesis 28: 11-19.

fazer caso, senti que me diziam, sem ser fala, que “ali em cima está o Senhor que te chama”. Mas a alma se recolheu, não dando atenção que estaria o Senhor. Respondeu que o Senhor estava dentro dela, e não entendi mais nada.

Ia-se-me aumentando grande desnudez de todo o sentido como é de todo visível e dos favores e regalos do céu. Tudo me parece que a alma recusava. Passei toda a noite como se diz, meus olhos dormem e meu coração vela. Não foi muito o sono porque em todo o tempo me parecia estar a alma ocupada com seu divino Esposo (o que passou de noite até o outro dia não tem explicação). [fl. 225] Amado meu que tudo é vosso!

Depois de acabado o coro, no outro dia de manhã, indo a receber o amor sacramentado, tornei a sentir que me levavam a maior retiro. Eu, sem atender que seria, que a alma se esconde como dentro do mesmo Senhor, por não dar atenção a nada senão só unir-se mais e mais com seu Deus. Depois de o receber, me fui para trás do coro, e aumentaram-se-me os favores de sorte que só língua de anjo os poderia explicar. Mas direi o que puder, e o que me lembrar, que por ser muito o que recebe esta pobre alma passa muitas coisas e são poucas as folhas de papel para dizer tudo.

Senti a alma em tão grande alegria que estava como vendo que o Senhor vinha, e ela chamando ou convidando os nove coros de anjos e toda a corte do céu para com ela louvarem ao Senhor que a li estava. A compostura do exterior em que eu estava eram as mãos levantadas, que sem força se puseram e em todo mais sentira era um corpo morto. A alma convidou a cidade santa, mas não sei o que passou mais que entender que minha Mãe e Senhora estava com o Senhor. Fizeram-se uns desposórios ou profissão, que não sei eu bem explicar, ou uma morte mística de todo o interior e exterior. Parecia-me que a alma punha as mãos nas de Nossa Senhora como faz uma professa nas mãos da prelada, dizendo os votos da sua profissão. Já se não faz assim neste santo convento (mas eu quando professei inda foi nas mãos da prelada), mas era a ternura e coisas que sentia minha alma como trato e familiar que sentia com a Mão de Deus, e com o mesmo Senhor que se não fora o coro e os atos da comunidade, dias e dias fi [fl. 225v.] ficáramos ali. Tudo [o] que passei nesta ocasião ou entendia era morrer já para sempre, como está um corpo defunto, e não por aquele dia senão já para sempre. O mais não há termos para se explicar.

Entrou-se ao coro. Ali foram os regalos e favores sem medida, o tempo que podia ser. Se me punham as mãos levantadas, sentia-me tão morta no exterior e no sentir que me

parecia que era necessário bulirem comigo. Por ratos me parecia que as doçuras e regalos do céu se desfazia o corpo, o comer pouco pela fartura e abundância da alma. Vai já por quatro dias, ou mais, que me acho neste estado. Umas vezes mais ou menos, que algumas tentações me tem combatido, mas não tem detença, que estão as operações e sentidos mortos. Muitas coisas dissera, mas acaba-se o capítulo. E para conservar o estado ajuda-me muito o não ouvir bem como Vossa Reverendíssima, porque já disse que o Senhor e a Mãe de Deus me querem morta para sempre. Já não tenho olhos para mirar nada porque os mesmo favores e regalos tem a alma renunciado tudo. Oh, Senhor, que não sei como não acabo já este desterro à força de amor vosso, que é grande a obrigação em que me acho de ser vigilantíssima em todo o sentir!

No outro dia, que era sexta-feira, tinha morrido um homem. Eu como tenho de costume trabalhar separadamente tudo de quanto faço, dia ou dias, conforme a necessidade que conheço que tem aquelas almas porque se me aumenta grandes saudades quando vejo que a alma fora já do cárcere do corpo para que vá ver aquele Deus infinito cara à cara. Padeço grandes delíquios de amor naquela lembrança de [fl. 226] ver a Deus como em si é. Não me detenho que se acaba o capítulo. Fui correr as cruzes da Via-Sacra por esta alma. Passei muito nestes passos. Só digo que o Senhor anda com minha alma nestes santos passos. Tomei a disciplina[1604] do convento. Estando nela, me desejava despedaçar, ver que me açoutava por minha Mãe e meu Amado por seis algozes. Nisto, sentia tão grandes doçuras que a boca e língua as sentiam grandíssimas. Senhor, é possível que seja isto que sinto vosso, se a vós vos deram a beber fel com vinagre, e, pois, se eu sou vossa esposa não vos hei de imitar? Oh, quem me dera língua capaz para dizer e dar conta do que aqui passei! Tudo seja para honra e glória de Deus, que tenha misericórdia de mim!

Capítulo XLIX.

Minha alma vive em Deus, mas, às vezes, sinto grandes dúvidas que é quando a alma desce. Mas não duram muito porque a força de amor desterra a sombra das tenibresas. Outro dia, fui-me correr as cruzes da Via-Sacra, e antes tinha sido bem atormentada de feias tentações. Sem me inquietar, as fui vencendo, e começando as cruzes me

[1604] No original, “deciplina”.

começaram os regalos da alma. Ela, nestes passos, os não abraça, que só tomara desfazer-se em lágrimas e dor de pecados, assim dos seus como os de todo o mundo, pois foram a causa de seu Amado padecer. Assim, andei como Vossa Reverendíssima me diz que seja esposa chagada, mas os regalos não os posso impedir.

No fim das cruzes, rezei três Ave-Marias à Senhora e sua ladainha e, quando lhe quis fazer oferta, reparei se depois de lha oferecer aplicaria por alguma necessidade. No mesmo tempo senti que a Senhora [fl. 226v.] me dizia com grande compaixão de mim e ternura: "dá cá, filha, que as quero" ou "são de meu agrado", ou coisa semelhante[1605] entendi. Eu fiquei como suspensa, não a via, e sentia aquilo como cá fala uma pessoa com outra. E me deu a entender como se compadecia de meus padecimentos, e era o amor que me mostrava e me atraía toda a si. Eu toda me desfazia em lágrimas de amor e de saudades, porque nunca fica a alma satisfeita, e digo que a Senhora não me pedia as minhas limitadas orações por não querer que as aplicasse pelas necessidades dos próximos, pois é Mãe de pecadores, mas era para me fazer favores, que toda me sinto desfazer em ternuras e amores da Mãe de Deus. E como já disse a Vossa Reverendíssima que se tenho tempo que tomo cinco horas de oração, e tudo é pouco, que nunca minha alma se satisfaz de estar mais e mais a sós com meu Amado, mas nesta tarde me faltava inda alguma, e eu me queria deixar ficar depois das cruzes com meu Amado, mas [tive] de ir visitar uma enferma e fazer-lhe uns recadinhos para a consolar. E eu estava toda cheia de ternura de minha Senhora e um trato muito íntimo de meu Senhor, e eu lhe disse: "meu Amado, de boa vontade ficara aqui convosco só, mas vamos ambos à enferma", e me fui. Mas sentia uma voz ou força que me não detive com ela, senão enquanto foi necessário consolá-la, porque depois que fiz o que já disse a Vossa Reverendíssima, que minha Senhora me fez fazer nas divinas mãos, que foi como a alma entrar em outra nova religião (que disso já dei conta no capítulo passado), que não posso admitir coisa criada. E vem a ser que fiquei tão morta em todo o senti [fl. 227] do que nem as amigas de passage[m] ia ver quando estavam doentes. Já não me dá o interior lugar, que é tal a força e liberdade que sinto interiormente que todo o visível e criado se desterrou. Muito tinha que dizer neste sentir, mas por não dar fim ao capítulo só com uma coisa é que passo adiante.

[1605] No original, "semilhante".

Também me ocorrem bastantes dúvidas pela grande desnudez que sinto de criaturas e de todo visível, que me parece será falta de caridade. Mas eu a sinto grande para com o próximo. Como muitas vezes não me entendo com o que elas falam, que não diz com o trato que eu sinto interiormente, por isso só o que não pode deixar de ser, que só com Vossa Reverendíssima me não dá trabalho ouvi-lo falar, pois me diz o que eu sinto interiormente, sem que eu lho diga, nem posso dizer nada do que passa dentro da alma. Uma serva de Deus me disse que se eu me não aproveitava da doutrina de Vossa Reverendíssima que muita conta teria que dar a Deus. Veja Vossa Reverendíssima que sentiria eu com isto. Eu lhe respondi que seria grande a minha conta se Deus não tivesse misericórdia. Ter um diretor tão santo e eu tão miserável, que se meu Amado me não tivera sempre tão atraída a si já estaria confundida no conhecimento das minhas ingratidões (mas como uma fé viva em Deus). Vamos adiante. Gemendo e chorando, suspirando e trabalhando, que Deus é fiel Esposo, quem vos soubera amar muito, muito?

Em outro dia me vi tão louca de amores de meu Amado que estava na oração e não sabia que fazia, porque o Senhor me estava como visivelmente, sem ser visto. Mas o amor me fazia parecer que era assim. E passados alguns ratos, me deu uma grande ânsia na alma que não podia satisfazer, só abraçando-me estreitíssimamente com o Amado. Mas não pedia, senão deixando-se morrer de amores. As lágrimas são sem conto, não [fl. 227v.] achava satisfação, que só o remédio era sair deste desterro. Clamei muitas vezes dizendo: “morra, morra já de amor vosso!”. O que passei nestes dias foi muito. O Senhor tenha misericórdia de mim.

Depois, estando no coro para entrar à completa, me encostei para a cadeira a chorar por quem tinha dentro da alma, que o sentia. Neste tempo, senti que minha Senhora me encostava a alma no seu divino regaço, que era como nos seus divinos joelhos, e pondo-me as suas divinas mãos como sobre o rosto. Mais senti e ficou a alma que não sei como o diga. Não me creia Vossa Reverendíssima, que eu tremo de o dizer, inda que é só para a provação que não haja engano. E três dias senti a assistência de minha Senhora vivamente nas inflamações do amor que representam estas coisas que, sendo eu a que sou, não podia ser. Mas nestes três dias, no primeiro foi nas cruzes que já deixo dito. No segundo dia, vindo do leito para o coro como fugindo de criaturas que me não detivessem, que sentia um trato íntimo com meu Senhor, senti a minha Senhora sem

me falar senão como que vindo duas pessoas tratando e falando ambas sós, se entremete outra. Eu não me sei explicar porque estas coisas quando me sucedem não são esperadas e assim desaparecem. Deixam-me feita uma chaga de amor vivo. Não há remédios que se possam aplicar. Só sair deste desterro.

No terceiro dia, o que já disse que foi no coro que a alma ali descansou, e em parte satisfeita nos divinos braços de seu Amado, que se eu me soubera explicar seria[m] necessários muitos capítulos. Mas o que a alma passa com Deus, língua humana não o sabe dizer. Bem-dito sejais, Senhor, para sempre, que me sofreis!

Há dias que não faço mais que padecer e é doce e suave, mas como a alma deseja trabalhar por seu [fl. 228] divino Esposo, logo me parece que sou a mesma miséria (que é só o que tenho de meu). Mas como não posso mais que padecer dores e debilidades que nem em pé nem assentada posso estar, senão a ratos sem ser meia hora, que as dores não dão lugar, neste tempo tudo é suspirar por meu Deus.

Fui-me a receber meu Amado e, depois de passar algum tempo, me pus a duvidar que o não amava. E estando nesta contenda, desfazendo-me em lágrimas, se me pôs diante São Pedro, perguntando-lhe o Senhor se o amava ele. O santo que lhe respondia: “tu sabes, Senhor, que te amo”. Eu foi alegria que senti e satisfeita que o Senhor sabia todas as coisas como se eu o nunca soubera que o Senhor sabia todas as coisas. Me fui e já me sentia com mais alentos, e forças, e paz, e serenidade, que não estava o amor forte que descansou a alma no mesmo amor. Depois, tornou-se-me [a] acender grande ânsia de amor, mais e mais e, como não podia satisfazer, me encostei para a cadeira do coro para chorar, porque neste dia tive ratos de o Senhor se mostrar (digo-o assim por não saber dizer de outra sorte), que é um amor tão vivo e tão substancial e claro que me faz como louca. E tão simples que não há discurso nem entendimento para discorrer nada mais que a alma levada toda do que sente, que é como visivelmente sem ver com os olhos do corpo, que só o sentir a faz sair de si. Não pode cabalmente satisfazer e deseja ter a quem pregunte: “vistes a meu Amado? Sentistes o que eu sinto?” e que me dissessem que sim, que viram e gozaram. Parece-me que descansaria porque depois sempre há temores, inda que duram e mais dúvidas por ser este trato como visível. Mas, estando duvi [fl. 228v.] dando se seria eu toda de meu Senhor, com muitas lágrimas de amor ardentíssimo mirava e não achava neste desterro coisa que me devesse cuidado. Tosa me sentia desapegada, com a vontade toda livre para Deus, mas desconfiava de mim.

Estando nisto, senti dentro da alma que o Senhor me dizia: “tu sempre foste minha”, e pôs-se como cá fazem algumas pessoas muito amigas que falam das amizades passadas. Assim fez meu amor, que me lembrou, sendo eu pequena, sonhar, que de outra sorte não o posso dizer ao certo, senão que foi sonho, que tinha minha mãe um oratório onde estava uma Senhora com um menino nos braços, que me levava este menino todo o amor. Mas sonhei que o Senhor me chamava e o menino me deitava os seus divinos bracinhos, mostrando-me que se queria desposar comigo, porque desde então o fiquei sempre chamando Esposo de minha alma. E causou-me uma tal alegria e gozo que muitos dias me durou e nunca me esqueceu o que então passou a alma e eu toda. Todas estas coisas que tinha passado me renovou meu Senhor, e mas pôs escritas dentro da alma, porque tão viva lembrança senti que gastei toda a manhã até tocarem ao coro. E como o Senhor era o que falava com minha alma, ela sentiu o trabalho para entrar ao coro por lhe parecer que o Senhor se iria[1606] daquele trato em que estavam ambos. Entrei ao coro tão fora de mim que toda estava em Deus, e desde então para cá, vai já por três dias, me sinto toda atraída a meu Senhor. Todo o tempo é como estar em oração e, estando nela, se vai a alma toda a Deus, gozando sem ex [fl. 229] plicação. A postura de estar é estar a alma e corpo com grande humildade. As mãos levantadas, assim da alma como do corpo. Sente uma grande majestade e grandeza de Deus, sem discurso que não sei como é. Sei que é um céu, sem lembrança de coisa visível e, Senhora de todos os bens da glória, sente que o Senhor a mire com alegria. A alma se inclinava a pedir ao Senhor que a deixasse sempre ali, porque o Senhor lhe dava a entender que se queria ali ficar (não me creia Vossa Reverendíssima porque serão pensamentos meus), e tremo de dizer estas coisas porque sou a mesma miséria. Mas os grandes desejos que tenho de padecer não deram lugar porque ali não há que padecer, senão que gozar, e inda que o sentido de viver naquela habitação é só por não sentir mais que a Deus, e segura dos assaltos das coisas visíveis que atormentam a alma, que de todo está desapegada, com toda a vontade livre só para Deus. Por duas vezes, me tem sucedido este nada que aqui dou a entender que a alma gozou destes ratos e não me lembra como foi senão que a alma estava resignada na vontade de Deus, e via que o Senhor lhe dava o que ela quisesse, que já acima disse. Mas ela se abraçava a não deixar de padecer

[1606] No original, “heria”.

por seu Amado. Os efeitos são muitos e cada vez são mais, que esta alma, inda caminhando por este jardim de flores, a postura do corpo é como se estivera morta. Os olhos sem trabalho se pregaram no chão porque a tenção e sentidos estão todos em Deus. O sustento do corpo nestes três dias pouco basta, porque me sinto tão satisfeita que não sinto falta em nada, as forças grandes, porque nestes dias padecia tão grandes dores e debilidades[1607] que nem deitada podia estar. Tudo desapareceu no trato que [fl. 229v.] acima deixo dito, que o Senhor me disse que eu fora sempre sua. E foi tal a força que senti com este dizer de meu Amado que inda choro de gozo e de amor, que ao mesmo tempo me não senti mais que Deus e tudo o mais desapareceu. Começou logo a faltar-me tempo porque os dias se vão depressa, e as noites muito mais. E quando acordo, me acho com colóquios com meu Amado. As horas da oração parecem-me minutos, principalmente as de comunidade, mas desafogo com meu Senhor em lhe dizer que as noites e dias são todos só para estar com sua majestade. Meus amores, que farei? Tudo me fica por dizer. Perdoai-me a minha ignorância, pois sou a mesma miséria! Vão em aumento as elevações da alma, cada vez maior recolhimento de todos os sentidos, paz, retiro e soledade grandíssima entre as mesmas criaturas. Agora nada me estorva[1608] o trato íntimo que sinto meu Deus (isto andando entre as criaturas). A oração, nestes dias, é toda como um sono nos sentidos porque é escondida tão íntima e altíssima que não se sentem os estrovos da natureza. Não sinto fome nem sede de mais e mais me dar a Deus. Não sei como estou porque toda a alma está satisfeita de meu Deus, mas conheço que não são sempre os tempos uns. O que faz a alma é humilhar-se e viver cuidadosa, pois se não fica de si. Segue a vida comum, inda que toda a tenção se vai a retiro. Muito tinha que dizer. O Senhor dê luz a Vossa Reverendíssima para conhecer as minhas misérias.

Capítulo L.

Pois escondidos favores tem minha alma recebido desde que dei fim ao capítulo passado, que [fl. 230] para a minha ignorância pouco ou nada saberei dar contas. Valha-me a santa obediência, mas direi o que puder. Já disse no fim do capítulo que a alma goza de Deus como se vivamente o estivera vendo e falando-lhe cá neste desterro. Vossa

[1607] No original, “debelidades”.
[1608] No original, “estrova”.

Reverendíssima bem me entende porque a alma e eu toda vivia em uma paz e serenidade satisfeita em todo o sentido, assim do céu como da terra, mas muito cuidadosa para as obrigações de fiel esposa. Ó Senhor, quem me fora fiel esposa, eu o desejo ser. Ajudai-me vós, meu doce amor.

Passados alguns dias, vi este santo convento tão atribulado que me lastimei de sorte porque tanto sinto os trabalhos do próximo como meus próprios, e se me aumentou uma grande ânsia de trabalhar e de me não advertir[1609] nem deter a falar nos trabalhos que todas padecemos, senão com mais vivo desvelo unir-me toda com meu Deus e pedir-lhe misericórdia. E não me podia deter muito em lho pedir ao Senhor porque sentia dentro da alma como se o Senhor me dissera: "deixa, filha, que assim convém". Eu não o digo por certo nem Vossa Reverendíssima me creia nunca, só digo o que sinto ou conheço dentro da alma, mas nunca por conhecer isto deixei de lhe fazer súplicas porque não fio nada de mim. O trabalho se foi aumentando de sorte que me não dava lugar a nada, nem a dar atenção ao que sentia dentro da alma (que era a meu Deus). Passei perto de três dias nesta tribulação, não sempre padeci grandes tentações de ser santa e fazer milagres, como era deitar fora o inimigo daquela fiel esposa de Jesus Cristo. E como esta formiga deseja ser humildíssima, causa-lhe esta tentação grande tra [fl. 230v.] balho sem se inquietar, só no padecer é que me parece [que] me tira as forças do corpo. Fui-me a correr às cruzes da Via Sacra com esta tribulação, mas o Senhor nestes passos não dá lugar às tentações porque logo o senti como encostando-se dentro na alma, e me parecia que era dentro do coração (como era não sei eu bem dizer), mas confortou-me e gozei de meu Deus com abundância.

No outro dia, estando no coro, me senti atribulada que me parecia que a alma se não sabia esconder, como Vossa Reverendíssima me diz. Assim, a sentia em grande padecimento, sem saber como era, só que era vontade de Deus. mas animei-me e fui-me a receber o amor sacramentado com tenção que depois de o ter recebido lhe mostraria os trabalhos que padecia. Assim foi porque senti dentro no peito uma paz e um gozo e o que eu não sei explicar, mas era no sentir como visivelmente, sem ruído de coisa visível. Tudo o que sentia era divino e desde então para cá sinto uma oração serena que não sei dizer. Por ratos, um abraço vivo de Deus com minha alma cria forças no

[1609] No original, "devertir".

corpo como já tenho dito. Por muitas vezes anda a alma e toda a vontade livre como sobre todo [o] visível que a pode deter e não deixa de cuidar do preciso, mas nada a detém, nem a adverte daquele objeto divino que a tem toda absorta e metida em elevações altíssimas. Bendito sejais, Senhor, para sempre, que me sofreis.

Outro dia, estava no coro no conhecimento do meu nada e disse a meu Senhor: "meu Amado, se vós não soubéreis todas as coisas, dissera que vos enganaram com [fl. 231] esta vossa esposa que vos meteram no vosso santo templo". E passei com este sentido discorrendo[1610] no que era, que era a mesma miséria, e se me aumentou as ânsias de trabalhar e preguntei-lhe: "Senhor, que quereis que faça?" E senti dentro da alma que o Senhor me deia que o amasse. Eu lhe disse: "Senhor, eu não tenho mais amor que este mesmo que vós me dais, que o meu é muito limitado[1611], mas fora de vós não tenho outro porque tudo está livre para vós!". Se eu dissera aqui como eu sinto isto que estou dizendo, que tudo se passa em amores e gozo e favores, que esta manhã passei toda desde a prima até entrar à missa do dia, que foram três horas. Não perdi de todo os sentidos porque me lembra ouvir missa e ir receber o amor sacramentado, mas tudo era feito em uma suspensão. Às vezes, me ocorrem dúvidas se estarei ali ociosa sem pedir, mas o Senhor assegura a alma com uma profundíssima humildade e não fica lugar para alma e a criatura se exercitar nos atos das virtudes e caridade do próximo, e mais coisas que asseguram a alma. Correndo tudo debaixo da santa obediência, a isto bastará para que Vossa Reverendíssima me entenda, por não dar fim ao capítulo.

Parecia-me impossível que nestes tempos de tanta turbação e trabalhos em que todas nos vimos metidas que eu pudesse escrever, nem dar conta deste pouco que sei dizer, mas a Deus nada lhe é impossível. Quando ele é servido me põe em uma paz e soledade e retiro sem mais lembranças que de meu Amado, sendo eu a que sou. Mas, desde que o Senhor me disse que o amasse, me pôs em uma oração que eu não sei dizer. Um retiro de todo o sentido. Parece-me, a meu enten [fl. 231v.] der que o Senhor faz tudo porque a alma goza sem trabalho, sem susto, sem dúvidas. Sente uma grandeza de Deus grande, que já tenho a Vossa Reverendíssima, que me parece que a alma está com as mãos levantadas. As horas são minutos, tomo três de manhã se cabe tempo de coro a coro, e

[1610] No original, "descorrendo".
[1611] No original, "lemitado".

todo o mais tempo que tenho livre. No fim da oração ficam-me uns grandes conhecimentos da bondade infinita de Deus e muitas mais coisas que vão passando uma fé viva que Deus é fiel esposo, e uns desejos grandes e memória viva dos bens do céu que o Senhor dá aos seus escolhidos, a cada um conforme os seus merecimentos. E mais coisas que aqui se descobrem que, por serem muitas, as não digo. E Vossa Reverendíssima as sabe melhor que eu. Mas com os conhecimentos destas coisas, se me abrasa o coração e toda eu em amor e ânsias de trabalhar e padecer por meu Senhor porque dentro da alma me parece sentir como uma lembrança viva do que o Senhor padeceu por mim, sem ser isto meditação (que essa, trago eu sempre comigo dando o Senhor lugar). São muitas as coisas que a alma nestes dias tem recebido, mas todas encaminhadas à mesma alma. Por duas vezes, nestes dias, me tem dado o Senhor a entender que hei de padecer, mas não é com muita clareza que eu o não posso dizer, senão que a alma alegríssima se entrega toda na sua vontade divina.

Também senti que este padecer era ou sequidades ou desemparos, e que mesmo dentro da alma me ensinavam o que havia de fazer, que é na humildade que funda o rendimento amoroso, posta toda nas divinas mãos de Deus para tudo o que ele permitir, e mais coisas que já me passaram, não do conhecimento delas dentro da alma. [fl. 232] Vai por perto de mês que não pude escrever, com bastantes padecimentos, dores, febres, securas, desabrimentos, temores e medo exteriores com grande tormento, que de noite não podia estar só com tal desamparo, que no interior me parecia tudo confusão. Tudo era pedir ao Senhor que desse luz a Vossa Reverendíssima para que me conhecesse bem, e tudo era no sentido que me julgasse pela maior pecadora que há em todo o mundo. Ó meu Deus, antes mil mores que ofender-vos! Nada podia fazer, oração por horas não podia que as forças do corpo não davam lugar a deter-me muito. Ao coro ia pouco, que não podia. Tudo era dizer: “Senhor, aqui me tendes!”. Com isto me animava muito para mais padecer, e como não podia ir ao coro, fui-me assistir doentes e servi-las no que podia, porque com elas se encontra muito que merecer, não só com a enferma, mas com as que entram e saem, que lavado com paciência é um céu de merecimentos. Nisto, passei alguns dias, mas como havia muito trato de criaturas estava a alma como em martírio, e entendo que o Senhor me dizia: “filha, não te quero em tantos tráfegos”. Não me creia Vossa Reverendíssima que eu digo o que sinto e faça-se a vontade de Deus em tudo.

Passei perto de dois dias sem deixar de assistir a enferma, inda que sentia o que acima disse, mas as horas de oração me parecem já minutos, mas também a deixava e vinha à enferma até, que ela esteve melhor e Deus assim o permitiu, porque me deu uma ânsia ou fome e sede de retiro e soledade em todo o sentido, que era uma grande enfermidade em que sentia a alma e corpo debilitado. A força que sentia, sem ser fala, conhecia que o Senhor me queria [fl. 232v.] a sós com ele e não pude resistir[1612] mais que deixar-me toda nas suas divinas mãos. Passei um dia a sós, falando só o preciso e claramente conhecia que o Senhor me dizia que me queria curar, que estava enferma que era como um pobrezinho que está desesperado e doente, que alguma pessoa o toma com muito amor e regalo de tudo, mas inda não digo nada. Neste dia que estive só sentia uma doçura que não lhe sei pôr outro nome, que era tão grande que me conformava e sarava o corpo, mas tornava a debilitar-se com a força que sentia na oração, porque não sei como me leva o Senhor que, sem discurso nem conhecimentos de nada, senão por ratos fé viva, humildade profunda, e torna a elevação de toda eu. Isto vai por três dias e sempre em aumento. O que a alma passa não se pode explicar mais que dizer que goza sem intervalos. Nestes dias, que vai já por quatro ou cinco, que o Senhor trata esta pobre alma tão familiarmente, como toda sua.

A oração de agora é benzer e não é lugar para orações vocais. As que faço é com muito trabalho por não deixar o que fazia, inda que a força me não dá lugar a muito. Mas o que digo da oração, que é só benzer-me, é que antes que chegue a pôr-me de joelhos, é tal a força que me leva, e uma atenção, e reverência e humildade com uma fé viva que dentro da alma está Deus, que sente a alma uma grandeza e bondade divina, que ao mesmo tempo que o adora e conhece o ser infinito de Deus, e que é uma criatura que é nada, e que aquele poder infinito a tome toda a si, transformando-a toda no mesmo ser de Deus, dando-lhe uma confiança que, ao meu modo de entender, é que naquele ato em que se acha não se conhece a si, e mais [fl. 233v.] coisas que Vossa Reverendíssima sabe.

Já lhe disse, me parece o modo com que entro na oração, quando o Senhor dá lugar, que depois do ato de contrição digo o credo e Salve Rainha a Nossa Senhora, com mais considerações interiores que por não dar fim ao capítulo as não digo, mas por que Vossa

[1612] No original, “resestir”.

Reverendíssima não fique em dúvida de eu dizer que só me benzia. E no outro dia me fui a receber o amor sacramentado, mas já ia como fora de meus sentidos e, vindo de comungar, antes de me pôr de joelhos, senti como visivelmente, sem o ser, que o Senhor me abria os seus divinos braços, e me disse: "filha, vem a mim. Descansa nos meus braços". Assim o fez a alma e sem discursos me prendi todo o dia, e não faltei aos atos de comunidade, mas todo o dia se foi em uma suspensão de todo [o] ser humano e visível, dando-me a entender altíssimos mistérios. Não ao mesmo tempo, senão é como estando em meus sentidos e percebo altíssima doutrina como uma pessoa que está atenta com todos os sentidos fixos no que diz um pregador. Isto é por me dar a entender que todas estas de cá são grosseiras à vista do que a alma recebe de Deus, estando desapegada de todo [o] visível. Que, neste sentido, me disse o Senhor ou me mostrou como era liberalíssimo para enriquecer as almas que de todo se entregam na sua divina vontade. Ó, riquezas do céu! Ó, bens infinitos da glória! Que grossaria e vileza das criaturas! Oh, quem me fora pregar por todo [o] mundo e dar a meu Senhor todos os corações e almas e vontades livres de todas as vossas criaturas! Oh, Senhor, que farei para que todos vos amemos? Mas eu sou a pior de todas! Meu Amado não quer corações partidos, quere-os[1613] todos para si. O Senhor me mostrou as vontades das criaturas livres para usarem delas, e vi como uma pessoa que estava co [fl. 233v.] como em um alto assento e mirava com grande amor e dizia, mas não conheci a quem ou quem falava mais que dizia: "esta é toda minha e a quero governar". E vi que o Senhor estava com os olhos fixos nela e lhe comunicava sua vida de que eu sentia o mesmo. Reparei como havia de ser o governo por não levar o Senhor cá neste desterro. Não me sei explicar bem porque a alma não pregunta. Está fixa em Deus, nem conhece ou não se conhece a si mesma naquele ato, mas neste sentido o Senhor me respondeu que os seus ministros eram os que mandavam em seu nome, e prelados e preladas. E mais coisas, que a alma ou a criatura não tivesse vontade livre senão segue obediência. Sobre isto vestia o Senhor esta alma ou criatura com o vestido ou mando cobrindo-a toda como de diamantes, ou estrelas, que eu não sei dizer, que vinha a aficar com sinais públicos como é alguns servos e servas de Deus que se conhece neles que tem virtudes. Não me sei explicar. O Senhor dê a entender a Vossa Reverendíssima.

[1613] No original, "que-los".

Também o Senhor me mostrou como se desagradava daquelas almas que a tempo o buscavam com grande fervor ou desvelo, ou uma coisa semelhante, e passados alguns dias tornavam aos seus divertimentos. Vi que o Senhor lhe não fichava a porta, mas não sei que era que estava como desconfiado, a meu entender, que me parecia que aquelas almas necessitavam de trabalhar muito no séquito das virtudes e das penitências. Não digo nada. Estas que se entregavam com [a] vontade toda posta em Deus estavam, a meu entender, no céu da oração e elevações, e não lhe via trabalho de mãos. Digo-o assim por me dar a entender. Estas eram das que já disse que o Senhor as vestira. Oh, se eu soubera dizer estas coisas que a alma está cheia de todas elas, porque cada vez se vão descobrindo mais e mais. Depois, me prostrei por terra humilde [fl. 234] demente. Levantei-me e pedi a bênção a meu Senhor, e mais coisas, e lhe pedi [que] me salvasse, que é sempre o que lhe peço, oferecendo-lhe os seus divinos favores, que tudo era seu, e lhe pedi [que] não permitisse que eu já me divertisse[1614] em coisa visível.

Capítulo LI.

Pegando no que disse no fim do capítulo passado, que pedi a meu Amado que me desse lembrança para que eu não tivesse neste desterro distraimentos mais que com as enfermas, em lhe assistir e servi-las. Pedi por Vossa Reverendíssima e pelos próximos porque me estavam mostrando, com grande alegria e amor, que pedisse o amor que a alma via, que o Senhor lhe mostrava. Não o posso explicar sem ser a que sou.

Também vi uma criatura que se deixava levar de pôr muito cuidado nas coisas terrenas, tendo-as com apego e desejo de as ter. Estava a alma desta criatura despedaçando-se dentro da mesma criatura, que se tinha fichado o caminho por onde ela ia a Deus. Não estava escuro adiante dela, mas não havia por onde a alma caminhasse a Deus, que está tudo enleado. Não posso encarecer o que esta alma padecia, e isto era neste desterro. Descobriram-me aqui muitas coisas dos tráfegos do mundo e das religiões, e de quem as toma e quer ter por apetite ou ambição, que os precisos, ou de obediência ou de necessidade, não atormentavam aquela alma. Causou-me tão grande dor ver uma alma que se não virava aos tráfegos do corpo mais que só se inclinava[1615] para Deus.

[1614] No original, “devertisse”.
[1615] No orignal, “enclinava”.

Nesta matéria hei de falar com Vossa Reverendíssima, que isto é comprido, e como a alma nestes atos não pregunta, nem o Senhor lhe declara logo. Que suponho que é por estar absorta naquele objeto divino, e não sei quando se me descobrem estas coisas, se é nos atos de comunidade. Confesso minha culpa, que não sei em que tempo é isto, e com estas coisas me [fl. 234v.] debilitei de forças de sorte que não podia estar em pé no coro, senão com muito trabalho que, ao mesmo tempo [que] me confortavam o corpo com os regalos que a alma recebia de Deus, não duravam muito as forças, inda que em todos estes dias vai em aumento. Está [a] alma cheia daquele alambique de suavidades, ao meu entender me parece que também desfaz a natureza. Por ratos padeço uma doença de amor que me mata e dá vida. Não sei como diga isto. Nestes tempos não há tempo para nada. Padeço bastante e suavemente porque as criaturas dão-me que merecer. Julgando-as mais por si, com severidade me perguntam em que ocupo, ou outras coisas semelhantes. E eu rindo-me levo tudo, mas causa-me admiração porque nestas ocasiões não se pode dizer a nada fora de quem governa minha alma. Elas julgam conforme o seu discurso, digo isto, mas elas todas são melhores que eu. Mas esta doença que acima disse, a cura dela me parece é estar em oração, aonde sara e torna a ficar mais enferma. O Senhor tenha misericórdia de mim, que me acho sem forças do corpo para nada. Assim, me fui para o coro e, estando na oração, me davam a entender que não me faria falta ou coisa semelhante deixar de rezar muitas horas ou o rosário, ou as obrigações. Não duvide Vossa Reverendíssima que suposto me não sei explicar melhor, por isso digo assim. Que isso é estando a alma em alto ou puro amor, amor de Deus que enche todos os vazos e supre todas as faltas da criatura fraca, mas nem por isso deixei o mesmo que fazia rezando o rosário por partes nesta noite. Acabada a oração da comunidade, me saí com a lembrança da prelada por não poder estar em pé, pois tinha dores insofríveis nos pés. Louvado seja Deus.

Por vezes, sinto dentro da alma que o Senhor me quer toda separada. Como me darei a entender? Que é como dizer-me o Senhor: “[fl. 235] filha, não te saias dos meus braços que te quero regalar e estar contigo”. Mas tudo o que entendo dentro da alma é tão claro e seguro que não me fica lugar para supor outra coisa mais que dizer: “Senhor, tudo é vosso”, e outras coisas de humilhações. Mas o que acima disse entendo no Amado, que desta vez eu senti que o Senhor me abrir os seus divinos braços, separando-me de todo [o] visível e terreno, que não há forças humanas que possam resistir aonde

Deus quer levar a alma. As tentações deste tempo quando a alma de si não a fazem deter é como uma coisa que se vê no chão e se passa sobre ela, sem fazer caso dela. As forças do corpo, como já disse, são poucas, mas em um instante se sente muitas. Na oração não sinto debilidades, nem dores, nem quando escrevo, mas fora destas duas coisas sinto-me por um fio, muito quebrantada, sem forças, sem forças.

Vindo de vésperas, chegando ao leito, senti como visivelmente, de repente, que o Senhor me dizia: "filha, encosta-te", e senti os seus divinos braços e fiquei como absorta, que não pude dizer nada, e fui-me para a igreja. Passei toda a tarde até mesa do convento em retiro com meu Deus. Em todo este tempo só matinas rezei e fiz uma estação. O que posso dizer desta tarde é que indo um rei pela rua, achou uma pobrezinha e a tomou nos seus braços e a pôs à sua mesa, comendo com ela no prato. Lhe de[u] de tudo, e das iguarias e manjares suavíssimos, regalando-a e conversando com ela, com tanta alegria como se no mundo não houvera outra criatura. As delícias e bens que a alma goza e recebe e possui como seus, mas sempre no fim conhece que não são seus e os oferece ao mesmo Senhor, que ele mesmo ensina a alma a ser humildade e agradecida. Oh, quem tivera capacidade e língua [fl. 235v.] para se dar a entender o que recebe de Deus! A limpeza e pureza em que o Senhor põe a alma que goza destes favores é mais que de anjo. Ai de mim se for ingrata, que serão mil infernos poucos para pagar. O Senhor tenha piedade de mim!

Nestes dias, não sente a natureza necessidade de sustento, não falta o preciso, assim do trato das criaturas como do sustento do corpo. Mas estas coisas são como demais e tão grosseiras e alheias que me parece serem estranhas, e o trabalho grande de as tratar que serve como de martírio, porque o tempo é todo pouco para a contemplação. Que foi desta vez uma força tão grande que roubou todos os sentidos, e venceu todos os impossíveis, e desterrou as sombras. Não deixou desconfianças mais que o conhecimento da criatura, mas uma certeza limpa e clara, como a mesma luz divina que é Deus, que é Deus o que obra e assiste em minha alma. E os efeitos mais claro que posso dizer que saí da alma, daquele ócio ou objeto divino. Fica no mesmo Deus sentindo mais claramente os seus divinos braços. Fica conversando com o mesmo Senhor, fica pura e limpa de todo [o] visível e terreno (isto é interiormente) e outras coisas celestiais que a gritos pode a alma chamar que é Deus e seu divino esposo que obra nela maravilhas e delícias celestiais. Estas seguranças não são para a criatura

descansar e viver segura na mortalidade, mas é para viver mais cuidadosa, mais solícita, mais vigilante em guardar o segredo do rei do céu, e viver mais pura e limpa e santa que os mesmos santos que gozam de Deus cara a cara, porque neste desterro goza e participa do que gozam os bem-aventurados no céu. Senhor, tende misericórdia de mim! Vossa Reverendíssima me ajude e me encomende ao mesmo Senhor para que não seja ingrata e desagradecida.

Passados alguns dias que gozei destes favores do céu, sen [fl. 236] do eu a que sou, caí enferma com alguns dias de cama, que as forças do corpo não me ajudavam, que a força grande de amor que tive me debilitou muito, mas sempre gozando de meus amores em uma enfermidade de amor ferida, que não achava refúgio em nada criado, nem a vontade o buscava. Mas de tudo que usava preciso me servia de martírio, o trato das criaturas era violentíssimo, e a caridade para com elas grande, mas não me podia deter com elas. E indo para completas como fugindo de todo [o] criado, e todas estas coisas são dentro da alma, que no exterior digo a vida comum que é precisa. Mas como já disse que ia fugindo, uma religiosa me deteve a falar-me e meteram-se outras coisas precisas, que quando cheguei a ir pôr-me de joelhos com tenção de me não deixar levar interiormente da força que sentia de amor, por estar debilitada, mas antes de me benzer senti que o Senhor me falava como repreendendo-me amorosamente porque me detinha. Isto foi como visivelmente, sem o ser, mas no sentir o parece, que era como que o Senhor me estava esperando. E o amor é tão grande que me mostrava que não sofria detença. Eu confesso minha culpa, que me não atrevo a dizer o que conhece a alma em seu Senhor em matérias de amores pelo conhecimento do meu nada. Mas logo que o[u]vi o Senhor fiquei humildíssima e tão absorta que se me foi de repente olvidado todo o visível, e terreno e criado, e toda livre e desembaraçada de todos os sentidos, sentindo na alma uma força que a leva toda àquele ser divino, gozando sem limite[1616] uma abundância celestial de delícias.

Havia dias que a alma se sentia como à mesa do Rei da glória, onde se via senhora de todos os bens do céu. Ali era confortada de um suavíssimo cheiro e coisas que eu não sei explicar, que nestes tempos não faz falta o sustento do corpo. Teve a alma esta mesa franca muitos [fl. 236v.] dias, que quando caí enferma de cama e tornei abaixo ao coro,

[1616] No original, “lemite”.

achei a alma no mesmo estado de conhecer e gozar daquele manjar divino. Quando o Senhor me disse ou demonstrou como quem não podia esperar que eu me detivesse, se me deu a entender que o Senhor ficava de assento dentro da alma, que foram coo umas bodas que o Senhor quis fazer com uma pastorinha. Já disse que me não atrevo a dizer como isto é, e para bem se declarar nem língua de anjo o saberia pôr por letra.

Vai por quarto dias que a alma está neste estado. Não molestam as tentações, só a ratos padece temores santos e suavíssimos. Não que sejam desconfiança que tudo de que goza e recebe que não seja do mesmo Deus, são uns temores nascidos do conhecimento da grandeza de Deus, daquela formosura e bondade infinita de que a alma está gozando, conhecendo que nada é seu. Teme não seja ingrata. O trato que sente como andando ocupada em coisas precisas é todo de coisas do céu, considerando o que será ver a Deus cara a cara, a fermosura dos céus, os coros dos anjos e coisas semelhantes, todas de gozo e alegria. E sobretudo é ver como se me fazem os dias e [as] noites pequenas, as horas minutos, parecendo-me todo o tempo um instante, bebendo a alma nesta fonte divina, sem nunca saciar[1617]. Os abraços da alma com Deus são emmemiráveis (sic), isto é como dizer o Senhor: "filha, aqui me tens, que todo sou teu, e tu toda és minha". A alma se conhece da sua parte pobríssima, só se anima em se ter dado toda a seu dono, que é o mesmo Senhor. E ele mesmo lhe falha e lhe faz muitas carícias e delícias, mostrando-lhe como claramente o que quer dela, que é só uma separação de tudo mais que não é o mesmo Senhor, pondo-a como livre só para aquela habitação de o Senhor assistir na alma e estarem sós ambos. Não me sei explicar bem, mas eu como tenho a Vossa Reverendíssima [fl. 237] a Vossa Reverendíssima, se por falta de forças ou de dores falto a alguns atos de comunidade ou exercícios costumados, seguro-me na santa obediência, supondo que não ou por Vossa Reverendíssima me ter assim ordenado, e assim me acho mais segura no mesmo Senhor que tem esta pobre alma já toda por sua. Passei esta manhã perto de três horas que mais foram se houvera tempo por respeito do coro em uma elevação e roubamento de todos os sentidos, sem os perder sim de todo [o] criado porque não tem entrada o visível, que para coisas precisas vai a criatura tratar delas com as mãos do corpo e interiormente toda ocupada com seu Deus.

[1617] No original, "seciar".

O maior exercício que nestes tempos se faz[1618] com liberalidade são os da humildade profunda que a alma com força e liberdade os faz, e no exterior e interior muitas humilhações. As lágrimas muito ligeiras e suavíssimas, o corpo muito quebrantado[1619], e onde se alentam as forças é no mesmo Senhor, como pôr-me encostada nos seus divinos pés, sem cuidar em nada. Mas quando me descuido me acho toda atraída no mesmo Senhor. Já indo com força de amor, logo se me perdem os sentidos e passado[s] alguns ratos fico em um incêndio e calor que me sinto arder exteriormente e interior. Não me sei explicar. Por vezes, padeço temores grandes por me ver tão pobre de virtudes, que nada posso fazer por meu Deus, que não há forças para penitências. A santa obediência me anima, mas a alma com a força de amor em que se sente arder se lhe aumentam ardentíssimos desejos de trabalhar por seu Amado. Aqui sente mais frequente trato com o Senhor, que a está como sempre mirando. Ela, como vê que nada pode, se inclina a convidar os anjos e santos do céu e os justos da terra para que todos, com ela, louvem e engrandeçam a seu Amado esposo. Nisto gasta ratos tão inflamada no [fl. 237v.] no amor de seu Deus que deseja espedaçar-se para adquirir almas e que todos se salvem e vão louvar a meu Senhor. E com estas coisas passa a alma grandes delícias e regalos com o mesmo Deus, porque é tão grande o amor e alegria que a alma conhece em Deus de se ver uma pobrezita criatura cuidadosa do amor e servir, que se todas viram e conheceram isto mesmo era possível que nenhuma criatura deixara de se dar toda a Deus e desprezar todo [o] visível e terreno que impede esta felicidade[1620]. Ó esposas de Jesus Cristo, a nós nos toca mais que às outras criaturas sermos solícitas e cuidadosas em nos darmos todas a nossa divino Esposo. Vinde, vinde! Pelo mesmo Senhor vo-lo peço! Deixemos já que é tempo os estorvilhos[1621] e curiosidades desnecessárias e conversações e tempos perdidos. Não faltemos à caridade bem ordenada, mas dêmo-nos com desvelo e com todo o amor livre, e coração desocupado de todo [o] criado. Que nos ocupemos em amar e servir ao Criador dos céus e da terra. Quem poderá deixar de conhecer que não fomos chamadas à santa religião a servirmos e sermos escrevas de nós mesmas, senão sermos esposas do Rei da glória. Oh, olhos de

[1618] No original, “fazem”.
[1619] No original, “cobranto”.
[1620] No original, “felecidade”.
[1621] No original, “estrovilhos”.

carne, que não podeis ver tal dita! Abramos os olhos da alma e deixemo-nos todas rendidas nas mãos da santa obediência, que ela nos levará aos divinos braços de nosso divino Esposo. Oh, amor da minha alma, perdoai-me meus atrevimentos! Tende misericórdia de mim! Salvai-me, meu Deus, pelo vosso preciosíssimo sangue, que por mim pecadora derramastes na santa cruz e pelas três horas que nela estivestes pregado, pedindo ao vosso Eterno Pai por quem vos tinha crucificado. Eu, indigna esposa vossa, vos peço por quem governa minha alma, tudo quanto vós sabeis de que [fl. 238] ele necessita, assim espiritual como corporalmente, e pela nossa congregação e por todas as religiões e por todos os que governam, assim reinos como províncias e cidades, e tudo que vós, meus amores, quereis que eu vos peça. E eu sou obrigada a pedir-vos, tende misericórdia de mim, amor da minha alma! Não cesse esta pobre alma de clamar a vós por seu remédio. Salvai-me, meu Deus e Senhor.

Já tenho dito a Vossa Reverendíssima que me ajude e me encomende a Deus, que temo ser muito ingrata, e tudo [o] que Vossa Reverendíssima conhecer da minha miséria me repreenda e mo diga asperamente, pois sou muito ignorante, como Vossa Reverendíssima sabe e vê nestes borrões. O Senhor lhe dê paciência para me sofrer.

Capítulo LII.

Nomes de Janeiro do ano de 1736

Depois da conta que dei a Vossa Reverendíssima no capítulo passado, me deram umas grandes tentações com grande vontade de comer e pondo-se-me diante como dos olhos do corpo coisas como riquezas, dinheiros e com isto me atormentavam sem me inquietar, mas sentia grande alteração de humores que me debilitava[1622]. Padeci bastante porque como a vontade está já livre de todo só para Deus, é o visível e terreno um martírio contínuo. Assim passei alguns dias, mas foi Deus servido [de] trazer umas pessoas a quem me era preciso pôr obrigada a seu serviço e caridade do próximo. Ia-lhe falar e buscar-lhe algumas que havia mister com este trabalho (que não foi pequeno), por ser preciso o trato das criaturas e fazer-lhe algumas coisas de mãos. Não tive em todo o dia tempo de ter oração, só um quarto teria quando comunguei, e me fui logo, mas a alma recolhida com o Amado, que é como se diz que meus olhos dormem e meu

[1622] No original, “debelitava”.

coração vela, que suposto as mãos trabalhavam, a alma se ocupava [fl. 238v.] toda em amar e assistir a seu Senhor.

Fui a vésperas e me vim pôr a coser para este pobre que acima disse, mas já com pouca liberdade porque se me acendeu uma fome e sede de ter oração, e eu de estar desocupada porque sempre fazem opressão as coisas visíveis, inda que sejam por caridade. Pela força que sentia na alma para se dar com liberdade a Deus, e não me detenho em dizer de trabalhos. Basta dizer que quem muito recebe de Deus, primeiro há de passar por trabalhos que são como disposições para a alma sair purificada e pura para voar a Deus. E como ela conhece no mesmo Senhor estas coisas, que são como dívidas que paga esta nossa natureza que herdamos de nosso pai Adão. Isto sabe Vossa Reverendíssima melhor que eu, e por isso sempre a alma, por mais que padeça, sempre tem desejos de mais padecer por seu Amado, que pelos trabalhos sobe a alma a Deus. E com este (sic) desterro ou e como neste desterro enquanto somos viadoras não podemos estar sempre no mesmo ato de amor é necessário que a alma des[ç]a para que torne a subir, passando primeiro pelo fogo da tribulação, ou pelas criaturas, ou pelas tentações, ou por enfermidades. Assim, vai a alma caminhando a Deus, mas para tudo isto é necessário estar a vontade toda empregada em Deus. Muitas coisas pudera aqui dizer que a alma conhece em Deus, mas se Vossa Reverendíssima sabe tudo melhor que eu por isso me parece tempo perdido. Mas o que digo nesta matéria é só para ter liberdade e para dar conta dos favores e regalos com que Deus trata este vil bichinho, porque do conhecimento do meu nada me nasce um grande acabamento, digo, me nasce um grande acanhamento para o dizer, inda que a santa obediência me anima. Mas como já disse acima, que fora a vésperas e me viera pôr ocupada em coisas de [fl. 239] mãos, comecei logo a sentir grande força que levam todo o interior e, como não pude resistir ao que senti, me fui para a completa. Antes de se entrar a ela, me recolhi com meu Senhor, mas foi a força tão grande que me debilitou e me fiquei ali e só entrei à salva para o coro para ficar a matinas. Neste tempo não entendi mais que o Senhor falar com minha alma, com tantas carícias que me não atrevo a dizê-las, chamando-me “filha” e “amiga”, e outras coisas que fazem perder os sentidos. Dizendo-me: “não te quero em tráfegos. Quero-te fazer regalos”, e eram carícias e delícias que sentia a alma que não tem explicação, e ela mesma claramente conhecia em Deus que está como violento, que não sei dizer de outra sorte, em se não dar e fazer regalos e carícias às criaturas, que o

Senhor mesmo mo disse o que é já sabido. Mas do mesmo Senhor o entendi, estando a alma como admirada de ver a grandeza de um Deus infinito, e o Senhor lhe disse: "filha, as minhas delícias é estar com os filhos dos Homens. Não te acanhes que sou liberalíssimo". Aqui me descobriu muitas coisas das ingratidões das criaturas.

Vai por três dias que a alma está neste ato de amor puro no conhecimento das ingratidões das criaturas. Me faltaram as forças do corpo porque a violência e a ânsia que sentia que todas se dessem a Deus me debilitou muito, mas tenho horas de me não sentir e estar de joelhos, que em mim é grande favor pelas debilidades de forças que tenho. Neste tempo tinha o Senhor esta pobre alma em alto estado de amor puro que depois de des[c]er se fazem os olhos duas fontes suavíssimas. E passei alguns dias em grande recolhimento interiormente e a alma a sós com seu Amado.

Dia dos Reis, estando no coro, me deu uma suspensão que a alma se pôr em uma atenção que me parece que este dia foi um minuto. Não sentia a pensão da natu [fl. 239v.] reza. Por ratos me sentia como uma pena. As delícias e favores de Deus foram com abundância. Neste tempo não sentia necessidade de coisa alguma fora de Deus, digo, fora do corpo, porque era um sustento que a alma recebia de Deus que podia sustentar mil mundos. E a alma não abraça com liberdade as doçuras por se ver neste desterro, onde o seu divino Esposo não quis mais que padecer. Neste dia não entendia a alma mais que gozar de Deus, escondidamente.

No outro dia me sentia trabalhada bastantemente por duas vezes, digo, por duas causas. Uma por me parecer que faltava ao que Vossa Reverendíssima me diz sempre, que me não meta no trato das criaturas, e eu conheço claramente que o Senhor me quer só consigo. E vendo que Vossa Reverendíssima mo manda e o Senhor assim o quer, e eu sem nunca acabar de me desembaraçar das criaturas, não por eu querer tratar a nada criado, mas as de fora pedindo-me valias, cartas ou coisas que são necessárias que eu lhe posso remediar, ou por mim ou por outrem, e as criaturas cá do mosteiro, algumas amigas e servas de Deus, que se lhe não falo ou as não vou ver se mostram queixosas de mim. Eu como tenho o coração muito desejo, digo, eu como tenho o coração muito brando desejo servir a todas e cuido que se escandalizam de mim. Faço muito por acudir a tudo sem me inquietar, mas desta vez assaltaram grandes escrúpulos pela clareza com que o Senhor me mostrava que só me queria, mas também não entendo que o Senhor

se desagrada de acudir à caridade do próximo. Mas não sei como é isto que tenho padecido grandes trabalhos. O Senhor tenha misericórdia de mim.

Em outro dia, indo para o coro à prima, me deram umas tão grandes saudades de meu Amado e estava com fé viva que ele assistia dentro de minha alma. Mas era o amor tão grande que se me acendeu dentro de mim mesma que me senti acabar este desterro. Não sabia que fizesse, chorando, que se fizeram os olhos duas [fl. 240] fontes suavíssimas porque sentia o Senhor como visivelmente, sem ver com os olhos do corpo mais que um amor insofrível. Já não achava desafogo mais que gritar em voz alta. Nisto passei toda a manhã, mas não gritei, só lhe pedi que me tirasse o coração e o levasse e que me levasse, digo, e que me desse o seu porque nele não sei que sentia, que era mais que doçuras em que me sentia toda banhada. E, por ratos, sentia que o Senhor me falava, mas tão à pressa tornava ao maior fogo de amor. Passei muitas coisas com o Senhor como respostas das queixas que a alma lhe fazia, que a mim me não lembram para as saber dizer. E como me parecia que o Senhor feria a alma e se escondia, animei-me a chamar pelo meu anjo da guarda, e pelo Arcanjo S. Miguel, e a meu pai S. Pedro de Alcânt[a]ra, e o Senhor S. José, que são os meus companheiros de noite e de dia. E lhe pedi [que] me assistissem e me ajudassem a louvar a meu Senhor, e que lhe presentassem o que em mim viam que era, o que não sei explicar mais que dizer que era fogo de amor vivo. E tão metida estava nesta conversação que podia afirmar que era visível sem o ser com estes santos. E passado algum rato descansou a alma nos divinos braços do Senhor, com tanta abundância de favores que língua humana o não sabe explicar. Deu-me logo grande fome e sede de retiro e soledade, mas com grandes extravagâncias de enfermidade que não podia fazer nada, nem as obrigações, como era o coro, que a instantes me sentia morrer e logo tornava em mim. E como a força era grande de retiro me ia recolher na oração. E passado algum tempo me achava sã com grandes forças, e tudo [o] que tinha de orações. Estava boa, mas como não podia ser sempre que se entrava ao coro, e outras coisas precisas, não havia tempo como a alma desejava ou o Senhor a queria ter. E vai já por quatro dias que vivo em um padecer e gozar sem explicação.

Em outro dia me [fl. 240v.] saltaram feias tentações e indo para o coro senti que o Senhor me dizia: “filha, eu estou contigo. Dá-te toda a mim”. Que me faria isto sendo eu toda do meu Amado? Logo se me desocuparam todos os sentidos de toda a

consideração, e passei o dia e noite em uma suspensão [que] parece-me impossível. O Senhor me dê luz para que diga como era. Estava a alma em um ato de fé viva que Deus assistia nela, e ela em Deus por um gozo subtil e pacífico. A alma adorando a seu Deus e Senhor e ao mesmo tempo goza e possui o sono. Não foi muito porque ao mesmo tempo que acordava sentia a alma no mesmo ato de amor, sem trabalho nem diligência. Depois, comecei a descuidar-me do recolhimento em que a alma tinha estado e o Senhor a queria, e assim que saía me parecia que todo o inferno era contra ela, com feias tentações e com falas todas falsas, que era um tormento que sentia, saindo a alma que como uma pessoa que com açoutes de ferro despedaça a outra se ela passa por onde ela está. Não me sei explicar, só digo que se me durasse muito este trabalho acabaria a vida. Mas logo a alma entrava nos divinos braços do Senhor. Aqui se me descobrem mais claramente o retiro e soledade a que o Senhor me quer levar e ter de assento. Também se me acometem grandes dúvidas que deixo para dizer a Vossa Reverendíssima no confessionário, por serem muitas e os favores já são como eu não saberei dizer. O Senhor me dê luz para que não seja enganada e me saiba explicar no que me convém, que é grande a separação a que o Senhor me leva de todo [o] criado e visível.

Em outro dia me senti interiormente em tão grande retiro que eu não podia dar atenção a nada, nem rezar vocalmente. Via que o Senhor me chamava sem ser fala, mas eu me achava tão atormentada de dores que me parecia ser possível poder ter oração, nem manear-me, que era um amor que me despedaçava, que me parecia e me era necessário pôr-me como de longe [fl. 241] tendo o Amado dentro da alma. Como será isto, meu amor? Assim, me fui para o coro. Estando encostada para a cadeira com tenção de não ficar a matinas por não poder, mas logo me senti com grande recolhimento e entendendo que o Senhor me dizia: “filha, que temes? Eu sou fiel”. A alma neste dia tinha padecido grandes dúvidas, e eu tinha assentado comigo que não havia de apartar-me de meu Amado, inda que todo [o] mundo fosse contra mim. Por algumas dúvidas que me ocorriam disse-me também o Senhor: “filha, não te fies de ti mesma”, dando-me a entender o quando lhe agradava que as almas vivam debaixo da obediência dos seus ministros, com cega obediência, com muitas mais doutrinas que entendi naquela noite. Os abraços da alma com o Senhor era sem limite, e desde então para cá sinto uma força que sei não é minha, e passei a noite dormindo o preciso e a alma gozando, e de manhã tive três horas de oração. Nela recebi o que eu não sei explicar, depois me fiquei

tão recolhida interiormente e gozando de umas delícias do céu que é como Vossa Reverendíssima me diz que dizia Santa Teresa, que parece que entre Deus e a alma clama muito fino. Não sei que digo, mas tanto me perdi de mim mesma que desde então para cá não tomo relógio porque o tempo todo é pouco para amar e conhecer, receber e gozar de um Deus infinito. Oh, loucura de criaturas, que nos damos, digo, que nos não damos todas a Deus, com uma vontade toda livre para meu Amado, onde se acham todos os bens juntos! É possível que nada falte a uma criatura que toda se dá a Deus, no espiritual e temporal, tudo lhe satisfaz. E inda que lhe falte o preciso, nada a inquieta nem aparta de seu Amado. Nele acha tudo. Só tempo lhe falta para mais e mais se dar a Deus. Tudo goza e tudo possui, não se fazendo senhora de nada porque conhece que tudo é de Deus e que nada é seu. E assim [fl. 241v.] lhe oferece ao mesmo Senhor, mas este Senhor faz a mesma alma senhora de tudo que é de Deus. Oh, amor de minha alma, quando vos amarei como quereis ser Amado das vossas criaturas? Oh, que loucura é a nossa! Eu só comigo falo pois sou a pior de todas.

Fui receber a meu Senhor e vi que uma sua esposa andava descuidada em fazer as suas obrigações, se convertia toda para Deus. Deu-me tão grande alegria na alma que não fazia mais que chorar de gozo. Parecia-me que podia voar pelo ar e ir-me chorar, digo, e ir-me por esse mundo chamar a todas que amássemos ao Senhor, porque me não satisfazia que fossem só as que aqui assistem, senão quantas o Senhor tem criado. Não sabia que fizesse e sentia grandes desejos de padecer. Nisto passei três horas de oração de manhã, e como me parecia que nada tinha padecido considerava o muito que o Senhor padeceu por mim. Queixei-me e deram-me a entender muitas coisas que eu não sei explicar, que eram altíssimas dos corações que estão livres e desembaraçados todos para Deus, e com uma vontade toda empregada e ocupada em Deus, sem nenhum embaraço de coisa criada. Vi o padecimento destas criaturas como era doce e suave que estava o Senhor como com os seus divinos braços abertos para as receber. Era uma altura ou resplendor em que resplendeciam saindo do padecer que significava a mesma glória. Vi também as que padeciam por serem desperdiçadas por coisas visíveis, que me parece que se dentro de mim sentira algum peguilho a estas coisas visíveis que fazem padecer a criatura, sem ser puramente por Deus, que com a mesma mão abrira o coração e lhe deitara veneno. Não me detenho em declarar mais neste sentido. O Senhor tenha misericórdia de nós todas!

Falei ao padre missionário como Vossa Reverendíssima me mandou, e ele me examinou com miudeza e vagar, e eu de tudo [fl. 242] lhe dei conta, inda que me custava muito dizer os favores que recebia, por me parecer que dizia bem de mim. Mas ele me levou com tal modo que me deixou consoladíssima, principalmente nas dúvidas e tentações que me atormentavam a respeito daquelas meninas por as ter visto tão santas, que não havia dúvida que se vira nelas que desejavam muito dar-se todas a Deus. Preguntou-me muitas coisas, todas do trato da alma com Deus, e assim me fazia lembrada do que eu estava esquecida, que tudo me parecia com Vossa Reverendíssima. Mas representou-se-me que estava falando com S. Domingos. Pediu-me muito que o encomendasse a Deus e a Nossa Senhora, que ele me permitia de se não esquecer de mim, e que soubesse que Deus me dera a Vossa Reverendíssima pelo muito que eu tinha padecido com o outro confessor, e que devia por obrigação encomendá-lo muito a Deus, pelo grande bem que me fizera em me fazer padecer tanto.

Capítulo LIII.

Os efeitos que me tem causado, e sinto depois que falei àquele servo de Deus, são todos divinos com uma satisfação da alma que está consoladíssima. E parece-me, se me não engano, que não achei diferença da sua doutrina dele com a de Vossa Reverendíssima, mas Deus assim o permitiu, que deve ser mostra que foi de seu agrado a diligência que Vossa Reverendíssima fez em me mandar dar-lhe conta, parecendo-me que não era necessário por ter Vossa Reverendíssima por meu diretor.

No outro dia estava no coro e estava vendo dentro de mim mesma como a alma estava segura na obediência de Vossa Reverendíssima. Era uma coisa lisa e segura em que a alma estava livre toda para Deus, sem embaraço de coisa terrena, e conhecia que ela não fora por si senão por Vossa Reverendíssima, que era como dizer "Vossa Reverendíssima, [o] Senhor trata já como vossa que eu sou o seu fia [fl. 242v.] dor, e a defendo cá debaixo", que era cá do visível. E me parecia via a Vossa Reverendíssima muito ocupado no trabalho das coisas do céu, no serviço de Deus e aproveitamento de adquirir almas para Deus. E isto me sucede muitas [vezes] ou em sonhos ou em conhecimentos. Vê-lo a Vossa Reverendíssima sempre como obreiro e conhecer no mesmo Senhor que se alegra com as suas obras (não me creia), mas posso-lhe afirmar que inda com mais clareza do que eu o sei explicar, porque nunca interiormente via Vossa Reverendíssima estar ocioso, que me sucede isto muitas vezes. Mas também

nesta manhã me deu o Senhor a entender muitas coisas a respeito de algumas que me disse aquele servo de Deus dos padres a quem eu tinha falado antes de vir para a obediência de Vossa Reverendíssima, porque nenhum lhe agradou tanto como foi o confessor que me fez padecer tanto, que eu lhe contei como via estar a minha alma metida entre cadeiras de ferro, livre de perigos, mas não podia voar a Deus, que estava despedaçando-se com os olhos no céu. E quando ele me mandara para Vossa Reverendíssima, que vira dentro da alma que Vossa Reverendíssima a tomava nas mãos e a entregava ao Senhor. Ele a recebera nos seus divinos braços, fazendo-lhe grandes regalos e carícias, e vestindo-a com vários adornos que eu não sei explicar, e desde então para cá começara a receber grandes favores. E basta isto para dizer o que hoje me deu o Senhor a conhecer por este padre se agradar tanto do outro confessor me ter feito padecer tanto, que era como dar-me a entender que só assim caminhavam as almas mais depressa a Deus.

Estando no coro à missa do dia me pareceu que meu doce amor se pôs conversando com minha alma, que pelos efeitos que sentia podia afirmar que o Senhor estava falando com ela, mas nestas ocasiões parece que a alma o não conhece porque se não vê em si senão toda em Deus. Disse-me o Senhor que nem todas as almas se [fl. 243] podiam levar por um mesmo caminho, que era conforme os dons ou talentos, ou profunda humildade e cega obediência, ou simplicidade e rendimento na vontade alheia, que era na dos seus ministros, mas que muitas almas se não queriam render [e] por isso não davam um passo adiante por se quererem governar pelo que em si entendem e conhecem. Estas iam mal e muitas mais coisas que não sei bem explicar e é muito. Só as que queriam saber mais que os seus ministros. Era tão escuro diante de Deus que me lastima muito.

Também vi poucos ministros do Senhor, não digo bem, será por me não saber explicar, mas era neste sentido a grande luz que eles a viam mister para encaminharem as almas a Deus seguras e para conhecerem o caminho para cada uma. Vi que não bastavam só as letras, que era necessário oração porque nela se descobria melhor o caminho do céu, e o muito que lhe importa ter este bordão que era seguro. Aqui se me descobriu muito, que desejei gritar e dizer a todas que tivessem padres de oração, que me lastimava muito pelos descuido dos ministros do Senhor no aproveitamento das almas que tinham por sua conta. Nesta matéria deixo muito por dizer pelo não saber explicar. Só digo que

melhor seria não se encarregarem delas se as não hão de ajudar no que podem chegar as suas forças. Com grande acanhamento digo isto, que nada sei dizer. O Senhor tenha misericórdia de mim!

Também lhe preguntei que me dissesse que faria com este tão grande amor que sentia arder minha alma, que às vezes me parecia loucura insofrível. Disse-me que me não desse isso cuidados, que fosse andando enquanto se não desfazia o véu que estava entre Deus e a alma, e que não seria por muito tempo, e com mais rezões em que me deu a entender que não viveria eu muito. Eu me desfazia toda em lágri [fl. 243v.] mas de amor encendido. O que mais me encomendou e mais me falou foi na desnudez com que a alma havia de tratar os favores do Senhor, o desapego que havia de haver nas almas que recebiam favores e regalos do Senhor no conhecimento de que nada é seu senão misérias e coisas nesta matéria que Vossa Reverendíssima também me diz. Encomendou-me muito a clareza com que eu devia dar conta a Vossa Reverendíssima de tudo que me sucedesse e eu fiquei muito consolada pelo fazer sempre, que me parece que só deixo de dizer o que não sei explicar, nem a língua pode perceber.

Indo a receber o amor sacramentado, me vi tão pobre de virtudes que o coração me parecia que se abrir e senti uma pureza que não era minha. Meu amor, a alma alegríssima. Depois, senti tantos favores que eu não sei explicar e passei horas neste regalo. Depois, pensei que para tantos favores do céu que não bastava ser só a alma pura, e a vontade toda desapegada, e o coração limpo e desembaraçado todo para Deus. E fui-me assim discorrendo por todas as virtudes que o Senhor tinha posto nesta pobre alma, sendo elas do mesmo Senhor e não dela. E disse ao Senhor: “que farei neste tão alto estado em que pondes esta pobre? Que ocupações pode ser esta criatura?”. Vi dentro da alma as ocupações de Nossa Senhora neste desterro, ensinando-me como a criatura, vivendo toda para Deus, há de tratar do que não pode deixar ser e a caridade do próximo. E passados estas duas coisas é morte, separada de todo do mesmo preciso que já está feito. É uma vida santa e suavíssima e alegre e são muitas coisas que não sei dizer e a alma todas as entende. E nesta manhã recebi muitas doutrinas do Senhor, que língua de anjo as não escreveria todas para assegurar a mesma alma (não me creia Vossa Reverendíssima), mas só lhe digo que os efeitos são todos divinos. Deixa-me tão ocupada consigo mesmo que não tenho tempo para na [fl. 244] da, que todo é pouco para amar, e receber, e conhecer porque este Senhor logo me põe nestas ocasiões em

um retiro e soledade dentro de mim mesma que não dá lugar para mais nada, nem eu o desejo, senão só o que for vontade sua. Eu desejo falar a Vossa Reverendíssima e espero que o Senhor me dê lugar para o fazer, que está a alma muito enardecida nos braços do seu divino Esposo. Oh, amor de minha alma, quem sois vós e quem sou eu? Conheça-vos eu a vós e conheça-me eu a mim.

Também duvido no muito que recebo e no pouco que o sei explicar, mas anima-me dizer-me Vossa Reverendíssima o que eu não sei dizer, me dou melhor a entender. E neste muito tempo vê a alma que o Senhor lhe diz: "não temas, que eu sou ou estou contigo" e outras coisas que a alma fica consoladíssima, fiando-se toda em Deus e desconfiando-se de si mesma.

Nos dois dias primeiros deste mês escrevi isto que acima fica dito, e mais neles não escrevi tudo quanto recebi do Senhor porque, se o fizesse, neles acabaria o capítulo. Mas logo no outro dia caí enferma, e tão atrabalhada de dores que não pude escrever, nem as criaturas me dão lugar pela sua grande caridade que tem comigo, que se me deixaram só maior favor me faziam. Mas nestas matérias não lhe posso dizer nada, senão levar tudo com paciência e alegria, e dentro da alma estar só com Deus e Senhor meu.

Depois tive de Vossa Reverendíssima a resposta do caderno do mês passado, em que me animava e repreendia que acabasse já de dar conta com largueza do que recebia do Senhor, que deixasse já os temores. Eu me animei muito para escrever com toda [a] clareza que a minha ignorância pudesse perceber, e deitando o sentido senti como exteriormente, sem ver nada com os olhos do corpo, que me que [fl. 244v.] reriam deitar ou atirar comigo muito longe, como do coro lá fora da igreja, ou [a]o coito, dizendo-me muitos desprezos. Quem me metia a mim no que não era para mulheres, e outras mais coisas, que por terem passado já há muitos dias me não lembram bem. Mas eu não sei como foi isto porque não fiz nenhum caso, nem por isso queria discorrer, porque só na santa obediência me assegurava porque se me lembrava do que o inimigo me dizia. Certamente desmaiaria nos temores e nos desprezos que era tudo um escárnio na matéria de escrever, e estas coisas não eram visivelmente, mas muito claras. No entender destas coisas padeço muito, que dizê-las todas nunca acabaria porque são muitas vezes, e como aqui entra o conhecimento da minha miséria e ignorância, é trabalhoso vencer, que me parece, às vezes, que vou por um fio. Mas quando Deus quer,

tudo se faz fácil, que eu não me dá cuidado os escárnios do inimigo, senão a subtileza com que se aceita o que ele diz com a mesma fragilidade, que é necessário estar a alma muito, muito unida a Deus. E não digo mais nesta matéria. Basta o que Vossa Reverendíssima me diz, que sem muito padecer não pode a alma voar a Deus. Entende-se ao seu íntimo trato e abraço divino.

Deram-me uma hora das quarenta que se tomam nos três dias de Entrudo, em que dizem que nestes três dias se fazem muitos pecados. Eu a tomei com sentimento, digo, eu a tomei com sentido que nela não havia de fazer mais que pedir ao Senhor não permitisse que nestes três dias fosse sua divina Majestade ofendido de criatura alguma. Logo senti dentro da alma, como fala, que o Senhor me punha os seus divinos olhos e, mirando a alma, se olvidava dos pecados daqueles dias. E digo assim por Vossa Reverendíssima mo mandar, que eu não me atrevo a dizê-lo. Eu como tinha estado enfer [fl. 245] ma, e muito pobre, e cheia de misérias, que nada fazia senão padecer e suspirar por meu Amado. Não quis admitir o que estava a alma vendo. Tudo era dizer que era coisa do inimigo. Oh, Senhor, que tanto padeci com isto! A alma não queria mais que meter-se aos divinos pés do Senhor, sem querer admitir tal favor. E logo me deu um amor tão forte que não fazia senão chorar suavissimamente, sem querer cuidar no que tinha sentido, mas logo se me olvidou todo o visível, e já sentia algumas forças que pude ir a matinas, e antes delas na oração do convento. E a passei toda falando o Senhor com minha alma, não por fala que ouvissem os ouvidos do corpo, mas foi tudo uma suspensão de todos os sentidos, e umas queixas que me fazia o Senhor das suas esposas a respeito do que eu já em cima deixo dito das almas que desejam dar-se a Deus e dos seus ministros, que aqui me mostrou de quem era a culpa de não voarmos a Deus desembaraçadamente, que tudo é na[s]cido da pouca caridade que temos connosco mesmas em coisas tão miúdas[1623] que nos não custam nada, e nelas está toda as nossa paz. Dizê-las todas, mas são muitas, nunca acabarei. Mas as mais fáceis era tratarmos umas das outras com o coração limpo ou liso, sem pontinhos, senão muito singelamente, sofrendo-nos umas às outras puramente por Deus, sem outras conveniências, nas obrigações do nosso estado não desperdiçarmos o tempo, sermos muito cuidadosas em não cometermos nenhuma imperfeição, antes morrer. Não me

[1623] No original, “meúdas”.

davam a entender pecados graves, senão tudo eram como mosquitos, que são uns bichinhos que não matam, mas inquietam. Assim eram estas esposas que com estas cousinhas não aquietavam o coração, e assim não recebiam os favores do Senhor, nem podiam assen [fl. 245v.] tar no que os seus ministros lhe diziam, inda que elas queriam, mas como não deixavam de todo aquelas cousinhas de que elas não fazem caso, e que delas lhe vinha todo o mal. Entendi ou vi como um céu branco de neve onde vivem aquelas almas que já de todo se desapegaram de todo [o] visível , não cuidando já senão de se dar a Deus mais, e mais. Os regalos que a alma ali recebe de Deus são sem limite, que está ela conhecendo que o Senhor a mira com tanta alegria e gozo como se no mundo não houvera outra alma. Aqui é onde eu já disse acima que vira a Vossa Reverendíssima trabalhando, e vê dentro deste paraíso segura na obediência de Vossa Reverendíssima. Neste estado vive a criatura em uma paz, e serenidade, e retiro que parece que os sentidos estão todos adormecidos para as coisas visíveis. Também conheci que neste estado não dão estas almas trabalho a quem as governa porque o Senhor lhe dá também aos seus ministros conhecimentos daquelas almas que vão seguras, e elas se veem tão ocupadas, sem tratarem andam que nem para falarem a quem as governa [tem] tempo, e estão tão seguras na obediência, sem se fiarem de si mesmas que nada as poderá divertir nem duvidar, senão que certissimamente é Deus que assiste nelas, e elas em Deus gozando já por amor e fé viva daquela bem-aventurança. São tantas as coisas que o Senhor me tem dado a entender que se estivera sempre a escrever não as diria todas, e muitas me tem olvidado por não ter tempo de escrever, que me não deixam as criaturas. Louvado seja meu Amado, que tendo-o dentro de mim mesma tão só e livre de todo o criado permite que que elas me deem que merecer. Bem-dito seja ele!

Neste pouco que acima deixo dito, padeci muito porque os favores do céu eram muitos e a alma, no conhecimento do seu nada, padecia temores sem perder a paz da alma. As criaturas me atrabalhavam com al [fl. 246] gumas contradições. Eu não me desculpava, mas a natureza mostrava para si mesmo trabalho. Assim, não fazia mais que rezar-lhe Ave Marias em penitência, que me lembrava do que elas me diziam. Ofereci-as ao Senhor por elas, e sentia tanto trabalho que depois vi minha alma que saía formosíssima diante de Deus. Não me declaro mais, que dá fim o papel. E logo o Senhor me fez uma força a levar-me ao retiro, que não podia resistir, pondo-me enferma na alma que era

de amor, e o corpo todo cheio de dores, mas de sorte que seguia os atos de comunidade, e entrava no coro dizendo que lá ia morrer e lá me achava boa, mas tudo eram como resciós de sol. A saudade ia e vinha e claramente conhecia que o Senhor me aplicava o remédio que era o retiro, que sararia eu. O que eu mais sentia era a doença da alma, que era um martírio de amor. Eu saía para o leito, logo me estavam falando porque como tenho uma companhia e por não ter onde esteja a não quero desconsolar, que é toda a minha ânsia consolar ao próximo. Mas, porém, duvidei não fosse tentação estar com tanto apego e não querer desconsolar a criatura, e quis tomar dez dias de retiro para este desafogo. Como dei parte a Vossa Reverendíssima, logo me vieram outros trabalhos de criaturas, e sobretudo que Vossa Reverendíssima morria. Todas me vinham dizer que fazia eu que não pedia ao Senhor pela sua vida, como se me não importara a mim tanto. Fui-me a Nosso Senhor e lhe disse tudo como se ele o não soubera, e senti que a alma por si só pedia ao Senhor pela vida de Vossa Reverendíssima, que a vi como apartada do corpo nesta petição. Isto era no coro. As lágrimas eram muitas. No outro dia (que neste estive bem atrabalhada), estando na oração, senti dentro da alma uma certeza seguríssima [de] que Vossa Reverendíssima não morria, mas logo se me passou porque todas me diziam que morria. Tudo eram trabalhos porque os cadernos [fl. 246v.] que Vossa Reverendíssima lá tinha me atormentavam, e o inimigo dizendo-me muitas coisas, fazendo-me medos, e que agora ficava à minha vontade, e outras mais coisas que aqui não digo.

Capítulo LIV.

Padecimentos sem explicação, com grandes desabrimentos de criaturas e de todo [o] criado e visível, e tudo tão estranho para minha alma, digo, para uma alma que vive neste desterro livre e desembaraçada toda só para Deus, inda que muito cheia de misérias, que é o que tenho de meu, que todo o bem é de Deus. Bem-dito ele seja para sempre.

Estando no coro disse a meu Amado: “como pode ser, Senhor, isto, que sinta tanto[s] trabalhos com as criaturas, vivendo eu só para vós?”. Logo entendi que me diziam que “assim te convém” e deram-me a entender que havia de padecer, e supus que eram enfermidades e dores como logo se seguiram, mas como a alma vê que o Senhor é o que lhas dá, sente grandíssima alegria em tudo [o] que padece e se oferece a dar mil vidas, se as tivera, por seu Amado.

Nestes tempos, que passaram mais de quinze dias, padeci dores que me não deixavam tomar o sustento preciso. Passei muitas coisas que já me não lembram para dar conta com clareza, que então as recebia. As aflições da natureza eram grandíssimas e dentro da alma uma viva lembrança do céu, com um grande amor aos anjos porque tinha vivamente como patente os nove coros dos anjos, que se me fazia dentro da alma suavíssima a música dos anjos louvando o Amado Esposo. Aqui passava a alma com alguns colóquios e íntimo abraço de Deus. Também padeci grandes tentações, mas breves, que me parecia que o inimigo estava sempre vendo por onde me podia assaltar, mas eu sentia grande fortaleza, não fazia caso. [fl. 247] Não o via com os olhos do corpo, mas no que dizia se dava bem a conhecer, que muitas coisas me não lembram. Mas só me lembra que, indo para o coro muito doente com tenção de ficar a ela, me disse: "coitada[1624]![1625] Olha que te há de fazer mal!", e mais coisas que não digo só por não falar nesta serpente infernal. Depois, comecei de sentir grandes forças, mas duravam pouco porque me assaltavam uns saltos, digo, que me assaltavam umas faltas que me deixavam como morta. Eles passados, que também não duravam muito, mas deixavam-me debilitada, sem forças, e logo me dava um ardente amor, que é impossível explicar os efeitos dele. Era um maná que sentia, que não tem nome, de doçuras, que era muito maior que me sentia desfazer-me toda com grande suspensão de todo [o] criado. Sentia-me morrer a vida do corpo, lembrava-me a morte. Não sentia aflição com ela. Parecia-me que a alma saía pelos efeitos que sentia no corpo, que se iam cobrando as forças, os braços caídos. Via, sem ser com os olhos do corpo, que o Senhor estava com os seus divinos braços abertos para receber a alma. Oh, ditosa morte! Suavíssimo deleite, que não sei com que se compare! Não chegava a alma àquele fim ditoso, mas por duas vezes senti isto ambas as vezes dentro de uma hora. Em estes intervalos não sei o que passei por não saber de mim. Depois, sentia-me só entre gente que era nos corsos de cima. Abria os olhos e não sei que sentia que era tão suave como esperando que acabasse este desterro porque o Senhor estava comigo, mas não o via claramente pela prisão da carne. Estava como esperando, mas tão regalada a alma e o corpo desfalecido. Nessa noite não podia admitir o sustento do corpo, nem havia necessidade, mas fazendo força

[1624] No original, "coutada".
[1625] Primeira ocorrência de ponto de exclamação.

me dava como tre [fl. 247v.] mor. Sentia os padecimentos e não me sentia. Deixou-me uma viva memória dos tormentos e dores que o Senhor padeceu. As lágrimas eram como quando chove, sem sentir senão quem se molha e eram suavíssimas e todas pelo Amado. Estava vendo o Senhor na cruz três horas vivo e pregado. Não sentia mais que regalos da alma que não sei como era que a alma os recebia e não atendia a eles senão o que seu Amado tinha padecido por ela. Tudo nela eram lágrimas pelo Amado Esposo, e inda hoje as não pode enxugar. O retiro é profundíssimo de tudo [o] criado, e de tudo [o] que não é o mesmo Senhor chagado e crucificado por ela. Não sei como é isto. Vossa Reverendíssima me perdoe que me não sei bem dar a entender.

As elevações que a alma sente são muitas e grandes, que a levam a alto amor e conhecimento da bondade e grandeza de Deus. Vai já por dois dias que vive a alma neste alto estado e em uma profundíssima humildade e silêncio de todos os sentidos. No exterior como morta, que sem ser preguntada parece [que] não tenho liberdade para falar pela grande atenção e recolhimento interior porque não sinto mais que a meu Amado. Não sinto amor insofrível que está a alma satisfeita em parte. Só falta tempo sento todo para meu Deus e Senhor. Antes disto que acima tenho dito, me deram grandes ânsias de servir e consolar aos próximos. Sentia-me arder em caridade do próximo com orações e com obras. Ia-me pelas doentes e aflitas dava-lhe do que tinha, e vendo que elas se alegravam e consolavam vinha eu alegríssima (digo a alma). Gastei nisto alguns dias com mais desvelo do [que o] costumado pelo grande amor que sentia na alma, que me parecia que o Senhor me mandava a este exercício porque assim que me retirava sentia dentro da alma [a] alegria com que o Senhor [fl. 248] a recebia. Também passei dias sem ter oração por não poder. Deram-me a entender o grande cuidado que devíamos de ter. sempre descobrindo-se-me nela como tudo que puramente se não faz, digo, que puramente se nela faz por o Senhor, que era seguríssimo e os perigos que havia em que não a tinha que eram dois caminhos. O da oração claro, e direito e suave. O outro que não é de oração perigoso, e inquieto e com mais conhecimentos que eu não sei dizer. O Senhor me dê luz para que dê conta clara a Vossa Reverendíssima, como eu desejo para que não seja enganada. O Senhor tal não permita.

Nestes dois dias é tão entranhável o amor que sinto que me rouba todo o interior suavissimamente, e recendo o amor sacramentado que sinto dentro de mim mesma

como toda a corte do céu, o coração aberto, os efeitos são grandíssimos e suavíssimos. É uma majestade que a alma sente que desfeita toda no seu nada se deixa toda ir nos braços do seu divino Esposo, e deseja estar como corpo e toda ela prostrada por terra. Aqui os regalos que ela recebe não tem explicação, e só quem os receber saberá como sito é, que de outra sorte me não sei explicar como o conheço interiormente.

Outro dia, por ter irmã doente, me não detive depois da comunhão mais de meia hora, e também me sentia quebrantada de forças e me fui a saber dela. Depois, quando tornei para o coro senti logo uma grande união de amor que me fazia custoso as cerimónias do coro, que me movia como corpo morto, e por ratos me parecia que o Senhor me fazia queixas de mim mesma porque me tinha deixado falar com as criaturas sem haver necessidade.

Nestes dias recebi grande gozo sem conhecimentos claros mais que a alma no conhecimento do seu nada, posto como adorando àquele ser divino, que não sei dizer [fl. 248v.] como isto é, só que a alma vive toda em Deus. Não tem, nem conhece em si mais que Deus suavíssimo chegando. Recolhe-se na oração, não há tempo mais que a alma, de repente, unida a Deus que é como se estivera bebendo de uma fonte suavíssima sem poder nunca satisfazer, antes fica mais sedente. E deixando a oração, ou por acudir à caridade ou ao preciso, não se aflige nem se turba, antes alegríssima se vai a tudo que é vontade de Deus. E tornando acha a mesma fonte divina correndo onde la torna a descansar, e recriar-se como o menino aos peitos de sua mãe. Em toda a parte que me acho sinto dentro da alma grande paz e silencia e tudo claro como o mesmo sol. Os trabalhos, nem enfermidades, não afligem, e mais efeitos suavíssimos. Este é o estado em que me acho hoje, que é a quarta dominga da Quaresma.

Tenho passado muitos tempos sem escrever por falta de forças, que as enfermidades e dores me parecem que já em mim estão de assento e para acudir a outra doente não me fica tempo mais que sentir um martírio contínuo, mas tudo em grande paz, e sem poder fazer nada para com meu Amado, como é coro e oração. Assim, me queixei a uma serva de Deus, dizendo-lhe que me sentia morrer e que não me podia meter muito com Nosso Senhor, senão de longe. E mais rezões que ela me disse que também padecia o mesmo. Com isto nos consolemos, mas como eu me sentia em um estado que me parecia estar inocente em todo o sentido porque nada sentia, nem pecados conhecia, nem nada me dava pena, via-me como simples e fui-me para o coro, dizendo que queria

lá morrer. Estando nele, me pareceu que me repreendiam por eu ter dito que nem com o Senhor me podia meter muito senão de longe, mas foi isto tão suavemente que [fl. 249] logo me pareceu que perdera os sentidos. Entenda Vossa Reverendíssima que os sentidos de todo [o] criado, que fica logo desocupada a alma só com Deus, em tão grande gozo que não se sentem as dores do corpo, e sem fala me diziam que tivesse silêncio e oração. Assim passei o mais do dia e todo o tempo que podia, mas como tenho a doente era-me necessário assistir-lhe alguns ratos no tempo que ela está só.

No outro dia me sentia toda enardecida em amor de meu Deus, mas nada entendia mais que sentir-me toda desfazer em amor. Chegando à oração não sabia que fazia, só conheci que a alma ia com anjos, mas não os via, que não sei como era. E eu supus que eram elevações da alma, que me não sei dar a entender, só que onde a elevavam vinha confortada de sorte que o corpo também o estava, e ficava-me uma sede de Deus tão grande depois que ela tinha passado isto que acima digo, porque nesse tempo satisfazia a alma que me parecia que estava gozando da vontade clara de Deus, sem ver nada porque nem os anjos via, e entendia que eles a levavam. Por duas vezes senti isto em uma tarde, que o que a alma recebeu de Deus não sei explicar. Deixou-me um gozo que os olhos se desfaziam em lágrimas. Aqui já a alma não cuida de si. O seu cuidado é pedir ao Senhor por todo o mundo em sua ordem.

Quando entro na oração sinto tão grande ânsia que, sem ser fala, me parece que o Senhor me diz que lhe peça pelos pecadores, porque é tal a lembrança, dor e lágrimas que sinto que se me representa que o Senhor me diz: “filha, pede-me que sou grandemente ofendido”. E com isto padeço muito porque me estão todas as coisas tão claras que me parece que mil vidas que tivera as dera todas só por que Deus não [fl. 249v.] fosse ofendido. E para a alma receber estes favores de Deus passa primeiro por grandes martírios, que se me representa que são as flores que o Senhor quer que ela colha de entre espinhos. Não me sei bem explicar, mas às vezes me vejo tão atribulada, tudo em paz, que tudo se me vai em pedir ao Senhor que me salve, que me parece que me perderei, mas como temos também Pai que em um instante assegura a alma. E por várias vezes sinto que o Senhor me diz: “eu estou contigo”, e fica a alma tão satisfeita que já se não conhece a si porque só em Deus se acha.

Por vezes me dizem interiormente que guarde silêncio e não falei senão o preciso. Meu amor, que tão ingrata sou porque estas coisas entendo-as estando no coro, e como me

saio dele e tenho a doente, logo se me oferecem ocasiões de falar muito, não que eu as busque, mas metida com criaturas não calo boca.

Outro dia tornei para o coro, logo senti que me diziam o mesmo, que não falasse fora do preciso, que era como dizer-me o Senhor que só consigo me queria. Ao mesmo tempo me mostravam, e eu sentia, os bens que a alma recebia do Senhor vivendo como ele queria. Meu amor, que me não sei explicar, que é gozo e mais que gozo em que a alma vive, todo o interior e exterior desocupado sem lembrança de coisa criada mais que a alma e Deus, um silêncio profundo de todos os sentidos. As enfermidades e dores do corpo, neste tempo, não afligem a natureza que está a alma como fora das pensões da prisão da carne. São enumeráveis os bens que a alma goza que me parece que a alma não tem liberdade, ou a não dá ao corpo, para tratar a nada fora do muito preciso. Sinto tão grande alegria na alma com Deus que, por ratos, sente umas carícias e amores que me sinto desfazer toda em amor de meu Deus. Os ratos de ora [fl. 250] ção, a meu parecer, são breves, que a alma não satisfaz a fome e sede que sente de retiro e soledade. As enfermidades e dores são muitas que padeço que, às vezes, necessito falar a Vossa Reverendíssima, mas é tal a pressão de dores que não dá lugar a buscá-lo eu. E, outra vezes, está a alma tão ocupada com Deus quando o recebo que me não dá lugar a levantar em donde estou recolhida para ir falar a Vossa Reverendíssima, porque são as horas que Vossa Reverendíssima está ali e, como eu sou tão miserável que não conheço os pecados que tenho de que me confessar, deixo-me ficar com o que sinto dentro da alma. Esta é a razão porque falo poucas vezes a Vossa Reverendíssima. Agora diga-me se é isto bom ou mau, que eu digo isto por respeito de receber o amor sacramentado todos os dias enquanto o manda a santa obediência, porque o amor sacramentado, para mim, é vivo despertador para todas as minhas obrigações e ações exteriores e interiormente porque sempre no comer, no dormir, no vestir, no falar e em tudo o mais que me obriga inviolavelmente[1626] a ser anjo em carne, que não me deixa liberdade de criatura porque logo me acordo que recebo o amor sacramentado todos os dias. E com esta lembrança se desembaraçou toda a minha vontade de todo [o] visível e terreno, que o acudir ao preciso serve-me só de martírio. Mas só me consolo que o

[1626] No original, “enviolavelmente”.

estar a estas coisas, digo, mas só me consolo que o tratar a estas coisas é só por não poder deixar de ser.

Estes dias me sentia tão doente que me ia para o coro e lá morrer, e assim que entrava nele me sentia boa. E como se acabava logo, tornava a padecer, mas já sei o que é porque, estando no coro, não se vê a si nem conhece em si mais que seu Amado, passando com ele grandes delícias e amores. O Senhor me deu lugar para que eu visse que nada fazia por seu amor, e a [fl. 250v.] ssim me queixei com uma grande ânsia de abrir o coração e que visse a minha vontade. Não me lembrei que ele sabe todas as coisas, logo senti um amor e luz divina tão grande que não se sabe bem dar a entender, senão que o Senhor me disse: "filha, eu estou contigo", e mirando-me o coração se alegrava muito. Parecia-me a mim e o gozo que eu sentia que não tem explicação. Os efeitos duram dias, a paz e silêncio grandíssimo os uníamos por ratos e suspensões são muitas nestas ocasiões. E neste mesmo dia me sentia eu atrabalhadíssima com as criaturas porque de fora e dentro sempre eme dão que fazer. Assim, neste mesmo dia me disse o Senhor: "não te aflijas porque isso que fazes com as criaturas não me desagradas porque é só por mim, e não as tratas por tuas conveniências. O que lhe fazes é por meu amor". Eu fiquei consoladíssima interiormente que não sei como isto foi. Só me esqueceu de lhe dizer que me desse que lhe dar, que só assim iriam consoladas. Falo nas de fora, mas pareceu-me muitas, digo, mas passou-me muitas coisas que neste dia me deu a entender meu Amado. Eu não o vejo com os olhos do corpo, nem ouço com os ouvidos, mas são umas coisas tão claras e certíssimas que não se sente coisa, digo, que não se sente dúvida nenhuma, senão uma certeza e segurança que Deus é o que fala com a alma, que a faz perder-se toda e só achar-se em Deus. Nestas ocasiões logo falta tempo para estar com Deus, inda que não o gaste com criaturas no preciso. Sinto tão grande alegria em toda eu que nem os trabalhos, nem as dores e penalidades[1627] (que não são poucas), me afligem. Nada me inquieta, que se goza de uma paz que só Deus a pode dar. A liberdade em que a alma se sente e toda eu, que nada me pode divertir, nem deter, para deixar de gozar de tão grande bem como dentro de mim sinto. Mas nada disto é meu pois nada sou e nada posso. Vossa Reverendíssima me perdoe que não acabo [fl. 251] já de me saber dar a entender.

[1627] No original, "penelidades".

Capítulo LV.

Já no capítulo passado de[i]xo dito que o Senhor me consolou muito em assegurar que o não desagradava no trato preciso das criaturas, pois não o fazia por muitas conveniências, senão por seu amor. Nesse mesmo dia me sentia tão atraída e unida a meu Deus que me sentia abrasar em amor seu, e tinha feito tenção nesse dia [de] não falar a nada fora do muito, muito preciso por me não achar com liberdade para o fazer pelo que sinto dentro da alma, que anda o corpo como morto para as coisas visíveis, que só [n]o retiro e silêncio descanso. Mas logo me chamaram que estava uma pessoa de fora que me queria falar, que trazia cartas dos irmãos. Fui falar-lhe, mas como estava tão ocupada a alma com o Senhor, fez-me mal à saúde do corpo. Veja Vossa Reverendíssima se pode isto ser porque eu logo o despedi, mas sempre me detive a buscar-lhe contas e relíquias (que é o que eles querem), e por isso nunca se querem ir sem me falarem, pois se enganam comigo em cuidar que eu tenho alguma virtude. O Senhor tenha misericórdia de mim. E não me detenho em dizer mais porque Vossa Reverendíssima bem sabe o que eu sou. Mas quero dar conta da doença que sentia e padecia nesse dia porque, depois de vir de lhe falar, fui para a doente. Senti a alma que não podia satisfazer. Fui-me para o coro fazendo muitos atos de amor, como de longe, porque se me meto ou me de[i]xo ir toda do amor que sinto, nesta ocasião me parecia acabar a vida do corpo, ou de todo as forças porque, às vezes, é um amor insofrível que se me representa que pouco ou quase nada está entre a alma e Deus. Assim foi isto ontem, mas como o coro era só completas e depois delas tornei à doente, quando entrei no leito a recolher-me só com o Senhor foi uma coisa que senti, que só pela santa obediência poderei dizer o que puder declarar, que não [fl. 251v.] é muito por não ter explicação, que foi como se vira e ouvira com os olhos do corpo, mas tudo foi dentro da alma, e foi de sorte que com lágrimas o direi. Assim que fichei a porta do leito, senti que o Senhor me dizia: “vem, filha, e descansa nos meus braços”. Eram as delícias que sentia que não se podem pôr por letra, e dizendo-me mais coisas que ao mesmo tempo que as dizia regalava a alma. A alegria do seu divino rosto não se pode comprar com nada. “Filha e amiga minha, descansa, que estás fatigada. Padeces por meu amor”. Vossa Reverendíssima mande-me que dê conta de tudo. Veja se são isto coisas que se possam crer senão com uma luz grande do céu e claro conhecimento de toda a minha vida e viver.

Esta noite passei toda com o Senhor como se o vira claramente. Digo isto pelo que sentia, mas não sei que sentia que não podia dormir descansada porque o amor me despertava. Fui-me cedo para o coro e nele estive até vir para o refeitório, tão fora dos sentidos do corpo, que os olhos se não podem levantar sem causa muito precisa. O que neste tempo passei é só da alma para com Deus, e inda me não sinto com liberdade para o preciso, senão com muito trabalho, que vai já por dia e meio. E passo muitos ratos com grandes carícias como faz uma mãe com seu menino, a quem muito ama. Vai já por oito dias que a alma vive neste abraço e descanso em que o Senhor a pôs. Não de[i]xo de padecer de toda a sorte, mas sinto-me tão enardecida em amor de meu Deus que o retiro e oração a satisfaz com abundância, mas sempre lhe falta tempo, e de todo está satisfeita que parece que nada lhe fizera falta (digo o preciso), como é o sustento que padece a criatura, sem se sentir que padece porque todos os trabalhos se lhe fazem suaves à vista do que está gozando de Deus. Desde então para cá sinto uma presença e assistência de Deus, tão clara e penetrante que não sei [fl. 252] como me dê a entender. Esta é contínua em toda a parte, que estando com as criaturas a sinto tão viva que me parece que o Senhor com maior força me une consigo, que me faz esquecer do que se está dizendo. Outras vezes sinto dentro da alma, ou de mim mesma, que não sei como isto é, que o mais das vezes é estando na missa do dia, ou para me recolher na oração, uma força muito íntima que a alma parece se aparta do corpo. Mas não sinto trabalho, senão amor que me leva, mas sempre fico no mesmo lugar em que estava, e se me dá para entrar na oração, fico nela sem discursos, nem sei que faço, mas é um nunca acabar de gozar de Deus, mais e mais. Outras vezes duvido que estarei ociosa, mas logo o mesmo Senhor assegura a alma e muitas mais coisas que aqui se passam e se não sabem explicar. Mas serei eu por ser a que sou, que só digo que quando a alma aqui chega vem tão despida de si e de todo tão pura, não que ela tenha nada de seu porque tudo é de Deus. Mas não se conhece mais que uma mesma coisa que é Deus, que não se há de conhecer já nada de criatura mais que do Criador. O Senhor tenha misericórdia de mim, que só o que me anima é ver-me toda desapegada de todo [o] visível , a vontade tão livre de todo [o] criado que nada me faz falta, e não possuindo nada por vontade, senão só por não poder deixar de ser e isso que é me serve de martírio. Tenho caído em uma culpa sem querer, e me parece a mim que foi culpa minha que é deixar-me levar de grande sentimento, não por vontade, mas por ver que a irmã morria ou morreria

daquela queixa. Queria-me alegrar por ser vontade de Deus e não podia, e em todo este tempo que andei neste cuidado não pude escrever, nem dar conta, porque nada entendia. Só conhecia que o Senhor se escondera que me causava grande martírio e desconfiança de mim mesma, que não conhecia em mim mais que misérias e fraqueza. Fazia muitos atos de conformidade e de re [fl. 252v.] signação na sua divina vontade, e o ver-me tão trocada do que de antes era, porque dentro de mim mesma nunca sentia mais que desejos de dar-me mais, e mais a Deus, e viver só em Deus, com tão grande liberdade e desapego de todo [o] criado que já tenho dito, que o preciso me serve de martírio. Mas foi Deus servido tirar-me esta nuvem que trazia de mim, digo, que trazia diante de mim que me não deixava dar um passo adiante. Tudo era suspirar e trabalhar dentro da alma e fora a buscar meu Amado, e não acertava. Sentia-me padecer grandes queixas e dores que não sei como era, que me parecia que destruía a saúde pela força que sentia sem eu a querer fazer, porque só abrir as portas do coração para que o Senhor visse a verdade. Muitas coisas passei neste tempo, mas não as podia escrever, que logo me passavam com cuidado da irmã, sem o querer, mas não sei como isto era. O Senhor tenha misericórdia de mim, que nada posso.

Aqui entendi muitas coisas a respeito das esposas de Jesus Cristo, como hão de viver de todo mortas em todo o sentido, desapegadas de tudo que não é o mesmo Deus, que de outra sorte é impossível que a alma possa dar um passo adiante para colher as flores deste jardim, onde o nosso querido Esposo nos pôs. Se eu me soubera explicar dissera muitas coisas a este sentido que me mostram.

Véspera da Assunção, estando na oração gozando a alma de grandes delícias e regalos do céu, que me parecia que o Senhor me mostrava um palácio onde tinha as suas esposas, e nele mesmo estava um jardim de flores que deitavam de si uma grande fragrância de suavíssimo cheiro, e estava tudo como patente a todas as suas esposas para que elas se recriassem e as escolhessem, que me parecia que o Senhor as não queria colher, senão que as esposas as colhessem e lhas dessem nas suas divinas mãos, que [fl. 253] me parecia que lhe via tão grande alegria no seu divino rosto para as receber das mãos das esposas, mas não via colher nenhuma. Aqui me lastimei muito porque este jardim de flores era os trabalhos da religião. A caridade do próximo no

sofrimento dos desprezos e de tudo [o] que é de mortificação e trabalho significava[1628] este jardim. Mas via poucas que colhiam destas flores para dar ao divino Esposo, que com tanta alegria e gozo as queria das mãos das suas esposas. Ora é possível que se todas virmos isto que ali se mostrou ou se me mostrou, não há dúvida que todas nos prostraríamos por terra aos pés de umas das outras, e não buscaríamos jamais coisa desta vida, senão só querer padecer mais, e mais por nosso Amado Esposo. O amor e caridade que o Senhor me mostrou que devemos ter umas com outras, que é como uma mesma vontade, um mesmo querer, tudo igual no obrar e querer, tudo isto me lastimou muito pela diferença que estava conhecendo dos nossos maus naturais. Não fazia mais que chorar toda enardecida de amor de meu Deus, pedindo misericórdia, porque isto que estava vendo não era só com as religiosas, mas também com os religiosos, que este jardim e palácio era a clausura, e o sustento que o Senhor nos dá neste palácio é o seu divino corpo sacramentado. Entendia como ele se agradava que nós o recebêssemos todos os dias, não cheios de misérias voluntárias, senão puras e limpas, que não há de haver outra coisa criada ou desejo dela, nem de sustento que deleite o corpo fora do muito preciso para acudir a fraqueza da natureza, mas, sendo como o Senhor mostrou, não tem a criatura necessidade de outro sustento. Oh, meu Amado, havei misericórdia de mim e de nós todos!

Deste dia que foi véspera de Assunção para cá vive minha alma em um íntimo abraço com meu Senhor. Às vezes me quero [fl. 253v.] deixar aos seus divinos pés, mas o mesmo Senhor a une consigo, que se não pode dizer os regalos que o Senhor me faz e mercês tão claras tendo-a chegada ao seu divino rosto. Daqui não passo.

As suspensões são muitas, que parece que a alma leva o corpo, por ratos, grandes forças no mesmo corpo, mas duram pouco, que, umas vezes, o amor me parece [que] mas tira e, outras vezes, o mesmo amor as conforta, que é quando é um suavíssimo e quieto, que a alma se perde de si mesma como sono que eu não sei explicar. Outras vezes é um amor tão grande e tanto às vistas que parece fogo que abrasa e não consome. Como Vossa Reverendíssima me diz, o sustento do corpo que às vezes tomara não fora nenhum, mas sempre lhe dou o preciso e temo não lhe dê demais, porque sempre me lembra o que Vossa Reverendíssima me disse que o sustento não fosse mais que por me

[1628] No original, "segnificava".

alimentar, e sempre que estou no refeitório me lembro de me ter dito isto. Agora me sinto, por ratos, com um amor que não posso satisfazer e clamo a meu Senhor [que] me tire o coração e dentro dele sinto uma coisa que não sei dizer como é, mas é suavíssima. Todos os meus pensamentos são agora das coisas do céu. Está tão viva esta memória do que será ver a Deus, e aquela beleza da glória que me desafogara a gritar e chamar a todo o mundo que trabalhemos para irmos gozar daquele sumo bem.

Nestes dias sinto pouco sono que me parece que inda que os olhos dormem, a alma está gozando de Deus, e quando me deito na cama são as delícias que a alma sente com Deus, que não tem explicação. Nestes dias em toda a parte está a alma gozando de Deus, com tanto amor e carícias que não sei como se não dá fim este desterro. Oh, meu Amado Esposo, que quereis, Senhor, que faça?

Dia de Nossa Senhora dos Remédios me levantei da cama com um amor tão encendido e abrasado que não sabia que [fl. 254] fizesse, porque estava sentindo a meu Deus como visivelmente, sem o ver com os olhos do corpo, nem fazia diligência senão como esquecida de mim mesma. Dava-me, de repente, um incêndio[1629] de amor que não sei dizer de outra sorte que me parecia que sentia ao Senhor e não o via. Valha-me Deus que não sei que faça.

Neste dia não me sentia muito presa como outras vezes, senão com muita liberdade para o tratar e para me humilhar, e pedir-lhe mercês, que o Senhor me dava a entender que lhe pedisse. Eu o fazia com ânsia por todas as necessidades do mundo, e era tão vivo o amor que sentia que me parecia que o Senhor se alegrava que eu lhe pedisse (não me creia Vossa Reverendíssima), mas não posso deixar de dar conta do que sinto tanto às vistas.

Fui-me a receber meu amor sacramentado. Foram tão grandes as delícias que minha alma sentia com o Senhor que me parecia entendia que o Senhor me dizia, com um gozo tão grandíssimo: “filha e amiga minha, regalemo-nos aqui ambos”. Pareceu-me ser milagre nesta ocasião não se desfazer a natureza do suavíssimo olor ou cheiro, ou não sei que doçuras sentia que eram mais que doçuras, mas não lhei (sic) pôr outro nome, digo, mas não lhe sei pôr outro nome. Os efeitos que me deixava eram tão grandes de

[1629] No originalm “encêndio”.

padecer mais e mais pelo Amado. Era só o que desejava. Meu amor da minha alma, que farei por vós, Senhor, que sois a vida de minha alma e a alma de minha vida?

Neste dia não entendi coisa particular senão um trato tanto às vistas da mesma alma que me parecia que o Senhor me dizia, por vezes: "filha, quero-te regalar com teus fa (sic), digo, com meus favores". As lágrimas eram muitas e suavíssimas no conhecimento do meu nada. Aqui se exercitam muitos atos de humildade e de resignação na sua divina vontade para receber tanta abundância de favores e carícias. A resignação é para se poder tolerar ver-se uma pobre alma que é nada gozar de uma glória infinita, não com os olhos porque com eles não vê nada. Vê-se au [fl. 254v.] sente daquele mesmo bem que está gozando como em si é, que só a fé viva e vivíssima, que se não for ingrata o há de ir gozar por toda uma eternidade. Valha-me meu Amado que se não tivera a certeza que há de dar fim este desterro me faria louca de amor, e por me ver nesta ausência tendo o Amado presente, mas como não é como a alma o quer ou o deseja já para si, não quer senão padecer por seu Deus enquanto se não desfaz este véu que a não deixa satisfazer. Oh, Senhor, loucura é a minha que não sei o que digo!

Desejo falar a Vossa Reverendíssima para falarmos deste Amado das almas puras. Oh, quem pudera adquirir-lhe[1630] todas quantas estão na[s]cidas neste desterro para que todas fossem puras e gozassem deste sumo bem. Ó, meu padre confessor, trabalhemos sem descansar por nosso Amado. Perdoem Vossa Reverendíssima, mas desejo [de] ter mil vidas para dar por este Senhor.

Hoje me sinto em um vivo abraço com meu Deus que não sei que hoje farei de mim, que está o amor muito forte e vivamente vive a alma em Deus, e eu sou a mesma miséria, mas não posso hoje ver nem entender dentro de mim mesma mais que um trato íntimo de meu Deus. Senhor, quem a vozes públicas dissera: "almas ingratas a vós mesmas, porque nos não damos todas limpas e desapegas de todo [o] visível a este Senhor, que ele enche todos os vasos dos nossos interiores, que faz sair o Homem de si, bem dizia São Paulo". Oh, ditoso apóstolo, que soube declarar as grandezas de um Deus infinito. Tende, Senhor, misericórdia desta ignorante que recebe e não paga.

[1630] No original, "adquerir-lhe".

Também nestes dias padeci algumas tentações breves, que direi no capítulo seguinte. O Senhor dê luz a Vossa Reverendíssima e paciência para me so [fl. 255] frer, e peçamos ao Senhor [que] nos tire os corações.

Capítulo LVI.

Tem-me causado tão grande força de amor, que já disse a Vossa Reverendíssima que estando na oração do convento me vi tão cheia de dores e padecimentos, que nada podia fazer por meu Amado, e da minha parte nada descobria senão misérias e com ânsia me virei a meu Senhor (como sempre costumo fazer), que é dizer-lhe, sem falar, mais [que] mostra[r]-lhe o coração, que veja os meus limitados desejos. E ao mesmo tempo vi de uma parte do coração se abria como para o alimparem, e vi que de uma banda não estava bem limpo. Vi-lhe como uma névoa, não muito escura. E isto foi tanto à pressa que se tornou logo a sarar, que foi mais o que entendi que o que vi, mas causava-me grandes desconfianças de mim mesma. Dava mil voltas dentro de mim mesma, via que em tudo era a mesma miséria, mas não achava coisa particular. Valha-me Deus. "É possível", dizia eu, "que eu tenha fora de vós alguma coisa? Antes morrer, meu Amado", e com lágrimas lhe dizia muitas coisas. O amor se acendia cada vez mais e mais.

No outro dia estando em a missa do dia com grandes ânsias que sentia de estar unida em um abraço apertadíssimo com meu Deus, porque a alma via que o Senhor a não queria, mas conhecia ela que ele queria que ela trabalhasse a buscá-lo. Estando nesta diligência lhe mostravam como uma amorosa repreensão. Foi neste sentido que no dia antes, de tarde, estando eu na igreja rezando o rosário, passou uma menina por onde eu estava. Eu quis-lhe pegar e estive falando com ela, e me deixei levar de algum amor de a ver tão graciosa, mas passou logo isto, mas cá na [fl. 255v.] missa do dia entendi muitas coisas da minha fragilidade. Aqui me davam a entender como o Senhor me queria morta em todo o sentido, isto é com as almas que o Senhor quer ter já de todo por sua conta para lhe fazer mil favores, porque me mostrava que dentro do coração não entrava mais que o mesmo dono dele. Mas estas nossas ninharias e pequenez[1631] que nunca acabamos de os cortar de todo. Deus me acuda que se me desfaz todo este corpo com desejos de ser perfeita em todas as minhas ações. E como será isto que não

[1631] No orignal, "pequinhez".

conheço da minha parte mais que misérias? Mas bem-dito seja meu Senhor, que tudo o bom é seu. Também entendi que me diziam que andasse com os olhos baixos. Eu bem o desejo, mas de mim nada se pode fiar se meu Amado me não tem das suas divinas mãos. E neste dizer que andasse com os olhos baixos entendi que era para que eu já de todo me não deixasse levar de algumas, digo, de alguns divertimentos fora do mesmo Senhor, que isto foi tudo junto com a repreensão da menina que acima disse, que tudo era como endereçado a que hora do mesmo Senhor me não havia de advertir em nada. Nem eu o desejo, mas esta miséria que nada pode e tudo vem a rematar em querer-me o Senhor toda livre para si. Olhe, Vossa Reverendíssima, que martírio de amor se padecerá conhecendo uma alma dentro de si mesma que o Senhor a repreende e adverte e ensina para que ela se dê toda a ele. Isto só para lhe fazer regalos e favores, e está-lhe mostrando como não pode o Senhor dar aquelas relíquias, digo, aquelas riquíssimas prendas de glória, e gozo, e alegria sem que ela de todo se desapegue destas limitadas cousitas desta vida, que por força as há de deixar. Muitas mais entendi que agora me não lembro bem. O Senhor tenha miseridia (sic) [misericórdia] de mim.

Depois, fiquei padecendo grandes dores e faltas de alentos, que não sei se me foi causado da ânsia que sentia de me des [fl. 256] fazer toda em amor de meu Deus, porque se me faz insofrível que haja em mim coisa que não seja toda para meu Amado. Que nisto passei alguns dias desconfiadíssima de mim mesma e tão atormentada de dores que me não podia manear, e com grandes medos ou confusões que não são dentro da alma, senão como exteriores, que as não digo com miudeza porque me não caberia no capítulo mais que padecimentos, que às vezes são muitos, inda que não duram muito, mas só um direi, que estando deitada na cama acordei em tão grande susto que me parecia que o inimigo me queria espedaçar. Não o via com os olhos do corpo, mas o que senti de repente não tem explicação. Chamei ou disse: “Jesus, Maria, José, valei-me”. Ao mesmo tempo me senti que o Senhor unia a alma e toda eu apertadissimamente consigo, e tornei a dormir descansadíssima.

No outro dia me sentia aquebrantada. Pus-me na oração do convento com as ânsias costumadas de que o Senhor me tire o coração, e como me parecia que nada ali fazia lhe disse do íntimo do coração: “Senhor, que quereis que faça?”. Senti que me diziam que fizesse atos de resignação na sua divina vontade, e supus que eram trabalhos que me uniriam. Abraçava-os com humildade e amor enternecido. Assim passei a noite com

um amor muito vivo, e quanto acordava eram com alguns colóquios. De manhã fui para matinas e, sentindo grandes forças e dentro da alma grande paz e tranquilidade, parecia-me que dentro de mim tinha um grandíssimo palácio, e reparando eu me disse o Senhor que ali queria fazer assento. Isto só com lágrimas se pode escrever. A largueza que eu sentia dentro de mim mesma não há cá com que se possa comparar. Fui-me a recebê-lo sacramentado. Os favores não tem explicação. Sentia que o Senhor se assentava, não sei como era, porque ele disse [que] se assentava dentro da alma, e a mirava com tanta alegria que tudo se encerra em dizer-lhe [fl. 256v.] o que se diz nos Cantares.

Passei duas horas e meia, que não foram mais por não ter tempo que se entro ao coro, e depois fui servir à mesa, mas neste tempo me perdi toda em Deus. O que passei não o sei dizer. Sinto inda grandes elevações e dentro da alma um céu cheio de grande fragrância de cheiros ou coisas que eu não sei explicar. A união apertadíssima, a alma insofrível na assistência do trato das criaturas acode à caridade do próximo, mas sinto uma força que me leva toda ao retiro. Aqui não entendi nada mais que a alma gozar de Deus, com tanta largueza e clareza como se no mundo não houvera outra alma. Isto a faz desfazer-se toda no seu nada. Depois, senti grandes dores de cabeça e com grande quebramento[1632] de forças pela força com que a alma e toda eu me senti levar daquele amor divino, que quando depois me acho entre criaturas vejo-me tão estranha e tão deferente daquele trato que a alma sente com Deus dentro de si mesma. Não tem explicação o que uma alma ou criatura padece vendo-se entre criaturas, sendo-lhe preciso falar-lhe e tratá-las, sentindo dentro da alma uma tão viva assistência, e presença, e trato íntimo com o Rei da glória, sem ela já não ser sua, senão do mesmo Senhor que a criou de nada. Que já ela não espera nem quer senão que já dê fim este desterro para que de todo possa gozar daquele Senhor que dentro de si sente. Ah, amor, amor, darei de mim o que quiseres pois não dá fim este desterro. Já não afligem os trabalhos porque a viva memória que a criatura traz sempre no muito que o seu divino Esposo padeceu por ela, que são tantos os tormentos que o Senhor padeceu por mim que tudo se me faz tão suave com os padecimentos, que nada padecemos por muito que nos pareça que padecemos. Nada, nada, nada padecemos por um amor divino.

[1632] No original, “cobranto”.

Vejo-me desfazer toda em amor de meu Deus, que não sei que faça, nem que diga. Nada me toma o tempo. Deixem-me as criaturas, que eu as muito [fl. 257] em meu Deus e por elas peço continuamente a meu Senhor, mas ele me leva toda. Assim, que não há tempo para mais que gozá-lo intimamente, que me faz derramar suavíssimas lágrimas, sem me saber explicar, nem sei o que sinto, e só o retiro e silêncio é desafogo, inda que agora nada me impede.

Hoje, depois de receber o amor sacramentado, fiquei tão atraída e minha alma unida a meu Amado que todo o dia me não tem dado liberdade para coisa visível, os pensamentos todos divinos, uma viva lembrança das coisas do céu e memória tão viva do que será ver a Deus cara a cara, que me parece milagres estar com vida porque fere este conhecimento da bondade divina. Vê-se a alma nesta prisão da carne, mas na vontade está toda livre, só puramente para Deus, não sabe que faça. Oh, amor, amor, como há [de] isto de ser? Ensinai-me, Senhor, como vos hei de amar e servir muito, muito, muito! Oh, quem me dera que todas nos derretêramos em amor vosso, meu doce Jesus, que não se pudesse falar mais que em vós, nem termos outros cuidados senão só de vos amar e servir. Oh, Senhor, como andaríamos ocupadas se de noite e de dia não cuidássemos mais que em vós, meu amantíssimo Esposo da minha alma. Que a vossa divina presença me faz olvidar todo [o] criado. Oh, Senhor, que desejo dar conta do que passa dentro da alma e nada sei dizer, senão que me sinto arder em amor vosso, e que minha alma vive em amor puro, alegríssima, que está todo este interior feito um céu. Não se detem as tentações porque tudo está em paz, retiro e silêncio, gozando a alma com abundância que me faz grandes desejos de trabalhar e padecer, pois nada padeço. O Senhor tenha misericórdia de mim!

Outro dia, estando na oração grande muito atormentada de dores, vi dentro da alma, mas este ver é ver sem ver, porque é uma [fl. 257v.] clareza mais claro do que se vira com mil olhos. Mas, de repente, se me mostrou o Senhor com a cruz às costas, que me feri toda e não sei como porque era amor, dor e gozo. Minha alma me parecia se saía a segui-los, e se lhe mostrava que por aquela porta é que havíamos de entrar, que eram grandes padecimentos. Mas que estando eu toda desfeita de mim mesma, seriam os padecimentos suavíssimos. Eu assim o experimentava porque desde então para cá são grandes os desejos de padecer pelo Amado. Aqui goza de um retiro e união que, ao seu modo de entender, lhe parece que o Senhor a leva toda fora de si mesma e lhe diz que

ali assiste com os seus escolhidos. Não inquietam o trato das criaturas, nada impede esta união que não é mais que dizer: “meu Amado para mim, e eu para meu Amado”. Em toda a parte está a alma em Deus. Não atende a coisa criada, nem se sente dentro da alma mais que Deus. Passa a alma muitas coisas com o Senhor porque tudo são delícias do amor divino. É um martírio suavíssimo que sente de amor regalado, os padecimentos são joias e prendas do seu Amado que faz insofrível o deixar de padecer por seu divino Esposo. Os padecimentos, digo, os pensamentos todos são do céu. Por ratos, sente uma impaciência insofrível que não tomara ouvir falar mais que do amor por quem se morre, porque não sente dentro de si mais que o Senhor, com uns vínculos de amor tão apertadíssimos como quem lhe dá a entender que “toda és minha, não te dou lembrança para que atendas a mais nada”. Aqui não há mais que gozar e padecer pelo mesmo que ama e goza, sem se saber explicar. A alma nada busca, nada deseja mais que desfazer-se toda de si e humilhar-se, que o mesmo amor a humilha. Os abraços íntimos e apertadíssimos são contínuos. Confesso minha culpa, que interiormente me sinto como se não fora coisa deste desterro. Não como di [fl. 258] ga isto porque é uma virtude divina que me enche todo o interior, que me faz viver como seja a mesma habitação fora já dos bens, digo, dos bem-aventurados. O Senhor tenha misericórdia de mim, que me não sei dar a entender. Sinto-me tão fortalecida deste amor que se sempre assim fora já não havia que temer os inimigos, que me parece que tudo está vencido e rendido, mas nada fia a criatura de si porque é uma humildade que sente profundíssima no conhecimento que nada pode e nada é seu, que tudo que sente e goza é de seu Amado Esposo. Se duvida ser enganada, mostra-lhe com ardentes desejos todo o seu interior e lhe pede, com lágrimas suavíssimas, que lhe tira o coração, porque só assim lhe parece que estaria segura nesta petição. Sente no coração coisas divinas, que lhe parece que o Senhor assegura, pois este coração é todo seu.

Os abraços apertadíssimos que por ratos sente a alma com o senhor é o modo de elevação, que me parece que a alma sai do corpo sem sair, e que já não falta nada para ver a Deus claramente, que depois faz-me uma impaciência insofrível, mas toda santa. Que a alma, sem salar, se queixa por não se desfazer aquele nada que a não deixa. Aqui vê a alma a alegria com que o Senhor a mira, que é o que se diz que o Deus se enamora da alma. Eu me acanho em dizer coisas tão delicadas e tão divinas, sendo eu a mais ingrata criatura e a mais pobre de virtudes, que nada posso. Também sinto grande

liberdade de todo o criado, que me parece que o mesmo Senhor apartou de mim todo o sentido das coisas visíveis, que foi o que acima de[i]xo dito, que o senhor me dissera que queria viver de assento em minha alma. Desde então para cá é uma limpeza e desnudez tão grande que sinto em mim que está com este interior desocupado só puramente para meu Deus viver de assento. O que se passa dentro da alma não sei [fl. 258v.] eu dizer, que é como dizer o Senhor: "este lugar é só para mim". Causa-me uma viva lembrança das coisas do céu, como já tenho dito por vezes, mas é só única coisa em que desejo falar com as criaturas, falarmos das coisas do céu, e assim o faço às vezes por desafogo. Que, por vezes, me sinto como impaciente com o grande incêndio de amor que sinto em mim toda, e discorrendo por tudo que havemos de ver e gozar naquela glória infinitamente desejada de minha alma. Sinto-me morrer de amor. São, às vezes, umas saudades ou ânsias de ver a Mãe de Deus, que não sei como dê a entender o que sinto interiormente, porque como está ou estou eu toda desembaraçada ou livre para meu Amado, que o mesmo Senhor me pôs neste estado, tenho ratos de me desfazer toda em amor de meu Deus, e com muitas humilhações me ofereço a padecer este martírio de amor enquanto for servido.

Capítulo LVII.

Passei alguns dias gozando com abundância de favores regalados de meu Deus e Senhor e, sem o dizer a Vossa Reverendíssima por ser confissão breve, lhe não pude dizer nada, mas o Senhor lhe dá tanto conhecimento do que passa na minha alma que me disse, nessa ocasião, coisas certas conforme o que eu sentia. Uma foi dizer-me que fizesse muitas comunhões espirituais e sacramentais todos os dias, e que me de[i]xasse indo nos braços do divino Esposo. Encostei-me para uma cadeira do coro, que foram tantas as delícias e alegria com que o Senhor recebia minha alma, que passei o mais do dia como em uma suspensão de todos os sentidos, dando-me o Senhor a entender como fora tanto do sue agrado o mandar Vossa Reverendíssima para o Senhor. Ali estive com meu divino Esposo, tanto às vistas da alma que não havia dúvida nenhuma. Muitas coisas passei neste dia, que me [fl. 259] tem passado por não ter onde escrever por me andarem consertando o leito, que muitos dias não pude lá estar. O Senhor me deu a entender o que queria de mim, que era pôr-me despida em todo o sentido nas suas divinas mãos, que é uma vida como simples, sem atender mais que ao mesmo Senhor. Que sinto uma liberdade tão grande que nada falta aqui ao ver os abraços da alma com

Deus, tão vivos, que algumas noites as passava unida e transformada toda com o Senhor, que parece que o mesmo Senhor está esperando a alma por um modo que eu não sei dizer, que é como fora dos sentidos, porque a alma goza e não sabe explicar o que sente. Muitos dias passei com uma presença de Deus tão viva e penetrante que me parecia que inda que eu quisesse divertir-me a outra coisa, que é o que se pode esperar de mim, não o podia fazer. Neste estado padecia, por ratos, amor insofrível. Pela viveza com que a alma o sente e não o vê, causa insofríveis ânsias de que dê fim este desterro.

Outro dia tinha recebido grandes favores do céu, que todos são de gozar e padecer no mesmo que se goza, mas, estando depois para entrar ao coro, me vi tão atrabalhada com o inimigo, com mentiras que me estava dizendo porque a alma padece o tropel das tentações, mas está tão fortalecida que claramente conhece serem em redor do inimigo. Mas nesta ocasião me queixei sem reparo e duvidei do que naquela manhã tinha gozado minha alma, e comecei de temer e sentir-me tão atrabalhada e temerosa de ver e experimentar a guerra em que de contínuo vivemos neste desterro, que me parecia que desmaiava. Ao mesmo tempo, senti dentro da alma o Senhor que amorosamente me falava e me disse: "não sabes o que eu padeci". Mas isto não o digo como a alma o experi [fl. 259v.] menta, que nunca sei explicar, mas aqui me mostrou tantos opróbrios e tormentos que o Senhor padeceu por mim que, desde então para cá, não desejo mais que padecer. Disse-me muitas coisas que me passaram por não ter onde escrever. Sinto uma grande suavidade no padecer, vejo como havemos de andar crucificadas neste desterro com o divino Esposo até chegar aquele ditoso dia de sair deste vale de lágrimas. Este padecer não é dentro da alma, que ela também padece e goza, mas isto é que só em Deus nos havemos de alegrar e não nas coisas deste desterro. Vejo o que a alma tem para gozar, que eu o não sei nem dar bem a entender, o que me faz estes efeitos é roubar-me os sentidos, que não fica na criatura nada de criatura. Vive-se neste conhecimento como por milagres, porque a força de amor que se padece é de morte. Como me não sei explicar, tudo de[i]xo em silêncio. Aqui há choro suavíssimo pelo Amado, onde a alma desça nos braços do divino Esposo. Bem sei que estas coisas não se podem crer senão quem mesmo as experimenta, por serem tão escondidas dentro da alma.

Depois que Vossa Reverendíssima me mandou que desse um par de figas por obediência ao inimigo, o faço quando me faz figurações e medos. E com o mandato de Vossa

Reverendíssima me sinto tão fortalecida que me causa admiração de grande fortaleza que tem a santa obediência. Também em me mandar que coma pela debilidade que padeço, também o faço, sem sentir as acusações que me fazia o inimigo, que por muitas vezes me dizia, sem o ver, que "assim te regalas". Porque eu o meu desejo é só comer o pão duro e coisas grosseiras, e isto com o sentido de cobrar alentos, e não poder deixar de dar a este burro o sustento que me serve de martírio. E, assim, ofereço sempre a meu Senhor, em penitência de meus pecados, pois por força hei de tratar do maior inimigo, parece-me a mim, que minha alma tem, e sem dúvida assim é. Agora com força, me pe [fl. 260] dem orações e que peça ao Senhor por várias coisas. E com isto me vejo tão metida no meu nada e no conhecimento da minha miséria que me lastimo ver que se enganam comigo, mas dentro da alma não sinto com estas coisas mais que um abraço íntimo com Deus e a alma em uma profundíssima humildade, livre toda para seu Amado. Vai por dois meses que não sei dar conta a Vossa Reverendíssima do que passa dentro da alma, que confesso minha culpa que não acerto a saber escrevê-lo. Às vezes duvido [se] não viva enganada, mas isto é como no pensamento, e dentro da alma sinto uma paz tão grande e desabrimento de todo o sentido como quem não tem outra coisa mais que a Deus puramente. Ali tem todo o seu bem e avida de sua alma, e a alma de sua vida, porque me não sinto com vontade a mais nada. É um desapego que sinto a tudo [o] criado, não se fiando a alma de si, senão daquele Senhor que, com ardente amor, a uniu toda a si. Assim, sinto ardentes desejos de trabalhar e padecer, acudir à caridade do próximo, mas que não me tomem o tempo as criaturas, senão só o preciso. Assim, me animo na obediência de Vossa Reverendíssima dizer-me que as sirva aos pés de meu Senhor Jesus Cristo porque aí se me inflama o coração em ardente amor de meu Deus e na caridade do próximo. O retiro e soledade é para mim todos os vens juntos. É um palácio real onde a alma enche todos os vazos. Os regalos que sente e delícias de seu Amado não tem explicação. Agora, nestes três de retiro mandados pela santa obediência, sente a alma uma glória dentro de si mesma e não abraça com vontade livre, senão com uma profundíssima humildade e temor santo diz a seu Amado: "Senhor, esta vida é para padecer, e a outra para go [fl. 260v.] zar", porque no padecer lhe parece que vai mais segura [do] que no gozar. Isto é trazendo fixa na memória a morte e Paixão de seu divino Esposo. Vossa Reverendíssima me dirá se há nisto algum engano, que eu já de todo me sinto deixada e entregue toda na vontade de meu divino Esposo, que não

sei explicar-me bem, que uma vida como simples e ignorante que para a dizer melhor vive a alma pela vida do Amado. Confesso minha culpa, que se não fora por dar a entender que morro por amor a meu Deus, não digo bem. Mas que em mim há alguma virtude, o que não há, mas de dia e de noite andara por este mosteiro gritando e chamando a todas que amássemos muito, muito ao nosso divino Esposo, e não falara mais que no amor divino, que não se padece pequeno martírio ouvir às criaturas falar em outras coisas, e dentro da alma senti uma força ardentíssima de seu Pai e Senhor. O que padeço nesta matéria sem o saber explicar, e por isso sempre suspiro pelo retiro que é a saúde da alma e do corpo. Padeço tentações por ratos bastantes, mas as digo por não perder o tempo nisso como as não abraço por vontade e a alma não [rasura] conhece já muito claras, pois vê que de si não tem senão misérias, e que tudo [o] que é bom é de Deus, e lhe sabe todas as coisas, que isto me anima muito a padecer, mas se são virtudes, digo, mas se são tentações de que tenho virtudes e que farei milagres para esta temeridade que me lastima. Sem perder a paz da alma, tomei este remédio que é levantando-me pela manhã da cama me prostro[1633] por terra com a boca no chão, e digo a meu Senhor e Pai de minha alma: "Deus meu, eu renuncio e desprezo interior e exteriormente assim regalos como favores, tudo [o] que não for puramente vosso. Por que a minha fragilidade e ignorância conheça em vossas divinas mãos, encomendo minha alma e meu espírito e aos vossos divinos pés se prostra[1634] este vil bichinho da terra para padecer e gozar tudo, e tudo [o] que for vontade vossa". E digo mais a oração que fazia a No [fl. 261] ssa Senhora, "altíssimo Senhor", e tomo a sua divina bênção e a minha Mãe e Senhora diante da sua imagem. Confesso minha culpa e lhe tomo a bênção e caminho para o coro, muitas vezes já toda abrasada em amor de meu Deus. Ah, meu padre confessor, que fazemos em que nos ocupamos que não acabamos já de todo de nos derreter e desfazer todos em amor de meu Deus? Ai de mim, que não sei o que digo, e com quem falo! Mas peço-lhe a Vossa Reverendíssima [que], pelo amor de Deus, me perdoe. E antes de dizer esta oração acima dita, a qual repito pelo dia adiante muitas vezes, digo mais uma: Ave Maria, ao coração de Jesus, e outra ao coração de Nossa Senhora, e a outra a ofereço com o meu coração, ajuntando três corações de Jesus e

[1633] No original, "postro".
[1634] No original, "postra".

Maria com o meu, que já não é meu. E desta sorte passo o dia com grande paz e alegria de minha alma, que às vezes não posso esconder a alegria que sinto interiormente, que esta alegria não é das coisas deste desterro. É uma alegria da alma que Vossa Reverendíssima a saberá entender [e] explicar muito bem.

Também me assalta grande força para não escrever por ver que nada sei dizer, mas como Vossa Reverendíssima me tem já dito o modo como me entra esta desconfiança de mim, por isso a não admito, mas com trabalho a deito de mim fora e me rojo na santa obediência, de[i]xando-me ir com a minha ignorância nos braços da santa obediência.

Também padeço grandes dúvidas, inda que breves, no retiro e soledade, por nela achar uma vida do céu, que tudo é gozar sem haver [o] que padecer, só no que meu Amado padeceu por mim, mas é tão grande a liberdade com que me acho para a alma dar atenção ao amor divino, isto é estando toda despida de todo o criado, que já em cima de[i]xo dito, que digo: "Senhor, esta vida é para padecer a outra para gozar". E vindo um dia do coro com ânsia [fl. 261v.] de retiro me assaltou fortemente o temor, mas, conhecendo ser tentação, me humilhei e senti interiormente uma paz e serenidade e segurança como me diziam: "não temas". Aqui fui entendendo o que o Senhor queria das suas esposas, que me parecia que só tinham lembrança para sair do retiro sendo chamadas pela obediência e acudir à caridade do próximo, como enfermas e necessitadas de algumas necessidades. E todo o mais tempo se me fazia como que via que o Senhor nos tomaria conta dele, sendo gasto desnecessariamente, e não era só as suas esposas, mas também entendi que esta queixa era também dos seus ministros, mas nas esposas era mais miúdo[1635], porque me mostrou o que de nós queria, que nos queria só para seus regalos. E era também a fragrância que sentia minha alma, e gozava daquele estado em que Deus queria ter as suas Esposas, que era uma vida toda do céu, uma pureza e serenidades, digo, e sinceridade, que neste desterro é impossível que possa haver estado, nem vida, tão regalada, nem mais agradável aos olhos de Deus, nem mais rica e abundante de bens, que sem se possuir nada, vive a criatura tão satisfeita, que todas as riquezas deste desterro as traz como debaixo dos pés. Nada lhe falta, tudo lhe sobeja, porque tudo despreza e não lhe tocam no interior, porque neste estado não se busca mais que a alma unir-se mais, e mais entranhavelmente com seu Amado

[1635] No original, "meudo".

Esposo. Já se não queixa de nada deste desterro, senão de si mesma, por ver a sua miséria e porque não sabe amar ao seu divino Esposo, não como ele merece, mas como ele quer se Amado das suas criaturas. Nestas conjogas se desfaz toda de si mesma, umas vezes como suspiros, e outras com ânsias de amor forte, outras com lágrimas sua [fl. 262] víssimas, e busca todos os modos que o amor pode e inventa para mais, e mais se dar ao seu divino Esposo.

Capítulo LVIII.

Não me lembro se foi sonho ou como foi que me vi atrabalhada para subir à sala ou palácio onde se descansava de toda a fadiga e trabalhos desta vida. Fazia eu por mim só a diligência por subir e nunca pude, que era tão estreita a passagem[1636] que me fatigava muito. Neste monte via muita gente alegríssima. Eu, deba[i]xo, pedia que me ajudassem, porém não vinham tão depressa como eu desejava. Por fim, vieram e deram-me a mão e, de repente, me vi toda livre de trabalho, e tão descansada e alegríssima com a mais companhia que me pareceu ser este sítio a glória, mas não entendi nada, senão depois na oração me deram a entender que fosse muito devota dos santos porque era muito necessária na alma a sua interceção. Eu desde então para cá o desejo ser com ânsias, e uma viva lembrança que nunca os posso olvidar pela necessidade que se me representa que temos de estar por nossos medianeiros.

São tantas as enfermidades que padeço em todo o sentido que me parece que a alma está enferma como o mesmo corpo, porque é tão grande o desalento que sinto que não posso nada mais que suspirar por meu Deus e Senhor de minha alma. Sinto grandes desabrimentos a tudo [o] criado, que a mim mesma me custa sofrer. Não vejo em mim mais que misérias e fraqueza e debilidades. Sinto grandes ânsias de me ir aos montes e vales onde não seja vista nem ouvida, e dar desafogo a este coração para com vozes altas clamar por meu Deus, por que nada me pode satisfazer, que tudo em mim são misérias e conhecimento que nada passo, e nada faço, nem posso acertar para dar [fl. 262v.] conta a Vossa Reverendíssima do que sinto dentro da alma, que tudo está escondido. Só por ratos sinto grande alegria da alma, com uma certeza tão clara que Deus assiste nela, que desterra toda a sombra, mas como passa logo, torno a ficar no mesmo martírio, não vendo de meu senão misérias e pobrezas, que nada faço e nada

[1636] No original, “passage”.

posso. Buscando com desvelo e cuidado a meu Amado sempre me sinto ausente. Como será isto? Porque dentro da alma assiste meu Deus e, por ratos, são tão íntimos os seus divinos abraços que satisfaz a alma as suas desconfianças, mas torna a ficar [riscado] crucificada na escuridade da carne. Quero dizer a Vossa Reverendíssima que me ajude, que nada faço, nada posso. Deus me acuda, que tudo é padecer pelo Amado por muitos modos, mas nada destas coisas me inquietam, nem as desconfianças me turbam as ânsias que tenho de o amar e buscar com desvelo, que estas coisas todas me nas[c]em do pouco que faço por seu amor, não por não querer, senão por miséria minha e fraqueza. Outras vezes sinto dentro [da alma] que o Senhor está como mirando-a com alegria. As diligências da criatura em o buscar não cessam, mas está como em silêncio, que faz na alma intolerável martírio pela desconfiança que ela de si tem, inda que nestas ocasiões se acende mais, e mais o fogo do amor divino. Mas como ela de si nada fia, nem por si se pode segurar, tudo é padecer docemente por seu amorosíssimo Esposo.

Um dia, depois de ter recebido o amor sacramentado, me deram grandes ânsias de buscar parte solitária onde pudesse dar desafogo a este coração, e me lembrou que a horas de jantar[1637] podia eu ir ao cemitério, [fl. 263] dentro da capelinha de São Francisco clamar com vozes e desafogar este coração, que não sei se diga enamorada de Deus, mas eu não sei amar a meu Deus. Ele me aceite os meus limitado desejos. Estando neste sentido sem o fazer por obra, senti, de repente, sem ver nada, que o meu coração já não é meu, que me tomara o Senhor, porque não sabia que sentia, que tudo era do céu. Fiquei suspensa e ao mesmo tempo estava conhecendo que o Senhor o mirava e mo tornava a dar. Eu, sem o querer aceitar, tudo eram lágrimas suavíssimas. Dizia "já não é meu" e, escondendo-me no seu divino coração partido por meu amor, deixava-me estar nesta demanda em que gastei hora e meia. A humildade que sentia era profundíssima. O gozo não tem explicação. E coisas que ali passei foram muitas, que as não sei explicar, e todas divinas, porque o sentir que o Senhor me tomara o coração era um sentir delicadíssimo, que já em mim não havia nada de criatura. Era um puro sentir de Deus, sem mistura de nada criado. Por vezes, me deixava o Senhor descansar da porfia, em uma suspensão suavíssima que me roubava os sentidos. Outra vez, tornava como vendo que o Senhor com as suas santíssimas mãos me queria pôr o

[1637] No original, "jentar".

coração, e logo me despertava, e eu sentia a minha Mãe e Senhora e chamava a ela dizendo-lhe: “minha Senhora, valei-me”. Pedi-lhe que mo não torne a pôr cá. Não enxugava meus olhos, mas eram suavíssimas as lágrimas. Também sentia a muitos santos, que me pareciam que também ali estavam, e me levantei dali tão rica de prendas do céu que não sentia mais que um gozo suavíssimo. E passei todo o dia toda atraída e absorta em meu Deus, sem opressões de criatura. Nada sei dizer do que neste dia passei porque onde quer que estava, ou em atos de comunidade ou entre criaturas, ou só, era uma suspensão de sentidos, e um maná [fl. 263v.] suavíssimo que sentia toda eu, mas no peito não sei bem explicar o que senti (e inda o sinto). Não há em todos estes dias, que já vão por dois, ruído de tentações nem coisa que me desperte deste sono suavíssimo, porque, inda que o inimigo deite os seus enganos, é sem força, e tão claros e conhecidos por seus que não fazem perder a tenção em que a alma está com seu Senhor.

Antes do Senhor me tomar o coração, o que duvido o crer Vossa Reverendíssima por eu não saber aqui explicar os efeitos que me fez este feito tão desejado de mim mesma, porque lhe digo com toda a verdade que me não sinto nestes dias como criatura miserável que sou, mas tudo o que sinto é de Deus, e assim lho ofereço como tudo seu, pois nada é meu. Mas direi o que me lembra o que antes disto tinha passado, que se eu soubesse dizer tudo encheria muitos cadernos, mas Vossa Reverendíssima já sabe a minha ignorância, que nada acerto a dizer. Mas, estando no conhecimento da minha miséria, dizia a meu Senhor e Pai de minha alma: “Senhor, que quereis que faça? Eu desejo viver toda em vós, que é isto que me estorva, se o vestir e comer me impede, eu o faço por não poder deixar de ser, e uso das mais coisas. Eu as não quero se elas me estorvam para que toda livre e desembaraçada viva toda em vós. Oh, Senhor e Pai de minha alma, olhai, Senhor, que dizem que este coração e todos os mais tem muitos escaninhos. Vede, vós, este coração, não esteja nele escondido alguma coisa que não seja puramente vossa”. Isto e muitas mais coisas lhe dizia muito simplesmente e não como o escrevo, senão com uma ânsia de me desfazer toda em mostrar o que em mim houvesse que não fosse puramente de meu Deus e Senhor e Pai de minha alma. A este dizer que visse os escaninhos do coração foi uma suavíssima força que senti que o Senhor mo tomara, o que não escrevi primeiro porque a minha ignorância é muita, tudo me passa, que são muitas as coisas que me dão a conhecer e a sentir e a gozar. Que

como eu me sinto com esta troca dos cora [fl. 264] ções não tem explicação o que se goza, e a vida que dentro de mim sinto, que já em cima disse que não sinto vida de criatura mais que vida toda do céu. Goza-se com abundância, mas com santa desconfiança de mim mesma se por minha culpa perderei tão rico tesouro como é viver toda atraída dentro do coração partido de meu Senhor Jesus Cristo crucificado por meus pecados. Estando neste cuidado se por minha culpa o perderia, ou como saberia se nele vivia já de assento, senti dentro da alma que me mostravam como devia eu viver para não perder aquela habitação tão livre de perigos e de enganos, e tão clara luz para conhecer os enganos do inimigo, e tão livre e desembaraçada de tudo [o] visível , que ali nada chega, nada embaraça, nada estorva, nada pode escurecer a criatura para conhecer tudo [o] que é de deus puramente, porque se vive neste estado com uma luz clara do céu, onde se já não conhece a criatura a si mesma mais que viver toda em Deus, mas da sua parte nunca segura por se ver neste desterro cheio de tantos perigos. Mas torno a dizer, sem dizer nada, o que me deram a entender na desconfiança de perder tão rica troca dos corações, que se eu aqui dissera os efeitos que se gozam, Vossa Reverendíssima me crera. Mas deram-me tão excelente doutrina entendida de minha alma, mas não a sei explicar, porque mais a conhecia pelos efeitos que por inteligência, que é para não perder a riquíssima joia de um coração divino, onde se acha toda a seguridade e todos os bens juntos. Disseram-me que vivesse cuidados, vigilante, caritativa, humildíssima, pura e singelíssima, com grande atenção a tudo que era de Deus, uma desnudez separada de todo o sentido, todo o trato e conversação fosse só puramente do céu, não vivendo já pela vida de criatura, se [fl. 264v.] não separada e livre toda para Deus, com muitas coisas que eu não sei explicar. E isto tudo é interiormente, com os efeitos onde podia descobrir se inda vivia dentro no coração partido de meu Jesus crucificado (esses não tem explicação). Aqui via que só se por minha culpa o perdia que essa dor me tiraria a vida. Ai de mim, que farei para que seja a que vós, Senhor, quereis que eu seja? Aqui se me acendeu grandes ânsias de trabalhar e padecer porque este estado não é para estar ociosa, inda que é descansadíssimo, mas é afeiçuoso porque é como verbo divino que tomou carne por nosso amor, e trabalhou até se pôr em uma cruz, por mim pecadora. Aqui, se acenderam chamas de amor puro e pedi com largueza pelos próximos por sua ordem, pelos justos para que sejam mais justos, pelos pecadores com uma entranhável dor para que o Senhor não seja ofendido.

Estão as necessidades dos próximos tão vivas que não se pode de[i]xar de pedir ao Senhor por tudo [o] necessitado, porque a alma está como vendo que o Senhor gosta que lhe peça. São muitas as coisas que me passam e também a minha ignorância as não alcança. Antes disto que tenho dito, das trocas dos corações, que não posso cuidar em outra coisa, porque em todo o sentido me vejo metida em uma profundíssima admiração, assim do meu nada como do conhecimento da bondade de um Deus infinito e misericordioso com a mais vil criatura da terra. Mas já de[i]xo dito que estando cuidando como viveria toda desfeita e livre de todo [o] visível, tudo isto é interiormente, e não só o desejava para mim senão que todas vivêssemos nesta santa liberdade a este cuidar ou desejo. Me mostraram uma alma ou criatura que vive nesta liberdade desta vida, e desapegada de todo [o] visível. Ia esta alma e saía do cárcere do corpo como quem sai por uma porta grandíssima, que nada a estorva. É um silêncio e um ameno por onde caminhava que não sei explicar a suavidade destes passos. O que eu sentia era muito e gastei grande rato em ver a se [fl. 265] guridade desta alma, mas depois duvidei do que tinha visto e gozado porque se me representou a morte e Paixão de meu Senhor Jesus Cristo, tão dolorosa que mal se deixava conhecer sua humanidade. Isto não o explico bem, mas Vossa Reverendíssima bem me entende. Aqui me repreenderam amorosamente no sentir que eu fazia porque na criatura não via os quebrantos da natureza, via só a seguridade como a alma caminhava para o céu, e cá reparei na humanidade do Senhor. Assim, me disseram: "não vês que se fez Homem e quis semelhar-se a todos?". Estas coisas são sabidas, não me detenho a dizer mais, nem eu bem acerto a dizê-lo ou a sabê-lo explicar, que isso me acanha a não dizer tudo, mas como todo o bem é de Deus, o deixou no Senhor e lhe tenha misericórdia de mim.

Já em cima de[i]xo dito as ânsias que padecia por me ir aos campos para desafogar meu enamorado e atrevido coração, que tão desejoso e faminto se sentia que nada me podia satisfazer as ânsias que sentia de mais, e mais me dar a meu Deus. Assim, sem o pôr por obra, o que intentava[1638] fazer que era ir-me à capelinha de São Francisco a horas que não fosse ouvida e clamar por meu Deus com voz alta. Mas confesso minha culpa, que não o faria sem a licença de Vossa Reverendíssima. Mas, antes de chegar a esse desatino, depois de ter comungado, me retirei a tesouro onde está a capela, e ali a sós,

[1638] No original, "ententava".

dentro de minha alma, comecei a desafogar minhas ânsias com os mesmos amores e desatinos, que o mesmo Senhor quer [que] fique para o capítulo seguinte.

Capítulo LIX.

Já disse no fim do capítulo acima que me fui ao tesouro, retirada a sós. Ali, dentro da minha alma, clamei a meu Deus, que o tinha recebido com tão ardentes ânsias que des [fl. 265v.] afoguei meu interior e, sentindo-me toda banhada em uma abundância de favores do céu, satisfeita com abundância, gozava de meu Deus e Senhor. Não que o visse com os olhos do corpo, mas era com tanta clareza da alma que estava como vendo que o Senhor enamorado desta pobre alma se deixava ver dela sem ser visto, mas sentindo tanto a satisfação da alma, que o que passei não se sabe explicar mais que dizer que o Senhor se deixou ficar nos braços da alma. E banhando-me toda de uma fragância de olores cheiros que me sentia fora de mim mesma, sem me conhecer. Não se pode dizer os efeitos deste estado. Vive a alma toda atraída e absorta nas finezas de um infinito amor. Não há sombras nem pesares. Sente uma luz tão clara e divina que não há que duvidar, senão que tudo o que em si sente é de Deus. Não há lembrança de coisa visível. Tudo está desocupado, só puramente Deus é o que obra e assiste na alma. Ela não se conhece a si mesma porque não sente fome, nem sede, nem fatiga, nem cansaço. Conhece que nada é seu e, com profundíssima humildade, se arroja nos divinos braços de seu divino Esposo, onde goza sem se poder dizer como goza e recebe. Oh, Senhor, havei misericórdia de mim, que sou um vil gonçalinho da terra! Aqui se me descobriam mais claramente as delícias que uma alma goza e tem para gozar, que de todo se desapegou das coisas visíveis e terrenas, pondo todo o seu cuidado só puramente em Deus. Neste ponto há um conhecimento que parece que está vendo que o Senhor a tem toda por sua, que é dizer: “esta alma já toda é minha. Eu a tenho já toda por minha conta”. Neste conhecimento vive a alma em uma alegria que parece não cabe em si. Não de[i]xa de padecer, mas goza de uma paz e quietação e serenidade que [fl. 266] não tem explicação. E quanto mais se vai descarnando e criando, a meu entender, asas para voar mais, e mais, maior luz se lhe vai descobrindo das grandezas de Deus, onde ela deseja com ardentíssimos desejos que todas as criaturas que forem remidas com o preciosíssimo[1639] sangue de meu Senhor Jesus Cristo venham todas a gozar destes

[1639] No original, “perciosíssimo”.

infinitos bens, que se não podem explicar por língua humana senão só dizendo que deixemos o que por força havemos de deixar na hora da mortes, as coisas caducas, e vamos todas nuas, isto é interiormente, ao nosso infinito Deus. E lá viveremos e gozaremos todas juntas do que não se sabe cá dizer bem. Oh, amor, amor de minha alma, dai-nos, Senhor, uma profundíssima humildade com um ardente desejo de nos desapegarmos de tudo [o] que nos aparta de vós, para que livres e desembaraçadas corramos a vós, meu bom Jesus, que sois todo meu e eu toda vossa. Com as enfermidades de Vossa Reverendíssima se esforça o inimigo em me atormentar com muitas ameaçadas, já pondo-me diante trabalhos com os que me governariam. Já Vossa Reverendíssima me segurava que morria, e eram tantos os seus enredos que por ratos me fazia já com amarguras no interior. Outras vezes, com demasiado sentimento das enfermidades de Vossa Reverendíssima, inda que em mim era justo, mas valia-se de eu me parecer que só Vossa Reverendíssima me entendia bem pelo conhecimento claro que a alma tinha que Vossa Reverendíssima a entendia. Assim passei grande martírio (inda que desprezava quanto podia), mas como se avistavam os seus enredos com a experiência do que eu tinha passado antes de ir para Vossa Reverendíssima, me fazia deter no conhecimento do passado. Assim, padeci muito por ratos, porque a alma bem conhecia que eram enredos dos inimigos, porque nestas ocasiões era mais favorecida. Depois de ter padecido muitas vezes, [fl. 266v.] me sucedeu pôr os olhos em um Senhor crucificado. Banhados meus olhos todos em lágrimas, sem lhe dizer nada senão entregando-me toda a Deus e, sem ouvir com os ouvidos do corpo, entendia claramente que o Senhor me dizia: “filha, aqui tens os meus braços”. Isto foi por muitas vezes que me tem sucedido nesta ocasião. Outra vez, estando com muitas lágrimas, mostrando-lhe o desejo que tinha de me conformar com a sua divina vontade, se Vossa Reverendíssima me faltasse. Deram-me a entender que Vossa Reverendíssima não morria, mas como as criaturas me diziam que morria não sabia em quem me fiasse mais que resignar-me na vontade de Deus, onde se me aumentava o desejo de me esconder toda dentro no coração de meu Jesus, que o tem já minha alma todo por seu, o que já disse no capítulo passado, que está a troca feita e já não tenho outro coração senão o de meu divino Esposo, que o que eu tinha é todo seu, pois não duvido pelos efeitos que sinto. O Senhor me dê luz e me ajude para que por minha culpa não perca tão divina prenda, onde eu desejo viver e assistir de noite e de dia, com uma viva lembrança e

abrasado amor, porque ali se descobrem todas as verdades. Ali se descansa de todas as fadigas e de todos os trabalhos. Ali se bebe com abundância daquela fonte divina. Oh, quem o possuíra com a pureza que é necessária para uma habitação tão divina e tão segura? Tudo ali se vê claro. Quem me dera língua de anjo para ver se me sabia explicar melhor, mas não, Senhor, só quero que se faça a vossa santíssima vontade em tudo em mim, e em tudo e por tudo.

Assim que me disseram que Vossa Reverendíssima estava melhor em vésperas de vir a ba[i] [fl. 267] xo, foi tal a alegria que senti na alma, sem fazer diligência senão em uma paz e serenidade. Descansou a alma em tão grande liberdade que me parecia ter asas novas para voar a Deus, em uma oração tão livre e desembaraçada, em uma união tão apertadíssima e tão íntima, a alma toda banhada em delícias do céu que participa o corpo. Horas e horas que estivera nesta habitação de nada soubera ou pudera dar conta, senão dizer que goza com largueza de todos os bens juntos. Vê claramente que nada é seu, que tudo é de Deus e nele vive e assiste com muito grande largueza, sem ali haver mistura de nada criado. Bem-dito e louvado sejais, Senhor, para sempre, que com esta formiga usais de tantas misericórdias, não merecendo eu senão mil infernos, que recebo e não pago pois sou a mesma miséria! Oh, amor de minha alma, que quereis que faça? Pois toda sou vossa, e vós todo meu!

Deram-me grandes tentações e temores, sem me inquietarem, que padeci alguns dias grande martírio em matérias de desconfianças de que os favores que recebia, regalos e suavidades, que eram muitos, fosse tudo ilusão do inimigo, e comecei a temer muito e com desejo grande de me saber explicar com Vossa Reverendíssima. Mas como lhe não podia falar, por Vossa Reverendíssima estar doente, quis e fiz diligência por falar a outro ministro, mas não pude acertar a saber explicar-me, e apertou-me a tentação que me não entendiam. E, assim, de repente, me deu um grande desabrimento de tudo [o] criado, que só na oração descansava. Comecei de sentir grandes elevações e de retirar-me a sós, e era tão grande a força que sentia que me resolvi a tomar três dias de retiro, sem tratar a nada cria [fl. 267v.] do para desafogar este coração, que o sentia arder em amor de meu Deus e Senhor. E assim que entrei no retiro foi tão grande a liberdade em que Deus pôs esta pobre alma, que estava ela como entendendo que o senhor lhe dizia: “filha, a quem buscas é só puramente a mim. Aqui me tens todo, e tu toda és minha”. Eram tantos os regalos e favores que o Senhor me fazia e tão grandes as uniões de amor

que sentia que a alma, o seu trabalhar, eram humilhações e prostrações com a boca no chão e, quanto mais se metia no seu nada, então o Senhor a apertava consigo em abraços apertadíssimos, que eram tão substanciais que parecia a alma tocar o Senhor como se o estivera vendo. Não me sei bem explicar porque foram altíssimos os favores que nestes três dias recebia a alma. Tomava três horas de oração de manhã e tudo era pouco, porque a alma não vivia já em desejos de mais e mais se dar a Deus, senão em uniões já possuídas, com tão grande satisfação como quem tinha chegado a porto seguro e desejado de sua meninice, pois toda a minha vida me desejei dar toda a meu divino Esposo, que sempre assim o chamava. Também sentia minha alma satisfeita de um tesouro riquíssimo que sempre vive faminta, que era o amor sacramentado, que inda que o recebia todos os dias e espiritualmente três vezes no dia, sempre viv[i]a como sedente por se não saber preparar com a pureza e limpeza que é necessária. E como nesta vida é só o amor sacramentado o que tenho que me leve todos os meus cuidados e desvelos, sempre andava saudosa por sentir a alma muito namorada do único amor que neste desterro me roubava os cuidados. Assim, nestes duas, me deu o Senhor tão grande satisfa [fl. 268] ção e possessão, que via minha alma riquíssima dos bens do céu como já segura, mas não para se descuidar nem olvidar de trabalhar e padecer por seus amores.

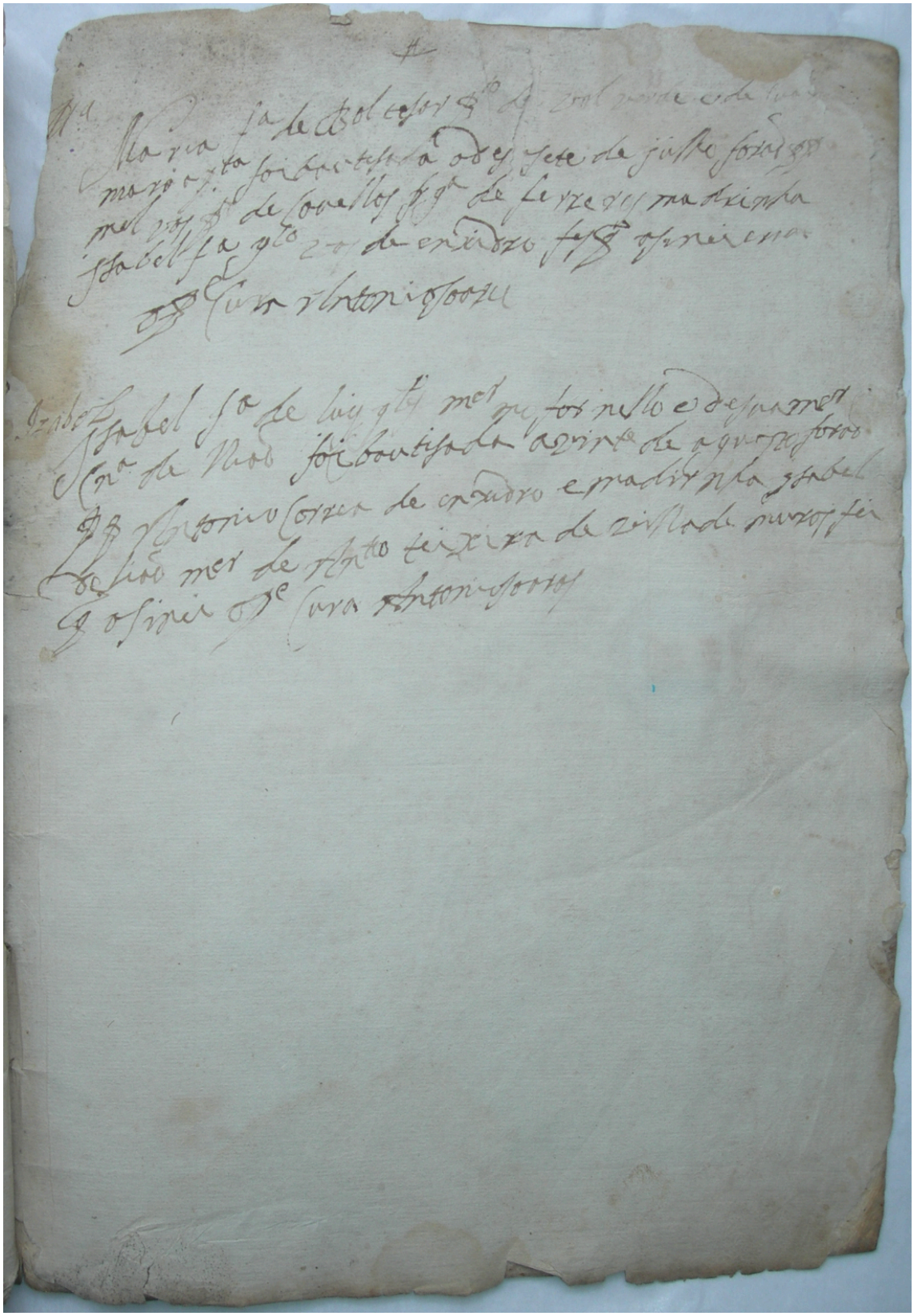
E noutro dia, estando na oração do convento, a alma posta naquela liberdade que o Senhor a costuma pôr toda livre e desocupada toda para si, e enchendo-a de bens do céu, e regalando-se com ela, de repente, senti como que me diziam como queria o Senhor, que era ou Menino ou todo chagado como des[c]endo da cruz. A alma toda absorta, de repente, se humilha dizendo-lhe: “faça-se em mim, Senhor, vossa santíssima vontade. Só vos peço o vosso divino coração partido com a lança porque já todo é meu, porque o que eu tenho é todo vosso”. E, estando toda absorta no gozo que sentia, me estava como em silêncio e não ociosa. A alma se me enardecia e se deixava ir toda ao Senhor chagado porque a alma se dá toda a ele, mas com humildade profunda esperava nestes ratos e via o Menino que ela não admitia, não por não querer, mas eram umas delícias, uns amores que nele descobria que a alma os não admitia por se ver inda na prisão da carne. O que aqui passei e senti não tem explicação porque me não sei explicar, que o que aqui dou a entender é tão grosseiro que me admiro e estranho o meu modo de pronunciar tão divinas e suavíssimas matérias. Parece-me que vivo como por milagre

entre tantos amores e favores do Céu. O Senhor nos leve lá a todos para que o louvemos eternamente. Amém.

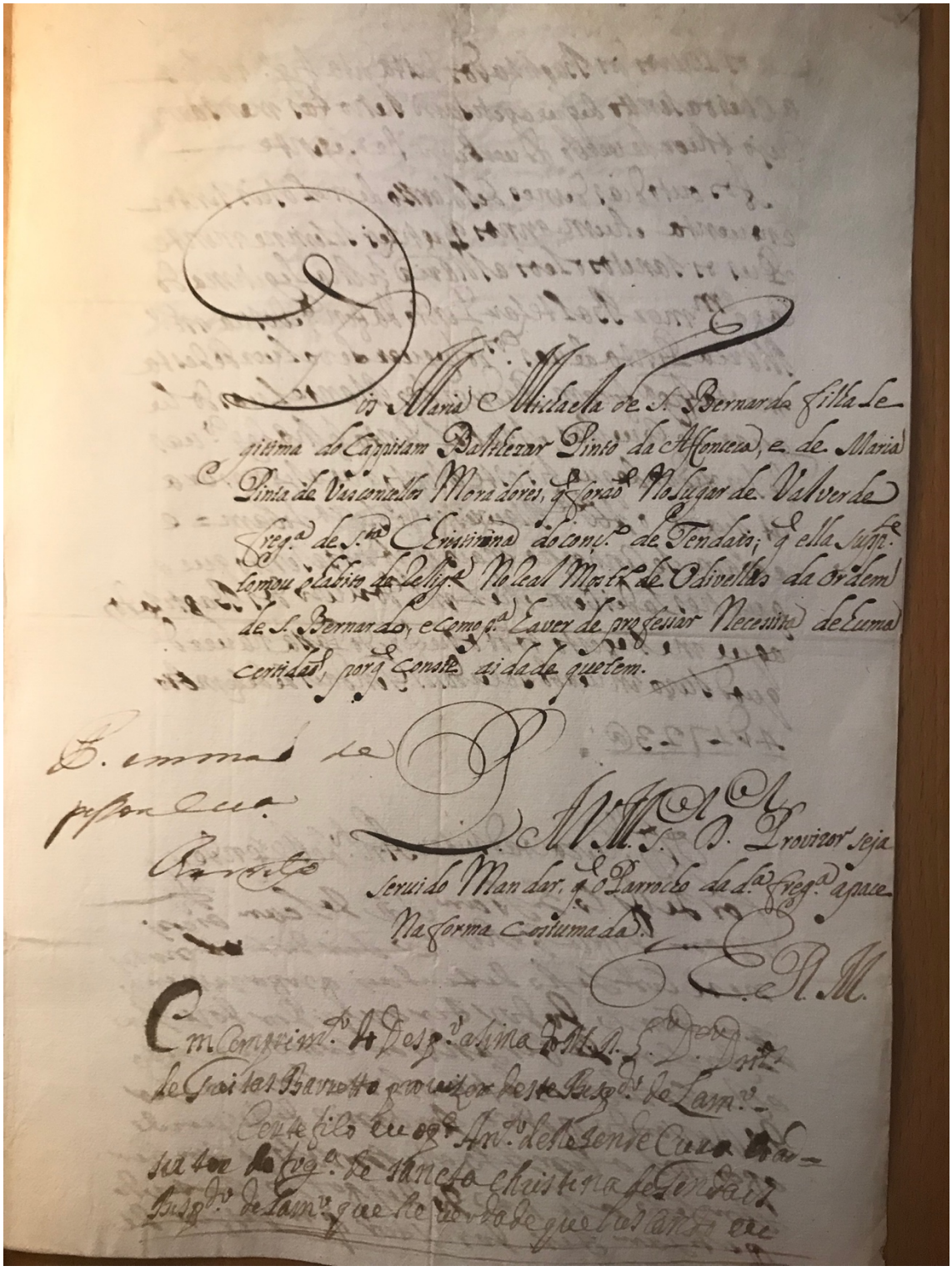
FINIS

Outros Anexos

Anexo 1



Anexo 2

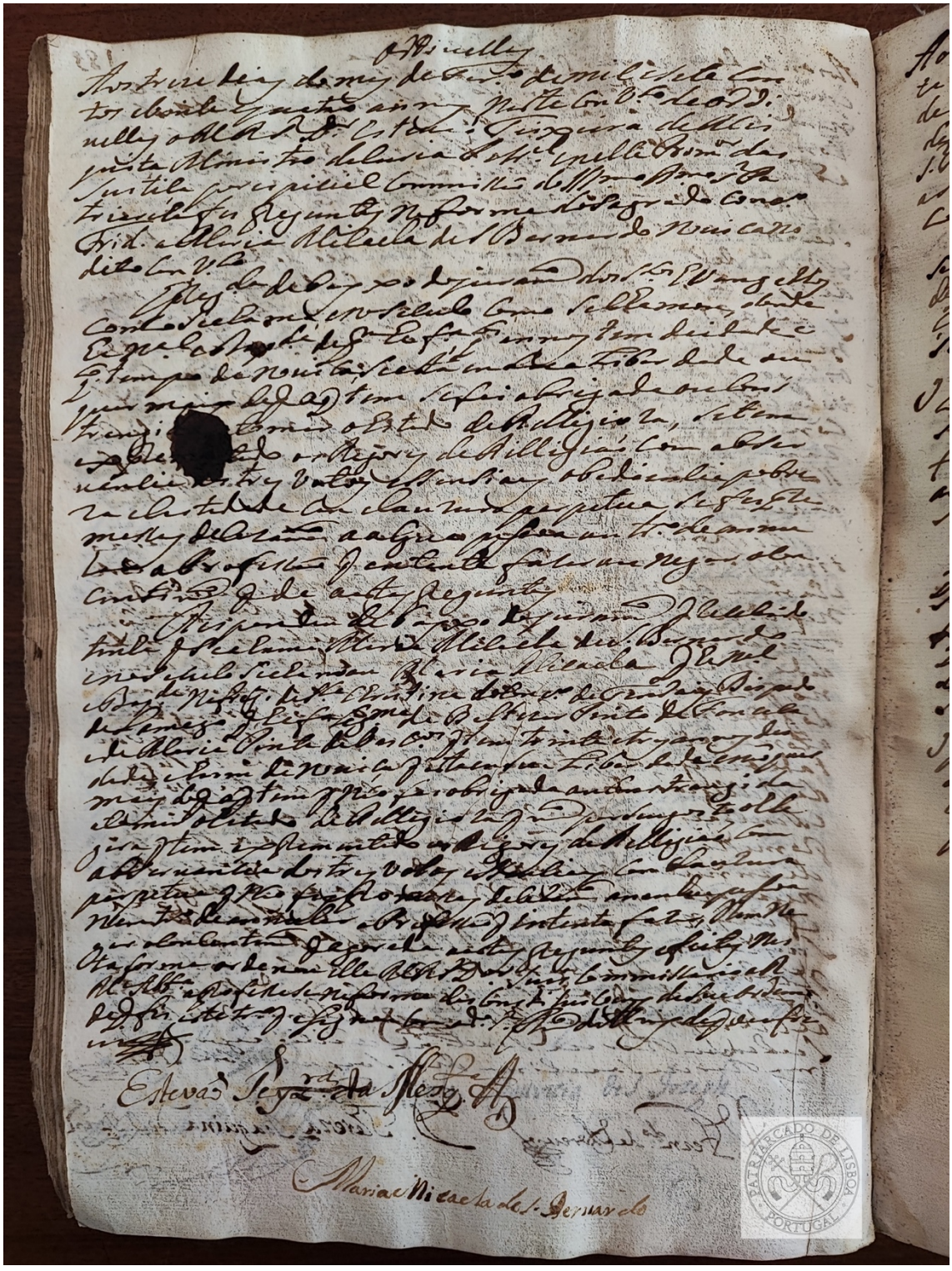


Cu os Santos os Baptizados desta data fuy. nelles
a cheiva sentos ley que se ha sam Sendo fos mestam
Cujo theor de verbo a verbum he o seguinte ——

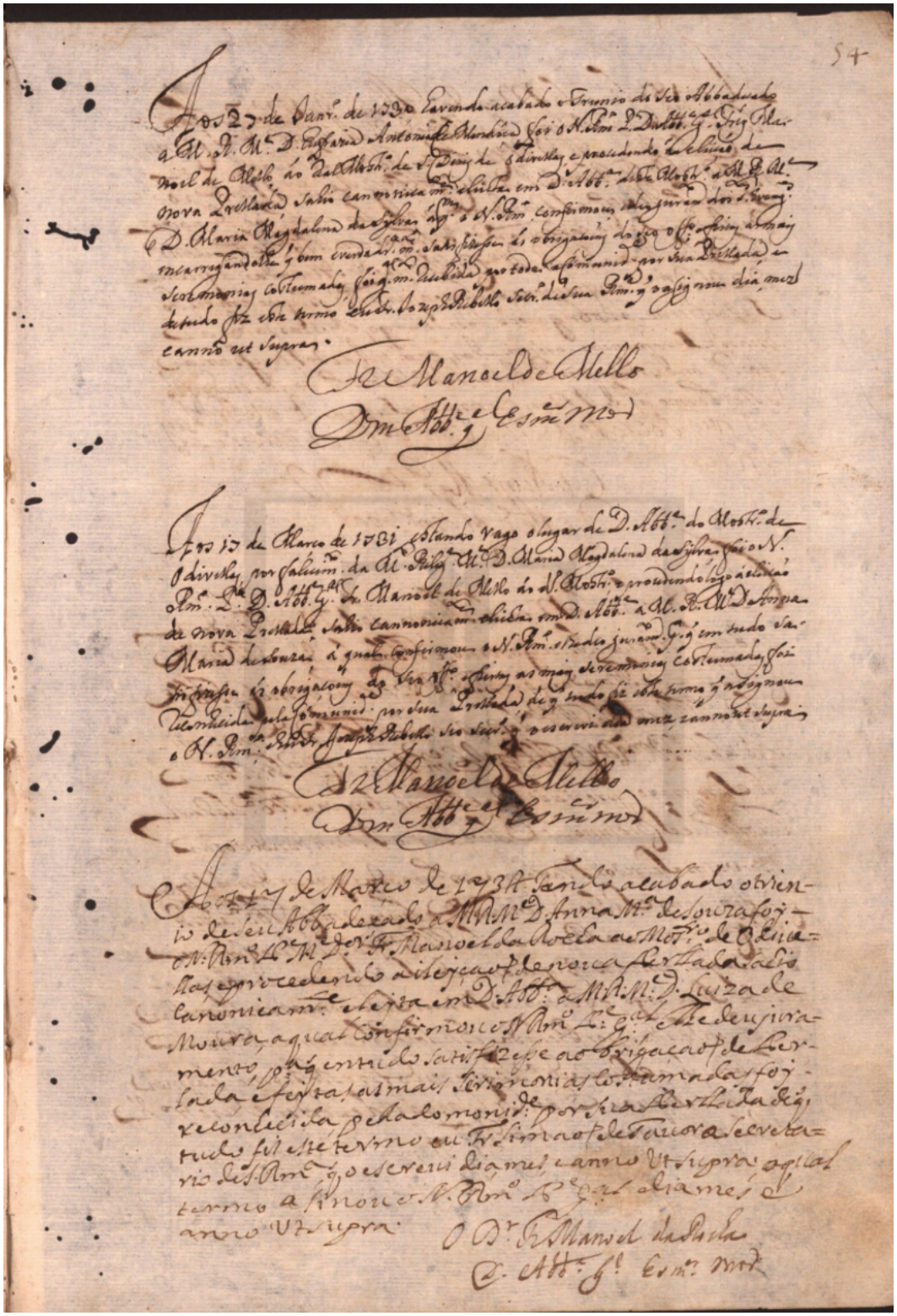
Aos outo dias dunes de Março de mil e seis centos
e cinquenta e hum annos Baptizey solemnemente
Jesus os santos oleos a Maria filha legitima do
Cap.m mor Baltesar Pinto da Fon.a desta mr.
Maria Pinta de Mes.es Foy padrinho Manoel Luis do lu
gar de Cuellas e Izabel Pinta filha do d.o mes
de Janeiro de que fis este assento e asignej o dia
at supra e Abb.e Mauricio de Sig.a Isam = e
estam se emmenda mais certo diga sento que a
qui pes Sadi bem este Lm.to Vigario dos Baptizados
aque me Sagesto todo o Sefendo Testa na verd.e
que Sam in verbis Sacerdotis Gendairo de Sento
Ad 1723@.

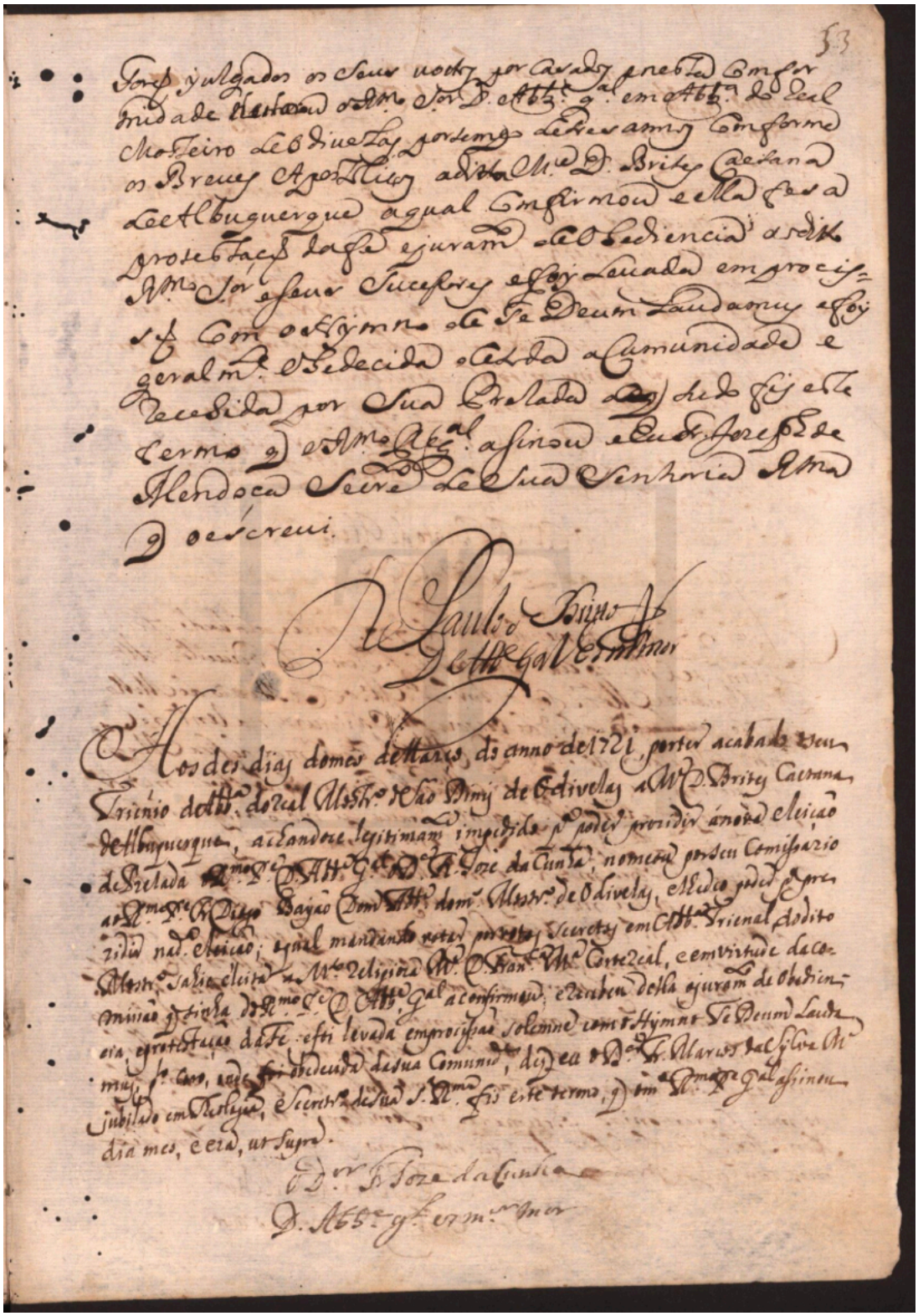
Ao Sancta Sedis Ap.ca Legendo
Cor Sus Sanctissimum Dn.m Nostrum
Vrbanum Papam Octavum Sacrosanctæ
Romanæ Ecclesiæ Cardinalem Barberinum
Vocatum Sacrosanctæ Romanæ Ecclesiæ
Cardinalis Barberinus Vocatus Sacrosanctæ
Romanæ Ecclesiæ Cardinalis Barberinus
Vocatus Sacrosanctæ Romanæ Ecclesiæ
Cardinalis Barberinus Vocatus Sacrosanctæ
Romanæ Ecclesiæ Cardinalis Barberinus
Vocatus Sacrosanctæ Romanæ Ecclesiæ

Anexo 3



Anexo 4

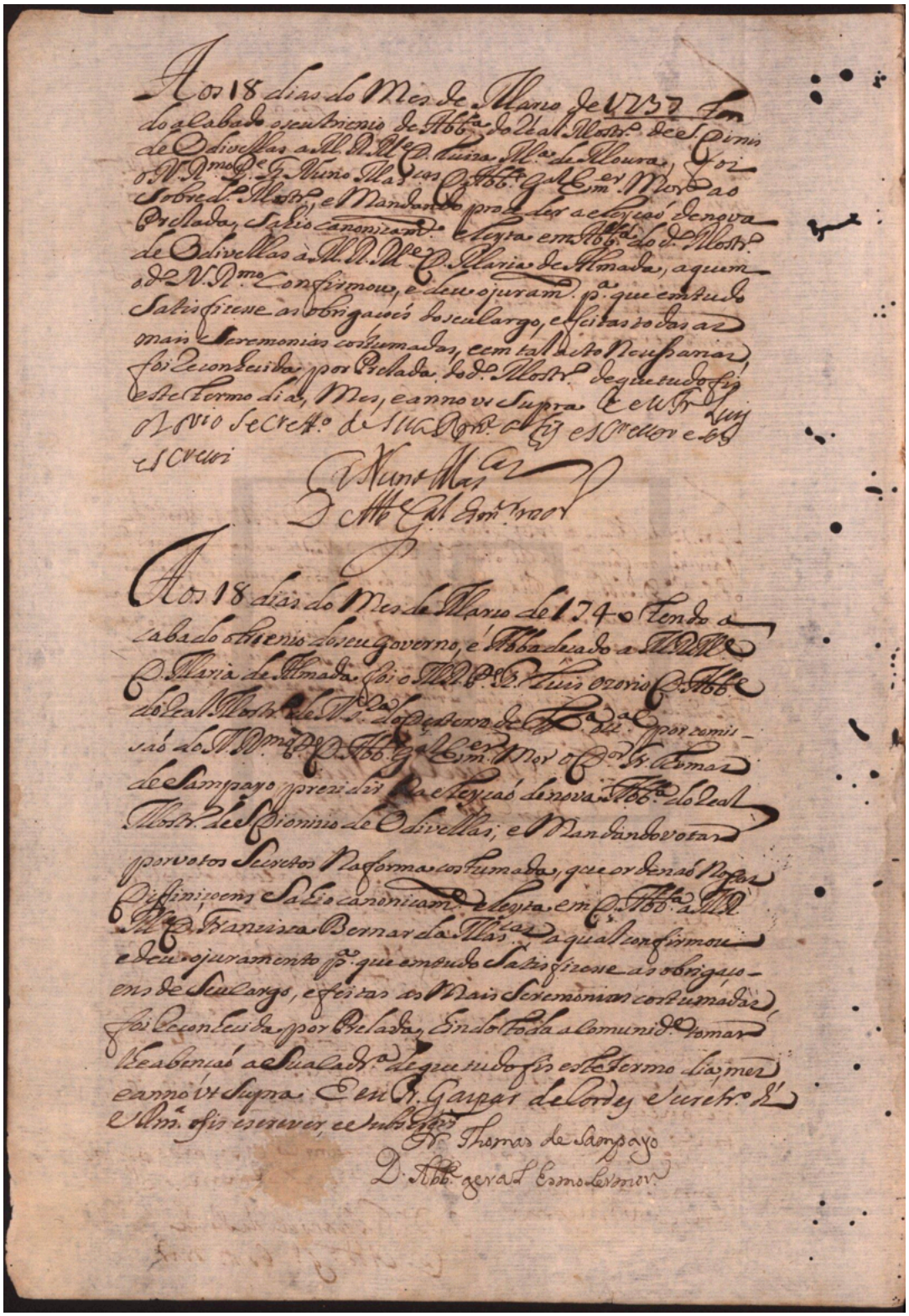




746

Aos 18 dias do Mez de Março de 1743
tendo alabado o Senhorio de Abb.ª do Nosso
Real Mostr.º de S.to Dionizio de Odivellas a Mr.e
D.n Fran.co Bernardo da Mayarenhas, foi o M.to Rm.o
D.r Abb.e Guilherme de Vas.os Abb.e Qual. e Com.r Mor
ao dito Mostr.º, donde foi recebido com as pique-
Mais ceremonias costumadas, e Mandando
proceder a eleyçaõ de Nova Prelada, Sahio ca-
nonicamente eleyta em Abb.ª do dito Mostr.º
a Dona Maria Abb.ª M.e Q. Serina Maria de Menna
a quem o M.to Rm.o deu o juramento, e Confirmou no
dito Cargo, e feitas todas as Mais ceremonias
costumadas, e que Mandaõ Nossas Constituiçoẽs
foi Reconhecida por toda a Comunidade por
Prelada do dito Mostr.º de que tudo fis este termo
que eu Fr. Joaõ Barreto Secret.º de sua Rma fis escre-
ver, e Mandei dia, Mez, anno ut supra

N. Guilherme de Vas.os
Com Abb.e Q. e Com.r mor

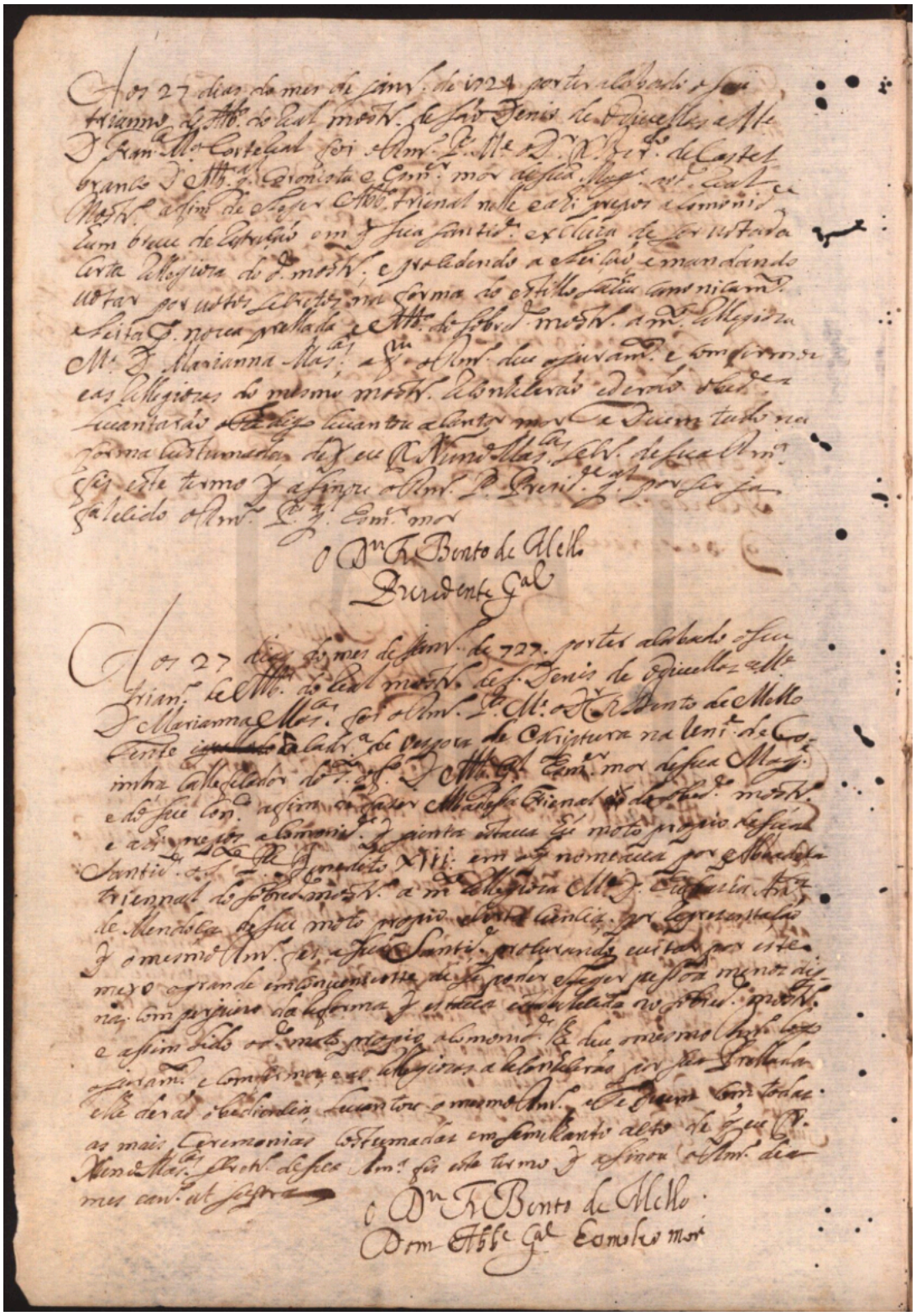


Aos 18 dias do Mes de Março de 1737 Em
do q sabado escultinio de Abb.ª do Real Mostr.º de S.ºs Pim
de Odivellas a M.ª D. Ma.ª Luiza M.ª de Moura, foi
o N.º Mo.º de G. Nuno Ma.ª eas Abb.ª Geral Em.º Mor das
Sobred.s Mostr.s, e Mandando pro.r der a eleyçaõ denova
Prelada, Sahio canonizada a eleyta em Abb.ª do d.º Mostr.º
de Odivellas a M.ª D. Ma.ª Ignacia de Almada, aquem
o d.º N.º Mo.º confirmou, e deu o juram.º p.º que emtendo
Satisfizesse as obrigaçoẽs do seu Cargo, e Ceitas todas as
mais Ceremonias costumadas, com tal acto Neste pasou,
foi reconhecida por Prelada do d.º Mostr.º de que tudo fis
este Termo dia, Mes, e anno vt Supra. E eu N.º Luiz
Alvio Secret.º de Sua Mag.de q fis escrever e as
escrevi

Nuno Ma.ª
D. Abb.e Geral Em.mo Mor

Aos 18 dias do Mes de Março de 1740 Tendo o
sabado o triennio do seu Governo, e Abbadeada a M.ª M.e
D. Maria de Almada foi o M.º R.º P.e Fr. Luiz Correia Abb.e
do Real Mostr.º de S.ºs do Cestcon de Lis.ª por comis-
são do N.º Mo.º D. Abb.e Geral Em.º Mor q foi S.ª Thomas
de Sampayo procedeo a eleyçaõ denova Abb.ª do Real
Mostr.º de S.ºs Pimnio de Odivellas, e Mandando votar
por votos Secretos na forma costumada, que ordenaõ Nossas
Definiçoẽs Sahio canonizada eleyta em Abb.ª da M.e
M.e D. Francisca Bernarda da Ma.ª a qual confirmou
e deu o juramento p.º que emtendo Satisfizesse as obriga-
çoẽs de seu cargo, e feitas as mais Ceremonias costumadas
foi reconhecida por Prelada, Sendo toda a comunid.e tomar
Resbeniaõ a Sua Abb.ª de que tudo fis este termo dia mes
anno vt Supra. E eu D. Gaspar de Lorde y Sueiro Sec.º de
Em.ª o fis escrever e subscrevi

D. Thomas de Sampayo
D. Abb.e geral Em.mo Mor



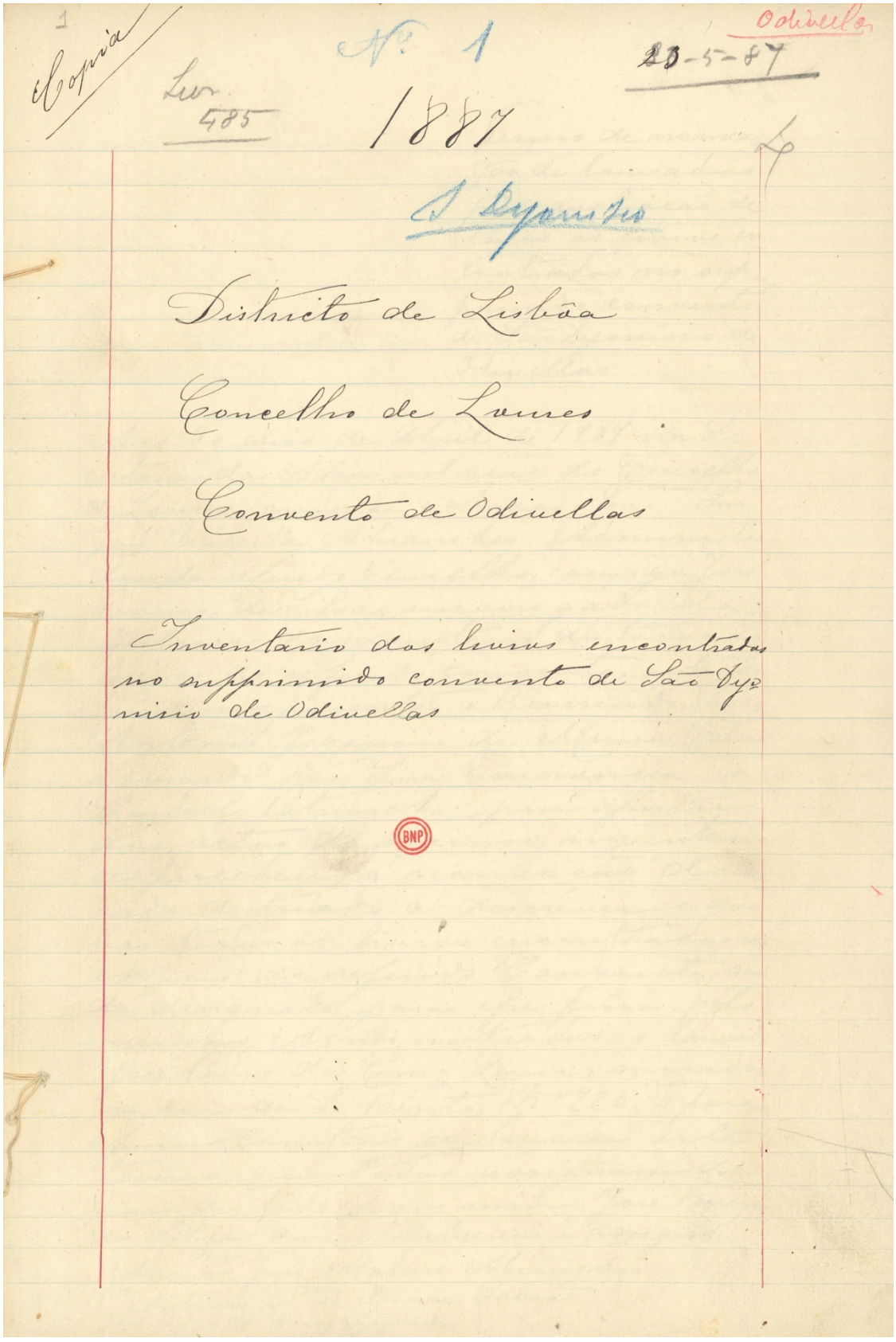
Aos 27 dias do mez de Janr.o de 1724 pertendeo abrir o seu Triennio o Abb.e de Real mostr.o de S.ta Dinis de Odivellas o Abbade D. Ramon Cortegal sendo Abm.e P.e Abb.e D. Fr.co de Castel Branco Abb.a Coronista e Com.r mor de ordem Mag.e est.e Real Mostr.o assim de o fazer Abb.e Triennal nelle como melhor o tenha com breve de Extenção em forma jurid.a excluzia de ser intrusa certa allegação do d.o mostr.o e procedendo a esta ação mandando abrir por outro Cartorio em forma do estillo falia com a carta Regia de nossa Senhora Abb.a de Janr.o mostr.o a m.e allegação M.e D. Marianna Mas.a e sendo Abm.e deu o juram.to e confirmou as allegações do mesmo mostr.o abonadoras do direito de Sucessão pedido sucedendo tudo na forma custumada de q.e eu R.mo Mas.a Cart.o de ordem Abm.e fiz este termo e assigno Abm.e P.e Dreni. de q.e por ser fa. faleceo Abm.e Dr. Com.r mor

O Dr. Fr. Bento de Mello
Presidente Gal

Aos 27 dias do mez de Janr.o de 727. pertendeo abrir o seu Triann.o de Abb.e de Real mostr.o de S.ta Dinis de Odivellas o Abbade D. Marianna Mas.a sendo Abm.e P.e Abb.e Fr. Bento de Mello Parte [illegible] da Cad.a de Carpintura na Igr.a de Cr.o imitta Cabeceira do C.o de S.ta Abb.a Com.r mor de ordem Mag.e e de ordem do Sr. Rei nosso Senhor Abbadessa Triennal do d.o mostr.o e dos Religiosos Abmoeiros. E sendo abrindo se moto proprio de Sua Santid.e do Sr. Bento XIII. em q.e nomeou por Abbadessa triennal do d.o mostr.o a m.e allegação Abb.e D. Caetana Ant.a de Mendoça de ordem moto proprio de sua Santid.e por Letras Apostolicas e mesmo Abm.e sendo a ordem Santid.e por Letras Apostolicas cuja tenor he este mesmo o grande empenho em que se tem estado por ser pessoa muito digna com prejuizo na Letra e estilo custumado no d.o mostr.o e assim dito e moto proprio de mesmo Sr. Papa deu o mesmo Abm.e juram.to e confirmou as allegações abonadoras do direito de Sucessão pedido e sendo abrindo se mesmo Abm.e Cartorio as mais Ceremonias custumadas em semelhante acto de q.e eu R.mo Mas.a Cart.o desse Abm.e fiz este termo e assigno o Abm.e dia mez ano ut supra

O Dr. Fr. Bento de Mello
Dom Abbe Gal Comissario mor

Anexo 5


1
Copia
Nº 1
Odivellas
25-5-87
Liv. 485
1887
1 Exemplar
Districto de Lisbôa
Concelho de Lumes
Convento de Odivellas
Inventario dos livros encontrados no supprimido convento de São Dyonisio de Odivellas
BNP

Termo de nomeação de louvados p.ª a avaliação de todos os livros encontrados no supprimido convento de São Dyonisio de Odivellas

Aos 30 dias de Abril de 1887 na Secretaria da Administração do Concelho de Lumes, onde se achava o Em.mo Sr. José Madeira Abranches, Administrador do referido Concelho, comigo José Ferreira da Silva, encarregado da feitura do inventario de todos os livros do referido convento, estando tambem presente o Reverendo Padre Antonio Joaquim de Mesa Calvão nomeado por Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha, para assistir aos actos do mesmo inventario se procedeu á nomeação do louvado destinado a descrever e avaliar todos os livros encontrados no edificio do referido Convento, sendo designado para este fim, pelo mesmo Administrador, o louvado José Pedro da Cruz Leiria, morador na rua de S. Bento, N.º 220. E para assim constar se lavrou este termo, que todos assignam depois de lido por mim José Ferreira da Silva que o subscrevi e assigno

O Adm.or José Madeira Abranches
P.e Antonio Joa.m de Mesa Calvão
José Pedro da Cruz Leiria
José Ferreira da Silva

Termo do Juramento, avaliação e descripção

Aos trinta dias do mez de abril de 1887 no extincto convento de São Hyppolito de Oliveiras, onde se achava presente o Exmo Snr. José Madeira Athanazes, Administrador do Concelho de Lamego commigo José Ferreira da Silva, encarregado da feitura do inventario de todos os bens do referido convento estando tambem presente o Reverendo Padre Antonio Joaquim de Moura Caldas, nomeado por Sua Eminencia o Cardeal Patriarca, para assistir aos actos do mesmo inventario, ahi sendo presente José Pedro da Cruz Leiria morador na Rua de S. Bento Nº 220 nomeado louvado para avaliar os bens encontrados no supradito convento, o mesmo Exmo Administrador lhe deferio juramento aos Santos Evangelhos, debaixo do qual o encarregou fazer uma exacta descripção e avaliação dos referidos objectos, o que elle promettendo cumprir o passou a fazer sob a forma que abaixo se segue. E para constar mandou o dito Administrador lavrar o presente termo que por todos vae assignado depois de lido por mim José Ferreira da Silva que o subscreui e assigno

Dom Jose Pradena Abranches
Pe Antonio Joaquim Calvão
Jose Pedro da Cruz Leiria
Jose Ferreira da Silva

Nº 1	
Breviario da ordem de Cister, obra de 1677. 7 vols	140
Nº 2	
Breviarios da mesma ordem 1696 30 vols	600
Nº 3	
Breviarios da mesma ordem, obra de 1744 8 vols	160
Nº 4	
Breviarios da mesma ordem, meias pletas 7 vols	770
Nº 5	
Supplementos aos breviarios da mesma ordem, 1744, Em cadernetas 28 c.	280
Nº 6	
Breviarios romanos de 1729. 1 vol.	100
Nº 7	
Processiones cisterciensis, obra em latim 1757 26 vols	1.040
Nº 8	
Directorio Ecclesiastico das ceremonias de Cruz e Ramos, por Frei Venissimo dos Martyres, 1755 1 vol	300

178

BNP

Nº 9

178 Psalterios Davidis, cum canticus ac
Gradus e outras oraçoes, 1683 = 2 vols
520 2 vols de 1724 – 2 vols de 1723 – 2 vols
26

Nº 10

Psalterium Monasticum, da sagrada
ordem de Cister – 5 vols sendo 3 de
100 1621 e 2 de 1646 – 5 vols
5

Nº 11

Livros de usos e cerimonias Cis-
tercienses da Congregação de Stª Maria
9 de Alcobaça 9 vols
270

Nº 12

Livros d'usos e cerimonias Cister-
cienses da Congregação de Stª Maria de
4 Alcobaça – 3 Tomos Nº 2, e 1 numero 1. Quarto
040 4 vols

Nº 13

Catholico no templo, por Fr. Manuel
100 1 de Deus, 1742 1 vol

Nº 14

Delicias do coraçaõ catholico do me-
2 nino Jesus, pelo Padre Manuel Cou-
100 ceiçaõ, 1732, 2 vols

Nº 15

Reformação Christãa do pecador
e do universo, pelo Padre Francisco
Carlo da Companhia de Jesus
040 1 1716 1 vol

Nº 16

226 Caminho do Ceu para o catholico

225

por Gabriel Rodrigues Pereira, 1745		
	1 vol	010
		1
Nº 17		
A religiosa na solidão, pelo padre Martinho Peres, 1746,	1 vol	100
		1
Nº 18		
Pecador convertido no caminho da verdade, por Frei Manuel de Deus 1728	2 vols	2 200
Nº 19		
Santuario mental com as meditações para todo o anno, pelo Padre Antonio Carneiro, 1714,		1 020
Nº 20		
Resumo espiritual, por Frei Antonio da Madre de Deus, 1749.		1
	1 vol	020
Nº 21		
Trabalhos que Jesus padeceu desde a hora em que foi conduzido até a sua prisão, por Frei Thomé de Jesus 1781,	1 vol	1 020
Nº 22		
Anno meditativo, por Frei José do Bruiget, 1765,	1 vol	1 020
Nº 23		
Avisos e reflexões sobre o que deve obrar um religioso. 1751. Ha duas obras cada uma em dois tomos, tendo uma d'ellas os dois tomos reunidos n'um só	4 vols	4 080
		238

288

	Nº 24	
2	Tractado de paz interior, pelo Padre Capuchinho Ambrosio Lombez, 1783	
2 4 0		2 vols.
	Nº 25	
	Combate espiritual. Obra em espanhol incompleta, pelo Padre D. Roman, 1734	
1	Ha só um volume da 2ª parte	
0 1 0		1 vol
	Nº 26	
1	Combate espiritual, pelo Padre	
0 2 0	D. Lourenço Cupoli, 1707	1 vol
	Nº 27	
	Escada mystica de Jacob, pelo Padre	
0 4 0	Paulo Caldaso, 1720	2 vols
2		
	Nº 28	
	A perfeita religiosa, pelo padre	
	Miguel Angelo Maria, 1789. Ha	
0 6 0 6	3 obras de 2 volumes cada —	6 vols
	Nº 29	
	Espelho da perfeita religiosa, por	
0 1 0	Frei José de Jesus Maria, 1718	1 vol
1		
	Nº 30	
	Vida de Santa Thereza de Jesus. Obra	
	em espanhol por Antonio Alvares	
1 0 0	1616.	1 vol
1		
	Nº 31	
	Caminho da perfeição, por Sta	
	Madre Thereza de Jesus, para as suas	
2 0 0	Monjas, 1562,	1 vol
1		
2 3 3		

Nº 32

Cartas de Santa Madre Theresa de Jesus compilada por ordem de Frei Diogo d'Assumpção, 1661 — 1 vol — 500 — 1

Nº 33

Explicação breve da santa regra de S. Bento pelo Padre Gabriel Talbot, 1744, — 2 vols — 060 — 1

Nº 34

Desengano dos peccadores, por Alexandre Perier, 1735, — 1 vol — 100 — 1

Nº 35

Paraiso das contemplativas, por Frei Bartholomeu de Salucio, 1761, — 1 vol — 010 — 1

Nº 36

Cartas directivas e doutrinaes impressas em portuguez. Por Frei Manuel Velho, 1730 — 2 vols — 040 — 2

Nº 37

Vitaes para a vida religiosa traduzido em portuguez, por Frei João Barbara, 1721, — 1 vol — 010 — 1

Nº 38

Theatro critico universal por Frei Benito Feijão — 1 vol — 040 — 1

Nº 39

Espelho da disciplina, para a creação das servicas, pelo Dr. S. Boaventura, 1740 — 1 vol — 010 — 1

262

262

Nº 40

1 Ventura do homem predestinada, por
020 Frei Antonio do Sacramento, 1763, 1 vol

Nº 41

1 Virtuosa vida e santa morte da
100 princeza D. Joanna, 1674, 1 vol

Nº 42

Desenganos mysticos, por Frei João
2 Pacheco. Ha 2 volumes sendo 1 de
100 1736 e outro de 1735 2 vols

Nº 43

Imperfeições da lingua. por
1 Silvestre Silvestre da Silveira e Silva
020 1759 1 vol

Nº 44

Differença entre o temporal e
1 o eterno, pelo Padre João Eusebio
020 Nieremberg. 1701 1 vol

Nº 45

Primazia seraphica na religião da
1 Ameria, por Frei Apolinario da
040 Conceição, 1733, 1 vol

Nº 46

Historia da vida de S. Francisco
1 de Paula, por Frei José Gomes da
040 Cruz, 1743 1 vol

Nº 47

1 Espelho da religiosa, por Frei
040 Affonso da Cruz, 1622 1 vol

271

271

Nº 48

Retiro espiritual, por Jozé Alta mariano, 1741 — 1 vol — 010 — 1

Nº 49

Retiro espiritual, traducção do francez amanpma. 1764 — 1 vol — 020 — 1

Nº 50

Retiro espiritual, 1783 — 1 vol — 020 — 1

Nº 51

Retiro espiritual, 1773 — 1 vol — 020 — 1

Nº 52

Retiro espiritual. Estão incompletos dois volumes segundos de 1778, e ha outro volumme segundo de 1785. Ha mais trez volumes primeiros, sendo 1 de 1781, outro de 1779, e outro de 1776 — 6 vols — 240 — 6

Nº 53

Manuscriptos sobre vidas de Santos, copias feitas pelas religiosas — 25 cadernos — 500 — 25

Nº 54

Theatro ecclesiastico offerecido a Nossa Senhora da Conceição por Frei Domingos do Rosario 1758 — 1 vol — 100 — 1

Nº 55

Gemidos da Mãe de Deus, por Dorothea de Almeida, 1768 — 4 vols — 040 — 4

311

311

Nº 56

1 Gemidas da Mãe de Deus, por
010 Theodoro de Almeida 1725 1 vol

Nº 57

040 Regra de S. Bento, 1728 2 vols
2

Nº 58

020 Imitação de Christo, por Thomaz
2 Kempis, 1739 2 vols

Nº 59

Imitação de Christo, por Thomaz
010 Kempis 1777 1 vol
1

Nº 60

Imitação de Christo, por Thomaz
020 Kempis, 1784 2 vols
2

Nº 61

1 O Santo exercicio da presença de
020 Deus, 1784. 1 vol

Nº 62

Directur das almas devotas, por
020 Frei José do Bringel, 1760 1 vol
1

Nº 63

Conversão de Felice Egypcia, por
100 Leonel da Costa, 1658 1 vol
1

Nº 64

Soliloquios Divinos, pelo Padre
Bernardino de Vilhegas, 1745
040 1 vol
1

323

323

Nº 65

Novena de S. João Baptista, por D. Joaquim de Azevedo, 1720 1 vol 020 1

Nº 66

Quadro dos padres e diuntares da egreja por Ill. B. 1797 1 vol 020 1

Nº 67

O grandeza constrangido, por Frei José Antonio, 1735, 1 vol 020 1

Nº 68

Thesouro da paciencia por Theodoro d'Almeida, 1784, 1 vol 020 1

Nº 69

Estimulos do Amor da Virgem Maria, por Theodoro d'Almeida, 1759. 1 vol 040 1

Nº 70

Vida religiosa para os ecclesiasticos e seculares, por Frei José da Silva Boaventura, 1741, 1 vol 040 1

Nº 71

O mestre da vida, por Frei João Franco, 1762 1 vol 040 1

Nº 72

Martyriologium Romanorum 1701 1 vol 040 1

Nº 73

O Conhecimento do anno, por Padre J. B. Belanger, 1795, 1 vol 040 1

332

332

Nº 74

Methodo pratico para fallar com Deus, por D. Felix Moreno, 1779

100 1 vol

1

Nº 75

Maria Santissima, Mystica cidade de Deus, 1730

080 1 vol

1

Nº 76

Quadras de Santa Theresa, por Juan de Bayas. 1679

200 1 vol

1

Nº 77

Diario de Christo, 1780

040 1 vol

1

Nº 78

Meditações do confessionario, por Bartholomeu do Quental, 1757.

040 1 vol

Nº 79

Compendio de orações, por Thomaz de Jesus, 1615,

100 1 vol

Nº 80

Conducta de uma senhora Christã, por B. C. S. B. 1788

020 1 vol

Nº 81

Reino espiritual, por Frei Antonio da Madre Deus, 1749

010 1 vol

Nº 82

Compendio das epochas, e successos illustres da historia geral, por Antonio Pereira de Figueiredo

1

341

1800 1 vol 100
341

N.º 83
Palestra da penitencia, por Frei Jeronimo de Belem, 1736, 1 vol 020 1

N.º 84
Modo christão de bem pagar o resgate, por S. Miguel de Almendarim 1746 1 vol 040 1

N.º 85
O Santo exercicio da presença de Deus, 1734, 1 vol 010 1

N.º 86
Ramalhete espiritual. Mss. por Maria, 1750 1 vol 400 1

N.º 87
Terremoto de Lisboa, 1757, 1 vol 100 1

N.º 88
Livro ordinario do Officio divino por Fr. Arsenio da Paixão, 1639 1 vol 100 1

N.º 89
Manual da ordem dos frades descalços, por Fr. Nicolau, 1752. 1 vol 060 1

N.º 90
Affectos e considerações sobre Santo Ignacio, pelo Dr. Francisco Salazar, 1750, 1 vol 100 1
349

3491

№ 91

020 / Religioso do coração, por M.o Caus
deiro, 1778. 1 vol

№ 92

Introducção á vida devota de S.
Francisco de Salles, pelo Padre Frei Luiz
010 / Ameno, 1784 1 vol

№ 93

Tratado das alegrias da alma, por Bar-
tholomeu da Silva Coelho, 1820
020 / 1 vol

№ 94

010 / Devoto instruido, 1784 1 vol

№ 95

Relação da conversão por Jean Thayer
040 / 1788 1 vol

№ 96

Meditações da Santissima Paixão
1 / de Christo, pelo padre Bertho Lamy
100 1679 1 vol

№ 97

Governação de Deus, por Daniel Par-
040 / 1 vonpski, 1736 1 vol

№ 98

Officios da ordem de Cister, por
140 3 Fr. Antonio da Cantanheira, 1691
3 vols

№ 99

Casos raros de confissão, pelo
100 / Padre Christovão da Veiga, 1671, 1 vol
360

8

5

			350
Nº 100			1
Processionaris e cerimonial das principaes festas do culto, 1732	1 vol		200
Nº 101			
Tratado de confiança, 1781	1 vol		040
			1
Nº 102			
Resumo espiritual, por Frei Cantanio, 1756,	1 vol		010
			1
Nº 103			
Fraternidade e caridade, por B. C. S. P. 1788	1 vol		010
			1
Nº 104			
Diario do christão 1780.	1 vol		010
			1
Nº 105			
Officio do santissimo sacramento 1741	1 vol		010
			1
Nº 106			
Espirito do christianismo, 1782,	2 vols		180
			2
Nº 107			
Mantimentos d'alma, pelo Dr. Joaõ da Silva, 1767	1 vol		040
			1
Nº 108			
Thesouro diario da Paixão Sagrada 1824	1 vol		010
			1
Nº 109			
A alma contemplando as grandezas de Deus, 1786,	1 vol		020
			1
Nº 110			
Segismundo Starchenau, 1774	1 vol		020.
			379

379

		Nº 111
1 0 0 1	Epistolas selectas de São Jeronimo 1785,	1 vol
		Nº 112
0 4 0 1	Devoto instruido, por Fr. Manoel de Maria Santissima, 1787	1 vol
		Nº 113
0 2 0 1	Motivos para accompanhar 1721	1 vol
		Nº 114
0 6 0 1	Horas da semana santa, por Frei Francisco de Jesus, 1824,	1 vol
		Nº 115
1 0 0 1	Pratica do serviço de Santo Ignacio por Sebastião Izquierdo, 1689,	1 vol
		Nº 116
0 2 0 1	Novenario geral, 1751	1 vol
		Nº 117
2 0 0 1	Introducção á vida devota, por S. Francisco de Salles, 1726	1 vol
		Nº 118
1 0 2 0 1	Diretor espiritual, pelo Dr. Gangasio, 1780	1 vol
		Nº 119
0 2 0 1	Retrato da mulher, 1792	1 vol
		Nº 120
0 2 0 1	Officio da Virgem, 1747	1 vol

390

			390
Nº 121			
Manual de exercicios espirituaes pelo padre Thomaz, 1712	1 vol	040	1
Nº 122			
A verdade praticada, 1817,	1 vol	010	1
Nº 123			
Aparelho eucharistico. pelo padre Miguel Dias, 1743,	1 vol	020	1
Nº 124			
Officios Geraes de S. Bernardo 1727	22	440	22
Nº 125			
Officios de S. Bernardo e Benedicto, 1714	3	060	3
Nº 126			
Officios da Beata Maria, 1780	1 ½ vols	080	1 17
Nº 127			
Desejos piedosos de uma alma sanctuza, por Frei José Pereira Velhas, 1688	1 vol	100	1
Nº 128			
Livro ordinario do officio Divino, 1639	1 vol	200	1
Nº 129			
Thesouro Carmelitano, por Frei José de Jesus, 1730, e 1705.	2 vols	100	2
Nº 130			
Novena de Maria Santissima pelo padre Manuel Conscienca 1713	2 vols	200	2
			441

447

Nº 131

Grito das almas no purgatorio pelo padre José Boné, 1703

100 1 1 vol

Nº 132

Carta de marear, por Frei Antonio do Rosario, 1717

200 1 1 vol

Nº 133

Officios da Semana Santa 1705, e 1721

120 2 2 vols

Nº 134

A Immaculada Magestade da Virgem Santa Maria, 1766

400 1 1 vol

Nº 135

Declaracão das 7 psalmos penitenciaes, pelo padre Pedro de Vega, 1606

900 1 1 vol

Nº 136

Symbolo da fé, pelo Dr. Auelland 1582,

1500 1 1 vol

Nº 137

Desengano de Religiosas, por Soror Maria, 1781

200 1 1 vol

Nº 138

Obras do padre Mestre S. Jeronimo da Madre de Deus, 1716

1500 1 1 vol

Nº 139

Livro de advertencias e meditacões mysteriosas da nossa fé, pelo Padre Frei Luiz de Granada 1615

1000 1 1 vol

451

457

Nº 140
Prado espiritual, pelo Pr. João Basilio, 1674 1 vol 500 1

Nº 141
Desenganos mysticos por Frei Antonio d'Alberiat, 1724, 1 vol 100 1

Nº 142
Palma do Amor de Deus, por D. Francisco Carvalho 1736, 1 vol 200 1

Nº 143
Caminho da oração pelo padre Francisco d'Antonio Thomaz 1705 1 vol 200 1

Nº 144
Disposição da doutrina da Egreja Catholica, por D. Miguel Pré Fernandes, 1755 1 vol 100 1

Nº 145
Favor do Rei do Ceu, por Frei Pedro Navarro, 1622 1 vol 200 1

Nº 146
Itinerario da Terra Santa por Frei Pantaleão d'Aveiro, 1721. 1 vol 500 1

Nº 147
A religiosa ensinada e convertida, por Frei Jayme Baroa 1740 1 vol 080 1

Nº 148
Rosa de Nazareth, por Alexandre 459

459
300 de Guzmão, 1715, 1 vol

Nº 149

Livro de fundação de irmãs descalças, por Santa Madre Theresa de Jesus, 1649

1010 1 vol

Nº 150

Sermões de Jeronymo Ribeiro

800 1 do Monte Sinay, 1684 1 vol

Nº 151

Cartas espirituaes, por Frei Antonio das Chagas, 1684, 1 vol

200 1

Nº 152

Escudo da alma contra o peccador, pelo padre Frei Alvaro Carneiro, 1679, 1 vol

100 1

Nº 153

Exercicios espirituaes e meditações da vida purgativa, pelo padre Manuel

6040 1 Bernardes, 1686, 1 vol

Nº 154

A aguia do imperio, por Francisco

400 1 de Santa Maria, 1687 1 vol

Nº 155

Fé estabelecida sobre a Cruz de Christo, por Frei Roque de Santa Thereza

1 1698 1 vol

2000

467

467

Nº 156
Guia espiritual d'oração e meditações pelo Padre Luiz da Ponte, 1614 1 vol 100 1

Nº 157
Noticia dos cultores meios, por onde veio a Portugal a ordem do Sto Salvador Jesu Christo Mariana Josepha, 1745, 1 vol 500 1

Nº 158
Obras do veneravel padre Frei Juan de la Cruz, 1672 1 vol 400 1

Nº 159
Rosas do Japão, por Frei Estevão Vinho de Santa Maria, 1724 1 vol 100 1

Nº 160
A geologia dominicana pelo padre João da Natividade 1750 2 vol 100 2

Nº 161
Officios da ordem da Santissima Trindade, 1685 1 vol 200 1

Nº 162
Instrucção das Nunciços de Cister, por Frei Trajolam, 1625 1 vol 200 1

Nº 163
Processionaes da epocha descanbecida, 2 vols 090 2

Nº 164
Thomaz Luiz da Victoria, Jesus

477

177

1600 1 Magnifica, livro de canto 1606 1 vol

Nº 165

1100 2 Costumes Cistercienses, 1555 2 vols

Nº 166

100 1 Desengano de religiosas e almas que tratam da virtude, por Soror Maria d'Eulige, 1678 1 vol

Nº 167

100 1 Vida de Christo, 1596 1 vol

Nº 168

500 2 Mystica cidade de Deus, 1722 2 vols

Nº 169

485 200 1 Alcobaça illustrada, por Fei Manuel dos Santos, 1710 1 vol

Deste numero em diante teem, no original, todas as verbas a nota = Devendo ser lidas exclusivamente pelo encarregado de retirar Nº 170 p.ª S. Vicente os objectos de culto =.

1500 Missal Cistercienci, para uso da sagrada congregação de São Bernardo, 1748 6 vols

Nº 171

3300 Missal Cistercienci para uso da sagrada congregação de São Bernardo, 1744 11 vols

Nº 172

200 Missal Cisterciencis para uso da sagrada ordem de S. Bernardo, 1643 1 vol

Nº 173

Mapal romano da epocha de 1714 — 1 vol — 200

Nº 174

Seccionario cistersiencis, 1746 — 2 vol — 1000

Nº 175

Pesalterio Davidis, para uso do rito cistersiencis, 1723 e 1644 — 3 vol — 1200

Nº 176

Cantochão. Obras das festas de Christo, livro de estante 1774, — 2 vols — 4000

Nº 177

Cantochão. Livro das festas em santoral, 1774 — 1 vol — 1500

Nº 178

Cantochão, Livro para missas todo em pergaminho, 1774, 1 vol 4to — 1 vol — 4000

Nº 179

Cantochão, Livro de estante proprio das missas dos Santos — 1 vol — 3000

Nº 180

Cantochão, Livro de estante das festas do S.S. Coração de Maria — 1 vol — 2000

BNP

Nº 181

Cantochão. Livro de estante proprio das Trepas das Tempo-ras, 1782 1 vol 4

Nº 182

Cantochão. Livro de estante proprio das festas de Nossa Senhora 1 vol 2

Nº 183

Cantochão. Livro de estante in rigidia fluminis. 1 vol 1

Nº 184

Cantochão livro de estante Epiphanea do Natal 1 vol 2

Nº 185

Cantochão. Livro de estante antiphonas 1 vol 9

Nº 186

Cantochão. Livro de estante Sanctal das vesperas de São Thiago e S. Miguel 1 vol 1

Nº 187

Cantochão. Livro de estante proprio das Trepas 1 vol 2

Nº 188

Cantochão. Livro de estante proprio das Trepas 1 vol 2

Nº 189

Cantochão - Livro de estante
" Quaresma e Paschoa 1 vol 20000

Nº 190

" Livro de estante
~~xxxxxxxx~~ proprio das festas
do S. S. Coração de Maria 1 vol 600

Nº 191

" Livro de estante proprio
das festas de S. Dyonisio
1 vol 20000

Nº 192

" Livro de estante proprio
das ninfas 1 vol 800

Nº 193.

" Livro de estante com
varias rezas 1 vol 600

Nº 194

" Livro de estante pro
prio das festas do S. S. Coraçaõ
de Jesus 1 vol 500

Nº 195

" Livro de estante, Officio
de defuntos 1 vol 500

Nº 196

" Caderneta com a ma
gnificat 1 vol 400

Nº 197

Cantochão - Cadernetas com as antiphonas para o dia de Ramos 1 vol

Nº 198

Cantochão - Livro de estante proprio das festas da circumcisão. Reis Natal 1 vol

Nº 199

" Livro de estante proprio da semana Santa " Lamentações " 1 vol

Nº 200

Compromisso da Irmandade de Sº Sº do Real Mosteiro de S. Diniz de Odivellas, 1715, 1 maço

Nº 201

Compromisso da Irmandade de Passos do mesmo Mosteiro (Ms) 1729 1 vol

Nº 202

Um maço de musicas para orgão; contendo de varias Antifonas e orações manuscriptas 1 vol

---

No dia 2 de Maio de 1887 procedi a descripção e avaliação dos objectos aqui mencionados, sobre os numeros

1 a 202 encontradas no supprimido convento de S. Dionisio de Odivellas pelo que Eu Nuno Administrador do Concelho, mandei encerrar este auto, que vae rubricado em todas as folhas e devidamente assignado depois de lido por mim José Ferreira da Silva, encarregado da feitura do inventario que o subscreni e assigno

(a) José Madeira Fernandes
(a) Pe Antonio José Nunes de Moura Calvão
(a) José Pedro da Cruz Leiria
(a) José Ferreira da Silva

N.B. A nota que fica no nº 170 refere-se á relação original, e declarações escriptas a tinta vermelha pelo m. Bajarro.

Bibliotheca Nacional de Lisboa
19 de Julho de 1887 Escrito.

Visto. O Director
Gabriel V. M. Pereira

BNP